UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA
PORTUGUESA

NEUSA INÊS PHILIPPSEN

A CONSTITUIÇÃO DO LÉXICO NORTE MATO-GROSSENSE NA PERSPECTIVA
GEOLINGUÍSTICA: ABORDAGENS SÓCIO-SEMÂNTICO-LEXICAIS

(Versão corrigida)

Tomo I

SÃO PAULO

2013

NEUSA INÊS PHILIPPSEN

A CONSTITUIÇÃO DO LÉXICO NORTE MATO-GROSSENSE NA PERSPECTIVA
GEOLINGUÍSTICA: ABORDAGENS SÓCIO-SEMÂNTICO-LEXICAIS

Tese apresentada ao Departamento de Letras
Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo, para obtenção do título de Doutora em Letras.

Área de Concentração: Filologia e Língua
Portuguesa

Orientador: Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago
Almeida

(Versão corrigida)

Tomo I

SÃO PAULO

2013

PHILIPPSEN, Neusa Inês. A CONSTITUIÇÃO DO LÉXICO NORTE MATO-GROSSENSE NA PERSPECTIVA GEOLINGUÍSTICA: abordagens sócio-semântico-lexicais. Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Letras.

Aprovada em: 05 de julho de 2013.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida

Instituição: FFLCH/USP

Assinatura:_____

Profa. Dra. Irenilde Pereira dos Santos

Instituição: FFLCH/USP

Assinatura:_____

Profa. Dra. Cátia Schreiner

Instituição: FFLCH/USP

Assinatura:_____

Profa. Dra. Adriana Cristina Cristianini

Instituição: Universidade Federal de Uberlândia Assinatura:_____

Profa. Dra. Cristinne Leus Tomé

Instituição: Universidade do Estado de Mato Grosso Assinatura:_____

A Mário Avelino Leonhardt, meu querido pai, pela alegria que demonstrou ter em ver uma filha doutora. O seu exemplo, determinação e força sempre permanecerão comigo (*in memoriam*).

A Elly Probst Leonhardt, minha amada mãe, pelas orações diárias, pelo apoio incondicional e pelo conforto recebido em momentos difíceis desta trajetória.

À família que constituí: meu esposo, José Marcelo, e meus filhos, Ana e Alisson. A vocês toda a minha gratidão por terem sido os alicerces dessa conquista.

A todos os meus amigos, familiares e ex-alunos, que manifestaram solidariedade e vibram comigo a obtenção desse título.

AGRADECIMENTOS

Com, o término dessa etapa tão importante em minha vida, imprescindível se faz agradecer, ainda que brevemente e conforme os limites de minha memória, as muitas gentes envolvidas nesse processo, que só se concretizou por causa de muita doação, solidariedade, amizade, cooperação, compromisso, dedicação e respeito ao trabalho científico. Portanto, a todos os envolvidos diretamente ou indiretamente à construção deste trabalho, MUITO OBRIGADA! Desses tantos envolvidos, faço menção especial de agradecimento, a seguir, a nomes que não podem deixar de ser mencionados por terem sido pilares na edificação deste estudo:

Ao Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida, por ter aceitado o desafio da orientação desta pesquisa, fundamentalmente por causa da distância geográfica entre orientador e orientanda, distância essa que, no entanto, quase não se fez sentir por causa da presença virtual sempre solícita e pelos muitos encontros marcados para que dúvidas fossem sanadas. Obrigada, ainda, pela confiança e liberdade permitida na escolha de procedimentos metodológicos. Não posso deixar de reconhecer que os resultados aqui alcançados só foram possíveis por causa desse aceite e dessa confiança.

À Universidade do Estado de Mato Grosso, que, com sua política de incentivo à qualificação docente, permitiu-me dedicar à pesquisa e à escritura desta tese.

Aos professores desta instituição, em especial à Graci Leite Moraes da Luz e à Olandina Della Justina, por terem assumido sobrecarga de trabalho e assim possibilitado a minha ida à USP/SP para realizar os necessários créditos do curso. À Leandra Ines Seganfredo Santos e à Juliana Freitag Schweikart, por terem me acompanhado em minha primeira ida a campo, na cidade de Cláudia e então permitido o clima de descontração, confiança e informalidade que se seguiram durante todas as entrevistas feitas nessa localidade. À Maria Amélia Conter São José, por ser sempre o meu socorro em línguas estrangeiras. E, ainda, à Cristinne Leus Tomé, amiga querida que aceitou custear sua ida a São Paulo para ser integrante de minha banca de qualificação. Meninas, vocês moram em meu coração!

À minha grande amiga e irmã de alma, Doraci Mantovani Batista, residente em Sinop desde 1985, e cujo contato foi fundamental para iniciar a seleção de sujeitos nesse município. Obrigada, Dora, não só por ter me acompanhado em duas entrevistas que fluíram maravilhosas, mas também, e principalmente, por ter me adotado como parte de sua família, por se importar comigo e estender a mão SEMPRE que preciso. Você é o meu esteio e exemplo de mulher a ser seguido.

À Klesiane Maricley Maurina e a sua mãe, Inês Warmling Mauriana; a primeira, na época aluna da UNEMAT em Sinop, mas residente em Santa Carmem, por ter sugerido visita à mãe pioneira desse ponto de inquérito; e a segunda, por ter sido central na escolha dos sujeitos de Santa Carmem, e por ter me acompanhado nas primeiras visitas e entrevistas feitas no local.

À bibliotecária do município de Vera, Márcia Manoel Gonçalves Camilo por ter me conduzido aos migrantes dessa localidade e pelo empréstimo de uma excelente obra de contextualização sócio-histórica do município.

A Nelson Expedito Seganfredo e à Salete Lúcia Fachin Seganfredo, residentes em Cláudia desde 1987, por terem, além de me encaminhado aos sujeitos de pesquisa dessa cidade, gentilmente cedido estadia na segunda etapa de realização de entrevistas, deixando à minha disposição, inclusive, um veículo para deslocamento às residências dos sujeitos. Seu Nelson e Dona Salete, pessoas como vocês fazem a diferença na sociedade e nos mostram que a gentileza é fundamental!

A Fernando Carlos Mantovani Batista, por ter criado o protótipo das Tabelas Lexicais, o qual foi reproduzido 210 vezes para a inserção dos itens lexicais colhidos nas entrevistas.

Ao engenheiro cartográfico e professor Edgar Nogueira Demarqui, por ter de bom grado dispensado seu tempo não só na elaboração do arquétipo de um Cartograma a partir de um *software* disponibilizado pelo Projeto gvSIG, mas também por ter me ensinado a utilizá-lo.

À Karize Tanita Martins de Souza, pelas valiosas sugestões dadas sobre como montar os Histogramas.

A você, meu querido esposo, José Marcelo, o que dizer de tanto empenho, companheirismo, apoio, zelo, carinho e por todas as contribuições dadas à pesquisa. Efetivamente sem a sua ajuda eu não teria conseguido. Portanto, esta conquista e este título têm duas faces, a minha e a sua. Receba-os com toda a minha gratidão.

À minha amada mãe, Elly Probst Leonhardt, por ser um exemplo de mãe, que inspira segurança, respeito, confiança e fortalecimento da fé. Seu apoio e seu carinho, quando me senti tão frágil e insegura tomada pelas moléstias que me acometeram, foram fundamentais para que eu repusesse energias e não sucumbisse. Mãe, obrigada por ser o meu porto seguro!

À minha irmã, Nilci Ires Lauersdorf, por ser o meu exemplo de humildade e de carisma. Te admiro muito, mana, pela pessoa especial que é. E ao meu irmão, Nilton Bruno Leonhardt, pelo incentivo, força e entusiasmo que sempre deixou transparecer.

À minha querida filha, Ana Jéssica, por me receber em sua casa quando precisei de espaço para a escritura da tese e de acesso à *internet*. Obrigada, em especial, por compreender os tantos momentos de ausência, nos quais precisei me dedicar à pesquisa e me omiti tantas vezes como mãe.

Aos meus amigos, Fábio Medeiros e Maurício Biscaia, pela maravilhosa companhia no curto período de tempo que vivi em São Paulo. A presença de vocês, meninos, fez a minha estada por lá ser alegre, leve e cheia de momentos em que tivemos contato com a cultura local. Agradeço muitíssimo também a recepção de vocês quando fui à USP para a qualificação. A amizade que cultivamos foi um presente que pretendo preservar.

A Roberto Leiser Baronas, por ser responsável por parte de minha formação e gosto pela linguística, visto ter sido meu professor no programa de mestrado da UFMT, e, principalmente, por ter aceitado, se deslocando a São Paulo por conta própria, participar de minha banca de qualificação e muito ter contribuído com apontamentos e sugestões. Não poderia deixar de expressar aqui a minha admiração e respeito pelo profissional que é!

À professora Irenilde Pereira dos Santos e à pesquisadora Cátia Schreiner por terem aceitado participar de minha defesa.

Aos mestres Ataliba Teixeira de Castilho e Maria Célia Lima-Hernandes, pelas excelentes aulas ministradas no programa e pelos conhecimentos compartilhados.

Aos quarenta sujeitos entrevistados, e aos demais pioneiros da Gleba Celeste que gentilmente aceitaram participar da pesquisa e dar a sua parcela de contribuição ao mapeamento do falar neste espaço geográfico em que se desenvolve o estudo. Sem vocês, destemidos e corajosos desbravadores da floresta, estes resultados auferidos não seriam possíveis. Portanto, este recontar da História efetivamente vivida na colonização norte mato-grossense só pode ser feita com o auxílio de vocês. Assim, OBRIGADA a cada autor, Herói e Anônimo, pela importantíssima participação.

A Javariú Kayabi, pela preciosa colaboração às informações cedidas sobre o seu povo, os Kayabi, os quais, sem escolha, foram obrigados a deixar a região norte de Mato Grosso, em nome do ‘progresso’ e do ‘desenvolvimento’.

Ao colega e amigo, Selmo Ribeiro Figueiredo JR., pelo comprometimento com a revisão final e últimos ajustes do trabalho. Que bom poder contar sempre com você!

Aos muitos amigos, parentes, colegas de trabalho e ex-alunos que sempre torceram por mim, acreditaram que a realização desse projeto seria possível e emanaram muitas energias positivas durante todo o processo. MUITO OBRIGADA a cada um de vocês, que não nomeio por medo de esquecer alguém.

Finalmente, ao mentor maior da realização deste trabalho, Deus, pois foi Ele que permitiu que os caminhos por mim trilhados culminassem, como ponto de chegada, na titulação de doutora na instituição USP, instituição essa desejada por tantos profissionais de minha área ou por todos os interessados em qualificação profissional de excelência. Não há, portanto, como expressar a minha gratidão a Ti, Senhor, por, mesmo passando por tantas tribulações, ter permitido que eu alcançasse este título. Assim, comemoro agora Contigo, com os meus anjos protetores e com o meu pai, Mário Avelino, que, neste momento, na Sua presença vê a sua filha, concebida em berço pobre do interior do Rio Grande do Sul, chegar ao momento auge de sua carreira. Pai, a Ti/ti presenteio este título...

HERDEIRO DE PIONEIROS

Aventureiro, sou guerreiro, sou roceiro,
Sou caboclo brasileiro, venho da Gleba Celeste.
Sou plantador, sou produtor, agricultor,
Sou herdeiro de pioneiros,
Eu sou lá do centro-oeste.
Somos sulistas e nortistas sim senhor,
Mato-grossenses com muita paz e amor.
Aqui lutamos como manda a lei do homem,
Só tem progresso, aqui ninguém passa fome.
Zé Araújo

Ver o que a mídia quer que vejamos
Admirar a mata que nós não conhecemos
(Re) significar a Amazônia Legal
Com precisão, clareza e amplitude
É tarefa para olhos bem atentos
Necessários para ler as entrelinhas
É a inquietude dos novos tempos
A desnudar o discurso do pulmão em movimento.
Romeu Donatti

RESUMO

PHILIPPSEN, Neusa Inês. **A CONSTITUIÇÃO DO LÉXICO NORTE MATO-GROSSENSE NA PERSPECTIVA GEOLINGUÍSTICA: abordagens sócio-semântico-lexicais**. 2013. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2013.

Esta tese, que se fundamenta nos princípios da Geolinguística contemporânea e da Sociolinguística Variacionista, se propôs a refletir sobre a língua portuguesa falada em quatro cidades do norte mato-grossense (Vera, Santa Carmem, Sinop e Cláudia), e apresenta como resultados a transcrição, catalogação, registros e análises de variantes lexicais em uso pelos sujeitos moradores dessas cidades. Para tanto, utilizou-se de recursos teórico-metodológicos que permitiram a documentação da diversidade linguística lexical desses espaços geográficos no presente e, por conseguinte, descrever um recorte da linguagem efetivamente usada pela comunidade para representar o mundo que a cerca. Dentre eles, a pesquisa de campo para o recolhimento do *corpus* oral. Essa recolha se fez em dois momentos distintos, primeiramente colheram-se narrativas livres tomadas junto a vinte pioneiros dos quatro pontos de inquérito. Em seguida aplicaram-se 210 questões a quarenta sujeitos de ambos os gêneros, e divididos entre vinte migrantes, todos acima de 50 anos, e vinte descendentes nascidos na região (filhos ou netos), de 18 a 40 anos. As questões foram elaboradas a partir dos relatos de experiência pessoal recolhidos e amparadas, fundamentalmente, na versão final do questionário linguístico direcionado ao aspecto semântico-lexical (QSL) aprovada pelo Comitê Nacional do Projeto ALiB (2001). Com as respostas obtidas nestas entrevistas, organizou-se um banco de dados semântico-lexical, transcritos e registrados, posteriormente, em Tabelas Lexicais e Cartogramas. Desses registros de itens lexicais, selecionaram-se 36, aos quais foram tecidas observações de natureza geográfica e sociocultural. O olhar analítico dado permitiu que se apreendessem as influências étnicas e regionais que constituíram e ainda constituem o português falado no norte de Mato Grosso. Essas influências podem se resumidas na junção de todos os idioletos trazidos pelos migrantes de seus Estados de origem. Ressalta-se, ainda, que, para se chegar aos resultados alcançados e apresentados nesta pesquisa, foram utilizados

referenciais teóricos que se fundamentaram na teoria da variação de Labov, na concepção de norma de Coseriu e nas noções de estatística lexical de Muller, ainda que devidamente adaptadas à especificidade deste estudo. Assim sendo, compreende-se que esta pesquisa descritiva, interpretativa e reflexiva do caráter multidialetal existente na região em foco, pode contribuir com o acervo científico já existente de estudos geosócio-linguísticos, que visam a registrar e a documentar os diferentes falares e marcas dialetais existentes no território brasileiro.

Palavras-chave: Geolinguística. Sociolinguística. Diversidade linguística. Estado de Mato Grosso - Brasil. Português do Brasil – modalidade oral.

ABSTRACT

PHILIPPSEN, Neusa Inês. **THE CONSTITUTION OF THE NORTHERN MATO GROSSO LEXICON: socio-semantic-lexical approaches**. 2013. Doctoral Thesis - College of Philosophy, Arts and Human Sciences (FFLCH) of São Paulo University (USP). São Paulo, 2013.

This thesis, which is based both on the contemporary Geo-linguistic principles and on the variationist socio-linguistics, aims to mull over the Portuguese language spoken in four towns in the North of Mato Grosso (Vera, Santa Carmem, Sinop and Cláudia) and, it presents the transcription cataloguing, records and analyses of lexical variations used by the dwellers of those towns. In order to do so, theoretical-methodological resources have been used, which allowed the documentation of the lexical linguistic diversity of the referred geographical spaces at the present time. Consequently we could describe a snippet of the language effectively used by the community to represent their surrounding world. Among them, the field research which helped us gather the oral corpus. This collection took place in two distinct moments, first the free narratives were gathered involving twenty pioneers from the four towns. Next a 210-item-questionnaire was applied to forty both male and female individuals, divided in 20 migrants – all above 50 of age, and 20 descendents born in the region (children or grandchildren), between 18 to 40 years of age. The questions were worked out based on the reports of their personal experience gathered and fundamentally supported on the final version of the linguistic questionnaire aiming the semantic-lexical aspect (QSL), approved by the National Committee of the ALIB Project (2001). With the answers obtained through these interviews we have organized a semantic-lexical data bank, transcribed and registered later on in Lexical Tables and Cartograms. From these registries of lexical items, 36 words were selected, on which we have made remarks both of geographical and socio-cultural nature. The analytical regard allowed us to apprehend the regional and ethical influences that have constituted, and still do, the Portuguese spoken in the North of Mato Grosso. Such influences may be summed up in the junction of all idiolects brought by immigrants from their original states. It is worth pointing out that in order to get to the results gathered and presented in this research, the theoretical

references have been used, which were based on the variation theory by Labov; on the conception of precept by Coseriu, as well as on the lexical statistic notions by Muller, although properly adapted to the specificity of this study. Therefore, this descriptive interpretative and reflective research of the multi-dialectal aspect existent in the region in focus may contribute to the existing scientific patrimony of geo-socio-linguistic studies that aim to register and document the different ways of speaking and dialectal marks existing in the Brazilian territory.

Key words: Geo-linguistics. Socio-linguistics. Linguistic Diversity. State of Mato Grosso - Brazil. Portuguese language in Brazil - oral modality.

LISTA DE MAPAS

TOMO I

Mapa 1: Divisão de falares no território brasileiro, conforme Nascentes (1953).....	47
Mapa 2: A Localização do Estado de Mato Grosso no Brasil e na América do Sul.....	53
Mapa 3: Linha divisória do Tratado de Tordesilhas.....	54
Mapa 4: Cidade de Vera: localização	63
Mapa 5: Cidade de Santa Carmem: localização	68
Mapa 6: Cidade de Sinop: localização	74
Mapa 7: Cidade de Cláudia: localização	81
Mapa 8: Parque indígena do Xingu: localização	92

LISTA DE FOTOGRAFIAS

TOMO I

Fotografia 1: Início das atividades de desmatamento das terras da Gleba Celeste	61
Fotografia 2: Primeiras construções de casas no povoado de Vera.....	65
Fotografia 3: Vista aérea atual da cidade de Vera	68
Fotografia 4: Primeira professora de Santa Carmem, Maria Aparecida da Silva Fernandes.....	71
Fotografia 5: Vista aérea de Santa Carmem em dez. de 2008	73
Fotografia 6: O pioneiro Osvaldo Paula e sua esposa, Darcília Tessaro de Paula	78
Fotografia 7: Vista aérea de Sinop em set. de 2009	81
Fotografia 8: Primeira professora de Cláudia, Roseli de Moura Maldonado, e sua caderneta de anotações.....	83
Fotografia 9: Alunos e comunidade claudiense em 1979.....	84
Fotografia 10: Vista aérea atual da cidade de Cláudia	87
Fotografia 11: Índio Javariú Kayabi, residente em Sinop/MT	97
Fotografia 12: Encontro com boiada na MT-358	107
Fotografia 13: Comitiva Esperança/MT – Muladeiros em Sinop	109

TOMO II

Fotografia 14: Empresa madeireira	348
Fotografia 15: Cupim de montículo	445
Fotografia 16: Irmãs católicas que atuavam nas frentes de saúde e educação	536
Fotografia 17: Primeiras casas construídas em Cláudia	591
Fotografia 18: Travessia de balsa pelo rio Teles Pires no período inicial de colonização.....	733

LISTA DE QUADROS

TOMO I

Quadro 1: Sistema, norma e fala	138
Quadro 2: Data da entrevista e tempo de duração	151
Quadro 3: Variáveis sociais e geográficas dos sujeitos pioneiros	163
Quadro 4: Variáveis sociais dos sujeitos filhos ou netos.....	165

TOMO II

Quadro 5: Reflexões analíticas sobre o item lexical <i>nascente</i>	185
Quadro 6: Reflexões analíticas sobre o item lexical <i>chubarada</i>	201
Quadro 7: Reflexões analíticas sobre o item lexical <i>geada</i>	205
Quadro 8: Reflexões analíticas sobre o item lexical <i>gato</i>	329
Quadro 9: Reflexões analíticas sobre o item lexical <i>destoca</i>	334
Quadro 10: Reflexões analíticas sobre o item lexical <i>lera</i>	339
Quadro 11: Reflexões analíticas sobre o item lexical <i>serraria</i>	344
Quadro 12: Reflexões analíticas sobre o item lexical <i>manejo</i>	350
Quadro 13: Reflexões analíticas sobre o item lexical <i>índio</i>	355
Quadro 14: Reflexões analíticas sobre o item lexical <i>mangueira</i>	360
Quadro 15: Reflexões analíticas sobre o item lexical <i>carroça</i>	365
Quadro 16: Reflexões analíticas sobre o item lexical <i>rodeio</i>	372
Quadro 17: Reflexões analíticas sobre o item lexical <i>barracão</i>	379
Quadro 18: Reflexões analíticas sobre o item lexical <i>onça</i>	430
Quadro 19: Reflexões analíticas sobre o item lexical <i>biscateiro</i>	433
Quadro 20: Reflexões analíticas sobre o item lexical <i>paca</i>	439
Quadro 21: Reflexões analíticas sobre o item lexical <i>cupim</i>	443
Quadro 22: Reflexões analíticas sobre o item lexical <i>porvinha</i>	446
Quadro 23: Reflexões analíticas sobre o item lexical <i>guria</i>	460
Quadro 24: Reflexões analíticas sobre o item lexical <i>nordestina</i>	514
Quadro 25: Reflexões analíticas sobre o item lexical <i>bamburrou</i>	519

Quadro 26: Reflexões analíticas sobre o item lexical <i>freira</i>	532
Quadro 27: Reflexões analíticas sobre o item lexical <i>balanço</i>	548
Quadro 28: Reflexões analíticas sobre o item lexical <i>tarimba</i>	577
Quadro 29: Reflexões analíticas sobre o item lexical <i>lampião</i>	583
Quadro 30: Reflexões analíticas sobre o item lexical <i>mata-junta</i>	589
Quadro 31: Reflexões analíticas sobre o item lexical <i>rancho</i>	631
Quadro 32: Reflexões analíticas sobre o item lexical <i>mistura</i>	635
Quadro 33: Reflexões analíticas sobre o item lexical <i>carne-seca</i>	642
Quadro 34: Reflexões analíticas sobre o item lexical <i>banha</i>	648
Quadro 35: Reflexões analíticas sobre o item lexical <i>chimarrão</i>	653
Quadro 36: Reflexões analíticas sobre o item lexical <i>bota</i>	666
Quadro 37: Reflexões analíticas sobre o item lexical <i>mercado</i>	698
Quadro 38: Reflexões analíticas sobre o item lexical <i>hotel</i>	704
Quadro 39: Reflexões analíticas sobre o item lexical <i>balsa</i>	731
Quadro 40: Reflexões analíticas sobre o item lexical <i>malária</i>	747

TOMO III

Quadro 41: Itens lexicais selecionados para análise.....	759
Quadro 42: Indicativo de não-respostas	762
Quadro 43: Itens lexicais/tema que afluem como norma	775
Quadro 44: Interferências étnicas das línguas italiana, alemã e japonesa	781

LISTA DE TABELAS LEXICAIS

TOMO II

Tabela lexical 1: Tope/Morro	177
Tabela lexical 2: Córrego/Sanga/Riozinho	178
Tabela lexical 3: Mina/Nascente/Vertente	179
Tabela lexical 4: Estiva.....	181
Tabela lexical 5: Barroca.....	182
Tabela lexical 6: Agueiro/Aguceiro/Pancada	188
Tabela lexical 7: Chuvada/Chubarada/Enxurrada	190
Tabela lexical 8: Brejo/Banhado	192
Tabela lexical 9: Atoladores/Atoleiro	193
Tabela lexical 10: Relâmpago	194
Tabela lexical 11: Raio/Corisco	196
Tabela lexical 12: Trovão	197
Tabela lexical 13: Geadas	198
Tabela lexical 14: Colonização	211
Tabela lexical 15: Picada/Picadão/Trilho	212
Tabela lexical 16: Carreador.....	213
Tabela lexical 17: Terra/Sítio/Rocha/Fazenda/Chácara/Colônia/Gleba.....	214
Tabela lexical 18: Plaina.....	217
Tabela lexical 19: Cerrado.....	218
Tabela lexical 20: Peões/Peãozada/Pinhonzada/Piãozada.....	220
Tabela lexical 21: Gato.....	221
Tabela lexical 22: Empreitada	222
Tabela lexical 23: Derrubada/Derrubar/Desmatação/Abrir/Desmate/Desmatar/Limpar....	224
.....	224
Tabela lexical 24: Queimado/Seco	227
Tabela lexical 25: Fumaça.....	228
Tabela lexical 26: Destoca.....	230
Tabela lexical 27: Ramado/Cheio de estopa	231
Tabela lexical 28: Leras.....	233
Tabela lexical 29: Gradear.....	234

Tabela lexical 30: Carpir	236
Tabela lexical 31: Areia/Acidero/Acidez/Ácido	237
Tabela lexical 32: Aclimatar.....	239
Tabela lexical 33: Estercada/Adubada/Tratada	240
Tabela lexical 34: Mecanizar.....	241
Tabela lexical 35: Lavoura	243
Tabela lexical 36: Pilão	244
Tabela lexical 37: Descascador	245
Tabela lexical 38: Serraria/Serrariazinha/Madeiraira/Pica-pau.....	247
Tabela lexical 39: Serra de fita	249
Tabela lexical 40: Marcenaria	251
Tabela lexical 41: Carpinteiro/Marceneiro.....	252
Tabela lexical 42: Beneficiamento	254
Tabela lexical 43: Manejo	255
Tabela lexical 44: Manivela	258
Tabela lexical 45: Corretor.....	259
Tabela lexical 46: Sitiante	260
Tabela lexical 47: Colono.....	261
Tabela lexical 48: Divisa	263
Tabela lexical 49: Arrendamento	264
Tabela lexical 50: Bugre/Índio	265
Tabela lexical 51: Mato/Mata/Matão/Arvoredo/Bosque/Selva/Floresta.....	267
Tabela lexical 52: Reserva/Reserva ambiental.....	270
Tabela lexical 53: Macaco.....	272
Tabela lexical 54: Cipó.....	275
Tabela lexical 55: Reflorestamento	276
Tabela lexical 56: Sisal.....	278
Tabela lexical 57: Tucum	280
Tabela lexical 58: Cooperado.....	282
Tabela lexical 59: Agrovila	283
Tabela lexical 60: Barragem.....	285
Tabela lexical 61: Mandioca.....	286
Tabela lexical 62: Cará.....	288
Tabela lexical 63: Abobrinha/Abobra	290

Tabela lexical 64: Moinho/Moinho colonial/Farinheira.....	292
Tabela lexical 65: Boneca.....	294
Tabela lexical 66: Gado/Criação	296
Tabela lexical 67: Cocho	297
Tabela lexical 68: Novilha/Bezerro	299
Tabela lexical 69: Invernada/Pastagem/Pasto/Pastinho/Potreiro	300
Tabela lexical 70: Pasto/Capim/Trato	302
Tabela lexical 71: Mangueira/Curral	304
Tabela lexical 72: Portão/Cochete	305
Tabela lexical 73: Forquilha	307
Tabela lexical 74: Carroça/Carreta de boi	308
Tabela lexical 75: Laçar	310
Tabela lexical 76: Rodeio	312
Tabela lexical 77: Galpão	313
Tabela lexical 78: Balaio/Cesto.....	314
Tabela lexical 79: Carriola	316
Tabela lexical 80: Lavagem.....	317
Tabela lexical 81: Silagem	318
Tabela lexical 82: Sacaria.....	320
Tabela lexical 83: Coronel.....	321
Tabela lexical 84: Bichos/Bichinhos/Bichões/Feras/Animais.....	383
Tabela lexical 85: Onça	385
Tabela lexical 86: Urro/Estorro/Esturro/Miado/Miidão	386
Tabela lexical 87: Jacaré.....	388
Tabela lexical 88: Bico-de-jaca/Bico-de-jácaro	390
Tabela lexical 89: Sucuri/Securi/Sicuri	392
Tabela lexical 90: Mandruvá	394
Tabela lexical 91: Caruncho/Traça.....	397
Tabela lexical 92: Biscateiro	399
Tabela lexical 93: Jacutinga/Jacu	400
Tabela lexical 94: Mutum.....	403
Tabela lexical 95: Arara	404
Tabela lexical 96: Papagaio.....	406
Tabela lexical 97: Marreco	408

Tabela lexical 98: Cotia.....	411
Tabela lexical 99: Paca.....	413
Tabela lexical 100: Anta.....	414
Tabela lexical 101: Cabrito	416
Tabela lexical 102: Cupim/Copim.....	417
Tabela lexical 103: Vespa.....	418
Tabela lexical 104: Polvinha/Pium.....	420
Tabela lexical 105: Mutuca	423
Tabela lexical 106: Traíra.....	424
Tabela lexical 107: Moleque/Molecão/Menino/Menininho/Guri.....	450
Tabela lexical 108: Menina	452
Tabela lexical 109: Piaçada/Molecada	453
Tabela lexical 110: Barriguda/Muié grávida	455
Tabela lexical 111: Parir/Ter nenê	456
Tabela lexical 112: Pioneiro/Fundador/Colonizador.....	464
Tabela lexical 113: Desbravar/Colonizar	466
Tabela lexical 114: Mutirão.....	468
Tabela lexical 115: Quebradeira.....	470
Tabela lexical 116: Mestiçada	473
Tabela lexical 117: Nortista/Nordestina	476
Tabela lexical 118: Baianada.....	477
Tabela lexical 119: Nego/Negão/Preto.....	479
Tabela lexical 120: Negra.....	481
Tabela lexical 121: Mundiça/Tranqueira.....	483
Tabela lexical 122: Encrenqueira	485
Tabela lexical 123: Fominha/Gananciosa	486
Tabela lexical 124: Sonega.....	487
Tabela lexical 125: Engravatadinha	489
Tabela lexical 126: Bamburrado.....	491
Tabela lexical 127: Brefado/Vazado	493
Tabela lexical 128: Aproveitadora	496
Tabela lexical 129: Pistoleiro/Jagunço	497
Tabela lexical 130: Emboscada/Tocaia	500
Tabela lexical 131: Revólver/Arma/Espingarda.....	501

Tabela lexical 132: Cartucheira	503
Tabela lexical 133: Gandaia	505
Tabela lexical 134: Aluga/Trovia	506
Tabela lexical 135: Juntam-se/Casam-se	509
Tabela lexical 136: Padre	525
Tabela lexical 137: Pároco	527
Tabela lexical 138: Irmã/Freira/Fleira	529
Tabela lexical 139: Balanço/Balango	540
Tabela lexical 140: Esnuca/Sinuca	542
Tabela lexical 141: Salão/Salãozinho/Clube/Discoteca	543
Tabela lexical 142: Baile/Bailinho	546
Tabela lexical 143: Barraca/Barraca de lona/Lona/Loninha/Encerado	553
Tabela lexical 144: Acampamento	556
Tabela lexical 145: Cama de campanha	557
Tabela lexical 146: Barraco/Barraquinho/Rancho/Ranchinho/Ranchão	559
Tabela lexical 147: Barreadinho	561
Tabela lexical 148: Soalho	563
Tabela lexical 149: Lampião/Lampião a gás/Lamparina/Lamparinona	565
Tabela lexical 150: Gerador/Grupo gerador/Motor	566
Tabela lexical 151: Mata-junta	568
Tabela lexical 152: Arinha	569
Tabela lexical 153: Prateleira	570
Tabela lexical 154: Fogão à lenha	571
Tabela lexical 155: Patente	573
Tabela lexical 156: Mantimentos/Mercadorias/Compra	594
Tabela lexical 157: Refeições/Rango	596
Tabela lexical 158: Mistura	597
Tabela lexical 159: Afogado	598
Tabela lexical 160: Cuca	600
Tabela lexical 161: Cozinheira	602
Tabela lexical 162: Churrascaria	603
Tabela lexical 163: Cutelo	606
Tabela lexical 164: Jabá/Charque/Carne-seca/Carne-de-sol/Carne prensada/Carne salgada	608

Tabela lexical 165: Toicinho	610
Tabela lexical 166: Banha	612
Tabela lexical 167: Castanha.....	613
Tabela lexical 168: Curado.....	615
Tabela lexical 169: Fubá.....	616
Tabela lexical 170: Polenta.....	617
Tabela lexical 171: Maxixe	619
Tabela lexical 172: Feijão-carioquinha/Feijão-de-corda	620
Tabela lexical 173: Cachaça/Pinga/Pinguinha	622
Tabela lexical 174: Garrafa/Tubo.....	624
Tabela lexical 175: Martelinho.....	625
Tabela lexical 176: Chimarrão	627
Tabela lexical 177: Sapatão/Botina/Bota	656
Tabela lexical 178: Chinelo/Chinelo de dedo/Sandália bambulê/Alpargata/Paragata ..	658
Tabela lexical 179: Pilcha.....	661
Tabela lexical 180: Terreno/Lote/Data.....	671
Tabela lexical 181: Terraplenagem	672
Tabela lexical 182: Boteco/Botequinho/Bar/Barzinho	674
Tabela lexical 183: Armazém/Armazenzinho/Mercado/Mercadinho/Venda/Vendinha/ Mercearia/Empório/Bolicho	676
Tabela lexical 184: Posto/Posto de gasolina/Posto de abastecimento/Postinho/Bomba	679
Tabela lexical 185: Hotel/Hotelzinho/Dormitório.....	681
Tabela lexical 186: Zona/Boate	683
Tabela lexical 187: Telefone/Radioamador/Rádio	685
Tabela lexical 188: Radiola	687
Tabela lexical 189: Balconista/Vendedor.....	689
Tabela lexical 190: Mascate	691
Tabela lexical 191: Valeta/Valetão/Vala	692
Tabela lexical 192: Fossa	694
Tabela lexical 193: Topografia.....	708
Tabela lexical 194: Frete	709
Tabela lexical 195: Freteiro.....	710
Tabela lexical 196: Lotação/Caravana	712
Tabela lexical 197: Comboio.....	714

Tabela lexical 198: Baulado/Bauladinho	715
Tabela lexical 199: Arriba/Riba	717
Tabela lexical 200: Costela-de-vaca	719
Tabela lexical 201: Pau-de-arara	721
Tabela lexical 202: Kômbi/Pirua	723
Tabela lexical 203: Balsa/Barsa/Barco/Barquinho/Bote	725
Tabela lexical 204: Baldeação	726
Tabela lexical 205: Malária	735
Tabela lexical 206: Malaiero	737
Tabela lexical 207: Hérnia estrangulada	738
Tabela lexical 208: Congestão	740
Tabela lexical 209: Cidreira	741
Tabela lexical 210: Salmoura	743

LISTA DE CARTOGRAMAS

TOMO II

Cartograma 1: Tope/Morro.....	177
Cartograma 2: Córrego/Sanga/Riozinho	178
Cartograma 3: Mina/Nascente/Vertente	180
Cartograma 4: Estiva	181
Cartograma 5: Barroca.....	183
Cartograma 6: Agueiro/Aguaço/Pancada	189
Cartograma 7: Chuvada/Chubarada/Enxurrada.....	191
Cartograma 8: Brejo/Banhado	192
Cartograma 9: Atoladores/Atoleiro	194
Cartograma 10: Relâmpago	195
Cartograma 11: Raio/Corisco	196
Cartograma 12: Trovão.....	197
Cartograma 13: Geada	198
Cartograma 14: Colonização	211
Cartograma 15: Picada/Picadão/Trilho.....	212
Cartograma 16: Carreador	214
Cartograma 17: Terra/Sítio/Rocha/Fazenda/Chácara/Colônia/Gleba	215
Cartograma 18: Plaina	217
Cartograma 19: Cerrado	219
Cartograma 20: Peões/Peãozada/Pinhonzada/Piãozada	220
Cartograma 21: Gato	222
Cartograma 22: Empreitada.....	223
Cartograma 23: Derrubada/Derrubar/Desmatação/Abrir/Desmate/Desmatar/Limpar....	225
Cartograma 24: Queimado/Seco.....	228
Cartograma 25: Fumaça.....	229
Cartograma 26: Destoca	230
Cartograma 27: Ramado/Cheio de estopa	232
Cartograma 28: Leras	233
Cartograma 29: Gradear	235

Cartograma 30: Carpir	236
Cartograma 31: Areia/Acidero/Acidez/Ácido	238
Cartograma 32: Aclimatar	239
Cartograma 33: Estercada/Adubada/Tratada	241
Cartograma 34: Mecanizar	242
Cartograma 35: Lavoura	244
Cartograma 36: Pilão	245
Cartograma 37: Descascador	246
Cartograma 38: Serraria/Serrariazinha/Madeira/Pica-pau	247
Cartograma 39: Serra de fita	249
Cartograma 40: Marcenaria	252
Cartograma 41: Carpinteiro/Marceneiro	253
Cartograma 42: Beneficiamento	254
Cartograma 43: Manejo	256
Cartograma 44: Manivela	258
Cartograma 45: Corretor	259
Cartograma 46: Sitiante	260
Cartograma 47: Colono	262
Cartograma 48: Divisa	263
Cartograma 49: Arrendamento	264
Cartograma 50: Bugre/Índio	266
Cartograma 51: Mato/Mata/Matão/Arvoredo/Bosque/Selva/Floresta	268
Cartograma 52: Reserva/Reserva ambiental	271
Cartograma 53: Macaco	273
Cartograma 54: Cipó	275
Cartograma 55: Reflorestamento	277
Cartograma 56: Sisal	279
Cartograma 57: Tucum	281
Cartograma 58: Cooperado	282
Cartograma 59: Agrovila	284
Cartograma 60: Barragem	286
Cartograma 61: Mandioca	287
Cartograma 62: Cará	289
Cartograma 63: Abobrinha/Abobra	290

Cartograma 64: Moinho/Moinho colonial/Farinheira	292
Cartograma 65: Boneca	294
Cartograma 66: Gado/Criação	296
Cartograma 67: Cocho.....	298
Cartograma 68: Novilha/Bezerro.....	299
Cartograma 69: Invernada/Pastagem/Pasto/Pastinho/Potreiro	301
Cartograma 70: Pasto/Capim/Trato	302
Cartograma 71: Mangueira/Curral.....	304
Cartograma 72: Portão/Cochete.....	305
Cartograma 73: Forquilha.....	307
Cartograma 74: Carroça/Carreta de boi.....	309
Cartograma 75: Laçar	311
Cartograma 76: Rodeio.....	312
Cartograma 77: Galpão.....	313
Cartograma 78: Balaio/Cesto.....	315
Cartograma 79: Carriola	316
Cartograma 80: Lavagem	317
Cartograma 81: Silagem	318
Cartograma 82: Sacaria	320
Cartograma 83: Coronel	321
Cartograma 84: Bichos/Bichinhos/Bichões/Feras/Animais	384
Cartograma 85: Onça.....	386
Cartograma 86: Urro/Estorro/Esturro/Miado/Miadão	387
Cartograma 87: Jacaré	389
Cartograma 88: Bico-de-jaca/Bico-de-jácaro	390
Cartograma 89: Sucuri/Securi/Sicuri.....	392
Cartograma 90: Mandruvá.....	395
Cartograma 91: Caruncho/Traça	398
Cartograma 92: Biscateiro	399
Cartograma 93: Jacutinga/Jacu.....	401
Cartograma 94: Mutum	403
Cartograma 95: Arara	405
Cartograma 96: Papagaio.....	407
Cartograma 97: Marreco.....	409

Cartograma 98: Cotia	411
Cartograma 99: Paca.....	413
Cartograma 100: Anta	414
Cartograma 101: Cabrito	416
Cartograma 102: Cupim/Copim	417
Cartograma 103: Vespa	419
Cartograma 104: Polvinha/Pium	421
Cartograma 105: Mutuca	423
Cartograma 106: Traíra	425
Cartograma 107: Moleque/Molecão/Menino/Menininho/Guri	450
Cartograma 108: Menina	452
Cartograma 109: Piaçada/Molecada.....	454
Cartograma 110: Barriguda/Muié grávida.....	455
Cartograma 111: Parir/Ter nenê	457
Cartograma 112: Pioneiro/Fundador/Colonizador	464
Cartograma 113: Desbravar/Colonizar	467
Cartograma 114: Mutirão	469
Cartograma 115: Quebradeira	471
Cartograma 116: Mestiçada.....	474
Cartograma 117: Nortista/Nordestina.....	476
Cartograma 118: Baianada	477
Cartograma 119: Nego/Negão/Preto	479
Cartograma 120: Negra	482
Cartograma 121: Mundiça/Tranqueira	484
Cartograma 122: Encrenqueira.....	485
Cartograma 123: Fominha/Gananciosa	486
Cartograma 124: Sonega	488
Cartograma 125: Engravatadinha	489
Cartograma 126: Bamburrado	492
Cartograma 127: Brefado/Vazado	494
Cartograma 128: Aproveitadora	496
Cartograma 129: Pistoleiro/Jagunço.....	497
Cartograma 130: Emboscada/Tocaia.....	500
Cartograma 131: Revólver/Arma/Espingarda	502

Cartograma 132: Cartucheira.....	504
Cartograma 133: Gandaia.....	506
Cartograma 134 Aluga/Trovia.....	507
Cartograma 135: Juntam-se/Casam-se	510
Cartograma 136: Padre	526
Cartograma 137: Pároco	528
Cartograma 138: Irmã/Freira/Fleira.....	530
Cartograma 139: Balanço/Balango.....	541
Cartograma 140: Esnuca/Sinuca.....	542
Cartograma 141: Salão/Salãozinho/Clube/Discoteca.....	544
Cartograma 142: Baile/Bailinho.....	546
Cartograma 143: Barraca/Barraca de lona/Lona/Loninha/Encerado.....	554
Cartograma 144: Acampamento.....	557
Cartograma 145: Cama de campanha.....	558
Cartograma 146: Barraco/Barraquinho/Rancho/Ranchinho/Ranchão.....	560
Cartograma 147: Barreadinho	562
Cartograma 148: Soalho	564
Cartograma 149: Lampião/Lampião a gás/Lamparina/Lamparinona.....	565
Cartograma 150: Gerador/Grupo gerador/Motor	567
Cartograma 151: Mata-junta.....	568
Cartograma 152: Arinha	569
Cartograma 153: Prateleira.....	570
Cartograma 154: Fogão à lenha.....	572
Cartograma 155: Patente	574
Cartograma 156: Mantimentos/Mercadorias/Compra	595
Cartograma 157: Refeições/Rango	596
Cartograma 158: Mistura.....	597
Cartograma 159: Afogado	599
Cartograma 160: Cuca	600
Cartograma 161: Cozinheira.....	603
Cartograma 162: Churrascaria.....	604
Cartograma 163: Cutelo	607
Cartograma 164: Jabá/Charque/Carne-seca/Carne-de-sol/Carne prensada/Carne salgada...	609

Cartograma 165: Toicinho.....	611
Cartograma 166: Banha	612
Cartograma 167: Castanha.....	613
Cartograma 168: Curado	615
Cartograma 169: Fubá	617
Cartograma 170: Polenta	618
Cartograma 171: Maxixe	619
Cartograma 172: Feijão-carioquinha/Feijão-de-corda.....	621
Cartograma 173: Cachaça/Pinga/Pinguinha	623
Cartograma 174: Garrafa/Tubo	624
Cartograma 175: Martelinho	626
Cartograma 176: Chimarrão	627
Cartograma 177: Sapatão/Botina/Bota	657
Cartograma 178: Chinelo/Chinelo de dedo/Sandália bambulê/Alpargata/Paragata.....	659
Cartograma 179: Pilcha	662
Cartograma 180: Terreno/Lote/Data	671
Cartograma 181: Terraplenagem	673
Cartograma 182: Boteco/Botequinho/Bar/Barzinho	674
Cartograma 183: Armazém/Armazenzinho/Mercado/Mercadinho/Venda/Vendinha/ Mercearia/Empório/Bolicho	677
Cartograma 184: Posto/Posto de gasolina/Posto de abastecimento/Postinho/Bomba...	679
Cartograma 185: Hotel/Hotelzinho/Dormitório	682
Cartograma 186: Zona/Boate	684
Cartograma 187: Telefone/Radioamador/Rádio.....	685
Cartograma 188: Radiola.....	688
Cartograma 189: Balconista/Vendedor	690
Cartograma 190: Mascate.....	691
Cartograma 191: Valeta/Valetão/Vala	692
Cartograma 192: Fossa	694
Cartograma 193: Topografia	708
Cartograma 194: Frete	710
Cartograma 195: Freteiro.....	711
Cartograma 196: Lotação/Caravana	712
Cartograma 197: Comboio	714

Cartograma 198: Baulado/Bauladinho	716
Cartograma 199: Arriba/Riba	718
Cartograma 200: Costela-de-vaca	720
Cartograma 201: Pau-de-arara.....	722
Cartograma 202: Kômbi/Pirua.....	724
Cartograma 203: Balsa/Barsa/Barco/Barquinho/Bote.....	725
Cartograma 204: Baldeação.....	727
Cartograma 205: Malária.....	736
Cartograma 206: Malaiero.....	737
Cartograma 207: Hérnia estrangulada	739
Cartograma 208: Congestão	740
Cartograma 209: Cidreira	741
Cartograma 210: Salmoura.....	743

LISTA DE HISTOGRAMAS

TOMO II

Histograma 1: Itens mais frequentes da área semântica Acidentes Geográficos	183
Histograma 2: Nascente (trinta e seis ocorrências)	185
Histograma 3: Itens mais frequentes da área semântica Fenômenos Atmosféricos	199
Histograma 4: Chuvarada (dezesesseis ocorrências)	203
Histograma 5: Geada (trinta e cinco ocorrências)	206
Histograma 6: Itens mais frequentes da área semântica Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	323
Histograma 7: Gato (vinte e três ocorrências)	331
Histograma 8: Destoca (vinte ocorrências)	335
Histograma 9: Lera (vinte e nove ocorrências)	340
Histograma 10: Serraria (trinta e duas ocorrências)	344
Histograma 11: Manejo (dezesesseis ocorrências)	351
Histograma 12: Índio (trinta e oito ocorrências)	357
Histograma 13: Mangueira (vinte e sete ocorrências)	362
Histograma 14: Carroça (trinta e uma ocorrências)	366
Histograma 15: Rodeio (trinta e uma ocorrências)	374
Histograma 16: Barracão (trinta ocorrências)	380
Histograma 17: Itens mais frequentes da área semântica Fauna	427
Histograma 18: Onça (trinta e cinco ocorrências)	431
Histograma 19: Biscateiro (vinte e seis ocorrências)	435
Histograma 20: Paca (trinta e nove ocorrências)	439
Histograma 21: Cupim (quarenta ocorrências)	443
Histograma 22: Porvinha (quatorze ocorrências)	448
Histograma 23: Itens mais frequentes da área semântica Ciclos da Vida	458
Histograma 24: Guria (trinta e quatro ocorrências)	461
Histograma 25: Itens mais frequentes da área semântica Convívio e Comportamento Social	511
Histograma 26: Nordestina (trinta e nove ocorrências)	517
Histograma 27: Bamburrou (oito ocorrências)	521
Histograma 28: Itens mais frequentes da área semântica Religião e Crenças	531

Histograma 29: Freira (vinte e sete ocorrências).....	533
Histograma 30: Itens mais frequentes da área semântica Jogos e Diversões	547
Histograma 31: Balanço (trinta e seis ocorrências)	550
Histograma 32: Itens e expressões mais frequentes da área semântica Habitação.....	575
Histograma 33: Tarimba (dez ocorrências)	580
Histograma 34: Lampião (trinta e sete ocorrências).....	585
Histograma 35: Mata-junta (trinta e duas ocorrências)	589
Histograma 36: Itens mais frequentes da área semântica Alimentação e Cozinha	628
Histograma 37: Rancho (trinta ocorrências).....	632
Histograma 38: Mistura (vinte e nove ocorrências)	637
Histograma 39: Carne-seca (trinta ocorrências)	643
Histograma 40: Banha (quarenta ocorrências)	648
Histograma 41: Chimarrão (trinta e oito ocorrências).....	654
Histograma 42: Itens mais frequentes da área semântica Vestuário e Acessórios	663
Histograma 43: Bota (trinta e duas ocorrências)	666
Histograma 44: Itens mais frequentes da área semântica Vida Urbana	695
Histograma 45: Mercado (trinta e três ocorrências)	699
Histograma 46: Hotel (trinta e nove ocorrências)	704
Histograma 47: Itens mais frequentes da área semântica Transportes e Orientações Geográficas.....	728
Histograma 48: Balsa (trinta e nove ocorrências)	731
Histograma 49: Itens mais frequentes da área semântica Doenças e Tratamentos	744
Histograma 50: Malária (quarenta ocorrências)	748

SUMÁRIO

TOMO I

INTRODUÇÃO	44
 1 MATO GROSSO: MATIZES DOS PERCALÇOS E PERCURSOS DE POVOAMENTO.....	53
1.1 Processos migratórios: interiorização.....	56
1.2 A região norte mato-grossense: políticas de ocupação.....	58
1.2.1 A iniciativa privada: empresas colonizadoras particulares.....	59
1.2.2 Colonizadora Sinop: fundação das cidades	61
1.2.2.1 A cidade de Vera	63
1.2.2.2 A cidade de Santa Carmem	68
1.2.2.3 A cidade de Sinop - cidade polo da região norte mato-grossense	73
1.2.2.4 A cidade de Cláudia.....	81
 2 VERSO E REVERSO: OS PROTAGONISTAS DA HISTÓRIA	88
2.1 A Expedição Roncador-Xingu: o propósito de abrir caminhos e “limpar” os espaços.....	90
2.1.1 O grupo indígena Kayabi.....	94
2.2 A ocupação do interior brasileiro: motivações políticas e econômicas.....	99
2.2.1 O espírito empreendedor tropeiro e a colonização do interior sul e centro-oeste brasileiros	102
2.2.1.1 Os novos tropeiros: a continuidade	107
2.3 Narrativas orais: o (re)contar da história	110
 3 ABORDAGENS SÓCIO-GEO-LINGUÍSTICAS: PILARES TEÓRICO-METODOLÓGICOS	116
3.1 Estudos dialetais no Brasil: caminhos percorridos	117
3.1.1 Projeto Atlas Linguístico do Brasil: estudos contemporâneos	131
3.1.2 A Norma Linguística: pontos de alinhavo	136
3.2 A Sociolinguística Variacionista: uma costura necessária	142
3.3 Procedimentos metodológicos.....	147
3.3.1 O questionário linguístico: instrumento da coleta de dados	149

3.3.2 Os pontos linguísticos selecionados	156
3.3.3 Sujeitos: falantes que constituem a realidade linguística local.....	158
3.3.4 Entrevistas e coleta de dados	165
3.3.5 Cartogramas: o retrato da pesquisa.....	168
3.3.6 Procedimentos de análise.....	171

TOMO II

4 ABORDAGENS SÓCIO-SEMÂNTICO-LEXICAIS: CONSIDERAÇÕES ANALÍTICAS	175
4.1 Acidentes Geográficos.....	176
4.1.1 Tope/Morro.....	177
4.1.2 Córrego/Sanga/Riozinho	178
4.1.3 Mina/Nascente/Vertente	179
4.1.4 Estiva	181
4.1.5 Barroca.....	182
4.1.6 Histograma 1: itens mais frequentes da área semântica Acidentes Geográficos..	183
4.1.7 O item lexical <i>nascente</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	184
4.1.7.1 A distribuição do item lexical <i>nascente</i> pelos pontos de inquérito	185
4.2 Fenômenos Atmosféricos	188
4.2.1 Agueiro/Aguaço/Pancada	188
4.2.2 Chuvada/Chuvarada/Enxurrada.....	190
4.2.3 Brejo/Banhado	191
4.2.4 Atoladores/Atoleiro	193
4.2.5 Relâmpago	194
4.2.6 Raio/Corisco	196
4.2.7 Trovão.....	197
4.2.8 Geadas.....	198
4.2.9 Histograma 3: itens mais frequentes da área semântica Fenômenos Atmosféricos.....	199
4.2.10 O item lexical <i>chuvarada</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	200
4.2.10.1 A distribuição do item lexical <i>chuvarada</i> pelos pontos de inquérito	203
4.2.11 O item lexical <i>geada</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	205
4.2.11.1 A distribuição do item lexical <i>geada</i> pelos pontos de inquérito.....	206

4.3 Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais.....	209
4.3.1 Colonização	210
4.3.2 Picada/Picadão/Trilho.....	212
4.3.3 Carreador	213
4.3.4 Terra/Sítio/Roça/Fazenda/Chácara/Colônia/Gleba	214
4.3.5 Plaina	217
4.3.6 Cerrado	218
4.3.7 Peões/Peãozada/Pinhonzada/Piãozada	220
4.3.8 Gato	221
4.3.9 Empreitada.....	222
4.3.10 Derrubada/Derrubar/Desmatação/Abrir/Desmate/Desmatar/Limpar	224
4.3.11 Queimado/Seco.....	227
4.3.12 Fumaça	228
4.3.13 Destoca	230
4.3.14 Ramado/Cheio de estopa	231
4.3.15 Leras	233
4.3.16 Gradear	234
4.3.17 Carpir	236
4.3.18 Areia/Acidero/Acidez/Ácido	237
4.3.19 Aclimatar	239
4.3.20 Estercada/Adubada/Tratada.....	240
4.3.21 Mecanizar	241
4.3.22 Lavoura.....	243
4.3.23 Pilão	244
4.3.24 Descascador	245
4.3.25 Serraria/Serrariazinha/Madeiraira/Pica-pau	247
4.3.26 Serra de fita.....	249
4.3.27 Marcenaria	251
4.3.28 Carpinteiro/Marceneiro	252
4.3.29 Beneficiamento	254
4.3.30 Manejo	255
4.3.31 Manivela	258
4.3.32 Corretor.....	259
4.3.33 Sitiente	260

4.3.34 Colono	261
4.3.35 Divisa.....	263
4.3.36 Arrendamento	264
4.3.37 Bugre/Índio	265
4.3.38 Mato/Mata/Matão/Arvoredo/Bosque/Selva/Floresta	267
4.3.39 Reserva/Reserva ambiental.....	270
4.3.40 Macaco	272
4.3.41 Cipó	275
4.3.42 Reflorestamento.....	276
4.3.43 Sisal	278
4.3.44 Tucum.....	280
4.3.45 Cooperado.....	282
4.3.46 Agrovila.....	283
4.3.47 Barragem	285
4.3.48 Mandioca	286
4.3.49 Cará.....	288
4.3.50 Abobrinha/Abobra.....	290
4.3.51 Moinho/Moinho colonial/Farinheira	292
4.3.52 Boneca	294
4.3.53 Gado/Criação	296
4.3.54 Cocho.....	297
4.3.55 Novilha/Bezerro.....	299
4.3.56 Invernada/Pastagem/Pasto/Pastinho/Potreiro	300
4.3.57 Pasto/Capim/Trato	302
4.3.58 Mangueira/Curral.....	303
4.3.59 Portão/Cochete	305
4.3.60 Forquilha.....	307
4.3.61 Carroça/Carreta de boi.....	308
4.3.62 Laçar	310
4.3.63 Rodeio.....	312
4.3.64 Galpão.....	313
4.3.65 Balaio/Cesto	314
4.3.66 Carriola	316
4.3.67 Lavagem	317

4.3.68 Silagem	318
4.3.69 Sacaria	319
4.3.70 Coronel	321
4.3.71 Histograma 6: itens mais frequentes da área semântica Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	323
4.3.72 O item lexical <i>gato</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	329
4.3.72.1 A distribuição do item lexical <i>gato</i> pelos pontos de inquérito	331
4.3.73 O item lexical <i>destoca</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais	334
4.3.73.1 A distribuição do item lexical <i>destoca</i> pelos pontos de inquérito	335
4.3.74 O item lexical <i>lera</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais	338
4.3.74.1 A distribuição do item lexical <i>lera</i> pelos pontos de inquérito.....	340
4.3.75 O item lexical <i>serraria</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais	343
4.3.75.1 A distribuição do item lexical <i>serraria</i> pelos pontos de inquérito	344
4.3.76 O item lexical <i>manejo</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	349
4.3.76.1 A distribuição do item lexical <i>manejo</i> pelos pontos de inquérito.....	351
4.3.77 O item lexical <i>índio</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais	354
4.3.77.1 A distribuição do item lexical <i>índio</i> pelos pontos de inquérito	357
4.3.78 O item lexical <i>mangueira</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais	360
4.3.78.1 A distribuição do item lexical <i>mangueira</i> pelos pontos de inquérito.....	362
4.3.79 O item lexical <i>carroça</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	364
4.3.79.1 A distribuição do item lexical <i>carroça</i> pelos pontos de inquérito.....	366
4.3.80 O item lexical <i>rodeio</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais	371
4.3.80.1 A distribuição do item lexical <i>rodeio</i> pelos pontos de inquérito.....	374
4.3.81 O item lexical <i>barracão</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	378
4.3.81.1 A distribuição do item lexical <i>barracão</i> pelos pontos de inquérito	380
4.4 Fauna	382
4.4.1 Bichos/Bichinhos/Bichões/Feras/Animais	383
4.4.2 Onça.....	385
4.4.3 Urro/Estorro/Esturro/Miado/Miadão	386
4.4.4 Jacaré	388
4.4.5 Bico-de-jaca/Bico-de-jácaro	390
4.4.6 Sucuri/Securi/Sicuri.....	392
4.4.7 Mandruvá.....	394
4.4.8 Caruncho/Traça	397

4.4.9 Biscateiro	399
4.4.10 Jacutinga/Jacu	400
4.4.11 Mutum	403
4.4.12 Arara	404
4.4.13 Papagaio	406
4.4.14 Marreco.....	408
4.4.15 Cotia	411
4.4.16 Paca.....	413
4.4.17 Anta	414
4.4.18 Cabrito	415
4.4.19 Cupim/Copim	417
4.4.20 Vespa	418
4.4.21 Polvinha/Pium	420
4.4.22 Mutuca	423
4.4.23 Traíra	424
4.4.24 Histograma 17: itens mais frequentes da área semântica Fauna	427
4.4.25 O item lexical <i>onça</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	429
4.4.25.1 A distribuição do item lexical <i>onça</i> pelos pontos de inquérito.....	431
4.4.26 O item lexical <i>biscateiro</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	433
4.4.26.1 A distribuição do item lexical <i>biscateiro</i> pelos pontos de inquérito	435
4.4.27 O item lexical <i>paca</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	437
4.4.27.1 A distribuição do item lexical <i>paca</i> pelos pontos de inquérito.....	439
4.4.28 O item lexical <i>cupim</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	441
4.4.28.1 A distribuição do item lexical <i>cupim</i> pelos pontos de inquérito.....	443
4.4.29 O item lexical <i>porvinha</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais	445
4.4.29.1 A distribuição do item lexical <i>porvinha</i> pelos pontos de inquérito	448
4.5 Ciclos da Vida	449
4.5.1 Moleque/Molecão/Menino/Menininho/Guri	450
4.5.2 Menina	452
4.5.3 Piaçada/Molecada	453
4.5.4 Barriguda/Muié grávida.....	455
4.5.5 Parir/Ter nenê	456
4.5.6 Histograma 23: itens mais frequentes da área semântica Ciclos da Vida	458
4.5.7 O item lexical <i>guria</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais	459

4.5.7.1 A distribuição do item lexical <i>guria</i> pelos pontos de inquérito.....	461
4.6 Convívio e Comportamento Social	463
4.6.1 Pioneiro/Fundador/Colonizador	464
4.6.2 Desbravar/Colonizar	466
4.6.3 Mutirão	468
4.6.4 Quebradeira	470
4.6.5 Mestiçada.....	473
4.6.6 Nortista/Nordestina.....	476
4.6.7 Baianada	477
4.6.8 Nego/Negão/Preto	479
4.6.9 Negra	481
4.6.10 Mundiça/Tranqueira	483
4.6.11 Encrenqueira.....	485
4.6.12 Fominha/Gananciosa	486
4.6.13 Sonega	487
4.6.14 Engravatadinha	489
4.6.15 Bamburrado	491
4.6.16 Brefado/Vazado	493
4.6.17 Aproveitadora	496
4.6.18 Pistoleiro/Jagunço.....	497
4.6.19 Emboscada/Tocaia.....	500
4.6.20 Revólver/Arma/Espingarda	501
4.6.21 Cartucheira.....	503
4.6.22 Gandaia.....	505
4.6.23 Aluga/Trovia.....	506
4.6.24 Juntam-se/Casam-se	509
4.6.25 Histograma 25: itens mais frequentes da área semântica Convívio e Comportamento Social	511
4.6.26 O item lexical <i>nordestina</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	513
4.6.26.1 A distribuição do item lexical <i>nordestina</i> pelos pontos de inquérito	517
4.6.27 O item lexical <i>bamburrou</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	518
4.6.27.1 A distribuição do item lexical <i>bamburrou</i> pelos pontos de inquérito	521
4.7 Religião e Crenças	525
4.7.1 Padre	525

4.7.2 Pároco	527
4.7.3 Irmã/Freira/Fleira.....	529
4.7.4 Histograma 28: itens mais frequentes da área semântica Religião e Crenças	531
4.7.5 O item lexical <i>freira</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	532
4.7.5.1 A distribuição do item lexical <i>freira</i> pelos pontos de inquérito	533
4.8 Jogos e Diversões	540
4.8.1 Balanço/Balango.....	540
4.8.2 Esnuca/Sinuca.....	541
4.8.3 Salão/Salãozinho/Clube/Discoteca	543
4.8.4 Baile/Bailinho	546
4.8.5 Histograma 30: itens mais frequentes da área semântica Jogos e Diversões	547
4.8.6 O item lexical <i>balanço</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	548
4.8.6.1 A distribuição do item lexical <i>balanço</i> pelos pontos de inquérito	550
4.9 Habitação	553
4.9.1 Barraca/Barraca de lona/Lona/Loninha/Encerado.....	553
4.9.2 Acampamento.....	556
4.9.3 Cama de campanha.....	557
4.9.4 Barraco/Barraquinho/Rancho/Ranchinho/Ranchão.....	559
4.9.5 Barreadinho	561
4.9.6 Soalho	563
4.9.7 Lampião/Lampião a gás/Lamparina/Lamparinona.....	565
4.9.8 Gerador/Grupo gerador/Motor	566
4.9.9 Mata-junta.....	568
4.9.10 Arinha	569
4.9.11 Prateleira.....	570
4.9.12 Fogão à lenha.....	571
4.9.13 Patente	573
4.9.14 Histograma 32: itens e expressões mais frequentes da área semântica Habitação.....	575
4.9.15 O item lexical <i>tarimba</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais	577
4.9.15.1 A distribuição do item lexical <i>tarimba</i> pelos pontos de inquérito.....	580
4.9.16 O item lexical <i>lapião</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais	582
4.9.16.1 A distribuição do item lexical <i>lapião</i> pelos pontos de inquérito	585
4.9.17 O item lexical composto <i>mata-junta</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais	588

4.9.17.1 A distribuição do item composto mata-junta pelos pontos de inquérito	589
4.10 Alimentação e Cozinha.....	593
4.10.1 Mantimentos/Mercadorias/Compra	594
4.10.2 Refeições/Rango	596
4.10.3 Mistura.....	597
4.10.4 Afogado	598
4.10.5 Cuca	600
4.10.6 Cozinheira.....	602
4.10.7 Churrascaria.....	603
4.10.8 Cutelo	606
4.10.9 Jabá/Charque/Carne-seca/Carne-de-sol/Carne prensada/Carne salgado	608
4.10.10 Toicinho.....	610
4.10.11 Banha.....	612
4.10.12 Castanha	613
4.10.13 Curado	615
4.10.14 Fubá	616
4.10.15 Polenta	617
4.10.16 Maxixe	619
4.10.17 Feijão-carioquinha/Feijão-de-corda.....	620
4.10.18 Cachaça/Pinga/Pinguinha	622
4.10.19 Garrafa/Tubo	624
4.10.20 Martelinho	625
4.10.21 Chimarrão	627
4.10.22 Histograma 36: itens mais frequentes da área semântica Alimentação e Cozinha ...	628
4.10.23 O item lexical <i>rancho</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais	630
4.10.23.1 A distribuição do item lexical <i>rancho</i> pelos pontos de inquérito	632
4.10.24 O item lexical <i>mistura</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais	634
4.10.24.1 A distribuição do item lexical <i>mistura</i> pelos pontos de inquérito	637
4.10.25 O item lexical <i>carne-seca</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais	640
4.10.25.1 A distribuição do item lexical <i>carne-seca</i> pelos pontos de inquérito.....	643
4.10.26 O item lexical <i>banha</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	647
4.10.26.1 A distribuição do item lexical <i>banha</i> pelos pontos de inquérito	648
4.10.27 O item lexical <i>chimarrão</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	650
4.10.27.1 A distribuição do item lexical <i>chimarrão</i> pelos pontos de inquérito	654

4.11 Vestuário e Acessórios	656
4.11.1 Sapatão/Botina/Bota	656
4.11.2 Chinelo/Chinelo de dedo/Sandália bambulê/Alpargata/Paragata.....	658
4.11.3 Pilcha	661
4.11.4 Histograma 42: itens mais frequentes da área semântica Vestuário e Acessórios.....	663
4.11.5 O item lexical <i>bota</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	664
4.11.5.1 A distribuição do item lexical <i>bota</i> pelos pontos de inquérito	666
4.12 Vida Urbana.....	670
4.12.1 Terreno/Lote/Data	671
4.12.2 Terraplenagem	672
4.12.3 Boteco/Botequinho/Bar/Barzinho	674
4.12.4 Armazém/Armazenzinho/Mercado/Mercadinho/Venda/Vendinha/Mercearia/Em pório/Bolicho	676
4.12.5 Posto/Posto de gasolina/Posto de abastecimento/Postinho/Bomba.....	679
4.12.6 Hotel/Hotelzinho/Dormitório	681
4.12.7 Zona/Boate	683
4.12.8 Telefone/Radioamador/Rádio.....	684
4.12.9 Radiola.....	687
4.12.10 Balconista/Vendedor	689
4.12.11 Mascate.....	690
4.12.12 Valeta/Valetão/Vala	692
4.12.13 Fossa	693
4.12.14 Histograma 44: itens mais frequentes da área semântica Vida Urbana.....	695
4.12.15 O item lexical <i>mercado</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	696
4.12.15.1 A distribuição do item lexical <i>mercado</i> pelos pontos de inquérito	699
4.12.16 O item lexical <i>hotel</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	702
4.12.16.1 A distribuição do item lexical <i>hotel</i> pelos pontos de inquérito	704
4.13 Transportes e Orientações Geográficas	707
4.13.1 Topografia	707
4.13.2 Frete	709
4.13.3 Freteiro	710
4.13.4 Lotação/Caravana	712
4.13.5 Comboio	714

4.13.6 Baulado/Bauladinho	715
4.13.7 Arriba/Riba	717
4.13.8 Costela-de-vaca	719
4.13.9 Pau-de-arara.....	721
4.13.10 Kômbi/Pirua	723
4.13.11 Balsa/Barsa/Barco/Barquinho/Bote.....	725
4.13.12 Baldeação.....	726
4.13.13 Histograma 47: itens mais frequentes da área semântica Transportes e Orientações Geográfica	728
4.13.14 O item lexical <i>balsa</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais	729
4.13.14.1 A distribuição do item lexical <i>balsa</i> pelos pontos de inquérito.....	731
4.14 Doenças e Tratamentos.....	735
4.14.1 Malária.....	735
4.14.2 Malaiero.....	737
4.14.3 Hérnia estrangulada	738
4.14.4 Congestão	740
4.14.5 Cidreira	741
4.14.6 Salmoura.....	743
4.14.7 Histograma 49: itens mais frequentes da área semântica Doenças e Tratamentos.... ..	744
4.14.8 O item lexical <i>malária</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais	745
4.14.8.1 A distribuição do item lexical <i>malária</i> pelos pontos de inquérito.....	748

TOMO III

CONSIDERAÇÕES FINAIS	752
-----------------------------------	-----

REFERÊNCIAS	799
--------------------------	-----

APÊNDICES	828
------------------------	-----

INTRODUÇÃO

E então a história tem início, ainda em um tempo e espaço outros. São muitas histórias. E cada uma delas tem a importância ímpar de apresentar os acontecimentos de diferentes épocas e lugares. São fatos do cotidiano, que movem e impulsionam as ações e as atividades humanas, contados por toda gente. Vencidos e vencedores, heróis e anônimos, todos participam do movimento da história e tecem um rico acervo, ainda que bem pouco documentado, de experiências motrizes do desenvolvimento das nações.

E é na roda viva de incontáveis acontecimentos históricos, ideológicos e culturais que surge no território brasileiro a língua portuguesa que, trazida no século XVI, logo se “ramificou” sob o impacto de aspectos da formação do Brasil, para os quais muito contribuíram as entradas e bandeiras e os grandes ciclos econômicos.

Ao contrário do processo de ocupação por faixas paralelas, que é de certo modo sugerido na primeira divisão do território em capitanias hereditárias, a ocupação se deu por um processo por assim dizer “ramificante”: de alguns centros de irradiação localizados na costa, partiram movimentos povoadores que formaram outros centros de irradiação, na costa ou no interior, e estes foram por sua vez o ponto de partida para a ocupação ou conquista de novos territórios. (ILARI e BASSO, 2006, p.50).

Esse processo “ramificante” tem continuidade no século XX, movido pelos grandes projetos de ocupação territorial, tais como a Marcha para o Oeste, idealizada na década de 1940, pelo então presidente Getúlio Vargas, e ainda se estende em nossos dias com as migrações feitas por homens que anseiam melhorias de condições econômicas ou para o desenvolvimento de atividades distintas.

Assim, é nesse ciclo contínuo de ‘irradiação’ e ocupação de espaços no solo brasileiro que se deve procurar compreender a situação linguística que o Brasil vive atualmente, bem como na miscelânea de fatores que contribuíram para formar dialetos e variedades regionais.

Dessa forma, com a difícil e complexa tarefa de refletir sobre a língua portuguesa falada no local, que congrega quatro cidades do norte mato-grossense – Vera, Santa Carmem, Sinop e Cláudia –, nasce minha proposta de pesquisa, que se apresenta ao programa de Pós-Graduação de Filologia e Língua Portuguesa da

Universidade de São Paulo, com o intuito de contribuir com os estudos de abordagens sócio-geo-linguísticas, que envolvem a Geolinguística contemporânea, e em que, por se tratar de um estudo interdisciplinar, mobilizarei, também, os pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista.

Os principais teóricos mobilizados nessa interface de pressupostos são: Nascentes (1953/1958/1961), Ferreira e Cardoso (1994), Cardoso (1994/2010), Tarallo (2007), Labov (1966, 1972, 2008), Coseriu (1979, 1980, 1982), Muller (1968), Isquierdo (2004/2006), Barbosa (1979, 1989, 1990), Santos (1991, 2006, 2009, 2011), Biderman (2001), Aguilera (2000, 2008), Cristianini (2007), Bertoldo (2007/2012), Viola (2010), Augusto (2012), dentre outros.

A necessidade da realização de um estudo interdisciplinar deve-se ao fato da complexidade e da abrangência dos estudos sobre o léxico de uma língua natural, que envolvem, por exemplo, variações diatópicas, diafásicas, diastráticas, diagenéricas e diageracionais. Portanto, a interação entre ciências da linguagem permite maior mobilidade entre áreas do saber para que se possa conhecer e registrar, com maior valor científico, as diferentes formas de falar de uma comunidade linguística.

Com filiação ao Projeto de Pesquisa *História e variedade do português paulista às margens do Anhembi*, coordenado pelo Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida, busco retratar, em consonância com os objetivos desse Projeto - compreender os processos de manutenção e mudança da língua portuguesa que se expandiu para as regiões sudeste, sul e centro-oeste do Brasil, pelos caminhos das águas do rio Tietê, antigo Anhembi, dentre outras vias fluviais e terrestres -, como se processaram histórico e culturalmente as matizes formadoras do português falado nos quatro municípios de Mato Grosso em estudo.

Para tanto, por compreender que as relações de constituição do falar local não se deram tão somente com a vinda de migrantes da região sul do Brasil na década de setenta do século passado, tal como nos relatam muitos escritos da História disponíveis, procurei alinhar possibilidades outras que se imbricam ou se imbricaram na tessitura do português que se fala nessa porção amazônica do território brasileiro.

Assim, a pluralidade de falares que aqui se encontram se modelou a partir do Projeto de Integração Nacional, sancionado à época pelo Presidente da República General Emílio Garrastazu Médici, com a vinda de gentes oriundas de diferentes

Estados brasileiros - São Paulo, Goiás, Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Sergipe, Bahia, Espírito Santo e Paraíba, descendentes de italianos, alemães, japoneses, suecos, ingleses, portugueses, ucranianos, poloneses, espanhóis, indígenas e africanos -, conforme os pioneiros, sujeitos de pesquisa desse trabalho, e que são exemplos das possibilidades de ‘ramificações’ sugeridas acima por Ilari e Basso (2006).

Além disso, não é possível desvincular o processo de ocupação do norte mato-grossense do contexto de colonização do País. Desse modo, é preciso considerar as incursões a esse espaço geográfico desde o início das explorações bandeirantes e monçoeiras, e mesmo muito antes disso, se considerarmos os caminhos percorridos pelos povos indígenas, fundamentalmente dos povos kayabi, expulsos da região em nome da ‘civilização’ e do progresso, e que imprimiram muitas marcas na toponímia, principalmente dos rios da região, como também da fauna e da flora: *Kayabi, Arinos, Xingu, Tapajós, Paranatinga, Curupy, itaúba, cambará, mutum, paca, cutia*, entre tantas outras.

O espírito empreendedor tropeiro também não pode ser desconsiderado, visto que, ao se estabelecer a rota dos tropeiros – de Viamão/RS a São Paulo/SP e às Minas Gerais/MG – desenvolve-se o fortalecimento do comércio e estimula-se a interiorização do Brasil, promovidos por viajantes encarregados de fazer a transição de alimentos e materiais de necessidades básicas. Posteriormente, novas rotas passaram a ser investigadas pelos exploradores tropeiros durante o processo de criação das Capitanias de Mato Grosso e Goiás, os quais, em terras mato-grossenses, viviam essencialmente da criação, transporte e negociação de gado, atividades que se mantêm até os dias atuais.

Portanto, toda essa abundância de eventos e fatos disponibilizados pela história não pode ser desconsiderada quando se pensa no processo de ‘ramificação’ que levou à costura do modo de falar local. Dessa forma, imbuída por esse propósito investigativo, fiz a escolha da temática ‘o estudo semântico-lexical da região norte mato-grossense’, no intuito de voltar a pesquisa para a compreensão das possíveis contribuições que o estudo pode trazer, a partir da descrição semântico-lexical, à constituição do português na região.

Ressalta-se que a eleição dos quatro municípios localizados no norte do Estado foge à proposta de estudos sobre diversidade linguística pensada por Antenor Nascentes, inicialmente em 1922, e reafirmada em 1953 na obra *O linguajar carioca*, na qual aponta as seguintes divisões e subdivisões de falares: Norte = amazônico e

nordestino; Sul = baiano, mineiro, fluminense e sulista, além de um espaço delimitado ao oeste e ao norte de Mato Grosso, parte de Goiás, de Rondônia e do atual território de Tocantins, que denomina como território incaracterístico¹, conforme podemos ver no mapa abaixo:

Mapa 1: Divisão de falares no território brasileiro, conforme Nascentes (1953).

Fonte: <http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/DivisaoDialectal>. Acessado em 04 de abr. de 2012, às 9h14min.

Essa configuração adotada por Nascentes continua ainda em grande proporção a ser adotada pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, conforme aparece descrito nos *Critérios de seleção de localidades*² indicados no *site* do Projeto, pois “muito contribuiu para a escolha das localidades a consulta aos pontos sugeridos por Antenor Nascentes [...] sido mantidas as localidades que ainda se mostravam pertinentes para os objetivos do trabalho.”

¹Este enunciado refere-se ao fato de pressupor uma região quase despovoada, portanto, no que concerne à língua, pouco expressiva para ser catalogada ao lado de outras línguas do contexto nacional. Assim, essa predicação mobiliza sentidos que se ligam, necessariamente, à representação quantitativa de seus falantes. (ALMEIDA, 2008).

²PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL. **Critérios de seleção de localidades**. Disponível em <http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/RedePontos>. Acessado em 04 de abr. de 2012, às 14h23min.

Assim, ainda que estudos linguísticos mais recentes atestem validade à divisão dialetal do Brasil realizada por Nascentes, tal como o faz a linguista Suzana Cardoso em sua obra *A dialectologia no Brasil: perspectivas* (1999) e, por essa razão, o norte mato-grossense continua a ser visto como espaço incaracterístico e com insuficiência demográfica para a realização de pesquisas geolinguísticas, compreendo, contudo, em consonância com Almeida (2008), que deixar de registrar os falares de comunidades linguísticas em formação pode levar ao apagamento das realizações linguísticas e ao silenciamento das posições discursivas ocupadas por aqueles que significam o português nesses espaços.

Dessa forma, a escolha do espaço geográfico ao norte de Mato Grosso de deve não só por coincidir com o local de minha moradia, a cidade de Sinop, mas também por se entender que permanecer durante décadas tendo como referencial apenas a divisão dialetal estabelecida por Antenor Nascentes é negar o avanço da Geolinguística, o dinamismo da língua e a mobilidade da população. O que pode, inclusive, comprometer os rumos do projeto nacional, bem como a visão da multidimensionalidade da língua no país.

Nesse contexto, descrever, apresentar e analisar o falar, de acordo com fatores diatópicos e aspectos de natureza sociocultural, nos municípios fundados a partir da ação da Colonizadora Sinop S.A. é a proposta diretriz desta pesquisa de natureza dialetológica, assim como averiguar os mecanismos que levaram e ainda levam migrantes de diferentes regiões brasileiras a deslocaram-se de seus lugares de origem para este espaço geográfico, integrante da Amazônia Legal, e como essa pluralidade de modelos linguísticos e culturais ‘fundiu-se’ e influenciou na formação e expansão do português na região.

Para melhor compreender como se apresentam as relações linguísticas entre os migrantes, advindos de distintas regiões brasileiras, e os nascidos na região, elaborei inicialmente objetivos e questões norteadoras para o desenvolvimento da pesquisa, os quais apresento a seguir.

O objetivo geral deste trabalho de pesquisa fundamenta-se nos princípios da Geolinguística contemporânea e intenta descrever o falar no aspecto semântico-lexical da região norte mato-grossense, que compreende os municípios fundados a partir da ação da Colonizadora Sinop S.A.

Os objetivos específicos foram assim delineados:

- Desenvolver pesquisas de campo em pontos de inquéritos da região em estudo.
- Elaborar cartas³ linguísticas para descrever o léxico que a região apresenta.
- Discutir as influências linguístico-culturais trazidas pelos migrantes provenientes de diferentes espaços geográficos nacionais, que resultaram no falar local, e suas contribuições na formação e expansão do português no norte de Mato Grosso.
- Apresentar os resultados interpretativos dos fenômenos linguísticos regionais.

E, para nortear o processo de compreensão e análise dos mecanismos geo-sócio-linguísticos, relevantes para os objetivos dessa pesquisa, propus os seguintes questionamentos:

- 1- Como o falar no nível semântico-lexical da região norte mato-grossense foi constituído e que implicações de natureza sociocultural influenciaram na formação e expansão do português na região?
- 2- Que interesses econômicos e ideológicos contribuíram para a vinda de migrantes ao norte de Mato Grosso e que relações há entre a miscigenação de etnias, oriundas de diversas regiões do Brasil, e a constituição do modo de falar local?
- 3- Como se apresentam as características linguísticas, relacionadas a aspectos semântico-lexicais, entre os migrantes e os nascidos na região?

Assim, a relevância dessa pesquisa aplica-se, fundamentalmente, para a difusão de seu objeto de estudo, ‘o estudo semântico-lexical em quatro municípios integrantes da região norte mato-grossense’, visto que trabalhos científicos sobre esta região do País são ainda incipientes, pois o processo de desenvolvimento do norte de Mato Grosso tem início há pouco mais de quatro décadas, nos anos setenta do século passado, em que os migrantes foram impulsionados pelo Governo Militar a virem ao norte mato-grossense para preencherem o “espaço vazio”.

Compreendo, desse modo, que se torna prioridade lançar olhares reflexivos e científicos à realidade linguística local, que apresenta uma miscigenação étnica e

³Termo substituído, na sequência da pesquisa, por *cartogramas*.

cultural impelida a deslocar-se de seus espaços de origem em busca da promessa de desenvolvimento e progresso em terras “férteis”.

Dessa forma, a constituição histórica da região e o cenário sócio-econômico-cultural são fundamentais para compreender o processo aquisitivo e transfigurativo da semântica lexical nos quatro municípios que constituíam, em seu projeto inicial, a Gleba Celeste, bem como para identificar a possibilidade de apreensão e aquisição de novos itens lexicais no conjunto de palavras que formam o léxico dessas comunidades linguísticas.

A distância de grandes centros, a falta de qualificação de profissionais nas instituições de ensino locais, bem como a falta de incentivo das agências de fomento à pesquisa são fatores que dificultam a realização de produções de pesquisas regionais, assim, este trabalho pretende, objetivamente, participar na consolidação de um novo quadro de pesquisa regional que, contudo, tenha articulação com os estudos nacionais de abordagens sócio-geo-linguísticas.

O desenho da presente tese, que pretendeu alcançar os objetivos propostos e trazer respostas às questões norteadoras, se apresenta organizado em três tomos, os quais foram assim desenvolvidos:

- 1) Este tomo é composto pela Introdução e pelos capítulos 1, 2 e 3, que se constituem da seguinte forma =
 - Introdução: diretrizes sobre a organização do trabalho de pesquisa e apontamentos de justificativa sobre a utilização de orientações teórico-metodológicas. Cito, também, os objetivos e as questões norteadoras que fundamentaram o projeto inicial de mobilização deste trabalho.
 - Capítulo 1: apresentação de matizes de percalços e percursos de povoamento do Estado de Mato Grosso e que, posteriormente, impeliram os processos migratórios à interiorização. Nesse contexto, discorro sobre as políticas de ocupação que rumam ao norte do Estado, a partir das incursões na mata realizadas pela comitiva da Expedição Roncador-Xingu e, na sequência, pelas ações desenvolvidas no Projeto de Integração Nacional – PIN. Dessas ações, ressalta-se a transferência da colonização oficial à iniciativa privada, em que se evidencia a Colonizadora Sinop S/A. Surge, assim, pela idealização empreendedora de empresários paranaenses, a fundação de quatro cidades, que

faziam parte de um Projeto denominado Gleba Celeste, respectivamente, Vera, Santa Carmem, Sinop e Cláudia, às quais faço um breve resgate histórico, econômico e cultural, feito, fundamentalmente, a partir da história oral, com destaque ao município de Santa Carmem, em razão da precariedade de documentos e escritos oficiais.

- Capítulo 2: resgate da história social, ideológica e cultural das comunidades investigadas, com ênfase aos protagonistas ‘desconhecidos’ e que constituem muitas vezes o ‘reverso’ da História. No intuito de mostrar ‘verso e reverso’ da História saliento o propósito da Expedição Roncador-Xingu de abrir caminhos e “limpar” os espaços ocupados, bem como trago informações sobre o principal agrupamento indígena, Kayabi, que habitava a região antes da vinda do “herói colonizador”. Também retrato, dentre as motivações políticas e econômicas de ocupação do espaço norte mato-grossense, além das iniciais explorações bandeirantes e monçoeiras, que expandem fronteiras rumo ao interior do país e, como consequência, ao interior do Estado, o espírito empreendedor tropeiro que consolida essa expansão. Finalizo a exposição desse capítulo com narrativas orais, que pretendem implementar fatos sócio-históricos e culturais da incipiente História registrada.
- Capítulo 3: identificação dos pilares teórico-metodológicos motrizes dessa pesquisa, a Geolinguística e a Sociolinguística Variacionista. Para a apresentação do método geolinguístico, iniciei apontando alguns caminhos percorridos pelos estudos dialetais no Brasil e como se apresentam os estudos contemporâneos, que ganham grande destaque no cenário atual com o surgimento do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), na última década do século XX. Nos procedimentos metodológicos, defino o instrumento da coleta de dados - o questionário linguístico -, apresento os pontos de inquérito selecionados, os sujeitos que constituem a realidade linguística local, bem como disponho sobre o método de entrevistas e critérios de transcrição que dão sustentação à composição do *corpus* de análise. Exponho, também, uma breve explanação sobre cartas ou mapas linguísticos, que pretendem, em meu estudo, retratar um recorte do falar que se apresenta no norte de Mato Grosso e mostrar a distribuição dos itens lexicais nos determinados pontos de inquérito pesquisados. Discorro, ainda, sobre as orientações de análise que serão mobilizadas no capítulo posterior.

2) O segundo tomo é formado pelo mais extenso capítulo, 4, desta pesquisa sócio-semântico-lexical, pois compreende =

- Capítulo 4: a disposição do *corpus* responsivo em tabelas e cartogramas com os itens lexicais relacionados a cada um dos 210 conceitos/pergunta do questionário semântico-lexical, de acordo com a distribuição em respectivas áreas semânticas. Ao final de cada uma das catorze áreas semânticas, apresento um histograma que exhibe os itens lexicais de maior frequência entre os gêneros, ou seja, a norma linguística que aflui das questões que a integram. E, após a indicação do(s) critério(s) metodológico(s) de escolha do(s) item(s) para análise, faço os apontamentos sócio-semântico-lexicais analíticos das palavras selecionadas, que formam um total de 36.

3) No terceiro e último tomo encontram-se a Conclusão, as Referências e os Apêndices, que mostram em sua composição:

- Conclusão: síntese reflexiva da pesquisa, assim como sobre as respostas encontradas às questões norteadoras no decorrer do estudo e sucinta explanação sobre os objetivos alcançados no término da feitura dos trabalhos.
- Referências: abarca o referencial bibliográfico que integra todo o corpo organizativo da pesquisa, ou seja, a bibliografia citada de forma direta ou indireta em todas as partes que constituem os tomos deste trabalho.
- Apêndices: compostos pelos relatos de experiências pessoais de vinte pioneiros e suas respectivas identidades e pelas fichas de identificação dos jovens.

1 MATO GROSSO: MATIZES DOS PERCALÇOS E PERCURSOS DE POVOAMENTO

Mapa 2⁴: A Localização do Estado de Mato Grosso no Brasil e na América do Sul.

Fonte: Antônio Tadeu de Azevedo. Acervo Particular. Ago. de 2012.

A história da colonização do Brasil atribui a portugueses e espanhóis a posse, divisão e disputas pelas terras sul-americanas. Esse cenário aparece em meio às expansões marítimas lideradas por esses dois povos que “descobriram” territórios desconhecidos até então. Assim, com o descobrimento do “novo mundo” vislumbrado

⁴O mapa acima tem o propósito de situar ao leitor a localização do Estado de Mato Grosso no contexto geográfico brasileiro, assim como a sua Capital, Cuiabá, e a cidade polo do norte deste Estado, Sinop.

por Cristóvão Colombo, que aporta na América em 1492, as duas coroas ibéricas, Portugal e Espanha, passam a desejar as riquezas e as opulências nela contidas.

Para atenuar o clima bélico que se impunha, firma-se um tratado de limites em 1494, denominado Tratado de Tordesilhas, que, segundo Siqueira (2002, p. 24), divide o mundo americano em duas partes “cabendo a Portugal as terras que se situassem até 360 léguas a Leste das Ilhas de Cabo Verde, e cabendo à Espanha as do lado Oeste desse limite”. Dessa forma, as terras mato-grossenses pertenciam oficialmente à Espanha, que, todavia, se deteve na exploração de metais preciosos e da agricultura no extremo ocidente de seus domínios geográficos durante todo o século XVI, por essa razão o espaço territorial de Mato Grosso continuou “abandonado” durante todo esse século. No mapa, abaixo, é possível verificar a linha divisória que compartia as terras americanas e deixa entrever uma extensão de território maior pertencente à Espanha:

Mapa 3: Linha divisória do Tratado de Tordesilhas.

Fonte: <http://profsu.pbworks.com/w/page/18874768/Tratado-de-Tordesilha>.

Acessada em 27 de jan. de 2011, às 17h e 9min.

Como os espanhóis não demonstravam interesse pela colonização desse espaço geográfico, os portugueses, que inicialmente também se limitaram à faixa litorânea brasileira, mais especificamente os denominados bandeirantes e monçoeiros paulistas, durante o século XVII, organizaram jornadas ao interior do Brasil em busca de minérios e de mão de obra escrava a partir do aprisionamento de índios. Segundo Toledo e Moraes (2005, p. 69), “as bandeiras deram início ao grande movimento de expansão para o oeste no século XVII”.

No século XVIII, o movimento das monções, tal como eram chamadas as expedições fluviais dos colonizadores/exploradores, intensificou-se, e, devido a essa expansão, o centro-oeste brasileiro passou a ser ocupado:

A história das monções de Cuiabá é, de certa forma, um prolongamento da história paulista, em sua expansão, ocupação, e na organização do espaço no Brasil central pelos colonizadores. Ela ocorreu a partir da descoberta das minas de ouro dos rios Coxipó e Cuiabá, quando Pascoal Moreira Cabral, em 1718, encontrou granetes de ouro cravados nos barrancos do Coxipó-Mirim. Vinte e dois sertanistas da comitiva firmaram então o termo lavrado para a notícia do descobrimento que corresponde à própria fundação do arraial de Cuiabá. [...] Em 1748, Mato Grosso foi elevada a capitania independente de São Paulo, sendo seu primeiro governador D. Antônio Rolim de Moura. (TOLEDO E MORAES, 2005, p.69-70).

Em oito de abril de 1719, portanto, foi fundado o Arraial do Bom Jesus de Cuiabá, dando início à ocupação territorial de Mato Grosso. E, de acordo com Panosso Netto (2000, p.18), “foram tantos os migrantes que correram à região que, em 1722, Cuiabá já era uma das cidades mais populosas do reino português na América”.

Os temores metropolitanos de perder os novos territórios conquistados começaram a desvanecer após a assinatura de um novo acordo deliberado entre os reinos de Portugal e da Espanha, o Tratado de Madri, assinado em 1750, que, conforme Siqueira (2002), legitimava aos lusitanos as conquistas das terras por eles até então efetivadas.

Contudo, é importante salientar que, com a fundação da Capitania de Mato Grosso, a coroa portuguesa, preocupada em proteger as terras mato-grossenses, solicitou a construção de uma capital no vale do rio Guaporé. Nasce, então, no ano de 1752, a primeira capital mato-grossense, Vila Bela da Santíssima Trindade. No entanto, já em 1821,

[...] devido à valorização do comércio, o transporte pela Bacia do Prata e a consolidação da posse das terras a Oeste da capitania levaram Vila Bela a dividir o controle administrativo com Cuiabá. Esse fator acabou preparando a transferência oficial do poder político para Cuiabá, ocorrido em 1835. (PANOSSO NETTO, 2000, p.20).

Inicialmente, a livre navegação, que permitia abastecer os novos povoados e transportar pessoas, foi a grande responsável por aumentar o desenvolvimento econômico e populacional da região e, conseqüentemente, estimular o processo de colonização. Nesse contexto, “as fronteiras do Período Colonial não se restringiam a meros marcos geográficos, mas correspondiam aos limites fixados pela movimentação dos homens no território” (Siqueira, 2002, p.50).

1.1 Processos migratórios: interiorização

A descoberta de veios auríferos nos solos mato-grossenses foi amplamente difundida pelo reino português, o que despertou grande euforia em toda a província brasileira. Assim, um grande contingente de homens e de mulheres começa a deslocar-se para as novas fronteiras com o intuito de enriquecimento, essencialmente pelos lucros com as minas de ouro. No entanto, a falta de planejamento e a extração rudimentar das jazidas acabavam por esgotá-las rapidamente. Dessa forma, ainda de acordo com Siqueira,

[...] os mineiros mais afoitos, na ânsia de encontrar ouro em maior profusão, deixavam Cuiabá, seguindo rumos diversos. Dessa movimentação, foram descobertas outras jazidas de menor proporção, responsáveis pelo povoamento de área a Oeste. (SIQUEIRA, 2002, p.40).

Tal assertiva é reforçada ainda por Siqueira *et ali* (1990, p.15), ao enfatizarem que, “com o ouro ocorreu um aceleração do processo de interiorização, primeiramente pela ação dos bandeirantes e, depois, pela vinda de migrantes: tropeiros, monçoeiros, mineiros, criadores de gado, clérigos, profissionais liberais e agricultores”.

Essa miscelânea de gentes oriundas de lugares diversos e adeptas às mais distintas profissões foi essencial para a manutenção e desenvolvimento da região centro-oeste a partir da redução das atividades de exploração do ouro, quando a crise econômica começa a ser sentida em grande proporção. Desse modo, já no final do século XVIII sentiu-se a necessidade da implementação de outras fontes econômicas que pudessem fortalecer a renda das famílias e mantê-las nas terras mato-grossenses. Começam a ganhar destaque, então, a agricultura de subsistência, a criação de gado e o fortalecimento do comércio.

Para Bertoldo (2007, p.29), “no século XIX os exploradores e colonizadores de Mato Grosso mudaram seu foco e centraram seus interesses na pecuária extensiva, exploração da borracha, da erva-mate, da poaia e na industrialização do açúcar”.

Cabe destacar, contudo, que a colonização dirigida⁵ em Mato Grosso apenas é estimulada nas primeiras décadas do século XX. Assim, tanto o Estado quanto a iniciativa privada passam, já nos anos 30 desse século, a lançar olhares para o imenso

⁵ Conforme Panosso Netto (2000), colonização dirigida é aquela planejada pelo Estado ou por empresas particulares.

“vazio” que ainda se fazia sentir em amplos espaços do território mato-grossense. Nos anos 40 o então presidente Getúlio Vargas aguça ainda mais os ânimos para a colonização do centro-oeste ao criar a Marcha para o Oeste.

O objetivo era desbravar uma parte do Brasil, até então desconhecida e isolada do contexto nacional, e realizar obras de infra-estrutura para permitir sua ocupação por não-índios e integrar economicamente o Centro-Oeste ao Norte e Sul do país. Paralelamente Vargas organizou a Expedição Roncador-Xingu, cuja missão era abrir o caminho e realizar o reconhecimento oficial das áreas ocupadas pelos povos indígenas. [...] A expedição era subordinada à Fundação Brasil Central (FBC), criada no mesmo ano, 1943, cuja meta era estabelecer núcleos populacionais. (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, out. de 2003).

Ressalta-se, também, segundo Ribeiro e Silva (2010), que a Expedição Brasil Central foi responsável pela fundação de diversas cidades no centro-oeste e motivadora para a mudança da Capital Federal do Rio de Janeiro para o interior, no caso, Brasília. Dessa forma, ao inaugurar Brasília em 21 de abril de 1960, o então Presidente da República Juscelino Kubitschek dava prosseguimento no projeto idealizado por Getúlio Vargas ao forçar o deslocamento do Estado e de considerável contingente populacional para o centro do país, investindo em transportes e comunicação (sobretudo estradas) que possibilitaram, ao menos em grande medida, a tão desejada integração nacional⁶.

Os contratos de colonização em Mato Grosso, por sua vez, começam a surgir efetivamente nos anos 50. De acordo com Campos,

O Governo de Mato Grosso fá-los com particulares ou empresas organizadas, desde que cumpram condições específicas e ofereçam garantias, que se estendem desde o estrito respeito às disposições de leis federais e estaduais, até o requisito básico da capacidade financeira. (CAMPOS, 1960, p.161).

Esse plano de colonização inicial, desenvolvido pelo governo estadual de Fernando Corrêa Costa (1951-1955), é abandonado pelo governo seguinte, de João Ponce de Arruda (1956-1961), que passa a incentivar a venda de terras já supostamente comprometidas por contratos a grupos colonizadores particulares, que podiam revendê-las, mesmo os que não cumpriram com as exigências legais. A iniciativa de colonização,

⁶ Conforme informações retiradas de REVISTA NOVA ESCOLA. **Marcha para os sertões: o processo de ocupação do interior do Brasil**. Editora Abril. Disponível em <http://revistaescola.abril.com.br/ensino-medio/plano-de-aula-historia-marcha-serto-es-processo-ocupacao-interior-brasil-717866.shtml>, Acessado em 28 de mar. de 2013, às 12h e 28min.

dessa maneira, deixa de ser de responsabilidade do Estado e passa a ser, prioritariamente, da iniciativa privada.

1.2 A região norte mato-grossense: políticas de ocupação

O processo de ocupação do espaço geográfico pertencente à região norte mato-grossense tem início, fundamentalmente, a partir das incursões na mata realizadas pela comitiva da Expedição Roncador-Xingu⁷. Segundo Souza (2004), o cotidiano da Expedição era composto por caminhadas, abertura de picadas na floresta, observação do ciclo das águas, demarcação dos espaços e contato com os índios. Esse trabalho pioneiro realizado foi essencial para o posterior surgimento de vilas e cidades ao longo dos piques e estradas abertas pelos expedicionários.

A expedição Roncador-Xingu deixou números impressionantes: 1.500 quilômetros de picadas abertas, 1.000 quilômetros de rios percorridos, 43 vilas e cidades nascidas no roteiro da marcha, 19 campos de pouso, tendo quatro se tornado bases militares e ponto de apoio de rotas aéreas, e cerca de mil índios contatados. (SOUZA, 2004, p.40).

Ressalta-se que a ocupação, que se intensifica na década de setenta do século XX, é resultado do estímulo federal à colonização de toda a Amazônia Legal⁸, considerada até então uma região distante e inacessível. Um dos primeiros programas implantados que objetivava ocupar os espaços do imenso território florestal foi o Programa de Integração Nacional – PIN, desenvolvido com o propósito de promover uma rápida integração da Amazônia mato-grossense à economia nacional. Dentre as atividades propostas pelo PIN destacam-se a construção da Transamazônica e da Cuiabá-Santarém, o que estimula a colonização e a exploração econômica das áreas ‘desapropriadas’ ao longo destas rodovias.

O sancionamento deste Projeto de Integração Nacional se efetua pelo Presidente da República à época General Emílio Garrastazu Médici, especificamente pelo Decreto-Lei número 1.106, de junho de 1970. Assim, inicia-se a mais ambiciosa estratégia

⁷A marcha tinha por finalidade, além de ocupar os *espaços vazios* do Brasil Central, construir campos de pouso até Manaus. Havia um temor nacionalista de que houvesse um grande deslocamento de colonos europeus para o Brasil em consequência da II Guerra Mundial. (ARNT *et al*, 1998).

⁸A região norte mato-grossense está inserida em uma ampla região denominada Amazônia Legal, área que ocupa 61% (sessenta e um por cento) do território brasileiro, criada para efeito de ação governamental, possuindo leis diferenciadas do restante do país em relação a incentivos fiscais, e que hoje é composta pela superfície total dos Estados do Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Mato Grosso, Tocantins e, parcialmente, o Estado do Maranhão (a oeste do meridiano 44 N) e norte de Goiás. (PITOMBO-OLIVEIRA, 2007).

política geoeconômica da Ditadura Militar: o processo de transformação, exploração e ocupação da última fronteira agrícola do país, induzido por propagandas de terras ‘férteis’, incentivos fiscais, financeiros e promessas de lucros fáceis e ascensão social. Dois slogans são amplamente propagados neste período: *Integrar para não entregar* e *levar os homens sem-terra para as terras sem homens*.

1.2.1 A iniciativa privada: empresas colonizadoras particulares

Com a transferência da colonização oficial para a iniciativa privada, como visto acima, as empresas particulares encarregaram-se de colonizar as terras da Amazônia Legal. Tal atitude foi reforçada por argumentos que defendiam e priorizavam a agricultura moderna e extensiva, sendo que, nessa perspectiva, somente o espírito empresarial é que poderia realizá-la com eficiência. Este é o primeiro passo para uma chamada “sólida aliança” entre ‘cofres públicos’ e ‘espírito empresarial’.

Começa-se, desse modo, a apropriação de grandes porções de terra por colonizadoras particulares que, aproveitando-se das condições e incentivos da política fundiária de regularização e venda de terras no Estado de Mato Grosso, denominadas terras devolutas/públicas, passam a comercializar os grandes latifúndios adquiridos a pequenos agricultores, a maioria proveniente do sul do país e que enfrentavam dificuldades financeiras naqueles Estados.

Nesse contexto, resalto dentre o grande contingente de migrantes que adquiriu pequenas porções desses latifúndios, os expropriados do oeste paranaense pela construção da Hidrelétrica de Itaipu que foram obrigados a se deslocar de suas propriedades rurais no Paraná em busca de uma nova condição social, econômica e geográfica. Segundo Fiorentin,

[...] a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, anunciada como a maior usina hidrelétrica do mundo, apresentou um paradoxo: ao mesmo tempo em que era apontada como uma obra que traria desenvolvimento e modernização para a região oeste paranaense, selou a exclusão dos agricultores atingidos pelo represamento das águas do rio Paraná pela barragem da usina. [...] Estima-se que tenham sido expropriadas 43 mil pessoas, entre proprietários de terras, posseiros, arrendatários e índios guaranis. [...] quando o agricultor já possuía mais de 60 anos, muitas vezes optava por residir no núcleo urbano mais próximo de sua antiga moradia, ou em pequenas chácaras, deixando para os filhos a tarefa de desbravar novas terras em fronteiras agrícolas do Paraguai ou nas regiões Norte e Centro-Oeste do Brasil. Com o valor da indenização, parte das famílias de agricultores que migraram do Rio Grande do Sul, nas décadas de 1940

a 1950, viu-se obrigada, a partir das décadas de 1970 a 1980, a iniciar mais um processo migratório. (FIORENTIN, 2010, p.16-23).

Assim sendo, conforme Philippsen (2007), a transferência de responsabilidade da venda das terras é vista de maneira positiva pelos governos militares e seria o principal instrumento da contrarreforma agrária, centralizadora e seletiva, impedindo o acesso espontâneo dos migrantes às terras mato-grossenses pertencentes à União.

Dessa forma, quando em 1971 o Decreto-Lei número 1.164, de primeiro de abril, declara indispensáveis à segurança e ao desenvolvimento nacional as terras devolutas situadas na faixa de 100 km de largura de cada lado do eixo das rodovias da Amazônia Legal, entre elas a BR-163, encontra poucas terras nestas condições. A maioria já possuía proprietários, muitas delas de segunda revenda, e ao INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) coube apenas aprovar os projetos particulares de colonização, de acordo com a legislação vigente.

Para Moreno (1998), grandes atos de corrupção marcam esse período inicial de acesso às terras. Entre os envolvidos encontravam-se funcionários, representantes do grande aparato jurídico-político que foi montado para a distribuição e a legitimação de propriedades rurais aos interessados de diferentes espaços brasileiros. Assim, grandes transações de terras foram efetuadas neste momento histórico e marcaram, fundamentalmente, a apropriação capitalista de grandes latifúndios que trouxeram benefícios pessoais ou políticos segundo interesses específicos da burguesia rural e empresarial.

Gradualmente, então, começa a ocupação das terras norte mato-grossenses, tendo como pioneiros migrantes, inicialmente, uma grande quantidade de pequenos agricultores vindos do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, que, ao venderem ou perderem suas pequenas propriedades naqueles Estados, instalavam-se nas áreas oferecidas pelas colonizadoras particulares da Amazônia mato-grossense. Segundo Covezzi e Preti (2000, p.90), “a adoção do modelo político de modernização da agricultura pelo governo militar provocou um fluxo migratório intenso de produtores rurais do sul em direção ao norte do Mato Grosso e Rondônia”.

Conforme Souza (2004), entre os anos 70 e 80 do século passado, estimuladas pelos “programas especiais” de incentivos fiscais concedidos pelo Governo Federal, foram registradas 33 (trinta e três) empresas privadas que implantaram 88 (oitenta e

oito) projetos de Colonização. Destas, darei especial atenção ao Grupo Sinop (Sociedade Imobiliária do Noroeste do Paraná Ltda.), que inicia suas atividades no norte de Mato Grosso em 1971, ano em que o INCRA aprova o projeto de aquisição das terras da Gleba Celeste⁹, sendo estas terras compradas de terceiros, pois o governo do Estado já as havia ‘vendido’ anteriormente.

Na foto a seguir, de vista aérea, pode-se observar o início das atividades de desmatamento das terras da Gleba Celeste, bem como as primeiras edificações que se fundam na comunidade de Vera, primeira das quatro cidades idealizadas pela equipe colonizadora liderada pelos empresários Enio Pipino e João Pedro Moreira de Carvalho:

Fotografia 1: Início das atividades de desmatamento das terras da Gleba Celeste.
Fonte: Colonizadora Sinop S.A., Acervo Particular, set. de 1971.

A “nova fronteira” começa, assim, a modificar, definitivamente, a sua paisagem territorial de acordo com os novos propósitos econômicos. A Amazônia Legal passaria, então, nesse espaço, a exercer atividades primárias, tais como o extrativismo florestal, seguido de agricultura extensiva, bem como da pecuária.

1.2.2 Colonizadora Sinop: fundação das cidades

⁹Grande extensão de terras na Amazônia mato-grossense, pertencentes então ao município de Chapada dos Guimarães (à época maior município em extensão do Estado de Mato Grosso) e que deu início à colonização do “Núcleo Colonial Celeste”. Este núcleo, mais tarde denominado “Gleba Celeste”, através de novas aquisições chegou a 645.000 hectares. (SOUZA, 2004).

A Sociedade Imobiliária do Noroeste do Paraná Ltda., com sede na cidade de Maringá no Estado do Paraná, já possuía vasta experiência de colonização neste Estado. Os principais nomes empreendedores responsáveis pela Colonizadora, Enio Pipino e João Pedro Moreira de Carvalho, movidos pelo entusiasmo da ‘conquista da Amazônia’, procuram repetir, “no norte de Mato Grosso, o mesmo esquema de colonização para pequenos proprietários, de alardeado sucesso na frente pioneira daquele Estado sulino”. (AUBERTIN *et ali*, 1984, p.26-27).

Na época em que a Colonizadora Sinop iniciou os trabalhos de demarcação e abertura da Gleba, a ligação de Cuiabá com o médio norte do Estado era feita por uma única estrada que não era pavimentada e partia da capital rumo às cidades de Rosário Oeste e Nobres, chegando até onde hoje se encontra o posto Gil. Dali a estrada seguia em direção à cidade de Diamantino, uma das cidades mais antigas do Estado. Do médio norte em direção ao norte de Mato Grosso, a ligação era feita somente por via fluvial, através dos rios Arinos, Verde, Xingu e Teles Pires, em cuja bacia hidrográfica habitavam os índios Kayabi e Bakayri que deixaram inúmeros vestígios de sua cultura, objetos de pedra e cerâmica, inclusive no rio Kayabi, próximo a Sinop, a maioria infelizmente destruídos. (ERARDI, 2007, p.22).

A ‘conquista da Amazônia’, contudo, de acordo com Erardi, não se fez sem o custo de muitas adversidades, dentre elas as dificuldades de acesso iniciais a esse espaço geográfico, que imprimiam o necessário deslocamento por estradas não pavimentadas e travessia por rios em que não havia pontes, sendo, então, balsas ou pequenos botes os únicos meios disponíveis para se chegar a outra margem.

Mesmo assim, impelidos pela obstinação, o primeiro grupo de trabalho da Colonizadora foi comandado por Ulrich Grabert e pelo agrimensor Carlos Benito Spadoni, que iniciaram as atividades de demarcação da Gleba. Conforme Panosso Netto (2000), o primeiro lote de terras adquirido foi denominado de Núcleo Colonial Celeste 1, e dividido em três partes: a) a primeira, com 63.741,30 ha., denominada de Vera; b) a segunda, com 64.407,67 ha., chamada de Santa Carmem; c) e a terceira, com 59.519,00 ha., designada de Sinop. Em meados da década de 70 do século XX a Colonizadora Sinop comprou mais 80.000 ha. e criou o Núcleo Colonial Celeste 2, implantando a quarta parte do projeto, nomeada de Cláudia.

Para Oliveira (1982), a divisão territorial da Gleba Celeste seguiu o plano de urbanismo rural projetado pelo INCRA e transformado em documento governamental em 1973. Por este modelo Sinop foi classificada como “Rurópolis”, Vera, Santa

Carmem e Cláudia como “Agrópolis”, e os centros convergentes rurais como “Agrovilas”.

Em documento encontrado na Colonizadora Sinop (s/d), referente ao histórico da Gleba Celeste, apreende-se o fato da intenção dos fundadores de homenagear as mulheres trabalhadoras do campo ao atribuir às cidades e à toda organização territorial nomes femininos:

[...] que todo loteamento da GLEBA CELESTE, as cidades, estradas, córregos, ribeirões, e os bairros, recebessem nomes de mulheres e que passariam a fazer parte integrante da história do trabalho colonizatório da COLONIZADORA SINOP S.A.; isto em homenagem à MULHER que, anonimamente, presta grandes serviços às comunidades rurais brasileiras. As MULHERES, dentro da pureza de sua criação do bem familiar, contribuem, dão significado e tornam possível a visão de um futuro de paz e progresso. (COLONIZADORA SINOP, 5ª parte, s/d.).

Além dos nomes femininos das cidades apresentados acima, pode-se citar, também, nomes de bairros rurais, córregos e estradas, tais como: Roberta, Rosa, Leonor, Angélica, Eunice, Jussara, Lídia, Irene, Beatriz, Veruska, Fátima, Mônica, Lenita, dentre outros.

1.2.2.1 A cidade de Vera

Mapa 4: Cidade de Vera: localização.

Fonte: <http://www.mtseusmunicipios.com.br/NG/conteudo.php?sid=244&cid=2567>.

Acessado em 03 de fev. de 2011, às 10h e 58min.

No mapa acima é possível verificar a localização da cidade de Vera, município norte mato-grossense, situado a uma latitude 12°18'21" sul e a uma longitude 55°19'01" oeste, estando a uma altitude de 383 metros. Seus municípios limítrofes são Sinop, Santa Carmem, Feliz Natal, Nova Uiratã e Sorriso, e sua distância da capital Cuiabá é de 480 km. Possui uma área de 2.989,11 km². As principais formas de acesso à cidade são a MT 225 e a MT 140.

Com relação ao marco histórico de sua fundação, registra-se que no final de 1970, a equipe coordenada por Ulrich Grabert e pelo agrimensor Carlos Benito Spadoni chega até a beira do rio Cayabi, onde foi feita a primeira derrubada de mato e espaço que serviu de acampamento para todos os funcionários da Colonizadora, como também para todos os primeiros compradores de terras. Em seguida, pela planta da cidade, foram derrubados mais cinco alqueires de mata e demarcado o centro do que é hoje Vera. Paralelamente a esses trabalhos, a estrada Rosa, que liga Vera a Sinop, foi feita com enxadas, foices, picaretas e machados, pois ainda não havia tratores, até o córrego Leonor (cerca de 15 km), bem como o campo de aviação. (PANOSSO NETTO, 2000).

De acordo com depoimentos coletados junto aos pioneiros, de meados de 1971 até o final do ano seguinte atingiu-se o número aproximado de cem barracas montadas à beira do rio, que permaneceram ali até o término da construção de suas casas na clareira aberta para a instalação da futura cidade de Vera ou nos lotes rurais, que haviam adquirido.

Em 72 chegamos em Vera. Mas naquela época a gente morava tudo nas barraquinhas de lona, né. Descarregamos a mudança de dentro do caminhão, em Vera, em maio, aí quando foi naquela semana eles estavam preparando a inauguração da cidade de Vera. [...] Nós viemos em quatro famílias naquela época e eu era nova e chorava pra não vim. [...] Nós viemos do Estado de São Paulo em janeiro, eles (as outras famílias) vieram do Paraná. Nós saímos em janeiro, chegamos aqui em Vera em maio, que eles falavam Gleba, três meses nós gastamos de mudança. Porque naquela época não tinha estrada. [...] Só que eles se acamparam lá em Vera e eles abriram no fundo do sítio primeiro¹⁰.

Nesse depoimento tem-se uma ligeira exemplificação das dificuldades e adversidades encontradas pelos ‘desbravadores’ da floresta, homens, mulheres e crianças, destemidos, que acreditavam na possibilidade de melhoria de vida e na “busca

¹⁰ Depoimento fornecido pela pioneira Maria Aparecida da Silva Fernandes em nov. de 2010.

do mel¹¹”. Na foto a seguir pode-se observar a clareira aberta na mata e as primeiras construções de casas feitas no povoado de Vera:

Fotografia 2: Primeiras construções de casas no povoado de Vera.
Fonte: Colonizadora Sinop S.A., Acervo Particular, maio de 1972.

Inicialmente, o projeto original da Gleba Celeste previa a passagem da BR 163 pela cidade de Vera, contudo, por interesses econômicos e influência política ocorre a alteração do traçado inicial, que se desloca para a área em que será implantada, no ano que se segue, a incipiente cidade de Sinop. Vera foi inaugurada oficialmente no dia 27 de julho de 1972. Uma missa foi celebrada em meio à floresta, onde estava sendo construída a primeira Igreja da cidade. Mais de mil pessoas estiveram presentes na festa, que teve o banquete preparado pela Churrascaria Chopim, de Londrina/PR. (PANOSSO NETTO, 2000).

A empresa colonizadora nos primeiros anos de colonização foi a responsável por todas as atividades socioeconômicas desenvolvidas na Gleba, visto que, de acordo com Aubertin *et ali* (1988, p.31), para o grupo colonizador “os ‘custos amazônicos’ são amplamente financiados pela SUDAM (Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia), Banco do Brasil e Pró-Terra”.

Assim, a Colonizadora, por possuir um motor gerador central, fornecia energia elétrica aos primeiros centros comerciais, bem como à Igreja Católica, que iniciou suas

¹¹ Conforme Picoli (2004), metáfora usada para demonstrar que as pessoas que se deslocam para a Amazônia buscam um sonho “doce dourado”.

atividades oficialmente em 1973, com a vinda do padre Antônio Heidler, e ao hospital Maria Auxiliadora, em que se destacam e se fizeram conhecidos por todo o norte de Mato Grosso os trabalhos da irmã Maria Adelis no combate à malária, que assolava e matava muitos membros das famílias pioneiras.

Nessa mesma época, três poços artesanais foram construídos para atender a população e os primeiros funcionários foram contratados e recebiam seus salários pela empresa, tal como as primeiras professoras primárias, dentre elas a dona Maria do senhor Izídio, ele era carpinteiro e ela era professora¹².

Logo no início da implantação da Gleba Celeste organizou-se, também, a formação da COMICEL – Cooperativa Mista Celeste - aprovada pelo INCRA através do documento nº 95/72, de 27 de setembro. Desse modo, conforme Panosso Netto (2000, p.65), os proprietários das terras já no momento da aquisição se tornavam cooperados pela cobrança de 1% do valor do contrato da compra, o qual seria utilizado no auxílio ao fornecimento de sementes, mudas, agrotóxicos, adubos e na compra e venda dos produtos.

Contudo, os primeiros experimentos, relacionados ao plantio do café e da mandioca, fracassaram, o que se pode justificar pelo desconhecimento técnico, geográfico e ambiental, fundamentalmente relativo ao solo e ao clima da região, e, ainda, à falta de experiência dos pioneiros que atuavam em outras atividades no sul do país ou com outras variedades de produção.

Entre 72 e 79, com o fracasso do café e das ‘lavouras brancas’, não houve produção e os agricultores, sem renda, esgotaram seus últimos recursos. Nessa ocasião, a cooperativa tomou empréstimo em seu próprio nome, distribuindo-o entre os que se encontravam em maiores dificuldades, fazendo, posteriormente, um acerto de contas entre os colonos. Esse procedimento visava amparar a produção e salvar o projeto, que já havia atingido quase 12% de abandono, limite extremo admitido como suportável para um projeto de colonização privado. (VIDIGAL, 1992, p.132).

Com a ‘quebra’ da agricultura, os colonos que permaneceram na região, muitos por falta de dinheiro para voltarem aos seus Estados de origem, lançam-se nos trabalhos de exploração e de extração de madeira. Dessa maneira, muitos pioneiros, privados da produção agrícola, segundo Costa (2004), passam a atuar nas frentes madeireiras que se

¹²Segundo relato da pioneira Maria Aparecida da Silva Fernandes em nov. de 2010.

instalam neste espaço geográfico, principalmente porque estas não exigiam alto índice de escolaridade e mão de obra qualificada. A devastação, nesse momento histórico, era sinônima de progresso. E, nesse sentido, as madeireiras que foram implantadas serviam para “limpar o terreno”.

Durante toda a década de 70, todavia, a exploração da madeira na Gleba Celeste estava restrita a pequenos empreendedores, que apenas produziam para o sustento das famílias, sem grandes investimentos que buscassem aumentar a produção. Entretanto, no início dos anos 80, grandes grupos capitalistas se instalaram na região e a extração da madeira passou, então, a ser a principal atividade econômica local. (PANOSSO NETTO, 2000).

Assim, a madeira tornou-se, conseqüentemente, o principal produto de industrialização e de comercialização da região. No entanto, Souza (2004) nos chama a atenção para a escassez de recursos empreendidos nesta atividade econômica. A ineficiência do capital empregado reflete-se tanto nas empresas instaladas quanto nas políticas disponibilizadas pelo poder público. As indústrias do setor, em geral, não estavam capacitadas tecnologicamente e se utilizavam de técnicas rudimentares para o beneficiamento da matéria-prima extraída.

Porém, mesmo com estruturas em que o planejamento não recebeu a atenção necessária, a atividade desenvolveu-se a passos largos e continua a ter grande destaque na economia das quatro cidades (Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia) que compunham o Projeto Gleba Celeste, idealizado pela Colonizadora Sinop.

Ainda de acordo com Panosso Netto (2000), a cidade de Vera, que se localiza a uma distância aproximada de 50 km da cidade polo, Sinop, via caminho primitivo (por Santa Carmem), apresenta em seus registros históricos a elevação à categoria de distrito de Chapada dos Guimarães em 29 de junho de 1976, pela Lei nº 3.755. Depois, pela Lei nº 4.156, de 17 de dezembro de 1979, tornou-se distrito de Sinop, e, finalmente, em 13 de maio de 1986, o então governador Júlio Campos sancionou a Lei nº 5.003, que elevou Vera à categoria de município.

Atualmente, Vera conta com uma população de 10.235 habitantes¹³, que continua a atuar em atividades relacionadas à economia madeireira ou à reestruturada

¹³De acordo com dados do censo 2010, publicados no Diário Oficial da União do dia 04 de nov. de 2010. Acentua-se que, segundo essa mesma fonte, em 2000 a população era de 9.055 habitantes.

agricultura, principalmente na produção de grãos como a soja, o arroz e o milho. Na foto abaixo, que expressa uma rápida visão panorâmica, pode-se observar a organização estrutural atual dessa planejada cidade:

Fotografia 3: Vista aérea atual da cidade de Vera.

Fonte: <http://www.vera.mt.gov.br/index.php?mega=empresa&cod=1>.

Acessada em 07 de fev. de 2011, às 11h e 39min.

1.2.2.2 A cidade de Santa Carmem

Mapa 5: Cidade de Santa Carmem: localização.

Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/3/30/MatoGrosso_Municip_SantaCarmem.svg/280px-MatoGrosso_Municip_SantaCarmem.svg.png. Acessada em 04 de fev. de 2011, às 15h e 22min.

No mapa acima é possível verificar a localização da cidade de Santa Carmem, município norte mato-grossense, situado a uma latitude 11°54'46" sul e a uma longitude 55°13'34" oeste, estando a uma altitude de 386 metros. Seus municípios limítrofes são Vera, Sinop, Cláudia, União do Sul e Feliz Natal, e sua distância da

capital Cuiabá é de 530 km. Possui uma área de 3851,87 km². As principais formas de acesso à cidade são a MT 442 e a MT 140.

Historicamente, as terras do Núcleo Colonial Celeste 1, adquiridas para a construção da cidade de Santa Carmem, receberam seus primeiros colonizadores após a abertura de estradas realizadas pelos homens integrantes da comitiva de Ulrich Grabert e do agrimensor Carlos Benito Spadoni, conforme já especificado acima. Após as estradas abertas até Vera, os trabalhos continuaram no ano de 1972, ao norte, até se encontrarem as coordenadas dispostas no parágrafo anterior, na bacia do rio Xingu¹⁴, em que se fundou o povoado de Santa Carmem, que dista 38 km da cidade polo da Gleba Celeste, Sinop.

Todavia, os moradores, no início da colonização, mesmo recebendo lotes gratuitos no espaço urbano, fornecidos pela Colonizadora Sinop aos colonos que adquiriam terras na Gleba Celeste, optaram em fixar-se nas áreas rurais, como relata a pioneira Ana Fátima Bremide, 55 anos, residente na cidade desde 1973, “tinha mais gente morando nos sítios que na própria cidade”. As primeiras casas, de acordo com essa entrevistada, foram feitas de taipa¹⁵.

Meu pai veio em março de 73, a gente embarcou lá no Paraná e chegamos aqui em Santa Carmem sem ter casa onde morar. [...] daí a gente ficou com a mudança em cima do caminhão por trinta dias, enlonado o caminhão, né. Nesse tempo, a Colonizadora, que tinha um escritório que ainda estava semiacabado, faltava janela e porta, ali a gente ficou, fez a cozinha. Você imagina a aventura! Tinha só um cômodo, dividido por sete pessoas. Pegávamos água num poço que tinha em frente. Daí os homens, os meus irmãos, dormiam em cima do caminhão, para o meu pai e minha mãe eles (a Colonizadora) arrumaram um quarto num hotel, diziam que era um hotel porque era parecido, tinham três ou quatro quartos, e nós (as mulheres) dormíamos nessa cozinha, nesse escritório que era a cozinha. [...] Eu comecei logo a trabalhar aqui no Correio, que era o único emprego na cidade e eu era a única pessoa interessada. O correio era da Colonizadora, ela que administrava. Cada cidade tinha um escritório e tinha um gerente, e também tinha tipo um postinho de saúde, que atendia os primeiros socorros¹⁶.

¹⁴Dados obtidos no *site* oficial da Prefeitura Municipal de Santa Carmem no *link* **Geografia: aspectos físicos**. Disponível em: <http://www.santacarmem.mt.gov.br/Geografia/>. Acessado em 20 de jan. de 2011, às 15h e 22min.

¹⁵Taipa, conforme a versão eletrônica do Novo Dicionário Aurélio (2004), significa *parede feita de barro ou de cal e areia com enxaiméis e fasquias de madeira; tabique, estuque, taipal, pau-a-pique*.

¹⁶Atualmente Ana Fátima Bremide é diretora da Escola Estadual Nossa Senhora de Fátima em Santa Carmem. Na cidade há ainda a *Escola Municipal Selvino Damian Preve*, nome dado em homenagem ao pai da pioneira. (Entrevista cedida em 12 nov. de 2010).

Além dos problemas com moradia, denunciados pela entrevistada, havia ainda dificuldades com assistência médica, as mortes por malária, por exemplo, eram frequentes, falta de alimentos, de saneamento e a quase inexistente comercialização de produtos, inviabilizada, principalmente, por causa das estradas nos longos períodos de chuva. O clima, predominantemente equatorial, quente e úmido, apresenta, na região, um tempo de chuva intensa, entre os meses de novembro a abril, e uma época de relativa seca, entre os meses de abril a outubro. “A maior dificuldade era por não ter onde comprar. Chegamos aqui em março e a gente só foi comer carne de boi em dezembro. [...] Além disso, não conseguíamos vender a madeira. E o desespero era total”, complementa Ana Fátima Bremide.

Menezes (2009), em consonância com a entrevistada acima, explicita ainda que no início da colonização, os primeiros migrantes, vindos em sua maioria do sul do país, começaram o desmatamento para a própria subsistência e estavam preocupados com necessidades de infraestrutura social, religiosa e de serviços gerais. Deste modo, começaram a reunir-se em um sistema de mutirões, passando a projetar/edificar a primeira escola com a ajuda integrada da Colonizadora Sinop, assim como a primeira Igreja e as primeiras moradias do lugar. Estes migrantes precursores tiveram papéis fundamentais no processo de povoação e construção de características estruturais e culturais presentes no município até os dias atuais.

Dessa maneira, a primeira escola de Santa Carmem surgiu em 1973. Nesse momento histórico, o povoado, dividido em comunidades, ainda não era considerado município e pertencia oficialmente à Chapada dos Guimarães. Esta escola localizava-se na antiga comunidade Bela Vista, em uma casa cedida para servir como escola, e era uma extensão da Escola Estadual Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, do município de Vera. O período de subordinação dessa instituição de ensino à Vera durou quatro anos. Só pelo Processo de nº 15128/418 e Decreto de Lei nº 1.320, de 17 de Abril de 1978, foi criada a Escola Estadual de 1º Grau Nossa Senhora Aparecida, de Santa Carmem. (MENEZES, 2009).

Esse contexto rudimentar relatado acima por Menezes é reiterado pela primeira professora de Santa Carmem, Maria Aparecida da Silva Fernandes, em entrevista cedida em novembro de 2010, conforme o seguinte excerto:

Meus tios abriram o fundo do sítio e construíram uma casinha toda de barro, de pau-a-pique, coberta de palha com barro. Minha avó, meu

tio, minhas tia, todos morávamos ali. Aí eu comecei a dar aula em Carmem, em uma comunidade [...] em fevereiro de 73, na primeira escolinha. Fizeram uma sala perto do hotel, do primeiro hotel de Carmem, [...] mas não tinha professora. Por isso a Dona Maria, dona do hotel, convidou-me para morar com ela. [...] Aí eu vim ficar com ela e comecei a fazer a matrícula de todas as crianças e comecei a dar aula naquele ano. Era a primeira, segunda, terceira e quarta séries. [...] Só tinha eu de professora. Aí tinha um moreno que tava no hotel também, aí à noite nós começamos a alfabetizar os adultos, nós os ensinávamos, ele que ajudava porque eu nem sabia falar com adulto. Naquela época eu dava aula de dia e à noite eu o ajudava. E na sexta-feira à tarde meu tio vinha me buscar e eu ia embora pra casa, no sítio. [...] Foram as freiras (vindas do Paraná a pedido da Colonizadora) que ajudaram a fundar as primeiras escolas, tanto as de Vera, as daqui e as de Sinop¹⁷.

A foto abaixo, de Maria Aparecida da Silva Fernandes, intenta representar parte do acervo de documentação histórica desse segundo município idealizado pela Colonizadora Sinop:

Fotografia 4: Primeira professora de Santa Carmem, Maria Aparecida da Silva Fernandes.
Fonte: Neusa Inês Philippsen, Acervo Particular. Nov. de 2010.

Apesar de todas as adversidades descritas acima, Santa Carmem registra rapidamente aumento do fluxo migratório, dessa forma, o Diretor Presidente da Colonizadora, Sr. Enio Pepino, decidiu fundar oficialmente esse povoado em 15 de setembro de 1974, durante a festa em homenagem a Nossa Senhora das Dores. Nesse

¹⁷Entrevista fornecida pela pioneira Maria Aparecida da Silva Fernandes, que foi a primeira professora de Santa Carmem, em nov. de 2010.

mesmo dia também foi fundada a Comunidade Católica Nossa Senhora Aparecida¹⁸. Assim, aos poucos foi se desenvolvendo o comércio e as atividades comerciais foram surgindo, todavia, é importante salientar que, de acordo com o Instituto Socioambiental (out. de 2003), a situação de aquisição de terras para o pequeno e médio produtor rural só foi favorável na região até o ano de 1977, pois até então havia o amparo do projeto governamental Pró-Terra.

Com a perda desses incentivos, os novos pequenos e médios migrantes acabavam se dedicando ao comércio pela impossibilidade de comprar terras frente à expansão do latifúndio, visto que os recursos, tais como financiamentos, eram direcionados preferencialmente às grandes propriedades.

Desse modo, houve uma redução do desenvolvimento acelerado que até então vinha se processando na Gleba Celeste, aliada às experiências improdutivas que levaram ao insucesso de produções e cultivos, como os de café e os de mandioca já citados acima. Esse estado de coisas levou muitos moradores da Gleba a deslocarem-se para a cidade polo, Sinop, que desde o início de sua fundação começou a receber uma importância mais significativa de investimentos e dos olhares dos migrantes por ter sido planejada à margem da rodovia, BR-163.

É o que se pode constatar no depoimento da pioneira Ana Fátima Bremide (*ibidem*) ao tentar justificar o porquê a cidade de Santa Carmem não ter se desenvolvido como o esperado. Segundo ela, os pioneiros mudaram-se, em sua maioria, para

[...] morar um pouco melhor, pra dar estudo, por exemplo, o ensino médio, vão morar pra Sinop e vem trabalhar aqui. [...] Enquanto tinha madeireira tinha gente que tinha empregados, quando as madeiras foram diminuindo as pessoas também foram diminuindo. E quem começou a trabalhar com agricultura mudou-se pra Sinop. Daí a Carmem ficou sendo uma vila.

A criação oficial de Santa Carmem deu-se em 09 de dezembro de 1981, com a presença de autoridades em níveis federal e estadual, quando o povoado ganha foro de distrito, com território pertencente ao município de Sinop. Com a Lei Estadual Nº 5.897, de 19 de dezembro de 1991, de autoria dos deputados Hermes de Abreu e Jaime Muraro, cria-se o município:

¹⁸ Segundo relato histórico coletado no ano de 2010, pelo Sr. Edmundo Pedro Mayer, a pedido do atual bispo da Diocese de Sinop, Dom Gentil Delazzari.

- Artigo nº1 – Fica criado o município de Santa Carmem, com território desmembrado dos municípios de Sinop e de Cláudia.
- Artigo nº2 – O município criado é constituído de um só distrito, o da sede.
- Parágrafo Único – O município somente será instalado com a eleição e a posse do prefeito, do vice-prefeito, e de vereadores, conforme a Legislação Federal¹⁹.

Nas eleições realizadas em 1992, foi eleito o primeiro Prefeito Municipal, o Sr. Olidio Pedro Bortolas, tendo por vice-prefeito o Sr. Osmar Alexandre.

Em 2010 Santa Carmem contava com uma população de 4.021 habitantes²⁰, que atuam em atividades tais como indústria madeireira, agricultura, agropecuária e prestação de serviços. Na foto abaixo, que expressa uma rápida visão panorâmica, pode-se observar a organização estrutural atual dessa planejada cidade:

Fotografia 5: Vista aérea de Santa Carmem em dez. de 2008.

Fonte: <http://citybrazil.uol.com.br/mt/santacarmem/galeriafotos.php>.

Acessada em 07 de fev. de 2011, às 13h e 12min.

1.2.2.3 A cidade de Sinop - cidade polo da região norte mato-grossense

¹⁹Dados obtidos no *site* oficial da Prefeitura Municipal de Santa Carmem no link **História de Santa Carmem**. Disponível em: <http://www.santacarmem.mt.gov.br/Historia-do-Municipio/>. Acessado em 24 de jan. de 2011, às 11h.

²⁰De acordo com dados do censo 2010, publicados no Diário Oficial da União do dia 04 de nov. de 2010. Acentua-se que, segundo essa mesma fonte, em 2000 a população era de 3.599 habitantes.

Mapa 6: Cidade de Sinop: localização.

Fonte: <http://maps.google.com.br/maps?hl=pt-mapas+da+cidade+de+sinop&um=1>

Acessado em 29 de mar. de 2013, às 10h e 32min.

No mapa acima é possível verificar a localização da cidade de Sinop, município do norte de Mato Grosso, situado a uma latitude de $11^{\circ}50'53''$ sul e longitude de $55^{\circ}38'57''$ oeste, estando a uma altitude de 345 metros. É a quarta maior cidade desse Estado. Seus municípios limítrofes são Sorriso, Vera, Cláudia, Santa Carmem e Tapurah, e sua distância da capital Cuiabá é de 505 km. Possui uma área de 3.194,339 km². A principal forma de acesso à cidade é a BR-163.

Com relação ao contexto histórico, ainda em 1972 as picadas e acessos de estrada abertas pela comitiva de Ulrich Grabert e do agrimensor Carlos Benito Spadoni seguem rumo à Mesorregião 127 e Microrregião 524²¹, onde se funda, em 14 de setembro de 1974, Sinop (Sociedade Imobiliária do Noroeste do Paraná), nome dado em homenagem à colonizadora privada que a projetou. Essa região pertencia até então ao município de Chapada dos Guimarães.

Dois anos após a abertura das primeiras ruas e avenidas, das dezoito quadras iniciais e da chegada das famílias pioneiras, ocorre a fundação oficial de Sinop, que contou com a presença do Ministro do Interior, Maurício Rangel Reis, do Diretor Presidente da Colonizadora, Enio Pipino, e sua esposa, Nilza de Oliveira Pipino, o Diretor Superintendente, João Pedro de Moreira de Carvalho, os Diretores, Ascânio Batista de Carvalho, Ulrich Grabert e Wladimir Pipino, e de outras autoridades convidadas pela Colonizadora. No início da manhã do dia 14 de setembro de 1974 começam a chegar as autoridades e

²¹Conforme dados do PORTAL MATO GROSSO no link **Geografia do município de Sinop**. Disponível em [HTTP://mteseusmunicipios.com.br/NG/conteudo.php?sid=233&cid=1035](http://mteseusmunicipios.com.br/NG/conteudo.php?sid=233&cid=1035). Acessado em 24 de jan. de 2011, às 13h e 31min.

convidados no antigo aeroporto de Sinop, onde são recepcionadas pela Direção da Colonizadora. (ERARDI, 2007, p.60).

O desenvolvimento do recém-fundado povoado de Sinop, que o transforma rapidamente em metrópole/cidade sede da Gleba Celeste, deve-se essencialmente ao seu planejamento de projeção às margens da rodovia Cuiabá-Santarém (Rodovia de Integração Nacional), também conhecida como BR-163, que inicia suas obras de construção no ano de 1972, mas apenas tem a sua pavimentação asfáltica inaugurada em dezembro de 1984, pelo então Presidente General João Baptista de Oliveira Figueiredo.

Tal fato possibilitara que grande leva de migrantes se instalasse ao longo desta rodovia, com o intuito de cultivar as terras ‘desabitadas’, atendendo ao pedido do conhecido ‘semeador de cidades’ à época, Enio Pipino. Esse objetivo é estimulado pelas promessas de terras ‘férteis’ e de uma vida melhor daquela que os colonos levavam no sul do país, propagadas então por efusivas propagandas nos meios de comunicação, como se pode constatar no seguinte excerto de entrevista do pioneiro Osvaldo Paula, de 70 anos:

A Colonizadora fez o trabalho de engenharia, cortou as propriedades, chácaras de 12 hectares, lotes de 10, de 20, em volta da cidade, que era pra ser o cinturão verde, depois as áreas maiores em volta. [...] tudo já mapeado, já com o mapa da cidade pronto. **Para a venda, eles começaram a fazer propaganda**, inclusive na televisão, eu tinha uma televisão, que era preto e branco na época, gerada com energia de motor estacionário, [...] eles diziam um Brasil novo, seria bacana se hoje tivesse um CD daquilo lá pra gente vê o tipo da propaganda, [...] era empolgante. Aí, coincidentemente, eles puseram os corretores pra vender e um dos corretores convidou meu sogro pra vir conhecer aqui. [...] naquela época os corretores tinham uma kômbi. Faziam caravanas de kômbi, lotavam uma caravana e vinham. Nós viemos em 8 (oito) pessoas numa kômbi²².

Entre as muitas propagandas impressas desta região ‘próspera’ que circularam naquele momento histórico destaca-se um folhetim da própria Colonizadora, denominado *O Sinopeano*, editado em Curitiba/PR, que descrevia, prioritariamente, as visitas de representantes dos órgãos federais que vinham à jovem cidade do norte de Mato Grosso e não dispensava elogios ao futuro promissor que teriam os recém-chegados migrantes à “terra prometida”.

Na chegada dos migrantes, que vinham principalmente na expectativa de satisfazer o desejo de possuírem terras e melhorarem suas condições de vida, no

²²Entrevista cedida pelo pioneiro Osvaldo Paula em 01 de nov. de 2010.

entanto, desenhou-se um cenário distinto, de reais dificuldades que foram encontradas pelos “desbravadores” da floresta, conforme relata ainda o pioneiro Osvaldo Paula (*ibidem*):

[...] na Sinop naquele tempo chegavam 8, 10 famílias por dia e nenhuma tinha casa. Do jeito que elas chegavam armavam um barracão, uma barraca de lona, entravam debaixo e começavam a construir a casa de madeira. A maioria da madeira vinha da cidade de Vera porque a Sinop não tinha madeireira suficiente ainda pra fornecer a madeira para o pessoal construir.

Com o aumento da população, dentre as primeiras grandes preocupações das famílias pioneiras, ressalta-se a necessidade de abertura de uma escola para a educação das muitas crianças que foram trazidas à Gleba Celeste. Assim, já em 1973, pioneiros, com o apoio da Colonizadora, reuniram-se em regime de mutirão para construir a primeira sala de aula de Sinop, dos quais se destacam Braz Claro dos Anjos, Arlindo Joanucci, Sebastião Sales Mendes e Dirceu de César.

Esta sala de madeira, sem forro, de tamanho reduzido e piso de terra batida foi utilizada inúmeras vezes para as atividades religiosas e reuniões da comunidade. No dia 05 de setembro de 1973, as aulas tiveram início, tendo como professora, Terezinha Vandresen Pissinati Guerra, primeira professora de Sinop, e 21 alunos. [...] Até o ano de 1976, a primeira escola de Sinop funcionou como extensão da Escola Estadual “Nossa Senhora do Perpétuo Socorro” da cidade de Vera, que tinha como diretora a religiosa Irmã Editha. [...] Pelo decreto nº 767/76 de 26 de outubro de 1976, assinado pelo Governador Garcia Neto, é criada oficialmente a primeira escola de Sinop, que recebeu a denominação de Escola Estadual de 1º Grau “Nilza de Oliveira Pipino”, esposa do colonizador Enio Pipino. (ERARDI, 2007, p. 119-120-121).

Além disso, Aubertin *et ali* (1988, p.31) nos informa que, “desde o início da Gleba Celeste, foram desenvolvidas lavouras de café e de pimenta-do-reino como lavouras permanentes, arroz e mandioca como lavouras temporárias.” Mas, por questões climáticas, problemas de infraestrutura e, principalmente, por falta de incentivos à produção e comercialização estas culturas gradualmente foram sendo abandonadas.

Todavia, é necessário salientar que em 1975, com a vinda do então Ministro da Agricultura, Alysson Paulinelli, a Sinop, é lançado o Programa do Calcário, que tinha o objetivo de corrigir a acidez da terra para melhorar a produtividade. Essa iniciativa traz novo alento aos produtores e inicia-se em maior escala o cultivo do arroz. Por ocasião da visita do Ministro da Agricultura, foi entregue à população o armazém da COBAL

(Companhia Brasileira de Alimentos), destinado a fornecer alimentos, utensílios e produtos de primeira necessidade a preços mais acessíveis.

De acordo com o pioneiro José Antônio de Oliveira²³, 54 anos, nessa época o comércio se restringia a alguns pequenos armazéns, que tinham dificuldades na aquisição de produtos alimentícios, daí destaca-se a importância da COBAL, pois no período de chuvas (entre os meses de novembro a abril) “vinha um búfalo (modelo de avião utilizado na década de 70 do século passado pela Força Aérea Brasileira) que trazia mercadoria pra poder a gente comprar na COBAL”.

Sinop foi elevada a distrito em 29 de junho de 1976, pela Lei 3.754/76, sancionada pelo então governador do Estado de Mato Grosso, Garcia Neto. Nesse mesmo ano a Gleba Celeste consegue já eleger dois vereadores junto ao Poder Legislativo de Chapada dos Guimarães, Virgílio Campanela e Plínio Calegaro, representantes da subdivisão administrativa de Sinop. Nesse período também foi criada uma subprefeitura e Plínio Calegaro passou a ser o subprefeito.

Em 17 de dezembro de 1979, pela Lei 4.156/79, é aprovada pelo governador Frederico Campos a criação do município de Sinop, com uma área inicial que totalizava 48.678 km². Como as eleições do novo município só iriam ocorrer em 1982, o governo do Estado nomeou o pioneiro Osvaldo Paula para administrar a cidade até o pleito eletivo.

É o seguinte [...] o senhor Enio achou que deveria se criar em Sinop um partido político, já tinha que começar a vida política aqui em Sinop. [...] Organizamos o pessoal pra formar o partido político. Foi criada a ARENA, que era o partido do governo (militar) na época. E nessa formação do partido eu fui o presidente, o primeiro presidente do partido. Aí veio a divisão do Estado (decretada em 11 de outubro de 1977, pelo então presidente general Ernesto Geisel) [...] e para o Mato Grosso ter condições de ser Estado, na parte do norte aqui, no Mato Grosso mesmo, faltavam cidades, municípios. Então foram criados dezoito novos municípios na época. [...] Aqui na nossa região foram criados, além de Sinop, os municípios de Colíder, de Alta Floresta. [...] Eu fui o primeiro juiz de paz da cidade de Sinop, aí quando Sinop tornou-se município e eu fui nomeado administrador municipal, pra não acumular funções eu deixei o cargo de juiz de paz. Naquele tempo, inclusive o cargo executivo, era tudo nomeado, era tempo do governo militar. [...] O governador do Estado me nomeou

²³José Antônio de Oliveira foi pioneiro em Vera no ano de 1974 e dois anos mais tarde (1976) de Sinop. Nesse mesmo ano foi funcionário da primeira alfaiataria da cidade, de propriedade do Sr. João Mantovani. Atualmente destaca-se por presidir a Comitativa Esperança, associação dos muladeiros de Sinop.

porque eu era o presidente do partido. [...] No dia 03 de janeiro de 1981 eu fui nomeado lá em Cuiabá²⁴.

A foto abaixo, de Osvaldo Paula e de sua esposa, Darcília Tessaro de Paula, intenta representar parte do acervo de documentação histórica desse terceiro município idealizado pela Colonizadora Sinop:

Fotografia 6: O pioneiro Osvaldo Paula e sua esposa, Darcília Tessaro de Paula.
Fonte: Neusa Inês Philippsen, Acervo Particular, nov de 2010.

O Sr. Osvaldo Paula governou o município de janeiro de 1981 a janeiro de 1983, quando então tomou posse o primeiro prefeito eleito, Sr. Geraldino Dal'Maso, escolhido como representante do povo nas eleições realizadas em 15 de novembro de 1982.

A economia de Sinop, que sofre inicialmente com investidas mal sucedidas, principalmente nos cultivos do café e da mandioca, consolidou-se apenas através da extração da madeira. Muitas empresas do setor madeireiro começaram nesse período a se instalar no município, movimentando a base da economia local.

A Revista Capital, em homenagem aos 30 anos da cidade, em 2004, disponibiliza uma matéria com dados históricos de Sinop e retrata a ênfase à atividade madeireira ao expor que:

A abundância da madeira atraiu várias pessoas que poderiam extrair a farta matéria prima nos arredores da cidade. As toras derrubadas nos primeiros anos de colonização chamavam a atenção pela qualidade e

²⁴Entrevista cedida pelo pioneiro Osvaldo Paula, residente em Sinop desde julho de 1973 e primeiro administrador da cidade, em 01 de nov. de 2010.

pelo porte. Em 1980 o parque madeireiro de Sinop era composto por aproximadamente 100 indústrias que apenas serravam a madeira bruta que era vendida para o Sul do país, onde era beneficiada e transformada em móveis. Naquele ano o município de Sinop era a nona economia do Estado de Mato Grosso. (REVISTA CAPITAL, 2004, p.16).

Se, no entanto, o desenvolvimento da atividade madeireira teve o seu auge de proliferação e aquecimento do setor durante toda a década de 80, já nos primeiros anos da década seguinte inicia-se uma escalada descendente. Uma das razões dessa ‘involução’ das empresas madeireiras na cidade configura-se por uma possível diminuição da matéria-prima natural, a madeira, explorada predatoriamente. Assim como houve um refreamento por parte dos compradores europeus, embalados por uma sugestiva ‘tomada de consciência’ ecológica. De acordo com Souza:

Por volta de 1998, as reservas florestais do município já apresentavam sinais de esgotamento. O uso de uma tecnologia obsoleta faz com que se retardem os ganhos de produtividade e ampliem-se os resíduos, acelerando o consumo de matéria-prima natural, levando o pequeno madeireiro e o “pica-pauseiro”, sempre prontos a seguir adiante, em busca de novas áreas que possam ser exploradas, sem a necessidade de grandes investimentos de que não dispunham para poder dar continuidade a essa atividade, já que a prática de reflorestamento e manejo sustentado (planejado) é ainda incipiente. (SOUZA, 2004, p. 180).

Dessa forma, contribuiu também, para o declínio das atividades das empresas do setor madeireiro, o reflexo da falta de visão empresarial e gestão administrativa, bem como da falta de incentivos políticos para o investimento em tecnologias inovadoras que acompanhassem as macrotendências dos mercados nacionais e internacionais em transformação. Nesse contexto, Sinop retrata, no momento atual, o resultado dessa falta de competência tecnológica, administrativa e política, necessária à eficácia de qualquer atividade econômica. (PHILIPSEN, 2007).

Todavia, a maior cidade da Gleba Celeste, que despontou historicamente movida por migrantes destemidos e determinados, e que conta hoje, em apenas 36 (trinta e seis) anos de fundação, com uma população de 111.643 habitantes²⁵, sempre buscou alternativas e novas experiências para alavancar a economia da região. Desse modo, Sinop ainda aparece como preferência entre as cidades do norte do Estado de Mato

²⁵De acordo com dados do censo 2010, publicados no Diário Oficial da União do dia 04 de nov. de 2010. Acentua-se que, segundo essa mesma fonte, em 2000 a população era de 74.831 habitantes.

Grosso, atraindo migrantes de todas as regiões do Brasil, imbuídos pela esperança de um futuro promissor e de riquezas que a mídia continua a ostentar para a região.

Os latifundiários e grandes agropecuaristas também têm se voltado cada vez mais a esse espaço geográfico e os resultados dessa ‘invasão’ aparecem na mídia brasileira e internacional:

No mês passado, Mato Grosso voltou a ocupar o topo da lista dos Estados que mais desmatam. Do total desmatado, 38% foram no Estado, seguido do Pará com 29% e Rondônia com 20%. O restante do desmatamento ocorreu em Roraima, com 5%, Amazonas, 5%, e Acre com 3%²⁶.

Dentre as alternativas econômicas que hoje se apresentam, pode-se destacar a produção agrícola desenvolvida principalmente nas áreas de soja, algodão, arroz, milho, da pecuária (estimulada pelos incentivos fiscais concedidos pelo Governo Federal através da SUDAM), da indústria, do comércio e, fundamentalmente, da prestação de serviços, conforme dados do portal da Prefeitura Municipal de Sinop, “mais de 670 alvarás de construção no primeiro trimestre de 2008 (residencial e comercial)”²⁷.

Esse incremento na construção civil se deu essencialmente à grande demanda universitária, já que Sinop tornou-se uma “Indústria da Educação”. São nove faculdades que oferecem mais de 60 cursos de nível superior, com destaque para a Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e à Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

Sinop hoje é a quarta maior cidade de Mato Grosso em número de habitantes, as que se afiguram antes dela são: Rondonópolis (189.975), Várzea Grande (248.130), e a capital Cuiabá (530.308). Na foto abaixo, que expressa uma rápida visão panorâmica, pode-se observar a organização estrutural atual dessa planejada cidade:

²⁶DESSBESELL, Aline. Mato Grosso volta a liderar lista de Estados que mais desmatam. MT 24horas. **Meio Ambiente.** Sinop: 23 de dez. de 2010. Disponível em: <http://www.mt24horas.com.br/?open=eJyzL0i3zcsvyUzOTFRLzk%2FJTM%2B3NbSwNDEBAG1BCB0%3D&&.html>. Acessado em 25 de jan. de 2011, às 15h e 28min.

²⁷ PREFEITURA MUNICIPAL DE SINOP. **Economia.** Disponível em: <http://www.sinop.mt.gov.br/?open=eJwzsJcx0DE0MTTQMTQ2si9It01Nzs%2FLz81MVCvJLMi3NVYzMjIw0jE0tDDWMTIyBwAhYAwn2236.1917.2.html>. Acessado em 25 de jan. de 2011, às 16h e 19min.

Fotografia 7: Foto Vista aérea de Sinop em set. de 2009.

Fonte: http://www.sinop.mt.gov.br/bancodeimagens_imagempopup.php?imagem=fotos_banco_imagens/190.jpg. Acessada em 07 de fev. de 2011, às 14h e 35min.

1.2.2.4 A cidade de Cláudia

Mapa 7: Cidade de Cláudia: localização.

Fonte: <http://www.mtseusmunicipios.com.br/NG/conteudo.php?sid=137&cid=2476>.

Acessado em 03 de fev. de 2011, às 10h e 42min.

No mapa acima é possível verificar a localização da cidade de Cláudia, município do norte de Mato Grosso, situado a uma latitude de $11^{\circ} 35'53''$ sul e a uma longitude de $54^{\circ}53'27''$ oeste, estando a uma altitude de 368 metros. Seus municípios limítrofes são União do Sul, Marcelândia, Sinop, Itaúba, Nova Santa Helena

e Santa Carmem, e sua distância da capital Cuiabá é de 578 km. Possui uma extensão territorial de 3.820,95 Km²²⁸. A principal forma de acesso à cidade é a MT-423.

Cláudia constitui-se como o último grande feito do projeto de colonização implantado e conduzido pela Colonizadora Sinop. A ocupação se deu em meados de 1978, após a aprovação do projeto de colonização designado “Gleba Celeste- 4ª Parte”, constituído por 715 lotes rurais e 1.014 chácaras²⁹, neste momento ainda como território integrante do município de Chapada dos Guimarães.

Com relação ao plano urbano traçado pela Colonizadora, que se assemelha às demais cidades idealizadas pela mesma e que teve uma projeção inicial para receber 25.000 habitantes, destaca-se:

Uma composição entre os ângulos retos e as curvas em sua distribuição setorial. O traçado da planta urbana é em forma de malha, isto é, a divisão das ruas principais e secundárias corre de modo paralelo e são distribuídas horizontal e verticalmente. Os quarteirões são formados a partir da grade de vias urbanas e divididos internamente em lotes regulares. O objetivo desta formação urbana é padronizar a cidade, dividindo os espaços destinados ao público, ao sagrado e ao privado, favorecendo a circulação. (TOMÉ, 2009, p.60).

De acordo com a professora aposentada, Roseli de Moura Maldonado³⁰, os primeiros pioneiros que chegaram em Cláudia, no dia 17 de maio de 1978, foram os irmãos Maldonados, que instalaram também a primeira madeireira: Madeireira Cláudia Ltda. Em seguida, chegaram os Srs. Emílio Maximino e família, Darci Anacreto e família, Joaquim Batista e família, José Veiga, José Francisco(mineiro) e família, Aírto Domingues, em sua maioria vindos do Paraná.

A foto abaixo, desta professora, igualmente tem o propósito de representar parte do acervo de documentação histórica deste quarto e último município idealizado pela Colonizadora Sinop:

²⁸Conforme dados encontrados no *site* da PREFEITURA MUNICIPAL DE CLÁUDIA. **Geografia: dados demográficos.** Disponível em <http://www.claudia.mt.gov.br/>. Acessado em 26 de jan. de 2011, às 16h e 9min.

²⁹ COLONIZADORA SINOP. **Cidade Cláudia.** Disponível em <http://www.gruposinop.com.br/claudia.asp>. Acessado em 26 de jan. de 2011, às 16h e 14min.

³⁰ Roseli de Moura Maldonado, além de estar entre as mulheres pioneiras, destaque-se também por ter sido a primeira professora do povoado. Logo ao chegar, iniciou um trabalho de anotações numa pequena caderneta sobre os primeiros eventos e fatos importantes que iam se desenrolando no lugar, por exemplo, a celebração da primeira missa (em 06 de dez. de 1978, pelo padre João Salarini), o primeiro nascimento (de Cláudia Inês Ortoloni, em 15 de ago. de 1979), entre muitos outros. Este trabalho estendeu-se até o ano de 1998.

Fotografia 8: Primeira professora de Cláudia, Roseli de Moura Maldonado, e sua caderneta de anotações.

Fonte: Neusa Inês Philippsen, Acervo Particular. Jul. de 2013.

O professor de História, Filosofia e Teologia, Odanir Pedro Bonissoni³¹, após coletar entrevistas e depoimentos de pioneiros, retrata o momento histórico da consciência de luta entre os migrantes nos anos de 1978 e de 1979 a partir de três pontos básicos:

[...] **a Convivência**, que se faz através da amizade, do contato pessoal; **a Fé**, a realização do Projeto de Deus na vida em comunidade, através das rezas, das celebrações, dos cursos bíblicos, dos grupos de reflexão, das novenas de Natal; **a União**, em torno das necessidades básicas. [...] as lutas e os mutirões em torno de necessidades comuns; a luta das famílias pela água e comida, fez com que as famílias de migrantes se unissem. (grifos do autor)³².

Em março de 1979, ao verificar a necessidade de implantação de uma escola no povoado, visto que grandes levas de pioneiros e funcionários da madeireira de sua família chegavam, a professora Roseli de Moura Maldonado, graduada em Pedagogia e ex-Secretária de Educação em Peabiru/PR, providenciou os documentos necessários

³¹Atual professor em Cláudia na Escola Municipal Daniel Tilton e na Escola Estadual Manoel Soares Campos.

³²BONISSONI, Odanir Pedro. **História dos primórdios de Cláudia**. 2011 (no prelo).

junto à Escola Estadual Nilza de Oliveira Pipino, localizada no município de Sinop, e abriu uma sala escolar, extensão dessa Escola, com sistema multisseriado, de 1ª a 4ª séries.

Eu, que já era professora no Paraná há 18 anos, comecei a lecionar para uma turma de 5 alunos, tornando-me a primeira professora de Cláudia no dia 05/03/1979. No final de julho já tínhamos 68 alunos e no final de 1979 tínhamos 168. As dificuldades foram muitas e as mais variadas possíveis, mas nada que pudesse ser vencido pela boa vontade dos alunos e a solidariedade da população sempre amiga e prestativa³³.

A foto, abaixo, mostra alunos e comunidade claudiense no ano de 1979:

Fotografia 9: Alunos e comunidade claudiense em 1979.

Fonte: pioneira Jacy Andrade Teixeira, Arquivo Particular, 1979.

Com a emancipação política do município de Sinop, em 17 de setembro de 1979, Cláudia passa oficialmente a ser território integrante desse novo município. E em 10 de agosto de 1981, pelo Decreto de criação nº 1243, foi fundada a Escola Estadual de 1º Grau Manoel Soares Campos, tendo como diretor o professor Valmir Roque Anderle. No carimbo escolar da época consta: Cidade Cláudia Mun.- Sinop/MT. (TOMÉ, 2009).

Todavia, os trâmites para elevar o povoado de Cláudia à condição de distrito de Sinop, que iniciam no ano de 1983, através de uma indicação do então vereador Wilson Baggestoss, aprovada pela Câmara Municipal de Sinop sob o nº 001/83, têm o desenrolar de várias instâncias burocráticas até a sua efetivação, visto que só posteriormente é transformada no Projeto de Lei nº 080/85, o qual definia a área e os seus limites. A publicação oficial ocorre em 25 de maio de 1985, no Diário Oficial de Mato Grosso, pelo Projeto de Lei nº 48/85. No entanto, por motivos e interesses vários,

³³REVISTA VIII EXPOCLÁUDIA: XIX Festa do Peão/2008. **Pioneiros**. Sinop/MT: Gráfica Grafitec, ed. nº 02, p.10, jul. de 2008.

somente foi transformado na Lei 5045, em 1º de setembro de 1986, e, finalmente, sancionada pelo ex-governador Vilmar Peres³⁴.

Com a continuidade da vinda de migrantes, cresce de forma acentuada o número de habitantes e o desenvolvimento do distrito é eminente, o que faz com que lideranças políticas e comunitárias queiram a emancipação total. Assim, realiza-se um plebiscito, que apresenta um resultado favorável à proposta de emancipação. Esse desejo manifestado pelos habitantes claudienses é atendido por meio da Lei n.º 5.319, de 04 de julho de 1988, de autoria do então deputado estadual José Lacerda e sancionada pelo governador Carlos Gomes Bezerra, que criou o município de Cláudia:

- Artigo 1º - Fica criado o município de Cláudia, com sede na localidade do mesmo nome, desmembrado dos municípios de Sinop, Itaúba e Marcelândia.
- Artigo 2º - O município, ora criado, é constituído de um só distrito, o da Sede.
- Artigo 3º - O município, ora criado, será instalado com a posse do prefeito, vice-prefeito e vereadores, cuja eleição será simultânea com a daqueles municípios já existentes.
- A instalação do município deu-se em 1º de janeiro de 1989³⁵.

O primeiro prefeito eleito do município foi o Sr. José Augusto Formigoni (PTB), sendo vice o Sr. Acássio Guzzo (PMDB).

O ex-prefeito Altamir Kürten, atuante na gestão 2005-2008, em carta escrita aos cidadãos claudienses, enaltece três grandes fases decorridas na cidade desde a sua fundação, as quais seriam:

A Primeira, com a migração das famílias pioneiras, desbravadoras, de várias etnias e diferentes culturas, que aqui se instalaram e viviam da cultura de subsistência e do cultivo do café e da mandioca. Mais tarde, por motivos diversos, iniciou-se o cultivo do arroz. Também houve aquelas famílias que iniciaram o trabalho com extrativismo vegetal, como foi o caso da família Maldonado. Essa fase foi de fundamental importância para o início da formação do que temos de melhor em nosso Município: **o nosso povo, a nossa gente, a nossa história**; **A Segunda Fase** iniciou-se com a vinda da segunda leva de migrantes e houve a intensificação do extrativismo, quando a madeira passou a ser a principal fonte de riqueza, juntamente com a agricultura extensiva e a pecuária. Nessa época, o povo claudiense, direta ou indiretamente, tinha uma relação com estas atividades, pois girava o dinheiro para a

³⁴ De acordo com dados da COLONIZADORA SINOP. **Cidade Cláudia**. Disponível em <http://www.gruposinop.com.br/claudia.asp>, Acessado em 26 de jan. de 2011, às 16h e 14min.

³⁵ Fonte: CITYBRAZIL. **História da cidade**. Disponível em <http://citybrazil.uol.com.br/mt/claudia/historia-da-cidade>. Acessado em 27 de jan. de 2011, às 14h.

região e movimentava o comércio local; **A Terceira Fase**, com o Processo de Emancipação Político-Administrativo, quando as atividades econômicas se intensificaram e o Município de Cláudia passa a ser independente de Sinop³⁶. (grifos do autor).

O orgulho, o reconhecimento e a lembrança pelos ‘bravos’ feitos dos pioneiros aparecem em todos os contextos e canais, desde a comunicação oral com seus moradores, nos meios impressos e mesmo na gestão pública. A cidade enaltece com sucessivas homenagens os ‘desbravadores’ pioneiros que, de acordo com o consenso da população, não mediram suor e esforços para colonizar o espaço geográfico de Cláudia.

É possível também apreender tal construção discursiva ideológica no cartão distribuído aos cidadãos claudienses no ano de 2008, ano em que Cláudia completava 30 anos de fundação:

HOMENAGEM ÀS FAMÍLIAS PIONEIRAS – 30 ANOS DE HISTÓRIA

Guardamos na nossa memória que as famílias pioneiras que chegaram a Cláudia entre os anos de 1978 e 1985 (também os que vieram depois) são exemplos de pessoas que deram certo. Vieram de uma realidade social e geográfica extremamente problemática. Mas eles (as) são vencedores (as). Viveram e ainda vivem relações de paz! Respeitaram e ainda respeitam as pessoas, a natureza e, sobretudo o patrimônio Cultural e comunitário. Transmitiram e transmitem alegria, confiança e felicidade!...

Os pais transmitiram e ainda transmitem aos filhos, também pioneiros, cultura e acreditam neles. Dão-lhe oportunidades e carinho.

Agora para aqueles (as) pioneiros (as) que já partiram, temos a consciência firme e a certeza clara de que valeu a pena tudo o que fizeram por esta terra amada por todos nós e abençoada por Deus. Realizaram com suas famílias a missão que tinham que realizar. Estamos felizes, não com as suas partidas, mas com o que eles (as) foram, testemunharam e viveram. Aos pioneiros (as) que já não se encontram mais junto a nós, nosso carinho, reconhecimento e eterna gratidão!...

Entendemos que, a experiência dessa convivência fraterna ao longo de 30 anos pode nos fortalecer na vida e a nos desafiar imensamente. A coragem de desbravar esta região e o trabalho das famílias nesta terra perpassa suas atuações na história de Cláudia e interfere diretamente na sociedade claudiense como um todo, à medida que suas ações ajudaram a dar uma vida mais digna ao nosso querido povo.

Nossos parabéns a todas as famílias que se sentem pioneiras e às que contribuem para uma Cláudia cada vez melhor. Afinal, são 30 anos de História e muitas importantes conquistas.

Texto de autoria do professor Odanir Pedro Bonissoni, então Secretário de Educação da Gestão Político-Administrativa 2005/2008, produzido no ano de 2008, e distribuído aos munícipes de Cláudia.

³⁶Fragmento da carta escrita pelo ex-prefeito Altamir Kürten, integrante do primeiro capítulo da obra que ainda se encontra no prelo, de autoria de BONISSONI, Odanir Pedro. **História dos primórdios de Cláudia**. 2011.

Cláudia possui hoje uma população de 10.635 habitantes³⁷ e localiza-se a uma distância aproximada de 100 (cem) km da cidade polo, Sinop. Apresenta, no momento atual, uma economia diversificada, em que se destacam, na agricultura, as produções de arroz, soja, milho, feijão e coco; na pecuária, os sistemas de exploração de gado de corte e leite pelo sistema extensivo. Há, ainda, incentivos às atividades relacionadas à piscicultura e à apicultura³⁸. Na foto abaixo, que expressa uma rápida visão panorâmica, pode-se observar a organização estrutural atual dessa planejada cidade:

Fotografia 10: Vista aérea atual da cidade de Cláudia.

Fonte: <http://www.claudia.mt.gov.br/>. Acessada em 07 de fev. de 2011, às 15h e 50min.

³⁷De acordo com dados do censo 2010, publicados no Diário Oficial da União do dia 04 de nov. de 2010. Acentua-se que, segundo essa mesma fonte, em 2000 a população era de 10.249 habitantes.

³⁸ PREFEITURA MUNICIPAL DE CLÁUDIA. **Economia.** Disponível em <http://www.claudia.mt.gov.br/>. Acessado em 27 de jan. de 2011, às 16h e 10min.

2 VERSO E REVERSO: OS PROTAGONISTAS DA HISTÓRIA

Para apreender os fenômenos linguístico-regionais, que implicaram na formação e expansão de variantes semântico-lexicais, é importante resgatar a história social, ideológica e cultural das comunidades investigadas, principalmente porque, conforme Gaspar:

[...] antes de existirem enquanto acontecimento, muitos pensamentos e ações – os homens mesmo – no seu dia-a-dia, no *quotidiano*, estiveram presentes para que aquele acontecimento ocorresse. Assim, os acontecimentos não se dão somente pela via única dos vencedores, embora, na maioria das vezes, sejam *descritos* desse modo. (GASPAR, 2003, p.72, grifos da autora).

É, portanto, a história do cotidiano, a história de como viviam e vivem homens na região norte de Mato Grosso no seu dia a dia que importam para um dos propósitos desse estudo, ou seja, neste capítulo pretendo não só abordar fatos e acontecimentos já consagrados e conhecidos por todos, mas também destacar, brevemente, “a história dos desconhecidos, aqueles de quem nunca se fala, que não são célebres”. (LE GOFF, 1977, p.65). Assim, a esse propósito acresço a necessidade de se registrar o ‘reverso’ da história, devido, inclusive, à absoluta escassez de documentos e registros que validem cientificidade aos fatos da História Oficial. Ressalto, contudo, de acordo com Bonissoni (2011), que nesta região está surgindo uma tentativa de se escrever a história a partir da experiência ou da resistência histórica dos migrantes e de vários povos.

Nesse contexto, o intuito não é apenas ressaltar o mito do “herói colonizador” ou o “espírito bandeirante” dos ‘desbravadores’ do século XX, conforme disseminado largamente pelo governo militar e pela iniciativa privada, ou seja, naquele momento, no início da década de setenta:

Necessitava-se de homens fortes que ‘acolhessem os fracos e oprimidos’, desde que não saíssem do próprio povo e que não representassem alguma liderança política emergente de uma experiência de luta pelos direitos dos trabalhadores. O ‘empresário do Sul’, o ‘bandeirante moderno’, que se interessava pelas riquezas da Amazônia, revelava-se o ‘comandante ideal’ de uma política que apontava do alto a estratégia mais eficaz para ‘preencher os espaços vazios’. (GUIMARÃES NETO, 1986, p.75-76).

Dessa forma, o intento é refletir sobre o comportamento e memória coletivos que foram ‘moldados’ ao discurso ideológico de trabalho, progresso e de “terra prometida”,

de interesse essencialmente político e econômico, difundido em todos os canais e suportes midiáticos da época. Além de questionar a autenticidade do discurso oficial que entoava em coro que o norte de Mato Grosso era um “espaço vazio”.

As cidades do nortão [...] impõem-se no contexto norte mato-grossense, sob o signo do progresso, como “modelos” de desenvolvimento bem-sucedido, pilotados pela iniciativa privada. O que devemos procurar entender é sob que condições históricas esta representação foi construída? Em que condições estas “cidades novas” de Mato Grosso vão surgir, crescer ou desaparecer? Construiu-se um discurso ufanista sobre o “Nortão”, o mito da terra prometida, do progresso, do futuro, da prosperidade, do sonho, da terra das realizações. Porque as pessoas acreditaram nos discursos, nos mitos, nas verdades construídas nestas cidades de fronteira. O progresso passa a ser uma fonte inspiradora para estas pessoas: *vamos trabalhar ordeiramente, respeitando o Pai, o Padre, o político e o Herói Colonizador*. (SOUZA, 2004, p.245, grifos do autor).

Esse discurso ufanista, largamente propagado, abstém-se, contudo, de outros sentidos silenciados sobre as questões de apropriações de terras nesta região, que, longe de serem ‘inocentes’ e terem propósitos políticos louváveis, trouxeram outras consequências pouco ou nada disponibilizadas para os leitores da História Oficial. Dentre elas, ainda de acordo com Souza (2004, p. 45), “a destruição de matas e cerrados, a expulsão de populações indígenas que viviam nessa região, como as Tribos Kayabi e Panará, que foram levadas para o Parque Nacional do Xingu pelos irmãos Cláudio e Villas Boas”. E há ainda que se levar em consideração que, além da expulsão dos povos ‘originários’³⁹, da destruição da floresta e, consequentemente, da biodiversidade, há um reflexo imediato na fauna e na flora deste espaço territorial.

Neste cenário, as bases econômicas e políticas ainda incipientes refletem outra realidade, não veiculada pela mídia, aos recém-chegados migrantes, como nos alerta Shaefer (1985): a população que chega encontra terras para serem desmatadas e condições totalmente desfavoráveis à instalação das propriedades rurais, tais como dificuldades com o clima, doenças tropicais e isolamento devido às grandes distâncias de centros urbanos maiores.

Vale lembrar que grande parte dos colonos que vieram ao norte mato-grossense nos anos setenta eram agricultores que desenvolviam a agricultura familiar em outros Estados, para os quais essa condição foi negada em seus locais de origem, “visto terem

³⁹Tomei este termo emprestado de Picoli (2004).

sido expropriados de seu espaço e do grupo social em que viviam” (FIORENTIN, 2010, p.24), sendo, portanto, obrigados a migrar para novas fronteiras.

Assim, ao chegarem nessa região amazônica, muitos desses pequenos camponeses empobrecem ainda mais e sentem-se forçados a revenderem suas propriedades ao grande capitalista e latifundiário. E, sem dinheiro para migrarem novamente, acabam aglomerando-se nas comunidades que começavam a surgir no meio das matas ou aceitavam submeter-se aos caprichos do novo dono das terras.

Desse modo, os movimentos de ocupação ocorridos neste período serviram, como nos alerta Picoli (2004), para a ‘frente de expansão’ da forma capitalista de produção, contribuindo ainda para a acumulação capitalista em termos de oferta de mão de obra abundante e barata e na abertura do espaço para uma posterior ocupação pela frente econômica.

Além disso, o desrespeito ao meio ambiente denuncia as atividades desenvolvidas no início da colonização dessa região como predatórias, o que permite hoje aos ambientalistas argumentos que revelam o grande número da devastação florestal que ocorreu e ocorre porque não há planejamento e reconstituição da matéria-prima, causando grandes e graves danos às áreas ambientais. Essa devastação tem reflexo direto no “clima, na fauna restante, nos solos, no ar e na conseqüente piora da qualidade de vida da população”. (KOWARIK, 1995, p.210).

2.1 A Expedição Roncador-Xingu: o propósito de abrir caminhos e “limpar” os espaços

Como já dito no Capítulo 1, a responsabilidade inicial para o processo de ocupação do espaço geográfico pertencente à região norte de Mato Grosso coube à comitiva integrante da Expedição Roncador-Xingu a partir das incursões na mata, que tinham o propósito de abrir o caminho e realizar o reconhecimento oficial das áreas ocupadas pelos povos indígenas. Ora, a própria História Oficial oferece-nos brechas para que se questione a validade dos fatos descritos. Assim, como é possível dizer que os espaços eram vazios se existiam áreas em que habitavam povos indígenas? Se poderia também elencar a infinidade de espécimes de animais e de artrópodes que aqui existiam e que tinham essa região como seu habitat.

Enfim, o Estado brasileiro, mobilizado pelo espírito capitalista de ocupação, atribuiu como essencial e um dos principais emblemas do processo republicano no Brasil, já no governo de Getúlio Vargas na década de 40 do século passado, a corrida para o oeste.

Fazia-se sempre referência aos “espaços vazios” no interior como uma espécie de atestado da incapacidade brasileira para dar uso produtivo ao seu imenso território. Para o sentimento nacionalista, os brasileiros deveriam ocupar o Brasil logo para não permitir que os estrangeiros o fizessem em prejuízo da soberania nacional. Além disso, a expansão interna também era uma contingência nacional. [...] A Fundação Brasil-Central foi criada em junho de 1943 pelo coordenador da Mobilização Econômica do governo Vargas, o famoso tenente João Alberto. A Fundação era uma espécie de empresa para-estatal cujo objetivo era criar vias de comunicação com o Amazonas através do interior do país, permitindo a exploração e o povoamento do maciço central do Brasil nas regiões das cabeceiras do rio Xingu. Daria, assim, um passo decisivo para a realização do anseio de uma “Marcha para o Oeste”. (ARNT *et ali*, 1998, p.80).

De acordo com o sentimento nacionalista inflamado na era Vargas, pode-se verificar que os povos indígenas, como é possível observar na citação acima, não fazem parte dos “brasileiros” chamados a ocupar o oeste e sequer se faz referência dos espaços já habitados por eles, visto que o discurso em circulação é que os espaços são “vazios” e, por isso, prementes de ocupação.

Nesta perspectiva, os irmãos Villas Bôas, Cláudio, Orlando e Leonardo (morto em 1961), são chamados a integrar a Expedição para contatar as diferentes etnias indígenas com um único propósito: o de “limpar” os espaços, ou seja, retirar os povos indígenas de suas instalações e locais de habitação no norte mato-grossense, locais estes escolhidos e definidos inicialmente pelo governo federal como necessários à ocupação produtiva e de destruição das florestas. A opção dos índios era apenas uma, mudar-se para o Parque Indígena do Xingu, área de aproximadamente 32 mil Km², localizada na região nordeste do Estado de Mato Grosso, na porção sul da Amazônia brasileira.

Para os autores acima citados, todavia:

Os Villas Bôas defenderam, incansavelmente, os direitos dos índios atingidos pelas frentes de penetração e colonização. Foram os mentores da idéia e os dínamos da implantação do Parque Nacional do Xingu, em 1961, pelo presidente Jânio Quadros, cujo perímetro eles mesmo fixaram, garantindo as terras dos povos Kamayurá, Trumai, Aweti, Waurá, Kalapalo, Kuikuro, Matipu, Nafukua, Suyá, Mehinako, Yawalapiti, Juruna e Metuktire. Para o Parque – transformado, em 1967, em Parque Indígena do Xingu – também foram transferidos

outros grupos ameaçados em suas terras tradicionais, como os Tapayuna, os Kayabi, os Txicão, e, por último, os Panará. (*Ibid.*, p.86).

No mapa abaixo é possível verificar a localização do Parque que exibe uma grande biodiversidade, em uma região de transição ecológica, como as savanas e florestas semidecíduais mais secas ao sul e a floresta ombrófila amazônica ao norte, apresentando cerrados, campos, florestas de várzea, florestas de terra firme e florestas em Terras Pretas Arqueológicas. Sua área é limítrofe com os municípios mato-grossenses de Canarana, Paranatinga, São Félix do Araguaia, São José do Xingu, Gaúcha do Norte, Feliz Natal, Querência, União do Sul, Nova Ubitatã e Marcelândia⁴⁰:

Mapa 8: Parque indígena do Xingu: localização.

Fonte: http://2.bp.blogspot.com/_eqdz1BOGjMg/SR1h2IYee8I/AAAAAAAAAAk/PbYGNsyansY/s1600-h/TrumaiMAPA-XINGU.jpg. Acessado em 11 de fev. de 2011, às 13h e 50min.

Para tal intento, os irmãos Villas Bôas permaneceram aproximadamente 30 (trinta) anos na linha de frente do trabalho de pacificação e convencimento de que os índios teriam maiores condições de sobrevivência no Xingu. Trabalho esse que se estende até o ano de 1973 quando os irmãos abandonam a Expedição e o canteiro de obras da construção da BR 163 (Cuiabá-Santarém), projetada pelo governo do General

⁴⁰ Informações retiradas de INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). Povos Indígenas no Brasil. **Xingu**. Disponível em <http://piib.socioambiental.org/pt/povo/xingu/1539>. Acessado em 09 de abr. de 2013, às 09h e 49min.

Médici e desenvolvida essencialmente em duas frentes: o 8º e o 9º Batalhões de Engenharia e Construção da Diretoria de Obras e Cooperação do Ministério do Exército.

Após deixar a Expedição, Orlando Villas Bôas concede entrevista ao Jornal *O Estado de São Paulo* e admite que:

Na realidade nunca atingimos nossos verdadeiros objetivos. Todos os índios pacificados vão perdendo aos poucos suas características, sua autenticidade e tendo sua cultura corrompida em contato com os civilizados. Pacificados, deixarão de ser livres, de perpetuar sua cultura. Aos poucos, perderão seus costumes e abandonarão sua arte. Porque, mesmo que permaneçam em seu habitat, sofrerão a pressão constante do civilizado. (OESP⁴¹, 06 de fev. de 1973).

Salienta-se, dessa forma, o papel ambíguo desenvolvido pelos irmãos Villas Bôas, visto que de um lado manifestavam preocupação com a preservação da identidade e cultura indígenas e por outro foram responsáveis pelas ações civilizatórias, as quais imprimiram grande parte das mazelas vivenciadas pelos índios, ações essas de interesse primordial do Estado. Essa ambiguidade é assim retratada por Cavalcanti-Schiell:

Se a lógica que ordena o princípio indigenista da proteção supõe uma relação, no fim das contas conformada como aliança implícita, entre o estado nacional e os seus “protegidos”, os povos indígenas, contra os interesses locais da exploração econômica irracional e do usufruto, é bastante evidente também que, apesar dessa generalidade formal, os contextos e contingências políticas variaram consideravelmente, produzindo até mesmo o que poderíamos chamar de “proteção ambígua” (por assim reservar-nos o direito ao eufemismo), operada, não obstante, a partir dos termos e princípio da lógica da proteção, e fazendo uso dos mecanismos institucionais criados sob seu abrigo. [...] já sob o contexto de referências territoriais do que chamamos de “modelo amazônico”, representa provavelmente a culminação dessas “ambiguidades”. Ela se deu exatamente por ocasião da maior intensificação, promovida pelo estado nacional e no contexto de um regime político autoritário, da expansão da fronteira agrícola e da exploração econômica, sob a forma do extrativismo empresarial ilimitado (e, por consequência, social e ambientalmente descontrolado) da Amazônia. Na medida em que uma específica conformação política de controle do estado dava mãos livres à predação promovida pelos novos agentes colonizadores (e considerava isso proveitoso e virtuoso), o pacto implícito da proteção via-se consideravelmente esvaziado. (CAVALCANTI-SCHIEL, 2009, p.157).

⁴¹JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO. **Desiludidos, Villas Bôas voltam para casa.** 06 de fev. de 1973.

Nesse sentido, Shelton Davis (1978) complementa, ainda, que os resultados diretos da política de desenvolvimento econômico dos governos militares do Brasil, na década de setenta, foram as doenças, a morte e o sofrimento humano que se desencadearam maciçamente sobre os índios, que foram as maiores vítimas do então chamado “milagre brasileiro”.

2.1.1 O grupo indígena Kayabi⁴²

Dentre as etnias indígenas, mais de 40 (quarenta)⁴³ dispersas geograficamente pelo Estado de Mato Grosso, destaco a Kayabi por ser a de maior ênfase relacionada às primitivas ocupações das terras depois adquiridas pela Colonizadora Sinop, integrantes da Gleba Celeste.

Bonissoni (2011), ao retratar a História da cidade de Cláudia, afirma que já em meados do século XVIII havia a ocupação, nesse espaço geográfico da região norte mato-grossense, dos Kayabi, considerados seminômades, caçadores e coletores. Distribuíam-se em grupos menores, formados por pequenas famílias que se abrigavam em ranchos à beira chão, cobertos por galhos e folhas. Os ambientes preferidos eram os lugares planos em meio às castanheiras⁴⁴ e a uma relativa distância dos rios e córregos. As atividades comuns aos grupos eram a colheita, especialmente da castanha e de frutos silvestres, a caça e a pesca artesanal. Suas armas eram o arco e a flecha com ponta de madeira ou de pedra. Possuíam curandeiros, que desempenhavam diversas funções, dentre as quais as religiosas e as relacionadas à cura de doenças.

Sobre o perfil do líder (wyriat) Kayabi, conforme descrito por Grünberg (1969), geralmente era um homem velho e aguerrido, cabeça de uma família extensa, origem mesma de sua autoridade.

⁴²Atribuem-se ainda outros nomes a esse grupo, tais como: Kawaiwetê, Kaiabi, Caiabi, Kaiaby, Kajabi, Cajabi. Atualmente é encontrado em Mato Grosso e no Pará e, de acordo com dados da Unifesp (2010), conta com um total de 1.195 índios.

⁴³Número apresentado por Werner (2010, p. 56).

⁴⁴A castanheira (*Bertholletia excelsa*), também conhecida como castanha-do-brasil, é a mais famosa espécie de árvore nativa da Amazônia. É encontrada em todos os Estados da Amazônia Legal (Acre, Amapá, Amazonas, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins), sendo que os Estados do Pará, Mato Grosso, Amazonas, Acre e Maranhão concentram as maiores populações de castanheiras. Por causa da intensa exploração da espécie, da depredação dos estoques naturais, da destruição de castanhais nativos e até da sua extinção em algumas localidades da Amazônia, o corte de castanheiras nativas foi proibido por decreto federal em 1994 (Decreto 1.282, de 19 de out. de 1994). (Fonte: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/arvores/arvores-castanheira.php>. Acessado em 11 de fev. de 2011, às 14h e 25min.).

Relatos sobre esta etnia indígena não são recentes. Dentre os mais antigos, destacam-se as anotações das expedições de mapeamento dos rios e etnográficas, tais como as de Azevedo em 1819, as de Castelnau em 1844, as de Steinen em 1884 e em 1897, as de Teles Pires em 1889. No entanto, é provável que a primeira expedição a ter contato direto com os Kayabi tenha sido a de Pyrineus de Souza, em 1915, no médio curso do Rio Teles Pires.

De acordo com Stuchi (2010), os Kaybi são integrantes do tronco Tupi e falantes de uma língua pertencente à família linguística tupi-guarani. Para esse autor, essa população indígena teria habitado a região do vale do médio rio Teles Pires, no norte do Estado de Mato Grosso, até pouco mais da primeira metade do século XX, quando se deslocou, pressionada pelas frentes de expansão nacional de colonização do Brasil Central, em direção ao extremo norte desse mesmo Estado.

Considerados até as primeiras décadas do século XX como "bravios e indômitos", os Kaiabi resistiram com vigor à ocupação de suas terras pelas empresas seringalistas que avançavam pelos rios Arinos, Paranatinga (Alto Teles Pires) e Verde, na última década do século XIX. Muitos conflitos ocorreram com seringueiros, viajantes e funcionários do Serviço de Proteção aos Índios ao longo da primeira metade do século XX. Contudo, aos poucos a área Kaiabi foi sendo ocupada e os índios induzidos para o trabalho nos seringais. Depois da extração do látex viriam a retirada de madeira e a implantação de fazendas. A partir da década de 1950, grande parte da região seria retalhada em glebas e alienada pelo governo de Mato Grosso para fins de colonização. Nesta época (1949) chega à região do Teles Pires a Expedição Roncador-Xingu comandada pelos irmãos Villas-Bôas. A Expedição era o braço da Fundação Brasil Central encarregado de desbravar e preparar a colonização dos sertões dos rios Araguaia, Xingu e Tapajós, dentro da política de interiorização preconizada pelo governo Vargas. A Expedição encontrou os Kaiabi em uma situação conflituosa e sem aparentes perspectivas de melhora. [...] Com exceção do missionário católico João Dornstauder, cujas ações eram mais concentradas no rio Tatuy, nenhuma organização apoiava os índios na luta pelas terras. A atuação do Serviço de Proteção aos Índios (SPI) na área era incapaz de assegurar a sobrevivência cultural do grupo, atuando muitas vezes conjuntamente com as empresas seringalistas no recrutamento dos índios para trabalhar na extração de látex. Restava a integração passiva nos seringais e a proposta apresentada pelos Villas-Bôas: mudar para o Parque Indígena do Xingu. (SENRA, mar. de 1999⁴⁵).

Como, a partir dos anos 50, a região dos rios Arinos, Peixes e Teles Pires foi retalhada em glebas, dentre elas a Gleba Celeste, que viraram grandes latifúndios ou

⁴⁵SENRA, Klinton. **Kaiabi**. Instituto Socioambiental (ISA). São Paulo: mar. de 1999. Disponível em <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kaiabi/print>. Acessado em 11 de fev. de 2011, às 16h e 40min.

foram loteadas para a construção de cidades, os Kayabi se dividiram em três grupos. Um pequeno número deles encontra-se numa minúscula área (Terra Indígena Apiaká-Kayabi), que é dividida com alguns remanescentes do grupo indígena Apiakás, localizada próxima ao Tatuy (denominação Kayabi para o *Rio dos Peixes*).

Outra pequena parcela dos Kayabi vive atualmente no Baixo Teles Pires, em uma Terra Indígena localizada já no Estado do Pará, para onde foram sendo empurrados pela ocupação de suas terras (Terra Indígena Kayabi e Terra Indígena Kayabi Gleba Sul). Mas a maioria está no Parque Indígena do Xingu, espalhada por diversas aldeias localizadas na região do Posto Indígena Diauarum, porção norte do Parque.

O deslocamento da população Kayabi, que habitava, conforme o índio Javariú⁴⁶, toda a área que se localizava nas proximidades dos rios Peixes e Teles Pires, “desde a divisa de Mato Grosso com o Pará e até acima de Lucas do Rio Verde, nessa área aqui (a Gleba Celeste)”, ocorre essencialmente após contato com os irmãos Villas Bôas e a Expedição Roncador-Xingu:

Um sertanista, que chamava Orlando Villas Bôas, foi ele que transferiu a gente, a metade do meu povo, e ele estava querendo transferir todos os Kayabi pro Xingu, mas alguns não quiseram ir, esses que estão até hoje no Rio dos Peixe, ali no município de Juara. E outros ficaram na divisa do Pará, só que eles desceram mais um pouco e eles estão hoje no Pará, aonde é o município de Jacareacanga. [...] alguns aceitaram, principalmente por causa de um primo de segundo grau do finado meu pai, que era a ‘cabeça’ também, que teve contato primeiro com Orlando Villas Bôas, ele que tomava a frente, o Orlando incentivava e ele tomava a frente pra levar os Kayabi pro Xingu. [...] ele (o Orlando) era do SPI – Serviço de Proteção ao Índio, [...] o trabalho dele foi de localizar o índio, entrar em contato, contatar o índio que não tinha contato com os brancos.

A foto abaixo, do índio Javariú Kayabi, intenta representar parte do acervo de documentação histórica dessa etnia indígena, ocupante legítima das terras depois adquiridas pela Colonizadora Sinop:

⁴⁶O índio Javariú Kayabi (onça bonita), 59 anos, da etnia Kayabi, chefe de vigilância da FUNAI (Fundação Nacional do Índio), com residência atual na cidade de Sinop, concedeu-me entrevista dia 28 de out. de 2010.

Fotografia 11: Índio Javariú Kayabi, residente em Sinop/MT.
Fonte: Neusa Inês Philippsen, Acervo Particular, out. de 2010.

Ainda de acordo com Javariú, a partir de 1961 uma grande parcela de índios Kayabi e de outras etnias foi transferida para o Parque Indígena do Xingu e denuncia a precariedade de condições que encontraram naquele espaço. Na chegada só havia duas bases da FUNAI aonde se davam assistência médica para epidemias, tais como a de gripe e de outras doenças. Uma dessas bases foi chamada de Diauarum, que significa onça preta, e a outra de Leonardo Villas Bôas, em homenagem ao irmão falecido. No mais, “não tinha nada ainda, tivemos que chegar lá e fazer casas, fazer a aldeia, tudo”.

Há ainda que se enfatizar que, além do deslocamento ‘voluntário’ dos Kayabi ao Xingu, uma parcela de índios, de várias etnias, já residentes no Parque, aceitou integrar-se à Expedição Roncador-Xingu e passou a colaborar na pacificação de outros grupos e no desbravamento da região. Esse envolvimento dos índios nos trabalhos permitiu aos irmãos Villas Bôas acelerarem o processo de migração para o Parque Indígena do Xingu.

Eu acompanhei a abertura da BR-163 também. Eu acompanhei porque tinham uns ‘índios bravos’, que se chamavam Panarás e que não tinham contato ainda com os brancos [...] e a gente veio pra não ter confronto com o pessoal que estava fazendo a abertura, o 9º BEC⁴⁷, a gente veio de lá do Xingu, vieram mais ou menos uns 40 índios pra proteger esses trabalhadores que estavam abrindo essa BR. [...] A gente foi um tipo de guarda desse pessoal, pra não haver problema.

⁴⁷ 9º Batalhão de Engenharia e Construção da Diretoria de Obras e Cooperação do Ministério do Exército.

[...] E acompanhei essa abertura. Orlando e Cláudio montaram uma base, Base Aérea do Cachimbo⁴⁸, que dava suporte pra eles na mata, onde era o acampamento nosso pra poder acompanhar os trabalhadores. [...] e onde vinha mercadoria e presente pra dar pra nós índios: facão, enxada, machado, foice, bacia, linha de pesca, anzol, panela, essas coisas. Naquela época não recebíamos salário⁴⁹.

Os Kayabi, portanto, que intensificaram ainda mais sua ida ao Parque Indígena do Xingu na década de 60, mais especificamente em 1966, na conhecida "Operação Kayabi", serviram também, como relata Javariú Kayabi, como instrumentos de mediação entre os “índios bravos”, ou seja, das etnias que se recusavam a deixar seu território, suas terras originárias, obrigatoriamente em nome da ‘civilização’ e desenvolvimento do “homem branco” que se aproximava e devastava tudo em nome do progresso e ‘necessidade’ de ocupação dos “espaços vazios”.

Nesse contexto, os povos indígenas após resistirem aos ataques de caçadores de onça, ariranha, lontra, jacaré, dentre outros animais, de seringueiros, de garimpeiros, finalmente se renderam ao que Javariú chama de quarta e maior destruição, a dos ávidos “fazendeiros”, que assolaram, destruíram e destroem grande parte do bioma amazônico.

Os “índios bravos” mais resistentes, os Panarás, todavia, sucumbiram aos “vírus dos brancos da frente de obras da estrada. Em dois anos, morreram tantos, de gripe e diarreia, que o grupo quase desapareceu” (ARNT *et ali*, 1998, p.68). Assim, em 1975, os últimos sobreviventes dos indômitos índios foram finalmente transportados ao Parque Indígena do Xingu por oficiais da Força Aérea Brasileira.

Ao ser questionado sobre a transferência dos índios ao Parque, Javariú responde que o grupo se arrependeu muito de ter abandonado as terras de seus ancestrais

[...] porque aqui (a Gleba Celeste) era uma região rica, não só de caça como de pesca, como de matéria-prima para fazer artesanato, de todo o tipo de matéria-prima e rica de frutos, toda variedade de frutos, e uma região rica também de minérios, seringa e castanha. Lá nessa reserva do Xingu não tem, não tem nada desse tipo de coisa. [...] Aqui os velhos tinham sua liberdade, eles tinham tudo aqui pra sobreviver.

Atualmente, segundo Senra (1999), as etnias indígenas residentes no Parque se destacam pela prática de uma agricultura forte e diversificada, uma arte caracterizada

⁴⁸Juntamente com o Major Haroldo Veloso, que, segundo a História, teria sido a ‘alma e o cérebro’ da construção da Base Aérea do Cachimbo, obra iniciada em 1945 e oficialmente inaugurada em jan. de 1954.

⁴⁹Fragmento da entrevista concedida pelo índio Javariú Kayabi, em 28 de out. de 2010.

por complexos padrões gráficos de inspiração mitológica e uma participação ativa no movimento indígena organizado em defesa dos interesses das etnias do Parque. O que, no entanto, não é sem prejuízo para a cultura, cada vez mais distante das tradições e costumes de seus grupos e para a língua, visto que a maioria dos habitantes é bilíngue ou multilíngue.

Há ainda que se ressaltar, conforme Pagliaro (2002), que após a construção da BR-80, que cruzou o Parque na década de 70, a História se repete, ou seja, os índios veem-se novamente ameaçados pelos estabelecimentos agropecuários, madeireiros, garimpos, desmatamento e poluição das águas, em áreas próximas a seus limites. É a sede de desenvolvimento e progresso em todas as suas dimensões.

2.2 A ocupação do interior brasileiro: motivações políticas e econômicas

O processo de ocupação do norte mato-grossense, como se pode verificar, não está desvinculado do contexto de colonização do país. Se a colonização oficial registra-se a partir do início do século XX, no entanto, as incursões a esse espaço geográfico ocorrem desde o início das explorações bandeirantes e monçoeiras e mesmo muito antes disso se considerarmos os caminhos percorridos pelos povos indígenas.

A partir do final do século XVII e durante todo o século XVIII, *bandeiras de apresamento e monções povoadoras* procedentes de São Paulo penetraram o sertão mato-grossense. As primeiras chegam por rotas terrestres e vão em busca de mão-de-obra indígena; as outras, vindas por vias fluviais, visam a exploração de riquezas minerais e a ocupação da região Oeste da colônia. A penetração provoca deslocamentos espaciais das populações indígenas moradoras da região. O Norte da região, onde se situa um dos importantes formadores do Tapajós – o rio Teles Pires, também conhecido como São Manoel em seu médio curso, e como Paranatinga no alto curso - permanece quase inexplorado até o início do século XIX. O vale deste rio, entre as serras dos Caiabis e Formosa, que o separam do rio Arinos e Xingu, constituiu-se por muito tempo num refúgio para os Kaiabis. Sorte inversa teve a região do rio Arinos, explorada a partir de 1745 como rota alternativa para ligação fluvial entre Cuiabá e Belém. (PAGLIARO, 2002, p.27-28, grifos da autora).

Esse espírito empreendedor e colonizador de ocupação do interior brasileiro e dos “espaços vazios”, portanto, não é recente. Como vimos, inicia-se a partir da distribuição de terras pelo Tratado de Tordesilhas. É nesse contexto que também se pode verificar o processo de povoamento da região sul do Brasil. Esse processo é

intensificado após as tentativas de ocupação das terras demarcadas como espanholas em solos hoje sul brasileiros.

Dentre tais tentativas destaca-se, de acordo com Martins (1995), a empreendida por D. Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, governador nomeado do Paraguai em 1540, pelo caminho chamado de Peabiru (sistema de caminhos indígenas, que se iniciava no litoral paulista e ia até os Andes, descoberto pelo naufrago Aleixo Garcia em 1524-1525), alcançado pelo rio da Prata. Essa investida tinha o intuito de estender os domínios da coroa espanhola até a região ocidental do Paraná entre 1541 e 1542, bem como da ilha de Santa Catarina, mais especificamente de São Francisco do Sul.

Conforme Van Erven (2010), as reduções e pequenas vilas fundadas pelos espanhóis no Guairá⁵⁰, como Ciudad Real (localizava-se no atual município paranaense de Terra Roxa/PR) e Villa Rica (no atual município de Fênix/PR, antes Pitanga), foram constantemente atacadas por bandeiras que visavam essencialmente apresar índios.

Nesse contexto, Raposo Tavares notabilizou-se pelo comando de bandeiras que atacaram e destruíram as reduções do Guairá entre 1629 e 1632. Relata-se que a grande bandeira desse sertanista, que atacou as reduções do Guairá, envolvia cerca de 4 mil homens (69 paulistas, 900 mamelucos e 3.000 índios aliados, principalmente tupis).

Extingue-se assim, em 1632, a experiência do “Paraná espanhol” tendo em vista a afirmação do domínio português sobre todo o território do Guairá. De acordo com cálculos dos historiadores paranaenses, as reduções do Guairá envolveram aproximadamente 100 mil índios. Cerca de 60 mil teriam sido levados para S. Paulo (o que faria seu preço baixar de 100\$000 para 20\$000 por peça nessa época), 15 mil mortos nos confrontos e 12 mil teriam migrado para o sul no grande êxodo de 1631. O restante, 13 mil, teria fugido para outras regiões, embrenhando-se nas matas. [...] Duas datas são emblemáticas, e podem nos servir de referência nesse caso: o ano de 1632, do desaparecimento de Villa Rica e Ciudad Real, que assinala o fim do “Paraná espanhol”, e o de 1648 quando se constitui a primeira vila paranaense, Paranaguá, logo depois de se encontrar ouro na região. Antes disso, o nosso litoral apresentava uma escassa ocupação, feita por gente oriunda do litoral paulista. (VAN ERVEN, 2010⁵¹).

O estímulo à ocupação do interior do Brasil amplia-se ainda mais após a deliberação do Tratado de Madri, fundamentalmente para garantir territórios já

⁵⁰O território do Guairá abrangia a área compreendida entre o rio Paranapanema ao norte, o rio Iguaçu ao sul, o rio Paraná a oeste e o Meridiano de Tordesilhas a leste. (VAN ERVEN, 2010).

⁵¹ VAN ERVEN, Domingos. **O “Paraná Espanhol”**. 23 de fev. de 2010. Disponível em <http://dvetextos.blogspot.com/2010/02/o-parana-espanhol.html>. Acessado em 16 de fev. de 2011, às 9h e 40min.

explorados pela coroa portuguesa. Os conflitos que envolvem a Colônia do Rio Grande de São Pedro⁵² (fundada oficialmente em maio de 1737, por determinação do governador da Capitania do Rio de Janeiro, Gomes Freire de Andrade), em 1763, por forças espanholas deslocadas de Buenos Aires⁵³, são outro exemplo das lutas por domínio territorial que se estabelecem entre as ‘arquirrivais’ Portugal e Espanha. Tal intento moveu forças do vice-reinado⁵⁴ brasileiro para sua recuperação e tropas do reino foram mobilizadas.

Em 1765, ao assumir o posto de governador geral de São Paulo, D. Luiz Antônio de Souza Botelho Mourão, o célebre morgado de Matheus (1765-1775), tem como objetivo central explorar e povoar a área de ampliação de seu governo já delimitada pelo Tratado de Madri ao sul e oeste da capitania paulista. Para tanto, estimula a organização de expedições, dentre elas:

A primeira dirigida para Iguatemi, situado no sul de Mato Grosso, escreveu dolorosa crônica nos anais paulistas, até hoje identificado como o maldito Iguatemi. A segunda para o Ivaí, em que hoje se desenvolve a rica região do Norte do Paraná, com suas lavouras de café. A terceira foi a destinada ao descobrimento dos campos de Guarapuava - PR. [...] Para a fundação de uma colônia nesse sítio foi encarregado depois o tenente-coronel Diogo Pinto de Azevedo Portugal, cujo nome se acha vinculado ao Paraná como o de quem mais concorreu para civilizar seus sertões. [...] Mas o mais importante do plano para o comandante Diogo Pinto era a idéia da comunicação de S. Paulo com o Rio Grande. Por isso várias tentativas foram posta sem execução para atingir esse objetivo. (XAVIER, 2008, p. 33-34).

Essas expedições foram importantes também para manter distantes os colonizadores espanhóis que ainda espreitavam espaços territoriais no interior dos atualmente três Estados da região sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul). Desse modo, com a expansão de domínios alcançada pelas expedições promovidas pelo governo paulista, esses Estados acabaram despertando a atenção e o interesse de muita gente em busca de riqueza fácil, inicialmente interessada no aprisionamento de índios,

⁵²Área pertencente mais tarde à Capitania do Rio Grande de São Pedro (1760), em seguida transformada em Capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul (divisão administrativa do Brasil Colonial criada em 19 de set. de 1807), que se torna a província de São Pedro do Rio Grande do Sul em 28 de fev. de 1821 e, finalmente, após a proclamação da República brasileira, no Estado do Rio Grande do Sul. (FETTER Jr., 1999).

⁵³Sob o comando do então governador da Província de Buenos Aires, D. Pedro de Ceballos, em abril de 1763. Na liderança das disputas territoriais entre espanhóis e portugueses no sul do país destaca-se o militar e administrador português José da Silva Paes, que obtém êxito nas lutas de retomada de pontos importantes do território sul brasileiro, tais como a Colônia de São Pedro e a Ilha de Santa Catarina. (PIAZZA, 1988).

⁵⁴Governo de D. Antônio Álvares da Cunha (Conde da Cunha – 1763 – 1767), 1º Vice-Rei do Brasil no Rio de Janeiro.

em extrair metais preciosos, com destaque para o ouro, e, em seguida, no comércio de mulas, couro e criação de rebanhos bovinos nas fazendas.

2.2.1 O espírito empreendedor tropeiro e a colonização do interior sul e centro-oeste brasileiros

Os primeiros muares que chegaram aos solos brasileiros teriam sido, segundo Ribeiro (2006), contrabandeados das áreas platinas colonizadas pelos espanhóis, visto que os portugueses, na época da colonização, haviam proibido empregar mulas, como animais de montaria, porque tinham como propósito maior a criação de cavalos para equipar o exército. No entanto, com a expansão dos domínios portugueses e, fundamentalmente, com a fundação da Colônia do Santíssimo Sacramento⁵⁵ (subordinada à Capitania do Rio de Janeiro), foram trazidos ao considerado “posto avançado nos pampas” os primeiros muares para abastecer o sul do Brasil e atender a grande corrida ao ouro das Minas Gerais.

Cristóvão Pereira de Abreu, português festejado como o primeiro tropeiro do Brasil, fez uma viagem-teste (em 1731) pelo traçado de Souza Faria⁵⁶. No grupo havia sessenta homens e quinhentas cabeças de gado, arrebanhando pelos campos de cima da Serra Geral, para alimentação da expedição. Pereira de Abreu levou mais de um ano nessa empreitada, fez melhorias, consertou trechos, abriu picadas na mata, construiu mais de trezentas pontes e estivas, retornando, depois, a Viamão. De volta à Colônia do Sacramento, então domínio português e local onde residia, Cristóvão Pereira de Abreu uniu-se a outros tropeiros, reuniu 3 mil cavalos e mulas, contratou 130 peões e partiu para São Paulo e Minas Gerais, conduzindo a primeira tropa registrada na história da colônia. Após treze meses de viagem, chegou a Curitiba no final de 1733, passou por Sorocaba e São Paulo e, em 1735, esteve em Minas Gerais, após cortar o Vale do Paraíba e atravessar a Serra da Mantiqueira. (PEREIRA, 2006, p. 141-142).

Constitui-se, assim, a rota dos tropeiros, os quais também terão uma enorme importância para a interiorização do Brasil e para o fortalecimento do comércio. A partir do século XVIII intensifica-se, inicialmente, o comércio de animais (mulas e cavalos)

⁵⁵Em 1678, o governador do Rio de Janeiro, Mestre de Campo Manuel Lobo, recebeu a missão de estabelecer um núcleo populacional na costa setentrional do rio da Prata. Partindo de Santos, em dezembro de 1679, com cinco embarcações e aproximadamente trezentos homens, chegou ao seu destino, fundando – em janeiro de 1680 – a Colônia do Santíssimo Sacramento (em um primeiro momento, denominada de Lusitânia). Em 1777, terminou a era da Colônia lusitana. Neste ano, ela foi conquistada por Pedro Ceballos, depois de um curto assédio de uma semana (de 27 de maio a 3 de junho). É hoje considerada capital do departamento de Colônia do Uruguai. (SCHLEE, 2005).

⁵⁶Caminho partindo da região de Viamão/RS, que seguia pelo litoral (Conventos e Araranguá), e chegaria à Serra Geral, prosseguindo até atingir o rio Iguaçu, nas proximidades da vila de Curitiba. Daí seguia pelo trecho de Curitiba a São Paulo, já existente. (RIBEIRO, 2006).

entre as regiões sul e sudeste. Em seguida, desenvolvem-se outras atividades comerciais, tais como a comercialização de alimentos, com destaque, num primeiro momento, para o charque (carne-seca). Os tropeiros passam a ser, então, viajantes encarregados de fazer a transição de alimentos e materiais de necessidades básicas essencialmente para as regiões de exploração de ouro.

Nesse contexto, os muares eram os animais propícios para esse tipo de serviço, pois, devido às dificuldades de transporte e estradas, outros tipos de veículos locomotores e até mesmo os carros de boi tornavam-se muitas vezes inviáveis. Além disso, muitos viajantes-vendedores passaram a povoar os locais de parada, dando início a novos municípios, que atualmente formam um roteiro turístico chamado de *a Rota dos Tropeiros*⁵⁷.

Ao fim de um dia de “caminhada”, termo utilizado que representava um dia de percurso, era hábito dos tropeiros acender uma fogueira, esquentar um feijão, que era comido com toucinho, farinha e pimenta-do-reino (feijão-tropeiro), além da carne-de-sol. As bebidas alcoólicas eram autorizadas somente em situações especiais, para se aquecer do frio e evitar resfriado, ou como remédio contra picadas de insetos⁵⁸.

Ainda com relação às atividades desenvolvidas pelos tropeiros e sobre as tradições culturais que foram herdadas nos povoados e vilas que integravam a sua extensa rota, João Altivo Araújo (o Zé Araújo) acrescenta que:

[...] levavam mulas carregadas de sal para o Rio Grande do Sul e voltavam carregados de charque [...] eles levavam as bruacas de couro que eram carregadas com mantimentos. Bruaca era um saco de couro cru, de couro de boi, enorme e quadrado. Eles botavam uma cangalha como diziam, de madeira, em cima das mulas, tinham dois ganchos, um em cada lado. Então eles enganchavam uma bruaca de cada lado. [...] E a influência que eu descobri que o gaúcho herdou dos tropeiros foi a dança de homem, que são o catira⁵⁹ e a chula⁶⁰. [...] porque

⁵⁷Só no Estado do Paraná abrange 17 municípios e há oficialmente, nesse Estado, um projeto idealizado desde 1997 e implementado a partir de maio de 2003, numa parceria entre a Secretaria de Estado do Turismo, o Sebrae/PR e a Associação dos Municípios dos Campos Gerais (AMCG), que oferece ao visitante vários atrativos geoturísticos.

⁵⁸Com base em informações retiradas de 60 anos: Museu do Tropeiro – Itabira. **Tropeirismo**. Disponível em <http://www.vivaitabira.com.br/host/MuseuTropeiro/tropeirismo.php>. Acessado em 16 de fev. de 2011, às 15h e 42min.

⁵⁹O catira ou cateretê surgiu de uma dança indígena, o *caateretê*, também adotada nos cultos católicos dos primórdios da colonização. Com solos de viola e coro, acompanhados de sapateado e palmeado, ele começa com uma moda de viola, entremeada por solos, e evolui para uma coreografia simples mas bastante rítmica. (VIOLA TROPEIRA. **A origem caipira**. Disponível em <http://www.violatropeira.com.br/origem.htm>. Acessado em 16 de fev. de 2011, às 18h e 20min.).

⁶⁰A chula é uma dança constituída de homens, lanças e botas. Com passos sapateados e coreografia bastante forte, vigorosa e de marcações bem quebradas, tem sua origem, ainda, em questionamento. Há

nessas tropeadas não tinha mulher. [...] Então eles faziam as fogueiras e dançavam o catira, dançavam a chula, pra mostrar pra comunidade, para o povo⁶¹.

Em Mato Grosso o desenvolvimento das atividades de tropeirismo inicia-se ainda durante o processo de criação das Capitanias de Mato Grosso e de Goiás. A fundação dessas Capitanias deve-se ao declínio do comércio aurífero paulista, devido à derrota na *Guerra dos Emboabas*. Assim, quando perderam o domínio das Minas Gerais, novas rotas passaram a ser investigadas pelos ávidos exploradores de riquezas da Comarca de São Paulo.

Os bandeirantes paulistas, responsáveis pelas primeiras descobertas, acreditavam que a exploração das minas deveria ser reservada aos pioneiros da região. Em contrapartida, a Coroa Portuguesa enxergava o feito como mais uma excelente oportunidade de negócio capaz de sanar a vida do Estado Lusitano. Dessa forma, a região de Minas Gerais, entre 1708 e 1709, acabou se transformando em palco de um conflito que acabou conhecido como a Guerra dos Emboabas. [...] Sob a liderança de Manuel Nunes Viana, os emboabas organizaram diversas expedições em que buscavam enfraquecer a hegemonia dos paulistas nas regiões mineradoras. Entre as lutas mais intensas, o combate desenvolvido no Capão da Traição ficou conhecido pela morte de 300 paulistas pela mão dos emboabas. Tendo em vista a situação de confronto, os colonizadores portugueses buscaram formas para reafirmar sua autoridade no local. No ano de 1709, a Coroa Portuguesa determinou a imediata separação territorial das capitanias de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Ao fim da guerra, os bandeirantes buscaram outras jazidas nas regiões de Mato Grosso e Goiás⁶².

A urgência de exploração e descobrimento de novas rotas levou os empreendedores paulistas a encontrarem então as minas de ouro nas regiões de Goiás e de Mato Grosso, que, em seguida, se tornaram praticamente "monopólios" dos paulistas e auxiliaram, fundamentalmente, no crescimento de sua economia. O contato estabelecido entre São Paulo e as novas regiões auríferas se deu principalmente por vias fluviais, inicialmente pelo caminho das monções, conforme visto no Capítulo 1 deste

bibliografias que narram ser de origem portuguesa – mais especificamente na região de Minho e Douro. Porém, suas coreografias e movimentações se assemelham às características de algumas danças africanas. E, de fato, algumas bibliografias reportam sua origem em África. É comum entendê-la como uma dança mesclada de danças portuguesa e africana. (REINECKEN, Gustavo. **Chula**. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:jFzZvEUac5QJ:www.frenteiradapaz.com.br/coluna.php%3Fid%3D45+origem+da+chula&cd=7&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&source=www.google.com.br>. Acessado em 16 de fev. de 2011, às 18h e 15min).

⁶¹Entrevista concedida em 15 de jan. de 2011. Zé Araújo (cantor, compositor e apresentador), 52 anos, é gaúcho descendente de tropeiros e atualmente mora na cidade de Sinop.

⁶²SOUSA, Rainer. Brasil Escola. História do Brasil. Brasil Colônia. **Guerra dos Emboabas**. Disponível em <http://www.brasilecola.com/historiab/guerra-dos-emboabas.htm>. Acessado em 17 de fev. de 2011, às 17h e 20min.

trabalho de pesquisa, em seguida pelo caminho fluvial amazônico e, mais, tarde, pelo caminho terrestre de Goiás.

É importante ressaltar que São Paulo permaneceu sendo o entreposto entre as zonas criadoras e consumidoras de mulas, oriundas em sua maioria do sul do país, e acabou por transferir toda a influência que tinha perdido nas Minas Gerais sobre as minas de Goiás e de Mato Grosso, que permaneceram sob domínio paulista até 1748, quando Dom João V, pelo Alvará de 09/05/1748, cria oficialmente as Capitanias de Mato Grosso e de Goiás.

Dentre os relatos mais antigos sobre os usos e costumes dos tropeiros e sobre as rotas desbravadas na Capitania de Mato Grosso, fundamentalmente sobre o caminho terrestre, há a obra *Notícia sobre a Província de Matto Grosso seguida d'um roteiro da viagem da sua capital a São Paulo*, de autoria do comerciante residente em Cuiabá, Joaquim Ferreira Moutinho, de 1869. Nessa obra, o autor descreve o seu percurso da viagem feita de Cuiabá a São Paulo e denuncia o descaso e abandono do caminho:

Em todo o sertão não existe uma braça ao menos no caminho que se possa dizer estrada; é apenas uma simples vereda que não admite outro veículo de condução a não ser o de animais de carga. Este caminho foi aberto em 1736, por uma bandeira que a requerimento do povo e da Câmara partiu de Cuiabá para Goiás, por ordem do ouvidor João Gonçalves Ferreira. Tem sofrido bastante alterações, mas nunca teve benefício algum.

Por sua vez, já no século XVIII destaca-se o registro das primeiras criações de gado no Estado de Mato Grosso, para abastecer não só a região sudeste, mas também as minas de ouro situadas no Peru⁶³. Inicialmente os tropeiros mato-grossenses viviam essencialmente da criação, transporte e negociação de gado, que servia para suprir os mineradores daquelas regiões. No século XIX, contudo, as atividades desenvolvidas pelos tropeiros são implementadas, principalmente em razão dos rumos de investimento de capital, ou seja, com a decadência do ciclo da mineração por causa do esgotamento do ouro de aluvião, os tropeiros passam também a ser funcionários das casas comerciais que começam a se fortalecer na Capitania.

[...] a casa comercial dispunha, privilegiadamente, de acesso aos mercados dos grandes centros brasileiros, o que lhe possibilitava o

⁶³Onde se encontrava instalado o vice-reinado espanhol para a colonização da América. Vale destacar, no entanto, que o início do comércio de tropas entre a Bacia do Prata e o Peru dá-se já no século XVII, para atender às necessidades das minas de Potosí, considerada então a maior jazida do mundo. (RIBEIRO, 2006).

controle de preços das mercadorias e das suas tendências nessas fontes, além do controle da troca de informações, feitas pelos tropeiros, sendo esses empregados dos comerciantes que faziam a ligação entre São Paulo e Mato Grosso, se utilizando do caminho de Goiás ou das velhas *monções*, em lombo de burros. (OLIVEIRA, 2000, p.22-23).

Com relação à índole dos tropeiros, apresentados geralmente pela História Oficial como empreendedores e símbolos do progresso e do desenvolvimento, é interessante verificar as reflexões apresentadas por Garcia ao se referir sobre o sistema tributário imperial que era obrigatório entre as Capitanias. Segundo essa autora, os tropeiros nos são apresentados pela historiografia e literatura brasileiras como

[...] homens de boa índole, heróis desbravadores integradores do território, plantadores de cidades, contadores de causos, transmissores de notícias, moda, culinária e alegria. Homens destemidos que se gabavam de sua retidão de caráter e coragem, mas que insistentemente aparecem na documentação como contrabandistas, homens perigosos, "conhecedores dos caminhos escusos" aptos a prestarem qualquer tipo de serviço e rapidamente desaparecerem pelo sertão; Homens sem dúvida alguma destemidos e empreendedores, mas que viam no sistema tributário imperial, um peso com o qual não estavam dispostos a arcar⁶⁴.

O tropeirismo manteve-se vigoroso por mais de cem anos e entrou em declínio somente nas últimas décadas do século XIX. Inicialmente em razão das construções de linhas de trem e, em seguida, com o aceleramento das construções de estradas de rodagem e o aparecimento dos caminhões e das máquinas agrícolas. Em 1897 foi realizada em Sorocaba/SP a última feira de muares, desmanhada às pressas em consequência de uma epidemia de febre amarela. Muitos tropeiros ainda resistiram e rumaram para Itapetininga/SP, sobrevivendo até o final da década de cinquenta do século XX, quando o Brasil teria assistido à passagem das últimas tropas. (RIBEIRO, 2006).

No entanto, salienta-se que em algumas regiões brasileiras, dentre elas a que se insere o Estado de Mato Grosso, o tropeirismo ainda persiste, principalmente em comunidades mais isoladas e interioranas. Mantém-se, dessa forma, viva esta atividade sempre ameaçada pelo desenvolvimento econômico e tecnológico. Neste Estado, é possível, por exemplo, viajar pela Rodovia Cuiabá-Santarém ou em outras estradas de

⁶⁴GARCIA, Ana Claudia Alves de Aquino. **Tropeiros e Coletores: a passagem das tropas pelas coletorias de Goiás – Século XIX.** Disponível em http://www.ufg.br/this2/uploads/files/112/05_AnaClaudiaGarcia_TropeirosEColetores.pdf. Acessado em 18 de fev. de 2011, às 16h e 50min.

asfalto ou de terra e deparar-se com uma boiada sendo transportada por peões/tropeiros, como se pode observar na foto abaixo tirada em 2011, quando o trânsito foi interrompido na MT-358 para a passagem de uma comitiva:

Fotografia 12: Encontro com boiada na MT-358.

Fonte: Máximo de Castro Rebelo Neto. Acervo Particular. Jun. de 2011.

2.2.1.1 Os novos tropeiros: a continuidade

Se o ofício desenvolvido pelos tropeiros tornou-se obsoleto por causa de novos meios de transporte, do progresso e da urbanização exacerbada, pois “o povo e a Câmara reclamavam da passagem constante dos animais pelo centro urbano e dos estragos e da sujeira que deixavam. [...] Chegaram queixas às autoridades sobre o aumento da criminalidade na época das feiras e houve um grande temor pelo estado sanitário da cidade⁶⁵”, no entanto, nos corações e almas dos que o viveram nunca houve deterioração, permaneceu para sempre o espírito arrojado de tempos difíceis em que prestavam inúmeros benefícios às comunidades isoladas ou esquecidas e representavam um importante elo para o seu desenvolvimento.

Esse espírito permanece também na grande linhagem de descendentes que foi sendo deixada de paragem em paragem, conforme o relato de Zé Araújo⁶⁶, que apresenta ascendência tropeira:

⁶⁵Conforme Ribeiro (2006, p.161-162), referente à organização da última feira realizada na cidade de Sorocaba/SP.

⁶⁶João Altivo Araújo, entrevista concedida em 15 de jan. de 2011.

Então veio uma família de Araújo pro Brasil dos Açores. E vieram pra Sorocaba e foram ser tropeiros de mulas. [...] As viagens, muitos que faziam viagens pro Rio Grande do Sul eram Araújo. Vieram pra São Paulo e logo começaram a ser tropeiros de mula. [...] sempre viajando e daí o que aconteceu foi que aumentou muito os Araújo, pois eles tinham uma família em Curitiba, no Paraná, outra em Ponta Grossa, ali na rota deles, e tinham outra família em Santa Catarina e depois no Rio Grande do Sul; eles tinham quatro famílias ou mais. Cada homem Araújo tinha tantas famílias porque levava quase um ano pra ir e voltar. E daí nas passagens eles formavam as famílias e tiveram muitos filhos.

A tradição e muitos costumes disseminados pelos tropeiros permanecem vivos na História documentada e na memória das gerações que insistem em resgatá-los e torná-los integrantes de rituais e de práticas que procuram assimilar ações e atividades desenvolvidas pelos viajantes de mulas. É o que tem levado, atualmente, comissões e associações integradas por descendentes, donos de mulas, ou por interessados em preservar a cultura, a restabelecer e socializar fatos históricos e a organizarem inúmeras comitivas e ‘cavalgadas’ de mulas por todo o Brasil.

Todavia, ao contrário das expedições oficiais que eram realizadas essencialmente por homens considerados valentes e empreendedores, essas modernas comitivas permitem que mulheres e crianças participem de jornadas pré-estabelecidas, as quais culminam, geralmente, com atividades festivas e de lazer.

Em Sinop/MT a Associação dos Muladeiros surge efetivamente em 2008, idealizada pelos fundadores José Antônio de Oliveira (o Zé Muladeiro) e Valdir Bezerra de Souza, ambos criadores de mulas e vindos do sul do Brasil. A iniciativa surgiu, conforme Zé Muladeiro⁶⁷, para

[...] resgatar as tradições e transmitir isso para os nossos filhos, para nossas famílias, porque não conheciam, tinha muita gente que não conhecia o que era comida de um tropeiro. [...] Então essa ideia partiu de mim e mais um companheiro, chamado Valdir Bezerra de Souza, para começar a fazer essas cavalgadas pra gente divulgar um pouco mais os mares. [...] Inicialmente com 50 animais. Muita gente é filho de tropeiro, de empurrador de boi, aqui nós chamamos de empurrador de boi, os filhos de empurrador de boi ou filhos de fazendeiro e fazendeiros são os que pertencem a essa nossa comitiva. Não tem ninguém da cidade que pertence à nossa comitiva que não seja do meio rural, que não seja do meio da cavalgada. [...] Nós começamos a visitar a região, toda região. Onde tinha uma cavalgada fora daqui nós íamos com a comitiva daqui. Em toda região nós andamos, nós fomos

⁶⁷Entrevista concedida em 10 de dez. de 2010. José Antônio de Oliveira (o Zé Muladeiro), 54 anos, é pioneiro de Sinop e presidente da Associação dos Muladeiros dessa cidade e da Comitiva Esperança/MT.

em Nova Maringá, nós fomos em Tabaporã, nós fomos em Tapurah, nós fomos em Itaúba, em Santa Carmem, Guarantã, Alta Floresta, então na EXPONOP⁶⁸ toda região veio aqui participar da nossa cavalgada.

Na foto, abaixo, pode-se observar integrantes da Comitiva Esperança/MT em uma das cavalgadas idealizadas pela associação:

Fotografia 13: Comitiva Esperança/MT – Muladeiros em Sinop.

Fonte: José Antônio de Oliveira (o Zé Muladeiro). Acervo Particular, dez. de 2010.

Ainda de acordo com Zé Muladeiro, migrante que chegou a Sinop em 1974, o gado só começou a vir à região entre os anos 1975 e 1976 e passava por balsa. “Naquela época no rio Teles Pires não tinha ponte, e o gado vinha num caminhão Fiat [...] muitas vezes de caminhão, muitas vezes vinha tocado, [...] principalmente pra abastecer o 9º BEC, e aproveitavam e vendiam pro pessoal”.

Atualmente, contudo, o presidente da Associação dos Muladeiros afirma que a mula é um dos animais mais utilizados para o trabalho nas fazendas da região norte de Mato Grosso. Segundo o mesmo, aproximadamente 90% dos animais são muares (cruzamento de equino com asinino), porque o cavalo tem menos resistência que a mula e aqui, com algumas exceções, todas as fazendas são grandes. “Aí tem a tropa de trabalho (a comitiva de trabalho), [...] cada peão já tem os animais definidos pra trabalhar. Então ele trabalha com um até meio-dia, depois troca, trabalha com outro à tarde. Por isso as fazendas têm que ter muitos animais”.

⁶⁸Exposição Agropecuária de Sinop/MT.

Esse desenho atual que a região norte de Mato Grosso exhibe foi, todavia, sendo traçado lentamente por distintas ações delineadas por diversos protagonistas que ora salientam proezas épicas, ora evidenciam o abandono e o descaso sofridos no novo espaço em que se fixaram. Dessa forma, compreendo ser essencial mostrar não só os grandes feitos registrados pela História Oficial, mas também os acontecimentos do cotidiano que, por serem usuais, expressam maior verossimilhança com o efetivamente vivido pelos pioneiros. Assim, no próximo item busco enaltecer um pouco mais os fatos comuns, a partir de “causos” contados por eles (os sujeitos migrantes), com o intuito de sintetizar o reverso, ou seja, a História em um contexto que se pretende mais fidedigno.

2.3 Narrativas orais: o (re)contar da história

Das primeiras vinte entrevistas que realizei com os sujeitos da rede de pontos dos quatro municípios que compunham o Projeto Gleba Celeste (Vera, Sinop, Santa Carmem e Cláudia), e que intencionavam essencialmente descrever relatos de experiência pessoal e fazer o levantamento preliminar de dados para a adequação do questionário piloto, não poderia deixar de destacar passagens que não foram retratadas pela História dessa região, ainda incipiente que nos é apresentada, e fatos que destoam dos registros oficiais que apenas realçam as proezas e a coragem do “herói colonizador”, que desbravou os sertões e ‘salvou’ os “espaços vazios” das investidas estrangeiras que visavam ‘tomá-los’.

De fato, a realidade dos acontecimentos do período do início da colonização foi árdua para quem chegou e se instalou no meio da floresta Amazônica, absolutamente sem recursos de toda natureza. Exatamente por esta razão que a região tornou-se terra em que “tudo era permitido”, ou seja, onde havia um alto índice de criminalidade e em que se praticavam preços abusivos nas vendas das poucas mercadorias que chegavam ao quase intransitável percurso, traçado em muitos pontos apenas por picadas ou pequenas estradas abertas no meio da mata. É nesse contexto que se explorava de toda forma o já iludido colonizador do sul e de outras regiões, que acreditou nas propagandas feitas à época, fundamentalmente propagadas pela mídia, de que as terras do norte de Mato Grosso eram ‘férteis’ e, portanto, no enriquecimento fácil.

Esqueceram-se, todavia, que na mata, em que habitavam os Kayabi, havia natureza exuberante e animais de toda ordem, que repousavam em seu habitat; Kayabis,

natureza e animais que foram sendo exterminados/devastados ou expulsos ao longo da trajetória de desenvolvimento e de progresso da região em nome do capital.

Enumero, a seguir, ‘causos’ relatados que melhor expressam esse estado de coisas e fatos da “semeadura” das cidades, os quais revelam, também, ‘faces obscuras’ da ocupação. Sobre os sujeitos, mantenho preservadas as identidades, ou seja, os identifico apenas por siglas e números, menos os entrevistados que já foram identificados no corpo do trabalho e que autorizaram a publicação dos relatos apresentados.

- 1- Naquela praça lá perto da Rodoviária, aquela praça que tem lá. Lá era uma aldeia de uma família. [...] E essa aldeia aqui na cidade, aqui em Sinop, foi uma invasão também que **não sei se foram matados ou foram expulsos**. Os índios que moravam aqui desapareceram. (Javariú Kayabi – entrevista cedida em 28 de out. de 2010).
- 2- Nós paramos lá no Teles Pires, próximo de Vera. O 9º Batalhão estava fazendo a BR, não podíamos passar porque era só atoleiro. Na época de janeiro era muita chuvarada, sabe. Nós paramos lá (na beira do rio), descemos toda a mudança e armamos a barraca, porque nem o rio dava pra atravessar. Em janeiro não era época de mudar pra cá, mas meu avô, muito nervoso, sabe, muito preocupado, queria vim pra Gleba Celeste. Depois, acabou toda a mercadoria que nós trouxemos, comida, arroz, acabou tudo. Aí meus tios só pescavam no Teles Pires, naquela época aqueles peixes enormes! Nós ficamos janeiro inteirinho, fevereiro, março e abril na barraca, na beira do rio. (Maria Aparecida da Silva Fernandes – entrevista dada em 15 de nov. de 2010).
- 3- Eu vim pra construir a casa primeiro, porque aqui não tinha casa, não tinha onde morar. Eu vim em maio de 1972 pra construir a minha casa. Trouxe os carpinteiros do Paraná. (Osvaldo Paula – entrevista concedida em 01 de nov. de 2010).
- 4- Lá do Paraná veio meu pai, eu, eu já era casada, eu já trouxe a Maria⁶⁹ e o meu filho que faleceu já veio de lá, pequeno, e dois compadre do meu pai. **Veio bastante gente num caminhão só, num pau-de-arara**. O João veio com nove meis, não sei como não morreu na estrada. Naquele tempo não tinha asfalto, não tinha nada, né. [...] Sem tomá banho, sem nada. Ficô acho que mais de oito dias que não entrava água no cabelo. A poeira era tanta, meu Deus do céu! (IV4⁷⁰ - entrevista cedida em 21 de out. de 2010).
- 5- Foram desmatando, desmatando, era tudo no machado. Não tinha motosserra. O Carlinhos, meu pai, meus irmão, desmataram tudo. [...] Eu sei que nós passô cada coisa, meu Deus! O Carlinhos cortô uma perna no machado, abriu um corte com o machado, daí o meu irmão trouxe ele nas costas do mato. Não conseguia caminhar porque saía muito sangue. Podia tê morrido. Aí chegô em casa, achô lá um vizinho que ia pra Vera, foi. Eles já sabia lá quando a gente chegava, porque direto tava lá, era muito bom o posto lá da Vera. Aí feiz curativo, deu pomada, já dava bastante coisa pra gente trazê pra casa, comprimido, pomada, tudo isso ele dava, porque sabia que era longe, né.

⁶⁹Todos os nomes que serão apresentados nos relatos dos sujeitos não identificados não correspondem aos verdadeiros.

⁷⁰IV4= Sujeito de Vera, número 4. O número indicado corresponde à ordem de apresentação das transcrições, conforme o Apêndice I desse trabalho.

Aí explicava direitinho tudo como era pra tomá. Eu sei que nós passô as nossas! (Idem).

- 6- Tinha uma irmã que falou pra mim *não vai dá na Carmem, leva o Jô* (que estava com malária) *e a menina porque tem o médico do governo aí* (em Vera). [...] Lá o médico ficô brabo comigo porque que não tinha cuidado daquela menina. Eu fiquei brabo com ele. Falei *olha, se por meu gosto minha filha não tava desse jeito, porque se eu tivesse recurso tava cuidando, né?* [...] Ficô por causa da meningite, então não teve jeito. Aí internô lá e a fleira⁷¹ chamô o avião e levô o pai e a filha pra Cuiabá. Aí a menina ficô (faleceu), aí eles levaram a menina, enterraram. Era pra trazê, como que trazia a menina? Pra ir teve que i de avião, pra vim tinha que i de ônibus, passá oito dias na estrada? Não tinha condições. Enterrô lá mesmo, só deu atestado de óbito. Eu nem fui, nem vi, nem fui. Eu tinha ganhado o meu menino, o Ricardo, fazia quarenta dia de nascido. Nem sei quem foi que enterrô, só sei do hospital, o cemitério, cemitério Cristo Reis. Tá até selado, não enterra mais ninguém. **Nunca consegui encontrar o local onde ela foi enterrada.** (ISC6⁷² – entrevista dada em 10 de jan. de 2011).
- 7- Eu tenho 12 filhos, mas a Cacá faleceu, eu tenho só 11, né. [...] Passei dificuldade, vixi nossa! Não dá nem pra contá. Pra i na Vera pra fazê compra, porque tinha um armazém lá, tinha que saí de Santa Carmem, ficá na Carmem e esperá uma caçamba ou jipe que passasse aqui de Sinop pra lá, pra i lá no armazém, naquele tempo não tinha mercado, i no armazém fazê a compra e voltá, esperá outra carona e chegá em Carmem em 3 dia. [...] Mas ficava ali 2, 3 dia esperando um carro. E pra levá aqueles saco de mercadoria pra casa? Ia eu, as criança e ele (o marido), cada um levava um pouco, andava 10 km. [...] Tinha uma estradinha, aberta mesmo, rapada de máquina, sabe, mas o mato de um lado e de outro. Não tinha medo, escutava só aqueles biscoiteiro *fio, fio, fio, fio* e os macaco e a onça, de vez em quando a onça estorrava. (Idem).
- 8- Tinha só um médico que consultava. Daí ele falou assim *tem que levá o menino pra Cuiabá, senão você vai perdê o menino.* [...] Uma coisa que me marcô muito, que eu não esqueço, de uma pessoa que já morreu mais tá na minha memória, porque no dia que eu fui levá o menino pra Cuiabá eu tava chorando do lado de fora da casa, ali na Rua Primavera. Aí passou uma senhora e pediu porque é que eu tava chorando *é de saudade?* Eu falei *de saudade também, mas eu tenho que levá o menino pra Cuiabá e não tenho dinheiro.* Ela falou *chama teu marido, te arruma, que o dinheiro eu arrumo pra você.* Aí eu pensei *mas como ela vai arrumá o dinheiro se nem me conhece?* Aí um pouquinho bateu palma e trouxe o dinheiro. Ela falou *olha, vai!* Aí eu falei *quando nós voltar e consegui trabalhá, devolvemos* (fazia poucos dias que a gente tava aqui), ela falou *não se preocupe, o dia que você pudê pagá você paga pra mim, vai e salva teu filho.* (IS14⁷³ – entrevista concedida em 01 de fev. de 2011).
- 9- No começo era tudo estrada de chão, tudo estrada de chão. Pobrema quando era chuva, os rio passava tudo por cima das ponte ali que tinha, é; e era um negócio perigoso. Muitas vezes então o ônibus fazia baldeação, porque até certo ponto não podia passá. Então passava tudo de barquinho, de barquinho, baldeava tudo os carro ali, tinha um barco só pra levá os passageiro pra lá e as mala. E a gente passava perigo ali porque eles enchia muito, óia, a água faltava um ‘tantinho’ pra enchê o bote. (IS15⁷⁴ - entrevista cedida em 05 de out. de 2010).

⁷¹Variante de freira.

⁷²ISC6 = Sujeito de Santa Carmem, número 6.

⁷³IS14= Sujeito de Sinop, número 14.

⁷⁴IS15= Sujeito de Sinop, número 15.

- 10- **A história do coveiro** [...] parece coisa inventada, mas é verídica. [...] Os caixões eram feitos aqui na base do serrote e quando morria alguém (a maioria das mortes que tinham eram súbitas, ou por acidente de trabalho, ou porque um matava o outro, malária), se fazia o caixão aqui. [...] Até pra ir para o cemitério era a coisa mais difícil do mundo. Chovia muito nessas épocas de dezembro e janeiro, tanto que não se passava na estrada, não tinha estrada pra ir. O carro que levava o defunto tinha que ser rebocado com trator. Pra ir daqui até o cemitério era uma viagem naquela época. Aí essa história do coveiro [...] ouve aqui duas mortes, mataram um ex-deputado do Paraná, o Alcioli Filho, acho que era lá em Colíder, e os bandidos vinham fugindo pela BR a pé, quando chegaram numa certa altura aqui da estrada, quase próximo a Sinop, os dois saíram da estrada pra passar em uma ponte onde tinham dois policiais civis esperando, eles mataram os dois. Nem conversaram. Então trouxeram os dois pra cá e fizeram os caixões pra eles. Quando já estava no entardecer chegou de uma gleba, não sei de que lugar que foi, um avião com outro defunto, já inchado também. Aí sepultaram os dois que tinham assassinado lá o ex-deputado, briga por causa de terra, né. Aí esse um que veio de avião de uma gleba, foi enterrado sem caixão, foi sem nada para o cemitério. Naquela época chovia muito e as covas eram cheias de água, aí jogaram o cadáver dentro da água e ele ficou boiando. E daí puseram pedra nele, em cima da barriga, em tudo, daí ele afundou, aí quando acabaram de fazer a cova certinho, bonitinho, quando estava tudo pronto, o braço dele escapou pra cima, saiu pra cima, pra fora do túmulo dele. Aí o coveiro pegou uma forquilha e afundou o braço dele, largou o material lá, veio na Prefeitura, pediu as contas e falou *nunca mais eu trabalho nisso!* Foi isso mesmo que aconteceu. [...] Eu vou explicar pra você porque colocaram ele e ele subia, porque na época da chuvarada daqui, que era em janeiro, fevereiro, você cavava um ‘tantinho’ assim (gesto) no quintal e a água inundava tudo, então eles faziam a cova, mas a água subia. Não tinha escoamento, não havia esgoto, não havia valetas, não havia nada. (Oswaldo Paula – entrevista dada em 01 de nov. de 2010).
- 11- Quando fazia 8 meis que nós tava aqui, daí meu pai tava fazendo uma derrubada, né, e caiu um galho na cabeça dele e matô ele. Com oito meis que nós tava aqui. [...] As dificuldade que nós passemos aqui no início foram muitas. No tempo da chuva vinha mercadoria em Sinop com avião de carga, aí o leite, que nem se eu comprá uma lata de leite eu tinha que levá meu documento e um pacote de farinha. Era tudo... pra tê um pouquinho pra cada um. Era tudo racionado. Se eu pegasse demais, daí faltava pra você. [...] E aí aqui não tinha onde trabalhá, não tinha nada, e você tinha que tê, né, pra mantê. Na roça não dava nada, tinha que fazê derrubada e não tinha nada. [...] o lampião mesmo a gente comprava óleo diesel, nem querosene, era óleo diesel pra poupá, pra podê mantê. Não tinha energia, não tinha nada, né, não tinha, né, não pegava, nem rádio não pegava. Não sei se era por causa da mata fechada, mais, porque você sai assim dum conforto (referindo-se ao Paraná) pra vim aqui, foi bem... foi muito difícil. (IC19⁷⁵ – entrevista concedida em 12 de set. de 2010).
- 12- Teve aqui esses cara que fazia essas picada de mato, né, e tudo, né. Deu muita morte aqui também... aha, muitas mortes aconteceu, vixi! Eu, se eu falá pra você que eu tenho trauma, eu peguei trauma de mato, você acredita? Trauma de mato. [...] Daí chegô de noite, daí eu fiquei só eu e a minha menina na casa. Eu falei *meu Deus do céu!* E o pai não tava nem a mãe. Aí chegô, acho que era umas 8, 9 hora, pra falá a verdade o horário eu não sei direito, mas eu calculo que era isso. Aí chegô os cara que tavam abrindo picada, né, não esqueço disso nunca! Eles chegaram e falaram assim *vem aqui na caminhoneta vê, nós matemo duas anta. Você conhece anta?* Eu falei *não, não, não conheço, não vô olhá porque agora vô esquentá a comida, voçeis vão comê aí.* Eles passavam aqui e pediam comida pra você, e tinha que dá. Daí eu fiz, só tinha os resto da janta, aí eu arrumei pra eles, eles comeram e eles fizeram eu i lá olhá as anta. Cheguei

⁷⁵IC19= Sujeito de Cláudia, número 19.

lá, **era dois corpo de homem**. Nossa Senhora! Dois corpo de homem. Daí ele falô *essas são as anta que nós matemo*. E aí ele falô *dá um litro de cachaça*. Aí eles pagaram o litro de cachaça. Aí não demoraram. [...] Eles trazia até no Azul (rio), abriam os corpo, jogavam dentro da água, pra não boiá. Eles mesmo contavam, eu conto porque eles contavam. Eles eram contratados de Cuiabá, da Colonizadora mesmo. [...] Polícia não tinha. Demorô, depois começô vim polícia, daí começô normalizá. (Idem).

13- O cabo trazia [...] veio muita gente, japoneis veio bastante, que era da Colonizadora. Ele vendia as terra, mostrava as terra. [...] daí o falecido cabo, eles mataram o cabo, né, [...] ele ajudô a abri Sinop, Carmem, Vera, Cláudia. [...] Atiraram na chácara dele lá embaixo. Fizeram uma emboscada pra ele. É por causa de rolo de terra aí. **Pegaram ele na tocaia**. Pegaram ele na tocaia quando ele saiu da chácara dele, ele abriu o portão e saiu, quando fechô o portão ele montô no carro, os cara pegaram ele por trais. Ele morava ali em cima. (IC18⁷⁶ – entrevista cedida em 12 de set. de 2010).

14- Pois é, pra você vê como é que a Colonizadora usô... um esquema até meio... eles plantaram uma chácara em Sinop de café, você olhava aqueles pés de café, você falava *meu Deus do céu, que loucura!* Porque nós sabíamos mexê com café. Então você vê que não gia; aqueles pés de café que eles plantaram lá, pra mim que tavam grosso, assim, no meio dos pé de café de esterco de galinha, **fizeram de propósito pra enganá**. (IC20⁷⁷ – entrevista dada em 12 de set. de 2010).

15- Abriu uma loja, do senhor Valdinei e dona Emmi, uma japonesa. Ele alemão e ela japonesa. Aí eu fui pra lá, fui lá e conversei com eles, [...] eu fui lá pra montá padrãozinho (de energia). Aí eu comecei a montá padrãozinho lá com eles. Aí eu ganhava tudo, né. Só que eu ganhava 50 % do que eles cobravam, porque eu achava que era muito, era muito dinheiro pra ganha, era muito dinheiro e é uma coisa assim, eu acho que é muito da gente, né, você precisa ganhá o suficiente pra você vivê bem, até um pouquinho mais, mas a partir do momento que você sente que você tá ganhando muito você tá lesando alguém, não é? Ninguém, ninguém vinha pra cá rasgá dinheiro, todo mundo vinha pra começá a vida. São pessoas que vêm para um lugar desses e não vêm pra conforto, porque não tem. Vem em busca do futuro, vem em busca de conforto pro futuro, mas não pra aqueles dias; não se tinha nada. (IS10⁷⁸ – entrevista concedida em 03 de fev. de 2011).

16- Mato Grosso foi o maior crime do mundo, né, era o que era certo na época, né, hoje iam todos pra cadeia, hoje iam tudo pra cadeia. Na época usava-se um veneno que eles tinham e eles passavam de avião em cima da mata, né, das mata, madeira, [...] e aí caía as folha, secava, e aí botavam fogo e depois jogava capim. **Os animais e bichos que não morria no veneno morria no fogo**. Esse é o maior crime do mundo que pode acontecê na época, mas é o custo do progresso, é assim. (Idem).

Os vieses dos fragmentos acima são apenas uma pequena amostra de como efetivamente se fundamentaram os alicerces das cidades projetadas no meio da floresta Amazônica. Os protagonistas dessas histórias estiveram presentes e vivenciaram os acontecimentos em seu cotidiano. Como é possível verificar, as narrativas ‘desses desconhecidos’ mostram, ainda que de forma incipiente, reflexos do reverso da História,

⁷⁶IC18= Sujeito de Cláudia, número 18.

⁷⁷IC20= Sujeito de Cláudia, número 20.

⁷⁸IS10= Sujeito de Sinop, número 10.

esta contada, geralmente, de acordo com os interesses/ideologias dominantes e do capital.

Há ainda muitas outras passagens (relatos/denúncias) que poderiam ser acrescidas aos pontos enumerados acima, a seleção tornou-se, inclusive, difícil. Desse modo, convido ao leitor interessado em obter informações mais detalhadas a ler as entrevistas, na íntegra, no Apêndice I desse trabalho.

3 ABORDAGENS SÓCIO-GEO-LINGUÍSTICAS: PILARES TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Após apresentar, em linhas gerais, o contexto sócio-histórico e cultural das quatro cidades em evidência, bem como alinhavos dos protagonistas da história do cotidiano dessa região, identifico, neste capítulo, o desenho de pesquisa deste trabalho, que tem como principal aporte teórico a Geolinguística contemporânea, a qual dialoga com representantes teóricos e propagadores dos estudos dialetais que importam ao desenvolvimento do objeto em foco. Por se tratar de uma pesquisa interdisciplinar, mobilizarei, também, os pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista.

A necessidade de se aliar ambas as teorias nesse estudo semântico-lexical se fez presente desde a sua constituição, ou seja, a partir da edificação das questões norteadoras e dos objetivos, os quais enfatizam, fundamentalmente, o propósito de um olhar analítico sobre o falar norte mato-grossense nas dimensões diatópica e diastrática. Assim, para que se realizasse tal intento investigativo, foi indispensável unir a contribuição dessas duas ciências da linguagem que se complementam, como já admitido por vários pesquisadores (Lope Blanch (1978), Corvalan (1988), Chambers e Trudgill (1994), Zágari (1998), Brandão e Moraes (1998), Cardoso (1994/2010), dentre outros).

É importante também observar que, de acordo com Cardoso,

Apesar de “consideradas até certo ponto sinônimas”, dialetologia e sociolinguística, ao se ocuparem da diversidade de usos da língua, atribuem um caráter particular e individualizante no tratamento do seu objeto de estudo. O enfoque diatópico e sociolinguístico se faz presente em ambas. Distinguem-se, no entanto, na forma de tratar os fenômenos e na perspectiva que imprimem à abordagem dos fatos linguísticos. A dialetologia, nada obstante considerar fatores sociais como elementos relevantes na coleta e tratamento dos dados, tem como base da sua descrição a localização espacial dos fatos considerados, configurando-se, dessa forma, como eminentemente diatópica. A sociolinguística, ainda que estabeleça a intercomparação entre dados diferenciados do ponto de vista espacial, centra-se na correlação entre os fatos linguísticos e os fatores sociais, priorizando, dessa forma, as relações sociolinguísticas. (CARDOSO, 2010, p.26).

Salienta-se, ainda, conforme Pontes (2000, p.5), que, mais enfaticamente a partir dos anos 1990, “vários procedimentos metodológicos da geolinguística tradicional

foram repensados à luz de métodos e técnicas modernos da geolinguística e da sociolinguística, os quais melhor retratam a realidade linguística brasileira atual”.

Desse modo, para a perspectiva diatópica dos fatos considerados em minha pesquisa fiz uso dos pressupostos teóricos delimitados pela dialetologia, enquanto para o tratamento dos fatores sociais lancei mão de alguns procedimentos metodológicos da Sociolinguística laboviana, ainda que adaptadas à especificidade desse trabalho, tais como a observação do perfil dos sujeitos e sua organização sociocultural, a divisão genérica e níveis de instrução, assim como a postura a ser adotada pelo pesquisador e o método de entrevistas.

Nesse sentido, segundo Bertoldo (2012), a importância dos instrumentos de coleta de dados sugeridos pela Sociolinguística se justificaria porque a fala ou as opções linguísticas para esse ato são produções étnico-culturais que determinam os grupos sociais e certificam suas histórias de vida.

A organização estrutural deste capítulo se apresenta delineada da seguinte forma: dos itens 3.1 ao 3.2 procuro situar ao leitor um breve percurso conceitual dessas duas teorias citadas que fundamentam meu estudo, já contextualizando, por vezes, a metodologia adotada no corpo da pesquisa; do item 3.3 ao restante do capítulo exponho os procedimentos metodológicos que intuem mostrar/justificar, a partir das epistemologias evidenciadas, as escolhas que fiz e as necessárias costuras e recortes tecidos ao longo do trabalho, os quais deram vida, corpo e sustentação à produção que aqui apresento.

3.1 Estudos dialetais no Brasil: caminhos percorridos

O resgate histórico dos caminhos da dialetologia⁷⁹ no Brasil e dos avanços no campo dessa ciência, que se dedica à coleta e à classificação das variedades e variantes dialetais de um mesmo idioma em seu contexto geográfico, é fundamental para se compreender a importância da realização desse estudo de aspecto semântico-lexical, bem como as possíveis contribuições que ele pode trazer para a identificação da formação e da expansão da variedade do português na região norte mato-grossense.

⁷⁹O estudo sistemático das variações – sobretudo as de natureza geográfica – inicia o seu processo de formalização já no século XIX, época em que as investigações no campo da linguagem, dominadas por ideias positivistas, se desenvolviam segundo métodos histórico-comparativos. Foi na França que a dialetologia ganhou vulto; em 1881 passou a fazer parte do currículo regular da École Pratique des Hautes Études, de Paris, e em 1897 Jules Gilliéron dá início a recolha de dados para a elaboração do *Atlas Linguístico da França* – o ALF. (BRANDÃO, 2005).

Desse modo, essa pesquisa, em consonância com os preceitos da Geolinguística abordados por Coseriu, pretende utilizar:

O método dialectológico e comparativo [...] que pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas lingüísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de determinado território, ou que, pelo menos, tem em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, ao dialeto ou aos falares estudados. (COSERIU, 1982, p.79).

A preocupação com a diversidade de usos linguísticos no Brasil, embora registrada desde o início da colonização, tal como podemos verificar com a publicação da primeira gramática, já no século XVI, a *Arte de Gramática da Língua mais Usada na Costa do Brasil*, de José de Anchieta, se acentua, todavia, somente no final do século XVIII e início do século XIX. De acordo com Cardoso (1999), a primeira manifestação caracterizada como de natureza dialetológica sobre o português do Brasil surge em 1826, com o informe intitulado *Les différences que le dialecte brésilien pourrait présenter, comparé à la langue de Portugal*, publicado por Domingos Borges de Barros, o visconde de Pedra Branca.

Com o evento da Independência (1822), os escritores brasileiros do período romântico intensificam o debate sobre a língua em que deveria expressar-se a literatura brasileira, contexto em que, influenciado pela independência política, surgem denominações tais como ‘língua nacional’ e ‘língua brasileira’, denominações estas que tinham o propósito de estabelecer uma norma literária brasileira distinta da corrente em Portugal. O grande pivô desse ideário preconizado pelo Romantismo foi José de Alencar, que reivindica o “direito de escrever brasileiro”:

Desde a primeira ocupação que os povoadores do Brasil, e após eles seus descendentes, estão criando por todo este vasto império um vocabulário novo, à proporção das necessidades de sua vida americana, tão outra da vida européia. Nós, os escritores nacionais, se quisermos ser entendidos de nosso povo, havemos de falar-lhe em sua língua, com os termos ou locuções que ele entende, e que lhe traduzem os usos e sentimentos. (ALENCAR, 1874, p.965).

Com o intuito de apontar os caminhos percorridos pelos estudos dialetais no Brasil, Ferreira e Cardoso (1994, p.37-51) dividem a história desses estudos em três grandes fases. A primeira compreende o período de 1826 a 1920, em que foram desenvolvidos vários trabalhos relacionados, principalmente, ao léxico do português do

Brasil. Tais estudos originaram “numerosos dicionários, vocabulários e léxicos regionais”. Dentre eles destacam-se⁸⁰:

- (1832) *Dicionário da língua brasileira*, de Luís Maria Silva Pinto;
- (1853) *Vocabulário brasileiro para servir de complemento aos dicionários da língua portuguesa*, de Brás da Costa Rubim;
- (1879) *O idioma hodierno de Portugal comparado com o do Brasil*, de José Jorge Paranhos da Silva;
- (1884) *A linguagem popular amazônica*, de Macedo Soares;
- (1901) *O tupi na geografia nacional*, de Theodoro Sampaio;
- (1905) *Glossário paraense*, de Vicente Chermont de Miranda;
- (1912) *Dicionário de brasileirismos*, de Rodolfo Garcia.

A segunda fase, por sua vez, tem início com a publicação da obra de Amadeu Amaral (1920) *O dialeto caipira*, que nasceu da preocupação do autor com o processo de dialeção do português brasileiro. Tal preocupação é ressaltada desde os primeiros alinhavos da obra, ao destacar que:

Fala-se muito num “dialeto brasileiro”, expressão já consagrada até por autores notáveis de além-mar; entretanto, até hoje não se sabe ao certo em que consiste semelhante dialeção, cuja existência é por assim dizer evidente, mas cujos caracteres ainda não foram discriminados. (AMARAL, 1920, p.43).

Dessa forma, neste período, incorporam-se os debates sobre as variações presentes no português falado do Brasil, embora os trabalhos realizados caracterizassem-se, essencialmente, pelas abordagens gramaticais ou ainda muitas pesquisas continuassem dando destaque ao léxico. Dentre as obras que se evidenciam nessa fase, temos: (1922) *O linguajar carioca*, de Antenor Nascentes; (1926) *Vocabulário gaúcho*, de Roque Callage; (1933) *Vocabulário do Nordeste do Rio Grande do Sul – Linguagem dos praieiros*, de Dante de Laytano; (1934) *A língua do Nordeste*, de Mário Marroquim; (1936) *Os africanismos no dialeto gaúcho*, de Dante de Laytano; (1944) *A linguagem de Goiás*, de José Aparecido Teixeira.

Na terceira fase aparecem os primeiros trabalhos com base em *corpus* constituído de forma sistemática. Caracteriza essa fase, também, o interesse pela elaboração e execução do *Atlas Linguístico do Brasil*, o qual chega a contar com um

⁸⁰De acordo com dados trazidos por CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. A Dialectologia no Brasil: Perspectivas. **D.E.L.T.A.**, Vol. 15, N° Especial, 1999 (233-255).

Decreto do Governo Brasileiro, o Decreto 30.643, de 20 de março de 1952, que estabelecia atribuições à Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa. Dentre essas atribuições, assentada no seu Art. 3º, segundo Cardoso⁸¹, aparece, como principal finalidade da Comissão, a “elaboração do Atlas Linguístico do Brasil”. Tal determinação foi regulamentada pela Portaria nº 536, de 26 de maio do mesmo ano.

Ferreira e Cardoso (1994, p. 44) põem em relevo os pesquisadores que se destacaram nesta fase:

[...] a geografia lingüística no Brasil não teria encontrado desenvolvimento sem o trabalho relevante e pioneiro dos que com ela se sentiam comprometidos. E dentre esses, quatro nomes merecem destaque especial pelo trabalho realizado e pela contribuição definitiva na implantação dos estudos de geografia lingüística: Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Nelson Rossi.

Estes pesquisadores, por sua vez, fizeram parte, conforme Altman (2009), do contexto brasileiro em que ocorrem desdobramentos conturbados para os estudiosos de linguagem, pois mal haviam se incumbido das novas tarefas da linguística no Brasil, relativas à descrição (estrutural) sincrônica das línguas indígenas e do português aqui falado (e suas variedades), e já se viam, quase que simultaneamente, bombardeados por concepções de teorias linguísticas ainda mais ‘novas’ e, principalmente, por novos critérios e objetivos de análise, dos quais precisavam estar sempre a par.

Contudo, importa salientar que esse novo momento dialetológico no Brasil é importante, fundamentalmente, porque possibilita uma nova visão na abordagem dos fenômenos da variação linguística em nosso país. No *Guia para estudos dialetológicos* (1957, p.9) Serafim da Silva Neto conclama essa nova visão ao afirmar que “no Brasil [...] é preciso, antes de mais nada, criar mentalidade dialetológica, preparando um ambiente favorável às pesquisas de campo”. Aponta, ainda, a necessidade e a urgência de se estudarem os falares brasileiros.

Todavia, são as *Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*, obra publicada por Antenor Nascentes em dois volumes (1958 e 1961, respectivamente), que

⁸¹ Conforme informações constantes em CARDOSO, S. A. M. **O atlas lingüístico do Brasil: uma questão política**. Disponível em: http://www.ufpa.br/alipa/atlas_brasil.htm. Acessado em 22 de jul. de 2013, às 17h e 13min.

abrem caminho para o desenvolvimento de estudos nessa área. Mas o próprio autor reconhece, no entanto, naquele contexto, a inviabilidade de execução do atlas de abrangência nacional em razão da grande extensão de nosso território e das dificuldades de acesso às distintas regiões brasileiras.

Celso Cunha e Serafim da Silva Neto já haviam antevisto essa inviabilidade apontada por Nascentes; em 1957, por ocasião do *III Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros* realizado em Lisboa, já recomendavam a realização de atlas regionais.

Surge assim, em 1963, de autoria de Nelson Rossi, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, obra em que se concretiza o desenho teórico-metodológico traçado por Nascentes e que selaria os novos rumos de estudos no campo da Geolinguística. Esse autor, que se destaca pelo rigor científico e pela precisão metodológica, é considerado o pioneiro na aplicação da geografia linguística no Brasil.

Posteriormente, pesquisadores de outras regiões brasileiras iniciam o mapeamento de aspectos mais específicos de cada área/região. Dentre os Atlas Regionais já concluídos destacam-se⁸²:

- (1977) *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (EALMG), tendo como autores os Professores Mário Roberto Lobuglio Zágari, José Ribeiro, José Passio e Antônio Gaio;
- (1984) *Atlas Linguístico da Paraíba* (ALPB), foi coordenado pela Professora Maria do Socorro Silva de Aragão e realizado conjuntamente com a Professora Cleusa Bezerra de Menezes;
- (1987) *Atlas Linguístico de Sergipe* (ALS I), foi coordenado pelo Professor Nelson Rossi;
- (1990) *Atlas Linguístico do Paraná* (ALPR), apresentado como Tese de Doutorado da Professora Vanderci de Andrade Aguilera na Universidade Estadual Paulista (UNESP);
- (2002) *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALERS), coordenado pelo Professor Walter Koch;
- (2004) *Atlas Linguístico Sonoro do Pará* (ALISPA), coordenado pelo Professor Abdelhak Razky;

⁸²De acordo com dados constantes no Projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALiB. **Atlas Nacionais**. Disponível em <http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/AtlasNacionais>. Acessado em 13 de abr. de 2013, às 15h e 16min.

- (2005) *Atlas Linguístico de Sergipe II* (ALS II), desenvolvido como Tese de Doutorado da Professora Suzana Alice Marcelino Cardoso, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ);
- (2007) *Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul* (ALMS), organizado por Dercir Pedro de Oliveira;
- (2010) *Atlas Linguístico do Estado do Ceará* (ALECE), coordenado, na sua origem, por Alexandre F. Caskey, José Carlos Gonçalves, Mário Roberto Lobuglio Zágari e por José Rogério Fontenele Bessa, que é o coordenador geral e coordenador da publicação constituída de dois volumes.

Existem, também, outros atlas regionais ainda em andamento. Dentre estes se encontram o *Projeto Atlas Linguístico do Acre* (ALAC), coordenado por Luíza Galvão Lessa; o *Projeto Atlas Linguístico do Maranhão* (ALiMA), coordenado por Conceição de Maria de Araújo Ramos; o *Atlas Linguístico do Estado de São Paulo* (ALESP), de iniciativa de Pedro Caruso; o *Atlas Linguístico do Espírito Santo* (ALES), coordenado pela Professora Catarina Vaz Rodrigues; o *Atlas Linguístico de Pernambuco* (ALIPE), proposto como Tese de Doutorado pelo Professor Edmilson José de Sá; o *Atlas Linguístico do Piauí* (ALIPI), coordenado pelo Professor Luiz Egito de Souza; o *Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte: recolha de dados no sertão potiguar* (ALIRN), coordenado pela Professora Maria das Neves Pereira; e o *Projeto Atlas Linguístico de Mato Grosso* (ALiMAT), conduzido pela equipe composta por José Leonildo Lima⁸³, Cássia Regina Tomanin e Valéria Faria Cardoso.

Outro estudo regional relevante em execução, desde 1984, é o Projeto VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil), que tem por objetivo geral a descrição do português falado e escrito de áreas socioculturalmente representativas dos três Estados do sul do Brasil – Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Conta, nesse momento, com a parceria de quatro universidades brasileiras: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC – RS), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Universidade Federal do

⁸³Conforme informações recebidas por e-mail do Professor Pesquisador José Leonildo Lima, em 25 de nov. de 2011, o ALiMAT encontra-se com a aplicação dos questionários nos 16 pontos de inquérito (Aripuanã, São Félix do Araguaia, Diamantino, Paranatinga, Rosário Oeste, Barra do Bugres, Vila Bela da Santíssima Trindade, Cáceres, Poconé, Rondonópolis, Itiquira, Cuiabá, Chapada dos Guimarães, Barra do Garças, Tesouro, Alto Garças) concluída e no momento está em fase de transcrição dos dados para posterior publicação.

Paraná (UFPR); foi coordenado inicialmente por Carlos Alberto Faraco (UFPR) e atualmente por Valéria Neto de Oliveira Monaretto (UFRGS).

Além dos atlas regionais, muitos atlas/mapeamentos locais estão sendo feitos em teses de doutorado ou dissertações de mestrado. Já nos anos 1990 é apresentado por Baranow (1991) um estudo/levantamento realizado no período de cinquenta anos (1939-1989) em que identifica 1.589 trabalhos, entre teses de doutorado e dissertações de mestrado, na área dos estudos linguísticos, dos quais 98 tecem reflexões sobre aspectos dialetais nos seus mais diferenciados enfoques. Destaco, dentre eles, alguns estudos locais desenvolvidos no Estado de Mato Grosso:

TESES DE DOUTORADO =

- (2000) *Aspectos Fonológicos do Português Falado na Baixada Cuiabana: traços de língua antiga preservados no Brasil*, de Manoel Mourivaldo Santiago Almeida, pela Universidade de São Paulo (USP) – pesquisa que apresentou, dentre os seus objetivos, coletar e analisar aspectos linguísticos, no nível do léxico e da fonética, históricos e socioculturais que serviram de base na formação e expansão da variedade linguística nascida em núcleos familiares paulistas ainda nos séculos XVI e XVII. Dessa variedade surgiu o chamado dialeto caipira que, a partir do século XVIII, se expandiu para o centro-oeste do Brasil, em particular para a chamada Baixada Cuiabana/MT, tendo como um dos caminhos as águas do rio Tietê, antigo Anhembi, dentre outras vias fluviais e terrestres.
- (2003) *A concordância de gênero na anáfora pronominal no dialeto da Baixada Cuiabana-Mato Grosso*, de Rachel do Valle Dettoni, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – trabalho que focaliza a variação na concordância de gênero no sistema pronominal de terceira pessoa no dialeto falado na Baixada Cuiabana, em Mato Grosso. Os efeitos desse fenômeno de natureza morfossintática evidenciam-se no interior do sintagma nominal, na relação entre o sujeito e o predicativo e na anáfora pronominal. A realização variável da concordância de gênero seria, conforme essa autora, um traço linguístico presente no falar cuiabano, embora atualmente haja uma diminuição da frequência de uso de variáveis dessa natureza em prol de manifestações linguísticas mais próximas da variedade padrão do português brasileiro.

- (2005) *A dinâmica de um processo de mudança: variação entre [ãw] e [õ] em Mato Grosso*, de Mariza Pereira da Silva, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - nesta pesquisa, focalizam-se as variações fonético-fonológicas entre segmentos nasais de final de palavra, em duas cidades de Mato Grosso: Cáceres e Poconé. Nessas duas comunidades, o ditongo nasal final [ãw] se reduz à vogal nasal [õ] (coração/coraçon) e, em direção inversa, a vogal nasal [õ] alterna com o ditongo nasal final (Rondon/Rondão). Partiu-se da hipótese de que a variação [ãw] ~ [õ] constitui um processo de nivelamento dessas variedades regionais com a norma padrão do português e que a variação entre [õ] ~ [ãw] é consequência de um processo de hipercorreção resultante dessa tendência de nivelamento. Através de uma análise multivariacional, a autora procurou identificar os fatores linguísticos (lexicais, fonéticos e morfológicos) que motivam a utilização de uma ou outra variante e os fatores sociais (sexo, idade, escolaridade e estilo) indicativos de uma direcionalidade do fenômeno nessas comunidades de fala.
- (2007) *A variação na concordância do gênero gramatical no falar cuiabano*, de José Leonildo Lima, pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) - esta tese tem por objetivo apresentar uma discussão acerca de aspectos morfossintáticos da variação na concordância do gênero gramatical no falar cuiabano. O trabalho é composto por um levantamento sócio-histórico, bem como linguístico de Cuiabá. No primeiro capítulo apresenta-se um pouco de sua história e de sua cultura, assim como alguns aspectos linguísticos do falar cuiabano. No segundo capítulo se tem os procedimentos metodológicos para a realização da pesquisa. Já o terceiro capítulo é constituído pela análise dos dados em que se pode perceber que a variação na concordância do gênero gramatical, no português falado na região de Cuiabá, mostra fortes evidências de uma deriva conservadora.
- (2008) *Migrações Internas, Norma e Ensino da Língua Portuguesa*, de Leila Salomão Jacob Bisinoto, pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) - esse trabalho, inscrito no domínio da História das Ideias Linguísticas, dedica-se a discutir as políticas linguístico-pedagógicas do Brasil das últimas quatro décadas, com foco especial na problemática produzida pelo uso das variedades do português em território nacional. A normatização da língua e os grandes movimentos migratórios são considerados nesta pesquisa como fatores

determinantes da configuração e afirmação da língua nacional brasileira e das relações políticas e linguísticas no meio social. As teorias sociolinguísticas, amplamente evocadas no arcabouço jurídico-pedagógico como suporte das políticas de língua no país, sobretudo com relação ao trato dado às variedades do português, são neste trabalho abordadas com o intuito de tentar demonstrar os limites de sua contribuição à prática escolar e, oportunamente, discorrer sobre algumas questões transversais, porém não menos importantes, que afetam as relações entre a ciência e o jurídico.

- (2008) *Aspectos Morfossintáticos da Língua Kaiowá (Guarani)*, de Valéria Faria Cardoso, pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) - esta tese tem por objetivo oferecer uma descrição e análise de aspectos fundamentais da morfossintaxe do Kaiowá (Guarani), que permita um conhecimento plausível de sua gramática. Inicialmente, a tese traz considerações a respeito do povo Kaiowá e sua língua, além de tratar da metodologia empregada na pesquisa linguística de campo. Posteriormente, é apresentada a descrição, seguida de análise gramatical do Kaiowá, que projetou a pesquisa a uma análise primeira da marcação de caso e de voz inversa. Neste trabalho, defende-se a ideia de que o Kaiowá é uma língua Ativa/Inativa (Cisão Intransitiva), e que a marcação de caso intraclausal apresenta cisões motivadas por operações morfossintáticas e pela pragmática, o que resulta em diferentes configurações da marcação de caso na língua: nominativo/acusativo, ergativo/absolutivo ou ergativo/acusativo. Quanto à voz inversa, a autora conclui, pelo que observa nas análises, que essa é uma língua de inversão semântica motivada pela hierarquia de pessoa.
- (2012) *Investigação Dialetológica no Distrito Nossa Senhora da Guia: análise semântico-lexical de bamburro, tacuru e bateia*, de Sandra Regina Franciscatto Bertoldo, pela Universidade de São Paulo (USP) – dedicada a investigar o léxico dos moradores do distrito de Nossa Senhora da Guia a partir dos itens lexicais *bamburro*, *tacuru* e *bateia* registrados na fala dos idosos na pesquisa desenvolvida em 2007, esta tese busca elementos que contribuam para a identificação e justificativa do movimento da língua na localidade, trazendo subsídios para a verificação de manutenção, mudança e/ou variação semântico-lexical. Para tanto, a pesquisa se utiliza do instrumento da coleta *in loco*, com aplicação de questionário para os três grupos sociais estabelecidos de sujeitos de pesquisa, constituída a partir das bases teórico-metodológicas apresentadas pelo

Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) e dos resultados já obtidos em Bertoldo (2007), bem como dos recursos sugeridos pelo método da conversa semidirigida, como elemento agregador para obtenção de registros mais próximos possíveis da fala real dos moradores investigados.

DISSERTAÇÕES DE MESTRADO =

- (1999) *Fonologia do Português Mato-Grossense: uma perspectiva crioulística*, de Ulislete Rodrigues de Souza, pela Universidade de Brasília (UNB) - este trabalho ressalta a peculiaridade da fonologia do Português Mato-Grossense Basiletal (PMB), pelo modo diferenciado com que essa variedade (re)organiza segmentos e sílabas do português brasileiro (PB) em geral. O termo ‘basiletal’, comumente usado no estudo das línguas crioulas e pidgins- línguas surgidas em situação de contato entre povos de línguas diferentes-, diz respeito a línguas ou variedades mais antigas de uma língua. No caso do português mato-grossense, refere-se à variedade tradicional dos falantes mais idosos da comunidade. A autora procurou, por intermédio das representações da Fonologia CV (camada intermediária entre a camada da sílaba e a camada segmental), demonstrar que não apenas sons, mas também processos fonológicos do PB são sistematizados no PMB de maneira a acompanhar ainda mais a tendência universal à simplificação presente nas línguas do mundo. Essa particularidade da variedade mato-grossense permite inseri-la naturalmente na questão da (não) crioulização do português no Brasil.
- (2000) *Atitudes sociolinguísticas em Cáceres (MT): efeitos do processo migratório*, de Leila Salomão Jacob Bisinoto, pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) – esta pesquisa visou a identificar e analisar as atitudes sociolinguísticas dos nativos da cidade de Cáceres/MT, e dos habitantes que para a região migraram há pelos menos oito anos, com relação à variedade linguística local. Nas três últimas décadas, o grande influxo de migrantes ao centro-oeste do Brasil provocou impactos e rupturas nas estruturas físico-biológicas, políticas e culturais da região. Dentre esses fenômenos, suspeita-se que uma acentuada estigmatização da linguagem nativa de Cáceres esteja precipitando o seu desaparecimento. Os resultados demonstram a efetividade do estigma e evidenciam estereótipos da variedade linguística local, sendo que o preconceito se revela bilateralmente, ou seja, tanto o migrante quanto o nativo desprestigiam

as formas linguísticas constitutivas do falar cacerense. O aspecto distintivo encontra-se na motivação do preconceito – para o primeiro, parece representar uma forma de dominação sobre o nativo; para este, um mecanismo de defesa contra as pressões sociais e econômicas.

- (2003) *Fotografias da Fala de Alto Araguaia/MT*, de Cássia Regina Tomanin, pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) – esta pesquisa tem como objetivo principal a descrição da fala de Alto Araguaia, pequeno município do interior mato-grossense situado na divisa com o Estado de Goiás. Tal município tem recebido, desde sua fundação até os dias atuais, migrantes das mais diversas regiões do país. A constituição heterogênea da população araguiense provoca na comunidade o surgimento de uma variedade linguística que apresenta traços fonéticos e gramaticais de várias regiões do país. Um outro ponto enfatizado no trabalho é a comparação dos fenômenos registrados na fala de Alto Araguaia com os que ocorrem em outras localidades brasileiras, com o intuito de que seja observada a semelhança/diferença entre as diferentes comunidades. A maioria dos fenômenos linguísticos apresentados, tanto os de natureza fonética quanto os de natureza morfológica ou sintática encontram-se em variação. Grande parte daqueles que são produzidos de forma sistemática ocorre, de forma variável ou sistemática, praticamente em todo o território nacional. Foi verificado ainda que o fator externo origem não se mostra influente na fala araguiense, ou seja, os traços linguísticos de regiões como o nordeste e o sul estão dissolvidos na fala local.
- (2005) *Aspectos fonéticos conservadores no falar de Mata-Cavalo*, de Criseida Rowena Zambotto de Lima, pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) – estudo que lança olhar sobre aspectos fonéticos conservadores na comunidade de Sesmaria Vida Boa - Mata Cavalo, localizada em Nossa Senhora do Livramento, a 50 km de Cuiabá (Baixada Cuiabana), que foi reconhecida como remanescente de quilombo em 1999 e recebeu o título de domínio da Fundação Cultural Palmares em 2000. A autora ressalta ainda o esquecimento pela chamada História Oficial, ou colocadas à margem desta mesma História, das comunidades negras rurais, as quais, contudo, dão prova de extremo vigor cultural. Assim, a base da manutenção da identidade dos quilombolas seria, além da posse imemorial da terra, o resgate cultural. A pesquisa tem, portanto, o propósito de contribuir para a maior visibilidade das comunidades rurais negras

no país e a necessidade de se inserir o(s) falar(es) dessa comunidade nas pesquisas linguísticas do português brasileiro.

- (2007) *Estudo semântico-lexical no Distrito Nossa Senhora da Guia*, de Sandra Regina Franciscatto Bertoldo, pela Universidade de São Paulo (USP) – trabalho que tem como *corpus* o falar dos moradores do distrito da Guia, Mato Grosso. Para o empreendimento de tal tarefa, a autora cumpriu diferentes etapas que levaram ao objetivo maior da pesquisa: a análise dos itens lexicais verbalizados pelos sujeitos idosos e a amostra de contraprova obtida entre os sujeitos mais jovens, na busca por elementos que identificassem a manutenção, variação ou mudança semântico-lexical.
- (2009) *Atlas Linguístico da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso*, de Marigilda Antônio Cuba, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) – a produção do *Atlas Linguístico da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso* (ALMESEMT), embasada por fundamentos teórico-metodológicos da Dialectologia contemporânea e da Geolinguística, teve como objetivo mais amplo registrar a língua portuguesa falada na Mesorregião sudeste de Mato Grosso. A área geográfica coberta por esse Atlas cumpriu um papel importante no processo de redistribuição espacial da população do centro-oeste brasileiro. Além disso, o desenvolvimento populacional dessa Mesorregião foi marcado por fortes influências migratórias, motivadas, em um primeiro momento, por explorações de garimpo e, mais tarde, por políticas agrícolas que incentivaram a migração. A pesquisa foi realizada em uma rede de oito pontos (Alto Araguaia, Campo Verde, Dom Aquino, Guiratinga, Itiquira, Poxoreo, Rondonópolis e Tesouro).
- (2010) *O léxico guiratinguense na perspectiva dialetológica: aspectos semântico-lexicais*, de Wanderléia Silva Carvalho Viola, pela Universidade de São Paulo (USP) – esse estudo tem por objetivo registrar a variação dialetal no léxico do município de Guiratinga/MT. Para isto, a autora utilizou-se do Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB, versão 2001, na recolha *in loco* do *corpus*, a qual se deu, em conformidade com os princípios metodológicos da Geolinguística atual, em três pontos do município: a sede e dois distritos, Alcantilado e Vale Rico. Os dados obtidos a partir dessas respostas estão em tabelas que consideram ponto linguístico, faixa etária, gênero e frequência absoluta e relativa. Ao final de cada área semântica, expõem-se os

itens lexicais mais frequentes em histogramas, e a seguir se dão as análises, privilegiando a abordagem semântico-lexical.

Há, também, importantes obras publicadas, que abordam aspectos gerais de perspectiva dialetológica no Estado, dentre elas ressalto:

- (1921) SILVA, Franklin C. da. Subsídios para o Estudo da Dialectologia em Mato Grosso. *Revista do Centro Mato-grossense de Letras* (Academia Mato-grossense de Letras) = considerado o primeiro artigo publicado sobre a “linguagem cuiabana”, em que a mesma é apresentada como um “vício de linguagem”. O Professor Franklin Cassiano da Silva foi, contudo, o primeiro a dizer que o Português do século XVII estava preservado em Cuiabá. Segundo esse autor, “Essa pronúncia tão comum entre os mato-grossenses, existe ainda hoje em Portugal, - naturalmente, os colonos portugueses a trouxeram para o Brasil⁸⁴”.
- (1978) DRUMMOND, Maria Francelina Silami Ibrahim. *Do falar cuiabano*. Cuiabá: Secretaria Municipal de Educação e Cultura. = nessa obra, a Professora Maria Francelina Silami Ibrahim fez um valioso inventário do que denominou como “uma linguagem popular”. A autora enfatiza o conjunto sonoro que se sobressai em Cuiabá e procura identificar “traços curiosos e peculiares” que sobreviveram, segundo ela, porque existem “hábitos antigos que se conservam, tradições que não desapareceram e evidenciam força muito grande”⁸⁵. Seus estudos foram concentrados nas localidades de Guarita, em Várzea Grande, e São Gonçalo, em Cuiabá, onde procurou ouvir todos aqueles que tivessem faixa etária “acima de quarenta anos, pessoas nascidas, criadas e residentes aqui, que desenvolvem atividades relacionadas ao modo de viver cuiabano” (Idem).
- (1984) PALMA, Maria Luíza Canavarros. *Variação fonológica na fala de Mato Grosso: um estudo sociolingüístico*. Cuiabá: Imprensa Universitária. = esta obra constitui-se do resultado da dissertação de mestrado dessa autora, apresentada à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO). O método utilizado é o quantitativo, conforme o quadro teórico de William Labov, para estudar as variações fonológicas entre segmentos africados e fricativos,

⁸⁴ Citação retirada de JUCÁ, Pedro Rocha. **Da linguagem cuiabana**. Cuiabá: Editora Memórias Cuiabanas. Livro virtual com 629 KB. 153 p.

⁸⁵ (Idem).

fenômenos esses ocorrentes, segundo a autora, em profusão no município de Cáceres. Na análise que efetua dos condicionantes linguísticos e sociais das variações, assim como na constatação de uma mudança em progresso, faz referência às atitudes linguísticas, configuradas no estigma e na ridicularização do falar cuiabano por parte de pessoas de outras regiões, bem como à estranheza causada pela variação das fricativas e africadas.

- (1998) ARRUDA, Antônio de. *O linguajar cuiabano e outros escritos*. Cuiabá: Gráfica Print Express. = nessa obra, o desembargador Antônio de Arruda explica que o falar cuiabano era generalizado e depois restrito praticamente à zona rural. Na área urbana reduzir-se-ia ao “âmbito de pessoas menos cultas”. Ainda segundo esse autor, diversos termos frequentes no falar cuiabano teriam sido perpetuados pela transmissão oral e só raramente seriam empregados em outras regiões brasileiras. Pontuou, também, semelhanças entre os falares de Mato Grosso, de Goiás e de Minas Gerais, bem como fez considerações sobre a proximidade cultural de Mato Grosso, mediada pelo rio Paraguai, com o Paraguai e a Bolívia.
- (2000) MIRANDA, Leodete e AMORIM, Lenice. *Mato Grosso: Atlas Geográfico*. Cuiabá: Entrelinhas. = primeiro atlas didático regional do Brasil. É um trabalho completo sobre o Estado de Mato Grosso e apresenta informações detalhadas sobre 35 temas, transformados em mapas de fácil compreensão, os quais se referem a temas tais como: Cartografia, Geografia, Geologia, Geomorfologia, Microrregiões, Hidrografia, Solo, Vegetação, Clima, Fauna, Índio, Terra indígena, Mineração. Além do “detalhamento específico do Pantanal – abrangendo toda a Bacia do Alto Paraguai, de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Nesta parte, dá para observar os impactos ambientais da região, como também a produção agrícola e as opções do turismo. Nos temas que englobam a organização do território, o destaque é o mapa político, com a divisão do Estado e ainda a população do censo 2000⁸⁶”.
- (2005) SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo; COX, Maria Inês Pagliarini (Orgs.). *Vozes cuiabanas: estudos lingüísticos em Mato Grosso*. 1. ed. Cuiabá: Cathedral Publicações. = este livro é uma importante contribuição científica ao campo de estudos dialetológicos e sociolinguísticos no Brasil. Visa

⁸⁶BOTELHO, Míriam. MT ganha seu Atlas Geográfico. Cuiabá: **Diário de Cuiabá**, Edição nº 9874, de 22 de fev. de 2001.

a colaborar com as pesquisas nucleares feitas pelo Projeto *Para a História do Português Brasileiro*, idealizado por Ataliba T. de Castilho. A obra é organizada em três partes e conta com a participação de nove autores. Na primeira parte, apresenta-se, sob pontos de vista diversos, aspectos históricos da formação do português brasileiro que tiveram repercussão no falar cuiabano. Na segunda parte, abordam-se aspectos morfossintáticos, fonético-fonológicos e lexicais do falar cuiabano, combinando as abordagens descritivas, sociolinguísticas, históricas e dialetológicas. Na terceira e última parte, reflete-se sobre as representações, as avaliações e os efeitos de sentido, que envolvem o falar cuiabano em diversas instâncias da vida social. O artigo final, de autoria de Ataliba T. de Castilho, discorre ainda sobre a tradição de grandes projetos coletivos de pesquisa no campo da linguística.

- (2007) JUCÁ, Pedro Rocha. *Da linguagem cuiabana*. Cuiabá: Editora Memórias Cuiabanas. Livro virtual com 629 KB. 153 p. = obra virtual que retrata a linguagem cuiabana ligando-a ao português arcaico, vulgar, trazido pelos bandeirantes, e culto, de uso dos capitães-generais, e conservada em Cuiabá pelo isolamento geográfico, além da influência da linguagem dos índios e dos negros. Seus estudos remontam à formação de Portugal até sua unificação. Do mesmo modo, estudou a História de Cuiabá, o início de Mato Grosso, descrevendo aspectos culturais, estatísticos, políticos e sociais. Registra, portanto, os estudos sobre o falar cuiabano, guardado do português arcaico, que, desfeito o isolamento geográfico, tende a ser homogeneizado com a influência das grandes massas de migrações, que trazem suas pronúncias próprias, bem como pela influência dos meios de comunicação.

3.1.1 Projeto Atlas Linguístico do Brasil: estudos contemporâneos

Complementando as três fases apresentadas por Ferreira e Cardoso (1994) sobre a história dos estudos dialetais brasileiros, Isquierdo (2004, p. 391) propõe o acréscimo da quarta fase, que teria início com o surgimento do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), na última década do século XX:

[...] esse projeto representa um divisor de águas na pesquisa geolinguística e dialectológica no Brasil, uma vez que a concretização de um projeto nacional – que se propõe a descrever a variante brasileira da Língua Portuguesa e mapeá-la em um Atlas nacional e

que, pela sua abrangência e pela dimensão espacial dos que o dirigem, agrega pesquisadores fixados nas diferentes regiões brasileiras – veio trazer novo e significativo impulso para pesquisas na área.

Essa fase, contemporânea, tem como marco o Seminário *Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, realizado em 1996 em Salvador na Bahia. Vários pesquisadores e estudiosos de distintas instituições brasileiras assumem, então, o desafio, intransponível de acordo com os pesquisadores da terceira fase, de alcançar o objetivo final da produção de um atlas linguístico nacional.

Conforme Cardoso:

O Projeto ALiB, iniciado em 1996, firmou-se como um projeto de cunho nacional por ocasião do *Seminário Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, realizado em Salvador, na Universidade Federal da Bahia/Instituto de Letras, que reuniu pesquisadores no campo da Dialetoлогия, contando com a presença de todos os autores de atlas linguísticos até àquela época já publicados — os atlas (pela ordem de publicação) da Bahia (*Atlas Prévio dos Falares Baianos* - APFB, 1963), Minas Gerais (*Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* – EALMG, 1977), Paraíba (*Atlas Linguístico da Paraíba* - ALPB, 1984), Sergipe (*Atlas Linguístico de Sergipe* – ALS, 1987) e Paraná (*Atlas Linguístico do Paraná* – ALPR, 1994) —, de pesquisadores que iniciavam a elaboração de Atlas linguísticos regionais, e de professores interessados na pesquisa dialetal. Respondeu o Projeto ALiB, em 1996, não só ao anseio dos pesquisadores reunidos naquela ocasião, mas também ao desejo manifesto de dialetólogos brasileiros de meados do século XX. (CARDOSO, 2009, p.187, grifos da autora.).

Para tanto, estabeleceu-se, durante o evento, um Comitê Nacional⁸⁷, responsável pela coordenação de todas as atividades a serem desenvolvidas no ALiB, constituído por um Diretor Presidente – Suzana Aline Marcelino Cardoso (UFBA) -, um Diretor Executivo – Jacyra Andrade Mota (UFBA), e quatro Diretores Científicos – Maria do Socorro Silva Aragão (UFPB/UFC), Mário Roberto Lobuglio Zágari (UFJF), Vanderci de Andrade Aguilera (UEL) e Walter Koch (UFRS).

⁸⁷Posteriormente, foram acrescentados mais cinco Diretores Científicos aos quatro precursores: Abdelhak Razky (UFPA), Ana Paula Antunes Rocha (UFOP), Aparecida Negri Isquardo (UFMS), Felício Wesling Margotti (UFSC) e Cléo Vilson Altenhofen (UFRGS), conforme dados obtidos em <http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/ComiteNacional>, acessados em 16 de abr. de 2013, às 19h e 17min.

Os objetivos do Projeto, que priorizam tanto as variações geográficas (diatópicas) quanto às implicações de natureza social (diastráticas), são assim descritos⁸⁸:

1. Descrever a realidade linguística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque prioritário na identificação das diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas e léxico-semânticas) consideradas na perspectiva da Geolinguística.
2. Oferecer aos estudiosos da língua portuguesa (linguistas, lexicólogos, etimólogos, filólogos etc.), aos pesquisadores de áreas afins (história, antropologia, sociologia etc.) e aos pedagogos (gramáticos, autores de livros-texto, professores) subsídios para o aprimoramento do ensino/aprendizagem e para uma melhor interpretação do caráter multidialetal do Brasil.
3. Estabelecer isoglossas com vistas a traçar a divisão dialetal do Brasil, tornando evidentes as diferenças regionais através de resultados cartografados em mapas linguísticos e realizar estudos interpretativos de fenômenos considerados.
4. Examinar os dados coletados na perspectiva de sua interface com outros ramos do conhecimento - história, sociologia, antropologia etc. - de modo a poder contribuir para fundamentar e definir posições teóricas sobre a natureza da implantação e desenvolvimento da língua portuguesa no Brasil.
5. Oferecer aos interessados nos estudos linguísticos um considerável volume de dados que permita aos lexicógrafos aprimorarem os dicionários, ampliando o campo de informações; aos gramáticos atualizarem as informações com base na realidade documentada pela pesquisa empírica; aos autores de livros didáticos adequarem a sua produção à realidade cultural de cada região; aos professores aprofundar o conhecimento da realidade linguística, refletindo sobre as variantes de que se reveste a língua portuguesa no Brasil e, conseqüentemente, encontrando meios de, sem desprestigiar os seus dialetos de origem, levar os estudantes ao domínio de uma variante tida como culta.
6. Contribuir para o entendimento da língua portuguesa no Brasil como instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias normas de uso, mas dotado de uma unidade sistêmica.

⁸⁸ Acessáveis em <http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/AlibObjetivos>, em 16 de abr. de 2013, às 21h e 37min.

Com relação às equipes de trabalho, atualmente estas se encontram divididas em sete regionais, respectivamente:

- a) Bahia: coordenada pela pesquisadora Jacyra Andrade Mota (UFBA); compreende 62 pontos de inquérito distribuídos pelos Estados da Bahia, de Sergipe, de Alagoas, de Pernambuco, do Rio de Janeiro e de algumas cidades ao norte de Minas Gerais;
- b) Ceará: coordenada pela pesquisadora Maria do Socorro Aragão (UFPB/UFC); compreende 37 pontos de inquérito distribuídos pelos Estados do Ceará, do Piauí, do Maranhão, do Rio Grande do Norte e da Paraíba;
- c) Mato Grosso do Sul: coordenada pela pesquisadora Aparecida Negri Isquerdo (UFMS); compreende 29 pontos de inquérito distribuídos pelos Estados de Rondônia, de Roraima, do Acre, de Mato Grosso, de Mato Grosso do Sul e de Goiás;
- d) Minas Gerais: coordenada pela pesquisadora Ana Paula Antunes Rocha (UFOP); compreende 21 pontos de inquérito distribuídos pelos Estados de Minas Gerais e do Espírito Santo;
- e) Pará: coordenada pelo pesquisador Abdelhak Razky (UFPA); compreende 17 pontos de inquérito distribuídos pelos Estados do Amazonas, do Pará e de Tocantins;
- f) Paraná: coordenada pela pesquisadora Vanderci de Andrade Aguilera (UEL); compreende 57 pontos de inquérito distribuídos pelos Estados do Amapá, de São Paulo e do Paraná;
- g) Rio Grande do Sul: coordenada pelos pesquisadores Felício Wessling Margotti (UFSC) e Cléo Vilson Altenhofen (UFRGS); compreende 27 pontos de inquérito distribuídos pelos Estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul.

Os aspectos metodológicos organizam-se em torno da rede de pontos (constituída por 250 localidades), do perfil dos sujeitos (que atinge a casa dos 1100, distribuídos equitativamente por duas faixas etárias - 18 a 30 anos e 50 a 65 anos, contemplando os dois sexos, e escolarizados, mas tendo cursado, no máximo, até a quarta série do ensino fundamental, menos nas capitais de Estado, em que são acrescidos mais quatro sujeitos de nível universitário), da realização de inquéritos linguísticos experimentais e da aplicação de três tipos de questionários linguísticos direcionados ((a) fonético-fonológico – com 159 perguntas, às quais se juntam 11

questões de prosódia; (b) semântico-lexical – com 202 perguntas; e (c) morfossintático – com 49 perguntas), aos quais ainda se acrescentam 04 questões de pragmática, temas para discursos semidirigidos - relato pessoal, comentário, descrição e relato não pessoal -, 06 perguntas de metalinguística e um texto para leitura - a *Parábola dos sete vimes*.

Os resultados das atividades desenvolvidas durante a primeira década de existência do Projeto ALiB foram assim explanados pela Diretora Executiva Jacyra Andrade Mota (UFBA) em uma comunicação apresentada na mesa-redonda intitulada *Uma descrição geo-sociolinguística do português brasileiro: o Projeto ALiB*, integrante da programação do V Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística, que ocorreu em Belo Horizonte no ano de 2007 e, posteriormente, publicada na *Revista da ABRALIN* (2009):

Nesses 10 anos de trabalho conjunto e coordenado, pode-se admitir um saldo altamente positivo quanto à quantidade, à diversidade e à qualidade dos dados obtidos, cuja análise já aponta caminhos para a apresentação cartográfica e acena para a delimitação de possíveis áreas dialetais, complementando ou reformulando a proposta de Nascentes (1953⁸⁹). (MOTA, 2009, p.159).

Na página inicial do Projeto Atlas Linguístico do Brasil⁹⁰ encontram-se os seguintes resultados referentes aos dados de constituição do *corpus*:

- Localidades concluídas: 239 – 95.6%.
- Informantes documentados: 1056 – 96.0%.
- Estados concluídos: 22 (Amapá, Roraima, Amazonas, Pará, Acre, Rondônia, São Paulo, Tocantins, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Espírito Santo, Alagoas, Sergipe, Bahia, Paraná, Santa Catarina, Mato Grosso⁹¹, Mato Grosso do Sul e Goiás) – 84.6%.
- Estados em andamento: 04 (Minas Gerais, Rio de Janeiro, Pernambuco e Rio Grande do Sul) – 15.4%.

Assim, observando-se os muitos caminhos ainda a percorrer pela Geografia Linguística no Brasil, corroboro com a seguinte assertiva de Oliveira (2005, p.385):

⁸⁹A proposta de um atlas nacional já havia sido expressa por Antenor Nascentes em NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

⁹⁰Disponível em <http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/WebHome>. Acessada em 16 de abr. de 2013, às 17h e 54min.

⁹¹Os nove pontos de inquérito do Estado de Mato Grosso localizam-se nas cidades de Aripuanã, São Félix do Araguaia, Diamantino, Poxoreo, Vila Bela da Santíssima Trindade, Cuiabá, Barra do Garças, Cáceres e Alto Araguaia.

“indubitavelmente, não se discute a importância de fazer o trabalho dialetológico, tendo em vista a característica continental do país, as variações linguísticas nele presentes e a heterogeneidade cultural”.

3.1.2 A Norma Linguística: pontos de alinhavo

Ao fazer a opção por um estudo sobre o léxico com o intuito de descrever, registrar e analisar o falar norte mato-grossense sob a ótica semântico-lexical, procurei inicialmente compreender como se delineavam os estudos dessa natureza e como proceder frente às inúmeras possibilidades de se atribuir “significado” aos elementos lexicais que comporiam o *corpus* dessa pesquisa. Tarefa essa que se mostrou complexa, pois, conforme Cançado (2013, p.126), a Semântica Lexical é vista “como uma ampla área de investigação que trata do significado cognitivo que envolve a relação entre a língua e os construtos mentais que de alguma maneira representam ou estão codificados no conhecimento semântico do falante”.

Assim, partindo do pressuposto dessa amplitude investigativa que ronda o objeto da Semântica e da falta de “consenso entre os semanticistas sobre o que se entende por significado” (OLIVEIRA, 2004, p.17), busquei então subsídios em trabalhos que remetiam a esse recorte teórico-metodológico, desenvolvidos a partir do aporte da Geolinguística, dentre eles destaco a Tese de Doutorado de Cristianini (2007), e as Dissertações de Mestrado de Bertoldo (2007) e de Viola (2010).

Compreendi, dessa forma, a necessidade de realização de uma pesquisa que registrasse a linguagem em situações reais de uso, para tentar apreender as unidades linguísticas e, conseqüentemente, os significados que circulam no contexto de utilização dos quatro pontos de inquérito selecionados. Além disso, a observação da confluência social, cultural, econômica e histórica poderiam me levar ao encontro da norma semântico-lexical da língua portuguesa falada na região em estudo, bem como poder verificar a “regularidade e sistematicidade por trás do aparente caos da comunicação no dia-a-dia”. (SALOMÃO, 2011, p.190).

O próximo passo foi encontrar bibliografias que abordassem sobre *norma linguística*, para assim definir a metodologia a ser adotada na tabulação dos dados e posteriores análises. Dentre essas bibliografias enfatizo Coseriu (1979, 1980, 1982), Barbosa (1979, 1989, 1990), Santos (1991, 2006, 2011), Cristianini (2007), Viola

(2010), e, mais recentemente, Augusto (2012). Assim como Muller (1968), por ter sido o precursor do modelo de análise quantitativa, inaugurado pela Linguística Estatística.

Antes de dar sequência à explicitação dos procedimentos metodológicos adotados no prosseguimento da pesquisa, que inicio aqui e darei continuidade no item 3.3, tecerei, ainda que muito sucintamente, noções teóricas sobre norma, a partir de concepções preconizadas pelos autores citados no parágrafo anterior.

Cabe salientar, inicialmente, que os conceitos fundamentais que abarcam esse fenômeno da linguagem são os relacionados à distinção tripartida apresentada por Coseriu (1979) entre *sistema*, *norma* e *fala*. É importante compreender, nesse contexto, que para os falantes de uma língua, tal como exposto por esse autor (Idem, p.231), a funcionalidade atual implica sempre em uma superação do ‘atual estado de língua’ para o futuro. Dessa maneira, “a língua atual não é apenas conjunto de formas já realizadas, modelos atualizáveis, mas também é técnica para ultrapassar o realizado, ‘sistema de possibilidades’ (sistema)”.

Assim, ao compreender tal *sistema de possibilidades*, que comprova a incompletude da dicotomia saussuriana (1916) *langue/parole*, Coseriu acrescenta um elemento intermediário entre a virtualidade da língua e os atos de fala, a norma: *sistema/norma/fala*:

[...] a norma abrange fatos linguísticos efetivamente realizados e existentes na tradição, ao passo que o sistema é uma técnica aberta que abrange virtualmente também os fatos ainda não realizados, mas possíveis de acordo com as mesmas oposições distintivas e as regras de combinação que governam seu uso. (COSERIU, 1980, p.123).

Conforme Cristianini (2007, p. 111), é possível resumir esse modelo tripartido apresentado por Coseriu (1979) da seguinte forma:

SISTEMA		NORMA	FALA
mais abstrato		menos abstrato	concreto
prescrições: regras indicativas que mostram como o sistema se	liberdades: criações, inovações que não infringem seu caráter	mantém o caráter funcional do sistema e recebe as inovações da fala	indivíduos manifestam-se por meio de seus idioletos, ou seja, suas linguagens próprias
		é fixada, usada e	

constitui	funcional	consagrada pela comunidade linguística	criações inéditas a partir de atualizações de modelos definidos na norma	
		tem um critério estatístico: alta frequência e distribuição regular		
		variação diatópica, diastrática e diafásica	repetição dos modelos responsável por explicitar a permanência e a estabilidade do sistema linguístico	criação de elementos novos que remete à inovação
contém o que é efetivo e virtual		há muitas variáveis: classe social, faixa etária gênero, modalidade, geográfica etc.		
possui grau mínimo de variação		possui grau médio de variação	possui grau máximo de variação	

Quadro 1: Sistema, norma e fala.

De acordo com o quadro acima, pode-se apreender que o sistema é um conjunto de oposições funcionais; a norma é a realização coletiva do sistema, que contém o sistema em si mesmo e, ainda, os elementos funcionalmente “não pertinentes”, mas normalizam o falar de uma comunidade; e o falar (ou a fala) é a realização individual concreta da norma, que encerra, além da norma em si, a originalidade expressiva de seus falantes. (COSERIU, 1979).

Para esse autor, há, pois, um conjunto de normas sociais na fala coletiva de uma comunidade que deve ser considerado em um estudo geolinguístico, bem como é necessário observar que uma língua histórica apresenta sempre variedades internas, que se alinhavam, essencialmente, a partir das diferenças geográficas (diatópicas), entre os estratos socioculturais de uma comunidade linguística (diastráticos) ou ainda entre os distintos tipos de modalidade expressiva (diafásicos).

Em consonância com esse modelo tripartido, idealizado por Coseriu, Santos (1991, p.11), por sua vez, afirma que a norma é composta por “[...] modelos fixados,

usados e consagrados por uma comunidade lingüística ou segmento social”. É, então, a partir desses modelos, que se pode abstrair a norma geral da comunidade, deixando-se de lado a originalidade expressiva individual. Contudo, como a norma se liga a diversos fatores, tais como posições sociais, faixa etária, grupos profissionais, gênero, espaço físico etc., não é possível falar apenas em uma norma singular, mas em “várias normas” que afluem nos atos de fala entre interlocutores, que as usam “de acordo com as exigências comunicativas, sua experiência anterior e sua procedência”.

Com relação ao “critério estatístico”, citado por Cristianini (2007) no quadro acima, a referência é o modelo de análise quantitativa, inaugurada pela Linguística Estatística e tendo como maior expoente Charles Muller, que, já no final dos anos 1950, lançou mão de recursos do cálculo computacional para se determinarem constantes e variáveis nos estudos sobre as línguas. Segundo Biderman (2001, p.7), esse linguista “propôs fórmulas para o cálculo da extensão e da riqueza vocabular de um autor, para a análise da estrutura teórica de um vocabulário e de várias outras avaliações linguísticas e estilísticas, com base em técnicas de Estilística Léxica”.

Ainda quanto à metodologia adotada por Muller (1968) em suas pesquisas quantitativas, Cristianini (2007, p.118) assim as pontua:

[...] cada vocábulo, num *corpus* é dotado de freqüência. O autor esclarece que o termo freqüência em estatística, é definido como o número efetivo de casos observados, o número de ocorrências precisas, reportando-se ou não ao número total de ocorrências encontradas no *corpus* de um trabalho. Quando nos referimos ao número exato das ocorrências no *corpus*, temos a “freqüência absoluta”. Ao aplicarmos o termo freqüência referindo-se à relação entre os números de ocorrências e os números de casos possíveis, ou seja, quando o número de ocorrências faz referência ao número total do *corpus*, temos a “freqüência relativa”. Para transportar os valores das freqüências, de absoluta para relativa, Muller trabalha com o número fracionário, relativo ao número total de palavras do *corpus*. [...] Dessa forma, Muller, para a análise dos dados, trabalha com fracionamento e utiliza-se da relação de proporção para comparar as freqüências.

A reflexão sobre esse molde estatístico idealizado por Muller, que tem, como propósito, mensurar e analisar estruturas linguísticas, fez com que Barbosa (1989, p.573-4) afirmasse que a norma tem também um aspecto quantitativo, além do qualitativo, pois “[...] uma norma de grupos de indivíduos, por exemplo, se define, de um ponto de vista, como conjunto de modelos de realizações concretas, e de outro,

como o conjunto dos fatos de alta frequência e distribuição regular nos discursos dos sujeitos falantes”.

A partir desses estudos pioneiros, então, se disseminaram ainda muitos outros relacionados à utilização de novas tecnologias de informação a serviço da investigação linguística sob a ótica estatística. E mais especificamente nos anos 1990, de acordo com Augusto (2012, p.127), é que o “*software* para tratamento estatístico do léxico passa a servir de base a numerosos estudos linguísticos e ganha espaço para o cruzamento de resultados na quantificação de dados”.

Ressalta-se, também, que a metodologia difundida por Muller tem servido ainda como sustentação para as pesquisas que tratam da língua falada em distintos contextos de enunciação, como nos mostram estudos recentes feitos na área da Geolinguística, em especial os que abordam aspectos semântico-lexicais, dentre eles destaco a Dissertação de Mestrado de Viola (2010), e as Teses de Doutorado de Cristianini (2007) e de Augusto (2012).

Para o contexto de minha pesquisa, farei uso, da mesma forma, no tratamento analítico quantitativo do *corpus* selecionado, das noções de estatística lexical de Muller (1968), bem como da conceituação sobre norma linguística sustentada por Coseriu (1979, 1980, 1982). No entanto, saliento que fiz adaptações ao modelo metodológico proposto por Muller, visto que só darei ênfase à “frequência absoluta” de itens lexicais que se abstraírem das respostas às 210 questões elaboradas em meu Questionário Semântico-Lexical. Essa escolha se fez porque objetivo verificar não só, como nos sugere Barbosa (1989, p.574), a “alta frequência e distribuição regular nos discursos dos sujeitos falantes” a partir dos itens lexicais de maior ocorrência, mas também imprimir considerações sobre itens que depreendam peculiaridades regionais, assim como sobre interferências étnicas que se processam em algumas escolhas lexicais.

Cabe acentuar, ainda, que Cristianini (2007, p.119), em harmonia com Santos (2006), tece considerações sobre como manipular essas duas concepções, a alta frequência e a distribuição regular, como se pode ver a seguir:

Considerando a noção de espaço, que embasa os trabalhos de Geolinguística, a distribuição remete aos pontos, a saber, localidades focalizadas na pesquisa. Portanto, quando se afirma que uma determinada lexia tem distribuição regular, significa que ela foi utilizada por sujeitos em todos os pontos. No tocante à frequência, embora não se estabeleça um índice numérico exato para determinar o que é alta frequência, entende-se por alta frequência o uso de uma

lexia acima das demais lexias encontradas numa região, mormente quando os índices forem bem elevados.

Assim, apontarei, na descrição que faço logo após a apresentação das Tabelas e dos Cartogramas, no Capítulo 4, referentes a cada uma das 210 questões, os itens lexicais que se mostram com “alta frequência”, mais especificamente, os que exibem maior ocorrência, indicando o número exato dessas ocorrências, ou seja, a sua “frequência absoluta”. Também mostrarei o número absoluto de atribuições responsivas dadas aos demais temas, quando ou caso estes não coincidirem com o item lexical de maior ocorrência, bem como identificarei as variantes morfológicas e, por vezes, fonéticas desses itens ou temas. Além da descrição da frequência, situarei ao leitor também sobre a distribuição dos mesmos.

Quanto às terminologias que adoto nas considerações quantitativas e analíticas referentes ao *corpus*, ressalto que utilizo o termo *item lexical*. Essa escolha vem ao encontro de opções de uso atuais feitas por geolinguistas e estudiosos da linguagem tais como Santos (2011), Cristianini (2012) e Augusto (2012). Conforme Santos (2011, p.1):

[...] os itens lexicais constantes dos atlas linguísticos, atlas semântico-lexicais e estudos geolinguísticos fazem parte dos discursos de uma dada comunidade e são produzidos na interação entre sujeitos, em torno dos quais se organizam as referências de espaço e de tempo, de modo explícito, ou não. Dessa forma, os itens lexicais que integram os discursos de um grupo social de um dado ponto carregam sentidos que revelam elementos do espaço em que os sujeitos habitam, bem como as transformações sócio-históricas dos grupos sociais de que fazem parte.

Também saliento a opção que faço pelo termo *sujeito*, fundamentalmente por se entender que “[...] não se trata de indivíduos compreendidos como seres que têm uma existência particular no mundo” (FERNANDES, 2007, p.33), mas sim coletiva. Dessa forma, de acordo com Santos (2012), o sujeito-entrevistado não apenas informa ao sujeito-entrevistador que item lexical utiliza, pois, enquanto membro de um grupo social localizado num dado espaço, ele reconstrói o significado proposto. Esse pertencimento a um grupo social pode ser notado quando se observa que, no discurso, os sujeitos expressam sentimentos, crenças e valores que não são exclusivamente seus, mas do grupo a que pertencem e em um tempo que se revela sócio-histórico e não cronológico.

Portanto, é para o ‘sistema de possibilidades’, com o intuito de abstrair a norma linguística do norte mato-grossense, a partir de itens lexicais de “frequência absoluta”,

de maior ocorrência, bem como sobre um recorte dos que apresentarem peculiaridades regionais e/ou interferências étnicas, trazidos pelos sujeitos selecionados nos quatro pontos de inquérito em foco, que lançarei meu olhar investigativo e analítico no capítulo 4.

3.2 A Sociolinguística Variacionista: uma costura necessária

Para complementar os recortes teórico-metodológicos que se mobilizam nesse trabalho de pesquisa, fundamentalmente por se operar com variáveis socioculturais dos dados coletados, fez-se necessário, conforme já explicitado na introdução deste capítulo, recorrer à interface com a Sociolinguística, mais especificamente ao modelo de análise linguística proposta pela Sociolinguística Variacionista⁹².

Vale acentuar, mais uma vez, conforme Cardoso (2010), a confluência que se manifesta entre os objetivos propostos pela Dialetologia e pela Sociolinguística, ainda que reconheça distinções entre ambas de caráter particular e individualizante no que tange ao estudo da língua falada e aos contextos de usos que implicam, indubitavelmente, a existência da heterogeneidade linguística. A relação entre estes dois ramos dos estudos linguísticos, incontestada por grande parte dos pesquisadores dessas áreas, é vista, inclusive, como fator de progresso e de maior rigor científico para os resultados apurados nas investigações empíricas empreendidas.

Desta feita, segundo Sá (2011, p. 246), “o progresso metodológico que a sociolinguística estabeleceu com sua rigorosa e solidificada consideração de fatores sociológicos, antes somente tratados superficialmente pela dialetologia, hoje tem sido amplamente utilizado na análise descritiva da língua”.

Historicamente, de acordo com Salomão (2011), a formalização inicial de uma escola teórica sociolinguística teria acontecido em um congresso, em maio de 1964, organizado por William Bright⁹³, na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), com a participação de 26 linguistas, cuja produção científica focava-se, em sua maioria, no campo da Linguística social. Entre os participantes estavam William

⁹²Também mencionada no segmento desta pesquisa, por vezes, apenas de Sociolinguística.

⁹³Esse pesquisador publicou posteriormente, no ano de 1966, as atas (*Proceedings of the UCLA Sociolinguistics Conference*) relativas às discussões empreendidas no congresso pelos distintos estudiosos que, à época, investigavam a relação entre linguagem e sociedade. Neste trabalho procurou sintetizar as diferentes contribuições e definiu inicialmente o objeto de estudo deste campo como sendo a diversidade linguística, cujos fatores condicionantes, a seu ver, estariam relacionados à identidade social do falante, à identidade social do destinatário e ao contexto. (SALOMÃO, 2011).

Labov, Dell Hymes, John Gumperz, Charles Ferguson, entre outros, unidos pela vontade difusa de apresentar uma alternativa ao crescente prestígio e predomínio mundial de uma Linguística cada vez mais formal.

É nesse momento de grande efervescência para os estudos de linguagem que surge a Sociolinguística Variacionista, denominada também de Sociolinguística Quantitativa ou Teoria da Variação, cujo grande expoente é William Labov. Ainda conforme Salomão (2001), os primeiros estudos conduzidos por Labov nessa linha de pesquisa foram sua Dissertação de Mestrado sobre o inglês falado na ilha de Martha's Vineyard (centralização de ditongos), no Estado de Massachusetts, e sua Tese de Doutorado sobre a estratificação do inglês falado na cidade de Nova York (a variável/ r /), ambas orientadas por Uriel Weinreich, na Universidade de Colúmbia.

Alkmim (2008) também discorre em suas pesquisas sociolinguísticas sobre esse momento histórico e assinala que:

Em 1963, Labov publica seu célebre trabalho sobre a comunidade da ilha de Martha's Vineyard, no litoral de Massachusetts, em que sublinha o papel decisivo dos fatores sociais na explicação da variação lingüística, isto é, da diversidade lingüística observada. Nesse texto, o autor relaciona fatores como *idade, sexo, ocupação, origem étnica e atitude* ao comportamento lingüístico manifesto dos vineyardenses, mais concretamente, à pronúncia de determinados fones do inglês. Logo em 1964, Labov finaliza sua pesquisa sobre a estratificação social do inglês em New York, em que fixa um modelo de descrição e interpretação do fenômeno lingüístico no contexto social de comunidades urbanas – conhecido como Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação, de grande impacto na Linguística contemporânea. (ALKMIM, 2008, p.30, grifos do autor).

Assim, nasce, a partir desses estudos feitos por Labov, um modelo de descrição e interpretação do fenômeno lingüístico nos contextos sociais, mais especificamente de comunidades urbanas, modelo de análise esse que possibilita a sistematização da variação existente na língua falada. De acordo com Camacho (2008), essa alternativa teórica introduzida por esse precursor da Teoria da Variação, na década de 1960, para resolver problemas da estrutura lingüística, além de, por princípio, postular que a heterogeneidade é inerente ao sistema lingüístico, concebe sua análise a partir de um conjunto de formas que se manifestam, de fato, no contexto social. Nessa perspectiva, a língua é constituída por um conjunto de fenômenos não estritamente lingüísticos, mas também extralingüísticos, que participam ativamente da aplicação de uma regra, favorecendo-a ou desfavorecendo-a.

Dessa maneira, em consonância com tal aporte teórico, compreendo que:

O que a Sociolinguística faz é correlacionar as variações existentes na expressão verbal a diferenças de natureza social, entendendo cada domínio, o lingüístico e o social, como fenômenos estruturados e regulares. Se um falante enuncia o verbo “vamos” como [vãmus] e outro falante o enuncia como [vãmu], podemos afirmar, com base nos postulados da Sociolinguística, que essa variação na fala não é o resultado aleatório de um uso arbitrário e inconseqüente dos falantes, mas um uso sistemático e regular de uma propriedade inerente aos sistemas lingüísticos, que é a possibilidade de variação. (CAMACHO, 2008, p.50).

Salienta-se, ainda, que os métodos utilizados por Labov para coletar dados das variedades do inglês faladas em Nova York, publicados em *The Social Stratification of English in New York City* (1966), assim como seus estudos sobre as características do inglês afro-americano, tiveram uma influência fundamental na dialetologia social. Dessa forma, com metodologia bem delimitada, “a Sociolinguística Variacionista baseia-se em pressupostos teóricos que permitem ver regularidade e sistematicidade por trás do aparente caos da comunicação no dia-a-dia, procurando demonstrar como uma variante se implementa na língua ou desaparece” (SALOMÃO, 2011, p.190).

Para que a apreensão da regularidade e sistematicidade seja possível, Labov (1972, p.203) parte do princípio de que “a existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala investigadas é certamente um fato comprovado⁹⁴”, e é aí que se destaca a importância da Sociolinguística, quando assume a diversidade como uma qualidade constitutiva do fenômeno lingüístico, bem como apresenta uma unidade de análise, por definição variável, contínua e quantitativa⁹⁵.

Convém destacar, contudo, que já na década de 1920, o “Círculo de Bakhtin” tecia acirradas críticas ao objetivismo abstrato e à homogeneidade na língua. Bakhtin coloca então, em primeiro plano, “a questão dos dados reais da lingüística, da natureza real dos fatos da língua” (BAKHTIN, 1929, p.14) e assume a heterogeneidade ao afirmar que o signo é, por natureza, vivo, móvel e plurivalente.

A preocupação com a língua falada, viva, (re)surge, porém, apenas na segunda metade do século XX e encontra nas macrolinguísticas, tais como a Análise da

⁹⁴(Tradução minha). “The existence of variation and heterogeneous structures in the speech communities investigated is certainly well-established in fact”.

⁹⁵A relevância metodológica das variantes que constituem uma variável é determinada pela frequência percentual de cada uma em relação aos diferentes fatores que as condicionam. (CAMACHO, 2008).

Conversação, a Pragmática, a Análise de Discurso e a Sociolinguística, sua maior receptividade. A partir de então, mudanças significativas se iniciam em vários setores de produção científica e levam instituições e pesquisadores a se lançarem sobre a observação direta da língua falada.

Dentre os trabalhos de amplitude nesse “novo” enfoque dado ao português falado, encontra-se o *Projeto para a História do Português Brasileiro* (PHPB – Projeto Caipira) que teve início em 1977, coordenado pelo Prof. Dr. Ataliba T. de Castilho, no Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Já no ano seguinte, equipes regionais começam a ser criadas em vários Estados: Pernambuco, Bahia, Paraíba, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina⁹⁶.

Como resultados dessas mudanças que impulsionaram e impulsionam pesquisadores e instituições a se debruçarem sobre a observação e descrição da língua em uso, destaco as seguintes obras:

- (1990) CASTILHO, A. T. de. (Org.). *Gramática do português falado*. 2.ed. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Fapesp. v.1.
- (1992) ILARI, R. (Org.). *Gramática do português falado: níveis de análise lingüística*. Campinas: Editora da Unicamp. v.2.
- (1996) KATO, M. (Org.). *Gramática do português falado: convergências*. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Fapesp. v.5.
- (1998) PRETI, D. (Org.). *Estudos de língua falada: variações e confrontos*. São Paulo: Humanitas.
- (2002) ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, Â. C. S. (Orgs.). *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da Unicamp. v.8.
- (2005) SILVA, L. A. da. (Org.). *A língua que falamos. Português: história, variação e discurso*. São Paulo: Globo.
- (2006) ILARI, R.; BASSO, R. *O português da gente: a língua que estudamos/a língua que falamos*. São Paulo: Contexto.

⁹⁶Conforme dados retirados de Castilho (Org.) (2009, p.07).

- (2006) JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado*. Campinas: Editora da Unicamp. v.I.
- (2010) CASTILHO, A. T. de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto.
- (2011) NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do português*. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp.

Nesse contexto, como já explicitado na parte introdutório deste capítulo, para o tratamento dos fatores sociais lancei mão de alguns procedimentos metodológicos da Sociolinguística laboviana, ainda que adaptadas à especificidade desse trabalho. Dentre eles, destaco a postura a ser adotada pelo pesquisador e o método de entrevistas, pois:

O sociolinguísta sentirá a necessidade de controlar tópicos de conversa e de eliciar realizações da variável linguística em que esteja interessado. O pesquisador da área da sociolinguística precisa, portanto, participar diretamente da interação. É claro que, sendo especialmente interessado na comunidade como um todo, ele também se utilizará do método da observação no momento de adentrar a comunidade de falantes. Sua participação direta na interação com os membros da comunidade é, no entanto, uma necessidade imposta pela própria orientação teórica. (TARALLO, 2007, p.20).

Participar diretamente na interação com os membros da comunidade, conforme sugerido por Tarallo, todavia, exige mais do que se utilizar do método de observação, mas, necessariamente, reconhecer que a variação sociocultural “deriva da tendência para a maior semelhança entre os atos verbais dos indivíduos participantes de um mesmo setor socioeconômico e cultural” (CAMACHO, 2008, p. 58), e que, ao se desviar dos padrões linguísticos estabelecidos por distintos grupos sociais, falantes de uma mesma comunidade linguística podem ser expostos a mecanismos de estigmatização e de discriminação.

Ainda com relação ao método de observação e ao papel do pesquisador, Labov (2008, p.110) postula que “Precisamos, de algum modo, capturar a fala cotidiana que o informante usará tão logo a porta se feche atrás de nós: o estilo que ele usa para discutir com a mulher, repreender os filhos ou conversar com os amigos”. Assim, segundo esse autor, é necessário construir situações de entrevista em que a *fala casual* ou *espontânea* encontrem um lugar e possam emergir durante a entrevista. Uma das sugestões é

envolver os sujeitos em assuntos que recriem fortes emoções, o que os levariam ao envolvimento emocional com o tema e os fariam produzir uma fala mais informal e espontânea.

Assim, amparada por esse modelo teórico, fiz a opção de iniciar a minha pesquisa com entrevistas a serem feitas com pioneiros moradores das quatro cidades em foco (Sinop, Cláudia, Santa Carmem e Vera), imbuída do propósito de resgatar as dificuldades e primeiras movimentações vivenciadas pelos mesmos na Gleba Celeste. Saliento que o uso desta temática atingiu plenamente o objeto pretendido, visto que houve completo envolvimento dos pioneiros com este assunto, o qual fez alguns deles, inclusive, chorar ao relembrar fatos do passado, como quando retrataram situações que levaram à morte de entes queridos ou de extremo sofrimento em meio ao isolamento na mata, verificáveis no Apêndice I desse estudo.

Os passos metodológicos dessas entrevistas, assim como de outros fatores sociais salientes nesta pesquisa, tais como a escolha dos sujeitos, que se pauta na observação do perfil (divisão genérica, origem étnica, níveis de instrução e atividade profissional), bem como da organização sociocultural das comunidades, serão melhores explanados a partir do item 3.3 *Procedimentos Metodológicos*.

A mobilização dos pressupostos teóricos da Sociolinguística, assim, fez-se necessária, no contexto de pesquisa de meu trabalho, para a orientação de um método de entrevistas mais dinâmico e pela possibilidade de apreender fatores extralinguísticos dos sujeitos em distintas circunstâncias das narrativas. Dessa forma, destaca-se o desafio posto de observar, descrever e analisar a língua falada em situações reais de uso nas quatro cidades norte mato-grossenses em foco, tanto a partir das variações diatópicas, observáveis entre falantes de diferentes origens geográficas, quanto de aspectos de natureza socioculturais, que motivam as diferenças linguísticas.

A partir do próximo item ao restante do capítulo darei sequência à explicitação dos procedimentos metodológicos adotados em minha pesquisa, com o intuito de mostrar/justificar, a partir das epistemologias evidenciadas, o desenho de constituição da produção que aqui apresento.

3.3 Procedimentos metodológicos

Com o propósito maior de refletir sobre a língua portuguesa falada em quatro municípios do norte mato-grossense, Vera, Santa Carmem, Sinop e Cláudia, fez-se imprescindível observar a forma particular dessas comunidades representarem a realidade sociolinguística e cultural que as circunda. Para tanto, parti do princípio de que “[...] a língua e o comportamento lingüístico de seus falantes estão estreitamente ligados à cultura em que ocorrem” (SOARES, 2000, p. 38).

Além disso, ao se falar em língua, seja ela a portuguesa, a inglesa, a francesa ou qualquer outra, pode-se observar que ela muda constantemente. Isso não significa, entretanto, que a língua se torne outra língua, ou que ela se constitua em um sistema lingüístico melhor ou pior. A variação lingüística, portanto, é um fenômeno que ocorre em todas as línguas naturais. Do mesmo modo, a diferenciação geográfica e social entre segmentos de uma mesma comunidade lingüística pode resultar em um correspondente processo de diferenciação lingüística, que se manifesta com maior evidência nos níveis fonológico, léxico e gramatical.

Para Ferreira e Cardoso (1994, p.12):

[...] falantes de uma mesma língua, mas de regiões distintas, têm características lingüísticas diversificadas e se pertencem a uma mesma região também não falam de uma mesma maneira tendo em vista os diferentes estratos sociais e as circunstâncias diversas da comunicação. Tudo isso deixa evidente a complexidade de um sistema lingüístico e toda a variação nele contida.

Nesse contexto, ressalta-se, ainda, sobre a competência lexical, que se desenvolve ao longo das interações comunicativas de um falante em relação aos saberes idiomático e expressivo. Para Souto (2011), a competência lexical permite ao falante compreender a significação das palavras de uma língua, seus processos morfossintáticos e semânticos de criação, assim como seu intercâmbio com outros itens léxicos, o reconhecimento de novas formas e seu uso “intencional”. Dessa maneira, pode-se pensar o léxico como

[...] um instrumento do pensar, ver, codificar e decodificar o mundo. É por meio dele que o homem consegue apresentar sua história, sua visão de mundo, fazer-se entender e compreender-se em seu universo existencial. Com isto, ressalta-se que o léxico não é cópia, reprodução ou tradução fiel deste universo, mas uma visão particular da realidade extralingüística de uma dada comunidade e, até certo ponto, de cada indivíduo que compõe este grupo social. (VIOLA, 2010, p. 105).

Assim, com o intuito de verificar como se apresenta o léxico no falar da região em foco, mais especificamente no nível semântico-lexical, e as implicações de natureza sociocultural que influenciaram na formação e expansão do português dessa região, a partir dos aportes teóricos descritos nos itens 3.1 e 3.2, a Geolinguística e a Sociolinguística Variacionista, utilizei inicialmente como guia o método de investigação científico adotado pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB) e o método de observação referente ao papel do pesquisador idealizado por Labov (2008).

Estes métodos serviram-me como base metodológica para a decisão de realizar primeiro uma pesquisa empírica, feita com vinte pioneiros que deveriam relatar suas experiências de migração em forma de narrativas livres, tendo sido a temática sugerida “a vinda e as dificuldades encontradas no início da colonização” (as transcrições dessas narrativas se encontram publicadas na íntegra no Apêndice I deste trabalho). Os dados recolhidos nessa pesquisa foram utilizados na sequente elaboração e posterior aplicação do Questionário Semântico-Lexical por mim produzido a quarenta sujeitos, para verificar como o falar norte mato-grossense encontra-se constituído. Darei sequência à descrição de como realizei esses passos metodológicos nos subitens seguintes.

Nesse sentido, é importante salientar ainda que, conforme Tarallo (2007, p.70 - 71), o atlas linguístico de uma comunidade “pode, por exemplo, fornecer dados valiosíssimos para o estudo de variação fonológica ou mesmo lexical. Além do atlas, textos escritos em prosa que potencialmente reflitam o vernáculo de um certo período de tempo poderão ser utilizados”. Portanto, este estudo tem por finalidade “fornecer dados” sócio-semântico-lexicais regional que contribuam ao vasto material já coletado pelo Projeto ALiB e a novas pesquisas que se pretendam neste espaço geográfico.

3.3.1 O questionário linguístico: instrumento da coleta de dados

Para a elaboração de um questionário de investigação dialetológica é necessário o uso de métodos precisos e estruturados que sejam coerentes com o que se procura testar. De acordo com Santos (2003), desde o surgimento da Geolinguística, o questionário tem sido um instrumento largamente utilizado para a coleta de dados. O questionário semântico-lexical, objeto do presente trabalho, consiste num conjunto de questões de cunho descritivo, cujo objetivo se constitui em investigar as designações atribuídas pelos entrevistados, sujeitos da pesquisa, a determinados objetos do mundo referencial ou imaginários previamente selecionados.

Assim, tendo em vista o caráter regional dessa pesquisa e por considerar que, em consonância com Bertoldo (2012, p.71), “cada região tem suas características próprias, incapazes de serem conhecidas e analisadas senão pelo olhar daquele que investiga, pelos seus experimentos no terreno investigado e com as pessoas que ali estão”, bem como por coadunar com Labov (2008, p.110) de que “Precisamos, de algum modo, capturar a fala cotidiana que o informante usará tão logo a porta se feche atrás de nós”, foi que tomei a decisão de iniciar a pesquisa empírica com entrevistas que estimulassem o falar espontâneo. Dessa maneira, o formato “narrativa livre com temática definida” foi o que se mostrou mais pertinente para a concretização dessa escolha metodológica.

Com essa decisão tomada, parti para a reflexão, ainda seguindo o raciocínio de Labov, de como envolver os sujeitos entrevistados em um assunto que os levaria ao envolvimento emocional com o proposto e, assim, consequentemente os faria produzir uma fala mais informal e espontânea. Surge, assim, inicialmente, a definição pelos sujeitos, os pioneiros da Gleba Celeste (a justificativa epistemológica pela escolha dos sujeitos será melhor explicitada no subitem 3.3.3 e a dos pontos de inquérito em 3.3.2), para os quais se lançaria a temática “a vinda e as dificuldades encontradas no início da colonização”.

Determinada essa metodologia e tendo, a partir dos requisitos sugeridos pelo Projeto ALiB, estabelecido o número de entrevistados em vinte (quatro nas cidades de Cláudia, de Vera e de Santa Carmem, e oito em Sinop), dei início à ida a campo. Esse início se deu na cidade de Cláudia, no dia 12 de setembro de 2010, e se estendeu até o dia 06 de fevereiro de 2011, data do último relato pessoal colhido em Sinop. No quadro abaixo se pode verificar essa trajetória empírica e o tempo de duração de cada entrevista. A ordem de apresentação é a que se encontra na sequência do Apêndice I, em que tomei por parâmetro o início da colonização, ou seja, as narrativas foram dispostas de acordo com as fundações das cidades. A legenda para leitura da identificação dos sujeitos é V = Vera, SC = Santa Carmem, S = Sinop e C = Cláudia; já M e F correspondem a masculino e feminino.

IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO	DATA DA ENTREVISTA	TEMPO DE DURAÇÃO
V1 M	26 de nov. de 2010	37min.
V2 F	26 de nov. de 2010	53min.

V3 M	26 de nov. de 2010	35min.
V4 F	21 de out. de 2010	31min.
SC5 F	15 de nov. de 2010	40min.
SC6 F	10 de jan. de 2011	42 min.
SC7 F	16 de nov. de 2010	45min.
SC8 F	15 de nov. de 2010	43min.
S9 M	6 de nov. de 2010	46min.
S10 M	03 de fev. de 2011	1h e 38min.
S11 M	11 de nov. de 2010	1h e 02min.
S12 M	04 de fev. de 2011	1h e 3min.
S13 F	06 de fev. de 2011	43min.
S14 F	01 de fev. de 2011	29min.
S15 M	05 de out. de 2010	50min.
S16 M	24 de set. de 2010	37min.
C17 M	12 de set. de 2010	29min.
C18 M	12 de set. de 2010	25min.
C19 F	12 de set. de 2010	32min.
C20 F	12 de set. de 2010	29min.

Quadro 2: Data da entrevista e tempo de duração.

Reitero, uma vez mais, que o uso desta temática atingiu plenamente o objetivo pretendido, fundamentalmente por ter “recriado fortes emoções” nos entrevistados. Como exemplificação, nos relatos de SC6 F, S13 F e C18 M a referência à morte, respectivamente, da filha, do marido e do pai, trouxe muita comoção e tristeza aos sujeitos, que não contiveram as lágrimas.

Destaca-se, ainda, que, conforme Santos (1998, p.183), “a coleta espontânea objetiva fornecer uma amostra da temática que caracteriza a comunidade, do léxico utilizado, por último, da variação no estrato fonético-fonológico”. Nesse sentido,

compreendo que realizar uma pesquisa empírica a partir de narrativas livres possibilita trazer, ao *corpus* de investigação, elementos mais próximos ao vivenciado em uma comunidade linguística qualquer. Há que se levar em consideração também, segundo Bertoldo (2012, p.56), que “Não se trata de isolar o item lexical em estudo e analisá-lo apenas sob o enfoque linguístico, mas sim buscar elementos sociais que viabilizem uma verificação mais ampla do seu uso (quando e como, especialmente), encontrado no *locus* da investigação”.

Dessa forma, é possível afirmar que “os relatos não servem apenas como material discursivo, funcionam também como ponto de referência para classificar o tipo de linguagem empregado pelo Informante naquele texto”. (CARUSO, 2005, p.380).

Após o término da recolha desses dados, iniciei as transcrições grafemáticas dos relatos, que foram realizadas de março a junho de 2011. Para a reprodução desses textos orais, procurei preservar a variação fônica ou da pronúncia características de cada ponto linguístico. Para tanto, foi necessário estabelecer alguns critérios de transcrição, para os quais me vali de algumas normas estabelecidas pelo Projeto Norma Urbana Culta - (NURC), de Salvador, com devidas adaptações às exigências da pesquisa. Desse modo, de acordo com Mota (1995, p.1422), ressalto ser o objetivo das transcrições “apresentar um texto de leitura acessível ao leitor comum, aos estudiosos de outros ramos do saber e aos que, interessando-se pelo fenômeno linguístico, podem chegar ao verdadeiro documento, que é o texto oral”.

Saliento, assim, que a ordem de apresentação dessas transcrições, que podem ser lidas pelo leitor no Apêndice I, encontra-se lá disponibilizada da seguinte forma: breve ficha de identificação do sujeito, seguida pelas perguntas realizadas pelo pesquisador sempre em negrito e as respostas de cada sujeito com a identificação do pronome pessoal feminino ou masculino, “ele” ou “ela”.

Com a finalização das transcrições, foi imprescindível pensar a sequência metodológica da pesquisa, sem perder de vista a proposta inicial do projeto, no qual destaco, dentre os objetivos específicos, “elaborar cartas linguísticas para descrever o léxico que a região apresenta”. Assim, o próximo passo seria pensar no instrumento a ser utilizado para a reunião do *corpus* necessário para a confecção dos cartogramas. Fui então novamente buscar amparo nas fontes teóricas e de metodologia da Geolinguística e localizei a versão final do questionário linguístico direcionado ao aspecto semântico-lexical (QSL), aprovada pelo Comitê Nacional do Projeto ALiB e publicada em 2001,

pela Universidade Estadual de Londrina, muito adotada pelos pesquisadores da área. O QSL apresenta duzentas e duas questões, que recobrem quatorze áreas semânticas, de orientação basicamente onomasiológica e de interesse diatópico, o qual tem por objetivo a documentação do registro coloquial do falante, buscando as formas de emprego mais geral na localidade.

Após a leitura atenta das duzentas e duas questões integrantes desse QSL e de verificar que o ALiB tem como propósito não “priorizar regionalismos, arcaísmos ou linguagens especiais de grupos⁹⁷”, certifiquei-me, tendo em visto o caráter regional de minha pesquisa e, ainda, por ter em mãos o riquíssimo e vasto material das transcrições das narrativas livres, que não seria pertinente adotar o Questionário Semântico-Lexical do Projeto Atlas Linguístico do Brasil sem realizar devidas adaptações que viabilizassem o estudo regional por mim pretendido. A saída então seria reformular as questões desse QSL a partir do material transcrito que já compunha o *corpus*. Para tanto, depois de observar atentamente as quatorze áreas semânticas que recobrem as questões do Questionário, iniciei a leitura minuciosa das narrativas livres para apreender itens lexicais que fizessem parte dessas áreas semânticas referenciadas, que são, respectivamente, as seguintes:

- *Acidentes geográficos*⁹⁸
- *Fenômenos atmosféricos*
- *Astros e tempo*
- *Atividades agropastoris*
- *Fauna*
- *Corpo humano*
- *Ciclos da vida*
- *Convívio e comportamento social*
- *Religião e crenças*
- *Jogos e diversões infantis*
- *Habitação*
- *Alimentação e cozinha*
- *Vestuário e acessórios*

⁹⁷Informação retirada de PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL. **Questionário Semântico-Lexical**. Disponível em <http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/MetodologiaQuestionarios>. Acessado em 05 de jul. de 2011, às 13h e 05min.

⁹⁸As áreas semânticas destacadas em itálico foram mantidas na íntegra em meu trabalho.

- *Vida urbana*

Assim, após esmiuçar, analiticamente e quantitativamente, as transcrições dos relatos de experiência pessoal e por compreender que o repertório verbal da comunidade linguística em que se realiza a pesquisa apresenta peculiaridades e particularidades de acordo com a realidade dos falantes, ousei então criar um Questionário Semântico-Lexical específico, com 210 questões, que podem ser conferidas pelo leitor no Capítulo 4 antes de cada Tabela Lexical. Esse QSL foi elaborado nos meses de agosto e setembro de 2011 e aplicado nos meses de outubro a dezembro desse mesmo ano. Concomitantemente, fui realizando as transcrições das entrevistas, trabalho esse que se estendeu até o mês de abril de 2012.

Ressalto, ainda, que a confecção deste Questionário se mostrou tarefa complexa, visto que eram muitas as possibilidades de escolhas de itens lexicais com os quais me deparei na materialidade linguística do *corpus*. Foi necessário, então, estabelecer critérios de escolhas de itens lexicais. Dessa forma, comecei a fazer recortes que inicialmente remetessem ao meu suporte metodológico, o QSL do ALiB; observei então a ocorrência de itens lexicais que reportassem aos temas que são apresentados antes de cada formulação de pergunta nesse Questionário. Nessa primeira triagem, localizei os itens *córrego*, *relâmpago*, *raio*, *trovão*, *picada*, *mandioca*, *forquilha*, *carriola*, *menino/guri*, *menina*, *patente*, *lote/terreno/data*, e *bar/boteco*. Assim, decidi manter as perguntas do ALiB que estavam ligadas a esses temas. Em meu QSL a ordem de apresentação dessas perguntas é: 2, 10, 11, 12, 15, 61, 73, 79, 107, 108, 129, 180 e 182.

Verifiquei, também, que os itens *chuvada/chuvarada/enxurrada* tinham relação com o conceito da pergunta 14 do QSL do ALiB...*uma chuva forte e contínua?*, da mesma forma acontecia com *pistoleiro/jagunço*, que se relacionam ...*a pessoa que é paga para matar alguém?* (pergunta 140), e com *cachaça/pinga/pinguinha* que remetem...*a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar?* (pergunta 182), embora estas questões apresentem temas distintos, respectivamente: *chuva forte*, *assassino pago* e *aguardente*. Então, decidi manter estas três perguntas também, que são enumeradas em meu QSL como: 7, 129 e 173.

Com apenas dezesseis questões originalmente aproveitadas do ALiB, a opção seguinte passou a ser utilizar o próprio material transcrito como suporte tanto para a seleção de itens/tema quanto para a elaboração dos conceitos/pergunta. Nesse contexto,

foi fundamental retornar aos objetivos do trabalho e a partir daí estabelecer como ênfase as particularidades regionais relacionadas à vinda dos migrantes e às atividades realizadas no início da colonização. O primeiro passo metodológico então foi observar a recorrência dos itens lexicais, ou seja, a maior quantidade de citações atribuídas a eles pelos distintos sujeitos nos relatos. Como exemplificação, destaco os itens: *mato* (282 correspondências), *terra* (205 correspondências), *gado* (75 correspondências), *onça* (62 correspondências), *padre* (62 correspondências), *malária* (61 correspondências), *derrubar* (60 correspondências), *serraria* (57 correspondências), *bicho* (44 correspondências), *barraca* (42 correspondências).

Esse apanhado lexical quantitativo, no entanto, mostrou-se ainda ineficiente para atingir o propósito de apreender as particularidades regionais relacionadas à vinda dos migrantes e às atividades realizadas no início da colonização, assim como de “buscar elementos sociais que viabilizem uma verificação mais ampla do seu uso” (BERTOLDO, 2012, p.56), acrescidos aqui elementos culturais e de comportamento dos moradores do norte mato-grossense. Assim, dei continuidade à seleção de itens lexicais que fizessem parte das áreas semânticas do QSL do ALiB citadas acima, mas agora com o intuito de dar conta das particularidades e elementos em questão.

Foi aí que concluí a necessidade de reformulação de algumas dessas áreas do ALiB, visto que duas delas, *Astros e tempo* e *Corpo humano*, se mostrassem inoperantes aos meus objetivos pretendidos, bem como havia lacunas para a inserção de temas importantes como *malária*, *balsa*, *pau-de-arara* e *kômbi*, itens estes que têm relação direta com o contexto de colonização deste espaço geográfico. Desse modo, acresci as áreas *Transportes e orientações geográficas* e *Doenças e tratamentos*, bem como reformulei outras duas, que assim ficaram: *Atividades agropastoris e extrativo-florestais* e *Jogos e diversões*.

Com as quatorze áreas que utilizaria em meu QSL definidas e seguindo sempre os objetivos descritos acima, dei continuidade à seleção de itens lexicais/tema e à elaboração dos conceitos/pergunta, as quais, em sua finalização, ficaram assim distribuídas quanto ao número de questões: acidentes geográficos – cinco; fenômenos atmosféricos – oito; atividades agropastoris e extrativo-florestais – setenta; fauna – vinte e três; ciclos da vida – cinco; convívio e comportamento social – vinte e quatro; religião e crenças – três; jogos e diversões – quatro; habitação – treze; alimentação e cozinha –

vinte e uma; vestuário e acessórios – três; vida urbana – treze; transportes e orientações geográficas – doze e doenças e tratamentos – seis.

Saliento, ainda, que, além de utilizar o próprio material transcrito como suporte para a elaboração das demais 194 perguntas, que foram julgadas procedentes e importantes à amostra do falar do norte de Mato Grosso, vali-me de três dicionários renomados e de grande utilização por lexicógrafos e estudiosos da linguagem como aporte teórico, para dirimir possíveis incompreensões de sentidos, que são:

- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2ª ed. revista e ampliada. 4ª imp. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S.A., 1986.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1ª reimpressão com alterações. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- AULETE DIGITAL. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Disponível em <http://www.auletedigital.com.br/>. Acessado nos meses de set. e out. de 2011.

Findo o trabalho de elaboração das 210 questões de meu QSL, parti então para a segunda etapa de reunião do *corpora*, etapa essa que contou com quarenta entrevistas, dezesseis em Sinop, oito em Vera, oito em Santa Carmem e oito em Cláudia, as quais serão retratadas no item 3.3.4.

3.3.2 Os pontos linguísticos selecionados

Encarnação⁹⁹, ao enfatizar a importância do método de pesquisa geolinguístico e, mais especificamente, sobre a escolha de um ponto linguístico chama a atenção para a fase de planejamento, pois, é nessa fase que se deve fazer “o levantamento da área a ser pesquisada, a fim de se conhecer os aspectos geográficos, históricos e socioeconômicos e alguns fatores que abranjam as peculiaridades do local em que vivem os sujeitos”.

Numa pesquisa dialetológica um ponto linguístico equivale a uma localidade em que se realizam as entrevistas para a recolha de dados/itens lexicais. Dessa forma, são

⁹⁹Disponível em <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/17/04.htm>. Acessado em 27 de dez. de 2011, às 9h e 28min.

quatro os locais que integram a minha rede de pontos, respectivamente as cidades de Vera, Santa Carmem, Sinop e Cláudia.

A escolha dessas localidades se deve, em princípio, pela localização geográfica de minha residência e atuação profissional: resido no município de Sinop, cidade polo da região norte mato-grossense, e atuo profissionalmente, como professora e pesquisadora, na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Todavia, também saliento a importância do trabalho como pesquisa local, visto que as quatro cidades por mim selecionadas como pontos de inquérito não se encontram contempladas nos pontos priorizados pelo ALiB.

Vale reiterar, uma vez mais, que a eleição desses quatro municípios localizados no norte do Estado foge à proposta de estudos sobre diversidade linguística pensada por Antenor Nascentes, inicialmente em 1922, e reafirmada em 1953 na obra *O linguajar carioca*, proposta esta adotada ainda em grande proporção pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB. No entanto, ainda que estudos linguísticos mais recentes atestem validade à divisão dialetal do Brasil realizada por Nascentes, há outros, tais como os de Isquerdo (2006), de Almeida (2008), e da Tese de Doutorado em andamento de Marigilda Antônio Cuba, intitulada provisoriamente de *Atlas Linguístico da Área Incaracterística de Antenor Nascentes*, que dão mostras de novos contornos para os estudos dialetológicos no Brasil.

Segundo Isquerdo (2006, p.14), referindo-se ao território incaracterístico proposto por Nascentes (1953):

Na contemporaneidade, o Projeto Atlas Linguístico do Brasil, que está documentando a língua portuguesa do Brasil na sua modalidade oral, poderá [...] propor novos contornos para a divisão apresentada pelo dialetólogo, ou até mesmo definir um novo desenho para a divisão dialetal do português do Brasil.

Dessa forma, compreendo que realizar estudos nessa ampla área incaracterística em que se insere o espaço geográfico do norte de Mato Grosso é, acima de tudo, corroborar com essa possibilidade de avanço da Geolinguística em descrever o dinamismo da língua e a mobilidade da população em distintas áreas brasileiras.

Convém ainda ressaltar que, das nove cidades de abrangência do Projeto Atlas Linguístico do Brasil - Aripuanã, São Félix do Araguaia, Diamantino, Poxoreo, Vila Bela da Santíssima Trindade, Cuiabá, Barra do Garças, Cáceres e Alto Araguaia – e dos dezesseis pontos do ALiMAT - Aripuanã, São Félix do Araguaia, Diamantino,

Paranatinga, Rosário Oeste, Barra do Bugres, Vila Bela da Santíssima Trindade, Cáceres, Poconé, Rondonópolis, Itiquira, Cuiabá, Chapada dos Guimarães, Barra do Garças, Tesouro, Alto Garças-, somente duas localidades se localizam no médio norte de Mato Grosso, Diamantino e Paranatinga, e nenhuma no norte do Estado.

Assim, ao se considerar a extensão territorial do Estado de 903. 329, 700 km²¹⁰⁰, a distância entre as cidades, por exemplo, entre Diamantino e Sinop são 406 km e de Paranatinga a Sinop são 564 km¹⁰¹, e as variáveis socioeconômicas, históricas, geográficas e culturais de Sinop, de Vera, de Santa Carmem e de Cláudia, sucintamente apresentadas nos Capítulos 1 e 2, é possível depreender que a realização desta pesquisa descritivo-analítica de cunho dialetológico irá efetivamente agregar e contribuir com os estudos do português falado na região e em Mato Grosso.

Cabe ainda justificar que, se o Projeto ALiB procura manter os pontos sugeridos por Antenor Nascentes (1953) na medida em que estes se mostrem pertinentes aos objetivos da composição do Atlas, as quatro cidades que compunham a Gleba Celeste foram projetadas pelos empresários Enio Pipino e João Pedro Moreira de Carvalho, conforme visto no Capítulo 1, apenas na década de setenta, o que, por si só, já nos revela indícios de um dialeto/léxico em construção.

3.3.3 Sujeitos: falantes que constituem a realidade linguística local

Os sujeitos, de acordo com as orientações instituídas pela Geolinguística, são os indivíduos que respondem o questionário e que fornecem os dados que irão constituir o *corpus* da pesquisa. E, como retratado pelo próprio ALiB¹⁰², fundamentalmente, a partir do perfil dos sujeitos, há o interesse de buscarem-se as relações entre língua e fatores sociais como forma de responder-se a questões geolinguísticas da realidade atual.

Esse interesse pela relação entre língua e fatores sociais é recente na Geolinguística. Essa nova orientação nasceu exatamente a partir dos avanços empíricos compreendidos pelos estudos labovianos na década de 1960, os quais levaram a

¹⁰⁰Conforme dados do INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estados. Mato Grosso**. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=mt#>. Acessado em 27 de dez. de 2011, às 11h e 33min.

¹⁰¹De acordo com o GUIA DE DISTÂNCIA ENTRE AS CIDADES DE MATO GROSSO. Disponível em <http://www.aondefica.com/afgguiaaf.asp?s=3&udf=mt>. Acessado dia 27 de dez, às 12h e 02min.

¹⁰² PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL. **Aspectos Gerais**. Disponível em <http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/MetodologiaGeral>. Acesso em 28 de dez. de 2011, às 10h e 31min.

inovações teórico-metodológicas das pesquisas dialetológicas. Dentre essas inovações, destaca-se o acréscimo de variáveis sociais ao fator diatópico.

Nesse sentido, segundo Brandão (2005, p.26),

[...] hoje, torna-se imperativo, por exemplo, incluir, entre os critérios de escolha dos indivíduos que servirão de informantes para a formação do *corpus* de um atlas linguístico, variáveis como idade, sexo, nível de instrução, ou mesmo situação socioeconômica, a fim de que se revelem ao máximo as particularidades do sistema dialetal focalizado e se possam melhor conhecer os condicionamentos socioculturais que presidem à distribuição geográfica dos fenômenos linguísticos.

Em consonância com tais assertivas de Brandão pode-se citar as seguintes ponderações feitas por Isquierdo e Romano (2012, p.896-897):

Os estudos geolinguísticos que vêm se desenvolvendo fora da Europa, principalmente, na América do Sul, agregam à Dialetologia conhecimentos advindos da Sociolinguística. Esses novos trabalhos passam a controlar sistematicamente, na coleta de dados, as variáveis sociais, tais como sexo, faixa etária, escolaridade. Consideram também na dimensão diatópica, além do informante topo estático (informantes fixos à localidade), o informante topo dinâmico (pessoas oriundas de outras regiões). Já a dimensão diafásica é incluída no instrumento de coleta por meio de diferentes níveis de interlocução e passa-se a fazer uma Dialetologia urbana, considerando cidades de pequeno e de grande porte.

Assim, tendo em vista a metodologia utilizada por esses “novos trabalhos” geolinguísticos, a partir das dimensões e variáveis propostas pelo ALiB, instituí o número de entrevistas que faria em meu trabalho e os critérios socioculturais de escolha dos sujeitos entrevistados. Destaco aqui as reflexões que fiz para essas tomadas de decisão pautada no método do Projeto, que estabelece, quanto aos sujeitos, que

[...] ficou fixado o número de oito nas capitais de Estado e quatro nas demais localidades, distribuídos equitativamente por duas faixas etárias – 18 a 30 anos e 50 a 65 anos – e contemplando-se os dois sexos. Quanto à escolaridade, devem ser alfabetizados, tendo cursado, no máximo, até a quarta série do ensino fundamental, e possuidores de profissão definida, que não requeira grande mobilidade e se encontre inserida no contexto social local. Nas capitais, quatro, dos oito informantes previstos, devem possuir nível universitário. Por fim, os informantes, além da condição primeira de terem nascido na localidade em questão, devem preferentemente, serem filhos de pais da região linguística em estudo, excetuando-se cidades muito novas. (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p.viii).

Evidentemente tive que fazer muitas adaptações a este método de propositura do ALiB, visto que o estudo em questão não atende a todos estes critérios recomendados e tem caráter regional em um espaço geográfico de colonização recente, mais especificamente a partir da década de 1970. A primeira dessas adaptações foi referente ao número de entrevistados e a fiz já no momento da primeira ida a campo, quando realizei as entrevistas em formato de narrativas livres. Esse número então foi pensado proporcionalmente à sugestão descrita acima, ou seja, levando em conta a densidade demográfica e o fato de Sinop ser a cidade polo do norte de Mato Grosso, estabeleci que faria oito abordagens de entrevista com pioneiros nesta cidade sede da Gleba Celeste e quatro em todas as demais, totalizando 20 relatos de experiência pessoal, parâmetro esse que mais se assemelharia à proposição do Comitê Nacional.

Na segunda etapa da pesquisa empírica, como objetivava, por meio da aplicação do QSL, averiguar a constituição do léxico local e as características linguísticas, relacionadas a aspectos semântico-lexicais, apresentadas entre os migrantes e os nascidos na região, fiz a opção em entrevistar os filhos dos pioneiros já entrevistados ou os netos, no caso específico dos migrantes que não tinham filhos nascidos nessas cidades de migração, totalizando então 40 sujeitos. Assim, a seleção dos sujeitos dessa etapa exhibe o seguinte desenho:

- Vinte pioneiros – dez homens e dez mulheres – nascidos e vindos de diferentes regiões do Brasil (São Paulo, Goiás, Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Sergipe, Bahia, Espírito Santo e Paraíba); subdivididos em: quatro homens e quatro mulheres em Sinop, dois homens e duas mulheres em Vera, dois homens e duas mulheres em Santa Carmem e dois homens e duas mulheres em Cláudia.
- Quatorze filhos¹⁰³ de pais pioneiros e seis netos, nascidos nas localidades pesquisadas, subdivididos em: quatro rapazes e quatro moças em Sinop, dois rapazes e duas moças em Vera, dois rapazes e duas moças em Santa Carmem e dois rapazes e duas moças em Cláudia.

Ressalto, ainda, que nos relatos de experiência pessoal não observei com rigidez o critério da variável social sexo, o que, contudo, foi corrigido na aplicação do

¹⁰³No contexto das entrevistas, dois filhos (um de Cláudia, C19/2M, e um de Vera, V1/2 M), do sexo masculino, que não aceitaram ser entrevistados, tiveram que ser substituídos por outros, também filhos de pioneiros, conforme identificados nas fichas individuais, que se encontram nos Apêndices (Apêndice II), pelo recurso “+”.

questionário semântico-lexical. Desse modo, quatro pioneiros foram substituídos, dois homens em Sinop (S11 M e S15 M) e duas mulheres em Santa Carmem (SC5 F e SC7 F). Essas alterações podem ser verificadas nas fichas de identificação dos sujeitos, que acompanham as transcrições dos relatos e que se encontram no Apêndice I trazido no final do Tomo III deste trabalho.

Com relação à variável idade, também utilizei, como sugerido pelo ALiB, a distribuição equitativa entre duas faixas etárias, no entanto, fiz alterações referentes às idades indicadas pelo Comitê por compreender a necessidade de adequação do estudo ao *locus* investigado (Sinop, Vera, Santa Carmem e Cláudia) e aos objetivos inicialmente propostos. Essas alterações se devem, fundamentalmente, por causa das distintas etapas empíricas e dos instrumentos utilizados para a coleta de dados, sendo que não delimitei idade máxima dos sujeitos migrantes por considerar relevante para a pesquisa contemplar, também, pioneiros idosos nos relatos de experiência pessoal, e, dessa forma, entendi também ser coerente estender o número de anos dos mais jovens. Assim, as faixas etárias contempladas em minha pesquisa são: de 18 a 40 anos, para os nascidos na região, e acima de 50 anos, para os migrantes vindos de outras regiões do Brasil e moradores locais há pelo menos um terço - 1/3 - de sua vida.

Quanto à escolaridade, todos os entrevistados são alfabetizados. Procurei respeitar, na medida do possível, a indicação do Atlas Linguístico do Brasil em escolher sujeitos que tivessem cursado até a quarta série do Ensino Fundamental. Tal procedimento mostrou-se plausível entre os pioneiros, que, em sua maioria, possuem menor escolaridade, no entanto, foi absolutamente inviável seguir esta instrução entre os mais jovens, filhos ou netos, visto que a menor escolaridade apresentada é a 8ª série do Ensino Fundamental.

Na variável profissão, de acordo com orientação do ALiB, dei preferência aos sujeitos possuidores de uma profissão definida, que não requeira grande mobilidade e que se encontre inserida no contexto social local. E, ainda, conforme enaltecido na proposta inicial deste estudo, mais especificamente na questão norteadora 3, procurei retratar a miscigenação étnica nas localidades em foco com o intuito de verificar a relação entre as etnias, oriundas de distintas regiões do Brasil, e a constituição do modo de falar local. Desse modo, encontram-se entre os entrevistados descendentes de italianos, alemães, japoneses, suecos, ingleses, portugueses, ucranianos, poloneses, espanhóis, indígenas e africanos.

Nos Quadros abaixo, o leitor poderá acompanhar uma síntese das variáveis sociais e geográficas, citadas acima, inerentes aos quarenta sujeitos selecionados para esta pesquisa. No primeiro Quadro, 3, apresento a relação de pioneiros entrevistados e os situo, respectivamente, nas suas cidades de migração. E no Quadro 4 mostro, nessa mesma ordem, os filhos ou netos desses pioneiros, sujeitos deste estudo.

SUJEITO	IDADE	RESIDÊNCIA ANTES DE MIGRAR¹⁰⁴	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO	ETNIA
VERA					
V1 M	79 anos	Ivaté – PR	4ª série	agricultor e comerciante	japonesa
V2 F	68 anos	Mariluz – PR	1ª série	do lar	NSR ¹⁰⁵
V3 M	78 anos	Planaltina – PR	3ª série	Agricultor	alemã
V4 F	58 anos	Vatuba – PR	1ª série	do lar	NSR
SANTA CARMEM					
SC5+ ¹⁰⁶ M	60 anos	Planaltina – PR	4ª série	motorista ¹⁰⁷	espanhola
SC6 F	68 anos	Pérola – PR	2ª série	do lar	NSR
SC7+M	64 anos	Altônia– PR	4ª série	empresário (de indústria madeireira)	italiana e indígena
SC8 F	66 anos	Querência do Norte – PR	3ª série	Agricultora	indígena
SINOP					
S9 M	70 anos	Amaporã – PR	4ª série	eletricista e comerciante	japonesa
S10M	54 anos	Guabiju– RS	8ª série	comerciante	italiana

¹⁰⁴Salienta-se que grande parte dos migrantes entrevistados nasceu em outros Estados e migrou para o Paraná antes de migrar novamente ao Mato Grosso. Convido ao leitor a conferir a naturalidade desses pioneiros na ficha de identificação que antecede a transcrição das narrativas livres no Apêndice I.

¹⁰⁵NSR= Não Soube Responder

¹⁰⁶O recurso “+” foi utilizado para indicar os sujeitos que foram substituídos.

¹⁰⁷SC5 M é motorista de transporte escolar e desloca-se apenas da cidade de Santa Carmem para Sinop levando universitários.

S11+ F	66 anos	Santo André– SP	4ª série	comerciante	italiana e portuguesa
S12 M	63 anos	Salete – SC	4ª série	empresário e corretor de imóveis	italiana
S13F	80 anos	Guarani das Missões –RS	5ª série	do lar	sueca e inglesa
S14 F	65 anos	Indaial- SC	3ª série	do lar	italiana
S15+ F	67 anos	São Paulo– SP	4ª série	do lar	portuguesa e alemã
S16 M	52 anos	Palmeiras – GO	3ª ano do ensino médio	vendedor autônomo	portuguesa e africana
CLÁUDIA					
C17 M	62 anos	Chopinzinho – PR	4ª série	Agricultor	italiana
C18M	51 anos	Chopinzinho - PR	5ª série	operador de máquina pá-carregadeira	italiana e alemã
C19 F	53 anos	São Luiz– PR	5ª série	empresária (de indústria madeireira)	italiana e alemã
C20 F	52 anos	Apucarana – PR	superior completo	Professora	ucraniana

Quadro 3: Variáveis sociais e geográficas dos sujeitos pioneiros.

No próximo Quadro, como citado acima, exponho a relação dos filhos ou netos dos pioneiros mencionados no Quadro 3, na mesma ordem lá trazida:

SUJEITO	IDADE	GRAU DE PARENTESCO	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO	ETNIA
VERA					
V1/2+ M	26 anos	Filho	8ª série	administrador de granja	indígena
V2/2 F	32 anos	Neta	ensino médio completo	operadora de caixa	portuguesa e indígena
V3/2 F	31 anos	Neta	superior completo	professora e <i>personal</i>	italiana e

				<i>trainer</i>	alemã
V4/2 M	36 anos	Filho	8ª série	vendedor autônomo	NSR
SANTA CARMEM					
SC5/2 M	28 anos	Filho	8ª série	motorista	espanhola e indígena
SC6/2 F	35 anos	Filha	8ª série	administradora- financeira	indígena
SC7/2 F	29 anos	Filha	superior completo	Turismóloga	italiana
SC8/2 M	39 anos	Filho	8ª série	Agricultor	indígena e holandesa
SINOP					
S9/2 F	24 anos	Neta	superior incompleto	servidora pública	japonesa
S10/2F	29 anos	Filha	superior completo	cirurgiã dentista	italiana
S11/2 F	29 anos	Filha	superior completo	Arquiteta	italiana
S12/2 M	22 anos	Filho	ensino médio completo	auxiliar administrativo	italiana
S13/2M	22 anos	Neto	superior incompleto	Estudante	sueca e portuguesa
S14/2 F	23 anos	Neta	superior incompleto	Estudante	Italiana e portuguesa
S15/2 M	18 anos	Neto	ensino médio incompleto	Estudante	italiana
S16/2 M	21 anos	Filho	superior incompleto	Estudante	italiana, portuguesa e africana
CLÁUDIA					
C17/2 F	25 anos	Filha	superior completo	Professora	italiana
C18/2F	25 anos	Filha	superior incompleto	funcionária pública	italiana e alemã

C19/2+M	29 anos	Filho	ensino médio completo	comerciante	italiana e polonesa
C20/2 M	22 anos	Filho	ensino médio completo	operador de máquina pá-carregadeira	ucraniana e italiana

Quadro 4: Variáveis sociais dos sujeitos filhos ou netos.

3.3.4 Entrevistas e coleta de dados

O método dinâmico utilizado para a realização das entrevistas, conforme já explicitado no item 3.2, foi o sugerido por Labov (2008) em sua Sociolinguística Variacionista, no qual preconiza a necessidade de construir situações de entrevista em que a *fala casual* ou *espontânea* encontre um lugar e possa emergir durante a entrevista. Em consonância com tal metodologia Caruso (2005, p.375-376), no entanto, chama a atenção para os desafios constantes que envolvem o processo de interação entre pesquisador e sujeito, visto que

[...] todo o pesquisador busca encontrar a linguagem informal do seu Informante, aquele tipo de linguagem que ele usaria com os seus amigos, com os seus familiares, enfim, no dia-a-dia. Interessante observar que, embora seja esse o tipo de língua buscado pelo pesquisador, o próprio pesquisador é, para o informante, um elemento estranho, um desconhecido, munido de gravador, lápis e papel, falando uma língua diferente da sua.

Nesse sentido, para tentar amenizar esse impacto da “língua diferente”, destaco que realizei entrevistas induzidas (contato direto entre sujeito e pesquisador) feitas no habitat do sujeito sempre utilizando uma interlocução informal antes do início dos trabalhos de pesquisa. Essa escolha teve o propósito de se procurar criar um ambiente próximo à informalidade, bem como para estimular o sujeito a questionar e expor, com naturalidade, possíveis dúvidas que pudessem ocorrer durante as perguntas feitas ou nas respostas a serem dadas no momento das entrevistas, sem, contudo, descuidar de uma postura criteriosa e da responsabilidade que um entrevistador deve ter para atribuir cientificidade à pesquisa.

Outro fator que contribuiu bastante para o ‘clima’ informal foram os contatos prévios estabelecidos com os sujeitos, os quais foram feitos com a ajuda de pessoas conhecidas na comunidade que me apresentaram como amiga e pesquisadora, menos na cidade de Vera em que fiz contato direto, obtendo, contudo, informações sobre os

pioneiros com a bibliotecária do município, Márcia Manoel Gonçalves Camilo, posto que foi na Biblioteca Municipal *Nilza de Oliveira Pipino* o primeiro local que visitei com o propósito de localizar sujeitos nessa localidade. Ressalto que a recepção foi tão positiva que, além de conseguir vários nomes de migrantes, com seus respectivos endereços, consegui também o empréstimo de uma excelente obra, desconhecida por mim, que retrata a história da cidade:

- PANOSSO NETTO, Alexandre. *Vera: a princesinha do nortão: uma contribuição ao estudo da ocupação da Amazônia mato-grossense*. Campo Grande, MS: A. Panosso Netto, 2000.

Destaco, porém, que a falta de intermediação entre mim e alguém com relações próximas à comunidade fez com que o ambiente de pesquisa se tornasse mais formal e senti hesitação em alguns ambientes tanto de pioneiros quanto, e principalmente, dos jovens sujeitos entrevistados, visto que batia à porta das casas e me apresentava, com devidas identificações, como professora e pesquisadora. Esse fato fez, inclusive, com que houvesse um acontecimento curioso em Vera, o qual se deu com o filho do sujeito V1 M, que não aceitou dar a entrevista porque suspeitou que eu pudesse ser vendedora de livros, não acreditando nas informações contidas no crachá e nas informações dos documentos que eram apresentados para a minha identificação. Esse acontecimento fez com que este sujeito tivesse que ser substituído pelo filho de outro pioneiro, ainda que não sujeito da pesquisa.

No município de Cláudia, primeiro dos municípios visitados, obtive apoio da Profa. Dra. Leandra Ines Seganfredo Santos da UNEMAT, que residia nessa cidade antes de estabelecer residência em Sinop, bem como de seus pais, que moram nessa localidade desde 1987. Saliento aqui que o primeiro contato que estabeleci com os sujeitos nesse ponto foi com a presença da professora citada e conhecida por eles, o que facilitou sobremaneira a receptividade e o ambiente de informalidade à pesquisa. No entanto, também em Cláudia colhi um insucesso relacionado a uma entrevista com um jovem, o filho de C19 F, que se mostrou reticente com o trabalho e, ainda que não tivesse negado a disponibilidade para a entrevista, passou a postergar o encontro comigo, inicialmente com respostas evasivas até finalmente não atender mais aos meus telefonemas. Desse modo, este sujeito também teve que ser substituído por outro filho de migrante.

Já no município de Santa Carmem, a ajuda veio de uma acadêmica da Universidade do Estado de Mato Grosso, Klesiane Maricley Maurina, moradora deste local, a qual me apresentou à sua mãe, Inês Warmling Mauriana, que reside nesta cidade desde 1974. Muito solícita essa pioneira me acompanhou em visitas a outros pioneiros conhecidos que vieram ainda antes dela a esse espaço de colonização e, dessa forma, igualmente o clima de descontração e de boa aceitação ao trabalho se fizeram sentir. Essa boa aceitação fez com que, nesse município, não tivesse problemas com o andamento das entrevistas.

Quanto à Sinop, o início dos trabalhos se deu com a ajuda da amiga Doraci Mantovani Batista, residente na cidade desde 1985, que me apresentou ao migrante goiano S16 M. Esse contato foi fundamental para que eu colhesse o nome de outros migrantes, vindos ainda no limiar da colonização sinopense, e de endereços de suas residências, estabelecendo, assim, uma rede de informações que me levou a todos os demais sujeitos. Vale ressaltar que em Sinop, ainda que fosse bater de porta em porta sozinha, não encontrei o mesmo contexto de hesitação vivenciado em Vera, o que pode ser justificável por ser esse o espaço em que se encontra a instituição em que trabalho, a UNEMAT, e pelo prestígio e respeito que essa instituição tem na cidade. Assim, fui bem recebida por todos os oito pioneiros entrevistados, bem como por seus filhos ou netos, que atenderam prontamente ao chamado de pesquisa.

Reitero, uma vez mais, que as entrevistas, todas gravadas em áudio, foram realizadas nas casas dos sujeitos, com as seguintes exceções: V2/2 F – feita no salão da Casa da Amizade em Vera; SC5 M – feita em uma sala de aula da Universidade do Estado de Mato Grosso em Sinop; SC7 F – feita na casa da filha em Sinop; S10 M – feita em seu escritório comercial; S10/2 F – feita em sua sala de atendimento odontológico; S11 M e S11/2 F - feitas em seus escritórios comerciais; S12 M e S12/2 M - realizadas na varanda da madeireira em que ambos trabalham e de propriedade do primeiro.

Para manter sigilo sobre a verdadeira identificação dos sujeitos entrevistados, optei por substituir o nome por siglas, pois, tal como evidenciado por Tomé (2009, p. 36), esse é um “procedimento empregado na pesquisa que envolve seres humanos, favorável à posição de entrevistado e também de analista”. Para tanto, vali-me das iniciais dos nomes das quatro cidades e acrescentei **F**, para a entrevistada do sexo feminino, e **M**, para o sujeito do sexo masculino. Portanto, os entrevistados de Vera são

identificados, respectivamente, como V1 M, V2 F, V3 M e V4 F, os de Santa Carmem como SC5+ M, SC6 F, SC7+ M e SC8 F, os de Sinop como S9 M, S10 M, S11 F+, S12 M, S13 F, S14 F, S15 F+, S16 M, e os de Cláudia como C17 M, C18 M, C19 F e C20 F. O recurso “+”, como já mencionado, foi utilizado para indicar os sujeitos que foram substituídos.

Para os filhos ou netos acrescentei somente uma barra e o número dois, os quais foram assim, respectivamente, dispostos: os de Vera como V1/2 M+, V2/2 F*, V3/2 F* e V4/2 M, os de Santa Carmem como SC5/2 M, SC6/2 F, SC7/2 F e SC8/2 M, os de Sinop como S9/2 F*, S10/2 F, S11/2 F, S12/2 M, S13/2 M*, S14/2 F*, S15/2 M*, S16/2 M, e os de Cláudia como C17/2 F, C18/2 F, C19/2 M+ e C20/2 M. O asterisco foi o recurso acrescido para identificar os netos.

Com o término das transcrições de todas as entrevistas feitas, no mês de abril de 2012, inicie então a inserção dos dados do *corpus* em tabelas que representam o cerne do registro das variantes, trabalho esse que se estendeu até junho deste mesmo ano. Nessas tabelas, que foram criadas no processador de texto Microsoft Word, se evidenciam, portanto, em ordem alfabética, todas as variantes dadas como respostas a cada uma das 210 questões feitas aos sujeitos.

Importa ainda salientar que registrei todas as respostas concedidas, inclusive as expressas pelo mesmo sujeito, no caso deste atribuir mais de uma resposta ao mesmo conceito/pergunta. Às variantes registradas foram feitas as devidas identificações, ou seja, quem disse (sujeito jovem, de 18 a 40 anos, ou acima de 50 anos, do sexo feminino ou masculino) e onde disse (Sinop, Vera, Cláudia ou Santa Carmem), indicando-se, também, a quantidade/totalidade de vezes que o item lexical foi trazido ao corpo responsivo dos entrevistados.

3.3.5 Cartogramas: o retrato da pesquisa

Coseriu (1982) utiliza a palavra “mapa” para referir-se à carta linguística, o qual teria o propósito de retratar a variedade de fala em um trabalho de cunho dialetológico e mostrar a distribuição dos itens lexicais nos determinados pontos de inquérito pesquisados. Desse modo, segundo as conceituações desse autor, é possível afirmar que a importância da cartografia para a geolinguística se deve a uma melhor visualização dos dados obtidos com a pesquisa.

Aguilera (2000, p.175), por sua vez, amplia a abrangência de utilização das cartas em atlas linguísticos ao asseverar que “apresentam um instantâneo dialetal de determinada área explorada, podendo responder a indagação de como este ou aquele conceito se manifesta em determinado lugar e época”.

Convém salientar, ainda, que, recentemente, o termo ‘cartograma’ foi cunhado para retratar os fenômenos linguísticos de uma área específica a ser explorada. De acordo com Augusto (2012, p.114), esse termo foi “utilizado pela primeira vez no Atlas Semântico-Lexical da Região do Grande ABC, de Adriana Cristina Cristianini (2007)”. Santos (2009, p.63), que também faz menção a essa nova denominação utilizada inicialmente por Cristianini, assim se posiciona sobre o uso deste instrumento para os estudos geolinguísticos:

Um atlas linguístico encerra um conjunto de cartogramas. Em geral, um leitor pouco familiarizado com a Geolinguística não consegue perceber as etapas que ele envolve, tampouco seu potencial. Consequentemente, não raro, para esse leitor, a pesquisa geolinguística parece resumir-se tão-somente à aplicação de um questionário e à elaboração de cartogramas, nos quais se mostram a frequência e a distribuição de fenômenos linguísticos numa determinada área.

Com relação à conceituação de cartograma, assinala-se, ainda, conforme os apontamentos de Sanchez (1973 *apud* DEFINIÇÕES DE CARTOGRAFIA, 2013, p.1), que este seria “uma imagem convencionada, representando feições características da realidade geográfica, construída para uso quando as relações espaciais são de relevância fundamental”.

Assim sendo, neste estudo adoto, também, o termo *cartograma*, e faço uso deste instrumento no Capítulo 4 como complemento às Tabelas Lexicais referentes às respostas de cada um dos 210 conceitos/pergunta, com o propósito de possibilitar ao leitor uma rápida visualização da distribuição de cada item lexical já apresentado anteriormente nas Tabelas. Dessa forma, optei pela metodologia de exibir cada Cartograma após sua respectiva Tabela. Intenta-se, ainda, permitir que se identifique a constituição do falar norte mato-grossense, por meio dos recortes semântico-lexicais ali retratados, para tanto, faço rápidas considerações de leitura sobre o(s) item(ns) lexical(is) normativos e de suas variantes, quando as há, bem como sobre as suas distribuições nas localidades, após cada apresentação desses dois recursos.

Nesta pesquisa, utilizo o arquétipo de Cartograma criado pelo engenheiro cartográfico e professor da Universidade Federal de Mato Grosso, Edgar Nogueira Demarqui, que o criou a partir de um *software* disponibilizado pelo Projeto gvSIG¹⁰⁸. Tendo em mãos esse arquétipo, no qual esse engenheiro procurou delinear a imagem convencionada referente à delimitação geográfica das quatro cidades em foco em cores distintas identificadas por legenda, expus nessa materialidade os fenômenos linguísticos abstraídos do *corpus*. O resultado deste trabalho (210 Cartogramas) se encontra disponibilizado no próximo capítulo. Ressalto que esse trabalho se estendeu de julho a setembro de 2012.

A disposição das informações contidas nesses Cartogramas, de cunho lexical, foi feita da seguinte forma:

- Lado superior esquerdo= o tema e logo abaixo a pergunta;
- Lado médio esquerdo= os itens lexicais ocorridos, em ordem alfabética, por cores diferenciadas, para facilitar as suas localizações no interior do cartograma. A referência às abstenções, quando houver, ou seja, às não respostas, se encontra ao final, representada pela designação “não soube responder”;
- Lado esquerdo inferior = a legenda;
- Lado superior direito= o item lexical “CARTOGRAMA” seguido de número cardinal que equivale ao conceito/pergunta;
- Lado direito, abaixo do item lexical “CARTOGRAMA”= o desenho do cartograma, a legenda das cores, as coordenadas geográficas e a distribuição dos itens lexicais, assim como de não respostas, quando houver, no interior do cartograma de acordo com as ocorrências manifestas pelos diferentes gêneros e faixas etárias em cada cidade.

E, ao final da apresentação das Tabelas Lexicais e dos Cartogramas de cada área semântica, disponibilizo, ainda, um Histograma para apresentar ao leitor os itens lexicais/respostas de maior ocorrência, ou seja, exibo, nesses Histogramas, o(s) item(ns) de frequência absoluta, ou seja, a norma linguística de cada questão integrante das quatorze áreas semânticas anteriormente identificadas.

¹⁰⁸Maiores informações sobre esse Projeto e sobre o *software* utilizado podem ser encontradas em <http://www.gvsig.org/web/>.

3.3.6 Procedimentos de análise

Após a cartografia dos itens lexicais que compõem o *corpus* deste estudo semântico-lexical de caráter dialetológico, destaco, uma vez mais, a importância do léxico como objeto de análise, fundamentalmente, “por ser a língua produto da ação histórica e sociocultural de seus falantes” (TOLEDO NETO; SANTIAGO-ALMEIDA, 2010, p. 137). Dessa forma, é no léxico que se imprimem variações e mudanças por meio de ‘novas marcas’ que refletem e refratam a história social, ideológica e cultural de uma comunidade linguística.

Conforme Vilela (1994, p.61),

[...] o léxico é a parte da língua que primeiramente configura a realidade extra lingüística e arquiva o saber lingüístico de uma comunidade. Avanços e recuos civilizacionais, descobertas, inventos, encontro entre povos e culturas, mitos e crenças, afinal, quase tudo, antes passa para a língua e para a cultura dos povos, tem um nome e esse nome faz parte do léxico. O léxico que é o repositório do saber lingüístico e é ainda a janela através da qual o povo vê o mundo. Um saber partilhado que apenas existe na consciência dos falantes de uma comunidade.

É nesse contexto, e a partir do pressuposto de que o léxico é um saber partilhado pelos falantes de uma comunidade ou a forma particular de representar a realidade linguística local/regional, que dei início aos procedimentos de análise dos 36 itens lexicais selecionados do *corpus*, sendo quatorze deles (*nascente, geada, índio, cupim, guria, nordestina, freira, balanço, lampião, banha, bota, hotel, balsa e malária*) os de maior frequência de cada área semântica, respectivamente identificados nos Histogramas, pois estes, conforme Coseriu (1980), constituem a norma linguística da comunidade e apresentam, efetivamente, os usos de fala realizados e existentes na tradição oral. Saliento, contudo, que três itens de maior frequência, *raio, mandioca e padre*, foram substituídos pelos de segunda maior ocorrência em suas devidas áreas, critério metodológico este que se encontra em consonância com a opção de metodologia adotada por Viola (2010, p.127) “As lexias analisadas serão as que forem divergentes na grafia do tema presente no questionário do projeto ALiB”. A opção por este critério, neste estudo, deve-se ao enfoque e olhar regional que se pretende. Com relação à substituição do item lexical *padre* por *freira*, intenciona-se salientar, além de características sócio-histórica e geográfica regionais, particularidades fonéticas.

Para as reflexões analíticas tecidas levei ainda em consideração as seguintes ponderações de Santos (2006, p.95):

A abordagem do aspecto semântico-lexical de uma língua natural passa necessariamente pelo estudo dos diferentes modos de apreensão da realidade por parte dos interlocutores, num dado universo cultural. Em suas interações, quer como falantes, quer como ouvintes, os diferentes interlocutores, como membros de uma determinada comunidade lingüística, servem-se do léxico para produzir atos de fala e interpretá-los a todo instante. Trata-se de um processo dinâmico que põe em relevo aspectos semântico-lexicais. Na verdade, os atos de fala constituem etapas de elaboração e reelaboração da norma de uma dada comunidade, os quais adquirem um caráter particular em função das variáveis extralingüísticas presentes numa determinada localidade.

Dessa forma, compreendendo a necessidade de se apreender o “processo dinâmico”, fundamentalmente a partir de considerações sobre o “caráter particular em função das variáveis extralingüísticas” presentes nas quatro cidades em foco, assim como por causa do enfoque regional deste estudo delimitado por seus objetivos, foi que optei pelo recorte de itens lexicais, também de maior frequência, que apresentassem ênfase a particularidades de interesse regional relacionadas à vinda dos migrantes e às atividades realizadas no início da colonização, itens esses mantidos ainda na fala dos jovens. Essa seleção, contudo, mostrou-se extremamente difícil e inviável, visto que grande parte dos itens lexicais que se revelavam de alta ocorrência dentre as respostas dadas nas 210 perguntas remetiam a alguma peculiaridade da região em estudo.

O caminho metodológico então foi fazer esse recorte pautado nos alinhavos dos objetivos pretendidos, assim, lancei olhares a itens lexicais aos quais se pudessem abstrair implicações de natureza sociocultural e geográfica, bem como verificar interesses econômicos e ideológicos que influenciaram na formação e expansão do português na região. Com esse propósito definido, e procurando dar um ar de diversidade às implicações e interesses citados, cheguei à definição de 22 itens lexicais que, agregados aos 14 acima descritos, julguei atenderem os objetivos desta pesquisa, são eles: *chubarada, gato, destoca, leiras, serraria, manejo, mangueira, carroça, rodeio, barracão, paca, onça, biscateiro, porvinha, bamburrou, tarimba, mata-junta, rancho, mistura, carne-seca, chimarrão e mercado*. Ressalto, ainda, que a escolha de *carroça* se deve especificamente para mostrar como se apresenta o falar nos pontos de inquérito a partir da relação entre a miscigenação de etnias, com destaque para as variantes *jlita* e *sôri*.

Após a definição dos itens lexicais a serem analisados, dei continuidade aos procedimentos analíticos, que se estenderam até o mês de março de 2013. O desenho metodológico desta última etapa do trabalho seguiu as orientações que apresento, de forma sucinta, abaixo:

- Para o recorte de análise foram considerados todos os itens lexicais/respostas de um mesmo sujeito, visto ter sido recorrente um sujeito dar mais de uma resposta para um mesmo conceito/pergunta, bem como as ‘não’ respostas, isto é, quando ele não soube responder; indicação esta que aparece nas Tabelas Lexicais e nos Cartogramas como *não soube responder*.

- Ao final de cada área semântica um ou mais itens lexicais foram selecionados para análise, necessariamente o que se apresentava com maior ocorrência, excetuando-se *raio*, *mandioca* e *padre*, e outros conforme a constatação de particularidades sócio-históricas, geográficas, econômicas e ideológicas regionais, assim como de interferências étnicas, que complementem os objetivos propostos desta pesquisa.

- Aos itens lexicais selecionados e que, portanto, compõem a base do *corpus* de análise deste estudo, lancei um olhar inicialmente diacrônico, ou seja, procurei contextualizá-los, muito brevemente, em seu percurso etimológico. Esse resgate diacrônico foi implementado com a consulta às designações/entradas desses itens em quatro dicionários gerais e dois regionais de dicionaristas dos séculos XVIII, XIX, XX e XXI, devidamente identificados na organização sequencial dos apontamentos sócio-semântico-lexicais de análise, ainda na introdução do Capítulo 4.

- Todas as informações trazidas pelos lexicógrafos quanto ao item lexical analisado foram transcritas na íntegra, de acordo com a entrada registrada nos dicionários, sem modernização dos termos. Todavia, somente as acepções condizentes ao sentido/conceito retratado pelo sujeito foram transcritas, assim como, quando pertinente às considerações analíticas tecidas, fiz o registro também de conceitos de variantes do item em análise. As nuances de verificação de acepções inscritas em dicionários de língua portuguesa neste trabalho visam, sobretudo, um estudo comparativo entre os itens lexicais coletados no *corpus*, em seus contextos de utilização, e os significados trazidos por autores conceituados em estudos lexicográficos.

- As reflexões analíticas objetivam, prioritariamente, mostrar como se moldou o falar norte mato-grossense e que implicações sócio-geo-linguísticas se fizeram/fazem presentes na constituição desse falar no cenário amazônico em que se localizam os sujeitos moradores das cidades de Vera, Santa Carmem, Sinop e Cláudia.

Assim, a partir da realização de um estudo com fundamentos geolinguísticos e sociolinguísticos, no âmbito semântico-lexical de caráter descritivo, busco (re)constituir o falar da região em foco e trazer subsídios que possam contribuir para ampliar a base de dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Além disso, o propósito propulsor, movente desta pesquisa, é também o de resgatar os interesses econômicos, ideológicos, históricos e culturais que trouxeram migrantes de diferentes regiões do país às quatro cidades que compunham o projeto de colonização da Gleba Celeste, integrantes da Amazônia Legal.

Ressalto, também, que as tessituras analíticas feitas para cada um dos itens lexicais selecionados, são apresentadas logo após a exposição dos Histogramas e a explicitação dos critérios utilizados para a escolha do(s) item(ns) a ser(em) analisado(s). Convido o leitor, então, no capítulo a seguir, a acompanhar os resultados analíticos alcançados pelas considerações que fiz, mas que podem ser ainda enriquecidos e implementados com o desenvolvimento de novas pesquisas na área.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA
PORTUGUESA

NEUSA INÊS PHILIPPSEN

A CONSTITUIÇÃO DO LÉXICO NORTE MATO-GROSSENSE NA PERSPECTIVA
GEOLINGUÍSTICA: ABORDAGENS SÓCIO-SEMÂNTICO-LEXICAIS

(Versão corrigida)

Tomo II

SÃO PAULO

2013

NEUSA INÊS PHILIPPSEN

A CONSTITUIÇÃO DO LÉXICO NORTE MATO-GROSSENSE NA PERSPECTIVA
GEOLINGUÍSTICA: ABORDAGENS SÓCIO-SEMÂNTICO-LEXICAIS

Tese apresentada ao Departamento de Letras
Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo, para obtenção do título de Doutora em Letras.

Área de Concentração: Filologia e Língua
Portuguesa

Orientador: Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago
Almeida

(Versão corrigida)

Tomo II

SÃO PAULO

2013

SUMÁRIO

TOMO I

INTRODUÇÃO	44
 1 MATO GROSSO: MATIZES DOS PERCALÇOS E PERCURSOS DE POVOAMENTO.....	53
1.1 Processos migratórios: interiorização	56
1.2 A região norte mato-grossense: políticas de ocupação.....	58
1.2.1 A iniciativa privada: empresas colonizadoras particulares.....	59
1.2.2 Colonizadora Sinop: fundação das cidades	61
1.2.2.1 A cidade de Vera	63
1.2.2.2 A cidade de Santa Carmem	68
1.2.2.3 A cidade de Sinop - cidade polo da região norte mato-grossense	73
1.2.2.4 A cidade de Cláudia.....	81
 2 VERSO E REVERSO: OS PROTAGONISTAS DA HISTÓRIA	88
2.1 A Expedição Roncador-Xingu: o propósito de abrir caminhos e “limpar” os espaços.....	90
2.1.1 O grupo indígena Kayabi.....	94
2.2 A ocupação do interior brasileiro: motivações políticas e econômicas.....	99
2.2.1 O espírito empreendedor tropeiro e a colonização do interior sul e centro-oeste brasileiros	102
2.2.1.1 Os novos tropeiros: a continuidade	107
2.3 Narrativas orais: o (re)contar da história	110
 3 ABORDAGENS SÓCIO-GEO-LINGUÍSTICAS: PILARES TEÓRICO-METODOLÓGICOS	116
3.1 Estudos dialetais no Brasil: caminhos percorridos	117
3.1.1 Projeto Atlas Linguístico do Brasil: estudos contemporâneos	131
3.1.2 A Norma Linguística: pontos de alinhavo	136
3.2 A Sociolinguística Variacionista: uma costura necessária	142
3.3 Procedimentos metodológicos	147
3.3.1 O questionário linguístico: instrumento da coleta de dados	149

3.3.2 Os pontos linguísticos selecionados	156
3.3.3 Sujeitos: falantes que constituem a realidade linguística local.....	158
3.3.4 Entrevistas e coleta de dados	165
3.3.5 Cartogramas: o retrato da pesquisa.....	168
3.3.6 Procedimentos de análise.....	171

TOMO II

4 ABORDAGENS SÓCIO-SEMÂNTICO-LEXICAIS: CONSIDERAÇÕES ANALÍTICAS	175
4.1 Acidentes Geográficos.....	176
4.1.1 Tope/Morro.....	177
4.1.2 Córrego/Sanga/Riozinho	178
4.1.3 Mina/Nascente/Vertente	179
4.1.4 Estiva	181
4.1.5 Barroca.....	182
4.1.6 Histograma 1: itens mais frequentes da área semântica Acidentes Geográficos..	183
4.1.7 O item lexical <i>nascente</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	184
4.1.7.1 A distribuição do item lexical <i>nascente</i> pelos pontos de inquérito	185
4.2 Fenômenos Atmosféricos	188
4.2.1 Agueiro/Aguaço/Pancada	188
4.2.2 Chuvada/Chubarada/Enxurrada.....	190
4.2.3 Brejo/Banhado	191
4.2.4 Atoladores/Atoleiro	193
4.2.5 Relâmpago	194
4.2.6 Raio/Corisco	196
4.2.7 Trovão.....	197
4.2.8 Geadas	198
4.2.9 Histograma 3: itens mais frequentes da área semântica Fenômenos Atmosféricos.....	199
4.2.10 O item lexical <i>chubarada</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	200
4.2.10.1 A distribuição do item lexical <i>chubarada</i> pelos pontos de inquérito	203
4.2.11 O item lexical <i>geada</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	205
4.2.11.1 A distribuição do item lexical <i>geada</i> pelos pontos de inquérito.....	206

4.3 Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais.....	209
4.3.1 Colonização	210
4.3.2 Picada/Picadão/Trilho.....	212
4.3.3 Carreador	213
4.3.4 Terra/Sítio/Roça/Fazenda/Chácara/Colônia/Gleba	214
4.3.5 Plaina	217
4.3.6 Cerrado	218
4.3.7 Peões/Peãozada/Pinhonzada/Piãozada	220
4.3.8 Gato	221
4.3.9 Empreitada.....	222
4.3.10 Derrubada/Derrubar/Desmatação/Abrir/Desmate/Desmatar/Limpar	224
4.3.11 Queimado/Seco.....	227
4.3.12 Fumaça	228
4.3.13 Destoca	230
4.3.14 Ramado/Cheio de estopa	231
4.3.15 Leras	233
4.3.16 Gradear	234
4.3.17 Carpir	236
4.3.18 Areia/Acidero/Acidez/Ácido	237
4.3.19 Aclimatar	239
4.3.20 Estercada/Adubada/Tratada	240
4.3.21 Mecanizar	241
4.3.22 Lavoura	243
4.3.23 Pilão.....	244
4.3.24 Descascador.....	245
4.3.25 Serraria/Serrariazinha/Madeiraira/Pica-pau	247
4.3.26 Serra de fita	249
4.3.27 Marcenaria.....	251
4.3.28 Carpinteiro/Marceneiro	252
4.3.29 Beneficiamento.....	254
4.3.30 Manejo	255
4.3.31 Manivela	258
4.3.32 Corretor.....	259
4.3.33 Sitiante	260

4.3.34 Colono	261
4.3.35 Divisa.....	263
4.3.36 Arrendamento	264
4.3.37 Bugre/Índio	265
4.3.38 Mato/Mata/Matão/Arvoredo/Bosque/Selva/Floresta	267
4.3.39 Reserva/Reserva ambiental.....	270
4.3.40 Macaco	272
4.3.41 Cipó	275
4.3.42 Reflorestamento	276
4.3.43 Sisal	278
4.3.44 Tucum.....	280
4.3.45 Cooperado.....	282
4.3.46 Agrovila.....	283
4.3.47 Barragem	285
4.3.48 Mandioca	286
4.3.49 Cará.....	288
4.3.50 Abobrinha/Abobra.....	290
4.3.51 Moinho/Moinho colonial/Farinheira	292
4.3.52 Boneca	294
4.3.53 Gado/Criação	296
4.3.54 Cocho.....	297
4.3.55 Novilha/Bezerro	299
4.3.56 Invernada/Pastagem/Pasto/Pastinho/Potreiro.....	300
4.3.57 Pasto/Capim/Trato.....	302
4.3.58 Mangueira/Curral	303
4.3.59 Portão/Cochete	305
4.3.60 Forquilha	307
4.3.61 Carroça/Carreta de boi	308
4.3.62 Laçar.....	310
4.3.63 Rodeio	312
4.3.64 Galpão.....	313
4.3.65 Balaio/Cesto	314
4.3.66 Carriola	316
4.3.67 Lavagem	317

4.3.68 Silagem	318
4.3.69 Sacaria	319
4.3.70 Coronel	321
4.3.71 Histograma 6: itens mais frequentes da área semântica Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	323
4.3.72 O item lexical <i>gato</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	329
4.3.72.1 A distribuição do item lexical <i>gato</i> pelos pontos de inquérito	331
4.3.73 O item lexical <i>destoca</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais	334
4.3.73.1 A distribuição do item lexical <i>destoca</i> pelos pontos de inquérito	335
4.3.74 O item lexical <i>lera</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais	338
4.3.74.1 A distribuição do item lexical <i>lera</i> pelos pontos de inquérito.....	340
4.3.75 O item lexical <i>serraria</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais	343
4.3.75.1 A distribuição do item lexical <i>serraria</i> pelos pontos de inquérito	344
4.3.76 O item lexical <i>manejo</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	349
4.3.76.1 A distribuição do item lexical <i>manejo</i> pelos pontos de inquérito.....	351
4.3.77 O item lexical <i>índio</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais	354
4.3.77.1 A distribuição do item lexical <i>índio</i> pelos pontos de inquérito	357
4.3.78 O item lexical <i>mangueira</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais	360
4.3.78.1 A distribuição do item lexical <i>mangueira</i> pelos pontos de inquérito.....	362
4.3.79 O item lexical <i>carroça</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	364
4.3.79.1 A distribuição do item lexical <i>carroça</i> pelos pontos de inquérito.....	366
4.3.80 O item lexical <i>rodeio</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais	371
4.3.80.1 A distribuição do item lexical <i>rodeio</i> pelos pontos de inquérito.....	374
4.3.81 O item lexical <i>barracão</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	378
4.3.81.1 A distribuição do item lexical <i>barracão</i> pelos pontos de inquérito	380
4.4 Fauna.....	382
4.4.1 Bichos/Bichinhos/Bichões/Feras/Animais	383
4.4.2 Onça	385
4.4.3 Urro/Estorro/Esturro/Miado/Miadão.....	386
4.4.4 Jacaré	388
4.4.5 Bico-de-jaca/Bico-de-jácaro	390
4.4.6 Sucuri/Securi/Sicuri.....	392
4.4.7 Mandruvá.....	394
4.4.8 Caruncho/Traça	397

4.4.9 Biscateiro	399
4.4.10 Jacutinga/Jacu	400
4.4.11 Mutum	403
4.4.12 Arara	404
4.4.13 Papagaio	406
4.4.14 Marreco.....	408
4.4.15 Cotia	411
4.4.16 Paca.....	413
4.4.17 Anta	414
4.4.18 Cabrito	415
4.4.19 Cupim/Copim	417
4.4.20 Vespa	418
4.4.21 Polvinha/Pium	420
4.4.22 Mutuca	423
4.4.23 Traíra	424
4.4.24 Histograma 17: itens mais frequentes da área semântica Fauna	427
4.4.25 O item lexical <i>onça</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	429
4.4.25.1 A distribuição do item lexical <i>onça</i> pelos pontos de inquérito.....	431
4.4.26 O item lexical <i>biscateiro</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	433
4.4.26.1 A distribuição do item lexical <i>biscateiro</i> pelos pontos de inquérito	435
4.4.27 O item lexical <i>paca</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	437
4.4.27.1 A distribuição do item lexical <i>paca</i> pelos pontos de inquérito	439
4.4.28 O item lexical <i>cupim</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	441
4.4.28.1 A distribuição do item lexical <i>cupim</i> pelos pontos de inquérito	443
4.4.29 O item lexical <i>porvinha</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais	445
4.4.29.1 A distribuição do item lexical <i>porvinha</i> pelos pontos de inquérito.....	448
4.5 Ciclos da Vida	449
4.5.1 Moleque/Molecão/Menino/Menininho/Guri	450
4.5.2 Menina.....	452
4.5.3 Piazada/Molecada.....	453
4.5.4 Barriguda/Muié grávida.....	455
4.5.5 Parir/Ter nenê	456
4.5.6 Histograma 23: itens mais frequentes da área semântica Ciclos da Vida	458
4.5.7 O item lexical <i>guria</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais	459

4.5.7.1 A distribuição do item lexical <i>guria</i> pelos pontos de inquérito.....	461
4.6 Convívio e Comportamento Social	463
4.6.1 Pioneiro/Fundador/Colonizador	464
4.6.2 Desbravar/Colonizar	466
4.6.3 Mutirão	468
4.6.4 Quebradeira	470
4.6.5 Mestiçada.....	473
4.6.6 Nortista/Nordestina.....	476
4.6.7 Baianada	477
4.6.8 Nego/Negão/Preto	479
4.6.9 Negra	481
4.6.10 Mundiça/Tranqueira	483
4.6.11 Encrenqueira.....	485
4.6.12 Fominha/Gananciosa	486
4.6.13 Sonega	487
4.6.14 Engravatadinha	489
4.6.15 Bamburrado	491
4.6.16 Brefado/Vazado	493
4.6.17 Aproveitadora	496
4.6.18 Pistoleiro/Jagunço	497
4.6.19 Emboscada/Tocaia	500
4.6.20 Revólver/Arma/Espingarda.....	501
4.6.21 Cartucheira	503
4.6.22 Gandaia	505
4.6.23 Aluga/Trovia	506
4.6.24 Juntam-se/Casam-se	509
4.6.25 Histograma 25: itens mais frequentes da área semântica Convívio e Comportamento Social	511
4.6.26 O item lexical <i>nordestina</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	513
4.6.26.1 A distribuição do item lexical <i>nordestina</i> pelos pontos de inquérito	517
4.6.27 O item lexical <i>bamburrou</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	518
4.6.27.1 A distribuição do item lexical <i>bamburrou</i> pelos pontos de inquérito	521
4.7 Religião e Crenças	525
4.7.1 Padre	525

4.7.2 Pároco	527
4.7.3 Irmã/Freira/Fleira.....	529
4.7.4 Histograma 28: itens mais frequentes da área semântica Religião e Crenças	531
4.7.5 O item lexical <i>freira</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	532
4.7.5.1 A distribuição do item lexical <i>freira</i> pelos pontos de inquérito	533
4.8 Jogos e Diversões	540
4.8.1 Balanço/Balango.....	540
4.8.2 Esnuca/Sinuca.....	541
4.8.3 Salão/Salãozinho/Clube/Discoteca	543
4.8.4 Baile/Bailinho	546
4.8.5 Histograma 30: itens mais frequentes da área semântica Jogos e Diversões	547
4.8.6 O item lexical <i>balanço</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	548
4.8.6.1 A distribuição do item lexical <i>balanço</i> pelos pontos de inquérito	550
4.9 Habitação	553
4.9.1 Barraca/Barraca de lona/Lona/Loninha/Encerado.....	553
4.9.2 Acampamento	556
4.9.3 Cama de campanha	557
4.9.4 Barraco/Barraquinho/Rancho/Ranchinho/Ranchão.....	559
4.9.5 Barreadinho	561
4.9.6 Soalho.....	563
4.9.7 Lampião/Lampião a gás/Lamparina/Lamparinona	565
4.9.8 Gerador/Grupo gerador/Motor	566
4.9.9 Mata-junta	568
4.9.10 Arinha.....	569
4.9.11 Prateleira	570
4.9.12 Fogão à lenha	571
4.9.13 Patente	573
4.9.14 Histograma 32: itens e expressões mais frequentes da área semântica Habitação.....	575
4.9.15 O item lexical <i>tarimba</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais	577
4.9.15.1 A distribuição do item lexical <i>tarimba</i> pelos pontos de inquérito.....	580
4.9.16 O item lexical <i>lapião</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais	582
4.9.16.1 A distribuição do item lexical <i>lapião</i> pelos pontos de inquérito	585
4.9.17 O item lexical composto <i>mata-junta</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais	588

4.9.17.1 A distribuição do item composto mata-junta pelos pontos de inquérito	589
4.10 Alimentação e Cozinha.....	593
4.10.1 Mantimentos/Mercadorias/Compra	594
4.10.2 Refeições/Rango	596
4.10.3 Mistura.....	597
4.10.4 Afogado	598
4.10.5 Cuca	600
4.10.6 Cozinheira.....	602
4.10.7 Churrascaria.....	603
4.10.8 Cutelo	606
4.10.9 Jabá/Charque/Carne-seca/Carne-de-sol/Carne prensada/Carne salgado	608
4.10.10 Toicinho.....	610
4.10.11 Banha.....	612
4.10.12 Castanha	613
4.10.13 Curado	615
4.10.14 Fubá	616
4.10.15 Polenta	617
4.10.16 Maxixe	619
4.10.17 Feijão-carioquinha/Feijão-de-corda.....	620
4.10.18 Cachaça/Pinga/Pinguinha	622
4.10.19 Garrafa/Tubo	624
4.10.20 Martelinho	625
4.10.21 Chimarrão	627
4.10.22 Histograma 36: itens mais frequentes da área semântica Alimentação e Cozinha ...	628
4.10.23 O item lexical <i>rancho</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais	630
4.10.23.1 A distribuição do item lexical <i>rancho</i> pelos pontos de inquérito	632
4.10.24 O item lexical <i>mistura</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais	634
4.10.24.1 A distribuição do item lexical <i>mistura</i> pelos pontos de inquérito	637
4.10.25 O item lexical <i>carne-seca</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais	640
4.10.25.1 A distribuição do item lexical <i>carne-seca</i> pelos pontos de inquérito.....	643
4.10.26 O item lexical <i>banha</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	647
4.10.26.1 A distribuição do item lexical <i>banha</i> pelos pontos de inquérito	648
4.10.27 O item lexical <i>chimarrão</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	650

4.10.27.1 A distribuição do item lexical <i>chimarrão</i> pelos pontos de inquérito	654
4.11 Vestuário e Acessórios	656
4.11.1 Sapatão/Botina/Bota	656
4.11.2 Chinelo/Chinelo de dedo/Sandália bambulê/Alpargata/Paragata.....	658
4.11.3 Pilcha	661
4.11.4 Histograma 42: itens mais frequentes da área semântica Vestuário e Acessórios.....	663
4.11.5 O item lexical <i>bota</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	664
4.11.5.1 A distribuição do item lexical <i>bota</i> pelos pontos de inquérito	666
4.12 Vida Urbana.....	670
4.12.1 Terreno/Lote/Data	671
4.12.2 Terraplenagem	672
4.12.3 Boteco/Botequinho/Bar/Barzinho	674
4.12.4 Armazém/Armazenzinho/Mercado/Mercadinho/Venda/Vendinha/Mercearia/Em pório/Bolicho	676
4.12.5 Posto/Posto de gasolina/Posto de abastecimento/Postinho/Bomba.....	679
4.12.6 Hotel/Hotelzinho/Dormitório	681
4.12.7 Zona/Boate	683
4.12.8 Telefone/Radioamador/Rádio	684
4.12.9 Radiola	687
4.12.10 Balconista/Vendedor	689
4.12.11 Mascate	690
4.12.12 Valeta/Valetão/Vala	692
4.12.13 Fossa.....	693
4.12.14 Histograma 44: itens mais frequentes da área semântica Vida Urbana.....	695
4.12.15 O item lexical <i>mercado</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	696
4.12.15.1 A distribuição do item lexical <i>mercado</i> pelos pontos de inquérito	699
4.12.16 O item lexical <i>hotel</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	702
4.12.16.1 A distribuição do item lexical <i>hotel</i> pelos pontos de inquérito	704
4.13 Transportes e Orientações Geográficas	707
4.13.1 Topografia	707
4.13.2 Frete	709
4.13.3 Freteiro	710
4.13.4 Lotação/Caravana	712

4.13.5 Comboio	714
4.13.6 Baulado/Bauladinho	715
4.13.7 Arriba/Riba	717
4.13.8 Costela-de-vaca	719
4.13.9 Pau-de-arara.....	721
4.13.10 Kômbi/Pirua	723
4.13.11 Balsa/Barsa/Barco/Barquinho/Bote.....	725
4.13.12 Baldeação.....	726
4.13.13 Histograma 47: itens mais frequentes da área semântica Transportes e Orientações Geográfica	728
4.13.14 O item lexical <i>balsa</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais	729
4.13.14.1 A distribuição do item lexical <i>balsa</i> pelos pontos de inquérito.....	731
4.14 Doenças e Tratamentos.....	735
4.14.1 Malária.....	735
4.14.2 Malaiero.....	737
4.14.3 Hérnia estrangulada	738
4.14.4 Congestão	740
4.14.5 Cidreira	741
4.14.6 Salmoura.....	743
4.14.7 Histograma 49: itens mais frequentes da área semântica Doenças e Tratamentos....	744
4.14.8 O item lexical <i>malária</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais	745
4.14.8.1 A distribuição do item lexical <i>malária</i> pelos pontos de inquérito.....	748

TOMO III

CONSIDERAÇÕES FINAIS	752
REFERÊNCIAS	799
APÊNDICES	828

4 ABORDAGENS SÓCIO-SEMÂNTICO-LEXICAIS: CONSIDERAÇÕES ANALÍTICAS

Este último capítulo desta pesquisa sócio-semântico-lexical constitui-se do conjunto de dados selecionados *in loco* a partir das atividades desenvolvidas nas muitas idas a campo, conforme os apontamentos e justificativas já expostas no capítulo anterior, 3, que retrata o percurso metodológico por mim trilhado, assim como se apresenta aqui os procedimentos adotados para a seletiva de 36 itens lexicais, para os quais foram tecidas impressões analíticas. Vale lembrar que estes itens emergem das 14 áreas semânticas que recobrem o questionário linguístico composto por 210 questões. As 14 áreas semânticas encontram-se assim distribuídas: acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, atividades agropastoris e extrativo-florestais, fauna, ciclos da vida, convívio e comportamento social, religião e crenças, jogos e diversões, habitação, alimentação e cozinha, vestuário e acessórios, vida urbana, transportes e orientações geográficas e doenças e tratamentos.

A disposição dos segmentos que compõem este capítulo obedece as seguintes etapas:

- indicação da área semântica;
- breve contextualização de cada área, seguida de exposição do(s) tema(s), seu subsequente enunciado linguístico, da Tabela Lexical e do Cartograma, que acompanham cada uma das 210 perguntas elaboradas;
- no final de toda área semântica há um Histograma que exhibe as normas de uso linguístico integrantes da área, ou seja, registra os itens lexicais de maior ocorrência que afluem das questões que fazem parte da mesma, com a denotação da quantificação numérica absoluta de abordagem feita pelos distintos gêneros, assim como se ressalta no subitem o(s) critério(s) metodológico(s) de seleção do(s) item(ns) para análise;
- apresentam-se os apontamentos sócio-semântico-lexicais analíticos.

Vale recordar que as Tabelas Lexicais e os Cartogramas linguísticos mostram as variantes¹ que foram relatadas pelos quarenta sujeitos entrevistados nos quatro pontos de inquérito. Estes sujeitos, por sua vez, aparecem divididos em igual número em duas faixas etárias, 20 com mais de 50 anos e 20 jovens, de 18 a 40 anos, bem como em igualdade genérica, 20 de ambos os sexos. Salienta-se, ainda, que se permitiu, dentre os processos de metodologia utilizados, que cada sujeito trouxesse ao seu corpo responsivo todos os itens lexicais conhecidos por ele para o mesmo conceito/pergunta, o que fez com que os dados se enriquecessem.

Quanto à organização sequencial dos apontamentos sócio-semântico-lexicais de análise, segue, abaixo, uma estrutura que se desenha relativamente da seguinte forma:

- breve estudo diacrônico de cada item lexical relacionado ao contexto sócio-cultural de construção de significados a partir do étimo;
- verificação dos conceitos registrados para o(s) item(ns), quando os há, nas entradas de quatro dicionários gerais pesquisados, que retratam a língua portuguesa em distintas épocas/séculos selecionados: no *Vocabulario Portuguez & Latino* (1712), de Bluteau, no *Diccionario da Lingua Brasileira* (1832), de Pinto, no *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (1986), de Ferreira, e no *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* – (Aulete Digital), bem como em dois dicionários regionais: no *Dicionário do Nordeste* (2004), de Navarro, e no *Dicionário Gaúcho Brasileiro* (2003), de Bossle;
- averiguação dos Histogramas que abordam a distribuição dos itens lexicais nos pontos de inquérito entre as diferentes faixas etárias;
- e, finalmente, se apresentam tessituras analíticas resultantes dos dados recolhidos.

4.1 Acidentes Geográficos

A primeira área semântica deste estudo sócio-semântico-lexical compreende cinco conceitos/perguntas que procuram estampar o relevo regional e características que se relacionam ao nivelamento do solo. Conforme os temas assinalados em cada questão enunciativa, é possível dividir os acidentes geográficos apresentados nesta área em duas

¹Por vezes, com o propósito, fundamentalmente, de enaltecer particularidades regionais, dei ênfase também a variantes fonéticas.

categorias: acidentes naturais = tope/morro, córrego/sanga/riozinho, mina/nascente/vertente e barroca; e acidente artificial = estiva.

Os dados reunidos na área Acidentes Geográficos e os subsequentes procedimentos analíticos por mim efetuados encontram-se disponibilizados nos subitens a seguir.

4.1.1 Tope/Morro

1) Como se chama em uma estrada a parte mais alta que se vê ou um lugar mais alto?

Tabela lexical 1

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total					
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios	
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios	
barranco				1											1		1							1	02	
chapada								1													1				01	
coxia								1													1				01	
coxilha	1																1								01	
elevado			1															1							01	
encosta												1											1		01	
montanha			2	2	1			1	1	2	2		2	2	1			2	3	1	1	2	4	2	1	16
monte						1											1							1	02	
morro	3	3	3	2	1	2	2	2	2	2	2	1	2	1	2	2	6	3	3	4	4	3	4	3	32	
perau										1												1			01	
pirambeira			1															1							01	
planalto	1			1														2							02	
serra	3	1	1	1	1	2	2							1	1	4	2	3	2				1	1	13	
subida	3	3	1	3	1	2	2	2	2	1	2	2	1	1	2	2	4	6	3	4	4	3	3	3	30	
tope	1																1								01	
TOTAL	12	11	8	9	3	6	7	3	9	3	4	6	3	3	3	7	20	20	10	11	13	11	10	10	105	

Fonte Direta

CARTOGRAMA 001

TEMA: tope/morro

PERGUNTA: ... como se chama em uma estrada a parte mais alta que se vê ou um lugar mais alto ?

Conforme podemos verificar na primeira Tabela da área semântica Acidentes Geográficos, ratificada pelo Cartograma 1, a maior ocorrência, com trinta e duas respostas localizáveis em todos os quatro pontos de inquérito, foi do item lexical *morro*, o qual coincide com o tema de propositura desta questão *Como se chama em uma estrada a parte mais alta que se vê ou um lugar mais alto?*. Há, como frequência, dezessete respostas masculinas e quinze femininas, destas respostas, destaca-se, ainda, exatamente o mesmo número de citações de jovens, de 18 a 40 anos, e de sujeitos com mais de 50 anos, ou seja, dezesseis proferições de ambas as faixas etárias.

Quanto ao tema *tope*, observa-se que este item lexical aparece manifestado apenas uma vez, na resposta dada por um sujeito do sexo masculino, acima de 50 anos, da cidade de Sinop.

4.1.2 Córrego/Sanga/Riozinho

2) ...um rio pequeno, de uns dois metros de largura? (Questionário ALiB, 2001, p.21).

Tabela lexical 2

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Total	
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Total		Municípios			
Lexia	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios					
SEXO																																		
aguade								1																							01			
aguinha pequena	1					1							1				1		1								1				08			
arroyo						1																									01			
córrego	3		1			1			2		1		1	1	2	1	4				1		1	3		3	2				13			
corguinho	1					1			1				2				1				1		1	1			2				03			
córrego	1	4	4						1	1	1	1	1	1			3	4	1	1	2		1	1	1	1					13			
garapé																																01		
garapezinho														1																		01		
lagoa																																01		
lago				1					1				1				1		1						1		1					08		
lagozinho				1																												01		
riacho	1		4	1					1	1			1	1			3	1			1		2		1							10		
ribeirão	1																															01		
rio pequeno	1	2				1	1	1	1				1		1	1	1	2	2	2					1	1	2					11		
riozinho			1		3	1	1	1	1			1		2		1	1			4	2	2		3	1	1						13		
sanga	1			1					1				2		1				2		1											07		
sanguinha										1																							01	
TOTAL	10	7	10	6	4	4	4	6	7	3	3	3	4	7	4	4	20	13	8	10	12	8	8	11	9							90		

Fonte Direta

TEMA: córrego/sanga/riozinho

CARTOGRAMA 2

PERGUNTA: ...um rio pequeno, de uns dois metros de largura? (Questionário ALiB 2001)

LEXIAS	
■ açude	■ lagoa
■ aguinha pequena	■ lago
■ arroio	■ lagozinho
■ córrego	■ riacho
■ corguinho	■ ribeirão
■ córrego	■ rio pequeno
■ garapé	■ riozinho
■ garapezinho	■ sanga
■ sanguinha	

FAIXAS ETÁRIAS	
◆ Homem - Acima de 50 anos	● Mulher - Acima de 50 anos
▲ Homem - 18 a 40 anos	■ Mulher - 18 a 40 anos

Na Tabela 2, como também se verifica no Cartograma 2, a maior ocorrência é do item lexical *córrego*, que aparece em quinze respostas localizáveis em todos os quatro pontos de inquérito, e é integrante do tema da questão 2 ...*um rio pequeno, de uns dois metros de largura?*. Com relação à frequência, destaca-se um número maior de respostas masculinas, nove, *versus* seis femininas. Destas respostas, oito foram expressas por sujeitos com mais de 50 anos e sete por jovens, de 18 a 40 anos.

A variante fonética de *córrego*, que exhibe síncope, *corgo*, vem ao lado do diminutivo *riozinho*, este também tema da pergunta 2, com treze respostas cada um, encontráveis em todos os pontos de pesquisa. Na variante *corgo*, do mesmo modo, há um predomínio de respostas masculinas, dez, para um número de três respostas entre as mulheres, bem como há uma maior quantificação de respostas atribuídas por sujeitos acima de 50 anos, oito, contra cinco citações de jovens, de 18 a 40 anos; já o diminutivo *riozinho* apresenta exatamente uma inversão desses números, dez respostas femininas e três masculinas, assim como entre as respostas mencionadas por respondentes com mais de 50 anos e por jovens, de 18 a 40 anos, cinco daqueles e oito destes. Localiza-se, ainda, nos dados acima, a variante morfológica diminutiva *corguinho*, que se evidencia em cinco respostas, distribuídas entre dois homens e três mulheres, todos acima de 50 anos, nos quatro municípios pesquisados.

O item lexical/tema *sanga*, por sua vez, se manifesta nas respostas dadas pelos sujeitos entrevistados nas quatro cidades em análise num total de sete proferições. Salienta-se que foram apenas homens que enunciaram este item, cinco deles acima de 50 anos e dois, de 18 a 40 anos.

Saliento, ainda, que a questão 2 deste estudo, retirada do Questionário Semântico-Lexical do ALiB, apresenta os temas *riozinho* e *sanga* que diferem dos temas trazidos nesse QSL, que são “*córrego/riacho*”.

4.1.3 Mina/Nascente/Vertente

3) ...ponto, local onde nasce um curso de água?

Tabela lexical 3

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Guibotari				Total				
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
bueiro de água													1										1		01
cabeceira de rio			1												1										01
fonte	1		2				1	1	1		1				3			1	1	2					07
foz									1												1				01
mina	1				1	1	1			1	1		2		1	1		2	1	1	1		3		09
nascente	1	1	1	1	3	1	1	3	1	3	3	3	1	3	3	2	2	2	2	2	2	1	1	2	26
olho-d'água	1														1	1							1		02
rego	1																1								01
veia-d'água													1										1		01
vertente de água								1													1				01
TOTAL	8	4	7	4	3	2	2	3	3	4	3	4	2	3	2	4	13	8	3	3	6	8	4	9	60

Fonte Direta

TEMA: mina/nascente/vertente

CARTOGRAMA 3

PERGUNTA: ...ponto, local onde nasce um curso de água.

De acordo com a Tabela 3, transposta para o Cartograma 3, o item lexical mais utilizado para responder a pergunta 3 *...ponto, local onde nasce um curso de água?*, com trinta e seis respostas, foi *nascente*, o qual coincide com um dos temas que engendrou esta questão. Há, nos quatro pontos de inquérito, como frequência, exatamente o mesmo número de respostas dadas entre homens e mulheres, dezoito, dessas respostas evidenciam-se dezessete menções de sujeitos com mais de 50 anos, *versus* dezenove de jovens, de 18 a 40 anos.

O item lexical/tema *mina* aparece como segunda maior ocorrência, nove vezes, entre cinco atribuições responsivas de mulheres e quatro de homens pelas quatro cidades pesquisadas, tendo sido cinco dessas atribuições feitas por sujeitos acima de 50 anos e quatro por respondentes jovens, de 18 a 40 anos.

Já o item lexical/tema *vertente*, que se manifesta pela expressão *vertente de água*, tem apenas uma proferição, feita por um sujeito do sexo masculino, acima de 50 anos, da cidade de Cláudia.

4.1.4 Estiva

4) ...ponte feita de um só pau, sobre forquilhas, ou feitas de varas ou paus atravessados, em terrenos alagadiços ou pantanosos? (Aurélio, 1986, p.723).

Tabela lexical 4

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal								Total
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
benguela		1															1								01
bucha			1						1								1				1				02
corredor							1												1						01
estiva													2											2	02
estriva									1												1				01
mata-burro													1										1		01
miniponte	1																1								01
passador							1													1					01
passarela				1			1						1					1	1				1		03
passarelazinha				1														1							01
pinguela	4	2	2		2	1	1		2	2	1	2	2	2	2	1	6	2	3	1	3	4	4	3	26
pinguelão					1														1						01
pinguelinha								1												1					01
ponte		1	1	2		1	1	1									1	3	1	2					07
pontezinha			1	1	1												1	1	1						03
pontilhal									1												1				01
pontinha				1											1	1							1		02
travessa			1						1								1				1				02
não soube responder		1	1	1				1			1					1	1	2		1	1			1	06
TOTAL	5	5	7	7	4	3	4	3	6	2	2	2	3	5	2	3	12	12	8	6	8	4	5	8	63

Fonte Direta

TEMA: estiva

CARTOGRAMA 4

PERGUNTA: ...ponte feita de um só pau, sobre forquilhas, ou feitas de varas ou paus atravessados, em terrenos alagadiços ou pantanosos? (Aurélio 1996, p.723)

Como se pode verificar na Tabela e no Cartograma 4, a maior ocorrência é do item lexical *pinguela*, que aparece em vinte e seis respostas nos quatro pontos de inquérito. Com relação à frequência, destaca-se um número maior de respostas masculinas, dezesseis, *versus* dez respostas femininas, assim como há uma maior quantificação de atribuições responsivas manifestas por sujeitos com mais de 50 anos, dezessete, contra nove menções de jovens, de 18 a 40 anos. Enfatizo que, ainda que a pergunta 4 ...*ponte feita de um só pau, sobre forquilhas, ou feitas de varas ou paus atravessados, em terrenos alagadiços ou pantanosos?* tenha sido elaborada de forma distinta da questão 2 do QSL do ALiB ... *tronco, pedaço de pau ou tábua que serve para passar por cima de um_____*(cf. item 1)?, o item *pinguela*, tema somente da questão 2, foi o mais utilizado pelos meus entrevistados como resposta possível também para a questão 4.

Além de *pinguela*, encontram-se, nas respostas dadas, duas variantes morfológicas deste item lexical: o aumentativo *pinguelão*, dito apenas por um homem, acima de 50 anos, de Vera; e o diminutivo *pinguelinha*, que aparece como resposta unicamente de uma jovem, de 18 a 40 anos, igualmente de Vera.

Já o item lexical/tema *estiva* se vê em somente duas respostas, de duas mulheres com mais de 50 anos da cidade de Santa Carmem. Há, também, nos dados, uma variante fonética de *estiva*, a que exhibe epêntese, *estriva*, falada só por um homem, acima de 50 anos, do município de Cláudia.

4.1.5 Barroca

5) ...*escavação formada por erosão das águas, espécie de cova feita por enxurradas?* (Aurélio, 1986, p. 236, e Houaiss, 2004, p. 409).

Tabela lexical 5

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
barreiro				2														2							02
bumção					1								2						1					2	03
bumco		3	1	1		2	1	1			2	1		1	1	1	4	1	3	2	1	1	1	1	14
cova				1								1					1				1				02
cratera					1							1						1							02
erosão	4	3	3	2	1		1	2	2	2	2	2	2		2	2	7	3	2	2	4	4	4	2	30
furna					1				1									1		1					02
panela													1											1	01
rachadura											1										1				01
sucuvão													1											1	01
vale	1												1				1						1		02
valeta		1							1				1	1		1		1			1	1	2		05
valeirão													1			1								1	01
vossoroca				1											1	1								1	02
não soube responder						1												1							01
TOTAL	5	7	6	6	3	2	3	3	3	3	3	3	4	3	3	6	11	13	6	3	8	8	7	11	69

Fonte Direta

TEMA: barroca

CARTOGRAMA 5

PERGUNTA: ...escavação formada por erosão das águas, espécie de cova feita por enxurradas? (Aurélio, 1986, p. 236, e Houaiss, 2004, p. 409)

De acordo com a última Tabela, 5, da área semântica Acidentes Geográficos, transposta para o Cartograma 5, o item lexical mais utilizado para responder a pergunta 5 ...*escavação formada por erosão das águas, espécie de cova feita por enxurradas?*, com trinta respostas, foi *erosão*, o qual não coincide com o tema desta pergunta. Há, nos quatro pontos de inquérito, como frequência, dezessete respostas dadas entre os homens e treze entre as mulheres, das quais quatorze foram proferidas por sujeitos com mais de 50 anos e dezesseis por jovens, de 18 a 40 anos.

Destaca-se que o item lexical/tema *barroca* não aparece em nenhuma das respostas dadas pelos sujeitos, nem mesmo da entrevistada de Santa Carmem, SC6 F, que foi a responsável pelo tema desta questão, conforme o seguinte fragmento de seu relato de experiência pessoal: “O terreno era assim, começava, descia da cabeceira pro meio assim, daí fazia uma barroca. **A barroca é um, tipo assim, que nem o valetão ali** (gesto), um esgoto; era que nem um esgoto. Às vez era seco, aí nós cavocava pra dá água. Falava barroca, era modo de eles falá.” SC6 F, por sua vez, atribuiu como resposta à pergunta 5: *buracão e valeta*.

4.1.6 Histograma 1: itens mais frequentes da área semântica Acidentes Geográficos

No Histograma 1 podemos observar a distribuição dos itens lexicais/norma, isto é, os de maior ocorrência entre os sujeitos entrevistados em cada uma das cinco questões que constituem a área semântica Acidentes Geográficos deste estudo semântico-lexical.

- 1) Morro = *Como se chama em uma estrada a parte mais alta que se vê ou um lugar mais alto?*
- 2) Córrego = *...um rio pequeno, de uns dois metros de largura?* (Questionário ALiB, 2001, p.21).
- 3) Nascente = *...ponto, local onde nasce um curso de água?*
- 4) Pinguela = *...ponte feita de um só pau, sobre forquilha, ou feitas de varas ou paus atravessados, em terrenos alagadiços ou pantanosos?* (Aurélio, 1986, p.723).
- 5) Erosão = *...escavação formada por erosão das águas, espécie de cova feita por enxurradas?* (Aurélio, 1986, p. 236, e Houaiss, 2004, p. 409).

Conforme os procedimentos metodológicos de análise, já enunciados no Capítulo 3, subitem 3.4.6, o principal critério para a escolha do item lexical em cada área semântica a ser analisado decorreria da norma linguística, isto é, do uso linguístico efetivamente realizado nos quatro pontos de inquérito da pesquisa. Assim, como maior ocorrência, com trinta e seis respostas, tem-se o item lexical *nascente*, para o qual lançarei um olhar analítico que pretende mostrar como tal item se encontra inserido dentre os fenômenos linguísticos que a região norte de Mato Grosso apresenta.

4.1.7 O item lexical *nascente*: apontamentos sócio-semântico-lexicais

Para dar início às reflexões analíticas sobre o item lexical *nascente*, cabe conferir, primeiramente, as acepções que se podem apreender, em um espaço-tempo outros, nos dicionários que selecionei para verificação dos conceitos registrados. Assim, conforme podemos ver, abaixo, o item lexical *nascente*, derivado do latim *nascente*, encontra-se registrado nos quatro dicionários gerais, que retratam a língua portuguesa nas distintas fases diacrônicas selecionadas: em Bluteau (1712), em Pinto (1832), no Aurélio (1986) e no Aulete Digital.

Exponho, a seguir, os sentidos impressos pelos distintos lexicógrafos para esse verbete:

Dicionário Entrada	Vocabulário Portuguez & Latino - D. R. Bluteau (1712)	Diccionario da Lingua Brasileira – Luiz M. da S. O. P. Pinto (1832)	Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986)	Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa – (Aulete Digital)	Dicionário Gaúcho Brasileiro – João A. Bossle (2003)	Dicionário do Nordeste – Fred Navarro (2004)
NASCENTE	O nacer dos rios. <i>Vid.</i> Nascimento. Nace de hum monte da Mauritania interior, pouco diftante do mar Oceano. (p.660)	Part. a. de Nascer. (p.743)	(Do lat. <i>nascente</i>) 1- Que nasce; que começa. 5. Fonte (1) de um curso de água; cabeceira. (p.1181)	5- Lugar onde brota água da terra, às vezes formando pequeno lago ou riacho.	_____	_____

Quadro 5: Reflexões analíticas sobre o item lexical *nascente*.
Fonte: Pesquisa direta.

Se nos atermos à questão 3 ...*ponto, local onde nasce um curso de água?*, a qual desencadeou a resposta *nascente*, podemos constatar que o sentido “nascer”, associado a um ‘curso de água’, está presente nos três primeiros dicionários, que correspondem, respectivamente, aos séculos XVIII, XIX e XX. No Aulete Digital, há o registro do verbo *brotar*, que igualmente remete ao significado de “nascer um curso d’água”.

Nesse contexto, é possível afirmar que o item lexical *nascente* apresenta uma continuidade deste sentido, visto que o uso deste item conforme as acepções dicionarizadas se mantem e se dissemina como norma no norte de Mato Grosso.

4.1.7.1 A distribuição do item lexical *nascente* pelos pontos de inquérito

Histograma 2: Nascente (trinta e seis ocorrências).

De acordo com o Histograma 2, o item lexical *nascente*, que foi proferido trinta e seis vezes pelos sujeitos, encontra-se em uso nos quatro pontos de inquérito pesquisados.

Destaca-se que, na cidade de Sinop, todos os entrevistados aludiram ao item lexical *nascente*, enquanto que, na cidade de Vera, uma mulher com mais de 50 anos e um jovem, de 18 a 40 anos, não mencionaram o item em análise. Já na cidade de Cláudia, apenas um homem com mais de 50 anos não respondeu *nascente*, e em Santa Carmem, uma mulher com mais de 50 anos também não o citou. Dessa forma, verifica-se exatamente o mesmo número de respostas entre homens e mulheres, dezoito, todavia, há um número maior de respostas entre os sujeitos jovens, dezenove, *versus* dezessete entre os acima de 50 anos.

Ressalta-se que em Sinop o item lexical *nascente* registrou-se ao lado de outros itens e expressões, tais como *cabeceira de rio*, *fonte*, *mina*, *olho-d'água* e *rego*. No município de Vera há *fonte* e *mina*. Em Cláudia, *fonte*, *foz*, *mina* e *vertente de água*. E em Santa Carmem aparecem, como concorrentes, *bueiro de água*, *mina*, *olho-d'água* e *veia-d'água*. Assim, além de *nascente*, há ainda o item lexical *mina* disseminado também em todos os municípios, com nove ocorrências.

Segundo os resultados que os dados nos apresentam, é possível depreender que os migrantes, oriundos de distintas etnias e de diferentes regiões do Brasil, assim como seus descendentes, que representam a continuidade da comunidade linguística enfocada,

ao primarem pela continuidade de uso semântico-lexical do item *nascente*, reforçam atitudes linguísticas existentes na tradição, o que, no entanto, não significa que o comportamento linguístico seja uniforme e que a norma seja apenas uma, visto que a mobilidade e a diversidade de sentidos são marcas constitutivas do léxico de qualquer língua natural.

E, ainda, como destaca Viola,

ao analisar o léxico de uma comunidade particular, não se deve separá-lo do seu contexto gerador, ou seja, o léxico/fenômeno linguístico deve ser estudado no meio cultural que o produziu já que a língua é por excelência um fenômeno social, o meio de codificar e decodificar a visão de mundo desta comunidade. (VIOLA, 2010, p.112).

Com relação ao contexto gerador, destaco duas passagens retiradas das narrativas livres dos migrantes que legitimam o grande uso do item lexical *nascente* nas quatro cidades em análise, uso este que não pode ser dissociado do contexto sócio-histórico e geográfico no qual se dissemina, conforme podemos ver abaixo:

Por causa da **nascente**, porque aqui em volta da cidade tem várias nascente. Viu no mapa, né? Acho que quatro nascente, né?; quatro ou cinco. Então tá em cima dum lugar que sai bastante **vertente**, pra tudo lado assim. Não é que nem lá no Alto da Glória, por exemplo, que não tem nascente lá perto. O lugar é alto. (S9 M).

Olha, essa, essa floresta aí que a Brigitte tá reflorestando, ali a água, agora a **nascente** já é aqui oh (apontando), tu viu quanto cortô a nascente de lá? Veio até aqui embaixo, tu entendeu? E ninguém sabia de nada e foi derrubando, foi limpando. Por isso que tem essa nascente ainda, que tá protegida, é o não é? (C18 M).

Nesse sentido, ressalta-se também que é importante observar, conforme Goffman (1998) nos alerta, a situação social, inerente a cada situação de comunicação, para a compreensão da produção do efeito sistemático sobre o comportamento linguístico. É o que justifica, inclusive, a atitude social de cada falante perante a língua.

E há que se considerar ainda, segundo Preti (2003), que os usuários da língua em uma comunidade linguística estão inseridos em uma escala de prestígio social, com critérios de aceitabilidade social da linguagem bem delineados, ou seja, os falantes apreendem que há a necessidade de se aproximarem da norma, ou ao que “julgamos ideal para o comportamento linguístico” (PRETI, 2003, p.54), nesse caso uma norma linguística subjetiva, que se compreende como vital para a aceitabilidade social e, mais especificamente, dos grupos sociais dos quais se participa. E é nesse contexto que se

compreende encontrar os sujeitos norte mato-grossenses, imbuídos do propósito de “codificar e decodificar a visão de mundo desta comunidade.”

4.2 Fenômenos Atmosféricos

A segunda área semântica deste estudo sócio-semântico-lexical compreende oito conceitos/perguntas que procuram retratar, em especial, os fenômenos que se originam na camada gasosa que envolve a Terra e que são vivenciados pelas populações que habitam a superfície terrestre, ainda que muitos destes fenômenos sejam restritos a determinados lugares, conforme, fundamentalmente, a altitude e a latitude em que se localizam as regiões, as quais interferem nas condições climáticas e mesmo nas estações do ano. Como exemplificação, destaca-se o clima equatorial do norte de Mato Grosso, que não permite a formação de geadas e a precipitação de neve, portanto praticamente não há incidência de frio nessa região.

Os temas assinalados nas questões enunciativas, enumeradas de 6 a 13, são, consecutivamente: agueiro/aguaceiro/pancada, chuvada/chuvarada/enxurrada, brejo/banhado, atoladores/atoleiro, relâmpago, raio/corisco, trovão e geada. Ressalta-se que dois desses temas que serviram de mote às questões são apenas elementos que remontam a resultados decorrentes dos fenômenos atmosféricos que efetivamente acontecem neste espaço geográfico em que se realiza a pesquisa, ou seja, tanto brejo/banhado, quanto atoladores/atoleiro são formados a partir da grande quantidade de chuvas que cai no norte mato-grossense na estação das águas. Interessa acentuar, ainda, que a inclusão do tema geada neste estudo, mesmo sem a ocorrência desse fenômeno na região, se fez em razão da maioria dos migrantes entrevistados advirem do sul e sudeste do Brasil, locais em que as geadas são frequentes.

Os dados reunidos na área Fenômenos Atmosféricos e os subsequentes procedimentos analíticos por mim efetuados encontram-se disponibilizados nos subitens a seguir.

4.2.1 Agueiro/Aguaceiro/Pancada

6) **Como se chama a chuva forte, repentina e de pouca duração? (Aurélio, 1986, p.67).**

Tabela lexical 6

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	
chuva			1														1								01
chuva-do-caju									1				1								1			1	02
chuva do verão													1											1	01
chuva forte		2	1		1		1		1	1					1	1	1	2	2		1	1	1	1	08
chuvão	1						2										1		2						08
chuva passageira		1											1		2			1					3		04
chuva rápida	1			1					1						1		1	1				1	1		04
chuvisqueiro grosso		1					1											1	1						02
chuvona							1						1							1	1				02
de-manga	1											1					1				1				02
pancada		1	1							1	1	1					1	1			1	2			05
pé-d'água				1	2		1					1					1	1	2		1	1		1	06
tempestade	2			2		1	1		1					1		1	2	2	2	1	1	1		2	09
temporal	1	2	1	1		1		1	1			1		1		1	2	3		2	1	1		2	11
tormenta de água	1																1								01
Toró			1	1				1				1				1	1	1		1	1		1	1	06
torrente			1														1								01
tromba-d'água					2				1										2		1				08
TOTAL	7	7	7	7	3	4	3	2	4	3	4	4	2	4	4	3	14	14	3	6	3	7	6	9	72

Fonte Direta

TEMA: aguero/aguaceiro/pancada

CARTOGRAMA 6

PERGUNTA: como se chama a chuva forte, repentina e de pouca duração? (Aurélio, 1986, p.67)

Respectivamente, a Tabela e o Cartograma 6 mostram que o item lexical de maior ocorrência para a primeira pergunta *Como se chama a chuva forte, repentina e de pouca duração?* da área semântica Fenômenos Atmosféricos é *temporal*, que aparece em onze respostas nas quatro cidades pesquisadas. Com relação à frequência, destaca-se um número maior de respostas femininas, oito, contra apenas três masculinas, das quais

seis foram expressas por sujeitos com mais de 50 anos, *versus* cinco por jovens, de 18 a 40 anos.

Ressalta-se, também, que este item difere dos itens lexicais/tema desta questão 6, que são *agueiro/aguaceiro/pancada*. Destes itens, apenas *pancada* é listado nos dados acima, com cinco respostas distribuídas entre três proferições de mulheres e duas de homens, localizáveis tão somente nas cidades de Sinop e de Cláudia.

Novamente temos aqui um item lexical recorrente, *temporal*, que coincide com um dos temas da questão 11 ... *uma chuva com vento forte que vem de repente?* do QSL do ALiB; há ainda outro item que se exhibe na Tabela e no Cartograma 6, *tempestade*, que, ao lado da expressão *chuva forte*, exprime nove ocorrências em todos os pontos de inquérito, sendo o primeiro dividido entre quatro respostas masculinas e cinco femininas, enquanto a segunda se evidencia com cinco atribuições responsivas de homens e quatro de mulheres. O item lexical *tempestade* igualmente é tema desta mesma questão 11. Indícios estes que demonstram possibilidades de interpretação semelhantes às duas perguntas e, conseqüentemente, das realizações linguísticas escolhidas como respostas.

4.2.2 Chuvada/Chuvarada/Enxurrada

7) ...uma chuva forte e contínua? (Questionário ALiB, 2001, p.22).

Tabela lexical 7

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal								Total
Período Etário	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Lexis Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
chuva contínua	1			1		1											1	1		1					08
chuva de inverno	1												2	1	1		1						3	1	05
chuva de longa duração			1														1								01
chuva prolongada	1																1								01
chuva de chuva	2	1	2					2	1	1	2	2		1	1	1	4	1		2	3	3	1	2	16
chuva de chuva		1																1							01
chuva														1										1	01
chuva		1			1		1		1		2			1				1	2		3			1	07
é poca de chuva			1	2	1	1	2	1	1	1							1	2	3	2	1	1			10
é poca das águas	1					1							1				1			1			1		08
chuva	1				1								1	1	2		1		1				3	1	06
pinga-pinga				1														1							01
tempo de inverno														1										1	01
imponda de chuva									1												1				01
não soube responder		2		1												1		3						1	04
TOTAL	7	3	4	3	3	3	3	3	4	2	4	2	4	6	4	2	11	10	6	6	8	4	8	8	61

Fonte Direta

TEMA: chuvada/chuvarada/enxurrada

PERGUNTA: ... uma chuva forte e contínua? (Questionário ALiB, 2001)

Na Tabela 7, como também se verifica no Cartograma 7, a maior ocorrência é do item lexical *chuvarada*, que aparece em dezesseis respostas em todos os quatro pontos de inquérito e coincide com um dos itens/tema da questão 7 ...*uma chuva forte e contínua*?. Quanto à frequência, destaca-se o mesmo número de respostas entre homens e mulheres, oito, todavia há distinção numérica entre as respostas trazidas por jovens, de 18 a 40 anos, dez citações, enquanto os sujeitos com mais de 50 anos o pronunciaram seis vezes. Já o item lexical/tema, a variante *chuvada*, não foi atribuído como resposta por nenhum entrevistado.

O item lexical/tema *enxurrada*, por sua vez, se manifesta nas respostas dadas pelos respondentes num total de sete proferições, distribuídas entre as respostas de cinco homens e de apenas duas mulheres nas quatro cidades pesquisadas.

Ressalto, ainda, que a questão 7, retirada do Questionário Semântico-Lexical do ALiB, traz como tema, nesse QSL, a expressão *chuva forte*, a qual não se evidencia, conforme os dados expostos acima, entre as respostas mencionadas pelos sujeitos deste estudo para esta questão.

4.2.3 Brejo/Banhado

8) ...terreno alagadiço, geralmente plano, que impede o escoamento das águas e há dificuldade de infiltração?

Tabela lexical 8

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal								Total
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
alagado	1	2	1	3	1	2	2	2			2		1		1	1	2	3	3	4	2		2	1	19
banhadão											1									1					01
banhado	3	2	1						1			1					4	2			1	1			08
brejão				1	1				1									1	1		1				08
brejinho				1														1							01
brejo	3		1	3	1		1	2					1	1	2	1	4	3	2		2		3	2	16
empogado		1	1										1		1		1	1				1		1	04
encharcado				1									1	2		1	1						1	3	03
lagoa	1					1	1		1				1				1		1	1	1		1		03
pântano I						1		1		1					1				2		1		1		04
pântano II				2														2							02
poça				1	1			1		2	1	2				2		1	1	1	1	4		2	10
poçona							1													1					01
socado	1																1								01
várzea			1														1								01
TOTAL	9	3	3	12	3	3	3	4	6	2	4	4	4	4	4	3	14	17	10	7	10	6	8	9	81

Fonte Direta

TEMA:brejo/banhado

CARTOGRAMA 8

PERGUNTA:...terreno alagadiço, geralmente plano, que impede o escoamento das águas e há dificuldade de infiltração?

De acordo com a Tabela 8, transposta para o Cartograma 8, o item lexical mais utilizado para responder a pergunta 8 ...terreno alagadiço, geralmente plano, que impede o escoamento das águas e há dificuldade de infiltração?, com dezenove respostas encontráveis em todos os pontos de inquérito, é *alagado*, o qual difere dos itens/tema *brejo* e *banhado*, que engendraram esta questão. Como frequência, há nove respostas masculinas e dez femininas, das quais há uma maior quantificação de

atribuições feitas por jovens, de 18 a 40 anos, doze, *versus* sete por sujeitos com mais de 50 anos.

O item lexical/tema *brejo* aparece como segunda maior ocorrência, dezesseis vezes, distribuídas entre cinco manifestações responsivas de mulheres e onze de homens pelos quatro municípios em estudo. Com relação às respostas femininas, verifica-se que as mesmas se evidenciam apenas nas cidades de Sinop e de Santa Carmem. Há, ainda, nos dados assinalados acima, duas variantes morfológicas do item *brejo*, que são, respectivamente: o aumentativo *brejão*, proferido por dois homens e por uma mulher localizados nos municípios de Sinop, de Vera e de Cláudia; e o diminutivo *brejinho*, dito só por uma jovem, de 18 a 40 anos, de Sinop.

Já o item lexical/tema *banhado* se manifesta em oito respostas, cinco faladas por homens e três por mulheres, que se distribuem tão somente pelas cidades de Sinop e de Cláudia. Situa-se, também, nos dados, uma variante morfológica deste item, o aumentativo *banhadão*, citado na resposta de apenas um jovem, de 18 a 40 anos, de Cláudia.

4.2.4 Atoladores/Atoleiro

9) ...local de terra molhada em que, geralmente, carros e pessoas afundam na lama?

Tabela lexical 9

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal								Total
País Étnia	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
atolado		1		1								1					2				1				08
atoladeiro														1										1	01
atoleiro	3	2	4	3	2	1	2	2	2	1	2		2	1	2	2	7	9	4	3	4	1	4	3	31
buco										1		1									2				02
lamçal						1														1					01
lamceiro												1										1			01
lamina				1		1											1		1						02
sumidouro														1									1		01
não soube responder	1	1		1													1	2							08
TOTAL	4	4	4	6	2	3	2	2	2	2	2	3	3	2	2	2	8	10	4	9	4	9	9	4	49

Fonte Direta

PERGUNTA: ...local de terra molhada em que, geralmente, carros e pessoas afundam na lama?

Tanto o Cartograma 9, quanto a Tabela 9, confirmam a norma de uso do item lexical *atoleiro*, integrante do tema desta questão 9 *...local de terra molhada em que, geralmente, carros e pessoas afundam na lama?*, como o mais utilizado entre os sujeitos moradores do norte mato-grossense. Foram trinta e uma respostas, distribuídas entre dezenove atribuições responsivas de homens e doze de mulheres, assim como entre quatorze respostas de sujeitos com mais de 50 anos e dezessete de jovens, de 18 a 40 anos, nos quatro municípios pesquisados.

Quanto ao item lexical/tema, a variante *atoladores*, não há nenhum registro da mesma entre os respondentes, todavia, aparecem, nos dados assinalados acima, outras duas variantes morfológicas que se relacionam com *atoladores*, ambas se evidenciando com alteração sufixal, sendo elas, respectivamente: *atolada*, pronunciada por duas mulheres em Sinop e uma em Cláudia; e *atoladeiro*, constante na resposta de uma entrevistada, acima de 50 anos, de Santa Carmem.

4.2.5 Relâmpago

10) ...um clarão que surge no céu em dias de chuva? (Questionário ALiB, 2001, p.21).

Tabela lexical 10

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop	Vera	Cláudia	Santa Carmem	Municípios
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
clarão				2				1					1				2	1		1	04
relâmpado						1												1			01
relâmpago	4	3	4	3	1	1	1	1	1	2	2	2	2	2	1	2	8	6	2	3	32
relâmpiada									1										1		01
relâmpo		1				1			1					1			1	1	1	1	04
não soube responder					1		1											2			02
TOTAL	4	4	4	3	2	3	2	2	3	2	2	2	3	2	2	2	8	9	4	3	44

Fonte Direta

TEMA:relâmpago

CARTOGRAMA 10

PERGUNTA:...um clarão que surge no céu em dias de chuva?(Questionário ALiB, 2001)

Como podemos verificar tanto na Tabela 10, quanto no Cartograma 10, o item lexical/tema *relâmpago* destaca-se como o de maior uso entre os entrevistados em todos os pontos de inquérito. Nas trinta e duas respostas dadas, há exatamente o mesmo número de atribuições entre os sujeitos homens e as mulheres, dezesseis de ambos, assim como se evidencia essa mesma quantificação numérica entre as respostas assinaladas pelos sujeitos com mais de 50 anos e pelos jovens, de 18 a 40 anos, dezesseis de cada faixa etária. Localizam-se como respostas, também, duas variantes fonéticas do item *relâmpago*, que são: a que substitui a consoante velar /g/ pela linguodental /d/, *relâmpado*, dita apenas por uma mulher, acima de 50 anos, de Vera, e a que exhibe apócope, *relampo*, que aparece proferida por duas mulheres com mais de 50 anos e por dois homens, dentre eles um jovem, de 18 a 40 anos, de Santa Carmem.

Salienta-se, ainda, que *relâmpago*, tema/norma desta questão 10 ...*um clarão que surge no céu em dias de chuva?*, equivale também ao item lexical/tema do QSL do ALiB.

4.2.6 Raio/Corisco

11) ...uma luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore, matar pessoas e animais, em dias de mau tempo? (Questionário ALiB, 2001, p.21).

Tabela lexical 11

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop	Vera	Cláudia	Santa Carmem	Municípios
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
corisco	1				1												1		1		02
falasca	1				1								1	1			1	1		1	04
raio	4	4	4	4	2	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	8	8	4	3	39
não soube responder					1													1			01
TOTAL	6	4	4	4	3	3	2	2	2	2	2	3	3	2	2	2	10	8	5	5	46

Fonte Direta

TEMA:raio/corisco

PERGUNTA:...uma luz forte e rápidaque sai das nuvens podendo queimar uma árvore, matar pessoas e animais, em dias de mau tempo?(Questionário ALiB, 2001)

CARTOGRAMA 11

Como podemos observar na Tabela 11 e também no Cartograma 11, a questão 11 traz, de acordo com as respostas registradas, como norma de uso na comunidade linguística pesquisada o item lexical *raio*, com trinta e nove respostas proferidas entre os sujeitos, o que significa que apenas um dos sujeitos não o disponibilizou como resposta, mais especificamente uma mulher, acima de 50 anos, da cidade de Vera. Desse

modo, há vinte respostas masculinas e dezenove femininas. *Raio* é integrante temático tanto da questão 11 desta pesquisa quanto da questão 9 do QSL do ALiB ...*uma luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore, matar pessoas e animais, em dias de mau tempo?*.

Além de *raio*, há o item lexical *corisco*, que integra o tema desta questão, mas não aparece especificado na questão 9 do Questionário Semântico-Lexical do ALiB. Como podemos verificar nos dados assinalados acima, há apenas duas ocorrências para este item, uma em Sinop, de um homem com mais de 50 anos, e uma em Vera, de uma mulher também acima de 50 anos.

4.2.7 Trovão

12) ...o barulho forte que se escuta logo depois de um _____(cf. item 11)? (Questionário ALiB, 2001, p.22).

Tabela lexical 12

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop	Vera	Cláudia	Santa Carmem	Municípios
Lexia SEXO	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
estruendo	1	1						1									1	1		1	08
trovão	2	3	4	4	2	1	2	1	2	2	1	2	2	1	2	2	6	7	4	2	33
trovejão											1								1		01
trovoada		1															1				01
truvão	1					1							1				1		1		08
TOTAL	4	5	4	4	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	8	9	4	4	41

Fonte Direta

TEMA:trovão

CARTOGRAMA 12

PERGUNTA:...o barulho forte que se escuta logo depois de um ...(cf. item 11)?(Questionário ALiB, 2001)

Conforme as respostas da questão 12 ...o barulho forte que se escuta logo depois de um _____(cf. item 11)?, elencadas tanto no Cartograma quanto na Tabela, é possível observar que o item lexical de maior uso entre os entrevistados é *trovão*, em consonância com o item/tema de minha pesquisa e também do item/tema do QSL do ALiB. Foram trinta e três respostas, distribuídas entre dezessete proferições masculinas e dezesseis femininas, das quais quinze foram ditas por sujeitos com mais de 50 anos e dezoito por jovens, de 18 a 40 anos, em todos os pontos de inquérito.

Há, como variante fonética de *trovão*, de acordo com os dados elencados acima, o item lexical que apresenta variável da vogal média-alta em posição pretônica /o/ pela alta /u/, *truvão*, dito por um homem em Sinop, uma mulher em Vera e uma mulher em Santa Carmem, todos acima de 50 anos.

4.2.8 Geadas

13) ...orvalho congelado que forma, onde cai, camada branca? (Aurélio, 1986, p.842).

Tabela lexical 13

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
brina	1																1								01
geada	4	4	2	3	2	2	2	1	2	2	2	2	2	1	2	2	6	7	4	3	4	4	4	3	37
gelo											1	1			1						1	1		1	03
granizo				1				1							1		1		1					1	03
neblina				1													1		1						01
neve	1			1	1		1		2				1	1	1	1	1	1	2		2	1	2	2	11
orvalho			1	2	1									1			1	2	1					1	07
sereno			1									1		1		1					1	1			03
não soube responder			1														1								01
TOTAL	6	4	5	3	4	2	3	2	4	3	3	4	3	4	4	4	11	12	7	4	7	7	7	3	63

Fonte Direta

TEMA:geada

CARTOGRAMA 13

PERGUNTA:...orvalho congelado que forma, onde cai, camada branca? Mostrar gravura.(Aurélio,1986,p.842)

De acordo com os registros da Tabela 13 e de seu respectivo Cartograma, verifica-se que o item lexical *geada*, de maior ocorrência entre as respostas dadas pelos sujeitos entrevistados, coincide com o item/tema de propositura desta questão 13 *...orvalho congelado que forma, onde cai, camada branca?*, que é a última pergunta da área semântica Fenômenos Atmosféricos.

Das trinta e cinco respostas, localizáveis em todos os pontos de inquérito, há dezoito menções masculinas e dezessete femininas, das quais dezenove foram ditas por sujeitos com mais de 50 anos e dezesseis por jovens, de 18 a 40 anos.

4.2.9 Histograma 3: itens mais frequentes da área semântica Fenômenos Atmosféricos

Neste terceiro Histograma é possível verificar a distribuição dos itens lexicais de maior uso pelos sujeitos entrevistados em cada uma das oito questões que constituem a área semântica Fenômenos Atmosféricos deste estudo sócio-semântico-lexical. A sequência enumerativa abaixo respeita a numeração trazida e disponibilizada no questionário por mim constituído e aplicado:

- 6) Temporal = *Como se chama a chuva forte, repentina e de pouca duração?* (Aurélio, 1986, p.67).
- 7) Chuvarada = *...uma chuva forte e contínua?* (Questionário ALiB, 2001, p.22).
- 8) Alagado = *...terreno alagadiço, geralmente plano, que impede o escoamento das águas e há dificuldade de infiltração?*

- 9) Atoleiro = ...*local de terra molhada em que, geralmente, carros e pessoas afundam na lama?*
- 10) Relâmpago = ...*um clarão que surge no céu em dias de chuva?* (Questionário ALiB, 2001, p.21).
- 11) Raio = ...*uma luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore, matar pessoas e animais, em dias de mau tempo?* (Questionário ALiB, 2001, p.21).
- 12) Trovão = ...*o barulho forte que se escuta logo depois de um_____*(cf. item 11)? (Questionário ALiB, 2001, p.22).
- 13) Geada = ...*orvalho congelado que forma, onde cai, camada branca?* (Aurélio, 1986, p.842).

Para a realização da escolha de itens lexicais desta área semântica utilizei dois critérios metodológicos:

a) a seleção do item de maior uso, a norma linguística, falado nos quatro pontos de inquérito da pesquisa; ressalta-se que, para a área Fenômenos Atmosféricos, o item lexical de maior uso é *raio*, com trinta e nove ocorrências. Contudo, como *raio* é integrante temático tanto da questão 11 desta pesquisa quanto da questão 9 do QSL ...*uma luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore, matar pessoas e animais, em dias de mau tempo?*, optei pelo segundo item de maior utilização na área, *geada*, que aparece em trinta e cinco respostas dadas pelos sujeitos.

b) a constatação de itens lexicais com particularidades sócio-históricas e geográficas regionais. Dentre eles, selecionei *chubarada*.

São, portanto, estes dois itens lexicais, *geada* e *chubarada*, que serão, nos próximos subitens, analisados e (re)significados de acordo com o contexto de uso norte mato-grossense.

4.2.10 O item lexical *chubarada*: apontamentos sócio-semântico-lexicais

O item lexical *chubarada*, variante morfológica de *chuva*, esta que provém do latim *pluvia*, foi localizado como entrada em apenas dois dos seis dicionários pesquisados, no Aurélio (1986) e no Aulete Digital, conforme se pode ver abaixo:

Dicionário Entrada	Vocabulário Portuguez & Latino - D. R. Bluteau (1712)	Diccionario da Língua Brasileira – Luiz M. da S. O. P. Pinto (1832)	Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986)	Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa – (Aulete Digital)	Dicionário Gaúcho Brasileiro – – João A. Bossle (2003)	Dicionário do Nordeste – Fred Navarro (2004)
CHUVARADA	_____	_____	1- V. chuvada. (Chuva abundante e forte) (p.401)	O mesmo que chuvada. F. Chuva.	(ENXURRADA) Chuva forte e prolongada, produzindo lama no terreno. (p.220)	(INVERNO) É o período de chuvas no Nordeste (isto é, quando chove), também chamado de verde. Em geral, dura de dezembro a março no sertão, e de maio a agosto no litoral, com variantes de Estado para Estado. (p.193)

Quadro 6: Reflexões analíticas sobre o item lexical *chubarada*.

Fonte: Pesquisa direta.

De acordo com o quadro acima, é possível inferir, ainda que hipoteticamente, que o surgimento da variante morfológica de *chuva*, *chubarada*, tenha ocorrido durante ou após o século XIX. Com relação aos sentidos trazidos pelos lexicógrafos, nos dois dicionários em que o item lexical *chubarada* se encontra registrado, constata-se que estes não correspondem aos sentidos impressos pela maioria dos sujeitos entrevistados em minha pesquisa.

Dessa forma, verifica-se que há um deslocamento de sentido para este item neste contexto sócio-histórico e geográfico regional. Assim, se pode afirmar que se trata de uma alteração semântico-lexical, visto que *chubarada* imprime, na região norte de Mato Grosso, significados peculiares e com particularidades pertencentes à região em estudo.

Para exemplificar este fato de alteração semântica, trago, a seguir, alguns recortes das narrativas livres que depreendem o sentido em uso propagado nos municípios em análise:

- Na época da **chubarada**. (S10 M).

- Malária eram fases, né, malária é o seguinte: **início de chuvarada** e **final de chuvarada**. Início de chuvarada no amanhecer, no clarear o dia ou mais na beira de mato, na beira de água, na beira de rio. (S11 M).
- Depois vim a, duas vezes em Cláudia. Eu vim até Sinop, eu não gostei de Sinop, vim em fevereiro, no **tempo da chuvarada**, e tinha até trator de esteira atolado em cima, na água, no baro. Eles tinha, tavam abrindo rua e tempo da chuvarada e o trator não saiu do lugar, porque tinha que deixar ali pra enxugar um pouco pra tirá o trator de esteira. (C17 M).
- Então, todo ano, depois da **chuvarada**, eles me pagavam pra vim com a motosserra e a Rural e vim limpando as estradas. Então, todo ano, depois da chuvarada, eles me pagavam pra vim com a motosserra e a Rural e vim limpando as estradas. (V3 M).

Destaca-se, dessa forma, que o item lexical *chuvarada*, utilizado como resposta de maior ocorrência para a questão 7 de meu questionário semântico-lexical *...uma chuva forte e contínua?*, remete-se ao sentido regional relacionado ao clima equatorial existente no espaço geográfico em estudo e que se divide, basicamente, em duas estações bem marcadas, o período de chuva e o período de seca. Nesse contexto, *chuvarada*, como se pode ver acima, relaciona-se ao “tempo”, à “época” das chuvas, que geralmente são torrenciais e abundantes na região.

Ao verificar se havia entradas lexicais com proximidade de significados nos dicionários regionais, em Bossle (2003) e Navarro (2004), encontrei, no primeiro, o item *enxurrada*, que se aproxima dos sentidos disponibilizados pelo Aurélio (1986) e pelo Aulete Digital. Salienta-se, contudo, que tais sentidos também aparecem nas respostas de meus sujeitos de pesquisa, bem como nos relatos de experiência pessoal, como se pode ver nessa passagem:

Aí, no dia, na hora que nós descarregô a mudança, foi sete de setembro, bateu uma **chuvada** e correu tampá, lona furada molhava; na beira da estrada pro lado de cá. Nós nem tinha arrumado pra mudá pra lá, arrumá o barraco, oh, meu Deus do céu! [...] A **enxurrada** passava debaixo da cama, eu descia de, com sapatão, que eu trabalhava na roça, né! (V2 F).

Em Navarro (2004), por outro lado, há a entrada *inverno*, a qual acentua o significado de “período de chuvas no Nordeste (isto é, quando chove)”, que, em geral,

dura de “dezembro a março no sertão, e de maio a agosto”. Significado esse que se relaciona às condições climáticas do norte de Mato Grosso e, portanto, com significância equiparada à região em estudo. Em consonância com este sentido, tem-se, dentre as respostas de meus sujeitos, as expressões *chuva de inverno* e *tempo do inverno*.

De acordo com esses resultados, é possível afirmar que o item lexical *chuvarada*, além de apresentar peculiaridades geográficas de sentido regional, tem uma proximidade maior aos significados propalados na região nordeste do Brasil.

4.2.10.1 A distribuição do item lexical *chuvarada* pelos pontos de inquérito

Histograma 4: Chuvarada (dezesseis ocorrências).

Conforme o Histograma 4, o item lexical *chuvarada* aparece nos quatro pontos de inquérito pesquisados e foi falado dezesseis vezes pelos sujeitos. A distribuição deste item ocorreu da seguinte forma: na cidade de Sinop, três sujeitos acima de 50 anos o utilizaram, dois homens e uma mulher, entre os jovens, de 18 a 40 anos, apenas dois do sexo masculino o trouxeram como resposta; na cidade de Vera, somente duas jovens, de 18 a 40 anos, mencionaram este item em análise; em Cláudia, um casal com mais de 50 anos respondeu *chuvarada*, e quatro jovens, de 18 a 40 anos, duas moças e dois rapazes; em Santa Carmem, uma mulher com mais de 50 anos e um casal de jovens, de 18 a 40

anos, aludiu ao item. Portanto, há um número maior de respostas dadas pelos jovens, dez, *versus* seis de sujeitos acima de 50 anos.

Vale destacar, assim, que tal item lexical encontra-se em efetivo uso na comunidade linguística pesquisada, fundamentalmente pelos jovens, de 18 a 40 anos, o que pode ser indício de incorporação ao léxico local e de continuidade.

O item lexical *chugarada* registrou-se, também, ao lado de outros itens e expressões, tais como *chuva contínua*, *chuva de inverno*, *chuva de longa duração*, *chuva prolongada*, *chuveiro*, *enxurrada*, *época da chuva*, *época das águas*, *invernada* e *pinga-pinga*, na cidade de Sinop. No município de Vera há *chuva contínua*, *enxurrada*, *época da chuva*, *época das águas* e *invernada*. Em Cláudia, *enxurrada*, *época da chuva* e *temporada da chuva*. E em Santa Carmem aparecem, como concorrentes, *chuva de inverno*, *dilúvio*, *enxurrada*, *época da chuva*, *invernada* e *tempo do inverno*. Dessa forma, além de *chugarada*, há ainda o item lexical *enxurrada* disseminado em todos os municípios, com sete ocorrências.

Reitera-se, uma vez mais, que o deslocamento de sentido do item *chugarada*, no espaço geográfico pesquisado, integrante da Amazônia Legal, deve-se, predominantemente, ao fato do clima da região ser equatorial, e em que:

[...] duas estações bem definidas ocorrem durante o ano: a época das chuvas, de outubro a março, e a das secas, de abril a setembro. A média de precipitação anual é de 2.100 mm, sendo que 75% desta ocorre no período das chuvas. [...] o clima, com suas duas estações bem definidas, determina a vida da população. (PANOSSO NETTO, 2002, p.125-126).

Assim, de acordo com os resultados que os dados nos apresentam, verifica-se que a alteração semântica no item lexical *chugarada*, que se instaurou no norte mato-grossense pelo uso linguístico entre os migrantes advindos de diferentes regiões do Brasil, é ainda mais enaltecida pelos jovens descendentes, que o mantém entre as escolhas lexicais que remetem a *uma chuva forte e contínua*, também denominada *chuva de inverno* ou *época da chuva*.

Eis que, para esse tratamento da língua em construção, em que as modificações de sentidos e significações representam atitudes linguísticas relacionadas aos parâmetros diatópico e diastrático, é possível coadunar com a conceituação de léxico dada por Vilela (1994). Para o autor,

O léxico é o subsistema da língua mais dinâmico, porque é o elemento mais diretamente chamado a configurar linguisticamente o que há de novo, e por isso é nele que se refletem mais clara e imediatamente todas as mudanças ou inovações políticas, econômicas, sociais, culturais ou científicas. (VILELA, 1994, p.13-14).

No caso específico do item *chubarada*, vale acrescentar alterações climáticas, responsáveis, fundamentalmente, pelas mudanças econômicas, culturais, linguísticas e por toda a conjuntura sociopolítica vivenciada pelos pioneiros e descendentes ao chegarem a este ‘novo’ espaço geográfico.

4.2.11 O item lexical *geada*: apontamentos sócio-semântico-lexicais

O item lexical *geada*, como é possível verificar no quadro abaixo, deriva do latim *gelata*, e se encontra registrado nos quatro dicionários gerais que utilizei como aportes lexicográficos, os quais retratam a língua portuguesa em distintas fases diacrônicas:

Dicionário Entrada	Vocabulário Portuguez & Latino - D. R. Bluteau (1712)	Diccionario da Lingua Brasileira – Luiz M. da S. O. P. Pinto (1832)	Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986)	Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa – (Aulete Digital)	Dicionário Gaúcho Brasileiro – João A. Bossle (2003)	Dicionário do Nordeste – Fred Navarro (2004)
GEADA	Orvalho, condenado, & levemente congelado, ou humor vaporoso nos lugares frios da região baixa do ar, que procurando fubir arriba, fe endurece com o frio, & fe pega ás plantas, & mais coufas, como tambem o faz o bafo, que fahe pella bocca, & fe converte em materia mais denfa nos cabellos dos animaes, & barbas dos homens. (p.44)	O orvalho, quando se congela com o frio. (p. 556)	1- Met. Orvalho congelado que forma, onde cai, camada branca. (p.842)	1 Met. Orvalho que congela e forma fina camada branca sobre as superfícies em que cai. [F.: Do lat. <i>gelata</i> , substv. do fem. de <i>gelatus</i> ,a,um]	_____	_____

Quadro 7: Reflexões analíticas sobre o item lexical *geada*.

Fonte: Pesquisa direta.

Ao se observar a questão 13, ...*orvalho congelado que forma, onde cai, camada branca?*, a qual desencadeou a resposta *geada*, percebe-se que o substantivo *orvalho*, presente na pergunta e em todos os quatro dicionários, é elucidativo para a definição da acepção de *geada*, portanto, é o *orvalho* “condensado”, “congelado”, ou que se “congela”, e que forma a *geada*, sentido esse que se verifica desde o século XVIII e que se mantém no século XXI. É interessante conferir, também, que o próprio item lexical *orvalho* foi utilizado como resposta desta questão por cinco sujeitos entrevistados.

Dessa forma, é possível afirmar que é este o sentido utilizado para o item *geada* no norte de Mato Grosso, visto que tal acepção dicionarizada se mantém e se dissemina como norma neste espaço geográfico.

4.2.11.1 A distribuição do item lexical *geada* pelos pontos de inquérito

Histograma 5: Geada (trinta e cinco ocorrências).

Como podemos ver no Histograma 5, o item lexical *geada* foi dado como resposta pelos sujeitos à questão 13 do questionário semântico-lexical trinta e cinco vezes nos quatro pontos de inquérito pesquisados.

Destaca-se que, na cidade de Cláudia, todos os oito entrevistados responderam *geada*. No município de Sinop, dois rapazes e uma moça, de 18 a 40 anos, não mencionaram o item em análise. Na cidade de Vera, apenas uma moça, de 18 a 40 anos,

não falou *geada*, e em Santa Carmem, uma mulher com mais de 50 anos também não o citou. Nesse contexto, há dezoito respostas masculinas e dezessete femininas, e dezenove atribuições responsivas de sujeitos acima de 50 anos, *versus* dezesseis de sujeitos jovens, de 18 a 40 anos.

Salienta-se que em Sinop o item lexical *geada* aparece ao lado de outros itens, tais como *brina*, *granizo*, *neblina*, *neve*, *orvalho* e *sereno*. No município de Vera há *granizo*, *neve* e *orvalho*. Em Cláudia, *gelo*, *neve* e *sereno*. E em Santa Carmem surgiram as concorrentes *gelo*, *granizo*, *neve*, *orvalho* e *sereno*. Há, dessa forma, além de *geada*, o item lexical *neve* disseminado também em todos os municípios, com onze ocorrências.

De acordo com os resultados que os dados nos apresentam, verifica-se que, distintamente do contexto de análise do item *chuvarada*, exposto no subitem anterior, 4.2.10, em que as condições climáticas da região norte de Mato Grosso propiciaram alterações semânticas no uso linguístico, no caso de *geada* ocorre continuidade de sentido, conforme os registros dos lexicógrafos nos dicionários pesquisados, não por causa do clima equatorial, em geral quente e úmido, o qual não permite a condensação e congelamento do *orvalho*, portanto de formação de *geada*, mas porque os migrantes, em sua maioria, são oriundos das regiões sul e sudeste do Brasil, em que as *geadas* são frequentes.

É interessante observar, assim, que os jovens descendentes, como os dados nos apontam, continuam, ainda que em menor proporção, a utilizar este item lexical, mesmo os que nunca tiveram contato com o “orvalho congelado”. Fato esse que reforça a tradição linguística e demonstra a importância das narrativas orais no convívio linguístico familiar.

Dentre as narrativas livres dos relatos de experiência pessoal, destaco, a seguir, o uso do item *geada*, o qual mobilizou a elaboração da questão 13 do questionário semântico-lexical:

O que impulsionou mais era a seguinte situação: uma mudança de vida, vamos dizer assim, entendeu? Algo diferente, algo que nós pudéssemos... na verdade, a busca de um novo lugar pra plantar café. Nós éramos de Apucarana, onde era o cultivo, era muito grande de

café e lá já, com aquelas **geadas** e tudo, o pessoal começou a se desanimá².

Enfatizo, também, que o item lexical *neve*, com ocorrência igualmente em todos os municípios, no contexto de sua utilização como sinônima de *geada*, desloca-se do sentido tradicional dado pelos modernos dicionários, tal como “precipitação de cristais de gelo, frequentemente agrupados em flocos e formados pelo congelamento do vapor de água que se encontra suspenso na atmosfera” (HOUAISS, 2004, p.2014).

Esse fato também é apontado por Viola (2010) em seus estudos semântico-lexicais realizados em Guiratinga³, no entanto, como resposta ao conceito/pergunta 21 do QSL do ALiB *Muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como chamam isso?*. Dessa forma, cabe indagar sobre as motivações que levaram os sujeitos, tanto os acima de 50 anos, quanto os mais jovens, de 18 a 40 anos, a imprimirem tal mudança de sentido. Em consonância com Viola, pode-se acreditar que:

seja possível considerar que o desejo de evocar por meio da lexia *neve* o seu ambiente usual, mesmo que em contextos totalmente diferentes, pode ser o motivador do uso desta lexia para recobrir a pergunta/conceito [...] A língua com sua condição de mutabilidade pode favorecer o ‘transporte’ do usuário ao clima/imagem estilística a que normalmente pertence a lexia evocada, [...] ou seja, a utilização da lexia *neve* é realizada muito mais com o intuito/desejo de agregar características que possam diminuir/amenizar diferenças climáticas e sociais. (VIOLA, 2010, p. 228).

Outro fato interessante é a mobilização do item lexical *brina*, que aparece como resposta de apenas um sujeito com mais de 50 anos na cidade de Sinop, todavia esta resposta nos remete não só às origens geográficas do migrante, neste caso específico de um migrante do Estado do Rio Grande do Sul, como também às suas origens étnico-culturais. Apresento, abaixo, o recorte de transcrição do comentário que acompanha a resposta dada por este sujeito, S10 M, para a questão 13 *...orvalho congelado que forma, onde cai, camada branca?*:

Aí tem a *brina*, ***brina é a geada***. Só que *brina* é da nossa região de italiano. *Má que brina branca! Brina daquela de matá tudo*. Depois dela vem o gelo e quando se acentua muito vem a neve. Mas a nossa região, no Guabiju (no Estado do Rio Grande do Sul) todo mundo

²Entrevista concedida pela respondente de Cláudia C20 M, em 12 de set. de 2010.

³Município localizado no sudeste de Mato Grosso, a 322 km da capital Cuiabá.

fala, se for lá hoje conversá ainda fala *brina*. É uma palavra dos italianos mesmo da região, né.

Como é possível verificar no fragmento acima, o falante em questão conhece a/um item lexical em língua portuguesa que remete à resposta ao conceito da pergunta 13, *geada*, no entanto, não se abstém de enfatizar e enaltecer o item *brina*, integrante de um dialeto italiano usado na região em que residia antes da migração e que representa seus laços de ancestralidade. Nesse sentido, é possível afirmar, conforme nos orienta Margotti (2006), que um dos aspectos mais relevantes na constituição de um grupo étnico-cultural é a avaliação das diferenças que o distinguem de outros grupos, especialmente se entre essas diferenças estiver incluída a diferença linguística.

Portanto, geralmente bilíngues, independentemente do grau desse bilinguismo, ou somente monolíngues em português, esses indivíduos, tal como esse sujeito entrevistado, ao falar português, denunciam sua origem, principalmente porque sua fala em português está impregnada de interferências dos dialetos italianos advindos dos imigrantes italianos que se instalaram no Rio Grande do Sul, bem como em outros Estados brasileiros ainda no século XIX.

Dessa maneira, verifica-se no norte de Mato Grosso, com relação aos aspectos linguísticos e modos de falar, não só um multiculturalismo proveniente de distintas regiões brasileiras como também uma miscigenação étnica que imprime marcas e características próprias à região de origem dos distintos migrantes, as quais sintetizam a realidade da língua portuguesa em uso nas quatro cidades pesquisadas.

4.3 Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais

A terceira e maior área semântica deste estudo sócio-semântico-lexical compreende setenta conceitos/perguntas que procuram retratar as inúmeras atividades desenvolvidas nesta região amazônica em que se processa a pesquisa, muitas delas vivenciadas já ou tão somente apenas no início da colonização norte mato-grossense, visto que modernos eventos tecnológicos e científicos contribuíram para que novos cenários se desenhasssem e mudanças se efetuassem.

Nesse sentido, Benjamin (2004, p. 28), citando Posey (1987), Alegretti (1996) e Simonian (1999), afirma que

o extrativismo é um conjunto de atividades econômicas de grupos sociais que não exclui a incorporação de tecnologias nem a transformação e agregação de valor aos produtos; pelo contrário, abrange atividades agropastoris, extrativas e silviculturais, atingindo não só os processos produtivos, mas também os ecológicos e os de comercialização.

Dentre as muitas atividades, objetos, técnicas, instrumentos, construções e seres vivos que foram contemplados nos enunciados das questões dessa área, destacam-se: espécies nativas e não nativas, de plantas cultivadas, ênfase à vegetação existente, trabalhos de desflorestamento e de ‘limpeza’ dos espaços físicos, demarcação de extensões territoriais, ofícios e equipamentos relacionados aos setores agrícola, pecuário e madeireiro, ações ecológicas e atitudes ambientais, meios de transporte rudimentares e competições.

Os temas assinalados nas questões enunciativas, enumeradas de 7 a 83, foram, consecutivamente: colonização, picada/picadão/trilho, carreador, terra/sítio/roça/fazenda/chácara/colônia/gleba, plaina, cerrado, peões/peãozada/pinhonzada/piãozada, gato, empreitada, derrubada/derrubar/desmatação/abrir/desmate/desmatar/limpar, queimado/seco, fumaça, destoca, ramado/cheio de estopa, leras, gradear, carpir, areia/acidero/acidez/ácido, aclimatar, estercada/adubada/tratada, mecanizar, lavoura, pilão, descascador, serraria/serrariazinha/madeira/pica-pau, serra de fita, marcenaria, carpinteiro/marceneiro, beneficiamento, manejo, manivela, corretor, sitiante, colono, divisa, arrendamento, bugre/índio, mato/mata/matão/arvoredo/bosque/selva/floresta, reserva/reserva ambiental, macaco, cipó, reflorestamento, sisal, tucum, cooperado, agrovila, barragem, mandioca, cará, abobrinha/abobra, moinho/moinho colonial/farinheira, boneca, gado/criação, cocho, novilha/bezerro, invernada/pastagem/pasto/pastinho/potreiro, pasto/capim/trato, mangueira/curral, portão/cochete, forquilha, carroça/carreta de boi, laçar, rodeio, galpão, balaio/cesto, carriola, lavagem, silagem, sacaria e coronel.

Os dados reunidos na área Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais, e os subsequentes procedimentos analíticos por mim efetuados encontram-se disponibilizados nos subitens a seguir.

4.3.1 Colonização

14) ...processo de povoamento e exploração de uma região do país por pessoas que vêm de outros lugares e Estados?

Tabela lexical 14

Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop	Vera	Cláudia	Santa Carmem	Municípios	
Lexia	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios	
ajuntamento														1						1	01	
colonização	2	2	2	3			2				1				4	3		2		1	12	
colonizar														1	1					1	02	
deslocamento											1								1	1	01	
emigração	1																				01	
êxodo				1												1					01	
exploração				1												1					01	
imigração	1	1	1	2	1			1	1	1	1				2	3	1	1	2	1	10	
integração	1															1					01	
migração			1	1			1				1				1	1	1	1		1	03	
migrar		1					1				1				1		1			1	04	
mudança												1								1	01	
povoamento				1											1		1				02	
não soube responder	1				1	2			1	1				1	1		1	2	1	1	08	
TOTAL	6	4	6	7	2	2	2	3	2	2	2	3	2	2	3	12	11	4	3	4	3	30

Fonte Direta

TEMA: colonização

CARTOGRAMA 14

PERGUNTA: ...processo de povoamento e exploração de uma região do país por pessoas

que vem de outros lugares e estados?

Na Tabela 14, como também se verifica no Cartograma 14, a maior ocorrência é do item lexical *colonização*, que aparece em doze respostas, o qual coincide com o tema da questão 14 *...processo de povoamento e exploração de uma região do país por pessoas que vêm de outros lugares e Estados?*, a primeira da área semântica Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais. Com relação à frequência, destaca-se um número maior de respostas femininas, oito, *versus* quatro masculinas. Este item tem, também, maior utilização entre os jovens, de 18 a 40 anos, com oito ocorrências, contra apenas quatro respostas de homens e de mulheres acima de 50 anos.

Destaca-se que este item lexical se manifesta como resposta entre os sujeitos de apenas três municípios, Sinop, Vera e Cláudia; já a variante morfológica de *colonização*, o verbo no infinitivo *colonizar*, se evidencia entre as respostas de somente um casal de jovens, de 18 a 40 anos, da cidade de Santa Carmem.

Salienta-se, também, a grande quantidade de não-respostas atribuídas pelos sujeitos a esta questão, ou seja, oito entrevistados, dos quatro pontos de inquérito da pesquisa, quatro homens e quatro mulheres, não souberam dar nenhuma resposta ao enunciado de 14. Desses entrevistados, só um é jovem, de 18 a 40 anos, e sete têm mais de 50 anos.

4.3.2 Picada/Picadão/Trilho

15) O que é que se abre com o facão, a foice para passar por um mato fechado? (Questionário ALiB, 2001, p.26).

Tabela lexical 15

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia / Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
caminho	1	1	1					1									2	1		1					04
carrero											2		1		1	1					2		2	1	03
clareira				2	2							1					2	2				1			03
picada	4	3	3	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	7	3	4	4	4	4	4	4	36
picadeiro													1										1		01
pique	1																1								01
trecho											1										1				01
trilha		1							1										1		1				02
trilho	1																1								01
não soube responder				1														1							01
TOTAL	7	3	6	3	2	2	2	3	2	3	3	3	4	2	3	3	13	10	4	3	7	6	7	3	37

Fonte Direta

TEMA: picada/picadão/trilho

CARTOGRAMA 15

PERGUNTA: O que é que se abre com o facão, a foice para passar por um mato fechado? (Questionário ALiB, 2001)

Conforme podemos verificar na Tabela 15, ratificada pelo Cartograma 15, a maior ocorrência, com trinta e seis respostas, foi do item lexical *picada*, o qual coincide com um dos temas de propositura desta questão. Há, como frequência, dezenove respostas masculinas e dezessete femininas, mesma quantificação numérica esta que distingue as atribuições responsivas feitas por sujeitos com mais de 50 anos e por jovens, de 18 a 40 anos, dezenove daqueles e dezessete destes, divididas entre todos os pontos de inquérito. Já o item lexical/tema *picadão*, variante morfológica/grau aumentativo do substantivo *picada*, não aparece entre as respostas dadas pelos sujeitos em nenhum ponto. Encontra-se, todavia, conforme elencado nos dados acima, menção a outra variante de *picada*, a que exhibe derivação sufixal, *picadeiro*, que foi proferida apenas por um entrevistado masculino, acima de 50 anos, de Santa Carmem.

Quanto ao tema *trilho*, observa-se que este item lexical foi falado também somente uma vez, na resposta dada por um respondente do sexo masculino, acima de 50 anos, da cidade de Sinop. A variante de gênero feminino deste substantivo, *trilha*, igualmente se evidencia só uma vez, dita por uma mulher, acima de 50 anos, do município de Sinop.

No Questionário Semântico-Lexical do ALiB, por sua vez, *picada* e *atalho estreito* integram a temática desta questão 15 *O que é que se abre com o facão, a foice para passar por um mato fechado?*. Como se pode ver, *picada*, na região norte de Mato Grosso, é o item lexical de maior ocorrência, dessa forma em sintonia com um dos temas desse QSL, no entanto não há, nos dados, nenhuma resposta para a expressão *atalho estreito*.

4.3.3 Carreador

16) ...caminho aberto no meio de uma lavoura, especialmente de café? (Houaiss, 2004, p. 634).

Tabela lexical 16

Localidade	Sinop				Vera				Cáudia				Santa Carmem				Subtotal								Total
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cáudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
Sexo																									
acesso		1															1								01
caminho									1												1				01
carreador	1	2			1	1					2	2	2	2	1	1	1	2	1	1	2	2	3	3	15
carreira									1												1				01
co-reador															1								1		01
estrada		1							1		1						1				2				02
rua	2		2				2		1	2	1						4		2		2	2			10
rua																									01
trilha		1		1													2								02
trilho					1	1									1				1	1				1	02
não soube responder	1		2	3				2									3	3		2					06
TOTAL	4	3	4	4	2	3	2	2	3	3	4	2	2	2	2	2	8	9	4	3	7	3	4	4	43

Fonte Direta

PERGUNTA:...caminho aberto no meio de uma lavoura, especialmente de café?(Houaiss,2004,p.634)

De acordo com os registros da Tabela 16 e de seu respectivo Cartograma, verifica-se que o item lexical *carreador*, de maior ocorrência entre as respostas dadas pelos entrevistados, coincide com o item/tema de propositura desta questão 16 *...caminho aberto no meio de uma lavoura, especialmente de café?*.

Das quinze respostas, localizáveis em todos os pontos de inquérito, há sete proferições masculinas e oito femininas, das quais nove foram mencionadas por sujeitos com mais de 50 anos e seis por jovens, de 18 a 40 anos. É interessante ainda observar que nas cidades de Sinop e de Vera nenhum jovem, de 18 a 40 anos, deu como resposta *carreador*, por outro lado, na cidade de Cláudia nenhum sujeito acima de 50 anos trouxe este item lexical como possibilidade de resposta a esta questão.

Salienta-se, também, a grande quantidade de não-respostas atribuídas pelos entrevistados à pergunta 16, ou seja, oito respondentes, sendo três homens e três mulheres do município de Sinop e duas mulheres de Vera, não souberam dar nenhuma resposta ao enunciado desta pergunta. Destes respondentes, só um tem mais de 50 anos e sete são jovens, de 18 a 40 anos.

4.3.4 Terra/Sítio/Roça/Fazenda/Chácara/Colônia/Gleba

17) ...a área que é preciso ter ou comprar para se cultivar plantações ou se investir em pecuária?

Tabela lexical 17

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal								Total
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
área	1			2	2			1	1			1			1	2	2	1	2				1		08
campo		1														1									01
chácara	3	2	4	4	2		1	1	2	1	1	2	1	1		1	7	6	3	1	3	3	1	2	26
chacara								1				1	1		1					1		1	1	1	04
chacrinha						1							1						1						02
chão			1													1									01
colônia	1		1													2									02
coloninha														1										1	01
fazenda	4	3	3	4	1	2	2	2	2	2	2	2	2	1	2	2	7	7	3	4	4	4	4	3	36
fazendinha						1								1					1					1	02
gleba				1						2							1			2					08
latifúndio			1													1									01
loteamento						1													1						01
sítio														1										1	01
sítio	4	3	3	4	2	2	2	2	1	2	1	2	2	1	2	2	7	7	4	4	2	4	4	3	37
sítiozinho						1	1												1	1					02
terra			2	3			1				2			1		1	2	3	1		2			2	10
terreno				1					1	1	1						1			2	1				04
TOTAL	13	9	15	19	8	6	8	7	7	6	10	7	6	9	4	7	28	28	16	13	17	13	10	16	141

Fonte Direta

TEMA:terra/sítio/roça/fazenda/chácara/colônia/gleba

CARTOGRAMA 17

PERGUNTA:...a área que é preciso ter para se cultivar plantações ou se investir em pecuária?

Conforme a Tabela 17, transposta para o Cartograma 17, o item lexical mais utilizado para responder a pergunta 17, com trinta e seis respostas, foi *fazenda*, o qual coincide com um dos temas que engendrou esta questão. Há, nos quatro pontos de inquérito, como frequência, exatamente o mesmo número de respostas dadas por homens e por mulheres, dezoito, sendo dezessete destas respostas proferidas por respondentes com mais de 50 anos e dezenove por jovens, de 18 a 40 anos. Localiza-se, ainda, nos dados coletados, a variante de grau diminutivo deste substantivo, *fazendinha*, dada como resposta por um entrevistado masculino, acima de 50 anos, da cidade de

Vera, e por um sujeito feminino, também acima de 50 anos, do município de Santa Carmem.

Salienta-se que esta questão 17 *...a área que é preciso ter ou comprar para se cultivar plantações ou se investir em pecuária?* traz, pela sua abrangência de compreensão semântica, sete itens lexicais/tema, que são respectivamente: *terra/sítio/roça/fazenda/chácara/colônia/gleba*, dos quais apenas o item *roça* não consta dentre as respostas trazidas pelos sujeitos.

Por sua vez, o item lexical/tema *sítio* aparece como segunda maior ocorrência, trinta e cinco vezes, distribuídas entre dezoito menções de mulheres e dezessete de homens, pelos quatro pontos em estudo. Dessas menções, dezessete foram feitas por sujeitos acima de 50 anos e dezoito por jovens, de 18 a 40 anos. Este item apresenta igualmente variantes de grau diminutivo, *sitinho* e *sitiozinho*; a primeira falada só por uma mulher, acima de 50 anos, de Santa Carmem, e a segunda dita por uma entrevistada com mais de 50 anos e por um jovem, de 18 a 40, ambos de Vera.

O item lexical/tema *chácara*, que desponta como terceira maior ocorrência, apresenta vinte e seis respostas divididas entre os respondentes, quatorze manifestadas por homens e doze por mulheres, nas quatro cidades de pesquisa. Dessas manifestações, doze foram expressas por sujeitos acima de 50 anos e quatorze por jovens, de 18 a 40 anos. Exibem-se, do mesmo modo, variantes para este item, uma fonética, a que evidencia síncope, *chacra*, dada como resposta por três jovens do sexo feminino, de 18 a 40 anos, uma de Vera, uma de Cláudia e uma de Santa Carmem, assim como por um homem, acima de 50 anos, de Santa Carmem; e outra fonético-morfológica, a que além de síncope se revela diminutiva, *chacrinha*, propalada por um jovem, de 18 a 40 anos, de Vera, e por uma mulher, acima de 50 anos, de Santa Carmem.

O item lexical/tema *terra* se manifesta dez vezes entre as respostas dos sujeitos em análise, também nos quatro municípios pesquisados, e foi disseminado em igual quantidade pelos entrevistados masculinos e femininos, com cinco respostas de cada gênero.

Já o item lexical/tema *gleba* foi pronunciado somente por jovens, de 18 a 40 anos: uma moça de Sinop e dois rapazes de Cláudia.

Finalmente, o item lexical/tema *colônia* se mostra nas respostas de dois respondentes masculinos, um acima de 50 anos e um entre 18 a 40 anos, ambos de

Sinop; uma variante de grau diminutivo também aparece para este item, *coloninha*, tendo sido exposta unicamente por uma mulher, acima de 50 anos, de Santa Carmem.

4.3.5 Plaina

18) Diz-se para a terra que se apresenta sem desigualdade, sem elevação?
Tabela lexical 18

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Faixa Etária	Acime de 50 anos		18/40 anos		Acime de 50 anos		18/40 anos		Acime de 50 anos		18/40 anos		Acime de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia / Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
chatão	1														1										01
chato	1														1										01
parelha										1										1					01
plaina	1	1		2			2		1	1	1	1	1	1			1	3	2	2	2	1	1		12
plainice									1												1				01
plaininha	1														1										01
plainura		1														1									01
plana	1	2	3	2	1	1	1	1	1	2	1	1	1		2	2	4	4	2	2	2	3	3	2	22
planada						1															1				01
planície	1		1					1									2			1					03
praina	1	1															1	1							02
prana	1				1	1							1				1		1	1			1		04
retão				1																					01
TOTAL	8	5	4	5	2	3	3	2	3	3	3	2	2	2	2	2	12	10	5	5	6	5	4	4	51

Fonte Direta

Segundo as respostas da questão 18 *Diz-se para a terra que se apresenta sem desigualdade, sem elevação?*, elencadas tanto no Cartograma quanto na Tabela, é possível observar que o item lexical de maior uso entre os entrevistados foi *plana*, uma variante fonética do item/tema desta questão, a qual é acrescida de epêntese, *plaina*.

Foram vinte e duas proferições de *plana*, distribuídas igualmente entre menções femininas e masculinas, onze, das quais nove foram expressas por sujeitos com mais de 50 anos e treze por jovens, de 18 a 40 anos, em todos os pontos de inquérito. Encontrase também, nos dados transcritos, falada por quatro sujeitos acima de 50 anos, um homem de Sinop, um casal de Vera e uma mulher de Santa Carmem, a variante fonética de *plana*, *prana*, fenômeno que se designa rotacismo. Convém enfatizar que, de acordo com Cox,

O rotacismo é um fenômeno de largo espectro nas variedades rurais e urbanas de português faladas atualmente no Brasil. É também um processo fonológico que acompanhou toda a história da língua na Península Ibérica e para além dela, em sua expansão pelas terras de outros continentes. Não é improvável que se trate de uma derivação fonológica pré-românica, pois o Appendix Probi (Séc. III d.C.) registra pelo menos um caso de rotacismo entre seus pares de “certo” e “errado” (*flagellum non fragellum*). (COX, 2005, p.101).

O item lexical/tema *plaina*, por sua vez, aparece como segunda resposta mais utilizada entre os entrevistados, doze manifestações, que se propagam nos quatro municípios pesquisados e se mostram divididas em igual número entre os dois gêneros, com seis respostas entre ambos, tendo sido exatamente esta a distinção numérica entre as respostas mencionadas por respondentes com mais de 50 anos e por jovens, de 18 a 40 anos, seis de cada faixa etária. Este item, semelhantemente, apresenta uma variante fonética, o rotacismo *praina*, dito por um casal, acima de 50 anos, da cidade de Sinop. Como se pode ver, nos dados, o fenômeno do rotacismo se evidencia nas respostas *prana* e *praina* pronunciadas apenas por sujeitos acima de 50 anos. Destaca-se, ainda, nas respostas dadas, a variante morfológica de grau diminutivo, *plaininha*, proferida unicamente por um homem, acima de 50 anos, de Sinop.

4.3.6 Cerrado

19) ...região ou terreno em que ocorrem longos períodos de seca e em que há uma vegetação caracterizada por árvores baixas, retorcidas, de casca grossa, espaçadas entre si e que levam por baixo tapete de gramíneas? (Aurélio, 1986, p.384).

Tabela lexical 19

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total			
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop	Vera	Cláudia	Santa Carmem	Municípios			
Idade Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios			
agreste				1												1					01			
caatinga			2					1	1			1	1		1		2		1	1	1	07		
campo						1							1						1		1	02		
capoeirão											1									1		01		
carrascá		1														1						01		
cerrado	4	1	4	3	1		2	2	2	2	2	1	2	2	2	2	8	4	3	2	4	3	4	32
quiçaga		1																1						01
sertão	1												1				1					1		02
não soube responder		1			1	1	1										2	1	1					04
TOTAL	5	4	6	5	2	2	2	3	3	2	3	2	5	2	3	2	11	9	4	5	4	3	4	51

Fonte Direta

TEMA:cerrado

PERGUNTA:...região ou terreno em que ocorrem longos períodos de seca e em que há uma vegetação caracterizada por árvores baixas, retorcidas, de casca grossa, espaçadas entre si e que levam por baixo tapete de gramíneas?(Aurélio, 1986, p.384)

CARTOGRAMA 19

Como se pode verificar, tanto na Tabela quanto no Cartograma 19, a maior ocorrência de respostas é do item lexical *cerrado*, que aparece trinta e duas vezes, nas quatro cidades pesquisadas. Este item coincide com o tema da questão 19 *...região ou terreno em que ocorrem longos períodos de seca e em que há uma vegetação caracterizada por árvores baixas, retorcidas, de casca grossa, espaçadas entre si e que levam por baixo tapete de gramíneas?*

Com relação à frequência, destaca-se um número maior de respostas masculinas, dezenove, *versus* treze femininas, das quais quatorze foram mencionadas por sujeitos com mais de 50 anos e dezoito por jovens, de 18 a 40 anos. Ressalto, ainda, que no município de Vera nenhuma mulher acima de 50 anos trouxe *cerrado* como resposta a esta questão.

4.3.7 Peões/Peãozada/Pinhonzada/Piãozada

20) ...homens que são contratados para trabalhar em fazendas, não mantêm moradia fixa, são geralmente isolados de parentes ou família, e, às vezes, recrutados em outros Estados?

Tabela lexical 20

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total					
País Etnia	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios	
Lexia SEXO	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios	
acampados									1													1			01	
boiadeiros										1													1		01	
boiás-frás	1					1		1		2				1	1		1		1	1	2		1	1	07	
braçais							1												1						01	
camaradas						1														1					01	
campeiros														1										1	01	
camponeses																1							1		01	
castanheiros	1																		1						01	
cerradores														1										1	01	
diaristas	2		1						1			1	1	1			3					1	1	1	1	07
empregados																1							1		01	
funcionários		1																		1					01	
guachebas							1													1					01	
peões	4	4	4	4	2	1	2	2	2	2	2	1	2	1	1	2	8	8	4	3	4	3	3	3	36	
pinhonzada						1															1				01	
trabalhador temporário			1														1								01	
TOTAL	8	5	6	4	2	4	3	2	6	3	2	2	3	3	4	2	14	9	7	6	8	3	7	7	63	

Fonte Direta

TEMA: peões/peãozada/pinhonzada/piãozada

PERGUNTA: ... homens que são contratados para trabalhar em fazendas, não mantêm moradia fixa, são geralmente isolados de parentes ou família, e, às vezes, recrutados em outros estados ?

CARTOGRAMA 20

Como podemos observar tanto na Tabela 20 quanto no Cartograma 20, a questão 20 traz, de acordo com as respostas registradas, como norma de uso na comunidade linguística pesquisada o item lexical *peões*, com trinta e seis respostas proferidas entre os sujeitos nos quatro pontos de inquérito. Destas respostas, dezenove foram mencionadas por homens e dezessete por mulheres, divididas em igual número de

atribuições responsivas feitas por sujeitos com mais de 50 anos e por jovens, de 18 a 40 anos, dezoito respostas de cada faixa etária. *Peões* é integrante temático desta questão ...homens que são contratados para trabalhar em fazendas, não mantêm moradia fixa, são geralmente isolados de parentes ou família, e, às vezes, recrutados em outros Estados?.

Já os itens lexicais/tema *peãozada* e a variante fonética que apresenta substituição da vogal média-alta /e/ pela vogal alta /i/, *piãozada*, não aparecem, como podemos verificar nos dados assinalados acima, entre as respostas dadas pelos entrevistados de nenhum município em estudo.

Quanto ao item lexical/tema *pinhonzada*, se manifestou só uma vez, na cidade de Vera, dito pela respondente acima de 50 anos, V4 F, a mesma que utilizou tal item no relato de experiência pessoal, tendo sido então abstraído para compor inicialmente o tema e, em seguida, a elaboração do enunciado da pergunta 20.

Segue, abaixo, o fragmento relacionado ao contexto de utilização de *pinhonzada*:

Tinha acho que era 19 km onde nós morava, na Vera. Na Carmem não adiantava nem ir; na Vera, ia a pé, e os homem, que veio em três sócios, então meu pai, pra não saí algum dos homem pra não descontrolá, nós que ia pra fazê compra, pegá carona na BR. As mulher, as mulher pega carona. Aqueles tempo era muita **pinhonzada** que vinha de fora. (V4 F).

4.3.8 Gato

21) ...o homem intermediário entre a _____ (cf. item 20) e o empreiteiro, que contrata com os fazendeiros trabalhos de queima, desmatamento, plantio etc. (Aurélio, 1986, p.840).

Tabela lexical 21

Localidade	Sinop				Vera				Céudio				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Céudio		Santa Carmem		Municípios
Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
Administrador				1														1							01
Carpinteiro	1	1	1	2			1		2	1				1	2	3	1		2	1		1			10
Chefe							1		1								1		1						02
Contratado r	1																1								01
Encarregado			1														1								01
Gato	3	4	2	1	1	1	2		1	1	1		2	2	1	1	3	3	3	1	2	1	3	3	23
Gerente de fazenda			1	2		1			1	1					1		1	2		1	1	1	1		07
Intermediário	1																1								01
Subaqueleiro	1																1								01
Não soube responder			1	1	1		1				2				1	1	1	1	1	1	2		1		07
TOTAL	7	9	6	7	2	2	3	2	3	4	2	2	2	2	2	3	13	12	9	4	9	6	4	9	34

Fonte Direta

TEMA:gato

CARTOGRAMA 21

PERGUNTA:....o homem intermediário entre a/os....(cf. item 20)e o empreiteiro, que contrata com os fazendeiros trabalhos de queima , desmatamento, plantio etc.(Aurélio, 1986, p.840)

Conforme a Tabela 21, transposta para o Cartograma 21, o item lexical de maior uso em todos os quatro municípios pesquisados selecionado para responder a pergunta 21 *...o homem intermediário entre a_____ (cf. item 20) e o empreiteiro, que contrata com os fazendeiros trabalhos de queima, desmatamento, plantio etc.,* com vinte e três respostas, foi *gato*, o qual coincide com o item/tema desta pergunta. Como frequência, há treze respostas evidenciadas entre os homens e dez entre as mulheres. Destaca-se que este item lexical/norma se manifestou em maior proporção entre as respostas de homens e de mulheres acima de 50 anos, quinze, *versus* oito faladas por jovens, de 18 a 40 anos.

Ressalto, também, a grande quantidade de não-respostas atribuídas pelos entrevistados ao enunciado da questão supracitada, ou seja, sete respondentes não souberam dar nenhuma resposta a esta questão: dois homens e cinco mulheres, sendo seis destes respondentes jovens, de 18 a 40 anos, e tão somente um com mais de 50 anos, distribuídos por todos os pontos de inquérito.

4.3.9 Empreitada

22) **...tarefa ou trabalho por conta de terceiros, geralmente com o tempo estipulado e com o valor do pagamento combinado antecipadamente e só efetuado ao final?**

Tabela lexical 22

Forfe Direta

CARTOGRAMA 22

e com o valor do pagamento combinado antecipadamente e só efetuado ao final?

223

com mais de 50 anos e apenas quatro por jovens, de 18 a 40 anos. Observa-se que, de acordo com os dados disponibilizados acima, localizam-se duas variantes fonéticas de *empreita*: a que ressalta lambdacismo, *empleita*, que se exhibe seis vezes, nas respostas de duas mulheres, acima de 50 anos, e de um jovem, de 18 a 40 anos, de Cláudia, bem como na de um homem com mais de 50 anos, e nas de dois jovens, de 18 a 40 anos, de Santa Carmem; e a que, além do fenômeno lambdacismo apresenta metátese, *empeleita*, a qual despontou na resposta de somente uma mulher, acima de 50 anos, da cidade de Santa Carmem.

Acentua-se que este fenômeno de troca do R pelo L, conforme Bagno, vem:

[...] do nome grego da letra L, *lambda*. O lambdacismo ocorre em algumas variedades regionais brasileiras, em que se pronuncia “telça”, “calvão”, “celveja”, para o que se escreve TERÇA, CARVÃO, CERVEJA. A troca de R por L só ocorre em alguns contextos fonéticos específicos, isto é, não é todo R que se pronuncia como L. (BAGNO, 2007, p.218, grifos do autor).

Já o item lexical/norma, *terceirizado*, evidencia-se com cinco respostas masculinas e sete femininas, tendo sido dez dessas respostas efetuadas por jovens, de 18 a 40 anos, *versus* só duas menções expressas por sujeitos acima de 50 anos. Há, nos dados, também uma variante morfológica deste item, a que mostra alteração sufixal, *terceirização*, proferida unicamente por uma entrevistada jovem, de 18 a 40 anos, de Cláudia.

Quanto ao item lexical/tema, *empreitada*, este aparece como segunda maior ocorrência, nove vezes, manifestadas entre os sujeitos de três dos quatro municípios em estudo, Sinop, Vera e Santa Carmem. Em Sinop, cinco homens, três acima de 50 anos e dois de 18 a 40 anos, responderam *empreitada*, enquanto em Vera, um casal com mais de 50 anos, apresentou este item como resposta, e, em Santa Carmem, duas jovens, de 18 a 40 anos, falaram-no. Encontra-se, do mesmo modo, no conjunto de informações supracitado, uma variante fonética deste item lexical que expõe lambdacismo, *empleitada*, com uma única ocorrência em Santa Carmem, dita por um jovem, de 18 a 40 anos.

4.3.10 Derrubada/Derrubar/Desmatação/Abrir/Desmate/Desmatar/Limpar

23) ...a ação de retirar o mato que recobre uma terra ou terreno e que destrói as florestas?

Tabela lexical 23

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal								Total	
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios	
Lexia SEXO	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios	
degradar	1														1										01	
derrubar													1											1	01	
derrubada	3	2	1	2	1	1	1		1	2	2	1	1		1	1	4	4	2	1	3	3	2	1	20	
derrubar	1	2	1	1		1							1			2	3		1					1	07	
desmatamento													1											1	01	
desmatamento	1		2	2			1	2			1		2	1		1	1	3	2	1	2		3	2	1	14
desmatar	2			2					1	1	1			1	1		2	2			2	1	1	1	09	
desmate			1			1		1		1					1	1			1	2				1	05	
destruição		1															1								01	
extração de madeira				1	1								1				1	1					1		08	
retirar a mata	1																1								01	
roçada						1														1					01	
roçar	1	1				1					1						1	1		1		1			04	
tiração de tora	1																1								01	
não soube responder					1														1						01	
TOTAL	11	6	6	8	2	4	3	2	3	4	4	4	3	4	3	3	17	14	5	6	7	8	6	7	70	

Fonte Direta

TEMA: derrubada/derrubar/desmatação/abrir/desmate/desmatar/limpar

CARTOGRAMA 23

PERGUNTA: ...a ação de retirar o mato que recobre uma terra ou terreno e que detrói as florestas?

De acordo com a Tabela 23, transposta para o Cartograma 23, o item lexical mais utilizado para responder a pergunta 23, com vinte respostas, foi *derrubada*, o qual coincide com um dos temas que engendrou esta pergunta. Há, nos quatro pontos de inquérito, como frequência, onze respostas masculinas e nove femininas, mesma

quantificação numérica esta que distingue as atribuições responsivas feitas por sujeitos com mais de 50 anos e por jovens, de 18 a 40 anos, onze daqueles e nove destes.

Localiza-se, também, conforme os dados coletados, uma variante morfológica deste substantivo, o verbo no infinitivo *derrubar*, dado como resposta por sete entrevistados, cinco de Sinop, sendo um homem e duas mulheres acima de 50 anos, assim como um casal de jovens, de 18 a 40 anos; e, ainda, por duas mulheres com mais de 50 anos, uma de Vera e uma de Santa Carmem. *Derrubar* deixa também despotar outra variante, esta fonética, a que apresenta substituição da vogal alta em posição pretônica /u/ pela também alta /i/, *derribar*, manifestada unicamente por uma mulher, acima de 50 anos, de Santa Carmem.

Salienta-se que a questão 23 *...a ação de retirar o mato que recobre uma terra ou terreno e que destrói as florestas?* exibe, pela sua grande possibilidade de interpretação semântica, sete itens lexicais/tema, que são respectivamente: *derrubada/derrubar/desmatação/abrir/desmate/desmatar/limpar*, dos quais *abrir* e *limpar* não constam nas respostas dos sujeitos. Todavia, enfatizo que, nas narrativas de experiência pessoal, estes itens foram trazidos ao corpo enunciativo com sentidos que englobam o conceito/resposta desta questão, como se pode ver nos fragmentos abaixo:

- O começo foi aqui. Santa Carmem tinha um começo, mas aquilo lá ficou parado, aí quando começô **abri** Sinop, aí parô as outras tudo. (V3 M).
- Não, era muito ruim lá. Era só mato. Vamos dizê, ele fez um rancho lá, que nós coloquemo um empregado lá pra começá a **abri**, depois nós plantemo café. Aí quando abriu, que abriu tudo, plantemo café lá e não deu certo; a plantação de café aqui não deu. (S13 F).
- É, aí ia abrindo. Queria **abri**, é. Ali em cima, onde nós fomo, que alugemo aquele mato ali, o Neri tinha derrubado muitos alqueire ali de mato pra fazê, formá pasto, pra fazê lavora também, granja de animais. (S15 M).
- Esses viado, tatu, essas coisas, porque era mato de um lado e outro. Só tinha um pedaço **limpo** aqui, o resto era tudo mato. (V2 F).
- Alguns tinha mato, mas pouco mato. A maioria era lote meio já tirado. Algum tinha que pegá e **limpá** um tanto e daí construí, mas era tudo meio aberto. (S15 M).

- E ninguém sabia de nada e foi derrubando, foi **limpando**. (C18 M).

Com relação ao item lexical/tema *desmatar*, aparece com nove ocorrências distribuídas entre quatro menções de mulheres e cinco de homens, tendo sido cinco destas menções efetuadas por respondentes com mais de 50 anos e quatro por jovens, de 18 a 40 anos, em três das quatro cidades em estudo, Sinop, Cláudia e Santa Carmem. Este item apresenta igualmente variantes morfológicas, o substantivo primitivo *desmate* e o substantivo que evidencia acréscimo de sufixo, *desmatação*, ambos integrantes do tema de 23; o primeiro foi proferido por um jovem, de 18 a 40 anos, de Sinop, por um jovem, de 18 a 40 anos, de Vera, por um homem, acima de 50 anos, e por um jovem, de 18 a 40 anos, ambos de Cláudia, e, ainda, por uma jovem, de 18 a 40 anos, de Santa Carmem; e o segundo foi dito apenas por uma mulher, acima de 50 anos, do município de Santa Carmem.

Há, também, nos dados, a variante morfológica que mostra alteração sufixal, *desmatamento*, a qual, apesar de não constar dentre os itens lexicais/tema da questão supracitada, apresenta-se como segunda maior ocorrência, em seis respostas faladas por homens e oito por mulheres. Destas respostas, tão somente três foram expressas por sujeitos com mais de 50 anos, *versus* onze proferições feitas por jovens, de 18 a 40 anos, nos quatro pontos de pesquisa.

4.3.11 Queimado/Seco

24) Como fica o local que foi destruído pelo fogo, geralmente com o propósito de preparar o solo para semear ou plantar?

Tabela lexical 24

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Pais Etnia	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
destruído		1								1						1				1					02
limpo	1			1	1											1	1	1							03
negro				1												1									01
preto				1												1									01
queimado	3	3	4	3	1	2	2	2	2	2	2	2	1	2	2	2	7	6	3	4	4	4	3	4	39
queimado													1										1		01
seco				1		1										1		1							02
TOTAL	4	4	4	7	2	3	2	2	2	3	2	2	2	2	2	2	8	11	4	5	4	5	4	4	49

Fonte Direta

TEMA:queimado/seco

PERGUNTA:Como fica o local que foi destruído pelo fogo, geralmente com o propósito de preparar o solo para semear ou plantar?

CARTOGRAMA 24

Respectivamente, a Tabela e o Cartograma 24 mostram que o item lexical de maior ocorrência para a pergunta *Como fica o local que foi destruído pelo fogo, geralmente com o propósito de preparar o solo para semear ou plantar?* é *queimado*, o qual corresponde a um dos itens/tema desta questão. *Queimado* aparece em trinta e cinco respostas. Com relação à frequência, destacam-se dezoito respostas femininas contra dezessete masculinas, das quais dezesseis foram mencionadas por sujeitos com mais de 50 anos e dezenove por jovens, de 18 a 40 anos, em todas as quatro cidades pesquisadas. Há, ainda, nos dados coletados, uma variante fonética de *queimado*, a que exhibe síncope, *quemado*, proferida só por um homem, acima de 50 anos, de Santa Carmem.

Já o item lexical/tema *seco* se evidencia em duas respostas dadas por uma jovem, de 18 a 40 anos, do município de Sinop, e por uma mulher, acima de 50 anos, de Vera.

4.3.12 Fumaça

25) ...grande massa de vapor acinzentado que sobe de coisa queimada? (Aulete Online).

Tabela lexical 25

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Total
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios								
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios						
bafo da terra														1											1		01						
cinza		1	1	3		2			2	1			2			1	1	4		2	2	1	2	1			13						
fuligem				2													2										02						
fumaça	4	4	4	2	1		1	2	1	2	2	2	1		2	1	8	6	2	2	3	4	3	1			29						
fumacinha							1												1								01						
labareda		1				1											1		1								02						
lavareda					1														1								01						
mormaço		1											1				1							1			02						
quentura						2														2							02						
vapor						1		1	1				1	1		2			1	1	1	1	1	3			07						
não soube responder														1										1			01						
TOTAL	4	7	5	7	2	5	3	2	4	4	2	2	4	4	2	4	9	14	5	7	6	6	6	8			61						

Fonte Direta

TEMA:fumaça

PERGUNTA:...grande massa de vapor acinzentado que sobe de coisa queimada?(Aulete online)

CARTOGRAMA 25

Como podemos verificar, tanto na Tabela 25 quanto no Cartograma 25, o item lexical *fumaça*, tema desta questão *...grande massa de vapor acinzentado que sobe de coisa queimada?*, destaca-se como o de maior uso entre os entrevistados em todos os pontos de inquérito. Nas vinte e nove respostas dadas, manifestam-se dezesseis entre os homens e treze entre as mulheres, mesma quantificação numérica esta que distingue as respostas mencionadas por sujeitos com mais de 50 anos e por jovens, de 18 a 40 anos, treze daqueles e dezesseis destes.

Há, também, nos dados assinalados acima, uma variante morfológica de grau diminutivo deste item/norma, *fumacinha*, dita unicamente por um jovem, de 18 a 40 anos, da cidade de Vera.

4.3.13 Destoca

26) ...o processo de arrancar os tocos ou cepos de árvores após a _____ (cf. item 23) da floresta para fins de lavoura ou construção? (Aurélio, 2004, p.577).

Tabela lexical 26

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
arrancar raiz		1		3		1			1						1			4		1	1		1		07
arrastão											1										1				01
catação	1	1	3		1		1		2			1	1				4	1	2		2	1	1		11
catar raiz		1	2			1	2		1						2	2	1	2	1	1				2	08
desbastação									1												1				01
destoca	3	2		1	2	1	1		2	1	2	1	2	1	1		3	3	3	1	4	2	3	1	20
destocamento															1								1		01
encorvarar													1											1	01
extração de raiz			1						1								1				1				02
juntar			1										1				1							1	02
rançar os tocos	1		1								1						2				1				08
remover				1														1							01
retirada de lenha				1														1							01
tirar os tocos	1		1	1				1		1							2	1		1	1				05
não soube responder								1												1					01
TOTAL	6	3	9	7	3	3	4	2	7	3	2	4	3	3	3	2	15	12	7	3	9	7	6	3	66

Fonte Direta

TEMA:destoca

CARTOGRAMA 26

PERGUNTA:...o processo de arrancar os tocos ou cepos de árvores após a/o

(cf. item 23)da floresta para fins de lavoura ou construção?(Aurélio, 1986,p.577)

Na Tabela 26, como também se pode verificar no Cartograma 26, a maior ocorrência é do item lexical *destoca*, que aparece em vinte respostas, em todos os quatro municípios pesquisados, a qual coincide com o tema da questão 26 ...o processo de arrancar os tocos ou cepos de árvores após a _____(cf. item 23) da floresta para fins de lavoura ou construção?. Quanto à frequência, destaca-se um número maior de respostas expressas pelos homens, treze, *versus* sete pelas mulheres, do mesmo modo evidencia-se uma maior quantificação de respostas trazidas pelos sujeitos com mais de 50 anos, quatorze, contra seis menções feitas pelos jovens, de 18 a 40 anos.

Este item/tema apresenta, também, dentre as respostas dadas, uma variante morfológica, a que exhibe acréscimo de sufixo, *destocamento*, falada tão somente por um jovem, de 18 a 40 anos, da cidade de Santa Carmem.

4.3.14 Ramado/Cheiro de estopa

27) Como se apresenta o solo logo no início após a _____(cf. item 26) em função das raízes das árvores?

Tabela lexical 27

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total					
País Estado	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop	Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios		
Idade Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios	
Asperno					1									1				1					1		02	
bruto					2													2							02	
cheiro de brotação									1												1				01	
cheiro de estopa		1															1								01	
cheiro de raiz	1					1	1		1						1		1		1	1	1		1		03	
com raiz no					1	1												1	1						02	
com raízes mortas					1												1								01	
degradado			1														1								01	
desigual	1																1								01	
desnivado	1												1				1					1			02	
enraizado tofinho									1				1							1		1			02	
tofo					1													1							01	
tofo	1																1								01	
sujo			2			1						1					2		1		1				04	
trameado de raiz									1												1				01	
não soube responder	2	3	1	3			1	2			2	1	1	1	1	1	2	3	6	1	2	1	3	2	3	21
TOTAL	6	4	4	4	3	3	2	2	4	2	2	2	2	2	2	2	10	8	7	3	6	4	4	4	48	

Fonte Direta

PERGUNTA: Como se apresenta o solo logo no início após a (cf. item 26) em função das raízes das árvores?

Conforme a Tabela 27, transposta para o Cartograma 27, há vinte e um sujeitos que não souberam responder a pergunta 27 *Como se apresenta o solo logo no início após a _____ (cf. item 26) em função das raízes das árvores?*. Dessa forma, o número de não atribuições responsivas representa a maior ocorrência para esta pergunta, nos quatro municípios em análise. Quanto à frequência, encontra-se um total maior de não-respostas femininas, quatorze, *versus* sete masculinas, das quais nove são de sujeitos com mais de 50 anos e doze de jovens, de 18 a 40 anos.

A expressão *cheio de raiz*, que não corresponde ao tema da questão supracitada, apresenta-se como segunda maior ocorrência, com apenas cinco respostas distribuídas, todavia, por todos os pontos de inquérito: em Sinop foi falada por um homem, acima de 50 anos, em Vera por uma mulher com mais de 50 anos e por um jovem, de 18 a 40 anos, em Cláudia por um homem, acima de 50 anos, e em Santa Carmem por um jovem, de 18 a 40 anos.

Já a expressão/tema *cheio de estopa* aparece somente em uma resposta, proferida por uma mulher com mais de 50 anos da cidade de Sinop; enquanto o item lexical/tema *ramado* não se evidencia em nenhuma das respostas dadas pelos sujeitos, nem mesmo pelo entrevistado masculino de Cláudia, C17 M, responsável por este tema do enunciado de 27, de acordo com o seguinte fragmento do seu relato de experiência

peçoal: “É, é, tinha que queimá mais a terra, porque era muita acidez, muito **ramado** de raiz embaixo. Não dava pra plantá, era pura raiz.” C17 M, por sua vez, atribuiu como respostas a esta questão: *enraizado e tramado de raiz*.

4.3.15 Leras

28) ...os montes alinhados que se fazem após a/o _____(cf. item 23) de raízes, troncos e restos vegetais, que posteriormente serão destruídos pelo fogo ou tirados da área a ser cultivada?

Tabela lexical 28

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
ajuntadão						1														1					01
edificacões	4					1								1		4				1			1		06
fileiras						1														1					01
ileiramento								1												1					01
leras	3	4	2	1	2	1	2		2	2	2	2	2	2	1	1	5	5	4	1	4	4	3	3	29
montes				1												1		1					1		02
pilhas				2														2							02
não soube responder			2	1				1									2	1		1					04
TOTAL	7	4	4	5	2	4	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	11	9	4	6	4	4	4	4	46

Fonte Direta

De acordo com a Tabela 28, transposta para o Cartograma 28, o item lexical mais utilizado pelos sujeitos nos quatro pontos de inquérito para responder a pergunta 28 ...os montes alinhados que se fazem após a/o _____(cf. item 23) de raízes, troncos e restos vegetais, que posteriormente serão destruídos pelo fogo ou tirados da área a ser cultivada?, com vinte e nove respostas, foi *leras*, o qual confere com o item/tema desta pergunta. Como frequência, há dezesseis respostas masculinas e treze femininas, das quais dezoito foram mencionadas por sujeitos com mais de 50 anos e onze por jovens, de 18 a 40 anos.

Localizam-se, ainda, nos dados assinalados acima, duas variantes morfológicas de *leras*, ambas simultaneamente acrescidas de prefixo e sufixo, que são respectivamente: *enleiramento* e *ileiramento*. A primeira foi proferida por quatro homens, acima de 50 anos, da cidade de Sinop, por uma mulher com mais de 50 anos de Vera, e por um jovem, de 18 a 40 anos, do município de Santa Carmem. Já a segunda foi falada por apenas uma jovem, de 18 a 40 anos, de Vera.

4.3.16 Gradear

29) O que se costuma fazer, após arar a terra, para aplainar, nivelar o solo e deixá-lo pronto para receber o plantio?

Tabela lexical 29

Localidade	Sinop				Vera				Cáudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Pelo Etário	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cáudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
alinhamento									1													1			01
aplainar			2														2								02
aplanar					1													1							01
gradeação	1		1														2								02
gradear	3	1	2	1	2		2		2	1	1	2		2	1	3	2	4	1	3	4	1			20
nivelção													1											1	01
nivelamento		1							1		1						1				2				08
nivelar	1	2	2		1	1			2		2		1	1	1		3	2	1	1	4		2	1	14
passar gradeção													1									1			01
passar grade									1											1					01
passar nivelção									1											1					01
passar o resto									1				1							1			1		02
plainar			2			1			1		1						2			1	2				03
planar						1														1					01
preinar						1														1					01
não soube responder		1	1	1				2					1		1	1	2	2					2		07
TOTAL	3	3	3	4	3	3	2	2	6	4	4	2	4	4	3	2	13	9	3	7	10	6	7	6	63

Fonte Direta

TEMA:gradear

CARTOGRAMA 29

PERGUNTA:O que se costuma fazer após arar a terra,para aplainar,
nivelar o solo e deixá-lo pronto para receber o plantio?

O Cartograma 29, assim como a Tabela 29, confirmam a norma de uso, entre os sujeitos moradores do norte mato-grossense, do item lexical/verbo *gradear*, o qual coincide com o tema da questão 29 *O que se costuma fazer, após arar a terra, para aplainar, nivelar o solo e deixá-lo pronto para receber o plantio?*. Foram vinte respostas, distribuídas entre um número maior de atribuições masculinas, quatorze, contra apenas seis femininas, tendo sido, contudo, divididas em igual número entre as menções de sujeitos com mais de 50 anos e as de jovens, de 18 a 40 anos, dez de cada faixa etária, nos quatro municípios em estudo.

Aparece, nos dados elencados acima, uma variante morfológica deste item/tema, o substantivo acrescido de sufixo, *gradação*, dito só por dois homens, um acima de 50 anos e um de 18 a 40 anos, ambos da cidade de Sinop. Destacam-se, também, relacionadas ao item lexical *gradear*, as expressões *passar gradão*, falada por um homem, acima de 50 anos, de Santa Carmem, e *passar grade*, pronunciada por um entrevistado com mais de 50 anos, de Cláudia.

Saliento, ainda, a grande quantidade de não-respostas manifestadas pelos respondentes ao enunciado da pergunta supracitada, ou seja, sete sujeitos não souberam dar nenhuma resposta a esta pergunta: seis mulheres e tão somente um homem, sendo

cinco destes sujeitos jovens, de 18 a 40 anos, e dois acima de 50 anos, localizáveis nos pontos de Sinop, de Vera e de Santa Carmem.

4.3.17 Carpir

30) ...o ato de arrancar ou limpar mato, ervas daninhas, com enxada, de terras/terrenos?

Tabela lexical 30

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia SEXO	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
capinar	2	3	3	2	1		1	1	1			2	2			2	3	3	2	1	1	2	2	2	20
carpinar	1				1	1			1	1	2			1	1		1		1	1	3	1	1	1	08
carpir	3	3	3	3	1	2	2	1	1	2	2	2	1	2	2	2	6	6	3	3	3	4	3	4	32
não soube responder				1													1								01
TOTAL	6	6	6	6	3	3	3	2	3	3	4	4	3	3	3	4	12	12	6	3	7	7	6	7	62

Fonte Direta

TEMA:carpir

CARTOGRAMA 30

PERGUNTA:...o ato de arrancar ou limpar mato, ervas daninhas, com enxada, de terras/terrenos?

Na Tabela 30, como também se pode verificar no Cartograma 30, a maior ocorrência é do item lexical/verbo *carpir*, que aparece em trinta e duas respostas, nos quatro municípios pesquisados, e coincide com o tema da questão 30 ...o ato de arrancar ou limpar mato, ervas daninhas, com enxada, de terras/terrenos?. Com

relação à frequência, destaca-se um número maior de respostas femininas, dezessete, *versus* quinze masculinas, mesma quantificação numérica esta que distingue as menções feitas por sujeitos com mais de 50 anos e por jovens, de 18 a 40 anos, quinze daqueles e dezessete destes.

Como segunda maior ocorrência se evidencia o item lexical *capinar*, com vinte respostas dadas pelo mesmo número de sujeitos mulheres e homens, nos quatro pontos de inquérito, dez, tendo sido nove destas respostas expressas por respondentes acima de 50 anos e onze por jovens, de 18 a 40 anos. Encontra-se, ainda, nos dados elencados acima, a variante fonética de *capinar* que exhibe epêntese, *carpinar*, a qual se manifesta em nove proferições, de seis homens e de três mulheres, localizáveis, também, nas quatro cidades em análise. O curioso desta variante é que com o acréscimo da letra “r” ela se aproxima do radical do item/tema *carpir*, o que pode ser indício de uma confusão fonética e que tenha originado esta ‘nova’ variante.

4.3.18 Areia/Acidero/Acidez/Ácido

31) O que contém a formação do solo da região e que, principalmente no início da colonização, não permitia que as mudas e plantas se desenvolvessem bem?

Tabela lexical 31

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal						Total		
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Idade / Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
acidez	4	2	3			1			1		1			2	1	1	7	2		1	2		1	3	16
ácido	2	2	2		1	1		2	1	1			2	1		1	4	2	1	3	1	1	2	2	16
areia		2	3	4	1		2	1	1	2	2	2	1	1	1	1	3	6	3	1	3	4	2	2	24
argila	1			1						1	1	1			1		1	1			1	2	1		06
pedra								1												1					01
PH elevado			1													1									01
não soube responder																1								1	01
TOTAL	7	6	9	5	2	2	2	4	3	4	4	3	3	4	3	4	16	11	4	6	7	7	6	3	63

Fonte Direta

TEMA: areia/acidero/acidez/ácido

CARTOGRAMA 31

PERGUNTA: O que contém a formação do solo da região e que, principalmente no início da colonização, não permitia que as mudas e plantas se desenvolvessem bem?

Conforme podemos verificar na Tabela 31, ratificada pelo Cartograma 31, a maior ocorrência, com vinte e quatro respostas, foi do item lexical *areia*, o qual coincide com um dos temas de propositura desta questão *O que contém a formação do solo da região e que, principalmente no início da colonização, não permitia que as mudas e plantas se desenvolvessem bem?*. Há, como frequência, onze respostas masculinas e treze femininas, das quais oito foram mencionadas por respondentes com mais de 50 anos e dezesseis por jovens, de 18 a 40 anos, divididas entre todos os pontos de inquérito.

Quanto aos itens lexicais/tema *acidez* e *ácido*, ambos aparecem com dezesseis respostas. O primeiro se encontra distribuído entre seis manifestações de sujeitos femininos e dez de masculinos, mesma quantificação numérica esta que distingue as menções feitas por sujeitos acima de 50 anos e por jovens, de 18 a 40 anos, dez daqueles e seis destes; e o segundo se evidencia entre o mesmo número de citações femininas e masculinas, oito, tendo sido onze destas citações feitas por sujeitos com mais de 50 anos e cinco por jovens, de 18 a 40 anos. Ambos estes itens/tema localizam-se nos quatro municípios em análise.

Já o tema *acidero*, variante morfológica acrescida de sufixo do substantivo *ácido*, não aparece entre as respostas dadas pelos sujeitos em nenhum ponto da pesquisa.

4.3.19 Aclimatar

32) O que se teve que fazer, nos anos iniciais da colonização, com as sementes e mudas de plantio trazidas de outros Estados e regiões para adaptá-las ao solo e ao clima do norte de Mato Grosso?

Tabela lexical 32

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
aclimatar	1																1								01
adequação	1		1	1			1	2		1	1	1	1				2	1	1	2	1	2	1		10
adequar				1								1						1				1			02
campo experimental													1										1		01
centro de pesquisa															1								1		01
choque térmico												1										1			01
climatar									1													1			01
climatização	1																	1							01
climatizar	1	1																1	1						02
corrigir					2														2						02
enxerto	1		2	1							1						3	1			1				05
estufas			1								1						1	1			1			1	08
experiências															1								1		01
modificar				1															1						01
mudança genética			1														1								01
plantar mudas		1			1	1							1			1		1	1	1			1	1	05
quebra de dormência												1										1			01
selecionar							1						1						1				1		02
tratamento					1					1	1							1		1	1	1			08
viveiro	1		1			1								1	1		2			1			1	1	05
não soube responder	1	2		1		1			1					1		1	1	3		1	1			2	08
TOTAL	7	4	6	3	4	3	2	2	2	2	4	4	4	2	3	3	13	9	6	3	6	6	7	3	57

Fonte Direta

TEMA:aclimatar

CARTOGRAMA 32

PERGUNTA: O que se teve que fazer, nos anos iniciais da colonização, com as sementes e mudas de plantio trazidas de outros estados e regiões para adaptá-las ao solo e ao clima do norte de Mato Grosso?

De acordo com os registros da Tabela 32 e de seu respectivo Cartograma, verifica-se que o item lexical *adaptação*, de maior ocorrência entre as respostas dadas pelos entrevistados, não coincide com o item/tema de propositura da questão 32 *O que se teve que fazer, nos anos iniciais da colonização, com as sementes e mudas de plantio trazidas de outros Estados e regiões para adaptá-las ao solo e ao clima do norte de Mato Grosso?*. Dentre as dez respostas, localizáveis em todos os pontos de inquérito, há exatamente o mesmo número de menções entre homens e mulheres, cinco de cada gênero, das quais somente três foram expressas por sujeitos com mais de 50 anos e sete por jovens, de 18 a 40 anos.

Já o item lexical/tema, o verbo *aclimatar*, aparece apenas uma vez, proferido por um sujeito masculino, acima de 50 anos, de Sinop. Vale observar, todavia, que este item lexical apresenta três variantes: a que exhibe aférese, *climatar*, falada só por um homem, acima de 50 anos, da cidade de Cláudia; a que deixa afluir aférese e acréscimo de sufixo, *climatizar*, dita por um casal com mais de 50 anos de Sinop; e o substantivo agregado de sufixo, *climatização*, manifestado tão somente por um respondente, acima de 50 anos, igualmente do município de Sinop.

Salienta-se, ainda, a grande quantidade de não-respostas evidenciadas pelos entrevistados ao enunciado da questão supracitada, ou seja, oito sujeitos não souberam dar nenhuma resposta a esta questão: seis mulheres e dois homens, sendo dois destes sujeitos jovens, de 18 a 40 anos, e seis acima de 50 anos, distribuídos por todos os quatro pontos em análise.

4.3.20 Estercada/Adubada/Tratada

33) Como fica a terra depois que se coloca matéria orgânica, como excrementos de animais e pedaços de vegetais?

Tabela lexical 33

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Por Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
adubada	4	3	4	4	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	1	2	8	7	4	4	4	4	3	4	38
boa							1								1				1				1		02
com rigidez este não se													1										1		01
fértil	3	1		1	2		1	2	2		2	2	2		1	2	3	2	3	2	4	2	3	2	21
forte		1								1		1			1	1		1				2	1	1	05
orgânica	1				1												1		1						02
preparada	1												1			1							1	1	02
produtiva															1									1	01
rica				1													1								01
Total	9	3	3	3	3	2	4	4	4	3	4	3	6	3	4	7	14	10	9	6	8	8	10	10	73

Fonte Direta

TEMA:estercada/adubada/tratada

CARTOGRAMA 33

PERGUNTA:Como fica a terra depois que se coloca matéria orgânica,
como excrementos de animais e pedaços de vegetais?

De acordo com a Tabela 33, transposta para o Cartograma 33, o item lexical mais utilizado para responder a pergunta 33, com trinta e oito respostas, foi *adubada*, o qual coincide com um dos temas que engendrou esta pergunta. Dessa forma, observa-se que somente uma mulher, acima de 50 anos, de Sinop, e um jovem, de 18 a 40 anos, de Santa Carmem, não deram *adubada* como resposta ao enunciado *Como fica a terra depois que se coloca matéria orgânica, como excrementos de animais e pedaços de vegetais?*.

O item lexical/tema *estercada* aparece como segunda maior ocorrência, vinte e uma vezes, igualmente localizáveis em todos os quatro municípios em estudo. Foram treze respostas masculinas e oito femininas, das quais dez foram mencionadas por respondentes com mais de 50 anos e onze por jovens, de 18 a 40 anos.

Já o item lexical/tema *tratada* não se manifesta, conforme os dados acima, em nenhuma das respostas dos sujeitos pesquisados em análise.

4.3.21 Mecanizar

34) ...no manejo da terra na agricultura a ação de utilizar maquinários como substitutos do trabalho humano?

Tabela lexical 34

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total						
Pela Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios		
Lexia SEXO	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
automotora														1									1				01
maquinização			1													1											01
maquinizar			1													1											01
mecânica				1									1				1							1			02
mecanização	2		2						1		1		1				4					2		1			07
mecanizar		2		1	2		1	1			1		1			1		3	3	1	1		1	1			10
motorizada														1										1			01
motorização			1														1										01
trabalho mecanizado										1											1						01
trabalho mecanizado																								1			01
não soube responder	2	2		3		2	1	1	1	2		2		1		1	2	3	1	3	1	4		2			12
TOTAL	4	4	3	3	2	2	2	2	2	2	3	2	3	2	2	2	9	9	4	4	3	4	3	4			44

Fonte Direta

TEMA:mecanizar

CARTOGRAMA 34

PERGUNTA:...no manejo da terra na agricultura a ação de utilizar maquinários como substitutos do trabalho humano?

Segundo as respostas da questão 34 ...no manejo da terra na agricultura a ação de utilizar maquinários como substitutos do trabalho humano?, elencadas tanto no Cartograma quanto na Tabela, é possível observar que a maior ocorrência é de não-respostas, ou seja, dezoito dos entrevistados, em todos os pontos de inquérito, não souberam dar nenhuma resposta a esta questão. Destes entrevistados, há um número muito maior de mulheres, quatorze, contra apenas quatro sujeitos masculinos, tendo sido, ainda, dez destas não atribuições responsivas manifestadas por sujeitos com mais de 50 anos e oito por jovens, de 18 a 40 anos.

Já o item lexical/tema, o verbo *mecanizar*, aparece como segunda maior ocorrência, dez vezes, distribuídas igualmente entre homens e mulheres, bem como entre respondentes acima de 50 anos e jovens, de 18 a 40 anos, cinco respostas de cada

gênero e de cada faixa etária, nas quatro cidades em análise. Enfatizo, também, que se encontram, nos dados catalogados acima, variantes morfológicas deste verbo, que são, respectivamente: o substantivo acrescido de sufixo, *mecanização*, com sete proferições tão somente de entrevistados masculinos, quatro do município de Sinop, dois de Cláudia e um de Santa Carmem; e o substantivo *mecânica*, dito por uma jovem, de 18 a 40 anos, de Sinop, e por um homem, acima de 50 anos, de Santa Carmem. Há, ainda, nos dados, a expressão *trabalho mecanizado*, falada apenas por um jovem, de 18 a 40 anos, de Cláudia.

Salienta-se que as não-respostas femininas e o maior número de respostas atribuídas pelos sujeitos homens podem estar relacionadas ao fato das atividades que requerem o uso de máquinas no manejo da terra ser, ainda nos dias de hoje, essencialmente masculinas.

4.3.22 Lavoura

35) ...a terra em que se cultiva ou cultivou, em que se realizam atividades agrícolas como plantar e colher?

Tabela lexical 35

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal								Total	
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios	
Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios	
agricultor(a)		1															1								01	
agricultor(a)		1		1													2								02	
área produtiva colheita	1																1								01	
								1												1					01	
colheita				2	1	1			1				1				2	2			1		1		06	
cultivo				1													1								01	
cultivo cultivo		1			1								1				1	1					1		08	
			2														2								02	
lavoura	1		2	3	1	1	1	2	1		1	1	1		2		3	3	2	3	2	1	3		17	
plantação			2	2			1			1						1	2	2	1			1		1	07	
plantação plantio	1		2	2			1	1	1	1		1	1			1	3	2	1	1	1	2	1	1	12	
plantio		1			1	1											1		1	1					08	
preparação										1											1				01	
produção			1														1								01	
roça	3	1			2	1			2		1						3	1	1	2		3			10	
semeio			1														1								01	
não soube responder		1											1		1		1							2	08	
TOTAL	7	9	10	11	4	4	9	3	3	9	2	3	2	3	2	3	17	16	9	7	9	8	4	6	72	

Fonte Direta

PERGUNTA:...a terra em que se cultiva ou cultivou, em que se realizam atividades agrícolas como plantar e colher?

Como se pode verificar na Tabela e no Cartograma 35, a maior ocorrência é do item lexical *lavoura*, que aparece em dezessete respostas, nas quatro cidades pesquisadas. Este item coincide com o tema da questão 35 *...a terra em que se cultiva ou cultivou, em que se realizam atividades agrícolas como plantar e colher?*.

Com relação à frequência, destaca-se um número maior de respostas masculinas, dez, *versus* sete femininas, assim como uma maior quantificação de atribuições responsivas feitas por jovens, de 18 a 40 anos, doze, contra apenas cinco menções de sujeitos com mais de 50 anos.

4.3.23 Pilão

36) ...recipiente de madeira dura usado para bater, moer, triturar café, arroz, milho etc.?

Tabela lexical 36

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total			
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop	Vera	Cláudia	Santa Carmem	Municípios			
lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
não-de-pilão															1						1			01
	4	4	3	2	1	2	2	1	2	2	2	2	2	2	2	2	7	6	3	3	4	4	4	39
socadeira								1											1					01
socador				1	1													1	1					02
tritador				1														1						01
não soube responder			1	1													1	1						02
TOTAL	4	4	4	3	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	3	2	8	9	4	4	4	4	3	4

Fonte Direta

PERGUNTA: ...recipiente de madeira dura usado para bater, moer, triturar café, arroz, milho etc.?

A questão 36, como se pode observar tanto na Tabela 36 quanto no Cartograma 36, traz, de acordo com as respostas registradas, como norma de uso na comunidade linguística pesquisada, o item lexical *pilão*, com trinta e cinco respostas proferidas entre os sujeitos nos quatro pontos de inquérito. Destas respostas, há dezoito masculinas e dezessete femininas, bem como se localizam dezenove menções responsivas feitas por respondentes com mais de 50 anos e dezesseis por jovens, de 18 a 40 anos. *Pilão* coincide com o tema desta questão *...recipiente de madeira dura usado para bater, moer, triturar café, arroz, milho etc.?*

Nos dados catalogados acima, encontra-se, também, uma variante morfológica deste item/norma, o composto *mão-de-pilão*, dito apenas por um jovem, de 18 a 40 anos, da cidade de Santa Carmem. Ao ser indagado sobre o porquê da escolha e uso deste item lexical como possibilidade de resposta à pergunta/conceito 36, este entrevistado, SC8/2 M, respondeu que “**tem a mão e tem o pilão**, não tem aquela (referindo-se ao cabo de madeira) pra batê, aquela tem uma mão que pega”.

4.3.24 Descascador

37) ...máquina usada para descascar cereais, grãos etc.?

Tabela lexical 37

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop	Vera	Cláudia	Santa Carmem	Municípios
Lexia	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
batedeira		1															1				01
beneficiadora	1														1						01
cascadeira					1													1			01
ceifa													1							1	01
ceifadeira													1							1	01
colhedeira							1										1				01
colheitadeira						1											1				01
debuidadeira					1													1			01
descascador									1										1		01
descascadeira	1	1	1		1	1	1										2	1	1	2	06
destopadeira	1	1	3	3			2		1	1	1	1			2	4	4	2	1	2	16
destopadeira													1							1	01
máquina de descascar	1				1		1						1				1	2			04
máquina de limpar	1																1				01
maquininha									1											1	01
trilhadeira	1				1				2	1	2	1	2		2		1	1	4	2	12
tritador											1								1		01
não soube responder		2		1	1								1				3	1			05
TOTAL	6	9	4	4	3	3	4	3	3	3	3	3	4	2	3	3	10	9	7	6	36

Fonte Direta

TEMA: descascador

CARTOGRAMA 037

PERGUNTA: ... máquina usada para descascar grãos, cereais etc.?

LEXIAS	
batedeira	descascadeira
beneficiadora	descascador
cascadeira	destopadeira
ceifa	máquina de descascar
ceifadeira	máquina de limpar
colhedeira	maquininha
colheitadeira	trilhadeira
debuidadeira	tritador
descascador	não soube responder

FAIXAS ETÁRIAS	
◆ Homem - Acima de 50 anos	● Mulher - Acima de 50 anos
▲ Homem - 18 a 40 anos	■ Mulher - 18 a 40 anos

Conforme a Tabela 37, transposta para o Cartograma 37, o item lexical mais utilizado em todos os quatro municípios para responder a pergunta 37 ...*máquina usada para descascar cereais, grãos etc.*?, com dezesseis respostas, foi *descascador*, o qual coincide com o item/tema desta pergunta. Há, nos quatro pontos de inquérito, como frequência, um número maior de respostas femininas, dez, *versus* seis entre os homens. Destaca-se que este item lexical/tema se evidencia em maior proporção entre os jovens, de 18 a 40 anos, doze vezes, *versus* somente quatro manifestações feitas por homens e mulheres acima de 50 anos.

Localiza-se, de acordo com os dados acima, uma variante fonética de *descascador*, a que exhibe metátese, *decascador*, pronunciada apenas por um homem, acima de 50 anos, da cidade de Cláudia. Registram-se, também nos dados, variantes morfológicas, tais como a que apresenta derivação sufixal, *descascadeira*, dada como resposta por seis sujeitos, um casal, acima de 50 anos, e um jovem, de 18 a 40 anos, de Sinop, bem como por um casal de jovens, de 18 a 40 anos, e por uma mulher, acima de 50 anos, de Vera; e a que suprime o prefixo *-des* e agrega o sufixo *-eira*, *cascadeira*, dita unicamente por uma mulher, acima de 50 anos, de Vera. Encontra-se, ainda, uma expressão relacionada ao item lexical/norma supracitado, *máquina de descascar*, falada tão somente por entrevistados masculinos, um homem acima de 50 anos de Sinop, um homem com mais de 50 anos e um jovem, de 18 a 40 anos, de Vera, e um homem, acima de 50 anos, de Santa Carmem.

4.3.25 Serraria/Serrariazinha/Madeira/Pica-pau

38) ...estabelecimento industrial ou comercial que produz e vende madeira? (Aulete On-line).

Tabela lexical 38

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
depósito de madeira	1	2													1	2									03
fita					1				1								1		1						02
indústria de madeira laminadora													1	1									1	1	02
madeira						1	1		1				1	2			1	1	1				2	1	06
pica-pau	3	2	4	4	1		1	2	1	2	2	1	2		1	2	7	6	2	2	3	3	3	2	28
serraria	4		3	4	2	1	2	1	2	2	2	2	2	1	1	2	7	4	4	2	4	4	3	3	31
tipó	4	2	2	2	1	2	2	1	2	2	2	2	2	2	2	2	6	4	3	3	4	4	4	4	32
tipó									2												2				02
tipó																							1		01
TOTAL	12	6	9	10	3	4	6	4	9	6	6	3	7	3	7	6	21	16	11	8	13	11	14	11	107

Fonte Direta

TEMA: serraria/serrariazinha/madeira/pica-pau

CARTOGRAMA 38

PERGUNTA: ...estabelecimento industrial ou comercial que produz e vende madeira? (Aulete online)

Como podemos verificar, tanto na Tabela 38 quanto no Cartograma 38, o item lexical *serraria* destaca-se como o de maior uso entre os sujeitos, com trinta e duas respostas, em todos os pontos de inquérito. Há, para este item, que coincide com um dos temas desta questão *...estabelecimento industrial ou comercial que produz e vende madeira?*, dezessete respostas entre os sujeitos homens e quinze entre as mulheres, mesma quantificação numérica esta que distingue as respostas dadas por respondentes com mais de 50 anos e por jovens, de 18 a 40 anos, dezessete daqueles e quinze destes. Já a variante/tema morfológica de grau diminutivo de *serraria*, *serrariazinha*, não aparece em nenhuma das respostas dos entrevistados, conforme se pode ver acima.

O item lexical/tema, o composto *pica-pau*, se evidencia como segunda maior ocorrência, com trinta e uma respostas, igualmente localizadas em todos os quatro municípios pesquisados. Esse item lexical mostra-se distribuído entre um número maior de respostas de sujeitos masculinos, dezoito, *versus* treze femininas, das quais quatorze foram mencionadas por respondentes acima de 50 anos e dezessete por jovens, de 18 a 40 anos.

Quanto ao item lexical/tema *madeira*, manifesta-se como terceira maior ocorrência, com vinte e oito respostas também encontradas nas quatro cidades em análise. *Madeira* apresenta-se em quinze respostas masculinas e em treze femininas, tendo sido onze expressas por entrevistados com mais de 50 anos e dezessete por jovens, de 18 a 40 anos. Saliento que, de acordo com os dados disponibilizados acima, há duas expressões variantes deste item, *depósito de madeira*, proferida por um homem e duas mulheres, acima de 50 anos, de Sinop; e *indústria de madeira*, falada por um casal com mais de 50 anos, de Santa Carmem.

Ressalto, também, que, conforme os dados nos mostram, o número expressivamente maior de respostas masculinas para quase todos os itens lexicais que afluíram como possibilidades de uso para responder a pergunta 38 pode estar relacionado ao fato de que as atividades que se realizam nos estabelecimentos industriais ou comerciais que produzem e vendem madeira ainda serem desenvolvidas essencialmente por homens na região norte de Mato Grosso. Cenário esse que, contudo, segundo Picoli, atualmente se encontra alterado, pois,

no setor de transformação de madeiras, o trabalho historicamente sempre foi função específica dos homens, principalmente na extração das árvores, diferente de outros setores industriais, que empregam

homens e mulheres. Atualmente isto mudou, as mulheres e as crianças fazem parte do trabalho nas indústrias madeireiras também, bem como do exército industrial de reserva que regula o mercado de oferta de trabalho. Esta é uma forma arquitetada pelo capital, e também determinante na regularização do valor dos salários para baixo. [...] Em 34 indústrias do setor, com 1.224 trabalhadores, conseguimos detectar a seguinte situação: o sexo dos trabalhadores da indústria de transformação de madeiras ficou representado em 923 masculinos e 301 femininos. (PICOLI, 2004, p.65).

4.3.26 Serra de fita

39) ...tipo de serra mecânica, muito usada em _____(cf. item 38), que tem a folha de serra em forma de fita estreita?

Tabela lexical 39

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop	Vera	Cláudia	Santa Carmem	Municípios
Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
alinhadeira												1							1		01
bitolador									1										1		01
circular		2					1		1				1		1		2	1	1	2	06
fita	1				1	1	1	1	1		2	1		1	1	1	2	2	3	1	11
fita deitada	1						1		1					1	1	1		1	1	1	03
fita em pé					1				1	1	2			1	1		1	3	1	1	07
serra					1				1				1					1	1		08
serradeira							1											1			01
serra-fita	2		2	1		1			2				2		1	1	4	1	1	2	12
serrinha								1										1			01
traçador													1								01
não soube responder		2	2	3					1				1				2	3		1	08
TOTAL	4	4	4	4	3	3	3	2	7	3	4	2	4	2	3	4	8	8	6	3	36

Fonte Direta

TEMA:serra de fita

CARTOGRAMA 39

PERGUNTA:...tipo de serra mecânica, muito usada em (cf.item 38), que tem a folha de serra em forma de fita estreita?

LEXIAS	
alinhadeira	serra
bitolador	serradeira
circular	serra fita
fita	serrinha
fita deitada	traçador
fita em pé	não soube responder

FAIXAS ETÁRIAS	
◆Homem - Acima de 50 anos	●Mulher - Acima de 50 anos
▲Homem - 18 a 40 anos	■Mulher - 18 a 40 anos

De acordo com a Tabela 39, transposta para o Cartograma 39, o item lexical mais utilizado para responder a pergunta 39 *...tipo de serra mecânica, muito usada em _____* (cf. item 38), *que tem a folha de serra em forma de fita estreita?*, com doze respostas nos quatro municípios pesquisados, foi *serra-fita*, variante morfológica, mais especificamente de união/composição por justaposição dos dois radicais *serra* e *fita*, que compõem a expressão/tema, *serra de fita*, a qual engendrou esta questão. Há, para este item composto, um número bem maior de respostas masculinas, nove, contra apenas três femininas, das quais sete foram mencionadas por sujeitos com mais de 50 anos e cinco por jovens, de 18 a 40 anos.

O item lexical *fita*, o qual pode ser justificado pela tendência do falante ao menor esforço ou à economia linguística ao suprimir um dos radicais, neste caso o item *serra*, aparece como segunda maior ocorrência, com onze respostas, localizáveis igualmente nas quatro cidades em análise, e distribuídas entre sete proferições masculinas e somente quatro femininas, mesma quantificação numérica esta que distingue as respostas dadas por respondentes com mais de 50 anos e por jovens, de 18 a 40 anos, quatro daqueles e sete destes. O item lexical *serra*, por sua vez, também foi citado em três respostas, dadas unicamente por sujeitos homens, um de Vera, um de Cláudia e um de Santa Carmem, todos acima de 50 anos. Este item apresenta, conforme os dados assinalados acima, variantes morfológicas, tais como a que evidencia acréscimo sufixal, *serradeira*, dita só por uma mulher, acima de 50 anos, de Vera, e o diminutivo *serrinha*, falado por uma jovem, de 18 a 40 anos, também da cidade de Vera.

Para melhor se compreender o porquê da utilização pelos entrevistados das expressões *fita deitada* e *fita em pé*, é importante verificar o conceito e as classificações de *serra de fita* atribuídas por Batista:

As grandes serras de fita para desdobro de toras foram utilizadas pela primeira vez em 1865, nos Estados Unidos, mas o seu uso só se generalizou entre 1887 e 1889. O invento é atribuído a Willian Newberry, em 1808, na Inglaterra. [...] As serras de fita verticais representam a maior parte do mercado nacional de serras de fita, pela robustez e facilidade de automação no processo produtivo. Podem apresentar as formas simples e geminadas (tandem), sofrendo modificações no processo de condução das toras para o desdobro. [...] Os diferentes modelos de serra de fita para desdobro de toras podem ser classificados principalmente pela disposição dos volantes (vertical, horizontal ou inclinada). (BATISTA, 2006, p. 10-11-13).

Assim, é possível depreender que o uso das expressões *fita deitada* e *fita em pé* se deve aos modelos distintos de *serras de fita* com os quais o falante/respondente teve contato ou conhecimento. Responderam *fita deitada*, um homem com mais de 50 anos de Sinop, um jovem, de 18 a 40 anos, de Vera, uma mulher, acima de 50 anos, de Cláudia, e um casal de jovens, de 18 a 40 anos, de Santa Carmem; já *fita em pé* foi proferida por um homem, acima de 50 anos, de Vera, um casal com mais de 50 anos e dois jovens, de 18 a 40 anos, do município de Cláudia, e um casal de jovens, de 18 a 40 anos, de Santa Carmem.

Salienta-se, ainda, a grande quantidade de não-respostas manifestadas pelos sujeitos ao enunciado da pergunta supracitada, ou seja, nove sujeitos não souberam dar nenhuma resposta a esta pergunta: sete mulheres e dois homens, sendo cinco destes sujeitos jovens, de 18 a 40 anos, e quatro acima de 50 anos, encontráveis em três dos quatro pontos de inquérito, Sinop, Cláudia e Santa Carmem.

4.3.27 Marcenaria

40) ...a oficina onde se fazem trabalhos com madeira, artesanais ou industriais, como objetos de decoração, móveis etc.?

Tabela lexical 40

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal								Total
Período Etário	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Idade Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
carpintaria															1									1	01
carpintaria			1														1								01
casa de móveis						1													1						01
fábrica de móveis		1						1									1			1					02
marcenaria	4	1	4	3	2		2	2	1	2	2	2	2	2	2	1	8	4	4	2	3	4	4	3	32
oficina					1	1													1	1					02
oficina artesanal				1													1								01
serralheria		2	2	1				1									2	3		1					06
não soube responder		1				1											1		1						02
TOTAL	4	9	7	9	3	3	2	3	2	2	2	2	2	2	2	2	11	10	9	6	4	4	4	4	48

Fonte Direta

TEMA:marcenaria

CARTOGRAMA 40

PERGUNTA:....a oficina onde se fazem trabalhos com madeira, artesanais

ou industriais, como objetos de decoração, móveis etc.?

Respectivamente, a Tabela e o Cartograma 40 mostram que o item lexical de maior ocorrência para a pergunta *...a oficina onde se fazem trabalhos com madeira, artesanais ou industriais, como objetos de decoração, móveis etc.?* é *marcenaria*, o qual corresponde ao item/tema desta pergunta. Este item lexical aparece em trinta e duas respostas.

Com relação à frequência, destaca-se um número maior de respostas masculinas, dezenove, contra treze femininas, em todas as quatro cidades pesquisadas. Observa-se, também, um número maior de respostas mencionadas entre os jovens, de 18 a 40 anos, dezoito, *versus* quatorze entre homens e mulheres acima de 50 anos.

4.3.28 Carpinteiro/Marceneiro

41) ...a pessoa que trabalha na fabricação de móveis e objetos de madeira?

Tabela lexical 41

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop	Vera	Cláudia	Santa Carmem	Municípios
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
artesão											1				1				1		02
auxiliar de marcenaria			1														1				01
carpinteiro			1										1				1			1	02
empregado	1				1												1	1			02
marceneiro	4	4	3	4	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	7	3	4	4	38
operário	1																1				01
TOTAL	6	4	4	5	2	2	2	2	2	2	3	2	3	2	2	3	10	9	4	5	46

Fonte Direta

TEMA: carpinteiro/marceneiro

CARTOGRAMA 041

PERGUNTA: ... a pessoa que trabalha na fabricação de móveis e objetos de madeira?

Como podemos verificar, tanto na Tabela 41 quanto no Cartograma 41, o item lexical *marceneiro*, integrante do tema desta questão *...a pessoa que trabalha na fabricação de móveis e objetos de madeira?*, destaca-se como o de maior uso entre os sujeitos entrevistados em todos os pontos de inquérito. Nas trinta e oito respostas dadas, evidenciam-se dezoito entre os respondentes homens e vinte entre as mulheres, o que significa que apenas um jovem, de 18 a 40 anos, de Sinop, e um homem, acima de 50 anos, da cidade de Cláudia, não atribuíram este item/norma como resposta à pergunta 41. Há, ainda, nos dados assinalados acima, uma expressão/variante de *marceneiro*, *auxiliar de marcenaria*, dita só por uma jovem, de 18 a 40 anos, do município de Sinop.

Quanto ao item lexical/tema *carpinteiro*, manifesta-se tão somente em duas respostas masculinas, de um jovem, de 18 a 40 anos, de Sinop, e de um homem, acima de 50 anos, de Santa Carmem.

4.3.29 Beneficiamento

42) ...o processo realizado pelas _____(cf. item 38) ou pelas _____(cf. item 40) de transformar a madeira bruta, geralmente ainda sob a forma de toras, em tábuas, tacos, compensados etc.?

Tabela lexical 42

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total					
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios	
Lexia	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios	
alinhar										1												1			01	
alisamento	1																1								01	
aproveitamento								1														1			01	
beneficiamento	1	1	1	1			1		2		1		1		2	1	2	2	1			3		3	1	12
beneficiar	1				1		1	1	1	1			1				1	1	2	1	1	1		2	08	
cortar			1	1	1												1	1	1						08	
desdobramento													1										1		01	
desempenar								1														1			01	
industrialização									1														1		01	
laminar					1															1					01	
passar na máquina					1																1				01	
plainagem								1			1										1	1			02	
plainar									2		1	1										3	1		04	
prinar	1							1					1				1					1	1		08	
reproveitamento											1											1			01	
serrar	3		2		1	1	1	1		1		1	2				3		2	2			2	2	13	
não soube responder		3	1	2							1			1			1	3				1		1	08	
TOTAL	7	4	3	4	3	3	3	3	6	3	3	4	6	2	2	2	12	8	6	6	9	9	8	4	62	

Fonte Direta

TEMA:beneficiamento

CARTOGRAMA 42

PERGUNTA:...o processo realizado pelas(cf. item 38) ou pelas(cf. item 40) de transformar

a madeira bruta, geralmente ainda sob a forma de toras, em tábuas, tacos, compensados etc.?

Na Tabela 42, como também se pode verificar no Cartograma 42, a maior ocorrência é do item lexical/verbo *serrar*, que aparece em treze respostas, localizáveis em todos os quatro municípios pesquisados, o qual não coincide com o tema da questão 42 ...o processo realizado pelas _____(cf. item 38) ou pelas _____(cf. item 40) de transformar a madeira bruta, geralmente ainda sob a forma de toras, em tábuas, tacos, compensados etc.?. Quanto à frequência, destaca-se um número maior de respostas dadas entre os homens, nove, *versus* apenas quatro entre as mulheres, das quais oito foram mencionadas por respondentes com mais de 50 anos e cinco por jovens, de 18 a 40 anos.

Como segunda maior ocorrência desponta o item lexical/tema *beneficiamento*, com doze proferições também encontradas nas quatro cidades em análise. Há para este item, da mesma forma, um número bem maior de respostas masculinas, nove, contra somente três femininas. Observa-se que em Vera e em Cláudia nenhuma mulher apresentou *beneficiamento* como resposta a esta questão. Ressalto, ainda, que, destas respostas, cinco foram expressas por sujeitos acima de 50 anos e sete por jovens, de 18 a 40 anos. Localiza-se, também, nos dados catalogados acima, uma variante morfológica deste item lexical, o verbo *beneficiar*, falado oito vezes nos quatro pontos de inquérito, evidenciando-se uma distribuição equitativa entre as respostas dadas pelos sujeitos masculinos e femininos, quatro menções de cada gênero.

Verifica-se nos dados, ainda, que em Sinop cinco mulheres e um homem não souberam atribuir nenhuma resposta ao enunciado de 42, assim como uma mulher em Cláudia e outra em Santa Carmem igualmente não disponibilizaram resposta a este conceito/pergunta.

4.3.30 Manejo

43) ...a técnica de corte de árvores que deve ser coordenada por engenheiros florestais e em que partes da floresta podem ser exploradas por um período de até um ano e depois dessa retirada a área deve permanece intacta por 25 anos?

Tabela lexical 43

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total			
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop	Vera	Cláudia	Santa Carmem	Municípios			
Lexia SEXO	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios			
manejo	2	3	2	3			1			2		2		1			4	6	1		4	1	16	
manejo florestal			1							1				1					1		1		08	
manejo sustentável	1						1								1				1				02	
projeto					1				1	1					1			1	1	1		1	04	
projeto de extração			1												1								01	
projeto de liberação de corte								1											1				01	
projeto de manejo	1			1			1				2		2		1	1	1	1	1	2	3	1	08	
remanejamento				1											1		1				1		02	
remanejamento das terras não soube responder				1													1						01	
não soube responder	1	1			1	2		1	1				1				1	1	1	3	1		1	08
TOTAL	5	4	4	6	2	2	2	2	3	3	3	2	2	2	2	3	9	10	4	4	6	5	47	

Fonte Direta

TEMA:manejo

PERGUNTA:...a técnica de corte de árvores que deve ser coordenada por engenheiros florestais e em que partes da floresta podem ser exploradas por um período de até um ano e depois dessa retirada a área deve permanecer intacta por 25 anos?.

CARTOGRAMA 43

Conforme a Tabela 43, transposta para o Cartograma 43, o item lexical mais utilizado para responder a pergunta 43, com dezesseis ocorrências em todos os quatro municípios pesquisados, foi *manejo*, item este que coincide com o tema desta pergunta. Há, distribuídas entre as respostas, um número bem maior de proferições femininas, onze, *versus* apenas cinco masculinas, manifestando-se, por outro lado, uma divisão equitativa entre as respostas dadas pelos sujeitos com mais de 50 anos e pelos jovens, de 18 a 40 anos, oito menções de cada faixa etária.

O sentido atribuído pelos sujeitos ao item lexical/norma *manejo* em resposta à questão *...a técnica de corte de árvores que deve ser coordenada por engenheiros florestais e em que partes da floresta podem ser exploradas por um período de até um ano e depois dessa retirada a área deve permanecer intacta por 25 anos?* é encontrado no *Dicionário Houaiss* (2004, p. 1833) a partir da seguinte definição/conceito “gestão do ambiente e de seus recursos, de modo a que seu uso possa ser constante, sem redução num futuro indefinido”, ou, ainda, se acha condizente com outra definição presente neste mesmo dicionário: “ato ou efeito de manejar; manejo, manuseio”. Ressalta-se, por sua vez, que a difusão deste item apresenta-se relacionada às atuais cobranças e desafios ambientais, amparados por legislações que imprimem mudanças de comportamento às atividades extrativo-florestais.

Neste contexto, é possível compreender o porquê do quadro com os dados acima apresentar tantas variantes que retratam esse procedimento de técnica de corte de árvores que no Brasil se expande, mais precisamente, na década de 1980. Essa alternância de escolhas lexicais pode ser observada em qualquer literatura da área, como se pode verificar no fragmento abaixo:

O **Manejo Florestal** é um conjunto de técnicas empregadas para a exploração florestal de maneira sustentável, ou seja, exploração sem agredir ao meio ambiente. [...] É importante ressaltar que o **manejo** prevê a produção limitada de madeira. [...] O Código Florestal Brasileiro definiu que as florestas da Amazônia só poderiam ser exploradas por meio de um plano de **manejo sustentável**. Cada área manejada poderá ser reaproveitada comercialmente apenas 25 anos depois de explorada. [...] Uma das coisas que mais marcou o setor, [...] foi a obrigatoriedade dos **Projetos de Manejo Florestais Sustentáveis** (PMFS) em 1989, ao qual o setor teve grande facilidade de adaptação. (OLIVEIRA, 2011, p. 241-247; grifos meus).

Tal alternância foi empreendida nas respostas dadas pelos entrevistados à questão supracitada, tendo sido, pois: a expressão *manejo florestal* dita só por três jovens, de 18 a 40 anos, do sexo masculino, um de Sinop, um de Cláudia e um da cidade de Santa Carmem; *manejo sustentável* falada por um homem, acima de 50 anos, de Sinop, e por uma jovem, de 18 a 40 anos, de Vera; já *projeto de manejo* se mostra como segunda maior ocorrência entre os sujeitos, em nove respostas dadas nos quatro pontos de inquérito, proferida por um número absolutamente maior de homens, sete, e por apenas duas mulheres, assim como por uma maior quantificação numérica de

respostas expressas por jovens, de 18 a 40 anos, seis, contra três feitas por respondentes com mais de 50 anos.

Há, também, nos dados, variantes morfológicas de *manejo*, tais como a que exhibe derivação prefixal e sufixal, *remanejamento*, manifestada por duas jovens, de 18 a 40 anos, uma de Sinop e outra do município de Santa Carmem; e a expressão *remanejo das terras*, mencionada unicamente por uma jovem, de 18 a 40 anos, de Sinop.

Salienta-se, ainda, a grande quantidade de não-respostas evidenciadas pelos sujeitos ao enunciado de 43, ou seja, oito respondentes não souberam dar nenhuma resposta a esta pergunta: cinco mulheres e três homens, tendo sete destes respondentes mais de 50 anos e tão somente uma jovem, de 18 a 40 anos, encontráveis em todos os quatro pontos em análise.

4.3.31 Manivela

44) ...peça que se move com as mãos, espécie de alavanca presa a um eixo, muito utilizada em poços para puxar baldes de água ou terra?

Tabela lexical 44

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop	Vera	Cláudia	Santa Carmem	Municípios				
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios				
alavanca				1													1				01				
cilindro						1													1		01				
manivela	3	3	3	4	2		1		2	1	1	1	2	2	2	1	6	7	3	3	2	4	3	28	
sarilho	1																1							01	
saril		1			1	1	1						2	1	2	1		1	2	1		4	2	10	
sarilha					1													1						01	
não soube responder			1					2		1	1	1					1			2	1	2			06
TOTAL	4	4	4	5	4	2	2	2	2	2	2	2	4	3	4	2	8	9	6	4	4	4	8	5	48

Fonte Direta

TEMA:manivela

PERGUNTA:...peça que se move com as mãos, espécie de alavanca presa a um eixo, muito utilizada em poços para puxar baldes de água ou terra?

CARTOGRAMA 44

De acordo com a Tabela 44, transposta para o Cartograma 44, o item lexical mais utilizado, nos quatro pontos de inquérito, para responder a pergunta 44 ...*peça que se move com as mãos, espécie de alavanca presa a um eixo, muito utilizada em poços para puxar baldes de água ou terra?*, com vinte e oito respostas, foi *manivela*, o qual confere com o item/tema desta pergunta.

Como frequência, há um número maior de respostas masculinas, dezesseis, contra doze femininas, tendo sido quinze destas respostas mencionadas por sujeitos com mais de 50 anos e treze por jovens, de 18 a 40 anos.

4.3.32 Corretor

45) ...aquele que trabalha como intermediário na compra e venda de terras, imóveis etc.

Tabela lexical 45

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
agenciador								1												1					01
corretor	4	3	3	2			2	1	2	2	2	1	1	2	2	2	7	5	2	1	4	3	3	4	29
trambiqueiro													1									1			01
intermediário				1									1					1				1			02
picareta	2		3	1	1		1		1		1		2	1	2	2	5	1	2		2		4	3	17
vendedor											1										1				01
veendedor				1		1												1		1					02
não soube responder		1			1	1		1										1	1	2					04
TOTAL	6	4	6	5	2	2	3	3	3	2	4	3	3	3	4	4	12	9	5	5	7	5	7	7	57

Fonte Direta

TEMA:corretor

CARTOGRAMA 45

PERGUNTA:...aquele que trabalha como intermediário na compra e venda de terras, imóveis etc.?

LEXIAS	
agenciador	picareta
corretor	trambiqueiro
intermediador	vendedor
intermediário	não soube responder

FAIXAS ETÁRIAS	
◆ Homem - Acima de 50 anos	● Mulher - Acima de 50 anos
▲ Homem - 18 a 40 anos	■ Mulher - 18 a 40 anos

O Cartograma 45, assim como a Tabela 45, confirmam a norma de uso do item lexical *corretor* como o mais empregado entre os sujeitos moradores do norte mato-grossense, o qual confere com o tema da questão 45 *...aquele que trabalha como intermediário na compra e venda de terras, imóveis etc.*

Foram vinte e nove respostas, distribuídas entre dezesseis manifestações masculinas e treze femininas, das quais quatorze foram mencionadas por sujeitos com mais de 50 anos e quinze por jovens, de 18 a 40 anos, nos quatro municípios pesquisados.

4.3.33 Sitiante

46) ...o homem proprietário ou morador de sítio? (Houaiss, 2004, p.2587).

Tabela lexical 46

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal						Total		
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
chacareiro			1							1					1	1					1		1		03
chacareiro	1	1								1							1	1			1				03
dono de sítio				1														1							01
fazendeirinho	1																1								01
fazendeiro	1	2	1	2		1		1	1	1	1			1	1		2	4		2	2	1	1	1	13
morador rural			1														1								01
pé-de-ferro	1																1								01
proprietário de sítio			1		1												1		1						02
situante	3	4	2	4	1	2	2	2	2	2	2	2	1		1	2	5	8	3	4	4	4	2	2	32
situante	1				1								2				1		1				2		04
situante														2	1								1	2	03
TOTAL	8	7	6	7	3	3	2	3	3	3	4	3	3	3	3	3	14	14	5	6	7	6	6	6	64

Fonte Direta

TEMA:sitiantes

CARTOGRAMA 46

PERGUNTA:...o homem proprietário ou morador de sítio?(Houaiss, 2004, p.2587)

LEXIAS	
chacareiro	pé de ferro
chacareiro	proprietário de sítio
dono de sítio	sitiantes
fazendeirinho	situante
fazendeiro	situante
morador rural	

FAIXAS ETÁRIAS	
Homem - Acima de 50 anos	Mulher - Acima de 50 anos
Homem - 18 a 40 anos	Mulher - 18 a 40 anos

Na Tabela 46, como também se pode verificar no Cartograma 46, a maior ocorrência é do item lexical *sitiante*, que aparece em trinta e duas respostas nos quatro municípios em análise, e é coincidente com o tema da questão 46 ...o homem proprietário ou morador de sítio?. Com relação à frequência, destaca-se um número maior de respostas femininas, dezoito, *versus* quatorze masculinas, das quais quinze foram mencionadas por respondentes com mais de 50 anos e dezessete por jovens, de 18 a 40 anos.

Este item/norma apresenta, ainda, nos dados assinalados acima, duas variantes fonéticas: a que exhibe variável da vogal alta /i/ em posição pretônica pela vogal média-alta /o/, *sitoante*, falada tão somente por sujeitos masculinos, acima de 50 anos, um de Sinop, um de Vera e dois da cidade de Santa Carmem; e a que substitui a vogal alta /i/ em posição pretônica pela também vogal alta /u/, *situante*, dita por duas mulheres, acima de 50 anos, e um jovem, de 18 a 40 anos, todos de Santa Carmem. Sobressaem-se, também, nos dados as expressões *dono de sítio*, que se evidencia em apenas uma resposta de uma jovem, de 18 a 40 anos, de Sinop; e *proprietário de sítio*, proferida por dois sujeitos masculinos, um jovem, de 18 a 40 anos, de Sinop, e um homem, acima de 50 anos, de Vera.

4.3.34 Colono

47) ...o trabalhado rural, aquele que faz trabalhos voltados à agricultura?

Tabela lexical 47

Localidade	Sinop				Vera				Citéria				Santa Carmem				Subtotal								Totais
Idade	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Citéria		Santa Carmem		Municípios
Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
agricultor	2	2	4	4	1	1	2	2	2	1	2	2	1	2	2	2	6	6	3	3	4	3	3	4	32
colono	3	1		1				1	2	1	2	1	1	1	2		3	2		1	4	2	3	1	16
empregado					1	1													1	1					02
funcionário			1														1								01
lavoreiro			1					1	1			1	1				1			1	1	1	1		09
lavrador			1		1						1						1	1			1				08
pequeno agricultor			1														1								01
produtor	1																1								01
roceiro																1								1	01
trabalhador rural						1	1												1	1					01
não soube responder		1								1								1				1			02
TOTAL	6	4	8	9	3	3	3	4	9	3	4	9	3	3	4	3	14	9	6	7	9	8	7	6	69

Fonte Direta

PERGUNTA:...o trabalho rural, aquele que faz trabalhos voltados à agricultura?

Conforme podemos verificar na Tabela 47, ratificada pelo Cartograma 47, a maior ocorrência, com trinta e duas respostas, foi do item lexical *agricultor*, o qual não coincide com o tema de propositura desta questão 47 *...o trabalhado rural, aquele que faz trabalhos voltados à agricultura?*. Há, como frequência, exatamente o mesmo número de respostas masculinas e femininas, dezesseis, tendo sido, no entanto, abordada por todos os vinte jovens, de 18 a 40 anos, entrevistados, enquanto apenas doze sujeitos com mais de 50 anos mencionaram *agricultor*, estes localizáveis também em todos os pontos de inquérito. Encontra-se, ainda, nos dados elencados acima, uma expressão relacionada a este item, *pequeno agricultor*, falada só por um jovem, de 18 a 40 anos, da cidade de Sinop.

Quanto ao item lexical/tema *colono*, este aparece como segunda maior ocorrência, com dezesseis respostas distribuídas entre um número maior de sujeitos masculinos, dez, contra seis de respondentes femininos. Ressalto que, destas respostas, nove foram expressas por entrevistados acima de 50 anos e sete por jovens, de 18 a 40 anos.

De acordo com os dados coletados, portanto, é possível constatar que *colono* não se constitui como a norma de uso na região norte de Mato Grosso, ainda que, segundo Seyferth (1990), a palavra *colônia* se refira a uma região de colonização, geralmente impulsionada pelo Governo Federal ou por iniciativas privadas, em que imigrantes,

dentre eles alemães e italianos, ou seus descendentes, desenvolvem atividades agrícolas tanto para a subsistência das suas famílias quanto para o mercado.

Uma das explicações prováveis para o ‘desuso’ do item lexical *colono* pode estar relacionada ao que Schreiner (2002) ressalta como “conotação pejorativa”. Conforme esse autor, em algum momento durante as décadas de 1970 e 1980 este item passou a ser utilizado com efeito pejorativo, em contraposição ao sentido posto à palavra *agricultor*, visto como modernizado, por ter incorporado a tecnologia na produção, o qual também passou a diferenciar-se economicamente com o avanço do plantio mecanizado.

4.3.35 Divisa

48) ...linha que demarca fronteira, separa duas terras, terrenos etc. vizinhos?

Tabela lexical 48

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total			
País	Acima de 50 anos				Acima de 50 anos				Acima de 50 anos				Acima de 50 anos				Sinop				Sinop			
Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
demarcação																								
demarcadora																								
divisa	4	4	3	1	2	2	2	2	2	2	1	2	2	2	1	7	5	4	4	4	3	4	3	34
divisória	1								1	1						1				1	1			08
fronteira									1											1				01
limitadora			1													1								01
limite			1												1	1							1	02
marco											1		1								1		1	02
talhão			1														1							01
TOTAL	5	4	6	4	2	2	2	2	2	4	3	2	2	3	2	3	11	8	4	4	5	6	4	48

Fonte Direta

TEMA:divisa

CARTOGRAMA 48

PERGUNTA:...linha que demarca fronteira, separa duas terras, terrenos etc. vizinhos?

De acordo com os registros da Tabela 48 e de seu respectivo Cartograma, verifica-se que o item lexical *divisa*, de maior ocorrência entre as respostas dadas pelos respondentes, coincide com o item/tema de propositura da questão 48 *...linha que demarca fronteira, separa duas terras, terrenos etc. vizinhos?*. Dentre as trinta e quatro respostas, localizáveis em todos os pontos de inquérito, há dezenove masculinas e quinze femininas, tendo sido quatorze destas respostas efetuadas por jovens, de 18 a 40 anos, e vinte por sujeitos com mais de 50 anos, ou seja, todos os entrevistados desta última faixa etária deram *divisa* como resposta a esta questão.

Encontra-se, ainda, nos dados catalogados acima, uma variante morfológica deste item lexical/norma, a que exhibe acréscimo de sufixo, *divisória*, falada por um homem, acima de 50 anos, da cidade de Sinop, e por uma mulher com mais de 50 anos, bem como por um jovem, de 18 a 40 anos, ambos do município de Cláudia.

4.3.36 Arrendamento

49) ...o aluguel de um imóvel rural para uso provisório mediante pagamento, que pode ser dinheiro, produtos agrícolas ou percentuais do que se produzir?

Tabela lexical 49

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Total	
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios									
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios							
alugado		1										1						1				1					02							
aluguel	2													1			2								1		08							
arrendado		2			1	1		1		1	1	2		2		1		2	1	2	1	3		3			12							
arrendamento	2	1	3	4			2	1	1	1	1		2		2	1	3	3	2	1	2	1	4	1			21							
contrato	1																1										01							
renda					1						1			1					1		1				1		08							
não soube responder			1		1	1			1								1		1	1	1						04							
TOTAL	3	4	4	4	3	2	2	2	2	2	3	3	2	4	2	2	9	8	3	4	3	3	4	6			46							

Fonte Direta

TEMA: arrendamento

PERGUNTA: ...o aluguel de um imóvel rural para uso provisório mediante pagamento, que pode ser dinheiro, produtos agrícolas ou percentuais do que se produzir?

CARTOGRAMA 49

Conforme a Tabela 49, transposta para o Cartograma 49, o item lexical mais utilizado para responder a pergunta 49 *...o aluguel de um imóvel rural para uso provisório mediante pagamento, que pode ser dinheiro, produtos agrícolas ou percentuais do que se produzir?*, com vinte e uma respostas, foi *arrendamento*, o qual coincide com o tema que engendrou esta pergunta. Há, nos quatro pontos de inquérito, como frequência, um número maior de respostas dadas pelos homens, treze, *versus* oito de mulheres. Convém salientar que exatamente o dobro de jovens, de 18 a 40 anos, atribuiu este item/norma como resposta ao enunciado de 49, quatorze, enquanto apenas sete homens e mulheres acima de 50 anos responderam *arrendamento*.

Verificam-se, também, nos dados assinalados acima, variantes morfológicas deste item lexical, que são respectivamente: a que exhibe alteração sufixal, *arrendado*, que aparece como segunda maior ocorrência dentre as respostas proferidas pelos entrevistados, com doze manifestações distribuídas entre as quatro cidades pesquisadas. Destas manifestações, destaca-se uma esmagadora predominância feminina, visto que foram dez respostas dadas por mulheres contra tão somente duas masculinas, e das quais sete foram mencionadas por respondentes com mais de 50 anos e cinco por jovens, de 18 a 40 anos; e o substantivo primitivo *renda*, falado por um homem, acima de 50 anos, de Vera, por um jovem, de 18 a 40 anos, de Cláudia, e por uma mulher com mais de 50 anos do município de Santa Carmem.

4.3.37 Bugre/Índio

50) ...o homem nativo que morava nas florestas antes da chegada dos colonizadores?

Tabela lexical 50

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Idade	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	
barroca														1									1		01
bicho do mato											1											1			01
bonacheiro														1									1		01
bugre				1														1							01
bugre caçador	2	1		1	1				2		2	1			1	1	2	2	1		4	1	1	1	12
índio		1					1										1	1							02
índio	1	1	1	1	1			1		2						1	2	2	1	1		2	1		09
índio	4	4	4	3	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	3	7	3	4	4	4	4	4	38
nativo				1													1								01
nativo	1			2				1				1					1	2		1	1				03
primitivo	1							1									1			1					02
seu				1	1			1	1							1		1	1	1			1		03
vergueiro													1	1									1	1	02
sikikole				1													1								01
tu pinambá														1										1	01
TOTAL	9	7	7	9	4	2	3	6	3	4	4	3	6	4	4	16	16	7	8	9	9	7	10	32	

Fonte Direta

PERGUNTA:...o homen nativo que morava nas florestas antes da chegada dos colonizadores?

Segundo as respostas da questão 50 *...o homem nativo que morava nas florestas antes da chegada dos colonizadores?*, elencadas tanto no Cartograma quanto na Tabela, é possível observar que a maior ocorrência foi do item lexical *índio*, com exatamente a mesma quantidade de respostas dadas pelos entrevistados de ambos os sexos, dezenove, em todos os pontos de inquérito. Dessa forma, apenas uma jovem, de 18 a 40 anos, de Sinop, e um homem, acima de 50 anos, do município de Vera, não dispuseram este item/norma como resposta ao enunciado desta questão.

Índio, que equivale a um dos itens lexicais/tema da pergunta 50, apresenta, nos dados elencados acima, uma variante morfológica dentre as respostas disponibilizadas pelos sujeitos, a que exhibe acréscimo de sufixo, *indígena*, e se manifesta nove vezes, sendo igualmente encontrada nas quatro cidades em análise. Há, para esta variante, quatro proferições masculinas e cinco femininas, das quais cinco foram mencionadas por respondentes com mais de 50 anos e quatro por jovens, de 18 a 40 anos.

Já o item lexical/tema *bugre*, aparece como segunda maior ocorrência, doze vezes, distribuídas, também, pelos quatro pontos pesquisados, entre um número bem maior de respostas dadas por sujeitos homens, oito, *versus* apenas quatro por mulheres, evidenciando-se, contudo, a mesma quantificação numérica entre as atribuições responsivas feitas por entrevistados acima de 50 anos e por jovens, de 18 a 40 anos, seis de cada faixa etária.

Salienta-se, ainda, que em Vera não se registrou nenhuma ocorrência de *bugre* dentre as respostas femininas, nem mesmo de V2 F, responsável por este tema que, juntamente com o item *índio*, serviu de mote para a elaboração da pergunta supracitada. Disponibilizo, a seguir, o recorte da narrativa livre em que o tema *bugre* se destaca: “Parece que a minha bisavó, não sei se era da minha mãe ou do meu pai, que era meio **bugre**, mestiçada, bugre já. Então, mas mais era tudo paulista mesmo, minha família, meus avós por parte da minha mãe”.

4.3.38 Mato/Mata/Matão/Arvoredo/Bosque/Selva/Floresta

51) ...grande extensão de terreno coberto de densa vegetação, como plantas e árvores de diversas espécies, e que serve de alimento para animais que nele habitam?

Tabela lexical 51

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Período Étnico	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municipal				
Idade Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Indígena				
Área fechada											1								1		01				
Arvoredo					1		1				2					1	1			2	04				
Bosque			1					1			1			1				1		1	08				
Floresta	1	2	4	4		2	2	1	2	2	2	1		2	1	5	6	2	2	3	4	3	1	26	
Floresta I												1										1		01	
Floresta II	2															2								02	
Mata	4	3	3	3		2	2	1	1	1	1	2		1	1	7	6	2	2	2	2	3	1	29	
Mata fechada														1										01	
Mata gal						1				1	1			2			1		1	1			2	09	
Mata barba					1											1								01	
Mata virgem	1			1	1										1	1	1							08	
Mata	1		3	1	2	2	1	2	2	1	1	2	1		1		4	1	3	4	3	3	2		20
Mata fechada															1							1		01	
Mata grande												1								1				01	
Parque						1							1				1					1		02	
Selva		1	1	3												1	4							09	
TOTAL	9	6	12	12	4	4	6	6	5	5	5	6	6	5	4	6	21	12	10	10	10	11	10	10	101

Fonte Direta

PERGUNTA:...grande extensão de terreno coberto de densa vegetação, como plantas e árvores de diversas espécies, e que serve de alimento para animais que nele habitam?

De acordo com a Tabela 51, transposta para o Cartograma 51, o item lexical mais utilizado para responder a pergunta 51 *...grande extensão de terreno coberto de densa vegetação, como plantas e árvores de diversas espécies, e que serve de alimento para animais que nele habitam?*, com vinte e seis respostas, foi *floresta*, o qual coincide com um dos temas que engendrou esta pergunta. Há, nos quatro pontos de inquérito, como frequência, doze respostas masculinas e quatorze femininas, das quais dezenove foram mencionadas por jovens, de 18 a 40 anos, e apenas sete por sujeitos com mais de 50 anos. Localizam-se, também, conforme os dados coletados, duas variantes fonéticas deste substantivo, a que exhibe paragoge, *florestal*, dada como resposta só por uma mulher, acima de 50 anos, da cidade de Santa Carmem; e a que evidencia rotacismo, *froresta*, manifestada unicamente por um homem, acima de 50 anos, de Sinop.

Salienta-se que a questão 51 aborda, pela sua grande possibilidade de interpretação semântica, sete itens lexicais/tema, que são respectivamente: *mato/mata/matão/arvoredo/bosque/selva/floresta*, sendo que os três primeiros são variantes do mesmo radical, “mat”.

Com relação ao item lexical/tema *mata*, apresenta-se como segunda maior ocorrência, com vinte e cinco respostas distribuídas entre quatorze menções de homens

e onze de mulheres, assim como entre onze citações de respondentes acima de 50 anos e quatorze de jovens, de 18 a 40 anos, nos quatro municípios pesquisados. Para *mata* se mostram, da mesma forma nos dados, variantes, tais como a que ressalta acréscimo de sufixo, *matagal*, expressa somente por sujeitos jovens, de 18 a 40 anos, um rapaz de Vera, um casal de Cláudia, e duas moças de Santa Carmem; a expressão *mata virgem*, falada por um homem, acima de 50 anos, e por uma jovem, de 18 a 40 anos, ambos de Sinop, bem como por um homem, acima de 50 anos, de Vera; e a expressão *mata fechada*, empregada por uma jovem, de 18 a 40 anos, de Santa Carmem.

A terceira maior ocorrência é da variante de gênero do item lexical *mata*, *mato*, a qual foi proferida também nas quatro cidades em estudo por vinte entrevistados, sendo doze destas respostas impressas por homens e oito por mulheres. Quanto à distinção de atribuições responsivas entre as faixas etárias, revelam-se nove ocorrências entre os sujeitos com mais de 50 anos e onze entre os jovens, de 18 a 40 anos. Destacam-se, ainda, duas expressões variantes deste item/tema: *mato fechado*, dita por uma jovem, de 18 a 40 anos, de Santa Carmem, e *mato grande*, relatada por um homem, acima de 50 anos, também de Santa Carmem. Já o item lexical/tema *matão* só aparece nos dados coletados acima na forma de expressão, *matão brabo*, citada apenas por um homem, acima de 50 anos, de Vera.

O item lexical/tema *arvoredo* foi pronunciado só por sujeitos com mais de 50 anos, uma mulher de Vera, um homem de Cláudia e duas mulheres de Santa Carmem. Por sua vez, o item/tema *bosque* transparece nas respostas dadas por um jovem, de 18 a 40 anos, de Sinop, por uma mulher, acima de 50 anos, de Cláudia, e por uma mulher com mais de 50 anos, de Santa Carmem.

Finalmente, o item lexical/tema *selva* foi mobilizado em cinco respostas, todas efetuadas em Sinop, uma por uma mulher acima de 50 anos, outra por um jovem, de 18 a 40 anos, e três faladas por moças, também de 18 a 40 anos. Ressalto que a ênfase à utilização deste item por quatro jovens é um fato interessante, visto que o uso de *selva*, que se aplicava ao espaço territorial norte mato-grossense, era comum na região, ou mesmo no âmbito brasileiro, no início da colonização, mais especificamente na década de 1970, conforme podemos ver abaixo nos três recortes de reportagens jornalísticas produzidas e escritas nesta época (os negritos são de minha autoria):

- 1 Quando o dia clareava, sob os acordes da Banda da Polícia Militar do Estado de Mato Grosso, a festa de inauguração da cidade Sinop tinha o seu início. O dia que chegava estava, claro, bonito, a espera de uma festa digna. O povo acostumado a despertar com o canto dos pássaros que povoam a **selva** amazônica, naquele dia acordava com a alvorada que a banda executava, defronte ao Hotel Celeste. (O JORNAL. *Sinop: o marco do futuro gigante*. Maringá, 22 de set. de 1974).
- 2 Era indispensável construir esta cidade no meio da **selva**? (LUCENA, Eliana; LUZ, Fernando. *A cidade nasce com pressa, para o presidente inaugurar*. O Estado de São Paulo. Quarta-feira, 30 de jan. de 1974, p.9).
- 3 Em recente documento submetido a diversos órgãos federais, ressaltou-se que o II Plano Nacional de Desenvolvimento prevê a conquista da Amazônia e do Centro-Oeste, com a utilização dos eixos naturais de penetração, neste caso, através da BR-163, fluxo originário do Sul, como idealizava Rondon e como comprova a realidade brasileira. Essa é a indicação do futuro, pois não se poderá compreendê-lo sem essa rodovia, cuja função histórica está vinculada ao fenômeno da penetração e ocupação das extensões das **selvas** dessa região. (BRUNETTI, Antonio. *Paranaenses aceitam o desafio para a ocupação da Amazônia*. O Estado do Paraná, Curitiba, domingo, 25 de mai. de 1975, p.8).

Uma das razões para a pouca disseminação atual deste item lexical pode estar relacionada ao sentido rudimentar e até mesmo hostil que se imprime nos dias de hoje à *selva*. Como exemplificação, é possível apreender tais sentidos ao se verificar a entrada *selvagem* no *Dicionário Houaiss* (2004, p.2539), pois, de acordo com esse suporte lexicográfico, *selvagem* seria aquilo “que se manifesta numa natureza não civilizada; próprio das selvas”. Definição essa que, todavia, contrasta com o sentimento de conquista, prosperidade, pujança e de “herói colonizador” que se perpetua na memória coletiva da comunidade linguística desta região pesquisada de Mato Grosso.

4.3.39 Reserva/Reserva ambiental

52) ...mata que se deixa intocada em propriedade particular ou do Estado e que se destina a assegurar a conservação das espécies animais e vegetais? (Houaiss, 2004, p. 2436; Aurélio, 1986, p. 1492).

Tabela lexical 52

Occidência	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total	
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop	Vera	Cláudia	Santa Carmem	Municípios	
Lexia SEXO	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
área de preservação																1					1	01
área de reserva																1					1	01
árvore nativa											1									1		01
parque florestal										1									1			01
reserva	2	4	3	2	2	1	2	2	2	2	2	1	2	2	2	2	3	6	4	3	4	3
reserva florestal	1		2	1													3	1				04
não soube responder	1			1		1											1	1	1			08
TOTAL	4	4	5	4	2	2	2	2	2	2	3	2	2	2	2	4	9	8	4	4	5	44

Fonte Direta

TEMA: reserva/reserva ambiental

CARTOGRAMA 52

PERGUNTA: ...mata que se deixa intocada em propriedade particular ou do estado e que se destina a assegurar a conservação das espécies animais e vegetais? (Houaiss, 2004, p.2436; Aurélio, 1986, p.1492)

Na Tabela 52, como também se pode verificar no Cartograma 52, a maior ocorrência é do item lexical *reserva*, que aparece em trinta e três respostas nos quatro municípios pesquisados, e é integrante do tema da questão 52 *...mata que se deixa intocada em propriedade particular ou do Estado e que se destina a assegurar a conservação das espécies animais e vegetais?*. Com relação à frequência, destacam-se dezessete respostas masculinas, *versus* dezesseis femininas, mesma quantificação

numérica esta que distingue as atribuições responsivas feitas por sujeitos com mais de 50 anos e por jovens, de 18 a 40 anos, dezessete daqueles e dezesseis destes.

A expressão/tema *reserva ambiental*, variante do item de maior uso, conforme os registros acima, não foi mencionada por nenhum dos entrevistados, todavia, se evidenciam, nos dados coletados, outras expressões variantes de *reserva*, tais como *reserva florestal*, falada apenas por sujeitos da cidade de Sinop, sendo eles um homem acima de 50 anos, e dois rapazes e uma moça, de 18 a 40 anos; e *área de reserva*, dita somente por uma jovem, de 18 a 40 anos, de Santa Carmem.

A utilização em grande escala do item lexical/tema *reserva* na região norte de Mato Grosso pode estar relacionada à prática comum da atividade de proteção e preservação da fauna e da flora neste espaço geográfico, visto que já em 1934 o então presidente Getúlio Vargas cria o Código Florestal como uma tentativa de ordenar o uso dos recursos naturais por meio do Estado, o qual foi implementado em 1965, pelo presidente à época, Castello Branco, que sanciona a Lei Federal 4.771. Esse “novo” Código Florestal estabelece 50% de reserva legal na Amazônia e 20% no restante do país (segundo art. 16). Em 1996, nova alteração acontece através da Medida Provisória 1.511, emitida pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, que amplia ainda mais as restrições de desmatamento da floresta amazônica. A reserva legal nas áreas de floresta passou então para 80%⁴.

4.3.40 Macaco

53) ...galho seco que às vezes quebra e fica solto entre os galhos verdes das árvores e que pode cair sobre os caminhantes ou impedir a passagem?

Tabela lexical 53

⁴Informações retiradas de SOS FLORESTAS. **Código Florestal: entenda o que está em jogo com a reforma da nossa legislação ambiental.** Disponível em http://www.agricultura.gov.br/arq_editor/file/camaras_setoriais/Hortalicas/26RO/cartilhaCF.pdf. Acessado em 20 de jun. de 2012, às 16h e 23min.

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop	Vera	Cláudia	Santa Carmem	Municípios				
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios		
agarrado										1										1			01		
engarranchado					1													1					01		
gaiada						1			1		1				1				1	2			1	04	
galhada	1					1	1			1	2	1			1	1		1	1	2	2		1	08	
galho								1												1				01	
galho seco	1	3	3	4	1	1		1	1	2		1	1			1	4	7	1	2	1	3	1	1	20
galho solto												1									1			01	
garrancho										1				1							1		1	02	
macaco	2				1				1		2		2	1	1		2		1		3		3	1	10
não soube responder		1	1				1								1		1	1	1				1		04
TOTAL	4	4	4	4	3	3	2	2	3	3	3	3	3	2	2	3	8	8	3	3	3	3	3	32	

Fonte Direta

TEMA: macaco

CARTOGRAMA 53

PERGUNTA: ...galho seco que às vezes quebra e fica solto entre os galhos verdes

das árvores e que pode cair sobre os caminhantes ou impedir a passagem?

Conforme podemos verificar na Tabela 53, ratificada pelo Cartograma 53, a maior ocorrência, com vinte respostas, foi da expressão *galho seco*, a qual não coincide com o tema de propositura desta questão. Há, como frequência, um número maior de respostas femininas, treze, *versus* sete masculinas, divididas em igual número entre as atribuições responsivas dadas por sujeitos com mais de 50 anos e por jovens, de 18 a 40 anos, dez de cada faixa etária, localizáveis em todos os pontos de inquérito.

Encontram-se, nos dados coletados acima, variantes desta expressão que constitui no norte de Mato Grosso a norma de uso para o conceito/pergunta *...galho seco*

que às vezes quebra e fica solto entre os galhos verdes das árvores e que pode cair sobre os caminhantes ou impedir a passagem?, tais como a também expressão *galho solto*, falada apenas por uma jovem, de 18 a 40 anos, de Cláudia; a que evidencia somente o primeiro item lexical desta expressão/norma, o substantivo *galho*, dito unicamente por uma jovem, de 18 a 40 anos, de Vera; a que exhibe acréscimo de sufixo a este primeiro item lexical, *galhada*, proferida por oito sujeitos em todos os quatro municípios em análise e distribuída igualmente entre as respostas femininas e masculinas, quatro menções de cada gênero; e a que manifesta iotização, *gaiada*, a qual remete à despalatização do *-lh*, dada como resposta por uma mulher, acima de 50 anos, de Vera, por um homem com mais de 50 anos e por um jovem, de 18 a 40 anos, ambos de Cláudia, e por uma jovem, de 18 a 40 anos, de Santa Carmem.

Quanto ao item lexical/tema *macaco*, aparece como segunda maior ocorrência, com dez respostas encontradas nas quatro cidades pesquisadas. Observa-se para este item uma predominância absoluta de respostas masculinas, nove, contra tão somente uma resposta feminina, mais especificamente de uma mulher, acima de 50 anos, de Santa Carmem. Dessas respostas, sete foram proferidas por entrevistados acima de 50 anos, *versus* apenas três por jovens, de 18 a 40 anos, dois de Cláudia e um de Santa Carmem.

Com relação à possível origem conceitual/semântica deste item lexical, verifica-se, de acordo com os seguintes fragmentos de entrevistas abaixo, que:

- a) Olha, isso aí, a gente falava, no caso, por exemplo, quando tinha risco de alguma coisa descê lá de cima, **a gente falava macaco**. Porque mesmo não sendo seco, quando tinha risco de algum vento ou qualquer coisa quebrá algum galho lá de cima ou quando a gente fazia derrubada também, né, porque derrubava umas árvore e ficava as outra e ficava galho pendurado, aí nós chamava de macaco. Lá no Paraná eu já não tinha conhecimento porque eu não fiz esse tipo de serviço, né. Acho que é invenção do pessoal daqui. (S9 M).
- b) Eu aprendi no Paraná isso, depois aqui continuô, **galho seco era macaco**. (V3 M).
- c) É do Paraná, no Paraná, **eu falava macaco lá**. (C18 M).

Nesse contexto, os entrevistados V3 M e C18 M, pioneiros respectivamente de Vera e de Cláudia, foram enfáticos em responder que já se utilizava *macaco* com o sentido de *galho seco* no Paraná, Estado no qual residiam antes da migração, no entanto, o colonizador S9 M, de Sinop, diz não ter tido contato com este sentido/conceito na região paranaense em que morava antes de migrar, particularmente na cidade de Amaporã, porém se mostrou cauteloso na asserção ao pontuar que não exercia no Paraná atividades extrativo-florestais.

4.3.41 Cipó

54) ...planta trepadeira que nas matas se enrola aos caules e ramos de árvores e arbustos?

Tabela lexical 54

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
cipó	4	3	4	3	2	2	2	2	1	2	2	2	2	1	2	2	8	6	4	4	3	4	4	3	36
cipó-d'água									1												1				01
cipó-rosqueado					1														1						01
cipó-tatu													1										1		01
enforcadeira			1												1										01
imbé													2										2		02
parasita		1															1								01
trepadeira	1			2													1	2							03
unha-de-gato					1														1						01
não soube responder		1															1								01
TOTAL	5	3	5	3	4	2	2	2	2	2	2	2	2	4	2	2	10	10	6	4	4	4	4	6	43

Fonte Direta

De acordo com os registros da Tabela 54 e de seu respectivo Cartograma, verifica-se que o item lexical *cipó*, de maior ocorrência entre as respostas dadas pelos entrevistados, coincide com o item/tema de propositura da questão 54 *...planta trepadeira que nas matas se enrola aos caules e ramos de árvores e arbustos?*. Dentre as trinta e seis respostas, localizáveis em todos os pontos de inquérito, há dezenove masculinas e dezessete femininas, mesma quantificação numérica esta que distingue as atribuições responsivas dadas por sujeitos com mais de 50 anos e por jovens, de 18 a 40 anos, dezessete daqueles e dezenove destes.

Encontram-se, ainda, nos dados coletados acima, itens lexicais compostos que complementam/especificam este item/norma, tais como: *cipó-d'água*, proferido por um sujeito masculino, acima de 50 anos, de Cláudia; *cipó-rosqueado*, falado por um homem com mais de 50 anos da cidade de Vera; e *cipó-tatu*, dito por uma mulher, acima de 50 anos, de Santa Carmem.

4.3.42 Reflorestamento

55) ...o processo de plantar novas árvores para refazer uma floresta ou reconstituir suas condições? (Aulete On-line).

Tabela lexical 55

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal								Total	
País Etnia	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios	
Idade Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios	
flor de cipó						1														1					01	
flor de cipó														1											1	01
plantação						1								1					1						1	02
plantação de novo						1												1								01
plantação														1											1	01
para o solo				1														1								01
plantação			1																1							01
reflorestar	1	3	4	4	1		2	2	2	1	2	2	2		1	2	9	7	3	2	4	3	3	2		29
reflorestar	1	1							1	2					1		1	1			1	2	1			06
reflorestar	2																2									02
reflorestar						1													1							01
replantação			1			1					1						2					1				08
replantação							1													1						01
TOTAL	4	6	9	6	3	2	2	2	3	4	2	2	2	3	2	2	9	12	9	4	9	6	4	9		90

Fonte Direta

TEMA:reflorestamento

CARTOGRAMA 55

PERGUNTA:....o processo de plantar novas árvores para refazer uma floresta ou reconstituir suas condições?(Aulete online)

Conforme a Tabela 55, transposta para o Cartograma 55, o item lexical mais utilizado para responder a pergunta 55 *...o processo de plantar novas árvores para refazer uma floresta ou reconstituir suas condições?*, com vinte e nove respostas, foi *reflorestamento*, o qual coincide com o tema que engendrou esta questão. Há, nos quatro pontos de inquérito, como frequência, quinze respostas entre os homens e quatorze entre as mulheres. Quanto à distinção de atribuições responsivas entre as faixas etárias, revela-se um número bem maior de ocorrências entre os sujeitos jovens, de 18 a 40 anos, dezenove, *versus* dez entre os sujeitos com mais de 50 anos. Este item apresenta, ainda, uma variante fonética, o rotacismo *refrorestamento*, falado por dois respondentes masculinos, acima de 50 anos, de Sinop.

Localizam-se nos dados acima, também, outros itens lexicais variantes de *reflorestamento*, tais como: o verbo no infinitivo *reflorestar*, segunda maior ocorrência dentre as respostas dadas para a questão supracitada, com seis respostas localizáveis nos municípios de Sinop, de Cláudia e de Santa Carmem. Em Sinop, foi proferido por um casal, acima de 50 anos, em Cláudia, por um homem e duas mulheres com mais de 50 anos, e em Santa Carmem, só por um jovem, de 18 a 40 anos; o rotacismo *refrorestar*, mencionado tão somente por um homem, acima de 50 anos, de Vera; o substantivo que suprime o prefixo, *florestamento*, citado por uma mulher, acima de 50 anos, de Vera; e, finalmente, o verbo no infinitivo que igualmente extrai o prefixo, *florestar*, pronunciado por uma mulher com mais de 50 anos, de Santa Carmem.

Enfatiza-se, ainda, que o sentido do item lexical *povoamento*, que se manifesta em apenas uma resposta dada por um entrevistado jovem, de 18 a 40 anos, da cidade de Sinop, S16/2 M, estudante de Agronomia, seria distinto do conceito de *reflorestamento*, conforme o excerto abaixo:

usam **reflorestamento** pro processo de plantar uma floresta, só que usam o termo errado. O pessoal considera plantio de eucalipto como reflorestamento, mas não é, é um **povoamento**, porque só tem uma espécie, só tem o eucalipto, como só tem a teca, aí não se considera um reflorestamento, se considera um povoamento. A gente usa na faculdade povoamento como pra plantio de eucalipto, por exemplo. Reflorestamento tem que ser, no caso, com espécies daquela própria vegetação, espécies nativas daqui, o mais próximo da realidade possível e que existiam antes. A gente aprendeu assim.

4.3.43 Sisal

56) ...tipo de fibra bastante encontrada na Bahia com a qual se fazem cordas, barbantes, tapetes, chinelos etc. e também pode ser utilizada para fabricar papel? (Aurélio, 1986, p.61).

Tabela lexical 56

Localidade	Sinop				Vera				Citérdia				Santa Carmem				Subtotal				Total		
País Etnia	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop	Vera	Citérdia	Santa Carmem	Municípios		
Sexo sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios		
agave													1							1	01		
caipir- dourado			1												1						01		
fibra de bambu														1						1	01		
juta								1										1			01		
linhagem												1								1	01		
linho							1										1				01		
palha							1		1					1			1		1		03		
sisal	3	1										1			3	1				1	05		
taboa						1						1	1				1			1	03		
vime				1												1					01		
não soube responder	1	3	3	3	2	1	2	1	1	1	2	2		1	2	1	4	6	4	2	3	2	26
TOTAL	4	4	4	4	2	2	2	2	2	3	2	2	3	3	2	3	8	8	4	4	4	6	44

Fonte Direta

TEMA:sisal

CARTOGRAMA 56

PERGUNTA:...tipo de fibra bastante encontrada na Bahia, com a qual se fazem cordas, barbantes, tapetes, chinelos etc. e também pode ser utilizada para fabricar papel?(Aurélio, 1986, p.61)

De acordo com os dados da questão 56 *...tipo de fibra bastante encontrada na Bahia com a qual se fazem cordas, barbantes, tapetes, chinelos etc. e também pode ser utilizada para fabricar papel?*, elencados tanto no Cartograma quanto na Tabela, é possível observar que a maior ocorrência é de não-respostas, ou seja, vinte e seis dos entrevistados, em todos os pontos de inquérito, não souberam dar nenhuma resposta a esta questão. Destas não-respostas, destaca-se exatamente o mesmo número de não atribuições entre mulheres e homens, treze, sendo dez destas não manifestações responsivas de sujeitos com mais de 50 anos e dezesseis de jovens, de 18 a 40 anos.

Já o item lexical/tema *sisal*, aparece como segunda maior ocorrência, com cinco proferições, todas de respondentes acima de 50 anos, distribuídas apenas entre os municípios de Sinop e de Santa Carmem. Na primeira cidade, três homens e uma mulher deram-no como resposta, na segunda, tão somente um sujeito do sexo masculino.

Sobre o pequeno contingente de uso deste item na região norte de Mato Grosso, como o próprio enunciado da pergunta supracitada sugere sobre a procedência do *sisal*, uma *fibra bastante encontrada na Bahia*, convém salientar que essa possa ser uma das razões para as não-respostas à questão e mesmo para a pouca utilização/conhecimento deste material, que geralmente passa por um processo de transformação e de

industrialização e que ajuda a aquecer a economia de alguns Estados brasileiros, conforme podemos ver no fragmento informativo de autoria do Movimento de Organização Comunitária de Feira de Santana – BA⁵:

O Sisal é uma fibra têxtil extraída das folhas do agave (Sisalana Perrine, Amarilidaceae) e originário da península de Yukatan, no México. No Brasil, o sisal começou a ser cultivado em 1903, na Paraíba. Nos dias atuais, a exploração do sisal concentra-se no Nordeste, geralmente, em áreas onde as condições de clima e solo são poucos favoráveis ou de escassas alternativas para a exploração de outras culturas que ofereçam resultados econômicos satisfatórios. Os Estados da Bahia (92%), Paraíba (5%) e Rio Grande do Norte (3%) são os maiores produtores da planta no Brasil, sendo que na Paraíba o sisal se constitui como principal produto da exportação, e na Bahia, é o quinto produto em termos de importância econômica.

4.3.44 Tucum

57) ...árvore nativa, que apresenta espinhos, de frutos geralmente azul-arroxeados, comestíveis, e de cujas folhas se extraem fibra de grande resistência?

Tabela lexical 57

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total							
País Etnia	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios			
Sexo Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios			
batagu								1													1				01			
bacuri				1														1							01			
bu bagu				1														1							01			
bu riti				1		1								1				1	1	1				1	1	04		
coço			2			1		2		1				1						3	2	2		1	1	08		
coqueirinho												1											1			01		
coqueiro	1			2		1		1		1			2	2	2	1			3		1	2	1	3	2	2	1	19
coqueiro-de-espinho				1						1		1		1						1			1	2			04	
coquinho													1	1									1	1			02	
macaúba								1							1						1				1		02	
palmeira								1				1	1	1						1	1	1	1				04	
palmeirinha								1												1							01	
tucum	3			2				1		2			1	1	1		2	1	2	1	2	1	2	1	4	2	17	
vaunheiro																	1								1		01	
não soube responder				1				2					1		1					3			1		1			09
TOTAL	4	4	6	3	4	3	4	3	9	4	9	4	7	3	2	2	10	12	8	6	10	8	9	9	9	68		

Fonte Direta

⁵MOVIMENTO DE ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA. Notícias. **Sisal: fonte de renda para o semi-árido**. Disponível em http://www.moc.org.br/noticias_exibir.php?mostrar=50. Acessado em 20 de jul. de 2012, às 18h e 04min.

TEMA:tucum

CARTOGRAMA 57

PERGUNTA:...árvore nativa, que apresenta espinhos, de frutos geralmente azul-arroxeados comestíveis, e de cujas folhas se extraem fibra de grande resistência.

Como se pode verificar na Tabela e no Cartograma 57, a maior ocorrência é do item lexical *tucum*, que aparece em dezessete respostas nas quatro cidades pesquisadas. Este item coincide com o tema da questão 57 *...árvore nativa, que apresenta espinhos, de frutos geralmente azul-arroxeados, comestíveis, e de cujas folhas se extraem fibra de grande resistência?*. Com relação à frequência, destaca-se um número muito maior de respostas masculinas, treze, *versus* apenas quatro femininas. No município de Sinop, inclusive, nenhuma mulher trouxe *tucum* como resposta a esta questão. Quanto à distinção de atribuições responsivas entre as faixas etárias, revelam-se oito ocorrências entre os sujeitos jovens, de 18 a 40 anos, contra nove entre os com mais de 50 anos.

Apresenta-se, ainda, nos dados coletados acima, uma variante morfológica deste item lexical/norma, a que agrega derivação sufixal, *tucunzeiro*, falada tão somente por uma mulher, acima de 50 anos, do município de Santa Carmem.

Ressalta-se que o *tucum*, ou a *Bactris Inundata Martius*, nome científico desta espécie de palmeira, é muito comum nas matas e florestas da região norte mato-grossense, como se pode verificar no seguinte fragmento do relato de experiência pessoal de um dos pioneiros de Sinop: “Bom, eu entrei fazendo uma picada, fui, fui, aí volta e meia tem um, vamos supor um, uma árvore de espinho, aqueles **tucum** que eles

falam, uma arvorezinha de espinho, nas folha também tem, então você desvia, aí você desvia” (S12 M).

4.3.45 Cooperado

58) ...membro ou participante de uma cooperativa? (Aurélio, 1986, p.472).

Tabela lexical 58

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Idade / Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
agregado	1														1										01
associado		1	1	2			1		2	2	2		1	1	2		1	3	1		4	2	3	1	13
cooperado	3	2	2	3	1		1	1		1	1	2	1	1		1	3	3	2	1	1	3	1	2	20
cooperador																1								1	01
cooperativista							1												1						01
filiado								1												1					01
membro													1										1		01
sócio	1	1	2						2		1	1	1		1	1	3	1			3	1	2	1	11
não soube responder					1	2		1											1	3					04
TOTAL	5	4	5	5	2	2	3	3	4	3	4	3	4	2	3	3	10	9	5	5	8	6	7	5	55

Fonte Direta

Como podemos observar na Tabela 58 e também no Cartograma 58, a questão 58 traz, de acordo com as respostas registradas, como norma de uso na comunidade

linguística pesquisada o item lexical *cooperado*, com vinte respostas proferidas entre os respondentes nos quatro pontos de inquérito. Destas respostas, há nove masculinas e onze femininas, mesma quantificação numérica esta que distingue as atribuições responsivas dos sujeitos com mais de 50 anos e dos jovens, de 18 a 40 anos, nove daqueles e onze destes. *Cooperado* coincide com o tema desta questão ...*membro ou participante de uma cooperativa?*.

Nos dados catalogados acima, encontram-se, ainda, variantes morfológicas/fonéticas deste item/norma, tais como a que agrega paragoge, *cooperador*, dita apenas por uma jovem, de 18 a 40 anos, da cidade de Santa Carmem; e a que altera a derivação sufixal, *cooperativista*, proferida tão somente por um jovem, de 18 a 40 anos, de Vera.

4.3.46 Agrovila

59) Num assentamento de trabalhadores rurais como se chama o povoamento que se forma, geralmente com escola, Igreja e atendimento médico, e em que se reúne a comunidade?

Tabela lexical 59

Localidade	Sinop				Vera				Céudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
País Etnia	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Céudia		Santa Carmem		Municípios
Idade Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
agrovila	1							1							1				1						02
aldeirão														1									1		01
aldeãozinho										1	1										1	1			02
colônia						1				2				1			1	2			1				04
comunidade	1	4	3	1	1	1	1			1	1	1	1	2	1	4	9	2	1	1	1	3	2		19
curutelo	1							1					1	1		1	1			1		1	2		03
gleba núcleo							1	1						1				1	1			1			03
														1										1	01
parimônio	1					1										1			1						02
provarado	2		2	1									1	2		1	4	1					1	3	09
sede										1				1						1		1			02
vila	2		3	2	1	1	1	2	2	1	2	1			1	9	2	2	3	4	2			1	19
vilação	1		1	2			1				1	1				1	2	2	1		1	1		1	08
villinha			1	1											1	1	1							1	03
não soube responder				1						1							1				1				02
TOTAL	9	4	10	8	2	3	9	3	4	2	7	4	4	4	9	8	19	12	7	6	11	6	9	12	82

Fonte Direta

PERGUNTA: Num assentamento de trabalhadores rurais como se chama o povoamento que se forma, geralmente com escola, igreja e atendimento médico, e em que se reúne a comunidade?

Conforme a Tabela 59, transposta para o Cartograma 59, dois itens lexicais aparecem empatados como os mais utilizados em todos os pontos de inquérito para responder a pergunta 59, com dezenove respostas cada um, os quais são *comunidade* e *vila*, sendo que nenhum deles coincide com o item/tema desta pergunta. *Comunidade* mostra, como frequência, nove respostas femininas e dez masculinas, mesma quantificação numérica esta que distingue as atribuições responsivas dadas pelos sujeitos com mais de 50 anos e pelos jovens, de 18 a 40 anos, nove daqueles e dez destes.

Já *vila*, apresenta-se com onze respostas masculinas e oito femininas, das quais sete foram mencionadas por respondentes acima de 50 anos e doze por jovens, de 18 a 40 anos. Este item lexical/norma traz, ainda, nos dados coletados acima, variantes morfológicas, tais como a que agrega sufixo, *vilarejo*, falada, do mesmo modo, em todos os quatro municípios pesquisados, com oito ocorrências divididas igualmente entre os gêneros, quatro proferições de ambos; e o diminutivo *vilinha*, dito por um casal de jovens, de 18 a 40 anos, de Sinop, e por uma jovem, de 18 a 40 anos, de Santa Carmem.

Quanto ao item lexical/tema de 59 *Num assentamento de trabalhadores rurais como se chama o povoamento que se forma, geralmente com escola, Igreja e atendimento médico, e em que se reúne a comunidade?*, *agrovila* (do latim *acrus* +

villa), foi proferido apenas duas vezes, ambas as respostas dadas por sujeitos masculinos acima de 50 anos, um de Sinop e um de Cláudia.

Salienta-se, também, que este item se evidenciou no relato de experiência pessoal disponibilizado pela pioneira de Santa Carmem, SC7 F, e serviu de mote para a elaboração da questão supracitada, conforme o fragmento a seguir:

Daí eles foram morá na décima **agrovila**; aquelas agrovila pertencia pra Terra Nova. Sabe onde fica Terra Nova, né? Daí tem a primeira agrovila, era Terra Nova, né, tem a segunda, a terceira, a quarta, a quinta, a sexta, a sétima, a oitava, a nona e a décima. Eles foram morá na décima; bem no fundo da décima.

Destaca-se, ainda, que o conceito de *agrovila* na região norte de Mato Grosso é o que se aproxima do atribuído por Ormond em seu *Glossário de termos usados em atividades agropecuárias, florestais e ciências ambientais*, como um:

[...] núcleo de povoamento, formado geralmente por pequenos agricultores e suas famílias, com serviços integrados de comunidade, planejado e construído para abrigo e prestação de assistência técnica à produção e à comercialização de produtos agrícolas e/ou artesanais por eles produzidos. (ORMOND, 2006, p. 23).

4.3.47 Barragem

60) ...construção artificial feita no leito de um rio ou canal destinada a interromper, reduzir ou modificar seus cursos? (Houaiss, 2004, p. 406).

Tabela lexical 60

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total												
País Etnia	Acima de 50 anos				Acima de 50 anos				Acima de 50 anos				Acima de 50 anos				Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Municípios
Idade Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios						
água de	1								1						1		1				1		1				03						
interior	1														1		1							1			02						
barragem	3	2	3	4	1		1		1	2	2	1	1	1	2	2	6	6	2		3	3	3	3			26						
barreira		1	1	2					1								1	3		1							03						
desvio			1						1									1			1						02						
hidráulica	1			2					1								1	2		1							04						
paralelo									1												1						01						
represa	3	1	2	1	1		1	1	1		2	1	1	1	1	1	3	2	2	1	3	1	2	2			18						
reservatório								1													1						01						
usina	1			2		1	2		1			1					1	1	2	2	1	1	1		1		09						
usina hidráulica																	1								1		01						
não soube responder					1	1															1	1					02						
TOTAL	10	3	6	11	3	2	4	4	6	2	4	3	2	2	3	3	16	16	7	6	10	3	7	7			74						

Fonte Direta

TEMA:barragem

CARTOGRAMA 60

PERGUNTA:...construção artificial feita no leito de um rio ou canal destinada

a interromper, reduzir ou modificar seus cursos? (Houaiss, 2004, p.406)

Como podemos verificar, tanto na Tabela 60 quanto no Cartograma 60, o item lexical *barragem* destaca-se como o de maior uso entre os sujeitos, com vinte e seis respostas, em todos os pontos de inquérito. Há, para este item que coincide com o tema desta questão *...construção artificial feita no leito de um rio ou canal destinada a interromper, reduzir ou modificar seus cursos?*, quatorze respostas dadas entre os homens e doze entre as mulheres, das quais onze foram mencionadas por respondentes com mais de 50 anos e quinze por jovens, de 18 a 40 anos.

Localiza-se, ainda, nos dados elencados acima, uma variante morfológica de *barragem*, a que altera a derivação sufixal, *barreira*, dita por quatro entrevistados de Sinop, uma mulher acima de 50 anos, e um rapaz e duas moças, de 18 a 40 anos, bem como por uma jovem, de 18 a 40 anos, do município de Vera.

4.3.48 Mandioca

61) ...aquela raiz branca por dentro, coberta por uma casca marrom, que se cozinha para comer? (Questionário ALiB, 2001, p.25).

Tabela lexical 61

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia SEXO	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
aipim	3	3	4	3	1		2	2	2	1	2	2	2	2	1	1	7	6	3	2	4	3	3	3	31
ipim						1													1						01
macaxeira	2	2	2	3	1	2	2	2	1	1	1	2	2	2	2	1	4	5	3	4	2	3	4	3	28
manaíba	1					1							1				1		1				1		08
mandioca	4	4	4	4	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	8	8	4	4	4	4	4	4	40
manhoca																1								1	01
manhoca																1								1	01
TOTAL	10	9	10	10	5	5	6	6	5	4	5	6	7	6	5	6	20	19	11	11	10	10	12	12	105

Fonte Direta

TEMA:mandioca

CARTOGRAMA 61

PERGUNTA:...aquela raiz branca por dentro, coberta por uma casca marrom, que se cozinha para comer? (Questionário ALiB, 2001)

De acordo com a Tabela 61, transposta para o Cartograma 61, o item lexical utilizado para responder a pergunta 61 *...aquela raiz branca por dentro, coberta por uma casca marrom, que se cozinha para comer?*, como norma de uso absoluto no norte de Mato Grosso, visto que todos os quarenta sujeitos de todos os pontos de inquérito o trouxeram em seu corpo responsivo, é *mandioca*. Este item coincide tanto com o tema da pergunta deste estudo quanto com um dos temas da mesma pergunta 51 do Questionário Semântico-Lexical integrante do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB).

Para este item lexical/norma aparecem, ainda, nos dados elencados acima, duas variantes fonéticas, uma que remete à palatalização *-nh* em substituição à sílaba *-di*, *manhoca*, falada apenas por uma jovem, de 18 a 40 anos, de Santa Carmem; e outra em que ocorre a supressão ou o apagamento do [d] oclusivo vozeado, *manioca*, igualmente proferida por uma jovem, de 18 a 40 anos, de Santa Carmem.

A larga abrangência e disseminação deste item/norma, não só nos quatro municípios pesquisados, mas em todo o território linguístico nacional, pode estar vinculada ao fato de a *mandioca* ser

um produto genuinamente brasileiro. Desde os índios, essa planta da família das *Euforbiáceas* faz parte de nossa cultura, sendo considerada por alguns como “o trigo brasileiro”, dada a sua grande utilidade na culinária. [...] o Brasil é o segundo maior consumidor de mandioca do mundo, perdendo apenas para a Nigéria. A cultura da mandioca é realizada em todo o território nacional. [...] O nordeste é a região do País onde mais se planta mandioca, apesar de esse plantio ser, quase predominantemente, feito em consórcio com outras culturas. O estado do Pará é o maior produtor nacional, sendo responsável por 19% da produção do Brasil. Rio Grande do Sul e Maranhão ocupam juntos posição de destaque na cultura desse produto, enquanto o Maranhão está no quinto lugar, respondendo por 6% da produção nacional. (SERRA, 2010, p.5-6).

4.3.49 Cará

62) ...raiz branca ou levemente esverdeada, coberta por uma casca marrom, que se confunde normalmente com a _____ (cf. item 61) ou batata?

Tabela lexical 62

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal								Total
Por Etário	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia / Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
cará	3	4			1	1			1	1	1		2	2	1	1	3	5	2		2	1	3	3	19
caramele	1														1		1						1		02
inorme	3	1			1						1	1	2	2	1	2	3	2		1	1	1	3	4	19
inorme-pão						1														1					01
mandogalha												1										1			01
taí	1																1								01
não soube responder			4	3	1	1	1	2	1	1		1					4	3	2	3	1	2			19
TOTAL	8	9	4	5	2	3	2	2	2	2	2	3	4	4	3	3	12	10	4	5	4	5	7	7	94

Fonte Direta

TEMA:cará

CARTOGRAMA 62

PERGUNTA:...raiz branca ou levemente esverdeada, coberta por uma casca marrom, que se confunde normalmente com a (cf. item 61) ou a batata?

Respectivamente, a Tabela e o Cartograma 62 mostram que o item lexical de maior ocorrência para a pergunta *...raiz branca ou levemente esverdeada, coberta por uma casca marrom, que se confunde normalmente com a _____ (cf. item 61) ou batata?* é *cará*, o qual corresponde ao item/tema desta pergunta. *Cará* aparece em dezenove respostas. Com relação à frequência, destacam-se dez respostas masculinas e nove femininas em todas as quatro cidades pesquisadas, das quais quatorze foram mencionadas por sujeitos com mais de 50 anos e apenas cinco por jovens, de 18 a 40 anos. Há, ainda, uma variante morfológica de *cará*, a que se compõe por aglutinação, *caramoela*, falada só por dois entrevistados masculinos, um homem, acima de 50 anos, de Sinop, e um jovem, de 18 a 40 anos, de Santa Carmem.

Destaca-se, também, de acordo com os dados elencados acima, que há quinze não atribuições responsivas, ou seja, quinze sujeitos pesquisados de três cidades, Sinop, Vera e Cláudia, não deram nenhuma resposta para a questão supracitada, tendo sido sete não-respostas masculinas e oito femininas. Quanto à distinção numérica entre as faixas etárias, evidenciam-se onze destas não-respostas entre os jovens, de 18 a 40 anos, enquanto somente quatro respondentes acima de 50 anos não responderam ao enunciado de 62.

4.3.50 Abobrinha/Abobra

63) ...fruto com casca geralmente lisa, verde-clara com rajadas mais escuras, polpa levemente esverdeada ou amarelada, com sementes esbranquiçadas, pequenas e achatadas, e que é usado na alimentação humana em forma de refogado ou salada? (Houaiss, 2004, p. 21).

Tabela lexical 63

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Total
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Muções
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Muções
abóbora	2	3	3	3			1	1	1	1	2	2	1		2		3	6	1	1	3	3	3										22
abóbora-menina		1							1	1					1				1		1	1	1										04
abóbora-pescoçuda											1											1											01
abobra	1	1			1	2	1		2	1	1		1				1	1	2	2	3	1	1										11
abobra-de-pescoço									1				1								1		1										02
abobra-menina	1				1	1							1				1		1	1				1									04
abobrinha	1	3	3	3	1	2	1	1				2	1	1		2	4	6	2	3			2	1	3								21
abroba														1																	1		01
cabochã	1							1	1			1					1			1	1	1											04
cambochá								1												1													01
cambochá	1		1												1	2															1		08
caxi					1										1				1														02
jerimum			1										1	1			1							1	1								08
jerimum-caboclo														1																	1		01
menina-brasileira			1														1																01
mogango								1													1												01
moranga	1					1	2	1	1	1					1	1	1	1		2	2	1	1	1	1								09
morango					1							1			1				1		1												08
moringa												1										1											01
suque	1																1																01
não soube responder				1														1															01
TOTAL	9	8	9	7	4	7	3	3	2	4	3	6	6	3	4	3	12	13	9	12	13	10	10	10									97

Fonte Direta

TEMA: abobrinha/abobra

PERGUNTA: ... fruto com casca geralmente lisa, polpa levemente esverdeada ou amarelada, com sementes esbranquiçadas, pequenas e achatadas e que é usado na alimentação humana em forma de refogado ou salada?

CARTOGRAMA 63

Como podemos verificar, tanto na Tabela 63 quanto no Cartograma 63, o item lexical *abóbora*, variante fonética e morfológica dos itens/tema desta questão ...*fruto com casca geralmente lisa, verde-clara com rajadas mais escuras, polpa levemente esverdeada ou amarelada, com sementes esbranquiçadas, pequenas e achatadas, e que é usado na alimentação humana em forma de refogado ou salada?*, destaca-se como o de maior uso entre os sujeitos em todos os pontos de inquérito. Nas vinte e duas respostas dadas, evidenciam-se doze respostas entre os homens e dez entre as mulheres, das quais oito foram mencionadas por respondentes com mais de 50 anos e quatorze por jovens, de 18 a 40 anos.

Há, ainda, dois itens lexicais compostos que complementam/especificam e reiteram o abrangente uso de *abóbora*, que são respectivamente: *abóbora-menina*, dito por uma mulher, acima de 50 anos, de Sinop, por um casal com mais de 50 anos de Cláudia, e por um jovem, de 18 a 40 anos, de Santa Carmem; e *abóbora-pescoçada*, falado só por um jovem, de 18 a 40 anos, de Cláudia.

Já o item lexical/tema *abobrinha*, aparece como segunda maior ocorrência dentre as respostas dadas pelos entrevistados, vinte e uma vezes, distribuídas, da mesma forma, em todos os municípios pesquisados, todavia com um número bem maior de atribuições responsivas femininas, quatorze, *versus* somente a metade desse número de respostas entre os homens, sete, tendo sido nove destas atribuições feitas por sujeitos acima de 50 anos e doze por jovens, de 18 a 40 anos.

Quanto ao item lexical/tema *abobra*, que realça síncope da norma *abóbora*, manifesta-se como terceira maior ocorrência nas quatro cidades em análise falado por onze sujeitos, sendo sete destes sujeitos masculinos e quatro femininos. Com relação à distinção numérica entre as faixas etárias, exibem-se nove respostas dadas por respondentes com mais de 50 anos, contra apenas duas de jovens, de 18 a 40 anos. Este item apresenta, também, nos dados expostos acima, compostos variantes, tais como: *abobra-de-pescoço*, proferido tão somente por dois entrevistados homens acima de 50 anos, um de Cláudia e um de Santa Carmem; e *abobra-menina*, expresso por quatro sujeitos, todos acima de 50 anos, um homem de Sinop, um casal de Vera e um homem de Santa Carmem. Salienta-se, ainda, a existência de uma resposta em forma de metátese, *abroba*, pronunciada unicamente por uma mulher, acima de 50 anos, de Santa Carmem.

Ressalto, também, que o item lexical *suque* foi dado como resposta pelo migrante de Sinop S10 M, que é proveniente de Guabiju no Estado do Rio Grande do Sul e descendente de italianos.

4.3.51 Moinho/Moinho colonial/Farinheira

64) ...equipamento usado para moer grãos, cereais, para transformá-los em farinha, e que pode ser movido pelo vento, água, animais ou motor?

Tabela lexical 64

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
País Estado	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Idade Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
farinheira													1		1									2	02
manjolo	1				1								1				1		1				1		03
moedeira							1											1							01
moedor			1	2							1				1	1	2			1			1		03
moenda	2		1														3								03
moinho	2	2	4	4	2	2	2	2	2	1	2	1	2	1	2	1	6	6	4	4	4	2	4	2	32
moinho de pedra	1														1	1								1	02
molim		1																1							01
monjolo									1												1				01
muinho	1	2							1		1		1		1	1	2				2		2		07
roda de farinha													1										1		01
tafona	1												1				1					1			02
tribulador						1													1						01
não soube responder		1															1								01
TOTAL	8	6	6	6	3	2	3	3	2	3	2	3	3	3	2	3	14	12	6	3	4	6	3	10	62

Fonte Direta

TEMA:moinho/moinho colonial/farinheira

CARTOGRAMA 64

PERGUNTA:...equipamento usado para moer grãos, cereais, para transformá-los em farinha, e que pode ser movido pelo vento, água, animais ou motor?

Na Tabela 64, como também se pode verificar no Cartograma 64, a maior ocorrência é do item lexical *moinho*, que aparece em trinta e duas respostas, em todos os quatro municípios pesquisados, o qual é integrante do tema da questão 64 *...equipamento usado para moer grãos, cereais, para transformá-los em farinha, e que pode ser movido pelo vento, água, animais ou motor?*. Quanto à frequência, destaca-se um número maior de respostas entre os homens, dezoito, *versus* quatorze entre as mulheres, mesma quantificação numérica esta que distingue as atribuições responsivas dadas por sujeitos com mais de 50 anos e por jovens, de 18 a 40 anos, quatorze daqueles e dezoito destes.

Há, ainda, nos dados elencados acima, uma variante fonética deste item/norma, a que evidencia variável da vogal média-alta em posição pretônica /o/ pela alta /u/, *muinho*, expressa por sete entrevistados em três pontos de inquérito, Sinop, Cláudia e Santa Carmem, tendo sido manifestada entre as respostas de seis mulheres e tão somente de um homem, acima de 50 anos, de Sinop. Tem-se, também, uma expressão variante de *moinho*, *moinho de pedra*, proferida por um homem, acima de 50 anos, de Sinop, e por uma jovem, de 18 a 40 anos, de Santa Carmem.

Quanto à expressão/tema *moinho colonial*, não há registro da mesma entre as respostas dadas pelos sujeitos pesquisados. Cabe salientar, contudo, que o pioneiro de Sinop, S15 M, que a trouxe no corpo de seu relato de experiência pessoal, foi substituído, conforme já justificado no Capítulo 3 desta pesquisa, para atender à necessária equivalência entre o número de homens e de mulheres respondentes. S15 M, ao ser questionado sobre o conceito/significado de *moinho colonial*, explanou que:

Era um **moinho** de moê trigo, né. Fazê farinha. Só que o governo trancô aqueles **moinho colonial**, porque diz que sonegava muito, porque os grande moinho deram em cima do governo pra trancá aqueles moinho, porque atrapalhava eles, sabe. É, e nós moía pros colono, moía pra todo mundo. Nós moía bastante, nós moía 280 saco de trigo por dia; nós moía bastante. Nós tava bem. Só que depois o governo trancô os moinho e proibiram de mexê com os moinho. E nós fiquemo com aquele capital parado só; não podia trabalhá. E aí viemo atrais de outro futuro, porque lá o moinho nós não podia mexê.

Já o item lexical/tema *farinheira* registrou-se apenas na cidade de Santa Carmem, nas respostas dadas por duas mulheres, uma acima de 50 anos e outra jovem, de 18 a 40 anos. Nos dados expostos acima, verifica-se, ainda, uma expressão variante

deste item, *roda de farinha*, proferida unicamente por uma mulher, acima de 50 anos, igualmente de Santa Carmem.

Vale observar, também, que o item lexical *molim*, provavelmente variante da palavra italiana *mulino*, manifestou-se apenas na resposta da migrante sinopense descendente de italianos, S14 F, e residente em Indaial/SC antes da migração a Sinop.

4.3.52 Boneca

65) ...os fiozinhos amarelos, avermelhados ou amarronzados que ficam na ponta da espiga de milho?

Tabela lexical 65

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total					
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios	
Lexia / Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios	
barba		1															1								01	
barbinha		1															1								01	
boneca	3	1					2	1	1			1	2		1	1	1	3	1	2	1	2	2	1	2	14
bonequinha											1										1					01
cabeleira			2														2									02
cabelinho		1		2	1			1		1	1		1				3		1	1	1	1	1	1		08
cabelinho de milho		1		2	1			1									3		1	1						03
cabelo	4	1	2	2		1	1		2		1	1	1	1		1	6	3	1	1	3	1	1	2		18
cabelo do milho	2	3		1	1	1		1	1	2			1	2	2		1	2	4	1	2	1	3	2	3	18
embonecamento															1								1			01
estilo-estigma			1														1									01
fio de cabelo											1											1				01
milho embonecado	1	1															1	1								02
pendão															1									1		01
TOTAL	10	10	3	7	3	2	3	4	4	3	4	3	4	4	3	3	13	17	6	6	3	3	7	7		74

Fonte Direta

Conforme a Tabela 65, transposta para o Cartograma 65, há um item lexical e uma expressão/variante que aparecem como os mais utilizados para responder a pergunta 65 ...*os fiozinhos amarelos, avermelhados ou amarronzados que ficam na ponta da espiga de milho?*, ambos com dezoito ocorrências em todos os quatro municípios pesquisados, que são *cabelo* e *cabelo do milho*. *Cabelo* foi falado por onze sujeitos masculinos e sete femininos, sendo que dez destes sujeitos têm mais de 50 anos, enquanto oito são jovens, de 18 a 40 anos. Já a expressão derivada deste item, *cabelo do milho*, foi dita por um número bem maior de mulheres, doze, *versus* apenas a metade deste número de respostas masculinas, seis, assim como se realça uma grande distinção numérica entre as respostas dadas por respondentes acima de 50 anos e por jovens, de 18 a 40 anos, quatorze daqueles e somente quatro destes. Vale verificar que ambas, item lexical e expressão, não coincidem com o tema desta pergunta.

Registram-se, nos dados acima, também outras variantes, morfológicas, de *cabelo*, tais como a que agrega sufixo, *cabeleira*, proferida por dois jovens, de 18 a 40 anos, de Sinop; o diminutivo *cabelinho*, citado em todos os pontos de inquérito por oito entrevistados, dentre os quais cinco são mulheres e três são homens; e a expressão igualmente diminutiva, *cabelinho de milho*, trazida como resposta por três sujeitos femininos de Sinop, uma mulher acima de 50 anos e duas jovens, de 18 a 40 anos, bem como por um homem, acima de 50 anos, e por uma jovem, de 18 a 40 anos, ambos de Vera. Tem-se, ainda, nesses mesmos dados, a expressão *fio de cabelo*, manifestada unicamente por uma jovem, de 18 a 40 anos, de Cláudia.

Quanto ao item lexical/tema *boneca*, evidenciou-se nas respostas de quatorze sujeitos, do mesmo modo em todas as quatro cidades em análise, das quais oito foram mencionadas por homens e seis por mulheres, mesma quantificação numérica esta que diferencia as respostas dadas por entrevistados com mais de 50 anos e por jovens, de 18 a 40 anos, seis daqueles e oito destes. Verificam-se, da mesma forma, nos dados, variantes morfológicas de *boneca*, tais como: o substantivo diminutivo *bonequinha*, expresso só por um jovem, de 18 a 40 anos, de Cláudia; a que exhibe derivação parassintética, *embonecamento*, empreendida tão somente por um jovem, de 18 a 40 anos, de Santa Carmem; e a expressão *milho embonecado*, pronunciada por um casal, acima de 50 anos, de Sinop.

4.3.53 Gado/Criação

66) ...conjunto de animais criados em propriedade rural (bovino/ovino/caprino etc.)? (Aulete On-line).

Tabela lexical 66

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia / Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
animais					1		1						1	1					2				1	1	04
boiade	3	1	1			1	1				2	1	2		1		4	1	1	1	2	1	3		13
cabeças	1							1	1								1			1	1				03
criação	1	1	1	1	1											1	2	2	1					1	06
criame		1															1								01
gado	1	1	2	3	2	2	2	1	2	2	1		1	1	2	2	3	4	4	3	3	2	3	3	23
manada	2	2					1										2	2	1						03
pecuária			1	1			1					1					1	1	1			1			04
rebanho	2		3	3	1			2	1	1	1				2		3	3	1	2	2	1	2		16
tropa	1								1				1				1				1		1		03
vacada			1	1													1	1							02
não soube responder												1										1			01
TOTAL	11	3	9	7	4	4	3	3	3	3	4	3	3	2	3	3	20	13	9	9	9	6	10	3	83

Fonte Direta

TEMA:gado/criação

CARTOGRAMA 66

PERGUNTA:...conjunto de animais criados em propriedade rural

(bovino/ovino/caprino etc.)? (Aulete online)

De acordo com a Tabela 66, transposta para o Cartograma 66, o item lexical mais utilizado nos quatro pontos de inquérito para responder a pergunta 66 ...conjunto de animais criados em propriedade rural (bovino/ovino/caprino etc.)?, com vinte e cinco respostas, foi *gado*, o qual confere com um dos itens/tema desta pergunta. Como

frequência, destacam-se treze respostas masculinas e doze femininas, mesma quantificação numérica esta que distingue as atribuições responsivas dadas por sujeitos com mais de 50 anos e por jovens, de 18 a 40 anos, doze daqueles e treze destes.

Já o item lexical/tema *criação* se manifesta nas respostas de seis sujeitos das cidades de Sinop, de Vera e de Santa Carmem, divididas igualmente entre os gêneros e as faixas etárias, ou seja, com três proferições de cada segmento. Tem-se, nos dados catalogados acima, uma variante morfológica, com alteração de sufixo, de *criação*, *criame*, falada unicamente por uma mulher, acima de 50 anos, do município de Sinop.

Salienta-se, ainda, que o item lexical *tropa*, trazido ao corpo de respostas de três pioneiros masculinos, um de Sinop, S10 M, proveniente de Guabiju/RS, um de Cláudia, C17 M, procedente de Chopinzinho/PR, mas natural de Videira/SC, e outro de Santa Carmem, SC7 M, oriundo de Altônia/PR, todavia nascido em Cachoeira do Itapemirim/ES, pode ter resquícios ou estar relacionado ao conceito/sentido trazido pelo *Dicionário Gaúcho Brasileiro* para essa entrada, que diz ser *tropa* um “grande número de animais (gado bovino, mulas, éguas, cargueiros, etc.) em marcha dum ponto para outro” (BOSSLE, 2003, p.508).

Em consonância com essa assertiva encontra-se também um fragmento de narrativa da entrevista realizada com o muladeiro José Antônio de Oliveira, quando expunha sobre as atividades e costumes dos tropeiros em curso, “então parava a **tropa**, parava a comitiva, matava o animal, fazia o charque, secava, pra depois continuar a viagem, onde tinha carne pra sobreviver, pra tocar **gado**⁶”. Nesse pequeno trecho, integrante da materialidade linguística desta entrevista, é possível observar, inclusive, a aproximação de sentido dos itens lexicais *tropa* e *gado*, conforme o fizeram os migrantes entrevistados SC7 M, S10 M e C17 M.

4.3.54 Cocho

67) ...espécie de vasilha, em geral feita com um tronco de madeira escavada, para a água ou a comida do gado, para se lavar mandioca etc.?

Tabela lexical 67

⁶ Entrevista concedida em 10 de dez. de 2010 por José Antônio de Oliveira (o Zé Muladeiro), pioneiro de Sinop e Presidente da Associação dos Muladeiros de Sinop e da Comitiva Esperança/MT.

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia / Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
bacia	1										1				1	1				1			1		03
bebedouro							1												1						01
cocheira						1			1		1								1	2					03
cocho	4	3	4	4	2	2	2	1	1	2	2	2	2	2	2	2	8	7	4	3	3	4	4	4	37
gamela	2	2			1	2			1	2			2	2		1	2	2	1	2	1	2	2	3	13
saleiro									2												2				02
tanque	1						1	1						1		1			1	1			1		04
não soube responder		1															1								01
TOTAL	8	6	4	4	3	3	2	3	6	4	4	2	4	4	3	4	12	10	3	8	10	6	7	8	66

Fonte Direta

TEMA:cocho

CARTOGRAMA 67

PERGUNTA:...espécie de vasilha, em geral feita com um troco de madeira

escavada, para a água ou a comida do gado, para se lavar mandioca etc.?

O Cartograma 67, assim como a Tabela 67, confirmam a norma de uso do item lexical *cocho*, o qual confere com o tema da questão 67 *...espécie de vasilha, em geral feita com um tronco de madeira escavada, para a água ou a comida do gado, para se lavar mandioca etc.?* Foram trinta e sete respostas, distribuídas entre dezenove homens e dezoito mulheres, mesma quantificação numérica esta que distingue as respostas dadas por sujeitos com mais de 50 anos e por jovens, de 18 a 40 anos, dezoito daqueles e dezenove destes, nos quatro municípios pesquisados.

Há, ainda, uma variante morfológica deste item/norma, a que agrega sufixo, *cocheira*, falada por uma mulher, acima de 50 anos, de Vera, bem como por um homem com mais de 50 anos e por um jovem, de 18 a 40 anos, ambos da cidade de Cláudia.

4.3.55 Novilha/Bezerro

68) ...cria de vaca ainda em fase de amamentação, geralmente até um ano de idade? (Houaiss, 2004, p. 441).

Tabela lexical 68

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Idade / Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
bezerinho		1		1		2	1					1		1		1		2	1	2		1		2	08
bezerro	4	4	4	3	2	1	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2	8	7	3	3	4	4	4	4	37
garrote	1																1								01
mamão	1			1													1	1							02
novilha			2	3			1	1	1								2	3	1	1	1				08
novilho			1														1								01
noveirinho													1											1	01
terreiro	2	3	1	1	1	1		1	1	1	2		2		2		3	4	1	2	3	1	4		18
TOTAL	8	8	8	9	3	4	3	4	4	3	4	3	4	4	4	3	16	17	6	8	8	6	8	7	76

Fonte Direta

Na Tabela 68, como também se pode verificar no Cartograma 68, a maior ocorrência é do item lexical *bezerro*, que aparece em trinta e sete respostas nos quatro municípios em análise, o qual coincide com um dos temas da questão 68 *...cria de vaca ainda em fase de amamentação, geralmente até um ano de idade?*. Com relação à frequência, destacam-se dezoito respostas femininas e dezenove masculinas, mesma quantificação numérica esta que distingue as respostas dadas por sujeitos com mais de 50 anos e por jovens, de 18 a 40 anos, dezenove daqueles e dezoito destes. Este item/norma apresenta, ainda, nos dados elencados acima, uma variante morfológica, o diminutivo *bezerrinho*, proferido por oito entrevistados também nas quatro cidades pesquisadas. Destas proferições, sete foram feitas por mulheres *versus* tão somente uma por um respondente masculino, mais especificamente um jovem, de 18 a 40 anos, de Vera.

Quanto ao item lexical/tema *novilha*, manifesta-se, do mesmo modo, em oito respostas dadas, contudo apenas em três pontos de inquérito, Sinop, Vera e Cláudia, distribuídas em equidade entre homens e mulheres, com quatro citações de ambos os sexos, porém se evidencia grande distinção numérica entre as atribuições responsivas dadas por respondentes acima de 50 anos e por jovens, de 18 a 40 anos, sete destes e apenas uma daqueles, sendo um homem de Cláudia. Destaca-se, também, nos dados, uma variante morfológica de gênero de *novilha*, o masculino *novilho*, dito unicamente por um jovem, de 18 a 40 anos, de Sinop.

4.3.56 Invernada/Pastagem/Pasto/Pastinho/Potreiro

69) ...terreno ou campo cercados, onde animais criados (bois, vacas, carneiros etc.) encontram alimento?

Tabela lexical 69

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal						Total			
País Etnia	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios	
Idade Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios	
campo	1	2		1									1				1	3					1		03	
invernada	2				2								1	1	2		2		2				3	1	08	
repartição do pasto														1										1	01	
pastagem	3		2	2	2	1			1		2		2			1	3	2	2	1	3		2	1	16	
pasto	2	2	3	4	1	1	2	2		2	2	1		1	2	1	3	6	3	3	2	3	2	2	26	
potreiro	2	3							1				1	1	1	2		2	3			1	1	3	1	11
repartição do pasto									1												1				01	
não soube responder		1												1				1						1	02	
TOTAL	10	8	5	7	5	2	2	2	3	2	4	2	3	3	6	2	13	13	7	4	7	4	11	7	70	

Fonte Direta

TEMA: invernada/pastagem/pasto/pastinho/potreiro

CARTOGRAMA 069

PERGUNTA: ... terreno ou campo cercados, onde animais criados
(bois, vacas, carneiros etc.) encontram alimento?

Conforme podemos verificar na Tabela 69, ratificada pelo Cartograma 69, a maior ocorrência, com vinte e seis respostas, foi do item lexical *pasto*, o qual coincide com um dos temas de propositura desta questão 69 *...terreno ou campo cercados, onde animais criados (bois, vacas, carneiros etc.) encontram alimento?*. Há, como frequência, doze respostas masculinas e quatorze femininas, das quais nove foram mencionadas por respondentes com mais de 50 anos e dezessete por jovens, de 18 a 40 anos, localizáveis em todos os pontos de inquérito. Encontra-se, ainda, nos dados elencados acima, uma expressão variante deste item/norma, *repartição do pasto*, falada unicamente por um homem, acima de 50 anos, de Cláudia. Já o item lexical/tema, a variante diminutiva de *pasto*, *pastinho*, não aparece em nenhuma das respostas dadas pelos sujeitos.

Quanto ao item lexical/tema *pastagem*, igualmente variante do radical “past”, se evidencia como segunda maior ocorrência, com dezesseis respostas distribuídas entre um número bem maior de sujeitos homens, doze, contra apenas quatro de mulheres. Com relação à distinção numérica entre as faixas etárias, realçam-se nove atribuições responsivas dadas por entrevistados com mais de 50 anos e sete por jovens, de 18 a 40 anos.

Como terceira maior ocorrência destaca-se o item lexical/tema *potreiro*, proferido por onze entrevistados em três cidades pesquisadas, Sinop, Cláudia e Santa

Carmem. Destas respostas, seis atribuem-se ao gênero masculino e cinco ao feminino, tendo sido oito citações feitas por respondentes acima de 50 anos e somente três por jovens, de 18 a 40 anos.

Finalmente, o item lexical/tema *invernada* se manifesta em oito respostas em três pontos de análise, Sinop, Vera e Santa Carmem, das quais tão só uma mulher, acima de 50 anos, de Santa Carmem, o trouxe em seu corpo de respostas, *versus* sete proferições masculinas.

4.3.57 Pasto/Capim/Trato

70) ...a comida, o alimento do gado que se encontra na/no _____(cf. item 69)?

Tabela lexical 70

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop	Vera	Cláudia	Santa Carmem	Municípios
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
braquiário	1																1				01
capim	4	2	1	1	1	2	2	2	2		2		1	1	2	2	3	3	4	4	29
capim-elefante													1								01
capim-gordura													1							1	01
colônio	1				1												1	1			02
forragem									1										1		01
grama	2	1	1						1	2	1	1		1			3	1	2	3	10
graminha	1																1				01
jaraguá	1																1				01
mato							1											1			01
pastagem		2								1			1				2			1	04
pasto	1		3	3	1				1	1	1	2	2	2	2	2	4	3	1	2	21
trato	1								1							1			1		02
TOTAL	12	3	3	4	3	2	2	3	6	4	4	3	4	6	4	4	17	9	3	3	71

Fonte Direta

TEMA: pasto/capim/trato

CARTOGRAMA 70

PERGUNTA: ...a comida, o alimento do gado que se encontra na/no (cf. item 69)?

De acordo com os registros da Tabela 70 e de seu respectivo Cartograma, verifica-se que o item lexical *capim*, de maior ocorrência entre as respostas dadas pelos entrevistados, coincide com um dos itens/tema de propositura da questão 70 ...*a comida, o alimento do gado que se encontra na/no _____(cf. item 69)?*. Dentre as vinte e cinco respostas, localizáveis em todos os pontos de inquérito, há um número maior de proferições masculinas, quinze, *versus* dez femininas, das quais treze foram mencionadas por respondentes com mais de 50 anos e doze por jovens, de 18 a 40 anos. Encontram-se, ainda, nos dados acima, dois itens lexicais compostos variantes de *capim*, que são respectivamente, *capim-elefante* e *capim-gordura*, ambos falados apenas por uma mulher, acima de 50 anos, de Santa Carmem.

Quanto ao item lexical/tema *pasto*, aparece como segunda maior ocorrência, com vinte e uma respostas entre os sujeitos, distribuídas também em todos os municípios pesquisados. Destas respostas, onze foram pronunciadas por respondentes masculinos e dez por femininos, tendo sido oito destas menções responsivas dadas por entrevistados com mais de 50 anos e treze por jovens, de 18 a 40 anos. Localiza-se, também, nas respostas catalogadas acima, uma variante morfológica de *pasto*, a que agrega sufixo, *pastagem*, dita tão somente por sujeitos acima de 50 anos, sendo duas mulheres da cidade de Sinop, uma de Cláudia e um homem de Santa Carmem.

Como fato interessante, salienta-se que a utilização do item lexical *pasto* apresenta-se, no norte de Mato, para, pelo menos, duas significações ou atribuições de conceitos/sentidos bem delimitados, todavia imbricados, ou seja, conforme as respostas dadas à questão 69, *pasto* tem sido a preferência/norma de uso para designar o espaço físico ou o local destinado à reclusão de animais e em que se praticam atividades relacionadas à pecuária, bem como para, de acordo com a pergunta 70, denominar o próprio alimento do gado que se localiza nesse “terreno ou campo cercados”.

Já o item lexical/tema *trato* manifesta-se exclusivamente em duas respostas masculinas de respondentes acima de 50 anos, um de Sinop e um de Cláudia.

4.3.58 Mangueira/Curral

71) ...lugar geralmente cercado onde se prende e/ou recolhe gado? (Houaiss, 2004, p. 894).

Tabela lexical 71

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop	Vera	Cláudia	Santa Carmem	Municípios
Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
baía	1																1				01
brete			1												1	1					02
cercado			1						1	1	1				1	1			1	2	05
cocheira			1														1				01
curral	3	1	4	1			1	2					2		1	1	3	3	2	2	16
estrebaria		1	1										1				1	1			03
estrevaria									1				1						1		02
mangueira	4	3	3		1	2	2	1	2	1	2	1	1	1	2	1	7	3	3	3	27
piquete	2	1	1		1	1			1				2	1	2	1	3	1	1	1	13
remanga	1								1	2					1		1		2	1	05
não soube responder							1						1						1		01
TOTAL	11	6	6	6	3	3	3	2	4	3	3	2	6	4	6	3	17	12	6	3	76

Fonte Direta

TEMA:mangueira/curral

CARTOGRAMA 71

PERGUNTA:...lugar geralmente cercado onde se prende e/ou recolhe gado?

(Houaiss, 2004, p.894)

Conforme a Tabela 71, transposta para o Cartograma 71, o item lexical mais utilizado para responder a pergunta 71 *...lugar geralmente cercado onde se prende e/ou recolhe gado?*, com vinte e sete respostas, foi *mangueira*, o qual coincide com um dos temas que engendrou esta pergunta. Há, nos quatro pontos de inquérito, como frequência, um número maior de respostas entre os homens, dezessete, *versus* dez entre

as mulheres, das quais quinze foram mencionadas por respondentes com mais de 50 anos e doze por jovens, de 18 a 40 anos.

Quanto ao item lexical/tema *curral*, registra-se o seu uso em dezesseis respostas também manifestadas em todos os quatro municípios pesquisados. Salienta-se um número expressivamente maior de respostas masculinas, dez, contra apenas seis femininas. Com relação à distinção numérica entre as faixas etárias, evidenciam-se nove atribuições responsivas dadas por sujeitos acima de 50 anos e sete por jovens, de 18 a 40 anos.

4.3.59 Portão/Cochete

72) ...peça giratória que fica em uma abertura/entrada da/do _____(cf. item 71), geralmente de madeira, em que usam dobradiças que servem para abrir e fechar essa abertura?

Tabela lexical 72

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total	
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop	Vera	Cláudia	Santa Carmem	Municípios	
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
cancela	2				1								1	1	1		2		1		2	1
cochete	1	1			1						1		1		1	1	1	1	1	2	1	07
portão		2	1			1			2	2	1	1					1	2		1	3	10
portão de arame									1										1			01
porteira	4	2	4	4	2	2	2	2	2	2	2	1	2	1	2	2	8	6	4	4	4	3
porteira de alemão											1								1			01
porteira de arame			1		1		1			1		1					1	2		2		03
purteira														1							1	01
TOTAL	7	3	6	4	3	3	3	2	3	3	3	3	4	3	4	3	13	9	8	3	10	2

Fonte Direta

TEMA:portão/cochete
PERGUNTA:...peça giratória que fica em uma abertura/entrada da/do (cf. item 71)
geralmente de madeira ou arame, em que se usam dobradiças
que servem para abrir e fechar essa abertura?

CARTOGRAMA 72

Segundo as respostas da questão 72 *...peça giratória que fica em uma abertura/entrada da/do _____* (cf. item 71), *geralmente de madeira, em que usam dobradiças que servem para abrir e fechar essa abertura?*, elencadas tanto no Cartograma quanto na Tabela, é possível observar que a maior ocorrência é do item lexical *porteira*, com trinta e seis respostas distribuídas entre vinte sujeitos masculinos e dezesseis femininos, em todos os pontos de inquérito. Destas atribuições responsivas, dezessete foram feitas por respondentes com mais de 50 anos e dezenove por jovens, de 18 a 40 anos.

Este item/norma, que não equivale a nenhum dos dois temas desta questão, deixa evidenciar, nos dados elencados acima, expressões variantes dentre as respostas dadas pelos sujeitos, tais como: *porteira de arame*, que se manifesta cinco vezes e é encontrada em três das quatro cidades em análise, Sinop, Vera e Cláudia. No primeiro município registrou-se esta expressão unicamente na resposta de um jovem, de 18 a 40 anos, no segundo, foram duas proferições, de um homem, acima de 50 anos, e de um jovem, de 18 a 40 anos, e no terceiro, inversamente em relação ao gênero, responderam *porteira de arame* uma mulher, acima de 50 anos, e uma jovem, de 18 a 40 anos; e *porteira de alemão*, que foi pronunciada tão somente por um jovem, de 18 a 40 anos, de Cláudia. Há, também, uma variante fonética de *porteira*, a que exhibe variável da vogal média-alta em posição pretônica /o/ pela alta /u/, *purteira*, falada apenas por uma mulher, acima de 50 anos, de Santa Carmem.

Já o item lexical/tema *portão*, aparece como segunda maior ocorrência, dez vezes, divididas entre quatro respostas de sujeitos homens e seis de mulheres, localizáveis nos pontos de Sinop, de Vera e de Cláudia, das quais sete foram mencionadas por entrevistados com mais de 50 anos e só três por jovens, de 18 a 40 anos. Encontra-se, do mesmo modo, nos dados acima, uma expressão variante de *portão*, *portão de arame*, dita somente por um homem, acima de 50 anos, de Cláudia.

Quanto ao item lexical/tema *cochete*, empreendeu-se em sete respostas dispostas em todas as cidades pesquisadas. Destas respostas, cinco foram citadas por homens e duas por mulheres, tendo sido quatro menções feitas por respondentes com mais de 50 anos e três por jovens, de 18 a 40 anos. É interessante verificar que o uso deste item lexical não se realiza no Estado do Rio Grande do Sul, ao menos não na região de proveniência da migrante S13 F, em Guarani das Missões, conforme se pode ver no seguinte fragmento de sua narrativa pessoal: “Olha, eu com o meu marido, nós tinha

gado, fazia um portão ali, falava fazê um **portão** ali. Aqui eles falavam os **cochete**. Cochete pra portão. Era coisas assim bem diferente, a gente nem sabia o que é que era”.

4.3.60 Forquilha

73) ...a armação de madeira, que se coloca no pescoço de animais (porco, terneiro/bezerro, carneiro, vaca), para não atravessarem a cerca? (Questionário ALiB, 2001, p.25).

Tabela lexical 73

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal								Total
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop	Vera	Cláudia	Santa Carmem	Municípios				
Lexia	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
armação de madeira				1													1								01
canga	2	3	1	1	2	1	1		1		1	2	2	2	1	3	4	3	1	2	4	3			20
cangaia	2								2	1				1		2			2	1	1				06
cangalha	1		1		1				1							2	1			1					04
canguinha	1															1									01
forquilha						1					2						1			2					08
vaqueira										1									1						01
xis										1									1						01
não soube responder		1	3	2		1	2			1					1	3	3	3	1			1			11
TOTAL	6	4	5	4	3	2	2	2	2	3	3	3	2	2	3	2	11	8	5	4	5	6	5	4	48

Fonte Direta

TEMA:forquilha

CARTOGRAMA 73

PERGUNTA:...a armação de madeira, que se coloca no pescoço de animais (porco, terneiro/bezerro/carneiro,vaca)para não atravessarem a certca? (Questionário ALiB, 2001)

De acordo com a Tabela 73, transposta para o Cartograma 73, o item lexical mais utilizado para responder a pergunta 73 ...a armação de madeira, que se coloca no

pescoço de animais (porco, terneiro/bezerro, carneiro, vaca), para não atravessarem a cerca?, com vinte respostas, foi *canga*, o qual não coincide com o tema que engendrou esta pergunta, bem como difere dos itens/tema, *cangalha* e *forquilha*, do QSL do Atlas Linguístico do Brasil - ALiB. Há, nos quatro pontos de inquérito, como frequência, exatamente o mesmo número de respostas masculinas e femininas, dez, das quais treze foram mencionadas por respondentes com mais de 50 anos e sete por jovens, de 18 a 40 anos.

Localizam-se, ainda, conforme os dados elencados, duas variantes fonéticas e uma morfológica deste substantivo/norma, que são respectivamente: a que exhibe iotização, *cangaia*, dada como resposta por seis sujeitos de três dos quatro municípios pesquisados, Sinop, Cláudia e Santa Carmem. Destaca-se que, dentre estes sujeitos, cinco têm mais de 50 anos e só um tem de 18 a 40 anos, mais especificamente um jovem de Santa Carmem, assim como cinco são do sexo masculino e tão somente uma é mulher, da cidade de Cláudia; a que realça palatização, *cangalha*, falada por um homem, acima de 50 anos, e por um jovem, de 18 a 40 anos, ambos de Sinop, bem como por um homem, acima de 50 anos, de Vera, e por uma mulher, acima de 50 anos, de Cláudia; e o diminutivo *canguinha*, proferido unicamente por um homem, acima de 50 anos, de Sinop.

Com relação ao item lexical/tema *forquilha*, apresenta-se apenas em três respostas, todas de jovens, de 18 a 40 anos, sendo um rapaz de Vera e duas moças de Cláudia.

É importante verificar nos dados acima, ainda, o alto índice de não-respostas, visto que onze entrevistados de todos os pontos em análise não souberam responder a questão supracitada, dentre eles encontra-se um número maior de mulheres, sete, contra quatro sujeitos homens. Cabe ressaltar, também, a elevada distinção numérica que se evidencia entre as não atribuições responsivas por respondentes com mais de 50 anos e por jovens, de 18 a 40 anos, duas daqueles e nove destes.

4.3.61 Carroça/Carreta de boi

74) ...carro de transporte, quase sempre feito de madeira, puxado por um animal, geralmente cavalo ou boi, e usado para transporte de carga?

Tabela lexical 74

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal								Total
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia / Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
aranha	1				1												1		1						02
arrastão	1																1								01
carreta	2	1			1												2	1	1						04
carretão	1	1							1				1				1	1			1		1		04
carrinho												2			2	1						2	2	1	03
carroça	4	1	4	4		1	2	1	2	2	2	1	1	2	2	2	2	2	2	4	3	3	4	3	31
carroção						1								2					1				2		03
carrocinha						1				1					1				1	1			1		03
carro de boi	3	2	2		1	1	2		1	1	1	1	2	1		1	2	2	3	1	2	2	2	2	19
carruagem				1									1			1		1					1	1	03
charreta									1											1					01
charrete	2		2	1	1	1		1	1	1	1	1	1		1	1	4	1	1	2	2	2	2	1	13
charretinha														1									1		01
gaiota	1	1															1	1							02
jilta		1																1							01
sôri	1																1								01
zorri	1																1								01
TOTAL	17	7	8	6	4	3	4	2	6	4	3	3	6	6	3	7	23	13	8	7	11	9	11	13	97

Fonte Direta

TEMA:carroça/carreta de boi

CARTOGRAMA 74

PERGUNTA:...carro de transporte, quase sempre feito de madeira, puxado por um animal, geralmente cavalo ou boi, e usado para transporte de carga?

Na Tabela 74, como também se pode verificar no Cartograma 74, a maior ocorrência é do item lexical *carroça*, que aparece em trinta e uma respostas nos quatro municípios pesquisados, e é integrante do tema da questão 74 *...carro de transporte, quase sempre feito de madeira, puxado por um animal, geralmente cavalo ou boi, e usado para transporte de carga?*. Com relação à frequência, destacam-se dezessete respostas masculinas *versus* quatorze femininas, das quais treze foram mencionadas por respondentes com mais de 50 anos e dezoito por jovens, de 18 a 40 anos.

Evidencia-se, ainda, nos dados elencados acima, um grande número de variantes morfológicas de *carroça*, que são: o aumentativo *carroção*, falado por três respondentes femininas acima de 50 anos, uma de Vera e duas de Santa Carmem; os diminutivos *carrocinha*, dito por uma mulher, acima de 50 anos, de Vera, por um jovem, de 18 a 40 anos, de Cláudia, e por uma jovem, de 18 a 40 anos, de Santa Carmem, e *carrinho*, proferido tão somente por jovens, de 18 a 40 anos, duas moças de Cláudia e dois rapazes e uma moça de Santa Carmem; bem como a que altera o sufixo, *carruagem*, citada por uma jovem, de 18 a 40 anos, de Sinop, assim como por um homem, acima de 50 anos, e por uma jovem, de 18 a 40 anos, ambos de Santa Carmem.

Há, também, a expressão variante *carro de boi*, que se manifesta como segunda maior ocorrência entre as respostas obtidas para a pergunta supracitada, com dezenove respostas em todos os pontos de inquérito e divididas entre um número maior de proferições masculinas, doze, contra sete femininas, mesma quantificação numérica esta que distingue as atribuições responsivas dadas por entrevistados com mais de 50 anos e por jovens, de 18 a 40 anos, doze daqueles e sete destes.

Quanto à expressão/tema *carreta de boi*, também variante do item/norma exposto acima, não há nenhum registro de resposta da mesma entre os sujeitos, todavia encontra-se, nos dados, o substantivo *carreta*, atribuído como resposta por quatro respondentes acima de 50 anos, dois homens e uma mulher de Sinop e um homem de Vera, e, ainda, a variante aumentativa *carretão*, igualmente pronunciada apenas por sujeitos acima de 50 anos, um casal de Sinop, um homem de Cláudia e outro de Santa Carmem.

4.3.62 Laçar

75) O mesmo que prender com laço um animal em movimento?

Tabela lexical 75

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal								Total
Palavra Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
legado				2	2	1			1	2				1				2	2	1	1	2		1	08
laçar	4	3	4	3	2	2	2	2	2	2	2	2	2	1	2	2	8	6	4	4	4	4	4	3	37
não soube responder		1															1								01
TOTAL	4	4	4	3	4	3	2	2	3	4	2	2	2	2	2	2	8	9	6	3	3	6	4	4	47

Fonte Direta

Conforme podemos verificar na Tabela 75, ratificada pelo Cartograma 75, a maior ocorrência, com trinta e sete respostas, foi do item lexical/verbo *laçar*, o qual coincide com o tema de propositura desta questão. Há, como frequência, um número maior de respostas masculinas, vinte, *versus* dezessete femininas, das quais dezoito foram mencionadas por respondentes com mais de 50 anos e dezenove por jovens, de 18 a 40 anos, divididas entre todos os pontos de inquérito.

Encontra-se, nos dados elencados acima, uma variante morfológica deste item que constitui a norma de uso para o conceito/pergunta *O mesmo que prender com laço um animal em movimento?*, o particípio passado, *laçado*, falado por nove entrevistados também em todos os municípios pesquisados, o qual se destaca com mais respostas entre as mulheres, seis, contra três entre os homens. Destas respostas, vale salientar que sete foram proferidas por sujeitos acima de 50 anos e tão somente duas por moças, de 18 a 40 anos, ambas da cidade de Sinop.

A abrangência de utilização do item lexical *laçar* na região norte de Mato Grosso pode estar relacionada ao cultivo das tradições e disseminação da cultura gaúcha feita insistentemente pelos migrantes da região sul do Brasil nesse novo espaço colonizado, como se pode observar no seguinte fragmento da narrativa pessoal de S10 M, que é proveniente de Guabiju no Rio Grande do Sul:

Tenho minhas pilcha, tenho minhas coisa, tenho minhas coisa. Faço as minhas provas do jeito que é. [...] De laço e tenho, e participo da, tanto participo da região daqui dos CTG's (Centro de Tradições Gaúchas), né, **eu laço pelo CTG, pelo MTG (Movimento Tradicionalista Gaúcho) e laço pela Federação**. Esses (apontando) são troféus, só que duns 5, 6 anos pra trás, porque, infelizmente, eu sou contra, mas é o que tá acontecendo, de uns 5, 6 anos pra cá virou só dinheiro. Eu dou um valor danado por um trofeuzinho, mas não dão mais. Eu gosto disso.

4.3.63 Rodeio

76) ...a competição que consiste em montar cavalo ou boi não domesticados e permanecer montado o maior tempo possível? (Aulete On-line).

Tabela lexical 76

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Total
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios								
Lexia / Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios				
adornar													1										1						01				
campeonato	1																1												01				
doma			2						1	1		1					2					1	2						03				
festa do peão				2													2												02				
ginete	1	1												1		1	1						1						03				
gineteada	1	1															1	1											02				
montaria	3		2	1	1					1	2		1	1	1		3	1	1		2	1	2	1					13				
rodeio	2	3	4	3	1		2	2	2	1	2	2	1	2	2	2	6	6	3	2	4	3	3	4					31				
tourada				2													2												02				
tourada	1								1				1				1				1		1						03				
vaquejada				1			1										1	1											02				
não soube responder						2														2									02				
TOTAL	9	3	8	9	2	2	3	2	4	3	4	3	4	3	4	2	17	14	3	4	3	6	3	3					67				

Fonte Direta

TEMA:rodeio

CARTOGRAMA 76

PERGUNT: ...a competição que consiste em montar cavalo ou boi não domesticado

e permanecer montado o maior tempo possível?(Aulete online)

De acordo com os registros da Tabela 76 e de seu respectivo Cartograma, verifica-se que o item lexical *rodeio*, de maior ocorrência entre as respostas dadas pelos entrevistados, coincide com o item/tema de propositura da questão 76 *...a competição que consiste em montar cavalo ou boi não domesticados e permanecer montado o maior tempo possível?*.

Dentre as trinta e uma respostas, localizáveis em todos os pontos de inquérito, há dezesseis proferições masculinas e quinze femininas, das quais doze foram mencionadas por respondentes com mais de 50 anos e dezenove por jovens, de 18 a 40 anos.

4.3.64 Galpão

77) **...construção coberta com os lados (pelo menos um deles) desprovidos de parede, utilizada para depósito e/ou abrigo de produtos agrícolas, maquinários etc.? (Houaiss, 2004, p. 1422).**

Tabela lexical 77

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
armazém			1	1			1						1		1	2	1		1				1		03
barracão	3	1	3	4	2	1	2	1	2	1	2	2	2	1	2	1	6	3	4	2	4	3	4	2	30
celeiro																1							1		01
depósito			2				1	1	1	1							2		1	1	1	1			06
galpão	2	2	1			1	2	2	1	1	2	1	1	1	1	1	3	2	3	3	3	2	2	2	18
galpãozinho	1																1								01
garagem					1				1										1		1				02
galpão						1								1					1					1	02
paio	2	1	1			1			2	1			1		1		3	1	1		2	1	2		10
rancho			1												1		1						1		02
sítio												1	2									1	2		08
tuia	1	1				1			1		1				1		1	1		1	2		1		06
tuia	2	1							1	1							2	1			1	1			03
TOTAL	11	7	9	5	3	4	5	4	10	5	4	5	7	3	6	3	20	12	8	8	14	10	13	6	91

Fonte Direta

TEMA:galpão

PERGUNTA: **...construção coberta com os lados(pelo menos um deles) desprovido de parede, utilizada para depósito e/ou abrigo de produtos agrícolas, maquinários etc.? (Houaiss, 2004, p.1422)**

CARTOGRAMA 77

Conforme a Tabela 77, transposta para o Cartograma 77, o item lexical mais utilizado para responder a pergunta 77 *...construção coberta com os lados (pelo menos um deles) desprovidos de parede, utilizada para depósito e/ou abrigo de produtos agrícolas, maquinários etc.?*, com trinta respostas, foi *barracão*, o qual não coincide com o tema que engendrou esta pergunta. Há, nos quatro pontos de inquérito, como frequência, um número maior de respostas entre os homens, dezoito, *versus* doze entre as mulheres, das quais treze foram mencionadas por respondentes com mais de 50 anos e dezessete por jovens, de 18 a 40 anos.

Já o item lexical/tema *galpão*, aparece como segunda maior ocorrência, com dezoito respostas, também proferidas nas quatro cidades em análise. Destas respostas, evidenciam-se dez entre os sujeitos femininos e oito entre os masculinos, mesma quantificação numérica esta que distingue as atribuições responsivas dadas por entrevistados acima de 50 anos e por jovens, de 18 a 40 anos, dez daqueles e oito destes. Encontram-se, ainda, dentre os dados elencados acima, uma variante fonética de *galpão*, o rotacismo *garpão*, falado por duas mulheres com mais de 50 anos, uma de Vera e uma de Santa Carmem, e uma variante morfológica, o diminutivo *galpãozinho*, propalada tão somente por um homem, acima de 50 anos, do município de Sinop.

4.3.65 Balaio/Cesto

78) **...objeto de palha, taquara, bambu ou cipó trançado, redondo e de boca aberta, que é transportado no lombo de cavalos, burros ou na cabeça de pessoas, para levar batatas, mandiocas ou qualquer outro produto agrícola?**

Tabela lexical 78

Localidade	Sinop				Vera				Cáudia				Santa Carmem				Subtotal								Total
Palavra Etnia	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cáudia		Santa Carmem		Municípios
Idade Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
baleio		1														1									01
baleio	4	3	1	2	1	2			2		2	1	2	2	2	1	3	3	1	2	4	1	4	3	23
baleca	1										1						1			1					02
cesta			2	2				1									2	2		1					03
cestão									1											1					01
cesto	1	2	2	1			2		2	2		2	1	1	2	2	3	3	2		2	4	3	3	20
cane		1															1								01
espigão	1																1								01
jaci	3				2	1								1			3		2	1				1	07
seve	1																1								01
não soube responder								1												1					01
TOTAL	11	7	3	3	3	3	2	2	3	2	3	3	3	4	4	3	16	12	3	3	8	3	7	7	63

Fonte Direta

TEMA: balaio/cesto

CARTOGRAMA 78

PERGUNTA: ...objeto de palha, taquara, couro, bambu ou cipó trançado, redondo e de boca aberta, que é transportado no lombo de cavalos, burros ou na cabeça de pessoas, para levar batatas, mandiocas ou qualquer outro produto agrícola?

Segundo as respostas da questão 78 *...objeto de palha, taquara, bambu ou cipó trançado, redondo e de boca aberta, que é transportado no lombo de cavalos, burros ou na cabeça de pessoas, para levar batatas, mandiocas ou qualquer outro produto agrícola?*, elencadas tanto no Cartograma quanto na Tabela, é possível observar que a maior ocorrência é do item lexical/tema *balaio*, com vinte e cinco respostas dadas pelos entrevistados, em todos os pontos de inquérito. Destas respostas, há um número maior de proferições entre os homens, quatorze, *versus* onze entre as mulheres, das quais dezesseis foram mencionadas por respondentes com mais de 50 anos e nove por jovens, de 18 a 40 anos. Há, ainda, nos dados acima, uma variante morfológica de *balaio*, o diminutivo *balainho*, falado apenas por uma mulher, acima de 50 anos, de Sinop.

Já o item lexical/tema *cesto*, aparece como segunda maior ocorrência, com vinte menções em todos os municípios pesquisados, e distribuídas em igual número entre homens e mulheres, dez vezes. Quanto à distinção numérica entre as faixas etárias, destacam-se nove atribuições responsivas dadas por sujeitos com mais de 50 anos e onze por jovens, de 18 a 40 anos. Este item, do mesmo modo, evidencia variantes morfológicas, tais como o feminino deste substantivo, *cesta*, dado como resposta tão somente por jovens, de 18 a 40 anos, dois rapazes e duas moças de Sinop e uma moça

de Vera; e o aumentativo *cestão*, propalado por um homem, acima de 50 anos, de Cláudia.

Salienta-se, também, que o item lexical *bruaca*, trazido ao corpo de respostas de um pioneiro da cidade de Sinop, S10 M, proveniente de Guabiju/RS, e de um jovem, de 22 anos, da cidade de Cláudia, C20/2 M, filho da pioneira C20 F, advinda antes da migração de Apucarana no Estado do Paraná, pode ter indícios ou remeter a conceitos relacionados às atividades desenvolvidas pelo tropeirismo, visto que C20/2 M, ao ser questionado sobre a justificativa de uso deste item lexical, explanou que “**bruaca**, os tropeiros levavam a bruaca, mas é de couro.” S10 M semelhantemente relatou que a *bruaca* era colocada “em cima de um animal dos tropeiros, um de cada lado, e é feita de couro, seria uma forma de dois balaies e vai atrás do arreio com duas sacolas, uma de cada lado assim”.

4.3.66 Carriola

79) ...um veículo de uma roda, empurrado por uma pessoa, para pequenas cargas em trechos curtos? (Questionário ALiB, 2001, p.25).

Tabela lexical 79

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Pesq. Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
carrinho									1				1	1								1	1	1	03
carrinho de mão	3	1	3	2		1	1	2		1	2	2	1		1	2	6	3	1	3	2	3	2	2	22
carrinhola				1													1								01
carriola	4	4	2	3	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	6	7	4	4	4	4	4	4	37
carriôla				1													1								01
TOTAL	7	5	6	6	2	3	3	4	2	4	4	4	4	3	3	4	13	11	5	7	6	8	7	7	64

Fonte Direta

Como se pode verificar na Tabela e no Cartograma 79, a maior ocorrência é do item lexical *carriola*, que aparece em trinta e sete respostas, nas quatro cidades pesquisadas. Este item coincide com o tema da questão 79 *...um veículo de uma roda, empurrado por uma pessoa, para pequenas cargas em trechos curtos?*, bem como com um dos itens/tema desta mesma questão integrante do Questionário Semântico-Lexical do ALiB. Com relação à frequência, destacam-se dezoito respostas masculinas e dezenove femininas, das quais vinte foram mencionadas por respondentes com mais de 50 anos e dezessete por jovens, de 18 a 40 anos.

Apresentam-se, ainda, nos dados coletados acima, variantes fonéticas deste item lexical/norma de etimologia italiana, que são respectivamente: a que exhibe apofonia, *carriôla*, falada por um jovem, de 18 a 40 anos, do município de Sinop; e a que evidencia palatalização, *carrinhola*, dita também por uma jovem, de 18 a 40 anos, de Sinop.

4.3.67 Lavagem

80) ...restos de comida que geralmente se dão aos porcos? (Aurélio, 1986, p. 1014).

Tabela lexical 80

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
País Etnia Lexia Sexo	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	
lavagem	4	2	3	3	2	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	7	5	4	3	4	4	4	4	33
restos		2	1	1		1											1	3	1						03
sobras		1				1												1	1	1					02
TOTAL	4	3	4	4	2	3	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	8	9	4	5	4	4	4	4	42

Fonte Direta

TEMA: lavagem

PERGUNTA: ...restos de comida que geralmente se dão aos porcos? (Aurélio, 1986, p.1014)

Como podemos observar na Tabela 80 e também no Cartograma 80, a questão 80, traz, de acordo com as respostas registradas, como norma de uso na comunidade linguística pesquisada, o item lexical *lavagem*, com trinta e cinco respostas proferidas entre os sujeitos nos quatro pontos de inquérito. Há dezenove atribuições responsivas masculinas e dezesseis femininas, das quais dezessete foram mencionadas por respondentes com mais de 50 anos e dezoito por jovens, de 18 a 40 anos.

Lavagem coincide com o tema desta questão ...restos de comida que geralmente se dão aos porcos?.

4.3.68 Silagem

81) ...processo que consiste no corte da planta na época ideal, o enchimento do silo com as plantas picadas e compactadas e a vedação do silo, que resulta em alimento para animais e na época da seca pode substituir o pasto?

Tabela lexical 81

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
País Estado	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
armazenagem						1													1						01
decomposição							1													1					01
ensilagem			1																1						01
estocar	1																		1						01
maceração		1																	1						01
processamento																1								1	01
silagem	4	2	1	3	1		1	1	2	2	2	2	2	1	2	1	3	3	2	1	4	4	4	2	27
não soube responder		1	2	1	1	2								1			2	2	1	2				1	06
TOTAL	5	4	4	4	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	9	8	4	4	4	4	4	4	41

Fonte Direta

TEMA: silagem

PERGUNTA: ...processo que consiste no corte da planta na época ideal, o enchimento dos silos com as plantas picadas e compactadas e a vedação do silo, que resulta em alimento para animais e na época da seca pode substituir o pasto?

CARTOGRAMA 81

Conforme a Tabela 81, transposta para o Cartograma 81, o item lexical mais utilizado em todos os pontos de inquérito para responder a pergunta 81 *...processo que consiste no corte da planta na época ideal, o enchimento do silo com as plantas picadas e compactadas e a vedação do silo, que resulta em alimento para animais e na época da seca pode substituir o pasto?*, com vinte e sete respostas, foi *silagem*, o qual coincide com o item/tema desta pergunta. Há, como frequência, doze respostas femininas e quinze entre os homens, das quais quatorze foram mencionadas por respondentes com mais de 50 anos e treze por jovens, de 18 a 40 anos. *Silagem* apresenta, ainda, nos dados elencados acima, uma variante morfológica, a que exhibe derivação prefixal, *ensilagem*, falada unicamente por um jovem, de 18 a 40 anos, da cidade de Sinop.

Destaca-se, também, que a ampla difusão do conceito de *silagem* na região norte de Mato Grosso remete-se, muito provavelmente, ao clima equatorial existente neste espaço geográfico em estudo e que se divide em duas estações bem marcadas, o período de chuva, que ocorre de outubro a março, e o período de seca, entre os meses de abril a setembro. Tal referência climática pode ser observada no seguinte fragmento da reportagem de Júlio Tabile, redigida para a *Revista Eletrônica do Agronegócio no MT*:

O cenário por enquanto é de pasto verde, as vacas pastoreando em todos os espaços do potreiro. Mas logo este cenário vai mudar e para garantir alimento na época da estiagem, os produtores, principalmente de leite, produzem a silagem, a base de milho. É a alternativa usada para suprir a escassez de comida por mais de cinco meses em Mato Grosso. Valmir Gilow tem 15 vacas leiteiras na propriedade, 12 estão em lactação produzindo cerca de 80 litros/dia. Na seca a produtividade deve cair, mas seu Valmir espera manter os mesmos 80 litros, servindo silagem aos animais. “Vou começar a dar a silagem no início de junho. Estamos fazendo bastante, cerca de 150 mil quilos e isso vai ser suficiente e garantir a mesma produção de leite que estamos tendo durante o período das águas”, contou. (TABILE, 30 de abr. de 2012, postado por MT AGRONEWS, às 13h e 52min).

Salienta-se, ainda, de acordo com os dados, a grande quantidade de não-respostas atribuídas pelos sujeitos à questão supracitada, ou seja, oito entrevistados de três dos quatro municípios pesquisados, Sinop, Vera e Santa Carmem, três homens e cinco mulheres, não souberam dar nenhuma resposta ao enunciado de 81. Destes entrevistados, três são jovens, de 18 a 40 anos, e cinco têm mais de 50 anos.

4.3.69 Sacaria

82) ...grande quantidade de sacos ou de sacas juntos? (Houaiss, 2004, p. 2491).

Tabela lexical 82

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total						
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios		
Lexia / Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
bloco													1										1				01
embalagem	1																1										01
estoque lote							1				1								1	1							02
monte			1												1										1		01
pilha													1										1				01
sacada							1								1				1					1			02
sacaria	4	4	1		2	2	2		2	1	1	1	1	1	2	2	3	4	4	2	3	2	3	3			26
sacos			2	2										1		1	2	2						2			06
sacos empilhados				1	1													1	1								02
não soube responder			2	1						1		1					2	1				2					03
TOTAL	5	4	6	4	2	2	2	3	2	2	2	2	3	2	2	3	11	8	3	3	4	4	3	7			48

Fonte Direta

TEMA: sacaria

CARTOGRAMA 82

PERGUNTA: ...grande quantidade de sacos ou de sacas juntos? (Houaiss, 2004, p.2491)

Como podemos verificar, tanto na Tabela 82 quanto no Cartograma 82, o item lexical *sacaria* destaca-se como o de maior uso entre os entrevistados, com vinte e seis respostas, localizáveis em todos os pontos de inquérito. Há, para este item, que coincide com o tema desta questão *...grande quantidade de sacos ou de sacas juntos?*, um número maior de respostas entre os homens, quinze, *versus* onze entre as mulheres. Salienta-se, também, que os dados nos mostram dezessete proferições entre os sujeitos acima de 50 anos, contra apenas nove entre os jovens, de 18 a 40 anos.

Localizam-se, ainda, nos dados supracitados, variantes morfológicas de *sacaria*, tais como: o substantivo primitivo masculino/plural, *sacos*, dito por cinco sujeitos

jovens, de 18 a 40 anos, duas moças e dois rapazes de Sinop e uma moça de Santa Carmem, assim como por uma mulher, acima de 50 anos, também de Santa Carmem; e a que altera o sufixo, *sacada*, falada por uma jovem, de 18 a 40 anos, de Vera. Encontra-se, também, dentre as respostas elencadas, uma expressão variante, *sacos empilhados*, mencionada por uma jovem, de 18 a 40 anos, do município de Sinop, e por um homem, acima de 50 anos, de Vera.

4.3.70 Coronel

83) ..._____ (cf. item 82) de cem litros, que comporta aproximadamente 80 Kg?

Tabela lexical 83

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total			
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop	Vera	Cláudia	Santa Carmem	Municípios			
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios			
bandeirante	1														1						01			
beg (bag)					1		1				2						1	1	2		04			
bergue									1										1		01			
coronel	1								1				2	1			1		1	2	1	05		
saco de colheita					1												1				01			
saco de estopa							1								1				1		02			
saco de linhagem	1														1						01			
não soube responder	1	4	4	4		2	1	1	1	1	2		1	1	2	5	8	1	3	3	1	1	3	25
TOTAL	4	4	4	4	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	8	8	4	4	4	4	4	40

Fonte Direta

Segundo a última Tabela, 83, da área semântica Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais, transposta para o Cartograma 83, a maior ocorrência para a pergunta 83 ..._____ (cf. item 82) *de cem litros, que comporta aproximadamente 80 Kg?*, foi de não-respostas, ou seja, vinte e cinco sujeitos dos quatro pontos de inquérito não souberam atribuir nenhuma resposta para esta pergunta. Destes sujeitos, há um número maior de mulheres, quinze, *versus* dez não-respostas masculinas, mesma quantificação numérica esta que distingue as não atribuições responsivas de respondentes com mais de 50 anos e as de jovens, de 18 a 40 anos, dez daqueles e quinze destes.

Quanto ao item lexical/tema *coronel*, tema que engendrou a questão supracitada, aparece em apenas cinco respostas, todas de entrevistados acima de 50 anos, um homem de Sinop, S9 M, uma mulher de Cláudia, C20 F, bem como dois homens, SC5 M e SC7 M, e uma mulher, SC8 F, da cidade de Santa Carmem. Sobre o significado/sentido deste item, S9 M, que o trouxe à materialidade linguística de seu relato de experiência pessoal, assim o conceituou: “era **coronel** um saco de cem litro” utilizado para o armazenamento do café nos cafezais paranaenses.

É interessante observar, também, que os cinco pioneiros migrantes, que deram *coronel* como resposta, moravam antes da migração em cidades vizinhas: Amaporã, Apucarana, Planaltina, Altônia e Querência do Norte, todas do Paraná e inseridas nas regiões norte e noroeste deste Estado. Vale destacar, ainda, que a economia dessas cidades, de meados do século XX até os anos 70, teve o seu ápice no desenvolvimento da cafeicultura, no entanto, a partir de então se inicia a fase de declínio dessa atividade agrícola, como se pode verificar nos registros históricos a seguir:

A crise na cafeicultura instala-se reforçada real e simbolicamente pelas constantes geadas que iam destruindo os cafezais (com destaque para o ano de 1975). Foi esse o período em que as lavouras “modernas” (principalmente soja e trigo) desenvolvem-se decisivamente em substituição ao café. E foi essa a orientação das políticas públicas do governo brasileiro: desestimular a continuidade da cafeicultura (que encontra reforço nas geadas). (FAJARDO, 2006, p.107).

Esse é o cenário, portanto, que estimula muitos produtores, na busca por alternativas à continuidade desta cultura, a virem ao norte de Mato Grosso, pois as propagandas de terras ‘férteis’ e ‘produtivas’, conforme visto no Capítulo 1 desta pesquisa, oferecem uma oportunidade de recomeço a esses cafeicultores que

sucumbiram à crise vigente no Paraná. Essa constatação é reforçada no relato pessoal de C20 F, como é possível observar no seguinte fragmento narrativo:

[...] nós somos do norte do Paraná, de Apucarana. [...] O que impulsionou mais era a seguinte situação: uma mudança de vida, vamos dizer assim, entendeu? Algo diferente, algo que nós pudéssemos... **na verdade, a busca de um novo lugar pra plantar café**. Nós éramos de Apucarana, onde era o cultivo, era muito grande de café e lá já com aquelas geadas e tudo, o pessoal começou a se desanimar. Como ele (o marido) trabalhava na serra do Cadeado, ele conheceu um corretor, que ele vinha frequentemente pra cá, né. Aí ele recebeu o convite pra vir conhecer Mato Grosso. Aí conheceu, aí incentivou os parentes a virem conhecer e acabaram, assim, comprando as terras e vindo pra cá pra plantar café mesmo. Primeira coisa foi o café.

Contudo, vale lembrar, de acordo com a realidade empírica dos fatos históricos que se registram da região norte mato-grossense, novamente aqui os plantadores de café se deparam com o fracasso e a perda dos recursos investidos, visto que, ainda conforme C20 F, “plantava até rápido, só que depois o café produziu e não tinha pra quem vendê”, pois, “a qualidade do café era muito ruim, era um café que não dava bebida. O problema é esse, né, não deu bebida, aí se vai vendê pra quem?”.

4.3.71 Histograma 6: itens mais frequentes da área semântica Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais

No Histograma seis é possível verificar a disposição dos itens lexicais de maior ocorrência dados pelos sujeitos entrevistados na área semântica Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais deste estudo semântico-lexical. Salienta-se que, em razão da extensão desta área semântica, visto que se constitui de setenta questões, elegeram-se para compor este histograma somente os itens com frequência maior ou igual a trinta, ou seja, os itens lexicais que apresentam um número maior ou igual a trinta respostas dadas pelos respondentes, conforme se pode ver na distribuição acima.

Elenco, contudo, abaixo, toda a sequência enumerativa das perguntas e de seus respectivos itens/norma, ou, quando for o caso, da identificação de maior quantificação de não atribuições responsivas, que formam o corpo enunciativo de Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais:

- 14) Colonização = *...processo de povoamento e exploração de uma região do país por pessoas que vêm de outros lugares e Estados?*
- 15) Picada= *O que é que se abre com o facão, a foice para passar por um mato fechado?* (Questionário ALiB, 2001, p.26).
- 16) Carreador = *...caminho aberto no meio de uma lavoura, especialmente de café?* (Houaiss, 2004, p. 634).
- 17) Fazenda= *...a área que é preciso ter ou comprar para se cultivar plantações ou se investir em pecuária?*
- 18) Plana= *Diz-se para a terra que se apresenta sem desigualdade, sem elevação?*
- 19) Cerrado= *...região ou terreno em que ocorrem longos períodos de seca e em que há uma vegetação caracterizada por árvores baixas, retorcidas, de casca grossa, espaçadas entre si e que levam por baixo tapete de gramíneas?* (Aurélio, 1986, p.384).
- 20) Peões= *...homens que são contratados para trabalhar em fazendas, não mantêm moradia fixa, são geralmente isolados de parentes ou família, e, às vezes, recrutados em outros Estados?*
- 21) Gato= *...o homem intermediário entre a _____(cf. item 20) e o empreiteiro, que contrata com os fazendeiros trabalhos de queima, desmatamento, plantio etc.* (Aurélio, 1986, p.840).
- 22) Empreita/Terceirizado= *...tarefa ou trabalho por conta de terceiros, geralmente com o tempo estipulado e com o valor do pagamento combinado antecipadamente e só efetuado ao final?*
- 23) Derrubada= *...a ação de retirar o mato que recobre uma terra ou terreno e que destrói as florestas?*
- 24) Queimado= *Como fica o local que foi destruído pelo fogo, geralmente com o propósito de preparar o solo para semear ou plantar?*

- 25) Fumaça= ...grande massa de vapor acinzentado que sobe de coisa queimada? (Aulete On-line).
- 26) Destoca= ...o processo de arrancar os tocos ou cepos de árvores após a _____(cf. item 23) da floresta para fins de lavoura ou construção? (Aurélio, 1986, p.577).
- 27) Não soube responder = Como se apresenta o solo logo no início após a _____(cf. item 26) em função das raízes das árvores?
- 28) Leras = ...os montes alinhados que se fazem após a/o _____(cf. item 23) de raízes, troncos e restos vegetais, que posteriormente serão destruídos pelo fogo ou tirados da área a ser cultivada?
- 29) Gradear = O que se costuma fazer, após arar a terra, para aplainar, nivelar o solo e deixá-lo pronto para receber o plantio?
- 30) Carpir = ...o ato de arrancar ou limpar mato, ervas daninhas, com enxada, de terras/terrenos?
- 31) Areia= O que contém a formação do solo da região e que, principalmente no início da colonização, não permitia que as mudas e plantas se desenvolvessem bem?
- 32) Adaptação = O que se teve que fazer, nos anos iniciais da colonização, com as sementes e mudas de plantio trazidas de outros Estados e regiões para adaptá-las ao solo e ao clima do norte de Mato Grosso?
- 33) Adubada = Como fica a terra depois que se coloca matéria orgânica, como excrementos de animais e pedaços de vegetais?
- 34) Não soube responder = ...no manejo da terra na agricultura a ação de utilizar maquinários como substitutos do trabalho humano?
- 35) Lavoura= ...a terra em que se cultiva ou cultivou, em que se realizam atividades agrícolas como plantar e colher?
- 36) Pilão = ...recipiente de madeira dura usado para bater, moer, triturar café, arroz, milho etc.?
- 37) Descascador = ...máquina usada para descascar cereais, grãos etc.?
- 38) Serraria = ...estabelecimento industrial ou comercial que produz e vende madeira? (Aulete On-line).
- 39) Serra-fita= ...tipo de serra mecânica, muito usada em _____(cf. item 38), que tem a folha de serra em forma de fita estreita?
- 40) Marcenaria= ...a oficina onde se fazem trabalhos com madeira, artesanais ou industriais, como objetos de decoração, móveis etc.?
- 41) Marceneiro = ...a pessoa que trabalha na fabricação de móveis e objetos de madeira?

- 42) Serrar = ...o processo realizado pelas _____(cf. item 38) ou pelas _____(cf. item 40) de transformar a madeira bruta, geralmente ainda sob a forma de toras, em tábuas, tacos, compensados etc.?
- 43) Manejo = ...a técnica de corte de árvores que deve ser coordenada por engenheiros florestais e em que partes da floresta podem ser exploradas por um período de até um ano e depois dessa retirada a área deve permanecer intacta por 25 anos?
- 44) Manivela= ...peça que se move com as mãos, espécie de alavanca presa a um eixo, muito utilizada em poços para puxar baldes de água ou terra?
- 45) Corretor = ...aquele que trabalha como intermediário na compra e venda de terras, imóveis etc.?
- 46) Sitiente = ...o homem proprietário ou morador de sítio? (Houaiss, 2004, p.2587).
- 47) Agricultor = ...o trabalhador rural, aquele que faz trabalhos voltados à agricultura?
- 48) Divisa= ...linha que demarca fronteira, separa duas terras, terrenos etc. vizinhos?
- 49) Arrendamento = ...o aluguel de um imóvel rural para uso provisório mediante pagamento, que pode ser dinheiro, produtos agrícolas ou percentuais do que se produzir?
- 50) Índio = ...o homem nativo que morava nas florestas antes da chegada dos colonizadores?
- 51) Floresta= ...grande extensão de terreno coberto de densa vegetação, como plantas e árvores de diversas espécies, e que serve de alimento para animais que nele habitam?
- 52) Reserva= ...mata que se deixa intocada em propriedade particular ou do Estado e que se destina a assegurar a conservação das espécies animais e vegetais? (Houaiss, 2004, p. 2436; Aurélio, 1986, p. 1492).
- 53) Galho seco = ...galho seco que às vezes quebra e fica solto entre os galhos verdes das árvores e que pode cair sobre os caminhantes ou impedir a passagem?
- 54) Cipó = ...planta trepadeira que nas matas se enrola aos caules e ramos de árvores e arbustos?
- 55) Reflorestamento= ...o processo de plantar novas árvores para refazer uma floresta ou reconstituir suas condições? (Aulete On-line).
- 56) Não soube responder = ...tipo de fibra bastante encontrada na Bahia com a qual se fazem cordas, barbantes, tapetes, chinelos etc. e também pode ser utilizada para fabricar papel? (Aurélio, 1986, p.61).
- 57) Tucum= ...árvore nativa, que apresenta espinhos, de frutos geralmente azul-arroxeados, comestíveis, e de cujas folhas se extraem fibra de grande resistência?
- 58) Cooperado = ...membro ou participante de uma cooperativa? (Aurélio, 1986, p.472).

- 59) Comunidade/Vila = *Num assentamento de trabalhadores rurais como se chama o povoamento que se forma, geralmente com escola, Igreja e atendimento médico, e em que se reúne a comunidade?*
- 60) Barragem= *...construção artificial feita no leito de um rio ou canal destinada a interromper, reduzir ou modificar seus cursos?* (Houaiss, 2004, p. 406).
- 61) Mandioca= *...aquela raiz branca por dentro, coberta por uma casca marrom, que se cozinha para comer?* (Questionário ALiB, 2001, p.25).
- 62) Cará= *...raiz branca ou levemente esverdeada, coberta por uma casca marrom, que se confunde normalmente com a _____(cf. item 61) ou batata?*
- 63) Abóbora= *...fruto com casca geralmente lisa, verde-clara com rajadas mais escuras, polpa levemente esverdeada ou amarelada, com sementes esbranquiçadas, pequenas e achatadas, e que é usado na alimentação humana em forma de refogado ou salada?* (Houaiss, 2004, p. 21).
- 64) Moinho= *...equipamento usado para moer grãos, cereais, para transformá-los em farinha, e que pode ser movido pelo vento, água, animais ou motor?*
- 65) Cabelo/Cabelo do milho = *...os fiozinhos amarelos, avermelhados ou amarronzados que ficam na ponta da espiga de milho?*
- 66) Gado= *...conjunto de animais criados em propriedade rural (bovino/ovino/caprino etc.)?* (Aulete On-line).
- 67) Cocho = *...espécie de vasilha, em geral feita com um tronco de madeira escavada, para a água ou a comida do gado, para se lavar mandioca etc.?*
- 68) Bezerro = *...cria de vaca ainda em fase de amamentação, geralmente até um ano de idade?* (Houaiss, 2004, p. 441).
- 69) *...terreno ou campo cercados, onde animais criados (bois, vacas, carneiros etc.) encontram alimento?*
- 70) Capim = *...a comida, o alimento do gado que se encontra na/no _____(cf. item 69)?*
- 71) Mangueira = *...lugar geralmente cercado onde se prende e/ou recolhe gado?* (Houaiss, 2004, p. 894).
- 72) Porteira= *...peça giratória que fica em uma abertura/entrada da/do _____(cf. item 71), geralmente de madeira, em que usam dobradiças que servem para abrir e fechar essa abertura?*
- 73) Canga= *...a armação de madeira, que se coloca no pescoço de animais (porco, terneiro/bezerro, carneiro, vaca), para não atravessarem a cerca?* (Questionário ALiB, 2001, p.25).
- 74) Carroça= *...carro de transporte, quase sempre feito de madeira, puxado por um animal, geralmente cavalo ou boi, e usado para transporte de carga?*
- 75) Laçar = *O mesmo que prender com laço um animal em movimento?*
- 76) Rodeio = *...a competição que consiste em montar cavalo ou boi não domesticados e permanecer montado o maior tempo possível?* (Aulete On-line).

- 77) Barracão = ...*construção coberta com os lados (pelo menos um deles) desprovidos de parede, utilizada para depósito e/ou abrigo de produtos agrícolas, maquinários etc.*? (Houaiss, 2004, p. 1422).
- 78) Balaio = ...*objeto de palha, taquara, bambu ou cipó trançado, redondo e de boca aberta, que é transportado no lombo de cavalos, burros ou na cabeça de pessoas, para levar batatas, mandiocas ou qualquer outro produto agrícola?*
- 79) Carriola= ...*um veículo de uma roda, empurrado por uma pessoa, para pequenas cargas em trechos curtos?* (Questionário ALiB, 2001, p.25).
- 80) Lavagem = ...*restos de comida que geralmente se dão aos porcos?* (Aurélio, 1986, p. 1014).
- 81) Silagem = ...*processo que consiste no corte da planta na época ideal, o enchimento do silo com as plantas picadas e compactadas e a vedação do silo, que resulta em alimento para animais e na época da seca pode substituir o pasto?*
- 82) Sacaria = ...*grande quantidade de sacos ou de sacas juntos?* (Houaiss, 2004, p. 2491).
- 83) Não soube responder = ..._____ (cf. item 82) *de cem litros, que comporta aproximadamente 80 Kg?*

Para a realização da escolha de itens lexicais desta área semântica utilizei três critérios metodológicos:

a) a seleção do item lexical de maior uso, a norma linguística, falado nos quatro pontos de inquérito da pesquisa; salienta-se que na área semântica Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais o item de maior uso é *mandioca*, com quarenta ocorrências, ou seja, todos os quarenta sujeitos deram-no como resposta à pergunta 61 de meu questionário semântico-lexical. Contudo, como *mandioca* é integrante temático também da questão 50 do QSL do ALiB ...*aquela raiz branca por dentro, coberta por uma casca marrom, que se cozinha para comer?*, optei por um dos três itens lexicais que se apresentaram com segunda maior ocorrência, com trinta e oito respostas, que são *adubada*, *marceneiro* e *índio*. A opção por *índio* se deve ao fato de exibir nos dados coletados um número maior de itens e expressões, quinze, os quais serão devidamente observados nas considerações semântico-lexicais que serão tecidas no subitem da análise, 4.3.77.

b) a constatação de itens lexicais com particularidades sócio-históricas e geográficas regionais. Dentre eles, selecionei *gato*, *destoca*, *leras*, *serraria*, *manejo*, *mangueira*, *rodeio* e *barracão*.

c) a observação de interferências étnicas em algumas escolhas lexicais atribuídas ao corpo responsivo, dentre as questões que mostraram tais interferências, decidi-me pela 74, que traz como maior ocorrência de respostas o item *carroça*.

Foram, portanto, dez os itens selecionados desta extensa área semântica, *índio*, *gato*, *destoca*, *leras*, *serraria*, *manejo*, *mangueira*, *rodeio*, *barracão* e *carroça*, os quais serão analisados e (re)significados no contexto de uso norte mato-grossense.

4.3.72 O item lexical *gato*: apontamentos sócio-semântico-lexicais

O item lexical *gato* foi localizado como entrada em quatro dos seis dicionários pesquisados, no Aurélio (1986), no Aulete Digital, em Bossle (2003) e em Navarro (2004), conforme se pode ver abaixo:

Dicionário Entrada	Vocabulário Portuguez & Latino - D. R. Bluteau (1712)	Diccionario da Língua Brasileira - Luiz M. da S. O. P. Pinto (1832)	Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986)	Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa - (Aulete Digital)	Dicionário Gaúcho Brasileiro - João A. Bossle (2003)	Dicionário do Nordeste - Fred Navarro (2004)
GATO	_____	_____	18- Bras., PR e MT. Intermediário entre os peões e o empreiteiro, que contrata com os fazendeiros trabalhos de queima, desmatamento, plantio, etc. (p.840)	14- Bras. Aquele que, servindo de intermediário entre o empreiteiro e o trabalhador de obras, ou peão, arregimenta homens para o trabalho.	2- Gatuno, ladrão, larápio. (p. 264) (CAPATAZ) 1- Administrador de uma estância ou de uma charqueada. 2- O responsável pela condução de uma tropa. 3- Chefe de um grupo de peões, nas lidas do campo.	1- Carão, repreensão. (p.182) (GATEZA) Agilidade, esperteza. (p.182)

Quadro 8: Reflexões analíticas sobre o item lexical *gato*.

Fonte: Pesquisa direta.

Este item lexical, tal como o conhecemos hoje, teria procedência, de acordo com Othero (2003, p. 27), do latim *cattum*, e o seu processo de evolução fonética e ortográfica obedeceria à seguinte ordem: *cattum* > *catto* > *cato* > *gato*, inicialmente com a desnasalização do u, em seguida teria passado pela simplificação ortográfica (tt > t) e finalmente pela sonorização (c > g). Dessa forma, se observarmos que o período de simplificação ortográfica só ocorre após a publicação da *Ortografia Nacional* de autoria de Gonçalves Viana em 1904, assim se poderia justificar o porquê não haver registro de

gato nos dicionários dos séculos XVIII e XIX, conforme se pode ver no quadro acima, no entanto, não há também registro das formas anteriores e supostamente primevas.

Com relação aos conceitos trazidos pelos lexicógrafos, há, em dois dos quatro dicionários em que o item *gato* se encontra registrado, no Aurélio (1986) e no Aulete Digital, similaridade ou correspondência ao sentido impresso pela maioria dos sujeitos em minha pesquisa. No Aurélio, inclusive, há uma indicação no início da exposição conceitual de que este sentido seria corrente nos Estados do “PR” e “MT”, respectivamente Paraná e Mato Grosso.

Já no *Dicionário Gaúcho Brasileiro* (2003) e no *Dicionário do Nordeste* (2004) os conceitos/sentidos distinguem-se do trazido pelos entrevistados; no *Gaúcho*, contudo, encontra-se a entrada *capataz*, a qual apresenta conceitos pertinentes com a materialidade enunciativa da questão 21 ...*o homem intermediário entre a _____* (cf. item 20) e o *empreiteiro, que contrata com os fazendeiros trabalhos de queima, desmatamento, plantio etc.* É importante verificar, também, que *capataz* foi dado como resposta a esta pergunta por dez sujeitos em todos os pontos de inquérito.

Sobre os sentidos dispostos nestes dois dicionários regionais, é possível ainda reportar o conceito de *gato* do *Dicionário Gaúcho Brasileiro* e o de *gateza* do *Dicionário do Nordeste* à suposta origem semântica do item lexical *gato* no espaço geográfico norte mato-grossense, segundo o fragmento de textualidade, que se pode ver a seguir, integrante da resposta do sujeito de Sinop, S9 M⁷:

Agora, conforme o empreiteiro tinha a mão meia leve, porque ele sempre pegava um pouco dos pião, então conforme o gato é um bicho ligeiro, então ponharam o nome de gato, porque o gato é ligeiro, o gato fazia assim (gesto) no dinheiro dos pião. O que não é ligeiro não pode ser gato, ele vai à falência. Você vê que não tem nada vê um homem com gato, né, gato é gato, mas porque ele é ligeiro, é sabido. Porque o gato, ele tá vendo o rato, ele vai devagarzinho, devagarzinho e consegue pegá, pega um rato. Bom, na minha ideia é assim.

Mesmo com a não inclusão dos sentidos propagados para o item *gato* no norte de Mato Grosso nos dois dicionários regionais, constata-se que há continuidade semântica do mesmo neste contexto geográfico, pelo menos desde os anos finais do século XX, visto que o uso do sentido dicionarizado, tanto no Aurélio (1986) quanto no

⁷Ressalta-se que este sujeito migrante é proveniente, antes da migração, da cidade de Amaporã no noroeste paranaense.

Aulete Digital, se mantém e se dissemina como norma nas cidades mato-grossenses analisadas.

De acordo com estes resultados evidenciados, pode-se afirmar que o item lexical *gato*, se observadas as peculiaridades de sentido regional e as possibilidades de significância por meio dos conceitos de itens afins, tem uma proximidade maior às acepções propaladas na região sul do Brasil.

4.3.72.1 A distribuição do item lexical *gato* pelos pontos de inquérito

Histograma 7: Gato (vinte e três ocorrências).

De acordo com o Histograma 7, o item lexical *gato* aparece nos quatro pontos de inquérito pesquisados e foi falado vinte e três vezes pelos sujeitos. A distribuição deste item ocorreu da seguinte forma: na cidade de Sinop, sete sujeitos acima de 50 anos o utilizaram, três homens e quatro mulheres, entre os jovens, de 18 a 40 anos, dois rapazes e uma moça o trouxeram como resposta; na cidade de Vera, um casal com mais de 50 anos e dois rapazes, de 18 a 40 anos, mencionaram este item lexical em análise; em Cláudia, um casal com mais de 50 anos e um rapaz, de 18 a 40 anos, responderam *gato*; e em Santa Carmem, dois homens e duas mulheres com mais de 50 anos, bem como um casal de jovens, de 18 a 40 anos, aludiram a este item.

Dessa forma, há um número maior de respostas dadas pelos respondentes acima de 50 anos, quinze, *versus* oito de sujeitos entrevistados jovens, de 18 a 40 anos, dentre os quais seis são rapazes e apenas duas são moças, uma de Sinop e uma de Santa Carmem. Observa-se, inclusive, que nos municípios de Vera e de Cláudia nenhuma jovem assinalou este item lexical em seu corpo responsivo.

Salienta-se, então, que, apesar de se verificar prosseguimento semântico desta item, conforme visto anteriormente, o fato de *gato*, de acordo com os dados apontados, estar sendo utilizada em menor proporção pelos jovens, de 18 a 40 anos, pode ser indício de descontinuidade de uso deste item lexical na comunidade linguística em estudo. As razões para tal fato remetem, hipoteticamente, à substituição deste item por outro com equidade de sentido, ou porque, de forma mais plausível, a atividade de intermediação entre peões e empreiteiros realizada pelo *gato* esteja se tornando obsoleta no norte de Mato Grosso, visto que o trabalho mecanizado e o uso de tecnologias no campo têm substituído em larga escala a mão de obra humana, mais especificamente dos ‘peões de fazenda’.

Estas constatações são verificáveis na materialidade enunciativa dada como justificativa pela jovem de 31 anos de Vera, V3/2 F, que respondeu *chefe* à pergunta 21, mas que, ao ser questionada se ouviu falar sobre o item lexical *gato*, assim se expressou:

Eu pensei em **gato**, porque o meu pai puxava tora e ele ia pro mato, então gato era o **chefe do mato**. Tinha os peões que trabalhavam pra tirar madeira e aí tinha aquele que tomava conta dos peões, esse eles chamavam de gato. Esse termo eu ouvi quando eu ia com o meu pai buscar tora, tinha o gato do mato. **Se eu não tivesse ido com o meu pai buscar tora eu nunca ia tê ouvido falar.** (V3/2 F).

Contudo, o pioneiro S10 M, responsável pela formulação da questão supracitada, pois explanou sobre o conceito/sentido deste item/tema em seu relato de experiência pessoal, afirma que a atividade desenvolvida pelo *gato* ainda é encontrada na região, conforme se pode conferir abaixo:

Gato é a pessoa que pega, por exemplo, eu quero formar uma fazenda, eu quero derrubar 100 alqueire de mato, então eu contrato uma pessoa que é o gato, que eles falam, né, e essa pessoa contrata todos os outros funcionários. **Tem até hoje, tem.** Então são essas pessoas que contratam todos os outros, então o fazendeiro contrata um e esse contrata todos os outros, ele paga pra essa pessoa e o gato paga pro restante, né. Então esse peão ia pro mato, derrubava, ficava 15, 20, 30

dia no mato, 60 dias, sabe lá quanto tempo, só comendo caça, pesca e comida que levavam, essas coisas assim. (S10 M).

O item lexical *gato* registrou-se, também, ao lado de outros itens, tais como *administrador*, *capataz*, *contratador*, *encarregado*, *intermediário* e *subempreiteiro*, na cidade de Sinop. No município de Vera, há *capataz* e *chefe*. Em Cláudia, igualmente *capataz* e *chefe*. E em Santa Carmem há, como concorrente, apenas o item lexical *capataz*. Dessa maneira, além de *gato*, há também o item *capataz* disseminado em todos os municípios, com dez ocorrências. Há, ainda, dentre os dados reunidos, uma expressão dada como resposta à questão 21, *gerente de fazenda*, e do mesmo modo falada em todos os quatro pontos de inquérito, com sete respostas trazidas pelos sujeitos pesquisados, destes, cinco são jovens, de 18 a 40 anos, e tão somente duas são mulheres com mais de 50 anos, uma de Vera e uma de Cláudia.

Assim, de acordo com os resultados que os dados nos apresentam, verifica-se que a continuidade semântica do item lexical *gato*, utilizado largamente pelos migrantes provenientes de diferentes regiões do Brasil, encontra-se, todavia, comprometida entre os jovens descendentes que, ou o substituíram por outro item com sentido equivalente ou já desconhecem completamente a atividade que teve o seu ápice no início da colonização nos anos 1970 e que ora se mostra em estado de decadência ou enfraquecimento.

Desse modo, é possível constatar que *gato*, nesta acepção semântica retratada pela pergunta 21, sai pouco a pouco do cenário linguístico local e se torna, igualmente aos poucos, palavra arcaica, pois perde espaço para o novo contexto de urbanização acelerada em que se encontra a região em estudo, bem como para as evoluções tecnológicas promovidas pelos avanços da ciência e que se disseminam nos ‘novos’ ambientes rurais e florestais. Esta constatação vem, ainda, ao encontro das conclusões tecidas por Aguilera em estudos geolinguísticos, de base rural e urbana, realizados por esta autora, com destaque para:

[...] d) regionalismos trazidos pelos migrantes pouco a pouco se diluem no vocabulário ativo em favor da norma urbana; e) variantes inovadoras se formam pela extensão do significado de outras existentes com as quais guardam algum traço semântico. (AGUILERA, 2008a, p.96).

É neste contexto, portanto, que se encontram os sujeitos do norte de Mato Grosso de minha pesquisa, os quais sintetizam a realidade da língua portuguesa em uso nesta região, que se torna rapidamente mais escolarizada, mais urbana e mais industrializada.

4.3.73 O item lexical *destoca*: apontamentos sócio-semântico-lexicais

Conforme se pode ver, abaixo, o substantivo feminino *destoca* se encontra registrado em apenas um dos quatro dicionários gerais, que retratam a língua portuguesa nas distintas fases diacrônicas selecionadas, no Aulete Digital. No Aurélio (1986) há o registro somente do verbo transitivo direto, *destocar*, o qual, todavia, apresenta conceito semelhante ao do substantivo assinalado no Aulete. Já nos dicionários dos séculos XVIII e XIX, respectivamente em Bluteau (1712) e em Pinto (1832), o item lexical que manifesta similaridade ou correspondência semântica aos sentidos abstraídos de *destoca* é *destroncar*, dessa forma achei procedente inscrevê-lo nos dados do quadro. Quanto aos dicionários regionais, não há nenhuma menção a este item dentre as entradas catalogadas:

Dicionário Entrada	Vocabulário Portuguez & Latino - D. R. Bluteau (1712)	Diccionario da Língua Brasileira – Luiz M. da S. O. P. Pinto (1832)	Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986)	Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa – (Aulete Digital)	Dicionário Gaúcho Brasileiro – João A. Bossle (2003)	Dicionário do Nordeste – Fred Navarro (2004)
DESTOCA	(Destroncar) Partir, ou apartar violentamente do tronco, como quando a força do vento, ou os golpes do machado, fepearão de feu tronco ao pinheiro, ou outra arvore, & a derrubão. (p.179)	(Destroncar) Esgalhar, desmembrar. (p.365)	(Destocar) 2- Limpar de tocos (um terreno), para fins de lavoura ou de construção. (p.557)	1- Bras. Ato ou efeito de destocar. (Tirar os tocos de um terreno, para plantio ou construção).	_____	_____

Quadro 9: Reflexões analíticas sobre o item lexical *destoca*.

Fonte: Pesquisa direta.

Ao se buscar compreender a procedência de *destoca*, a qual pode estar relacionada à síncope de *destroncar*, valeu incursionar inicialmente ao verbo *destocar* que, de acordo com o Aurélio (1986), seria resultante do radical *toco*, sendo que as

demais unidades mínimas de significação estariam ligadas a este radical, *des* + *toco* + *ar*. Ressalta-se, ainda, que a etimologia de *toco*, segundo Houaiss (2004), é de origem duvidosa, mas com probabilidade de origem pré-romana, talvez céltica, assim como o espanhol *tocon* (sXIII-XIV). Desta composição gramatical acenderia, então, o substantivo *destoca*, o qual mantém o prefixo *des*, mas suprime a desinência *ar*.

É possível afirmar, assim, que, mesmo com a não inclusão do verbete *destoca* nos dois dicionários regionais e de haver no Aurélio (1986) a inscrição apenas da forma verbal *destocar*, há continuidade semântica deste item lexical no contexto geográfico norte mato-grossense, visto que há disseminação e uso deste item nos quatro pontos de inquérito em estudo.

4.3.73.1 A distribuição do item lexical *destoca* pelos pontos de inquérito

Histograma 8: Destoca (vinte ocorrências).

Segundo o Histograma 8, o item lexical *destoca* aparece nos quatro municípios pesquisados e foi falado vinte vezes pelos sujeitos. A distribuição deste item ocorreu da seguinte forma: na cidade de Sinop, cinco sujeitos acima de 50 anos o utilizaram, três homens e duas mulheres, entre os jovens, de 18 a 40 anos, apenas uma moça o trouxe como resposta; na cidade de Vera, dois homens e uma mulher com mais de 50 anos e somente um rapaz, de 18 a 40 anos, mencionaram o item lexical em análise; em Cláudia, dois homens e uma mulher, com mais de 50 anos, e dois rapazes e uma moça,

de 18 a 40 anos, responderam *destoca*; e em Santa Carmem, igualmente dois homens e uma mulher com mais de 50 anos, bem como um jovem, de 18 a 40 anos, aludiram a este item.

Dessa forma, há um número maior de respostas dadas pelos sujeitos acima de 50 anos, quatorze, destes sujeitos, nove são homens e cinco são mulheres, *versus* tão somente seis respostas de entrevistados jovens, de 18 a 40 anos, dentre os quais quatro são rapazes e duas são moças, uma de Sinop e uma de Cláudia. Observa-se, inclusive, que nos municípios de Vera e de Santa Carmem nenhuma jovem assinalou este item lexical em seu corpo responsivo; evidencia-se, ainda, que em Sinop nenhum rapaz atribuiu *destoca* às respostas dadas à questão 26 ...*o processo de arrancar os tocos ou cepos de árvores após a _____(cf. item 23) da floresta para fins de lavoura ou construção?*.

Tais dados desproporcionais entre as respostas de homens e de mulheres, conforme os números acima nos mostram, podem estar relacionados com a milenar cultura da distinção entre trabalho e gênero, na qual o trabalho “pesado” é, por excelência, atribuído ao gênero masculino. Assim, segundo ressalta Maia (2004), a derrubada e a queimada de mato, etapas iniciais, são consideradas as mais pesadas e as mais importantes; nelas, mulheres não participam. As mulheres só tomam parte na roça, após estes trabalhos do homem, replicando os espaços da produção e do consumo.

Salienta-se, ainda, que, semelhantemente ao que se sucedeu com o item lexical *gato*, abordada no item 4.3.72 deste estudo, o prosseguimento semântico do item *destoca* encontra-se em descenso, ou seja, *destoca*, de acordo com os dados apontados, tem sido utilizado em menor proporção pelos jovens, de 18 a 40 anos, fato este que pode ser indício de descontinuidade de uso deste item lexical na comunidade linguística pesquisada.

Hipoteticamente, uma das razões para tal fato remete à substituição deste item por outro(s) com equidade de sentido. Para exemplificação desta assertiva, destaca-se a expressão *catar raiz*, que apresenta nove ocorrências, dentre elas, seis foram proferidas por jovens, de 18 a 40 anos, contra três por entrevistados com mais de 50 anos; no município de Santa Carmem, curiosamente, apenas duas moças expuseram esta expressão como resposta à pergunta 26.

Outra razão, ainda mais plausível, é a que aponta à desaceleração da atividade de arrancar tocos ou cepos de árvores das florestas com o propósito fundamentalmente agrícola ou pecuário, haja vista que, desde 1996, com a implantação da Medida Provisória 1.511, emitida pelo presidente à época, Fernando Henrique Cardoso, a qual aumenta para 80% a obrigatoriedade de manutenção de áreas de floresta nas propriedades rurais, passou-se, então, a se intensificar o combate ao desmate irregular de acordo com esta legislação que amplia as restrições de derrubada das matas amazônicas.

Ressalta-se que, a partir de 2005, várias operações investigativas foram realizadas no Estado de Mato Grosso com o objetivo de preservar a floresta em pé e para desarticular esquemas ilegais de comércio de madeira, bem como para diminuir as queimadas e os desmatamentos criminosos. Segundo Oliveira:

Em junho de 2005, a Polícia Federal deflagrou a Operação Curupira, que tinha como principal objetivo desbaratar a quadrilha que falsificava e comercializava Autorizações para Transporte de Produtos Florestais (ATPFs). [...] A Operação Curupira foi de conscientização, as duas seguintes atacaram parques florestais. A Operação Arco de Fogo foi diretamente direcionada às empresas do setor de base florestal. Seu objetivo inicial era combater as queimadas ilegais. [...] Como havia um número significativo de desmatamento, a operação buscava justificar quem era o responsável. O poder público não considerou que o desmatamento é diretamente proporcional à atividade de agricultura. (OLIVEIRA, 2011, p. 219-222).

Há, também, que se levar em conta os avanços tecnológicos que remetem às novas técnicas e equipamentos, os quais substituem a atividade rudimentar de se arrancar os tocos ou cepos de árvores desenvolvida inicialmente pelos pioneiros nos primeiros anos de colonização, e, da mesma forma, imprimem mudanças nas escolhas lexicais e semânticas da comunidade linguística. Essas constatações são verificáveis na materialidade enunciativa dos seguintes relatos de experiência pessoal:

É, veio muita gente aquela vez, depois que começô entrá aquela indústria de fazê farinha, de álcool, ali da Agroquímica, ali deu uma explosão. Muita gente veio pra plantá mandioca e **destoca** e trator que vinha. Destocá tera e gradeá tera e plantá; foi um movimento extraordinário. (S15 M).

Viamo primeiro pra plantá café. Plantô, plantô ali na esquina ali, onde que vai pra Lucas, ali na esquina. Daí nós viemo ali, daí meu pai **destocô**, aí eu fui viajá, eu viajei 8 ano. (C18 M).

Então teve uma época que as terra de Sorriso valiam muito mais do que aqui. Porque aqui o custo da **destoca** era muito cara, porque existia muita mata pesada, os tocos eram muito grande. Aqui se

gastava 25 a 30 horas de esteira pra se destocá um alqueire de terra. Se gastava muito e se mexia muito com a terra pra podê arrancá. Então são coisas assim, né, de, de... **mas, com o passar do tempo tudo isso foi mudando. As técnicas vêm aí, acho que nós temo que mudá muita coisa ainda.** (S10 M).

O item lexical *destoca* registrou-se, nos dados coletados como resposta à questão 26, ao lado de outras itens e expressões, tais como *arrancar raiz*, *catação*, *catar raiz*, *extração de raiz*, *juntar*, *rancar os tocos*, *remover*, *retirada de lenha* e *tirar os tocos*, na cidade de Sinop. No município de Vera há *arrancar raiz*, *catação*, *catar raiz* e *tirar os tocos*. Em Cláudia, *arrancar raiz*, *arrastão*, *catação*, *catar raiz*, *desbastação*, *extração de raiz*, *rancar os tocos* e *tirar os tocos*. E em Santa Carmem há, como concorrentes, *arrancar raiz*, *catação*, *catar raiz*, *destocamento*, *encorvarar* e *juntar*. Dessa maneira, além de *destoca*, há também o item lexical *catação*, com onze ocorrências, e as expressões *arrancar raiz* e *catar raiz*, com sete e nove atribuições responsivas, respectivamente, disseminados em todos os quatro municípios pesquisados.

De acordo com estes resultados que os dados nos apresentam, verifica-se que a continuidade semântica do item *destoca*, utilizado amplamente pelos migrantes provenientes de diferentes regiões do Brasil, encontra-se, contudo, comprometida entre os jovens descendentes que, ou o substituíram por outro item lexical com sentido equivalente, ou já desconhecem a atividade que teve o seu ápice no início da colonização nos anos 1970, ou, ainda, porque, tragada por novas tecnologias, esta atividade extrativo-florestal modernizou-se por meio de técnicas e equipamentos de última geração, adotando, como consequência, novas definições terminológicas.

Nesse sentido, é possível coadunar com Lyons (1979), quando afirma que, com relação ao uso da língua, é verdade que se pode preferir uma palavra a outra por causa de suas diferentes associações afetivas e evocativas. Mas a importância disso varia consideravelmente de um estilo ou situação para outra. Situações essas que afloram incessantemente no pulsar de inovações e de desenvolvimento acelerado no contexto norte mato-grossense em que se encontram os sujeitos de minha pesquisa.

4.3.74 O item lexical *lera*: apontamentos sócio-semântico-lexicais

O item lexical *lera*, que se evidencia como norma de uso na comunidade linguística pesquisada, é variante fonética por síncope da forma padrão *leira*, esta que provém do latim *glarea*. Ressalta-se que nos quatro dicionários gerais, que retratam a

língua portuguesa nas distintas fases diacrônicas selecionadas, em Bluteau (1712), em Pinto (1832), no Aurélio (1986) e no Aulete Digital, encontram-se apenas registros dos conceitos da variante *leira*, os quais, no entanto, não manifestam similaridade ou correspondência ao sentido impresso pelos sujeitos entrevistados à questão 28 de meu QSL ...os montes alinhados que se fazem após a/o _____(cf. item 23) de raízes, troncos e restos vegetais, que posteriormente serão destruídos pelo fogo ou tirados da área a ser cultivada?.

Quanto aos dicionários regionais, não há nenhuma menção a este item dentre as entradas catalogadas, conforme se pode ver a seguir:

Dicionário Entrada	Vocabulário Portuguez & Latino - D. R. Bluteau (1712)	Diccionario da Língua Brasileira – Luiz M. da S. O. P. Pinto (1832)	Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986)	Dicionário Contemporâne o da Língua Portuguesa – (Aulete Digital)	Dicionário Gaúcho Brasileiro – João A. Bossle (2003)	Dicionário do Nordeste – Fred Navarro (2004)
LERA	He hũ taboleiro de terra, eftreito, & comprido, o qual a divide de outro comarofinho de terra, que tem pelas ilhargas. Nas leiras fe femeao melões. (p.71)	Porção de terra dividida por huns regos, e forma hum como taboleiro nas hortas, e jardins para semear hortaliças, e flores. (p.659)	1- Sulco aberto na terra para receber a semente. 2- Canteiro entre dois regos, por onde corre água; alfobre, tabuleiro. (p.401)	1- Agr. Sulco aberto na terra para receber semente ou muda. 2- Agr. Canteiro no meio de dois regos de água.	_____	_____

Quadro 10: Reflexões analíticas sobre o item lexical *lera*.

Fonte: Pesquisa direta.

De acordo com o quadro acima, é possível verificar que a variante fonética de *lera*, *leira*, já é corrente na língua portuguesa desde o século XVIII e mantém, nos séculos seguintes, uma regularidade de significação, tanto é que a palavra *taboleiro/tabuleiro*, como os dados nos mostram, aparece inscrita dentre os conceitos do verbete *leira* nos três primeiros dicionários, e o substantivo plural *regos* aparece no Dicionario da Língua Brasileira, no Aurélio e no Aulete.

Dessa forma, de acordo com as respostas à pergunta 28 trazidas pelos meus entrevistados, verifica-se que há um deslocamento de sentido para este item lexical neste contexto sócio-histórico e geográfico regional. Assim, compreende-se que a alteração semântica que se imprime ao item *lera*, na região norte de Mato Grosso, pode

estar relacionada às acepções peculiares e particularidades pertencentes a esta região em estudo.

4.3.74.1 A distribuição do item lexical *lera* pelos pontos de inquérito

Histograma 9: Lera (vinte e nove ocorrências).

Segundo o Histograma 9, o item lexical *lera* aparece nos quatro municípios pesquisados e foi falado vinte e nove vezes pelos sujeitos. A distribuição deste item ocorreu da seguinte forma: na cidade de Sinop, sete sujeitos acima de 50 anos o utilizaram, três homens e quatro mulheres, entre os jovens, de 18 a 40 anos, dois rapazes e uma moça o trouxeram como resposta; na cidade de Vera, dois homens e uma mulher com mais de 50 anos e dois rapazes, de 18 a 40 anos, mencionaram este item lexical em análise; em Cláudia, todos os oito entrevistados responderam *lera*; e em Santa Carmem, dois homens e duas mulheres com mais de 50 anos, bem como um rapaz e uma moça, de 18 a 40 anos, aludiram a este item.

Observa-se, assim, nestes dados coletados, que há um número maior de respostas dadas pelos respondentes acima de 50 anos, dezoito, divididas igualmente entre homens e mulheres, nove, *versus* onze respostas de sujeitos entrevistados jovens, de 18 a 40 anos, dentre os quais sete são rapazes e apenas quatro são moças. Salienta-se que, inclusive, na cidade de Vera nenhuma jovem trouxe *lera* ao seu corpo responsivo.

Esta constatação de divergência entre o número de respostas de sujeitos acima de 50 anos e de jovens, de 18 a 40 anos, semelhantemente ao que se sucedeu com o item lexical *gato*, abordado em 4.3.72, e ao item lexical *destoca*, analisado em 4.3.73, assim como da distinção numérica que se apresenta entre as respostas dadas por rapazes e por moças, pode ser explicável, de acordo com as ponderações feitas por Bortoni-Ricardo (2005) em um estudo realizado por esta autora com migrantes originários de zona rural e posteriormente radicados em uma cidade satélite de Brasília, como um processo de ajustamento à vida urbana.

Esse ajustamento pode ser verificado no norte mato-grossense ao se realizar um rápido retrospecto histórico dos acontecimentos vivenciados neste espaço geográfico, que se encontrava à época da chegada dos primeiros migrantes, nos anos 1970, inicialmente com mata fechada, e que, com o árduo trabalho dos ‘desbravadores de floresta’, foi se transformando em um espaço agropecuário e, finalmente, os pequenos povoados e vilas se transformaram em cidades que, aos poucos, vêm deixando de ter características rurais.

Dessa forma, os migrantes, e, ainda em maior proporção, os seus descendentes, perdem, gradualmente, a identidade rural originária, pois tendem a contrair novas relações sociais e culturais, consequentemente linguísticas, distintas do antes limitado círculo de falantes, que se restringia tão somente ao lar, aos amigos e aos vizinhos. Nesse novo contexto, os indivíduos que conseguem engajar-se no processo de mobilidade social contraem redes mais esparsas e, estão, desse modo, mais abertos à influência das pressões padronizadas da cultura dominante, inclusive da língua padrão. (BORTONI-RICARDO, 2005).

Cabe reiterar, uma vez mais, de acordo com os resultados obtidos pelos dados em análise, que a alteração semântica, que se empreende no item lexical *lera*, corrente no norte de Mato Grosso, ocorre, por causa do contexto sócio-histórico e geográfico regional, contudo, vale conferir que são os migrantes provenientes do sul do Brasil que trazem este item na materialidade de seus relatos de experiência pessoal, como se pode verificar abaixo:

- Faz a **lera** pra podê consegui prantá, né, porque o solo tá cheio de sujera e tem que queimá novamente e ajeitá, aí ajeitando fica prano e aí a máquina passa e pranta tudo. (V1 M, de Ivaté/PR).

- Pra queimá de novo ajunta tudo numas **lera** assim (gesto), né, pra deixá a terra limpa. (V4 F, de Vatuba/ PR).
- Eles amontoa aquelas pausera pra podê queimá, né, ou senão faz as **lera** pra amontoá pra apodrecê, isso eu conheço por lera. (SC6 F, de Pérola/PR).
- Arranca os toco, amontoa, junta e faz as **lera** e queima, aí então vai destocando, vai lerando e vai indo... (SC8 F, de Querência do Norte/PR).
- Lá, foi feito uma picada, foi aberto, seu Ulli foi com a esteira, foi aberto, foi cortado pau e tal, queimado, feito **lera** e coisa, começamos fazê um salãozinho lá, lá dentro. (S10 M, de Guabiju/RS).

Tal certificação pode ser indício de que o item lexical *lera* não seja de uso restrito à região norte de Mato Grosso, mas que tenha sido importado da região de origem dos pioneiros que o trouxeram nos fragmentos enunciativos responsivos, embora não se encontre nenhuma referência de entrada para o mesmo no Dicionário Gaúcho Brasileiro (2003), de Bossle.

O item lexical *lera* registrou-se, nos dados coletados como resposta à questão 28, ao lado de outros itens, tais como *enleiramento*, *montes* e *pilhas*, na cidade de Sinop. No município de Vera há *ajuntadão*, *enleiramento*, *fileiras* e *ileiramento*. E em Santa Carmem há, como concorrentes, *enleiramento* e *montes*. Não há, portanto, nenhum outro item propagado em todos os pontos de inquérito.

Destaco, ainda, que, curiosamente, nas derivações *enleiramento* e *ileiramento* o *i* epentético se mantém nas respostas dadas pelos sujeitos, distintamente do item lexical/norma *lera*, visto que nenhum entrevistado trouxe como resposta a forma léxica *leira*.

Acentuo, também, que essa alteração e uso semântico do item *lera* empreendido neste espaço geográfico, conforme os resultados que os dados nos apresentaram, encontra-se comprometida, visto ser utilizada amplamente pelos migrantes provenientes de distintas regiões do Brasil, mas já em menor proporção pelos jovens, de 18 a 40 anos. Este fato, como observado por Bortoni-Ricardo (2005), relaciona-se com a perda gradual da identidade rural no contexto da *continua* rural-urbano, pois novas relações sociais, culturais, econômicas e científicas alteram e ampliam o léxico de uma comunidade linguística.

Dessa forma, ainda em consonância com esta autora, compreende-se que descrever os modos de falar de distintas regiões brasileiras, tal como se objetiva fazer neste estudo com enfoque ao norte mato-grossense, é essencial para melhor se entender o *continuum* de urbanização e a realidade linguística do Brasil, país que até meados do século XX tinha uma economia essencialmente rural.

Nesse sentido, também, ao se refletir sobre as marcas de desenvolvimento provenientes das relações acima citadas, percebe-se que vida e língua, de fato, encontram-se simetricamente relacionadas, tal como aludido por Bakhtin (1992, p. 282) em *Estética da criação verbal*: “a língua penetra na vida através de enunciados concretos que a realizam, e é também através de enunciados concretos que a vida penetra na língua”.

Desse modo, é possível afirmar que vida e língua encontram no contexto deste espaço amazônico em estudo as mais distintas situações de concretude e seguem, por sua vez, os rumos incertos de novas experiências e transformações, as quais, inexoravelmente, são determinadas pela brisa dos grandes centros urbanos de outras regiões brasileiras.

4.3.75 O item lexical *serraria*: apontamentos sócio-semântico-lexicais

O item lexical *serraria*, variante morfológica do verbo *serrar*, este que provém do verbo latino *serrare*, foi localizado como entrada em apenas dois dos quatro dicionários gerais pesquisados, no Aurélio (1986) e no Aulete Digital. No entanto, a forma verbal *serrar*, que remete ao sentido partir/cortar madeira, encontra-se já registrada nos dicionários dos séculos XVIII e XIX.

Quanto aos dicionários regionais, não há nenhuma menção a este item dentre as entradas catalogadas, como se pode ver a seguir:

Dicionário	Vocabulario Portuguez & Latino - D. R. Bluteau (1712)	Diccionario da Lingua Brasileira – Luiz M. da S. O. P. Pinto (1832)	Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986)	Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa – (Aulete Digital)	Dicionário Gaúcho Brasileiro – João A. Bossle (2003)	Dicionário do Nordeste – Fred Navarro (2004)
Entrada						

SERRARIA	(Serrar) Separar a matéria em partes. Serrar madeyra. Partir madeyra com ferra. (p.612)	(Serrar) Cortar, ou dividir com serra. (p.984)	2- Estabelecimento industrial onde se cortam madeiras. (p.1576)	1- Estabelecimento onde se serram madeiras.	—	—
-----------------	---	--	---	---	---	---

Quadro 11: Reflexões analíticas sobre o item lexical *serraria*.

Fonte: Pesquisa direta.

De acordo com o quadro acima, é possível verificar que *serraria*, com o sentido de um *estabelecimento industrial onde se cortam madeiras*, é disseminado fundamentalmente no século XX. Desde então, constata-se que há uma continuidade semântica deste item lexical, visto que este uso dicionarizado se mantém e se dissemina como norma no norte de Mato Grosso.

4.3.75.1 A distribuição do item lexical *serraria* pelos pontos de inquérito

Histograma 10: Serraria (trinta e duas ocorrências).

Conforme o Histograma 10, o item lexical *serraria* aparece nas quatro cidades pesquisadas e foi falado trinta e duas vezes pelos sujeitos. A distribuição deste item ocorreu da seguinte forma: na cidade de Sinop, seis sujeitos acima de 50 anos o utilizaram, quatro homens e duas mulheres, entre os jovens, de 18 a 40 anos, dois rapazes e duas moças o trouxeram como resposta; na cidade de Vera, um homem e duas mulheres com mais de 50 anos e dois rapazes e uma moça, de 18 a 40 anos,

mencionaram este item lexical em análise; em Cláudia e em Santa Carmem, todos os oito entrevistados responderam *serraria*. Há, portanto, uma proximidade quantitativa entre as respostas de sujeitos com mais de 50 anos, dezessete, e as respostas dos jovens, de 18 a 40 anos, quinze, exatamente a mesma distinção numérica entre as atitudes responsivas de *serraria* entre homens e mulheres, dezessete daqueles *versus* quinze destas.

Tal resultado demonstra que o uso deste item se mantém como norma no norte de Mato Grosso e se evidencia, dentre as escolhas lexicais, passíveis de resposta à questão 38 ...*estabelecimento industrial ou comercial que produz e vende madeira?* de meu questionário semântico-lexical, tanto de sujeitos acima de 50 anos quanto de jovens, de 18 a 40 anos, e por ambos os gêneros. Ressalta-se que tal fato pode ser assinalado como indício de continuísmo deste uso.

Serraria registrou-se, também, nos dados coletados, ao lado de outros itens lexicais e expressões, tais como *depósito de madeira*, *madeira* e *pica-pau*, na cidade de Sinop. No município de Vera há *fita*, *laminadora*, *madeira* e *pica-pau*. Em Cláudia, *fita*, *laminadora*, *madeira*, *pica-pau* e *tiçó*. E em Santa Carmem há, como concorrentes, *indústria de madeira*, *laminadora*, *madeira*, *pica-pau* e *tiçô*. Dessa forma, além de *serraria*, há ainda os itens *madeira* e *pica-pau*⁸, com vinte e oito e trinta e uma ocorrências, respectivamente, propagados em todos os pontos de inquérito.

Convém observar, que, semelhantemente à equivalência numérica que se apreendeu dos dados analisados acima, há igualmente uma proximidade entre os números totais de respostas dadas a estes três itens lexicais: *serraria*, trinta e duas, *pica-pau*, trinta e uma, e *madeira*, vinte e oito. Constatação esta que exprime a concomitância de uso destes três itens na comunidade linguística em análise.

No entanto, salienta-se que entre os itens lexicais *pica-pau* e *madeira* verifica-se um número maior de respostas trazidas pelos jovens, de 18 a 40 anos, dezessete destes para ambos, contra quatorze e onze, respectivamente, manifestadas pelos entrevistados acima de 50 anos, bem como apresentam uma oscilação maior entre as respostas disponibilizadas por homens e por mulheres, em especial ao item *pica-pau*,

⁸Este verbete traz, dentre os conceitos veiculados pelo Aurélio (1986) e pelo Aulete Digital, o que indica ser *pica-pau* uma pequena serraria, na zona do rio Paraná; sentido este que seria corrente no Estado de São Paulo.

como já exposto nas considerações feitas à Tabela e ao Cartograma da pergunta 38 no item 4.3.25.

Este indicador serve como parâmetro para se testificar que *madeira*, em estado de concorrência com *pica-pau* e *serraria*, tem sido a opção léxica adotada, em maior proporção, pelos jovens. Para reiterar esta assertiva, acresço os dados apreendidos nos relatos de experiência pessoal dos migrantes de todos os quatro municípios, os quais, de forma avassaladora, empregaram, dentre as três alternativas léxicas em evidência, o item lexical *serraria*, visto que dezoito (V1 M, V2 F, V3 M, SC5 F, SC6 F, SC7 F, SC8 F, S9 M, S10 M, S11 M, S12 M, S13 F, S14 F, S15 M, S16 M, C18 M, C19 F e C20 F) dos vinte entrevistados o trouxe em sua estrutura narrativa, enquanto apenas cinco citaram *pica-pau* (SC5 F, SC8 F, S11 M, S12 M e S14 F) e sete (V2 F, SC6 F, S10 M, S12 M, S14 F, S15 M e C20 F) mencionaram *madeira*. Cabe lembrar que estas narrativas eram livres, sem conflitos pré-estabelecidos.

Todavia, como se pode observar nestes dados, já aparece a concomitância de uso destes itens lexicais nesta materialidade enunciativa, conforme exemplificam os excertos abaixo:

Tava construindo a **serraria**, tava construindo, tava montando uma serraria do Lucindo, hoje ele mora na Barra do Bugre, mas foi a primeira serraria que saiu pra cá, pra cima do córrego, lá do rio. [...] a primeira **madeira** que tava se instalando era essa. Hoje não tem mais, né, do Lucindo, que mora em Barra do Bugre. (V2 F).

Só que eu escutava muito era o esturro dela. Teve uma vez que, foi mais de uns cinco ano, eu enchia assim a bacia de verdura pra ir vendê na Santa Carmem, nas **serraria**, quando era 5 horas escutava o esturro dela, *eu em, vou nada*, esperava o dia clareá. Risos... [...] A escola que eles estudô era cercada de prancha, que tinha uma **madeira** na Carmem, do Gaúcho, e ele deu a prancha. (SC6 F).

Serraria, na época era duas, três que tinha, tinha a Maderato, que era do Tomelim, acho que era duas ou três que tinha, pequena, depois foram aparecendo, chegou a 1500, né. Mas isso depois com o passar do tempo, né, mas no começo eram três, quatro **madeiras** pequena. (S10 M).

Nóis pegava os empregado lá que já tinha trabalhado em **seraria**, então nós ia nas própria **maderera** lá e falava *ó, se você qué i trabalhá com nós lá no Mato Grosso, te levemo pra lá*. (S15 M).

Acontecia, assim, eles iam na **serraria** e pegavam umas tábuas pra por ao redor, né. E só tinha uma serraria. [...] Quando nós entramos aqui, já eu avistei as casinhas aqui, porque aquela quadra ali (apontando) eram as casas construídas da **madeira**. (C20 F).

Eu comecei, eu pulei um pouco, eu comecei com **madeira** e daí, vamos supor, algumas sobras, economia que foi sobrando da madeira eu fui colocando em imóveis. [...] Eu comprei um terreno,

comprei a **serraria**, montei ela, que ela era alugado. [...] A primeira **pica-pau** montada em Sinop foi eu que montei. Sabe o que é pica-pau? É com **fita**, serra-fita. A pica-pau é aquela que serra assim oh (gesto), então essa ali fui eu que toquei aqui, a primeira que foi montada aqui. (S12 M).

A utilização destes três itens lexicais, impreterivelmente com o mesmo significado, é iterada acintosamente pela pioneira de Sinop, S14 F, dona de um dos primeiros estabelecimentos industriais de produção de madeira desse município, no seguinte fragmento “[...] a nossa foi serrada com nossa madeira, com nossa **madeira**, **pica-pau** era, era **serraria**, né!” Assim, ainda que o migrante S12 M, no último trecho dos excertos acima, tenha especificado/conceituado o que seria uma *pica-pau*, “aquela que serra assim” e é “com fita, serra-fita”, todos os demais sujeitos que citaram mais de um destes itens não fizeram distinção de sentido entre eles.

Como ressalva há, ainda, de forma tímida, a tentativa de discriminação das distintas características mecânicas que compõem estes estabelecimentos industriais, citadas pelo migrante de Cláudia, C18 M, como exemplificação metalinguística ao responder a questão 38:

Mas **serraria**, sabe o que é serraria? Serraria é lá no Paraná aquelas **tiçó**. Mas tudo é **madeira**, madeira tem a **pica-pau**, madeira tem a **fita** e madeira tem a **tiçó**. A pica-pau, que nem o meu genro tem, ela serra assim (gesto), a tiçó no Paraná serra assim (gesto) e a fita é que ela rodeia, tu entendeu como é que é? Aqui (em Cláudia) só tem fita quase aqui.

Como já retratado no Capítulo 1 deste trabalho de pesquisa, convém lembrar que a atividade econômica de exploração da madeira na região teve o seu ápice nos anos 80, momento em que grandes grupos capitalistas passam a gerir recursos e investimentos neste setor, bem como promovem a comercialização de toras e tábuas para outros Estados e regiões. Desse modo, os migrantes, que vieram inicialmente com o propósito de atuar com a produção agrícola e a pecuária, sem meios financeiros e envoltos pelos sucessivos insucessos e fracassos ocasionados pelas primeiras experiências realizadas em solos norte mato-grossenses, viram-se obrigados a se inserir nas numerosas frentes de trabalho oferecidas pelas indústrias de extração de madeira que proliferavam, fundamentalmente, nesta década do século XX.

Na foto abaixo, que data do ano de 1977, se pode observar e se ter uma ideia sobre as rudimentares instalações destes estabelecimentos comerciais/industriais em que

se acondicionava a madeira serrada, produto da extração, e às quais se assujeitavam os trabalhadores:

Fotografia14: Empresa madeireira.

Fonte: Colonizadora Sinop S.A., Acervo Particular, 21/04/1977.

Esse ápice das indústrias de extração de madeira, em que se recrutavam muitos trabalhadores, foi um dos responsáveis pelo êxodo rural, que se intensifica nestes anos, como muito bem relatado pela pioneira de Cláudia, C20 F, de acordo com a seguinte passagem de sua narrativa livre:

[...] quem vem da região que nós viemos, que a terra é super fértil, você precisava pouco, pouco adubo, que você coloca e produz o que você quisé, né, aí desanimava, né, porque você faiz, faiz, luta, e quando passô aquele ciclo do café, ciclo da mandioca, o pessoal começô a plantá o arroz, mas não conseguia se mantê na terra; aí foi que as serrarias começaram a, a comprá as madeiras, e outra, a também oferecer o trabalho pra essas pessoas, então, era muito melhor elas saírem das suas terras e vir trabalhar na serraria, porque aí eles tinham ganho mensal e não anual, né. Por que, pra quem trabalhava na terra, ia sobreviver como? Porque o que tinha foi tentando, tentando, né, ficá na terra, quando não conseguiu, quando não conseguiu, veio pra cidade, **aí houve, né, aquele enxugamento na zona rural.**

Ressalta-se, contudo, segundo nos alerta Costa, que esta passagem do espaço rural para o urbano e, fundamentalmente, a mudança de postura do trabalhador nas características do novo trabalho que estas pessoas passaram a desenvolver, representava, geralmente, uma transição complexa para os sujeitos envolvidos, sujeitos estes que em sua maioria possuíam pouca escolaridade:

[...] Isto porque, enquanto no primeiro (produção agrícola), o sujeito vivenciava uma divisão de trabalho bastante simples, circunscrita quase que exclusivamente à divisão de tarefas entre homens e mulheres, onde se pressupõe que o mesmo detinha a propriedade sobre parte dos instrumentos de trabalho, capacidade para decidir sobre qual seria o produto de seu trabalho, além de certa autonomia sobre o uso do seu próprio tempo, no segundo (indústrias madeiras), esse quadro muda substancialmente. Sendo a divisão de trabalho mais complexa, os instrumentos e o produto de seu trabalho pertencem à instituição que o emprega, ele não pode decidir sobre o produto de seu trabalho e não detém qualquer controle sobre o uso de seu tempo e a intensidade do trabalho. (COSTA, 2004, p.24-25).

Por sua vez, tais constatações empíricas de intenso contato dos sujeitos com as atividades rudimentares desenvolvidas por estas indústrias ligadas ao extrativismo florestal podem justificar a ampla disseminação de campos linguísticos relacionados a estas atividades e que, de acordo com os resultados abstraídos dos dados referentes ao item lexical *serraria*, se mantém entre as escolhas lexicais tanto dos entrevistados com mais de 50 anos quanto dos jovens, de 18 a 40 anos, bem como quase que indistintamente entre homens e mulheres.

Assim, a continuidade semântica de *serraria*, ao lado de *pica-pau* e *madeira*, reforça o âmbito de usos linguísticos existentes na tradição histórica e econômica da comunidade em foco, o que evidencia prosseguimento destes sentidos ligados a estes itens, sem esquecer, conforme vimos, que há predileção dos jovens por *madeira*.

4.3.76 O item lexical *manejo*: apontamentos sócio-semântico-lexicais

O item lexical *manejo*, variante morfológica do verbo *manejar*, este que provém do italiano *maneggiare* (1298), foi localizado como entrada nos quatro dicionários gerais pesquisados, em Bluteau (1712), em Pinto (1832), no Aurélio (1986) e no Aulete Digital.

Quanto aos dicionários regionais, não há nenhuma menção a este item dentre as entradas catalogadas, como se pode ver a seguir:

Dicionário Entrada	Vocabulário Português & Latino - D. R. Bluteau (1712)	Diccionario da Língua Brasileira – Luiz M. da S. O. P. Pinto (1832)	Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986)	Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa – (Aulete Digital)	Dicionário Gaúcho Brasileiro – João A. Bossle (2003)	Dicionário do Nordeste – Fred Navarro (2004)
MANEJO	A Arte de montar a cavallo. A ciência de manejar hũ cavallo. Dar lição de manejo. (p.287)	Acção de manejar. Administração, trato. (p.691)	1- Ato de manejar; manuseio, manejo. 2- Exercício de equitação. (p.1078)	1- Ação ou resultado de manejar, de pôr as mãos em; MANUSEIO. 4- Hip. Exercício de equitação.	_____	_____

Quadro 12: Reflexões analíticas sobre o item lexical *manejo*.

Fonte: Resquisa direta.

De acordo com os registros verificáveis no quadro acima, é possível observar que *manejo*, com o sentido de *...a técnica de corte de árvores que deve ser coordenada por engenheiros florestais e em que partes da floresta podem ser exploradas por um período de até um ano e depois dessa retirada a área deve permanecer intacta por 25 anos?*, não aparece descrito em nenhum dos dicionários utilizados para a pesquisa. Uma explicação provável para este fato é que o primeiro ato institucional a tratar de Manejo Florestal⁹ só aparece em 7 de julho de 1986, por meio da Lei Nº 7.511, regulamentada pela Portaria Nº 486/86-P, de 28 de outubro de 1986. Esta portaria conceituava o Rendimento Permanente ou Rendimento Sustentado com a seguinte frase: "É o rendimento que corresponde ao incremento da floresta".

No entanto, na época, o Plano de Manejo foi encarado apenas como mais um entrave burocrático pelo setor florestal e pelos proprietários de terras e por isso não logrou êxito. Todavia, com o aumento das pressões de movimentos ambientalistas, nacionais e internacionais, mobilizados pela moderna 'consciência ecológica', o IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis), através da Ordem de Serviço 002/89-DIREN, de 7 de agosto de 1989, publicou o *Roteiro Básico para Análise de Planos de Manejo Florestal*. Trata-se da primeira orientação mais explícita do que deveria ser avaliado num plano de manejo.

⁹ Todas as informações, a seguir, referentes ao retrospecto da Legislação Federal, foram retiradas de INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS. Guia Florestal. **O Manejo Florestal na Legislação Federal**. São Paulo. Disponível em <http://www.guiaflorestal.com.br/index.php?pg=lerartigo&id=61>. Acessado em 16 de ago. de 2012, às 20h e 13min.

Essa orientação, contudo, só foi efetivamente incorporada à legislação quando expedida pelo Decreto Nº 1.282, de 19 de outubro de 1994. Neste Decreto é pela primeira vez delimitada a Bacia Amazônica para efeito do mesmo, e conceituado novamente o Manejo Florestal Sustentável, como sendo: "... a administração da floresta para a obtenção de benefícios econômicos e sociais, respeitando-se os mecanismos de sustentação do ecossistema objeto do manejo." Como complemento, ainda, ao Dec. 1.282, foi editada a Portaria Nº 48, de 10 de julho de 1.995, normatizando-o e, ambos, finalmente, regulamentaram o Art. 15 do Código Florestal.

Constata-se, também, que, embora o dicionário Aulete não tenha inserido dentre os seus conceitos este 'novo' sentido voltado aos recursos de gestão ambiental, este significado, conforme mostrei no item 4.3.30, se encontra já registrado no Houaiss (2004, p. 1833). Nos quatro dicionários gerais, acima, em que aparece a inscrição *manejo*, o sentido que revela certa proximidade ao conceito atual corrente para este item lexical é *ação de manejar*.

Dessa forma, verifica-se que há um deslocamento de sentido para este item neste contexto sócio-histórico e geográfico regional. Assim, se pode afirmar que se trata de uma alteração semântica, visto que *manejo* imprime, na região norte de Mato Grosso, acepções peculiares e com particularidades pertencentes a esta região em estudo.

4.3.76.1 A distribuição do item lexical *manejo* pelos pontos de inquérito

Histograma 11: Manejo (dezesseis ocorrências).

Segundo o Histograma 11, o item lexical *manejo* aparece nos quatro pontos de inquérito pesquisados e foi falado dezesseis vezes pelos sujeitos. A distribuição deste item ocorreu da seguinte forma: na cidade de Sinop, cinco sujeitos acima de 50 anos o utilizaram, dois homens e três mulheres, entre os jovens, de 18 a 40 anos, dois rapazes e três moças o trouxeram como resposta; na cidade de Vera, tão somente um rapaz, de 18 a 40 anos, mencionou este item lexical em análise; em Cláudia, duas mulheres com mais de 50 anos e duas jovens, de 18 a 40 anos, responderam *manejo*; e em Santa Carmem, apenas uma mulher com mais de 50 anos aludiu a este item.

Há, portanto, nestes dados, uma equivalência quantitativa entre as respostas de sujeitos com mais de 50 anos e as dos jovens, de 18 a 40 anos, oito para ambos os segmentos. No entanto, como já apontado no item 4.3.30, destaca-se um número bem maior de respostas femininas, onze, *versus* somente cinco masculinas. Outro fato que merece destaque, é que, das dezesseis atribuições de respostas em que *manejo* afluiu, dez foram dadas na cidade de Sinop.

Tais resultados incidem sobre a possibilidade reflexiva que remete a duas constatações que podem fundamentar a legitimidade destes dados. A primeira é a de que as mulheres, no atual contexto brasileiro, estudam mais do que os homens, portanto, têm mais acesso à informação e a conhecimentos relacionados às inovações técnico-científicas.

Essa asserção é confirmada pela última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios realizada pelo IBGE¹⁰ (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em 2009, em que a maioria das mulheres brasileiras apresentou escolaridade superior a oito anos: 16,4% delas têm entre oito e dez anos de estudo e 34,9%, mais de 11 anos. Entre os homens, 31% declararam ter estudado por 11 anos ou mais e 16,6%, entre oito e dez anos. Esta estatística se comprova em meus dados, visto que, das onze mulheres que souberam responder *manejo*, duas possuem pós-graduação, C20 F e C17/2 F, uma tem o ensino superior completo, S11/2 F, e três estão cursando o ensino superior, S9/2 F, S14/2 F e C18/2 F. Há que se ressaltar, ainda, que duas das mulheres com mais de 50 anos, que também mencionaram este item lexical, ambas com a 3ª série do Ensino

¹⁰Disponível em INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2008-2009. **Síntese de Indicadores 2009**. Rio de Janeiro. Disponível em http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2009/tabelas_pdf/sintese_ind_3_4.pdf. Acessado em 17 de ago. de 2012, às 14h e 46min.

Fundamental, são proprietárias de indústrias madeireiras em seus respectivos municípios, C19 F em Cláudia e S14 F em Sinop.

A segunda constatação é a que direciona a perspectiva de que as dez respostas que emergem no corpo responsivo dos sujeitos de Sinop, *versus* apenas seis distribuídas entre as outras três cidades pesquisadas, estejam relacionadas ao âmbito de maior urbanização, ou seja, Sinop representa a cidade polo, e, dessa forma, dentre os quatro municípios em análise, é o que apresenta o maior parque industrial, o maior centro educacional, bem como grande circulação comercial e de prestações de serviço, enquanto que Vera, Cláudia e Santa Carmem permanecem estacionárias ou se desenvolvem lentamente, o que as aproxima de ambientes mais próximos ao rural e ao isolamento.

Sendo assim, o espaço urbano, por excelência, é o que primeiro dissemina, linguisticamente, as ‘novas’ técnicas e inovações científicas, tais como o conjunto de métodos e procedimentos empregados para a exploração florestal de maneira sustentável, denominado *manejo*, *manejo florestal*, *manejo sustentável* etc. Essa disseminação, contudo, aparece lenta e gradual e, segundo Mattos e Silva¹¹, “continuará o seu ritmo constitutivo e pode disso sofrer o efeito com o passar do tempo”.

Manejo registrou-se, também, nos dados coletados, ao lado de outros itens lexicais e expressões, tais como *manejo florestal*, *manejo sustentável*, *projeto de extração*, *projeto de manejo*, *remanejamento* e *remanejo das terras*, na cidade de Sinop. No município de Vera há *manejo sustentável*, *projeto*, e *projeto de manejo*. Em Cláudia, *manejo florestal*, *projeto*, *projeto de liberação de corte*, e *projeto de manejo*. E em Santa Carmem há, como concorrentes, *manejo florestal*, *projeto*, *projeto de manejo* e *remanejamento*. Dessa forma, além de *manejo*, há ainda a expressão *projeto de manejo*, com nove ocorrências, propagada em todos os pontos de inquérito.

Convém observar, que, embora o item *manejo* apresente o mesmo número entre as respostas de sujeitos com mais de 50 anos e as de jovens, de 18 a 40 anos, conforme já apontado anteriormente, destacam-se as expressões *manejo florestal*, *projeto de extração*, *remanejo das terras* e o item lexical que se compõe por derivação prefixal e sufixal de *manejo*, *remanejamento*, dados como respostas à questão 43 dadas

¹¹MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. **Como se estruturou a língua portuguesa? Perspectiva histórica da fonologia e da morfologia da língua portuguesa**. Museu da Língua Portuguesa. São Paulo/Estação da Luz. Disponível em http://www.museulinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_10.pdf. Acessado em 17 de ago. de 2012, às 22h e 18min.

exclusivamente por jovens. Salienta-se, ainda, que a expressão *projeto de manejo* foi falada por seis jovens, de 18 a 40 anos, contra somente três respondentes acima de 50 anos.

Esse indicador serve como parâmetro para se testificar que, fundamentalmente após a implementação da Medida Provisória 1.511, datada de 25 de julho de 1996 e outorgada pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso, em que se aumenta a área de Reserva Legal na região Amazônica para 80%, o que estimula, de certa forma, o aproveitamento da floresta via manejo florestal sustentado, a propagação de itens lexicais ligados ao campo semântico *manejo* intensifica-se.

Sendo este, portanto, o principal indicador da alteração semântica que se efetuou na realidade linguística do ‘rincão’ norte mato-grossense e evoca, assim como afirma Aguilera (2008b, p.110), “[...] a direção da mudança linguística que se processa em dada comunidade”, mais especificamente, conforme vimos, nas adjacências de quatro cidades, Sinop, Vera, Cláudia e Santa Carmem, a qual, contudo, haja vista a propensa adesão que os jovens vêm demonstrando, deve assentar-se ao patrimônio léxico desta região.

4.3.77 O item lexical *índio*: apontamentos sócio-semântico-lexicais

O item lexical *índio*, conforme apontado no item 4.3.71, é um dos itens de maior uso da área semântica Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais, portanto a norma linguística, falado nos quatro pontos de inquérito. Este item lexical é assinalado, etimologicamente, no Aurélio (1986), como proveniente do topônimo *Índia*. Assim, a denominação *índio* seria tão somente

o resultado de um mero erro náutico. O navegador italiano Cristóvão Colombo, em nome da Coroa Espanhola, empreendeu uma viagem em 1492 partindo da Espanha rumo às Índias, na época uma região da Ásia. Castigada por fortes tempestades, a frota ficou à deriva por muitos dias até alcançar uma região continental que Colombo imaginou que fossem as Índias, mas que na verdade era o atual continente americano. Foi assim que os habitantes encontrados nesse novo continente receberam o apelido genérico de “índios” ou “indígenas”, que até hoje conservam. (LUCIANO, 2006, p.29-30).

De acordo com o quadro abaixo, este item é localizável como entrada em quatro dos seis dicionários pesquisados, em Bluteau (1712), no Aurélio (1986), no Aulete Digital e em Bossle (2003):

Dicionário Entrada	Vocabulário Portuguez & Latino - D. R. Bluteau (1712)	Diccionario da Lingua Brasileira – Luiz M. da S. O. P. Pinto (1832)	Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986)	Dicionário Contemporân eo da Língua Portuguesa – (Aulete Digital)	Dicionário Gaúcho Brasileiro – João A. Bossle (2003)	Dicionário do Nordeste – Fred Navarro (2004)
ÍNDIO	Tambem chamamos Indios aos povos da America. No Brafil dividem os Portuguezes aos Barbaros, que vivem no Sertão em Indios manfos, & bravos. (p.110)	—————	4- O habitante das terras americanas ao chegarem os descobridores europeus; o aborígene da América. (p.1576)	3- Integrante de um grupo étnico indígena.	1-Indivíduo bem disposto, valente, destemido, bravo, valoroso. 2- Homem do campo; gaúcho (peão ou patrão). “o termo índio não se aplica, aqui no Rio Grande, ao indígena, ao silvícola ou aborígene, e sim ao peão gaúcho, em geral ao empregado de estância.” (Callage.) (p.284-285)	—————

Quadro 13: Reflexões analíticas sobre o item lexical *índio*.
Fonte: Pesquisa direta.

Observados os conceitos acima transcritos, é possível constatar que *índio*, com o sentido de *...o homem nativo que morava nas florestas antes da chegada dos colonizadores*, referente à pergunta 50 de meu questionário semântico-lexical, se pode apreender em três dos quatro dicionários gerais, em Bluteau (1712), no Aurélio (1986) e no Aulete Digital. Dessa forma, é possível afirmar que há uma continuidade semântica deste item lexical, visto que o uso deste sentido dicionarizado se mantém e se dissemina como norma no norte de Mato Grosso.

Ressalta-se, também, que a concepção de *índio*, que emerge em Bluteau (1712), é a que se aproxima do sentido pejorativo que, durante muito tempo no Brasil, foi disseminado largamente, visto ser, segundo Luciano (2006, p.30), “resultado de todo o processo histórico de discriminação e preconceito contra os povos nativos da região”, pois o índio representaria “um ser sem civilização, sem cultura, incapaz, selvagem, preguiçoso, traiçoeiro etc.”. O item lexical *Barbaros*, evidenciado neste dicionário,

mostra como esta construção alcançou marcha. Há, ainda, neste mesmo dicionário e nesse mesmo sentido, um aparte que complementa a noção de ‘bárbaro’ propagada por Bluteau (1712, p.110):

Indios manfos chamaõ aos que com algum modo de Republica (ainda, que tofca) faõ mais trataveis, & capazes de instrução. Pello contrario chamaõ Indios bravos aos que pella fua natural indocilidade, naõ tem forma alguma de governo, nem admittem outras leys, que as que lhes dita a fua fera natureza.

Quanto ao significado descrito no *Dicionário Gaúcho Brasileiro* (2003), a definição que mais se aproxima da distinção de sentido pontuada por Bossle é a expressa pela respondente de Santa Carmem, SC8 F, ao dizer que:

Ah, mas tem o índio e tem o bugre, fia. **O índio é um e o bugre é outro.** Eu sou, o meu sangue é de índio, e na Carmem tem outras família que é de bugre, eles são mais roxo assim, sabe, os beijo deles é preto, preto, os pés, aqueles dente branco; aqueles é sangue de bugre, e o meu sangue é de índio. A minha bisavó era índia, uma índia bonita, ave Maria!

Do mesmo modo, verifica-se, dentre as justificativas que acompanham as respostas dadas pelos entrevistados, as que confirmam que “o item lexical índio não se aplica, no Rio Grande, ao indígena”, como se pode ver nos seguintes excertos, falados, respectivamente, pelos sujeitos provenientes de Guabiju/RS, Salete/SC e Guarani das Missões/RS:

- Lá no Rio Grande não falava índio, falava bugre. (S10 M).
- Tinha outra palavra, eu lembro sim que usava no lugar de dizê índio, é bugre, mas aquilo é coisa bem antiga, mas aqui não existe essa palavra com a fala daqui, eu me lembro só no caso de falá porque, assim, era, lá no sul falava-se bugre. (S12 M).
- Já ouvi falá muito de bugre. Lá (no Rio Grande do Sul) que era mais assim falado bugre. Aqui se fala mais índio. (S13 F).

Dessa maneira, a própria materialidade linguística das passagens acima sugere o contexto normativo de uso lexical na região norte mato-grossense, ou seja, “aqui se fala mais índio”. Tal constatação também se confere nos relatos de experiência pessoal em que ambos os gaúchos, S10 M e S13 F, trazem o item *índio* no corpo narrativo relatado:

- Era um projeto que eles tinham, que pegava o seminarista, pessoas pra vim pra Amazônia, pro Mato Grosso, pra vim pra catequizar **índio**, pra ajudá as pessoas pobres e eu nunca pode vim. (S10 M).
- É perto das ruínas de São Miguel, perto de São Luiz Gonzaga, perto de Santa Rosa, Santo Ângelo, fica no meio lá, Guaraní das Missões. Os meus descendente conviveram com **índios**, as coisas lá. (S13 F).

Assim, verifica-se que a continuidade semântica, evidenciada nos dicionários gerais, conforme especificado acima, não se aplica à conceituação exposta pelo *Dicionário Gaúcho Brasileiro* (2003), para a qual há um deslocamento de sentido neste contexto sócio-histórico e geográfico regional.

4.3.77.1 A distribuição do item lexical *índio* pelos pontos de inquérito

Histograma 12: Índio (trinta e oito ocorrências).

No Histograma 12, o item lexical *índio* aparece expresso nas quatro cidades pesquisadas e foi falado trinta e oito vezes pelos sujeitos. Desse modo, tal como já explicitado no item 4.3.37, apenas uma jovem, de 18 a 40 anos, de Sinop, e um homem com mais de 50 anos do município de Vera não dispuseram *índio* em sua escolha léxica para responder a pergunta 50.

Índio registrou-se, também, nos dados coletados, ao lado de outras itens e expressões, tais como *bugiu*, *bugre*, *caboclo*, *indígena*, *nativista*, *nativo*, *primitivo*,

selvagem e *silvícola*, na cidade de Sinop. No município de Vera há *bugre*, *caboclo*, *indígena*, *nativo*, *primitivo* e *selvagem*. Em Cláudia, *bicho do mato*, *bugre*, *indígena*, *nativo* e *selvagem*. E em Santa Carmem há, como concorrentes, *barriga amarela*, *borracheiro*, *bugre*, *indígena*, *selvagem*, *seringueiro* e *tupinambá*. Dessa forma, além de *índio*, há ainda os itens lexicais *bugre*, *indígena* e *selvagem*, com doze, nove e cinco ocorrências, respectivamente, propagados em todos os pontos de inquérito.

Cabe observar, que, nesses dados elencados, é possível apreender o sentido pejorativo, abordado acima, que irradia e perpetua preconceito e discriminação na dinâmica sucessiva do tempo. Dentre os exemplos pejorativos que afluem nas respostas à questão 50, destacam-se *bicho do mato*, *bugiu*, *primitivo* e *selvagem*.

Outro fato interessante remete aos itens *borracheiro* e *seringueiro*, os quais protagonizam o ‘segundo conflito’ de invasão de território, assim denominado pelo índio Javariú ao relatar sobre as ocupações e ataques sofridos pelos ‘homens brancos’ no espaço territorial em que viviam no norte de Mato Grosso antes de serem conduzidos ao Parque Indígena do Xingu. Os eventos, de acordo com a sua narrativa, teriam obedecido a seguinte ordem:

O primeiro branco que aproximô, invadiu, vamos dizê assim, que começô invadi, foi o caçador de onça, pra tirá a pele de onça, né. Onça, ariranha, lontra, jacaré, esses animais, né. **E o segundo foi o seringueiro, que tirava a borracha.** E o terceiro, o garimpeiro. E com o quarto vem essa maior destruição, que é o fazendeiro. Então com o quarto foi o maior impacto, foi isso. Então, nesse meio meu povo teve muito conflito. É, vamos dizê assim que o caçador de animais, de onça, de jacaré, lontra, ariranha, não procedeu porque acho que diminuiu e também talvez foram pra outro lugar, né, pra outra região. **E a mesma coisa o seringueiro, talvez tiraram tudo o leite da borracha aqui e hoje já se cria, já planta a muda de seringueiro, então eu acho que isso também é remanejo, essas pessoa que tira borracha** e o garimpeiro talvez já extraiu tudo o ouro e foi pro outro lugar. E os agricultor vieram permanente, né, então é isso, veio e ficou¹².

A associação do *seringueiro/borracheiro* com o *homem nativo que morava nas florestas antes da chegada dos colonizadores* é justificada pela migrante de Santa Carmem, SC6 F, pois,

quem morava antes do colonizador era as pessoas, assim, que chegava que nem os índios e as pessoa que ficava ali acomodado, escondido trabalhando, ali sozinho, sofrendo, né, **como os borracheiro. Quando**

¹²Fragmento de entrevista concedida pelo índio Javariú Kayabi em sua residência, em Sinop, no dia 28 de out. de 2010.

nós chegamo do Paraná aqui, nós achemo muitos copinho de alumínio, assim, que nem nos pés de borracha, nos pé da figueira tava cheio, que eles picava pra enchê pra tirá pra vendê. Eles passaram por aqui e tiravam a seringa, né, seringueiro que fala, era naquele tempo. Era muito sofrido. Nós buscamo rama de mandioca mais ou menos uns dez quilômetro longe num seringal que tinha, que eles ficava acampado, pra nós prantá.

Com relação ao item lexical índio, vale reiterar que, por ser a norma, isto é, um dos itens de maior uso da área semântica Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais, tanto pelos sujeitos acima de 50 anos quanto pelos jovens, de 18 a 40 anos, este encontra, nessa dinâmica contextual de uso, espaço para a continuidade semântico-lexical.

Para tal dinâmica concorrem, ainda, os ‘novos’ conflitos que se estabelecem entre as fronteiras de território indígenas e os proprietários rurais, que avançam sem mensura e avidamente, movidos pelos interesses do capital, novamente pelos limites de propriedade estabelecidos pela federação aos povos originários; há, também, em evidência midiática, nos cenários nacional e internacional, os conflitos ambientais que mobilizam o centro das discussões sobre as construções das usinas hidrelétricas em curso na Amazônia, dentre elas destaco a Usina Teles Pires, autorizada pela presidente Dilma Rousseff em junho de 2011.

Fica patente, nessa deliberação, mais uma vez, o desrespeito ao limitado patrimônio indígena, como se pode ver na seguinte passagem referente ao Processo n.º 0018341-89.2012.4.01.0000, publicada no *site* do Ministério Público Federal¹³:

Em parecer enviado ao Tribunal, o Ministério Público Federal pediu a manutenção da sentença e da suspensão das obras, por acreditar que a falta de consulta prévia às comunidades indígenas e a ausência de cuidado em relação ao Salto Sete Quedas mostram que não foram atendidas as recomendações da Funai. Segundo o MPF, a validade da licença do Ibama está condicionada ao cumprimento dessas recomendações. Além disso, alegou que a exploração de recursos hídricos em terras indígenas só podem ser efetivadas (sic) com autorização do Congresso, por meio de reuniões e audiências públicas com as comunidades afetadas, o que não ocorreu.

¹³MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. Procuradoria Regional da República. 1ª Região. **Obras em Usina Hidrelétrica de Teles Pires ficam suspensas, decide justiça.** Última modificação 02 de ago. de 2012, às 15h e 58min. Brasília/DF. Disponível em <http://www.prr1.mpf.gov.br/noticias/obras-em-usina-hidreletrica-de-teles-pires-continuam-suspensas-decide-justica/>. Acessado em 21 de ago. de 2012, às 11h e 04min.

Assim, o item lexical *índio* segue seu curso, imperioso e revitalizado pelas alterações que movimentam a ambiência regional, neste contexto em que se permeiam os interesses paradoxais entre o capital e o meio ambiente.

4.3.78 O item lexical *mangueira*: apontamentos sócio-semântico-lexicais

O item lexical *mangueira*, de acordo com Bossle (2003), é procedente do castelhano platino *manguera*. Este item, conforme o quadro abaixo, é localizável como entrada em cinco dos seis dicionários pesquisados, em Bluteau (1712), em Pinto (1832), no Aurélio (1986), no Aulete Digital e em Bossle (2003):

Dicionário Entrada	Vocabulário Portuguez & Latino - D. R. Bluteau (1712)	Diccionario da Língua Brasileira – Luiz M. da S. O. P. Pinto (1832)	Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986)	Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa – (Aulete Digital)	Dicionário Gaúcho Brasileiro – João A. Bossle (2003)	Dicionário do Nordeste – Fred Navarro (2004)
MANGUEIRA	(MANGUÊIRAS) (termo de navio.) São h ã s pannos alcatroados, q fe pregão nos embornaes, por onde vai a agua ao mar, fem fer vifla dos que eftão de fóra, & fervem para o inimigo não ver dano, que o navio tem recebido da artelharia. (p.292)	Arvore do Brasil - cujo fruto he a manga. (Mangueiras) Entre os Nauticos, são huns pãos alcatroados por onde escorre a agua para o mar. (p. 692)	3- Bras., RS. Grande curral de gado, de pedra ou de madeira, junto ao edificio da estância. (p.1080)	1- Bot. Árvore da fam. das anacardiáceas (Mangifera indica), nativa da Índia, de copa grande, flores pequenas, brancas ou amarelas e esverdeadas, em cachos, muito cultivada nas regiões tropicais pelo fruto de polpa carnosa, a manga, do qual há muitas variedades. 2 - Náut. Calhas de pau ou de lona alcatroada que descem dos embornais ao lume de água por onde corre para o mar a água que o navio embarca.	Grande curral de arame, pedra, madeira, junto à casa da estância, onde se encerra o gado para marcação, cura de bicheiras, castração, aparte, etc. (Do cast. plat. manguera) (p.320)	—

Quadro 14: Reflexões analíticas sobre o item lexical *mangueira*.

Fonte: Pesquisa direta.

Segundo os conceitos acima transcritos, é possível constatar que *mangueira*, com o sentido de ...*lugar geralmente cercado onde se prende e/ou recolhe gado*,

referente à pergunta 71 de meu questionário semântico-lexical, se pode apreender em apenas um dos quatro dicionários gerais, no Aurélio (1986). Nesta definição se evidencia, contudo, uma indicação regional, a inserção do Estado ‘Rio Grande do Sul’, como ênfase ao local de maior difusão deste sentido. E, como comprovação desta assertiva inscrita no Aurélio, aparece, em consonância com esta definição, o registro conceitual de *mangueira* no *Dicionário Gaúcho Brasileiro* (2003). Nos demais dicionários, há o significado relacionado à constituição de embarcações marítimas, que se dissemina desde o século XVIII, e o referente à árvore que produz a fruta manga, que é assinalado já no século XIX.

Dessa forma, conforme os dados nos mostram, a propagação do item lexical *mangueira*, com o significado condizente à questão 71, acontece hipoteticamente somente no século XX. Se se levar em consideração que os gaúchos e demais migrantes da região sul do Brasil trouxeram esta significação para a região norte de Mato Grosso nos anos 70 e 80 deste século, então se pode dizer que, desde este período de tempo, há uma continuidade de uso semântico deste item, visto que o sentido dicionarizado, embora apenas no Aurélio e em Bossle, se mantém e se prolifera como norma nesta extensão geográfica em que se desenvolve esta pesquisa.

Como possível confirmação de que se utilizava *mangueira* com a carga semântica de lugar cercado para reclusão de gado também em outros Estados do sul, localizei, na garimpagem dos dados sobre os relatos de experiência pessoal, a seguinte passagem da narrativa de SC8 F, proveniente, antes da migração, de Querência do Norte, no Estado do Paraná:

Naqueles tempo tinha bastante bicho, aí a onça não atacava. É, elas não atacava gente não. Elas não atacava a gente de jeito nenhum. Elas tinham com que se alimentá. O gado elas mexia. Uma vez veio pegá um bezerro na **mangueira** aí! Pegou na mangueira, aí oh (apontando)!

Ressalta-se, todavia, que o gaúcho S10 M, de Guabiju/RS, ao tentar explicitar o conceito de *mangueira*, faz alusão à outra escolha lexical que, supostamente, seria feita por ‘não gaúchos’ na região, segundo o fragmento: “Derrubá mato, fazê mangueira, fazê cerca, era tudo serviço braçal e bruto. Construir casa. Mangueira é pra cercá gado, é o curral, né, **vocês chama de curral, pra nós é mangueira**”.

Esta ‘outra’ escolha lexical, como já explanado no item 4.3.58, manifesta-se, de fato, entre as respostas dadas pelos sujeitos à pergunta 71, no entanto, em discordância à

proposição afirmativa de S10 M, visto que *mangueira* é a norma de uso nesta região da Amazônia, enquanto *curral* se evidencia como segunda maior ocorrência de inscrição entre os falantes locais.

4.3.78.1 A distribuição do item lexical *mangueira* pelos pontos de inquérito

Histograma 13: Mangueira (vinte e sete ocorrências).

Neste Histograma, o item lexical *mangueira* aparece disseminado nos quatro pontos de inquérito pesquisados e foi falado vinte e sete vezes pelos entrevistados. A distribuição deste item ocorreu da seguinte forma: na cidade de Sinop, sete sujeitos acima de 50 anos o utilizaram, quatro homens e três mulheres, entre os jovens, de 18 a 40 anos, apenas três rapazes o trouxeram como resposta; na cidade de Vera, um homem e duas mulheres com mais de 50 anos e dois rapazes e uma moça, de 18 a 40 anos, mencionaram o item lexical em análise; em Cláudia, dois homens e uma mulher, acima de 50 anos, bem como dois rapazes e duas moças, de 18 a 40 anos, responderam *mangueira*; e em Santa Carmem, um casal de respondentes entrevistados, acima de 50 anos, e dois rapazes e uma moça, de 18 a 40 anos, aludiram a este item.

Há, portanto, nestes dados, uma proximidade quantitativa entre as respostas de sujeitos com mais de 50 anos, quinze, e as dos jovens, de 18 a 40 anos, doze. Já entre os gêneros, destaca-se uma relativa distinção numérica entre as atitudes responsivas, tendo sido dezessete respostas manifestadas por homens, *versus* tão somente dez por

mulheres. Na cidade de Sinop, inclusive, nenhuma moça citou *mangueira* como resposta.

Todavia, tal resultado demonstra que o uso deste item lexical se mantém como norma no norte de Mato Grosso e se mostra em destaque dentre as escolhas lexicais, passíveis de resposta à questão 71, tanto por sujeitos acima de 50 anos quanto por jovens, de 18 a 40 anos. Destaca-se que tal fato pode ser assinalado como indício de continuísmo deste uso, sem desconsiderar, contudo, as demais alternativas léxicas em realce, fundamentalmente, no vocabulário das jovens.

Nesse sentido, registra-se que *mangueira* tem como concorrentes, nos dados coletados, os itens *baia*, *brete*, *cercado*, *cocheira*, *curral*, *estrebaria*, *piquete* e *remanga*, falados na cidade de Sinop. No município de Vera há *curral* e *piquete*. Em Cláudia, *cercado*, *curral*, *estrebaria*, *piquete* e *remanga*. E em Santa Carmem encontram-se *brete*, *cercado*, *curral*, *estrebaria*, *estrevaria*, *piquete* e *remanga*. Dessa forma, além de *mangueira*, há ainda os itens lexicais *curral* e *piquete*, com dezesseis e treze ocorrências, respectivamente, propagados em todos os pontos de inquérito.

Como curiosidades, convém destacar que todas as jovens de Sinop responderam *curral* a esta pergunta. Outras duas, uma de Sinop, S10/2 F, e uma de Santa Carmem, SC7/2 F, disseram *brete* como resposta ao ‘espaço cercado em que se acondiciona o gado’. Convém lembrar que ambas saíram de suas respectivas cidades para realizar a formação acadêmica em outros Estados, a primeira cursou Odontologia em Londrina/PR e a segunda, Turismo em Tupã/SP.

Ao ser inquirida sobre o significado de *brete*, S10/2 F enunciou que:

O brete eu acho que ele é aquele espaço menorzinho onde o boi fica, né. O brete, olha, eu ouço o pessoal muito, que nem o pessoal do sul, São Paulo, sudeste, onde têm essas festas de peão você ouve falar muito o brete, vem de lá assim, e ainda até tem aquele ditado das “Maria breteira”, que eles falam. É desde a época da faculdade; os sertanejos universitários, acho que é uma coisa mais da região, porque eu estudei no Paraná, né, e lá eu ouvia falar muito disso daí naquela região, e tinha uma época muito daqueles sertanejos universitários, mas os sertanejos deles lá, que é diferente daqui. Normalmente em festas de peão fala brete e até têm as “Marias breteiras”, igual as “Marias chuteiras”, as Marias não sei o quê da vida, né.

Essa interferência cultural que se manifesta nas falas de S10/2 F e SC7/2 F, contudo, é apenas um adendo do caráter multidialetal existente na região, que reúne

múltiplas etnias oriundas de distintas regiões brasileiras, conforme os resultados analíticos que se têm apreendido dos dados coletados.

Neste âmbito, são pertinentes as observações de Oliveira¹⁴, quando afirma que, “ao transitar fora das fronteiras do seu campo singular específico, a cultura estabelece enlaces com outras dimensões da vida em sociedade”, dimensões estas que, no contexto da região amazônica em foco, movimentam um conjunto de atividades linguísticas heterogêneas, as quais constituem o mosaico de manifestações verbais desta comunidade linguística.

4.3.79 O item lexical *carroça*: apontamentos sócio-semântico-lexicais

O item lexical *carroça*, procedente do italiano *carrozza* (1575), é localizável, no quadro abaixo, como entrada em cinco dos seis dicionários pesquisados, em Bluteau (1712), em Pinto (1832), no Aurélio (1986), no Aulete Digital e em Navarro (2004):

Dicionário	Vocabulário Portuguez & Latino - D. R. Bluteau (1712)	Diccionario da Língua Brasileira – Luiz M. da S. O. P. Pinto (1832)	Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986)	Dicionário Contemporân eo da Língua Portuguesa – (Aulete Digital)	Dicionário Gaúcho Brasileiro – João A. Bossle (2003)	Dicionário do Nordeste – Fred Navarro (2004)
Entrada						
CARROÇA	(CARROÇA/ CARRÔÇA) Tomale muitas vezes por Coche, & també fe diz a Carroça do Sol, &c. Vid. Coche. (p.165) (CARRO) Carruagem de carga tirada por boys. Cõfta de leito, chaveiros, fueiros, chamaceiras, mefas, cadeas, cavaletes, gatos, burros, xalmas, pernas, rodas, rodeiras, caimbas, eixo, tamoeiro, re- lhos, brochas, canga, cangalhos, &c.	Coche grande. Carro comprido de grades. (p.208) (CARRO) Maquina de carregar com rodas, leito, etc.	1- Ant. Coche suntuoso. 2- Carro grosseiro, ordinariamente de tração animal, para transportar cargas; carreta. (p.359) (CARRO) Veículo de rodas para transporte de pessoas ou carga.	1- Carro ger. tosco e puxado por bestas, para transporte de carga; CARRETA. 6- Antq. Coche adornado e rico. (CARRO DE BOI) 1- Carro simples, de madeira, tracionado por uma ou mais juntas de boi.	(CARRETA) Veículo grande, pesado e tosco, de duas rodas, com ou sem tolda, puxado por juntas de bois; carro de bois. (p.129) (CARRETÃO) 1- Carreta curta, pequena, puxada por uma única junta de bois, muito usada no serviço leve das estâncias. (p.129) (CARROCITA) Carroça pequena.	(CARROÇA/ CARROÇÃO) O <i>Dicionário Aurélio</i> afirma que a segunda palavra é brasileirismo, nada indicando sua origem na região. No jogo de dominó, carroça é a pedra que tem os dois lados iguais (vale para as pedras de ás, duque, terno, quadra e quina). (p.99)

¹⁴OLIVEIRA, Paulo César Miguez. **Estudo 43: Diversidade cultural: valorização e difusão**. Disponível em <http://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/pis/Estudo%2043.pdf>. Acessado em 22 de ago. de 2012, às 9h e 02min.

					(p.130)	
--	--	--	--	--	---------	--

Quadro 15: Reflexões analíticas sobre o item lexical *carroça*.

Fonte: Pesquisa direta.

De acordo com os conceitos acima transcritos, é possível constatar que *carroça*, com o sentido de ...*carro de transporte, quase sempre feito de madeira, puxado por um animal, geralmente cavalo ou boi, e usado para transporte de carga*, referente à pergunta 74 de meu questionário semântico-lexical, se pode apreender em dois dos quatro dicionários gerais, no Aurélio (1986) e no Aulete Digital. Contudo, verifica-se que o item lexical *carro* registra-se, já no século XVIII, com um sentido equitativo ao proposto pela questão acima: “Carruagem de carga tirada por boys”. Sentido este que se mantém para este item nos séculos posteriores e ao qual se acresce, ulteriormente, a locução adjetiva *de boi*.

Como exemplificação da disseminação inicial no Brasil, que remete ao item lexical *carro*, se tem excertos que se encontram postos na obra *Diálogos das Grandezas do Brasil*, de Capistrano de Abreu (1956, p.38-64), nos quais Brandonio acentua à Aliviano que “é necessário que tenha [...], 15 ou 20 juntas de bois com seus **carros** necessários aparelhados [...]”, e mais adiante, “a vaca, sendo boa, é estimada [...], e o novilho, que serve já para se poder meter em **carro**, a seis e a sete mil réis [...]”. (grifos meus).

No *Dicionário Gaúcho Brasileiro* (2003), em que não se apresenta a inscrição *carroça*, há, todavia, as seguintes variantes deste item como entradas neste dicionário: *carreta*, *carretão* e *carrocita*. Vale salientar que as duas primeiras trazem, nas definições conceituais, apenas distinções de tamanho, como “veículo grande, pesado” e “carreta curta, pequena”. Observa-se, ainda, que o verbete *carreta* assinala, dentre as explicitações de conceito, o suposto sinônimo *carro de bois*. A mescla sinonímica é tal que em *carrocita* se inicia a explicação do significado com a palavra *carroça*.

Esse cenário de possibilidades amálgamas é o mesmo que se desenha nas atitudes responsivas de meus sujeitos entrevistados para a pergunta 74, visto que surgiram, dentre as respostas, dezesseis itens lexicais distintos, respectivamente: *aranha*, *arrastão*, *carreta*, *carretão*, *carrinho*, *carroça*, *carroção*, *carrocinha*, *carruagem*, *charreta*, *charrete*, *charretinha*, *gaiota*, *jlita*, *sôri* e *zorra*, bem como a expressão *carro de boi*.

Segundo as evidências constantes nestes dados, a propagação de *carroça* se acentua fundamentalmente no século XX, sendo assim transposto para o norte de Mato Grosso nos anos 70 deste mesmo século pelos migrantes da região sul do Brasil e desde então há uma continuidade de sentido deste item lexical neste espaço geográfico, visto que o registro dicionarizado se mantém e se prolifera aqui como norma.

Estas evidências recebem ainda maior sustentação nos apontamentos conceituais que efluem nos dois dicionários regionais. Assim, de acordo com as definições que aparecem inscritas no *Dicionário Gaúcho* e no *Dicionário do Nordeste*, que remetem à concepção de ‘veículo de transporte puxado por um animal’, é possível verificar que há no norte mato-grossense uma proximidade maior aos significados propalados na região sul do Brasil.

4.3.79.1 A distribuição do item lexical *carroça* pelos pontos de inquérito

Histograma 14: Carroça (trinta e uma ocorrências).

No Histograma 14, o item lexical *carroça* transparece nos quatro municípios pesquisados e foi falado trinta e uma vezes pelos entrevistados. A distribuição deste item ocorreu da seguinte forma: na cidade de Sinop, cinco respondentes acima de 50 anos o utilizaram, quatro homens e apenas uma mulher, entre os jovens, de 18 a 40 anos, todos os entrevistados o trouxeram como resposta; na cidade de Vera, somente uma mulher com mais de 50 anos e dois rapazes e uma moça, de 18 a 40 anos,

mencionaram este item lexical em análise; em Cláudia, todos os sujeitos acima de 50 anos, bem como dois rapazes e uma moça, de 18 a 40 anos, responderam *carroça*; e em Santa Carmem, um homem e duas mulheres, acima de 50 anos, e todos os entrevistados jovens, de 18 a 40 anos, aludiram a este item.

Há, portanto, nestes dados, um número maior de respostas trazidas pelos sujeitos de 18 a 40 anos, dezoito, *versus* treze citadas pelos com mais de 50 anos. Entre os gêneros, do mesmo modo, destaca-se uma relativa distinção numérica entre as atitudes responsivas, dezessete respostas manifestadas por homens contra quatorze por mulheres, ainda que na cidade de Vera nenhum homem acima de 50 anos tenha citado *carroça* como resposta.

Tal resultado demonstra que o uso deste item lexical se mantém como norma no norte de Mato Grosso e se mostra em destaque, dentre as escolhas lexicais passíveis de resposta à questão 74, fundamentalmente pelos jovens, de 18 a 40 anos. Ressalta-se que tal fato pode ser assinalado como indício de continuísmo deste uso.

Carroça, como já assinalado acima, registra-se, também, nos dados coletados, ao lado de outros itens concorrentes, como *aranha*, *arrastão*, *carreta*, *carretão*, *carruagem*, *charrete*, *gaiota*, *jlita*, *sôri* e *zorra*, falados na cidade de Sinop. No município de Vera há *aranha*, *carreta*, *carroção*, *carrocinha* e *charrete*. Em Cláudia, *carretão*, *carrinho*, *carrocinha* e *charreta*. E em Santa Carmem encontram-se *carretão*, *carrinho*, *carroção*, *carrocinha*, *carruagem*, *charrete* e *charretinha*. Dessa forma, além de *carroça*, há ainda o item lexical *charrete*, com quinze ocorrências, propagado em todos os pontos de inquérito; da mesma maneira, se realça nos dados a expressão *carro de boi*, mobilizada em todas as cidades pesquisadas, com dezenove atribuições de respostas.

Acentua-se, em conformidade com os resultados numéricos apreendidos, que a difusão normativa do item *carroça* encontra-se em amplitude crescente no contexto de uso norte mato-grossense, visto ter sido enaltecido em maior proporção pelos jovens descendentes, que o mantém entre as escolhas lexicais que remetem ao conceito da pergunta 74. Ao contrário de outras mesclas sinonímicas apresentadas tão somente pelos entrevistados acima de 50 anos, tais como *aranha*, *arrastão*, *carreta*, *carretão*, *carroção*, *gaiota*, *jlita*, *sôri* e *zorra*. Este fato encontra-se interligado imediatamente a outro, ao que remete ao menor número de respostas do item lexical *carroça* ditas por estes sujeitos.

Como provável indicador elucidativo sobre as razões que levaram aos fatos acima mencionados, pode-se apontar, novamente, à perda gradual da identidade rural no contexto da *continua* rural-urbano, conforme enfatizado por Bortoni-Ricardo (2005). Essa perda, que esvazia as opções de sinônimos, tem relação ainda, e de forma fundamental, com o surgimento dos veículos automotores em fins do século XIX, o que restringe, circunstancialmente, o uso da *carroça* ao meio rural.

Cenário este distinto do vivenciado pelos migrantes, pois estes tiveram contato direto com os *carros de transporte, quase sempre feito de madeira, puxado por um animal*, segundo as histórias narradas por eles sobre os ambientes rurais em que protagonizavam suas experiências de vida antes da migração ao norte de Mato Grosso. Dentre elas, salienta-se o excerto da pioneira de Sinop, oriunda de Guarani das Missões/RS, S13 F, que relata a vinda do bisavô imigrante, o qual veio da Inglaterra ao Brasil na última década do século XIX. Segundo ela, “era difícil na época porque não tinha condução, era só **carroça**, sabe, e **carreta de boi**, aquelas coisa, né, e tudo. Era difícil, muito difícil, mais eles viviam de pesca e caça porque era mato”.

Neste fragmento, além de se constatar a proximidade das escolhas lexicais disseminadas na região sul do Brasil, evidencia-se um uso que sugere distinções de modelos entre os veículos de transporte puxados por animais, no entanto, não dissipa a possibilidade de utilização sinonímica do conceito que se apresenta amplo. É possível afirmar, assim, que *carreta de boi*, neste contexto, reflete a preferência de utilização dos gaúchos, conforme os registros, apontados acima, trazidos pelo *Dicionário Gaúcho Brasileiro* (2003). Esta preferência tem raízes históricas que lhe servem de sustentação, pois, no Rio Grande do Sul, mais especificamente em 1839, em meio às peleias da Guerra dos Farrapos e:

[...] tudo acertado para a invasão de Santa Catarina. Os revolucionários – de um lado Davi Canabarro chefiava as tropas de terra. Do outro, Giuseppe Garibaldi daria cobertura por mar, atacando os portos da província. Um problema, porém, precisava ser solucionado: os dois lanchões da frota revolucionária estavam imobilizados na foz do rio Capivari. Como a Lagoa dos Patos estava interceptada pela esquadra da União, restava a Garibaldi a saída por terra mas, sem os lanchões a tomada da província era impraticável. A solução veio pelas mãos do mestre Joaquim de Abreu, “carpinteiro de ofício e revolucionário por convicção”, preparou dois estrados de vigamento reforçado, aparelhou troncos em formato de eixos e o resultado: dois **carretões** pesando 12 e 18 toneladas, respectivamente. As 50 juntas de bois atreladas a cada **carretão**, após seis dias de

marcha, transportaram os barcos até o rio Tramandaí. A façanha não bastou para vencer a revolução: a causa farroupilha acabou sendo derrotada, mas constitui um capítulo na história do carro de bois¹⁵. (grifos meus).

Ressalta-se, ainda, que no início da colonização da região norte mato-grossense, nos primeiros anos da década de 70, a cultura da utilização da *carroça* não logrou êxito na região. A razão deste malogro deveu-se à inexistência de animais de carga neste espaço territorial, como se pode verificar neste excerto da entrevista de Zé Muladeiro¹⁶:

[...] antes aqui, eu cheguei aqui **em 1974, aqui não tinha gado na nossa região**, não existia gado, o gado pra gente comê tinha lá em Nobres, de Nobres perto de Cuiabá, tinha um amigo nosso que trazia de lá pra sustentá, pra abastecê o 9º BEC, 9º Batalhão de Engenharia e Construção e abastecê a cidade aqui, nós éramos em poucos na cidade, naquela época não chegava a 1000 pessoas na cidade. [...] na nossa região aqui, só começou a chegar gado depois **em 75, 76; depois que começou a chegar alguns animais, não tinha.**

A falta de gado nesta extensão limitada da Amazônia Legal no período inicial da atividade colonizatória é explicada pelas impropriedades minerais atribuídas ao solo da região, as quais destituíam de alimento os animais trazidos nestes primeiros anos, tal como nos relata o pioneiro de Vera, V3 M:

[...] uma das primeiras coisa que a gente tentô aqui não funcionô. [...] a intenção mais foi pasto e lavoura, daí eu tentei logo as duas coisas, pasto e lavoura. Eu trouxe um caminhão de vacas de Planaltina, as vacas que eu tinha reservado, né, e dentro de um ano elas começaram a descaí, foi indo e no fim acabei perdendo. [...], na época, o gado foi adoecendo e ninguém conhecia as causas e aí virou em nada. [...] Daí, de repente, surgiu um sal, até hoje esse sal é usado aqui; é o melhor sal que apareceu, um tal de Fosbov. **A propaganda era que seria o sal preparado pra região, de muitos minerais, que a terra não tinha nada.** Então diziam que tava tudo nesse sal, então eu arrisquei.

O pouco uso da *carroça* na região, motivado, como vimos, pela não existência de animais de carga, bem como pela ampla utilização, já nos primeiros anos da migração, de equipamentos e veículos automotores, não eximiu os pioneiros das lembranças atreladas aos eventos pré-migratórios. Estas lembranças, transformadas em saudosismo, manifestam-se em atitudes identitárias, pois, de acordo com Rodrigues

¹⁵CONHECER, Volume III: **Os Cantadores de Rodas**. São Paulo: Editora Abril Cultural LTDA: p. 721-723, 1967.

¹⁶Entrevista concedida em 10 de dez. de 2010. José Antônio de Oliveira (o Zé Muladeiro), 54 anos, é pioneiro de Sinop e Presidente da Associação dos Muladeiros de Sinop e da Comitativa Esperança/MT.

(2003, p.21-22), “desde a infância, a apropriação da linguagem – de variedades linguísticas específicas – permite ao indivíduo compartilhar com os grupos sociais nos quais se insere as experiências de vida e concepções de mundo que constituirão suas identidades de grupo”.

Portanto, é este compartilhar de experiências vivenciadas pelos migrantes em seus Estados de origem antes da migração que constitui o falar do norte de Mato Grosso e mantém vivas tradições e manifestações culturais entre o conjunto de descendentes e novas gerações. O exemplo a seguir, narrado pela pioneira de Sinop, S14 F, ilustra bem este intuito de manutenção e resgate de pertença:

Trabalhei muito com isso ali, usei muito. Ma aqui quase não usava carretão dos boi, ali quase usamo só trator e camioneta. Aqui nós temo uma guardada, que veio de lá (de Santa Catarina). Quando a neta fez 15 anos, quando ela entrô no salão, ela entrô com ela, com o vô e com os cavalos. Aqui no Sesi. Nós temos foto com os netos andando, nós dois andando. Eu falei que quando eu fizê 50 anos de casado eu quero i na Igreja com ela. Falta dois anos só.

Quanto à observação de interferências étnicas, as quais foram responsáveis pela decisão de utilização de critérios metodológicos que mostrassem tais interferências, destaca-se que, dentre as respostas evidenciadas pelos sujeitos de pesquisa entrevistados à questão 74, há *jlita* e *sôri*. A primeira foi manifestada pela migrante de Sinop, S14 F, descendente de italianos, e advinda de Indaial, no Estado de Santa Catarina, a qual acrescentou à sua resposta o seguinte apontamento: “**os italiano falava jlita**, que é de madeira, com roda ou lisa, se falava no italiano”. A segunda pelo pioneiro, também de Sinop, S9 M, descendente de japoneses, e proveniente, antes da migração, de Amaporã, no Estado do Paraná.

Vale conferir, na resposta deste pioneiro, não só o misto de sinônimos auferidos, como também as conceituações e definições sobre alguns espécimes destes veículos de tração animal:

Aí existia o **carro de boi**, existia a **carroça**, fora isso depois existia a **charrete**; a charrete já é um carro de passeio, né, era o carro de passeio de antigamente. Quem tinha charrete antigamente era só fazendeiro, os pobre nem carroça não tinham. Era um carro de passeio de luxo, quem não tinha essas coisa assim usava um tar de **arrastão**, né, só que era sem roda, não tinha roda, então puxava com um animal, era duas maderas assim no chão e com tábua assim (gesto) e aqui era amarrado a corrente que ia lá na correia do cavalo e quem não tinha carroça tinha que usá esse aí, e feliz de quem tinha ainda esse aí.

Falava assim em São Paulo também e **em japonês chama sôri**. Existia uma vantagem dele, por exemplo, porque a carroça não entrava entre as rua de café, entre as fileira de café porque era largo e esse arrastão já entrava, porque a gente fazia da largura que queria e aquelas carroça já tinha uma bitola, né, de fábrica já vinha aquela bitola e o arrastão era fabricado no sítio mesmo, a gente cortava os tronco e lavava as madeira e fazia.

Assim, como se pode conferir na efluência dos dados coletados, há, neste espaço territorial da pesquisa, um universo de compilações lexicais que, consequentemente, se revela amálgama.

4.3.80 O item lexical *rodeio*: apontamentos sócio-semântico-lexicais

O item lexical *rodeio* é apontado no Aulete Digital como derivativo regressivo de *rodear* (*roda* + *ear*), verbo este de procedência do latim *rota*. *Rodeio* se encontra, no quadro abaixo, como entrada em cinco dos seis dicionários pesquisados, em Bluteau (1712), em Pinto (1832), no Aurélio (1986), no Aulete Digital e em Bossle (2003):

Dicionário	Vocabulario Portuguez & Latino - D. R. Bluteau (1712)	Diccionario da Lingua Brasileira – Luiz M. da S. O. P. Pinto (1832)	Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986)	Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa – (Aulete Digital)	Dicionário Gaúcho Brasileiro – João A. Bossle (2003)	Dicionário do Nordeste – Fred Navarro (2004)
Entrada						
RODEIO	(RODEO OU RODEYO) Porfe no ar de rodeyo. (termo de alta volateria.) <i>Sursum agi in orbem</i> . Andar de rodeyo, <i>In gyros ire</i> , ou <i>volare</i> . (O Falcão Nebri, pondo-fe no ar de Rodeyo, faz as voltas com graça.) (p.358)	Volta que se faz no caminho. Rodeio de palavras, Circunloquios. (p.944)	2- Volta em redor de alguma coisa; giro. 3- Exposição, oral ou escrita, na qual se ladeia um assunto sem abordá-lo diretamente; perífrase, circunlóquio. 6- Bras. Ato de ajuntar o gado para marcá-lo ou para curativos. (p.1516)	2- Caminho mais longo ou desvio do caminho direto. 3- Uso exagerado de palavras para introduzir um assunto que não chega a se manifestar claramente; CIRCUNLÓQUIO. 5- Bras. Reunião do gado para contá-lo, marcá-lo etc. 6- Bras. Competição que consiste em montar cavalo ou boi não domesticados e permanecer montado o maior tempo possível.	1- Lugar no campo de uma estância (geralmente a chapada de uma coxilha, por ser mais enxuta) onde usualmente se reúne o gado com a finalidade de marcar, assinalar, vacinar, dar sal, contar, apartar, curar, castrar, examinar, etc. 4- Festa campeira com a competição entre grupos de campeiros, pertencentes aos CTGs, representada por gíneteadas, pealos e tiro de laço, além de concursos de declamação, danças, trovas, etc. cujo início se deu no município de Esmeralda. Hoje, o principal rodeio gaúcho ocorre em Vacaria. (p.449)	(VAQUEIRAMA) Reunião de vaqueiros antes da vaquejada. (p.344)

Conforme os conceitos acima transcritos, é possível constatar que *rodeio*, com o significado de *a competição que consiste em montar cavalo ou boi não domesticados e permanecer montado o maior tempo possível*, referente à pergunta 76 de meu questionário semântico-lexical, se pode apreender em dois dicionários, um geral, o Aulete Digital, e um regional, o Dicionário Gaúcho Brasileiro (2003).

Assim, de acordo com as evidências constantes nestes dados, verifica-se que até meados da segunda metade do século XX não há ainda registro de *rodeio* com sentido relacionado a um ‘evento de disputa resultante do ato de competir’.

Dessa forma, para que se possa afirmar que há, no norte de Mato Grosso, uma continuidade de sentido deste item lexical, o qual, inclusive, se encontra em amplitude de uso crescente neste contexto, é necessário que se atenha, fundamentalmente, aos fatos sócio-históricos, que permitem a legitimidade desta asserção e possam confirmar a proliferação das atividades atreladas ao conceito ora em análise neste espaço geográfico integrante da Amazônia. Eis que:

O rodeio originou-se na Espanha, foi adotado pelos mexicanos e logo após a guerra com os norte-americanos, no século XIX, adaptou-se à América colonial inglesa. No Brasil, o rodeio é um sincretismo do esporte importado dos EUA na década de 1950. Esta última versão do rodeio que hoje convive com a vaquejada - um jogo tradicional praticado desde o século XVI em todo o país - consiste em montar touros e cavalos não domados, com o cavaleiro permanecendo no mínimo oito segundos na montaria segurando apenas com uma das mãos, e se apoiando em uma corda, presa ao animal. [...] o rodeio brasileiro é hoje um modelo de conciliação de folclore (sic) com marketing e competição esportiva, distinguindo-se, todavia, da influência norte-americana por não ter uma entidade central de filiações, mas um pólo de radiação do esporte (cluster) representado pela cidade de Barretos-SP¹⁷.

Se no território brasileiro o surgimento das ações competitivas de *rodeio* advém do modelo americano, importado na década de 50, como visto acima, no entanto surge no exato momento em que, segundo Ribeiro (2006), se assiste à passagem das últimas tropas levadas pelos tropeiros em Itapetininga/SP, conforme já exposto no Capítulo 2 deste trabalho de pesquisa. Este cenário revela ainda o espírito empreendedor ligado às

¹⁷PORTAL SÃO FRANCISCO. **Dia do Peão de Boiadeiro**. Disponível em <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/agosto/dia-do-peao-de-boiadeiro.php>. Acessado em 24 de ago. de 2012, às 11h e 52min.

atividades de tropeirismo, as quais se mantiveram vigorosas por mais de cem anos, como realçado no item 2.2.1, e que não poderiam tão somente esfacelar-se e cair no esquecimento. Nesse sentido, o *rodeio*, adaptado aos costumes e tradições mobilizadas pelos viajantes de mulas, encontrou viço e espaço para se disseminar, com roupagens, ainda que distintas, nas diferentes regiões brasileiras.

Ressalta-se que Barretos, cidade paulista considerada berço dos rodeios no Brasil, era então considerada:

[...] passagem obrigatória dos “corredores boiadeiros”, como eram conhecidas as vias de transporte de gado entre um estado e outro. [...] eram os peões das comitivas, que reunidos para descansarem, acabavam criando mil maneiras para se divertirem. E como não podia deixar de ser, nestes encontros tentavam mostrar suas habilidades na lida com o gado. [...] Em um sábado de 1947, na quermesse realizada pela Prefeitura Municipal de Barretos, na praça central da cidade, acontece o primeiro rodeio do país, realizado dentro de um cercado com arquibancadas. [...] em 1956, foi lançada a 1ª Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos. Sob a lona de um velho circo, surgiu o modelo do evento rural de maior sucesso do país. Já na primeira festa, a principal atração foi o rodeio. **E os mesmos peões que passavam meses viajando pelos estados brasileiros, agora eram estrelas da festa do peão de Barretos**¹⁸. (grifos meus).

Quase que simultaneamente a Barretos, deu-se início, no Rio Grande do Sul, a competições, tal como definidas pelo Dicionário Gaúcho Brasileiro (2003, p.449), “entre grupos de campeiros, pertencentes aos CTGs¹⁹, representadas por gineteadas, pealos e tiro de laço, além de concursos de declamação, danças, trovas, etc.”. Assim, com adaptações bem regionais, relativas às tradições gaúchas, os primeiros *rodeios* acontecem igualmente na metade do século XX e se voltam às atividades iniciais de laço e concurso de rédeas, como se pode conferir no seguinte excerto:

No ano de 1951, nos campos de Esmeralda, na época 5º Distrito de Vacaria, o fazendeiro Alfredo José dos Santos, exímio laçador e conhecedor das lides de campo, teve a ideia de formar um quadro de laçadores. Em 14 de novembro de 1951 foi realizado o primeiro treino deste grupo, com a colaboração de Irineu Neri da Luz e de Hugo Lemos. Após este encontro, surgiu o segundo quadro, organizado por João Ferreira dos Santos, o que motivou a promoção do 1º Torneio de Laço. A iniciativa ocorreu em 4 de fevereiro de 1952, em uma cancha improvisada na propriedade de Jorge Tigre. A partir daí, os rodeios começaram a ter cada vez mais adeptos. Assim, surgiu o 1º Rodeio

¹⁸TEXANO, Rodrigo. **Como começou o rodeio no Brasil**. Presidente Bernardes/SP. Disponível em <http://www.flogao.com.br/rodrigotexano/blog/2383235>. Postado em 21 de jul. de 2007, às 08h. Acessado em 24 de ago. de 2012, às 17h e 26min.

¹⁹ Centro de Tradições Gaúchas.

Crioulo de Vacaria, em 1958, idealizado por Getúlio Marcantônio, então patrão do CTG Porteira do Rio Grande. Marcantônio foi o precursor dos atuais rodeios, que se espalharam por todo Estado, inclusive com a criação de regras básicas que permanecem até os dias atuais²⁰.

Desse modo, a propagação do item lexical *rodeio* tem início, de acordo com os fatos históricos apurados, em meados do século XX, desde então tem sido adotado em distintas regiões brasileiras e foi trazido para o norte de Mato Grosso nos anos 70 deste mesmo século pelos migrantes das regiões sul e sudeste do Brasil. Todavia, ressalta-se que em solos mato-grossenses há nova ambientação das ações desenvolvidas nas ‘festas de rodeio’; o enfoque na região tem sido, desde as primeiras versões idealizadas nos anos 80, as grandes feiras agropecuárias. Sendo assim, reitera-se que há uma continuidade semântica deste item neste espaço geográfico, visto que estas definições conceituais apresentadas, já dicionarizadas, se mantêm e se proliferam como norma.

4.3.80.1 A distribuição do item lexical *rodeio* pelos pontos de inquérito

Histograma 15: Rodeio (trinta e uma ocorrências).

²⁰MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO. Irineu Neri da Luz é o homenageado da 24ª Fecars. Disponível em http://mtg-rs.blogspot.com.br/2012_03_01_archive.html. Acessado em 24 de ago. de 2012, às 18h e 51min.

Neste Histograma 15, o item lexical *rodeio* é visualizado nos quatro pontos de inquérito pesquisados e foi falado trinta e uma vezes pelos entrevistados. A distribuição deste item ocorreu da seguinte forma: na cidade de Sinop, cinco sujeitos acima de 50 anos o utilizaram, dois homens e três mulheres, entre os jovens, de 18 a 40 anos, quatro rapazes e três moças o trouxeram como resposta; na cidade de Vera, um homem com mais de 50 anos e todos os respondentes jovens, de 18 a 40 anos, mencionaram este item lexical em análise; em Cláudia, dois homens e uma mulher, acima de 50 anos, assim como os quatro entrevistados jovens, de 18 a 40 anos, responderam *rodeio*; e em Santa Carmem, um homem e duas mulheres, acima de 50 anos, e todos os sujeitos jovens, de 18 a 40 anos, aludiram a este item.

Como já apontado no item 4.3.63, há, nestes dados, um número maior de respostas trazidas pelos respondentes de 18 a 40 anos, dezenove, *versus* doze citadas pelos sujeitos com mais de 50 anos. Entre os gêneros, distintamente, destaca-se uma relativa equivalência numérica entre as atitudes responsivas, dezesseis respostas manifestadas por homens contra quinze por mulheres, ainda que na cidade de Vera nenhuma mulher com mais de 50 anos tenha dito *rodeio* como resposta.

Tal resultado demonstra que o uso deste item lexical se mantém como norma no norte de Mato Grosso e se mostra em destaque, dentre as escolhas lexicais passíveis de resposta à questão 76, fundamentalmente pelos jovens, de 18 a 40 anos. Destaca-se que tal fato pode ser assinalado como indício de continuísmo deste uso.

Rodeio registra-se, também, nos dados coletados, ao lado de outros itens concorrentes, como *campeonato*, *doma*, *ginete*, *gineteada*, *montaria*, *tourada*, *toureada* e *vaquejada*, falados na cidade de Sinop; estes dados evidenciam ainda, nesta cidade, a expressão *feira do peão*, citada por apenas duas jovens, de 18 a 40 anos. No município de Vera há *montaria* e *vaquejada*. Em Cláudia, *doma*, *montaria* e *toureada*. E em Santa Carmem localizam-se *adomar*, *ginete*, *montaria* e *toureada*. Dessa forma, além de *rodeio*, há o item lexical *montaria*, com treze ocorrências, propagado em todos os municípios.

Acentua-se, em conformidade com os resultados apreendidos, que a difusão normativa do item *rodeio* encontra-se em ascensão entre o conjunto de descendentes e as novas gerações, que mantêm vivas tradições e manifestações culturais. Neste âmbito, pode-se afirmar que as ‘festas de rodeio’, no contexto atual, encontram-se entre as principais atividades econômicas, recreativas e de lazer que se promovem na região, tal

como ressalta a ACRINORTE - Associação dos Criadores do Norte de Mato Grosso - responsável pela organização da festa, denominada em Sinop de Exponop – Exposição Agropecuária de Sinop:

A história da Exponop está diretamente ligada à trajetória de desenvolvimento de Sinop e região. A primeira e a segunda edição da Feira foram realizadas pela prefeitura municipal, no local onde atualmente está localizada a sede do Sesi. Em 1984 e 1985 a feira foi realizada no mês de setembro, dentro da programação de aniversário de Sinop. Já em 1986 a Associação dos Criadores do Norte de Mato Grosso (Acrinorte), fundada neste mesmo ano, assumiu a organização do evento. [...] a exposição influencia diretamente na economia local, aumentando as vendas no comércio na época em que é realizada e também no período que antecede seu início. O evento aumenta ainda a demanda na rede hoteleira e nos restaurantes do município. **Atualmente a Exponop é uma das maiores feiras agropecuárias de Mato Grosso e está entre as principais do país. São shows de renome nacional, leilões com animais de alta genética, parque de diversões, rodeio, simpósios, show de prêmios e várias outras atrações.**²¹ (grifos meus).

Sobre o volume de negócios que mobiliza a economia sinopense nos dias da realização da Exposição, é interessante conferir os números veiculados pela Revista Colonizadora Sinop (2011, p.32): “a Exponop movimenta, em seus leilões, de 8 a R\$10 milhões de reais em cada edição. São cifras acumuladas em apenas 11 dias e que, ao longo do ano, são despejadas no município”.

Essas versões de ‘Feiras de Agronegócio’, nas quais o *rodeio* é apenas uma das atrações, representam o desenho mais atual das adaptações que se fizeram, ao longo do tempo, movidas essencialmente pelo capital, nas antigas festas dos ‘peões das comitivas’. Nas demais cidades em análise, igualmente acontecem modalidades semelhantes de exposições: em Vera, a Expovera, em Santa Carmem, a Expocarmem e em Cláudia há duas versões, a Expocláudia e a Festa do Peão.

Não se pode deixar de mencionar, também, que já no ano de 1977, segundo Hasselstrom (2011), pioneiros, tais como Plínio Calegaro, Mauri Weirich, Dirceu de César, Alcides Schimidel e outros, fundaram o primeiro Centro de Tradições Gaúchas de Sinop, denominado Portal da Amazônia, o qual, todavia, teve o seu estatuto alterado no ano de 1991, quando deixou de ser um C.T.G. e passou a ser chamado de Amazônia Clube. Inconformados com essa destituição, outro grupo de migrantes, originários do

²¹ ASSOCIAÇÃO DOS CRIADORES DO NORTE DE MATO GROSSO. **História da Exponop: criada para impulsionar o agronegócio.** Disponível em <http://www.acrinorte.com.br/Exponop/Historia-da-Exponop/>. Acessado em 25 de ago. de 2012, às 10h e 56min.

Rio Grande do Sul, então comandados por Viro Ludvig, Gaspar Brustolon e Celso Bouffleur, neste mesmo ano, deram início à criação de um novo Centro de Tradições Gaúchas, agora batizado de Estância da Amizade. Este em vigor até a presente data.

Nesse contexto, cabe lembrar que, conforme nos orienta Erardi (2007, p.175), “o Centro de Tradições Gaúchas, além de participar de movimentos tradicionalistas na região, também passou a ter participação marcante no movimento tradicionalista do Estado de Mato Grosso.” Essas participações consistem em distintos eventos ligados à cultura tradicional gaúcha e aos interesses em preservar a identidade sulista; dentre eles destacam-se os primitivos torneios de laço e os atuais “**rodeios** que promovem as competições de dança entre os C.T.G.s de várias cidades” (HASSELSTROM, 2011, p.85).

Nos demais municípios, da mesma forma foram instituídos Centros de Tradições Gaúchas: em Vera encontra-se o CTG Querência da Amizade, e em Santa Carmem o CTG 3ª Região Tradicionalista de Mato Grosso.

Como complemento a estas evidências culturais, que marcam a constituição da identidade norte mato-grossense e se relacionam com os aspectos diacrônicos das ‘festas de rodeio’, é devido enfatizar, ainda, as cavalgadas de mulas realizadas pela Comitativa Esperança e promovidas pela Associação dos Muladeiros, as quais já foram enaltecidas nesta pesquisa, mais especificamente no Capítulo 2, item 2.2.1.1.

Enfatiza-se, também, que nas respostas concedidas pelos meus sujeitos à questão 76, notam-se, como acréscimos de materialidade cultural regional, dois itens lexicais que remetem aos registros conceituais trazidos pelo Dicionário Gaúcho Brasileiro (2003, p.449), *ginete* e *gineteada*, falados pelos gaúchos S10 M e S13 F, bem como pelo catarinense S12 M.

Ao ser questionado sobre a definição de *gineteada*, S10 M assim explica esse significado:

A gineteada é quando você monta de um animal xucro, brabo, né, você monta nele; a gineteada é uma das etapas do rodeio. Rodeio é onde você laça, por exemplo, rodeio de laço vamo dizê assim, né. Em São Paulo eles fazem montaria, né, que eles fazem com o animal amarrado, encilhado; no sul é gineteada porque pega o animal totalmente limpo, ele não tem nada, e o cara monta na clina dele, ele não tem nada pra se agarrá e aqui (em Sinop) eles montam com animal encilhado, né. Eles botam os arreio, né, que eles falam os arreio, então o cara tem aonde se segurá. E lá (no sul) se monta em campo aberto, na pista, né.

Há, ainda, o item lexical *vaquejada*, que se evidencia como regionalismo no Dicionário do Nordeste (2004, p.344), o qual, curiosamente, foi pronunciado somente por dois jovens, de 18 a 40 anos: S9/2 F de Sinop, neta de japoneses, cujos avós paulistas estabeleceram residência em Amaporã/PR antes da vinda a Sinop, e V4/2 M, de Vera, cujos pais são naturais da Bahia e residiam em Vatuba/PR antes da migração.

Portanto, de acordo com as considerações tecidas e os resultados analíticos empreendidos para a utilização normativa de *rodeio* no norte de Mato Grosso, fundamentalmente pelos jovens, de 18 a 40 anos, pode-se assentar harmonia com o pensamento de Geertz (2008), quando diz que é por intermédio dos padrões culturais, amontoados ordenados de símbolos significativos, que o homem encontra sentido nos acontecimentos através dos quais ele vive. O estudo da cultura é, assim, o estudo da maquinaria linguística que os indivíduos empregam para orientar a si mesmos num mundo que, de outra forma, seria obscuro.

4.3.81 O item lexical *barracão*: apontamentos sócio-semântico-lexicais

O item lexical *barracão* é apontado no Aurélio (1986) como palavra aumentativa de *barraca* (*barraca* + *-ão*), esta procedente do italiano meridional *barraca*. *Barracão* se encontra, no quadro abaixo, como entrada em dois dos quatro dicionários gerais pesquisados, no Aurélio (1986) e no Aulete Digital, enquanto que *barraca* se registra já em Bluteau (1712) e em Pinto (1832):

Dicionário Entrada	Vocabulário Portuguez & Latino - D. R. Bluteau (1712)	Diccionario da Lingua Brasileira – Luiz M. da S. O. P. Pinto (1832)	Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986)	Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa – (Aulete Digital)	Dicionário Gaúcho Brasileiro – João A. Bossle (2003)	Dicionário do Nordeste – Fred Navarro (2004)
BARRACÃO	(BARRACA/ BARRACA) Pequena tenda, armada no campo. (...) Cabanas cobertas de rama, folha, ou palha. (p.53)	(BARRACA) Tenda de campo militar, Casa rustica, Tenda de feira. (p.143)	1- Grande barraca. 2- Abrigo ou telheiro, ou casa provisória, geralmente de madeira, para guardar utensílios ou depositar materiais de construção, num canteiro de obras; barraca.	1- Abrigo, ger. de madeira, us. como depósito, ou como habitação provisória.	(BARRACA) Estabelecimento comercial que negocia principalmente com produtos da indústria pastoril, como: couros, pelegos, lãs, etc. (p.70) (GALPÃO) Grande construção rústica	(PAIOL) Palavra de origem catalã. Na BA é um monte de cascalho. A mesma palavra, em MG e em SP, significa uma porção de milho. Além disso, é sinônimo de

			(p.234)		edificada na sede da estância, destinada ao abrigo de homens e animais bem como à guarda de materiais e outras serventias. (p.259)	depósito ou armazém para mantimentos e munição (entre outras coisas) em todo o país. (p.259)
--	--	--	---------	--	--	--

Quadro 17: Reflexões analíticas sobre o item lexical *barracão*.
Fonte: Pesquisa direta.

Como nos mostram os conceitos acima transcritos, se pode apreender nos dois dicionários em que *barracão* se encontra inscrito o significado de *construção coberta com os lados (pelo menos um deles) desprovidos de parede, utilizada para depósito e/ou abrigo de produtos agrícolas, maquinários etc.*, referente à pergunta 77 de meu questionário semântico-lexical.

Assim, de acordo com as evidências constantes nestes dados, verifica-se que até meados da segunda metade do século XX não há ainda registro de sentido relacionado a esta construção que teria como propósito ser abrigo ou depósito de equipamentos e/ou produtos agrícolas. Todavia, já no século XVIII o item lexical *barraca* revela indícios da criação posterior deste sentido ao propagar a alusão à “cabana” rústica; constata-se que este significado ainda se mantém na indicação de sinônimo que o Aurélio (1986) atribui para o verbete *barracão*.

Dessa forma, é possível afirmar que há, no norte de Mato Grosso, desde o início de sua colonização nos anos 70 do século XX, uma continuidade semântica de *barracão*, item lexical este que, inclusive, se encontra em amplitude crescente neste contexto de uso, de acordo com os números que apresentarei no subitem abaixo.

Quanto aos dicionários regionais, é interessante observar que eles nos orientam à compreensão de que na região sul há preferência de utilização, com semelhança de significado ao conceito da questão 77, conforme assinalado pelo Dicionário Gaúcho Brasileiro (2003, p.259), do item *galpão*, enquanto o Dicionário do Nordeste (2004, p.259) nos sugere uma propagação de *paiol* nos Estados nordestinos. Ressalto que ambos estes itens lexicais também foram anotados como respostas dadas pelos meus entrevistados em todos os pontos de inquérito.

4.3.81.1 A distribuição do item lexical *barracão* pelos pontos de inquérito

Histograma 16: Barracão (trinta ocorrências).

No Histograma 16, o item lexical *barracão* é visualizado nas quatro cidades pesquisadas e foi falado trinta vezes pelos entrevistados. A distribuição deste item ocorreu da seguinte forma: na cidade de Sinop, quatro sujeitos, acima de 50 anos, o utilizaram, três homens e uma mulher, entre os jovens, de 18 a 40 anos, três rapazes e quatro moças o trouxeram como resposta; na cidade de Vera, dois homens e uma mulher com mais de 50 anos e dois rapazes e uma moça, de 18 a 40 anos, mencionaram este item lexical em análise; em Cláudia, dois homens e uma mulher, acima de 50 anos, bem como todos os entrevistados jovens, de 18 a 40 anos, responderam *barracão*; e em Santa Carmem, dois homens e uma mulher, acima de 50 anos, e dois rapazes e uma moça, de 18 a 40 anos, aludiram a este item.

Como já explicitado no item 4.3.64, há, nestes dados, um número maior de respostas trazidas pelos respondentes masculinos, dezoito, contra doze entre as mulheres. Destaca-se, ainda, uma desproporção numérica entre as respostas dadas por jovens, de 18 a 40 anos, dezessete, *versus* treze citadas pelos sujeitos com mais de 50 anos. Tal resultado demonstra que o uso deste item lexical se mantém como norma no norte de Mato Grosso e se mostra em destaque, dentre as escolhas lexicais passíveis de

resposta à pergunta 77, fundamentalmente pelos jovens, de 18 a 40 anos, sendo que tal fato pode ser assinalado como indício de continuísmo deste uso.

Barracão registra-se, também, nos dados coletados, ao lado de outros itens concorrentes, como *armazém*, *depósito*, *galpão*, *galpãozinho*, *paiol*, *rancho*, *tuia* e *tulha*, falados na cidade de Sinop. No município de Vera há *armazém*, *depósito*, *galpão*, *garagem*, *garpão*, *paiol* e *tuia*. Em Cláudia, *depósito*, *galpão*, *garagem*, *paiol*, *silo*, *tuia* e *tulha*. E em Santa Carmem localizam-se *armazém*, *celeiro*, *galpão*, *garpão*, *paiol*, *rancho*, *silo* e *tuia*. Desse modo, além de *barracão*, há os itens lexicais *galpão*, *paiol* e *tuia*, respectivamente com dezoito, dez e seis ocorrências, propagados em todos os municípios.

Se *barracão*, como vimos, é disseminado em maior número pelos respondentes jovens, ao contrário, *galpão*, *paiol* e *tuia* são falados numa extensão numérica maior pelos entrevistados acima de 50 anos, com destaque para o item *paiol*, dito por sete sujeitos com mais de 50 anos contra tão somente três respostas proferidas por jovens, de 18 a 40 anos.

Convém lembrar, ainda, que o item lexical que serviu de tema para a questão 77 foi *galpão*, trazido à materialidade linguística dos relatos de experiência pessoal de dois respondentes de Sinop, S10 M e S16 M. O primeiro, gaúcho de Guabiju, traz este item à narrativa como inerente à sua fala cotidiana, como se pode verificar no seguinte fragmento: “Aí eu fui lá e queria implantar aquele sistema de vazante, aquele sistema de manejo de pastagem, de coisa e tal, e comecei a mexê com umas vaquinha de leite com minha parceira, eu nunca, nunca ia no **galpão** se ela não fosse junto, foi minha mãe”. Já o segundo, goiano de Palmeiras, valeu-se deste item lexical ao qual atribuiu identidade imediatamente às tradições do Rio Grande do Sul, tal como se pode observar no excerto: “Mais era, tinha, tinha ali, onde era o Hotel Belina, do outro lado, onde era o **Galpão Gaúcho** ali, tinha ali um, um salão ali de festa, né”.

Nota-se, neste último excerto, que há uma amplitude maior de sentido para *galpão*, que vem ao encontro da definição dada por Bossle como continuidade conceitual deste item, inscrita no Dicionário Gaúcho Brasileiro (2003, p.259):

No galpão se reúnem patrões, peões, tropeiros, viajantes, e outros (menos as mulheres, pois trata-se (sic) de ambiente exclusivamente masculino); local onde se prepara e se come o churrasco e, num clima alegre e descontraído ao redor do fogo de chão, toma-se chimarrão, discutem-se as lidas de campo e contam-se causos.

Vale atentar que este significado de *galpão* já foi ressignificado no norte de Mato Grosso, visto que as mulheres já podem frequentar este espaço de ambiente ‘festivo’, no entanto, segundo nos alerta Hasselstrom (2011), a presença do machismo e opressão do “mundo tradicionalista” ainda é uma constante na atual realidade das ‘estâncias’, sendo que tal cenário, supostamente imbuído de tradicionalismo, se reproduz nos centros de irradiação da cultura gaúcha, fazendo, muitas vezes, com que a mulher permaneça numa posição nula ou secundária.

Estas alternâncias de sentido de *galpão* podem ascender à justificativa do porquê se tem dado preferência, já se sobressaindo como norma de uso, ao item *barracão*, que, em conformidade com os resultados apreendidos, mostra-se crescente entre o conjunto de descendentes e as novas gerações. Assim, neste espaço geográfico integrante da Amazônia Legal, tem-se optado pela utilização do item lexical *barracão* quando se quer mencionar um “abrigo, geralmente de madeira, usado como depósito” e *galpão* para expressar o ambiente em que ocorrem reuniões festivas de propagação da cultura e tradições gaúchas.

Como complemento a estas considerações tecidas sobre os resultados analíticos apontados para o uso normativo de *barracão*, disseminado no norte de Mato Grosso, principalmente pelos jovens, de 18 a 40 anos, pode-se, ainda, refletir sobre as mudanças que os distintos falares de diferentes regiões brasileiras e a miscigenação étnica/ cultural ocasionaram nas variedades e variantes trazidas pelos migrantes que aqui estabeleceram residência. Sobre estas mudanças, vale conferir a asserção do goiano, hoje morador de Sinop, S16 M:

Ah, sim. Eu mesmo mudei muito o tipo de falá, né, porque minha esposa é do sul, né. Então lá (em Goiás) a gente falava mais manso, mais... e mudô muito o jeito de, de ...Que nem agora eu tava lá em Goiás, visitá uns parente, totalmente diferente de falá, né. Então eu praticamente mudei o jeito de falá total, assim. É, mudô totalmente assim, é, é, um jeito totalmente diferente.

Portanto, é neste emaranhado de falares que desponta o jeito norte mato-grossense de reproduzir/atribuir significados e sentidos ao mundo conceitual que aqui vigora e que se desenha a partir de uma ‘colcha de retalhos’ de possibilidades.

4.4 Fauna

A quarta área semântica desta pesquisa sócio-semântico-lexical compreende vinte e três conceitos/perguntas que procuram sintetizar o coletivo de animais existentes

na região norte de Mato Grosso. Vale lembrar que essa região em estudo é integrante da Amazônia Legal, a qual é responsável pelo mais extenso bioma brasileiro, que corresponde a 1/3 das florestas tropicais úmidas do planeta, todavia, não se pode deixar de levar em consideração o desflorestamento acelerado que se efetua nesse espaço geográfico, que tem modificado os cenários e destruído grande parte da biodiversidade.

Dentre as espécies animais que são reportadas nessa área, encontram-se: felino, réptil, cobras, lagarta, insetos, pássaros e aves florestais, roedores, ruminante e peixe.

Os temas assinalados nas questões enunciativas, enumeradas de 84 a 106, foram, consecutivamente: bichos/bichinhos/bichões/feras/animais, onça, urro/estorro/esturro/miado/miadão, jacaré, bico-de-jaca/bico-de-jácaro, sucuri/securi/sicuri, mandruvá, caruncho/traça, biscateiro, jacutinga/jacu, mutum, arara, papagaio, marreco, cotia, paca, anta, cabrito, cupim/copim, vespa, polvrinha/pium, mutuca e traíra. Desses temas, destacam-se os motes urro/estorro/esturro/miado/miadão, que apenas enfatizam o rugido da onça, animal ainda comum na região e que foi o grande protagonista das narrativas feitas pelos pioneiros nos relatos de experiência pessoal.

Os dados reunidos na área Fauna e os subsequentes procedimentos analíticos por mim realizados encontram-se disponibilizados nos subitens a seguir.

4.4.1 Bichos/Bichinhos/Bichões/Feras/Animais

84) ...moradores, habitantes das matas e florestas que não o homem e as plantas?

Tabela Lexical 84

Localidade	Sinop				Vere				Cáudio				Santa Carmem				Suibotel								Total	
País Etnia	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vere		Cáudio		Santa Carmem		Municípios	
Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios	
animais	3	4	3	4	1		1	2			2	2	2	2	1	2	2	6	8	2	2	2	4	4	3	31
animais selvagens	1		1														2								02	
animais silvestres	1			1													1	1							02	
bichonada	1								1								1				1				02	
bichinhos		1																1							01	
bichos	1	3	2	4	2	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	3	7	4	3	4	4	4	4	33
bichos-do- mato			1			1											1			1					02	
bichos selvagens													1											1	01	
tuuma			1								1						1				1				02	
insetos		1																1							01	
pássaros				1														1							01	
TOTAL	7	9	8	10	3	2	3	4	3	4	3	4	4	4	4	4	4	13	19	6	6	8	8	8	8	78

Fonte Direta

PERGUNTA: ...moradores, habitantes das matas e florestas que não o homem e as plantas?

Na primeira Tabela, 84, da área semântica Fauna, como também se verifica no Cartograma 84, a maior ocorrência é do item lexical *bichos*, que aparece em trinta e três respostas, em todos os quatro municípios pesquisados, e o qual é integrante do tema da questão *...moradores, habitantes das matas e florestas que não o homem e as plantas?*. Quanto à frequência, destaca-se um número maior de respostas entre as mulheres, dezoito, *versus* quinze entre os homens; exatamente a mesma distinção numérica entre os sujeitos jovens, de 18 a 40 anos, dezoito, contra quinze respostas dadas pelos com mais de 50 anos.

Há, ainda, nos dados elencados acima, duas variantes morfológicas deste item/norma, a que agrega sufixo, *bicharada*, expressa apenas por dois entrevistados, acima de 50 anos, um de Sinop e outro de Cláudia; e o item lexical/tema, diminutivo, *bichinhos*, falado tão somente por uma mulher, acima de 50 anos, da cidade de Sinop. Quanto ao item/tema, o aumentativo *bichões*, não há registro do mesmo entre as respostas dadas pelos sujeitos. Tem-se, também, duas expressões variantes de *bichos*, *bichos do mato*, proferida por um rapaz, de 18 a 40 anos, de Sinop, e por uma mulher, acima de 50 anos, de Vera; e *bichos selvagens*, citada por uma mulher com mais de 50 anos de Santa Carmem.

Já o item lexical/tema *animais*, evidencia-se como segunda maior ocorrência, com trinta e uma respostas distribuídas entre dezessete mulheres *versus* quatorze homens, das quais treze foram mencionadas por respondentes acima de 50 anos e dezoito por jovens, de 18 a 40 anos, em todos os pontos de inquérito. Realçam-se, ainda, duas expressões variantes de *animais*, que são: *animais selvagens*, dita por um homem, acima de 50 anos, e por um rapaz, de 18 a 40 anos, ambos de Sinop; e *animais silvestres*, propalada por um homem, acima de 50 anos, e por uma jovem, de 18 a 40 anos, sendo igualmente os dois de Sinop.

Finalmente, sobre o item lexical/tema *feras*, não há nenhuma menção a ele dentre as respostas trazidas no corpo responsivo de meus entrevistados, nem mesmo do pioneiro de Vera, V3 M, que o trouxe na materialidade de sua narrativa de relato pessoal. Ressalto, contudo, que o significado de *fera*, conforme o seguinte excerto de seu relato “não, da nossa turma nunca, mas cachorros, nós perdemos uns quantos cachorro mordido dessa cobra. É, ela é **fera**, ela é venenosa”, remete-se, nesse contexto, especificamente à cobra *bico-de-jaca* enfatizada no texto transcrito.

4.4.2 Onça

85) **...felino malhado ou pintado, de grande porte, carnívoro, muito comum na região no início da colonização, e que às vezes ataca o homem por instinto de sobrevivência ou por que há destruição do seu habitat?**

Tabela lexical 85

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal								Total
País Etnia	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Idade Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
leão		1														1									01
jaguar								1													1				01
leopardo		1														1									01
onça	4	4	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	1	6	6	4	4	4	4	4	3	33
onça- pardo										1										1					01
onça- pintado			3	2			1			1		1				2	3	2	1			2		2	10
pintado										1										1					01
tigre		1			1				1								1	1			1				03
TOTAL	4	7	5	4	3	2	3	2	2	5	4	3	2	2	2	3	9	11	6	4	6	3	4	5	38

Fonte Direta

TEMA: onça

CARTOGRAMA 85

PERGUNTA: ... felino malhado ou pintado, de grande porte, carnívoro, muito comum na região no início da colonização, e que às vezes ataca o homem por instinto de sobrevivência ou por que há destruição do seu habitat?

Conforme a Tabela 85, transposta para o Cartograma 85, o item lexical *onça*, o qual coincide com o tema da pergunta 85 *...felino malhado ou pintado, de grande porte, carnívoro, muito comum na região no início da colonização, e que às vezes ataca o homem por instinto de sobrevivência ou por que há destruição do seu habitat?*, aparece como o mais utilizado dentre as respostas dos entrevistados, com trinta e cinco ocorrências em todos os quatro municípios pesquisados, faladas por dezoito sujeitos masculinos e dezessete femininos. Destaca-se, ainda, um número maior de respostas dadas pelos respondentes acima de 50 anos, vinte, *versus* quinze proferidas pelos jovens, de 18 a 40 anos.

Há, também, dois itens compostos derivados de *onça*, *onça-parda*, dito por um jovem, de 18 a 40 anos, da cidade de Cláudia; e *onça-pintada*, que se evidencia como segunda maior ocorrência, da mesma forma citado em todos os pontos de inquérito por dez sujeitos, quatro homens e seis mulheres, dos quais tão somente um tem mais de 50 anos e nove são jovens, de 18 a 40 anos.

4.4.3 Urro/Estorro/Esturro/Miado/Miadão

86) ...o som que a/o _____ (cf. item 85) emite?

Tabela lexical 86

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia / Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
berro		1	1														1	1							02
esturrada		1							1									1			1				02
esturro	2	1	1		1		2		1	1	1	1	2	1	1		3	1	3		2	2	3	1	19
gemido									1							1					1		1		02
grito		1																1							01
grunido			1														1								01
miado	1	2					1	1				1	2	1	1		1	2		1	1	1	3	1	10
miado grande	1																1								01
rangido						1														1					01
rosnado	1			1		1							1	1		2	1	1		1			1	3	07
rugido				2				1			2					2		2		1	2			2	07
ugido			1									1				1	1					1		1	03
uivado									1			1									1	1			02
uivo		1							1									1			1				02
uriado									1													1			01
urro	1	1	3	1	2	1				2		1		1	1		4	2	2	1		3	1	1	14
não soube responder				1														1							01
TOTAL	6	8	7	5	3	3	2	2	6	4	3	5	5	4	3	6	13	13	5	5	9	9	8	10	72

Fonte Direta

TEMA: urro/esturro/esturro/miado/miadão

CARTOGRAMA 86

PERGUNTA: ... o som que a/o (cf. item 85) emite?

De acordo com a Tabela 86, transposta para o Cartograma 86, o item lexical mais utilizado nos quatro pontos de inquérito para responder a pergunta 86 ...o som que a/o _____(cf. item 85) emite?, com quinze respostas, é a derivação prefixal de *urro*, *esturro*, a qual confere com um dos itens/tema desta questão. Como frequência, destaca-se um número bem maior de respostas masculinas, onze, *versus* somente quatro femininas, das quais nove foram mencionadas por respondentes com mais de 50 anos e seis por jovens, de 18 a 40 anos. Já *urro*, igualmente integrante temática da questão supracitada e falado também nas quatro cidades em análise, se evidencia como segunda maior ocorrência, com quatorze proferições, distribuídas equitativamente entre sete respostas dadas tanto por homens quanto por mulheres, tendo sido oito dessas

atribuições responsivas dadas por sujeitos acima de 50 anos e seis por jovens, de 18 a 40 anos. Ambos esses itens lexicais/tema apresentam uma variante morfológica, a primeira deixa afluir a derivação sufixal *esturrada*, manifestada apenas por respondentes acima de 50 anos, uma mulher de Sinop e um homem de Cláudia; e a segunda deriva *urlado*, citada unicamente por um homem, acima de 50 anos, de Cláudia. Quanto ao item/tema, variante fonética que substitui a vogal alta /u/ pela média-alta /o/, *estorro*, não foi atribuído como resposta por nenhum de meus entrevistados.

O item lexical/tema *miado*, por sua vez, aparece como terceira maior ocorrência, do mesmo modo expresso nos quatro municípios pesquisados. Foi dito exatamente pelo mesmo número de respondentes femininos e masculinos, cinco, em dez menções responsivas. Com relação à distinção numérica entre as faixas etárias, realçam-se sete respostas de sujeitos com mais de 50 anos e somente três de jovens, de 18 a 40 anos. Há, ainda, uma expressão variante deste item, *miado grande*, propalada só por um homem, acima de 50 anos, de Sinop. A variante/tema, o aumentativo *miadão*, não consta dentre os registros de respostas dos sujeitos para a pergunta 86.

4.4.4 Jacaré

87) ...réptil encontrado em rios e áreas pantanosas, com focinho achatado e largo, que pode chegar até 6 metros de comprimento e 300 quilos, e está ameaçado de extinção, pois seu couro é muito cobiçado e sua carne muito saborosa?

Tabela lexical 87

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal								Total
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
encocido	1	1		1													1	2							03
jacaré	4	4	4	4	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	8	8	3	4	4	4	4	4	39
não soube responder					1														1						01
TOTAL	5	5	4	5	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	9	10	4	4	4	4	4	4	43

Fonte Direta

TEMA: jacaré

CARTOGRAMA 87

PERGUNTA: ...réptil encontrado em rios e áreas pantanosas, com focinho achatado e largo, que pode chegar até 6 metros de comprimento e 300 quilos, e está ameaçado de extinção, pois seu couro é muito cobiçado e sua carne muito saborosa?

O Cartograma 87, assim como a Tabela 87, confirmam a norma de uso do item lexical *jacaré*, o qual confere com o tema da questão 87 *...réptil encontrado em rios e áreas pantanosas, com focinho achatado e largo, que pode chegar até 6 metros de comprimento e 300 quilos, e está ameaçado de extinção, pois seu couro é muito cobiçado e sua carne muito saborosa?*. Foram trinta e nove respostas, distribuídas entre dezenove homens e vinte mulheres nos quatro municípios pesquisados. Destaca-se, então, que apenas um homem, acima de 50 anos, da cidade de Vera, não atribuiu *jacaré* como resposta a esta questão.

Sobre a ampla utilização deste item na região norte de Mato Grosso, que é procedente do tupi *yaka'ré* e se trata, conforme o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (1986, p.978), de “uma designação comum a todos os reptis crocodilianos da família dos aligatorídeos, especialmente o *Caiman yacare*, restrito à bacia do Paraguai” (grifos do autor), verifica-se, assim, que várias espécimes desse réptil são encontradas nesta região em análise, integrante da área geográfica da Amazônia Legal. Fato esse que se pode constatar no seguinte excerto do migrante de Cláudia, C17 M, retirado de seu relato de experiência pessoal: “É. Mas também só carne de caça não... e

peixe, peixe, naquela época tinha bastante peixe, **jacaré**. Nossa, **o que a gente comia de jacaré**, era bem...agora peixe, a gente injoava de... fritava e ponhava no vinagre, né.”

4.4.5 Bico-de-jaca/Bico-de-jácaro

88) ...cobra muito encontrada na região, no início da colonização, considerada a maior serpente venenosa brasileira, chegando a 3.6 metros de comprimento?

Tabela lexical 88

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop	Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios	
Lexia SEXO	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
apaga-fogo													1										1		01
bico-de-jaca	3	3	2	1	1	1	2		2	2	1	1	2		1		3	4	3	1	3	3	3		22
cobra-de-fogo													1		1								2		02
jararaca							2												2						02
surucucu								1												1					01
não soube responder	1	1	2	3	1	1		1			1	1			1	1	3	4	1	2	1	1	1	1	14
TOTAL	4	4	4	4	2	2	4	2	2	2	2	2	2	2	2	2	8	8	6	4	4	4	4	4	42

Fonte Direta

Na Tabela 88, como também se pode verificar no Cartograma 88, a maior ocorrência é do item lexical composto *bico-de-jaca*, que aparece em vinte e duas respostas nos quatro municípios em análise, e é coincidente com um dos temas da questão 88 ...*cobra muito encontrada na região, no início da colonização, considerada*

a maior serpente venenosa brasileira, chegando a 3.6 metros de comprimento?. Com relação à frequência, destaca-se um número bem maior de respostas masculinas, quatorze, *versus* apenas oito femininas, exatamente o mesmo disparate numérico que há entre as respostas dadas por entrevistados acima de 50 anos, que trouxeram *bico-de-jaca* ao corpo responsivo quatorze vezes, contra somente oito proferições feitas por jovens, de 18 a 40 anos.

Quanto à variante/tema, o também item lexical composto *bico-de-jácaro*, não há menção a ela dentre o conteúdo responsivo atribuído a esta questão. Nem mesmo o pioneiro de Cláudia, responsável por essa designação temática, C17 M, trazida na materialidade linguística de seu relato pessoal, o manifestou como resposta específica à 88. Vale, contudo, conferir a passagem de utilização deste composto: “Mais é, no mato, é a **bico-de-jácaro**, matava muita cobra. É a cobra mais venenosa que tem aqui nesta região, é a bico-de-jácaro.”

A *Lachesis muta*, conhecida popularmente por *surucucu pico-de-jaca*, é conceituada por Silva et. al. (2009) como:

Serpente de hábito terrícola. No Brasil temos uma espécie com duas subespécies, *L. muta* na Amazônia e *L. m. rhombeata* na Mata Atlântica. Também é encontrada na América Central. É a maior serpente peçonhenta das Américas. Vive exclusivamente em áreas florestadas de solo úmido, abrigando-se durante o dia no oco de troncos, entre as raízes salientes das árvores e em tocas abandonadas²².

É interessante observar que, no contexto de uso norte mato-grossense, realiza-se uma alteração fonética para este item composto, mais conhecida pelos estudos linguísticos como “metaplasmo por transformação ou permuta”, em que ocorre, nesse caso específico, a troca de um fonema surdo *-p* por um sonoro *-b*: *pico-de-jaca* > *bico-de-jaca*. Salienta-se que não há, dentre as respostas coletadas, nenhuma realização do composto com o fonema surdo *pico-de-jaca*.

Quanto à outra denominação popular desta espécie de serpente, *surucucu*, ressalta-se que foi mencionada por apenas uma jovem, de 18 a 40 anos, da cidade de Vera. Acentua-se, ainda, o grande número de não-respostas, ou seja, quatorze sujeitos, seis homens e oito mulheres, de todos os pontos de inquérito, não souberam atribuir

²²SILVA, Ilzete B. da et.al. **Principais serpentes brasileiras**. Rondonópolis/MT: Universidade Federal de Mato Grosso/UFMT, 2009. Disponível em <http://www.ebah.com.br/content/ABAAAAsR0AF/serpentes>. Acessado em 26 de ago. de 2012, às 15h e 14min.

nenhuma resposta à pergunta supracitada. Desses sujeitos, dez são jovens, de 18 a 40 anos, e só quatro têm mais de 50 anos. Fato esse que talvez possa ser justificado pela diminuição do habitat da *Lachesis muta*, ou seja, da subtração das “áreas florestadas de solo úmido”, ou, ainda, de acordo com Bortoni-Ricardo (2005), pelo ajustamento à vida urbana, promovido, fundamentalmente, pelos descendentes de pioneiros e novas gerações.

4.4.6 Sucuri/Securi/Sicuri

89) ...cobra grande encontrada geralmente em rios e lagos, com até 10 m de comprimento e corpo com grandes manchas pretas arredondadas? (Aulete Online).

Tabela lexical 89

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total	
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop	Vera	Cláudia	Santa Carmem	Municípios	
Lexia SEXO	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios	
sicuri	1												2				1				2	08
sucuri	4	4	4	3	2	2	2	2	2	2	2	2	2		2	2	8	7	4	4	4	37
não soube responder				1													1					01
TOTAL	5	4	4	4	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	9	8	4	4	4	41

Fonte Direta

Conforme podemos verificar na Tabela 89, ratificada pelo Cartograma 89, a maior ocorrência, com trinta e sete respostas, foi do item lexical *sucuri*, o qual coincide

com um dos temas de propositura desta questão 89 ...*cobra grande encontrada geralmente em rios e lagos, com até 10 m de comprimento e corpo com grandes manchas pretas arredondadas?*. Há, como frequência, vinte respostas masculinas e dezessete femininas, das quais dezoito foram mencionadas por respondentes com mais de 50 anos e dezenove por jovens, de 18 a 40 anos, divididas entre todos os pontos de inquérito. Já o item/tema, variante fonética de *sucuri*, que substitui a vogal alta /u/ pela também alta /i/, *sicuri*, evidencia-se em apenas três respostas de sujeitos acima de 50 anos, um homem de Sinop e duas mulheres de Santa Carmem.

Quanto ao item lexical/tema, igualmente variante fonética, que altera a vogal alta /u/ pela média-alta /e/, *securi*, não aparece, nos dados elencados acima, em nenhuma das respostas dadas pelos entrevistados. Nem mesmo a migrante de Santa Carmem, responsável por essa designação temática, SC6 F, trazida na materialidade linguística de seu relato pessoal, o manifestou como resposta específica à pergunta supracitada. Vale, contudo, conferir a passagem de utilização desta variante: “Fui no rio Azul lavá roupa um dia de sábado, aí a **securi** pulou dentro e saí na hora, eu falei *não vou ficá aqui nada*.”

A *Eunectes murinus*, conhecida popularmente por *sucuri*, é conceituada por Silva et. al. (2009) como:

Serpente de hábito semi-aquático, quando em terra está sempre próximo a água onde encontra refúgio e tem muita agilidade. Mata suas presas por constrição. Sua principal característica é o grande porte, o que faz dela um animal perigoso pela força e violência com que pode atacar e pelo ferimento que a mordida causa. A ela são atribuídos feitos fantásticos como, por exemplo, a capacidade de engolir um boi²³.

Percebe-se, assim, de acordo com os resultados que os dados nos apresentam, que o item lexical *sucuri* encontra-se em estado normativo de propagação maior do que o referente à espécie *Lachesis muta*, ou seja, *bico-de-jaca*. Uma das possíveis explicações para tal fato é exatamente o que Silva et al. (2009) denominam de “feitos fantásticos”, feitos estes aos quais são acrescidos eventos míticos que levam ao temor e

²³ SILVA, Ilzete B. da et.al. **Principais serpentes brasileiras**. Rondonópolis/MT: Universidade Federal de Mato Grosso/UFMT, 2009. Disponível em <http://www.ebah.com.br/content/ABAAAAsR0AF/serpentes>. Acessado em 26 de ago. de 2012, às 15h e 14min.

Aqui surgiu uma história uma vez que ali na Baixada Morena a sucuri pegô um índio, um menino no rio e engoliu, e daí quando chegaram lá ela regorgiu ele de volta. Se é verdade ou não é eu não sei, porque isso foi bem no começo daqui, que aqui tinha muito índio, né. Agora que tinha gente se defendendo e que ela atacô gente já, já houve muitos casos.

4.4.7 Mandruvá

Tabela lexical 90

Fonte Direta

TEMA: mandruvá

CARTOGRAMA 90

PERGUNTA: ... espécie de lagarta que se apresenta nas cores verdes, marrom ou preta e que mede entre 5 cm e 10 cm, inofensiva, desprovida de pêlos e que geralmente é encontrada nas ramas de mandioca, café etc.?

De acordo com os registros da Tabela 90 e de seu respectivo Cartograma, verifica-se que o item lexical *lagarta*, de maior ocorrência entre as respostas dadas pelos sujeitos, não coincide com o item/tema de propositura da questão 90 *...espécie de lagarta que se apresenta nas cores verde, marrom ou preta e que mede entre 5 cm e 10cm, inofensiva, desprovida de pelos e que geralmente é encontrada na nas ramas de mandioca, café etc.?*. Dentre as dezessete respostas, localizáveis em todos os pontos de inquérito, há oito menções masculinas, *versus* nove femininas. Observa-se, também, que há um número maior de respostas dadas pelos jovens, de 18 a 40 anos, dez, contra sete atribuições responsivas de respondentes acima de 50 anos.

Localizam-se, ainda, nos dados acima, três variantes deste item lexical/norma: o diminutivo *lagartinha*, falado unicamente por um jovem, de 18 a 40 anos, da cidade de Sinop; a que exhibe metátese, *largata*, dita por um homem, acima de 50 anos, e por uma jovem, de 18 a 40 anos, ambos de Santa Carmem; e a que evidencia metátese diminutiva, *largatinha*, mencionada só por uma jovem, de 18 a 40 anos, de Sinop. Destacam-se, também, dois itens compostos que complementam/especificam *lagarta*, que são, respectivamente, *lagarta-de-fogo* e *lagarta-verde*, o primeiro citado por dois jovens, de 18 a 40 anos, uma moça de Vera e um rapaz de Santa Carmem, e o segundo proferido apenas por uma mulher, acima de 50 anos, de Sinop.

Quanto ao item lexical/tema *mandruvá*, aparece como segunda maior ocorrência, com dez respostas entre os entrevistados igualmente encontradas em todos os municípios pesquisados. Dessas respostas, somente três foram pronunciadas por respondentes masculinos e sete por femininos, das quais seis foram expressas por sujeitos com mais de 50 anos e quatro por jovens, de 18 a 40 anos. Há, da mesma forma, nas respostas elencadas acima, variantes fonéticas e morfológicas deste item, tais como: a que substitui a vogal alta /u/ pela média-alta /o/ em posição pretônica, *mandrov*, referida por um homem, acima de 50 anos, de Sinop, e por um rapaz, de 18 a 40 anos, de Cláudia; a que mostra paragoge, *mandruval*, aludida tão somente por uma mulher, acima de 50 anos, de Santa Carmem; a que revela síncope, *manduv*, falada apenas por uma mulher, acima de 50 anos, de Sinop; a que exprime metátese, *marandu*, dita só por um homem, acima de 50 anos, de Vera, e a que realça metátese e, ainda, alteração da vogal alta /u/ pela média-alta /o/ em posição pretônica, *marandov*, manifestada por dois homens, acima de 50 anos, um de Vera e um de Santa Carmem, bem como por um jovem, de 18 a 40 anos, tbm de Santa Carmem.

Essa grande relação sinonímica e de modificações variacionais, como nos apresentam os dados referentes à pergunta supracitada, não parece ser corrente apenas na região norte de Mato Grosso, conforme se pode constatar, abaixo, em um fragmento da reportagem de Geórgia Pereira (2008), que relata sobre acidentes ocorridos com essa espécime de lagarta no Estado do Paraná, dentre eles, inclusive, há um registro de morte sucedido no município de Clevelândia, no sudoeste do Estado:

O que pode ser conhecido como **taturanas, mandrov, mandorov, mandruvá, uruga, ruga**, tem como nome científico *Lonomia obliqua*, da ordem dos lepidópteros (do grego *lepis*, idos e *petra* significam asa escamosa, ou seja, a asa da mariposa, que é a lagarta na fase adulta), da família Saturnidae. A lagarta *Lonomia obliqua* apresenta um corpo marrom escuro, com faixas em preto, marrom claro e branco. Sua aparência  atraente, pois tem cerdas coloridas (chamadas de espinhos pela população) que chamam a atenção de quem vê. As cerdas são denominadas *scoli* e possuem a forma de pinheirinhos na cor verde que ficam sobre o seu dorso. Elas servem como um mecanismo biológico de defesa contra predadores e até mesmo contra contatos acidentais com o homem. Dentro das cerdas existe uma toxina, um líquido urticante que, ao entrar em contato com a pele, se quebra e libera a substância, causando irritação. Em geral, não há uma toxina única. Mas o que se sabe é que ela altera o fluxo sanguíneo da pessoa

afetada, dificultando a coagulação, causando, em casos mais graves, hemorragias²⁴. (grifos meus).

Ressalto que a pioneira de Vera, V4 F, que trouxe o item lexical *mandruvá* em sua materialidade linguística narrativa de experiência pessoal, segundo a seguinte passagem “e aquelas mandruvazona saía do café! É, aqueles bichão verde. Você nunca viu falá o que é **mandruvá**? Uma lagartona assim (gesto), aquelas que anda, ai que medo!”, residia, antes da migração, em Vatuba, no norte do Paraná.

4.4.8 Caruncho/Traça

91) ...espécie de insetos que perfuram e destroem objetos de madeira, livros, cereais, tecidos e podem ser encontrados em armários onde são guardados os produtos alimentícios?

Tabela lexical 91

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal								Total
País e Étnia	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
besouinho						1											1								01
broca			1		1										1		1								02
carunchinho						1				1						1			1		1		1		03
caruncho	2	2	1	2		1	1		2	1	1		1				3	4	1	1	3	1	1		14
gorgui														1										1	01
gorgulho	1		1										1	1			2						1	1	04
milhe prok							1												1						01
terminha									1													1			01
traça	2	3	3	3			1		1		2	1	2	2	1	2	5	6	1		3	1	3	4	23
não soube responder			1		1			1				1			1		1		1	1		1	1		03
TOTAL	5	5	7	5	2	2	3	2	3	3	3	2	4	4	2	3	12	10	5	4	6	5	6	7	53

Fonte Direta

²⁴ PEREIRA, Geórgia. **Acidentes com lagarta deixam população do Paraná em alerta**. Conexão Ciência. 29 de mar. de 2008. Disponível em <http://www.conexaociencia.jex.com.br/reportagem/acidentes+com+lagarta+deixam+populacao+do+parana+em+alerta>. Acessado em 28 de ago. de 2012, às 19h e 51min.

TEMA: caruncho/traça

CARTOGRAMA 91

PERGUNTA: ... espécie de insetos que perfuram e destroem objetos de madeira, livros, cereais, tecidos e podem ser encontrados em armários onde são guardados os produtos alimentícios ou em guarda-roupas?

Conforme a Tabela 91, transposta para o Cartograma 91, o item lexical mais utilizado para responder a pergunta 91 *...espécie de insetos que perfuram e destroem objetos de madeira, livros, cereais, tecidos e podem ser encontrados em armários onde são guardados os produtos alimentícios?*, com vinte e três respostas, foi *traça*, o qual coincide com um dos temas que engendrou esta pergunta. Há, nos quatro pontos de inquérito, como frequência, doze respostas entre os homens, *versus* onze entre as mulheres, das quais dez foram mencionadas por respondentes com mais de 50 anos e treze por jovens, de 18 a 40 anos.

Quanto ao item lexical/tema *caruncho*, registra-se como segunda maior ocorrência, em quatorze respostas também manifestadas em todos os quatro municípios pesquisados. Salientam-se, nessas respostas, oito proferidas por homens contra seis por mulheres, tendo sido nove dessas atribuições responsivas dadas por entrevistados acima de 50 anos e cinco por jovens, de 18 a 40 anos. Localiza-se, ainda, nos dados elencados acima, uma variante morfológica deste item, o diminutivo *carunchinho*, expresso apenas por mulheres, duas com mais de 50 anos, uma de Vera e uma de Cláudia, e uma jovem, de 18 a 40 anos, da cidade de Santa Carmem.

Saliento, como fato curioso, dentre os dados coletados, a expressão *milhe pook*, trazida como resposta pela jovem de 32 anos de Vera, V2/2 F, descendente de portugueses e de indígenas, a qual assim justificou a menção a esta expressão: “**milhe pook**, meu marido falava assim em alemão, dá muito no milho”. Constatação essa que sinaliza, novamente, o amálgama linguístico que nutre o jeito de falar norte mato-grossense.

4.4.9 Biscateiro

92) ...passarinho pequeno que tem um canto inconfundível, semelhante com “friflu”, que ecoa nas florestas de nossa região, mas que dificilmente se consegue enxergar?

Tabela lexical 92

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Suibatal								Torta I
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
biscate									1												1				01
biscateiro	4	1	2	1	2	1	2		1	2	2	2	2	2	1	1	6	2	4	1	3	4	3	3	26
tiziu	1																1								01
não soube responder		3	2	3		1		2						1	1	2	6		3				1	1	13
TOTAL	5	4	4	4	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	9	8	4	4	4	4	4	4	41

Fonte Direta

TEMA: biscateiro

PERGUNTA: ... passarinho pequeno que tem um canto inconfundível, semelhante com “friflu”, que ecoa nas florestas de nossa região, mas que dificilmente se consegue enxergar?

CARTOGRAMA 92

Segundo as respostas da questão 92 ...passarinho pequeno que tem um canto inconfundível, semelhante com “friflu”, que ecoa nas florestas de nossa região, mas que dificilmente se consegue enxergar?, elencadas tanto no Cartograma quanto na

Tabela, é possível observar que a maior ocorrência é do item lexical *biscateiro*, com vinte e seis respostas distribuídas entre um número maior de proferições masculinas, dezesseis, *versus* dez de respondentes femininas, em todos os pontos de inquérito. Resultado numérico este que se assemelha com a distinção de respostas entre entrevistados acima de 50 anos, quinze, contra onze manifestações entre jovens, de 18 a 40 anos.

Biscateiro, que equivale ao item lexical/tema desta questão, apresenta, ainda, um item variante dentre as respostas evidenciadas pelos sujeitos, o substantivo primitivo *biscate*, proferido tão somente por um homem, acima de 50 anos, de Cláudia. Acentua-se, também, nos dados, o grande número de não-respostas, ou seja, treze respondentes, dez mulheres e apenas três homens, das cidades de Sinop, de Vera e de Santa Carmem, não souberam atribuir nenhuma resposta à pergunta supracitada. Ressalta-se que, dessa quantificação numérica, só quatro respondentes, femininas, têm acima de 50 anos, três mulheres de Sinop e uma de Vera, todos as demais nove não-respostas são de jovens, de 18 a 40 anos.

4.4.10 Jacutinga/Jacu

93) ...ave florestal, ameaçada de extinção, de plumagem negra, com o topo da cabeça e asas brancas, coloração azul em torno dos olhos, pés e pernas rosados e com barbela vermelha bem evidente? (Aulete On-line).

Tabela lexical 93

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal								Total	
Idade	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios	
Idade Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios	
jacumim														1										1	01	
jacu			1				1	1		2	2	2		2	1	2	2	1		1	1	4	2	4	3	16
jacutinga	3	1	1			1	1	2			1	1	2		2	1	1		4	1	3	1	3	1	3	17
peru-do-mato		1																	1						01	
não soube responder	2	2	2	4	1	1		2				2						4	6	1	3		2			16
TOTAL	5	4	4	4	2	3	3	2	3	3	4	2	4	3	3	2	9	8	9	9	7	9	7	9	91	

Fonte Direta

TEMA: jacutinga/jacu

CARTOGRAMA 93

PERGUNTA: ... ave florestal, ameaçada de extinção, de plumagem negra, com o topo da cabeça e asas brancas, coloração azul em torno dos olhos, pés e pernas rosados e com barbela vermelha bem evidente? (Aulete online)

De acordo com a Tabela 93, transposta para o Cartograma 93, o item lexical mais utilizado para responder a pergunta 93 *...ave florestal, ameaçada de extinção, de plumagem negra, com o topo da cabeça e asas brancas, coloração azul em torno dos olhos, pés e pernas rosados e com barbela vermelha bem evidente?*, com dezessete respostas, foi a variante composta *jacutinga*, a qual coincide com um dos temas que engendrou esta pergunta. Há, nos quatro pontos de inquérito, como frequência, um número muito maior de respostas masculinas, treze, *versus* tão somente quatro femininas. Evidencia-se, também, desproporção numérica entre as respostas dadas por sujeitos acima de 50 anos, onze, contra seis ditas por jovens, de 18 a 40 anos.

Com relação ao item lexical/tema, o substantivo primitivo *jacu*, apresenta-se como segunda maior ocorrência, com dezesseis respostas da mesma forma proferidas nos quatro municípios pesquisados. Dessas respostas, igualmente há uma maior quantificação de manifestações responsivas masculinas, dez, *versus* seis femininas, tendo sido oito dessas manifestações feitas por respondentes com mais de 50 anos, assim como oito foram emitidas por jovens, de 18 a 40 anos. Localiza-se, ainda, conforme os dados elencados acima, outra variante morfológica derivada do radical “jac”, *jacamim*, falada por apenas uma mulher, acima de 50 anos, de Santa Carmem.

É importante verificar, também, o alto índice de não-respostas, visto que dezesseis entrevistados das cidades de Sinop, de Vera e de Cláudia não souberam responder a questão supracitada, dentre eles encontra-se um número maior de mulheres, onze, contra cinco sujeitos homens. Quanto à distinção numérica entre as faixas etárias, destacam-se seis respostas dadas por respondentes com mais de 50 anos e dez por jovens, de 18 a 40 anos. Convém observar que das dezesseis não-respostas que se acentuam nos dados, dez acontecem em Sinop, fato esse que pode estar relacionado ao âmbito de maior urbanização desse município, visto que Sinop representa a cidade polo, e, paulatinamente, tem absorvido hábitos de caráter urbano, enquanto que Vera, Cláudia e Santa Carmem, por se desenvolverem em menor proporção, se aproximam de ambientes mais próximos ao rural e das atividades extrativo-florestais, que remetem, conseqüentemente, a um maior conhecimento da fauna e da flora.

Sobre a existência desses espécimes na região, cabe ressaltar que o *Penelope ochrogaster*, popularmente denominado de *jacu*, assim como a *Pipile jacutinga*, eram comuns na fauna norte mato-grossense no início da colonização nos idos anos 70 do século XX, como se pode conferir no seguinte excerto do pioneiro de Sinop, S10 M: “Existia meia dúzia de passarinhos grandes, que era a **pomba**, que era a **jacutinga**, que era o **mutum**, que era o **jacu**, mas passarinho pequeno não, pardal, tico-tico, essas coisas”.

Ainda especificamente à *jacutinga*, é importante salientar que este pássaro encontrado na região é distinto da espécie comum na Mata Atlântica, como se pode constatar na conceituação emitida pelo *Guia das Aves do Pantanal*²⁵:

Habitante das copas da mata ribeirinha, ocorre ao longo dos rios Cuiabá e São Lourenço, sendo mais freqüente nesse último. Grande ave negra, forte contraste com o branco dominante na cabeça e da asa, em especial voando. [...] O nome **jacutinga** é de origem tupi e ressalta o branco da ave. Tinga significa claro, usada pelos índios para diferenciar do **jacu** propriamente dito. Jacutinga também é usado para outra espécie desse gênero, exclusiva da Mata Atlântica e muito ameaçada de extinção. Apesar de ter sido muito caçada no Pantanal, onde desapareceu de alguns trechos, mantém uma boa população na reserva, voando do alto de uma árvore para outra, no outro lado. Além dos rios, aparece em ambientes florestais do interior de toda a reserva. (grifos meus).

²⁵ANTAS, Paulo de T. Z. Pantanal Guia de Aves: Espécies da Reserva Particular do Patrimônio Natural do SESC – Pantanal. **Guia das Aves do Pantanal**. Disponível em <http://www.avespantanal.com.br/paginas/index.htm>. Acessado em 29 de ago. de 2012, às 17h e 19min.

4.4.11 Mutum

94) ...ave florestal de plumagem geralmente negra, topete com penas encrespadas ou lisas, bico com cores vivas, pernas compridas, e em Mato Grosso há uma cidade com o seu nome?

Tabela lexical 94

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total			
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop	Vera	Cláudia	Santa Carmem	Municípios			
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios			
mutum	3	3	3	3	2		2		2	1	2	2	2	2	2	1	6	6	4		4	3	3	30
não soube responder	1	1	1	1		2		2		1					1	2	2		4		1		1	10
TOTAL	4	4	4	4	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	8	8	4	4	4	4	4	40

Fonte Direta

TEMA: mutum

PERGUNTA: ... ave florestal de plumagem geralmente negra, topete com penas encrespadas ou lisas, bico com cores vivas, pernas compridas, e em Mato Grosso há uma cidade com o seu nome?

CARTOGRAMA 94

Na Tabela 94, como também se verifica no Cartograma 94, a maior ocorrência é do item lexical *mutum*, que aparece em trinta respostas nos quatro municípios pesquisados, e é coincidente com o tema da questão 94 *...ave florestal de plumagem geralmente negra, topete com penas encrespadas ou lisas, bico com cores vivas, pernas compridas, e em Mato Grosso há uma cidade com o seu nome?*. Com relação à frequência, destaca-se um número maior de respostas masculinas, dezoito, *versus* doze femininas, todavia divididas em igual número entre as faixas etárias, ou seja, quinze atribuições responsivas de respondentes com mais de 50 anos e de jovens, de 18 a 40

anos.

Apresentam-se, também, dez não-respostas, o que significa que dez entrevistados de todos os pontos de inquérito não souberam atribuir nenhuma resposta à pergunta supracitada, dentre eles encontram-se apenas dois homens, ambos de Sinop, um acima de 50 anos e um jovem, de 18 a 40 anos. Quanto à distinção numérica etária, da mesma forma encontra-se distribuída com igual quantificação de respostas entre ambas as faixas, com cinco menções de cada.

Salienta-se que, apesar de ser uma ave procurada como caça e da redução de ambientes florestais que representam o seu habitat, ainda é possível localizá-la na região norte de Mato Grosso. O *Crax fasciolata*, popularmente chamado de *mutum*, conforme o *Guia das Aves do Pantanal*²⁶, recebe esse nome

do canto territorial do macho, um som gutural, alto. Mais freqüente de julho a dezembro, embora possa ser escutado em qualquer mês do ano. No período reprodutivo, começa a cantar na madrugada, ainda escuro e prossegue, com grandes intervalos, até o meio da manhã. Canta tanto empoleirado, como no solo, virando a cabeça para o chão, entreabrindo as asas e expulsando o ar pela traquéia, em movimentos ritmados do corpo. [...] Nos lugares onde não é perseguida, aproxima-se das casas e vêm ao terreiro comer junto com a criação doméstica.

A grande concentração dessa espécie de ave na região foi responsável, inclusive, pelo batismo de uma cidade que dista 238 km do município de Sinop, *Nova Mutum*. Segundo Ferreira (2001), a cidade recebeu esse nome porque tem origem no nome da ave *mutum*, facilmente encontrada nesse espaço geográfico. Ressalta-se que, em 1978, o paulista José Aparecido Ribeiro adquiriu terras de Jorge Rachid Jaudy para o *Projeto de Colonização Mutum* e, nesse mesmo ano, especificamente no dia 6 de junho de 1978, chegaram os primeiros moradores que ali estabeleceriam residência. O município de *Nova Mutum* efetivamente seria criado através da Lei Estadual nº 5.321, de 4 de julho de 1988.

4.4.12 Arara

95) ...ave de grande porte, comum em nossa região, que possui bico alto, recurvado, cauda longa e plumagem colorida?

Tabela lexical 95

²⁶ANTAS, Paulo de T. Z. Pantanal Guia de Aves: Espécies da Reserva Particular do Patrimônio Natural do SESC – Pantanal. **Guia das Aves do Pantanal**. Disponível em <http://www.avespantanal.com.br/paginas/index.htm>. Acessado em 29 de ago. de 2012, às 17h e 19min.

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal						Total		
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop	Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios	
Idade Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
arara	4	4	3	4	2	2	1	2	2	2	1	1	2	2	2	2	7	8	3	4	3	3	4	4	36
arara-azul					1													1							01
arara-vermelha			1		1		1				1	1		1			1	2		1	1		1		06
ararinha	1															1	1						1		02
TOTAL	5	4	4	4	4	2	2	2	2	2	2	2	2	3	2	3	9	8	6	4	4	4	4	6	49

Fonte Direta

TEMA: arara

CARTOGRAMA 95

PERGUNTA: ... ave de grande porte, comum em nossa região, que possui bico alto, recurvado, cauda longa e plumagem colorida?

De acordo com a Tabela 95, ratificada pelo Cartograma 95, a maior ocorrência, com trinta e seis respostas, foi do item lexical *arara*, o qual coincide com o tema de propositura desta questão. Há, como frequência, dezessete respostas masculinas, *versus* dezenove femininas, das quais vinte foram mencionadas por respondentes com mais 50 anos e dezesseis por jovens, de 18 a 40 anos, divididas entre todos os pontos de inquérito.

Encontram-se, nos dados elencados acima, variantes morfológicas deste item que constitui a norma de uso para o conceito/pergunta *...ave de grande porte, comum em nossa região, que possui bico alto, recurvado, cauda longa e plumagem colorida?*, tais

como: o diminutivo *ararinha*, falado apenas por um sujeito, acima de 50 anos, de Sinop, e por uma jovem, de 18 a 40 anos, da cidade de Santa Carmem; e os itens lexicais compostos que complementam/especificam *arara*, que são, respectivamente, *arara-azul*, dito tão somente por um homem, acima de 50 anos, de Vera, e *arara-vermelha*, proferido por seis entrevistados em todos os municípios pesquisados, o qual se evidencia com mais respostas entre os homens, quatro, contra duas entre as mulheres. Dessas respostas, salienta-se que quatro foram proferidas por jovens, de 18 a 40 anos, e duas por sujeitos com mais de 50 anos.

É importante destacar, ainda, que as espécies mais comuns dessa ave na região são a *Ara chloroptera*, popularmente chamada de *arara-vermelha*, e a *Ara macao*, conhecida por *arara-canga*, conforme especifica o *Guia das Aves do Pantanal*²⁷: “No norte de Mato Grosso, além dessa espécie de arara-vermelha, ocorre a Arara-canga Ara macao. Muito parecida, não detectada fora da Floresta Amazônica, a principal diferença é a faixa amarela sobre a asa, onde a arara-vermelha possui penas verdes”.

No entanto, se ainda é possível localizá-las neste espaço geográfico, como nos relata o sujeito de Sinop, S13 F, “sim, sim, e de manhã cedo, porque aqui é perto do Parque Florestal ali, vem **arara**, vem os bicho de manhã, cantá assim, os pássaro, eu adoro”, por outro lado, segundo nos alerta González (2003), a sua população atualmente está em declínio, pois, as maiores ameaças para estas espécies são a destruição do seu ambiente e a caça predatória, estando entre as aves mais cobiçadas no tráfico ilegal de animais silvestres.

4.4.13 Papagaio

96 ...ave muito comum em nossa região, de penas geralmente verdes, que, quando presa, pode aprender a falar?

Tabela lexical 96

²⁷ ANTAS, Paulo de T. Z. Pantanal Guia de Aves: Espécies da Reserva Particular do Patrimônio Natural do SESC – Pantanal. **Guia das Aves do Pantanal**. Disponível em <http://www.avespantanal.com.br/paginas/index.htm>. Acessado em 29 de ago. de 2012, às 17h e 19min.

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
papagoinho	1																1								01
papagaio	4	4	4	3	2	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	8	7	4	3	4	4	4	4	38
lorinho						1													1						01
loro	1	2	2	3	1	1	2	2	2	1	2	2	2	1	2	2	3	3	3	3	4	3	4	3	28
maritaca			1	1			1			2	1	1	2			1	1	1	1		1	3	2	1	10
tiriba	1												1			1							1		02
TOTAL	7	6	7	7	3	3	5	4	4	5	5	5	7	3	4	5	14	13	8	7	9	10	11	8	80

Fonte Direta

TEMA: papagaio

CARTOGRAMA 96

PERGUNTA: ... ave muito comum em nossa região, de penas geralmente

verdes, que, quando presa, pode apreender a falar?

De acordo com os registros da Tabela 96 e de seu respectivo Cartograma, verifica-se que o item lexical *papagaio*, de maior ocorrência entre as respostas dadas pelos entrevistados, coincide com o item/tema de propositura da questão 96 *...ave muito comum em nossa região, de penas geralmente verdes, que, quando presa, pode apreender a falar?*. Salienta-se que trinta e oito sujeitos, localizáveis em todos os pontos de inquérito, deram *papagaio* como resposta, o que significa que apenas dois sujeitos não o trouxeram em seu corpo responsivo, uma jovem, de 18 a 40 anos, de Sinop, e uma mulher, acima de 50 anos, do município de Vera.

Encontra-se, ainda, nos dados elencados acima, uma variante morfológica deste item lexical, o diminutivo *papagoinho*, falado unicamente por um homem, acima de 50 anos, de Sinop. A disseminação do apreciativo *loro* também é muito frequente na região

em estudo, foram vinte e oito ocorrências, distribuídas igualmente entre as respostas de homens e de mulheres, quatorze vezes, e, do mesmo modo, propagadas nas quatro cidades pesquisadas.

Essa norma de uso, que se evidencia pela alta quantificação numérica, conforme os dados nos mostram, pode ser justificada pelo fato do *Amazona aestiva*, vulgarmente denominado *papagaio*, ser bastante comum ainda neste espaço geográfico, assim como se mostra corriqueiro encontrá-lo em pequenas gaiolas ou até mesmo solto nos quintais de muitas casas das áreas urbanas e rurais às quais lancei olhar investigativo. Essa constatação também aparece explicitada no *Guia das Aves do Pantanal*²⁸, como se pode verificar no excerto abaixo:

É a espécie de **papagaio** mais procurada pelo comércio ilegal de aves vivas, por “aprender” a falar. **É o loro encontrado desde as aldeias indígenas até nas cidades**, apesar da ilegalidade do comércio. [...] A captura para o comércio ilegal e a alteração dos cerrados e caatinga diminuiu sua população em grandes extensões do centro-oeste e nordeste brasileiros, apesar da espécie não estar em risco imediato de extinção. (grifos meus).

4.4.14 Marreco

97) ...espécie de ave, que o macho se caracteriza pela cabeça cor de chocolate com uma lista branca bem marcada e a fêmea é mais acastanhada, geralmente migratória, mais encontrada nos banhados do Rio Grande do Sul?

Tabela lexical 97

Localidade	Sinop				Vera				Cáudia				Santa Carmem				Subtotal				Total					
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cáudia		Santa Carmem		Municípios	
Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios	
ganso						1		1							1	1				2				1	1	04
marreco														1										1		01
marreco	3		3	1	1		2	1	1	1	1	1	2	2	1	1	6	1	3	1	2	2	3	3		21
marreco	1																1									01
patinho				1													1									01
patinho-de-legão									1											1						01
pato		2	3	2		2	2	1		2	2	2	1	2	2	2	3	4	2	3	2	4	3	4		23
pato-branco		1															1									01
pato-dourado		2															2									02
pato-dourado		1															1									01
pato-de-laguna	1																1									01
pato-silvestre			1														1									01
pato-ribeirão	1													1	1		1							1	1	03
pato-ribeirão		1		1	1			1									2	1	1							04
TOTAL	6	7	7	3	2	3	4	4	2	3	3	3	3	6	3	4	13	12	6	7	3	6	3	10		66

Fonte Direta

²⁸ ANTAS, Paulo de T. Z. Pantanal Guia de Aves: Espécies da Reserva Particular do Patrimônio Natural do SESC – Pantanal. **Guia das Aves do Pantanal**. Disponível em <http://www.avespantanal.com.br/paginas/index.htm>. Acessado em 29 de ago. de 2012, às 17h e 19min.

TEMA: marreco

PERGUNTA: ... espécie de ave, que o macho se caracteriza pela cabeça cor de chocolate com uma listra branca bem marcada e a fêmea é mais acastanhada, geralmente migratória, mais encontrado nos banhados do Rio Grande do Sul?

CARTOGRAMA 97

Conforme a Tabela 97, transposta para o Cartograma 97, o item lexical mais utilizado para responder a pergunta 97 *...espécie de ave, que o macho se caracteriza pela cabeça cor de chocolate com uma listra branca bem marcada e a fêmea é mais acastanhada, geralmente migratória, mais encontrada nos banhados do Rio Grande do Sul?*, com vinte e cinco respostas, foi *pato*, o qual não coincide com o tema que engendrou esta pergunta. Há, nos quatro pontos de inquérito, como frequência, um número maior de respostas entre as mulheres, quinze, *versus* dez entre os homens. Acentua-se uma distinção numérica também entre os sujeitos acima de 50 anos, que preferiram *pato* somente nove vezes, enquanto os jovens, de 18 a 40 anos, disponibilizaram este item/norma no corpo responsivo dezesseis vezes.

Encontram-se, nos dados acima, variantes morfológicas de *pato*, que são: o diminutivo *patinho*, falado apenas por uma jovem, de 18 a 40 anos, de Sinop; a que acresce derivação sufixal, *paturi*, dita por dois entrevistados, acima de 50 anos, um homem de Sinop e uma mulher de Santa Carmem, e por um jovem, de 18 a 40 anos, também de Santa Carmem; e os itens lexicais compostos, que complementam/especificam *pato*, *pato-brabo*, manifestado unicamente por uma mulher, acima de 50 anos, de Sinop, *pato-do-mato*, referido por duas mulheres, acima de 50 anos, de Sinop, *pato-do-rio*, citado tão somente por uma mulher, acima de 50 anos, de Sinop.

Sinop, *pato-selvagem*, mencionado só por um homem, acima de 50 anos, de Sinop, e *pato-silvestre*, aludido apenas por um jovem, de 18 a 40 anos, de Sinop.

Quanto ao item lexical/tema *marreco*, aparece como segunda maior ocorrência, com vinte e uma respostas, da mesma forma propagadas nas quatro cidades em análise. Dessas respostas, constata-se um número bem maior de proferições masculinas, quatorze, contra sete menções entre os sujeitos femininos, das quais dez foram proferidas por respondentes com mais de 50 anos e onze por jovens, de 18 a 40 anos. Localizam-se, também, nos dados elencados, duas variantes morfológicas deste item: o aumentativo *marrecão*, expresso só por uma mulher, acima de 50 anos, de Santa Carmem; e o diminutivo *marrequinho*, pronunciado somente por um homem, acima de 50 anos, do município de Sinop.

Salienta-se, ainda, que, segundo Vieira²⁹, os *Anas boschas* ou *Anas platyrhynchos*, denominados popularmente de *marreco*s, os quais seriam de origem asiática, são geralmente confundidos com o *pato*, *cairina moschata*, sendo, inclusive, muitas vezes chamados de ‘pato-comum’. Todavia, de acordo com esse autor, é possível distinguir-se as espécies, pois o *marreco* é menor e apresenta um corpo ‘cilíndrico’, por isso assumiria uma posição ‘mais empinada’, enquanto o *pato* seria mais ‘achatado’ e, em consequência, ficaria numa posição ‘mais horizontal’. A distribuição geográfica do *marreco* é muito variada, contudo, é ainda amplamente localizado, tal como o enunciado da questão supracitada sugere, nos banhados do Rio Grande do Sul.

Essa asserção é também atestada por Suyane³⁰, quando nos apresenta as paisagens dos campos do sul: “descendo ao litoral do Rio Grande do Sul, a paisagem é marcada pelos banhados, isto é, ecossistemas alagados com densa vegetação de juncos, gravatás e aguapés que criam um habitat ideal para uma grande variedade de animais como garças, **marreco**s, veados, onças-pintadas, lontras e capivaras.” (grifo meu).

Para a região norte de Mato Grosso, essa ave foi trazida já no início da colonização, nos anos 70 do século XX. Muitos migrantes transportaram para este espaço geográfico, juntamente com outros apetrechos da mudança, em caminhões e

²⁹VIEIRA, João Felix. **Uma abordagem sobre a origem do pato e do marreco: a importância econômica das espécies para a agropecuária**. Disponível em <http://www.slideshare.net/joao1959/uma-abordagem-sobre-a-origem-do-pato-e-do-marreco>. Acessado em 29 de ago. de 2012, às 14h e 12min.

³⁰SUYANE, Maria. **Campos do sul (pampas)**. Jornal Livre, postado em 26 de jun. de 2008. Disponível em <http://www.jornallivre.com.br/60511/campos-do-sul-pampas.html>. Acessado em 29 de ago. de 2012, às 15h e 29min.

caminhonetes rudimentares, muitas vezes só cobertos com lonas, animais de pequeno porte, como retrata a pioneira de Santa Carmem, SC7 F, em seu relato de experiência pessoal: “Nós viemo lá de Paranaíba do Paraná, nós viemo. Gastemos sete dias na viagem. Nós trouxemos ganso, **marreco**, **pato**, galinha, porco, só boi não”.

4.4.15 Cotia

98) ...espécie de roedor que se alimenta de sementes e frutos, com até 60 cm de comprimento, cauda e pêlo muito curtos, com as extremidades anteriores bem mais curtas que as posteriores, e pés compridos com cinco dedos?

Tabela lexical 98

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total					
País e Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios	
Lexia e Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios	
cotia	2		2						1		1	1	1				4				2	1	1		08	
cutia	1		2		2	2	2		1	2	1	1	1	1	2	1	3		4	2	2	3	3	2	19	
esquilinho				1				1								1		1		1				1	08	
esquilo								1								1				1				1	02	
furão																1								1	01	
lebre	1																1								01	
mustela																1								1	01	
selelepe														1										1	01	
não soube responder	1	4		3				1									1	7		1					08	
TOTAL	5	4	4	4	2	2	2	3	2	2	2	2	2	2	2	5	9	8	4	5	4	4	4	7	43	

Fonte Direta

Segundo as respostas da questão 98 ...*espécie de roedor que se alimenta de sementes e frutos, com até 60 cm de comprimento, cauda e pêlo muito curtos, com as extremidades anteriores bem mais curtas que as posteriores, e pés compridos com cinco dedos?*, elencadas tanto no Cartograma quanto na Tabela, é possível observar que a maior ocorrência é do item lexical *cutia*, que se distingue foneticamente do item/tema *cotia*, também citado dentre as respostas, pela variável da vogal média-alta /o/ em posição pretônica pela alta /u/. *Cutia* tem como frequência dezenove respostas dadas pelos entrevistados, em todos os pontos de inquérito. Dessas respostas, há um número maior de proferições entre os homens, doze, *versus* sete entre as mulheres, tendo sido dez atribuições responsivas dadas por respondentes com mais de 50 anos e nove por jovens, de 18 a 40 anos. Já a variante *cotia* foi manifestada em oito respostas distribuídas em três cidades, Sinop, Cláudia e Santa Carmem. Ressalta-se que apenas uma dessas oito respostas foi propalada por um sujeito feminino, mais especificamente uma jovem, de 18 a 40 anos, de Cláudia, as outras sete foram evidenciadas por sujeitos masculinos, e divididas em igual número entre as menções dadas por entrevistados acima de 50 anos e por jovens, de 18 a 40 anos, quatro vezes de ambos.

Apresentam-se, também, nove não-respostas, ou seja, nove respondentes não souberam atribuir nenhuma resposta à pergunta supracitada. É interessante verificar que sete destas não-respostas foram citadas por mulheres e tão somente uma expressa por um homem, das quais cinco foram faladas por sujeitos com mais de 50 anos e quatro por jovens, de 18 a 40 anos; importa acentuar, ainda, que oito não manifestações de respostas aparecem na cidade de Sinop e apenas uma emergiu em Vera, de modo específico no corpo responsivo de uma jovem, de 18 a 40 anos.

Salienta-se que o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2004, p.898), além de registrar a etimologia desse roedor do gênero *Dasyprocta*, da família dos *dasiproctídeos*, como procedente do tupi *aku'ti.*, também apresenta a alternância entre as grafias *cotia* e *cutia*, bem como remete às primeiras documentações escritas em que surgem ambos os itens lexicais. *Cotia* teria sido registrada em documentos datados de 1576 e *cutia* inscrita em 1584.

Quanto ao número desproporcional de respostas entre os gêneros, cabe refletir sobre a cultura masculina e sobre fatos da realidade histórico-social humana que

preconizam que a caça é símbolo milenar multicultural da atividade masculina³¹, enquanto que o espaço das ocupações femininas geralmente se limitava ao ambiente doméstico e à educação dos filhos. É esse o cenário que se desenha também no norte de Mato Grosso no início de sua colonização, confirmado pela pioneira de Santa Carmem, SC7 F, que, ao ser questionada sobre os eventos de caça, que dirimiam a fome naquele contexto, diz não ter participado: “Não, eu não, o Olmiro caçava, toda à noite ele saía e caçava. Caçava **tatu, cotia, viado**... É, era o único recurso, né”.

4.4.16 Paca

99) ...roedor noturno encontrado geralmente perto de rios, com cerca de 70 cm de comprimento e até 13 Kg, de pelagem castanha com listras claras e cauda muito curta? (Houaiss, 2004, p. 2100, e Aulete On-line).

Tabela lexical 99

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total					
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios	
Idade / Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios	
pacas	4	4	4	3	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	8	7	4	4	4	4	4	4	39	
paquinha	1			1													1	1							02	
rato-do-mato		1		1														2							02	
rato-do-pântano			1														1								01	
TOTAL	5	5	5	5	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	10	10	4	4	4	4	4	4	44	

Fonte Direta

TEMA: paca

CARTOGRAMA 99

PERGUNTA: ... roedor noturno encontrado geralmente perto dos rios, com cerca de 70 cm de comprimento e até 13 kg, de pelagem castanha com listras claras e cauda muito curta? (Houaiss, 2004, p.2100 e Aulete online)

³¹ HISTÓRIA E CUIDADO. Cultura masculina. Disponível em <http://www.historiaecuidado.xpg.com.br/4.html>. Acessado em 29 de ago. de 2012, às 19h e 44min.

Como se pode verificar na Tabela e no Cartograma 99, a maior ocorrência é do item lexical *paca*, que aparece em trinta e nove respostas nas quatro cidades pesquisadas, o que significa que apenas um sujeito entrevistado não trouxe este item como resposta à pergunta 99, mais especificamente uma jovem, de 18 a 40 anos, do município de Sinop. *Paca* coincide com o item lexical/tema desta pergunta ...*roedor noturno encontrado geralmente perto de rios, com cerca de 70 cm de comprimento e até 13 Kg, de pelagem castanha com listras claras e cauda muito curta?*.

Apresenta-se, também, nos dados elencados acima, uma variante morfológica de *paca*, o diminutivo *paquinha*, falado apenas por um homem, acima de 50 anos, e por uma jovem, de 18 a 40 anos, ambos de Sinop.

4.4.17 Anta

100) ...maior mamífero da América do Sul, que chega a pesar 300 Kg, apresenta focinho em forma de pequena tromba, cauda curta e é encontrado geralmente perto de florestas úmidas e rios?

Tabela lexical 100

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Total			
Palavras	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios											
Lexia / Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios							
anta	4	3	4	4	1	2	2	2	1	2	2	2	2	2	2	2	2	8	7	3	4	3	4	4	4	4	4	4	4	37						
antinha									1													1								01						
tapir														1										1						01						
não soube responder		1			1													1	1											02						
TOTAL	4	4	4	4	2	2	2	2	2	2	2	2	3	2	2	2	8	8	4	4	4	4	5	4	4	4	4	4	41							

Fonte Direta

TEMA: anta

PERGUNTA: ... maior mamífero da América do Sul, que chega a pesar 300 kg, apresenta focinho em forma de pequena tromba, cauda curta e é encontrado geralmente de florestas úmidas e rios?

CARTOGRAMA 100

A questão 100, como podemos observar na Tabela 100 e também no Cartograma 100, traz, de acordo com as respostas registradas, como norma de uso na comunidade linguística pesquisada o item lexical *anta*, com trinta e sete respostas proferidas entre os sujeitos nos quatro pontos de inquérito. Como frequência, há dezoito atribuições responsivas masculinas e dezenove femininas, das quais dezessete foram mencionadas por respondentes com mais de 50 anos e vinte por jovens, de 18 a 40 anos. *Anta* coincide com o tema desta questão ...*maior mamífero da América do Sul, que chega a pesar 300 Kg, apresenta focinho em forma de pequena tromba, cauda curta e é encontrado geralmente perto de florestas úmidas e rios?*.

Há, também, nos dados elencados, uma variante morfológica deste item/norma, o diminutivo *antinha*, falado tão somente por um homem, acima de 50 anos, do município de Cláudia.

O *Tapirus terrestris* ou, popularmente, a “anta-brasileira ou anta-sul-americana; em inglês de ‘South American Tapir or Brazilian Tapir’, é localizada na Argentina, Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Guiana, Paraguai, Peru, Suriname e Venezuela, ou seja, em toda a América do Sul exceto Uruguai e Chile”³², no Brasil, ocupa a bacia do rio Amazonas e seus afluentes e a bacia do rio Prata, nas áreas dos rios Paraná e Paraguai. Ainda é caçada excessivamente, estando já ameaçada de extinção em algumas regiões. Além do homem, são seus predadores a sucuri e a onça.

No norte de Mato Grosso, no início de sua colonização, esse animal também foi bastante perseguido, fundamentalmente porque sua carne era apreciada e, como os eventos históricos nos mostram, não havia gado na região. Nesse sentido, vale conferir o fragmento de narrativa do pioneiro de Sinop, S12 M: “Aí no domingo o gerente falou *eu ponho a cerveja, a bebida, e vocês matam um bicho, uma anta, uma coisa assim, por conta da firma de novo*. Nós fomo no mato, matamo uma **anta**, trouxemo ali, tiramo o coró e ele colocô a bebida de novo. **Todo mundo achô melhor a carne do bicho no outro dia do que a do sábado**”.

4.4.18 Cabrito

101) ...o filhote do bode e da cabra?

³²GIRAFAMANIA. **Anta: Maior mamífero terrestre brasileiro!** Disponível em http://www.girafamania.com.br/americano/brasil_fauna_anta.html. Acessado em 31 de ago. de 2012, às 13h e 55min.

Tabela lexical 101

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop	Vera	Cláudia	Santa Carmem	Municípios
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
cabritinho	3	3		1	1	2			1			1	1	2			3	4	1	2	19
cabrito	1	1	3	2			2	1	2	1	2	1	1	1	2	2	4	3	2	1	22
não soube responder		1	1	1	1			1		1							1	2	1	1	06
TOTAL	4	5	4	4	2	2	2	2	3	2	2	2	2	3	2	2	8	9	4	4	43

Fonte Direta

TEMA: cabrito

CARTOGRAMA 101

PERGUNTA: ... o filhote do bode e da cabra?

Conforme a Tabela 101, transposta para o Cartograma 101, o item lexical mais utilizado em todos os pontos de inquérito para responder a pergunta 101 *...o filhote do bode e da cabra?*, com vinte e duas respostas, foi *cabrito*, o qual coincide com a item/tema desta pergunta. Há, como frequência para *cabrito*, treze respostas femininas e nove entre os homens. Ressalta-se que se mostra um número maior de atribuições responsivas feitas pelos jovens, de 18 a 40 anos, quinze, *versus* apenas sete de sujeitos acima de 50 anos.

Todavia, para a variante morfológica de *cabrito*, o diminutivo *cabritinho*, que se apresenta nos dados com quinze ocorrências da mesma forma proferidas nas quatro cidades em análise, destaca-se um número quase absoluto de respostas trazidas pelos entrevistados acima de 50 anos, treze, contra tão somente duas menções feitas por moças, de 18 a 40 anos, uma de Sinop e uma de Cláudia. O número de repostas de sujeitos femininos evidencia-se também superior ao de masculinos, nove daqueles e seis destes.

4.4.19 Cupim/Copim

102) ...pequenos insetos que constroem ninhos geralmente bem visíveis e que podem se tornar pragas por destruírem construções e móveis de madeira?

Tabela lexical 102

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop	Vera	Cláudia	Santa Carmem	Municípios
Lexia SEXO	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
cupim	4	4	4	4	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	8	8	4	4	40
TOTAL	4	4	4	4	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	8	8	4	4	40

Fonte Direta

Como podemos verificar, tanto na Tabela 102 quanto no Cartograma 102, o item lexical *cupim* destaca-se como norma prioritária entre os entrevistados, com quarenta respostas, ou seja, todos os sujeitos, de todos os pontos de inquérito, atribuíram somente este item como resposta à questão 102 *...pequenos insetos que constroem ninhos geralmente bem visíveis e que podem se tornar pragas por destruírem construções e móveis de madeira?*. Salienta-se que *cupim* coincide com um dos itens lexicais/tema desta questão.

A variante/tema, que se distingue foneticamente de *cupim* pela variável da vogal alta /u/ pela média-alta /o/ em posição pretônica, *copim*, não aparece citada dentre as respostas dadas por nenhum sujeito. Ressalta-se, contudo, que a migrante da cidade de Santa Carmem, SC7 F, que expôs *copim* na materialidade enunciativa de seu relato de experiência pessoal, conforme o seguinte fragmento “Perto do nosso sítio tinha uns mineiro, de Minas Gerais, eles vieram, eles plantaram só café, mas eles colheram um ano bem café, outro ano também já deu, como chama, **copim**, **copim** que acabô. Eles iam nas covas do café, nas raízes, e botavam veneno, aquela gente lutaram, lutaram, mas não saiu”, foi substituída por um respondente do gênero masculino, para que, como já justificado no Capítulo 3 deste estudo, o número de homens entrevistados equivalesse ao de mulheres.

4.4.20 Vespa

103) **...inseto que possui ferrão, é um predador natural para larvas e insetos que são considerados pragas para plantações e produz um mel escuro que não é consumido pelos seres humanos?**

Tabela lexical 103

Localidade	Sinop				Vera				Cidade				Santa Carmem				Subtotal				Total				
País Estado	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cidade		Santa Carmem		Municípios
Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
abelha						1											1								01
abelha		1	1			2		2	1	1	1	1	1	1	1	1		4	2	2	2	2			14
abelha-canga-fogo	1														1										01
abelha-preta														1								1			01
abelha-rei	1									1					1	1				1			1		03
abelha-purá	1												1				1					1			02
bespa								1					1								1		1	1	03
borboleta		1											1				1								01
borboleta																1									01
borboleta	1	1	1		1					1						2	1	1			1				03
borboleta	1													1		1							2		03
borboleta												1										1			01
borboleta	2	4	2		1	1	1			1	1		2	1		1	4	4	2	1	1	1	2	2	17
borboleta		1															1								01
borboleta			1														1								01
borboleta							1										1								01
borboleta																1				1					01
borboleta			1	3							1	1	1				1	3			1	1	1		07
borboleta									1		1					1	1				2		1	1	04
borboleta	1			1	1										1	1	1								03
TOTAL	8	8	7	4	3	3	2	3	3	3	3	3	6	3	4	6	13	12	3	6	3	6	10	9	71

Fonte Direta

TEMA: vespa

CARTOGRAMA 103

PERGUNTA: ... inseto que possui ferrão, é um predador natural para larvas e insetos que são considerados pragas para plantações e produz um mel escuro que não é consumido pelos seres humanos?

De acordo com a Tabela 103, transposta para o Cartograma 103, a maior ocorrência para responder a pergunta 103 *...inseto que possui ferrão, é um predador natural para larvas e insetos que são considerados pragas para plantações e produz um mel escuro que não é consumido pelos seres humanos?*, foi do item lexical *marimbondo*, o qual difere do tema desta pergunta, com dezessete respostas atribuídas pelos entrevistados nos quatro pontos de inquérito. Dessas respostas, nove foram de sujeitos masculinos e oito de femininos, e das quais doze foram mencionadas por respondentes com mais de 50 anos e apenas cinco por jovens, de 18 a 40 anos. Localizam-se, ainda, nos dados elencados acima, duas variantes fonéticas deste item, consecutivamente: a que apresenta as variáveis das vogais baixa /a/ inicial pela média-alta /o/ e a média-alta /o/ pela alta /u/ em posição tônica, *morimbundo*, dita só por uma mulher, acima de 50 anos, de Sinop; e a que exhibe síncope, *maribondo*, falada somente por uma jovem, de 18 a 40 anos, de Cláudia.

Quanto ao item lexical *vespa*, tema que engendrou a questão supracitada, aparece em apenas sete respostas, no corpo responsivo de só um sujeito acima de 50 anos, mais especificamente um homem de Santa Carmem, e de seis jovens, de 18 a 40 anos, distribuídas entre quatro proferições de moças e três de rapazes, nas cidades de Sinop, de Cláudia e de Santa Carmem. Há, também, na coletânea dos dados, uma

variante fonética em que ocorre a oclusivização da fricativa labiodental /v/, *bespa*, propagada por três entrevistados, dois homens acima de 50 anos, um de Cláudia e um de Santa Carmem, e uma jovem, de 18 a 40 anos, igualmente de Santa Carmem.

Sobre a realização alternada da oclusiva /b/ e da fricativa /v/ em determinados itens lexicais, tais como os exemplificados em meus dados, Câmara Júnior (1982) esclarece que algumas consoantes do latim ao português sofreram modificações no sentido de um enfraquecimento: fortes e surdas se tornaram fracas e sonoras, as sonoras se enfraqueceram (/b/ para /v/).

Destaca-se, ainda, que as propagações lexicais concomitantes de *vespa* e de *marimbondo*, evidenciadas nos dados responsivos, não são tão somente particularidades da região norte mato-grossense, conforme se pode constatar na seguinte conceituação:

As vespas são responsáveis pela polinização de diversos tipos de plantas. Existem vespas nas subordens Apocrita e Symphyta. As larvas da subordem Apocrita geralmente são carnívoras ou parasitóides, e as larvas da subordem Symphyta são herbívoras. **As vespas da família Vespidae, Pompilidae ou Sphecidae também são conhecidas como marimbondos**³³. (grifos meus).

4.4.21 Polvinha/Pium

104) ...aquele insetozinho bem pequeninho, que parece um pontinho preto e faz um risco quando se passa a mão e que geralmente, durante o dia, ataca da altura do joelho pra baixo e dá muita ardência?

Tabela lexical 104

Localidade	Sinop				Vere				Cláudia				Santa Carmem				Subotai				Total				
Período Etário	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vere		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
birigui									1												1				01
borrachinho						1													1						01
borrachudo	2		2	2	2	1									4	2	2	1							09
borrachinho				1												1									01
manuim		1														1									01
maquim		1	2	3			1		1	2			1	1	2		2	4	1		1	2	3	1	14
maquilha				1												1									01
maquim															1								1		01
maquinhão		1				1										1		1							02
maquica															1								1		01
pium	3																3								03
polvinha		1			1			1		1					1		1	1			1	1			03
polvinha²	1																1								01
polvinha							1														1				01
polvinha							1														1				01
polvinha	3						1	1		2	1	2	1	1	2	3			1	3	1	3	3		14
puiga		2	1							1							1	2			1				04
puiga													1										1		01
não soube responder						1				1									1			1			02
TOTAL	9	6	3	7	3	3	2	2	4	4	3	2	3	3	3	3	14	13	3	3	7	6	8	6	64

Fonte Direta

³³ **Vespas**. Disponível em <http://www.ninha.bio.br/biologia/vespas.html>. Acessado em 31 de ago. de 2012, às 18h e 25min.

TEMA: polvinha/pium

CARTOGRAMA 104

PERGUNTA: ... aquele insetozinho bem pequeninho, que parece um pontinho preto, e faz um risco quando se passa a mão e geralmente, durante o dia, ataca da altura do joelho pra baixo e dá muita ardência?

Na Tabela 104, como também se verificar no Cartograma 104, são dois os itens lexicais que se apresentam em igual número com maior ocorrência, respectivamente, *micuim* e *porvinha*, ambos com quatorze respostas distribuídas em todos os quatro municípios pesquisados. O primeiro deles, falado em equidade por homens e mulheres, sete proferições de cada gênero, realça, contudo, distinção numérica entre as faixas etárias, tendo sido proferida por seis respondentes com mais de 50 anos e por oito jovens, de 18 a 40 anos, e difere também dos itens/tema da questão *...aquele insetozinho bem pequeninho, que parece um pontinho preto e faz um risco quando se passa a mão e que geralmente, durante o dia, ataca da altura do joelho pra baixo e dá muita ardência?*. Localizam-se, ainda, nos dados elencados acima, duas variantes: o diminutivo *micuinzinho*, dito apenas por uma jovem, de 18 a 40 anos, da cidade de Sinop; e a que exhibe variável da vogal alta /i/ em posição inicial pela média-alta /o/, *mocuim*, mencionada somente por uma jovem, de 18 a 40 anos, de Santa Carmem.

Já o segunda, quanto à frequência, evidencia um número maior de respostas entre os sujeitos masculinos, nove, *versus* cinco entre os femininos, divididas em igual número entre as atribuições responsivas dadas por entrevistados acima de 50 anos e por jovens, de 18 a 40 anos, sete de ambos; é importante verificar que o item lexical *porvinha*, norma desta comunidade linguística juntamente com o item *micuim*, se

constitui em um rotacismo do tema *polvinha*, item este também manifestado dentre os dados, todavia com um menor número de ocorrências, cinco, sendo proferidas por três sujeitos com mais de 50 anos, uma mulher de Sinop, um homem de Vera e uma mulher de Cláudia, assim como por dois respondentes jovens, de 18 a 40 anos, uma moça de Vera e um rapaz de Santa Carmem. Destacam-se, na coletânea dos dados, além das duas variantes apresentadas, ainda outras: a que mostra alteração do segmento vocálico inicial em que a vogal média-alta aberta /o/ é pronunciada fechada, *pôlvinha*, citada unicamente pelo sujeito de Sinop, S12 M, de descendência italiana; o substantivo primitivo *porva*, propalado só por um homem, acima de 50 anos, de Cláudia; e o diminutivo *porvazinha*, aludido igualmente apenas por um homem, acima de 50 anos, de Cláudia.

Salienta-se que, de acordo com as respostas registradas para a pergunta supracitada, e possível constatar que há uma ligeira confusão de interpretação semântica com relação aos espécimes trazidos como respostas ao conceito de 104. Assim, convém especificar conceitualmente as distinções entre a forma larval do *Amblyomma cajennense*, popularmente denominada de *micuim*, e a espécie *culicoides paraensis* conhecida, na região norte de Mato Grosso, com ênfase normativa em *porvinha*.

Dessa forma, o *carrapato-de-cavalo* ou *carrapato-estrela*

[...] é o que mais comumente parasita o homem. Também infesta mamíferos domésticos e silvestres e aves. Em sua forma adulta, ele é conhecido como carrapato-estrela. Fica grande, do tamanho de um feijão verde, ou até maior. **A sua forma larval, o micuim, está nos pastos no período de março a julho.** Este tipo de micuim, que pode ficar até 24 meses sem se alimentar, esperando um hospedeiro, no homem causa terrível coceira e inflamação que pode durar mais de um mês³⁴. (grifos meus).

Enquanto o *mosquito pólvora*, *porvinha* ou *polvinha* é uma espécie de inseto que

[...] possui este nome devido ao tamanho pequeno e cor que lembra um grão de pólvora. [...] suas características o tornam um inseto muito difícil de ser combatido, e por isso tão nocivo se infestado em nosso meio, seu tamanho pequeno (cerca de 2mm) o deixa passar pelas aberturas de telas e de tão adaptado ao meio ambiente os repelentes pouco podem fazer para evitá-lo. A sinonímia **Maruim** tem origem tupi e seu significado é de “*mosca pequena*”. [...] As espécies mais conhecidas no Brasil são “*Culicoides paraensis* ou *C. furens*”, mas

³⁴VIDA AMBIENTE SERVICE. Os carrapatos. Disponível em <http://www.vidaambiente.com.br/conteudo.asp?id=2&conteudo=19>. Acessado em 03 de set. de 2012, às 9h e 02min.

vale lembrar que centenas de espécies fazem parte do gênero “Culicoides”. [...] se reproduz em lugares alagados, como banhados, onde existe matéria orgânica em decomposição, este inseto é responsável pela transmissão da virose oroposche³⁵. (grifos do autor).

Quanto ao item lexical/tema *pium*, ressalta-se em tão somente três respostas expressas por homens acima de 50 anos, todos do ponto de inquérito Sinop.

4.4.22 Mutuca

105) ...tipo de mosca preta que vive próxima aos açudes, valas e fossos, de tamanho médio a grande, incômoda ao gado e ao homem devido às suas picadas dolorosas?

Tabela lexical 105

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Total			
País	Acima de 50 anos				Acima de 50 anos				Acima de 50 anos				Acima de 50 anos				Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Municípios			
Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios							
botuca	1												1												1				02							
butuca	1	1	1						2		1				1		2	1			3		1						07							
mosca-de-chifre				1				1	1		1				1				1	2				1					05							
mosca-preta			1	1													1	1											02							
mosca-negra										1											1								01							
motuca	1												1				1							1					02							
mutuca	2				1	1	2	1		2	1		1	2	1	1	2		3	2	1	2	2	3					15							
varejeira	1	1	2	2		1					1	2					1		3	3		1	1	2	1				11							
não soube responder		2		2	1														4	1									05							
TOTAL	6	4	4	6	2	2	2	2	3	2	3	2	3	2	3	2	10	10	4	4	3	4	6	4					50							

Fonte Direta

TEMA: mutuca

CARTOGRAMA 105

PERGUNTA: ... tipo de mosca preta que vive próxima aos açudes, valas e fossos de tamanho médio a grande, incômoda ao gado e ao homem devido às suas picadas dolorosas?

³⁵ POSSETI, Flávio. **Porvinha? Que mosquito é esse?** VIGIAR = Vigilância em Saúde. Domingo, 06 de mai. de 2012, às 19:02. Disponível em <http://vigiar.blogspot.com.br/2012/05/porvinha-que-mosquito-e-esse.html>. Acessado em 03 de set. de 2012, às 9h e 15min.

Conforme a Tabela 105, transposta para o Cartograma 105, o item lexical *mutuca*, o qual coincide com o tema da pergunta 105 *...tipo de mosca preta que vive próxima aos açudes, valas e fossos, de tamanho médio a grande, incômoda ao gado e ao homem devido às suas picadas dolorosas?*, aparece como o mais utilizado dentre as respostas dadas pelos entrevistados, com quinze ocorrências em todos os quatro municípios pesquisados, faladas por oito sujeitos masculinos e sete femininos, dos quais nove têm mais de 50 anos e seis são jovens, de 18 a 40 anos. Destacam-se, ainda, variantes fonéticas deste item/norma, tais como: a variável da vogal alta /u/ pela média-alta /o/ em posição pretônica, *motuca*, mencionada somente por dois homens, acima de 50 anos, um de Sinop e um de Santa Carmem; e as alterações que evocam a pronúncia do som oral /b/, respectivamente *butuca* e *botuca*. A primeira, citada por sete sujeitos, dos quais seis são homens das cidades de Sinop, de Cláudia e de Santa Carmem, e apenas um é mulher, acima de 50 anos, de Sinop. A segunda, dita por dois respondentes masculinos com mais de 50 anos, um de Sinop e um de Santa Carmem.

Acentua-se, também, que a *Tabanus sudeticus*, popularmente conhecida de *mutuca*,

[...] é a designação comum a todos os insetos dípteros da família Tabanidae, de corpo robusto e de tamanho médio a grande, sendo apenas as fêmeas hematófagas. São incômodas ao gado e ao homem, devido às suas picadas dolorosas. Também são conhecidas pelos nomes de **butuca**, moscardo, **motuca** e tavão. [...] As larvas da mutuca têm a forma de cones alongados. Têm dois ganchos na cabeça e o abdome almofado. Isso lhes permite rastejar em chão úmido sobre plantas aquáticas. As larvas dos insetos da família dos tabanídeos são carnívoras – alimentam-se de pequenos invertebrados de água doce³⁶. (grifos meus).

4.4.23 Traíra

106) ...peixe dos rios da região, com dentes fortes e muito afiados, podendo chegar a 60 cm de comprimento, coloração variando do negro ao pardo-escuro e manchas escuras espalhadas no corpo? (Houaiss, 2004, p. 2746).

Tabela lexical 106

³⁶ **MOSQUITOS.**

Disponível

em

<http://www.pestsolution.com.br/Frames%20Insetos/mosquitos.htm>. Acessado em 03 de set. de 2012, às 11h e 55min.

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Sinop								Total
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
lobó	2		1		1		2		1		1		1		1	1	3		3		2		2	1	11
taraíra											1		1								1		1		02
traíra	4	2	2			1	2	1	2	1	2	1	2	2	2	1	6	2	2	2	4	2	4	3	25
trairão	1		4			1			1	1	2	2	2		1	2	5		1		3	3	3	2	17
traírinha			1										1				1						1		02
traíra no													1											1	01
não soube responder		2		4	1	1		1		1								6	1	2		1			10
TOTAL	7	4	8	4	2	2	5	2	4	3	6	3	7	3	4	4	15	8	7	4	10	6	11	7	68

Fonte Direta

TEMA: traiça

PERGUNTA: ...peixe dos rios da região, com dentes fortes e afiados, podendo chegar a 60cm de comprimento, coloração variando do negro ao pardo-escuro e manchas escuras espalhadas no corpo? (Houaiss, 2004, p.2746)

CARTOGRAMA 106

De acordo com a última Tabela da área semântica Fauna, 106, transposta para o Cartograma 106, o item lexical mais utilizado nos quatro pontos de inquérito para responder a pergunta 106 *...peixe dos rios da região, com dentes fortes e muito afiados, podendo chegar a 60 cm de comprimento, coloração variando do negro ao pardo-escuro e manchas escuras espalhadas no corpo?*, com vinte e cinco respostas, foi *traíra*, o qual confere com o item/tema desta pergunta. Como frequência, destaca-se um número maior de respostas masculinas, dezesseis, *versus* somente nove femininas, das quais quatorze foram expressas por respondentes com mais de 50 anos e onze por jovens, de 18 a 40 anos.

Apresentam-se, ainda, nos dados coletados acima, variantes de *traíra*, tais como: a que exhibe metátese acrescida de epêntese, *taraíra*, falada por um jovem, de 18 a 40 anos, de Cláudia, e por um homem, acima de 50 anos, de Santa Carmem; os

aumentativos *trairão* e *trairona*. O primeiro foi dito, do mesmo modo, nas quatro cidades em análise e se acentua como segunda maior ocorrência dentre as respostas, com dezessete proferições, distribuídas igualmente entre uma quantificação numérica maior de respostas dadas por homens, doze, contra apenas cinco por mulheres. Destaca-se que esta é exatamente a mesma distinção de somatório que se verifica entre as respostas de sujeitos acima de 50 anos, cinco, *versus* doze entre jovens, de 18 a 40 anos. O segundo foi mencionado tão somente por uma mulher, acima de 50 anos, de Santa Carmem; e, finalmente, o diminutivo *trairinha*, manifestado por um jovem, de 18 a 40 anos, de Sinop, e por um sujeito masculino, acima de 50 anos, de Santa Carmem.

Salienta-se, também, a grande quantidade de não-respostas atribuídas pelos entrevistados à questão supracitada, ou seja, dez sujeitos de três municípios em estudo, Sinop, Vera e Cláudia, nove mulheres e só um homem, não souberam dar nenhuma resposta ao enunciado de 106, realçando-se, contudo, o mesmo número de não atribuições responsivas entre as faixas etárias, cinco de ambas.

Com relação à desproporção numérica que se evidencia, como visto, na coletânea de dados, ressalta-se que, se observarmos contextos históricos de povos e atividades rudimentares, bem como sobre a divisão de trabalho, por exemplo do período Neolítico, conforme os seguintes apontamentos feitos por Costa Pedro e Coulon “as mulheres deviam arar o solo, moer e cozinhar os grãos, fiar, tecer, fabricar os potes e os ornamentos; já a limpeza do terreno para o cultivo, a construção das habitações, a criação do gado, a pesca e o fabrico de ferramentas e armas eram as atividades masculinas”³⁷, é possível constatar o quanto ainda se reproduz, em pleno século XXI, dessa cultura pré-histórica que data de 7000 a 2.500 a.C.

No entanto, não se pode desconsiderar que, atualmente, tanto homens quanto mulheres participam das ‘Colônias de Pescadores’ e dos ‘Movimentos Sociais da Pesca’ no cotidiano da pesca na Amazônia, como nos mostram os trabalhos de campo realizados por Furtado (2006), em diversos ‘lugares de pescadores’ do litoral, médio Amazonas, estuário amazônico e ilha do Marajó.

Ainda quanto ao *Hoplias malabaricus*, ou popularmente conhecido pelo Brasil como *traíra*, é, segundo Araújo-Lima e Bittencourt (2001, p.693), um peixe “com

³⁷COSTA PEDRO, Fábio; COULON, Olga M. A. F. **A Aldeia Neolítica**. HISTÓRIA LICENCIATURA. 10 de jul. de 2012. Disponível em <http://hid0141.blogspot.com.br/2012/07/aldeia-neolitica.html>. Acessado em 03 de set. de 2012, às 15h e 20min.

ampla distribuição na América do Sul. É encontrado com frequência na Amazônia, [...] sendo um dos principais predadores em reservatórios e riachos.”.

4.4.24 Histograma 17: itens mais frequentes da área semântica Fauna

Conforme o Histograma dezessete, é possível verificar a disposição dos itens lexicais de maior ocorrência dados como respostas pelos sujeitos na área semântica Fauna deste estudo semântico-lexical.

Exponho, abaixo, a sequência enumerativa das perguntas e seus respectivos itens/norma, que formam o corpo enunciativo desta área semântica:

- 84) Bichos = ...*moradores, habitantes das matas e florestas que não o homem e as plantas?*
- 85) Onça= ...*felino malhado ou pintado, de grande porte, carnívoro, muito comum na região no início da colonização, e que às vezes ataca o homem por instinto de sobrevivência ou por que há destruição do seu habitat?*
- 86) Esturro = ...*o som que a/o _____(cf. item 85) emite?*
- 87) Jacaré= ...*réptil encontrado em rios e áreas pantanosas, com focinho achatado e largo, que pode chegar até 6 metros de comprimento e 300 quilos, e está ameaçado de extinção, pois seu couro é muito cobiçado e sua carne muito saborosa? ...a área que é preciso ter ou comprar para se cultivar plantações ou se investir em pecuária?*
- 88) Bico-de-jaca= ...*cobra muito encontrada na região, no início da colonização, considerada a maior serpente venenosa brasileira, chegando a 3.6 metros de comprimento?*

- 89) Sucuri= ...cobra grande encontrada geralmente em rios e lagos, com até 10 m de comprimento e corpo com grandes manchas pretas arredondadas? (Aulete On-line).
- 90) Lagarta= ...espécie de lagarta que se apresenta nas cores verde, marrom ou preta e que mede entre 5cm e 10cm, inofensiva, desprovida de pelos e que geralmente é encontrada nas ramas de mandioca, café etc.?
- 91) Traça= ...espécie de insetos que perfuram e destroem objetos de madeira, livros, cereais, tecidos e podem ser encontrados em armários onde são guardados os produtos alimentícios?
- 92) Biscateiro= ...passarinho pequeno que tem um canto inconfundível, semelhante com “frifú”, que ecoa nas florestas de nossa região, mas que dificilmente se consegue enxergar?
- 93) Jacutinga= ...ave florestal, ameaçada de extinção, de plumagem negra, com o topo da cabeça e asas brancas, coloração azul em torno dos olhos, pés e pernas rosados e com barbeta vermelha bem evidente? (Aulete On-line).
- 94) Mutum= ...ave florestal de plumagem geralmente negra, topete com penas encrespadas ou lisas, bico com cores vivas, pernas compridas, e em Mato Grosso há uma cidade com o seu nome?
- 95) Arara= ...ave de grande porte, comum em nossa região, que possui bico alto, recurvado, cauda longa e plumagem colorida?
- 96) Papagaio= ...ave muito comum em nossa região, de penas geralmente verdes, que, quando presa, pode aprender a falar?
- 97) Pato= ...espécie de ave, que o macho se caracteriza pela cabeça cor de chocolate com uma lista branca bem marcada e a fêmea é mais acastanhada, geralmente migratória, mais encontrada nos banhados do Rio Grande do Sul?
- 98) Cutia= ...espécie de roedor que se alimenta de sementes e frutos, com até 60 cm de comprimento, cauda e pêlo muito curtos, com as extremidades anteriores bem mais curtas que as posteriores, e pés compridos com cinco dedos?
- 99) Paca= ...roedor noturno encontrado geralmente perto de rios, com cerca de 70 cm de comprimento e até 13 Kg, de pelagem castanha com listras claras e cauda muito curta? (Houaiss, 2004, p. 2100, e Aulete On-line).
- 100) Anta= ...maior mamífero da América do Sul, que chega a pesar 300 Kg, apresenta focinho em forma de pequena tromba, cauda curta e é encontrado geralmente perto de florestas úmidas e rios? O que contém a formação do solo da região e que, principalmente no início da colonização, não permitia que as mudas e plantas se desenvolvessem bem?
- 101) Cabrito = ...o filhote do bode e da cabra?
- 102) Cupim= ...pequenos insetos que constroem ninhos geralmente bem visíveis e que podem se tornar pragas por destruírem construções e móveis de madeira?

- 103) Marimbondo= ...*inseto que possui ferrão, é um predador natural para larvas e insetos que são considerados pragas para plantações e produz um mel escuro que não é consumido pelos seres humanos?*
- 104) Micuim/Porvinha= ...*aquele insetozinho bem pequenininho, que parece um pontinho preto e faz um risco quando se passa a mão e que geralmente, durante o dia, ataca da altura do joelho pra baixo e dá muita ardência?*
- 105) Mutuca= ...*tipo de mosca preta que vive próxima aos açudes, valas e fossos, de tamanho médio a grande, incômoda ao gado e ao homem devido às suas picadas dolorosas?*
- 106) Traíra= ...*peixe dos rios da região, com dentes fortes e muito afiados, podendo chegar a 60 cm de comprimento, coloração variando do negro ao pardo-escuro e manchas escuras espalhadas no corpo?* (Houaiss, 2004, p. 2746).

Para a realização da escolha de itens lexicais desta área semântica utilizei dois critérios metodológicos:

a) a seleção do item de maior uso, a norma linguística, falado nos quatro pontos de inquérito da pesquisa. Assim, para a área semântica Fauna, o item lexical selecionado para análise é *cupim*, pois se evidencia com quarenta ocorrências, ou seja, todos os quarenta sujeitos deram-no como resposta à pergunta 102 de meu questionário semântico-lexical.

b) a constatação de itens com particularidades sócio-histórica e geográfica regionais. Dentre eles, selecionei *paca*, *onça*, *biscateiro* e *porvinha*.

Dessa forma, foram cinco os itens lexicais selecionados desta quarta área semântica, *cupim*, *paca*, *onça*, *biscateiro* e *porvinha*, os quais serão analisados e (re)significados no contexto de uso norte mato-grossense.

4.4.25 O item lexical *onça*: apontamentos sócio-semântico-lexicais

Para se compreender o contexto etimológico do item lexical *onça*, vale conferir os seguintes apontamentos de Miranda:

Aqui o poderoso jaguar dos tupis será chamado de *onça*, uma palavra de origem européia. Seu nome científico é *Panthera onca*. Duas palavras de além-mar. *Panthera* vem de pantera, como diria um grande etimologista. E *onça* vem de... Bem, a palavra *onça* é resultado de uma longa viagem etimológica, do nome de um pequeno gato selvagem euroasiático, o lince. A palavra *onça* vem do latim vulgar *lyncea*. Esse termo sua vez deriva do latim clássico *lynx*, *cis*, e este do grego *lúgks*, *kós*. *Lyncea* deu origem a lince, a *lonce* em provençal, ao francês *once* (século XIII), ao italiano *lonza* (século XIII). A palavra

poderia ter sido formada, já no tempo das cruzadas, diretamente do grego *lúgks*, *kós* em que o -l- inicial teria sido interpretado como artigo, tendo sido, por isso, suprimido. Em espanhol, o termo atestado pelos gramáticos é *onza* (1495), e da mesma origem virá a expressão portuguesa *onça*, aplicada ao maior de nossos felinos, o jaguar. (MIRANDA, 2004, p.33).

A constatação deste contexto diacrônico aparece no quadro abaixo, visto que *onça* se encontra como entrada em todos os quatro dicionários gerais pesquisados, em Bluteau (1712), em Pinto (1832), no Aurélio (1986) e no Aulete Digital. Já em Bossle (2003) localiza-se apenas o item lexical de procedência indígena, *jaguar*:

Dicionário Entrada	Vocabulario Portuguez & Latino - D. R. Bluteau (1712)	Diccionario da Lingua Brasileira – Luiz M. da S. O. P. Pinto (1832)	Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986)	Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa – (Aulete Digital)	Dicionário Gaúcho Brasileiro – João A. Bossle (2003)	Dicionário do Nordeste – Fred Navarro (2004)
ONÇA	Na fua Hiftoria diz Jorge Marcgravo, que ehta efpecie de onça he mais feroz, que outra, a que o Gentio do Brafil com nome qualfi femelhante ao primeyro chama Jaguara. Ehta he do tamanho de hum lobo, & às vezes mayor; tem cabeça, barbas, orelhas, & pernas de gato, cinco unhas em cada mão, & quatro nos pès, dentes muyto agudos, & olhos fcintillâtes. Tem a pelle cuberta de hum pelo curto, amarello, & malhado de negro com galante difpofição. [...] De noyte dá huyvos, como cão faminto, & bota a fugir, quando vé qualquer fogo de noyte. (p.76)	Animal feroz. (p.763)	2- Bras. V. jaguar. 3- Bras. P. ext. Designação comum a todos os felídeos brasileiros de grande porte. (ONÇA-PINTADA) Bras. V. jaguar. (p.1223)	1- Zool. Nome dado a várias espécies de felinos de grande porte.	(JAGUAR) Zool. Nome indígena que generaliza os felinos. (Do tupi-guar.)	

Quadro 18: Reflexões analíticas sobre o item lexical *onça*.

Fonte: Pesquisa direta.

De acordo com os conceitos acima transcritos, é possível verificar que os sentidos que se evidenciam nas quatro entradas dos dicionários gerais citados equivalem, ainda que de forma abrangente, ao significado conceitual da questão 85 de meu questionário semântico-lexical *...felino malhado ou pintado, de grande porte, carnívoro, muito comum na região no início da colonização, e que às vezes ataca o homem por instinto de sobrevivência ou por que há destruição do seu habitat*.

Dessa forma, pode-se afirmar que há, no norte de Mato Grosso, uma continuidade semântica do item lexical *onça*, visto que os sentidos dicionarizados transpostos no quadro acima se mantêm e se proliferam como norma nesta extensão geográfica em que se desenvolve esta pesquisa.

4.4.25.1 A distribuição do item lexical *onça* pelos pontos de inquérito

Histograma 18: Onça (trinta e cinco ocorrências).

Conforme o Histograma 18, o item lexical *onça* é visualizado nos quatro municípios pesquisados e foi falado trinta e cinco vezes pelos entrevistados. A distribuição deste item ocorreu da seguinte forma: na cidade de Sinop, todos os oito respondentes acima de 50 anos o utilizaram, entre os jovens, de 18 a 40 anos, dois rapazes e duas moças o trouxeram como resposta; na cidade de Vera, todos os oito sujeitos mencionaram este item lexical em análise; em Cláudia, igualmente todos os entrevistados responderam *onça*; e, em Santa Carmem, apenas uma jovem, de 18 a 40 anos, não fez referência a este item.

Como já explicitado no item 4.4.2, há, nestes dados, um número maior de respostas trazidas pelos sujeitos acima de 50 anos, vinte, *versus* quinze proferidas pelos jovens, de 18 a 40 anos, ou seja, todos os entrevistados acima de 50 anos aludiram ao item lexical *onça* como resposta à pergunta 85. Tal resultado pode estar ligado à diminuição desta espécie de felino na região norte mato-grossense, pois, como se pode constatar:

Pele de onça é troféu valioso e muito procurado. Em vista disso, suas proprietárias, para salvar a pele, foram afastando-se dos locais mais freqüentados por homens e espingardas, de modo que, hoje em dia, para encontrar uma delas é preciso ir procurar bem no fundo das grandes matas, na vizinhança das aguadas - que são o seu lugar predileto. Está ameaçada de extinção devido à caça³⁸.

O fato de os migrantes terem tido maior contato com a *onça* se comprova ainda nos relatos de experiência pessoal, em que quatorze (V1 M, V2 F, V3 M, V4 F, SC5 F, SC6 F, SC7 F, SC8 F, S13 F, S14 F, S15 M, C17 M, C19 F e C20 F) dos vinte pioneiros entrevistados teceram narrativas sobre este animal no início da colonização nos anos 70 do século XX, dentre elas destaco fragmentos, abaixo, das mais inusitadas:

Aconteceu de nós chegá na estrada e tinha uma **onça** assim parada na estrada e até um dia, em dois, nós falamos *vamo vê se ela corre* e nós corremos atrás e ela correu. (V3 M).

Primeira noite que chegaram lá as **onça** urravam em roda do barraco deles, né. Daí no outro dia que soltaram as motosserra ali dentro, as três motosserra, diz que desapareceu as *onça*, não escutava mais uma *onça*. (SC7 F).

Nóis matô uma **onça** bem ali na mangueira (gesto), outra bem ali, bem atraiz da torre, ali oh (gesto)! Aí eu sei que eu ficava trancada no barraco e as *onça* raspando as parede, tu acredita? Eu morria de medo. (SC8 F).

Os cachorro mesmo, a casa era de soalho, né, e muitas vez os cachorro não saía debaixo da ... a **onça** tentô umas par de vez vim pegá o cachorro debaixo da casa, porque a *onça* perseguia, persegue o cachorro, e um dia, ao anoitecê, a *onça* saiu atrás de um cachorro e o cachorro veio e se botô debaixo da casa e nós tava numa arinha na frente assim, na boca da noite, aí a *onça*, quando se deu com nós, ela voltô e o cachorro escapô debaixo da casa. (C17 M).

Este item lexical registra-se, também, nos dados coletados, ao lado de outros itens concorrentes, como *fera*, *leopardo*, *onça-pintada* e *tigre*, falados na cidade de Sinop. No município de Vera há *onça-pintada* e *tigre*. Em Cláudia, *jaguar*, *onça-parda*, *onça-pintada*, *pintada* e *tigre*. E em Santa Carmem localiza-se *onça-pintada*. Desse

³⁸WEB CIÊNCIA. **Onça pintada**. Disponível em http://www.webciencia.com/14_oncapinta.htm. Acessado em 05 de set. às 11h e 40min.

modo, além de *onça*, há o item lexical composto *onça-pintada*, com dez ocorrências, propagado em todos os municípios. Saliento ainda que o item de procedência indígena, *jaguar*, foi proferido apenas por um sujeito, acima de 50 anos, da cidade de Cláudia.

A norma de uso do item lexical *onça*, que, em conformidade com os resultados apreendidos, mostra-se em descenso entre o conjunto de descendentes e as novas gerações, todavia, apresenta, como vimos, um continuísmo semântico, o que reforça o âmbito desta utilização linguística na comunidade em foco, desde que mais ações, como a que propõe a **conservação** de animais selvagens através do ecoturismo, lançada pelo *Projeto Onçafari*³⁹, surjam e tenham êxito no resgate deste espécime da extinção que ora se acena.

4.4.26 O item lexical *biscateiro*: apontamentos sócio-semântico-lexicais

O item lexical *biscateiro*, variante morfológica de *biscate/biscato*, a qual, segundo Houaiss (2004, p.461), é provavelmente ligada a *b(e/i)sco* e que descenderia do latim *vescus*, foi localizado como entrada em apenas dois dos seis dicionários pesquisados, no Aurélio (1986) e no Aulete Digital. Já *biscato* registra-se nos quatro dicionários gerais, em Bluteau (1712), em Pinto (1832), no Aurélio (1986) e no Aulete Digital, como se pode ver abaixo:

Dicionário	Vocabulário Portuguez & Latino - D. R. Bluteau (1712)	Diccionario da Língua Brasileira – Luiz M. da S. O. P. Pinto (1832)	Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986)	Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa – (Aulete Digital)	Dicionário Gaúcho Brasileiro – João A. Bossle (2003)	Dicionário do Nordeste – Fred Navarro (2004)
Entrada						
BISCATEIRO	(BISCATO OU BICATO) O comer, ou ciballo, que levão os paffaros no bico aos filhinhos. (p.127)	(BISCATO) Fragmento. Propriamente he o que a ave apanha com o bico, e leva ás crias. (p. 155)	1-Bras. Aquele que faz biscates ou vive deles; biscateador. (BISCATO) O que as aves levam no bico para os filhos comerem. (p.262)	1- Pessoa que faz biscates, ou que vive de biscates. (BISCATO) Migalha de alimento que as aves trazem para o ninho para darem aos filhos.	_____	_____

Quadro 19: Reflexões analíticas sobre o item lexical *biscateiro*.

Fonte: Pesquisa direta.

³⁹Este projeto tem como objetivo estimular o ecoturismo, em especial o turismo de avistamento de animais, no Pantanal. Ele faz parte de uma série de ações para contribuir com o desenvolvimento sustentável do Pantanal. Maiores informações podem ser obtidas no site <http://wconservation.com/>.

De acordo com as informações do quadro acima, é possível inferir que o surgimento da variante morfológica de *biscato*, *biscateiro*, tenha ocorrido durante ou após o século XIX. Com relação aos sentidos trazidos pelos lexicógrafos, nos dois dicionários em que o item lexical *biscateiro* se encontra registrado, constata-se que estes não correspondem aos propostos pelo conceito da questão 92 de meu QSL: *...passarinho pequeno que tem um canto inconfundível, semelhante com “frifü”, que ecoa nas florestas de nossa região, mas que dificilmente se consegue enxergar*. Todavia, não se pode desconsiderar que o significado de *biscato*, impresso nos quatro dicionários gerais, esboça matizes de semelhança ao enunciado conceitual de 92 quando se refere ao alimento que os pássaros distribuem às suas crias.

Ainda assim, pode-se afirmar que há um deslocamento de sentido para este item neste contexto sócio-histórico e geográfico regional, pois se trata de uma alteração semântica, visto que *biscateiro* imprime, na região norte de Mato Grosso, acepções peculiares e com particularidades pertencentes a esta região em estudo.

Para se compreender o contexto de significação que se evoca para o item lexical *biscateiro* neste espaço integrante da Amazônia, vale conferir a lenda Tapirapé⁴⁰ contada por Ana Cavalcante:

Conta a lenda que o biscateiro nasceu índio, na tribo dos Tapirapés, habitando às margens do Rio Tapirapé, bem pertinho do Araguaia. Foi o índio mais lindo já nascido naquela tribo. Admirado reverenciado por todos devido a sua beleza, cresceu malandro e preguiçoso. Seu passatempo preferido era assobiar para as mulheres e conseguir sua atenção.

Os homens da aldeia começaram a ficar incomodados e enciumados. Saíam para caçar e o Biscateiro não ia junto. Ficava na aldeia, com as mulheres que lhe cortejavam. Um dia, quando não aguentavam mais a situação, resolveram reunir o conselho dos homens para discutir o que fazer com o Biscateiro e chamaram o Pajé.

A primeira sugestão do Pajé foi transformá-lo em um Caetetu ou um veado. Um índio argumentou:

- Não podemos fazer isso, ele é nosso irmão. Se for transformado em um animal desses poderá ser morto por algum caçador.
- Podemos transformá-lo em uma cobra ou em um jacaré!

⁴⁰Os Tapirapé constituem um povo Tupi-Guarani habitante da região da serra do Urubu Branco, no Mato Grosso. Em decorrência do contato com as frentes de expansão, a partir de meados do século XX, sofreram intensa depopulação, período em que estreitaram suas relações com grupos Karajá, até então seus inimigos. Depois de terem seu território tradicional ocupado por fazendas de agropecuária, na década de 1990 conseguiram reconhecimento oficial de duas TIs, sendo uma delas coabitada pelos Karajá. Mas na TI Urubu Branco ainda enfrentam problemas fundiários, em razão de invasões de fazendeiros e garimpeiros. Maiores informações disponíveis no site <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/tapirape/print>.

Os outros acharam que esta também não era a melhor solução, pois o biscateiro poderia morder alguém da tribo.

Não tendo mais saída, o Pajé sugeriu:

- Então vamos transformá-lo em um pássaro. Será um pássaro pequeno para não servir de alimento, terá penas pouco coloridas que não servirão para enfeites e será difícil de ser visto, confundindo-se com a folhagem da mata. Dessa forma nosso irmão viverá feliz, livre na mata e não nos incomodará mais cortejando nossas mulheres. Assim reuniram toda a aldeia em grande festa e num ritual mágico o índio Biscateiro foi transformado em pássaro.

Saiu voando e escondeu-se na mata. Mas não adiantou muito, Mesmo pássaro, até hoje continua assobiando para as mulheres. Não pode ouvir um movimento na mata que dispare seu assobio.

Notas:

1 - Biscateiro ou Peito-de-aço é como o *Lipaugus vociferans* é chamado em Mato Grosso, na região de mata amazônica.

2 – Biscate – No sertão de Mato Grosso, biscate é sinônimo de prostituta, mulher leviana, que dá atenção aos assobios dos homens⁴¹.

Dessa maneira, independentemente da existência ou não do personagem lendário descrito na tradição popular dos tapirapé, o fato é que é este sentido que circula no solo norte mato-grossense para esta espécie de pássaro em que machos em estado de acasalamento “se reúnem e defendem um território razoável se fazendo notar pela fêmea através de sinais visuais, acústicos ou olfatórios elaborados” (OLIVEIRA, 2007, p. 2). Destaca-se que estes sinais acústicos se assemelham aos assobios humanos, portanto, à associação do pássaro que “até hoje continua assobiando para as mulheres” e ainda, tenuemente, ao significado da nota 2 de Cavalcante “mulher leviana, que dá atenção aos assobios dos homens”.

Constatações estas evidenciadas também na materialidade enunciativa de relatos de experiência pessoal: “escutava só aqueles **biscateiro** *fio, fio, fio, fio*” (SC6 F) e “biscateiro, né, é o que você anda e te acompanha na beira do mato o tempo inteiro assoviando, é o tal do **biscateiro**, tinha bastante, até hoje tem.” (S10 M).

4.4.26.1 A distribuição do item lexical *biscateiro* pelos pontos de inquérito

Histograma 19: Biscateiro (vinte e seis ocorrências).

⁴¹CAVALCANTE, Ana. **Biscateiro**. Fórum Wikiaves. Disponível em <http://www.wikiaves.com.br/forum/archive/index.php/thread-1248.html>. Acessado em 07 de set. de 2012, às 18h.

De acordo com o Histograma 19, o item lexical *biscateiro* é encontrado nos quatro pontos de inquérito pesquisados e foi falado vinte e seis vezes pelos sujeitos. A distribuição deste item ocorreu da seguinte maneira: na cidade de Sinop, cinco sujeitos acima de 50 anos o utilizaram, quatro homens e uma mulher, entre os jovens, de 18 a 40 anos, dois rapazes e uma moça o trouxeram como resposta; na cidade de Vera, dois homens e uma mulher com mais de 50 anos e dois rapazes, de 18 a 40 anos, mencionaram este item lexical em análise; em Cláudia, um homem e duas mulheres com mais de 50 anos e todos os quatro jovens entrevistados, de 18 a 40 anos, responderam *biscateiro*; e, em Santa Carmem, dois homens e duas mulheres com mais de 50 anos, bem como um casal de jovens, de 18 a 40 anos, aludiram a este item.

Dessa forma, como já salientado no item 4.4.9, há um número maior de respostas dadas pelos sujeitos acima de 50 anos, quinze, *versus* onze de sujeitos entrevistados jovens, de 18 a 40 anos, dentre os quais sete são rapazes e quatro são moças. Observa-se, inclusive, que no município de Vera nenhuma jovem assinalou este item lexical em seu corpo responsivo. Outro fato a ser considerado nos dados é o grande número de não-respostas, visto que treze respondentes não souberam atribuir nenhuma resposta à questão 92; e, como já constatado, desta quantificação numérica, somente quatro são de sujeitos acima de 50 anos, todas as demais não-respostas são de jovens, de 18 a 40 anos.

Ressalta-se, então, que, o fato de *biscateiro*, de acordo com os dados apontados, estar sendo utilizado em menor proporção pelos jovens, de 18 a 40 anos, pode ser indício de descontinuidade de uso deste item na comunidade linguística em estudo. Uma das razões para tal fato remete à degradação de seu ambiente natural, ou seja, da floresta amazônica, o que tem levado à diminuição de suas populações e, consequentemente, esvaziado o espaço de seu canto e tornado a sua observação ainda mais difícil.

O item lexical *biscateiro* registrou-se, também, ao lado de outros dois itens, *biscate*, falado tão somente por um homem, acima de 50 anos, de Cláudia, e *tiziu*, expresso por um homem, acima de 50 anos, do município de Sinop.

Assim, de acordo com os resultados apreendidos, o item *biscateiro* exhibe, além de uma alteração semântica peculiar à região em estudo, conforme constatado acima pelos registros conceituais trazidos pelos lexicógrafos, um descenso de utilização no contexto linguístico da comunidade norte mato-grossense.

Compreende-se, desse modo, que a continuidade deste uso lexical pode estar comprometida, pois, conforme estudos que se têm feito desta espécie de pássaro na Amazônia, ainda não se conhece os requisitos mínimos para a sua sobrevivência.

Segundo Oliveira:

O *Lipaugus vociferans* é um autêntico representante da fauna da floresta amazônica e apesar de ser abundante pouco se conhece sobre seu canto e sobre seu comportamento. Não se sabe até que ponto a degradação de seu ambiente natural pode influenciar no seu canto e no seu comportamento, ou se há padrões comportamentais distintos em função das diferentes localidades na sua área de distribuição na Amazônia. Por ser uma espécie frugívora necessita de grandes áreas de floresta com árvores em frutificação para manutenção de uma população geneticamente viável. [...] Assim, a qualidade do habitat vai determinar a presença deste cotingídeo. (OLIVEIRA, 2007, p. 2).

Portanto, o âmbito de uso linguístico do item lexical *biscateiro* na comunidade em foco está diretamente ligado aos efeitos dos contextos socioambientais, uma vez que, segundo Assis (2010), os padrões de comportamento variantes em função do tempo e do espaço começam a ser entendidos como parte da evolução da sociedade e da linguagem.

4.4.27 O item lexical *paca*: apontamentos sócio-semântico-lexicais

Para se compreender o contexto etimológico do item lexical *paca*, convém observar os seguintes apontamentos de Miranda:

A paca tem um nome curioso. O verbo *paka* em tupi significa acordar e evoca o animal sempre desperto, sempre atento. A paca passa a noite acordada, ativa e vigilante. Os cientistas gostaram e chamaram o animal de *Agouti paca*. Apesar da carne succulenta, o nome da espécie não agregou nenhum qualitativo em latim do tipo *esculentus*. Nomear a natureza é sempre um processo cultural. Às vezes, os cientistas falam como os índios, mas de outro jeito, com outras palavras. (MIRANDA, 2004, p.32).

Este contexto diacrônico relacionado ao item *paca* nos leva ao tempo das “descobertas” do Novo Mundo, fato este que se confirma também por Smythe e Brown:

Cuando los españoles llegaron al Nuevo Mundo, los que estaban interesados em los animales se encontraron con una innumerable lista de especies que no habían visto jamás. La mayoría de ellos no tenían ni el mínimo conocimiento de la clasificación biológica. De tal forma, adoptaron los nombres nativos, o le ponían a los nuevos animales los nombres de las especies más parecidas del Viejo Continente. (SMYTHE; BROWN, 1995, p.7).

No quadro abaixo, *paca*, com o sentido proposto pelo conceito da questão 99 de meu QSL *...roedor noturno encontrado geralmente perto de rios, com cerca de 70 cm de comprimento e até 13 Kg, de pelagem castanha com listras claras e cauda muito curta*, se encontra, ainda que de forma genérica, como entrada em todos os quatro dicionários gerais pesquisados, em Bluteau (1712), em Pinto (1832), no Aurélio (1986) e no Aulete Digital:

Dicionário	Vocabulário Portuguez & Latino - D. R. Bluteau (1712)	Diccionario da Língua Brasileira – Luiz M. da S. O. P. Pinto (1832)	Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986)	Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa – (Aulete Digital)	Dicionário Gaúcho Brasileiro – João A. Bossle (2003)	Dicionário do Nordeste – Fred Navarro (2004)
Entrada						

PACA	Animal do Brafil. He huma especie de coelho, do tamanho de mariãa, & grunhe quali como porco. Tem lombos largos, orelhas fem pelo, ventas largas, barba de gato, os pes mais altos que as mãos, a barriga branca, & nas ilhargas malhas cinzentas. A carne delle animal he gorda, & excelente, por ifto os Portuguezes lhe chamão, Caça real. (p.169)	(PÁCA) [com o primeiro à aberto] Animal do Brasil. (p.774)	1- Bras. Mamífero roedor, da família dos cuniculídeos, distribuído por quase toda a região cisandina, de dorso escuro e lustroso, lados do corpo com três a cinco listras longitudinais irregulares, brancas, ventre branco e cauda reduzida a um tubérculo nu. Vive sempre perto da água, onde busca refúgio quando perseguido. (p. 1243)	1- Bras. Zool. Roedor noturno (Agouti paca), da fam. dos dasiproctídeos, encontrado do México ao sul do Brasil, ger. perto de rios, de pelagem castanha com listras claras e cauda muito curta.		
-------------	---	--	--	---	--	--

Quadro 20: Reflexões analíticas sobre o item lexical *paca*.

Fonte: Pesquisa direta.

Dessa forma, pode-se afirmar que há, no norte de Mato Grosso, uma continuidade semântica de uso do item lexical *paca*, visto que os significados dicionarizados transpostos no quadro acima se mantêm e se proliferam como norma nesta extensão geográfica em que se desenvolve esta pesquisa.

4.4.27.1 A distribuição do item lexical *paca* pelos pontos de inquérito

Histograma 20: Paca (trinta e nove ocorrências).

De acordo com o Histograma 20, o item lexical *paca* é encontrado nos quatro pontos de inquérito pesquisados e foi falado trinta e nove vezes pelos entrevistados. Destaca-se, assim, que, conforme já acentuado no item 4.4.16, apenas um sujeito não trouxe este item como resposta à pergunta 99, mais especificamente uma jovem, de 18 a 40 anos, do município de Sinop.

Essa norma de uso do item lexical *paca*, que se mantém ainda entre os filhos e netos dos migrantes, se justifica não só porque a *Agouti paca* é comum na região amazônica, mas, fundamentalmente, porque as famílias pioneiras ao não disporem de carne de gado, devido a não existência bovina neste espaço geográfico no início da colonização, tornaram-se exímias caçadoras e pescadoras para suprirem as suas necessidades alimentícias imediatas. A falta de carne de gado no princípio das atividades de desbravamento da região foi relatada por vários entrevistados, dentre estes relatos apresento as seguintes passagens:

Ih, carne não tinha, não tinha criação, não tinha nada. (V2 F).

Carne nós buscava no mato. (V3 M).

[...] aí só tinha carne de bicho, né, até começá criá galinha, porco, as coisa, só carne de bicho. Mas até hoje em dia não posso nem vê mais carne de bicho, não como nada, nada posso fazê. (V4 F).

Carne, carne não. Nós ia caçá no mato. Porque esse meu vizinho mesmo, esse Marcos que eu falo, ele passava à noite no mato. (SC5 F).

É, era só carne de bicho, peixe, bicho [...] o Olmiro caçava, toda à noite ele saía e caçava. [...] É, era o único recurso, né. (SC7 F).

Não, não existia; existia algum que tinha, mas quem trazia, trazia pra criá; não trazia pra matá e comê, porque aqui no começo comê da carne de gado era um problema, né, verdura, fruta não tinha, só vinha de Cuiabá pra cá, mas era uma coisa cara, né, não era pra qualquer um comê na época. (S10 M).

[...] era peixe e caça, porque não tinha carne de boi assim; não tinha; (S13 F).

Eu não lembro daonde que vinha, devia ter os gado de Nobres decerto, né, aqui não tinha, aqui não tinha nada ainda. Vinha de fora, né. (S14 F).

[...] Não tinha, né, açogue de carne, né. Às vez passava noventa dias sem tê carne. [...] Mas também só carne de caça não... e pexe, pexe, naquela época tinha bastante pexe, jacaré. (C17 M).

Não tinha carne, você chegava ali era só carne de animal, de bicho. (C20 F).

Neste contexto de privações, as frequentes caçadas e seus caçadores davam preferência aos pequenos animais, tais como “tatu, cotia, viado... (SC7 F)”, e, dentre eles, havia predileção pela ‘saborosa’ carne da *paca*, como se pode ver nos fragmentos abaixo:

[...] meu marido sempre caçava, sim. Mas eu não era de comê carne de caça não, eu nunca gostei, a carne que eu comia era só carne de paca. (V2 F).

Não tem muitas aventuras não, só, só das caçada mesmo, que eles caçava e ficava de noite. Vinha com aquelas paca pra gente limpá, era gostoso. (SC8 F).

Ah! Caçava! Caçava bastante porque era o único jeito. Era divertimento, aí era caça ou pesca. E aproveitava na caça comê uma carne fresca, que era o único jeito de comê uma carne fresca, né. Aí não tinha muié dizê *eu não gosto de carne*. Hoje, *ah, eu não como carne de paca*, mas na época eu tenho certeza que você ia comê e ia gostá, porque a falta era tanta! (S12 M).

De forma curiosa, *paca* apresenta nos dados coletados itens concorrentes apenas na cidade de Sinop, os quais são, respectivamente, *paquinha*, *rato-do-mato* e *rato-do-pântano*.

De acordo com os resultados apreendidos, *paca* exhibe não só continuísmo semântico, como também se encontra vigorosa dentre as escolhas lexicais utilizadas no norte de Mato Grosso. E, ainda que a comercialização e abate deste espécime continua sendo feito indiscriminadamente e ilegalmente, o que diminui sua população nas matas amazônicas, contudo, faz-se ressurgir as esperanças de proliferação deste animal com o estímulo que se tem dado à sua criação em cativeiro, tal como acentuam Guimarães *et al.*:

Para fortalecer o consumo de proteína animal, na Amazônia, propõe-se a criação em cativeiro como um sistema de uso racional das espécies da fauna silvestre, que é uma proposta admissível principalmente para as espécies mais consumidas pela comunidade da região. [...] Uma das espécies que pode ser utilizada para a domesticação é a *Agouti* paca, dado a grande demanda por sua carne. (GUIMARÃES *et al.*, 2008, p.2).

Portanto, o âmbito de uso linguístico do item lexical *paca* na comunidade em foco evidencia continuísmo deste sentido lexical, ao menos para as próximas subsequentes gerações deste espaço amazônico.

4.4.28 O item lexical *cupim*: apontamentos sócio-semântico-lexicais

A constituição etimológica do item lexical *cupim* é mais um exemplo da constatação de Miranda (2004, p.32) de que “nomear a natureza é sempre um processo cultural”. Assim, ressalta-se que no contexto brasileiro o batismo de *cupim* se deve ao tupi-guarani *kupi'i*, distintamente de seus sinônimos novilatinos, *termes* e *térmita* no

espanhol, *termite* no italiano e no francês e *térmita* no português europeu, todos eles descendentes do latim *termes/termitis*.

É ainda importante observar que:

Os cupins existem na Terra há muito mais tempo que o próprio homem. Restos fossilizados destes insetos já foram encontrados em formações geológicas datadas de 55 milhões de anos. Durante todo este período, os cupins têm desempenhado um papel fundamental na natureza, na decomposição de matéria orgânica, contribuindo para a incorporação de nutrientes e fertilidade do solo. No entanto, desde que o homem começou a construir habitações e outras estruturas de madeira, é que se conhecem os danos causados por este inseto. A própria denominação "cupim" é mais antiga que o Brasil, tendo sua origem na língua Tupi e significando "montículo", em referência ao formato do ninho de uma determinada espécie de cupim encontrado no interior do Brasil. É interessante frisar, porém, que existem muitas espécies de cupins e sua fonte de alimento pode variar bastante - existem cupins que comem raízes de plantas ou fungos, por exemplo. Assim, é importante saber identificar a espécie a ser controlada, diferenciando cupins que não causam prejuízos ao homem (úteis na manutenção da cadeia alimentar na natureza) dos cupins que causam danos ao patrimônio privado, histórico ou cultural do homem⁴².

No quadro abaixo, *cupim*, com o sentido proposto pelo conceito da questão 102 de meu QSL *...pequenos insetos que constroem ninhos geralmente bem visíveis e que podem se tornar pragas por destruírem construções e móveis de madeira*, se encontra como entrada em dois dos quatro dicionários gerais pesquisados, no Aurélio (1986) e no Aulete Digital, bem como em um dos dois dicionários regionais, em Bossle (2003). Vale observar que o Aulete Digital traz como sinonímia para *cupim* os itens lexicais neolatinos, *térmita* e *térmita*, já Bossle apresenta o sinônimo *tacuru*, que também é oriundo do tupi, como se pode ver abaixo:

Dicionário	Vocabulário Portuguez & Latino - D. R. Bluteau (1712)	Diccionario da Língua Brasileira – Luiz M. da S. O. P. Pinto (1832)	Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986)	Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa – (Aulete Digital)	Dicionário Gaúcho Brasileiro – João A. Bossle (2003)	Dicionário do Nordeste – Fred Navarro (2004)
Entrada						

⁴²DOW AGROSCIENCES. Sentricon Brasil. **Centro de Informações sobre Cupins**. Disponível em <http://www.dowagro.com/br/sentricon/cupins/index.htm>. Acessado em 08 de set. de 2012, às 15h e 28min.

CUPIM			1- Designação comum aos insetos da ordem dos isópteros. São sociais, vivendo em comunidades geralmente populosas, formadas por indivíduos ápteros e alados; constroem cupinzeiros na madeira ou no solo. (p.510)	1- Zool. Denominação comum aos insetos da ordem dos isópteros, sociais que se alimentam de matéria vegetal; TÉRMITA; TÉRMITE. [Muitas spp. podem se tornar pragas por destruir construções e móveis de madeira além de livros.]	2- Nome dos montículos de terra em que vivem os cupins; ninho do cupim; cupinzeiro, tacuru. (Do guar. <i>kupi'i</i> .) (p.178)	
-------	--	--	--	---	--	--

Quadro 21: Reflexões analíticas sobre o item lexical *cupim*.

Fonte: Pesquisa direta.

Conforme o quadro acima, se pode inferir que a difusão do item lexical *cupim* se acentua apenas no século XX. Desde então há uma continuidade semântica de *cupim*, item este que, inclusive, se encontra em um amplo contexto normativo de uso na região norte de Mato Grosso, visto que todos os sujeitos entrevistados o trouxeram, sem nenhuma menção a outra variante, como resposta à pergunta 102.

4.4.28.1 A distribuição do item lexical *cupim* pelos pontos de inquérito

Histograma 21: Cupim (quarenta ocorrências).

Segundo o Histograma 21, o item lexical *cupim* é encontrado nas quatro cidades pesquisadas e foi falado quarenta vezes pelos respondentes, o que evidencia, como já enaltecido, que todos os sujeitos entrevistados apresentaram *cupim* em seu corpo responsivo; sendo este item, inclusive, o único registro de resposta para a questão 102.

Esse amplo uso normativo do item lexical *cupim*, tanto pelos migrantes quanto por suas gerações descendentes, se justifica, fundamentalmente, porque a espécie *cornitermes cumulans*, ou popularmente conhecida como *cupim de montículo*, é, dentre as espécies existentes, a mais comum no espaço geográfico da pesquisa, pois, segundo Camões (2010, p.1), “a demanda por um aumento na produtividade da bovinocultura tem levado os pecuaristas a utilizarem, demasiadamente, suas pastagens de forma desordenada, levando a uma degradação que é detectada pela presença de cupinzeiros de montículos”.

Esse autor ainda pontua que:

Os prejuízos em certos casos são consideráveis, quando em locais com grande ocorrência, se reduz a área utilizável da pastagem, dificultam a mecanização, além de danificar construções de madeiras (mourões de cercas e cochos), sendo alguns dessas térmitas consumidores de partes de plantas. [...] Também há a preocupação com a estética da propriedade, pois transmitem uma imagem de terras de baixa fertilidade e abandonadas. (CAMÕES, 2010, p.2).

Ressalta-se que o cenário “estético” evocado pelos ninhos desse espécime de *cupim* espalha uma gradação de matizes e mesclas de tons impossíveis de serem despercebidas ao olhar do norte mato-grossense, visto que “são montes de forma aproximadamente cilíndrica que podem atingir até nove metros de altura. São feitos de uma pasta de terra, fragmentos de madeira, excrementos e saliva produzida pelas próprias térmitas⁴³”. A foto a seguir representa uma pequena amostra da paisagem comum neste espaço geográfico:

⁴³CUPIM-CUPINS. **O que é cupim?** Postado em 08 de fev. de 2010, às 1h e 41min. Disponível em <http://www.cupim-cupins.com/tag/termite/page/2/>. Acessado em 08 de set. de 2012, às 17h e 26min.

Fotografia 15: Cupim de montículo.

Fonte: Neusa Inês Philippsen, Acervo Particular, mai. de 2007.

De acordo com os resultados apreendidos, portanto, *cupim* exhibe não só continuidade semântica, como também se encontra vigorosa dentre as escolhas lexicais utilizadas no norte de Mato Grosso. Fato este que se encontra em consonância com o que preconiza Lima-Hernandes (2005) ao se referir sobre as opções linguísticas de uma comunidade, acentuando que as várias camadas etárias compreendem-se e comungam das mesmas escolhas lexicais porque integram um mesmo espaço e um mesmo tempo.

4.4.29 O item lexical *porvinha*: apontamentos sócio-semântico-lexicais

O item lexical *porvinha*, variante fonética e morfológica de *pólvora*, esta que provém do latim *pulvera*, não foi localizado como entrada em nenhum dos seis dicionários pesquisados, conforme se pode ver abaixo:

Dicionário	Vocabulário Portuguez & Latino - D. R. Bluteau (1712)	Diccionario da Língua Brasileira – Luiz M. da S. O. P. Pinto (1832)	Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986)	Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa – (Aulete Digital)	Dicionário Gaúcho Brasileiro – João A. Bossle (2003)	Dicionário do Nordeste – Fred Navarro (2004)
Entrada						

PORVINHA	_____	_____	_____	_____	(BORRACHUDO) Zool. Espécie de mosquito que ataca em bando, durante o dia. (p.90) (MICUIM) Zool. Nome de um pequenino inseto parasita, quase invisível, que vive nos arbustos e nos gramados e ataca homens e animais, produzindo comichão incômoda. (Do tupi.) (p.336)	(MARUIM/MARUINS) Do tupi 'mberu'i' (mosca pequena). Insetos de 1mm a 2mm, cujas fêmeas são hematófagas. Atacam em massa ao amanhecer e ao entardecer, de preferência nos mangues e margens dos rios. Transmitem filariose e têm vários nomes no país: meruí, meruim, maringuim, mosquito-do-mangue, mosquito-palha, catuquim, bembé, mosquito-pólvora. O <i>Dicionário Aurélio</i> não registra as palavras como originárias do Nordeste, mas quase ninguém as conhece fora da região. (p. 228-229)
----------	-------	-------	-------	-------	---	--

Quadro 22: Reflexões analíticas sobre o item lexical *porvinha*.

Fonte: Pesquisa direta.

Todavia, segundo o quadro acima, a sinonímia *maruim*, de origem tupi, é encontrada no Dicionário do Nordeste (2004), com o sentido proposto pelo conceito da questão 104 de meu QSL *...aquele insetozinho bem pequeninho, que parece um pontinho preto e faz um risco quando se passa a mão e que geralmente, durante o dia, ataca da altura do joelho pra baixo e dá muita ardência*. É importante observar, ainda, que o Dicionário Gaúcho Brasileiro (2003) traz as entradas *borrachudo* e *micuim*, ambas citadas também por sujeitos como respostas a esta pergunta.

Estas constatações evidenciadas pelos registros nos dicionários regionais podem auxiliar na explicação da confusão de interpretação semântica, que já apontei no item 4.4.21, visto que na região sul do país conhece-se o “mosquito” *borrachudo* e o “pequenino inseto” *micuim*, enquanto no nordeste é comum a “mosca pequena” *maruim*, também chamada de *mosquito-pólvora*. Assim, a mistura desordenada de itens lexicais que foram atribuídos ao conceito de 104 está diretamente relacionada à mescla regional que compõe o todo da comunidade linguística norte mato-grossense.

Esse misto de escolhas lexicais também pode ser observado no relato de experiência pessoal do pioneiro de Sinop, S12 M, proveniente antes da migração de

Salete/SC, ao narrar sobre as dificuldades enfrentadas no início da colonização, como se pode ver no seguinte fragmento:

No Teles Pires, você já teve no Teles Pires? Você não parava assim como você tá, cinco minutos, mas nem querendo, né, forçado, de tanto **polvinha** que tinha. Polvinha é um mosquitinho, bichinho. Como é que chama, outro nome... Lá em Juruena chama o **pium**. Pium. É um mosquitinho, você não vê de pequenininho que é, mas ele era doido. É miudinho, mas você passa a mão assim quase não sente. [...] Ainda tem pium, só que agora é 10 % do que tinha, mas tem. Deixa manchinha vermelha. Aquilo virava um vermelhão só de tanto que tinha; demais, demais. Eu achei que isso nunca ia acabá e hoje tem pouquinho, tem dia que tem, tem dia que não tem. Mas era desse jeito que tinha na época. Era complicado. Você tinha que vesti uma camisa de manga comprida, se protegê por tudo, porque senão você não aguentava, mesmo que tomava uns goró meio forçado pra aguentá o tranco. Risos...

Para enaltecer ainda mais este estado de confusão que apreendi em meus dados, vale conferir, abaixo, a conceituação do *Simulium pertinax*, popularmente conhecido por *borrachudo*, apresentada por uma empresa prestadora de serviço paulista:

Os **borrachudos ou pium** são dípteros pertencentes à família Simuliidae. Em muitos lugares eles impressionam pela grande quantidade e pela picada, que pode causar alergia. São pequenos, semelhantes a pequenas moscas, ocorrendo no Brasil cerca de 40 a 50 espécies⁴⁴. (grifos meus).

Dessa forma, de acordo com os resultados evidenciados, especificamente com relação ao item lexical *porvinha*, verifica-se que há um deslocamento de sentido para este item neste contexto sócio-histórico e geográfico regional. Assim, se pode afirmar que se trata de uma inovação semântica, visto que *porvinha* imprime, na região norte de Mato Grosso, acepções peculiares e com particularidades pertencentes a esta região em estudo.

Ressalta-se, ainda, que, conforme estes resultados obtidos dos dados, é possível asseverar que o item lexical *porvinha*, além de apresentar peculiaridades de sentido inerentes a este espaço integrante da Amazônia, tem uma proximidade maior aos sinônimos propalados na região nordeste do Brasil, tendo sido, contudo, absorvido, agregado ao corpo lexical e por isso propagado pelos migrantes das regiões sul e sudeste do Brasil ao lado de seus itens regionais.

⁴⁴ ALPHA SERVICE CONTROL. **Borrachudo.** Disponível em <http://www.alphaservicecontrol.com.br/borrachudo.html>. Acessado em 10 de set. de 2012, às 11h e 05min.

4.4.29.1 A distribuição do item lexical *porvinha* pelos pontos de inquérito

Histograma 22: Porvinha (quatorze ocorrências).

Segundo o Histograma 22, o item lexical *porvinha* localiza-se nas quatro cidades pesquisadas e foi falado quatorze vezes pelos sujeitos. A distribuição deste item ocorreu da seguinte forma: na cidade de Sinop, apenas três sujeitos masculinos acima de 50 anos o utilizaram; na cidade de Vera, tão somente uma jovem, de 18 a 40 anos, mencionou este item lexical em análise; em Cláudia, um homem com mais de 50 anos respondeu *porvinha* e três jovens, de 18 a 40 anos, dois rapazes e uma moça; em Santa Carmem, dois homens e uma mulher com mais de 50 anos, bem como um rapaz e duas moças, de 18 a 40 anos, aludiram a este item. Portanto, como já enfatizado, há um número maior de respostas dadas pelos sujeitos masculinos, nove, *versus* cinco entre os femininos.

Destaca-se, como estamos diante de um item lexical que apresenta inovação semântica, conforme visto acima, que tal item encontra-se em efetivo uso na comunidade linguística em análise, fundamentalmente porque há uma equidade quantitativa entre as respostas de sujeitos acima de 50 anos e entre as dos jovens, de 18 a 40 anos, sete para ambos, o que pode ser indício também de incorporação ao léxico local e de continuidade. No entanto, é válido salientar que o maior uso normativo se deu na cidade de Santa Carmem, em que seis dos oito entrevistados atribuiu *porvinha* como resposta à questão 104.

Reitera-se que este item lexical registrou-se ao lado de outros itens, tais como, *borrachudo*, *cuminzinho*, *maruim*, *micuim*, *micuinzinho*, *mosquitinho*, *pium*, *polvinha*, *pôlvinha*, e *pulga*, na cidade de Sinop. No município de Vera há *borrachudinho*, *borrachudo*, *micuim*, *mosquitinho*, e *polvinha*. Em Cláudia, *birigui*, *micuim*, *polvinha*, *porva*, *porvazinha* e *pulga*. E em Santa Carmem aparecem, como concorrentes, *micuim*, *mocuim*, *muriçoca*, *polvinha*, e *purga*. Dessa forma, além de *porvinha*, há ainda *micuim* e a variante fonética *polvinha* disseminados igualmente em todos os municípios, respectivamente, com quatorze e cinco ocorrências.

Portanto, de acordo com os resultados apreendidos, a inovação semântico-lexical, que se instaurou no norte mato-grossense, relativa ao item *porvinha*, pode estar ligada à tendência de mudanças previsíveis na língua, também denominadas de *deriva*, ou seja,

em princípio, todas as línguas têm uma tendência imanente à mudança que foi denominada por Sapir como *drift* (port. *deriva*). Tal mudança pode ser provocada (*trigger effect*) ou fomentada, em casos particulares, por fatores externos, como isolamento, contato linguístico e migração. (DIETRICH e NOLL, 2010, p. 86).

Assim, se pode afirmar que as inovações e alterações que se imprimem no léxico da comunidade linguística norte mato-grossense, mais especificamente das quatro cidades em análise que integram os solos amazônicos, consistem na junção de todos os idioletos trazidos pelos migrantes de seus Estados de origem. Dessa maneira, é por meio da investigação da desterritorialização de sujeitos e, consequentemente, de sentidos, que se pode compreender, conforme nos orienta Orlandi (2002), a história da constituição da língua, e, a partir do conhecimento a respeito dela, se pode observar a história do país.

4.5 Ciclos da Vida

A quinta área semântica desta pesquisa sócio-semântico-lexical abrange cinco conceitos/perguntas que procuram retratar fases da vida humana pelas quais necessariamente passam os indivíduos durante a sua existência. Basicamente há um ciclo de vida que compreende o nascimento, o período pré-reprodutivo, o reprodutivo, o pós-reprodutivo e a morte. Nesta área, deste estudo, não serão contempladas as duas últimas fases.

Os temas assinalados nas questões enunciativas, enumeradas de 107 a 111, foram, consecutivamente: moleque/molecão/menino/menininho/guri, menina, pi lazada/molecada, barriguda/muié grávida e parir/ter nenê.

Os dados reunidos na área Ciclos da Vida e os subsequentes procedimentos analíticos por mim realizados encontram-se disponibilizados nos subitens a seguir.

4.5.1 Moleque/Molecão/Menino/Menininho/Guri

107) Criança pequeninha, a gente diz que é bebê. E quando ela tem de 5 a 10 anos, do sexo masculino? (Questionário ALiB, 2001, p.31).

Tabela lexical 107

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
criança	1	1		1									1		1	1	2							2	03
garoto	2	1		2				1	2	1					1	2	3		1	1	2			1	10
guri	2	1	4	3	1	1	2	2	2	1	2	2	2	1	2	2	6	4	3	3	4	3	4	3	30
gurizinho			1	1												1	1								02
gurizote									1											1					01
homenzinho								1													1				01
menininho											1										1				01
menino	2	3	2	3	1	1		1	1			1	1	1	1	1	4	6	1	2	1	1	2	2	19
moleque	1		3	1					1	1			1	2				4	1			1	2	2	10
muleque	1	1	1	2		1	1			2			1	2	2	2	3	1	1	2			2	3	14
piá	4	2	4		2	2	2	2	2	1	1	2	1	2	2	2	8	2	4	4	3	3	3	4	31
piazinho	1		1						1		1						2				2				04
rapazinho		1															1								01
TOTAL	14	10	16	13	4	3	3	6	6	7	7	8	6	6	7	9	30	23	9	11	13	15	13	15	129

Fonte Direta

O primeiro Cartograma da área semântica Ciclos da Vida, 107, assim como a Tabela 107, confirmam a norma de uso do item lexical *piá*, o qual não confere com

nenhum dos itens/tema da questão 107 *Criança pequenininha, a gente diz que é bebê. E quando ela tem de 5 a 10 anos, do sexo masculino?*, no entanto, é um dos itens lexicais/tema desta pergunta no QSL do ALiB. Foram trinta e uma respostas, distribuídas entre um número maior de menções masculinas, dezoito, *versus* treze entre as mulheres, das quais dezesseis foram expressas por respondentes com mais de 50 anos e quinze por jovens, de 18 a 40 anos, nos quatro municípios pesquisados. Há, nos dados elencados acima, uma variante morfológica de *piá*, o diminutivo *piazinho*, com quatro ocorrências, duas em Sinop, faladas por um homem, acima de 50 anos, e por um jovem, de 18 a 40 anos, e duas em Cláudia, citadas por uma mulher, acima de 50 anos, e por uma jovem, de 18 a 40 anos.

Já o item lexical *guri*, tema tanto do meu questionário semântico-lexical quanto do ALiB, aparece como segunda maior ocorrência, com trinta proferições localizáveis igualmente em todos os pontos de inquérito. Quanto à frequência, destaca-se também uma quantidade maior de respostas masculinas, dezessete, contra treze femininas. Ressalta-se, ainda, a desproporção numérica que aflui para este item entre as respostas dos sujeitos acima de 50 anos, que o manifestaram onze vezes, e as dos jovens, de 18 a 40 anos, que o pronunciaram dezenove vezes. *Guri*, do mesmo modo, evidencia variantes morfológicas nos dados, que são, respectivamente: o diminutivo *gurizinho*, dito por um casal de jovens, de 18 a 40 anos, de Sinop; e a que exhibe derivação sufixal, *gurizote*, aludida tão somente por um jovem, de 18 a 40 anos, de Cláudia.

O item lexical/tema *menino*, tema também do ALiB, desponta como terceira maior ocorrência, com dezenove respostas proferidas em todas as quatro cidades em análise, sendo divididas entre oito homens e onze mulheres, bem como entre dez sujeitos com mais de 50 anos e nove jovens, de 18 a 40 anos; por outro lado, a variante/tema diminutiva, *menininho*, revela-se mencionada só por uma jovem, de 18 a 40 anos, de Cláudia.

O item lexical/tema *moleque*, por sua vez, acentua-se em dez respostas, referidas em três municípios, Sinop, Cláudia e Santa Carmem, por um contraste de respostas masculinas, sete, enquanto somente três mulheres expuseram em seu corpo responsivo este item, todavia mostrando equidade entre as atribuições responsivas etárias, ou seja, cinco citações de cada faixa. Encontra-se, também, uma variante fonética de *moleque*, a que realça substituição da vogal média-alta /o/ pela alta /u/ em posição pretônica,

muleque, que se mostra em quatorze ocorrências assinaladas em todos os pontos pesquisados. Dentre as respostas, emerge exatamente a mesma frequência entre os gêneros, sete proferições de ambos, contudo deixa-se entrever grande distinção numérica entre as faixas etárias, visto que se apresentam apenas quatro manifestações de sujeitos com mais de 50 anos e dez de jovens, de 18 a 40 anos. E, finalmente, a variante/tema, o aumentativo *molecão*, não foi expresso em nenhuma das respostas trazidas na materialidade enunciativa dos entrevistados.

4.5.2 Menina

108) E se for do sexo feminino, como se chama? (Questionário ALiB, 2001, p.32).

Tabela lexical 108

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
garota		1		1					1	1		1			1	2				1	2		1		06
guria	3	4	4	4	1	1	1	2	1	1	2	2	2	2	2	7	8	2	3	3	3	3	4	4	34
guriota												1											1		01
guriotinha							1											1							01
menina	4	4	3	4		2	2	2	2	1	2	2	1	2	2	1	7	8	2	4	4	3	3	3	34
moleca	2		1	2													3	2							05
muleca			1	1							1				1	1	1			1			1		04
pirralha							1													1					01
prendinha	1															1									01
rapariga												1											1		01
não soube responder					1													1							01
TOTAL	10	9	9	12	2	3	4	5	4	3	5	5	5	4	4	5	19	21	6	8	9	8	9	9	89

Fonte Direta

Na Tabela 108, como também se verifica no Cartograma 108, há dois itens lexicais, *menina* e *guria*, que se apresentam com maior ocorrência, visto que ambos têm o mesmo número de respostas dadas pelos sujeitos, trinta e quatro. O primeiro deles coincide com o tema de propositura da questão 108 *E se for do sexo feminino, como se chama?*, assim como com o tema mencionado para esta questão no QSL do ALiB. Como frequência, verifica-se que *menina* aparece em dezesseis respostas masculinas e em dezoito femininas, mesma quantificação numérica essa que distingue as atribuições responsivas de respondentes com mais de 50 anos e de jovens, de 18 a 40 anos, dezesseis daqueles e dezoito destes, nos quatro municípios em análise. O segundo, com relação à frequência, destaca-se igualmente com dezesseis respostas masculinas *versus* dezoito femininas, expressas em todos os pontos de inquérito; ressalta-se, contudo, que *guria* aflui em um menor número de respostas trazidas ao corpo responsivo dos entrevistados acima de 50 anos, quinze, enquanto os jovens, de 18 a 40 anos, a utilizaram dezenove vezes.

Localizam-se, ainda, nos dados elencados acima, duas variantes morfológicas de *guria*, respectivamente: a que exhibe derivação sufixal, *guriota*, falada somente por um homem, acima de 50 anos, de Santa Carmem; e o diminutivo *guriazinha*, dito apenas por um jovem, de 18 a 40 anos, da cidade de Vera.

4.5.3 Piazada/Molecada

109) E quando se juntam esses _____(Cf. item 107) e essas _____(Cf. item 108), como se chamam?

Tabela lexical 109

Localidade	Sinop				Vera				Cidade				Santa Carmem				Subtotal								Total
Palavra	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cidade		Santa Carmem		Municípios
Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
criança	2	1		3	1			1	1	1		1		1			2	4	1	1	1	2		1	12
guriota				1						2		1					1					3			04
grupo				1													1								01
guriada														1										1	01
guriada	3	1	2	1	1		1	2			2	1	1		1	1	3	2	2	2	2	1	2	1	17
menina	1	1	1	2						1		1		1		1	2	3				2		2	08
molecada	2	1	1	1	2	1		1	2	1		1	1	1	1	1	3	2	2	2	2	2	2	2	17
mulecada	1	2	2	2		1	1	1			2				1	1	3	4	1	2	2		1	1	14
piazada	3	1	1			1	2		2		1		1		1	2	4	1	2	1	3		2	2	13
piazado		1															1								01
turma		1	1			1	1										1	1	1	1					04
turminha			1			1											1			1					02
TOTAL	12	9	9	11	4	3	3	3	3	3	3	3	3	4	4	6	21	20	9	10	10	10	7	10	97

Fonte Direta

TEMA: piazada/molecada

CARTOGRAMA 109

PERGUNTA: E quando se juntam esses (cf. item 107)
e essas (cf. item 108), como se chamam?

Conforme podemos verificar na Tabela 109, ratificada pelo Cartograma 109, há dois itens lexicais, *molecada* e *gurizada*, que se apresentam com maior ocorrência, visto que ambos têm o mesmo número de respostas dadas pelos entrevistados, dezessete. O primeiro deles coincide com um dos temas de propositura da questão 109 *E quando se juntam esses _____ (Cf. item 107) e essas _____ (Cf. item 108), como se chamam?*. Como frequência, verifica-se que *molecada* aparece em nove respostas masculinas e em oito femininas, das quais onze foram expressas por respondentes com mais 50 anos e seis por jovens, de 18 a 40 anos, nos quatro municípios em análise. Apresenta-se, ainda, nos dados elencados acima, uma variante fonética deste item, a que exhibe substituição da vogal média-alta /o/ inicial pela alta /u/, *mulecada*, também falada nas quatro cidades pesquisadas, com quatorze ocorrências, distribuídas em equidade numérica entre os gêneros, ou seja, sete respostas de ambos; contudo citada em maior número pelos jovens, de 18 a 40 anos, dez vezes, *versus* tão somente quatro respostas de sujeitos acima de 50 anos.

Já o segundo item lexical/norma, *gurizada*, com relação à frequência, destaca-se com uma quantificação numérica desproporcional entre homens e mulheres, visto que há onze respostas masculinas contra seis femininas, difundidas em todos os pontos de inquérito; da mesma forma, são exatos estes números que se mostram no disparate entre as respostas trazidas ao corpo responsivo de entrevistados com mais de 50 anos e de jovens, de 18 a 40 anos, seis daqueles e onze destes. Localiza-se, nos dados, também,

uma variante em que ocorre metaplasmo por supressão de som, *guriada*, manifestada somente por uma mulher, acima de 50 anos, de Santa Carmem.

Quanto ao item lexical/tema, *piazada*, aparece em quinze respostas também em todos os pontos em análise, divididas, do mesmo modo, de forma desigual, com onze respostas dadas por homens *versus* quatro por mulheres. No entanto, evidencia-se menor distinção numérica entre as faixas etárias, tendo sido oito menções feitas por sujeitos com mais de 50 anos e sete por jovens, de 18 a 40 anos; constata-se, ainda, uma variante fonética deste item, o que apresenta substituição da vogal baixa /a/ tônica pela média-alta /e/, assim como a alteração da vogal baixa /a/ final pela média-alta /o/, *piazedo*, propalada só por uma mulher, acima de 50 anos, da cidade de Sinop.

4.5.4 Barriguda/Muié grávida

110) Qual é o estado da mulher que carrega um embrião humano que se implanta na parede do útero, durante nove meses, e sai no momento do nascimento?

Tabela lexical 110

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Muções
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Muções
barriguda	2	1					2	1	1		1		1	1	1	1	2	1	2	1	2		2	1	11
buchada	1			1													1	1							02
bucho de barriga	1	2	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1		2	1	3	3	2	2	2	2	3	1	18
de bucho			2														2								02
embuchada		1															1								01
gestante	1												1		1	1	1							2	08
gestante	1	1															1	1							02
grávida	1	1	1	3			1	1		1	1	1	1	2	1	1	2	4	1	1	1	2	2	3	16
grávida	3	2	3	4	2	1	2	1	2	2	2	2	1	2	2	1	6	6	4	2	4	4	3	3	32
grávida	2	3	1			1		1	1					2	1	3	3		2	1			2	1	12
pançuda		1															1								01
parideira	2																2								02
prenha	1	1	2	4	1	1	1	2	1	2	1	2	2	1		2	3	5	2	3	2	4	2	3	24
TOTAL	17	13	11	13	4	4	7	7	6	6	6	6	6	6	8	8	26	26	11	11	12	12	14	14	126

Fonte Direta

De acordo com as inscrições da Tabela 110 e de seu respectivo Cartograma, verifica-se que o item lexical *grávida*, de maior ocorrência entre as respostas dadas pelos entrevistados para o conceito/pergunta 110 *Qual é o estado da mulher que carrega um embrião humano que se implanta na parede do útero, durante nove meses, e sai no momento do nascimento?*, coincide parcialmente com a expressão/tema, *muié grávida* - esta que não se encontra entre as respostas trazidas pelos sujeitos. Dentre as trinta e duas respostas, localizáveis em todos os pontos de inquérito, há dezessete proferições masculinas, *versus* quinze femininas, mesma quantificação numérica esta que distingue as atribuições responsivas dadas por respondentes com mais de 50 anos e por jovens, de 18 a 40 anos, quinze daqueles e dezessete destes. Encontra-se, ainda, nos dados acima, uma variante morfológica deste item/norma, a que vem acrescida de sufixo, *gravidez*, falada por doze sujeitos também em todas as cidades em análise. A distribuição desta variante aparece dividida em igual número de respostas entre homens e mulheres, seis de ambos, contudo sendo proferidas por sete sujeitos acima de 50 anos e por cinco jovens, de 18 a 40 anos.

Como fato interessante, ressalta-se o segundo item lexical de maior ocorrência, *prenha*, com vinte e quatro respostas propagadas, do mesmo modo, pelos quatro municípios pesquisados entre um número bem maior de mulheres, quinze, *versus* nove manifestações responsivas masculinas. Ainda mais curiosa é a distinção numérica das respostas entre os entrevistados acima de 50 anos, que mencionaram este item dez vezes, e os jovens, de 18 a 40 anos, que o disseram quatorze vezes.

Quanto ao item lexical/tema *barriguda*, se mostra em onze respostas igualmente em todos os pontos de estudo. Houve predileção deste item pelos sujeitos masculinos, que o pronunciaram oito vezes, contra tão somente três alusões femininas, tendo sido cinco destas menções feitas por respondentes com mais de 50 anos e seis por jovens, de 18 a 40 anos. Localiza-se, dentre as respostas catalogadas para a questão supracitada, uma variante morfológica de *barriguda*, a locução adjetiva *de barriga*, dita por apenas dois jovens, de 18 a 40 anos, ambos de Sinop.

4.5.5 Parir/Ter nenê

111) E quando o bebê está para nascer, diz-se que a mulher vai _____.
Tabela lexical 111

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
criar	1				1	1			1						1	1			1	1	1			1	03
dar à luz	2	1	4	4		1	1		1	2	2			2		2	6	3	1	1	3	2		4	22
dar a vida				1													1								01
descansar					1													1							01
desembuchar														1									1		01
fazer o parto								1												1					01
ganhar bebê		1		1	1		1	1							1		2	2	1				1		06
ganhar criança														1								1			01
ganhar nenê	2			1		1			1			2	2	2	1		2	1		1	1	2	3	2	12
ganhar neném				1												1	1						1		02
parir	2	3	2	3		1	2	2	1	1	2	2	2		2	2	4	6	2	3	3	3	4	2	27
ter bebê	1	2			1					1							1	2		1	1				03
ter filho			1														1								01
ter nenê			1		1												1		1						02
ter neném							1					1							1		1				02
TOTAL	8	7	8	11	3	3	3	4	3	3	3	3	4	3	4	7	16	12	8	9	10	8	8	12	89

Fonte Direta

TEMA: parir/ter nenê

CARTOGRAMA 111

PERGUNTA: E quando o bebê está para nascer, diz-se que a mulher vai?

De acordo com a última Tabela da área semântica Ciclos da Vida, 111, transposta para o Cartograma 111, o item lexical mais utilizado para responder a pergunta 111 *E quando o bebê está para nascer, diz-se que a mulher vai* _____, com vinte e sete respostas, foi o verbo *parir*, o qual coincide com um dos temas que engendrou esta pergunta. Há, nos quatro pontos de inquérito, como frequência, treze respostas entre os homens, *versus* quatorze entre as mulheres. Salienta-se que o número de respostas trazidas pelos jovens, de 18 a 40 anos, é maior do que o

dos entrevistados acima de 50 anos, visto que foram dez atribuições responsivas destes contra dezessete alusões daqueles.

Quanto à expressão/tema *ter nenê*, registra-se em apenas duas respostas de sujeitos masculinos, um rapaz, de 18 a 40 anos, de Sinop, e um homem, acima de 50 anos, de Vera. Ressalta-se que há, nos dados responsivos elencados acima, variantes desta expressão, que são: a que exhibe paragoge, *ter neném*, expressa por somente duas sujeitos femininas, ambas de 18 a 40 anos, uma de Vera e outra de Cláudia; as que mantêm os itens *nenê/neném*, mas que substituem o verbo *ter* por *ganhar*, respectivamente, *ganhar nenê*, falada por doze sujeitos nos quatro municípios pesquisados, sendo distribuída igualmente entre homens e mulheres, com seis respostas de cada gênero, contudo diferem numericamente entre as faixas etárias, visto que se manifestam oito respostas dadas por respondentes com mais de 50 anos e quatro por jovens, de 18 a 40 anos, e *ganhar neném*, dita por duas moças, de 18 a 40 anos, uma de Sinop e uma de Santa Carmem.

Como fato curioso, destaca-se, dentre os dados coletados, o item lexical *descansar*, trazido como resposta pelo pioneiro de Vera, V3 M, o qual residia antes da migração em Planaltina/PR. É interessante observar que este pioneiro agrega à resposta, ainda que de forma equivocada⁴⁵, a noção territorial de identificação de uso deste dialeto, conforme se pode verificar nesse fragmento, que intenciona complementar a assertiva: “os nortistas falam *aí quando nasceu a minha muié descansô*, os nortista fala isso”.

4.5.6 Histograma 23: itens mais frequentes da área semântica Ciclos da Vida

⁴⁵A permutabilidade indiscriminada entre o uso dos itens lexicais ‘nordestino’ e ‘nortista’ será explanada nas considerações analíticas concernentes ao corpo responsivo emitido à pergunta 117 de meu QSL.

De acordo com o Histograma vinte e três, é possível verificar a disposição dos itens lexicais de maior ocorrência atribuídos como respostas pelos sujeitos na área semântica Ciclos da Vida deste estudo semântico-lexical.

Exponho, abaixo, a sequência enumerativa das perguntas e seus respectivos itens/norma, que formam o corpo enunciativo desta área:

- 107) Piá= *Criança pequeninha, a gente diz que é bebê. E quando ela tem de 5 a 10 anos, do sexo masculino?* (Questionário ALiB, 2001, p.31).
- 108) Menina/Guria = *E se for do sexo feminino, como se chama?* (Questionário ALiB, 2001, p.32).
- 109) Molecada/Gurizada= *E quando se juntam esses _____(Cf. item 107) e essas _____(Cf. item 108), como se chamam?*
- 110) Grávida= *Qual é o estado da mulher que carrega um embrião humano que se implanta na parede do útero, durante nove meses, e sai no momento do nascimento?*
- 111) Parir = *E quando o bebê está para nascer, diz-se que a mulher vai_____.*

Para a realização da escolha do item lexical desta área semântica, utilizei somente o critério metodológico de seleção do item de maior uso, a norma linguística, falado nos quatro pontos de inquérito da pesquisa. Assim, para a área semântica Ciclos da Vida, o item lexical selecionado para análise é *guria*. Convém observar que este item aparece ao lado de *menina*, ambos apresentam o mesmo número de atribuições responsivas, conforme já apontado no item 4.5.2, todavia, como *menina* coincide com o item lexical tema do Questionário Semântico-lexical do ALiB, optei apenas pela tessitura analítica de *guria*, que apresentarei abaixo.

4.5.7 O item lexical *guria*: apontamentos sócio-semântico-lexicais

O item lexical *guria*, feminino de *guri*, provém, conforme Silva (2010)⁴⁶, “do tupi gwi'ri, designando o filhote de bagre e, por extensão, a criança. Tem o significado de pequeno, em tupi, em sentido amplo. É muito usado no Brasil meridional para designar crianças, adolescentes e jovens, inclusive no feminino, *guria*.” Em consonância com a assertiva acima se encontra a afirmação da pesquisadora gaúcha Widholzer (2008, p.7) de que “seu uso é corrente no Rio Grande do Sul, sendo empregada na

⁴⁶SILVA, Deonísio da. Etimologia. **REVISTA CARAS**, 21 de out. de 2010, ed. 885. Disponível em <http://caras.uol.com.br/noticia/etimologia-por-deoniso-da-silva>. Acessado em 12 de set., às 10h e 34min.

linguagem informal para se referir a crianças e jovens, ou na conversa de pessoas que desfrutem intimidade.”

O vasto uso deste item, em especial no Estado do Rio Grande do Sul, deve-se, de acordo com Pires⁴⁷, ao processo sócio-histórico, cultural e linguístico, pois do convívio entre os imigrantes espanhóis e portugueses com os índios surgiram muitas misturas raciais, originando o que se chamou de “raça gaúcha” (cafuzos de índios je-tupi-guaranis com ibero-europeus) e o surgimento involuntário de uma cultura completa que era compartilhada pelos povos. Na tentativa de não se identificarem nem com os portugueses (dominadores) e, posteriormente, brasileiros, nem com os espanhóis (invasores), os rio-grandenses criaram um modo particular de se vestir, de falar e de agir, que pouco se diferenciava das características típicas dos “gauchos” (lê-se ‘gáutxos’ em espanhol) dos pampas cisplatino e platino.

No quadro abaixo, há o registro de *guria* em dois dos quatro dicionários gerais, no Aurélio (1986) e no Aulete Digital, bem como em Bossle (2003):

Dicionário Entrada	Vocabulário Portuguez & Latino - D. R. Bluteau (1712)	Diccionario da Língua Brasileira – Luiz M. da S. O. P. Pinto (1832)	Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986)	Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa – (Aulete Digital)	Dicionário Gaúcho Brasileiro – João A. Bossle (2003)	Dicionário do Nordeste – Fred Navarro (2004)
GURIA	_____	_____	1- Menina. 2- Namorada, garota. (p.879)	1- Bras. Menina. 2- Garota, namorada.	1- Fem. De guri (piá, menino, criança). 2- Namorada, garota, pequena. (Do tupi=pequeno) (p.280)	_____

Quadro 23: Reflexões analíticas sobre o item lexical *guria*.
Fonte: Pesquisa direta.

É possível verificar, segundo os conceitos acima transcritos, que os sentidos que se evidenciam nas entradas dos três dicionários citados equivalem ao significado conceitual da questão 108 de meu questionário semântico-lexical *E se for do sexo*

⁴⁷PIRES, Felipe S. Gaúcho, o Dialeto Crioulo Rio-Grandense. **Orbis Latinus**. Disponível em http://www.orbilat.com/Languages/Portuguese-Brazilian/Dialects/Brazilian_Dialects-Gauchu.html. Acessado em 12 de set. às 13h e 15min.

feminino, como se chama?, e crescem, ainda, a sinonímia que atribui para a ‘garota’ a titulação de ‘namorada’.

Segundo estes resultados analíticos, pode-se inferir que a difusão do item lexical *guria* se acentua fundamentalmente no século XX. E, trazido pelos migrantes sulistas ao norte de Mato Grosso nos idos anos 70, já no início da colonização, *guria* desde então mantém continuidade semântica, pois se encontra, como os dados nos mostram, em um amplo contexto normativo de uso nesta extensão geográfica em que se desenvolve esta pesquisa.

4.5.7.1 A distribuição do item lexical *guria* pelos pontos de inquérito

Histograma 24: Guria (trinta e quatro ocorrências).

De acordo com o Histograma 24, o item lexical *guria* localiza-se nos quatro pontos de inquérito pesquisados e foi falado trinta e quatro vezes pelos sujeitos. A distribuição deste item ocorreu da seguinte maneira: na cidade de Sinop, sete respondentes acima de 50 anos o utilizaram, três homens e quatro mulheres, bem como todos os oito entrevistados jovens, de 18 a 40 anos, o trouxeram em seu corpo responsivo; na cidade de Vera, um casal acima de 50 anos e um rapaz e duas moças, de 18 a 40 anos, mencionaram este item lexical em análise; em Cláudia, um casal acima de 50 anos respondeu *guria*, assim como os quatro sujeitos jovens, de 18 a 40 anos; e em Santa Carmem, todos os oito sujeitos aludiram a este item. Portanto, como já enfatizado

no item 4.5.2, há um número maior de respostas dadas pelos jovens, de 18 a 40 anos, dezoito, *versus* quinze entre os entrevistados acima de 50 anos.

Destaca-se que o item lexical *guria*, como visto acima, apresenta continuidade semântica e encontra-se em efetivo uso na comunidade linguística em análise, fundamentalmente porque disseminada em maior proporção pelos jovens, de 18 a 40 anos, o que pode ser indício, também, de continuidade normativa. No entanto, é válido salientar que fatores que estimulam a homogeneidade linguística, tais como a difusão da língua *standard* em muitos eventos midiáticos e nas instituições de ensino, podem, ao contrário, levar ao enfraquecimento deste uso caracterizado como regional. Exemplo desta constatação pode ser observado na justificativa de não-uso do item *guria*, dada pela jovem de 29 anos de Santa Carmem, SC7/2 F, formada em Turismo por uma universidade paulista, conforme o seguinte fragmento de sua entrevista: “Eu parei de falar *guria*, sabe por quê? Eu falava muito *guri* e *guria* antes de estudar fora, mais aí quando eu fui estudar fora eles tiravam muito sarro da minha cara, o pessoal lá de São Paulo, né, aí eu fui me policiando no falar e parei de falar”.

Este item lexical registrou-se ainda ao lado de outros itens, tais como, *garota*, *menina*, *moleca*, *muleca*, e *prendinha*, na cidade de Sinop. No município de Vera há *guriazinha*, *menina* e *pirralha*. Em Cláudia, *garota*, *menina*, e *muleca*. E em Santa Carmem aparecem, como concorrentes, *garota*, *guriota*, *menina*, *muleca* e *rapariga*. Dessa forma, além de *guria*, há o item lexical *menina* difundido em todos os municípios, e igualmente se apresenta com trinta e quatro ocorrências.

Ressalta-se que, além de *guria*, que se destaca por sua constituição de uso essencialmente meridional, há também, dentre os itens elencados, outro que remete ao contexto de utilização gaúcha, o item lexical *prendinha*. É interessante verificar que o dicionário regional gaúcho, de Bossle (2003, p.414-415), atesta como significação para as entradas *prendinha* e *prenda* a identidade rio-grandense, visto que a primeira é trazida como “1. Dim. de *prenda*. 2. *Prenda-mirim*.” e a segunda como “1. Moça gaúcha; mulher jovem.”

Nesse sentido, salienta-se que estas ‘marcas’, melhor definidas como meridionais, são patentes nas manifestações socioculturais e linguísticas do norte mato-grossense, pois, segundo Rocha, têm

como fio condutor a (re)construção da identidade gaúcha informada pela auto-imagem deste grupo social que se vê como desbravador e pioneiro que, ao deixar seu território de origem, carrega em sua bagagem representações e referenciais sócio-culturais que são acionados no território de adoção como marca distintiva de sua territorialidade. (ROCHA, 2006, p.3).

Ainda conforme esta autora, a territorialidade se exprimiria no diálogo entre o ser humano com o seu território, nas estratégias de controle e domínio das ações nele realizadas. Assim, atentar-se ao fenômeno da migração é importante para se compreender como o deslocamento de atores ou grupos sociais entre fronteiras, sejam elas geográficas, políticas, culturais ou linguísticas, se efetiva e mantém a eficácia da tradição como legitimadora de suas identidades e de suas práticas sociais.

Nesse contexto, ainda, não se pode perder de vista o reconhecimento de um conjunto de práticas e/ou valores simbólicos e também materiais aos quais se fará referência e para os quais os atores sociais atuam como verdadeiros guardiões da tradição, tendo a responsabilidade de perpetuá-los e repassá-los de pai para filho. No caso específico desta pesquisa, a tradição se reporta ao jeito de falar do sul que é perpetuado neste espaço geográfico integrante da Amazônia, visto que os dados analíticos nos mostraram que os jovens, de 18 a 40 anos, descendentes de migrantes, se encontram em maior número entre os propagadores do item lexical *guria*.

4.6 Convívio e Comportamento Social

A sexta área semântica desta pesquisa sócio-semântico-lexical abrange vinte e quatro conceitos/perguntas que procuram realçar variadas atividades, ações, reações e atitudes que envolvem as relações humanas. Dentre elas, destacam-se, fundamentalmente, princípios éticos, crenças, valores culturais e regras sociais, que diferem de acordo com o país ou a região.

Nas questões enunciativas, enumeradas de 112 a 135, evidenciam-se diferentes situações e em distintos contextos, que retratam relacionamentos interpessoais, fatos do cotidiano, labores, divergências econômicas e entre grupos sociais, manifestações de violência, (pre)conceitos étnicos e regionais, entre outros eventos vivenciados pelos sujeitos nas quatro cidades em estudo.

Os temas assinalados foram, consecutivamente: pioneiro/fundador/colonizador, desbravar/colonizar, mutirão, quebradeira, mestiçada, nortista/nordestina, baianada,

nego/negão/preto, negra, muniça/tranqueira, encrenqueira, fominha/gananciosa, sonega, engravatadinha, bamburrado, brefado/vazado, aproveitadora, pistoleiro/jagunço, emboscada/tocaia, revólver/arma/espingarda, cartucheira, gandaia, aluga/trovia e juntam-se/casam-se.

Os dados reunidos na área Convívio e Comportamento Social e os subsequentes procedimentos analíticos por mim realizados encontram-se disponibilizados nos subitens a seguir.

4.6.1 Pioneiro/Fundador/Colonizador

112) ...aquele que está entre os primeiros que penetram ou colonizam uma região, abrindo-a à ocupação e ao desenvolvimento? (Houaiss, 2004, p. 2219).

Tabela lexical 112

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera	Cláudia	Santa Carmem	Mulheres			
Lexia	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Mulheres		
Sexo																									
aretirante														1								1	01		
aventurheiro					1				1								1	1					02		
colonizador	2	1	3	3		1	2	1	2	1	2	2	1		1	2	3	4	2	2	4	3	2	24	
colono																	1	1	2				04		
desbravador	3		1	2	1		1		1	1			2		1	4	2	2		1	1	2	1	13	
desbravante											1									1			01		
explorador			1													1							01		
frentista	1															1							01		
fundador		1																1					01		
imigrante	1	1	1						1	1					1	1	2	1			1	1	1	07	
migrante			2	1			1			1		1					2	1	1		2			06	
morador antigo						1														1			01		
pioneiro	4	4	3	3	1	1	1	1	1	2	2	1	1	1	2		7	7	2	2	3	3	3	1	28
não soube responder						1														1				01	
TOTAL	11	7	11	10	4	3	3	4	6	6	3	4	4	2	4	3	22	17	9	7	11	10	7	91	

Fonte Direta

Segundo as respostas da primeira questão, 112, ...*aquele que está entre os primeiros que penetram ou colonizam uma região, abrindo-a à ocupação e ao desenvolvimento?*, da área semântica Convívio e Comportamento Social, elencadas tanto no Cartograma quanto na Tabela, é possível observar que a maior ocorrência é do item lexical *pioneiro*, com vinte e oito respostas distribuídas entre quinze proferições masculinas, *versus* treze de sujeitos femininos, mesma quantificação numérica esta que distingue as atribuições responsivas dadas por respondentes com mais de 50 anos e por jovens, de 18 a 40 anos, quinze daqueles e treze destes, em todos os pontos de inquérito. Destaca-se que *pioneiro* equivale a um dos itens/tema desta questão.

Quanto ao item lexical/tema *colonizador*, aparece como segunda maior ocorrência, com vinte e quatro respostas divididas, em todos os quatro municípios pesquisados, entre treze citações masculinas e onze femininas. Ressalta-se, todavia, que há grande distinção numérica entre as respostas dadas por sujeitos acima de 50 anos, somente oito, contra dezesseis menções de jovens, de 18 a 40 anos. Localiza-se, ainda, nos dados acima elencados, uma variante morfológica de *colonizador*, o substantivo primitivo *colono*, curiosamente falado apenas por quatro moças, de 18 a 40 anos: uma da cidade de Sinop, duas de Vera e uma de Santa Carmem.

Já o item lexical/tema *fundador* foi dito unicamente por uma mulher, acima de 50 anos, de Sinop.

Dentre os itens que se evidenciam nos dados, cabe ressaltar, também, o que foi expresso pela pioneira de Santa Carmem, SC8 F, natural de Misericórdia de Piancó – PB, *aretirante*, variante protética de *retirante*. Nesse contexto, verifica-se a manutenção de uso no norte mato-grossense deste item lexical que remete conceitualmente ao sertanejo do interior semiárido do nordeste e parte de Minas Gerais, tal como nos informam Ferreira e Dantas:

Entende-se o retirante como uma condição excepcional do homem geralmente pobre do campo, das cidades do interior, que, sozinho, em família ou em grupos maiores, vê-se na contingência do abandono de suas terras para emigrar para outras regiões do país fugindo das secas (na verdade, das condições precárias da estrutura sócio-econômica do mundo rural que são exacerbadas nos períodos de seca), do "sertão", o interior semi-árido do Nordeste e parte de Minas Gerais; a essa população que habita o sertão costuma-se dizer sertaneja; contudo,

como adjetivo, tem também o significado, pejorativo, de rude, áspero, rústico⁴⁸.

Assim, ainda que em contato com outras possibilidades semânticas responsivas para a pergunta supracitada, S8 F mantém como escolha lexical o item que guarda na memória e que reaviva marcas empíricas sócio-históricas vivenciadas por esta migrante/retirante.

4.6.2 Desbravar/Colonizar

113) ...o trabalho inicial desenvolvido pelos _____ (Cf. item 112)?

Tabela lexical 113

Localidade	Sinop				Vere				Cléudio				Santa Carmem				Subtotal				Total				
País Étnia	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vere		Cléudio		Santa Carmem		Municípios
Idade Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
abertura				1														1							01
abrir		2	1							1			1				1	2			1			1	03
abrir cidade			1	1													1	1							02
abrir cidade								1							1					1			1		02
abrir mata											1				1						1		1		02
abrir terras							1						1						1				1		02
abrir espaço			1	2													1	2							03
colonizar	1	2	2	2			1			1	2	1	1			1	3	4	1		2	2	1	1	14
construir									1												1				01
de dobrado			1		1	1									1	1	1		1	1			1	1	03
desbravar		1				1									1			1		1			1		03
desbravar	1							1									1				1				02
desbravar				1														1							01
desbravar	2			2			1	1		1	1	1					2	2	1	1	1	2			09
desmatar	1		1		1	1			1				1		1	2		2			1		2		07
exploração			1														1								01
explorar								1	1												1	1			02
extração			1														1								01
extração																									
fazenda															1									1	01
fazenda								1	1				1							1	1		1		03
fazer															1								1		01
plantações																									
trabalhar		1					1										1		1						02
limpar		1															1								01
produzir	1																1								01
trazer											1											1			01
cultivar																									
trazer mata																1							1		01
não soube		1											1				1						1		02
responder																									
TOTAL	6	3	9	9	2	2	3	4	4	3	4	4	2	4	3	7	13	17	3	6	3	9	3	11	76

Fonte Direta

⁴⁸ FERREIRA, Angela L. A; DANTAS, George A. F. Os "indesejáveis" na cidade: as representações do retirante da seca (Natal, 1890-1930). **Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**. Universidad de Barcelona [ISSN 1138-9788] Nº 94 (96), 1 de ago. de 2001. Disponível em <http://www.ub.edu/geocrit/sn-94-96.htm>. Acessado em 17 de set. de 2012, às 16h e 26min.

TEMA: desbravar/colonizar

PERGUNTA: ... o trabalho inicial desenvolvido pelos (cf. item 112) ?

De acordo com a Tabela 113, transposta para o Cartograma 113, item lexical mais utilizado para responder a pergunta *...o trabalho inicial desenvolvido pelos _____(Cf. item 112)?*, com quatorze respostas, foi o verbo *colonizar*, o qual coincide com um dos temas que engendrou esta pergunta. Há, nos quatro pontos de inquérito, como frequência, exatamente o mesmo número de respostas masculinas e femininas, sete proferições de ambos. Evidencia-se, no entanto, desproporção numérica entre as respostas dadas pelos sujeitos acima de 50 anos, cinco, contra nove pelos jovens, de 18 a 40 anos. Localiza-se, ainda, nos dados elencados acima, uma derivação sufixal de *colonizar*, *colonização*, mencionada somente por três jovens, de 18 a 40 anos, um rapaz e duas moças, os três de Sinop.

Com relação ao item lexical/tema, o verbo *desbravar*, apresenta-se como segunda maior ocorrência, com nove respostas proferidas em três dos quatro municípios pesquisados, Sinop, Vera e Cláudia. Dessas respostas, há quatro manifestações masculinas, *versus* cinco femininas. Destaca-se que, igualmente, este item deixa afluir um número maior de respostas dos jovens, de 18 a 40 anos, seis, contra três de entrevistados acima de 50 anos. Encontram-se, também, nos dados, duas derivações sufixais de *desbravar*, *desbravação* e *desbravamento*; a primeira foi falada apenas por

dois respondentes masculinos, acima de 50 anos, um de Sinop e um de Cláudia, e a segunda foi dita unicamente por uma jovem, de 18 a 40 anos, da cidade de Sinop.

Como fato interessante, salienta-se que se mobilizaram no quadro responsivo treze ações distintas evocadas pelo substantivo ‘trabalho’, que integra o enunciado da questão 113. Respectivamente são, com abstração das duas já citadas, as seguintes: *abrir, construir, derrubar, desmatar, explorar, fazer, fundar, limpar, produzir, trazer e tirar*. Quadro ilustrativo este do cenário de atividades que necessariamente se desenvolviam na região norte de Mato Grosso no início de sua projeção rural/urbana.

4.6.3 Mutirão

114) ...quando várias pessoas se juntam com o propósito de prestarem uns aos outros auxílios gratuitos, trabalhos coletivos, em prol de melhorias para a comunidade?

Tabela lexical 114

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
País Étnia	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia SEXO	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
ação comunitária														1								1			01
ação social			1												1										01
adjetivo	1														1										01
ajuda	1														1										01
ajuda	1														1										01
ajuda	1						1		1				1	1	1		1		1	1	1	1	1	1	06
ajuda	1				1											1		1							02
ajudório									1										1						01
associação											1								1						01
benefício														1									1		01
cooperativa			2									1					2				1				03
grupo		1		2	1					1							3	1			1				03
movimento			1														1								01
mutirão			1									2					1				2				03
mutirão	2	1	1	2	1	1		1	1	2	1		1	1	1	1	3	3	1	2	2	2	2	2	17
mutirão	1								1								1				1				02
serviço comunitário						1	1												1	1					02
solidariedade		1													1			1					1		02
trabalho beneficente			1														1								01
trabalho comunitário			1	1			1								1	1	1	1	1				1		04
trabalho voluntário		1	1														2								02
não soube responder	1							1			1						1			1	1				03
TOTAL	8	4	6	8	3	2	3	2	4	3	3	4	2	3	3	2	14	12	6	4	7	7	3	3	60

Fonte Direta

TEMA: mutirão

CARTOGRAMA 114

PERGUNTA: ...quando várias pessoas se juntam com o propósito de prestarem uns aos outros auxílios gratuitos, trabalhos coletivos, em prol de melhorias para a comunidade?

Na Tabela 114, como também se verifica no Cartograma 114, a maior ocorrência é do item lexical *mutirão*, que aparece em dezessete respostas nos quatro municípios pesquisados, e é coincidente com o tema da questão 114 *...quando várias pessoas se juntam com o propósito de prestarem uns aos outros auxílios gratuitos, trabalhos coletivos, em prol de melhorias para a comunidade?*. Com relação à frequência, destacam-se oito respostas masculinas, *versus* nove femininas, das quais dez foram expressas por respondentes com mais de 50 anos e sete por jovens, de 18 a 40 anos. Localizam-se, ainda, nos dados acima elencados, duas variantes deste item/norma: a que exhibe epêntese, *multirão*, falada somente por três jovens, de 18 a 40 anos, um rapaz de Sinop e duas moças de Cláudia; e a que apresenta substituição do grafema inicial *m* por *p*, *puxirão*, dita apenas por dois sujeitos masculinos, acima de 50 anos, um da cidade de Sinop e um de Cláudia.

Com relação à grande quantidade de sinônimos encontrada nos dados supracitados, referentes ao corpo responsivo da pergunta 114, destaca-se, também, a relação sinonímica de *mutirão* apresentada por Silveira:

Numerosa sinonímia apresenta este termo: assim é que, no Rio Grande do Sul se diz também *pixurum*, *puxirão*, *ajutório*; em partes de Minas – *mutirão* e *bandeira*; na Bahia e em Sergipe – *batalhão*, *ajutório*; no

sueste da Bahia – *boi-de-cova*; em S. Paulo – *corte*; em Pernambuco – *adjunto*; na Paraíba – *bandeira*; no Pará – *potirom*, *puxirum*, *mutirum*; em Goiás – *muxirão*, *mutirão*, *muxirum*. Há dúvidas quanto à etimologia do vocábulo *muxirão*, sendo provável derivar-se do guarani – *potyrom* que, segundo Montoia, significa pôr mãos à obra. Teodoro Sampaio deriva-o do tupi – *puchirô* – o socorro, o auxílio, a ajuda, o que bem concorda com essa junção de esforços dos sertanejos do Brasil. No Amazonas diz-se *ajuri* – a reunião e *ajuricaba* – o trabalho confraternizado e o tempo para esse fim. Era prática dos ameríndios, chamada pelos quíchuas – *minga* (Pe. Gusman) e pelos caboclos do Oiapoque – *mahurê*⁴⁹.

Conforme os itens lexicais trazidos como respostas pelos meus entrevistados ao conceito de 114, é possível agregar aos dizeres regionais demonstrados por Silveira o item *adigitório*, proferido pelo pioneiro de Sinop, S16 M, natural de Itumbiara, no Estado de Goiás, que se casou, já em solos sinopenses, com uma migrante paranaense. É interessante observar as interferências dialetais na própria justificativa deste pioneiro, que procura localizar espacialmente os diferentes usos lexicais, como se pode ver no seguinte fragmento: “O goiano bem da roça falava *adigitório* e minha mulher, que é do sul, falava *puxirão*, quando se reunia pra ajudá um colono que precisava de mão de obra, e aí ia todo mundo ajudá”.

É nesse amálgama semântico-lexical, portanto, que se constitui o falar norte mato-grossense.

4.6.4 Quebradeira

115) **O que acontece com as pessoas, cidades e Estados em épocas de muita crise, falta de dinheiro, como, por exemplo, em 2005 quando a Operação Curupira da Polícia Federal fez fechar muitas empresas madeireiras?**

Tabela lexical 115

⁴⁹SILVEIRA, Valdomiro. **Mucufos: Edição anotada de uma coletânea inédita**. p. 72. Disponível em <http://www.novomilenio.inf.br/cultura/culturaf/cult049z.pdf>. Acessado em 17 de set. de 2012, às 20h e 09min.

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia SEXO	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
crise	3	1	2	3	2	1	1	2	1		1		1			1	3	4	3	3	2		1	1	19
colapso					1														1						01
desânimo		1																1							01
desemprego									1	1		1			1						1	2	1		04
dificuldade	1																1								01
empobrecimento			1														1								01
enxugamento orçamentário									1												1				01
falei			1			2		1			2	1					1			3	2	1			07
falência			1		1		1			1		1	1	1	2	2	1		2		2	3	3		11
fazem empréstimo													1										1		01
ficam despendidos		1																1							01
frustração		1																	1						01
inadimplência	1																	1							01
miséria									1				1							1			1		02
parada						1							1						1				1		02
paradeira				1														1							01
param				1				1										1		1					02
quebrada								1				1					1			1	1	1	1		03
quebradeira			1														1								01
quebram			2	1			1	1		2	2						2	1	1	1	2	2			09
recesso	1																	1							01
não soube responder				1															1						01
TOTAL	6	4	8	7	4	3	4	6	3	3	3	4	3	3	3	4	14	11	8	9	8	9	6	7	72

Fonte Direta

TEMA: quebradeira

PERGUNTA: O que acontece com as pessoas, cidades e estados em épocas de muita crise, falta de dinheiro, como, por exemplo, em 2005 quando a Operação Curupira da Polícia Federal fez fechar muitas empresas madeireiras?

CARTOGRAMA 115

Conforme podemos verificar na Tabela 115, ratificada pelo Cartograma 115, a maior ocorrência, com dezenove respostas, foi do item lexical *crise*, o qual não coincide com o tema de propositura desta questão, mas constitui a norma de uso para o conceito/pergunta *O que acontece com as pessoas, cidades e Estados em épocas de muita crise, falta de dinheiro, como, por exemplo, em 2005 quando a Operação Curupira da Polícia Federal fez fechar muitas empresas madeireiras?*. Há, como frequência, onze respostas masculinas, *versus* oito femininas, das quais nove foram

proferidas por respondentes com mais de 50 anos e dez por jovens, de 18 a 40 anos, divididas entre todos os pontos de inquérito.

Já o item lexical/tema *quebradeira* foi falado unicamente por um jovem, de 18 a 40 anos, da cidade de Sinop. Encontram-se, nos dados elencados acima, duas variantes morfológicas deste item, que são, respectivamente: a que suprime parte do sufixo, *quebrada*, dita apenas por três moças, de 18 a 40 anos, uma de Vera, uma de Cláudia e uma de Santa Carmem; e o verbo *quebram*, utilizado em terceira pessoa por nove sujeitos, cinco vezes em respostas masculinas e quatro em femininas, tendo sido sete atribuições responsivas dadas por jovens, de 18 a 40 anos, e só duas por entrevistados acima de 50 anos, localizáveis em três municípios, Sinop, Vera e Cláudia.

Salienta-se, nesse contexto, que constantes ‘crises’ econômicas afluíram na região norte mato-grossense desde o início de sua colonização nos anos 70 do século XX, conforme já apontadas nos Capítulos 1 e 2 desta pesquisa, todavia, acentuam-se em especial a partir do final da década de 80. De acordo com Philippsen:

O contexto socioeconômico, que consolidou a indústria madeireira e proporcionou um crescimento acelerado para a Amazônia Legal, teve o seu auge na década de oitenta com cerca de três mil indústrias madeireiras espalhadas no Estado de Mato Grosso, período em que foi a maior empregadora de mão-de-obra no setor industrial e a maior arrecadadora de ICMS (Imposto sobre Operações Relativas à Circulação de Mercadorias e sobre Prestações de Serviços de Transporte Interestadual e Intermunicipal e de Comunicação). No entanto, entre os anos de 1988 e 1998, inicia-se o que os economistas denominam de um grande desaquecimento deste setor de base florestal em todo o Estado. Nesse período, foram fechadas aproximadamente 1.300 empresas, resultando na diminuição de mais de 39 mil postos de trabalho. (PHILIPPSSEN, 2007, p.19).

Esse estado de ‘crise’ voltou a se exacerbar com o início das grandes ‘operações’ investigativas, em 2005, que foram realizadas pela Polícia Federal, as quais mudariam o cenário das rotinas de trabalho da principal atividade de industrialização e comercialização da região, a madeireira. Segundo Oliveira:

Em junho de 2005, a Polícia Federal deflagrou a Operação Curupira, que tinha como principal objetivo desbaratar a quadrilha que falsificava e comercializava Autorizações para Transporte de Produtos Florestais (ATPFs). [...] Quando a operação foi deflagrada, houve a suspensão da entrega de ATPFs e do IBAMA⁵⁰, então duas coisas

⁵⁰Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis.

aconteceram: suspensão dos projetos de manejo, ocasionando a paralisação das empresas por cinco meses, e o marco histórico da transição para a SEMA⁵¹. Somente empresas com projetos de manejo com grande estoque de matéria-prima acobertada por ATPFs continuaram trabalhando. As demais acabaram tendo as atividades paralisadas, sendo severamente sacrificadas pela operação que engessou completamente o setor. [...] Inclusive uma grande quantidade dessas empresas foi fechada ou teve sua atividade mudada, ou, ainda, teve sua produção diminuída significativamente. (OLIVEIRA, 2011, p. 219-220).

Ressalta-se, ainda, que, além dessa deflagração de intervenção no setor de base florestal, ocorrida em 2005, outras se sucederam, tais como: a Operação Ouro Verde, em outubro do mesmo ano, 2005; a Operação Kayabi, em novembro de 2006; a Operação Arco de Fogo, em março de 2008; e a Operação Jurupari, em maio de 2010. Dessa forma, como resultado da ‘crise’ e dos múltiplos desempregos gerados, as empresas que retomaram as atividades após as intervenções, atualmente, têm atuado conforme as exigências legais, visto que o controle e o monitoramento destas atividades ambientais têm dificultado os grandes esquemas de fraudes, tão comuns nesta região amazônica.

4.6.5 Mestiçada

116) ...a pessoa que provém do cruzamento de pais de raças diferentes, por exemplo, de branco e negra? (Houaiss, 2004, p. 1905).

Tabela lexical 116

Localidade	Sinop				Vere				Cláudia				Santo Carmem				Subtotal				Total				
Pais e Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vere		Cláudia		Santo Carmem		Municípios
Lexia SEXO	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
ca boala		2														2									02
ca bo- vende													1											1	01
café com leite		1														1									01
castigai								1											1						01
crioula	1		1													2									02
figoio													1											1	01
ma melica				1													1								01
mestiçada						1														1					01
mestiçinha							1												1						01
mestiça	1	1	3	3			1	1		1	2	2	1			1	4	4	1	1	2	3	1	1	17
mista	1																1								01
mistura de negas	1	1											1		1	1	1							2	04
mistura de mulata				1				1									1			1					02
			1	1				1									1	1		1					03
não soube responder	1	1			2	1		1	1	1			1		2		1	1	2	2	1	1	3		11
TOTAL	5	6	5	6	2	2	2	3	3	2	2	2	2	3	2	2	10	12	4	5	5	4	4	5	49

Fonte Direta

⁵¹Fundação Estadual de Meio Ambiente.

TEMA: mestiçada

CARTOGRAMA 116

PERGUNTA: ...a pessoa que provém do cruzamento de pais de raças diferentes,
por exemplo, de branco e negra?(Houaiss, 2004, p.1905)

De acordo com os registros da Tabela 116 e de seu respectivo Cartograma, verifica-se que o item lexical *mestiça*, variante morfológica do item/tema de propositura da questão 116 *...a pessoa que provém do cruzamento de pais de raças diferentes, por exemplo, de branco e negra?*, se apresenta com o maior número de ocorrências entre as respostas dadas pelos entrevistados. Salienta-se que dezessete sujeitos, localizáveis em todos os pontos de inquérito, deram *mestiça* como resposta, mais especificamente, oito sujeitos masculinos e nove femininos. Se há relativa equidade numérica entre as respostas de homens e de mulheres, no entanto há grande distinção de atribuições responsivas entre respondentes acima de 50 anos, somente quatro, e entre jovens, de 18 a 40 anos, que a proferiram treze vezes.

Quanto ao tema *mestiçada*, aparece em apenas uma resposta de uma mulher, acima de 50 anos, da cidade de Vera. Há, nos dados elencados acima, ainda outra variante morfológica deste tema, o diminutivo *mesticinha*, falado unicamente por um jovem, de 18 a 40 anos, igualmente de Vera.

Acentua-se, também, o grande número de não-respostas emitidas ao conceito/pergunta supracitado, onze, sendo quatro de entrevistados femininos e sete de masculinos, distribuídas por todos os quatro municípios pesquisados. Dessa

quantificação exposta, oito se mostram em não-respostas de sujeitos acima de 50 anos e somente três de jovens, de 18 a 40 anos.

Destaca-se, ainda, dentre as possibilidades responsivas inerentes à questão 116, nos dados catalogados, o item lexical *mulata*, restrito, de forma mais específica, à mistura entre brancos e negros, o qual foi propalado só por jovens, de 18 a 40 anos, um casal de Sinop e uma moça de Vera. Já o item *cafuso*, referente à mistura entre negros e índios, não foi manifestado por nenhum dos respondentes desta pesquisa. Todavia, ressalta-se que o item lexical/tema *mestiçada* foi trazido ao contexto enunciativo do relato de experiência pessoal da pioneira de Vera, V3 F, como sinônimo de *cafuso*, conforme se pode ver no seguinte fragmento: “Parece que a minha bisavó, não sei se era da minha mãe ou do meu pai, que era meio bugre, **mestiçada**, bugre já”.

Outros itens, que se mostram regionais, também valem ser assinalados, tais como *castiçá*, *cabo-verde* e *fogoió*. O primeiro deles, esboçado pelo migrante de Cláudia, C17 M, natural de Videira, no Estado de Santa Catarina, assim o conceituou: “um branco com negro ou um branco com índio, assim, nós falava **castiçá** em Santa Catarina, castiçá é uma coisa misturada”; os dois seguintes foram mencionados pela pioneira de Santa Carmem, SC6 F, natural de Aracaju, no Estado de Sergipe, que os define da seguinte forma: “sendo branco do cabelo ruim pra mim ele é **fogoió**, que é mistura de branco com preto e tem cabelo ruim, né, e o preto do cabelo bom é **cabo-verde**, os nortista falava assim”.

Diante dessa contextura de usos e escolhas lexicais que os dados nos apontam, é importante não deixar de enfatizar as observações tecidas por Munanga (2004), que postulam sobre a própria noção de raça. Segundo esse autor,

a raça não é uma realidade biológica, mas sim apenas um conceito, aliás cientificamente inoperante, para explicar a diversidade humana e para dividi-la em raças estancas. Ou seja, biológica e cientificamente, as raças não existem. [...] É uma realidade social e política, uma construção sociológica e uma categoria social de dominação e de exclusão. (MUNANGA, 2004, p.4-5-30).

Dessa forma, é possível afirmar, em consonância com Bezerra (2011), que o conceito de raça está relacionado a uma questão político-ideológica, que esconde em si uma relação de poder e de dominação mais do que a um conceito biológico. Assim, não é porque cientistas dizem que raças não existem que elas passam a não existir

socialmente, pois a ideia de raças está no imaginário e nas representações coletivas de diversas populações contemporâneas, formando o que Munanga (2004) chama de “raças fictícias” ou “raças sociais”, a partir das quais se gera efetivamente, mesmo ainda nos dias atuais, o racismo popular.

4.6.6 Nortista/Nordestina

117) ...a pessoa que é nascida ou habita o Nordeste do Brasil? (Houaiss, 2004, p. 2027).

Tabela lexical 117

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total			
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop	Vera	Cláudia	Santa Carmem	Municípios			
Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios	
brasileiro								1	1					1					1	1			1	08
ca cabeça-chata												1			1						1	1		02
nordestina	4	4	4	4	2	2	2	2	2	2	2	2	2	1	2	2	8	8	4	4	4	4	3	39
nortista	1			1	2									1			1	1	2				1	05
testa-de-ferro			1														1							01
TOTAL	5	4	5	5	4	2	2	3	3	2	2	3	2	3	3	2	10	9	6	5	5	5	5	50

Fonte Direta

Conforme a Tabela 117, transposta para o Cartograma 117, o item lexical mais utilizado para responder a questão *...a pessoa que é nascida ou habita o Nordeste do Brasil?*, com trinta e nove atribuições responsivas, nos quatro pontos de inquérito, foi *nordestina*, o que significa que apenas um sujeito entrevistado não atribuiu este item/norma como resposta ao conceito/pergunta 117, mais especificamente uma mulher, acima de 50 anos, da cidade de Santa Carmem. *Nordestina* coincide com um dos itens lexicais/tema que engendrou esta questão.

Quanto ao item lexical/tema *nortista*, aparece como segunda maior ocorrência, com somente cinco respostas, propagadas em três dos quatro municípios em análise, Sinop, Vera e Santa Carmem. Dessas respostas, constata-se três proferições masculinas, contra duas femininas. Ressalta-se, também, a distinção numérica entre as respostas dadas por sujeitos acima de 50 anos, quatro vezes, enquanto unicamente uma jovem, de 18 a 40 anos, de Sinop, mencionou *nortista* dentre as possibilidades responsivas.

4.6.7 Baianada

118) ...grupo de pessoas nascidas ou habitantes da Bahia?

Tabela lexical 118

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Total
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios								
Lexia	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios						
Sexo																																	
baianada	1																1										01						
baianense	4	4	4	3	2	2	2	2	1	2	2	2	2	2	2	2	8	7	4	4	3	4	4	4	4	4	38						
baiano				1														1									02						
TOTAL	5	4	4	4	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	9	8	4	4	4	4	4	4	4	4	41						

Fonte Direta

Segundo as respostas da questão 118 ...*grupo de pessoas nascidas ou habitantes da Bahia?*, elencadas tanto no Cartograma quanto na Tabela, é possível observar que a maior ocorrência é do item lexical *baianos*, que aparece em trinta e oito respostas distribuídas em todos os pontos de inquérito, o que significa que apenas dois sujeitos entrevistados não fizeram menção a este item/norma em seu corpo responsivo, mais especificamente uma jovem, de 18 a 40 anos, da cidade de Sinop, e uma mulher, acima de 50 anos, de Cláudia; salienta-se que ambas atribuíram como resposta a variante morfológica que se apresenta com alteração sufixal, *baiense*. Ressalta-se, ainda, que *baianos* não coincide com o tema da pergunta supracitada, mas é também variante morfológica do mesmo.

Por sua vez, o tema *baianada* se manifesta tão somente na resposta do pioneiro gaúcho, S10 M, do município de Sinop, que a complementa da seguinte forma: “Tanto que no sul quando o cara faz uma coisa errada já falava **baianada**, né. Fez alguma coisa errada, aí fala *é uma baianada*, risos...”.

Essa assertiva realça o tom pejorativo que se emprega aos sentidos mobilizados para este item lexical/tema. Tal constatação já foi posta em evidência em 2004, quando a Secretaria Especial dos Direitos Humanos (SEDH), ligada à Presidência da República, publicou a polêmica obra “Politicamente correto e direitos humanos”, com 96 palavras e expressões consideradas preconceituosas. Dentre elas, destaca-se o item lexical *baianada*, que assim se encontra conceituado:

Expressão pejorativa que atribui aos baianos inabilidade no trânsito e em outras atividades. Trata-se de um preconceito de caráter regional e racial, ao lado de outros, como o que imputa a malandragem aos cariocas, a esperteza aos mineiros, a falta de inteligência aos goianos, a orientação homossexual aos gaúchos etc⁵².

Contudo, conforme as observações trazidas por Passos⁵³, a respeito das declarações feitas pelo Professor José Luiz Fiorin, do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

⁵²QUEIROZ, Antônio Carlos. **Politicamente Correto & Direitos Humanos**. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Disponível em <http://dicionariosvarios.blogspot.com.br/2009/06/politicamente-correto-direitos-humanos.html>. Acessado em 19 de set. de 2012, às 14h e 25min.

⁵³PASSOS, Vera. **Linguagem politicamente correta não elimina preconceito**. Luis Nassif Online. Disponível em <http://www.advivo.com.br/blog/luisnassif/o-preconceito-e-o-politicamente-correto>. Acessado em 19 de set. de 2012, às 15h e 15min.

(USP), “não basta mudar a linguagem para que a discriminação deixe de existir, por outro lado, reconhecê-la pode ser o princípio propulsor para dissuadir o preconceito”.

4.6.8 Nego/Negão/Preto

119) ...o homem de cor bem escura?
Tabela lexical 119

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia / Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
africano							1							1					1				1		02
azulão			1				1		1					1			1	1							08
cabelo ruim											1												1		01
capa de asfalto									1										1						01
carvão			2	1			1		1					1	2	1	1		1				1		06
cidadão de cor									1												1				01
crioulo	1														1										01
escurinho													1											1	01
macaco			1				1	2				1					1		2	1		1			09
moreno		1			2	1			1			1	2	2			1	2	1	1	1	1	2	2	10
mulato		1	1	1				1		2			2	1			1	1	2		1	2	2	2	10
negão	1		1	1						1	1			2	1	2	1				1	1	2	1	08
negro	1			1	2	1	1		1				1		1	1	1	3	1	1			1		08
negrinho								1							2				1					2	08
negro	3	4	4	4	2	2	2	1	2	2	1	2	1	2	2	7	8	2	4	3	3		4	3	34
neguinho			1										1	1	1								1	1	08
pardão		1				1						1	1				1		1				2		04
piche							1							1									1		02
pretinho							1										1			1					01
preto	4	3	3	3	2	1	2	2	2	2	2	2	1	2	1	2	7	6	4	3	4	4	2	4	34
sarará													1										1		01
tição			1	1			1										1	1		1					08
tiçãozinho						1													1						01
tiziu	1															1				1					01
TOTAL	11	10	13	12	6	8	9	9	8	6	7	6	10	7	9	11	26	22	13	17	13	12	19	13	144

Fonte Direta

Como se pode verificar na Tabela e no Cartograma 119, há dois itens lexicais que se apresentam como norma para a questão ...o homem de cor bem escura? no contexto de uso norte mato-grossense, *negro* e *preto*, os quais aparecem com o mesmo número de ocorrências, trinta e quatro, nas quatro cidades pesquisadas. Como frequência, destacam-se, para o primeiro deles, que se constitui em epêntese de um dos itens/tema, dezesseis atribuições responsivas masculinas, *versus* dezoito femininas, das quais quinze foram propaladas por respondentes com mais de 50 anos e dezenove por jovens, de 18 a 40 anos; e para o segundo, que coincide com um dos temas de propositura da questão supracitada, há exatamente o mesmo número de respostas divididas entre homens e mulheres, dezessete, tendo sido também esta a quantificação numérica que se evidencia entre as faixas etárias, ou seja, dezessete menções de ambas.

O item lexical/norma *negro* difunde, ainda, nos dados elencados acima, uma variante morfológica diminutiva, *negrinho*, falada apenas por três moças, de 18 a 40 anos, uma de Vera e duas de Santa Carmem; outrossim, *preto* exhibe o diminutivo *pretinho*, dito tão somente por uma jovem, de 18 a 40 anos, de Vera.

Quanto item lexical/tema, o aumentativo *negão*, manifesta-se em oito respostas, localizáveis em três pontos de inquérito, Sinop, Cláudia e Vera, e distribuídas entre cinco proferições de homens e três de mulheres. Salienta-se, também, a grande desproporção numérica que se mostra para este item nas respostas dos sujeitos jovens, de 18 a 40 anos, que o pronunciaram sete vezes, enquanto unicamente um sujeito masculino, acima de 50 anos, de Sinop, fez alusão a *negão*.

O item lexical/tema *nego*, que exhibe síncope da norma *negro*, foi citado pelos entrevistados igualmente oito vezes e em todos os municípios pesquisados. Dessas respostas, há um número bem maior de referências masculinas, seis, contra somente duas femininas. Com relação à distinção numérica entre as faixas etárias, verifica-se que este item se apresenta em cinco respostas de sujeitos com mais de 50 anos e em três de jovens, de 18 a 40 anos. *Nego* deixa realçar, ainda, nos dados, uma variante morfológica, o diminutivo *neguinho*, dito só por três respondentes jovens, de 18 a 40 anos, um rapaz de Sinop e um casal de Santa Carmem.

Ressalta-se, dentre os itens lexicais expressos como respostas à pergunta 119, os que manifestam sentidos depreciativos em relação ao negro⁵⁴, como: *africano, azulão, cabelo ruim, capa de asfalto, carvão, crioulo, macaco, piche, sarará, tição e tiziu*. Essa constatação exacerba a asserção das pesquisadoras Santana e Müller (2012) de que há um mito da democracia racial no Brasil, mito este que traz a ideia de que neste país há uma relação harmônica entre as pessoas. Em consonância com esse asserto há, ainda, as observações de Gomes (2001, p.92), ao assinalar que “[...] o racismo no Brasil é um caso complexo e singular, pois ele se afirma pela sua própria negação, [...] mas mantém-se presente no sistema de valores que regem o comportamento de nossa sociedade”.

Nesse sentido, pode-se afirmar, também, de acordo com Silva (2001), que as pessoas agem com preconceito, pois desenvolvem crenças simplificadas, que são chamadas de estereótipos, os quais, por sua vez, produzem preconceitos. Tais preconceitos são/continuam sendo disseminados na prática sócio-discursiva cotidiana, em especial na instituição escola, como acentuam Santana e Müller (2012) no demonstrativo dos resultados empíricos de um estudo realizado no contexto escolar de duas escolas municipais de Cuiabá.

Dentre os resultados evidenciados, as autoras enfatizam que a falta de trabalhos acerca das relações raciais na escola leva muitos alunos negros a serem vitimizados, ocasionando até mesmo a autonegação de sua identidade, pois as manifestações depreciativas estariam presentes no contato entre alunos por meio de apelidos e de xingamentos, que muitas vezes constituem instrumentos na propagação do racismo. Apelidos que, conforme os dados responsivos de 119 nos mostram, exaltam, pejorativamente, as relações interpessoais entre brancos e negros, nas quais se valoriza e se padroniza esteticamente, moralmente e intelectualmente tudo o que está ligado ao fenótipo branco, possivelmente em razão de fatores históricos, socioeconômicos e culturais da formação da civilização brasileira.

4.6.9 Negra

120) ...a mulher de cor bem escura? Tabela lexical 120

⁵⁴Segundo Campelo (2011), a explicação relativa ao uso massificado do axiônimo etnofórico negro pode estar relacionada à predominância numérica dos negros em várias regiões e da profunda miscigenação entre negros e europeus no Brasil.

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal								Total
Pais Etnia	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
crioula	1		1														2								02
morena	1	1			1								2				1	1	1				2		03
moreninha		1																1							01
mulata		1	1	1					1	1	1	1					1	2				2	1		07
nega	1		2		1				1	1	1		1	2	1	2	3		1		2	1	2	4	13
negona	2	1	1	3			1				1			1	1		3	4	1		1		1	1	11
negra	1	2	2	2		2	1	2	2	2	1	2	1	1	1	1	3	4	1	4	3	4	2	2	23
negrinha					1	1							1						1	1			1		03
negrona									1												1				01
neguinha			1	1													1	1							02
preta	1	3	4	3	1	1	2	1	2	1	2		1			2	3	6	3	2	4	1	1	2	24
pretinha						1														1					01
pretona		1														1		1						1	02
tiça								1		1											1		1		02
TOTAL	7	10	12	10	4	3	4	4	6	6	3	3	7	4	3	6	19	20	8	9	11	9	10	10	97

Fonte Direta

TEMA: negra

CARTOGRAMA 120

PERGUNTA: ... a mulher de cor bem escura?

A questão 120, como podemos observar na Tabela 120 e também no Cartograma 120, traz, de acordo com as respostas registradas, como norma de uso na comunidade linguística pesquisada, o item lexical *preta*, com vinte e quatro respostas proferidas entre os sujeitos nos quatro pontos de inquérito. Há treze atribuições responsivas masculinas e onze femininas, sendo, ainda, dez respostas de entrevistados acima de 50 anos e quatorze de sujeitos jovens, de 18 a 40 anos. *Preta* não coincide com o tema desta questão ...a mulher de cor bem escura?.

Localizam-se, também, nos dados elencados acima, duas variantes morfológicas deste item/norma, o diminutivo *pretinha*, falado tão somente por uma mulher, acima de 50 anos, de Vera; e o aumentativo *pretona*, dito apenas por uma mulher, acima de 50 anos, de Sinop, e por uma jovem, de 18 a 40 anos, de Santa Carmem.

Quanto ao item lexical/tema *negra*, aparece como segunda maior ocorrência, com vinte e três proferições, distribuídas entre um número maior de respostas femininas, quatorze, *versus* nove menções masculinas, das quais onze foram propaladas por respondentes com mais de 50 anos e doze por jovens, de 18 a 40 anos, localizáveis em todas as quatro cidades em estudo. Este item igualmente apresenta variantes, como o diminutivo *negrinha*, proferido só por sujeitos acima de 50 anos, um casal de Vera e um homem de Santa Carmem; o aumentativo *negrona*, pronunciado unicamente por um homem, acima de 50 anos, de Cláudia; e as que exibem síncope: *nega*, expressa em todos os municípios em análise por treze sujeitos de pesquisa, oito homens e cinco mulheres; *negona*, exposta, do mesmo modo, em todos os pontos em averiguação por seis homens e por cinco mulheres; e *neguinha*, trazida ao corpo responsivo somente por um casal de jovens, de 18 a 40 anos, de Sinop.

4.6.10 Mundiça/Tranqueira

121) ...pessoas muito ruins ou que têm atitudes ruins?

Tabela lexical 121

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Palavra	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
bandida	1			1											1	1									02
bicho ruim					1										1				1					1	02
breja breja									1					1						1				1	02
breja		1	1											1			1	1					1		03
caco	1																1								01
carne de peixe	1																1								01
carne seca	1				1												1		1						02
carne de rio													1	1									1	1	02
estúpida												1										1			02
ignorante															1									1	01
ignorante má									2											2					02
mã	1	2	3	1			1				1		1				4	3	1		1		1		10
mãlona		1		1		1		1		1		1		1			2		2		2	1			07
mãlona	1			1			1			1		1		1			1	1	1		1		1		05
mãlona-carão			1														1								01
muito ruim		1	1			1		1	1	1					1	1	1		2	1	1		1		07
mundipão														1										1	01
não peste	1			1	1										1	1	1	1						1	04
perverse			1														1								01
peste				1				1									1			1					02
rude											1						1			1				1	02
ruim	2	1	2	3	1		2		1		2		1	1	2	1	4	4	3	3		3	2		19
ruindade										1															01
uasbiquera				1																	1				01
tranqueira	1			1										1			1	1						1	03
TOTAL	10	6	9	11	3	3	3	3	6	3	4	3	3	6	4	7	19	17	6	6	10	6	7	13	34

Fonte Direta

PERGUNTA: ...pessoa muito ruim ou que tem atitudes ruins?

Conforme a Tabela 121, transposta para o Cartograma 121, o item lexical mais utilizado em todos os pontos de inquérito para responder a pergunta 121 *...pessoas muito ruins ou que têm atitudes ruins?*, com dezenove respostas, foi *ruim*, o qual não coincide com os dois itens/tema desta pergunta. Há, como frequência para *ruim*, um número bem maior de respostas masculinas, treze, *versus* apenas seis proferições femininas. Ressalta-se que, do mesmo modo desproporcional, há um número maior de atribuições responsivas feitas pelos jovens, de 18 a 40 anos, doze, contra sete de sujeitos acima de 50 anos.

Encontra-se, ainda, nos dados elencados acima, uma variante morfológica de *ruim*, a que apresenta acréscimo sufixal, *ruindade*, que se evidencia com unicamente uma ocorrência, de uma mulher, acima de 50 anos, de Cláudia. Localizam-se dentre as respostas, também, duas expressões variantes: *bicho ruim*, falada tão somente por uma mulher, acima de 50 anos, de Vera; e *muito ruim*, proferida nas quatro cidades em análise, e expressa por um número quase absoluto de respostas trazidas por mulheres, cinco, enquanto só dois homens fizeram menção da mesma.

Quanto ao item lexical/tema *tranqueira*, aparece em somente três respostas, de um homem, acima de 50 anos, e de uma jovem, de 18 a 40 anos, ambos de Sinop, bem como de uma mulher, acima de 50 anos, de Santa Carmem.

Já o item lexical/tema *mundiça* não foi trazido como resposta por nenhum dos sujeitos entrevistados, no entanto, se destaca, nos dados, uma variante morfológica deste item, a que exhibe derivação sufixal, *mundiçada*, pronunciada apenas por uma mulher, acima de 50 anos, de Santa Carmem.

4.6.11 Encrenqueira

122) ..a pessoa que gosta de armar encrencas?

Tabela lexical 122

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Pais Etnia	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
arruaceira				1				1			1				1		1	1							08
baderneira				1					1						1				1						02
bagunceira	1							1							1			1							02
barraqueira						1					1	1	2		1			1			1	1	3		06
brigona			1		1						1				1		1		1						08
briguenta				1		1				1	2			1	1		1		1		3	1	1		07
bronqueira									1											1					01
caçadora de confusão									1											1					01
desordeira								1											1						01
casacaqueira	4	4	4	4	2	1	2	2	2	1	2	1	2	1	2	2	8	8	4	3	4	2	4	3	36
foqueira		1				1											1		1						02
fuxiqueira						1													1						01
TOTAL	5	5	5	7	3	5	2	5	4	3	4	4	3	3	3	4	10	12	5	10	8	7	6	7	63

Fonte Direta

Como podemos verificar, tanto na Tabela 122 quanto no Cartograma 122, o item lexical *encrenqueira* destaca-se como norma prioritária de uso entre os sujeitos em todos os municípios pesquisados, com trinta e seis respostas à questão 122 *...a pessoa que gosta de armar encrencas?*. Salienta-se que este item/norma coincide com o tema desta questão.

Há, como frequência, vinte atribuições responsivas masculinas, ou seja, todos os entrevistados homens deram *encrenqueira* como resposta, enquanto as mulheres o trouxeram em seu corpo responsivo dezesseis vezes, tendo sido, ainda, dezessete destas atribuições feitas por respondentes com mais de 50 anos e dezenove por jovens, de 18 a 40 anos.

4.6.12 Fominha/Gananciosa

123) *...a pessoa que tem muita ambição, ganância tendo em vista o lucro?*

Tabela lexical 123

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Total
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
Lexia	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
ambiciosa	2	1	4	1	2	1	2	2		1	1		1	1	1		6	2	4	3	1	1	2	1	20
dinheirista										1			1								1				01
esganada													1										1		01
gananciosa	2	2	1	4	1	1		2	1	1	2	2	1			2	3	6	1	3	3	3	1	2	22
interesseira							1								1				1					1	02
invejosa							1						1	1									1	1	03
mão-de-vaca		1		1													2								02
mesquinha		1														1									01
olho-gordo	1													1		1						1			02
zoio-grande													1										1		01
zoiúda									1					1							1		1		02
TOTAL	5	5	5	6	3	2	2	6	2	2	3	3	2	4	4	3	10	11	5	3	5	3	6	7	37

Fonte Direta

TEMA: fominha/gananciosa

CARTOGRAMA 123

PERGUNTA: ... a pessoa que tem muita ambição, ganância, tendo em vista o lucro?

LEXIAS	
ambiciosa	mão de vaca
dinheirista	mesquinha
esganada	olho gordo
gananciosa	zoio grande
interesseira	zoiúda
invejosa	

FAIXAS ETÁRIAS	
◆ Homem - Acima de 50 anos	● Mulher - Acima de 50 anos
▲ Homem - 18 a 40 anos	■ Mulher - 18 a 40 anos

De acordo com a Tabela 123, transposta para o Cartograma 123, destaca-se como maior ocorrência para responder a pergunta 123 *...a pessoa que tem muita ambição, ganância tendo em vista o lucro?*, o item lexical *gananciosa*, o qual confere com um dos itens/tema desta pergunta, com vinte e duas respostas atribuídas pelos entrevistados nos quatro pontos de inquérito. Dessas respostas, há um número bem maior de proferições femininas, quatorze, *versus* apenas oito de sujeitos masculinos. Salienta-se, também, que há um número maior de respostas de *gananciosa* dadas pelos jovens, de 18 a 40 anos, treze, contra nove de sujeitos acima de 50 anos.

Quanto ao item lexical/tema *fominha*, não há nenhum registro do mesmo entre os dados catalogados para a questão supracitada. Nem mesmo o pioneiro S9 M, de Sinop, que mencionou *fominha* na materialidade linguística de seu relato de experiência pessoal, conforme se pode ver no seguinte excerto “De certa forma foi mais ela do que eu que puxou pra vir, porque ela é **fominha**, né!”, o citou como resposta ao enunciado de 123.

4.6.13 Sonega

124) O que faz aquele que deixa de pagar impostos?

Tabela lexical 124

Localidade	Sinop				Vera				Citéu dia				Santa Carmem				Subtotal				Total																
País Étnia	Acima de 50 anos				18/40 anos				Acima de 50 anos				18/40 anos				Acima de 50 anos				Sinop				Vera				Citéu dia				Santa Carmem				Municípios
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios								
calote								1				1				1				1		1		1					08								
comu pção	1															1													01								
deixa de contribuir															1										1				01								
fica com dívidas									1												1								01								
frau de								1												1									01								
não contribui				1														1											01								
não paga imposto						1										1				1						1			02								
nega		1												1				1								1			02								
passa a perna															1											1			01								
sonega	1	1	4	3	2		1	1	2		2	2	2		1	2	3	4	3	1	4	2	3	2					24								
sonegação							1													1									01								
su nega	1																1												01								
não soube responder	2	2				1				1				1	1		2	2		1		1	1	1					08								
TOTAL	3	4	4	4	2	2	2	3	2	2	2	3	2	2	3	3	9	8	4	3	4	3	3	7					47								

Fonte Direta

TEMA: sonega

CARTOGRAMA 124

PERGUNTA: O que faz aquele que deixa de pagar impostos?

Na Tabela 124, como também se verifica no Cartograma 124, o item lexical que se apresenta com maior ocorrência é *sonega*, com vinte e quatro respostas distribuídas em todos os quatro municípios pesquisados. Este item/norma, que confere com o tema da questão *O que faz aquele que deixa de pagar impostos?*, traz, como frequência, um número maior de respostas masculinas, quinze, *versus* nove femininas. Ressalta-se que há, ainda, uma quantificação numérica muito maior de proferições feitas por jovens, de 18 a 40 anos, dezesseis, contra apenas oito por sujeitos acima de 50 anos.

Encontram-se, nos dados elencados acima, duas variantes morfológicas de *sonega*: a que exhibe acréscimo sufixal, *sonegação*, falada tão somente por um jovem, de 18 a 40 anos, de Vera; e a que evidencia aférese, *nega*, dita só por duas mulheres, acima de 50 anos, uma de Sinop e uma de Santa Carmem. Localiza-se, também, nesses dados, uma variante fonética: a que manifesta variável da vogal média-alta /o/ pela alta /u/ em posição pretônica, *sunega*, mencionada unicamente por um entrevistado, acima de 50 anos, da cidade de Sinop.

Com relação às justificativas trazidas juntamente às atribuições responsivas, destaca-se a argumentação utilizada pela jovem de Sinop, S14/2 F, estudante de Direito de 23 anos, que não concorda com o uso do item lexical/norma *sonega* com o sentido de *deixar de pagar impostos*, como se pode verificar no seguinte excerto:

Eu estudei sobre isso esse ano ainda, **então fala mau pagador e não sonegador, não aquele que sonega**, porque é aquele que não paga, aquele que deixou de pagar, porque sonegador é um termo muito forte e às vezes não é o que acontece, sonegador pra mim é aquele que desvia o dinheiro e aquele que não paga imposto é apenas aquele que deixou de pagar, é um mau pagador, seria um irresponsável, mas sonegador não.

Salienta-se, ainda, a grande quantidade de não-respostas expressas pelos respondentes ao enunciado da pergunta supracitada, ou seja, oito sujeitos localizáveis em todos os pontos de inquérito não souberam dar nenhuma resposta a esta pergunta: cinco mulheres e três homens, dos quais sete têm mais de 50 anos e apenas um é jovem, de 18 a 40 anos, mais especificamente um rapaz de Santa Carmem.

4.6.14 Engravatadinha

125) ...pessoa bem vestida, com boa apresentação? (Houaiss, 2004, p.1151).

Tabela lexical 125

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total					
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios	
Lexia	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios	
ajetada																									01	
alinhada							1				1								1						01	
apresentável											1				1				1					1	02	
bacana							1						1						1					1	02	
bem arrumada	2			1			1				1	1		1	1		3		1	1	1	1	1	1	06	
bem trajada				1													1								01	
bem vestida				1											1		1							1	02	
boa	2		1	3			1	1	1	1	1	1		1			3		1	2	1	1			12	
boa aparência	1			2			1		1					1		1	1	1	1	1			2		06	
boa-pinta			1	1							2						1	1			2				04	
bo gosto			1		1							2						2							02	
bonita			1	1			1		1		1	1	1		1	1	1	1	2		1	2	1	1	09	
chique	2		1	1			1		1	1	2			1			3	1		2	1	2			10	
elegante	2	2	1	2					1	1	2	1		2	1		3	4		1	1	2	3	1	1	16
engomadinha	1																1								01	
grã-fina	1				1												1	1							02	
mauricinho																	1	1		1					02	
nos panos				1													1								01	
patricinha								1									2		1						02	
rica										1						1					1	1			02	
tá na estica	1																1								01	
tá nos trinques	1													1			1					1			02	
não soube responder																									01	
TOTAL	12	6	10	12	2	3	4	6	4	6	6	4	3	4	4	4	23	19	6	9	10	10	7	2	92	

Fonte Direta

TEMA: engravatadinha

CARTOGRAMA 125

PERGUNTA: ... pessoa bem vestida, com boa apresentação?

Conforme a Tabela 125, transposta para o Cartograma 125, o item lexical *elegante*, o qual não coincide com o tema da pergunta 125 ...*pessoa bem vestida, com boa apresentação?*, aparece como o mais utilizado dentre as respostas dos entrevistados, com dezesseis ocorrências em todos os quatro municípios pesquisados, faladas por sete sujeitos masculinos e nove femininos. Com relação às atribuições responsivas dadas entre as faixas etárias, destaca-se exatamente o mesmo número de respostas entre ambas, ou seja, oito menções de cada uma.

Já o item lexical/tema *engravatadinha*, não foi trazido ao corpo responsivo de nenhum dos sujeitos, segundo os dados acima elencados, nem mesmo do respondente migrante de Sinop, S10 M, que o utilizou em sua narrativa pessoal ao relatar sobre acontecimentos cotidianos do início da colonização, como se pode constatar no fragmento a seguir: “Mulher, quem saía na rua? Você entrava na rua tinha 500 peão de fazenda, de mato, sem desmerecê ninguém, né, às vez são mais respeitoso do que até os próprios **engravatadinhos** que têm na rua, mas quem é que tinha coragem? Quem tinha coragem?”.

Acentua-se, também, a grande quantidade de itens lexicais e expressões que foram apresentados como respostas à questão supracitada apenas pelos jovens, de 18 a 40 anos, tais como: *ajeitada, alinhada, apresentável, bem traiada, bem trajada, mauricinho, nos panos e patricinha*.

Esse resultado analítico quantitativo demonstra a extensa mobilidade qualificativa que se tem à disposição na atual conjuntura lexical da língua portuguesa, promovida, dentre outros fatores, pela linguagem da mídia. Como exemplificação deste fato, há a disseminação, nos anos 90 do século XX, dos itens *mauricinho e patricinha*, que foram propagados inicialmente no *Jornal do Brasil*⁵⁵, jornal carioca, mas que logo foram reproduzidos por jovens e adultos de distintas regiões brasileiras.

Mais especificamente quanto à palavra *patricinha*, de acordo com dados coletados pela Doutora em Antropologia Cultural pelo PPGSA⁵⁶/UFRJ e professora do Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio, Cláudia Pereira, esta teria sido

cunhada pelo colunista Zózimo Barrozo do Amaral, em 1991, quando fez referência à matéria de capa da primeira edição da revista *Veja*

⁵⁵O jornalista Tim Lopes começou a utilizar, mais expressivamente na última década do século XX, o atributo qualificativo *mauricinho* para o “rapaz todo arrumadinho” em suas publicações periódicas feitas no Caderno Cidade desse Jornal. Pouco tempo depois, especificamente em 1991, o colunista Zózimo Barrozo do Amaral alcunha às “boas moças que valorizam a aparência” o cognome *patricinha*.

⁵⁶ Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia.

Rio. Esta matéria falava sobre as novas socialites cariocas, dando destaque para Patrícia Leal, jovem empresária na época. Neste texto, não há qualquer referência às “patricinhas”, mas a moças de boa família, comportadas, sem vícios, ricas e proeminentes na sociedade carioca. Zózimo, então, escreveu que, depois dos “mauricinhos”, a Veja Rio inventava as “patricinhas”. Logo em seguida, é lançado o filme “Clueless”, cujo título foi traduzido para “Patricinhas de Beverly Hills”. Distribuído para todo o país, o filme passou a representar as adolescentes e jovens que tinham, ou desejavam ter, um estilo de vida parecido com aquele retratado pelo filme, das rich girls norte-americanas. A partir daí, o termo “patricinha”, simplificado mais tarde para “paty”, ganhou novos significados, chegando a ser uma categoria de acusação entre as adolescentes⁵⁷.

Dessa forma, a mídia contribui não só para a ampliação semântico-lexical de novos atributos qualificativos e neologismos, mas também para incutir e disseminar estereótipos, os quais, classificados em categorias, tendem a generalizar-se e a ‘ditar’ regras sociais, tais como a difusão da necessidade de jovens e de adultos se preocuparem exageradamente com a própria imagem, necessidade esta que remete aos interesses do consumo.

4.6.15 Bamburrado

126) ...aquele que encontrou grande quantidade de ouro ou pedras preciosas, que fez fortuna inesperadamente ou que ganhou um grande montante em dinheiro? (Aurélio, 1986, p.226).

Tabela lexical 126

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
País Estádio	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
abastado		1														1									01
bamburrado	1													1	1								1		02
bamburrou	3					1							2	1	1		3			1			3	1	08
bancaria	1															1									01
de sorte								1	1					1							1	1		1	03
emburrado										1											1				01
enriqueceu			1			1					1		2			1		1			1		2		05
enriqueceu	1		1			1									2		1								03
leveu a água										1											1				01
milionário		1	2			1			1		1					2	1	1	2						06
ricardo						1													1						01
rico		1			1	1		1	1			1		1			1	2	1	1	1				07
sortudo		2	1	2							1				1	1	4				1		1		07
talento										1										1					01
teve o pé de terra						1													1						01
teve o pé do estaleiro	1															1									01
não soube responder		1	2	2				1		1						2	3		1		1				07
TOTAL	7	6	7	4	2	3	3	2	3	2	4	3	2	4	2	2	14	10	5	5	7	5	4	6	56

Fonte Direta

⁵⁷ SÃO PAULO VESTIBULAR: O PORTAL DE VESTIBULAR DE SÃO PAULO. Definindo as patricinhas. 13 de out. de 2009. Disponível em <http://www.saopaulovestibular.com.br/artigos/definindo-as-patricinhas.html>. Acessado em 29 de set. de 2012, às 16h e 31min.

TEMA: bamburrado

CARTOGRAMA 126

PERGUNTA: ... aquele que encontrou grande quantidade de ouro ou pedras preciosas, que fez fortuna inesperadamente ou que ganhou um grande montante em dinheiros? (Aurélio, 1986, p.226)

De acordo com a Tabela 126, transposta para o Cartograma 126, o item lexical mais utilizado, em três dos quatro pontos de inquérito pesquisados, Sinop, Vera e Santa Carmem, para responder a pergunta 126 *...aquele que encontrou grande quantidade de ouro ou pedras preciosas, que fez fortuna inesperadamente ou que ganhou um grande montante em dinheiro?*, com oito respostas, foi o verbo em terceira pessoa do pretérito perfeito *bamburrou*, o qual destoa do item/tema desta pergunta apenas por ser *bamburrado* uma variante sob a forma nominal de particípio. Como frequência, evidencia-se para *bamburrou* um número bem maior de respostas masculinas, seis, *versus* somente duas femininas. Destaca-se também, dentre estas atribuições responsivas, a grande quantificação numérica que se distingue entre as respostas trazidas pelos sujeitos acima de 50 anos, sete, contra unicamente a de um jovem, de 18 a 40 anos, de Santa Carmem. Já a variante/tema aparece em só duas respostas, na de um sujeito acima de 50 anos, de Sinop, e na de uma jovem, de 18 a 40 anos, de Santa Carmem. Apresenta-se, ainda, nos dados elencados acima, outra variante, o verbo em terceira pessoa do pretérito perfeito, acrescido de prefixação, *embamburrou*, falado tão somente por um jovem, de 18 a 40 anos, de Cláudia.

Ressalta-se, conforme os dados, o alto número de não-respostas expressas pelos respondentes à questão supracitada, ou seja, sete entrevistados dos municípios de Sinop, de Vera e de Cláudia não souberam dar nenhuma resposta ao conceito de 126, dentre eles cinco são mulheres e apenas dois são rapazes, de 18 a 40 anos, ambos de Sinop. Sinop mostra-se também como a cidade que exprime o maior número de não-respostas, cinco, *versus* uma manifestada em Vera e outra em Cláudia.

A desproporção quantitativa que se revela entre as respostas dos sujeitos acima de 50 anos e as dos jovens, de 18 a 40 anos, assim como entre as não-respostas de homens e de mulheres, pode estar relacionada ao fato de as atividades inerentes ao processo de garimpagem estarem decedentes e por serem, predominantemente, realizadas por homens, tal como nos informa Marta (2001, p.24), ao explicar que a “maioria dos garimpeiros constitui-se de população essencialmente masculina, que faz do perigo, da valentia e da bravata, valores e condutas praticadas no cotidiano”.

Assim, a “corrida ao ouro”, efusiva nos séculos passados, encontra, na atual conjuntura político-econômica, pouco estímulo e falta de investimentos que remetam ao aprimoramento do setor, o que se justifica pelos (des)interesses neoliberais de âmbito internacional que mobilizam o cenário sócio-político contemporâneo ou mesmo pela exaustão do minério primário em muitos locais que outrora realizaram a extração de forma predatória, visto que no “século XVIII, Mato Grosso já apresenta uma forte ligação entre colonização e garimpagem do ouro, esta atividade representou o ápice econômico da região até sua acentuada decadência no século XIX⁵⁸”.

4.6.16 Brefado/Vazado

127) **...aquele que empobreceu após ter enriquecido por meio do garimpo, ou faliu, ficou pobre?**

Tabela lexical 127

⁵⁸ PASSOS, M. M. dos. **Mundo do Garimpo**. Disponível em <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal8/Procesosambientales/Geomorfologia/02.pdf>. Acessado em 09 de out. de 2012, às 13h e 14min.

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Total
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios								
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios						
azarado											1	1			1							1	1	1	1		08						
blefado		1								1						1					1						02						
brefado	1	1				1								1	1	1	1		1				1	1			03						
brefou	1													2		1	1								3		04						
caiu						1								1						1					1		02						
desperdiçou								1												1							01						
falido	1	1	1	3							1	1					2	4				1	1				08						
faliu	1		1	2		2			2	1		1			2	1	2	2		2	2	2	2	1			13						
ficou duro			1															1									01						
ficou liso							1													1							01						
ficou na pior		1																1									01						
ficou na pior	1					1	1			2		1				1	1		1	1		3		1			07						
ficou sem nada						2														2							02						
mão aberta														1										1			01						
perdeu tudo										1							1										02						
quebrado	1		1	2							1							2	2			1					03						
quebrou	1	2				1	1			1			1		1		1	2		1	1		1	2			08						
se deu mal							1																				01						
se estrupicou						1														1							01						
tá no brefo														1										1			01						
não soube responder	1	1	1				1										2	1		1							04						
TOTAL	8	7	5	7	2	8	3	2	2	5	3	4	4	3	4	6	13	14	5	10	5	9	8	9			73						

Fonte Direta

TEMA: brefo/vazado

CARTOGRAMA 127

PERGUNTA: ...aquele que empobreceu após ter enriquecido por meio do garimpo, ou faliu, ficou pobre?

O Cartograma 127, assim como a Tabela 127, confirmam a norma de uso do item lexical/verbo em terceira pessoa do pretérito perfeito, *faliu*, o qual não confere com nenhum dos dois itens/tema da questão 127 *...aquele que empobreceu após ter enriquecido por meio do garimpo, ou faliu, ficou pobre?*. Foram treze respostas, distribuídas entre seis proferições masculinas, *versus* sete entre as mulheres, mesma quantificação numérica essa que distingue as atribuições responsivas dadas por respondentes com mais de 50 anos e por jovens, de 18 a 40 anos, seis daqueles e sete destes, nos quatro municípios pesquisados. Há, para *faliu*, nos dados elencados acima, uma variante morfológica sob a forma nominal de participio, *falido*, com oito ocorrências em duas das quatro cidades em análise, Sinop e Cláudia, esta falada por três

homens e por cinco mulheres. Destaca-se que esta variante foi trazida ao corpo responsivo de um número bem maior de jovens, de 18 a 40 anos, seis, contra apenas duas citações de sujeitos acima de 50 anos, mais especificamente um casal de Sinop.

Já o item lexical/tema, o particípio *brefado*, aparece somente com cinco ocorrências, divididas entre três manifestações femininas e duas masculinas, sendo esta, também, a diferenciação numérica que se mostra entre as faixas etárias, ou seja, três mobilizações responsivas de sujeitos com mais de 50 anos e duas de jovens, de 18 a 40 anos, localizáveis nos pontos de inquérito de Sinop, de Vera e de Santa Carmem. Este item, do mesmo modo, evidencia variantes, que são, respectivamente: o verbo em terceira pessoa do pretérito perfeito, *brefou*, o qual foi dito por um entrevistado masculino, acima de 50 anos, de Sinop, bem como por duas mulheres, acima de 50 anos, e por uma jovem, de 18 a 40 anos, as três de Santa Carmem; o lambdaísmo/particípio *blefado*, aludido por uma respondente, acima de 50 anos, de Sinop, e por um jovem, de 18 a 40 anos, de Cláudia; e, ainda, a expressão *tá no brefo*, pronunciada unicamente por um homem, acima de 50 anos, de Santa Carmem.

Quanto ao item lexical/tema *vazado*, não há registro do mesmo dentre as respostas dadas para a pergunta supracitada, nem mesmo o migrante de Cláudia, C18 M, que o deixou afluir no seguinte fragmento de sua narrativa pessoal “Eu sou agora do... além de eu tê o serviço da Prefeitura, tô **vazado**. Tô sem nada! Risos...”, o trouxe como possibilidade de resposta a essa pergunta.

Ainda com relação ao ‘pouco’ uso do item/tema *brefado*, é possível que seja justificável, conforme as constatações apresentadas anteriormente, em 4.6.14, pela decadência das atividades inerentes à garimpagem no norte mato-grossense, o que diminuiu o fluxo de garimpeiros na região, bem como por não haver, nos quatro pontos investigados, confirmação de jazidas ou de depósitos naturais de minérios.

Salienta-se, também, que, apesar de não haver nenhum registro de *brefado* nos principais dicionários consultados, *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2004), *Novo dicionário da língua portuguesa* (1986) e *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa* (Aulete Digital), localizei este item lexical, com o mesmo sentido difundido no norte de Mato Grosso, na seguinte explicitação metalinguística feita por Silva (2009b, p.96), em sua Tese de Doutorado, na qual aborda sobre as memórias e identidades de trabalhadores maranhenses na região dos Cocaís, “Brefo é termo

utilizado pelos camponeses dessa região para definir uma situação de necessidade, pobreza, miséria. Pode ser visto também como **o momento em que a pessoa não tem dinheiro algum: está brefado.**” (grifos meus). Há, ainda, menção de *brefado* com este mesmo conceito na obra “Da Linguagem Cuibana” (2007), de Pedro Rocha Jucá, e no “Dicionário de termos rondonienses” (2011), que resgata palavras e expressões disseminadas no Estado de Rondônia.

4.6.17 Aproveitadora

128) ...a pessoa que tira proveito de uma situação ou circunstância e só pensa nela mesma ou em obter vantagens e favores?

Tabela lexical 128

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia / Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
aproveitadora	2	1		4	2	2	2	1	2	1	2	2	1	1		1	2	3	4	3	4	3	1	2	24
cobra criada			1														1								01
egoísta	1	2	1	3						1			1		1	2	2	3				1	2	2	12
esperta			1							1							1				1				02
interesseira			1				1										1			1					02
oportunista	1		1										1				2						1		03
sacana							1								1					1				1	02
safada		1					1										1		1						02
sanguessuga	1	1															1	1							02
sugadora		1															1								01
usurente													1										1		01
vigarista		1															1								01
não soube responder			1											1		1							1		02
TOTAL	3	7	6	7	2	2	2	4	2	3	2	2	3	2	2	4	11	14	4	6	4	3	3	6	33

Fonte Direta

Na Tabela 128, como também se verifica no Cartograma 128, é o item lexical *aproveitadora* que se apresenta com maior ocorrência, tendo sido proferido por vinte e quatro sujeitos. Destaca-se que este item/norma coincide com o tema de propositura da questão 128 *...a pessoa que tira proveito de uma situação ou circunstância e só pensa nela mesma ou em obter vantagens e favores?*.

Como frequência, verifica-se que *aproveitadora* aparece em onze respostas masculinas e treze femininas, nos quatro municípios em análise. Com relação às atribuições responsivas entre as faixas etárias, evidencia-se exatamente a mesma quantificação numérica entre ambas, ou seja, doze proferições dadas por cada faixa.

4.6.18 Pistoleiro/Jagunço

129) *...a pessoa que é paga para matar alguém?* (Questionário ALiB, 2001, p.32).
Tabela lexical 129

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
assassina													1											1	01
assassina de aluguel				1													1								01
bandida cangaceira									1				1							1				1	02
capacho	1					1				1	1		1	1			1			1	1	1	1	1	06
capanga				1													1								01
capanga capataz	1	1	1	2		1	1	1		1	1					1	2	3	1	2	1	1		1	11
contratada									1			1	1		1	1					1	1	2	1	03
guacheba				1			1		1		1	1	1		2		1		1	2	1	3			08
homicida				1																					01
jagunço	2	1		1			1	1		1	1		1	1		2	2	2	1	1	1	1	1	3	12
matador		1															1								01
matador de aluguel		3	1	3			1	2		1	2	1		1		1	6	1	2		3	2			13
pistoleiro				1			1			1			1		1	1			1			1	2		03
não soube responder	2	2	4	1		2		1	2		2		1		1	1	6	3		3	4		2	1	19
TOTAL	6	3	9	9	2	4	3	3	6	3	6	4	3	3	6	6	13	17	7	9	12	9	11	11	91

Fonte Direta

TEMA: pistoleiro/jagunço

CARTOGRAMA 129

PERGUNTA: ... a pessoa que é paga para matar alguém? (Questionário ALiB, 2001)

Conforme podemos verificar na Tabela 129, ratificada pelo Cartograma 129, é o item lexical *pistoleiro* que se apresenta com maior ocorrência, tendo sido trazido ao corpo responsivo dezenove vezes pelos entrevistados. Este item/norma coincide com um dos temas de propositura da questão 129 *...a pessoa que é paga para matar alguém?*, no entanto, difere da expressão/tema, *assassino pago*, desta mesma questão que integra o QSL do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, expressão esta que, inclusive, não aparece dentre as respostas elencadas nos dados por mim coletados. Como frequência, verifica-se que *pistoleiro* se destaca em um número maior de respostas masculinas, doze, *versus* sete femininas, das quais nove foram propaladas por respondentes com mais de 50 anos e dez por jovens, de 18 a 40 anos, nos quatro municípios em análise.

Quanto ao item lexical/tema, *jagunço*, manifesta-se em doze respostas da mesma forma localizáveis em todos os pontos de inquérito, sendo divididas entre cinco atribuições responsivas dadas por homens contra sete femininas. Com relação às respostas que se evidenciam entre as faixas etárias, há exatamente a mesma quantificação numérica entre ambas, ou seja, seis proferições dadas por cada faixa.

Ressalta-se que a ocupação que se deu na região norte-matogrossense, mobilizada essencialmente por migrantes em busca de terra para plantio, não aconteceu de forma ‘inocente’ como muitos registros históricos querem nos fazer crer, mas sim, de acordo com Picoli (2004a, p. 27), em meio a conflitos dramáticos que se acentuavam, sobretudo, ao longo dos eixos rodoviários. Nesse sentido, segundo nos informa esse autor, “ocorreram inúmeros confrontos, com envolvimento de soldados, **jagunços, pistoleiros**, grileiros, colonos, índios, latifundiários e posseiros. Nesta região se evidenciou a concentração da propriedade e, assim, a luta pela terra retrata a face ‘selvagem’ do capitalismo brasileiro”. (grifos meus).

Em consonância com essas assertivas de Picoli (2004a), encontram-se, também, relatos integrantes da narrativa pessoal do pioneiro S12 M, de Sinop, que deixam afluir o contexto sócio-histórico e os acontecimentos e as ações desenvolvidas na região no início de sua colonização, conforme os seguintes excertos:

Chegou numa altura lá, deu uma foiçada no velhinho, matô o velhinho, cortô a orelha do velhinho e veio embora com a orelha pra ganhá a grana. É, **pistoleiro**, né, que não tem nada pra perdê; **como hoje ainda também**. Na época tinha mais, tinha bastantinho. [...] Um dia, na Igreja Santo Antônio, você conheceu o Padre João? [...] os primeiros tempo o Padre João, ele andava com revólver na cinta. Nas

festa andava com um Trinta e Oito aqui (gesto) na cinta. Sofria ameaça. Tinha **jagunço**, gente que não gostava dele dizia *oh, tu cai fora senão tu vai morrê*. Assim por mixaria. [...] Por isso que o Padre precisava disso.

É importante salientar, ainda, que, para Portela e Oliveira (1991, p.15), os itens lexicais *jagunço* e *pistoleiro* mostram-se em relação sinonímica de uso, visto que “os jagunços são ‘pistoleiros’ ou ‘seguranças’ contratados por grileiros, empreiteiros ou empresários para patrulhar as suas terras e expulsar delas os posseiros.”

Quanto ao âmbito de utilização dos itens, que compõem o quadro responsivo da pergunta supracitada, verifiquei, ao consultar os dicionários regionais de Bossle (2003) e de Navarro (2004), que:

JAGUNÇO O Dicionário do folclore brasileiro, de Câmara Cascudo, informa que, originalmente, na BA e em PE, era um pedaço de madeira com uma ponta de ferro agudo, uma arma de defesa pessoal (ou de ataque): “Passou a **jagunço** quem o manejava profissionalmente e jagunçada a reunião de **jagunços**, significando valentões assalariados, capangas, bandoleiros, correspondendo aos cangaceiros do século XX”. (NAVARRO, 2004, p.196) (grifos do autor).

CAPANGA Valentão assalariado para proteger pessoalmente uma pessoa importante (político, fazendeiro, etc.); guarda-costas. (BOSSLE, 2003, p. 120).

Portanto, de acordo com as entradas registradas nestes dicionários, os itens lexicais *jagunço* e *cangaceiro*, que remetem ao sentido do conceito de 129, encontram espaço de disseminação, fundamentalmente, no nordeste brasileiro, já o item *capanga* é difundido em ambas as localizações geográficas.

Constatei, ainda, que o item lexical *gaucheba*, também assinalado dentre as respostas atribuídas à questão 20 de meu QSL, *...homens que são contratados para trabalhar em fazendas, não mantêm moradia fixa, são geralmente isolados de parentes ou família, e, às vezes, recrutados em outros Estados?*, não aparece inscrito em nenhum dos cinco dicionários contemporâneos que tenho usado como fonte referencial: *Novo dicionário da língua portuguesa* (1986), *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2004), *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa* (Aulete Digital), *Dicionário Gaúcho Brasileiro* (2003) e *Dicionário do Nordeste* (2004).

No entanto, além de sua utilização em todos os pontos de investigação desta pesquisa, como os dados nos apontam, localizei *gaucheba* noticiado em uma

reportagem de assassinato efetuado em Novo Progresso, no Estado do Pará, Estado este vizinho de Mato Grosso. Nessa matéria jornalística o redator explicita, inclusive, o conceito deste item, segundo o seguinte fragmento: “O assassino está foragido, a Polícia está à procura do elemento criminoso que atende por apelido de CHEBA, que é a abreviatura de (**guacheba**), o que na linguagem popular significa **matador de aluguel, segurança clandestino que fica à disposição de um segundo comando para realizar serviços sujos**⁵⁹”. (grifos meus).

4.6.19 Emboscada/Tocaia

130) ...quando o _____(cf. item 129) espera num esconderijo o inimigo para atacá-lo?

Tabela lexical 130

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Total			
Faixa etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios											
Lexia	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios							
Sexo																																				
amoitado											1										1									01						
arapuca			1																			1					1			02						
armadilha			1		2	2	1		1	1	1	1	2		1	2	1		3	2	2	2	3	2						13						
atrás do toco	1								2								1				2									03						
cilada			1	1				1		1			1				1	1	1		1		2			1				06						
embocada															1											1				01						
embocada	2	1		1			1	2		1	1	1					2	2	1	2	1	2								10						
entocado														1		1									2					02						
fica na espera		1					1		2		1						1	1	3											03						
fica na espreita		1							1													1								02						
fica na moita	1			1																										02						
furna													1													1				01						
mocado																	1							1						01						
moitado				1															1											01						
na moita	1																1	1										1		02						
piquete														1																01						
tocaia	2	2	3	2		1	2	2	1	2	2		2		2		1	3	4	2	3	3	2	4	1					24						
não soube responder	1		1														2													02						
TOTAL	8	9	7	6	2	3	3	3	6	6	6	3	4	4	3	2	13	11	7	2	12	9	7	12						81						

Fonte Direta

⁵⁹ POVOS DA AMAZÔNIA. **Mulher é assassinada com 5 tiros em Novo Progresso**. Disponível em <http://povosdaamazonia.com.br/selva/modules/artigos/item.php?itemid=1474>. Acessado em 11 de out. de 2012, às 10h e 58min.

De acordo com as inscrições da Tabela 130 e de seu respectivo Cartograma, verifica-se que o item lexical *tocaia*, de maior ocorrência entre as respostas dadas pelos entrevistados, coincide com um dos itens/tema de propositura da questão 130 ...*quando o _____ (cf. item 129) espera num esconderijo o inimigo para atacá-lo?*. Dentre as vinte e quatro respostas, localizáveis em todos os pontos de inquérito, há quatorze masculinas, *versus* dez femininas. Destaca-se, também, o maior número de menções de *tocaia* trazido ao corpo responsivo dos jovens, de 18 a 40 anos, quatorze, contra dez atribuições de sujeitos acima de 50 anos.

Quanto ao item lexical/tema *emboscada*, se mostra em dez respostas em três dos quatro pontos de estudo, Sinop, Vera e Cláudia. Houve predileção deste item pelos sujeitos femininos, que o pronunciaram seis vezes, *versus* quatro alusões masculinas, assim como pelos jovens, de 18 a 40 anos, que o manifestaram também seis vezes, contra quatro citações de respondentes acima de 50 anos. Localiza-se, dentre as respostas catalogadas para a pergunta supracitada, uma variante fonética de *emboscada*, a que exhibe síncope, *embocada*, dita por apenas uma mulher, acima de 50 anos, da cidade de Santa Carmem.

Salienta-se, ainda, que o contexto sócio-histórico da região nos apresenta um ambiente em que *emboscadas* e *tocaias* eram comuns, no início da colonização, e serviam ao propósito de promover “justiça”, pois “Não tinha autoridade, não tinha nada⁶⁰”, ou de eliminar os indesejáveis que pudessem ‘atrapalhar’ os objetivos capitalistas de aquisição de terras ou negociações políticas. Esta constatação se faz presente no relato de experiência pessoal do pioneiro C18 M, de Cláudia, já apresentado nos ‘causos’ expostos no Capítulo 2 deste estudo, mais especificamente o ‘causo’ 13:

Atiraram na chácara dele lá embaixo. Fizeram uma **emboscada** pra ele. É por causa de rolo de terra aí. Pegaram ele na **tocaia**. Pegaram ele na tocaia quando ele saiu da chácara dele, ele abriu o portão e saiu, quando fechô o portão ele montô no carro, os cara pegaram ele por trais. Ele morava ali em cima.

4.6.20 Revólver/Arma/Espingarda

131) **...objeto fabricado com o propósito de ataque ou de defesa, usado muitas vezes para atirar e matar?**

Tabela lexical 131

⁶⁰Conforme fragmento do relato pessoal da pioneira de Vera, V2 F.

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Sinop								Vera				Cláudia				Santa Carmem				Totais
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios				
Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios				
arma	2		2	3				1			1				1	4	3		1	1			1								1	10					
arma de fogo									1			1										1	1										02				
carabina	1		1				1		1				1	1	1		2		1		1		2	1									07				
espingarda	3	1	1	2	2	2	2	2	2	2	2	1	2		2	1	4	3	4	4	4	3	4	1									27				
fuzil									1												1												01				
garrucha		1		2									1				3						1										04				
garrucha				1											1	1									1								02				
mausa														1																			01				
mosquitão									2	1											1	2											08				
mosquitão																	1																01				
pistola	3	3	4	3		2	1	1			2	2		1		2	7	6	1	3	2	2		3									24				
rifle	1																1																	01			
revólver	4	3	4	3	1	1	1	2	2	2	2	1	2	2	1	1	2	3	6	2	3	3	4	3	3								32				
revólver						1						1					1			1	1		1										08				
trabuco															1									1										01			
winchester									1																									01			
TOTAL	14	8	12	14	3	6	3	6	8	6	8	6	6	4	6	8	26	22	8	12	16	12	12	12									120				

Fonte Direta

TEMA: revólver/arma/espingarda

CARTOGRAMA 131

PERGUNTA: ... objeto fabricado com o propósito de ataque ou de defesa, usado muitas vezes para atirar e matar?

Conforme a Tabela 131, transposta para o Cartograma 131, o item lexical mais utilizado para responder a pergunta 131 ...objeto fabricado com o propósito de ataque ou de defesa, usado muitas vezes para atirar e matar?, com trinta e duas respostas, foi *revólver*, o qual coincide com um dos temas que engendrou esta pergunta. Há, nos quatro pontos de inquérito, como frequência, exatamente o mesmo número de respostas entre os homens e as mulheres, dezesseis, sendo esta também a mesma quantificação numérica que distingue as respostas trazidas pelos jovens, de 18 a 40 anos, e as dos entrevistados acima de 50 anos, dezesseis. Este item/norma apresenta, ainda, nos dados

elencados acima, uma variante fonética, que exhibe rotacismo, *revórver*, falada por uma mulher, acima de 50 anos, de Vera, e por dois jovens, de 18 a 40 anos, um de Cláudia e um de Santa Carmem.

Quanto ao item lexical/tema *espingarda*, registra-se como segunda maior ocorrência, com vinte e sete respostas, da mesma forma localizáveis em todos os quatro municípios pesquisados, e distribuídas entre as proferições de dezesseis sujeitos masculinos e de onze femininos, das quais quatorze foram mencionadas por respondentes com mais de 50 anos e treze por jovens, de 18 a 40 anos.

Já o item lexical/tema *arma* aparece com dez respostas dadas, do mesmo modo, em todas as quatro cidades em análise. Sua divisão frequencial evidencia-se em igual número de respostas trazidas ao corpo responsivo por homens e por mulheres, cinco de ambos. No entanto, há grande diferenciação numérica entre as atribuições responsivas dadas por jovens, de 18 a 40 anos, e por sujeitos formantes acima de 50 anos, oito daqueles e somente duas destes, mais especificamente de dois homens de Sinop. Salienta-se que há, também nos dados, uma variante morfológica deste item, a expressão composta de locução adjetiva, *arma de fogo*, propalada apenas por um homem, acima de 50 anos, e por uma jovem, de 18 a 40 anos, ambos de Cláudia.

4.6.21 Cartucheira

132) ...saco ou estojo de couro, onde se guardam os cartuchos das armas de fogo e que se leva à cintura ou atravessado de um lado do pescoço para o lado oposto do corpo e passando por baixo do braço?

Tabela lexical 132

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal								Total			
País Estádo	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios			
Idade Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios	
alforge													1												1		01	
balão	1																1										01	
cartucheira	4	1	2	4			1	1	1	2	2	2	2	1	2	2	6	5	1	2	4	4	4	4	3		29	
cinta de balão					1										1				1						1		02	
cinturão		1			1	2	2	2	1	1		1		2		1		2	4	3	2			2	1		14	
cinturão de balão					1				1						1				1		1			1			08	
goiaca										1			1		1								1	2			08	
goiaca	1				1								2				1		1					2			04	
não soube responder		2	2														2	2									04	
TOTAL	6	4	4	5	3	5	3	2	4	3	3	2	5	3	4	4	10	9	6	7	7	5	9	8			61	

Fonte Direta

Segundo as respostas da questão 132 *...saco ou estojo de couro, onde se guardam os cartuchos das armas de fogo e que se leva à cintura ou atravessado de um lado do pescoço para o lado oposto do corpo e passando por baixo do braço?*, elencadas tanto no Cartograma quanto na Tabela, é possível observar que a maior ocorrência é do item lexical *cartucheira*, com vinte e nove respostas distribuídas entre quinze proferições masculinas, *versus* quatorze de sujeitos femininos, em todos os pontos de inquérito. Destaca-se que *cartucheira*, que equivale ao item/tema desta questão, foi mencionado por um número maior de jovens, de 18 a 40 anos, dezesseis, contra treze atribuições responsivas dadas por sujeitos acima de 50 anos.

Quanto ao âmbito de utilização dos itens lexicais, que compõem o quadro de respostas da pergunta supracitada, verifiquei, ao consultar os dicionários regionais de Bossle (2003) e de Navarro (2004), que há apenas o registro da seguinte entrada/variante:

GUAÍACA 1. Cinto largo de couro macio, com uma ou duas fivelas, bolso para relógio à esquerda, uma bolsinha para moedas, um bolso maior às costas e meio coldre do lado de laçar (o serrano usa coldre inteiro e do lado esquerdo também a faca). Às vezes é feito de couro de lontra ou de camurça. **Goiaca.** (BOSSLE, 2003, p. 273, grifo meu).

No entanto, vale conferir parte da narrativa da pioneira de Santa Carmem, SC8 F, natural de Misericórdia de Piancó – PB, agregada às respostas trazidas por ela ao conceito de 132, conforme o seguinte fragmento:

Têm muitos nomes, tem **cartucheira**, aquela que põe assim na cintura e põe de lado, outros chama **alforje**, né, de couro pra guardá bala, já ouviu falá? No tempo de Lampião e Maria Bonita eles usavam alforje na cintura, aqueles sacão de bala assim, cartuchera assim, ou então assim (gesto), né, atravessado. Tu já viu retrato de Lampião? Ele era parente da minha mãe, acredita? Primo segundo. Era dos Pereira de Pernambuco. Minha mãe se assinava Maria Emília Pereira da Silva e ele era Virgulino Pereira da Silva, brabo, né? Eu sou uma cangacera veia, tenho até a **goiaca** aqui cheio de bala (risos...).

Assim, de acordo com estas constatações, observa-se que as relações sinonímicas *cartucheira*, *alforje* e *goiaca* podem remeter ao contexto de uso nordestino, enquanto esta última e sua variante fonética *goaiaca*, ainda que com alternância conceitual, são localizáveis também no sul do Brasil. Acentua-se que nos quatro pontos de análise integrantes da região norte mato-grossense há predileção pela variável que se distingue foneticamente pela vogal média-alta /o/ em posição pretônica, *goaiaca*.

4.6.22 Gandaia

133) ...diversão com excessos vivida por pessoas que caem em vida desregrada?

Tabela lexical 133

Localidade	Sinop				Vera				Cláudio				Santa Carmem				Subtotal								Total
País Estado	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudio		Santa Carmem		Municípios
Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
algazarras				2													2								02
arruaço				1				1									1		1						02
baude-mo				1													1								01
bauguço		1		2	1	1		1		1					1		3	1	2		1		1		08
bauduleiro		1															1								01
bebe-de-iro	1			1				2	1		1				1	1	1			2	2		1		07
biscoteiro														1		1								2	02
cair na vida										1					1					1			1		02
estórnia								1												1					01
farras	3				1	1	1	1					1		1		3		1	2	1		2		09
festa			1	1		1	2	1	1								1	1	2	2	1				07
fólio							1												1						01
fúlio											2									2					02
gandaia	2	1	1	2			1		1		2	1	1	1		2	3	3	1	3	1	1	3		19
mauva	1																1								01
pendição		1										1					1				1				02
pinheiro																1							1		01
não soube responder		1	2		1									1		2	1	1				1			05
TOTAL	7	3	4	10	2	3	3	3	3	2	3	3	2	2	2	7	11	13	7	8	10	3	4	9	69

Fonte Direta

PERGUNTA: ... diversão com excessos vivida por pessoas que caem em vida desregrada ?

De acordo com a Tabela 133, transposta para o Cartograma 133, o item lexical mais utilizado para responder a pergunta *...diversão com excessos vivida por pessoas que caem em vida desregrada?*, com quinze respostas, foi *gandaia*, o qual coincide com o tema que engendrou esta pergunta. Há, nos quatro pontos de inquérito, como frequência, oito respostas masculinas e sete femininas. Evidencia-se, também, nos dados elencados acima, uma pequena desproporção numérica entre as respostas dadas pelos sujeitos acima de 50 anos, seis, contra nove proferições entre os jovens, de 18 a 40 anos.

4.6.23 Aluga/Trovia

134) **O que faz aquele que toma o tempo de alguém com a intenção de seduzir, conquistar?**

Tabela lexical 134

[illegible]

TOTAL 7

Fonte Direta

PERGUNTA: O que faz aquele que toma o tempo de alguém com a intenção de seduzir, conquistar?

Na Tabela 134, como também se verifica no Cartograma 134, a maior ocorrência é do item lexical *xaveca*, que aparece em doze respostas nos quatro municípios pesquisados, o qual não é coincidente com nenhum dos temas da questão 134 *O que faz aquele que toma o tempo de alguém com a intenção de seduzir, conquistar?*. Com relação à frequência, destaca-se um número bem maior de respostas masculinas, oito, *versus* apenas quatro femininas. Há, também, uma alta desproporção numérica entre as respostas trazidas ao corpo responsivo dos jovens, de 18 a 40 anos, nove, contra somente três atribuições feitas por sujeitos acima de 50 anos. Encontra-se, ainda, nos dados acima elencados, uma variante morfológica deste item/norma: o diminutivo *xavequinho*, falado unicamente por uma mulher, acima de 50 anos, da cidade de Santa Carmem.

Quanto ao item lexical/tema *aluga*, evidencia-se como segunda maior ocorrência, com dez proferições do mesmo modo localizáveis em todos os pontos de inquérito. Com relação à sua distribuição, se divide igualmente entre as menções masculinas e as femininas, ou seja, há cinco respostas de cada gênero, todavia se realça distinção numérica entre as faixas etárias, visto que se manifestam quatro citações de respondentes com mais de 50 anos e seis de jovens, de 18 a 40 anos.

Já o item lexical/tema *trovia* se mostra, na forma variante por síncope, *trova*, em só duas respostas de sujeitos acima de 50 anos, mais especificamente um homem de Sinop e uma mulher de Cláudia. Este item, ainda, segundo o pioneiro de Sinop, S10 M, natural de Guabiju - RS, é difundido no Estado do Rio Grande do Sul como sinônimo de *repente*, conforme se pode observar no seguinte excerto em que procura justificar o uso de *trova* com o sentido inerente ao conceito da pergunta supracitada:

Trová é uma maneira de alugá, tá me trovando. Trová vem de uma palavra que existe no sul que é a trova, né, a trova é um canto repentista, né. Os nordestinos também têm muito disso, né, os repentistas, né, que cantam inventando na hora, né. No sul chama trova, né, vai inventando na hora as coisas. **É também as trovas das meninas, vai trová uma menina, uma namorada, você fica inventando na hora, que, conforme vem o assunto, vai inventando as coisas, já vira fazendeiro, tá trovando** (risos...).

Esse mesmo sentido é trazido à materialidade linguística do relato de experiência pessoal do migrante de Cláudia, C18 M, que é natural de Francisco Beltrão, no Estado do Paraná. Contudo, o item lexical citado por este pioneiro vem acrescido de epêntese, como se pode ver neste fragmento: “Quando eu voltei, terminei de viajá, eu vim com caminhão, né, aí eu **troviei** a minha mulher, era jovem. Risos...”

É interessante verificar, também, a grande quantidade de itens e expressões que foram apresentados como respostas à questão 134, nos dados, e que enfatizam as predileções e tendências léxicas entre as duas faixas etárias em análise. Nesse contexto, acentua-se que *assédio*, *atrai*, *bate-barro*, *bulina*, *buzina nas orelhas*, *gasta a saliva*, *papeação*, *seduz*, *trova* e *xavequinho* afluem apenas nas atribuições responsivas de entrevistados acima de 50 anos, enquanto *enrola*, *flerta*, *lábua*, *migué* e *171 (um, sete, um)* se encontram só nas respostas de jovens, de 18 a 40 anos.

Estes resultados analíticos quantitativos, que demonstram a extensa mobilidade verbal que se tem à disposição na atual conjuntura lexical da língua portuguesa, denotam consonância com os apontamentos feitos por Clemente (2010, p.1185) , quando afirma que:

Por estar em constante movimento, a língua confere ao falante, cotidianamente, a capacidade de formar novos termos, constatar que outros vocábulos deixam de ser usados com o passar do tempo, sendo possível a incorporação de novos significados ao léxico e, para que isso ocorra, a sociedade utiliza palavras típicas da língua falada, palavras típicas da língua escrita, palavras técnicas, palavras antigas e palavras novas.

Para que essa assimilação ocorra e a expansão léxica se efetue é imprescindível que se conte, também, com os suportes midiáticos, pois são muitas vezes responsáveis por eleger palavras e expressões que ultrapassarão fronteiras territoriais e se cristalizarão na linguagem de todas as pessoas como entidades neurolinguísticas e fenótipos sociolinguísticos.

135) O que duas pessoas fazem quando entram num acordo matrimonial para viverem juntas?

Localidade	Sinop				Vera				Cáudia				Santa Carmem				Subitoia I				Cáudia				Santa Carmem				Total
País Estádio	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cáudia		Santa Carmem		Municípios				
Idade Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios				
ajuntamento		1														1										01			
ajuntar					1	1	2			1									3	1			1				05		
amar e se amar								1						2	1					1				1	2		04		
amar e se	3	1					2	1			2	2	1		1	1	3	1	2	1	2	2	2	1			14		
amigam	1	2	1		1	1		1		1	1		1		1	1	2	2	1	2	1	1	2	1			12		
amotear	1				1	1			1			1	1	1			1		1	1	1	1	1	1			07		
casam	3	2	3	4	1	1	1			1		1		1	2	1	6	6	2	1		2	2	2	2		21		
casamento	2	2	2	1		1	2		2	1	2	1	2	1			4	3	2	1	4	2	2	1	1		19		
casamento																1									1		01		
coitado																													
combinação				1														1									01		
coitado		1																1									01		
coitado									1													1					01		
cuja							1													1							01		
cuja							1												1								01		
cuja				1												1		1							1		02		
matrimônio	1	1			1												1	1	1								08		
monjunt			1				1	1			1						1		1		1						04		
se ajuntam		2	2						2	1	1	1	1	1	2		2	2				3	2	3	1		13		
se enforçam																1									1		01		
se juntam	3		4	2						1		1					2	7	2			1		1	2		13		
união		1																1									01		
uniões		1			1																						02		
TOTAL	14	14	13	10																									

509

TEMA: juntam-se/casam-se

CARTOGRAMA 135

PERGUNTA: O que duas pessoas fazem quando entram num acordo matrimonial para viverem juntas?

Conforme podemos verificar na última Tabela da área semântica Convívio e Comportamento Social, 135, ratificada pelo Cartograma 135, a maior ocorrência, com vinte e uma respostas, foi do item lexical/verbo *casam*, o qual coincide com um dos temas de propositura desta questão *O que duas pessoas fazem quando entram num acordo matrimonial para viverem juntas?*, todavia, se apresenta, trazido ao corpo responsivo de todos os entrevistados que o citaram, sem o pronome reflexivo objetivo *se*. Há, como frequência, dez respostas masculinas, *versus* onze femininas, das quais nove foram propaladas por respondentes com mais de 50 anos e doze por jovens, de 18 a 40 anos, divididas entre todos os pontos de inquérito. Encontram-se, ainda, nos dados elencados acima, para esta forma verbal do presente do indicativo, duas variantes morfológicas: o substantivo *casamento*, que aparece como segunda maior ocorrência, com dezenove respostas da mesma maneira distribuídas em todas as cidades pesquisadas e faladas por um número maior de sujeitos homens, doze, contra sete proferições de mulheres; e a expressão *casamento contratual*, dita unicamente por uma jovem, de 18 a 40 anos, de Santa Carmem.

Já o item lexical/tema *juntam-se* se manifesta nos dados coletados na forma de deslocamento do pronome reflexivo objetivo *se*, ou seja, os treze respondentes, nove masculinos e quatro femininos, dispostos pelos municípios de Sinop, de Cláudia e de Santa Carmem, que trouxeram este verbo/tema em suas respostas alteraram a colocação pronominal temática de ênclise para próclise. Com relação às atribuições responsivas

entre as faixas etárias, destaca-se exatamente a mesma quantificação numérica entre as menções de sujeitos com mais de 50 anos e as de jovens, de 18 a 40 anos, nove daqueles e quatro destes.

Ressalta-se que *se juntam* evidencia grande número de variantes nos dados, que são, respectivamente: a que exibe derivação prefixal e sufixal, *ajuntamento*, proferida por somente uma mulher, acima de 50 anos, de Sinop; a forma verbal no infinitivo, *ajuntar*, pronunciada por um casal, acima de 50 anos, e por dois rapazes, de 18 a 40 anos, todos de Vera, bem como por uma mulher, acima de 50 anos, de Cláudia; a expressão *juntar os panos*, mencionada só por uma jovem, de 18 a 40 anos, de Vera; a expressão *juntar as trouxas*, referenciada apenas por um rapaz, de 18 a 40 anos, de Vera; a expressão *juntar os trapos*, evocada por duas moças, de 18 a 40 anos, uma de Sinop e uma de Santa Carmem; a expressão *morar junto*, salientada tão somente por jovens, de 18 a 40 anos, um rapaz de Sinop, um casal de Vera, e uma moça de Cláudia; e a que realça próclise acrescida de prefixo, *se ajuntam*, expressa por treze entrevistados, oito homens e cinco mulheres, localizáveis em três dos quatro pontos de análise, Sinop, Cláudia e Santa Carmem.

4.6.25 Histograma 25: itens mais frequentes da área semântica Convívio e Comportamento Social

Segundo o Histograma vinte e cinco, é possível verificar a disposição dos itens lexicais de maior ocorrência atribuídos como respostas pelos sujeitos na área semântica Convívio e Comportamento Social deste estudo semântico-lexical.

Exponho, abaixo, a sequência enumerativa das perguntas e seus respectivos itens/norma, que formam o corpo enunciativo desta área:

- 112) Pioneiro= *...aquele que está entre os primeiros que penetram ou colonizam uma região, abrindo-a à ocupação e ao desenvolvimento?* (Houaiss, 2004, p. 2219).
- 113) Colonizar = *...o trabalho inicial desenvolvido pelos _____* (Cf. item 112)?
- 114) Mutirão= *...quando várias pessoas se juntam com o propósito de prestarem uns aos outros auxílios gratuitos, trabalhos coletivos, em prol de melhorias para a comunidade?*
- 115) Crise= *O que acontece com as pessoas, cidades e Estados em épocas de muita crise, falta de dinheiro, como, por exemplo, em 2005 quando a Operação Curupira da Polícia Federal fez fechar muitas empresas madeireiras?*
- 116) Mestiça= *...a pessoa que provém do cruzamento de pais de raças diferentes, por exemplo, de branco e negra?* (Houaiss, 2004, p. 1905)
- 117) Nordestina = *...a pessoa que é nascida ou habita o Nordeste do Brasil?* (Houaiss, 2004, p. 2027).
- 118) Baianos = *...grupo de pessoas nascidas ou habitantes da Bahia?*
- 119) Negro/Preto = *...o homem de cor bem escura?*
- 120) Preta = *...a mulher de cor bem escura?*
- 121) Ruim = *...pessoas muito ruins ou que têm atitudes ruins?*
- 122) Encrenqueira = *...a pessoa que gosta de armar encrencas?*
- 123) Gananciosa = *...a pessoa que tem muita ambição, ganância tendo em vista o lucro?*
- 124) Sonega = *O que faz aquele que deixa de pagar impostos?*
- 125) Elegante = *...pessoa bem vestida, com boa apresentação?* (Houaiss, 2004, p.1151).
- 126) Bamburrou = *...aquele que encontrou grande quantidade de ouro ou pedras preciosas, que fez fortuna inesperadamente ou que ganhou um grande montante em dinheiro?* (Aurélio, 1986, p.226).
- 127) Faliu= *...aquele que empobreceu após ter enriquecido por meio do garimpo, ou faliu, ficou pobre?*
- 128) Aproveitadora= *...a pessoa que tira proveito de uma situação ou circunstância e só pensa nela mesma ou em obter vantagens e favores?*
- 129) Pistoleiro = *...a pessoa que é paga para matar alguém?* (Questionário ALiB, 2001, p.32).

- 130) Tocaia= ...quando o _____(cf. item 129) espera num esconderijo o inimigo para atacá-lo?
- 131) Revólver= ...objeto fabricado com o propósito de ataque ou de defesa, usado muitas vezes para atirar e matar?
- 132) Cartucheira= ...saco ou estojo de couro, onde se guardam os cartuchos das armas de fogo e que se leva à cintura ou atravessado de um lado do pescoço para o lado oposto do corpo e passando por baixo do braço?
- 133) Gandaia = ...diversão com excessos vivida por pessoas que caem em vida desregrada?
- 134) O que faz aquele que toma o tempo de alguém com a intenção de seduzir, conquistar?
- 135) O que duas pessoas fazem quando entram num acordo matrimonial para viverem juntas?

Para a realização da escolha de itens lexicais desta área semântica utilizei dois critérios metodológicos:

a) a seleção do item de maior uso, a norma linguística, falado nos quatro pontos de inquérito da pesquisa; salienta-se que, para a área semântica Convívio e Comportamento Social, o item lexical de maior uso é *nordestina*, com trinta e nove ocorrências.

b) a constatação de itens com particularidades sócio-histórica e geográfica regionais. Dentre eles, selecionei o verbo *bamburrou*.

Foram, portanto, dois os itens lexicais selecionados desta área semântica, *nordestina* e *bamburrou*, que serão analisados e (re)significados de acordo com o contexto de utilização norte mato-grossense nos próximos subitens.

4.6.26 O item lexical *nordestina*: apontamentos sócio-semântico-lexicais

O item lexical *nordestina* é procedente, conforme Houaiss (2004), do francês *nord-est* (sXIII), mais o sufixo formador de adjetivo *-ina*. No quadro abaixo, há o registro conceitual apenas da forma masculina deste item em dois dos quatro dicionários gerais, no Aurélio (1986) e no Aulete Digital:

Dicionário	Vocabulário Portuguez & Latino - D. R. Bluteau (1712)	Diccionario da Língua Brasileira – Luiz M. da S. O. P. Pinto (1832)	Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986)	Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa – (Aulete Digital)	Dicionário Gaúcho Brasileiro – João A. Bossle (2003)	Dicionário do Nordeste – Fred Navarro (2004)
Entrada						

NORDESTINA	_____	_____	(NORDESTINO) 1- Do, ou pertencente ou relativo ao Nordeste brasileiro. V. grande região. 2- O natural ou habitante dessa região. (p.1198)	(NORDESTINO) 1- Pessoa nascida ou que vive no Nordeste do Brasil. 2- Do Nordeste do Brasil; típico dessa região ou de seu povo.	(CABEÇA-CHATA) Alcinha dada aos cearenses e, às vezes, p.ext., aos nortistas. (p.102)	(CABEÇA-CHATA) Cearense, em geral (p.78)
------------	-------	-------	---	---	---	--

Quadro 24: Reflexões analíticas sobre o item lexical *nordestina*.

Fonte: Pesquisa direta.

De acordo com os sentidos transcritos, que se evidenciam nos verbetes destes dois dicionários citados, é possível verificar que os mesmos equivalem ao significado expresso na questão 117 de meu questionário semântico-lexical *...a pessoa que é nascida ou habita o Nordeste do Brasil*.

Quanto ao item lexical composto *cabeça-chata*, mencionado nas entradas tanto do Dicionário Gaúcho Brasileiro (2003) quanto do Dicionário do Nordeste (2004), trouxe-o manifesto dentre os registros de pesquisa porque dois jovens, de 18 a 40 anos, uma moça de Cláudia e um rapaz de Santa Carmem, citaram-no como resposta para a pergunta 117.

Para se procurar compreender o contexto de utilização deste item/jargão, é importante que se apreenda, inicialmente, as noções distintas entre “região” e “regionalismo”, as quais são assim explicitadas por Agra⁶¹:

A idéia de região, sob qualquer conteúdo que lhe seja conferido, relaciona-se com a noção de espaço geográfico. É importante chamar a atenção para o fato de que a polissemia da palavra permite uma intrincada rede de sentidos apropriados em diferentes acepções, em diversas áreas do conhecimento ou em diversas situações da existência. [...] a discussão sobre os regionalismos faz parte dos inúmeros dispositivos inventados pelo mundo moderno para dividir, classificar e hierarquizar os homens, para melhor governá-los, explorá-los e dominá-los. A região é uma das inúmeras formas de aprisionamento às quais a sociedade burguesa deu origem. [...] O regionalismo é um problema político, não por ameaçar, no extremo, a unidade nacional, mas por ser um elemento que, além de propiciar o desenvolvimento de preconceitos regionais, baseia sua análise da realidade a partir do fator geográfico, ou seja, ideologiza a discussão dos problemas sociais contribuindo para elidir a compreensão das questões de classe e de gênero, desviando a atenção dos verdadeiros focos dos problemas.

⁶¹AGRA, Luciano. **A construção imagética da identidade nordestina**. Publicado em 31 de dez. de 2008 em História. Disponível em <http://www.webartigos.com/artigos/a-construcao-imagetica-da-identidade-nordestina/12995/>. Acessado em 16 de out. de 2012, às 15h e 29min.

Sob este enfoque, evidencia-se, no contexto nacional, a representação referencial simbólica da região nordeste e da(s) identidade(s) do nordestino, geralmente carregada de discriminação, preconceito, estigmas e que, eventualmente, é propagada em forma de apelidos e jargões, tais como *cabeça-chata*⁶², *testa-de-ferro* e *brasileiro*, dentre muitos outros que não foram citados pelos meus sujeitos entrevistados.

Ressalta-se que o item lexical *brasileiro* está ligado também à difusão estereotipada de que, segundo Santana *et ali*⁶³, a região nordeste teria sido “formada por mulatos, negros e descendentes de índios, diferente das regiões Sul e Sudeste do país, que tiveram como base étnica a raça branca”.

Todavia, esta ‘constatação’ cai por terra ao se verificar quantitativamente os percentuais étnicos entre as regiões sul e nordeste, como nos mostra Lucena⁶⁴:

O Nordeste ocupa a segunda posição como região de maior população com influência genética de europeus não latinos (sobretudo saxões) do Brasil (após a Região Sul, com 28% de descendentes de europeus saxões e eslavos) e é formado por uma vasta extensão territorial, distribuída por 9 Estados⁶⁵.

⁶²Pesquisas arqueológicas recentes, iniciadas em 1982, e desenvolvidas por pesquisadores ligados à Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, revelam ter encontrado nas escavações do Sítio da Furna do Estrago, um abrigo sob-rocha, de 125m² de área coberta de onde foi retirado um total de 83 esqueletos humanos datados de aproximadamente dois mil anos, e materiais diversos de ocupações mais antigas, datadas entre três e onze mil anos, constituídos principalmente de restos da Microfauna Pré-histórica. Conforme os estudos de Antropologia Biológica, os esqueletos resgatados são de uma população de indivíduos Braquicéfalos (Cabeças Chatas), de constituição robusta, bem nutridos, com estatura médio-baixa, tendo os homens uma estatura entre 1,57 e 1,63m e as mulheres, entre 1,49 e 1,59m. Essas características aproximariam a população Pré-histórica da Furna do Estrago da população nordestina atual de “Cabeça Chata”, revelando que as amostras de esqueletos pertencem a um precedente Pré-histórico do homem nordestino atual. A homogeneidade dessa característica teria sua explicação nos casamentos consanguíneos e na adaptação ao ambiente semiárido. (Informações disponíveis no sítio http://www.unicap.br/arqueologia/pages/?page_id=205. Acessado em 16 de out. de 2012, às 19h e 08min)

⁶³SANTANA, F. M. J.; LACERDA, I. F. de; FONTENELE, J. H. **Preconceito regional nas redes sociais: São Paulo x Nordeste.** Disponível em [http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/BDS.nsf/B10641DE99625E3A832579DB006EED60/\\$File/Preconceito.pdf](http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/BDS.nsf/B10641DE99625E3A832579DB006EED60/$File/Preconceito.pdf). Acessado em 16 de out. de 2012, às 14h e 09min.

⁶⁴LUCENA, M. de. **“Cabeça chata” do Nordeste.** Postado em 19 de ago. de 2011, às 2h e 01min. PM. Disponível em <http://marcondeslucena.wordpress.com/2011/08/19/cabeça-chata-do-nordestino/>. Acessado em 16 de out. de 2012, às 15h e 20min.

⁶⁵Bahia, Maranhão, Piauí, Ceará, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Alagoas e Sergipe.

Dessa forma, em consonância com Cotinguiba⁶⁶, se pode afirmar que o processo de construção de uma identidade é marcado pelas afirmações e negações dos sujeitos defensores da identidade em questão, neste caso, dos detentores do poder econômico das supostas regiões ‘mais desenvolvidas’, que integram, essencialmente, os eixos sul e sudeste brasileiros.

Com relação à permutabilidade ‘equivocada’ que os dados trazem entre os usos dos itens lexicais *nordestino* e *nortista* para identificar *a pessoa que é nascida ou habita o Nordeste do Brasil*, como já apontada em uma exemplificação exposta em 4.5.5, referente à questão 111 deste estudo sócio-semântico-lexical, destaca-se que este emprego dúbio, que foi utilizado como relação sinonímica no corpo responsivo da pergunta 117, bem como em excertos dos relatos de experiência pessoal dos pioneiros V3 M e SC8 F, pode estar relacionado com fatos históricos e delimitações territoriais e geográficas, pois:

há cerca de cem anos não existia o *nordestino*, muito menos o Nordeste. O primeiro é fruto do segundo e este só passa a existir a partir de cerca de 1920, principalmente com a política desenvolvida pelo governo Epitácio Pessoa na Presidência da República (1919-1922) (política); com a publicação d’*O Livro do Nordeste* em 1924, com o *Manifesto Regionalista* de Gilberto Freyre e seus amigos em 1926, além das matérias que circularam no jornal *O Estado de São Paulo*, todos atribuindo uma visibilidade ao *Nordeste* (literatura e arte). Antes de ser chamada de *Nordeste*, a região era conhecida como *Norte* e isso não compreendia nem a Bahia nem Sergipe⁶⁷. Conseqüentemente neste contexto os habitantes de Ceará, Pernambuco ou outro estado do *Norte* eram nortistas e não nordestinos⁶⁸. (grifos do autor).

É importante acentuar, também, para dar relevo às informações apresentadas acima, manifestas por Cotinguiba, que em 1953 a divisão dos falares brasileiros, feita

⁶⁶COTINGUIBA, G. C. **As conveniências e inconvenientes da identidade ou das identidades:** O que faz o ser nordestino?. Disponível em <https://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:Xt9Kwhmut0YJ:xa.yimg.com/kq/groups/19131657/207629951/name/AS%2BCONVENI%25C3%258ANCIAS%2BE%2BINCONVENIENTES%2BDA%2BIDENTIDADE%2BOU%2BDAS%2BIDENTIDADE.07.07.10.doc>. Acessado em 16 de out. de 2012, às 15h e 16min.

⁶⁷Segundo esse mesmo autor, a Bahia só passa a ser considerada geográfica e politicamente Nordeste a partir de meados da década de 1970, assim como Sergipe.

⁶⁸COTINGUIBA, G. C. **As conveniências e inconvenientes da identidade ou das identidades:** O que faz o ser nordestino?. Disponível em <https://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:Xt9Kwhmut0YJ:xa.yimg.com/kq/groups/19131657/207629951/name/AS%2BCONVENI%25C3%258ANCIAS%2BE%2BINCONVENIENTES%2BDA%2BIDENTIDADE%2BOU%2BDAS%2BIDENTIDADE.07.07.10.doc>. Acessado em 16 de out. de 2012, às 15h e 16min.

por Antenor Nascentes em *O Linguajar Carioca*, reunia dois grupos: o do *Norte*, que compreendia os subfalares amazônico e nordestino; e o do *Sul*, que integrava os subfalares baiano⁶⁹, fluminense, mineiro e sulista.

Portanto, conforme estes resultados analíticos, pode-se observar que a difusão do item lexical *nordestina* imprime realce fundamentalmente no século XX. E, trazido pelos migrantes oriundos de distintas regiões brasileiras ao norte de Mato Grosso, já no início de sua colonização, *nordestina* desde então mantém-se semanticamente ao lado de seu sinônimo *nortista* e de outros apelidos e jargões, pois se encontra, como os dados nos mostram, em um amplo contexto normativo de uso nesta extensão geográfica em que se desenvolve esta pesquisa.

4.6.26.1 A distribuição do item lexical *nordestina* pelos pontos de inquérito

Histograma 26: Nordestina (trinta e nove ocorrências).

Conforme o Histograma 26, o item lexical *nordestina* localiza-se nos quatro pontos de inquérito pesquisados e foi falado trinta e nove vezes pelos sujeitos. Portanto, este item, conforme já acentuado em 4.6.6, apenas não foi trazido ao corpo responsivo, inerente à pergunta 117, de uma respondente, mais especificamente uma mulher, acima de 50 anos, de Santa Carmem.

⁶⁹Este subfalar, de acordo com Nascentes (1953), abrangia os Estados de Sergipe, da Bahia, de Minas Gerais (norte, nordeste e noroeste) e de Goiás (a partir da nascente do Parnaíba, seguindo pelas serras dos Javais, dos Xavantes até Pirenópolis, Santa Luzia e Arrendidos).

Este item registrou-se ainda ao lado de outros, tais como, *nortista* e *testa-de-ferro*, na cidade de Sinop. No município de Vera tem-se *brasileiro* e *nortista*. Em Cláudia, *brasileiro* e *cabeça-chata*. E em Santa Carmem aparecem, como concorrentes, *brasileiro*, *cabeça-chata* e *nortista*.

Como visto nos apontamentos analíticos acima, o item lexical *nordestina*, que apresenta continuísmo semântico, encontra-se em efetivo uso na comunidade linguística em análise, o que pode ser indício, inclusive, de continuidade normativa. Todavia, não se pode perder de vista o conjunto de práticas e/ou valores simbólicos que representam o falar e as atitudes linguísticas dos falantes no norte mato-grossense, pois, de acordo com Santos (2006), os atos de fala constituem etapas de elaboração e reelaboração da norma de uma dada comunidade, os quais adquirem um caráter particular em função das variáveis extralinguísticas presentes numa determinada localidade; no caso específico deste estudo sócio-semântico-lexical, das localidades contextuais de Sinop, Vera, Cláudia e Santa Carmem, integrantes da Amazônia Legal.

4.6.27 O item lexical *bamburrou*: apontamentos sócio-semântico-lexicais

O item lexical *bamburrou* relaciona-se etimologicamente, conforme Houaiss (2004), ao elemento *bambur-*, conexo com *bamb-*, radical de natureza onomatopaica que estaria ligado ao balbucio da criança; da ideia de balbucio se chegaria, por extensão, à ideia de instabilidade, oscilação, e daí à acepção de acidente, acaso. Todavia, de acordo com o Novo Dicionário Banto do Brasil (2003), este verbo intransitivo teria provável procedência do quicongo⁷⁰ *bambula*, item este que faria referência a encantamento, sendo que teria a virtude mágica de transferir bens de outra pessoa para quem o profere.

No quadro abaixo, há o registro conceitual apenas da forma verbal no infinitivo deste item lexical em dois dos quatro dicionários gerais, no Aurélio (1986) e no Aulete Digital:

Dicionário	Vocabulário Portuguez & Latino - D. R. Bluteau (1712)	Diccionario da Língua Brasileira – Luiz M. da S. O. P. Pinto (1832)	Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986)	Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa – (Aulete Digital)	Dicionário Gaúcho Brasileiro – João A. Bossle (2003)	Dicionário do Nordeste – Fred Navarro (2004)
Entrada						

⁷⁰Língua africana falada nos domínios territoriais de Congo, Cabinda e Angola.

BAMBURROU	_____	_____	(BAMBURRAR) 1- Bras., BA. Nas Lavras Diamantinas, fazer fortuna inesperadamente, ou encontrar diamante muito valioso. 2- Bras., Amaz. Encontrar ouro ou pedras preciosas em grande quantidade, ficando milionário. (p.226)	(BAMBURRAR) 1- Enriquecer, por encontrar, garimpando, grande quantidade de ouro ou pedras preciosas. 2- Fig. Ter grandes lucros ou fazer fortuna, de modo súbito e inesperado.	(TIRAR O PÉ DO BARRO) Expr. Conseguir um bom emprego, melhorar de vida; progredir, enriquecer: com essa grana eu tiro o pé do barro. (p.495)	(LAVAR A JEGA) Expressão correspondente a lavar a égua, dar-se bem numa empreitada, pelar o porco, em AL. jega, no caso, é o feminino de jegue (burro, jumento). (p.209)
-----------	-------	-------	--	--	--	--

Quadro 25: Reflexões analíticas sobre o item lexical *bamburrou*.

Fonte: Pesquisa direta.

Segundo os sentidos transcritos, que se evidenciam nos verbetes destes dois dicionários citados acima, é possível verificar que os mesmos equivalem ao significado expresso na questão 126 de meu questionário semântico-lexical *...aquele que encontrou grande quantidade de ouro ou pedras preciosas, que fez fortuna inesperadamente ou que ganhou um grande montante em dinheiro*.

É importante observar que, especificamente nas definições trazidas pelo Aurélio (1986), há a delimitação de uso deste item lexical em dois espaços territoriais distintos, no Estado da Bahia, mais especificamente “nas Lavras Diamantinas”, e no contexto Amazônico.

No entanto, constata-se a utilização deste item em regiões diversas às citadas pelo Aurélio, pois há registro dele, com o mesmo sentido evocado na pergunta 126, em produções científicas e em relatos de diferentes locais em que se desenvolvem atividades de garimpagem, dentre elas destaco *Da Linguagem Cuiabana* (2007), de Pedro Rocha Jucá, *As Tradições do Garimpo no Vale do Araguaia: representações, mitos e imaginário* (2009), de Núbio Vicente da Silva, *Diagnóstico Socioeconômico e Ambiental da Bacia do Rio São Bartolomeu*⁷¹ (2008), de iniciativa da Fundação Banco do Brasil – FBB e da Fundação Pró-Natureza – Funatura, e no seguinte fragmento de narrativa do garimpeiro Idalvo de Jesus Andrade (seu Ida), que explora aluviões às

⁷¹“Entre todos os municípios da região da bacia do São Bartolomeu, Cristalina é o mais próspero em relação ao escoamento de seus produtos [...] O trabalho de capacitação dos artesãos é fruto do Programa de Desenvolvimento Econômico e teve como um de seus resultados a Marca Bamburrah – O Caminho das Pedras. **O termo bamburrar é do vocabulário usual dos garimpeiros e significa ‘encontrar o veio de cristal’**”. (p. 85-86, grifos meus).

margens do ribeirão do Guinda, em Diamantina/MG, conforme a reportagem reproduzida pelo Globo Rural em outubro de 2007⁷², “[...] dependendo do tipo e da concentração de satélites⁷³, sabem se estão perto ou não de tirar uma pedra e, eventualmente, ‘bamburrar’ – ficar rico.”

Tal constatação, de propagação desta forma verbal, pode estar relacionada ao fato de o “mundo do garimpo” ser:

[...] composto por diversificadas culturas que possibilitam a fácil interação e as sociabilidades entre as comunidades. Há de se lembrar que o garimpo no Brasil incentivou as migrações que culminaram repentinamente na criação de povoados, vilarejos, distritos e, conseqüentemente, a constituição de cidades. [...] A maioria dos garimpos apresenta um contexto de encontros culturais, pois é um recinto de reciprocidades e ao mesmo tempo de heterogeneidades. É um lugar que possibilita a troca de experiências e a assimilação de conhecimentos comuns entre as culturas, que, por sua vez, são compostas por migrantes goianos, mineiros, cariocas, paulistas, cuiabanos, e, em larga escala, de nordestinos. (SILVA, 2009, p.12-13).

Estes “encontros culturais” e, conseqüentemente, linguísticos, podem, portanto, ser os responsáveis pela disseminação da “linguagem do garimpo” em ‘novos’ espaços geográficos de descoberta aurífera, visto que a história tem revelado grande mobilidade dos garimpeiros sempre que se anuncia a descoberta de novas “manchas⁷⁴ do garimpo”.

Ressalta-se, também, que, além dos sentidos difundidos no norte do Estado de Mato Grosso para o item lexical/verbo *bamburrou*, como “enriqueceu por meio do garimpo” ou “fez fortuna”, há ainda outros distintos que se manifestam, mais especificamente, no distrito de Nossa Senhora da Guia⁷⁵, registrados no trabalho de Doutorado de Sandra Regina Franciscatto Bertoldo (2012).

Dentre as investigações dialetológicas feitas por esta pesquisadora (2012, p.94), aparece o uso do substantivo *bamburro*, coletado “na fala de muitos dos sujeitos pesquisados, para quem o cenário do distrito da Guia, em tempos idos, não poderia ser outro: o de muito mato, *muito cerrado*, um *bamburro*, afinal, Guia estava ‘nascendo’ e a mata típica de cerrado tomava conta de todo o espaço” (grifos da autora).

⁷²GLOBO RURAL. **O sonho da pedra.** Ed. 264. Out./2007. Disponível em http://revistagloborural.globo.com/EditoraGlobo/componentes/article/edg_article_print/1,3916,1649506-1484-1,00.html. Acessado em 22 de out. de 2012, às 17h e 31min.

⁷³Pedrinhas com feitios e cores diversos.

⁷⁴Minério em grande proporção.

⁷⁵Encontra-se localizado, geograficamente, a 40 km da capital mato-grossense – Cuiabá.

De acordo com Bertoldo, a utilização de *bamburro* com este significado, nesta localidade, é:

[...] bastante frequente no falar dos moradores com idade superior a 50 anos e, mesmo não corrente entre os informantes mais jovens, ela é mencionada como “conhecida por ouvir falar”. [...] Isso nos leva a crer que o fato de ser um regionalismo mato-grossense, assegura-lhe, senão a continuidade e manutenção, a possibilidade de marcar os registros histórico-culturais produzidos pela linguagem “típica de Mato Grosso”. (BERTOLDO, 2012, p.95-96).

Acentua-se, ainda, que, no quadro responsivo que integra a questão 126, de meu QSL, se evidenciaram várias expressões dadas como respostas pelos sujeitos ao conceito desta pergunta. São elas, respectivamente: *de sorte, lavou a égua, tá feito, tirou o pé da lama e tirou o pé do atoleiro*.

Dessa forma, verifica-se que as expressões *tirou o pé da lama e tirou o pé do atoleiro* estão próximas à entrada registrada no Dicionário Gaúcho Brasileiro (2003), *tirar o pé do barro*, que apresenta dentre as suas significações conceituais a de “enriquecer”; já a expressão *lavou a égua* tem proximidade semântico-lexical à entrada trazida no Dicionário do Nordeste (2004), *lavar a jega*, em que se enfatiza o sentido de “dar-se bem numa empreitada”.

Portanto, segundo estes resultados analíticos, pode-se observar que a difusão do item lexical *bamburrou* imprime realce fundamentalmente no século XX. E, trazido pelos migrantes oriundos de distintas regiões brasileiras ao norte de Mato Grosso, já no início de sua colonização, *bamburrou* desde então se mantém semanticamente, ao lado de outros itens lexicais e expressões sinonímicas, ainda em uso nesta extensão geográfica em que se desenvolve esta pesquisa.

4.6.27.1 A distribuição do item lexical *bamburrou* pelos pontos de inquérito

Histograma 27: Bamburrou (oito ocorrências).

Segundo o Histograma 27, o item lexical *bamburrou* localiza-se em três dos quatro pontos de inquérito pesquisados, Sinop, Vera e Santa Carmem, e foi falado oito vezes pelos entrevistados. A distribuição deste item ocorreu da seguinte forma: na cidade de Sinop, três sujeitos masculinos acima de 50 anos o utilizaram; na cidade de Vera, tão somente uma mulher com mais de 50 anos mencionou este item lexical em análise; e em Santa Carmem, dois homens e uma mulher com mais de 50 anos, bem como um jovem, de 18 a 40 anos, aludiram a este item.

Desse modo, como já apontado em 4.6.15, há um número maior de respostas dadas pelos sujeitos acima de 50 anos, sete, contra unicamente a de um jovem, de 18 a 40 anos, de Santa Carmem. Assim como há maior quantificação numérica que distingue as respostas masculinas, seis, *versus* somente duas femininas.

Tais dados desproporcionais entre as respostas de homens e de mulheres, conforme os números acima nos mostram, podem estar relacionados, além de serem as atividades de garimpagem, predominantemente, realizadas por homens, também com a proveniência das migrantes, ou seja, com a procedência, antes da migração, que sugere contato ou não destas mulheres com a linguagem do garimpo.

É o que se pode observar no seguinte fragmento de justificativa, que acompanha a resposta à pergunta 126 dada pela pioneira de Santa Carmem, SC8 F, natural de Misericórdia de Piancó/PB: “quando enricô do dia pra noite no garimpo, eles fala ‘fulano bamburrô, fulano enricô’, que achô oro, né. E o contrário eles fala que brefô, né,

abriu falência, foi mal”. A outra respondente, V2 F, que aludiu *bamburrou*, é proveniente do Estado de São Paulo, contudo, cabe salientar, conforme excerto de sua narrativa de experiência pessoal, que seu avô por parte de pai “era mineiro; mineiro e paulista”; já a bisavó “era meio bugre”.

Quanto à continuidade semântica deste item lexical, expressa pelos resultados analíticos descortinados acima, deve-se assinalar, todavia, que ora se encontra em descenso, ou seja, *bamburrou*, de acordo com os dados evidenciados, não tem sido utilizado pelos jovens, de 18 a 40 anos, visto que apenas o filho de SC8 F, SC8/2 M, de 39 anos, mencionou este item, fato este que pode ser indício, então, de desuso do mesmo na comunidade linguística pesquisada.

Hipoteticamente, uma das razões, por desconhecimento do contexto inerente ao ‘mundo do garimpo’, remete à substituição deste item lexical por outros, inclusive expressões, com equidade de sentido. Para exemplificação desta assertiva, destaca-se o item *sortudo*, que apresenta sete ocorrências, dentre elas cinco foram proferidas por jovens, de 18 a 40 anos, contra duas por mulheres entrevistadas, acima de 50 anos, ambas de Sinop; o número de não-respostas entre os jovens, cinco, também acentua a descontinuidade de utilização de *bamburrou* e mesmo da falta de referentes para *aquela que encontrou grande quantidade de ouro ou pedras preciosas e que fez fortuna inesperadamente*.

A explicação mais plausível para o não uso de itens lexicais que integram a linguagem do garimpo é, como já explicitada em 4.6.15, por causa da decadência da extração aurífera predatória e dos redutos de garimpagem, ainda que, segundo a Agência Brasil⁷⁶:

A Amazônia brasileira vive a retomada de descobertas de explorações clandestinas de ouro e diamante, principalmente nos estados do Pará, de Rondônia, Roraima e Mato Grosso. O movimento ocorre na contramão da presença relativamente organizada do garimpo em estados como Minas Gerais, onde cooperativas trabalham na exploração de pedras em estado bruto.

⁷⁶AGÊNCIA BRASIL. **Bamburrou! O grito que ecoa as distorções da Amazônia brasileira**. Brasília: Correio Braziliense. Publicado em 15 de ago. de 2012, às 18h e 45min. Disponível em http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2012/08/15/interna_brasil.317438/bamburrou-o-grito-que-eco-a-as-distorcoes-da-amazonia-brasileira.shtml. Acessado em 24 de out. de 2012, às 12h e 09min.

É importante também pontuar que nas quatro cidades investigadas, Sinop, Vera, Santa Carmem e Cláudia, não há confirmação de jazidas ou de depósitos naturais de minérios já explorados, no entanto, estes municípios mantêm proximidade com garimpos de ouro que se localizam no Alto Teles Pires, no norte de Mato Grosso, com ênfase às cidades de Alta Floresta e de Peixoto de Azevedo, garimpos estes que, de acordo com Azevedo e Delgado (2002), já estão com os seus jazigos praticamente esgotados.

Ainda conforme estes autores, o norte mato-grossense (especialmente Peixoto de Azevedo) seria um exemplo de como a estagnação dos garimpos, no final dos anos 80 do século XX, provocou uma diminuição populacional, com a retomada de atividades agropecuárias, menos intensivas no uso de mão de obra.

Esta estagnação se evidencia, também, na justificativa que acompanha a escolha responsiva à questão 126 do pioneiro S10 M, de Sinop:

Bamburrado, o cara bamburrô no garimpo, achô uma pedra. Os mais jovens já não sabem por que não tiveram contato com esse tipo de coisa, né. Eu morei na época lá em Floresta, né, e era uma região só de garimpo, né. E aqui também tinha muita gente, não tinha garimpo aqui, mas tinha muito garimpero, né, que vinha, né. Eram os bamburrados. O cara bamburrava lá e vinha pra cá.

A ‘falta de contato’, assinalada por este migrante, pode estar entre as possíveis razões de nenhum respondente da cidade de Cláudia ter trazido como resposta o item lexical *bamburrou*, visto que este município foi o último implantado e conduzido pela Colonizadora Sinop, como já enaltecido no Capítulo 1 desta pesquisa, item 1.2.2.4, em meados de 1978. Cabe exaltar, contudo, que um jovem desta localidade, de 18 a 40 anos, proferiu a variante *embamburrou* como resposta.

Além de *bamburrou* há, ainda, nos dados coletados, outros itens lexicais e expressões sinonímicas evocados, tais como, *abastado*, *bamburrado*, *boca-rica*, *enricou*, *enriqueceu*, *milionário*, *rico*, *sortudo* e *tirou o pé do atoleiro*, na cidade de Sinop. No município de Vera há *enricou*, *enriqueceu*, *milionário*, *ricaço*, *rico* e *tirou o pé da lama*. Em Cláudia, *de sorte*, *embamburrou*, *enricou*, *lavou a égua*, *milionário*, *rico*, *sortudo* e *tá feito*. E em Santa Carmem aparecem, como concorrentes, *bamburrado*, *de sorte*, *enricou*, *rico* e *sortudo*. Verifica-se, dessa maneira, que os itens

enricou e rico, com cinco e sete ocorrências, respectivamente, são propagados em todos os pontos de inquérito.

Assim, de acordo com os apontamentos analíticos feitos e conforme os resultados sócio-semântico-lexicais apreendidos à tessitura de *bamburrou*, é possível afirmar, em consonância com Barbosa (1979), que as unidades do léxico são criadas segundo as necessidades e convenções de um grupo sociocultural e, paralelamente, condicionam a percepção e o conhecimento que os membros deste grupo têm do mundo.

4.7 Religião e Crenças

A sétima área semântica desta pesquisa sócio-semântico-lexical abrange três conceitos/perguntas que enaltecem os principais representantes que têm a incumbência de realizar cerimônias sagradas, especialmente nas Igrejas católica, ortodoxa e anglicana. Vale lembrar que as questões deste estudo foram elaboradas a partir das narrativas que compõem o *corpus* de relatos de experiência pessoal. O fato de apenas serem citados religiosos católicos se deve à colonização norte mato-grossense, quando houve difusão tão somente dos dogmas dessa religião. Esse contexto de edificação católica à frente da expansão amazônica revela importante papel junto aos recém-chegados colonos, como melhor será explicitado nos subitens 4.7.1 e 4.7.5.

Os temas assinalados nas perguntas enunciativas, enumeradas de 136 a 138, foram, consecutivamente: padre, pároco e irmã/freira/fleira.

Os dados reunidos na área Religião e Crenças e os subsequentes procedimentos analíticos por mim realizados encontram-se disponibilizados nos subitens a seguir.

4.7.1 Padre

136) ...aquele que tem a incumbência e o poder religioso de dirigir a missa a Deus e realizar cerimônias sagradas? (Aulete On-line).

Tabela lexical 136

Localidade	Sinop				Vera				Céudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Céudia		Santa Carmem		Municípios
Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
ministra									1												1				01
padre	4	4	4	4	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	8	8	4	4	4	4	4	4	40
pastor religioso		2	1				1			1	1	1	1			1	1	2	1		1	2	1	1	09
	1																1								01
secedote		1	1	2													1	3							04
TOTAL	5	7	6	6	2	2	3	2	3	3	3	3	3	2	2	3	11	13	5	4	6	6	5	5	55

Fonte Direta

TEMA: padre

CARTOGRAMA 136

PERGUNTA: ... aquele que tem a incumbência e o poder religioso de dirigir

a missa a Deus e realizar cerimônias sagradas? (Aulete online)

Como podemos observar, tanto na primeira Tabela, 136, da área semântica Religião e Crenças, quanto no Cartograma 136, o item lexical *padre* destaca-se como norma prioritária de uso entre os sujeitos entrevistados, com quarenta respostas, ou seja, todos os sujeitos, de todos os pontos de inquérito, atribuíram este item como resposta à questão 136 *...aquele que tem a incumbência e o poder religioso de dirigir a missa a Deus e realizar cerimônias sagradas?*. Salienta-se que este item lexical/norma coincide com o tema desta questão.

Essa frequência máxima do uso de *padre* reflete não apenas características socioculturais regionais, mas evidencia, também, o processo histórico da expansão colonizadora no Brasil desde a chegada dos primeiros exploradores europeus nos solos brasileiros. Conforme Rosa:

Desde os primórdios da colonização do Brasil, a igreja esteve presente na vida dos colonos, preparando-os para se adaptarem e se fixarem na terra. O vínculo entre igreja e colonizadores foi fundamental no processo de implantação do processo (sic) colonizador. Desconsiderando os conhecimentos dos povos indígenas, a educação formal e informal que se estabeleceu na colônia, teve como objetivo a formação de uma nova identidade tanto para os colonos, quanto para os índios que aqui residiam. Assim, a igreja atuou efetivamente num processo formativo que se estendeu pelos quinhentos anos de colonização. Essa estratégia educacional continua presente nos dias atuais quando observamos os processos de colonização da Amazônia, onde a presença da igreja exerce um papel fundamental no intuito de formar colonos. (ROSA, 2000, p.39).

Com relação à colonização do norte mato-grossense, mais especificamente das quatro cidades idealizadas pela Colonizadora Sinop S.A., Vera, Sinop, Santa Carmem e Cláudia, a Igreja, do mesmo modo, teve importante papel junto aos recém-chegados colonos. Conforme Souza (2004), os migrantes que vinham a este novo espaço precisavam de acolhida, bem como de apoio social, psicológico, espiritual, nesse sentido, a Igreja atendia a estas necessidades dos colonos e, ao mesmo tempo, servia aos propósitos dos colonizadores e do próprio Estado. Dessa forma:

A possibilidade de praticar a religião na Gleba Celeste foi viabilizada pelo colonizador. A partir da abertura de um loteamento de terras, Enio Pipino destinava uma área para a construção da escola e da igreja. Neste contexto, a igreja e a escola se tornavam um ambiente de encontro dos colonos para rezar, aprender, ensinar, celebrar a vida e a morte, as vitórias e as derrotas de um povo que sonhava e lutava por uma terra prometida. [...] Católicos praticantes, os primeiros moradores contribuíam para a construção das primeiras capelas e assim viabilizar a vinda de um padre para rezar a missa. Afinal, expulsos pelo governo da região onde viviam, perseguidos pelo capital que os explorava e que os obrigava a migrar, era na religião que iriam encontrar parcela de conforto para as suas angústias e dúvidas no novo espaço. (SOUZA, 2004, p.168).

O auxílio dado pelos pioneiros à construção das primeiras capelas pode ser constatado, também, no relato de experiência pessoal da migrante de Santa Carmem, SC7 F, no seguinte excerto:

Santa Carmem foi um dos primeiro que alevantemo, erguemo lá a Igreja. Primeiro o Enio Pipino ajudou. Fez uma Igreja, mas era assim igual um salãozinho assim. Então na frente tinha os banco e daí fechado onde que tava o altar, nos lado assim tinha um quartinho aqui e outro ali. Daí o altar ficava no meio, mas o resto tava tudo aberto.

Acentua-se, ainda, que, antes das edificações das capelas, as missas ou encontros religiosos eram feitos em qualquer ambiente, geralmente nas casas dos migrantes, como se pode verificar neste fragmento de narrativa pessoal da pioneira de Santa Carmem, SC8 F: “Ali na serraria vinha o padre pra rezá missa de domingo. [...] rezava na estrada ali. Aqui mesmo na sala, no início foi consultório de dentista, foi tudo”.

4.7.2 Pároco

137) ...o _____(cf. item 136) que responde por uma paróquia?

Tabela lexical 137

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal								Total
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
arcebispo															1								1		01
bispo	1	3	1	1			1		1	1	1	1					2	4	1		2	2			11
padre paroquial			1								1						1					1			02
parco		1																1							01
pároco	2			1		1		1	1	1	1						2	1		2	2	1			08
paróco				1			1				1			1				1	1		1	1			04
paróco				1											1		1						1		02
paróculo				1														1							01
representante maior	1																1								01
vigário	1				1	1			1								1		1	1	1				04
não soube responder	1		3		1	1	1				1		2	2		1	4		2	1	1		2	3	13
TOTAL	6	4	5	5	2	3	3	2	3	2	3	3	2	2	1	2	11	9	4	5	6	5	4	4	42

Fonte Direta

TEMA: pároco

CARTOGRAMA 137

PERGUNTA: ... o (cf. item 136) que responde por uma paróquia?

O Cartograma 137, assim como a Tabela 137, mostram que a maior ocorrência que se evidencia para a pergunta 137 ...o _____(cf. item 136) que responde por uma paróquia?, é de não-respostas, ou seja, treze sujeitos dos quatro pontos de inquérito não souberam dar nenhuma resposta para esta pergunta. Dessas não atribuições responsivas, destacam-se sete proferições de sujeitos com mais de 50 anos e seis de jovens, de 18 a 40 anos. Com relação à diferenciação numérica entre os gêneros,

há um número bem maior de não-respostas masculinas, nove, *versus* somente quatro femininas.

Essa constatação vem ao encontro de assertivas que se difundem, relacionadas à distinção numérica entre os gêneros que frequentam credos religiosos, tais como:

Mulheres costumam ser mais afeitas à religiosidade do que homens – e isso se mostra verdadeiro independentemente da época, do lugar ou da fé. Isso significa que elas têm sido historicamente mais propensas a participar dos cultos e à participação ativa numa congregação. [...] O desequilíbrio de gêneros nas igrejas tem aumentado e a cultura cristã continua excessivamente feminilizada. Em 1952, a proporção entre mulheres e homens praticantes era de 53/47; agora é de 61/39. As igrejas continuam tentando arrebanhar os homens, com estratégias que vão desde o sincero e atencioso (Fraternidade dos Homens), ao explicitamente ridículo (Domingo de Futebol – vista a camisa do seu time favorito e faça a ola!)⁷⁷.

Quanto ao item lexical/tema *pároco*, aparece em apenas oito respostas, divididas em igual número entre homens e mulheres, quatro proferições de ambos, contudo realçando-se em um número maior de atribuições responsivas dadas por respondentes com mais de 50 anos, cinco, contra quatro menções feitas por jovens, de 18 a 40 anos, localizáveis em três das quatro cidades em análise, Sinop, Vera e Cláudia. Há, ainda, nos dados elencados acima, variantes fonéticas deste item, que são: a que exhibe síncope, *parco*, falada unicamente por uma mulher, acima de 50 anos, de Sinop; a que apresenta diástole de timbre fechado, *parôco*, citada por três moças, de 18 a 40 anos, uma de Sinop, uma de Vera e uma de Cláudia, bem como por um rapaz, de 18 a 40 anos, de Santa Carmem; a que expõe diástole de timbre aberto, *paróco*, dita por duas moças, de 18 a 40 anos, uma de Sinop e uma de Santa Carmem; e a que exprime diástole de timbre aberto acrescida de epêntese, *paróculo*, aludida tão somente por uma moça, de 18 a 40 anos, de Sinop.

4.7.3 Irmã/Freira/Fleira

138) ...a mulher que se dedica à religião e que pertence a uma ordem religiosa?

Tabela lexical 138

⁷⁷PAPO DE HOMEM. **Uma geração de homens criados pelas mães**. Postado por Brett McKay em 14 de jul. de 2011 às 8h e 03min. Disponível em <http://papodehomem.com.br/uma-geracao-de-homens-criados-pelas-maes/>. Acessado em 25 de out. de 2012, às 15h e 19min.

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Pela Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
beata			1	2			2				1	1					1	2	2		1	1			07
diáconas		1															1								01
fleiras						1	1		2	1	1		1	1		1		1	1	3	1	1	1	2	08
freiras	4	3	2	4	1	1	1	2		1	1	2	1	1	2	1	6	7	2	3	1	3	3	2	27
irmãs	3	2	2	2	2	1	1	2	1		2	1	1	1	2	2	5	4	3	3	3	1	3	3	29
madre			1	1									1				1	1						1	03
madre superiora			1						1								1				1				02
ministra						2					1	1	1						2	1	1	1			05
mônegas		1															1								01
noviça							1												1						01
pastora											1										1				01
religiosa		1															1								01
TOTAL	7	8	7	9	3	5	5	5	3	3	7	6	4	4	4	4	14	17	8	10	10	8	8	8	83

Fonte Direta

TEMA: irmã/freira/fleira

CARTOGRAMA 138

PERGUNTA: ... a mulher que se dedica à religião e que pertence a uma ordem religiosa?

Na última Tabela, 138, da área semântica Religião e Crenças, como também se pode verificar no Cartograma 138, o item lexical *freira* se apresenta com maior ocorrência, com vinte e sete respostas dadas pelos sujeitos. Este item/norma coincide com um dos temas de propositura da questão 138 *...a mulher que se dedica à religião e que pertence a uma ordem religiosa?*. Como frequência, observa-se que *freira* aparece em doze respostas masculinas e em quinze femininas, mesma quantificação numérica esta que distingue as atribuições responsivas de entrevistados com mais de 50 anos e de jovens, de 18 a 40 anos, doze daqueles e quinze destes, nos quatro municípios em análise.

Quanto ao item lexical/tema variante de *freira*, que exhibe lambdacismo, *fleira*, situa-se em nove respostas, distribuídas entre cinco proferições masculinas e quatro femininas em três dos quatro pontos de inquérito, Vera, Cláudia e Santa Carmem.

Ressalta-se que a quantificação numérica destas respostas é maior entre os sujeitos acima de 50 anos, seis, contra três de respondentes jovens, de 18 a 40 anos.

Já o item lexical/tema *irmã* se evidencia como segunda maior ocorrência, com vinte e cinco respostas, trazidas pelas manifestações responsivas de quatorze homens e de onze mulheres, em todas as quatro cidades pesquisadas. Convém registrar, também, que o número de respostas entre os jovens, de 18 a 40 anos, é maior, quatorze, *versus* onze menções entre os sujeitos acima de 50 anos.

4.7.4 Histograma 28: itens mais frequentes da área semântica Religião e Crenças

De acordo com o Histograma vinte e oito, é possível verificar a disposição dos itens lexicais de maior ocorrência atribuídos como respostas pelos sujeitos na reduzida área semântica Religião e Crenças deste estudo semântico-lexical.

Apresento, abaixo, a sequência enumerativa das perguntas e de seus respectivos itens/norma, ou, quando for o caso, a identificação de maior quantificação de não atribuições responsivas, que formam o corpo enunciativo desta área:

- 136) Padre= *...aquele que tem a incumbência e o poder religioso de dirigir a missa a Deus e realizar cerimônias sagradas?* (Aulete On-line)
- 137) Não soube responder = *...o _____(cf. item 136) que responde por uma paróquia?*
- 138) Freira = *...a mulher que se dedica à religião e que pertence a uma ordem religiosa?*

Para a realização da escolha do item lexical desta área semântica utilizei o seguinte critério metodológico: por se tratar de uma área semântica com apenas três questões dirigidas aos respondentes e por compreender que todas são integrantes do mesmo campo associativo ou conceptual, optei pela seleção do item que evidencia, nos quatro pontos de inquérito da pesquisa, além de características sócio-histórica e geográfica regionais, particularidades fonéticas.

Assim, o item lexical escolhido, de Religião e Crenças, é *freira*, que será analisado e (re)significado, levando-se em consideração o contexto de utilização norte mato-grossense, no próximo subitem.

4.7.5 O item lexical *freira*: apontamentos sócio-semântico-lexicais

O item lexical *freira*, derivado do provençal *fraire*, se encontra registrado nos quatro dicionários gerais, em Bluteau (1712), em Pinto (1832), no Aurélio (1986) e no Aulete Digital, que retratam a língua portuguesa nas distintas fases diacrônicas selecionadas:

Dicionário Entrada	Vocabulário Portuguez & Latino - D.R. Bluteau (1712)	Diccionario da Língua Brasileira – Luiz M. da S. O. P. Pinto (1832)	Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986)	Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa – (Aulete Digital)	Dicionário Gaúcho Brasileiro – João A. Bossle (2003)	Dicionário do Nordeste – Fred Navarro (2004)
FREIRA	Religiofa Profefia. Mulier Deo facra, ou dicata. (p.206)	Religiosa de qualquer Ordem. (p.536)	1-Religiosa de determinada ordem, à qual faz votos; monja, madre, professa. (p.811)	1- Mulher que pertence a uma ordem religiosa; MONJA; SOROR.	_____	_____

Quadro 26: Reflexões analíticas sobre o item lexical *freira*.

Fonte: Pesquisa direta.

Segundo os sentidos transcritos, que se evidenciam nos verbetes destes dicionários citados acima, é possível verificar que os mesmos equivalem ao significado expresso na questão 138 de meu questionário semântico-lexical ...*a mulher que se dedica à religião e que pertence a uma ordem religiosa?*.

Dessa forma, pode-se afirmar que há, no norte de Mato Grosso, um continuísmo semântico do item lexical *freira*, visto que os significados dicionarizados transpostos no quadro acima se mantêm e se proliferam como norma nesta extensão geográfica em que se desenvolve esta pesquisa.

4.7.5.1 A distribuição do item lexical *freira* pelos pontos de inquérito

Histograma 29: Freira (vinte e sete ocorrências).

De acordo com o Histograma 29, o item lexical *freira* localiza-se em todos os quatro pontos de inquérito pesquisados e foi falado vinte e sete vezes pelos entrevistados. A distribuição deste item ocorreu da seguinte forma: na cidade de Sinop, sete sujeitos acima de 50 anos o utilizaram, quatro homens e três mulheres, bem como seis jovens, de 18 a 40 anos, duas moças e quatro rapazes; na cidade de Vera, um casal com mais de 50 anos e três jovens, de 18 a 40 anos, um rapaz e duas moças, mencionaram este item lexical em análise; em Cláudia, uma mulher com mais de 50 anos respondeu *freira* e três jovens, de 18 a 40 anos, um rapaz e duas moças; e, em Santa Carmem, um casal com mais de 50 anos e três jovens, de 18 a 40 anos, dois rapazes e uma moça, aludiram a este item.

Desse modo, como já apontado em 4.7.3, há um número maior de respostas dadas pelos sujeitos femininos, quinze, *versus* doze em proferições responsivas masculinas. Assim como há maior quantificação numérica que distingue as respostas de jovens, de 18 a 40 anos, quinze, contra doze menções de sujeitos acima de 50 anos, fato este que pode ser indício de continuidade de uso deste item lexical na comunidade linguística pesquisada.

Além de *freira* há, ainda, nos dados coletados, outros itens sinonímicos evocados como resposta à pergunta 138, tais como, *beata*, *diácona*, *irmã*, *madre*,

mônegas e religiosas, na cidade de Sinop. No município de Vera há *beata, fleira, irmã, ministra e noviça*. Em Cláudia, *beata, fleira, irmã, ministra e pastora*. E em Santa Carmem aparecem, como concorrentes, *fleira, irmã, madre e ministra*. Encontra-se, também, catalogada nos dados, uma expressão, *madre superiora*, falada em Sinop e em Cláudia. Verifica-se, desta maneira, que o item lexical *irmã*, com vinte e cinco ocorrências, da mesma forma que *freira*, é propagado em todos os pontos de inquérito.

Ressalta-se, ainda, quanto ao continuísmo semântico do item *freira*, assim como do uso do item lexical concorrente, *irmã*, expressos pelos resultados analíticos descortinados acima, que se devem, fundamentalmente, por causa do contexto sócio-histórico colonizatório vivenciado no norte mato-grossense.

Como já explicitado em 4.7.1, a Igreja teve importante papel junto aos recém-chegados colonos. A função da religião neste âmbito passou a ser não só a de assegurar a assistência religiosa, mas a de estimular o espírito comunitário. Conforme Shaefer (1985), a comunidade é, no aspecto religioso e social, um fator básico de união, de criação de novas raízes, onde as famílias passam a se conhecer, a colaborar em objetivos comuns, a rezar e a louvar a Deus em comum, a enfrentar comunitariamente inúmeros problemas em todos os setores da vida do povo.

Neste sentido, cabe destacar e compartilhar a inquietação demonstrada por Souza (2004) ao realizar reflexões sobre a função social da Igreja Católica à frente da expansão amazônica:

Pergunta-se se a religião não servia como calmante para aquelas famílias que acreditaram na construção de uma vida melhor na fronteira norte mato-grossense, que acreditaram que o progresso era para todos, alimentando um imaginário social contraditório diante das dificuldades enfrentadas no novo “eldorado” (SOUZA, 2004, p.173, grifos do autor).

Vale lembrar que as dificuldades encontradas pelos pioneiros nas quatro cidades pesquisadas foram narradas nos relatos de experiência pessoal de todos os vinte entrevistados e dezessete deles (V1 M, V2 F, V3 M, V4 F, SC5 F, SC6 F, SC7 F, SC8 F, S10 M, S11 M, S12 M, S13 F, S14 F, S15 M, S16 M, C17 M e C19 F) fizeram referência a algum(ns) episódio(s) relacionado(s) a atividades e eventos religiosos.

Mais especificamente com relação aos itens lexicais *freira/fleira* e *irmã*, estes se manifestaram na materialidade enunciativa de onze sujeitos, com preferência dada ao

último por oito destes sujeitos. Elenco, abaixo, respectivamente, os excertos que confirmam esta assertiva:

A Colonizadora trouxe a **irmã** Adelis pra cuidá. É falecida, é. Trabalhou muito, ajudou bastante. (V1 M).

É, aí começaram a construí casa, comércio, aí veio farmácia, aí começô, veio o hospital, pro hospital veio essa **irmã** Délis, de Maringá, que era muito entendida de parte de malária, essas coisas, aí veio o Dr. Jeimes, que até hoje tá aqui ainda. (V2 F).

Não daqui, porque aqui tinha uma **irmã** que era especialista em tratamento de malária, mais gente que vinha de fora, dos garimpo, já vinha aqui quase morto, então desses têm muita gente enterrada aqui. (V3 M).

Ficava lá no hospital mesmo; das **irmã**. (V4 F).

Porque não tinha recurso naquele tempo, não tinha, ele foi pra Cuiabá, primeiro pra Vera, da Vera a **irmã** mandô vir um avião, o avião levou ele e ela. [...] Então não teve jeito, aí internô lá e a **fleira** chamô o avião e levô o pai e a filha pra Cuiabá. (SC6 F).

Tinha uma **fleira** lá na Vera, a dona Adelis, era o nome dela. [...] É, essa **irmã** trabalhava pra Colonizadora e tinha outra irmã, que também era da Colonizadora, mas ela era professora. Mas daí nós já tava tempo, só que aquela irmã que eu digo que trabalhava pra malária era aquela lá. (SC7 F).

Se você i ali nas **irmã**, que tão construindo aquele Lar dos Idosos, ela vai dizer *foi o Otto, sempre ajudou, nunca pediu nada*. (S11 M).

Depois a Elizandra, ela estudava lá na Nilza, lá as **irmã** gostavam muito dela, porque a diretora lá era irmã, irmã Xavier, ela gostava muito da Elizandra. (S13 F).

A escola era boa, tinha... Era muito boa, era bem aqui pertinho. Era de **freiras** a escola, muito boa. (S14 F).

Como se pode observar nos fragmentos expostos acima, as *freiras/fleiras* ou *irmãs* são citadas nas narrativas para enaltecer os feitos de assistencialismo relativos à saúde e à educação dos primeiros colonos. Feitos estes que estão em consonância com as mudanças sofridas pela Igreja Católica na década de 1970. Segundo Nunes:

A década de 70 marcou significativamente a Igreja Católica no Brasil. Politicamente, após um primeiro momento de entusiasmo com a instalação dos militares no poder, ela passou a integrar o movimento civil de resistência ao regime ditatorial militar. Por essa época, surgiu um novo pensamento teológico, que procurava fundamentar-se numa análise sociológica da realidade e era respaldado pelo patrimônio ideológico do catolicismo, com seu ideal de aproximação dos pobres. [...] As transformações ocorridas não se limitaram às estruturas internas dos grupos religiosos. Também suas práticas sociais sofreram alterações, determinadas não apenas pelos interesses da Igreja, mas ainda por transformações sociais que criaram as condições necessárias e favoráveis a esse processo. Enquanto predominou na sociedade uma visão sacralizada de mundo, foi possível às religiosas, por esse título, exercerem tarefas para as quais não estavam tecnicamente habilitadas. Por que eram “irmãs de caridade” podiam ser professoras, enfermeiras

ou assistentes sociais; nenhum diploma ou curso era exigido delas. (NUNES, 2006, p. 500-503, grifos da autora).

Munidas deste propósito é que desembarcaram, na primeira cidade concebida pela Colonizadora Sinop no final de 1970, de acordo com Panosso Netto (2000), no dia 18 de março de 1973, as irmãs Maria Sturmia, Maria Dorotéia, Maria Ada e Maria Adelis, da Congregação das Irmãs Missionárias do Santo Nome de Maria, para fazer história em Mato Grosso. Desde o início assumiram a diretoria do Colégio Estadual Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e do Hospital Maria Auxiliadora, projetados pela Colonizadora. À irmã Maria Adelis coube a incumbência do trabalho com a saúde, sendo que ficou responsável pelo hospital.

Para se ter uma idéia do seu trabalho, durante os anos de 1973 e 1980, ela e sua equipe de saúde atenderam 50.343 pessoas no posto de saúde, fizeram 8.041 internações e 564 partos no hospital. Além de realizar 61.978 exames de malária pelo laboratório da Superintendência de Campanha de Saúde Pública (Sucam). Este último também foi montado a pedido e com ajuda da colonizadora, sendo o primeiro do Norte de Mato Grosso. [...] O hospital Maria Auxiliadora ficou conhecido em todo o Norte do Mato Grosso pelo trabalho pioneiro e eficaz de irmã Adelis, que tratava as pessoas infectadas com malária. Em Vera não se contraía malária, mas como muitos garimpeiros vinham de Peixoto de Azevedo, Guarantã, Alta Floresta, Matupá, Terra Nova do Norte e Colíder, a população local acabava também sendo infectada. (PANOSSO NETTO, 2000, p.78-79).

Na foto, abaixo, que intenciona representar parte do acervo de documentação histórica da região norte de Mato Grosso, destacam-se as irmãs católicas que atuavam nestas frentes de saúde e de educação na cidade de Vera, dentre elas, a primeira à direita, irmã Maria Adelis:

Fotografia 16: Irmãs católicas que atuavam nas frentes de saúde e educação.
Fonte: Yauo Kobayashi, Acervo Particular, 1973.

Em Sinop, conforme Souza (2004), também se fixaram freiras da Congregação das Irmãs Missionárias do Santo Nome de Maria, as quais desenvolveram atividades nas escolas locais, na catequese das crianças e pastoral da juventude. A irmã Maria Editha ficou responsabilizada pela direção da primeira escola em Sinop, que era então extensão da Escola Estadual Nossa Senhora do Perpétuo Socorro de Vera, de 1973 a 1976.

Quanto ao uso da variante *fleira*, manifestada em nove atribuições responsivas de sujeitos em três dos quatro pontos de inquérito, Vera, Cláudia e Santa Carmem, é interessante observar: a descendência, a escolaridade, a naturalidade e a proveniência, antes da colonização, dos seis pioneiros que a mencionaram:

- V4 F = descendência - não soube responder -; primeira série do Ensino Fundamental; nascida no Estado da Bahia, e residente antes da migração em Vatuba, município de Maringá/PR.
- SC5 M = descendência espanhola; quarta série do Ensino Fundamental; nascido em Maracajá, no Estado de Santa Catarina, e residente antes da migração em Planaltina/PR.
- SC6 F = descendência - não soube responder -; segunda série do Ensino Fundamental (EJA); nascida em Aracaju, no Estado de Sergipe, e residente antes da migração em Pérola/PR.
- C17 M = descendência italiana; quarta série do Ensino Fundamental; nascido em Videira, no Estado de Santa Catarina, e residente antes da migração em Chopinzinho/PR.
- C18 M = descendência alemã e italiana; quinta série do Ensino Fundamental; nascido em Francisco Beltrão, no Estado do Paraná, e residente antes da migração em Chopinzinho/PR.
- C19 F = descendência alemã e italiana; quinta série do Ensino Fundamental; nascida em Francisco Beltrão, no Estado do Paraná, e residente antes da migração em São Luiz/PR.

Cabe atestar, ainda, que os três jovens que proferiram a variante *fleira*, como resposta à pergunta 138, foram respectivamente: o filho de V4 F, V4/2 M, de 36 anos, nascido em Vera e com o Ensino Fundamental completo; a filha de SC6 F, SC6/2 F, de 35 anos, nascida em Santa Carmem e com o Ensino Fundamental completo; e C19/2 M,

de 29 anos, filho de pioneiros nascidos no Estado do Paraná, de descendência italiana e polonesa e com o Ensino Médio completo.

Neste contexto, ressalta-se sobre a possível procedência do lambdacismo, que, de acordo com López, teria a sua origem a partir do contato com línguas africanas, como se pode verificar no seguinte excerto:

Em algumas variedades latino-americanas, que de fato evoluíram em contato com línguas africanas, o chamado lambdacismo não só é frequente como também constitui a norma vernácula, pelo menos em posição final de sílaba. [...] A maioria dos autores que estudaram este fenômeno em variedades afrolatinas explica sua origem apontando o contato com línguas africanas (ver, por exemplo, Schwegler 1998, Granda 1994, Lipski 2005). Estes exemplos confirmam que a troca /r/ > /l/ está presente em situações onde o contato com línguas africanas, sobretudo da família banto, é indiscutível e aparece exatamente nas mesmas posições nas quais ocorre em variedades afrolatinas; em posição inicial de palavra este fenômeno só aparece em variedades de contato. Observe-se que o fenômeno ocorre também em kabuverdianu, língua que não tem substrato banto. (LÓPEZ, 2010, p. 14-16).

Dessa forma, se o surgimento do lambdacismo, segundo os estudos acima apontam, está mais fortemente relacionado ao contato com línguas africanas, só é possível explicar a sua utilização, pelos nove sujeitos que aludiram *fleira* nas três cidades norte mato-grossenses, levando-se em consideração o amálgama linguístico que reúne distintos falares de diferentes regiões brasileiras.

Este fato é acentuado pelos dados expostos acima, que mostram que, dentre os seis migrantes que deixam afluir a variante com lambdacismo, apenas V4 F e SC6 F, as quais, inclusive, não souberam definir com exatidão a sua descendência, estão mais próximas de terem tido contato, hipoteticamente, com línguas africanas, contato este que supostamente imprimiu marcas no léxico que, posteriormente, foi levado ao Estado do Paraná, espaço geográfico comum, antes da migração, a todos os pioneiros que responderam *fleira*.

Salienta-se, contudo, que não há unanimidade entre os autores sobre a origem afrolatina do lambdacismo. Bueno (1954), por exemplo, atribui a mudança /r/ > /l/ ao processo de aquisição da linguagem das crianças ou ainda à fala dos japoneses no Brasil. Em conformidade com este autor, por considerarem o lambdacismo como um transtorno de aprendizagem chamado dislalia, se encontram também Preto (2006) e

Ross (2007). Já Assad e Cox⁷⁸ afirmam que este fenômeno ocorre entre falantes do português não-padrão ou como forma de hipercorreção em situações de interação que exigiriam uma fala mais cuidada.

Com relação a estas explicações alternativas ao lambdacismo, se observarmos a escolaridade dos migrantes é possível coadunar com a teoria de Assad e Cox, no entanto, ao se considerar a formação escolar dos jovens, esta teoria encontra menos sustentabilidade, bem como não se justifica como hipercorreção, visto que, especificamente V4/2 M e SC6 F, são filhos de sujeitos que também disseminam o lambdacismo. Outro fato interessante é que nenhum dos descendentes de japoneses entrevistados apresentou *fleira* como resposta.

Ressalta-se, ainda, exacerbando-se o amálgama linguístico supracitado, o item lexical *mônega*, proveniente do italiano *monaca*, trazido como resposta à questão 128 pela migrante de Sinop, S14 F, descendente de italianos, e que assim complementa sua atitude responsiva: “no italiano é mônega, nós falamos quando tem uma frera que é uma mônega”.

É interessante ainda atentar para o fato de que, atualmente, segundo Fernandes⁷⁹, haja um decréscimo no número de religiosas católicas, pois, “em 1990 havia 37.380 religiosas e em 1996 este número passa para 36.573. Observa-se que em uma década houve queda no contingente de irmãs que fizeram os votos perpétuos de aproximadamente 2%”.

Assim, de acordo com os apontamentos analíticos feitos e conforme os resultados sócio-semântico-lexicais apreendidos à tessitura de *freira/fleira*, pode-se afirmar que o âmbito destes usos linguísticos remete à tradição histórico-cultural da comunidade em foco. O que exprime e justifica continuísmo destes sentidos ligados a este item lexical, fundamentalmente porque, como visto, há maior quantificação de atribuições responsivas dadas pelos jovens à pergunta 128, tanto para *freira*, quanto à segunda maior ocorrência, o item *irmã*.

⁷⁸ASSAD, C. F.; COX, M. I. P. O ele e o erre só trazem “compricação”: um estudo das representações de /l/ e /r/ na escrita de crianças em processo de alfabetização. Disponível em http://www.ufmt.br/revista/arquivo/rev13/o_ele_e_o_erre_trazem_comp.html. Acessado em 27 de out. de 2012, às 20h e 59min.

⁷⁹FERNANDES, S. R. A. Pesquisa sobre vida religiosa feminina: novas interpretações frente à modernidade contemporânea. Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais. Disponível em <http://www.ceris.org.br/pesquisa-sobre-vida-religiosa-feminina.html>. Acessado em 27 de out. de 2012, às 21h e 24min.

4.8 Jogos e Diversões

A oitava área semântica desta pesquisa sócio-semântico-lexical abrange quatro conceitos/perguntas que abordam atividades lúdicas e de entretenimento. Os temas assinalados nas perguntas enunciativas, enumeradas de 139 a 142, foram, consecutivamente: balanço/balango, esnuca/sinuca, salão/salãozinho/clube/discoteca e baile/bailinho. Destaca-se que os sentidos que se apreendem destes itens lexicais temáticos relacionam-se a três tipos distintos de divertimentos, mais especificamente: o de agitar o corpo com movimentos oscilatórios em um objeto suspenso, o de mover um taco para dar impulso à jogadeira (bola branca ou amarela), que deve atingir outras bolas coloridas, e o de deslocar o corpo acompanhando um ritmo musical. Quanto ao primeiro, pode ser realizado individualmente ou partilhado, enquanto os demais geralmente costumam exigir a participação de mais pessoas, sendo, inclusive, a segunda recreação um jogo e, como tal, envolve competição.

Os dados reunidos na área Jogos e Diversões e os subsequentes procedimentos analíticos por mim realizados encontram-se disponibilizados nos subitens a seguir.

4.8.1 Balanço/Balango

139) ...o brinquedo em que há um assento composto de tábua e cadeirinha, suspenso pelas extremidades por cordas ou correntes presas a um suporte no alto e que se movimenta com o impulso do corpo? (Aurélio, 1986, p. 222).

Tabela lexical 139

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal								Total
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
Balanço	4	4	4	4	1	2	2	2	2	2	2	2		1	2	2	8	8	3	4	4	4	2	3	36
Balango	1	1	2	2	1	1	1			1	2	1	2	2	2	1	3	3	2	1	2	2	4	3	20
balanguiño				1													1								01
gangorra	1							1	1	2	1		1			1	1			1	2	2	1	1	08
TOTAL	6	5	6	7	2	3	3	3	3	5	5	3	3	3	4	4	12	12	5	6	8	8	7	7	65

Fonte Direta

TEMA: balanço/balango

PERGUNTA: ... o brinquedo em que há um assento composto de tábua e cadeirinha suspenso pelas extremidades por cordas ou correntes presas a um suporte no alto e que se movimenta com o impulso do corpo?

CARTOGRAMA 139

Como se pode verificar na primeira Tabela, 139, da área semântica Jogos e Diversões, e no Cartograma 139, o item lexical que se apresenta como norma para a questão ...o brinquedo em que há um assento composto de tábua e cadeirinha, suspenso pelas extremidades por cordas ou correntes presas a um suporte no alto e que se movimenta com o impulso do corpo? no contexto de uso norte mato-grossense é *balanço*, o qual aparece com trinta e seis ocorrências nas quatro cidades pesquisadas e é integrante do tema desta questão. Como frequência, destacam-se dezessete atribuições responsivas masculinas, *versus* dezenove femininas. Ressalta-se que todos os vinte jovens, de 18 a 40 anos, trouxeram este item/norma como resposta ao enunciado de 139, enquanto os sujeitos acima de 50 anos o mencionaram dezesseis vezes.

Já o item lexical/tema, variante em que se substitui o fricativo surdo diacrítico [ç] pelo oclusivo [g], *balango*, foi falado vinte vezes, também em todos os pontos de inquérito. Sua distribuição se evidencia em onze respostas masculinas e nove femininas. Acentua-se que o número de jovens, de 18 a 40 anos, que proferiram *balango* foi maior do que o de sujeitos acima de 50 anos, ou seja, há onze menções dos primeiros contra nove dos segundos. Localiza-se, ainda, nos dados elencados acima, uma variante morfológica diminutiva deste item, *balanguinho*, dita apenas por uma moça, de 18 a 40 anos, do município de Sinop.

4.8.2 Esnuca/Sinuca

140) ...jogo jogado com oito bolas coloridas em mesa de quatro ou seis caçapas, atirando-se por meio do taco a bola branca ou amarela contra as outras sete, para encaçapá-las? (Aulete On-line).

Tabela lexical 140

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
bilhar	1		3	2			1	1	1	1	2		1		1	1	4	2	1	1	3	1	2	1	19
bilhareto															1								1		01
esnuca				1												1		1						1	02
esnuque	3	2	1	1	2		1	1			2	2	1	1	1	1	4	3	3	1	2	2	2	2	19
pontinho													1										1		01
sinuca	4		4	4		2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	8	4	2	4	4	4	4	4	34
sinucão			1			1											1		1						02
não soube responder		2															2								02
TOTAL	8	4	9	8	2	3	4	4	3	3	6	4	5	3	5	5	17	12	6	7	9	7	10	8	76

Fonte Direta

TEMA: esnuca/sinuca

PERGUNTA: ... jogo jogado com oito bolas coloridas em mesa de quatro ou seis caçapas, atirando-se por meio do taco a bola branca ou amarela contra as outras sete, para encaçapá-las? (Aulete online)

CARTOGRAMA 140

A questão 140, como se pode observar na Tabela 140 e também no Cartograma 140, traz, de acordo com as respostas registradas, como norma de uso na comunidade linguística pesquisada, o item lexical *sinuca*, com trinta e quatro respostas proferidas entre os sujeitos nos quatro pontos de inquérito. Há dezoito atribuições responsivas masculinas e dezesseis femininas, sendo quatorze destas atribuições de sujeitos acima de 50 anos e vinte de entrevistados jovens, de 18 a 40 anos, ou seja, todos os entrevistados jovens citaram *sinuca* como resposta ao enunciado de 140. Este item/norma coincide com um dos temas desta questão ...*jogo jogado com oito bolas*

coloridas em mesa de quatro ou seis caçapas, atirando-se por meio do taco a bola branca ou amarela contra as outras sete, para encaçapá-las?. Encontra-se, ainda, nos dados elencados acima, uma variante morfológica de *sinuca*, o aumentativo *sinucão*, falado por um rapaz, de 18 a 40 anos, de Sinop, e por uma mulher, acima de 50 anos, de Vera.

Quanto ao item lexical/tema *esnuca*, aparece em apenas duas respostas, ambas de jovens, de 18 a 40 anos, uma moça de Sinop e uma de Santa Carmem. Este item igualmente apresenta uma variante com modificação de som na última sílaba, *esnuque*, esta sim se apresenta como segunda maior ocorrência, com dezenove citações, distribuídas entre um número maior de respostas masculinas, onze, *versus* oito menções femininas, das quais nove foram pronunciadas por respondentes com mais de 50 anos e dez por jovens, de 18 a 40 anos, localizáveis em todas as quatro cidades pesquisadas.

4.8.3 Salão/Salãozinho/Clube/Discoteca

141) ...o local em que as pessoas se reúnem para dançar?

Tabela lexical 141

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Palavra Estário	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Multiplicado
Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Multiplicado
barração	1		1	2						1					2	2			1						03
boate	1		2	3			2							1	3	3		2					1		08
casa de dança														1									1		01
casa noturna			1				1								1			1							02
clube	1	1	1	1	1	1	1	1				1				2	2	1	2	1		1			08
CTG		1				1	1				1						1	1	1	1					04
dançeteria		2	2	3	1	1	1	2		1	1	2	2	2	2		2	3	2	3	1	3	4	2	22
discoteca	1			1	1	1			1	1		1	1		1	1	1	1	1	1	1	2	2	1	10
galpão				1			1										1	1							02
pavilhão									1	1			1		1					2			2		04
pista			1	1											2	1	1						2		04
salão de dança						1								1				1					1		02
salão	2	3	2		2	1	1	2	1			1	1	2	1	1	4	3	3	3	1	1	2	3	20
salão de baile	2	2							1	2			1		1	1	2	2			1	2	2	1	10
salão de festa		1	1	3			1				1						1	4	1		1				07
TOTAL	8	10	11	13	3	6	3	8	3	4	3	4	6	3	3	9	19	23	10	14	10	8	11	13	111

Fonte Direta

TEMA: salão/salãozinho/clube/discoteca

PERGUNTA: ... o local em que as pessoas se reúnem para dançar?

Conforme a Tabela 141, transposta para o Cartograma 141, o item lexical de maior uso em todos os pontos de inquérito, que se evidencia como resposta à pergunta 141 ...o local em que as pessoas se reúnem para dançar?, com vinte e duas atribuições responsivas, é *danceteria*, o qual não coincide com nenhum dos itens/tema desta pergunta. Há, como frequência para *danceteria*, um número maior de respostas femininas, treze, *versus* nove proferições masculinas. Ressalta-se que esta mesma distinção numérica ocorre entre as manifestações dos jovens, de 18 a 40 anos, treze, contra sete de sujeitos acima de 50 anos.

Quanto ao item lexical/tema *salão*, aparece como segunda maior ocorrência, com vinte citações distribuídas exatamente entre o mesmo número de respostas aludidas por homens e por mulheres, dez vezes por ambos, em todos os municípios em análise. Destas citações, ainda, acentua-se uma quantificação maior de respostas de sujeitos acima de 50 anos, doze, *versus* oito de entrevistados jovens, de 18 a 40 anos.

Encontram-se, nos dados elencados acima, expressões variantes de *salão*, tais como: *salão de baile*, que se apresenta com dez ocorrências em três das quatro cidades pesquisadas, Sinop, Cláudia e Santa Carmem, divididas igualmente entre as respostas assinaladas por homens e por mulheres, cinco de cada gênero; *salão de festa*, falada por

uma mulher, acima de 50 anos, bem como por um rapaz e por três moças, de 18 a 40 anos, todos de Sinop, e por mais dois rapazes, de 18 a 40 anos, um de Vera e um de Cláudia; e *sala de dança*, enunciada apenas por uma mulher, acima de 50 anos, de Vera, e por uma jovem, de 18 a 40 anos, de Santa Carmem. Já a variante/tema, o diminutivo *salãozinho*, não foi expresso por nenhum dos respondentes ao enunciado da questão 141.

O item lexical/tema *discoteca* foi proferido por dez sujeitos localizáveis em todos os pontos investigados, sendo que, novamente, a distribuição ocorreu de forma igualitária, ou seja, cinco homens e cinco mulheres expuseram este item como resposta, dos quais seis têm mais de 50 anos e quatro são jovens, de 18 a 40 anos.

Finalmente, o item lexical/tema *clube* foi manifesto, também, nos quatro municípios em estudo e trazido como resposta por cinco sujeitos masculinos e por quatro femininos. Com relação à diferenciação numérica entre as faixas etárias, destacam-se seis menções feitas por entrevistados com mais de 50 anos e três por jovens, de 18 a 40 anos.

Ainda sobre o *local em que as pessoas se reúnem para dançar*, cabe salientar como se procediam os primeiros intentos e realizações que tinham o propósito de promover reuniões festivas e dançantes na Gleba Celeste. Para tanto, é interessante lançar olhar aos relatos de experiência pessoal, dos quais recorto dois excertos que socializo a seguir:

Aí foi fundado o estatuto do **CTG**, né, criado um estatuto, criado um CGC e tal. Aí nós começamos a construí o **salão**. Lá, foi feito uma picada, foi aberto, seu Ulli foi com a esteira, foi aberto, foi cortado pau e tal, queimado, feito lera e coisa, começamos fazê um **salãozinho** lá, lá dentro. Primeiro baile que nós fizemo lá dentro fizemo uma estiva, acho que de uns 200 metro, tabuinha cortada no mato assim. [...] Nós botamos todos os tocos, onde foi feito a picada, cortamo os toquinho, ponhava embaixo e daí ponhava as tábua em cima. É, uma ponte. É, uma pontezinha assim. Nós fizemo aquilo pro pessoal podê ir ao baile. [...] Aí nós fizemos o primeiro baile, aí começô surgi os primeiros baile. Só que arrecadava muito pouquinho, a gente vendia pouco. É, até porque era perigoso. Sim, não tinha gente, não tinha mulher na Sinop. Só tinha homem! Quem que ia trazê a família? Era contada nos dedo as menina! (S10 M).

Aí tinha aquele **salão** aqui **de dança**, aí tocava lanchonete, aí tocava baile, não sei se o povo te falô. Eu que tocava, era o DJ de tocá **discoteca**. Risos... [...] Tinha um aparelho, assim, umas caixa de som, umas caixa muito boa, também tinha um som bem bom. Eu tinha luz negra, daí ia pra Cuiabá buscá, tinha globo nos quatro canto. [...] Aí a

gente não tinha como forrá, sabe o que nós fazia? Comprava uns... tinha um papel laminado, papel de cor laminado, só que tinha azul, vermelho, branco, amarelo, de toda cor. Aí nós, nas mesa, nessas mesa de madeira, puxando e colando, fazendo sabe o quê? Cola de farinha de trigo. [...] O pessoal ainda fala *Oh, dona Celina!* Que tempo bom era aquele! (V2 F).

Observa-se que, se as dificuldades eram tamanhas no início da colonização e inviabilizavam a participação das famílias nestas festas dançantes porque, segundo o pioneiro de Sinop, S10 M, “era perigoso”, no entanto, remetem às lembranças de tempos idos em que, mesmo em meio a tantos obstáculos, restam reminiscências como a que se reflete na enunciação exclamativa de V2 F: “Que tempo bom era aquele!”.

4.8.4 Baile/Bailinho

142) ...a reunião de pessoas no/na _____ (cf. item 141) que dançam ao som de música?

Tabela lexical 142

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Total
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia / Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios		
bailão			1	3								1		1			1	3			1				1	3			1		1	06	
baile	4	4	2	2			1	2	2	2	2	2	1	2	1	1	2	6	6	2	3	4	3	3	3	3	3	3	3	3	3	30	
dança	2	2	1							1				1	1	2	3	2			1		3	1	1							10	
evento													1			1							1	1								02	
feira			2	1													2	1														03	
matiné										1		1										2										02	
promoção					1												1															01	
reunião						1			1					1						1	1			1								03	
rodinha												1										1										01	
não soube responder					1														1													01	
TOTAL	6	6	6	6	2	2	2	2	4	3	2	3	3	4	4	2	13	12	3	4	7	7	7	6								39	

Fonte Direta

TEMA: baile/bailinho

CARTOGRAMA 142

PERGUNTA: ... a reunião de pessoas no/na (cf. item 141) que dançam ao som de música?

Como podemos verificar, tanto na última Tabela, 142, da área semântica Jogos e Diversões, quanto no Cartograma 142, o item lexical *baile* destaca-se como norma de uso prioritária entre os sujeitos em todos os pontos de inquérito pesquisados, com trinta respostas à questão 142 ...*a reunião de pessoas no/na _____(cf. item 141) que dançam ao som de música?*. Salienta-se que este item coincide com um dos temas desta questão. Há, como frequência, exatamente o mesmo número de atribuições responsivas masculinas e femininas, quinze proferições de ambos, das quais dezesseis foram propaladas por respondentes com mais de 50 anos e quatorze por jovens, de 18 a 40 anos.

Localiza-se, ainda, dentre os dados expostos acima, uma variante morfológica deste item lexical/norma, o aumentativo *bailão*, falado por um rapaz e por três moças, de 18 a 40 anos, da cidade de Sinop, por uma jovem, de 18 a 40 anos, de Cláudia, e por uma mulher, acima de 50 anos, do município de Santa Carmem. Já a variante/tema, o diminutivo *bailinho*, não aparece no corpo de respostas de nenhum dos entrevistados.

4.8.5 Histograma 30: itens mais frequentes da área semântica Jogos e Diversões

De acordo com o Histograma trinta, é possível verificar a disposição dos itens lexicais de maior ocorrência que se manifestaram nas respostas dos sujeitos entrevistados das quatro questões integrantes da área semântica Jogos e Diversões deste estudo semântico-lexical.

Exponho, abaixo, a sequência enumerativa das perguntas e de seus respectivos itens/norma, que formam o corpo enunciativo desta área:

- 139) *O que a criança faz quando senta em um brinquedo em que há um assento composto de tábua e cadeirinha, suspenso pelas extremidades por cordas ou correntes presas a um suporte no alto e que se movimenta com o impulso do corpo?* (Aurélio, p. 222).
- 140) *...jogo jogado com oito bolas coloridas em mesa de quatro ou seis caçapas, atirando-se por meio do taco a bola branca ou amarela contra as outras sete, para encaçapá-las?* (Aulete On-line).
- 141) *...o local em que as pessoas se reúnem para dançar?*
- 142) *...a reunião de pessoas no/na _____(cf. item 141) que dançam ao som de música?*

Para a realização da escolha do item lexical desta área semântica, utilizei somente o critério metodológico de seleção do item de maior uso, a norma linguística, falado nos quatro pontos de inquérito da pesquisa. Assim, para a área semântica Jogos e Diversões, o item lexical selecionado para análise é *balanço*, que foi mencionado trinta e seis vezes. A este item, portanto, serão tecidas considerações analíticas de acordo com o contexto de utilização no norte mato-grossense.

4.8.6 O item lexical *balanço*: apontamentos sócio-semântico-lexicais

O item lexical *balanço*, derivado do italiano antigo *balancio*, se encontra registrado nos quatro dicionários gerais, em Bluteau (1712), em Pinto (1832), no Aurélio (1986) e no Aulete Digital, que retratam a língua portuguesa nas distintas fases diacrônicas selecionadas:

Dicionário Entrada	Vocabulário Portuguez & Latino - D. R. Bluteau (1712)	Dicionario da Língua Brasileira – Luiz M. da S. O. P. Pinto (1832)	Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986)	Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa – (Aulete Digital)	Dicionário Gaúcho Brasileiro – João A. Bossle (2003)	Dicionário do Nordeste – Fred Navarro (2004)
BALANÇO	A acção de fe balançar. (p.18)	Todo o corpo suspenso em que qualquer se põe para agitar-se. Movimento, que se comunica com o balanço. Agitação. (p.136)	1-Ato ou efeito de balançar; balouço. 3- Alteração, agitação. Designação genérica dos aparelhos ou brinquedos que servem para as crianças se balançarem. (p.222)	1- Ação ou resultado de balançar(-se). 4- Brinquedo que consiste em um assento suspenso por cordas ou correntes presas a um suporte no alto, em que a criança se senta, e que oscila com o impulso do corpo; BALOUÇO.	(BALANGAR) Balançar. (p. 65)	_____

Quadro 27: Reflexões analíticas sobre o item lexical *balanço*.

Fonte: Pesquisa direta.

Segundo os sentidos transcritos, que se evidenciam nos verbetes destes dicionários citados acima, é possível verificar que há uma variação de significado inserida a partir do século XX, ou seja, a partir de então *balanço*, como o Aurélio (1986) nos mostra, além de evocar a ação ou ato de *balançar* passa a nomear também, genericamente, aparelhos ou brinquedos direcionados às crianças e que se movimentam com o impulso do corpo. Sentido este que equivale ao expresso na questão 139 de meu questionário semântico-lexical ...o brinquedo em que há um assento composto de tábua e cadeirinha, suspenso pelas extremidades por cordas ou correntes presas a um suporte no alto e que se movimenta com o impulso do corpo?.

No entanto, se a popularização do brinquedo infantil acontece no Brasil apenas na segunda metade do século XX, conforme os registros dos dicionários gerais investigados, por outro lado, ao se examinar a origem diacrônica dos instrumentos que possibilitam o impulsionar do corpo, constata-se que desde épocas remotas praticam-se atividades de *balanço*, ligadas, inicialmente, a simbolismos religiosos. De acordo com Piloto⁸⁰:

O balanço é um dos brinquedos mais antigos do mundo. Foi inventado na Grécia e nasceu de uma tragédia mitológica. Conta-se que, quando Ícaro foi assassinado, sua filha Erígone se enforcou com uma corda. Arrepentidos, os assassinos consultaram o oráculo, que ordenou que fossem celebrados jogos em homenagem a Ícaro, nos quais os participantes seriam balançados em uma corda atada a duas árvores. Em muitos países, como Índia e Nepal, o balanço ainda é usado em festas religiosas. Conforme Nilsson, o balanço fazia parte dos ritos da Aiora, a Festa da Juventude, interpretada como o rito da fecundidade, freqüente ainda no século XVIII. Nesse ritual, os meninos pulavam sobre odes cheias de vinho, e as meninas eram empurradas em balanços. **Havia estreita ligação entre a cerimônia religiosa comunitária e a brincadeira, que com o tempo se libertou do simbolismo religioso, tornando-se o balanço um brinquedo cada vez mais reservado às crianças.** (grifos meus).

Convém atentar-se, também, para o contexto da variação de significado referente à propagação de *balanço* como brinquedo infantil, ou seja, é somente no início do século XX que as crianças passam a ser, efetivamente, reconhecidas como *sujeitos de Direitos*, com a promulgação, em 1924, da *Declaração dos Direitos da Criança* em Genebra - Suíça (1º declaração de princípios de salvaguarda de direitos para as

⁸⁰PILOTO, Marise. O balanço. Postado em 29 de out. de 2012, às 14h e 19min. **Espaço Marise Piloto: Atelier de Expressão.** Disponível em <http://arteterapiamarisepiloto.blogspot.com.br/2012/10/o-balanco.html>. Acessado em 31 de out. de 2012, às 15h e 17min.

crianças). Só a partir de então mudanças significativas começam a acontecer no âmbito sociocultural, relacionadas ao exercício da sua cidadania e autonomia, dentre elas o direito inalienável de brincar.

Ressalta-se, também, que o Dicionário Gaúcho Brasileiro (2003) apresenta, dentre os seus registros, apenas o verbo/variante *balangar*, ao qual se atribui relação sinonímica ao verbo *balançar*. Acrescento aqui que localizei este mesmo verbo com esta mesma significação no *Dicionário Tocantinense de Termos e Expressões Afins* (2002, p.52) “balançar; sacudir”, e a variante apócope *balangá*, com os conceitos “balançar, gangorror”, no levantamento de itens lexicais do minerês roceiro do Alto Paranaíba e Triângulo Mineiro⁸¹. Encontrei, ainda, o substantivo *balango* em uma das entradas disponibilizadas pelo *Dicionário Catarinense*, todavia com distinção de sentido: “Espécie de berço, com os pés em forma de cadeira de vovô, para balançar o neném. “Balango, balango, balanguinho.../Não qué dormi mãe...” (Canção de ninar)⁸²”.

Conforme estes resultados supracitados, pode-se afirmar que há, no norte de Mato Grosso, uma continuidade semântica do item lexical *balanço*, que se prolifera como norma nesta extensão geográfica em que se desenvolve esta pesquisa, ao lado de sua concorrente/variante *balango*, visto que os significados dicionarizados transpostos no quadro acima se mantêm desde a chegada dos migrantes nos anos 1970.

4.8.6.1 A distribuição do item lexical *balanço* pelos pontos de inquérito

Histograma 31: Balanço (trinta e seis ocorrências).

⁸¹BLOG DO MARTINS. **Um pouco de Minerês Rocioiro do Alto Paranaíba e Triângulo Mineiro**. Publicado em 17 de jan. de 2010, às 05h e 30min. Disponível em <http://blogdomartinscoelho.blogspot.com.br/2010/05/um-pouco-de-mineres-do-alto-paranaiba-e.html>. Acessado em 01 de nov. de 2012, às 10h e 07min.

⁸²LINGUÍSTICA CATARINENSE. **Dicionário Catarinense**. Postado em 02 de jun. de 2009, às 07h e 33min. Disponível em <http://linguisticacatarinense.blogspot.com.br/2009/06/palavras-com-b.html>. Acessado em 01 de nov. de 2012, às 10h e 35min.

De acordo com o Histograma 31, o item lexical *balanço* localiza-se em todos os quatro pontos de inquérito em estudo e foi falado trinta e seis vezes pelos sujeitos pesquisados. A distribuição deste item ocorreu da seguinte maneira: na cidade de Sinop, todos os dezesseis respondentes o utilizaram; na cidade de Vera, tão somente uma mulher com mais de 50 anos, dos oito entrevistados dessa localidade, não mencionou este item lexical em análise; em Cláudia, todos os oito sujeitos responderam *balanço*; e em Santa Carmem, uma mulher com mais de 50 anos e todos os quatro sujeitos jovens, de 18 a 40 anos, aludiram a este item.

Desse modo, como já apontado em 4.8.1, há um número maior de respostas dadas pelos sujeitos femininos, dezenove, *versus* dezessete proferições masculinas. Assim como se destaca a quantificação numérica responsiva dos jovens, de 18 a 40 anos, ou seja, todos os vinte entrevistados jovens trouxeram o item lexical *balanço* como resposta à pergunta 139, contra dezesseis menções de sujeitos acima de 50 anos, fato este que evidencia continuidade de uso deste item na comunidade linguística em análise.

Além de *balanço* há, também, nos dados coletados, outros itens lexicais sinonímicos evocados como respostas a esta questão, tais como, *balango*, *balanguinho* e *gangorra*, na cidade de Sinop. Em Vera há *balango* e *gangorra*. Em Cláudia, *balango* e *gangorra*. E em Santa Carmem, do mesmo modo, *balango* e *gangorra*. Verifica-se, dessa maneira, que os itens *balango* e *gangorra*, respectivamente com vinte ocorrências o primeiro e oito o segundo, são igualmente localizáveis em todos os quatro municípios integrantes desta pesquisa.

Quanto ao item lexical *gangorra*, evidenciado também em todos os quatro locais investigados, é interessante destacar que a sua relação sinonímica com o conceito de *balanço* é assentida da seguinte forma pelo migrante de Sinop, S16 M, proveniente de Palmeiras/Go: “as muié lá fala *as criança tá na gangorra*, que é no balanço, lá em Goiás fala assim”.

Já o item lexical/variante *balango*, segundo a pioneira de Cláudia, C19 F, advinda de São Luiz/PR, teria sido trazido ao norte mato-grossense logo no início da colonização pelos migrantes paranaenses, como se pode verificar no seguinte excerto de seu relato de experiência pessoal:

Quando eu cheguei aqui, aí tinha um pessoal que veio com o ... com o Toni Banana, daí começô a vim um pessoal, não sei de, da... aí eles chegaram aqui e falaram assim ô, *meninas, vamos balangá*; [...] eu falei assim *o que que é balangá*? Ela falô *é se balanciá*. Risos... Acho que vieram junto com o Toni Banana, **eles vieram do Paraná, é, era do Paraná.**

Todavia, a continuidade semântica deste item/variante, distintamente da norma *balanço*, que alcança amplo uso neste espaço geográfico amazônico, encontra-se em declínio, explicável, fundamentalmente, pela interferência da educação escolar, que tende a homogeneizar e a uniformizar a língua, procurando aproximá-la do padrão idealizado pela gramática. Esta constatação se faz evidente na seguinte justificativa de não utilização, dentre as escolhas lexicais, do item lexical *balango*, dada pela jovem de 29 anos de Santa Carmem, SC7/2 F: “Balango, mais tá errado, né? É balanço, na verdade não existe balango, né? Quando eu era mais nova eu falava balango, mas depois que eu comecei a estudá aí eu me corrigia e falava balanço”.

No entanto, cabe realçar que esse ‘ideal linguístico de correção gramatical’, pretendido pelo ensino formal, não será jamais atingido, ainda que atenda aos propósitos de atenuar as marcas regionais. De acordo com Costa:

[...] todas as normas linguísticas faladas por qualquer comunidade ou agrupamento humano, independentemente do seu nível social ou cultural, vão sofrer variações no uso, porém a cultura escrita tenta frear essa variabilidade estabelecendo uma padronização da língua na tentativa de uniformizá-la e neutralizar a variação, constituindo assim a chamada norma-padrão. Segundo Faraco, o padrão não conseguirá jamais suplantiar a diversidade, porque isso só seria possível se a sociedade e a cultura se tornassem homogêneas, mas terá sempre um efeito unificador sobre as outras normas, tornando-se uma referência que neutraliza as marcas regionais dos falantes. (COSTA, 2010, p.4).

Assim, segundo os apontamentos analíticos feitos e conforme os resultados sócio-semântico-lexicais, apreendidos às realizações dos itens *balanço* e *balango*, é possível afirmar que o primeiro evidencia continuidade normativa de uso, visto que, como os dados nos mostram, há ampla utilização do mesmo pelos jovens, enquanto o segundo, encontra-se em descenso, ainda que o número de atribuições responsivas trazidas à pergunta 139 tenha sido maior entre os jovens, de 18 a 40 anos, do que entre os sujeitos acima de 50 anos, respectivamente onze contra nove, fato este que pode estar relacionado às reminiscências da infância e do resgate à memória linguística de usos pela comunidade e/ou no convívio familiar em tempos primevos.

4.9 Habitação

A nona área semântica desta pesquisa sócio-semântico-lexical abrange treze conceitos/perguntas que abordam sobre objetos, instalações, equipamentos e edificações que se reportam ao espaço doméstico ou ao lazer.

Os temas assinalados nas perguntas enunciativas, enumeradas de 143 a 155, foram, consecutivamente: barraca/barraca de lona/lona/loninha/encerado, acampamento, cama de campanha, barraco/barraquinho/rancho/ranchinho/ranchão, barreadinho, soalho, lampião/lâmpião a gás/lamparina/lamparinona, gerador/grupo gerador/motor, mata-junta, arinha, prateleira, fogão à lenha e patente. Ressalta-se que estes itens lexicais temáticos apresentados nesta área remetem ao contexto histórico inicial da colonização norte mato-grossense e, portanto, remontam a um cenário rudimentar e de grandes dificuldades enfrentadas pelos recém-chegados migrantes.

Os dados reunidos na área Habitação e os subsequentes procedimentos analíticos por mim realizados encontram-se disponibilizados nos subitens a seguir.

4.9.1 Barraca/Barraca de lona/Lona/Loninha/Encerado

143) ...a construção provisória feita de plástico resistente, para abrigar pessoas ou coisas, geralmente apoiada em um ou mais mastros e presa por cordas atadas em árvores ou ganchos fixados no solo?

Tabela lexical 143

Localidade	Sinop				Vere				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Perla Étnica	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vere		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
barraca	2	2	3	2		1		1	1	1		2	1	1	1	2	3	4		2	1	3	2	3	20
barraca de acampamento	1																1								01
barraca de lona				1		1											1		1						02
barraco	2		2		2		1		1		2		1	2	1	1	4		3		3		2	3	15
barraco de lona							1												1						01
barraquinho						1							1						1				1		02
cabana		1		1						1							2				1				03
cobertura		1															1								01
encerado						1				1									1	1					02
lona			1	1		1		1		1			1	1			1	1	2		1	1	1	1	07
lona de plástico													1										1		01
lona preta											1			1						1			1		02
tenda	1		1	1				1			1						2	1		1	1				05
não soube responder		1															1								01
TOTAL	6	3	7	6	2	3	2	3	3	3	4	2	4	6	2	3	13	11	4	3	7	3	6	9	63

Fonte Direta

TEMA: barraca/barraca de lona/lona/loninha/encerado

CARTOGRAMA 143

PERGUNTA: ... a construção provisória feita de plástico resistente, para abrigar pessoas ou coisas, geralmente apoiada em um ou mais mastros e presa por cordas atadas em árvores ou ganchos fixados no solo?

De acordo com a primeira Tabela da área semântica Habitação, 143, transposta para o Cartograma 143, a maior ocorrência de respostas à pergunta 143 ...a construção provisória feita de plástico resistente, para abrigar pessoas ou coisas, geralmente apoiada em um ou mais mastros e presa por cordas atadas em árvores ou ganchos fixados no solo?, é do item lexical *barraca*, o qual confere com um dos itens/tema desta pergunta, com vinte respostas atribuídas pelos entrevistados nos quatro pontos de inquérito. Destas respostas, há um número maior de proferições femininas, doze, *versus* oito de sujeitos masculinos, das quais nove foram propaladas por respondentes com mais de 50 anos e onze por jovens, de 18 a 40 anos.

Encontram-se, ainda, no quadro responsivo supracitado, variantes morfológicas deste item lexical/norma: a que apresenta alternância de gênero, *barraco*, e que se evidencia como segunda maior ocorrência, do mesmo modo falada em todas as quatro cidades pesquisadas, com quinze menções responsivas dadas pelos sujeitos, disparatadamente doze delas manifestadas por homens e apenas três por mulheres, todas as três de Santa Carmem, sendo oito destas manifestações feitas por entrevistados acima de 50 anos e sete por jovens, de 18 a 40 anos; e o diminutivo *barraquinha*, dito somente por duas mulheres, acima de 50 anos, uma de Vera e uma de Santa Carmem.

Quanto à expressão/tema *barraca de lona*, aparece como resposta de uma jovem, de 18 a 40 anos, de Sinop, e de uma mulher, acima de 50 anos, de Vera. Localizam-se, também, nos dados, expressões/variantes de *barraca de lona*, respectivamente: *barraca de acampamento*, citada unicamente por um homem, acima de 50 anos, de Sinop; e *barraco de lona*, proferida por um jovem, de 18 a 40 anos, de Vera.

Já o item lexic/tema *lona* se faz presente em sete respostas distribuídas entre cinco atribuições femininas e duas masculinas nos quatro municípios em estudo. Com relação à distinção numérica entre as faixas etárias, exibem-se quatro respostas de sujeitos com mais de 50 anos e três de jovens, de 18 a 40 anos. Ressaltam-se, ainda, duas expressões deste item, que são: *lona de plástico*, assinalada tão somente por um homem, acima de 50 anos, de Santa Carmem; e *lona preta*, aludida por um rapaz, de 18 a 40 anos, de Cláudia, e por uma mulher, acima de 50 anos, de Santa Carmem. Salienta-se que o item/tema, a variante diminutiva *loninha*, não foi expresso como resposta por nenhum dos respondentes.

Finalmente, o item lexical/tema *encerado* mostra-se disponibilizado nas respostas de dois sujeitos com mais de 50 anos, uma mulher de Vera e um homem de Cláudia.

Destaca-se, também, que *a construção provisória feita de plástico resistente, para abrigar pessoas ou coisas* fez parte da realidade contextual de muitos dos migrantes vindos para a região no início da colonização nas quatro cidades em análise. Ao chegarem, muitos colonos depararam-se com um cenário de devastação da floresta e demarcação de terrenos, nos quais posteriormente teriam, eles mesmos, que construir suas casas, como se pode constatar em vários excertos de narrativas integrantes dos relatos pessoais (em V1 M, V2 F, V4 F, SC5 F, SC6 F, SC8 F, S10 M, S11 M, S13 F, C19 F, C20 F), dos quais destaquei e exponho abaixo apenas um de cada município:

Casa, casa nenhuma, não tinha nenhuma casa aqui. Tudo acampado na beira do rio, aqui no Caiabi. [...] família acampada tinha próximo à serraria e nós encostemo por aí na serraria. É, é. Já tinha serraria pra serrá madeira pra fazê casa, né. [...] É, o homem consentiu a minha, a **barraca** na casa dele, encostá na beira da casa dele, aí nós encostemo, favorecido ainda. Risos... Aí nós fiquemo mais de sete mês, né! É, sete mês. [...] É, a gente mesmo que construiu a casa, né. (V1 M).

E daí nós entremo por Vera e ali onde é hoje o Gaúcho do mercado, nessa serraria ali, ali tinha uma fila de, de aquelas, assentamento de, o povo ia tudo em **barraca de lona**. Então era aquela fila de fora a fora. [...] Sim, as pessoas tavam tudo ali acampado, acampado pra i nas terra. Ah, tinha umas 40 família. Acampado ali, eles tava tudo

acampado ali. Aí nós fiquemo treis mês ali embaixo daquelas barraca, aí depois então eles derrubaram um pedaço de mata ali embaixo, aí nós viemo pra nosso barraco. Aí fizemo casa de tabuinha rachada, coberto de lona, chão batido. (SC6 F).

Nessa época todo dia, todo dia, todo dia chegava gente. O que tinha de gente chegando com caminhão! Muita gente até chegava com caminhão e botava uma **lona** por cima e fazia daquilo ali a casa deles até eles construí pra eles podê morá; era uma loucura. Você via filas de caminhão chegando de mudança, todo dia, todo dia, todo dia. (S10 M).

Barraca. Ali onde é a Orcontas era a nossa barraca. As primeiras famílias ficavam em barracas. Quando nós chegamos aqui, ali no redondo, ali do lado do redondo, era só **barracas de lona**. Acontecia, assim, eles iam na serraria e pegavam umas tábuas pra por ao redor, né. [...] Em barracas, a maioria. Eram, assim, barracas umas próximas às outras, né, à medida que o pessoal ia chegando, porque a Colonizadora ainda nem tinha cortado em datas as, as... a cidade, entendeu? Então você precisava aguardá aonde? Numa barraca, porque não tinha outro local. [...] Essa barraca a gente ficô, foi uns dois meses, porque logo eles precisavam queimá a área e aí eles dividiram as datas e já foram, né, entregando as, as datas, e aí a gente ia se colocando, porque eles começaram a forçar as pessoas saírem dali, porque eles precisavam da área. Aí a gente, cada um, mas havia mutirão de trabalhos, sabe. [...] E aí, a, a gente fazia mutirão pra fazê as casas, sabe, as família então construía primeiro a casa. A gente se ajudava. (C20 F).

Realidade esta que exemplifica as muitas dificuldades e adversidades encontradas pelos primeiros migrantes neste espaço geográfico que faz parte da Amazônia. Cabe lembrar que todos vieram movidos pelo sonho de melhoria de vida e de maiores oportunidades econômicas. Todavia, este “sonho dourado” se desvanece já na chegada, quando se defrontam com as circunstâncias infortúnias e obstáculos diversos que os aguardavam.

4.9.2 Acampamento

144) ...o conjunto de _____(cf. item 143) e equipamentos em que grupos de pessoas se instalam por determinado tempo?

Tabela lexical 144

Localidade	Sinop				Uera				Céu dia				Santa Carmem				Su blota I				Santa Carmem				Total
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Uera		Céu dia		Santa Carmem		Municípios
Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
Equipamento	1	3	3	4	1	1	2	2	2	2	1	2	2	1	2	1	4	7	3	3	3	4	4	2	30
Equipamento de barraco	1																1								01
Alojamento	1						1		1				1				1		1		1	1			04
Acampamento		1													1		1						1		02
Camping	1		1														2								02
Conjuntado de barraco														1		1								2	02
Resposta		1	1		1	1					1						1	1	1	1	1				05
TOTAL	4	3	3	4	2	2	2	3	2	3	2	2	3	2	2	3	9	9	4	3	4	3	3	3	46

Fonte Direta

TEMA: acampamento

CARTOGRAMA 144

PERGUNTA: ... o conjunto de (cf. item 143) e equipamentos em que grupos de pessoas se instalam por determinado tempo?

Na Tabela 144, como também se verifica no Cartograma 144, o item lexical que se apresenta com maior ocorrência é *acampamento*, com trinta respostas distribuídas em todos os quatro municípios pesquisados. Este item/norma, que confere com o tema da questão *...o conjunto de _____(cf. item 143) e equipamentos em que grupos de pessoas se instalam por determinado tempo?*, traz, como frequência, um número maior de respostas femininas, dezesseis, *versus* quatorze masculinas. Ressalta-se que há, ainda, uma quantificação numérica maior de *acampamento* nas respostas trazidas pelos jovens, de 18 a 40 anos, dezessete, contra treze proferições de sujeitos acima de 50 anos.

4.9.3 Cama de campanha

145) ...espécie de cama móvel e desmontável, que foi muito usada no início da colonização e em campanhas militares, atualmente ainda é utilizada em _____(cf. item 144)?

Tabela lexical 145

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total	
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop	Vera	Cláudia	Santa Carmem		
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
beliche	2	1											1	1			1	2	1		1	1
cama de campanha	1							1	1							1			1	1		
cama móvel				1	1		1			1	1	1			1	1	1	1	1	1	1	
cama tatu	1									1					1				1			
campanha								1											1			
jirau													1								1	
maca										1				1					1	1		
rede	1	1	1	1													2	2				
saco de dormir				1													1					
tarimba					1	1	1		1		1		1	2	1	1		2	1	2		2
não soube responder		2	3	1		1	1	1									3	3	1	2		
TOTAL	5	4	4	4	2	2	2	2	2	2	3	2	2	4	2	3	9	8	4	4	5	6

Fonte Direta

TEMA: cama de campanha

CARTOGRAMA 145

PERGUNTA: ... espécie de cama móvel e desmontável, que foi muito usada no início da colonização e em campanhas militares, atualmente ainda é utilizada em (cf. item 144)?

Conforme a Tabela 145, transposta para o Cartograma 145, o item lexical *tarimba*, o qual não coincide com o tema da pergunta 145 *...espécie de cama móvel e desmontável, que foi muito usada no início da colonização e em campanhas militares, atualmente ainda é utilizada em _____(cf. item 144)?*, aparece como o mais utilizado dentre as respostas trazidas pelos entrevistados, com dez ocorrências em três dos quatro municípios pesquisados, Vera, Cláudia e Santa Carmem, tendo sido faladas por seis sujeitos masculinos e por quatro femininos. Salienta-se, também, que o número

de respostas dadas por sujeitos acima de 50 anos é maior do que as disponibilizadas por jovens, de 18 a 40 anos, seis daqueles *versus* quatro destes.

Já a expressão/tema *cama de campanha* foi manifestada no corpo responsivo de apenas três entrevistados, todos acima de 50 anos, um homem de Sinop e um casal de Cláudia. Localizam-se, ainda, nos dados elencados acima, duas expressões variantes, que substituem a locução adjetiva deste tema: *cama móvel*, que se destaca como segunda maior ocorrência, com sete proferições, três mencionadas por homens e quatro por mulheres, das quais cinco foram aludidas por jovens, de 18 a 40 anos, e só duas por respondentes com mais de 50 anos, distribuídas pelos quatro pontos de inquérito; e *cama tatu*, dita somente por dois sujeitos masculinos, um homem, acima de 50 anos, de Sinop, e um jovem, de 18 a 40 anos, de Cláudia.

Encontra-se, também, nos dados, um item lexical/variante em que se processa a despalatização do item *campanha* desta expressão, *campana*, propalado tão somente por uma mulher, acima de 50 anos, de Cláudia.

Acentua-se, ainda, a grande quantidade de não-respostas apresentadas pelos sujeitos à questão supracitada, ou seja, nove respondentes das cidades de Sinop e de Vera, quatro homens e cinco mulheres, não souberam atribuir nenhuma resposta ao conceito de 145. Destes respondentes, seis são jovens, de 18 a 40 anos, e três têm mais de 50 anos.

4.9.4 Barraco/Barraquinho/Rancho/Ranchinho/Ranchão

146) ...casa com instalações precárias, feita com restos de madeira ou tabuinha rachada, coberta de lona, palha, zinco ou telha, sem revestimento no chão?

Tabela lexical 146

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Su. biota I								Total
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
barraco	3		3	3	2	1	2	2	1	2	2	1	2	2	2	2	6	3	4	3	3	3	4	4	30
barracinho			1	2										1		1	1	2						2	05
cafeto							1												1						01
casa de barro	1	1															1	1							02
casa de madeira	1								1								1				1				02
casa de tijolo	2	1	1	3			1	1			1				1	1	3	4	1	1	1		1	1	12
casa de zinco																1							1		01
cabinha			1	1			1										1	1		1					03
choupana			1				1										1			1					02
galpão	1																1				1				01
galpãozinho															1								1		01
meia-casa		1															1								01
muqueto		1											1				1						1		02
palha														1										1	01
palha-pique		1	2												1	1	2	1					1	1	05
ranchinho			1						1					1	1		1				1		1	1	04
ranchão		2		1		2			1	1				1	1		3		2	1	1	1	1	1	09
telha														1										1	01
telha-reta		1	1			1	1		1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	2	2	2	1	11
TOTAL	8	8	11	10	2	4	3	3	3	4	4	2	4	7	8	7	19	18	7	9	9	6	12	14	94

Fonte Direta

TEMA: barraco/barraquinho/rancho/ranchinho/ranchão

CARTOGRAMA 146

PERGUNTA: ... casa com instalações precárias, feitas com restos de madeira ou tabuinha

rachada, coberta de lona, palha, zinco ou telha, sem revestimento no chão?

De acordo com a Tabela 146, transposta para o Cartograma 146, o item lexical de maior uso, em todos os quatro pontos de inquérito pesquisados, para responder a pergunta *...casa com instalações precárias, feita com restos de madeira ou tabuinha rachada, coberta de lona, palha, zinco ou telha, sem revestimento no chão?*, com trinta respostas, foi *barraco*, o qual confere com um dos itens/tema desta pergunta. Como frequência, destaca-se para *barraco* um número maior de respostas masculinas, dezessete, *versus* treze femininas, mesma quantificação numérica esta que distingue as atribuições responsivas dadas por jovens, de 18 a 40 anos, e por sujeitos acima de 50 anos, dezessete daqueles contra treze destes. Já a variante/tema, o diminutivo *barraquinho*, aparece em apenas cinco respostas, nas de três jovens, de 18 a 40 anos, um rapaz e duas moças, de Sinop, bem como nas de uma mulher, acima de 50 anos, e de uma moça, de 18 a 40 anos, ambas de Santa Carmem.

Quanto ao item lexical/tema *rancho*, apresenta-se em nove respostas, divididas entre um número bem maior de mulheres, sete, *versus* somente duas proferições masculinas, localizáveis por todos os quatro municípios em análise. Esta mesma desproporção numérica se evidencia, também, entre as respostas dadas por sujeitos acima de 50 anos, sete, contra apenas duas de jovens, de 18 a 40 anos. Com relação à variante/tema, o diminutivo *ranchinho*, manifesta-se entre as respostas de um rapaz, de

18 a 40 anos, de Sinop, de um homem, acima de 50 anos, de Cláudia, e de uma mulher, acima de 50 anos, bem como de um jovem, de 18 a 40 anos, ambos de Santa Carmem. E a variante/tema, o aumentativo *ranchão*, por outro lado, não foi proferido por nenhum dos entrevistados.

É importante ressaltar, ainda, que a distinção numérica que se acentua entre as duas faixas etárias investigadas, as quais atribuem *rancho* como resposta ao conceito da questão supracitada, pode estar relacionada ao fato de estar ocorrendo uma ressignificação semântica deste item lexical, no contexto de uso norte mato-grossense, entre os mais jovens. Esta constatação é enfatizada pelo jovem de Sinop, S16/2 M, de 21 anos, que, ao ser questionado sobre a possibilidade de utilização de *rancho* como resposta à *casa com instalações precárias*, assim justifica o porquê não trouxe este item ao seu corpo responsivo:

[...] rancho pra essa casinha não, agora falá *vamo no rancho do meu pai*, por exemplo, levá meus amigos pro rancho do meu pai, é uma casa na beira do rio, uma casa grande, uma casa bonita, aí já é considerada como rancho. Inclusive um amigo meu esses tempo atrás chamô pra i pro rancho, *bora lá pro rancho do meu pai*. Eles denominam como rancho uma casa com dois andar, com ar condicionado e tudo.

Esta ressignificação pode ter ligação com as atividades recreativo-culturais desenvolvidas na região desde o início da sua colonização, como se pode verificar no seguinte excerto da pioneira de Sinop, S14 F: “Era assim, tinha domingo que não tinha nada, né, então carregava as criança no carro, minhas irmã, os amigos que eram mais chegado, carregava uma caminhonete de gente e ia pros mato, por aí, pros rio, pros mato. [...] Só pra sair fora de casa, fazia um tipo piquenique.” Esta prática de lazer permanece ainda hoje entre os moradores das cidades em estudo, muitos deles, inclusive, adquiriram terrenos próximos a rios e mesmo pequenas ilhas, nos quais edificaram casas e outras instalações que propiciam entretenimento às famílias e amigos, geralmente nos finais de semana.

4.9.5 Barreadinho

147) ...quando o chão de uma casa é de barro?
Tabela lexical 147

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop	Vera	Cláudia	Santa Carmem	Municípios				
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios				
barroca		1												1				1			1	02			
chão						1				1			2	2					1	1		2	2	06	
chão batido	3		3	4					2	2	1	1		1	1		6	4		3	3	1	1	18	
chão de barro		1				1	2	1			1	1			2	2		1	2	2	1	1	2	2	11
chão de terra		1											1					1				1			02
chão pisado		1																1							01
chão socado						1												1							01
piso batido	1																1								01
piso bruto	1					1											1								01
piso de terra																			1						01
terra batida	1																1								01
não soube responder		1	1			1					1						1	1	1	1	1				05
TOTAL	6	3	4	4	3	2	2	2	3	2	3	2	3	4	3	2	10	9	3	4	6	4	6	6	30

Fonte Direta

TEMA: barreadinho

CARTOGRAMA 147

PERGUNTA: ... quando o chão de uma casa é de barro?

O Cartograma 147, assim como a Tabela 147, confirmam a norma de uso da expressão *chão batido*, a qual não confere com o item lexical/tema da questão 147 ...quando o chão de uma casa é de barro?. Foram dezoito respostas, distribuídas entre dez menções masculinas, *versus* oito entre as mulheres, em três dos quatro municípios pesquisados, Sinop, Cláudia e Santa Carmem. Esta mesma quantificação numérica é a que distingue as respostas dadas por jovens, de 18 a 40 anos, e por sujeitos acima de 50 anos, dez ditas por aqueles e oito por estes.

Há, para esta expressão/norma, nos dados elencados acima, variantes que modificam o segundo item lexical: *chão de barro*, que aparece como segunda maior

Já o item lexical/tema, *barreadinho*, não foi manifestado dentre as respostas de nenhum dos sujeitos. Nem mesmo a pioneira de Santa Carmem, SC8 F, que o trouxe na materialidade linguística de seu relato de experiência pessoal, de acordo com o seguinte fragmento “[...] a casa ainda era de chão, tudo **barreadinho**, botava lençol e dormia tudo no chão”, mencionou este item como resposta ao conceito de 147. Apreende-se, contudo, no quadro exposto acima, uma variante que aflui do radical *barr*, *barroca*, empregada apenas por duas respondentes, acima de 50 anos, uma mulher de Sinop e outra de Santa Carmem.

PERGUNTA: ... quando o revestimento do chão de uma casa é feito de madeira?

Na Tabela 148, como também se verifica no Cartograma 148, é o item lexical *assoalho* que se evidencia com maior ocorrência, tendo sido proferido por dezoito sujeitos. Destaca-se que este item/norma é variante, por prefixação, do tema de propositura da questão 148 *...quando o revestimento do chão de uma casa é feito de madeira?*. Como frequência, constata-se que *assoalho* aparece em um número maior de respostas femininas, onze vezes, enquanto os homens o citaram sete vezes, sendo localizado nos quatro municípios em análise. Destas respostas, ressalta-se, ainda, a mesma desproporção numérica entre as respostas dadas por sujeitos com mais de 50 anos e as mencionadas por jovens, de 18 a 40 anos, sete daqueles e onze destes.

Quanto ao item lexical/tema, *soalho*, manifesta-se como segunda maior ocorrência, com dezesseis proferições encontradas em todos os pontos de inquérito, e divididas, distintamente, em dez respostas masculinas *versus* seis femininas, das quais nove foram propaladas por respondentes com mais de 50 anos e sete por jovens, de 18 a 40 anos.

Além da variante/norma *assoalho*, há outras variantes que foram disponibilizadas pelos entrevistados como respostas ao conceito da pergunta supracitada, que são, respectivamente: a que apresenta derivação prefixal e sufixal, *assoalhado*, falada por dois homens e por uma mulher com mais de 50 anos, de Sinop, e

por dois rapazes, de 18 a 40 anos, um de Cláudia e um de Santa Carmem; a que, além de exibir derivação prefixal e sufixal, denota despalatização, *ensoarado*, dita unicamente por uma respondente com mais de 50 anos de Santa Carmem; a que mostra apenas derivação sufixal, *soalhado*, expressa só por um homem, acima de 50 anos, de Sinop; a que realça derivação sufixal e despalatização, *soarado*, aludida tão somente por uma mulher com mais de 50 anos de Santa Carmem; e a que se distingue foneticamente pela variável da vogal média-alta /o/ pela alta /u/ em posição pretônica, *sualho*, pronunciada somente por uma mulher, acima de 50 anos, de Vera.

4.9.7 Lampião/Lampião a gás/Lamparina/Lamparinona

149) ...utensílio composto de recipiente com querosene ou óleo, e um pavio que, ao ser aceso, produz pequena chama que ilumina? (Aulete On-line).

Tabela lexical 149

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total
Período Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop	Vera	Cláudia	Santa Carmem	Municípios
Lexia / Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
candeia	1																1				01
candeieiro	1								1				1	1	1		1		1	2	05
chareto									1										1		01
lamparina	3	3	3	2	2	2	2	2	2	2	1	2	2	2	2	2	6	5	4	4	34
lampião	4	4	4	4	1	2	2	2	1	2	2	2	2	1	2	2	8	8	3	4	37
lampiãozinho				1									1				1			1	02
liquinho									1										1		01
lumin		1															1				01
TOTAL	9	8	7	7	3	4	4	4	5	5	3	4	5	5	5	4	16	15	7	8	82

Fonte Direta

TEMA: lampião/lampião a gás/lamparina/lamparinona

CARTOGRAMA 149

PERGUNTA: ... utensílio composto de recipiente com querosene ou óleo, e um pavio que, ao ser aceso, produz pequena chama que ilumina? (Aulete online)

Conforme podemos verificar na Tabela 149, ratificada pelo Cartograma 149, é o item lexical *lâmpião* que se apresenta com maior ocorrência, tendo sido trazido ao corpo responsivo trinta e sete vezes pelos sujeitos. Este item/norma coincide com um dos temas de propositura da questão 149 *...utensílio composto de recipiente com querosene ou óleo, e um pavio que, ao ser aceso, produz pequena chama que ilumina?*. Como frequência, constata-se que *lâmpião* se evidencia em dezoito respostas masculinas, *versus* dezenove femininas, nos quatro municípios em análise. Ressalta-se que todos os vinte entrevistados jovens, de 18 a 40 anos, o manifestaram como resposta ao conceito desta pergunta, enquanto entre os sujeitos com mais de 50 anos foram dezessete atribuições responsivas.

Localiza-se, ainda, nos dados elencados acima, uma variante morfológica de *lâmpião*, o diminutivo *lâmpiãozinho*, falado por uma jovem, de 18 a 40 anos, de Sinop, e por uma mulher com mais de 50 anos de Santa Carmem. Já a expressão/tema, variante deste item/norma, *lâmpião a gás*, não foi enunciada por nenhum dos sujeitos.

Quanto ao item lexical/tema, *lâmparina*, destaca-se como segunda maior ocorrência, tendo sido expresso em todos os pontos de inquérito por trinta e quatro entrevistados. Salienta-se que as respostas dadas se distribuem equitativamente entre os gêneros, ou seja, foram dezessete proferições de ambos, contudo realçam distinção numérica entre as faixas etárias, visto que há dezoito menções feitas por respondentes com mais de 50 anos e dezesseis por jovens, de 18 a 40 anos. A variante/tema de *lâmparina*, o aumentativo *lâmparinona*, por outro lado, não foi citado, conforme os dados levantados como respostas à questão supracitada.

4.9.8 Gerador/Grupo gerador/Motor

150) ...espécie de máquina que gera energia e que foi muito usada na região no início da colonização?

Tabela lexical 150

Localidade	Sinop				Vera				Cáudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cáudia		Santa Carmem		Municípios
Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
dinamo	2														2										02
gerador	3	1	4	3	1		2	1	2	2	2		2		7	4	3	1	4		2	4	2		27
grupo gerador	1				1										1		1								02
locomóvel									1												1				01
motor		3		2	1	2	1	2	2	1	1	2	1	1			3	2	4	3		3	1	1	19
motor estacionário									1			1	1								2		1		03
motorzinho														1										1	01
roda-d'água													1										1		01
transformador										1												1			01
turbina									1																01
TOTAL	6	4	4	3	3	2	3	3	7	4	4	3	4	2	2	2	10	9	6	3	11	7	6	4	38

Fonte Direta

TEMA: gerador/grupo gerador/motor

CARTOGRAMA 150

PERGUNTA: ... espécie de máquina que gera energia e que foi muito usada na região no início da colonização?

De acordo com as inscrições da Tabela 150 e de seu respectivo Cartograma, verifica-se que o item lexical *gerador*, de maior ocorrência entre as respostas dadas pelos entrevistados, coincide com um dos itens/tema de propositura da questão 150 ...espécie de máquina que gera energia e que foi muito usada na região no início da colonização?. Dentre as vinte e sete respostas, localizáveis em todos os pontos de inquérito, tem-se um número bem maior de proferições masculinas, dezoito, *versus* nove femininas.

Destaca-se, também, o maior número de menções deste item lexical/norma trazido ao corpo responsivo pelos jovens, de 18 a 40 anos, dezesseis, contra onze atribuições de sujeitos acima de 50 anos. Já a expressão/tema, variante de *gerador*, *grupo gerador*, foi citada somente duas vezes, por dois sujeitos masculinos com mais de 50 anos, um de Sinop e um de Vera.

Quanto ao item lexical/tema *motor*, se evidencia como segunda maior ocorrência em dezenove respostas nos quatro pontos de estudo. Inversamente, houve predileção deste item pelas mulheres, que o pronunciaram treze vezes, *versus* seis alusões masculinas, assim como pelos entrevistados acima de 50 anos, que o manifestaram onze vezes, contra oito citações de jovens, de 18 a 40 anos. Localiza-se, ainda, dentre as

respostas catalogadas para a pergunta supracitada, uma variante morfológica de *motor*, o diminutivo *motorzinho*, dito por apenas uma mulher, acima de 50 anos, da cidade de Santa Carmem. Há, também, nos dados, uma expressão/variante deste item, *motor estacionário*, propalada por três respondentes, todos de Cláudia, um homem com mais de 50 anos e um casal de jovens, de 18 a 40 anos.

4.9.9 Mata-junta

151) O que se faz em uma casa de madeira quando se põem tiras ou ripas de madeira para tapar as juntas entre tábuas?

Tabela lexical 151

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Total
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios								
Lexia / Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios						
mata-junta	3	4	2		2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	1	5	4	4	4	4	4	4	4	3		32						
ripamento	1				1			1									1		1	1							08						
vista			1														1										01						
não soube responder			2	4											1	2	4							1			07						
TOTAL	4	4	5	4	3	2	2	3	2	2	2	2	2	2	2	2	9	8	5	5	4	4	4	4			43						

Fonte Direta

TEMA: mata-junta

CARTOGRAMA 151

PERGUNTA: O que se faz em uma casa de madeira quando se põem tiras ou ripas de madeira para tapar as juntas entre tábuas?

LEXIAS			
■ mata-junta	■ vista	■ ripamento	■ não soube responder

FAIXAS ETÁRIAS			
◆ Homem - Acima de 50 anos	● Mulher - Acima de 50 anos	▲ Homem - 18 a 40 anos	■ Mulher - 18 a 40 anos

Conforme a Tabela 151, transposta para o Cartograma 151, o item lexical de maior ocorrência utilizado para responder a pergunta 151 *O que se faz em uma casa de madeira quando se põem tiras ou ripas de madeira para tapar as juntas entre tábuas?*, com trinta e duas respostas, foi *mata-junta*, o qual coincide com o tema que engendrou esta pergunta. Há, nos quatro pontos de inquérito, como frequência, dezessete respostas entre os homens e quinze entre as mulheres. Salienta-se que, dos vinte entrevistados com mais de 50 anos, apenas um homem de Sinop não atribuiu *mata-junta* como resposta à questão supracitada, dentre os jovens, de 18 a 40 anos, treze o proferiram.

Ressalta-se, ainda, o alto número de não-respostas expressas pelos respondentes ao conceito de 151, ou seja, sete sujeitos dos municípios de Sinop e de Santa Carmem não souberam dar nenhuma resposta a este conceito/pergunta, todos jovens, de 18 a 40 anos, cinco moças e dois rapazes. Nesse contexto, segundo os dados nos apontam, Sinop apresenta-se como a cidade que exprime o maior número de não atribuições responsivas, seis, *versus* uma única evidenciada em Santa Carmem.

4.9.10 Arinha

152) ...espaço coberto de uma casa, mas aberto em parte de seus lados, que geralmente fica na parte da frente da casa e em que se costumam colocar cadeiras?

Tabela lexical 152

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal								Total
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
alpendre																									
área	4	3	3	3	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	7	6	3	4	4	4	4	4	36
garagem			1																						01
puxado															1								1		01
sacada									1												1				01
varanda	3	3	3	4	1	1	2	1	1	2	2	2	1	1	1	2	6	7	3	2	3	4	2	3	30
TOTAL	7	6	7	7	2	3	4	3	4	4	4	4	3	4	4	4	14	13	6	6	2	2	7	2	70

Fonte Direta

TEMA: arinha

PERGUNTA: ... espaço coberto de uma casa, mas aberto em parte de seus lados, que geralmente fica na parte da frente da casa e em que se costuma colocar cadeiras?

LEXIAS

alpendre
área
garagem
puxado
sacada
varanda

FAIXAS ETÁRIAS

Homem - Acima de 50 anos
Mulher - Acima de 50 anos
Homem - 18 a 40 anos
Mulher - 18 a 40 anos

CARTOGRAMA 152

Destaca-se que este item lexical/norma é variante morfológica do tema da pergunta supracitada, o diminutivo *arinha*, o qual não foi dado como resposta por nenhum dos respondentes entrevistados.

153) ...tábua fixada na parede ou em estante, armário etc., onde se colocam objetos diversos, como pratos, roupas, mantimentos etc.? (Aulete On-line).

Localidade	Sinop				Vera				Cáu-dia				Santa-Carmem				Su-borá-I				Cáu-dia				Santa-Carmem				Torta-I
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cáu-dia		Santa-Carmem		Municípios				
Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios		
bagulheira		1															1										01		
esteleiro					1												1										01		
parteleira									1			1		1							1	1			1		08		
parteleira		1				2	2			1			2	1	2			1	2	2			1	4	1		11		
preteleira	3	2	3	2				2				1					6	4		2			1				13		
preteleira	1	1	1	1						1		1				2	2	2				2		2			08		
taboiteira									1												1						01		
tabuleiro												1									1						01		
não soube responder				1	1												1	1									02		
TOTAL	4	5	4	4	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	8	9	4	4	3	5	4	4			41		

Municípios

- Vera
- Cláudia
- Santa Carmem
- Sinop

0 40.000 80.000
Metros

De acordo com a Tabela 153, transposta para o Cartograma 153, o item lexical mais utilizado para responder a pergunta *...tábua fixada na parede ou em estante, armário etc., onde se colocam objetos diversos, como pratos, roupas, mantimentos etc.?*, com treze respostas, é *prateleira*, o qual coincide com o tema que engendrou esta pergunta. Há, em três dos quatro pontos de inquérito, Sinop, Vera e Cláudia, como frequência, seis respostas masculinas e sete femininas. Evidencia-se, também, nos dados elencados acima, uma pequena desproporção numérica entre as respostas dadas pelos sujeitos acima de 50 anos, cinco, contra oito entre os jovens, de 18 a 40 anos.

Localizam-se, ainda, nos dados, variantes fonéticas deste item/norma, que são, respectivamente: a que exibe metátese, *parteleira*, falada por um homem com mais de 50 anos e por uma moça, de 18 a 40 anos, ambos de Cláudia, bem como por uma mulher, acima de 50 anos, de Santa Carmem; a que mostra metátese seguida de alternância da vogal média-alta pretônica /e/ pela vogal alta /i/, *partileira*, que aparece como segunda maior ocorrência, com onze atribuições responsivas, distribuídas entre seis respostas masculinas e cinco femininas, das quais sete foram dadas por respondentes com mais de 50 anos e apenas quatro por jovens, de 18 a 40 anos, localizáveis em todos os quatro municípios pesquisados; e a que só apresenta alternância da vogal média-alta pretônica /e/ para a vogal alta /i/, *pratleira*, mencionada oito vezes em três das quatro cidades em estudo, Sinop, Cláudia e Santa Carmem, sendo seis destas respostas dadas por mulheres e apenas duas por homens.

4.9.12 Fogão à lenha

154) **...caixa de ferro ou de alvenaria, geralmente com fornalha e chaminé, em que se usa lenha para cozinhar ou esquentar alimentos ao fogo? (Aurélio, 1986, p. 792, e Aulete On-line).**

Tabela lexical 154

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Idade	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
1																	1								01
churrasqueira		1				1		1					1					1	2				1		04
fogão	3	3				1							2	2	1		3	3	1				3	2	12
fogão à lenha	3		4	3	2		2	1	2	1	2	2	2	1	2	2	7	3	4	1	4	3	4	3	29
fogão capitaneado	2					1								1			2		1					1	04
fogão de barro				1														1							01
fogão de lenha		3		1		2				1								4	2		1				07
fogão econômico			1															1							01
fornalha				1	1													1	1						02
forno		1		1			1							1				2	1				1		04
forno à lenha				1														1							01
fogão à lenha							1													1					01
fogão de lenha						1														1					01
TOTAL	9	3	5	3	5	4	3	3	2	2	2	2	5	4	4	2	14	16	8	7	4	4	9	6	62

Fonte Direta

TEMA: fogão à lenha

CARTOGRAMA 154

PERGUNTA: ... caixa de ferro ou de alvenaria, geralmente com fomalha e chaminé, em que se usa lenha para cozinhar ou esquentar alimentos ao fogo (Aurélio, 1986, p. 792 e Aulete online)?

Na Tabela 154, como também se verifica no Cartograma 154, a expressão que se apresenta com maior ocorrência é *fogão à lenha*, com vinte e nove respostas distribuídas em todos os quatro municípios pesquisados. Esta expressão/norma, que confere com o tema da questão *...caixa de ferro ou de alvenaria, geralmente com fomalha e chaminé, em que se usa lenha para cozinhar ou esquentar alimentos ao fogo?*, traz, como frequência, um número maior de respostas masculinas, dezenove, *versus* dez femininas. Ressalta-se que há, também, uma quantificação numérica maior de respostas trazidas pelos jovens, de 18 a 40 anos, dezoito, contra onze proferições de sujeitos acima de 50 anos.

Fogão à lenha deixa afluir, nos dados acima elencados, expressões variantes, que se identificam da seguinte forma: **a)** a que substitui o *a* craseado pela preposição *de* = *fogão de lenha*, mencionada por sete sujeitos, todas do sexo feminino, localizáveis nas cidades de Sinop, de Vera e de Cláudia. **b)** a que troca o *a* craseado pela preposição *de* e modifica o último item lexical = *fogão de barro*, citada unicamente por uma moça, de 18 a 40 anos, de Sinop. **c)** as que suprimem o segundo elemento e alteram o último item lexical = *fogão caipira*, falada tão somente por entrevistados com mais de 50 anos, três homens, dois de Sinop e um de Vera, bem como por uma mulher de Santa Carmem; e *fogão econômico*, dita só por um rapaz, de 18 a 40 anos, de Sinop. **d)** a que muda o

primeiro item lexical = *forno à lenha*, propalada apenas por uma moça, de 18 a 40 anos, de Sinop. e) a que, no primeiro item lexical, é distinta foneticamente pela variável da vogal média-alta /o/ pela alta /u/ em posição pretônica = *fugão à lenha*, expressa somente por uma jovem, de 18 a 40 anos, de Vera. f) a que, no primeiro item lexical, se difere foneticamente pela variável da vogal média-alta /o/ pela alta /u/ em posição pretônica e que substitui o *a* craseado pela preposição *de* = *fugão de lenha*, pronunciada só por uma mulher com mais de 50 anos também de Vera.

Localiza-se, ainda, nos dados, o substantivo primitivo *fogão*, que aparece como segunda maior ocorrência, com doze atribuições responsivas, divididas entre as respostas de sete homens e de cinco mulheres, das quais onze foram aludidas por respondentes acima de 50 anos e uma única por um jovem, de 18 a 40 anos, mais especificamente um rapaz de Santa Carmem, em três dos quatro pontos de inquérito, Sinop, Vera e Santa Carmem.

Destaca-se, também, a justificativa trazida pelo pioneiro de Sinop, S16 M, proveniente de Itumbiara – Goiás, juntamente ao item lexical *buraio*, que o caracteriza como regionalismo, conforme se pode ver no seguinte fragmento: “E tem **buraio**, acho que é regionalismo, em Goiás se fala buraio pra fogão à lenha”.

4.9.13 Patente

155) ...quando se vai ao banheiro, onde é que a pessoa se senta para fazer as necessidades? (Questionário ALiB, 2001, p.35).

Tabela lexical 155

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
essencial						1										1									01
banheiro				1												1									01
caixa d'água							1										1								01
casinha		1							1							1					1				02
micrômetro											1			1									1	1	02
micrômetro		1					2	2	1					1		1	2	2	2	1			1		07
parte	3		1	1					2	1	2	2		1	2	1	4	1	1		4	3	2	2	17
privado	3	3	4	2	2	2	1	2		2	1	2	2	2	1	1	7	3	3	4	1	4	3	3	30
se não		2		1											1		3							1	04
trono	1			1											1	1	1							1	03
vaso	4	4	3	3	1	1	2	2	2	2	2	1	2	2	2	1	7	7	3	3	4	3	4	3	34
vaso	1	1	3	1							1				1	4	2				1			1	06
TOTAL	12	12	11	10	4	3	6	7	3	6	3	6	3	3	6	7	23	22	10	10	10	12	11	12	110

Fonte Direta

TEMA: patente

CARTOGRAMA 155

PERGUNTA: ... quando se vai ao banheiro, onde é que a pessoa se senta para fazer as necessidades? (Questionário ALiB, 2001)

Conforme a última Tabela, 155, da área semântica Habitação, transposta para o Cartograma 155, o item lexical *vaso*, o qual não coincide com o tema da pergunta 155 *...quando se vai ao banheiro, onde é que a pessoa se senta para fazer as necessidades?*, aparece como o mais utilizado dentre as respostas dos entrevistados, com trinta e quatro ocorrências em todos os quatro municípios pesquisados, faladas por dezoito sujeitos masculinos e dezesseis femininos. Esta distinção numérica é a mesma que aflui nas respostas de sujeitos com mais de 50 anos, dezoito, contra dezesseis de jovens, de 18 a 40 anos.

Ressalta-se que *vaso* é um recorte, apenas do primeiro item, da expressão/tema que se evidencia para esta mesma questão, 170, integrante do QSL do ALiB, *vaso sanitário*. Esta expressão, contudo, também é manifestada nos dados elencados acima, mas somente por oito entrevistados em três das quatro cidades em estudo, Sinop, Cláudia e Santa Carmem, sendo distribuída entre o mesmo número de proferições femininas e masculinas, quatro de ambos. Por outro lado, há grande diferenciação quantitativa entre as atribuições responsivas dadas por respondentes com mais de 50 anos e por jovens, de 18 a 40 anos, seis daqueles e apenas dois destes.

Já o item lexical/tema *patente* foi trazido ao corpo responsivo de dezessete sujeitos, dos quais se realça um maior número de respostas entre os homens, onze, *versus* seis entre as mulheres. Com relação às respostas dadas por sujeitos com mais de 50 anos e por jovens, de 18 a 40 anos, destacam-se oito menções daqueles contra nove destes.

4.9.14 Histograma 32: itens e expressões mais frequentes da área semântica Habitação

Conforme o Histograma trinta e dois, é possível verificar a disposição dos itens lexicais ou expressões de maior ocorrência dados como respostas pelos sujeitos na área semântica Habitação deste estudo sócio-semântico-lexical.

Exponho, abaixo, a sequência enumerativa das perguntas e de seus respectivos itens ou expressões/norma, que formam o corpo enunciativo desta área semântica:

- 143) Barraca= *...a construção provisória feita de plástico resistente, para abrigar pessoas ou coisas, geralmente apoiada em um ou mais mastros e presa por cordas atadas em árvores ou ganchos fixados no solo?*
- 144) Acampamento= *...o conjunto de _____(cf. item 143) e equipamentos em que grupos de pessoas se instalam por determinado tempo?*
- 145) Tarimba= *...espécie de cama móvel e desmontável, que foi muito usada no início da colonização e em campanhas militares, atualmente ainda é utilizada em _____(cf. item 144)?*

- 146) Barraco= ...*casa com instalações precárias, feita com restos de madeira ou tabuinha rachada, coberta de lona, palha, zinco ou telha, sem revestimento no chão?*
- 147) Chão batido = ...*quando o chão de uma casa é de barro?*
- 148) Assoalho = ...*quando o revestimento do chão de uma casa é feito de madeira?*
- 149) Lampião= ...*utensílio composto de recipiente com querosene ou óleo, e um pavio que, ao ser aceso, produz pequena chama que ilumina?* (Aulete On-line).
- 150) Gerador = ...*espécie de máquina que gera energia e que foi muito usada na região no início da colonização?*
- 151) Mata-junta= *O que se faz em uma casa de madeira quando se põem tiras ou ripas de madeira para tapar as juntas entre tábuas?*
- 152) Área= ...*espaço coberto de uma casa, mas aberto em parte de seus lados, que geralmente fica na parte da frente da casa e em que se costumam colocar cadeiras?*
- 153) Prateleira= ...*tábua fixada na parede ou em estante, armário etc., onde se colocam objetos diversos, como pratos, roupas, mantimentos etc.?* (Aulete On-line).
- 154) Fogão à lenha= ...*caixa de ferro ou de alvenaria, geralmente com fornalha e chaminé, em que se usa lenha para cozinhar ou esquentar alimentos ao fogo?* (Aurélio, 1986, p. 792, e Aulete On-line)
- 155) Vaso= ...*quando se vai ao banheiro, onde é que a pessoa se senta para fazer as necessidades?* (Questionário ALiB, 2001, p.35).

Para a realização da escolha de itens lexicais desta área semântica utilizei dois critérios metodológicos:

a) a seleção do item de maior uso, a norma linguística, falado nos quatro pontos de inquérito da pesquisa. Assim, para a área semântica Habitação, o item lexical selecionado para análise é *lampião*, pois se evidencia com trinta e sete ocorrências, ou seja, somente três sujeitos não o deram como resposta à pergunta 145 de meu questionário semântico-lexical.

b) a constatação de itens com particularidades sócios-histórica e geográfica regionais. Dentre eles, selecionei *tarimba* e *mata-junta*.

Dessa forma, foram três os itens lexicais abstraídos desta nona área semântica, *lampião*, *tarimba* e *mata-junta*, que serão analisados e (re)significados no contexto de uso norte mato-grossense.

4.9.15 O item lexical *tarimba*: apontamentos sócio-semântico-lexicais

O item lexical *tarimba*, segundo Houaiss (2004), seria proveniente do árabe *tarîma*. Nesta mesma direção etimológica também se encontra a definição dada por Nimer em sua obra *Influências Orientais na Língua Portuguesa*, como se pode ver a seguir:

Estrado, sobre que dormem os soldados nos quartéis e postos de guarda. [...] Em *Al-Muktabas*, III, 6, p.376, Damasco, jul. 1908, comentário de uma obra do século XI da Hégira, cujo autor é egípcio, de nome *Saddiki*, que define *ṭarimah*: “Casa de madeira”, e a esse respeito se lê na revista: “É mais comum ver o termo aplicado aos navios; *ṭarimah* é também nome de prédio, no Cairo, que se diz Estábulo de tarima (aa), isto é, o estábulo que contém madeira, onde existe casa de madeira.” [...] Empréstimo direto (TARIMA); TARIMBA é de formação interna, no português. (NIMER, 2005, p. 505-506, grifos do autor).

Há, ainda, outra indicação sobre a possível origem de *tarimba* trazida pelo *Novo Dicionário Banto do Brasil*, de acordo com a seguinte exposição:

TARIMBA, s. f. (1) Cama rude, desconfortável. (2) Prática, experiência (BH) – O étimo consagrado é o árabe *tarima*. Entretanto, a partir do quicongo *tala*, leite (cp.taramuzeco) fomos ao quimbundo *talimba*, estrado de madeira que serve de cama a soldados (sinônimo de *ditala* e *mutala*), o qual, não obstante, parece ser portuguesismo. (LOPES, 2003, p.210, grifos do autor).

Nos dicionários gerais, que selecionei para a averiguação semântico-lexical dos registros dos itens lexicais em análise, localizei a entrada de *tarimba* em todos eles: em Bluteau (1712), em Pinto (1832), no Aurélio (1986) e no Aulete Digital. Exponho, abaixo, os conceitos trazidos em cada um deles:

Dicionário Entrada	Vocabulário Portuguez & Latino - D. R. Bluteau (1712)	Dicionario da Lingua Brasileira – Luiz M. da S. O. P. Pinto (1832)	Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986)	Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa – (Aulete Digital)	Dicionário Gaúcho Brasileiro – João A. Bossle (2003)	Dicionário do Nordeste – Fred Navarro (2004)
TARIMBA	He a modo de estrado, cõ as taboas mais altas para a banda da cabeceyra, aonde fe deytão os Soldados nos corpos da guarda. (p.53)	Estrado alto nos quartéis, e casas das guardas, onde se deitão os soldados. (p.1030)	1-Estrado de madeira onde dormem os soldados, nos quartéis e postos de guarda; tarima. 2- Cama rude, dura, desconfortável. (p.1651)	2- Mil. Estrado de madeira onde dormem os soldados nos quartéis e corpos de guarda; TARIMA. 3- P.ext. Qualquer cama ruim, dura, desconfortável, rudimentar.	(JIRAU) 1- Estrado de varas brutas, destinado a receber produtos da lavoura ou da pecuária. (p. 291)	_____

Quadro 28: Reflexões analíticas sobre o item lexical *tarimba*.

Fonte: Pesquisa direta.

Conforme os sentidos transcritos, que se evidenciam nos verbetes destes dicionários citados acima, é possível verificar que há uma variação de significado inserida a partir do século XX, ou seja, desde então *tarimba*, como o Aurélio (1986) nos mostra, além de denotar especificamente as estruturas ou armações que serviam de cama aos soldados em seus postos de trabalho, passou a ser designação também de toda e qualquer cama rudimentar. Sentido este que equivale ao exposto na questão 145 de meu questionário semântico-lexical *...espécie de cama móvel e desmontável, que foi muito usada no início da colonização e em campanhas militares, atualmente ainda é utilizada em _____(cf. item 144)?*.

Ressalta-se, ainda, que o Dicionário Gaúcho Brasileiro (2003) apresenta, dentre os seus registros, apenas o substantivo *jirau*, o qual aparece elencado no quadro responsivo referente ao conceito desta pergunta, como se pode observar em 4.9.3 deste estudo. Como respaldo, também, para a constatação de uso deste item lexical, fundamentalmente na região sul do país, encontram-se os resultados analíticos apreendidos por Galando e Batista sobre os itens disseminados na organização do espaço geográfico do Assentamento Taquaral em Corumbá no Estado de Mato Grosso do Sul. Segundo estes autores, a utilização de *jirau* vem sendo substituída sistematicamente pelo item lexical *tarimba*, conforme os seguintes apontamentos expostos:

A palavra “tarimba” [...] é utilizada no assentamento para designar uma cama simples, formada com quatro forquilhas de bacuri fincadas no chão, ripa e palha. **Os moradores do assentamento vindos das regiões sul e sudeste do país entendem que os corumbaenses moradores do assentamento chamam de “tarimbas” o que eles entendem por “jirau”,** o significado de cama simples formada por quatro estacas de madeira em formato de forquilhas fincadas no chão. (GALANDO; BATISTA, 2005, p.6, grifos meus).

Com relação à proveniência de *tarimba*, isto é, sobre as hipóteses de quais migrantes o teriam trazido à região norte de Mato Grosso, visto que os dois dicionários regionais investigados não o inscrevem em suas entradas, há grande possibilidade dele ter advindo com os pioneiros do sudeste do Brasil, pois o localizei dentre os verbetes

enunciados no *Pequeno Dicionário de Vocábulo e Expressões Cananéias*⁸³, pesquisados e recolhidos pelo autor cananeu, Edgar Jaci Teixeira, e que assim conceitua *tarimba*: “estrado de varas, usado como cama ou prateleira; cantareira⁸⁴”. Dessa maneira, a partir deste núcleo de colonização de base europeia, ainda nos primeiros tempos do Brasil Colônia, teria havido a disseminação deste item lexical em solos brasileiros, o que pode explicar, inclusive, a sua propagação por todas as regiões do país.

Acentua-se, também, que já há registros da difusão de *tarimba* no Estado de Mato Grosso no século XIX, com o advento da Guerra do Paraguai⁸⁵, pois os soldados que participaram do quadro de oficiais de combate foram chamados de “tarimbeiros”, como nos informam Fausto e Devoto:

[...] nos últimos anos do século XIX, uma distinção foi-se estabelecendo, no quadro de oficiais, entre o “tarimbeiro” e o “soldado-cidadão”. **Chama-se “tarimba” um estrado de madeira utilizado como cama nos quartéis, expressando o termo, metaforicamente, a dureza da vida militar. Os “tarimbeiros” eram militares formados nas tarefas da vida militar, nas tradições de combate na Guerra do Paraguai, tendo como símbolo e patrono o marechal Deodoro da Fonseca.** O “soldado-cidadão”, pelo contrário, constituía um personagem novo, em regra com formação acadêmica na Escola Militar da Praia Vermelha do Rio de Janeiro. (FAUSTO; DEVOTO, 2005, p.205, grifos meus).

Assim, de acordo com as considerações tecidas acima, pode-se afirmar que há, no norte de Mato Grosso, uma continuidade semântica do item lexical *tarimba*, que se prolifera como norma nesta extensão geográfica em que se desenvolve esta pesquisa, visto que os significados dicionarizados transpostos no quadro supracitado se mantêm desde a vinda dos migrantes nos idos anos 1970.

⁸³Cananéia foi iniciada no ano de 1471, pelo Bacharel português, o Mestre Cosme Fernandes Pessoa, um homem ilustre, que as autoridades portuguesas desterraram para o Brasil em 1470. Mas, sua fundação oficial data de 12.08.1531. A história mostra que Cananéia foi um dos primeiros núcleos da colonização brasileira e o mais importante porto para a conquista do Rio da Prata, Bolívia e Peru, em busca de seus mananciais de ouro e prata. Disponível em <http://www.scelisul.com.br/cursos/graduacao/le/DicionarioDeVocabulos.pdf>. Acessado em 09 de nov. às 15h e 22min.

⁸⁴ TEIXEIRA, Edgar Jaci. *Pequeno Dicionário de Vocábulo e Expressões Cananéias*. Disponível em <http://www.scelisul.com.br/cursos/graduacao/le/DicionarioDeVocabulos.pdf>. Acessado em 09 de nov. às 15h e 22min.

⁸⁵Vale lembrar que a Guerra da Tríplice Aliança (Uruguai, Argentina e Brasil) durou 5 anos, de 1865 a 1870, e que os paraguaios se apossaram de todo o sul da Província de Mato Grosso, hoje constituída do território do Estado de Mato Grosso do Sul, chegando a ameaçar a tomada da capital, Cuiabá. (SIQUEIRA, 2002).

4.9.15.1 A distribuição do item lexical *tarimba* pelos pontos de inquérito

Histograma 33: Tarimba (dez ocorrências).

Segundo o Histograma 33, o item lexical *tarimba* localiza-se em três dos quatro municípios pesquisados, Vera, Cláudia e Santa Carmem, e foi falado dez vezes pelos entrevistados. A distribuição deste item ocorreu da seguinte maneira: na cidade de Vera, um casal com mais de 50 anos e um rapaz, de 18 a 40 anos, mencionaram este item lexical em análise; em Cláudia, um homem acima de 50 anos e um jovem, de 18 a 40 anos, responderam *tarimba*; e em Santa Carmem, um homem e duas mulheres com mais de 50 anos e um casal de sujeitos jovens, de 18 a 40 anos, aludiram a este item.

Desse modo, como já apontado em 4.9.3, há um número maior de respostas dadas pelos sujeitos masculinos, seis, *versus* quatro proferições femininas. Assim como se destaca a quantificação numérica responsiva de sujeitos com mais de 50 anos, seis, contra quatro menções de jovens, de 18 a 40 anos, fato este que pode evidenciar menor regularidade de uso deste item lexical na comunidade linguística em estudo.

Além de *tarimba* há, também, nos dados coletados, outros itens e expressões sinonímicas evocados como respostas ao conceito da questão 145, tais como, *beliche*, *cama de campanha*, *cama móvel*, *cama tatu*, *rede* e *saco de dormir*, na cidade de Sinop. Em Vera há *cama móvel*. Em Cláudia, *cama de campanha*, *cama móvel*, *cama tatu*, *campana* e *maca*. E, em Santa Carmem, *beliche*, *cama móvel*, *jirau* e *maca*. Verifica-se,

dessa maneira, que a única expressão localizável em todos os quatro pontos de inquérito integrantes desta pesquisa é *cama móvel*, que aparece em sete atribuições responsivas.

Enfatizo, ainda, que no início da colonização da região norte mato-grossense, a utilização de camas móveis, desmontáveis e rústicas, assim como de redes, eram muito comuns no cotidiano das muitas improvisações empreendidas pelos primeiros migrantes, os quais, como já retratado no item 4.9.1, se instalavam, na maioria das vezes, em barracas ou recintos provisórios até que construíssem, eles mesmos, suas modestas casas de madeira ou de taipa.

É neste cenário que se encontravam tanto pioneiros quanto filhos de pioneiros, que vivenciaram distintas adversidades promovidas pela falta de infraestrutura e de recursos básicos, pois se achavam isolados e distantes de centros comerciais. Estas constatações podem ser verificáveis nos excertos narrativos abaixo, que procuram exemplificar parte deste cenário:

Tarimba é de vara, enfia as duas forquilha assim (gesto), põe outra aqui, aí põem as vara, põe o colchão em cima e dorme, é a tarimba, depois pode desmontá, põe nas costa e vai embora, quando ficamo acampado nós usava. (SC6 F).

Que a **tarimba** no caso que eu conheci é aquela feita no chão, né, as quatro perna no chão, daí ponhava as tábuas em cima e o colchão, é a tarimba, é fixa, é um quadradão alto do chão, minha mãe dormiu muito em cima de tarimba, coitada! (SC6/2 F).

No mato seria a **tarimba**. A tarimba você pega e coloca quatro toco fincado no chão, você coloca um assim, vamos supor que tá um toco fincado assim no chão (gesto), aí você coloca uma travessa em cima e coloca os galhos aqui (gesto), aí você coloca o colchão em cima. Essa é a tarimba, você usa galhada do mato, conheci com o meu pai. (SC7/2 F).

É, ele ficava lá, fazia a comida, arrumava as cama deles, porque eles dormiam na **rede**. (SC7 F).

A mudança, a mudança foi assim, eu, meu pai, meu irmão, o que coube dentro de um fusca foi o começo, essa foi a mudança. Os móveis, que era **rede, cama de campanha** e panelas, que a gente trouxe alguma coisa, assim a gente começou. (S11 M).

A continuidade de uso do item lexical *tarimba*, segundo a quantificação numérica elencada pelos Cartograma e Tabela 145, todavia, encontra-se em declínio, explicável, fundamentalmente, pela quase não mais utilização desta peça móvel rudimentar, tendo em vista que todos os vinte entrevistados migrantes possuem, atualmente, casa própria, com mobília ‘moderna’, mesmo os moradores de chácaras e sítios.

Como fato interessante, cabe lembrar que nenhum residente entrevistado de Sinop, a maior das quatro cidades em análise, trouxe este item como resposta a esta questão, ainda que tenham afluído no corpo responsivo de três sujeitos os rústicos *cama de campanha*, *cama tatu* e *rede*.

Dessa forma, de acordo com os apontamentos analíticos feitos e conforme os resultados sócio-semântico-lexicais apreendidos às realizações do item lexical *tarimba*, é possível afirmar que o seu uso se apresenta em descenso, confirmado, como já assinalado, inclusive pelo menor número de respostas disponibilizadas pelos jovens, de 18 a 40 anos, quatro, *versus* seis menções de sujeitos com mais de 50 anos. Destacam-se, contudo, outras preferências linguísticas suscitadas por rapazes e moças, tais como, *cama móvel*, *maca* e *saco de dormir*, as duas últimas citadas só por eles.

Neste contexto, as inovações e atuais projeções mobiliárias tendem a suprimir a memória sociolinguística e levar ao esquecimento das reminiscências pragmáticas de tempos idos.

4.9.16 O item lexical *lampião*: apontamentos sócio-semântico-lexicais

O item lexical *lampião*, segundo Houaiss (2004, p.1718), teria procedência do italiano *lampion*, todavia, embora seja “considerado proveniente do italiano *lampion*, o francês *lampion* na acepção ‘lanterna de barco’ é de 1510, ocorrendo apenas em 1750, na acepção ‘lanterna veneziana’”.

Nos dicionários gerais, selecionados para a averiguação semântico-lexical dos registros dos itens em análise, há a entrada de *lampião* em apenas dois deles, no Aurélio (1986) e no Aulete Digital. No entanto, em Pinto (1832), já aparece a variante que apresenta alternância da vogal alta /i/ pela vogal média pretônica /e/, *lampeão*.

Valem conferir, também, os sentidos associativos que se manifestam para o verbete *lâmpada* em todos os quatro dicionários, atendo-se, inclusive, para a não grafia, em Bluteau (1712) e em Pinto (1832), do acento circunflexo na vogal tônica indicativa de palavra esdrúxula. Exponho, abaixo, os conceitos trazidos para as seguintes entradas:

Dicionário	Vocabulario Portuguez & Latino - D. R. Bluteau (1712)	Diccionario da Língua Brasileira – Luiz M. da S. O. P. Pinto (1832)	Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986)	Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa – (Aulete Digital)	Dicionário Gaúcho Brasileiro – João A. Bossle	Dicionário do Nordeste – Fred Navarro (2004)
Entrada						

					(2003)	
LAMPIÃO	(LAMPADA) Vafo em que fe deita azeite com huma torcida, que fe acende para alumiar. (p. 30)	(LAMPADA) Especie de candieiro suspenso para alumiar os altares. (LAMPEÃO) Lampadario. Especie de castiçal com muitos braços para ter muitas luzes. (p.649)	1-Tipo de lanterna de grandes dimensões, elétrica ou com reservatório para combustível, portátil ou fixa em um teto, esquina ou parede. (p.1007) (LÂMPADA) 1- Vaso com uma torcida e líquido combustível, para alumiar. 2- P. ext. Qualquer aparelho destinado a iluminar. (p.1006)	1- Utensílio de iluminação, fixo ou portátil, de corpo metálico bojudo, contendo substância combustível, e parte superior de vidro, que protege a mecha incandescente. (LÂMPADA) 2- Recipiente, us. para iluminação, que contém pavio imerso em substância combustível. 3- Qualquer aparelho para iluminar.	(CANDIEIRO) 1- Aparelho destinado a produzir luz, queimando querosene ou óleo vegetal; lamparina. (p. 116)	

Quadro 29: Reflexões analíticas sobre o item lexical *lampião*.

Fonte: Pesquisa direta.

Conforme os significados que afluem do item lexical *lampeão/lampião* nas entradas destes três dicionários citados acima, é possível verificar que há uma variação de sentido inserida a partir do século XX, ou seja, desde então se passa a conhecer *lampião* não só como uma “espécie de castiçal”, mas também como um “utensílio de iluminação”, fixo ou portátil, que pode tanto ser elétrico (AURÉLIO, 1986), quanto conter substância combustível (AURÉLIO, 1986, e AULETE DIGITAL). Este sentido último, contudo, já pode ser depreendido desde o século XVIII no verbete *lâmpada*, visto que Bluteau (1712) naquele momento o conceituava como um “vaso em que se deita azeite e que se acende para alumiar”, sendo o ‘azeite’ o combustível utilizado neste contexto histórico.

Para melhor compreensão de como se efetuou esta ‘transição’ de significados ao item *lampião*, e que chega aos dias atuais como referente a um *utensílio composto de recipiente com querosene ou óleo, e um pavio que, ao ser aceso, produz pequena chama que ilumina*, equivalente ao exposto na questão 149 de meu questionário semântico-lexical, é importante realizar um breve levantamento diacrônico que possa vislumbrar as etapas de desenvolvimento da iluminação em distintos ambientes, as quais culminaram com a variação conceitual exposta acima.

Dessa forma, de acordo com Jakle (2001, *apud* Roizenblatt, 2009), ainda no século XVII a luz noturna nas ruas era proveniente de tochas, levadas por guardas de rua, acompanhando os poucos que se aventuravam. No século XVIII, já se encontram

cidadãos comuns carregando ‘*lâmpioes*’ providos com velas durante a noite. Surgem, a seguir, alguns ‘*lâmpioes*’ com velas posicionados em intervalos nas ruas principais das cidades. Estas velas eram feitas de gorduras vegetais. As melhores velas eram feitas de espermacete, obtido das baleias. No entanto, logo se percebeu que as velas não eram eficientes para fins de iluminação externa, fundamentalmente por causa da luz fraca que propiciavam.

Segundo este mesmo autor, um grande avanço na iluminação ocorreu com o surgimento dos ‘*lâmpioes*’ a óleo, formados por um recipiente com óleo e um pavio interno, ao qual era atado fogo. Estes ‘*lâmpioes*’ queimavam o mesmo tipo de óleo de que eram feitas as velas, mas faziam isso mais eficazmente. Em 1750, Benjamin Franklin deu uma importante contribuição para este tipo de ‘*lâmpio*’. Ele introduziu dois pavios e, portanto, duas chamas queimando juntas, aumentando assim a intensidade da luz.

Lentamente várias modificações foram acrescentadas também por outros pesquisadores. Por exemplo, o pavio tornou-se regulado por um parafuso cuja cabeça ficava ao lado da tampa de um êmbolo, e que fazia o pavio subir à medida que este queimava. Contudo, as atividades domésticas que envolviam muito a visão, como a leitura, a escrita e a costura, além do combate ao crime nas ruas à noite, exigiam ainda mais e melhor iluminação. Assim, conforme Roizenblatt, finalmente, com o aparecimento dos ‘*lâmpioes a gás*’⁸⁶, há:

o mais importante passo na história da iluminação, antes da luz elétrica. Segundo a historiadora e engenheira Maria do Amparo Pessoa (2001), isso se deve a dois fatores: primeiro porque a iluminação a gás foi a precursora das redes de distribuição de energia elétrica; segundo porque foi além da função original de iluminação urbana, que era inicialmente voltada às questões de segurança pública. Tal fato causou uma grande reformulação urbana; pois a luz passou a ser de importância significativa, definindo e mudando paisagens e mudança de hábitos ao permitir a vida noturna, fosse para o trabalho ou para o lazer. (ROIZENBLATT, 2009, p.14).

Ressalta-se, ainda, que o *Dicionário Gaúcho Brasileiro* (2003) apresenta, dentre os seus registros, a entrada *candieiro*, na qual se evidencia o item lexical sinónimo *lâmparina*, ambos também elencados no quadro responsivo referente ao conceito da

⁸⁶As primeiras pesquisas feitas com gás de carvão vegetal foram feitas pelo cientista francês Phillipe Lebon no século XVIII. Porém, a primeira iluminação pública a gás ocorre somente em 1815, em Londres, implantada por Edward Geming. (ROIZENBLATT, 2009).

pergunta 149, como se pode observar em 4.9.7 deste estudo, sendo este último manifestado como segunda maior ocorrência de respostas entre os sujeitos. Destaca-se, novamente, os sentidos associativos que se expressam ao verbete *lâmpada*, mais especificamente em Pinto (1832), que o conceitua como “espécie de candieiro”.

Assim, de acordo com as considerações tecidas acima, pode-se afirmar que há, no norte de Mato Grosso, uma continuidade semântica do item *lâmpião*, que se prolifera como norma nesta extensão geográfica em que se desenvolve esta pesquisa, visto que os significados dicionarizados transpostos no quadro supracitado se mantêm desde a chegada dos migrantes nos idos anos 1970.

4.9.16.1 A distribuição do item lexical *lâmpião* pelos pontos de inquérito

Histograma 34: Lâmpião (trinta e sete ocorrências).

Segundo o Histograma 34, o item lexical *lâmpião* localiza-se em todos os quatro municípios pesquisados, e foi falado trinta e sete vezes pelos entrevistados. Quanto à distribuição deste item, salienta-se que apenas três sujeitos, todos acima de 50 anos, não o utilizaram para responder a questão 149, respectivamente: um homem da cidade de Vera, um homem de Cláudia e uma mulher de Santa Carmem.

Todavia, há os itens lexicais *candeia*, *chareto*, *liquinho* e *lumim*, que foram aludidos somente por sujeitos com mais de 50 anos. Com relação ao fato de todos os vinte sujeitos jovens terem feito menção ao item *lâmpião* como resposta, é um possível indicador de continuidade de uso deste item lexical na comunidade linguística em estudo, ainda que este “utensílio de iluminação”, com o advento da energia elétrica no norte de Mato Grosso, tenha deixado de ser acessório imprescindível às famílias aqui

residentes. Este processo de transição pode ser constatado pela seguinte contextualização histórica relatada por Santos:

Na maioria das residências, a iluminação era fornecida por lampião a gás ou querosene, algumas casas comerciais possuíam motor próprio, que gerava energia elétrica enquanto estavam abertas, até aproximadamente 22 horas, após este horário, a cidade ficava em completa escuridão. [...] Em 1974, quando se aproximava a fundação oficial da cidade, são instalados alguns postes de madeira (Itaúba) com lâmpadas na Avenida dos Mognos, principal avenida, até a Av. das Sibipirunas, recém aberta, as quais ficavam acesas das 19 às 21 horas. No ano de 1979, a CEMAT⁸⁷ instala, em Sinop, seus primeiros motores a diesel e a primeira rede elétrica para atender as casas comerciais, residências e algumas madeiras. O atendimento ainda era precário e, muitas vezes por quebra de motor ou falta de óleo diesel, a cidade ficava sem energia elétrica por vários dias. (SANTOS, 2011, p.49).

Esta constatação sobre a utilização do *lampião* no início da colonização norte mato-grossense, bem como sobre as dificuldades encontradas na vida diária dos migrantes em função da falta de energia elétrica, é também narrada em vários fragmentos dos relatos de experiência pessoal de distintos pioneiros, dos quais destaco os seguintes:

Comprei um motor e tava funcionando dentro do boteco. [...] Energia, energia mesmo veio pouco tempo pra cá, né. Tem o quê, uns 12 ano no máximo, por aí. (V1 M).

A gente tinha um barzinho, um boteco, naquele tempo falava boteco de madeira, tinha só... arrumamo uma geladeira a gás e aí já veio um motor de luz, já colocaram, a firma, né; passava o dia, até dez hora da noite, aí dez hora “puf”, apagava. [...] Aí à noite a gente acendia um **lampião**, aí a gente fechava mais cedo. Aí, quando chegô até dez hora, aí depois começô a mudá pra uma hora, aí já melhorô tudo mais bem, aí já foi até mais tarde da noite, aí ficava até uma hora da manhã. (V2 F).

A CEMAT trouxe um grupo gerador; não tinha energia, né, só tinha um grupo gerador, que era da Colonizadora Sinop. Então a Colonizadora atendia a Colonizadora e os funcionários dela e os mais chegado que ela tinha. Ela tinha lá os critérios dela, né. Os primeiros, por um motivo ou outro e tal, tinha uma lâmpada ou duas, uma tomadinha, coisinha e tal. Daí a CEMAT veio e instalou o primeiro grupo gerador. Isso já em 78, em 78 pra 79, acho. Não sei te precisar certinho, mas acho que foi em 78; final de 78, 79, a CEMAT trouxe o primeiro grupo gerador. Daí ela se instalou, daí já começou a ligar mais e já surgiu os padrãozinho de energia, né, os padrão de energia, que vieram pra cá. (S10 M).

Não existia energia, era **vela**, era **lampião**, **lamparina**, ou era um grupinho gerador, né. Então isso aí foi o começo e depois foi, a própria cidade, a Colonizadora em 74 colocou um grupo gerador pra

⁸⁷Centrais Elétricas Mato-grossenses S.A.

colocá um ponto de energia nas ruas até nove, dez horas, não me lembro direito. E aí começou. O comércio, cada um foi colocando um grupo gerador. (S11 M).

Teve... era dificuldade, né, era bastante, mais... o **lâmpião** mesmo, a gente comprava óleo diesel, nem querosene, era óleo diesel pra poupá, pra podê mantê. Não tinha energia, não tinha nada, né, não tinha, né, não pegava nada, nem rádio não pegava, não sei se era por causa da mata fechada. Você saí assim dum conforto pra vim aqui, foi bem...foi muito difícil. (C19 F).

Ressaltam-se, ainda, nos dados coletados e transcritos em 4.9.7, além de *lâmpião*, outros itens lexicais sinonímicos evocados como respostas ao conceito da pergunta 149, tais como, *candeia*, *candieiro*, *lamparina*, *lâmpiãozinho* e *lumim*, no município de Sinop. Em Vera há *lamparina*. Em Cláudia, *candieiro*, *chareto*, *lamparina* e *liquinho*. E, em Santa Carmem, *candieiro*, *lamparina* e *lâmpiãozinho*. Verifica-se, dessa maneira, que *lamparina*, tal como o item lexical/norma *lâmpião*, apresenta ocorrências em todos os quatro pontos de inquérito integrantes desta pesquisa, sendo que aparece em trinta e quatro atribuições responsivas.

Evidencia-se, dentre estes itens lexicais sinonímicos expostos, os que salientam interferências étnicas no referente, *chareto* e *lumim*. O primeiro foi expresso pelo sujeito de Cláudia, C18 M, de descendência alemã e italiana, o qual justifica esta opção léxica acrescentando à resposta que em “italiano fala chareto”; e o segundo foi citado pela pioneira de Sinop, S14 F, igualmente descendente de italianos, e que também atribui *lumim* à língua italiana, agregando ao corpo responsivo que “em italiano é lumim, que vem de luz”.

Destaca-se, contudo, que o *Dicionário de Italiano Online Michaelis* traz as seguintes palavras como possibilidades de utilização sinônima ao conceito de *lâmpião*: “*lampione*, *lanterna*, *lucerna*, *fanale* e *lume*”⁸⁸. Dessa forma, é provável que *chareto* e *lumim* sejam regionalismos criados, ou ainda em comunidades linguísticas localizadas na Itália, ou já em grupos de fala dialetais estabelecidos no sul do Brasil e trazidos pelos colonos à região norte de Mato Grosso.

Assim, de acordo com os apontamentos analíticos feitos e conforme os resultados sócio-semântico-lexicais apreendidos às realizações do item lexical *lâmpião*,

⁸⁸POLITO, André Guilherme. **Michaelis: Dicionário de Italiano Online**. Disponível em <http://michaelis.uol.com.br/escolar/italiano/index.php?lingua=portugues-italiano&palavra=lampi%E3o>. Acessado em 15 de nov. de 2012, às 12h e 04min.

é possível afirmar que há, como já assinalado anteriormente, continuísmo de uso deste item no contexto linguístico das comunidades em estudo, visto que todos os jovens entrevistados, de 18 a 40 anos, trouxeram *lampião* como resposta ao conceito da questão 149.

Contudo, é importante frisar que este “utensílio de iluminação” atualmente é peça obsoleta na mobília das famílias de pioneiros que ainda o conservam nas cidades, quando muito o utilizam nas atividades de lazer nos finais de semana, tais como acampamentos, piqueniques, pescarias, caçadas. Outros ainda o mantêm nas casas e instalações edificadas próximas aos rios e ilhas da região, como explicitado em 4.9.4. Fatos estes que podem afetar, com o passar do tempo, a memória sociolinguística de interação e de utilização do item lexical *lampião*, tornando-o, tal como o equipamento, arcaico.

4.9.17 O item lexical composto *mata-junta*: apontamentos sócio-semântico-lexicais

O composto determinativo *mata-junta*, segundo o Aurélio (1986, p.1101), teria se originado do verbo *matar* acrescido do substantivo *junta*. É interessante verificar, contudo, a procedência deste composto atribuída pelo *Dicionário inFormal*. De acordo com este dicionário, “o vocábulo teve origem em dois verbos, arrematar e juntar, pois essa ripa arremata e junta as tábuas da casa. Popularmente conhecida como mata-junta⁸⁹”.

A inscrição de *mata-junta* nos dicionários selecionados para a averiguação semântico-lexical dos registros dos itens lexicais em análise aparece em apenas dois deles, no Aurélio (1986) e no Aulete Digital. Exponho, abaixo, os conceitos disponibilizados para este verbete:

Dicionário	Vocabulário Portuguez & Latino - D. R. Bluteau (1712)	Diccionario da Língua Brasileira – Luiz M. da S. O. P. Pinto (1832)	Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986)	Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa – (Aulete Digital)	Dicionário Gaúcho Brasileiro – João A. Bossle (2003)	Dicionário do Nordeste – Fred Navarro (2004)
Entrada						

⁸⁹CESTARI, Ederaldo. Dicionário inFormal. **Mata-junta**. Postado em 22 de jul. de 2010. Disponível em <http://www.dicionarioinformal.com.br/significado/mata-junta/4378/>. Acessado em 16 de nov. de 2012, às 10h e 34min.

MATA-JUNTA	_____	_____	2- Qualquer fasquia que serve para tapar a junta entre tábuas. (p.1101)	(Bras.) O mesmo que mata-juntas. Régua, tira, fasquia de madeira com que se tapam juntas de tábuas, especialmente a da porta com a ombreira.	_____	_____
------------	-------	-------	---	--	-------	-------

Quadro 30: Reflexões analíticas sobre o item lexical *mata-junta*.
Fonte: Pesquisa direta.

Conforme os significados que afluem do item lexical composto *mata-junta* nas entradas destes dois dicionários citados acima, é possível observar que os mesmos equivalem ao significado expresso na questão 151 de meu questionário semântico-lexical *O que se faz em uma casa de madeira quando se põem tiras ou ripas de madeira para tapar as juntas entre tábuas?*.

Dessa forma, pode-se afirmar que há, no norte de Mato Grosso, um continuísmo semântico deste composto, visto que os significados dicionarizados transpostos no quadro acima se mantêm e se proliferam como norma nesta extensão geográfica em que se desenvolve esta pesquisa.

4.9.17.1 A distribuição do item lexical composto *mata-junta* pelos pontos de inquérito

Histograma 35: Mata-junta (trinta e duas ocorrências).

Segundo o Histograma 35, o item lexical composto *mata-junta* localiza-se em todos os quatro municípios pesquisados, e foi falado trinta e duas vezes pelos sujeitos.

Quanto à distribuição deste item, salienta-se que ela ocorreu da seguinte forma: na cidade de Sinop, sete sujeitos acima de 50 anos o utilizaram, três homens e quatro mulheres, bem como dois rapazes, de 18 a 40 anos; nos pontos de Vera e de Cláudia, todos os dezesseis entrevistados mencionaram este item lexical composto em análise; e em Santa Carmem, apenas uma moça, de 18 a 40 anos, não atribuiu *mata-junta* como resposta à pergunta 151.

Desse modo, como já apontado no item 4.9.9, há um número maior de respostas dadas pelos sujeitos masculinos, dezessete, *versus* quinze proferições responsivas femininas. Assim como há maior quantificação numérica que distingue as respostas de respondentes acima de 50 anos, dezenove, contra treze menções de jovens, de 18 a 40 anos, fato este que mostra descenso de utilização deste composto na comunidade linguística pesquisada, reiterado pelo número expressivo de não-respostas emitidas todas por jovens, ou seja, sete sujeitos dos municípios de Sinop e de Santa Carmem não souberam dar nenhuma resposta a esta questão.

Com relação à quase totalidade de entrevistados com mais de 50 anos que trazem *mata-junta* como resposta ao *que se faz em uma casa de madeira quando se põem tiras ou ripas de madeira para tapar as juntas entre tábuas*, é importante ressaltar que esta quantificação se deve, fundamentalmente, por causa do contexto sócio-histórico colonizatório vivenciado no norte mato-grossense. Neste cenário, encontravam-se pioneiros que, como já enfatizado em 4.9.1, ao chegarem neste espaço geográfico, necessitaram acomodar-se inicialmente em barracas de lona, para, o mais rápido possível, construírem eles mesmos as suas casas.

Estas primeiras casas, de acordo com os relatos de experiência pessoal de muitos migrantes, eram em sua maioria muito rudimentares, basicamente “de tabuinha rachada, cobertas de lona, chão batido” (SC6 F), ou ainda:

[...] as casas quando eram construídas não eram **mata-juntadas**, não eram forradas, entendeu? A madeira era bruta, não era beneficiada. Daí era verde e com o tempo tinha cada fresta que dava pra passá a mão, né. Tinha que começá a rejuntá, pregá, porque se você põe uma mata-junta verde e prega, daqui um tempo ela racha toda. Então daí foi... aí aos poucos a gente ia fazendo, modificando, né, mais pra se adaptá não foi fácil. (C20 F).

Mais especificamente no espaço delimitado para a constituição de Santa Carmem, as primeiras casas, conforme a pioneira Ana Fátima Bremide⁹⁰, foram construídas nas áreas rurais ou em chácaras próximas à extensão demarcada para a cidade e eram “casinhas assim, feito de taipa, sabe esses... eles colocavam umas madeiras assim (gesto), depois enchiam de barro, não sei se você já viu isso”. No entanto, com a divisão do perímetro urbano em lotes e o aumento de colonos advindos de várias regiões do Brasil, bem como com a abertura de pequenos estabelecimentos industriais de extração de madeira, serrarias e pica-paus, passou-se à construção de rudes casas de madeira:

Eu lembro que as tábuas eram pregadas assim oh (gesto), uma em cima da outra assim. Porque as serrarias, no início era uma única pica-pau, então pra você serrá **a tábua e a mata-junta** demorava muito, né, na serraria. Então era construído assim oh (gesto), umas tábua assim, era uma escama assim. E a divisória dentro, você imagina como que era, né. Era muito, muito, muito difícil⁹¹!

Este cenário rústico, com a quase totalidade das casas edificadas em madeira e, aos poucos, *mata-juntadas*, prevaleceu, fundamentalmente na década de 1980, no norte de Mato Grosso. Na foto abaixo, que retrata a cidade de Cláudia um ano após a sua fundação, visto que o seu projeto de colonização tem início no ano de 1978, é possível vislumbrar parte do contexto vivenciado pelos primeiros pioneiros que se instalaram na Gleba Celeste:

Fotografia17: Primeiras casas construídas em Cláudia.

Fonte: Colonizadora Sinop S.A. Acervo Particular, nov. de 1979.

⁹⁰Atualmente Ana Fátima Bremide é diretora da Escola Estadual Nossa Senhora de Fátima em Santa Carmem e reside na cidade desde 1973. Entrevista concedida em 12 de nov. de 2010.

⁹¹Fragmento da entrevista concedida em 12 de nov. de 2010 pela migrante Ana Fátima Bremide.

Foi este o panorama encontrado na chegada de muitos colonos, ou seja, uma clareira no meio da mata com pequenas casas sendo edificadas à base de madeira. Panorama este que causava sobressalto em muitos destes migrantes, como podemos verificar no seguinte excerto da pioneira de Cláudia, C20 F, que narra o exato momento em que avista a clareira claudiense:

Quando eu cheguei, quando eu vim pra cá eu, assim, não imaginei uma mata, entendeu? Pura, mata pura, desde Sinop até aqui. Quando nós... nós chegamos à noite aqui. Quando nós entramos aqui, já eu avistei as casinhas aqui, porque aquela quadra ali (apontando) eram as casas construídas da madeireira. E quando eu vi as casinhas eu falei *ai que bom, nós estamos chegando*. Ele (o marido) falou assim *não, nós já chegamos. Meu Deus do céu, aonde? No meio do mato?* Eu não via mais nada. (C20 F).

Salienta-se, ainda, que este modelo de construção de casas em madeira que se instaurou no norte mato-grossense, no qual se empregava basicamente tábua e *mata-junta*, era o mesmo já adotado nas regiões sul e sudeste desde o século XIX, como nos informa Laroca (2001), pois, segundo esta autora, o uso da madeira na construção de habitações nestas regiões era comum por causa da matéria-prima, principalmente a Araucária (“Pinheiro do Paraná”), que era abundante. Sendo que a maioria das casas construídas em madeira até a primeira metade do século XX foi feita com tábuas na vertical e *mata-juntas* para eliminar as frestas entre elas.

É interessante observar, também, de acordo com Silva, a influência de distintas etnias, fundamentalmente no Paraná, que teriam disseminado técnicas de construções em madeira, dentre elas destacam-se os poloneses, os ucranianos, os italianos, os alemães e os japoneses, imigrantes estes que teriam contribuído, conforme esta autora, “muito para a formação do estilo de arquitetura em madeira no estado do Paraná” (SILVA, 2011, p.19). Estilo este que se distinguia da tradição construtiva em alvenaria trazida pelos portugueses quando iniciaram as explorações em solo brasileiro, os quais se utilizavam de mão de obra escrava para carregar pedras e fabricar tijolos e telhas.

Particularmente com relação aos sistemas de construção do norte paranaense, acentua-se que em sua colonização houve predomínio de edificações em madeira, contexto este assim descrito por Hoffmann e Pelegrini:

A técnica construtiva amplamente predominante nas construções de madeira em Maringá, no período de sua ocupação, é a construção com tábuas. Esse tipo de sistema construtivo caracteriza-se, geralmente,

por possuir a estrutura apoiada sobre uma fundação de pedra, o prego como elemento que une as peças e uma rápida montagem. **As tábuas eram pregadas lado a lado, e as frestas entre elas fechadas com mata-junta.** A maior parte das casas possuía o sistema de vedação com as tábuas na vertical, porém algumas construções mais significativas possuíam as tábuas na horizontal. (HOFFMANN; PELEGRINI, 2009, p.4095, grifos meus).

Cabe lembrar que é do norte paranaense a maior leva de migrantes que foi trazida à Gleba Celeste quando esta era ainda apenas uma projeção, ou seja, um espaço aberto na mata que necessitava ser fundamentado e edificado. Era também no município de Maringá, no norte do Paraná, que se localizava a sede da Colonizadora Sinop S/A, a qual foi a responsável pela delimitação, fundação e venda das terras integrantes das quatro cidades em análise.

Além do item lexical composto *mata-junta*, evidenciam-se, ainda, nos dados coletados e transcritos em 4.9.9, mais dois itens sinonímicos evocados como respostas ao conceito da pergunta 151, que assim foram distribuídos: *ripamento* e *vista*, no município de Sinop. E em Vera, *ripamento*.

De acordo com os apontamentos analíticos feitos e conforme os resultados sócio-semântico-lexicais apreendidos às realizações do composto *mata-junta*, é possível afirmar que há, como já assinalado acima, continuidade de utilização deste item lexical no contexto linguístico da comunidade em estudo. Contudo, é importante frisar que o considerável número de não-respostas à questão 151 manifestadas pelos jovens entrevistados, de 18 a 40 anos, pode ser indício de desuso deste composto nos pontos de inquérito pesquisados. Com destaque para a maior das quatro cidades em estudo, Sinop, que exprime a maior quantificação numérica de não-respostas, seis, *versus* uma única evidenciada em Santa Carmem.

Dentre as prováveis razões para este descenso estão os novos estilos arquitetônicos de construções de casas, para os quais a madeira (*tábuas* e *mata-juntas*) cedeu espaço, novamente, para a alvenaria, e, ainda quando usada, é geralmente acessória, ou seja, serve como objeto de decoração ou para arremates artísticos.

4.10 Alimentação e Cozinha

A décima área semântica desta pesquisa sócio-semântico-lexical abrange vinte e um conceitos/perguntas que abordam sobre tipos de alimentos e bebidas, instrumentos e

produtos relacionados às necessidades domésticas, assim como são enfatizados os responsáveis pelo preparo dos pratos em voga na região em estudo.

Os temas assinalados nas perguntas enunciativas, enumeradas de 156 a 176, foram, consecutivamente: mantimentos/mercadorias/compra, refeições/rango, mistura, afogado, cuca, cozinheira, churrascaria, cutelo, jabá/charque/carne-seca/carne-de-sol/carne prensada/carne salgada, toicinho, banha, castanha, curado, fubá, polenta, maxixe, feijão-carioquinha/feijão-de-corda, cachaça/pinga/pinguinha, garrafa/tubo, martelinho e chimarrão. Destaca-se, ainda, dentre os itens lexicais temáticos apresentados nesta área, um estabelecimento comercial, *churrascaria*, comum nos quatro pontos de inquérito e que foi propagado, essencialmente, pelos migrantes gaúchos.

Os dados reunidos na área Alimentação e Cozinha e os subsequentes procedimentos analíticos por mim realizados encontram-se disponibilizados nos subitens a seguir.

4.10.1 Mantimentos/Mercadorias/Compra

156) ...produtos necessários para a alimentação e necessidades domésticas, que se podem comprar ou vender em estabelecimentos comerciais?

Tabela lexical 156

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal								Total	
País Etnia	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios	
Idade Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios	
alimentos			1	2							1				1		1	2			1		1		03	
cereais														2										2	02	
cozinha	1		2	1	1												3	1	1						03	
compra	3	2	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	1	2	1	4	4	4	4	4	4	4	4	2	30
compra de casa		1																1								01
compra do mês			1												1	1								1	02	
mantimentos		2		1							1							3			1					04
mercadorias								1		1	1									1	1	1				03
produtos			1															1								01
produtos básicos				1														1								01
recheio	2	2	3	1	1	2	2	2	2	1	2	2	2	2	2	2	3	3	3	4	4	3	4	4	4	30
TOTAL	6	7	9	8	4	4	4	3	4	4	7	4	4	3	3	4	14	16	8	9	11	8	9	9		84

Fonte Direta

TEMA: mantimentos/mercadorias/compra

CARTOGRAMA 156

PERGUNTA: ... produtos necessários para a alimentação e necessidades domésticas, que se podem comprar ou vender em estabelecimentos comerciais?

Como podemos observar, tanto na primeira Tabela, 156, da área semântica Alimentação e Cozinha, quanto no Cartograma 156, dois itens lexicais, *compra* e *rancho*, destacam-se como norma de uso entre os entrevistados, ambos com trinta respostas distribuídas em todos os pontos de inquérito. O primeiro deles, que coincide com um dos temas da questão 156 *...produtos necessários para a alimentação e necessidades domésticas, que se podem comprar ou vender em estabelecimentos comerciais?*, foi trazido ao corpo responsivo de dezesseis respondentes masculinos e de quatorze femininos, sendo que, destas atribuições de respostas, evidenciam-se também dezesseis dadas por sujeitos com mais de 50 anos e quatorze por jovens, de 18 a 40 anos; o segundo, da mesma forma, aparece nos dados coletados com dezesseis respostas ditas por respondentes masculinos e quatorze por manifestações femininas, invertendo-se, contudo, o número de proferições que foram expressas por entrevistados acima de 50 anos, quatorze, *versus* dezesseis registros de jovens, de 18 a 40 anos.

Encontram-se, ainda, dentre o rol de sinônimos elencados como respostas para a pergunta supracitada, duas expressões variantes do item lexical/norma *compra*, que são, respectivamente: *compra de casa*, citada tão somente por uma mulher, acima de 50 anos, de Sinop; e *compra do mês*, assinalada por dois jovens, de 18 a 40 anos, um rapaz de Sinop e uma moça de Santa Carmem.

Quanto ao item lexical/tema *mantimentos*, foi pronunciado por quatro sujeitos, duas mulheres com mais de 50 anos e uma moça, de 18 a 40 anos, de Sinop, bem como

por um rapaz, de 18 a 40 anos, de Cláudia. Já o item/tema *mercadorias* foi falado três vezes, nas respostas de uma jovem, de 18 a 40 anos, de Vera, e de uma mulher, acima de 50 anos, assim como de um jovem, de 18 a 40 anos, ambos de Cláudia.

4.10.2 Refeições/Rango

157) ...conjunto de alimentos e bebidas que se comem e tomam a certas horas do dia ou da noite? (Aulete On-line).

Tabela lexical 157

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal								Total
País e Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia / Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
almoço	1	4		1		2	2			1			2	1		1	1	3	2	2		1	2	2	15
café							2		1				1	1		1	1		2		1	1	2	1	07
ceia	1																1								01
janta	1	2	1			2	2			1			1	1		1	2	2	2	2			1	1	12
lanche		1	1			1			1	1		1			1	1	1		1	1	2	1			07
merenda	1														1		1						1		02
refeições	4	3	3	4			2	2	2	2	2	2	2	2	2	7	7	7	2	2	4	4	4	2	32
não soube responder					2														2						02
TOTAL	8	10	3	3	2	3	8	2	4	3	2	4	6	2	3	3	13	13	10	7	6	9	11	7	78

Fonte Direta

O Cartograma 157, assim como a Tabela 157, mostram que a maior ocorrência de atribuições responsivas para a pergunta 157 ...*conjunto de alimentos e bebidas que se comem e tomam a certas horas do dia ou da noite?*, foi do item lexical *refeições*, falado por trinta e dois sujeitos em todos os quatro pontos de inquérito. Como frequência, constata-se que este item/norma aparece em dezessete respostas masculinas, *versus* quinze femininas. Destas respostas, há um número maior de citações de jovens, de 18 a 40 anos, dezenove, contra treze proferições de sujeitos com mais de 50 anos. Destaca-se, ainda, que *refeições* coincide com um dos temas de propositura desta pergunta.

Quanto ao item lexical/tema *rango*, este não se manifestou em nenhuma resposta dos entrevistados, como se pode verificar nos dados elencados acima.

4.10.3 Mistura

158) ...na/no _____ (cf. item 157) o conjunto de coisas misturadas geralmente à base de carne, peixe, frango etc.?

Tabela lexical 158

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
cozido		1		1														2							02
ensopado		1																1							01
mexido	1																	1							01
mistura	2	1	2	2	2	1	2	2	2	2	2	2	1	2	2	2	4	3	4	3	4	4	3	4	29
misturado		1				1												1		1					02
misturão										1											1				01
virado	1																	1							01
não soube responder	2	2	2	2									1				4	4					1		09
TOTAL	6	6	4	5	2	2	2	2	2	2	3	2	2	2	2	2	10	11	4	4	5	4	4	4	46

Fonte Direta

TEMA: mistura

PERGUNTA: ... na/no (cfe. item 157) o conjunto de coisas misturadas geralmente à base de carne, peixe, carne etc.?

CARTOGRAMA 158

Na Tabela 158, como também se pode verificar no Cartograma 158, o item lexical *mistura* se apresenta com maior ocorrência, com vinte e nove respostas dadas pelos sujeitos. Este item/norma coincide com o tema de propositura da questão 158 ...na/no _____ (cf. item 157) o conjunto de coisas misturadas geralmente à base de carne, peixe, frango etc.?. Como frequência, observa-se que *mistura* aparece em quinze respostas masculinas e em quatorze femininas, distribuídas entre treze menções de sujeitos acima de 50 anos *versus* dezesseis manifestações responsivas de jovens, de 18 a 40 anos, nos quatro municípios em análise.

Mistura apresenta, ainda, nos dados expostos acima, duas variantes morfológicas: o particípio passado *misturado*, falado apenas por duas mulheres com mais de 50 anos, uma de Sinop e uma de Vera; e o aumentativo *misturão*, dito unicamente por um rapaz, de 18 a 40 anos, de Cláudia.

Acentua-se, também, o alto número de não-respostas, ou seja, nove entrevistados não souberam atribuir nenhuma resposta ao conceito da pergunta supracitada, destes entrevistados, oito são da cidade de Sinop, sendo dois homens e duas mulheres com mais de 50 anos, assim como dois rapazes e duas moças, de 18 a 40 anos, e tão somente um é de Santa Carmem, mais especificamente um homem acima de 50 anos.

4.10.4 Afogado

159) ...os legumes cozidos, como abobrinha, moranga etc., em uma espécie de molho com pouca água, gordura e temperos como alho, sal, cebola etc.?

Tabela lexical 159

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Idade	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
abafado/inho		1														1									01
abafado		1														1									01
afogado/inho	1			1	1		1		2			1		2		1	1	1	2		2	1		3	10
afogado	1		1	1	1	1	1		1			1	1	1	1	2	1	2	1		1	2	2		11
cozinhado							1								1	1			1				1	1	03
fogado			1													1									01
guisado	1		1										1				2							1	03
picadinho	1					1										1			1						02
refogado/inho		1		1										1		2								1	03
refogado	2	3	4	4			1	2		1	2	2	1			1	6	7	1	2	2	3	1	1	23
não soube responder		1			1												1	1							02
TOTAL	6	7	7	7	3	2	4	2	2	2	2	3	2	4	2	9	13	14	7	4	4	9	4	9	60

Fonte Direta

TEMA: afogado

CARTOGRAMA 159

PERGUNTA: ... os legumes cozidos, como abobrinha, moranga etc. em uma espécie de molho com pouca água, gordura e temperos como alho, sal, cebola etc.?

Como se pode verificar na Tabela 159, bem como no Cartograma 159, o item lexical que se apresenta como norma para a questão *...os legumes cozidos, como abobrinha, moranga etc., em uma espécie de molho com pouca água, gordura e temperos como alho, sal, cebola etc.?*, no contexto de uso norte mato-grossense, é *refogado*, o qual aparece com vinte e três ocorrências nas quatro cidades pesquisadas e é variante morfológica do tema desta questão, pois, segundo o *Dicionário Houaiss* (2004, p. 2412), a etimologia que explica a formação deste item/norma seria a decomposição *re-+fogo+-ado*. Como frequência, destacam-se dez atribuições responsivas masculinas, *versus* treze femininas.

Ressalta-se que há um número bem maior de respostas trazidas aos dados pelos jovens, de 18 a 40 anos, dezesseis, contra somente sete menções assinaladas por sujeitos acima de 50 anos. Encontra-se, ainda, no rol de sinônimos elencados como respostas, o diminutivo *refogadinho*, pronunciado apenas por sujeitos femininos, uma mulher com mais de 50 anos e uma jovem, de 18 a 40 anos, ambas de Sinop, e por uma moça, de 18 a 40 anos, de Santa Carmem.

Já o item lexical/tema, variante em que se substitui o prefixo *re* por *a*, *afogado*, evidencia-se como segunda maior ocorrência, falado onze vezes, da mesma forma em todos os pontos de inquérito. Sua distribuição ocorreu em seis respostas masculinas e cinco femininas, números estes equivalentes aos que distinguem as respostas de jovens, de 18 a 40 anos, e de entrevistados acima de 50 anos, cinco proferições dos primeiros

contra seis dos segundos. Há, também, nos dados expostos acima, outras duas variantes, dispostas da seguinte maneira: o diminutivo *afogadinho*, que se acentua como terceira maior ocorrência, com dez manifestações em todos os municípios em análise, divididas equitativamente entre as respostas de homens e de mulheres, ou seja, cinco citações de ambos; e a que exhibe aférese, *fogado*, dita unicamente por um rapaz, de 18 a 40 anos, de Sinop.

Salienta-se, ainda, que a variante/tema *afogado* foi também registrada dentre as amostras dialetais verbalizadas por sujeitos de pesquisa integrantes do *Estudo semântico-lexical no Distrito Nossa Senhora da Guia*, realizado por Bertoldo (2007), sendo esta localidade Distrito de Cuiabá e situada a 42km desta capital de Mato Grosso.

4.10.5 Cuca

160) ...o homem hábil na cozinha, capaz de criar e preparar muitos e bons pratos?

Tabela lexical 160

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal								Total
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia / Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
caseiro				1		1		1				1					1		2		1				04
chefe				2								1				1	2				1		1		04
chefe de cozinha			1					1								1			1						02
cozinheiro	3	4	4	4	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2		7	8	4	4	4	4	4	2		37
cuca	3	1	1		2		1	1	2	2	1		2	1	1	1	4	1	3	1	3	2	3	2	19
expert																1							1		01
mateiro												2									2				02
mestre				1													1								01
mestre-cuca			1	1								1				2	1	1			1		2		05
TOTAL	6	5	7	9	4	3	3	3	4	4	3	6	4	3	3	5	13	14	7	8	7	11	7	8	75

Fonte Direta

A questão 160, como podemos observar na Tabela 160 e também no Cartograma 160, traz, de acordo com as respostas registradas, como norma de uso na comunidade linguística pesquisada, o item lexical *cozinheiro*, com trinta e sete respostas proferidas entre os respondentes nos quatro pontos de inquérito. Há dezenove atribuições responsivas masculinas e dezoito femininas, sendo também dezenove respostas de sujeitos acima de 50 anos e dezoito de entrevistados jovens, de 18 a 40 anos. Este item/norma não coincide com o tema desta questão *...o homem hábil na cozinha, capaz de criar e preparar muitos e bons pratos?*.

O item lexical/tema *cuca*, por sua vez, aparece nos dados como segunda maior ocorrência, com dezenove respostas da mesma forma localizáveis em todos os municípios em análise. Quanto à sua distribuição, encontra-se um número bem maior de respostas masculinas, treze, contra apenas seis femininas. Esta quantificação numérica é a mesma que distingue as respostas dadas por sujeitos com mais de 50 anos e por jovens, de 18 a 40 anos, treze manifestações daqueles *versus* seis destes. Este item exhibe, ainda, nos dados elencados acima, uma expressão variante, *mestre-cuca*, falada por um casal de jovens, de 18 a 40 anos, de Sinop, por uma mulher com mais de 50 anos de Cláudia, e por duas moças, de 18 a 40 anos, de Santa Carmem.

Com relação à desproporção de proferições responsivas de *cuca* entre os gêneros, bem como entre as distintas faixas etárias, ressalta-se que este item lexical apresenta inovação semântica no contexto de utilização norte mato-grossense, visto que, diferentemente do sentido usual preconizado para *cuca*, o qual, segundo o *Dicionário Houaiss* (2004, p.1905), é redução do composto *mestre-cuca* e remete à “pessoa que inventa e/ou cozinha pratos de qualidade, demonstrando grande habilidade ao cozinhar”, já nas quatro cidades em estudo, com a colonização que se processa a partir dos anos 70 do século XX, este item foi ressignificado, como se pode constatar no seguinte excerto expresso pelo pioneiro de Sinop, S12 M:

Cuca, eu já fui bastante veiz, eu trabaiei no mato como cuca e **acho que é uma palavra inventada aqui**, chamavam eu de cuca, mas não é por ser um grande cozinheiro não. Aqui a maioria no mato dizia *eu preciso de um cozinheiro, você podia vim trabaia de cuca?* Eu trabalhei bastante tempo.

Acentua-se, também, conforme muitos relatos de experiência pessoal enaltecidos pelos migrantes, que eram somente os homens que se empreendiam nas atividades que se desenvolviam na mata, essencialmente as de desmate. Dentre estes relatos, destaco o

fragmento de narrativa de SC7 F, pioneira de Santa Carmem, que testifica tal contextura vivenciada pelos primeiros colonos:

É, os filhos iam pro mato, derrubando mato, e meu marido trabalhava como o **cuca**, de cuca, que era o cozinheiro. Assim que era chamado. Ele ficava lá, fazia a comida, arrumava as cama deles, porque eles dormiam na rede. Era quase um dono de casa. **E eu ficava com as meninas, as crianças que iam pra escola, eu ficava aqui.**

Contudo, como atualmente estas atividades de extração florestal no norte de Mato Grosso encontram-se em declínio, seja porque muitos espaços já estejam totalmente abertos/desmatados ou por causa dos muitos entraves legais impostos pelos órgãos de proteção e de conservação ambiental, como o IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) e a SEMA (Secretaria de Estado do Meio Ambiente), os jovens moradores das cidades praticamente já não têm mais contato com este ofício, fato esse que pode justificar o menor número de respostas, identificado nos dados coletados, do item lexical *cuca* por estes sujeitos.

Há que se salientar, ainda, dentre os dados, o item sinônimo *mateiro*, manifestado apenas por duas moças, de 18 a 40 anos, do município de Cláudia, sendo assim conceituado pela jovem C17/2 F: “O mateiro era o que ia pro mato só pra cozinhá”.

4.10.6 Cozinheira

161) E se for mulher, como se chama?

Tabela lexical 161

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal								Total
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Idade Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
chefe de cozinha			1														1								01
cozinheira													1										1		01
cozinheira	4	4	3	4	2	2	2	2	2	2	2	2	2	1	2	2	7	8	4	4	4	4	4	3	38
cuca	3		1		1						1	1	1			4		1			1	1	1		08
meio-cuca		1																1							01
TOTAL	7	9	9	4	3	2	2	2	2	2	2	3	3	3	2	2	12	9	9	4	4	9	9	9	48

Fonte Direta

TEMA: cozinha

CARTOGRAMA 161

PERGUNTA: E se for mulher como se chama?

Conforme a Tabela 161, transposta para o Cartograma 161, o item lexical de maior uso em todos os pontos de inquérito, que se evidencia como resposta à pergunta 161 *E se for mulher, como se chama?*, com trinta e oito respostas, é *cozinheira*, ou seja, apenas dois dos quarenta sujeitos entrevistados não deram este item/norma como resposta a esta pergunta, mais especificamente um jovem, de 18 a 40 anos, de Sinop, e uma mulher com mais de 50 anos de Santa Carmem. Ressalta-se, também, que *cozinheira* coincide com o tema que serviu de mote para a elaboração do conceito de 161. Localiza-se, ainda, nos dados elencados acima, uma variante fonética de *cozinheira*, a que exhibe epêntese, *conzinheira*, falada unicamente por uma mulher, acima de 50 anos, da cidade de Santa Carmem.

4.10.7 Churrascaria

162) ...o estabelecimento comercial onde se serve como especialidade o churrasco?

Tabela lexical 162

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
churrascaria	4	4	4	3	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	8	7	4	4	4	4	4	4	39
galpão gaúcho											1										1				01
restaurante	1	1		1													1	2							08
TOTAL	5	5	4	4	2	2	2	2	2	2	3	2	2	2	2	2	8	9	4	4	5	4	4	4	43

Fonte Direta

TEMA: churrascaria

CARTOGRAMA 162

PERGUNTA: ... o estabelecimento comercial onde se serve como especialidade o churrasco?

Como podemos observar tanto na Tabela 162, quanto no Cartograma 162, o item lexical *churrascaria* destaca-se como norma prioritária de uso entre os sujeitos em todos os pontos de inquérito pesquisados, com trinta e nove respostas à questão 162 ...*o estabelecimento comercial onde se serve como especialidade o churrasco?*, ou seja, apenas um dos quarenta sujeitos entrevistados não aludiu a este item/norma como resposta, mais especificamente uma jovem, de 18 a 40 anos, da cidade de Sinop. Salienta-se, também, que *churrascaria* coincide com o item lexical/tema desta questão.

Ressalta-se, ainda, que, historicamente, atribui-se ao Estado do Rio Grande do Sul a tradição e a disseminação da cultura do churrasco pelo Brasil, bem como à

abertura dos primeiros estabelecimentos comerciais que tinham como especialidade servir carne assada ao calor de brasas. Esta tradição teria surgido já no século XVII neste Estado nas paragens dos tropeiros, que saíam de São Paulo e de Laguna/SC para o Rio Grande do Sul em busca do aprisionamento de gado. Todavia, há registros históricos anteriores de carne assada no espeto pelos indígenas da região, como se pode verificar nos seguintes apontamentos diacrônicos:

A história do churrasco brasileiro tem sombras longas. Começa necessariamente no século XVII, no interior dos Sete Povos das Missões, comunidade criada pelos jesuítas no oeste do Rio Grande (abarcando Paraguai e Argentina) para reunir indígenas – em especial guaranis – na missão catequisadora. Destruída em 1768, a comunidade deixou como testemunho, além das ruínas, um belo exemplo de sociedade ideal para os homens e sua profunda influência na colonização. É que os rebanhos ali criados, sem dono após a guerra de destruição, ganharam os campos e ali se multiplicaram ao sabor da natureza. Era riqueza muito vistosa para não ser aproveitada naquele Brasil – colônia que crescia atrás do ouro. Por isso os preadores passaram a descer de Laguna e São Paulo para apresá-los. Eram os tropeiros, cuja refeição básica nas breves paradas de acampamento consistia num pedaço de carne fresca, assada ao calor das brasas no chão e temperado com um pouco de cinza. O historiador Dante de Laytano identifica nessa gente o primeiro ciclo de ocupação do Estado. “O segundo foi o do invernador, que já era seminômade e se obrigava a parar no caminho para engordar o gado e proteger-se do inverno”, diz ele. Assim como nos caminhos dos tropeiros, nos seus também foram brotando cidades. E, como os tropeiros, invernadores e seus peões tinham no gado assado sua dieta principal, agora salgado. Eles haviam copiado dos índios o costume de colocar mantas de carne sob o arreamento, no lombo do cavalo, enquanto cavalgavam. No ponto de parada, devidamente salgado pelo suor do animal, a carne estava pronta para ir ao fogo. Como se vê, o churrasco tornou-se fio condutor da história riograndense e prosseguiu nesse papel durante o terceiro ciclo da fixação à terra, a chamada “civilização do estancieiro”. Agora já era uma larguíssima fazenda organizada, na qual a peonada saía para distantes lides de gado, que duravam semanas, meses, e cujo cardápio era o churrasco, nutritivo e fácil de fazer com carne à mão. Foi nesse momento que tomou a forma de típico churrasco gaúcho como o conhecemos, com fogo de chão e espetos de carne fincados na terra ao redor. A receita não podia ser mais simples: carne com alguma gordura – em geral costela -, coberta de sal e levada ao fogo demorado, assando primeiro de um lado e depois do outro. “Mas o churrasco não é exclusivo do Rio Grande. Existiu em toda América do Sul antes do Descobrimento.” De fato, os registros históricos se referem ao *coócai*, um assado primitivo e ao *coócatuca*, carne no espeto, usado pelos índios⁹². (grifos do autor).

⁹²BATEL GRILL CHURRASCARIA. **A origem do churrasco.** Disponível em <http://www.batelgrill.com.br/inicio/batel-grill/a-historia-do-churrasco>. Acessado em 26 de nov. de 2012, às 14h e 29min.

Se a história do churrasco no Brasil “tem sombras longas”, como se pode apreender do excerto acima, as *churrascarias*, no entanto, segundo Maestrini, surgem apenas na década de 60 do século XX. Ainda conforme este autor, o churrasco seria ícone de um Estado específico: o Rio Grande do Sul. E, de forma mais pontual,

as churrascarias estilo espeto corrido começaram em 1968, de acordo com Dorlei Barbieri, dono de churrascaria. Espeto corrido é a forma que se serve o churrasco, onde a carne é levada à mesa em um espeto. [...] Barbieri nasceu na cidade de Nova Bréscia, um pequeno município na serra gaúcha. A população da cidade tem pouco mais de 3 mil habitantes. É crença popular que a cidade tem a melhor churrascaria do Brasil e que todos os melhores assadores vêm de lá. Barbieri diz que a lenda começou quando um grande número de caminhoneiros naturais de Nova Bréscia começou a fixar residência ao redor do Brasil e fundando churrascarias e fundando seu talento em cada canto do país⁹³.

Assim sendo, a difusão do item lexical *churrascaria*, como primazia normativa, bem como do grande número destes estabelecimentos comerciais que servem churrasco na região norte mato-grossense, se deve essencialmente aos migrantes advindos do sul do Brasil, em especial aos gaúchos, que trouxeram aos quatro municípios em análise as técnicas de cortes de carnes, temperos e formas de preparo típicas desta tradição pioneira. Acentua-se, ainda, que, por ser o Estado de Mato Grosso o maior criador de gado bovino brasileiro⁹⁴, a tradição do churrasco não só se mantém nesta região amazônica, como se destaca dentre as preferências de consumo na culinária local.

4.10.8 Cutelo

163) ...o instrumento cortante, que compreende uma lâmina e um cabo de madeira, usado para talhar, cortar carnes?

Tabela lexical 163

⁹³MAESTRINI, Bruno. **Churrascarias**. Disponível em <http://www.churrasconocouro.com/churras.php>. Acessado em 26 de nov. de 2012, às 15h e 12min.

⁹⁴Mato Grosso continua liderando o ranking do número de cabeças de gado. Segundo a Pesquisa Pecuária Municipal feita pelo IBGE em 2009, Mato Grosso se destacou com 13,3% do efetivo bovino, seguido por Minas Gerais e Mato Grosso do Sul, com 10,9% cada. (Informação disponível em <http://www.reporternews.com.br/noticia.php?cod=304974>. Acessada em 26 de nov. de 2012, às 15h e 49min.)

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal								Total
Por Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia / Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
adaga									1												1				01
coitelo													1										1		01
cortel		1															1								01
cortelo	1																1								01
cutelo	1																1								01
daga	1																1								01
faca	3	4	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	3	6	4	4	4	4	4	4	33
facão	3	2		3		2	1	2	2	1	1	1	2	1	2	1	3	3	1	4	3	2	4	2	24
facãozinho						1						1							1		1				02
machadinha	1								1								1				1				02
machadinho			1	1			1				1						1	1	1		1				04
peixeira	1		1	1	1	1		2					1				2	1	1	3			1		08
talhadeira															1								1		01
não soube responder			1														1								01
TOTAL	11	7	3	7	3	6	4	6	4	3	3	3	3	4	4	4	16	14	7	12	7	10	9	8	83

Fonte Direta

TEMA: cutelo

CARTOGRAMA 163

PERGUNTA: ... o instrumento cortante, que compreende uma lâmina

e um cabo de madeira, usado para talhar, cortar carne?

De acordo com a Tabela 163, transposta para o Cartograma 163, a maior ocorrência de respostas à pergunta 163 *...o instrumento cortante, que compreende uma lâmina e um cabo de madeira, usado para talhar, cortar carnes?*, foi do item lexical *faca*, o qual não confere com o item/tema desta pergunta, com trinta e cinco menções atribuídas pelos entrevistados nos quatro pontos de inquérito. Destas atribuições responsivas, há dezoito femininas, *versus* dezessete de sujeitos masculinos, divididas entre dezenove manifestações disponibilizadas por respondentes com mais de 50 anos, contra dezesseis dadas por jovens, de 18 a 40 anos.

Há, ainda, nos dados supracitados, duas variantes morfológicas de *faca*: o aumentativo *facão*, que se evidencia como segunda maior ocorrência, do mesmo modo falado em todas as quatro cidades pesquisadas, com vinte e quatro proferições responsivas dadas pelos entrevistados, onze delas pronunciadas por homens e treze por mulheres, sendo também treze respostas de sujeitos acima de 50 anos e onze de jovens, de 18 a 40 anos; e o aumentativo/diminutivo *facãozinho*, dito somente por uma mulher, acima de 50 anos, de Vera, e por uma moça, de 18 a 40 anos, de Cláudia.

Quanto ao item lexical/tema *cutelo*, aparece como resposta unicamente de um homem com mais de 50 anos de Sinop. Por sua vez, localizam-se, nos dados expostos, variantes fonéticas deste item, que são, respectivamente: a que exhibe ditongação, *coitelo*, citada só por uma mulher, acima de 50 anos, de Santa Carmem; a que se distingue pela variável da vogal alta em posição pretônica /u/ pela média-alta /o/, agregada de epêntese e, na sequência, pela supressão/apócope da vogal final, *cortel*, proferida apenas por uma mulher com mais de 50 anos do município de Sinop; e a que, da mesma forma, se distingue pela variável da vogal alta em posição pretônica /u/ pela média-alta /o/, tendo, em seguida, o acréscimo de epêntese, *cortelo*, expressa tão somente por um homem, acima de 50 anos, de Sinop.

Destaca-se, ainda, que, segundo a justificativa dada pelo pioneiro que residia antes da migração em Itumbiara, no Estado de Goiás, S16 M, o conceito de *cutelo* era utilizado naquele contexto como: “pra nós é de cortá arroiz, é arredondado assim (gesto), tem um cabo e é pra cortá arroiz”. Já para os migrantes, S12 M e S14 F, ambos provenientes do Estado de Santa Catarina e de descendência italiana, as variantes fonéticas *cortelo* e *cortel* remontariam à língua italiana e a concepção se aproximaria da atribuída ao item lexical *faca*, visto que “**Em italiano faca se chama cortelo**, em brasileiro se fala faca e em italiano é cortelo” (S12 M), bem como “Cortel, **é italiano cortel**, nós falava em italiano cortel”(S14 F).

4.10.9 Jabá/Charque/Carne-seca/Carne-de-sol/Carne prensada/Carne salgada

164) **...para a tira larga de carne bovina salgada, seca ao sol, e depois empacotada para a venda em estabelecimentos comerciais?**

Tabela lexical 164

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
carne defumada										1											1				01
carne-de-sol							1							1				1					1		02
carne-de-sol	4	2	4	3			2	1	1	2		2	1	1	1	2	8	9	2	1	1	4	2	3	26
carne muqueada	1														1										01
carne salgada														1									1		01
carne-seca	4	3		3	1	2	1	2	1	2	2	2	2	1	2	4	6	2	4	3	4	3	4	3	30
charque	4	1	4	3	1	1	2	1	2	2	1	1	2	1	1	2	8	4	3	2	3	3	3	3	29
Jabá	2	1	2	1	1	1	2		2		1		2	2	1		4	2	3	1	3		3	2	12
manta					1														1						01
TOTAL	15	7	10	10	3	9	9	6	6	9	9	7	6	9	7	29	17	10	10	11	11	12	13		108

Fonte Direta

TEMA: jabá/charque/carne-seca/carne-de-sol/carne prensada/carne salgada

CARTOGRAMA 164

PERGUNTA: ... para a tira de carne bovina salgada, seca ao sol,

e depois empacotada para a venda em estabelecimentos comerciais?

Na Tabela 164, como também se verifica no Cartograma 164, o item lexical composto que se mostra com maior ocorrência é *carne-seca*, com trinta respostas distribuídas em todos os quatro municípios pesquisados. Este item/norma, que confere com um dos temas da questão *...para a tira larga de carne bovina salgada, seca ao sol, e depois empacotada para a venda em estabelecimentos comerciais?*, traz, como frequência, um número maior de respostas femininas, dezoito, *versus* doze masculinas,

assim como uma maior quantificação de respostas dadas por sujeitos com mais de 50 anos, dezessete, contra treze menções de jovens, de 18 a 40 anos.

Quanto ao item lexical/tema *charque*, aparece como segunda maior ocorrência, com vinte e nove proferições responsivas, do mesmo modo localizadas em todos os pontos de inquérito. Destas proferições, dezessete foram manifestadas por homens e doze por mulheres, das quais quatorze foram expressas por respondentes com mais de 50 anos e quinze por jovens, de 18 a 40 anos.

O item lexical/tema, o composto *carne-de-sol*, evidencia-se como terceira maior ocorrência, com vinte e seis respostas apreendidas em todas as quatro cidades em análise, tendo sido faladas pelo mesmo número de sujeitos masculinos e femininos, ou seja, treze citações de ambos. Ressalta-se que há maior preferência de uso deste composto pelos jovens, de 18 a 40 anos, que o pronunciaram quinze vezes, enquanto os entrevistados acima de 50 anos o propalaram onze vezes.

O item lexical/tema *jabá* destaca-se como quarta maior ocorrência, com dezoito respostas que se encontram, também, em todos os pontos de estudo, divididas entre um número bem maior de proferições feitas por homens, treze, *versus* apenas cinco disponibilizadas por mulheres, bem como por uma maior quantidade de respostas trazidas ao corpo responsivo de sujeitos com mais de 50 anos, onze, contra sete evocações feitas por jovens, de 18 a 40 anos.

Já a expressão/tema *carne salgada* foi dita unicamente por um rapaz, de 18 a 40 anos, de Santa Carmem. Localiza-se, ainda, nos dados elencados acima, um item lexical composto variante de *carne salgada*, o que apresenta a preposição *de* e o substantivo primitivo *sal*, *carne-de-sal*, dado como resposta apenas por duas moças, de 18 a 40 anos, uma de Vera e uma de Santa Carmem.

Finalmente, a expressão/tema *carne prensada* não foi mencionada por nenhum dos respondentes como resposta ao conceito da pergunta 164.

4.10.10 Toicinho

- 165) **...a gordura dos porcos que fica próxima ao couro?**
Tabela lexical 165

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
País Etnia	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Sexo Léxis	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
carrinho									1				1	1							1	1	1	1	03
carrinho de mão	3	1	3	2		1	1	2		1	2	2	1		1	2	6	3	1	3	2	3	2	2	22
carrinhola				1													1								01
carrão	4	4	2	3	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	6	7	4	4	4	4	4	4	37
carrão				1													1								01
TOTAL	7	5	6	6	2	3	3	4	2	4	4	4	4	3	3	4	13	11	5	7	6	3	7	7	64

Fonte Direta

Conforme a Tabela 165, transposta para o Cartograma 165, o item lexical *toicinho*, o qual coincide com o tema da pergunta 165 *...a gordura dos porcos que fica próxima ao couro?*, aparece como o mais utilizado dentre as respostas trazidas pelos entrevistados, com vinte e quatro ocorrências em todos os quatro municípios pesquisados, faladas por onze sujeitos masculinos e treze femininos. Salienta-se, também, que o número de respostas dadas por jovens, de 18 a 40 anos, é maior do que as disponibilizadas por sujeitos com mais de 50 anos, treze daqueles *versus* onze destes.

Localizam-se, ainda, nos dados elencados acima, duas variantes fonéticas de *toicinho*, que são, respectivamente: a que exhibe síncope, *tocinho*, manifestada no corpo responsivo de três respondentes acima de 50 anos de Sinop, um homem e duas mulheres, bem como de uma mulher com mais de 50 anos e de uma jovem, de 18 a 40 anos, ambas de Cláudia; e a que apresenta a alternância da semivogal alta /i/ pela também alta /u/, *toucinho*, dita por apenas três entrevistados, dois acima de 50 anos,

uma mulher de Sinop e um homem de Santa Carmem, e um jovem, de 18 a 40 anos, de Sinop.

Acentua-se, também, a grande quantidade de não-respostas evidenciadas pelos sujeitos à questão supracitada, ou seja, nove sujeitos das cidades de Sinop, de Vera e de Santa Carmem, seis homens e três mulheres, não souberam atribuir nenhuma resposta ao conceito de 165. Destes sujeitos, cinco são jovens, de 18 a 40 anos, e quatro têm mais de 50 anos.

4.10.11 Banha

166) ...a gordura do porco usada para fins culinários?

Tabela lexical 166

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total					
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios	
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios	
banha	4	4	4	4	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	8	8	4	4	4	4	4	4	40	
gordura		1	2	2							1		1	1		1	2	3			1		1	2	09	
graxa			1													1									01	
TOTAL	4	5	7	6	2	2	2	2	2	2	3	2	3	3	2	3	11	11	4	4	5	4	5	6	50	

Fonte Direta

De acordo com a Tabela 166, transposta para o Cartograma 166, o item lexical de maior uso, em todos os quatro pontos de inquérito pesquisados, para responder a pergunta 166 ...a gordura do porco usada para fins culinários?, com quarenta respostas, foi *banha*, ou seja, todos os quarenta entrevistados deram este item/norma como resposta a esta pergunta. Destaca-se, ainda, que *banha* confere com o tema que engendrou a questão exposta acima.

4.10.12 Castanha

167) ...o fruto da castanheira, que pode ser consumido cru, assado ou cozido em doces e bolos?

Tabela lexical 167

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Suibotol								Total
País	Acima de 50 anos				Acima de 50 anos				Acima de 50 anos				Acima de 50 anos												Municípios
Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
amêndoa																									01
castanha	3	4	4	3	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	7	7	4	4	4	4	4	4	32
castanha-de-caju				1					1		1								1		2				08
castanha-do-brasil			1														1								01
castanha-do-pará	1		1														2								02
TOTAL	4	4	6	4	2	2	2	2	3	2	3	3	2	2	2	2	10	7	5	4	6	5	4	4	45

Fonte Direta

O Cartograma 167, assim como a Tabela 167, confirmam a norma de uso do item lexical *castanha*, o qual confere com o item/tema da questão 167 ...o fruto da castanheira, que pode ser consumido cru, assado ou cozido em doces e bolos?. Foram trinta e oito respostas, distribuídas em todos os quatro municípios pesquisados, o que significa que apenas dois sujeitos não trouxeram *castanha* como resposta a esta questão, mais especificamente um homem com mais de 50 anos e uma moça, de 18 a 40 anos, ambos de Sinop.

Há, ainda, nos dados elencados acima, três variantes compostas deste item lexical/norma, que são, respectivamente: *castanha-de-caju*, falada por uma jovem, de 18 a 40 anos, de Sinop, bem como por um homem, acima de 50 anos, e por um rapaz, de 18 a 40 anos, tanto um quanto o outro de Cláudia; *castanha-do-brasil*, dita unicamente por um jovem, de 18 a 40 anos, de Sinop; e *castanha-do-pará*, proferida apenas por dois sujeitos masculinos, um homem com mais de 50 anos e um rapaz, de 18 a 40 anos, os dois residentes na cidade de Sinop.

Convém lembrar, conforme já enaltecido no Capítulo 2, subitem 2.1.1, que a *Bertholletia excelsa*⁹⁵, também conhecida como castanheira, é a mais famosa, imponente e comum espécie de árvore nativa da Amazônia, sendo que os Estados do Pará, de Mato Grosso, do Amazonas, do Acre e do Maranhão concentram as maiores populações desta espécie nativa. Em razão da intensa exploração, desmatamento e destruição de castanhais nativos, a *Bertholletia excelsa* está se extinguindo em muitos espaços amazônicos, fato este que fez surgir o Decreto Federal nº1.282, de 19 de outubro de 1994, que rege pela proibição do corte de castanheiras nativas.

Ressalto, ainda, que, se atualmente na região norte mato-grossense o contato com uma castanheira tem sido cada vez mais incomum por causa da diminuição de suas populações, distintamente o foi no início da colonização nos idos anos 70 do século XX, quando o acesso a esta espécie era abundante, como se pode constatar no seguinte fragmento da narrativa pessoal do pioneiro de Cláudia, C18 M:

Aí chegou o falecido Zé Castanha, o primeiro homem das **castanha** ali. Ele subia em cima dos toco lá pra comê. Risos... Ele era o homem das castanha. É que todo mundo saía pros baile, tudo, e em vez dele i, ia pro meio do mato cortá castanha, por isso que o apelido era Zé Castanha.

⁹⁵Segundo informações retiradas de <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/arvores/arvores-castanheira.php>. Acessado em 11 de fev. de 2011, às 14h e 25min.

4.10.13 Curado

168) ...o queijo enxugado ou defumado ao calor, ao fogo? (Houaiss, 2004, p. 892).

Tabela lexical 168

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total		
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop	Vera	Cláudia	Santa Carmem	Municípios		
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios		
curta				1												1					01		
curtado	2	2	1										1				3	2			1	06	
curtido													1								1	01	
defumado			1		1	2		1	1		1		1		2	1		1	3	2		3	10
duro	1			1					1			1					1	1		1	1		04
maduro							1					1			1			1		1	1		08
mais firme						1			1										1	1			02
meia-cura				1						1							1			1			02
queijo	1				1					2	1	2	2		1		1		1				02
queijo minas							1				1		1						1	1		1	08
queijo mineiro	1																1						01
seco									1	1					1					1	1	1	08
não soube responder		2	2	2			1				1						2	4	1		1		08
TOTAL	3	4	4	3	2	3	2	2	4	4	4	4	3	3	3	2	9	9	4	3	7	4	46

Fonte Direta

Na Tabela 168, como também se verifica no Cartograma 168, é o item lexical *defumado* que se mostra com maior ocorrência, tendo sido proferido por dez sujeitos, o qual não confere com o item/tema de propositura da questão 168 ...*o queijo enxugado ou defumado ao calor, ao fogo?*. Como frequência, constata-se que *defumado* aparece em seis respostas femininas, enquanto quatro homens o citaram, sendo localizado nos quatro pontos de inquérito em análise. Destas respostas, evidencia-se a mesma quantificação numérica entre as atribuições responsivas dadas por sujeitos com mais de 50 anos e as mencionadas por jovens, de 18 a 40 anos, cinco de ambos.

Quanto ao item lexical/tema *curado*, manifesta-se em apenas seis proferições, cinco delas encontradas na cidade de Sinop e disponibilizadas por quatro entrevistados acima de 50 anos, dois homens e duas mulheres, bem como por um jovem, de 18 a 40 anos; este item foi expresso, também, por uma respondente, acima de 50 anos, de Santa Carmem. Localizam-se, ainda, nos dados elencados acima, duas variantes morfológicas de *curado*, que são, respectivamente: o substantivo primitivo *cura*, falado unicamente por uma moça, de 18 a 40 anos, de Sinop; e o composto *meia-cura*, dito por uma entrevistada com mais de 50 anos de Cláudia e por uma jovem, de 18 a 40 anos, de Sinop.

Salienta-se, também, a grande quantidade de não-respostas atribuídas pelos sujeitos à pergunta supracitada, ou seja, oito sujeitos dos municípios de Sinop, de Vera e de Cláudia, quatro homens e quatro mulheres, não souberam dar nenhuma resposta ao enunciado de 168. Destes sujeitos, seis são jovens, de 18 a 40 anos, e somente dois têm mais de 50 anos.

4.10.14 Fubá

169) ...a farinha de milho que pode ser usada para fazer pães, bolos etc.?

Tabela lexical 169

Localidade		Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal								Total
Faixa Etária		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Idade / Sexo		M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
amido		1																1								01
beiju							1														1					01
biçu		1																1								01
farinha de milho		2		1	1	1	1		1	1	1	1				2	1	3	1	1	2	2	1	2	1	13
fubá		4	4	3	3	1	1	2	1	1	2	2	2	2	2	2	2	7	7	3	2	3	4	4	4	34
meleiro				1														1								01
TOTAL		8	4	5	4	2	3	2	2	2	3	3	2	2	2	4	3	13	8	5	5	5	6	5	5	31

Fonte Direta

PERGUNTA: ... a farinha de milho que pode ser usada para fazer pães, bolos etc.)

Conforme podemos verificar na Tabela 169, ratificada pelo Cartograma 169, é o item lexical *fubá* que se apresenta com maior ocorrência, tendo sido trazido ao corpo responsivo trinta e quatro vezes pelos sujeitos. Este item/norma coincide com o tema de propositura da questão 169 *...a farinha de milho que pode ser usada para fazer pães, bolos etc.?*

Como frequência, constata-se que *fubá* aparece, nos dados elencados acima, com a mesma quantidade de respostas manifestadas por homens e por mulheres, ou seja, dezessete proferições de ambos, localizáveis nos quatro municípios em análise, mesma quantificação numérica esta que distingue também as respostas dos entrevistados jovens, de 18 a 40 anos, e as dos sujeitos com mais de 50 anos, dezessete atribuições responsivas dadas por cada faixa etária.

4.10.15 Polenta

170) ...alimento pastoso, feito à base de _____(cf. item 169) ao qual se pode também juntar manteiga e/ou queijo e é geralmente consumido com molho de carne bovina ou de frango? (Aulete On-line).

Tabela lexical 170

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop	Vera	Cláudia	Santa Carmem	Municípios
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
angu					1								1					1		1	02
creme de milho			1														1				01
curau		1															1				01
cuscul													1							1	01
polenta	4	4	4	4	1	2	2	2	2	2	2	2	2	1	2	2	8	8	3	4	32
pulenta													1							1	01
TOTAL	4	5	5	4	2	2	2	2	2	2	2	2	3	3	2	2	9	9	4	4	44

Fonte Direta

TEMA: polenta

CARTOGRAMA 170

PERGUNTA: ... alimento pastoso, feito à base de (cfe. item 169), ao qual se pode também juntar manteiga e/ou queijo e é geralmente consumido com molho de carne bovina ou de frango? (Aulete online)

De acordo com as inscrições da Tabela 170 e de seu respectivo Cartograma, verifica-se que o item lexical *polenta*, de maior ocorrência entre as respostas dadas pelos sujeitos, coincide com o item/tema de propositura da questão 170 *...alimento pastoso, feito à base de _____(cf. item 169) ao qual se pode também juntar manteiga e/ou queijo e é geralmente consumido com molho de carne bovina ou de frango?*. Ressaltam-se, nos dados, trinta e oito respostas, localizáveis em todos os pontos de inquérito, o que significa que apenas dois dos quarenta entrevistados não

atribuíram *polenta* como resposta a esta questão, mais especificamente dois sujeitos com mais de 50 anos, um homem de Vera e uma mulher de Santa Carmem.

Localiza-se, ainda, dentre as respostas catalogadas, uma variante fonética deste item lexical/norma, a qual evidencia a variável da vogal média-alta em posição pretônica /o/ pela alta /u/, *pulenta*, expressa tão somente por uma mulher, acima de 50 anos, da cidade de Santa Carmem.

4.10.16 Maxixe

171) ...a hortalça, semelhante ao pepino, bastante cultivada no nordeste brasileiro e utilizada ainda verde em saladas e refogados?

Tabela lexical 171

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop	Vera	Cláudia	Santa Carmem	Municípios
Lexia	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
SEXO																					
chuchu do mato					1													1			01
chuchuzinho					1													1			01
maxixe	4	3	3	3	1	1	2	1	2	2	2	2	2	2	1	7	6	3	2	4	33
maxixinho						1												1			01
maxixinho baiano													1								01
pepininho								1								1					02
não soube responder		1	1	1												1	2				08
TOTAL	4	4	4	4	3	2	2	2	2	2	2	2	3	2	2	8	8	3	4	4	42

Fonte Direta

TEMA: maxixe

CARTOGRAMA 171

PERGUNTA: ... a hortalça, semelhante ao pepino, bastante cultivada no nordeste brasileiro e utilizada ainda verde em saladas e refogados?

Conforme a Tabela 171, transposta para o Cartograma 171, o item lexical mais utilizado para responder a pergunta 171 *...a hortalça, semelhante ao pepino, bastante cultivada no nordeste brasileiro e utilizada ainda verde em saladas e refogados?*, com trinta e três respostas, foi *maxixe*, o qual coincide com o tema que engendrou esta pergunta. Há, nos quatro pontos de inquérito, como frequência, dezoito respostas entre os homens e quinze entre as mulheres. Destas respostas, há dezessete manifestações disponibilizadas por sujeitos com mais de 50 anos, contra dezesseis dadas por jovens, de 18 a 40 anos. Localizam-se, ainda, nos dados elencados acima, duas variantes morfológicas de *maxixe*, que são, respectivamente: o diminutivo *maxixinho*, falado unicamente por uma mulher, acima de 50 anos, da cidade de Vera; e a expressão diminutiva *maxixinho baiano*, dita tão somente por uma entrevistada com mais de 50 anos do município de Santa Carmem.

Salienta-se, também, que o alto número de respostas dadas pelos sujeitos, que deixam afluir este item lexical/norma ao conceito de 171, pode estar relacionado ao fato desta hortalça ser comum na região norte mato-grossense, visto que, conforme a migrante de Sinop, S13 F, “Isso dá até nos mato”. O plantio e cultivo desta verdura, inclusive, já eram praticados no início da colonização deste espaço amazônico, como se pode verificar no seguinte excerto da narrativa de experiência pessoal da pioneira de Santa Carmem, SC6 F: “Plantei verdura. A gente tinha uma represa, tinha uma represa, a gente plantava verdura. [...] Colhia e vendia pra fora abóbora, vendia **maxixe**, vendia pimentão. O que eu aguentava carregá eu levava; até mandioca levei pra vendê, ovo, frango”.

4.10.17 Feijão-carioquinha/Feijão-de-corda

172) **...a semente do feijoeiro, de cor bege, comestível, usada geralmente em saladas ou temperada para comer com arroz?**

Tabela lexical 172

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Total
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios								
Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios				
Andú	1																1												01				
Carioca		1												1				1									1		02				
Carioquinha		1																1											01				
Fava						1								1	1	1				1				2	1				04				
Feijão	1		2	4					1	2	1		1	1			3	4			2	2		1	1				13				
Feijão-branco			1	1	1													1	2											03			
Feijão-catador										1				1								1			1				02				
Feijão-cavalo								1														1							01				
Feijão-de-arranca														1											1				01				
Feijão-de-baga						1				2										1		2								03			
Feijão-de-baja	1																	1												01			
Feijão-de-baja	3	2	1	2		2	1	1	1			1	2	2	1	2	2	4	4	1	3	2	2	4	3					23			
Feijão-de-metro	1												1					1					1							02			
Feijão-de-metro				1		1											1	1			1					1				03			
Feijão-fradinho	1																	1												01			
Feijão-verde			1																1								1			02			
Orelha-de-padre													1										1							01			
Rosinha																										1				01			
Vagem	2		2			1	1	1	2			2	1	2						4		2	3	1	4					14			
Varjão													1										1							01			
Tropeiro			1									1											1							02			
TOTAL	10	7	7	7	3	4	2	3	3	6	4	6	4	7	3	4	17	14	3	7	9	12	7	11	32					32			

TEMA: feijão-carioca/feijão-de-corda

CARTOGRAMA 172

PERGUNTA: ... a semente do feijoeiro, de cor bege, comestível, usada geralmente em saladas ou temperada para comer com arroz?

De acordo com as respostas da questão 172 ...a semente do feijoeiro, de cor bege, comestível, usada geralmente em saladas ou temperada para comer com arroz?, elencadas tanto no Cartograma quanto na Tabela, é possível observar que a maior

ocorrência é do item lexical composto *feijão-de-corda*, com vinte e três atribuições responsivas distribuídas entre onze homens e doze mulheres, em todos os pontos de inquérito. Destas atribuições, há onze disponibilizadas por sujeitos com mais de 50 anos, contra doze dadas por jovens, de 18 a 40 anos. Destaca-se que este item/norma confere com um dos temas desta questão.

Quanto ao item lexical/tema, o composto *feijão-carioquinha*, segundo os dados expostos acima, não foi dado como resposta por nenhum dos respondentes entrevistados. No entanto, evidenciam-se ambos os itens desagregados, ou seja, *feijão*, falado por treze sujeitos em três das quatro cidades em estudo, Sinop, Cláudia e Santa Carmem, tendo sido expresso por seis homens e por sete mulheres; e *carioquinha*, dito unicamente por uma mulher com mais de 50 anos de Sinop. Localiza-se, ainda, uma variante morfológica de *carioquinha*, o substantivo primitivo *carioca*, proferido somente por duas mulheres acima de 50 anos, uma de Sinop e uma de Santa Carmem.

Salienta-se, também, o item lexical *tropeiro*, trazido ao corpo de respostas da pioneira do município de Sinop, S14 F, proveniente de Indaial/SC, e da migrante da cidade de Cláudia, C20 F, advinda antes da migração de Apucarana no Estado do Paraná, como mais um indício que remete a conceitos relacionados às atividades desenvolvidas pelo tropeirismo e mantidas vivas pelas tradições e costumes ao longo de distintas gerações.

Como fato interessante, contextualizado no início da colonização norte mato-grossense e relacionado à espécie de semente do feijoeiro enunciada no conceito de 172, ressalto o seguinte fragmento de narrativa do relato de experiência pessoal do pioneiro de Sinop, S11 M, natural de Paim Filho/RS:

Ah, se você vê, eu vim de lá só conhecendo feijão-preto. Eu cheguei aqui e não existia feijão-preto, não existia. Então era feijão o quê? **Feijão-carioquinha, feijão-de-corda**, não sabia o que era isso, não gostava. Na região que eu vim não tinha, só preto. Hoje tem, mas você imagina 40 anos atrás! No Rio Grande do Sul só feijão-preto, ninguém sabia daquele outro feijão-de-corda. Ele já era plantado por aqui, vinha aqui, vinha de São Paulo, era dessa região daqui.

4.10.18 Cachaça/Pinga/Pinguinha

173) ...a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar? (Questionário ALiB, 2001, p.36).

Tabela lexical 173

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
aguardente	1	1	1	1							1	1				1	2	2			1	1		1	07
cachaça	4	2	4	4	2	1	2	2	1	2	2	2	2	2	2	1	8	6	4	3	3	4	4	3	39
cana													1										1		01
caninha			1									1					1							1	02
graspa								1													1				01
jamel																1								1	01
mé		1															1								01
pinga	4	4	3	4	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	7	8	3	4	4	4	4	4	38
tequila													1											1	01
TOTAL	9	8	9	9	3	3	4	4	4	4	5	6	5	5	4	5	18	17	7	7	9	9	9	11	87

Fonte Direta

TEMA: cachaça/pinga/pinguinha

CARTOGRAMA 173

PERGUNTA: ... a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar?(Questionário ALIB, 2001)

De acordo com a Tabela 173, transposta para o Cartograma 173, o item lexical mais utilizado para responder a pergunta ...a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar?, com trinta e oito respostas, foi *pinga*, o qual coincide com um dos itens/tema que engendrou esta pergunta, no entanto difere do tema de propositura desta mesma questão apresentada no QSL do ALiB, que é *aguardente*, este que recebe apenas sete menções responsivas nos dados disponibilizados acima, das quais quatro foram expressas por mulheres e três por homens. No contexto de uso norte mato-grossense, *pinga*, portanto, só não foi atribuída como resposta por dois dos quarenta entrevistados, mais especificamente um rapaz, de 18 a 40 anos, de Sinop, e um homem com mais de 50 anos da cidade de Vera. Já o item lexical/tema, a variante diminutiva *pinguinha*, não foi dado como resposta por nenhum dos respondentes.

O item lexical/tema *cachaça*, por sua vez, aparece como segunda maior ocorrência, com trinta e cinco respostas faladas em todos os quatro pontos de inquérito. Quanto à frequência, destacam-se dezenove respostas masculinas e dezesseis femininas. Destas manifestações responsivas, dezesseis são de sujeitos acima de 50 anos, contra dezenove de jovens, de 18 a 40 anos.

4.10.19 Garrafa/Tubo

174) ...o recipiente em que se acondiciona a _____ (cf. item 173)?

Tabela lexical 174

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Número
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Número
alambique								1							1		1				1			2	08
barrica						1													1						01
barril	3	1	1		2	1	2	1		1	1	1	2		2	2	4	1	4	2	1	2	4	2	20
barrilho														1										1	01
barrilzinho				1														1							01
corote					1	1							1		2		1	1					3		09
corotinho				1			1	1								1		1	1	1				1	04
galão				1			1											1	1						02
galãozinho							1												1						01
garrafa	3	3	2	1	1		1	2		2	1	2	2	1	1	1	3	4	2	2	1	4	3	2	23
garrafão	2	1	2			1		1	2	1	2			1			4	1		2	4	1		1	13
litro	4	1	2	1		2	1		2		1		2	1	2		6	2	1	2	3		4	1	19
pingômetro	1																	1							01
pipa	2								1	2								2				1	2		09
quinto	1																	1							01
tambor											1											1			01
tamborzinho						1															1				01
tonel		1	3					1	1	1	1	1					3	1		1	2	2			08
tônel																1							1		01
tôner	1																	1							01
tunel															1								1		01
vidro																									01
TOTAL	17	7	10	7	9	6	7	6	6	7	7	4	7	9	8	9	27	14	12	12	13	11	16	10	119

Fonte Direta

TEMA: garrafa/tubo

CARTOGRAMA 174

PERGUNTA: ... o recipiente em que se acondiciona a (cfe. item 173)?

Na Tabela 174, como também se verifica no Cartograma 174, o item lexical que se apresenta com maior ocorrência é *garrafa*, com vinte e três respostas distribuídas em todos os quatro municípios pesquisados. Este item/norma, que confere com um dos temas da questão *...o recipiente em que se acondiciona a _____* (cf. item 173)?, traz, como frequência, onze respostas masculinas, *versus* doze femininas. Destas manifestações responsivas, doze foram expressas por sujeitos com mais de 50 anos, contra onze por sujeitos jovens, de 18 a 40 anos. Localiza-se, ainda, nos dados elencados acima, uma variante morfológica de *garrafa*, o aumentativo *garrafão*, com treze atribuições de respostas, oito dadas por homens e cinco por mulheres, localizáveis do mesmo modo em todos os pontos de inquérito.

Quanto ao item lexical/tema *tubo*, conforme os dados disponibilizados, não foi mencionado como resposta por nenhum dos quarenta entrevistados. No entanto, ressaltando que, segundo o sujeito pioneiro de Sinop, residente antes da migração em Palmas no Estado do Paraná, S11 M, no início da colonização norte mato-grossense, na década de 70 do século XX, os moradores da região utilizavam este item quando solicitavam o recipiente que continha *pinga*, distintamente do léxico usado no sul do país, pois “lá dizia *vamo tomá uma garrafa de pinga*, cheguei aqui não, *vamo tomá um tubo*”. Conforme esse que pioneiro, portanto: “**Tubo é uma garrafa, é uma garrafa de pinga**”.

4.10.20 Martelinho

175) *...a dose de _____* (cf. item 173) **vendida nos bares em um copo pequeno?**

Tabela lexical 175

Localidade	Sinop				Vera				Céudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Palavra	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Céudia		Santa Carmem		Municípios
Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
apertado					2				1								2		1						03
birita	1			1						1					1	1			1					1	03
birritinha				1										1		1									02
brinquinho														1									1		01
dedo de pinga										1										1					01
dose	3	1	2	1	1	2	2	1	1	2	2	2	2	1	2	1	3	2	3	3	4	4	2		26
dosinha	1					1								1			1			1				1	03
gole				1		1				1				1			1		1		1	1			04
golinho				1													1								01
martelinho	1																1								01
martelo													1										1		01
meio-pinga	1																1								01
pinguinho	1		1				2		1	1	1						2		2		2	1			07
rio-de-galo				1													1								01
Schluck		1																1							01
tragada														1										1	01
tragadinha														1										1	01
trago								1	1		1			2	1	1				1	2		1	3	07
não soube responder		2	1	1				1									1	3		1					05
TOTAL	3	4	3	6	3	4	4	3	3	3	6	2	4	6	4	3	13	10	7	7	9	7	8	9	70

Fonte Direta

PERGUNTA: ... a dose de (cfe. item 173 vendida nos bares em um copo pequeno?)

Conforme a Tabela 175, transposta para o Cartograma 175, o item lexical *dose*, o qual não coincide com o tema da pergunta 175 ...a dose de _____ (cf. item 173) vendida nos bares em um copo pequeno?, aparece como o mais usado dentre as respostas dos entrevistados, com vinte e seis ocorrências em todos os quatro municípios pesquisados, faladas por quinze sujeitos masculinos e por onze femininos. Destas respostas, evidencia-se igual número entre as proferições de sujeitos com mais de 50 anos e as de jovens, de 18 a 40 anos, treze vezes de ambos. Localiza-se, ainda, nos dados elencados acima, uma variante morfológica deste item/norma, o diminutivo *dosinha*, proferido somente por três respondentes acima de 50 anos, um homem de Sinop, uma mulher de Vera e uma mulher de Santa Carmem.

Já o item lexical/tema *martelinho* foi trazido ao corpo responsivo unicamente de um sujeito com mais de 50 anos de Sinop. Encontra-se, também, uma variante morfológica deste item, o substantivo primitivo *martelo*, dito apenas por um homem, acima de 50 anos, da cidade de Santa Carmem.

Como fato interessante, destaca-se o item lexical *Schluck*, falado pela pioneira de Sinop, S14 F, advinda antes da migração de Indaial/SC e de descendência italiana, sendo, contudo, este item procedente da língua alemã e o qual pode traduzir-se para o português como *gole*.

Ressalta-se, ainda, o contexto de utilização do item lexical *martelinho*, no início da colonização norte mato-grossense, assim narrado pelo migrante de Sinop, S10 M, em seu relato de experiência pessoal:

Daí eles, eles contratavam pra fazê derrubada. Quando essas pessoas vinham pra cidade ficavam doido, porque chegam ali, eles vê um salgadinho pra comê, uma pinga, uma cerveja, tomá uma coisa e aquilo. Imagina como a gente ficava, tinha que matá a vontade deles, né, então ele (o patrão) sempre falava assim, se um peão chega aqui no balcão, pede **uma pinguinha, era um martelinho**, martelinho era um liso de pinga, né. O cara chega assim *me dá um martelinho*, martelinho é uma dose de pinguinha em um copo liso assim, né. Então se ele tomasse aquele copo, virasse aquele copo e fosse embora não era pra cobrá. [...] Ele vem aqui, toma uma pinguinha, vira as costas e vai embora é porque ele não tem dinheiro. Se ele não tem dinheiro depois que ele tomou a pinga, mais fácil ele te matá ou brigá com você do que ele te pagá. Como é que ele vai te pagá? Isso era a sabedoria do falecido Xangai e é verdade.

4.10.21Chimarrão

176) ...a bebida quente preparada com erva em uma cuia, bem amarga, sem açúcar, e tomada por um canudo especial chamado bomba?

Tabela lexical 176

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop	Vera	Cláudia	Santa Carmem	Municípios
Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
chá amargo					1													1			01
chimarrão	4	4	4	4	1	2	2	2	2	2	2	2	2	1	2	2	8	8	3	4	38
mate	1		1	1							1		1				2	1		1	05
TOTAL	5	4	5	5	2	2	2	2	2	2	3	2	2	2	2	2	10	9	4	4	44

Fonte Direta

Como podemos observar, tanto na última Tabela, 176, da área semântica Alimentação e Cozinha, quanto no Cartograma 176, o item lexical *chimarrão* destaca-se como norma prioritária de uso entre os sujeitos, com trinta e oito respostas distribuídas em todos os pontos de inquérito, ou seja, apenas dois dos quarenta entrevistados não atribuíram este item/norma como resposta à pergunta 176 *...a bebida quente preparada com erva em uma cuia, bem amarga, sem açúcar, e tomada por um canudo especial chamado bomba?*, mais especificamente dois sujeitos com mais de 50 anos, um homem de Vera e uma mulher da cidade de Santa Carmem.

Ressalta-se, ainda, que *chimarrão* coincide com o tema de propositura da questão exposta acima.

4.10.22 Histograma 36: itens mais frequentes da área semântica Alimentação e Cozinha

De acordo com o Histograma trinta e seis, é possível verificar a disposição dos itens lexicais de maior ocorrência dados como respostas pelos sujeitos na área semântica Alimentação e Cozinha deste estudo sócio-semântico-lexical.

Exponho, abaixo, a sequência enumerativa das perguntas e de seus respectivos itens/norma, que formam o corpo enunciativo desta área semântica:

- 156) Compra/Rancho = *...produtos necessários para a alimentação e necessidades domésticas, que se podem comprar ou vender em estabelecimentos comerciais?*

- 157) Refeições= ...conjunto de alimentos e bebidas que se comem e tomam a certas horas do dia ou da noite? (Aulete On-line).
- 158) Mistura= ...na/no _____(cf. item 157) o conjunto de coisas misturadas geralmente à base de carne, peixe, frango etc.?
- 159) Refogado= ...os legumes cozidos, como abobrinha, moranga etc., em uma espécie de molho com pouca água, gordura e temperos como alho, sal, cebola etc.?...quando o chão de uma casa é de barro?
- 160) Cozinheiro= ...o homem hábil na cozinha, capaz de criar e preparar muitos e bons pratos?
- 161) Cozinheira = E se for mulher, como se chama?
- 162) Churrascaria= ...o estabelecimento comercial onde se serve como especialidade o churrasco?
- 163) Faca= ...o instrumento cortante, que compreende uma lâmina e um cabo de madeira, usado para talhar, cortar carnes?
- 164) Carne-seca= ...para a tira larga de carne bovina salgada, seca ao sol, e depois empacotada para a venda em estabelecimentos comerciais?
- 165) Toicinho = ...a gordura dos porcos que fica próxima ao couro?
- 166) Banha = ...a gordura do porco usada para fins culinários?
- 167) Castanha= ...o fruto da castanheira, que pode ser consumido cru, assado ou cozido em doces e bolos?
- 168) Defumado = ...o queijo enxugado ou defumado ao calor, ao fogo?
- 169) Fubá = ...a farinha de milho que pode ser usada para fazer pães, bolos etc.?
- 170) Polenta= ...alimento pastoso, feito à base de _____(cf. item 169) ao qual se pode também juntar manteiga e/ou queijo e é geralmente consumido com molho de carne bovina ou de frango? (Aulete On-line).
- 171) Maxixe = ...a hortaliça, semelhante ao pepino, bastante cultivada no nordeste brasileiro e utilizada ainda verde em saladas e refogados?
- 172) Feijão-de-corda = ...a semente do feijoeiro, de cor bege, comestível, usada geralmente em saladas ou temperada para comer com arroz?
- 173) Pinga = ...a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar? (Questionário ALiB, 2001, p.36).
- 174) Garrafa = ...o recipiente em que se acondiciona a _____(cf. item 173)?
- 175) Dose = ...a dose de _____(cf. item 173) vendida nos bares em um copo pequeno?
- 176) Chimarrão= ...a bebida quente preparada com erva em uma cuia, bem amarga, sem açúcar, e tomada por um canudo especial chamado bomba?

Para a realização da escolha de itens lexicais desta área semântica utilizei dois critérios metodológicos:

a) a seleção do item de maior uso, a norma linguística, falado nos quatro pontos de inquérito da pesquisa. Assim, para a área semântica Alimentação e Cozinha, o item lexical selecionado para análise é *banha*, pois se evidencia com quarenta ocorrências, ou seja, todos os sujeitos entrevistados deram este item como resposta à pergunta 166 de meu questionário semântico-lexical.

b) a constatação de itens lexicais com particularidades sócios-histórica e geográfica regionais. Dentre eles, selecionei *rancho*, *mistura*, *carne-seca* e *chimarrão*.

Dessa forma, foram cinco os itens abstraídos desta décima área semântica, *banha*, *rancho*, *mistura*, *carne-seca* e *chimarrão*, que serão analisados e (re)significados no contexto de uso norte mato-grossense.

4.10.23 O item lexical *rancho*: apontamentos sócio-semântico-lexicais

O item lexical *rancho*, segundo Houaiss (2004), teria se originado do espanhol *rancho* (1535) com o significado de “cabana rústica”:

designava inicialmente qualquer lugar para acomodar soldados, marinheiros e pessoas que viviam fora do povoado, derivado do verbo *rancharse* ou *ranchearse* (sXVI) ‘alojar-se’ < francês *se ranger* ‘instalar-se em um lugar’, este, de *rang* (1080) ‘fileira’, do frâncico *hrīng* ‘círculo, anel’; comparativo ao alto-alemão *Ring* ‘anel’ e ao inglês *ring* ‘id’; na linguagem dos soldados tomou o sentido geral de ‘espaço’, depois ‘roda que os soldados formam para comer juntos’ (1737), donde ‘comida dos soldados e marinheiros’ (1761); 1597-1617 é a data para a acepção de ‘acampamento militar’ e 1720, para a acepção ‘grupo de pessoas’. (HOUAISS, 2004, p.2382).

De acordo com Corominas e Pascual (1987) *apud* Souza⁹⁶:

[...] nos séculos XVI e XVII *rancho* era palavra bem conhecida em todos os países que falavam o castelhano, designando toda espécie de moradia provisória ou simplesmente lugares onde se alojavam ou se acomodavam, com caráter mais ou menos passageiro, toda classe de nômades ou viajantes: soldados, índios, marinheiros, pescadores, ciganos, pastores e vagabundos. Era, portanto, uma palavra de soldados, e estes a aplicaram às coisas e esconderijos dos índios americanos, logo depois esta palavra passou a ser usada para denominar moradia pobre e rural dos habitantes da América. O

⁹⁶SOUZA, Antonieta Buriti de. **Análise semântica da linguagem específica do seringueiro do Vale do Rio Acre**. Disponível em [http://www.filologia.org.br/revista/artigo/4\(10\)54-60.html](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/4(10)54-60.html). Acessado em 06 de dez. de 2012, às 15h e 47min.

vocábulo seguiu pertencendo básica e fundamentalmente ao falar dos militares, mas logo tomou o sentido de: a união de várias pessoas, em forma de roda, que comem juntas. Com este mesmo sentido passou para o catalão (*ranxo*) e para o italiano (*rancio*).

A inscrição de *rancho* aparece nos quatro dicionários gerais selecionados para a averiguação semântico-lexical dos registros dos itens lexicais em análise, em Bluteau (1712), em Pinto (1832), no Aurélio (1986) e no Aulete Digital. Exponho, abaixo, os conceitos disponibilizados para este verbete:

Dicionário Entrada	Vocabulário Portuguez & Latino - D. R. Bluteau (1712)	Dicionário da Língua Brasileira – Luiz M. da S. O. P. Pinto (1832)	Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986)	Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa – (Aulete Digital)	Dicionário Gaúcho Brasileiro – João A. Bossle (2003)	Dicionário do Nordeste – Fred Navarro (2004)
RANCHO	União de algũas pelloas, õ tratão familiarmente huns com outros, & que em algũas coufas particulares tem os mefmos intereffes, & os mefmos intentos. <i>Vid.</i> Bando, Facção, Parcialidade. (p. 103)	Pessoas que comem, e dormem na mesma camarada. A divisão da mesma camarada. Fig. Bando. Parcialidade. Tenda ou barraca movivel nos caminhos. (p.892)	1-Grupo de pessoas em passeio, marcha, jornada ou trabalho: rancho de colonos; rancho de romeiros. 3- Bando de gente. 5- Refeição para muitos. 9- Bras. Casa pobre, da roça; choça, ranchinho. (p.1449)	1- Casebre rústico. 2- Refeição, ger. em quartel ou presídio (hora do rancho). 3- Grupo de pessoas reunidas para um fim qualquer, esp. em marcha ou jornada (rancho de peregrinos).	3- Compras que se faz no supermercado: as provisões da família para um mês: o rancho do mês. (p. 433)	

Quadro 31: Reflexões analíticas sobre o item lexical *rancho*.

Fonte: Pesquisa direta.

Conforme os significados que afluem do item lexical *rancho* nas entradas destes quatro dicionários citados acima, verifica-se que em nenhum dos conceitos expostos há equivalência ao sentido expresso na questão 156 de meu questionário semântico-lexical *...produtos necessários para a alimentação e necessidades domésticas, que se podem comprar ou vender em estabelecimentos comerciais?*.

Ressalta-se, segundo os dados supracitados no quadro, que desde o século XVIII se mantém para *rancho* a significação de “união de pessoas; bando”; quanto ao sentido de “moradia provisória”, destaca-se na língua portuguesa com maior ênfase no século XIX, alcançando a acepção de “casa rude” mais enfaticamente no século XX; da mesma forma, a noção que remete à “refeição” é disseminada, em maior proporção, neste mesmo século.

Hipoteticamente pode-se associar o ‘novo’ significado propagado no norte de Mato Grosso, o qual se refere ao conjunto de mercadorias compradas em um estabelecimento comercial, tal como conceituado por Bossle (2003) em seu Dicionário Gaúcho Brasileiro, à necessidade de arranjar/comprar suprimentos para preparar a “refeição para muitos”, transpondo-se, em seguida, para todas as “provisões da família para um mês”.

Cabe lembrar, ainda, que o item lexical *rancho* é utilizado neste espaço geográfico amazônico também com o sentido de ...*casa com instalações precárias, feita com restos de madeira ou tabuinha rachada, coberta de lona, palha, zinco ou telha, sem revestimento no chão*, de acordo com atribuições responsivas trazidas como respostas a esta pergunta, 146, integrante da área semântica Habitação.

Assim, pode-se afirmar que há, no norte mato-grossense, tanto uma alteração semântica deste item em análise, trazido à região, fundamentalmente, pelos migrantes gaúchos, quanto uma variação conceitual de uso de *rancho* no contexto de fala desta comunidade linguística. Este item lexical, portanto, exhibe, nas quatro cidades pesquisadas, Sinop, Vera, Cláudia e Santa Carmem, acepções peculiares e com particularidades pertencentes a esta extensão territorial em estudo.

4.10.23.1 A distribuição do item lexical *rancho* pelos pontos de inquérito

Histograma 37: Rancho (trinta ocorrências).

Conforme o Histograma 37, o item lexical *rancho* localiza-se em todos os quatro municípios em foco, e foi falado trinta vezes pelos sujeitos. Quanto à distribuição deste item, salienta-se que ela ocorreu da seguinte forma: na cidade de Sinop, quatro sujeitos

acima de 50 anos o utilizaram, dois homens e duas mulheres, bem como três rapazes e uma moça, de 18 a 40 anos; nos pontos de Vera e de Cláudia, apenas dois dos dezesseis respondentes não mencionaram este item lexical em análise, mais especificamente um homem de Vera e uma mulher de Cláudia, ambos com mais de 50 anos; e, em Santa Carmem, todos os oito entrevistados atribuíram *rancho* como resposta à pergunta 156.

Desse modo, como já apontado em 4.10.1, há um número maior de respostas dadas pelos sujeitos masculinos, dezesseis, *versus* quatorze proferições responsivas femininas. Assim como há maior quantificação numérica que distingue as respostas de sujeitos jovens, de 18 a 40 anos, dezesseis, contra quatorze menções de entrevistados acima de 50 anos, fato este que pode ser indício de continuísmo de uso deste item na comunidade linguística pesquisada.

Além do item lexical *rancho*, manifestam-se, ainda, nos dados coletados e transcritos, outros itens e expressões sinonímicas evocados como respostas ao conceito da questão 156, que assim foram distribuídos: *alimentos*, *comida*, *compra*, *compra de casa*, *compra do mês*, *mantimentos*, *produtos* e *produtos básicos*, na cidade de Sinop. No município de Vera há *comida*, *compra* e *mercadorias*. Em Cláudia, *alimentos*, *compra*, *mantimentos* e *mercadorias*. E em Santa Carmem aparecem, como concorrentes, *alimentos*, *cereais*, *compra* e *compra do mês*. Verifica-se, dessa maneira, que o item lexical *compra*, com igualmente trinta ocorrências, da mesma forma que *rancho*, é propagado em todos os pontos de inquérito.

Salienta-se, ainda, que a constatação de uso do item *rancho* no sul do Brasil, em especial no Estado do Rio Grande do Sul, *versus* a utilização de *compra* em outros Estados brasileiros, se fez apreensível em justificativas de pioneiros acrescidas à resposta ao conceito da pergunta 156. Dentre elas, destaco a da migrante de Sinop, S11 F, natural de Promissão, no Estado de São Paulo, e residente antes da migração em Santo André/SP; a da pioneira de Vera, V4 F, nascida no Estado da Bahia e proveniente de Vatuba, município de Maringá/PR; e a do migrante de Santa Carmem, SC7 M, natural de Cachoeira do Itapemirim, no Estado do Espírito Santo, e advindo de Altônia no Paraná, conforme se pode verificar abaixo:

Nóis falava compra, mas eles (referindo-se aos migrantes sulistas) não fala compra, **eles falam rancho** “gente, eu tô sem nada em casa, eu preciso i lá no Machado fazê o rancho”, todos falam e eu fico só escutando porque eu vô fazê compra e eles vão fazê o rancho. (S11 F).

Fazê rancho mais é lá pro sul que fala. Já nosso costume toda vida é falá fazê compra. Só escutava os outros falá fazê rancho, mas nós mesmo sempre falô fazê compra. (V4 F).

Fazê compra, mas o gaúcho fala rancho, pra nós rancho é uma casa de barro, por exemplo, já eles fala “vamo fazê um rancho”, que é fazê compra, né! (SC7 M).

É interessante observar, no entanto, que o uso regional do item lexical *rancho* com o sentido de “fazer compra”, atribuído originalmente à região sul brasileira, além de ser trazido pelos pioneiros sulistas ao norte de Mato Grosso, tem se propagado também para outros Estados brasileiros, como se pode conferir na acepção deste item evidenciada nos estudos da pesquisadora Antonieta Buriti de Souza que registram a linguagem do seringueiro acreano. Segundo esta autora, no falar do seringueiro do Vale do Rio Acre *rancho* significa: “**Armazenagem de cereais e outros alimentos para o mês**; alimento pronto que o seringueiro leva para a mata para a refeição do meio-dia; grande quantidade de carne de caça para a alimentação do seringueiro⁹⁷” (grifos meus).

De acordo com os resultados apreendidos, portanto, a alteração e a variação semânticas relativas ao item lexical *rancho*, que foram instauradas e disseminadas no norte mato-grossense já no início de sua colonização a partir da vinda dos migrantes essencialmente sulistas, refletem aquilo que Tarallo (2007, p.14) denomina de “atitudes linguísticas”, as quais realçam que a língua pode ser uma ‘arma’ usada, neste caso pelos pioneiros, para “demarcar seu espaço, sua identidade cultural, seu perfil de comunidade [...] fatores extremamente importantes na identificação de grupos, em sua configuração, como também uma possível maneira de demarcar diferenças sociais no seio de uma comunidade”.

4.10.24 O item lexical *mistura*: apontamentos sócio-semântico-lexicais

O item lexical *mistura*, segundo Houaiss (2004), teria proveniência do latim *mixtura*, derivado de *misto* e com a seguinte formação histórica: *mestura* (sXIII) e *mistura* (sXV).

A inscrição de *mistura* aparece nos quatro dicionários gerais selecionados para a averiguação semântico-lexical dos registros dos itens em análise, em Bluteau (1712),

⁹⁷SOUZA, Antonieta Buriti de. **Análise semântica da linguagem específica do seringueiro do Vale do Rio Acre**. Disponível em [http://www.filologia.org.br/revista/artigo/4\(10\)54-60.html](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/4(10)54-60.html). Acessado em 06 de dez. de 2012, às 15h e 47min.

em Pinto (1832), no Aurélio (1986) e Aulete Digital, bem como em Bossle (2003). Exponho, abaixo, os conceitos disponibilizados para este verbete:

Dicionário Entrada	Vocabulário Portuguez & Latino - D. R. Bluteau (1712)	Diccionario da Lingua Brasileira – Luiz M. da S. O. P. Pinto (1832)	Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986)	Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa – (Aulete Digital)	Dicionário Gaúcho Brasileiro – João A. Bossle (2003)	Dicionário do Nordeste – Fred Navarro (2004)
MISTURA	Miftura de coufas, que fazem huma maça, & hum lô corpo. (p. 515)	Ação de misturar. O resultado, da união de varias cousas. (p.722)	1-Ato ou efeito de misturar(se). 2- Conjunto, composto ou produto resultante de coisas misturadas. 4- Cruzamento de raças; miscigenação. (p.1143)	1- Ação ou resultado de misturar(-se). 2- Composto de coisas misturadas; AMÁLGAMA; MESCLA; MISTO. 5- Cruzamento de raças; MISCIGENAÇÃO. 8- SP Pop. Iguaria, ger. à base de carne, peixe, frango etc., que compõe uma refeição.	O que se come com café; acompanhamento do café. (p. 339)	_____

Quadro 32: Reflexões analíticas sobre o item lexical *mistura*.

Fonte: Pesquisa direta.

Conforme os significados que afluem do item lexical *mistura* nas entradas destes dicionários citados acima, verifica-se que apenas o Aulete Digital traz uma equivalência conceitual ao sentido expresso na questão 158 de meu questionário semântico-lexical ...na/no _____(cf. item 157) o conjunto de coisas misturadas geralmente à base de carne, peixe, frango etc.?

Dessa forma, ainda que se possa apreender nos quatro dicionários gerais supracitados significações que revelem proximidade a *conjunto de coisas misturadas*, tais como “Miftura de coufas” (1712), “O resultado, da união de varias cousas” (1832), “Conjunto, composto ou produto resultante de coisas misturadas” (1986), é somente em um contexto recente, evidenciado no Aulete Digital, que se acentua a noção semântica de “iguaria, geralmente à base de carne, peixe, frango etc., que compõe uma refeição”. Ressalta-se que este dicionário define este sentido como regional, dando destaque ao Estado de São Paulo.

Esta constatação de uso regional, mais especificamente no sudeste do Brasil, é revelada, também, no seguinte fragmento sobre curiosidades do feijão acessível no *site* da paulista *Cerealista Nardo LTDA*: “O prato ‘feijão com arroz’ (ou ‘arroz-e-feijão’) é um dos mais típicos dos lares brasileiros, acompanhado com alguma ‘**mistura**’ (nome

comum no estado de São Paulo para qualquer coisa que se coma com arroz-e-feijão, como, por exemplo, bife ou batata-frita)⁹⁸” (grifos meus).

No entanto, é importante enfatizar que localizei também o registro do item lexical *mistura*, com este mesmo significado, utilizado pela moradora da zona rural da cidade baiana de Glória, divisa com Pernambuco, Maria São Pedro, segundo o excerto de narrativa a seguir, publicado no Jornal *Bahia Notícias* em 27 de maio de 2012:

Meu marido vai pra rua [cidade] todo dia tentar arrumar trabalho, para não roubar o que é dos outros. O dinheirinho que ganho [proveniente do Bolsa Família] dá só para o sustento, pois agora tenho que comprar água para mim e para meus animais. Tenho comido todo dia, mas passo necessidade, não vou mentir. **Tem dias em que não tem a mistura** [carne ou similar que acompanha o tradicional arroz e feijão]⁹⁹. (grifos meus).

Saliento, então, que, como testificado nos dados acima, a inscrição de *mistura* com o sentido realçado em análise ocorre nos dicionários apenas após o último quarto do século XX, fato este que indicaria a não presença deste uso lexical no início da colonização norte mato-grossense, a qual ocorreu nos primeiros anos de 1970 do século XX, todavia, o relato de experiência pessoal, conforme o trecho que exporei abaixo, pode ser indício de utilização deste item desde as primeiras ações colonizatórias vivenciadas pelos migrantes:

Aí, quando que a gente plantô os pé de abobrinha, que deu umas abobrinha, a turma invadia, comeu, porque não tinha outra mistura, **mistura era só na Sinop que tinha**. Na Sinop pra ir lá demorava treis dia, no tempo da chuva, pra i e treis dia pra voltá. (C17 M)¹⁰⁰.

Da mesma maneira, é possível apreender este contexto de uso inicial em algumas justificativas trazidas juntamente à atribuição responsiva dada à pergunta 158 pelos sujeitos pioneiros entrevistados, como se pode observar nos seguintes fragmentos:

Aqui eles têm o costume de falá **mistura** e isso que eu estranhei também, falá que isso é mistura, pra comprá mistura. **Lá no sul não se fala isso não. Eu ouvi falá aqui**. (S13¹⁰¹ F).

⁹⁸CEREALISTA NARDO LTDA. **Curiosidades sobre o feijão**. Disponível em http://www.aene.com.br/cur_feijao.php. Acessado em 10 de dez. de 2012, às 13h e 19min.

⁹⁹BAHIA NOTÍCIAS. Notícias. **Municípios vítimas da seca lideram ranking de piores IDH e PIB per capita**. Domingo, 27 de maio de 2012, às 09h e 50min. Disponível em <http://www.bahianoticias.com.br/principal/noticia/116694-municipios-vitimas-da-seca-lideram-ranking-de-piores-idh-e-pib-per-capita.html>. Acessado em 10 de dez. de 2012, às 14h e 05min.

¹⁰⁰C17 M é pioneiro de Cláudia, natural de Videira, no Estado de Santa Catarina, e residente antes da migração em Chopinzinho no Estado do Paraná.

¹⁰¹Pioneira de Sinop, natural de Giruá, no Estado do Rio Grande do Sul, e residente antes da migração em Guarani das Missões, neste mesmo Estado. Ressalto que esta pioneira não soube arrogar resposta à

Mistura é daqui e nem todos falam isso, eu acho que é mais do nordeste, a gente fala assim eu vô fazê uma carne, uma verdura e **eles fala vô fazê uma mistura**, mas eu não me entrô ainda na minha cabeça isso. (S14¹⁰² F).

Mistura, sempre nós falô, falta a mistura, até hoje eu falo *o que será eu vô fazê de mistura hoje*, é costume que vem de casa, né, **é aquele costume dos pai**, né! (V4¹⁰³ F).

Falta a mistura, **mistura é o que vem, né, seja a salada, seja a carne. No Paraná também se falava mistura**, a maioria falava. (V2¹⁰⁴ F)

Às veiz falo gente, hoje não tem mistura, eu preciso i comprá. Mistura é a carne, salada, legumes, tudo. *Nossa, eu vô fazê almoço hoje, mas não tem nada de mistura*, aí pego e vô comprá batatinha, compro carne, uma mistura. (S11¹⁰⁵ F).

Segundo estes excertos, portanto, constata-se que a noção conceitual de *mistura* referindo-se a *coisas misturadas, geralmente à base de carne*, já era utilizada nos Estados de São Paulo e Paraná, estendendo-se, hipoteticamente, ao Estado da Bahia, por outro lado denota-se estranhamento deste sentido evidenciado nas justificativas dadas pelas migrantes dos Estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul.

Assim sendo, se levarmos em consideração os registros feitos nos três primeiros dicionários gerais, em Bluteau (1712), em Pinto (1832) e no Aurélio (1986), seria possível afirmar que haveria uma alteração semântica deste item lexical pesquisado em curso na região norte de Mato Grosso, contudo, se nos ativermos à entrada exposta no Aulete Digital e ao se verificar, conforme vimos, as justificativas e relatos expressos pelos sujeitos à utilização de *mistura*, com o significado manifestado na questão 158, atesta-se, então, uma continuidade semântica deste uso no espaço amazônico norte mato-grossense desde o início de sua colonização.

4.10.24.1 A distribuição do item lexical *mistura* pelos pontos de inquérito

Histograma 38: Mistura (vinte e nove ocorrências).

questão 158, mas trouxe a justificativa acima exposta quando perguntada se já havia ouvido falar do item lexical *mistura*.

¹⁰²Migrante de Sinop, nascida em Santa Catarina e morava antes de migrar em Indaial, cidade localizada também neste Estado. Igualmente não soube atribuir resposta ao conceito da questão em estudo, mas afirmou ter ouvido falar de *mistura*, de acordo com esta justificativa apresentada.

¹⁰³Pioneira de Vera, natural do Estado da Bahia e residente antes da migração em Vatuba, município de Maringá, no Estado do Paraná.

¹⁰⁴Migrante de Vera, nascida no Estado de São Paulo e advinda antes da migração da cidade de Mariluz, no Estado do Paraná. A resposta dada inicialmente por esta respondente foi *misturado*.

¹⁰⁵Pioneira de Sinop, nascida em Promissão, no Estado de São Paulo, e morava antes de migrar em Santo André, neste mesmo Estado.

De acordo com o Histograma 38, o item lexical *mistura* localiza-se em todos os quatro municípios em foco, e foi falado vinte e nove vezes pelos sujeitos. Quanto à distribuição deste item, salienta-se que ela ocorreu da seguinte forma: na cidade de Sinop, três sujeitos acima de 50 anos o utilizaram, dois homens e uma mulher, bem como dois rapazes e duas moças, de 18 a 40 anos; nos pontos de Vera e de Santa Carmem, apenas dois dos dezesseis respondentes não mencionaram este item lexical em análise, mais especificamente uma mulher de Vera e um homem de Santa Carmem, ambos com mais de 50 anos; e em Cláudia, todos os oito entrevistados atribuíram *mistura* como resposta à pergunta 158.

Desse modo, como já apontado em 4.10.3, há um número maior de respostas dadas pelos sujeitos masculinos, quinze, *versus* quatorze proferições responsivas femininas. Assim como há maior quantificação numérica que distingue as respostas de sujeitos jovens, de 18 a 40 anos, dezesseis, contra treze menções de entrevistados acima de 50 anos, fato este que pode ser indício de continuísmo de uso deste item lexical na comunidade linguística pesquisada, ainda que se exacerbe um alto número de não-respostas evidenciadas no corpo responsivo por nove respondentes, oito dos quais residentes na cidade de Sinop.

Além de *mistura*, manifestam-se, ainda, nos dados coletados e transcritos, outros itens sinonímicos evocados como respostas ao conceito da questão 158, que assim foram distribuídos: *cozido*, *ensopado*, *mexido*, *misturado* e *virado*, em Sinop. No município de Vera há *misturado*. E, em Cláudia, *misturão*.

Destaca-se, neste contexto, segundo Botelho, que:

A cozinha do Centro-Oeste, por sua vez, revela as influências dos fluxos populacionais que se encontraram nessa região, quase sempre originários de outras partes do país e que se mesclaram com os elementos regionais. [...] A diversidade das cozinhas regionais e no interior das macrorregiões é fruto da combinação, ao longo da história, de elementos geográficos, sociais e culturais. São expressões elaboradas da identidade dos brasileiros que vivem nas distintas partes do País. Mais além da culinária regional, expressão da diversidade, a cozinha brasileira é um fator de unidade nacional, por meio da identificação do binômio feijão com arroz como prato típico de subsistência cotidiana do brasileiro, ou seja, como elemento de identidade nacional [...] acompanhado pela farinha de mandioca, salada e carne (de gado, porco, ave ou peixe). (BOTELHO, 2008, p.62-64-65).

Por conseguinte, é a partir da mescla de fluxos populacionais de distintas regiões brasileiras que se constituiu e ainda se constitui a identidade da cozinha nos quatro pontos de inquérito em estudo. Assim, além do item lexical *mistura*, que, como acima supracitado, tem maior disseminação no sudeste do Brasil, mas encontrou espaço de difusão no norte de Mato Grosso e assimilação por parte de migrantes vindos de outras regiões do país, merece realce, também, o item *virado*, que igualmente se encontra no falar da comunidade pesquisada e tem raízes históricas ligadas à maior propagação em solos paulistas. Conforme Rural:

Com suas andanças, os tropeiros foram levando sabores, trocando produtos e fazendo a mistura que hoje praticamos em nossa cozinha. Muitos pratos, como o virado-de-feijão – ou **virado paulista** – nasceram nesse tempo. [...] Com a chegada da bandeira no local do plantio, o feijão era cozido junto com as carnes de animais caçados no caminho e o milho, transformado em quirera fina e misturado ao feijão. Fazia-se, assim, um prato forte que era apreciado pelos viajantes. Veio daí a frase e o conselho para quem ia viajar pelas matas do Brasil: “Para comer, vai se virando como os paulistas”. “Se virando” transformou-se, com o tempo, em “virado paulista”, atualmente preparado com farinha de milho, torresmo e lingüiça. (RURAL, 2008, p.72-73, grifos em negrito meus).

É, portanto, o fluxo migratório diverso que possibilitou e ainda possibilita o encontro de diferentes culturas e de diferenciadas propagações linguísticas sinonímicas ou com semelhantes relações conceituais, como as elencadas nos dados responsivos dos sujeitos entrevistados, as quais configuram o cenário sócio-semântico-lexical e cultural da língua local em construção.

4.10.25 O item lexical *carne-seca*: apontamentos sócio-semântico-lexicais

O item lexical composto *carne-seca*, segundo Vasco Picchi, PHD¹⁰⁶ em epidemiologia experimental, teria se originado a partir das técnicas para a secagem de carnes utilizadas por um português residente no nordeste, chamado José Pinto Martins, mais especificamente em 1790. Neste período:

Os moradores desta região aproveitavam o clima seco para secar a carne e também propiciava durabilidade, já que não havia aparelhos de refrigeração. Logo depois, houve uma migração desses produtores para o Rio Grande do Sul, onde a prefeitura da cidade de Pelotas financiou a estrutura para o processo de fabricação do charque. [...] (nome que vem do dialeto quíchua xarqui, língua dos índios que habitavam a região dos Andes), que é preparado de modo similar ao da carne-seca. O diferencial está na maior quantidade de sal e de exposição ao sol ao qual o charque é submetido, o que lhe garante uma maior durabilidade¹⁰⁷.

Ao encontro destas informações históricas, vem o relato diacrônico efetuado pela pesquisadora Schreiner:

Neste mesmo período (século XVIII), uma grande seca castigou o Nordeste do Brasil, especialmente o Estado do Ceará, que produzia um tipo de carne salgada e seca ao sol, chamada de carne-do-ceará. A grande seca, conhecida pelo nome de “seca dos três setes” (1777) praticamente extingue a produção de carne-seca nordestina. Mediante a este cenário, um fabricante de carne-do-ceará, de espírito empreendedor, desgostoso com a forte estiagem, decidiu atravessar o país mudando a história rio-grandense ao instalar a primeira charqueada às margens do Arroio Pelotas. Mas o debate sobre a veracidade histórica parece aproximar-se ao debate etimológico, incitando dúvidas sobre a consideração de José Pinto Martins como o primeiro charqueador. [...] O que não levanta nenhum questionamento, porém, é que José Pinto Martins introduziu, nas instalações às margens dos arroios, as técnicas usadas no Ceará, transformando-as em indústrias. (SCHREINER, 2012, p.21-22).

De acordo com a autora Mennucci (2009), historicamente a produção de carnes salgadas típicas brasileiras compreende a elaboração de produtos industrializados e, também, artesanais, podendo ser resumidas, conforme as técnicas empregadas, em *carne-de-sol*, *carne-seca* e *charque*. A diferença entre elas residiria, basicamente, na maneira de preparo, o que lhes conferiria características variadas. Contudo, todas têm em comum serem elaboradas, preferencialmente, de carne bovina:

¹⁰⁶Philosophiæ Doctor.

¹⁰⁷PAINEIRA. Notícias. **Paineira Alimentos é história da carne-seca no Brasil**. Disponível em http://www.paineira.net/mais_noticias.php?id=30#. Acessado em 12 de dez. de 2012, às 16h e 54min.

CHARQUE: é um produto industrializado. [...] Para sua obtenção utiliza-se carne fresca bovina desossada, cortada em tiras ou mantas de 3 a 5 cm de espessura, dispostas em camadas. Aplica-se, sobre as mantas, uma injeção de salmoura (salga úmida), com cerca de 25,0% de cloreto de sódio. [...] as mantas são lavadas e expostas ao sol para secagem por 40 a 42 horas, sendo cobertas por lonas impermeáveis para abafamento. Podem ser embaladas a vácuo ou não, estando prontas para comercialização. [...]

CARNE-SECA: obedece ao mesmo processo de elaboração do charque, porém recebe sal em menor quantidade. A secagem é feita com as carnes estendidas em varais expostos ao sol. O produto pode ser comercializado embalado ou a granel. [...]

CARNE-DE-SOL: [...] é aquela preparada conforme o sistema nordestino, aplicando salga rápida, com imediata exposição ao sol após o abate. Deste modo, diferentemente das carnes salgadas citadas, a fabricação da carne-de-sol é artesanal, ausente de padronização e de tecnologia sofisticada, propiciando elaboração quase que doméstica. Submete-se a carne bovina e, eventualmente, a caprina, apenas a um leve processo de salga seca e secagem. [...] Contrariamente ao nome que leva, raramente é exposta ao sol, sendo mantida em locais cobertos e bem ventilados. [...] É utilizada para acompanhar pratos regionais como o baião-de-dois, ou pode ser servida isoladamente, sob a forma de filé. (MENNUCCI, 2009, 26-27-28, grifos meus).

Segundo o gastrônomo Pedro Frade, a *carne-seca*, também conhecida como *jabá* (do tupi *yaba* ou *jabau*), está muito presente na culinária de todo o nordeste, destacando, contudo, que a cozinha mineira tem preferência pela *carne-de-sol*, também chamada de *carne-de-vento* ou *carne serenada*, enquanto o Rio Grande do Sul faz maior uso do *charque*. Mas, “todas estas carnes tomaram conta da mesa do brasileiro, e são preparadas de diversas maneiras, como, por exemplo, o arroz-de-carreteiro¹⁰⁸”.

O verbete *carne-seca* aparece em dois dos quatro dicionários gerais selecionados para a averiguação semântico-lexical dos registros dos itens lexicais em análise, no Aurélio (1986) e no Aulete Digital. Exponho, abaixo, os conceitos disponibilizados para este verbete, bem como para outros itens que são apontados pelos dicionaristas como sinônimos de *carne-seca*:

Dicionário	Vocabulário Portuguez & Latino - D. R. Bluteau (1712)	Diccionario da Lingua Brasileira – Luiz M. da S. O. P. Pinto (1832)	Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986)	Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa – (Aulete Digital)	Dicionário Gaúcho Brasileiro – João A. Bossle (2003)	Dicionário do Nordeste – Fred Navarro (2004)
Entrada						

¹⁰⁸ FRADE, Pedro. **As diferenças entre carne-de-sol, charque e carne-seca**. Disponível em <http://www.petitgastro.com.br/2012/05/as-diferencas-entre-carne-de-sol-charque-e-carne-seca/>. Acessado em 13 de dez. de 2012, às 13h e 26min.

CARNE-SECA	(CARNE fALGADA) Carne, que fe póde guardar muito tempo fem fe corromper. (p. 153)		Bras. V. charque. (CARNE-DE-SOL) Bras., N. e NE. Carne levemente salgada e seca ao sol. (CARNE- DE-VENTO) Bras., S. e C. V. Carne-de-sol. (CARNE-DO-CEARÁ) Bras., NE. V. charque. (CARNE- DO-SERTÃO) Bras., V. carne-de-sol. (CARNE-DO-SUL) Bras., CE. V. charque. (p.355) (JABÁ) (De provável origem tupi) Bras. V. charque. (p.977) (CHARQUE) (Do quíchua <i>ch'arqui</i> , através do espanhol platino <i>charque</i>) Bras. Carne de vaca, salgada e em mantas; carne-do- ceará, carne-de- ceará, ceará, carne- do-sul, carne-seca, carne-velha, jabá, iabá, sambamba, sumaca. (p.392)	1- Bras. O mesmo que charque. (CARNE-DE-SOL) 1- Bras. N N.E. Carne bovina fresca que se conserva em sal. (CARNE-DE-VENTO) Bras. V. carne de sol. (CARNE-DO-CEARÁ) Bras. V. charque. (CARNE-DO-SERTÃO) Bras. V. carne-de- sol. (CARNE-DO-SUL) Bras., Ceará. V. charque. (JABÁ) 1- Carne bovina salgada e prensada em manta; carne- seca; charque. (CHARQUE) 1- Carne de gado bovino salgada e aberta em mantas; carne-seca; jabá; carne-do- ceará.	(CHARQUE) Carne de gado bovino, aberta em mantas, salgada e seca. O mesmo que carne-de-sol, carne-do- ceará, carne- do-sertão, carne-velha, jabá, sambamba, sumaca, carne-seca , carne-do- sul, etc. (Do cast. Plat. charque.) (p.143, grifo meu).	(CARNE-DE- CEARÁ/CAR NE-DE- JABÁ/CARNE -DO- CEARÁ/CAR NE-DO- SUL/CARNE- VELHA) Carne de charque, ceará, carne-seca . (p.98, grifo meu). (CARNE-DE- SOL) Carne salgada, cortada em tiras ou mantas, e posta para secar em varais, ao sol; o mesmo que carne-do- sertão e carne-de- vento. (p.98.)
------------	---	--	---	---	---	--

Quadro 33: Reflexões analíticas sobre o item lexical *carne-seca*.

Fonte: Pesquisa direta.

De acordo com ambos os dicionários que trazem a entrada *carne-seca*, este item lexical seria sinônimo de outro, o item *charque*. Dessa forma, consultei também, nestes mesmos dicionários, a conceituação trazida a este item lexical/sinônimo e verifiquei ainda outros itens relacionados como idênticos ao sentido de *charque*. Assim, conforme estas inscrições e suas respectivas atribuições sinonímicas, é possível constatar que tanto o Aurélio quanto o Aulete não apresentam a distinção proposta por Mennucci (2009), exposta acima, com características diferenciadas para *charque*, *carne-seca* e *carne-de-sol*, visto que exibem o item lexical composto *carne-seca* com o mesmo significado de *charque*.

Há, portanto, nestes dicionários, apenas duas classificações, para as quais convergem outras possibilidades de emprego de itens, que são respectivamente: *carne-de-sol* (*carne-de-vento* e *carne-do-sertão*) e *charque* (*carne-do-ceará*, *carne-de-ceará*, *ceará*, *carne-do-sul*, *carne-seca*, *carne-velha*, *jabá*, *iabá*, *sambamba* e *sumaca*). Salienta-se que semelhante divisão é feita no Dicionário do Nordeste (2004), reduzindo-

se somente a quantidade de itens lexicais sinônimos. Já o Dicionário Gaúcho Brasileiro (2003) apresenta o verbete *charque* e não expõe nenhuma diferença conceitual entre o rol de itens registrados como sinônimos.

Por conseguinte, os significados que afluem do item lexical *carne-seca* e de seus sinônimos nestes dicionários citados acima manifestam semelhança ao sentido expresso na questão 164 de meu questionário semântico-lexical *...para a tira larga de carne bovina salgada, seca ao sol, e depois empacotada para a venda em estabelecimentos comerciais?*.

Desta maneira, ainda que se tenha em Bluteau (1712) menção à expressão *carne salgada*, cujo conceito revela afinidade à técnica de preparo da *carne-seca*, é somente a partir do século XX que se fixa e se dissemina em maior proporção este item lexical em estudo, bem como os itens que se mostram como substituíveis nos contextos de fala por terem a mesma significação. Assim sendo, trazido ao norte mato-grossense desde o início de sua colonização, *carne-seca* evidencia, desde então, continuísmo semântico, que se expressa pelo uso normativo nesta extensão geográfica amazônica em que se desenvolve esta pesquisa.

4.10.25.1 A distribuição do item lexical *carne-seca* pelos pontos de inquérito

Histograma 39: Carne-seca (trinta ocorrências).

Segundo o Histograma 39, o item lexical composto *carne-seca* localiza-se em todos os quatro municípios em foco, e foi falado trinta vezes pelos sujeitos. Quanto à distribuição deste item, salienta-se que ela ocorreu da seguinte forma: na cidade de Sinop, sete sujeitos acima de 50 anos o utilizaram, quatro homens e três mulheres, bem como três moças, de 18 a 40 anos; nos pontos de Cláudia e de Santa Carmem, apenas dois dos dezesseis respondentes não mencionaram este item lexical em análise, mais especificamente um homem com mais de 50 anos de Cláudia e um rapaz, de 18 a 40 anos, de Santa Carmem; e, em Vera, um homem e duas mulheres acima de 50 anos, assim como um rapaz e duas moças, de 18 a 40 anos, aludiram a este item.

Desse modo, como já enaltecido em 4.10.9, há um número maior de respostas dadas pelos sujeitos femininos, dezoito, *versus* doze proferições responsivas masculinas. Assim como há maior quantificação numérica que distingue as respostas de sujeitos com mais de 50 anos, dezessete, contra treze menções de entrevistados jovens, de 18 a 40 anos.

Além do item lexical *carne-seca*, manifestaram-se, ainda, nos dados coletados e transcritos, outros itens e expressões sinonímicas evocados como respostas ao conceito da questão 164, que assim foram distribuídos: *carne-de-sol*, *carne muqueada*, *charque* e *jabá*, em Sinop. No município de Vera há *carne-de-sal*, *carne-de-sol*, *charque*, *jabá* e *manta*. Em Cláudia, *carne defumada*, *carne-de-sol*, *charque* e *jabá*. E em Santa Carmem há, como concorrentes, *carne-de-sal*, *carne-de-sol*, *carne salgada*, *charque* e *jabá*. Dessa forma, afora *carne-seca*, há ainda os itens lexicais *carne-de-sol*, *charque* e *jabá*, com vinte e seis, vinte e nove e dezoito ocorrências, respectivamente, propagadas, também, em todos os pontos de inquérito. Fato este que exprime a concomitância de uso destes quatro itens na comunidade linguística pesquisada.

Destaca-se, contudo, que, distintamente da constatação de maior utilização do item lexical *carne-seca* por respondentes acima de 50 anos, os itens *carne-de-sol* e *charque* são expressos por um número maior de sujeitos jovens, de 18 a 40 anos, quinze vezes para estes *versus* onze atribuições responsivas daqueles para *carne-de-sol*, enquanto *charque* foi proferido quinze vezes por rapazes e moças contra quatorze vezes por sujeitos com mais de 50 anos.

Este indicador serve como parâmetro para se testificar que estes dois itens lexicais, em estado de concorrência com *carne-seca* e *jabá*, tem sido a opção léxica adotada, em maior proporção, pelos jovens, fato este que pode ser indício de maior

continuidade de uso dos itens *carne-de-sol* e *charque* na comunidade linguística em análise.

Ressalta-se, ainda, que nos relatos de experiência pessoal há confirmação de maior utilização dos itens lexicais *carne-seca* (SC7 F, S11 M, S12 M e S15 M) e *jabá* (V2 F, SC7 F, S12 M e S15 M) pelos migrantes, como se pode ver abaixo:

Pra gente comê tinha que... [...] era sardinha, arroz, feijão, macarrão, batatinha e **jabá**. **Charque**, esse charque que vem empacotado. (V2 F).

Tinha **carne-seca**, né, **jabá**, essas coisa tinha. (SC7 F).

E ainda, lá a gente conhecia um **charque**, você charqueava, aqui era uma **carne-seca**, era uma carne prensada. (S11 M).

A carne, só tinha aquele tal de **jabá**, não sei se você conhece o que é jabá ou **charque**, **carne-seca**, **carne-de-sol**. Só esse tipo de carne, não existia outra. (S12 M).

Aqui era aroiz, farinha, carne, era tudo empacotado, ensacada, **jabá**, que vinha de Campo Grande. Jabá é carne salgada, **carne-seca** em fardo. Tinha uns pacote assim quadrado (gesto), assim de 5 kg, de 10 kg. Então, oia, se faltasse aquela carne pra nós, nós tava perdido, porque nós tinha o pessoal lá na seraria, e nós tinha que comprá o jabá pra comê, arroz, farinha. Se não tivesse jabá ... feijão... é, jabá era a carne que tinha. É, aquela carne pra nós, tá loco, foi a salvação! (S15 M).

É interessante verificar, contudo, que em todos estes fragmentos de narrativa se evidencia o uso de pelo menos um sinônimo *para a tira larga de carne bovina salgada, seca ao sol*. O pioneiro de Sinop, S12 M, natural do Estado de Santa Catarina e residente antes da migração em Saleté neste mesmo Estado, inclusive, propalou como relação sinonímica os quatro itens lexicais que afluem concomitantes no falar da comunidade norte mato-grossense, *jabá*, *charque*, *carne-seca* e *carne-de-sol*.

Este amálgama linguístico que se constitui já no início da colonização deste espaço amazônico é, no entanto, apenas um prolongamento da cultura de conservação de alimentos adotada já no Brasil Colônia devido às necessidades de subsistência e de sobrevivência dos exploradores das matas e sertões, apresadores de índios, bandeirantes, mineradores, tropeiros e, finalmente, dos colonos que se deslocaram e ainda se deslocam em busca de ‘progresso’ em novas terras com o intuito de desenvolvimento da agricultura, da pecuária ou do comércio. Foi neste contexto, portanto, de acordo com Pinto e Silva, que surgiu:

Uma comida sem requinte, nem cerimônia, nem ritual, feita para se comer sozinho ou em grupos formados ao acaso. Um cardápio ordinário e comum, composto por farinha de milho, de mandioca, de peixe, um pedaço de carne-seca e a mistura toda molhada pelo caldo de feijão, das favas ou das verduras, constituindo um tripé culinário no

Brasil colonial. Há, pois, por trás desse sistema um modo particular de se fazer comida e de se comer, que fala, mais do que do alimento em si, sobre as maneiras originais de conservação nos trópicos, sobre os ajustes à subsistência e à sobrevivência, sobre a negociação entre valores como hierarquia, desigualdade e fome. (PINTO e SILVA, 2008, p.19).

A referência à expressão *carne muqueada* feita pelo migrante de Sinop, S12 M, remete, também, à cultura primitiva de conservação das carnes, visto que, segundo Damásio (2009), para se conservar as carnes provenientes das caçadas, os habitantes das terras brasileiras utilizavam o moquém, uma técnica que consistia em expor a carne por longo período ao fogo até que esta perdesse completamente seu suco, mas sem queimá-la. Esta autora relata, ainda, que os índios não conheciam o sal mineral e que para realçar o sabor das carnes empregavam o sal obtido das cinzas de determinadas plantas que eles tostavam.

À semelhança desta mescla de falares, que mostra a constituição linguística do português usado no norte de Mato Grosso, encontra-se o rol de itens lexicais manifestados pelos sujeitos entrevistados, nas regiões sul e sudeste, no corpo responsivo referente à seguinte pergunta efetuada pela pesquisadora Schreiner (2012) em seu *Estudo do Vocabulário do Charque: Que nome você dá para a carne bovina preparada com sal que serve para fazer arroz-carreteiro, escondidinho, feijoadada etc. Esta carne geralmente é vendida embalada à vácuo e não precisa de refrigeração?*. Dentre as respostas obtidas, conforme os resultados de pesquisa apresentados pela autora, destacam-se exatamente os quatro itens mais utilizados na região norte mato-grossense - *charque*, *carne-seca*, *carne-de-sol* e *jabá*, que foram assim disponibilizados nos Estados do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e de São Paulo:

Parte-se de Pelotas para início das análises, por ser considerada a cidade núcleo das charqueadas, onde foram tabulados os seguintes números: das 336 entrevistas, 87 foram realizadas nesse município, representando 26% do total. Destes 87 informantes, 82 responderam charque, o que representa um total de 94% das respostas. As respostas restantes dividem-se em carne-seca e churrasco. [...] Em Florianópolis, das 336 entrevistas, foram aplicados os questionários com 64 informantes, representando assim 19% do total. As respostas obtidas foram as seguintes: 33 pessoas, que equivalem a 52% dos informantes, responderam charque para a pergunta feita, sendo carne-seca a segunda lexia mencionada por 20 informantes, em um total de 31%. Respostas como carne-de-sol, jabá, carne salgada e carne de feijão também foram mencionadas. [...] Na cidade de São Paulo, em um total de 154 entrevistas, que representaram 46% do total de questionários aplicados, apenas 12 (8%) dos informantes responderam charque. Em contrapartida, a lexia carne-seca foi mencionada por 111

informantes, o que corresponde a 72% das entrevistas. Já carne-de-sol e jabá representaram 9% e 4%, respectivamente. (SCHREINER, 2012, p.459).

De acordo com esta amostragem pontuada por Schreiner, pode-se concluir maior afinidade do falar nas quatro cidades em estudo, Sinop, Vera, Cláudia e Santa Carmem, com o léxico disseminado no sudeste do Brasil. Sendo assim, o item lexical *carne-seca*, ao lado de *carne-de-sol*, *charque* e em menor proporção de *jabá*, reforça o âmbito de usos linguísticos existentes na tradição histórica e cultural da comunidade em foco, o que evidencia continuísmo destes sentidos ligados a estes itens, sem esquecer, conforme vimos, que há predileção dos jovens pelos itens lexicais *carne-de-sol* e *charque*.

4.10.26 O item lexical *banha*: apontamentos sócio-semântico-lexicais

O item lexical *banha*, segundo Houaiss (2004, p.396), teria “origem controversa”, no entanto, o uso da *banha*, fundamentalmente com o propósito de conservação de alimentos, é conhecido desde a Antiguidade, pois já “Os gauleses da Armórica alimentavam-se com carne-seca pulverizada, de fácil transporte. O mesmo hábito tinham alguns povos da Ásia Menor ao tempo dos imperadores Cômado (180-192 a. C) e Pertinax (193 a. C.), quando se conservavam carnes imersas na banha¹⁰⁹”.

No Brasil, de acordo com Rural, os porcos, principais produtores da *banha* utilizada para fins culinários, foram trazidos com a vinda dos colonizadores europeus já nos primeiros anos do “descobrimento”:

Os colonizadores trouxeram consigo suas criações, incluindo carneiros, cabritos, galinhas, gansos, cavalos e gado. Mas o animal que mais se adaptou, devido ao clima úmido e à falta de pastagens, foi **o porco**. Bastava soltá-lo numa pequena mata que ele se virava, revolvendo pântanos e comendo raízes. Desse modo, o porco se tornou, em pouco tempo, a fonte principal de gordura para a alimentação diária. Esse nutriente, aliás, os índios já o retiravam dos porcos-do-mato, antas e outros grandes animais. **A banha de porco**, além de tempero, tornou-se “geladeira” dos alimentos, pois era utilizada para conservar todo tipo de carne. Por isso, há a famosa “carne na banha”, prato encontrado em muitas pequenas cidades do interior. (RURAL, 2008, p.75, grifos meus).

¹⁰⁹GRUPO ESCOLAR. **História da conservação dos alimentos**. Disponível em <http://www.grupoescolar.com/pesquisa/historia-da-conservacao-dos-alimentos.html>. Acessado em 14 de dez. de 2012, às 18h e 27min.

O verbete *banha* aparece em todos os quatro dicionários gerais selecionados para a averiguação semântico-lexical dos registros dos itens lexicais em análise, em Bluteau (1712), em Pinto (1832), no Aurélio (1986) e no Aulete Digital. Exponho, abaixo, os conceitos disponibilizados para este verbete:

Dicionário Entrada	Vocabulário Portuguez & Latino - D. R. Bluteau (1712)	Diccionario da Lingua Brasileira – Luiz M. da S. O. P. Pinto (1832)	Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986)	Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa – (Aulete Digital)	Dicionário Gaúcho Brasileiro – João A. Bossle (2003)	Dicionário do Nordeste – Fred Navarro (2004)
BANHA	Gordura do porco, pegada aos rins. (p. 34)	Gordura do animal, nos rins, e barriga. (p.139)	1- Gordura animal, especialmente do porco. (p.229)	1-Gordura animal, esp. a do porco, us. para fins culinários, ou outros; ENXÚNDIA.	_____	_____

Quadro 34: Reflexões analíticas sobre o item lexical *banha*.
Fonte: Pesquisa direta.

Conforme os significados que afluem do item lexical *banha* nas entradas destes quatro dicionários citados acima, verifica-se que em todas as definições expostas há equivalência ao sentido expresso na questão 166 de meu questionário semântico-lexical *...a gordura do porco usada para fins culinários?*.

Nesse contexto, é possível afirmar que há continuísmo de sentido do item lexical *banha*, visto que o uso do conceito dicionarizado se mantém e se dissemina como norma no norte de Mato Grosso.

4.10.26.1 A distribuição do item lexical *banha* pelos pontos de inquérito

Histograma 40: Banha (quarenta ocorrências).

Segundo o Histograma 40, o item lexical *banha* é encontrado nas quatro cidades pesquisadas e foi falado quarenta vezes pelos sujeitos, o que evidencia, como já enaltecido em 4.10.11, que todos os sujeitos entrevistados apresentaram este item em seu corpo responsivo.

Além do item lexical *banha*, manifestaram-se, ainda, nos dados coletados e transcritos, outros dois itens sinonímicos evocados como respostas ao conceito da questão 166, que assim foram distribuídos: *gordura* e *graxa*, em Sinop. E nos municípios de Cláudia e de Santa Carmem há, como concorrente, *gordura*. Salienta-se que, das nove respostas atribuídas ao item lexical *gordura*, seis foram dadas por jovens, de 18 a 40 anos, *versus* três menções de respondentes com mais de 50 anos, fato este que pode ser indício de um novo uso lexical relacionado ao sentido da pergunta em estudo.

O amplo uso normativo do item *banha*, tanto pelos migrantes quanto por suas gerações descendentes, se justifica, principalmente, por causa de sua abundante utilização no início da colonização. Este uso, como já ressaltado acima, afora ter sido importante na alimentação diária, tinha a função de conservar as carnes, visto que, conforme enfatizado nas considerações analíticas tecidas ao item lexical *lampião* em 4.9.16.1, a primeira rede elétrica na região pesquisada foi instalada apenas no ano de 1979, oito anos após a vinda dos primeiros pioneiros.

Acentua-se, ainda, que muitos migrantes trouxeram, dentre o mobiliário e os utensílios de mudança, latas de *banha*, muitas guarnecidas já com carne, para serem consumidas na ‘nova terra’/espaço de ocupação. É o que se pode constatar nos seguintes excertos das narrativas pessoais:

[...] meu irmão já tinha chegado, né. **Ele troxe até lata de banha com carne**, ainda bem, porque nós tava meio brefado já. (C18 M)

Porque daí a gente chegô aqui, **o que a gente trouxe de banha**, o que trouxe do Paraná acabô, né. E aí aqui não tinha onde trabalhá, não tinha nada, você tinha que tê, né, pra mantê. Na roça não dava nada, tinha que fazê derrubada e não tinha nada. (C19 F).

Esta prática de conservação de carnes, muito comum no sul do Brasil, de acordo com Sochodolak e Maneira, “era feita através da fritura da carne suína em tachos, logo após esse procedimento a carne era depositada em latas e cobertas com a própria gordura do animal, depois que a banha coagulava, permitia que essa carne fosse conservada por meses” (SOCHODOLAK; MANEIRA, 2011, p.3).

Evidencia-se, também, que tal prática se fazia presente ainda em outras regiões brasileiras, essencialmente antes do advento da energia elétrica. Historicamente, como já destacado no item anterior:

Trata-se de uma iguaria de origem secular, que vem atravessando gerações. Era uma forma bastante utilizada nas antigas fazendas, num tempo em que não havia energia elétrica e nem geladeiras. [...] Em Minas Gerais, o costume foi herdado dos portugueses e até bem pouco tempo, por volta de 1960/70, era comum encontrarmos nas despensas das fazendas, latas enormes de banha com pedaços de carne de porco pré-cozida. [...] Começava-se a usar primeiramente a gordura solidificada e clara da parte de cima. Os pedaços de carne permaneciam no fundo, encobertos pela banha. Bastava tirá-los da lata, colocar na frigideira, derreter a gordura, esquentar e deliciar-se¹¹⁰.

Conforme os resultados apreendidos, portanto, *banha* exhibe não só continuísmo semântico, como também encontra grande viço dentre as escolhas lexicais utilizadas no norte de Mato Grosso. No entanto, não se pode esquecer que a língua é constituída pela heterogeneidade e pelo seu caráter variável e dinâmico, e é no domínio do repertório linguístico, mais especificamente no nível lexical, que pode, segundo Paim (2011), haver a construção, projeção, mudança ou manutenção da maneira como os falantes concebem o mundo, no qual vivem, bem como a sua interação com todas as esferas da sociedade, adequando-se aos mais variados contextos das situações comunicativas.

4.10.27 O item lexical *chimarrão*: apontamentos sócio-semântico-lexicais

E a cuia, seio moreno
Que passa de mão em mão,
Traduz no meu chimarrão,
Em sua simplicidade
A velha hospitalidade
Da gente do meu rincão.
(Glaucus Saraiva)

Segundo Noernberg, a origem do item lexical *chimarrão*

vem do espanholismo *cimarrón*, que significaria amargo, xucro, selvagem, bárbaro e também faria referência àquele que viveria em estado semi-selvagem. O termo seria utilizado tanto para o homem quanto para o animal. O gado que fugia ou os cães que se acoitavam em desertos sul-americanos também seriam chamados de *cimarrón* (LESSA, 1986; FAGUNDES, 1983). Ou seja, um adjetivo passa a ser

¹¹⁰ CRVERDECOM. **Carne na Lata – um costume antigo**. Postado em 18 de mai. de 2012. Disponível em <http://www.crverde.com/2012/05/18/carne-na-lata-um-costume-antigo/>. Acessado em 15 de dez. de 2012, às 14h e 29min.

um substantivo: o *mati cimarrón* (mate amargo) passa a ser chamado apenas de *cimarrón* (chimarrão). Temístocles Linhares (1969) argumenta que o espanhol teria preferido chamar a infusão de *mati*, vindo da língua quíchua, do que *caiguá*. Entre os guaranis, a bebida seria conhecida como *caiguá* (caá (erva), i (água) e guá (recipiente)) que significaria recipiente para a água da erva. (NOERNBERG, 2012, p.22).

Assim, de acordo com os registros históricos feitos por Souza (2002), o uso da erva-mate (*Ilex paraguariensis* St. Hill) como bebida tônica e estimulante, já era praticado pelos aborígenes da América do Sul, conforme folhas de erva-mate encontradas em túmulos incas no Peru. Desde os primórdios das colonizações espanhola e portuguesa, é referida a sua utilização pelos indígenas, antes mesmo da comercialização pelos jesuítas para a Europa, a partir de 1610. A Companhia de Jesus e os povos das Missões de Guaraní, situados na faixa de terras ao longo dos rios Paraguai, Paraná e Uruguai, foram estimulados pelo padre Burges, supervisor da Companhia de Jesus, para implementar o plantio da erva-mate.

Os bandeirantes paulistas introduziram o hábito do consumo da planta entre os portugueses, basicamente na forma de *chá-mate*, *tereré* e *chimarrão*. Pela Resolução Régia de 1722, o Ouvidor da Capitania de São Paulo foi autorizado a permitir o comércio da erva-mate entre os colonizadores do sul e os espanhóis das Províncias de Buenos Aires e de Sacramento. O processo histórico-geográfico da erva-mate fica, então, atrelado aos ciclos econômicos e ao sistema de transporte, denominado tropeirismo. Há, posteriormente, preponderância da erva-mate, durante o século XIX e início do século XX, contexto em que se destaca o próspero ciclo da erva-mate até começar a entrar em declínio antes ainda do segundo quarto deste último século.

Dentre as inscrições históricas sobre o uso da erva-mate como bebida tradicional no Rio Grande do Sul, acentua-se o fragmento de narrativa escrito pelo médico alemão Robert Avé-Lallemant após visita a este Estado no ano de 1858 em que relata a importância folclórica do *chimarrão*:

O símbolo da paz, da concórdia, do completo entendimento – o mate! Todos os presentes tomaram o mate. Não se creia, todavia, que cada um tivesse sua bomba e sua cuia própria; nada disso! Assim perderia o mate toda a sua mística significação. Acontece com a cuia de mate como à tabaqueira. Esta anda de nariz em nariz e aquela de boca em boca. Primeiro sorveu um velho capitão. Depois um jovem, um pardo decente – o nome do mulato não se deve escrever; depois eu, depois o “spahi”, depois um mestiço de índio e afinal um português, todos pela ordem. Não há nisso, nenhuma pretensão de precedência, nenhum

senhor e criado; é uma espécie de serviço divino, uma piedosa obra cristã, um comunismo moral, uma fraternidade verdadeiramente nobre, espiritualizada! Todos os homens se tornam irmãos, todos tomam o mate em comum! (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p. 191).

Ainda com relação à cultura do *chimarrão* no Rio Grande do Sul, ressalto o seguinte excerto da entrevista realizada por Carvalho e Azevedo (2007) com o presidente da Fundação Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (IGTF), Manoelito Savaris, para o qual

o chimarrão é atualmente o hábito típico mais difundido entre os gaúchos. Logo atrás do famoso chá de erva-mate estão o arroz-de-carreteiro e o churrasco. O interessante é que esses três hábitos fazem parte da rotina dos gaúchos independente de quais sejam sua faixa etária e classe social. Seu Manoelito é um defensor e propagador das tradições gaúchas. Ele explica que o mate tradicional deve ser feito em uma cuia de porongo, sorvido com uma bomba (espécie de canudo) de prata com bocal de ouro. A água deve ser fervida até o primeiro chio da chaleira, quando está numa temperatura entre 75 e 78 graus. A erva pode ser a chamada tradicional (mais comum entre os gaúchos), ou a argentina, mais forte e amarga. “Não tenho nada contra o pessoal que coloca açúcar no mate, ou que gosta de cuia de vidro, mas é preciso que fique claro que isso não faz parte da tradição gauchesca”, explica Manoelito. Para ele é importante que a cultura do mate, assim como ele é tomado no Estado, seja preservada, até porque esse hábito teve origem há quase 400 anos¹¹¹.

Salienta-se, também, conforme Souza (2002), que a abrangência da área de ocorrência natural da erva-mate é restrita a três países: Argentina, Brasil e Paraguai. No Brasil existem sessenta espécies localizadas em cinco Estados: Mato Grosso do Sul, Paraná, Santa Catarina, São Paulo e Rio Grande do Sul, sendo este último o maior produtor nacional de erva-mate, responsável, em média, por 44,41% da produção nacional; seguido pelos Estados de Santa Catarina, com 32, 05%, e do Paraná, com 22, 75%.

No tocante aos dicionários gerais selecionados para a averiguação semântico-lexical dos registros dos itens lexicais em análise, observa-se que o verbete *chimarrão* aparece em dois deles, no Aurélio (1986) e no Aulete Digital, bem como no regional

¹¹¹CARVALHO, Douglas; AZEVEDO, Paulo. **Da lavoura à cuia: a cultura da erva-mate no Rio Grande do Sul**. Reportagem realizada em set. de 2007. Disponível em <http://www.ufrgs.br/ensinodareportagem/economia/ervamate.html>. Acessado em 17 de dez. de 2012, às 14h e 07min.

Dicionário Gaúcho Brasileiro (2003). Exponho, abaixo, os conceitos disponibilizados para este verbete:

Dicionário	Vocabulário Portuguez & Latino - D. R. Bluteau (1712)	Diccionario da Lingua Brasileira – Luiz M. da S. O. P. Pinto (1832)	Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986)	Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa – (Aulete Digital)	Dicionário Gaúcho Brasileiro – João A. Bossle (2003)	Dicionário do Nordeste – Fred Navarro (2004)
Entrada						
CHIMARRÃO	_____	_____	3- Diz-se de, ou mate cevado sem açúcar, ou qualquer outra bebida sem açúcar – café, chá, etc. – V. mate –. (p.396) (MATE) (Do quíchua mati, pelo espanhol platino mate) 1- Erva-mate. 2- As folhas dessa árvore, secas e pisadas. 3- A bebida feita com a infusão dessas folhas assim preparadas; chá- mate. (p.1102) (MATE-CHIMARRÃO) Bras. O que se toma sem açúcar. (p.1102)	1- Mate preparado por infusão em uma cuia, bem amargo e sem açúcar, e dela bebido por um canudo especial, a bombilha. 2- RS P.ext. Qualquer bebida servida quente e sem açúcar.	1- Mat. Mate cevado sem açúcar, em seu sabor natural. É preparado em cuia de porongo e sorvido através de um tubo metálico, chamado bomba. O chimarrão, símbolo de hospitalidade, é a bebida indispensável do gaúcho, em qualquer ocasião. O mesmo que chima, mate, mate amargo, mate- chimarrão, amargo, verde, etc. (p. 147)	_____

Quadro 35: Reflexões analíticas sobre o item lexical *chimarrão*.
Fonte: Pesquisa direta.

De acordo com os significados que afluem do item lexical *chimarrão* nas entradas destes dicionários citados acima, verifica-se que nas definições expostas no Aulete e em Bossle (2003) há maior equivalência ao sentido expresso na questão 176 de meu questionário semântico-lexical ...*a bebida quente preparada com erva em uma cuia, bem amarga, sem açúcar, e tomada por um canudo especial chamado bomba?*, todavia no Aurélio (1986) já se enfatiza o *mate-chimarrão* tomado “sem açúcar”.

Nesse contexto, ainda que os dicionários gerais dos séculos XVIII e XIX não apresentem este item lexical em análise dentre os seus verbetes, no entanto, conforme os

fatos históricos retratados acima, é possível afirmar que há continuísmo semântico do item *chimarrão* no norte mato-grossense, pois o hábito de ingerir erva-mate já é disseminado no Brasil desde antes da colonização europeia pelos aborígenes, especialmente pelos guaranis, sendo, mais tarde, difundido pelos imigrantes que preferiram tomar a infusão amarga em ‘cuias’ e geralmente em “rodas de pessoas” conhecidas ou não.

Contudo, pela influência do uso espanhol propaga-se, ao lado da escolha lexical *chimarrão*, o item lexical sinonímico *mate*, também muito difuso no sul do país, como revelam os dados diacrônicos apontados acima. Dessa forma, este hábito cultural é trazido ao norte de Mato Grosso desde a chegada de seus primeiros migrantes, os quais, nesta região, mostram preferência pelo item dicionarizado *chimarrão*, que se exhibe como norma neste espaço geográfico.

4.10.27.1 A distribuição do item lexical *chimarrão* pelos pontos de inquérito

Histograma 41: Chimarrão (trinta e oito ocorrências).

Segundo o Histograma 41, o item lexical *chimarrão* é encontrado nos quatro pontos de inquérito pesquisados e foi falado trinta e oito vezes pelos respondentes. Destaca-se, assim, que, conforme já acentuado em 4.10.21, apenas dois sujeitos não aludiram a este item como resposta à pergunta 176, mais especificamente dois sujeitos com mais de 50 anos, um homem de Vera e uma mulher da cidade de Santa Carmem,

fato este que remete à continuidade de uso deste item lexical na região em estudo, pois todos os vinte jovens entrevistados trouxeram-no ao seu corpo responsivo.

Além de *chimarrão*, manifestaram-se, ainda, nos dados coletados e transcritos, mais um item e uma expressão sinonímica evocados como respostas ao conceito da questão citada, que assim foram distribuídos: *mate*, em Sinop. *Chá amargo* em Vera. E nos municípios de Cláudia e de Santa Carmem há, como concorrente, *mate*.

A ampla utilização normativa do item lexical *chimarrão*, tanto pelos migrantes quanto por suas gerações descendentes, se justifica, fundamentalmente, porque o tradicional uso da erva-mate como *bebida quente preparada com erva em uma cuia*, cultura trazida pela maioria dos pioneiros vindos do sul do Brasil ao norte mato-grossense, se mantém como hábito em muitas destas primeiras famílias e mesmo em outras que se deslocaram posteriormente para as cidades em análise. Esta constatação igualmente é feita pelo pesquisador Luiz Erardi Santos, que, ao descrever em sua obra *Raízes da História de Sinop* sobre a vida social de seus habitantes, assim se refere: “Várias famílias mantiveram o costume das **rodas de chimarrão** ao entardecer” (SANTOS, 2011, p.185, grifos meus).

Cabe exacerbar, também, que fui recepcionada em muitas residências nas quais fui realizar a entrevista com o folclórico *chimarrão*, em algumas delas, como a da gaúcha S13 F e a do catarinense S12 M, inclusive, as perguntas foram feitas em meio a um *mate* e outro. Esta informalidade permitiu, por exemplo, que o ex-morador de Saleté no Estado de Santa Catarina, S12 M, relatasse sobre a intranquila relação com o filho mais novo, a qual, curiosamente, é construída em essência na apreensão dialógica efetuada nas rodas de *chimarrão* familiar, visto que, de acordo com este pioneiro: “Eu enxergo nele, nas conversa no **chimarrão**, uma coisa assim, e a gente enxerga”.

Assim, é neste contexto, em que se toma o *chimarrão* coletivamente, que há, segundo Noernberg, um espaço de “‘liberdade’ sancionada da roda como ambiente onde o compartilhar da cuia é adaptado e modificado conforme as ‘regras da sociabilidade’. É na roda onde os tomadores escolhem e criam suas formas de comunicação e de troca que ligam uns aos outros” (NOERNBERG, 2012, p.120).

De acordo com os resultados apreendidos, portanto, o item lexical *chimarrão* encontra grande propagação dentre as escolhas lexicais utilizadas no norte de Mato Grosso. Esta disseminação revela suas raízes, como vimos, na cultura gaúcha que, segundo Barcelos (2009), tende a um processo de unificação difundido, principalmente,

por Movimentos Tradicionalistas Gaúchos espalhados por todo o país, os quais procuram imprimir e consolidar uma identidade sociocultural pautada em um tempo histórico pretérito.

4.11 Vestuário e Acessórios

A décima primeira área semântica desta pesquisa sócio-semântico-lexical abrange três conceitos/perguntas que abordam sobre tipos de calçados utilizados na região em estudo, bem como sobre uma vestimenta que remete à tradição gaúcha.

Os temas assinalados nas perguntas enunciativas, enumeradas de 177 a 179, foram, consecutivamente: sapatão/botina/bota, chinelo/chinelo de dedo/sandália bambulê/alpargata/paragata e pilcha. Vale ressaltar, ainda, que o uso da *pilcha* nos quatro pontos de inquérito é difundido, fundamentalmente, pelos Centros de Tradição Gaúcha – CTGs que aqui se encontram instalados.

Os dados reunidos na área Vestuário e Acessórios e os subsequentes procedimentos analíticos por mim realizados encontram-se disponibilizados nos subitens a seguir.

4.11.1 Sapatão/Botina/Bota

177) ...o calçado de cano curto, um pouco mais alto que o sapato, geralmente de couro, fechado por cadarços ou elástico, usado geralmente por homens para o trabalho na roça?

Tabela lexical 177

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Perla Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Idade / Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
bota	1	4	4	4		2	2	2	1	2	2	2	1	1	2	2	5	8	2	4	3	4	3	3	32
botina	3	1	2		1			2			1			1			5	1	1	2	1			1	11
botinão									1		1										2				02
botinone	1																1								01
butina	2	1	2	3		2	1		1	2	1	2	2	1	2	2	4	4	1	2	2	4	4	3	24
butinão											1										1				01
cutu rno			1														1								01
cutu rno						2			2	1	1			1	1				2	1	3	1	1		08
galocha sapateio	1			1													1	1							02
	3	1			2	1			1				1	1	2		3	1	2	1	1		3	1	12
scorpion		1																1							01
TOTAL	11	8	9	8	3	5	5	4	4	6	7	5	4	4	7	5	20	16	8	9	11	11	11	9	93

Fonte Direta

TEMA: sapatão/botina/bota

CARTOGRAMA 177

PERGUNTA: ... o calçado de cano curto, um pouco mais alto que o sapato, geralmente de couro, fechado por cadarços ou elástico, mais usado por homens para o trabalho na roça?

O primeiro Cartograma, 177, da área semântica Vestuário e Acessórios, assim como a sua respectiva Tabela, 177, mostram que a maior ocorrência de atribuições responsivas para a pergunta 177 *...o calçado de cano curto, um pouco mais alto que o sapato, geralmente de couro, fechado por cadarços ou elástico, usado geralmente por homens para o trabalho na roça?* é do item lexical *bota*, falado por trinta e dois sujeitos em todos os quatro pontos de inquérito. Como frequência, constata-se que este item/norma aparece em um número maior de respostas femininas, dezenove, *versus* treze masculinas. Destas respostas, há também um número bem maior de citações de jovens, de 18 a 40 anos, vinte, o que significa que todos os rapazes e moças entrevistados o trouxeram em seu corpo responsivo, contra doze proferições de sujeitos com mais de 50 anos. Destaca-se, também, que *bota* coincide com um dos itens lexicais/tema de propositura desta pergunta.

Quanto ao item/tema *botina*, evidencia-se em onze respostas, distribuídas entre sete mobilizações masculinas e quatro femininas, das quais seis foram expressas por respondentes com mais de 50 anos e cinco por jovens, de 18 a 40 anos, sendo estas ocorrências localizadas da mesma forma em todas as cidades pesquisadas. Localizam-se, ainda, nos dados elencados acima, duas variantes morfológicas de *botina*, que são: o aumentativo *botinão*, falado apenas por dois sujeitos de Cláudia, um homem com mais

de 50 anos e um rapaz, de 18 a 40 anos; e o aumentativo *botinona*, dito tão somente por um entrevistado masculino, acima de 50 anos, de Sinop.

Ressalta-se, também, nos dados, a variante fonética que apresenta variável da vogal média-alta /o/ pela alta /u/ em posição pretônica, *butina*, que se manifestou com vinte e quatro respostas observáveis em todos os quatro municípios em análise, tendo sido onze menções feitas por sujeitos masculinos e treze por femininos, mesma quantificação numérica esta que distingue as respostas dadas pelos respondentes com mais de 50 anos, onze, *versus* treze efetuadas pelos jovens, de 18 a 40 anos; esta variante assinala igualmente um registro distinto morfológico, o aumentativo *butinão*, trazido como resposta unicamente por um rapaz, de 18 a 40 anos, de Cláudia.

Finalmente, o item lexical/tema *sapatão* foi mencionado por doze entrevistados também em todos os quatro pontos em estudo. Salienta-se que a divisão de frequência deste item se fez de maneira desproporcional, visto que há nove respostas pronunciadas por homens contra somente três por mulheres, desproporção esta que se realça ainda mais entre as respostas dadas pelos respondentes acima de 50 anos, doze, contra apenas duas entradas responsivas de jovens, de 18 a 40 anos.

4.11.2 Chinelo/Chinelo de dedo/Sandália bambulê/Alpargata/Paragata

178) ...o calçado geralmente de borracha, para uso doméstico, macio, sem salto, cuja sola se ajusta ao pé por meio de tiras de borracha, couro ou algum tecido? (Aulete On-line).

Tabela lexical 178

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Sibotol				Total				
Palavras	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Números
Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Números
alpargata									1												1				01
alpargata chinelo	1		1		1	1			1		2	1			2		1	1			1	1	2	1	08
chinelo chinelo		1	1							1	1				1	1			1	1					04
chinelo				1		1						1				1		1						1	08
chinelo de dedo	3	3	3	4	2		2	2		2	2	2	2	1	2	1	6	7	4	2	2	4	4	2	31
chinelo de dedo	1			1		1			2						1	1	1		1	2				1	06
chinelo de tira	1														1										01
chinelo havaiana				1		1									1		1		1					1	08
havaiana	1	1	2			2									2	3	1		2					2	08
paragata					1				2										1	2					08
paragata												1												1	01
paragata												1												1	01
restalinho		1		1		1						1					2		1					1	04
sandália	1	2	3	2	1			1	1				1			4	4	1	1	1			1		12
sandália													1											1	01
sandália													1											1	01
franciscana																									
TOTAL	8	8	10	10	3	3	3	3	9	4	3	3	9	8	2	9	12	12	6	11	8	7	7	13	33

Fonte Direta

TEMA: chinelo/chinelo de dedo/sandália bambulê/alpargata/paragata

CARTOGRAMA 178

PERGUNTA: ... o calçado geralmente de borracha, para uso doméstico, macio, sem salto, cuja

sola se ajusta ao pé por meio de tiras de borracha, couro ou algum tecido?(Aulete On-line)

Na Tabela 178, como também se pode verificar no Cartograma 178, o item lexical *chinelo* se apresenta com maior ocorrência, com trinta e uma respostas expressas pelos sujeitos em todos os quatro pontos de inquérito. Este item/norma coincide com um dos temas de propositura da questão 178 ...o calçado geralmente de borracha, para uso doméstico, macio, sem salto, cuja sola se ajusta ao pé por meio de tiras de borracha, couro ou algum tecido?. Como frequência, observa-se que *chinelo* aparece dividido entre as respostas dadas por dezesseis homens e por quinze mulheres; quanto às proferições efetuadas por sujeitos com mais de 50 anos e por jovens, de 18 a 40 anos, constata-se que aqueles o utilizaram treze vezes enquanto estes o mencionaram dezoito vezes.

Chinelo expõe, ainda, nos dados elencados acima, duas variantes morfológicas: o feminino *chinela*, propalado por uma mulher, acima de 50 anos, e por um rapaz, de 18 a 40 anos, ambos de Sinop, assim como por um casal de jovens, de 18 a 40 anos, de Cláudia; e o diminutivo *chinelinho*, dito por uma moça, de 18 a 40 anos, de Sinop, e por duas mulheres com mais de 50 anos, uma de Vera e uma de Santa Carmem.

A expressão/tema *chinelo de dedo* também se evidencia em todas as quatro cidades pesquisadas e foi trazida ao corpo responsivo de seis entrevistados, mais especificamente por um homem, acima de 50 anos, e por uma jovem, de 18 a 40 anos,

de Sinop, bem como por três sujeitos com mais de 50 anos, uma mulher de Vera e dois homens de Cláudia, e, ainda, por uma moça, de 18 a 40 anos, de Santa Carmem. Destacam-se, nos dados, mais duas expressões que agregam outros itens lexicais de particularização ao substantivo *chinelo*, que são: *chinelo de tira*, manifestada unicamente por um sujeito masculino, acima de 50 anos, de Sinop; e *chinelo havaiana*, pronunciada por duas jovens, de 18 a 40 anos, uma de Sinop e uma de Santa Carmem, e por uma entrevistada, acima de 50 anos, de Vera.

O item lexical/tema *alpargata* encontra-se distribuído, da mesma forma, em todos os quatro municípios em estudo e foi citado oito vezes pelos sujeitos, sendo cinco menções masculinas e três femininas, das quais seis foram dadas por respondentes com mais de 50 anos e apenas duas por jovens, de 18 a 40 anos. Este item deixa afluir uma variante fonética, a que exhibe epêntese, *alparagata*, proferida tão somente por uma mulher, acima de 50 anos, de Cláudia.

Já o item lexical/tema, a variante que se mostra sem o prefixo *al*, *paragata*, foi referido por três sujeitos, todos acima de 50 anos, uma mulher de Vera e dois homens de Cláudia. Há, também, nos dados expostos, outras duas variantes fonéticas de *paragata*: a que realça síncope, *pargata*, falada apenas por uma mulher, acima de 50 anos, de Santa Carmem; e a que ressalta os fenômenos de epêntese e de dessonorização, *pracata*, dita igualmente por uma mulher com mais de 50 anos de Santa Carmem.

Quanto à expressão/tema *sandália bambulê*, não foi aludida por nenhum dos sujeitos entrevistados, por outro lado, o substantivo primitivo *sandália* se evidencia como segunda maior ocorrência, com doze citações, sete de homens e cinco de mulheres, localizáveis nas quatro cidades em que se estende a pesquisa. Convergem deste substantivo a variante diminutiva *sandalinha* e a expressão também diminutiva *sandalinha franciscana*, ambas assinaladas somente por uma mulher, acima de 50 anos, de Santa Carmem.

Salienta-se, contudo, que, conforme excerto do relato de experiência pessoal do pioneiro S11 M, nascido em Paim Filho no Estado do Rio Grande do Sul, no início da colonização norte mato-grossense o *calçado para uso doméstico* enfatizado no conceito da pergunta 178 denominava-se, nesta região, de *sandália bambulê*, distintamente da atribuição lexical utilizada para este calçado no sul do Brasil, lá, ainda de acordo com este pioneiro, havia preferência pelos qualificativos *paragata* e *alpargata*, como se pode ver a seguir:

Na minha região, nós lá usava [...] chinelo, chinelo do quê? Chinelo de couro. O chinelo que a gente usava era chinelo de couro, feito por quem? Pelo sapateiro. Agora, chegou pra cá, qual que era o chinelo daqui? **Era a tal da sandália bambulê que chamava, bambulê.** Você não usa chinelo havaianas hoje? Pois é, o nome vulgar não é chinelo de dedo? **Antes, quando eu cheguei aqui, era bambulê.** O que era bambulê? Não sei! Eu não conhecia bambulê; eu vim conhecê bambulê aqui. Por isso que eu digo, lá eu usava, **lá eu usava alpargatas.** Sim, é. **O gaúcho, como é que ele falava? Paragata, né.** Os cara dizia *pega minha paragata aí, que era alpargatas, né*, que era aquela de corda tipo sisal, que era o solado dele, daí era um pano, você até amarrava ele. Então existia aquilo lá, né, aí viemos pra cá e aqui era bambulê.

Acentua-se, também, que, nos primeiros anos da colonização, na época da chuarada, que acontece na região fundamentalmente de outubro a março, as ruas das cidades em análise se transformavam em lamaçais e em gigantescos atoleiros. Dessa forma, o calçado que mais se adequava a este contexto rudimentar era o *chinelo*, como é possível verificar no seguinte fragmento de narrativa da migrante de Sinop, S13 F:

Pra saí quando chovia era só de havaiana, porque atolava, atolava, e dava aquelas chuva, chuva e atolava. **Então a gente tinha que andá de chinelo** havaiana. E até havainas perdia. Afundava na lama, é. Esse colégio Enio Pipino aqui, ali não chegava, tudo alagado, tudo, tudo, tudo alagado.

4.11.3 Pilcha

179) ...a vestimenta gaúcha tradicional, utilizada por homens e mulheres de todas as idades, como a bombacha ou o vestido de prenda?

Tabela lexical 179

Localidade	Sinop				Vera				Céu dia				Santa Carmem				Suiborá				Total				
Faixa Etária	Acima de 50 anos		13/40 anos		Acima de 50 anos		13/40 anos		Acima de 50 anos		13/40 anos		Acima de 50 anos		13/40 anos		Sinop		Vera		Céu dia		Santa Carmem		Municípios
Idade / Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
traje												1										1			01
gale	1																1								01
pilcha	1	1	1	1			1	1									2	2	1	1					06
roupa de gaúcho						1			1	1									1	1	1				03
traje			2	2			2	2				1			1	1	2	2	2	2		1	1	1	11
traje a rigor													1										1		01
traje gaúcho	1														1		1						1		02
não soube responder	1	3	1	2	2	1			1	1	2		1	2	1	1	2	3	2	1	3	1	2	3	19
TOTAL	4	4	4	3	2	2	3	3	2	2	2	2	2	2	3	2	8	9	3	3	4	4	3	4	44

Fonte Direta

TEMA: pilcha

CARTOGRAMA 179

PERGUNTA: ... a vestimenta gaúcha tradicional, utilizada por homens e mulheres de todas as idades, como a bombacha ou o vestido de prenda?

De acordo com a última Tabela, 179, da área semântica Vestuário e Acessórios, transposta para o Cartograma 179, a maior ocorrência que se registra para a pergunta 179 ...a vestimenta gaúcha tradicional, utilizada por homens e mulheres de todas as idades, como a bombacha ou o vestido de prenda? é de não-respostas, ou seja, dezenove sujeitos dos quatro pontos de inquérito não souberam atribuir nenhuma resposta para esta pergunta. Destas não-respostas, dez foram evidenciadas por mulheres *versus* nove por sujeitos do gênero masculino, bem como doze são de responsabilidade de entrevistados com mais de 50 anos, contra somente sete de jovens, de 18 a 40 anos.

Quanto ao item lexical/tema *pilcha*, tema que engendrou a questão supracitada, aparece em apenas seis respostas localizáveis só nas cidades de Sinop e de Vera. Com relação à distribuição destas respostas, curiosamente há um número maior de proferições feitas por jovens, quatro, sendo estes, respectivamente, S13/2 M e S11/2 F, de Sinop, e V2/2 F e V4/2 M, de Vera, *versus* duas menções dos sujeitos pioneiros S13 F e S10 M, ambos advindos do Rio Grande do Sul.

Ressalta-se neste contexto, que os dois jovens de Sinop são descendentes de migrantes naturais deste mesmo Estado, neto o primeiro e filha a segunda; por outro lado, a moça de Vera, filha de pais paranaenses, assim justifica a utilização deste item “É que meu marido é catarinense e a gente já ouviu falar pilcha nos CTGs”, tendo sido

semelhante a argumentação usada pelo rapaz de Vera, descendente de baianos, para legitimar esta escolha lexical: “tem uns amigo meu aí que **eles era lá do CTG**, eles dançava lá, **daí eles ia pilchado**”.

Dessa forma, ainda que o número de não-respostas à *vestimenta gaúcha tradicional* seja elevado, o que revela indícios de não contato com a cultura gaúcha ou mesmo de esquecimento ou, ainda, de substituições lexicais, no entanto, é relevante atentar-se à maior quantificação de respostas dadas pelos jovens, de 18 a 40 anos, os quais trouxeram *pilcha* ao seu corpo responsivo, como resultado do empenho realizado na região pelos Centros de Tradição Gaúcha – CTGs, que insistem em disseminar os elementos típicos que integram usos e costumes da população rio-grandense, dentre eles, segundo Barcelos (2009, p.28),

A **pilcha**, indumentária típica masculina, que também é elemento específico dos gaúchos. [...] ela corresponde quase exatamente à roupa usada pelos peões de estância nas lidas campeiras e, **atualmente, tem sido usada para qualquer atividade** também nos núcleos urbanos. (grifos meus).

Este fato, portanto, pode sustentar, ainda que em menor proporção, a utilização do item lexical *pilcha* no norte de Mato Grosso, ao menos entre as pessoas residentes neste espaço que interagem e procuram manter ou difundir a cultura e os elementos típicos vigentes no Estado do Rio Grande do Sul.

4.11.4 Histograma 42: itens mais frequentes da área semântica Vestuário e Acessórios

De acordo com o Histograma quarenta e dois, é possível verificar a disposição dos itens lexicais de maior ocorrência atribuídos como respostas pelos sujeitos na reduzida área semântica Vestuário e Acessórios deste estudo sócio-semântico-lexical.

Apresento, abaixo, a sequência enumerativa das perguntas e de seus respectivos itens/norma, ou, quando for o caso, da identificação de maior quantificação de não atribuições responsivas, que formam o corpo enunciativo desta área:

- 177) Bota= ...o calçado de cano curto, um pouco mais alto que o sapato, geralmente de couro, fechado por cadarços ou elástico, usado geralmente por homens para o trabalho na roça?
- 178) Chinelo= ...o calçado geralmente de borracha, para uso doméstico, macio, sem salto, cuja sola se ajusta ao pé por meio de tiras de borracha, couro ou algum tecido? (Aulete On-line).
- 179) Não soube responder = ...a vestimenta gaúcha tradicional, utilizada por homens e mulheres de todas as idades, como a bombacha ou o vestido de prenda?

Para a realização da escolha do item lexical desta área semântica utilizei o seguinte critério metodológico: a seleção do item de maior uso, a norma linguística, falado nos quatro pontos de inquérito da pesquisa. Assim, para a área semântica Vestuário e Acessórios, o item lexical selecionado para análise é *bota*, pois se evidencia com trinta e duas ocorrências dadas como resposta à pergunta 177 de meu questionário semântico-lexical.

Este item lexical escolhido, portanto, será analisado e (re)significado, levando-se em consideração o contexto de utilização norte mato-grossense, no próximo subitem.

4.11.5 O item lexical *bota*: apontamentos sócio-semântico-lexicais

O item lexical *bota*, segundo Houaiss (2004), teria procedência etimológica do francês *botte* surgida no final do século XII. No entanto, vale atentar-se ao item latino *gallica solea* (calçado gálico), que já teria sido usado pelos romanos para descrever as *botas* rústicas de solado de madeira usadas pelos guerreiros da Gália (a atual França)¹¹².

Acentua-se, também, conforme Gonçalves, que:

Durante o Império Romano, os calçados denunciavam a classe ou grupo social do indivíduo. Os senadores utilizavam sapatos em cor

¹¹²GRUPO AUTÊNTICA. **Cinquenta sapatos que mudaram o mundo**. Design Museum. Disponível em <http://grupoautentica.com.br/download/capitulo/20100913110709.pdf>. Acessado em 21 de dez. de 2012, às 10h e 48min.

marrom, em modelos que amarravam na panturrilha por quatro tiras de dois nós. Para os cônsules romanos a cor indicada era o branco. **Os calçados das legiões eram as botas de cano curto.** Mulheres calçavam sapatos brancos, vermelhos, verdes ou amarelos. Na Idade Média, a maioria dos sapatos tinha a forma das atuais sapatilhas. Eram feitas de couro. **Nobres e cavaleiros usavam botas de melhor qualidade.** (grifos meus)¹¹³.

A popularização do uso da *bota*, de acordo com Gomes, apenas acontece no fim do século XIX, quando este calçado, finalmente, “ficou ao alcance de todos e tornou-se símbolo crescente de igualdade não apenas entre os sexos, mas também entre as classes sociais”¹¹⁴.

No Brasil, contudo, já há relatos de sua maior utilização no século XVII, pois as *botas* faziam parte da vestimenta dos bandeirantes que se introduziam nas matas e sertões, movidos pelo desejo de encontrar jazidas de metais preciosos e outras riquezas e, ainda, aprisionar índios, a fim de vendê-los como escravos aos colonizadores. Esta vestimenta consistia em:

[...] camisa e calça de algodão, chapéu de abas largas; **alguns usavam botas de cano alto** e outros, a exemplo dos índios, iam descalços, apenas envolvendo as pernas em perneiras de couro. Protegiam o peito de possíveis flechadas com uma espécie de gibão de couro, acolchoado com algodão¹¹⁵. (grifos meus).

No tocante aos dicionários gerais selecionados para a averiguação semântico-lexical dos registros dos itens lexicais em análise, observa-se que o verbete *bota* aparece em todos os quatro, em Bluteau (1712), em Pinto (1832), no Aurélio (1986) e no Aulete Digital, bem como no regional Dicionário Gaúcho Brasileiro (2003). Exponho, abaixo, os conceitos disponibilizados para este verbete:

Dicionário	Vocabulário Portuguez & Latino - D. R. Bluteau (1712)	Diccionario da Língua Brasileira – Luiz M. da S. O. P. Pinto (1832)	Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986)	Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa – (Aulete Digital)	Dicionário Gaúcho Brasileiro – João A. Bossle (2003)	Dicionário do Nordeste – Fred Navarro (2004)
Entrada						

¹¹³GONÇALVES, Xico. **A história do sapato.** Portais da Moda. Disponível em <http://www.portaisdamoda.com.br/noticiaInt~id~18416~n~a+historia+do+sapato.htm>. Acessado em 21 de dez. de 2012, às 11h e 46min.

¹¹⁴GOMES, Marcos Rogério. **Curiosidade: a origem dos calçados.** Postado em 23 de mar. de 2011. Disponível em <http://oresumodamoda.blogspot.com.br/2011/03/curiosidade-origem-dos-calcados.html>. Acessado em 21 de dez. de 2012, às 11h e 58min.

¹¹⁵PORTAL SÃO FRANCISCO. **Entradas e Bandeiras.** Disponível em <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/bandeirantes/entradas-e-bandeiras-1.php>. Acessado em 21 de dez. de 2012, às 12h e 19min.

BOTA	Calçado de couro, que cobre toda a perna até o joelho, ou por cima delle. (p. 167)	Calçado de couro, que cobre a perna até o joelho. (p.164)	1- Calçado de couro ou borracha que envolve o pé, a perna e, às vezes, a coxa. (p.278)	1- Calçado de couro, borracha ou plástico que cobre o pé e parte da perna, por vezes cobrindo tb. parte da coxa.	1- Calçado de couro que envolve o pé e a perna, nas cores preta e marrom, raramente amarela e nunca branca. (p.90)	_____
-------------	--	---	--	--	--	-------

Quadro 36: Reflexões analíticas sobre o item lexical *bota*.
Fonte: Pesquisa direta.

Conforme os significados que afluem do item lexical *bota* nas entradas destes dicionários citados acima, verifica-se que nas definições expostas no Aurélio (1986), no Aulete e em Bossle (2003), há maior equivalência ao sentido expresso na questão 177 de meu questionário semântico-lexical *...o calçado de cano curto, um pouco mais alto que o sapato, geralmente de couro, fechado por cadarços ou elástico, usado geralmente por homens para o trabalho na roça?*, ainda que em Bluteau (1712) e em Pinto (1832) se identifique o qualificativo “de couro”, no entanto, se evidencia distinção conceitual quanto ao tamanho do cano, ou seja, ambos estes dicionários retratam a *bota de cano longo*.

Todavia, mesmo com a particularização distinta manifestada nos dicionários gerais dos séculos XVIII e XIX para o verbete em estudo, é possível afirmar, pautada também nos fatos históricos elencados acima, que há continuísmo semântico do item *bota* no norte mato-grossense, pois, desde a chegada dos primeiros migrantes neste espaço geográfico, constata-se o uso deste calçado nas bravatas da colonização, fato este que resultou na adoção deste item lexical como norma nesta região.

4.11.5.1 A distribuição do item lexical *bota* pelos pontos de inquérito

Histograma 43: Bota (trinta e duas ocorrências).

Segundo o Histograma 43, o item lexical *bota* é encontrado nos quatro pontos de inquérito pesquisados e foi falado trinta e duas vezes pelos respondentes. Quanto à distribuição deste item, salienta-se que ela ocorreu da seguinte forma: na cidade de Sinop, cinco sujeitos acima de 50 anos o utilizaram, um homem e quatro mulheres, assim como todos os oito jovens entrevistados, de 18 a 40 anos; nos pontos de Vera e Cláudia, somente três sujeitos masculinos, com mais de 50 anos, não mencionaram este item lexical em análise; e, em Santa Carmem, apenas um casal, acima de 50 anos, não aludiu a este item.

Desse modo, como já enaltecido em 4.11.1, há um número maior de respostas femininas, dezenove, *versus* treze menções masculinas. Assim como há também um número bem maior de citações de jovens, de 18 a 40 anos, vinte, o que significa que todos os rapazes e moças entrevistados trouxeram este item lexical como resposta à pergunta 177, contra doze proferições de sujeitos com mais de 50 anos. Reitera-se que tal fato pode ser assinalado como indício de continuidade deste uso lexical.

É interessante observar, ainda, nos dados listados decorrentes desta questão, que enquanto há só três inscrições de *bota* dentre as respostas dadas pelos sujeitos masculinos acima de 50 anos, por outro lado se destacam nestes dados, em maior proporção, outras opções de itens sinônimos utilizados por estes sujeitos, que são: *botina*, falado quatro vezes; *butina*, dito cinco vezes e, como maior preferência, o item lexical *sapatão*, proferido sete vezes.

Hipoteticamente, pode-se atribuir esta maior relação de escolhas sinônimas evidenciada pelos homens/pioneiros com mais de 50 anos ao contexto da colonização na década de setenta do século XX, quando cabia essencialmente aos homens as tarefas de desmate, destoca, preparação da terra para o cultivo, construções de casas e mesmo das provisões de caça, visto que a carne dos animais silvestres substituía a carne bovina, inexistente na região nos primeiros anos de ocupação. Parte deste contexto, em que a utilização das *botas/sapatões/botinas* se faziam necessárias, se pode apreender nos excertos das narrativas pessoais dos migrantes SC5 F, S12 M e C19 M apresentados abaixo:

Meu marido e o compadre Cido, eles iam trabalhá longe, eles iam derrubá mato um pro outro, que nós viemo aqui, nós viemo aqui pra abri, né, mas daí, quando eles abriram um pedaço ali, eles ficavam sem serviço, aí eles iam derrubá mato pros outros e aí eles pegavam, iam na segunda-feira e voltavam só no outro fim de semana, e nós ficava aqui, eu e a mulher do seu Cido. (SC5 F).

Aí, no domingo, eu fui fazê uma picada no mato, porque era tudo mato em volta da serraria, matão que não acabava nunca. Eu fui fazê uma picada pra depois i caçá, né, nos domingos, sábado à tarde, porque senão é ruim de você entrá no mato. (S12 M).

Daí nós viemo ali, daí meu pai destocô [...] daí o meu irmão tava lá e falou, *pai*, ele tava dormindo na hora de meio-dia, daí ele falou *pai, oh, acabou a derubada de árvore, tem mais uma chácara pra derubá, daí, se o senhor quer ver a derubada, tá pronto lá*. (C19 M).

Contudo, o uso deste calçado não se restringiu só aos homens, sendo usado também pelas mulheres que acompanhavam os homens nas árduas tarefas relacionadas, fundamentalmente, à agricultura, como se pode ver no seguinte fragmento do relato da pioneira de Vera, V2 F: “A enxurrada passava debaixo da cama, eu descia de, com **sapatão** que eu trabalhava na roça, né, **botina que se fala**, aí eu tinha que descê pra cuidá das criança pra não moiá, tinha que descê com sapatão, que a água passava dessa altura debaixo da cama”.

Além do item lexical *bota*, manifestam-se, nos dados coletados e transcritos em 4.11.1, como já visto, outros itens sinonímicos evocados como respostas ao conceito da questão 177, que assim foram distribuídos: *botina, botinona, butina, coturno, galocha, sapatão* e *scarpon*, em Sinop. No município de Vera há *botina, butina, cuturno* e *sapatão*. Em Cláudia, *botina, botinão, butina, butinão, cuturno* e *sapatão*. E em Santa Carmem há, como concorrentes, *botina, butina, cuturno* e *sapatão*. Dessa forma, afora *bota*, há ainda o item lexical *botina*, a sua variante fonética *butina*, bem como o item

sapatão, com onze, vinte e quatro e doze ocorrências, respectivamente, propagadas, também, em todos os pontos em análise. Fato este que exprime a concomitância de uso destes itens lexicais na comunidade linguística pesquisada.

Salienta-se, ainda, que a ampla utilização normativa do item *bota* pode perpassar, também, pelo vínculo à cultura tradicional regional gaúcha, mais especificamente para aquela que, segundo Howes Neto (2009, p.12), “remete ao homem vestido de bota e bombacha, aos usos, costumes e tradições, do trabalhador rural do Rio Grande do Sul, da região pastoril, o homem do campo, o peão de estância e as suas representações”. Esta constatação se pode apreender no relato de experiência pessoal do migrante, natural de Paim Filho no Estado do Rio Grande do Sul, quando assevera que “Na minha região, nós lá usava bota”.

Esta identificação do gaúcho, retratada por Howes Neto, tem sido amplamente difundida pelos Movimentos Tradicionalistas Gaúchos em todas as regiões do país. No norte de Mato Grosso, como já especificado no item 4.3.80, referente à análise de *rodeio*, se propagam Centros de Tradições Gaúchas – CTGs, que têm exatamente o propósito de disseminar o tradicionalismo e a identidade do gaúcho. Dentre os distintos eventos promovidos por estes centros destacam-se, por exemplo, rodeios de tiro-de-laço, nos quais é obrigatório “laçar de bombacha, chapéu, bota, e camisa de gola. O argumento dos organizadores é que se devem cumprir as regras do MTG, que estipula a indumentária do peão, do ‘gaúcho autêntico’, que deve refletir a imagem do peão de estância”. (HOWES NETO, 2009, p.34).

Convém realçar, ainda, que, historicamente, conforme o gaúcho, descendente de tropeiros, Zé Araújo, as primeiras *botas* utilizadas pelos estancieiros eram feitas de “carão de potro”. Dessa maneira, de acordo com este cantor e apresentador:

Isso aqui é que é um gaúcho: de poncho, de pala, **caminhando de bota de carão de potro**. A bota de carão de potro que o gaúcho usava, os dedos ficavam de fora. [...] na época, isso aqui foi em... os gaúchos usavam isso daqui lá pro início do, do, no início do século XIX, né, não, não, século XVIII, **porque não existia bota**. O que é que eles faziam? Eles pegavam o cavalo, matavam um potro e cortavam, olha o sacrifício! Cortavam a perna do potro em cima assim (gesto), por exemplo, as quatro pernas e daí eles viravam o potro com a carne pra fora, tiravam o osso, o couro, tudo, e viravam, daí botavam o pé dentro, com o pelo pra dentro, né. Porque eles não tinham calçado, tinham que inventar um calçado, bota de carão de potro como se dizia. Então, esse buraco “aqui” oh (apontando), onde era o casco do cavalo, eles tiravam o casco e ficava um buraco ali, entendeu? Ficava um buraco, por isso eles cortavam o casco do cavalo, não sei se você tá

me entendendo, eles cortavam o casco do cavalo, tiravam o osso de dentro sabe, é era coisa horrível, e já usava, botava no pé e secava no pé. Deixava no pé até secá, até formá o formato da bota, né. E eles deixavam os dedos de fora, deveria costurar, né, deixava de fora, pra podê corrê muito, ter mais mobilidade, por isso os dedo ficavam de fora¹¹⁶.

É importante evidenciar, também, dentre os itens lexicais sinonímicos expostos na Tabela e no Cartograma referentes à pergunta 177, o que salienta interferência étnica no referente, *scarpon*, proveniente do italiano *scarpa*, expresso pela pioneira de Sinop, S14 F, descendente de italianos, a qual justifica esta opção léxica acrescentando à resposta que “se fala *scarpon* em italiano”.

Assim, segundo os apontamentos analíticos feitos e conforme os resultados apreendidos à tessitura de *bota*, item lexical disseminado no norte de Mato Grosso principalmente pelos jovens, de 18 a 40 anos, é possível afirmar que a continuidade semântica, que se encontra atrelada à cultura gaúcha, bem como tem relação com o efetivo uso deste calçado nas atividades desenvolvidas no início da colonização deste espaço geográfico, remete, portanto, às representações e referenciais socioculturais que (re)definem não só a identidade dos falantes norte mato-grossenses, mas as suas próprias escolhas semântico-lexicais.

4.12 Vida Urbana

A décima segunda área semântica desta pesquisa sócio-semântico-lexical abrange treze conceitos/perguntas que abordam sobre áreas urbanas, técnicas de construção e estruturas físicas que remetem a espaços de urbanização, estabelecimentos comerciais, tecnologia, infraestruturas necessárias à realidade citadina e ofícios localizáveis em centros de comércio.

Os temas assinalados nas perguntas enunciativas, enumeradas de 180 a 192, foram, consecutivamente: terreno/lote/data, terraplenagem, boteco/botequinho/bar/barzinho, armazém/armazenzinho/mercado/ mercadinho/ venda/vendinha/mercearia/empório/bolicho, posto/ posto de gasolina/posto de abastecimento/postinho/bomba, hotel/hotelzinho/dormitório, zona/boate, telefone/radioamador/rádio, radiola, balconista/vendedor, mascate, valeta/valetão/vala e fossa.

¹¹⁶Entrevista concedida em 15 de jan. de 2011. Zé Araújo (cantor, compositor e apresentador), 52 anos, é gaúcho descendente de tropeiros e atualmente mora na cidade de Sinop.

Os dados reunidos na área Vida Urbana e os subsequentes procedimentos analíticos por mim realizados encontram-se disponibilizados nos subitens a seguir.

4.12.1 Terreno/Lote/Data

180) ...a área que é preciso ter ou comprar para se fazer uma casa na cidade? (Questionário ALiB, 2001, p.38).

Tabela lexical 180

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
País Estado	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Número
Idade Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Número
Área											1	1										1	1		02
Área de data					1														1						01
chão	1	1			1												1	1	1						08
data	3	2	1		1	1	1	2	1	1	2	1	1	2	1	1	4	2	2	3	3	2	2	3	21
lote	4	3	3	3	1	1	1	2	2	2	1	2	2	1	2	2	7	6	2	3	3	4	4	3	32
loteamento																	1							1	01
quintal																	1							1	01
terreno	3	2	4	4	1	2	2	2	2	2	2	2	2	1	1	2	7	6	3	4	4	4	3	3	34
TOTAL	11	8	8	7	5	4	4	6	5	5	5	6	6	4	4	7	19	15	9	10	10	11	10	11	95

Fonte Direta

A questão 180, como podemos observar na primeira Tabela, 180, da área semântica Vida Urbana, e também no Cartograma 180, traz, de acordo com as respostas registradas, como norma de uso na comunidade linguística pesquisada, o item lexical

terreno, com trinta e quatro respostas manifestadas entre os sujeitos nos quatro pontos de inquérito. Há exatamente o mesmo número de atribuições responsivas entre os sujeitos masculinos e os femininos, dezessete de ambos, das quais quinze foram expressas por respondentes acima de 50 anos e dezenove por entrevistados jovens, de 18 a 40 anos. Este item/norma coincide com um dos temas da pergunta *...a área que é preciso ter ou comprar para se fazer uma casa na cidade?*, assim como com um dos itens lexicais/tema desta mesma pergunta elaborada pelo QSL do ALiB.

O item/tema *lote* aparece nos dados como segunda maior ocorrência, com trinta e duas respostas localizáveis em todos os municípios em análise. Quanto à sua distribuição, da mesma forma encontra-se dividida em igual número de respostas entre homens e mulheres, dezesseis de cada gênero. Esta quantificação numérica é a mesma que distingue também as respostas dadas por sujeitos com mais de 50 anos e por jovens, de 18 a 40 anos, dezesseis menções de cada faixa etária. Este item lexical exhibe, ainda, uma variante morfológica, a que apresenta derivação sufixal, *loteamento*, falada apenas por uma moça, de 18 a 40 anos, de Santa Carmem.

Com relação ao item/tema *data*, este se evidencia como terceira maior ocorrência, com vinte e uma respostas que se encontram, também, em todos os pontos pesquisados. Destas respostas, onze foram dadas por sujeitos masculinos e dez por femininos, tendo sido doze destas manifestações responsivas dadas por entrevistados acima de 50 anos, contra nove de respondentes jovens, de 18 a 40 anos. Localiza-se, nos dados elencados acima, uma expressão que agrega itens lexicais a *data*, *área de data*, dita unicamente por um homem, com mais de 50 anos, da cidade de Vera.

4.12.2 Terraplenagem

181) **...técnica de construção que visa aplainar e aterrar um/uma**
_____ (cf. item 180), necessários à realização de uma obra?

Tabela lexical 181

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Total
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
Lexia / Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
aplainar		1	1								1						1	1			1				03
aplanar					1														1						01
aterramento						1													1						01
aterro	1			1											1	1	1	1						1	04
aterrar	1	1	1	1					1	1	1	1			2	1	2	2			2	2	2	1	11
nivelamento			2	1					1		1			1	1		2	1			2		1	1	07
nivelar			1												1	1		1							02
plainagem	1				2		1							1	1	1		3					1	1	06
plainar				1													1								01
prainar		1		1				1		1	1		1				2	1		1	1			1	06
prainar					1								1						1					1	02
prainar	1					1											1		1						02
terraplanagem	2	1	3	2				2	1			1	1		1		3	3		2	1	1	2		14
terraprenagem	1																1								01
não souber responder		2							1								2				1				03
TOTAL	7	6	8	7	2	3	3	3	3	3	4	2	2	2	3	4	13	13	6	3	7	3	6	7	64

Fonte Direta

TEMA: terraplenagem

CARTOGRAMA 181

PERGUNTA: ... técnica de construção que visa aplainar e aterrar

um/uma (cfe. item 180), necessária à construção de uma obra?

Conforme a Tabela 181, transposta para o Cartograma 181, o item lexical de maior uso em todos os pontos de inquérito, que se evidencia como resposta à pergunta 181 ...*técnica de construção que visa aplainar e aterrar um/uma* _____(cf. item 180), *necessários à realização de uma obra?*, com quatorze proferições, foi *terraplanagem*. Quanto à distribuição deste item/norma, destacam-se oito manifestações responsivas masculinas e seis femininas, sendo que nove destas manifestações foram

expressas por entrevistados jovens, de 18 a 40 anos, *versus* apenas cinco por sujeitos com mais de 50 anos.

Ressalta-se, ainda, que *terraplanagem* é variante fonética, que apresenta alteração da vogal média-alta pretônica /e/ pela baixa /a/, do tema que serviu de mote para a elaboração do conceito de 181, *terraplenagem*, o qual, por sua vez, não foi citado por nenhum respondente dentre as respostas que se expõem nos dados acima, no entanto, localiza-se outra variante fonética deste tema, a que exhibe rotacismo, *terraprenagem*, falada unicamente por um homem, acima de 50 anos, da cidade de Sinop.

4.12.3 Boteco/Botequinho/Bar/Barzinho

182) ...um lugar pequeno, com um balcão, onde os homens costumam ir beber _____(cf. item 173) e onde também se pode comprar alguma outra coisa? (Questionário ALiB, 2001, p.38).

Tabela lexical 182

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Suibotol								Total
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia / Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
bar	3	3	4	4	1	2	2	2	1	2	2	2	2	1	2	2	7	7	3	4	3	4	4	3	33
barzinho							1												1						01
bolicho	1	1	1		1								1	1			2	1	1				1	1	06
boteco	2	4	2	1	1		1		2	1	1	1	1	1			4	3	2		3	2	1	1	12
botequim	1								2								1				2				03
buteco	1		2	2		2	1	2			1	1	1	1	2	2	3	2	1	4	1	1	3	3	12
butequinho														1											01
butiquim			1														1								01
lanchonete						1	1			1				1					1	1		1		1	04
lanchonetezinha	1																1								01
salão de bebida					1														1						01
TOTAL	9	8	10	7	4	6	3	4	3	4	4	4	3	6	4	4	19	13	9	10	9	8	9	10	29

Fonte Direta

TEMA: boteco/botequinho/bar/barzinho
PERGUNTA: ... um lugar pequeno, com um balcão, onde os homens costumam ir beber (cfe. item 173) e onde também se pode comprar alguma outra coisa? (Questionário ALiB, 2001)

CARTOGRAMA 182

Como podemos observar tanto na Tabela 182, quanto no Cartograma 182, o item lexical *bar* destaca-se como norma de uso entre os sujeitos em todos os pontos de inquérito, com trinta e cinco respostas à questão 182 *...um lugar pequeno, com um balcão, onde os homens costumam ir beber _____ (cf. item 173) e onde também se pode comprar alguma outra coisa?*. Quanto à distribuição deste item/norma, evidenciam-se dezessete manifestações responsivas masculinas e dezoito femininas, sendo que quinze destas manifestações foram expressas por entrevistados com mais de 50 anos, *versus* vinte por sujeitos jovens, de 18 a 40 anos, ou seja, todos os respondentes jovens deram *bar* como resposta a esta questão.

Salienta-se, também, que este item lexical coincide com um dos temas que serviu de mote para a abordagem do conceito de 182, assim como condiz com um dos itens/tema desta mesma pergunta elaborada pelo QSL do ALiB. Já o item lexical/tema, o diminutivo *barzinho*, foi mencionado unicamente por uma mulher, acima de 50 anos, da cidade de Vera.

O item/tema *boteco*, por sua vez, aparece como segunda maior ocorrência ao lado de sua variante fonética, a qual se distingue pela variável da vogal média-alta /o/ em posição pretônica pela alta /u/, *buteco*, ambos com dezoito proferições localizáveis em todos os quatro municípios em estudo. O primeiro deles foi falado por dez sujeitos masculinos, contra oito femininos, dos quais doze têm mais de 50 anos, enquanto somente seis têm de 18 a 40 anos; a segunda foi pronunciada por oito entrevistados masculinos, *versus* dez femininos, ressaltando-se igualmente uma grande distinção numérica entre as faixas etárias, ou seja, há nos dados treze atribuições responsivas de *buteco* dadas pelos sujeitos jovens, de 18 a 40 anos, contra apenas cinco dadas pelos respondentes acima de 50 anos.

Com relação ao item lexical/tema, o diminutivo *botequinho*, não há nenhum registro do mesmo assinalado nos dados elencados acima, no entanto, a variante fonética, que apresenta distinção da vogal média-alta em posição pretônica /o/ pela alta /u/, *butequinho*, foi propalada uma única vez por uma respondente com mais de 50 anos de Santa Carmem.

Acentua-se, ainda, que no início da colonização norte mato-grossense, na década de setenta do século XX, vários pioneiros frustrados com os insucessos relacionados às tentativas de plantio e de colheita nas ácidas ou arenosas terras da região lançam-se às

atividades comerciais como forma de subsistência, dentre estas atividades se encontravam os estabelecimentos estruturados, geralmente, a partir de *um lugar pequeno, com um balcão, onde os homens costumavam ir beber ou comprar alguma outra coisa*. Esta constatação se faz presente nos seguintes excertos das narrativas de experiência pessoal dos migrantes de Vera, V1 M e V2 F:

O trabalho na agricultura não deu porque o terreno era fraco, né. [...] Ah! Nós vendia as coisa aí no **boteco** [...] É, desde o começo já vendia cachaça. Risos... Ela vendia bem, é. É, em 71, 72, já tava vendendo. A Colonizadora não deixou entrá mais pinga aqui, mas, como a pinga tava entrando, porque já tinha comprado pinga do caminhão. É, aí nós botô a pinga tudo em casa. É, **nóis ganhamo dinheiro com pinga**. (V1 M).

Ele vendeu porque nós não tinha condições não, tanto porque a terra era fraca e nós não tinha condições de entrá. Aí ficamo aqui mesmo. Nós começô a vendê alguma coisinha, o **botequinho** tinha uma bebidinha ali e no ônibus trazia um tomate, uma coisinha, batatinhas, né, aí começô a vendê. (V2 F).

4.12.4 Armazém/Armazeninho/Mercado/Mercadinho/Venda/Vendinha/Mercearia/Empório/Bolicho

183) ...estabelecimento comercial onde se vendem vários tipos de produtos e mercadorias, como gêneros alimentícios, produtos para limpeza, bebidas etc.? (Aulete On-line).

Tabela lexical 183

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal								Total
País Étnia	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Número
Idade Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Número
armazém	3	2	2	1	2	1	1	1	1				2	1			3	3	3	2	1		2	1	17
bolacha								1							1						1		1		02
bolachinho													1		1									2	02
café															1									1	01
comércio											1										1				01
confeitaria			1												1										01
empório									1		1	1										2	1		08
hipermercado										1											1				01
mercado						1			1										1	1					02
mercadinho	1			2	1	1		1					1	1		1	1	2	1	2			1	2	08
mercado	4	3	4	4	2	2	2	2	2	2	1	2		1	2	2	8	7	2	4	3	4	2	3	33
mercearia	1		1	3	1	2	2	2	2	2	2	2		1	2	2	2	3	3	4	4	4	3	2	29
mercado						1												1							01
mini-mercado								1											1						01
quiosque								1	1				1		1	1					1	1	2	1	09
seco e molhado	1			1													1	1							02
supermercado	2	3	1	1				1		1	1	1	1				3	4			1	1	2	1	12
venda	1	3	2	1				1		1	1	1			1		3	4			1	1	2	1	12
vendinha								1				1		1						1		1		2	04
TOTAL	13	11	11	13	4	7	6	9	9	7	7	8	6	6	8	9	23	24	10	17	17	16	14	14	134

Fonte Direta

TEMA: armazém/armazenzinho/mercado/mercadinho/venda/vendinha
mercearia/empório/bolicho/casa comercial/supermercado

CARTOGRAMA 183

PERGUNTA: ...estabelecimento comercial onde se vendem vários tipos de produtos e mercadorias, como gêneros alimentícios, produtos para limpeza, bebidas etc.?(Aulete On-line)

Na Tabela 183, como também se verifica no Cartograma 183, o item lexical que se apresenta com maior ocorrência é *mercado*, com trinta e três respostas distribuídas em todos os quatro municípios pesquisados. Este item/norma, que confere com um dos temas da questão *...estabelecimento comercial onde se vendem vários tipos de produtos e mercadorias, como gêneros alimentícios, produtos para limpeza, bebidas etc.?*, traz, como frequência, dezoito respostas femininas, *versus* quinze masculinas, das quais há um maior número de atribuições responsivas dadas por sujeitos jovens, de 18 a 40 anos, dezoito, contra quatorze menções de entrevistados com mais de 50 anos.

Há, ainda, nos dados elencados acima, variantes morfológicas de *mercado*, que são: a que evidencia prefixação, *hipermercado*, falada unicamente por um rapaz, de 18 a 40 anos, de Cláudia; o aumentativo *mercadão*, dito apenas por dois sujeitos acima de 50 anos, uma mulher de Vera e um homem de Cláudia; e a que também exhibe derivação prefixal, *supermercado*, expressa por doze sujeitos da mesma forma localizáveis em todos os pontos de inquérito, cinco dos quais são homens e sete são mulheres.

Quanto ao item lexical/tema, o diminutivo *mercadinho*, aparece nos dados com nove respostas encontradas em três dos quatro pontos em estudo: Sinop, Vera e Santa Carmem. Destas respostas, somente três foram manifestadas por homens e seis por

mulheres, tendo sido cinco citações feitas por respondentes com mais de 50 anos e quatro por jovens, de 18 a 40 anos.

Já o item lexical/tema *mercearia*, destaca-se como segunda maior ocorrência, com vinte e cinco respostas apreendidas em todas as quatro cidades em análise, sendo aludido por doze entrevistados masculinos e por treze femininos. Ressalta-se que há maior preferência de uso deste item pelos jovens, de 18 a 40 anos, que o pronunciaram dezesseis vezes, enquanto os sujeitos acima de 50 anos o propalaram nove vezes. Localizam-se, também, dentre o rol de respostas assinaladas para o conceito da pergunta supracitada, duas variantes morfológicas de *mercearia*, as quais são: o diminutivo *merceariazinha*, esboçado só por um rapaz, de 18 a 40 anos, de Vera; e a que salienta prefixação, *minimercearia*, trazida como resposta tão somente por um homem com mais de 50 anos de Cláudia.

O item lexical/tema *armazém* apresenta-se como terceira maior ocorrência, com dezessete respostas que se realçam, também, nos quatro municípios, divididas entre um número bem maior de atribuições feitas por homens, onze, *versus* seis disponibilizadas por mulheres, bem como por uma maior quantidade de respostas registradas por respondentes acima de 50 anos, doze, contra cinco evocações feitas por jovens, de 18 a 40 anos. Por outro lado, o item/tema, o diminutivo *armazenzinho*, não consta dentre as respostas expostas nos dados.

O item lexical/tema *venda* foi dito por doze sujeitos nas quatro cidades em que se realiza a pesquisa, dos quais cinco são homens e sete são mulheres, sendo esta a mesma quantificação numérica que distingue as respostas dadas pelos sujeitos com mais de 50 anos e pelos jovens, de 18 a 40 anos, cinco daqueles e sete destes. Com relação ao item/tema, o diminutivo *vendinha*, foi referido por apenas quatro respondentes, todos do gênero feminino. Destas respondentes, três são jovens, de 18 a 40 anos, e uma tem mais de 50 anos; as moças situam-se, respectivamente, uma em Vera, uma em Cláudia e uma em Santa Carmem, município este em que se encontra, também, a entrevistada acima de 50 anos.

O item lexical/tema *empório*, por sua vez, foi dado como resposta por só três sujeitos, dois dos quais de Cláudia, uma mulher com mais de 50 anos e uma jovem, de 18 a 40 anos, e outro de Santa Carmem, um homem acima de 50 anos.

Finalmente, o item lexical/tema *bolicho* não foi mencionado por nenhum dos sujeitos como resposta à questão 183, no entanto, a variante diminutiva *bolichinho* aflui nas respostas de duas entrevistadas de Santa Carmem, mais especificamente de uma mulher, acima de 50 anos, e de uma moça, de 18 a 40 anos.

4.12.5 Posto/Posto de gasolina/Posto de abastecimento/Postinho/Bomba

184) ...lugar onde se vende gasolina ou álcool para veículos automotores?

Tabela lexical 184

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total					
País Etnia	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios	
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios	
autoposto																1								1		01
bomba	2	1	1	2	1		1	2	2		1	1	2	1	2	1	3	3	2	2	3	1	4	2	20	
bomba de gasolina								1												1					01	
bombinha						1														1					01	
posto	4	3	3	3	1	1	2		2	1	2	1	1	2	2	1	7	6	3	1	4	2	3	3	29	
posto de combustível			2	1	1				1				1	1			1	2	1	1		1	1	1	08	
posto de gasolina	1	1	2			1	1	2	1	2				1			3	1	1	3	1	2		1	12	
TOTAL	7	5	8	6	3	3	4	5	6	3	3	3	4	4	5	3	15	11	7	8	9	6	9	7	72	

Fonte Direta

TEMA: posto de gasolina/posto de abastecimento/posto/postinho/bomba

CARTOGRAMA 184

PERGUNTA: ... lugar onde se vende gasolina ou álcool para veículos automotores?

De acordo com a Tabela 184, transposta para o Cartograma 184, a maior ocorrência de respostas à pergunta ...*lugar onde se vende gasolina ou álcool para veículos automotores?* foi do item lexical *posto*, o qual confere com um dos itens/tema desta pergunta, com vinte e nove respostas atribuídas pelos entrevistados nos quatro pontos de inquérito. Destas respostas, há doze proferições femininas, *versus* dezessete de sujeitos masculinos, divididas entre quinze manifestações responsivas disponibilizadas por sujeitos com mais de 50 anos, contra quatorze dadas por jovens, de 18 a 40 anos. Localiza-se, ainda, no quadro supracitado, uma variante morfológica deste item lexical/norma, a que evidencia prefixação, *autoposto*, falada unicamente por um rapaz, de 18 a 40 anos, de Santa Carmem. Por outro lado, o item/tema, o diminutivo *postinho*, não consta dentre as respostas expostas nos dados acima.

O item lexical/tema *bomba* destaca-se como segunda maior ocorrência, com vinte respostas apreendidas em todas as quatro cidades pesquisadas, tendo sido citado por doze respondentes masculinos e por oito femininos. Ressalta-se que há maior preferência de uso deste item pelos jovens, de 18 a 40 anos, que o pronunciaram onze vezes, enquanto os sujeitos acima de 50 anos o propalaram nove vezes. Encontram-se, também, dentre o rol de respostas assinaladas para o conceito de 184: uma variante morfológica, o diminutivo *bombinha*, mencionada só por uma mulher com mais de 50 anos de Vera; e uma expressão que agrega locução ao substantivo *bomba*, *bomba de gasolina*, trazida como resposta apenas por uma jovem, de 18 a 40 anos, de Vera.

Quanto à expressão/tema *posto de gasolina*, aparece como terceira maior ocorrência, com doze respostas que se evidenciam, também, em todos os municípios em análise, das quais cinco foram dispostas por homens, *versus* sete por mulheres, mesma quantificação numérica esta que distingue as citações feitas por respondentes com mais de 50 anos e por jovens, de 18 a 40 anos, sete daqueles e cinco destes.

Já a expressão/tema *posto de abastecimento* não foi proferida por nenhum dos sujeitos como resposta à pergunta 184, no entanto, a expressão variante, *posto de combustível*, aflui em oito respostas situadas, da mesma forma, em todos os pontos estudados. Destas respostas, cinco são de sujeitos masculinos e somente três de femininos, sendo este o mesmo registro numérica que difere as respostas dadas pelos entrevistados com mais de 50 anos, três, enquanto os jovens, de 18 a 40 anos, a expressaram cinco vezes.

Salienta-se, ainda, as dificuldades encontradas no início da colonização norte mato-grossense pelos empresários do ramo de combustíveis para prover o abastecimento da região. Esta constatação se faz presente no relato de experiência pessoal do pioneiro de Sinop, S11 M, um dos primeiros proprietários, nesta localidade, de estabelecimento *onde se vende gasolina ou álcool para veículos automotores*. Segundo este pioneiro:

Na época, quando nós chegamos, já existia um, já existia um, era um posto de abastecimento, tinha gasolina, diesel e lubrificante. Nós, acho que devemos ser o terceiro, nós devemos ser o terceiro. Dos três, hoje nós somos o pioneiro, porque os outros fecharam. Hoje nós já estamos, nós abrimos já em 1974, então vai pra trinta e sete anos. [...] E a gente ainda tava aí montando o **postinho** e tal e a cidade entrou num caos, porque a BR interditou. Isto já foi em 79. A estrada, chuva demais, alagou, o trem parecia que ia acabá o mundo em água. A BR era tudo atoleiro, que era tudo estrada de chão, virou uma anarquia. [...] Aí foi até que o Búfalo começô a afundá, que o aeroporto começô a cedê, que era aqui atrás. É porque era água demais. Aí houve um acerto, eu tive em Cuiabá com o 9º BEC, pra formá comboio pra trazê alimento, combustível, essas coisas. [...] **Aí era assim que chegava combustível. Aí quando chegava combustível tinha que ter segurança.** Então, o que eu fico impressionado, um dia chegou pra nós aqui pra cima três caminhão, então chegô vinte mil litros de gasolina e dez de diesel. Aí você olhava assim uma fila de mais ou menos uns três quilômetros. Carro, pessoal. Algum vinha e queria diesel, outro queria gasolina, outro pra lamparina. Aí você tinha que dizê assim *oh, é dez litro pra cada um*; não tinha mais. Aí você tinha que ficá lá no pé da **bomba**, aí não tinha motor, tinha que tocá na manivela, era duro. Na manivela, *tac, tac, tac*, pra tocá, porque não tinha motor. A gente tinha um motor estacionário, mas não aguentava, então você tinha que tocá tudo na manivela. Aí você imagina! Aí vem um, encostava com caminhão, outro com caminhonete, aí um e outro queria batê em você, meu Deus do céu! **Foi a primeira vez que um cara chegô e puxô a arma na minha frente, aí todo mundo não vai, vai, não vai**, aí o cara briga daqui, briga dali. Aí é o seguinte *você põe dez e entra lá na fila de novo. Se coincidi de você chegá, você põe mais dez, porque é dez. Tinha que ser norma!*

4.12.6 Hotel/Hotelzinho/Dormitório

185) ...estabelecimento onde se alugam quartos para hospedagem e que geralmente oferecem serviços como café da manhã, lavanderia etc.?

Tabela lexical 185

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal								Total
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop	Vera	Cláudia	Santa Carmem	Municípios				
Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
albergue																	1							1	01
alojamento													1							1					01
dormitório	2				1	1			1	1		1	1				2		1	1	1	2	1		08
estalagem								1											1						01
hospedaria			2				1										2		1						03
hotel	4	4	4	4	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	8	8	3	4	4	4	4	4	39
hotelzinho						1													1						01
pensão	2		1	1	1				1		1	1		1	1		2	3	1	1	1	1	1	1	12
pousada		2	2	4			2	1	1							1		2	6	2	1	1		1	13
TOTAL	8	6	9	9	3	4	5	5	4	4	3	4	4	3	3	5	17	15	8	9	7	8	7	8	79

Fonte Direta

TEMA: hotel/hotelzinho/dormitório

CARTOGRAMA 185

PERGUNTA: ...estabelecimento onde se alugam quartos para hospedagem

e que geralmente oferece serviços como café da manhã, lavanderia etc.?

Conforme a Tabela 185, transposta para o Cartograma 185, o item lexical *hotel*, o qual coincide com um dos temas da pergunta 185 *...estabelecimento onde se alugam quartos para hospedagem e que geralmente oferecem serviços como café da manhã, lavanderia etc.?*, aparece como o mais utilizado dentre as respostas trazidas pelos entrevistados, com trinta e nove ocorrências em todos os quatro municípios em estudo, o que significa que apenas um sujeito não disponibilizou este item/norma em seu corpo responsivo, mais especificamente um homem com mais de 50 anos da cidade de Vera. Já

o item lexical/tema, o diminutivo *hotelzinho*, foi pronunciado unicamente por uma respondente, acima de 50 anos, também de Vera.

Quanto ao item lexical/tema *dormitório*, evidencia-se nos dados acima com oito respostas que se encontram, da mesma forma, em todas as cidades pesquisadas, das quais cinco foram manifestadas por homens, *versus* três por mulheres. Ressalta-se, ainda, a grande distinção numérica que se destaca entre as faixas etárias, visto que sete sujeitos acima de 50 anos responderam *dormitório* ao conceito enunciativo da questão supracitada, enquanto só uma jovem, de 18 a 40 anos, de Cláudia, mencionou este item em análise.

4.12.7 Zona/Boate

186) ...área de uma cidade onde se localiza o meretrício, o local de prostituição?

Tabela lexical 186

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total					
Faixa etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Município	
Lucas Santo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Município	
bar do mulheres boate						1													1						01	
bar do mulheres boate	2			1		1	1		1	1			1	1	1		2	1	1	1	1	1	2	1	10	
bar do cabele		2						1	1			1	1					2			1	2	1		05	
bar do cabele	5		1			2	1	1			1		1	1	1	1	4		1	5		1	2	2	15	
cambalhão casas de luz vermelha														1									1		01	
cambalhão casas de luz vermelha					1														1						01	
casas de mãe Joana																1								1	01	
casas das comadres	1								1									1							02	
casas das primas			1									1						1			1				02	
casas das pupas		1													1								1		02	
casas das quintas									1												1				01	
casas das rãs	1																	1							01	
casas de plástico																	1							1	01	
casas de prostituição	2	1																2	1						03	
casas novas													1										1		01	
curruela														1										1	01	
loquês								1													1				01	
mandioca	1																	1							01	
mercado muqueto		1																	1						01	
prostituto pauvre			5	2			1					1	1				1	5	2	1			1	1	1	09
zona zoninha	1		2	2	1		2			2	1							5	2	1	2	2	1			11
zona zoninha	4	4	4	4	1	1	2	2	2	1	2	2	2	2	2	2	3	3	5	5	4	5	4	4	57	
não soube responder					1														1						01	
TOTAL	13	9	11	9	4	4	6	6	7	4	6	3	3	4	3	7	26	13	10	10	15	9	15	11	110	

Fonte Direta

TEMA: zona/boate

PERGUNTA: ... área de uma cidade onde se localiza o meretrício, o local de prostituição?

De acordo com a Tabela 186, transposta para o Cartograma 186, o item lexical de maior uso, em todos os quatro pontos de inquérito, para responder a pergunta 186 *...área de uma cidade onde se localiza o meretrício, o local de prostituição?*, com trinta e sete respostas, foi *zona*. Este item/norma, que confere com um dos temas desta pergunta, traz, como frequência, dezoito respostas femininas, *versus* dezenove masculinas, das quais há um maior número de atribuições responsivas dadas por sujeitos jovens, de 18 a 40 anos, vinte, o que significa que todos os jovens respondentes trouxeram *zona* ao seu corpo responsivo, contra dezessete menções de entrevistados com mais de 50 anos. Há, ainda, nos dados elencados acima, uma variante morfológica deste item lexical, o diminutivo *zoninha*, falada unicamente por uma moça, de 18 a 40 anos, de Santa Carmem.

Já o item/tema *boate*, evidencia-se com dez respostas apreendidas em todas as quatro cidades em análise, tendo sido citadas por seis sujeitos masculinos e por quatro femininos. Ressalta-se que há maior preferência de uso deste item lexical pelos respondentes acima de 50 anos, que o pronunciaram sete vezes, enquanto os jovens, de 18 a 40 anos, o manifestaram apenas três vezes.

4.12.8 Telefone/Radioamador/Rádio

187) ...o aparelho que transmite à distância a palavra falada? (Aurélio, 1986, p. 1658).

Tabela lexical 187

Tabela Resumida R7																										
Localidade		Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal								Total
Faixa Etária		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Número
Lexia Sexo		M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Número
alto-falante		1								1		1		1		1						1		2		04
celular		1		4	1	1	2	2	2	2	2	2	1	1	1	2	2	5	1	3	4	4	3	3	3	26
microfone		1																1								01
orelhão						1														1						01
PX					1														1							01
rádio		1		2	3	1		1	1		1	1	2	1				3	3	2	1	1	3	1		14
radioamador		3	4	2	1	1	1	2	2	2	2	2	1	2	2	2	2	5	5	3	3	4	3	4	4	31
rádio PX					1													1								01
telefone		3	4	3	4	2	2	2	2	2	2	1	2	2	2	2	1	6	3	4	4	3	4	4	3	36
telefone sem fio												1										1				01
telemóvel																1									1	01
walk-talk				2														2								02
TOTAL		10	8	14	10	6	5	7	7	6	7	8	6	7	5	7	6	24	12	13	12	14	13	14	11	119

Fonte Direta

TEMA: telefone/radioamador/rádio

CARTOGRAMA 187

PERGUNTA: ...o aparelho que transmite à distância a palavra falada?(Aurélio, 1986, p.1658)

O Cartograma 187, assim como a Tabela 187, confirmam a norma de uso do item lexical *telefone*, o qual confere com um dos itens/tema da questão 187 ...o aparelho que transmite à distância a palavra falada?. Foram trinta e seis respostas, distribuídas

em todos os quatro municípios pesquisados. Este item lexical/norma traz, como frequência, dezenove respostas femininas, *versus* dezessete masculinas, mesma quantificação numérica esta que distingue as atribuições responsivas dadas por sujeitos com mais de 50 anos e por jovens, de 18 a 40 anos, dezenove daqueles e dezessete destes. *Telefone* apresenta, ainda, nos dados elencados acima, uma expressão que especifica este substantivo, *telefone sem fio*, falada unicamente por um jovem, de 18 a 40 anos, de Cláudia.

Quanto ao item lexical/tema *radioamador*, destaca-se como segunda maior ocorrência, com trinta e uma respostas apreendidas em todas as quatro cidades em análise, tendo sido citado por dezesseis sujeitos masculinos e por quinze femininos. Ressalta-se que houve maior preferência de uso deste item pelos sujeitos acima de 50 anos, que o pronunciaram dezessete vezes, enquanto os jovens, de 18 a 40 anos, o manifestaram quatorze vezes. Por sua vez, o item lexical/tema, o substantivo primitivo *rádio*, evidencia-se com quatorze respostas que se encontram, também, em todos os pontos de inquérito, divididas igualmente entre o número de atribuições feitas por homens e por mulheres, sete de ambos, contudo, salienta-se grande diferenciação numérica entre as respostas registradas por respondentes acima de 50 anos, quatro, contra dez evocações feitas por jovens, de 18 a 40 anos. Localiza-se, dentre o rol de itens assinalados para o conceito da pergunta supracitada, uma expressão especificativa de *rádio*, *rádio PX*, esboçada só por um rapaz, de 18 a 40 anos, de Sinop.

Acentua-se, ainda, que a alta ocorrência referente à escolha do item lexical *radioamador* se acha estritamente relacionada ao contexto vivenciado pelos migrantes no início da colonização norte mato-grossense, visto que até a década de oitenta do século XX os únicos *aparelhos que transmitiam à distância a palavra falada* na região eram o *alto-falante* e o *radioamador*, conforme se pode verificar no seguinte excerto de narrativa do pioneiro de Sinop, S16 M:

Ah, e tinha um **alto-falante** na cidade que avisava quando as pessoas chegavam, quando faltava gás ele avisava também. **É, porque na época não tinha telefone, não tinha nada, né, aí avisava**, era tipo uma rádio; era um, um tipo de uma rádio com microfone e aí falava. Quando já tava mais, mais que já tinha o rádio também já aqui ou quando tinha notícia de fora avisava, na Colonizadora também, né, lá falava no **rádio, radioamador**. Quando minha mãe faleceu avisaram pelo radioamador. Aí, aí, né, foram avisá, porque na época não tinha telefone também. Mas era muito bom esse negócio do microfone ali, ali falava, avisava.

Segundo o migrante e primeiro administrador municipal de Sinop, Osvaldo Paula, o *telefone* só veio para a região no ano de 1981, sendo este migrante, inclusive, o primeiro morador sinopense a falar ao *telefone* nesta localidade, tal como relatado no fragmento abaixo:

Falando em telefone, pra telefoná, quando eu cheguei em Sinop, vim de mudança, eu ia em Cuiabá e entrava na fila do PS, né, do telefone público, aliás, aí falava que tinha ligação, fazia a ligação, que tinha as atendente, as moças faziam a ligação e aí falava. Depois que a gente entrava na fila do telefone, quando telefonava, tinha marcação lá dos minutos que cobravam, era um absurdo o preço, mas a gente não se incomodava. Isso já em 1973. É, em 73. Tinha radioamador através da Colonizadora. **O telefone veio pra Sinop em 81, em 81 veio o telefone pra Sinop. Eu fui o primeiro homem a falar no telefone em Sinop.** O dia que instalou a antena, ficou pronto, eu fui numa cabine da TELEMAT e eu falei com o pessoal de Maringá, todo mundo inclusive. Foi uma festa, uma emoção! A gente chorava, é, era uma emoção muito grande. É, sim! O dia que inaugurou, que o telefone ficou instalado e pronto, eu fui falá no telefone, aí em seguida o senhor Ully também falou no telefone, inclusive ele telefonou pro Rio de Janeiro pra falar com o... mandando uma mensagem, que era pro Presidente da República, o Figueiredo, mas ele estava hospitalizado porque tinha operado das cataratas, aí o Ully, que falava mais em radioamador, né, quando ele falava, ele falava câmbio e o pessoal de lá (Rio de Janeiro) estranhou, acho que um coronel no tempo da Ditadura, demorô até o cara entendê que câmbio era porque ele era acostumado no radioamador¹¹⁷.

4.12.9 Radiola

188) ...o aparelho que funciona como rádio e como vitrola? (Aulete On-line).

Tabela lexical 188

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subotela								Total
País Etário	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
aparelho de som		1														1									01
rádio com vitrola				1												1									01
radiotele			1	1					2	1		2	1	1	1	1	1			1	2	3	2		10
rádio vitrola	1															1									01
Som	1	1														1	1								02
tocca-disco	2	2		1	1	1	1	1	2	2	1	2				2	3	2	2	3	2	2			16
três som													1											1	01
vitrola com rádio																1								1	01
não soube responder		1	3	1	1	1	1	1			2				1	1	3	2	2	2		2	1	1	13
TOTAL	4	5	4	4	2	2	2	2	2	4	2	2	4	2	2	3	8	9	4	4	4	6	6	5	46

Fonte Direta

¹¹⁷Entrevista cedida pelo pioneiro Osvaldo Paula, residente em Sinop desde julho de 1973 e primeiro administrador da cidade, em 01 de nov. de 2010.

TEMA: radiola

PERGUNTA: o aparelho que funciona como rádio e como vitrola (Aulete On-line)...

Na Tabela 188, como também se verifica no Cartograma 188, é o item lexical composto *toca-disco* que se evidencia com maior ocorrência, tendo sido expresso por dezesseis sujeitos, o qual não confere com o item/tema de propositura da questão 188 ...o aparelho que funciona como rádio e como vitrola?. Como frequência, constata-se que este item lexical/norma aparece em nove respostas masculinas, enquanto sete mulheres o citaram, sendo localizado nos quatro pontos de inquérito. Destas respostas, ressalta-se, também, que houve maior preferência pelos entrevistados acima de 50 anos, que pronunciaram *toca-disco* doze vezes, *versus* apenas quatro menções feitas pelos jovens, de 18 a 40 anos.

Quanto ao item lexical/tema *radiola*, manifesta-se em dez proferições distribuídas em três dos quatro municípios pesquisados, Sinop, Cláudia e Santa Carmem. Estas proferições encontram-se divididas em igual número de atribuições responsivas dadas por homens e por mulheres, cinco de ambos; exatamente a mesma distinção numérica que se registra entre as respostas dadas por sujeitos com mais de 50 anos e por jovens, de 18 a 40 anos, cinco de cada faixa etária. Localizam-se, ainda, nos dados assinalados acima, duas expressões que deixam afluir a variante primitiva *rádio*, sendo elas: *rádio com vitrola*, falada unicamente por uma moça, de 18 a 40 anos, de

Sinop; e *vitrola com rádio*, dita tão só por uma jovem, de 18 a 40 anos, de Santa Carmem. Há, também, a inscrição do item *radiovitrola*, evocado apenas por um respondente masculino, com mais de 50 anos, da cidade de Sinop.

Salienta-se, ainda, a grande quantidade de não-respostas atribuídas pelos entrevistados à pergunta supracitada, ou seja, treze sujeitos dos quatro pontos estudados não souberam dar nenhuma resposta ao enunciado de 188, dos quais seis são homens e sete são mulheres. Com relação às faixas etárias, realça-se nos dados uma grande diferenciação numérica, visto que somente três sujeitos acima de 50 anos não deram resposta ao conceito *aparelho que funciona como rádio e como vitrola*, contra dez não-respostas de jovens, de 18 a 40 anos.

Como fato interessante, vale mencionar o excerto de narrativa da pioneira de Cláudia, C19 F, que remete ao contexto inicial da colonização quando ocorriam entretenimentos nos quais se utilizava a *radiola* para animar os ambientes festivos: “Tinha baile ali embaixo, naqueles, naqueles acampamento onde era a Madefátima, ali eles tinha, eles tinha aqueles **baile de radiola**, né, eles tinha aquelas radiola, né, aí eles ponhava as radiola, aquelas radiola à pilha, né, pra fazê bailinho”.

4.12.10 Balconista/Vendedor

189) ...a pessoa que atende fregueses de estabelecimento comercial ao balcão?

Tabela lexical 189

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total					
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios	
Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios	
estendente		2	3	2			1			2	2				1	3	4	1		2	2			1	13	
balconeiro					1													1							01	
balconista	4	3	4	3	2	2	2	2	2	1	2	2	2	1	2	2	3	6	4	4	4	3	4	3	36	
balconheiro					1													1							01	
botequeiro			1		1										1		1								02	
botequeiro		1								1							1				1				02	
caixa														1									1		01	
caixeiro														1										1	01	
comerciante				1										1			1							1	02	
fretista	2												1			2							1		03	
funcionário										1												1			01	
vendedor	2	1	1	3		1		2	1		2				1	3	4		3	1	2		1		14	
TOTAL	8	7	9	9	5	3	3	4	3	4	4	5	3	3	3	3	4	17	16	8	7	7	9	6	7	77

Fonte Direta

TEMA: balconista/vendedor

CARTOGRAMA 189

PERGUNTA: ... pessoa que atende fregueses de estabelecimento comercial ao balcão?

Conforme podemos verificar na Tabela 189, ratificada pelo Cartograma 189, é o item lexical *balconista* que se mostra com maior ocorrência, tendo sido manifestado trinta e seis vezes pelos sujeitos. Este item/norma coincide com um dos temas de propositura da questão 189 *...a pessoa que atende fregueses de estabelecimento comercial ao balcão?*. Como frequência, constata-se que *balconista* se evidencia em todas as respostas dadas pelos vinte homens entrevistados, enquanto dezesseis mulheres o proferiram, localizáveis nos quatro municípios em análise. Ressalta-se que, destas respostas, dezessete foram mencionadas por sujeitos com mais de 50 anos, *versus* dezenove por jovens, de 18 a 40 anos. Localiza-se, ainda, nos dados elencados acima, uma variante morfológica de *balconista*, a que se apresenta com sufixo distinto, *balconeiro*, falada unicamente por um homem, acima de 50 anos, de Vera.

Quanto ao item lexical/tema, *vendedor*, destaca-se como segunda maior ocorrência, com quatorze respostas distribuídas, da mesma forma, em todas as quatro cidades pesquisadas, das quais dez foram expressas por mulheres, enquanto apenas quatro homens o trouxeram em seu corpo responsivo. Destas atribuições responsivas, salienta-se que houve maior preferência pelos entrevistados jovens, de 18 a 40 anos, que pronunciaram *vendedor* nove vezes, contra somente cinco menções feitas por sujeitos acima de 50 anos.

4.12.11 Mascate

190) ... a pessoa que vende mercadoria de porta em porta?

Tabela lexical 190

Tabela Realce 190																																																				
Localidade	Sinop								Vera								Cláudia								Santa Carmem								Subtotal								Total											
Faixa Etária	Acima de 50 anos				18/40 anos				Acima de 50 anos				18/40 anos				Acima de 50 anos				18/40 anos				Acima de 50 anos				18/40 anos				Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Municípios			
Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios																	
ambulante	3	2	1	2	1	1		1			2	1	2	1			4	4	1	2	2	1	2	1											17																	
biscate									1					1								1													02																	
biscateiro		1					1	1										1	1	1															03																	
mamboeiro		1																1																		01																
mascate	2	1	2	1		1	2	2	2	2	1	1	1	1	2	1	4	2	2	3	3	3	3	3	2										22																	
mascateiro	1	1										1					1	1				1													03																	
moambeiro												1	1									1	1												02																	
sacoleiro		1		1					1									2				1													03																	
vendedor							1	1		1	1					1					1			1	1	1	1			1					09																	
vendedor autônomo				1														1																	01																	
vendedor praticista			1																																	01																
não soube responder		1	1		1													1	1	1															03																	
TOTAL	6	8	5	5	2	2	4	5	3	4	5	4	3	3	2	2	11	13	6	7	8	8	5	5											63																	

Fonte Direta

TEMA: mascate

CARTOGRAMA 190

PERGUNTA: ... a pessoa que vende mercadorias de porta em porta?

De acordo com as inscrições da Tabela 190 e de seu respectivo Cartograma, verifica-se que o item lexical *mascate*, de maior ocorrência entre as respostas dadas pelos sujeitos, coincide com o item/tema de propositura da questão 190 ... a pessoa que vende mercadoria de porta em porta?. Ressaltam-se vinte e duas respostas, localizáveis em todos os pontos de inquérito. Como frequência, constata-se que *mascate* se

evidencia em doze respostas dadas pelos homens entrevistados, enquanto dez mulheres o proferiram, mesma quantificação numérica esta que distingue as atribuições responsivas dadas por sujeitos com mais de 50 anos e por jovens, de 18 a 40 anos, dez daqueles e doze destes.

Localiza-se, ainda, nos dados assinalados acima, uma variante morfológica deste item lexical/norma, à qual foi acrescido sufixo, *mascateiro*, falada apenas por um casal, acima de 50 anos, de Sinop, e por uma moça, de 18 a 40 anos, de Cláudia.

4.12.12 Valeta/Valetão/Vala

191) ...escavação pequena ou grande às margens das ruas, estradas, ou entre avenidas, para facilitar o escoamento das águas das chuvas?

Tabela lexical 191

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
boca-de-lobo								1												1					01
boeiro	1			1						1				1		1	1					1	1		04
bueiro		1	1	1			1	1	1		1	2			1		1	2	1	2	2	1	1		10
buracão					1														1						01
buraco		1											1	1			1						1	1	03
canal		1			1					1							1	1			1				03
canalização									1				1									1	1		02
esgoto aberto					1	1								1					1	1			1		03
galeria											1										1				01
ladrão de água									1													1			01
valeta	1	1	1	1			1				2	2	2				2	2			1	2	2	2	11
valetão	3	1		1			1	2	1	1	1		1	1	2	1	3	2	2	2	1	2	2	4	18
valetão	3	1	4	4			2	2			1		1	1		2	7	5	2	2	1		1	3	21
TOTAL	8	6	7	9	4	4	5	4	2	6	6	3	5	4	5	4	14	14	8	8	8	9	10	8	79

Fonte Direta

Conforme a Tabela 191, transposta para o Cartograma 191, o item lexical de maior ocorrência utilizado para responder a pergunta 191 *...escavação pequena ou grande às margens das ruas, estradas, ou entre avenidas, para facilitar o escoamento das águas das chuvas?*, com vinte e uma respostas, foi o aumentativo *valetão*, o qual coincide com um dos temas que engendrou esta pergunta. Há, nos quatro pontos de inquérito, como frequência, onze respostas entre os homens e dez entre as mulheres. Destas respostas, há apenas seis disponibilizadas por sujeitos com mais de 50 anos, contra quinze dadas por jovens, de 18 a 40 anos.

Já o item lexical/tema, o substantivo primitivo *valeta*, destaca-se como segunda maior ocorrência, com dezoito respostas apreendidas em todas as quatro cidades pesquisadas, tendo sido citadas por oito entrevistados masculinos e por dez femininos, mesma quantificação numérica esta que distingue as atribuições responsivas dadas por sujeitos com mais de 50 anos e por jovens, de 18 a 40 anos, dez daqueles e oito destes.

Quanto ao item lexical/tema *vala*, apresenta-se como terceira maior ocorrência, com onze respostas que se encontram, também, em todos os municípios em análise, divididas entre seis respostas dadas por homens, *versus* cinco expressas por mulheres, bem como por cinco registros responsivos feitos por sujeitos acima de 50 anos, contra seis por jovens, de 18 a 40 anos.

Como fato interessante, vale mencionar, abaixo, os excertos de narrativas dos pioneiros de Sinop, S9 M e S11 M, que remetem ao contexto inicial da colonização quando, na época das chuvas, ocorriam alagamentos na cidade e se podia encontrar, inclusive, nas águas que se empoçavam nas *valetas/valetões*, e mesmo em poças que se formavam nas ruas, peixes, os quais eram levados pela força das torrentes chuvas:

Nas ruas de cá, que era de menos movimento, até que passava, mas na Júlio Campos não passava. Porque não escoava a água. Inclusive vinha até aqueles lambarizinho pequeno, vinha na Avenida. É. Ali embaixo, na UNEMAT, tem aquela nascentezinha, né, quando chovia então ela vinha levantando. Pode vê que aquele **valetão** que tem ali na Itaúba, né, pode vê que ali ainda corre água, reparou? Ali até hoje ainda corre água, é. [...] Tinha peixe. Vinha a molecada com peneira e pegava, é. (S9 M).

Na época tinha muito peixe, né, pegava até no meio das **valetas**. É, em qualquer lugar tinha peixe. O ser humano foi acabando com o peixe. (S11 M).

4.12.13 Fossa

192) **...buraco aberto no solo, onde se despejam a água da pia, excrementos etc.?**

Tabela lexical 192

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total		
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop	Vera	Cláudia	Santa Carmem	Municípios		
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios		
buraco negro														1							1	01	
Esgoto	1	2			1				1	1			1	1	1		1	2	1	1	2		10
Fossa	4	3	3	4	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	7	7	4	4	4	4	38
fossa séptica			1														1					01	
Poço													1								1	01	
poço negro	1																1					01	
TOTAL	6	5	4	4	3	2	2	3	3	2	3	2	3	5	3	2	10	9	5	5	6	4	52

Fonte Direta

CARTOGRAMA 192

TEMA: fossa

PERGUNTA: ... buraco aberto no solo, onde se despejam a água da pia, escrementos etc.?

De acordo com as respostas da última questão, 192, da área semântica Vida Urbana ...*buraco aberto no solo, onde se despejam a água da pia, excrementos etc.*?, elencadas tanto no Cartograma quanto na Tabela, é possível observar que a maior ocorrência é do item lexical *fossa*, com trinta e oito respostas distribuídas em todos os pontos de inquérito, o que significa que apenas dois dos quarenta sujeitos entrevistados não o proferiram como resposta a esta questão, mais especificamente uma mulher com mais de 50 anos e um jovem, de 18 a 40 anos, ambos da cidade de Sinop.

Localiza-se, ainda, nos dados expostos acima, uma expressão variante de *fossa*, *fossa séptica*, propalada somente por um rapaz, de 18 a 40 anos, do município de Sinop.

4.12.14 Histograma 44: itens mais frequentes da área semântica Vida Urbana

De acordo com o Histograma quarenta e quatro, é possível verificar a disposição dos itens lexicais de maior ocorrência dados como respostas pelos sujeitos na área semântica Vida Urbana deste estudo sócio-semântico-lexical.

Exponho, abaixo, a sequência enumerativa das perguntas e de seus respectivos itens/norma, que formam o corpo enunciativo desta área semântica:

- 180) Terreno= ...a área que é preciso ter ou comprar para se fazer uma casa na cidade? (Questionário ALiB, 2001, p.38).
- 181) Terraplanagem= ...técnica de construção que visa aplainar e aterrar um/uma _____(cf. item 180), necessários à realização de uma obra?
- 182) Bar= ...um lugar pequeno, com um balcão, onde os homens costumam ir beber _____(cf. item 173) e onde também se pode comprar alguma outra coisa? (Questionário ALiB, 2001, p.38).
- 183) Mercado= ...estabelecimento comercial onde se vendem vários tipos de produtos e mercadorias, como gêneros alimentícios, produtos para limpeza, bebidas etc.? (Aulete On-line).
- 184) Posto = ...lugar onde se vende gasolina ou álcool para veículos automotores?
- 185) Hotel= ...estabelecimento onde se alugam quartos para hospedagem e que geralmente oferecem serviços como café da manhã, lavanderia etc.?
- 186) Zona= ...área de uma cidade onde se localiza o meretrício, o local de prostituição?E se for mulher, como se chama?

- 187) Telefone = ...o aparelho que transmite à distância a palavra falada? (Aurélio, 1986, p. 1658).
- 188) Toca-disco = ...o aparelho que funciona como rádio e como vitrola? (Aulete On-line).
- 189) Balconista = ...a pessoa que atende fregueses de estabelecimento comercial ao balcão?
- 190) Mascate = ... a pessoa que vende mercadoria de porta em porta?
- 191) Valetão= ...escavação pequena ou grande às margens das ruas, estradas, ou entre avenidas, para facilitar o escoamento das águas das chuvas?
- 192) Fossa= ...buraco aberto no solo, onde se despejam a água da pia, excrementos etc.?

Para a realização da escolha de itens lexicais desta área semântica utilizei dois critérios metodológicos:

a) a seleção do item de maior uso, a norma linguística, falado nos quatro pontos de inquérito da pesquisa. Assim, para a área semântica Vida Urbana, o item lexical selecionado para análise é *hotel*, pois se evidencia com trinta e nove ocorrências, ou seja, apenas um dos quarenta respondentes entrevistados não atribuiu este item como resposta à pergunta 185 de meu questionário semântico-lexical.

b) a constatação de itens lexicais com particularidades sócios-histórica e geográfica regionais. Dentre eles, selecionei *mercado*.

Dessa forma, foram dois os itens abstraídos desta décima segunda área semântica, *hotel e mercado*, que serão analisados e (re)significados no contexto de uso norte mato-grossense.

4.12.15 O item lexical *mercado*: apontamentos sócio-semântico-lexicais

O item lexical *mercado*, procedente do latim *mercatus*, segundo Huberman (1976), teria seu registro de uso vinculado ao item *feira*, ambos consolidando-se efetivamente na Idade Média, ainda que haja referência às *feiras livres* feitas já por evangelistas na Bíblia. É na Idade Média, contudo, que se conceitua com maior propriedade a distinção entre *mercado* e *feira*, como se pode verificar abaixo:

[...] os mercados eram pequenos, negociando com os produtos locais, em sua maioria agrícola. As feiras, ao contrário, eram imensas, e negociavam mercadorias por atacado, que provinham de todos os pontos do mundo conhecido. A feira era o centro distribuidor onde os grandes mercadores, que se diferenciavam dos pequenos revendedores errantes e artesãos locais, compravam e vendiam as mercadorias

procedentes do Oriente e Ocidente, Nordeste e Sul. (HUBERMAN, 1976, p.31).

Salienta-se, todavia, que este modelo econômico, muito em voga na Idade Média, foi, aos poucos, tornando-se obsoleto, pois foi sendo substituído pela concentração e centralização da economia industrial. Dessa forma, conforme Sousa:

Inegavelmente, as feiras contribuíram para o desenvolvimento e até mesmo da formação dos mercados, quer seja oligopolístico ou mesmo monopolístico; e, neste sentido, é que se pode ver o desaparecimento das tradicionais feiras que determinam preços ingenuamente, entre compradores e vendedores. A falência das feiras é devido ao que previu MARX, já no século XVIII, o poder de concentração e centralização da economia industrial, tornando os ricos mais ricos e os pobres mais pobres. Portanto, o movimento voluntário entre compradores e vendedores é a melhor forma do mercado atender a todos, sem prejuízo de alguém; mas, com ganhos para todos os agentes participativos da economia. No mundo dos oligopólios, as feiras livres ficam no segundo plano do convívio comercial, tendo em vista que, **o que predomina hoje em dia é a formação de supermercados**. Os supermercados substituem as feiras livres e até mesmo, o comércio natural da cidade, ao se considerar que tudo que se busque para o dia-a-dia do ser humano, encontra-se nos supermercados. Dentro deste complexo de comércio existem as subdivisões que funcionam como empresas individualizadas, com todas as funções próprias e independentes, trabalhando a sua própria realidade. Portanto, nesta estrutura de mercado já não existe a pechincha (pedir para baixar os preços) e nem a competição acirrada na busca de conseguir consumidores, como no mercado livre. (SOUSA, 2004, p. 200-201, grifos meus).

No tocante aos dicionários gerais selecionados para a averiguação semântico-lexical das inscrições dos itens lexicais em análise, observa-se que o verbete *mercado* aparece em todos os quatro: em Bluteau (1712), em Pinto (1832), no Aurélio (1986) e no Aulete Digital. Já no regional Dicionário Gaúcho Brasileiro (2003), localizou-se a variante diminutiva, *mercadinho*. Exponho, abaixo, os sentidos impressos para estes verbetes:

Dicionário	Vocabulario Portuguez & Latino - D. R. Bluteau (1712)	Diccionario da Lingua Brasileira – Luiz M. da S. O. P. Pinto (1832)	Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986)	Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa – (Aulete Digital)	Dicionário Gaúcho Brasileiro – João A. Bossle (2003)	Dicionário do Nordeste – Fred Navarro (2004)
Entrada						

MERCADO	O lugar em que se vende, & compra. Distingue-se de Feira, em que a feira acodem mercadores de fora, no mercado fã da terra. (p. 429)	Feira. Praça onde se vendem viveres. (p.711)	1- Lugar onde se comerciam gêneros alimentícios e outras mercadorias; empório. (p.1120) (FEIRA) 1- Lugar público, muitas vezes descoberto, onde se expõem e vendem mercadorias. 2- P. ext. Compras que se fazem na feira livre. (p.767).	1- Lugar público onde se vendem mercadorias, esp. gêneros alimentícios. (FEIRA) 1- Lugar público, ger. ao ar livre, onde são expostas mercadorias para venda. 2- Bras. Agrupamento de barracas de mercadores de hortaliças, frutas e outros gêneros, em dia da semana e local fixos	(MERCADINHO) Pequeno estabelecimento comercial onde se vendem frutas, verduras, cereais; quitanda. (p. 334) (VENDA) Estabelecimento comercial onde se compram e se vendem os produtos da terra, se adquirem ferragens, fazendas, secos e molhados, e que, ao mesmo tempo (às vezes) é taberna e local de pouso; armazém. (p.521)	
---------	--	--	--	---	--	--

Quadro 37: Reflexões analíticas sobre o item lexical *mercado*.

Fonte: Pesquisa direta.

De acordo com os significados que afluem do item lexical *mercado* nas entradas destes dicionários citados acima, observa-se que a definição trazida por Bluteau (1712), na qual este autor diferencia *mercado* de *feira*, está em sintonia com a concepção supracitada de Huberman (1976), já Pinto (1832) apresenta ambos os itens como sinônimos, sem distinção conceitual, e nos Aurélio (1986) e Aulete manifestam-se duas anotações divergentes, ou seja, ambos os itens lexicais têm seus sentidos especificados separadamente. E são estas duas últimas significações atribuídas a *mercado* que mais se assemelham ao conceito expresso na questão 183 de meu questionário semântico-lexical *...estabelecimento comercial onde se vendem vários tipos de produtos e mercadorias, como gêneros alimentícios, produtos para limpeza, bebidas etc.?*

Quanto aos verbetes e respectivas definições disponibilizadas no Dicionário Gaúcho Brasileiro (2003), resalto que remetem ao contexto histórico de uso que evidenciam os primeiros estabelecimentos comerciais edificadas no norte de Mato Grosso, como se pode conferir no subitem abaixo. Dentre as relações sinonímicas presentes neste dicionário e expostas igualmente nos dados elencados em 4.12.4 desta

pesquisa, destacam-se os itens lexicais *mercadinho*, *quitanda*, *venda*, *secos e molhados* e *armazém*.

Assim sendo, mesmo com a particularização distinta realçada nos dicionários gerais dos séculos XVIII e XIX para a entrada *mercado*, é possível afirmar que há continuísmo semântico deste item no norte mato-grossense, pois, desde a chegada dos primeiros migrantes neste espaço geográfico, constata-se o uso e propagação deste sentido dicionarizado e mantido como norma nesta região.

4.12.15.1 A distribuição do item lexical *mercado* pelos pontos de inquérito

Histograma 45: Mercado (trinta e três ocorrências).

Segundo o Histograma 45, o item lexical *mercado* é encontrado nos quatro pontos de inquérito pesquisados e foi falado trinta e três vezes pelos respondentes. Quanto à distribuição deste item, salienta-se que ela ocorreu da seguinte forma: na cidade de Sinop, sete sujeitos acima de 50 anos o utilizaram, quatro homens e três mulheres, bem como todos os oito jovens entrevistados, de 18 a 40 anos; no município de Vera, apenas dois homens com mais de 50 anos não mencionaram este item lexical em análise; no ponto Cláudia, somente um sujeito jovem, de 18 a 40 anos, não respondeu *mercado*; e, em Santa Carmem, dois homens e uma mulher, ambos acima de 50 anos, não aludiram a este item.

Desse modo, como já enaltecido em 4.12.4, há um número maior de respostas femininas, dezoito, *versus* quinze menções masculinas. Assim como há também um número bem maior de citações de jovens, de 18 a 40 anos, dezenove, o que significa que tão só um respondente jovem não trouxe este item lexical como resposta à pergunta 183, contra quatorze proferições de sujeitos com mais de 50 anos. Ressalta-se que tal fato pode ser assinalado como indício de continuidade deste uso lexical.

É interessante observar, ainda, nos dados listados decorrentes desta questão, que, enquanto houve menor preferência de uso do item *mercado* pelos entrevistados acima de 50 anos, por outro lado, destacou-se predileção destes sujeitos por *armazém*, propalado doze vezes, *versus* apenas cinco evocações feitas por jovens, de 18 a 40 anos.

Evidencia-se que esta escolha lexical e sua consequente distinção quantitativa podem estar relacionadas ao contexto da colonização na década de 70 do século XX, visto que os primeiros pequenos estabelecimentos comerciais instituídos nos municípios em análise foram denominados de “armazéns”, como se pode conferir nos seguintes excertos das narrativas de experiência pessoal:

Tinha um **armazenzinho** assim da firma, tinha uma farmacinha do tamanho disso daqui (gesto), de madeira. A farmácia, um armazenzinho que trazia comida de lá nos caminhão da firma, de Cuiabá, pra servi o pessoal, os morador que tava aqui, o povo que tinha. (V2 F).

Tinha uma tal de Cobal, que era um **armazém** do Governo. Mas tinha outros armazéns também, esse seu... tem um que já estava aqui com armazém, é um japonês, o seu João Kobayashi. (V3 M).

Pra i na Vera pra fazê compra, que tinha um armazém lá, tinha que saí de Santa Carmem, ficá na Carmem, esperá uma caçamba ou jipe que passasse aqui de Sinop pra lá, pra i lá no mercado, no armazém, **naquele tempo não falava mercado, ia no armazém fazê a compra** e voltá, esperá outra carona e chegá em Carmem em treis dia. (SC6 F). Comida, naquele tempo, quem pode trazê trouxe. É, do Paraná. Outros fazia compra, porque, assim, quando eu cheguei já tinha armazém do Osvaldo de Paula, da dona Darcília. [...] Bernardino foi o primeiro armazém que montô aqui na cidade, foi ele. A esposa dele é a Sueli. O cunhado dele é o Osvaldo de Paula, foi prefeito aqui da Sinop. **Eles tinham um armazém de secos e molhados quando nós chegamo.** (S9 M).

O que é que você vai trabalhá, você vai trabalhá com aquilo que a região necessita, que era, na época, era o armazém, material de construção, material de derrubada. [...] O intuito era mexê com isso, só que deu o seguinte: de cara, **o primeiro comércio que nós tivemos foi um armazém, né, que, na época, hoje é um supermercado, mas na época era um armazém, que vendia de tudo, vamos dizer.** (S11 M).

Nóis falava vendinha. Na verdade era venda mesmo, né. **Armazém também falava.** (S14 F).

Do Caiçara. Então, aquele nós comprava ali, é, nós comprava ali, ele tinha um **armazém**, um armazém até forte, porque naquele tempo não tinha energia, não tinha nada. (S15 M).

Tal constatação também se faz presente no relato do pioneiro e primeiro administrador municipal da cidade de Sinop, Osvaldo Paula, pois, de acordo com este migrante:

E eu cheguei aqui em Sinop, **montei um comércio**, o senhor Enio me ajudou a montar o comércio, né. **Naquela época a gente falava armazém. Mas é como se fosse, era um mercado.** Só que naquela época não era o pessoal que fazia a compra, era atendido pelo balcão. Por exemplo, chegava aí e pedia a mercadoria, falava *eu quero isso, eu quero aquilo*, eles faziam a lista depois entregavam, né. **Era o bolicho**, mas devido à região, o nosso falava armazém, né, ou **venda**, que era o comércio. O meu já foi o, o... o primeiro foi do Mauri Weirich, que já foi embora da Sinop, até inaugurou um em Nova Marilândia lá no Pará. E aí eu montei o meu juntamente com o dos Vandreze, que era o meu e o Vandreze também colocou. O meu foi o terceiro armazém praticamente¹¹⁸.

Além do item lexical *mercado*, manifestam-se, nos dados coletados e transcritos, como já salientado, outros itens sinonímicos mencionados como respostas ao conceito da questão 183, que assim foram distribuídos: *armazém, conveniência, mercadinho, mercearia, supermercado e venda*, em Sinop. No município de Vera há *armazém, mercadão, mercadinho, mercearia, merceariazinha, supermercado, venda e vendinha*. Em Cláudia, *armazém, bodega, comércio, empório, hipermercado, mercadão, mercearia, minimercearia, quitanda, supermercado, venda e vendinha*. E em Santa Carmem há, como concorrentes, *armazém, bodega, bolichinho, cantina, conveniência, empório, mercadinho, mercearia, quitanda, supermercado, venda e vendinha*. Localiza-se, ainda, nos dados, a expressão *secos e molhados*, proferida tão somente na cidade de Sinop.

Assim, afora *mercado*, há os itens lexicais *armazém, mercearia, supermercado e venda*, com dezessete, vinte e cinco, doze e doze ocorrências, respectivamente, propagados, também, em todos os pontos em análise. Fato este que exprime a concomitância de uso destes itens na comunidade linguística pesquisada.

É importante realçar, dentre os itens lexicais sinonímicos expostos na Tabela e no Cartograma referentes à pergunta 183, a grande quantidade de itens que foram

¹¹⁸Entrevista cedida pelo pioneiro Osvaldo Paula, residente em Sinop desde julho de 1973 e primeiro administrador da cidade, em 01 de nov. de 2010.

expressos apenas por jovens, de 18 a 40 anos, sendo estes: *cantina, comércio, conveniência, hipermercado e merceariazinha*. Resultado analítico quantitativo este que demonstra a extensa mobilidade substantiva que se tem à disposição na atual conjuntura lexical da língua portuguesa, todavia limitada ao contexto específico em que cada substantivação é cunhada. Neste estudo, particularmente voltado às quatro cidades integrantes do norte de Mato Grosso.

Ressalta-se, dessa forma, segundo os apontamentos analíticos feitos e conforme os resultados apreendidos à tessitura de *mercado*, item lexical disseminado neste espaço geográfico principalmente pelos jovens, de 18 a 40 anos, a continuidade semântica normativa de uso deste item, atentando-se, contudo, à grande relação sinonímica trazida ao corpo responsivo dos sujeitos entrevistados à questão acima citada, como visto dezoito itens lexicais distintos, os quais se encontram atrelados à abrangência da compreensão semântica desta pergunta e às possibilidades de respostas, que remetem, inclusive, às circunstâncias diacrônicas vivenciadas nesta região em análise.

Acentua-se, ainda, que tais possibilidades, que deixam afluir à realidade concreta do falar norte mato-grossense, vêm ao encontro dos estudos feitos por Mikhail Bakhtin sobre a natureza da linguagem, fundamentalmente quando preconiza que a “língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema lingüístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual do falante” (BAKHTIN, 1995, p.124).

4.12.16 O item lexical *hotel*: apontamentos sócio-semântico-lexicais

O item lexical *hotel*, segundo Perissé, é procedente do latim *hospes*, todavia:

[...] a palavra chegou-nos pelo francês *hôtel*, que no século XIII foi *hostel*, em conexão com o latim medieval *hospitale*, designando casa suficientemente ampla, hospitaleira, em que se podia abrigar gente de fora. Do século XV para o XVI começou-se a distinguir a instituição que, por caridade, acolhia os necessitados em geral (pobres, forasteiros, viajantes, peregrinos, velhos, enfermos...) da que cuidava dos doentes e moribundos¹¹⁹.

Historicamente, é possível verificar-se, conforme Miguel, que o início da indústria hoteleira é de um tempo muito remoto, pois:

¹¹⁹PERISSÉ, Gabriel. **O que há de comum entre o hotel, o hospital e o hospício?** Postado em 27 de set. de 2010, às 22h e 42min. Disponível em <http://palavraseorigens.blogspot.com.br/search/label/hotel>. Acessado em 4 de jan. de 2013, às 11h e 14min.

Desde os primeiros deslocamentos de pessoas, havia a necessidade de hospedagem ao longo das viagens. Surgiram, então, os primeiros estabelecimentos hoteleiros, que, no início, eram estabelecimentos extremamente simples, como albergues, hospedarias e mosteiros. Com o passar do tempo, os meios de hospedagem foram se sofisticando, até que surgiram os hotéis, considerados mais luxuosos e requintados. [...] Na Idade Média tem o significado geral de morada, alojamento. O significado de 'hotelaria' parece ter-se formado nas ricas cidades do Norte da França, já no século XIII, e só se generaliza por volta do final do século XV. No início do século XV, a palavra hotel passa a designar qualquer moradia suntuosa (MIGUEL, 2001, p.14).

No entanto, ao longo do tempo, de acordo com Dias (1990, p.31), “a palavra (hotel) tornou-se mais popular, passando a designar qualquer estabelecimento que alugasse quartos; entretanto, a idéia de hotel sempre esteve ligada ao luxo e ao conforto, distinguindo-se dos demais meios de hospedagem”.

Já no Brasil, ainda segundo Miguel (2001), as primeiras hospedarias surgiram no século XVIII, nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, como alternativa de hospedagem para os viajantes europeus que chegavam ao país. No início do século XIX, com a transferência da família real para o Brasil e com a abertura dos portos, houve um aumento na demanda por hospedagem, o que fez com que vários edifícios fossem transformados em estabelecimentos hoteleiros. Desde então a indústria hoteleira brasileira teve momentos de expansão em virtude do desenvolvimento dos transportes e em épocas de prosperidade econômica, e sofreu retrações em momentos de crise econômica. Atualmente, encontra-se em fase de expansão, de crescimento e de novos investimentos.

No tocante aos dicionários gerais selecionados para a averiguação semântico-lexical das inscrições dos itens lexicais em análise, constata-se que o verbete *hotel* aparece somente em dois: no Aurélio (1986) e no Aulete Digital. Quanto às duas entradas distintas registradas em Bossle (2003) e expostas no quadro abaixo, apresento-as porque *dormitório* e *pousada* manifestam-se dentre o rol de itens sinônimos apreendidos como respostas à questão 185 de meu questionário semântico-lexical. Exponho, abaixo, os sentidos impressos nestes dicionários para estes verbetes:

Dicionário	Vocabulário Portuguez & Latino - D. R. Bluteau (1712)	Diccionario da Lingua Brasileira – Luiz M. da S. O. P. Pinto (1832)	Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986)	Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa – (Aulete Digital)	Dicionário Gaúcho Brasileiro – João A. Bossle (2003)	Dicionário do Nordeste – Fred Navarro (2004)
Entrada						

HOTEL			Estabelecimento onde se alugam quartos e apartamentos mobiliados, com refeições ou sem elas. (p.908)	1- Estabelecimento comercial que oferece hospedagem, alugando quartos e apartamentos mobiliados e ger. acrescentando serviços vários de alimentação, lavanderia, lazer etc.	(POUSADA) Pernoite, pouso. (p.413)	
					(DORMITÓRIO) Pessoa que se ocupa com o arranjo de dormitórios. (p.200)	

Quadro 38: Reflexões analíticas sobre o item lexical *hotel*.

Fonte: Pesquisa direta.

De acordo com os significados que afluem do item lexical *hotel* nos registros destes dicionários gerais citados acima, observa-se que ambas as definições se assemelham ao conceito expresso na pergunta 185 *...estabelecimento onde se alugam quartos para hospedagem e que geralmente oferecem serviços como café da manhã, lavanderia etc.?*

Dessa forma, ainda que o item lexical *hotel* só tenha alcançado maior propagação no século XX, visto que os dicionários dos séculos anteriores não o mencionam, é possível afirmar que há continuísmo semântico deste item no norte mato-grossense, pois, desde a chegada dos primeiros migrantes neste espaço geográfico, testifica-se o uso e difusão deste item lexical dicionarizado e mantido como norma nesta região.

4.12.16.1 A distribuição do item lexical *hotel* pelos pontos de inquérito

Histograma 46: Hotel (trinta e nove ocorrências).

Conforme o Histograma 46, o item lexical *hotel* é encontrado nos quatro pontos de inquérito pesquisados e foi falado trinta e nove vezes pelos respondentes. Ressalta-se, assim, que, como já acentuado em 4.12.6, apenas um respondente não aludiu a este item como resposta à pergunta 185, mais especificamente um sujeito com mais de 50 anos de Vera, fato este que remete à continuidade de uso de *hotel* no norte de Mato Grosso.

Além do item lexical *hotel*, evidenciam-se, nos dados coletados e transcritos, como já salientado, outros itens sinonímicos citados como respostas ao conceito desta questão em estudo, que assim foram distribuídos: *dormitório*, *hospedaria*, *pensão* e *pousada*, em Sinop. No município de Vera há *dormitório*, *estalagem*, *hospedaria*, *hotelzinho*, *pensão* e *pousada*. Em Cláudia, *alojamento*, *dormitório*, *pensão* e *pousada*. E em Santa Carmem há, como concorrentes, *albergue*, *dormitório*, *pensão* e *pousada*.

Assim, afora *hotel*, há os itens lexicais *dormitório*, *pensão* e *pousada*, com oito, doze e treze ocorrências, respectivamente, propagados, também, em todos os pontos em análise. Fato este que exprime a concomitância de uso destes itens na comunidade linguística em foco.

Enfatiza-se, ainda, que a escolha lexical normativa de utilização preferencial do item lexical *hotel* pode estar relacionada ao contexto da colonização na década de 70 do século XX, visto que, dentre os primeiros pequenos estabelecimentos edificadas nos municípios em análise, encontravam-se os *hotéis*, à época construções rudimentares, que acolhiam inicialmente os interessados nas compras das terras ofertadas pela Colonizadora Sinop, bem como as autoridades que vinham conhecer a região com o intuito de promovê-la ao desenvolvimento.

Contudo, como já assinalado nas considerações analíticas feitas em 4.9.17, referentes ao item lexical *mata-junta*, a realidade sócio-histórica colonizatória que se segue, após compradas as terras e assim que os colonos trouxeram as suas famílias para se estabelecerem nesta região amazônica, era os abrigos em barracas de lona, sendo que algumas destas famílias permaneceram, inclusive, durante meses nestas acomodações provisórias, como é o caso do pioneiro de Vera, V1 M, “Tudo acampado na beira do rio, aqui no Caiabi. [...] Aí nós fiquemo mais de sete mês, né! É, sete mês.”.

O relato deste contexto de migração e segregação inicial se pode apreender, também, nos seguintes fragmentos de narrativas de experiência pessoal:

Só tinha um **hotel** da firma, né, recebia o pessoal que vinha de avião. [...] Pra recebê o pessoal tinha um hotel de madeira, eu não sei como foi, porque quando nós chegamo já tinha. Lá na terra do Caiabi, pro lado de cá assim, **nós pro lado de lá do rio e eles do lado de cá**. (V2 F). Olha, Sinop não tinha nada ainda. Só uma bomba e um **hotelzinho**, assim, pra, pra acomodá algumas pessoas, mas não tinha nada ainda. (V3 M).

Quando eu cheguei, quando eu cheguei foi o seguinte, onde que é o Banco do Brasil hoje, a Colonizadora tinha montado ali um **hotelzinho** pra dar uma assistência. Mas era um hotelzinho, assim, tinha um, era uma casa de madeira bem acanhadinha. Tinha três, quatro quartos, aquelas camas feitas de tábua e um colchão por cima. [...] Único **hotel**, o único local pra você pará era ali, senão tu dormia dentro da barraca. (S11 M).

Nestas narrativas localizam-se, ainda, os itens lexicais sinônimos, *dormitório* e *pensão*, os quais visam a conceituar, igualmente, o *estabelecimento onde se alugam quartos*. Nos excertos abaixo se pode verificar, além da rusticidade do cenário da colonização, a solidariedade manifestada em algumas situações extremas de dificuldades vivenciadas pelos pioneiros:

Aí, depois mudou um senhor lá chamado Angelim, ele ponhou assim um refeitório, **dormitório**, sabe, acho que ele era melhorzinho de situação. Isso acho que foi em 74. **Aí é que ele dava pouso, pousá lá, dava refeição, dava um cafezinho, sempre ajudava, era muito bom ele**. Depois ele foi embora, tinha dois filho. (SC6 F).

Aí eu vim ali vê. Tinha poquinhos casa ali. [...] Aí tinha um **dormitório** do lado onde nós fiquemo ali. Aí meu marido comprô as terra, em 75. (S13 F).

Aí ele chegou lá e pediu pra dona Amélia, *olha, dona Amélia, a senhora dá pensão pra esse rapaiz e se ele não pagá eu pago*. [...] Ela só respondeu que dava e eu fiquei ali, meu Deus do Céu! Falei *bom, pelo menos eu tenho onde ficá, né*. Risos... (S10 M).

Desse modo, segundo os apontamentos analíticos feitos e conforme os resultados concebíveis de apreensão à tessitura normativa de *hotel*, assim como aos itens lexicais que se apresentam sinonímicos nos dados coletados à questão 185, é possível afirmar que o continuísmo semântico de utilização destes itens relaciona-se, com efeito, ao contexto sócio-histórico e cultural do norte mato-grossense, ainda que o uso do item lexical *hotel*, por exemplo, seja vulgar em todo o Brasil, pois estes estabelecimentos comerciais são comuns em todas as regiões brasileiras. Assim sendo, compreendo, em consonância com Bosi, que:

O passado conserva-se e, além de conservar-se, atua no presente, mas não de forma homogênea. De um lado, o corpo guarda esquemas de comportamento de que se vale muitas vezes automaticamente na sua

ação sobre as coisas: trata-se da memória-hábito, memória dos mecanismos motores. De outro lado, ocorrem lembranças independentes de quaisquer hábitos: lembranças isoladas, singulares, que constituiriam autênticas ressurreições do passado. (BOSI, 1987, p.11).

Portanto, é a partir da reminiscência e reprodução destas lembranças que se constitui o falar de uma comunidade, no caso específico deste estudo a comunidade do norte de Mato Grosso, falar este que não só restitui o passado linguístico, mas agrega, no presente, mudanças e inovações semânticas que são permitidas ao léxico, porque este é o cerne motriz da língua viva.

4.13 Transportes e Orientações Geográficas

A décima terceira área semântica desta pesquisa sócio-semântico-lexical abrange doze conceitos/perguntas que abordam sobre meios de locomoção, recursos e noções espaciais, possibilidades de deslocamento, estado das vias de rodagem e ofícios referentes à transportagem.

Os temas assinalados nas perguntas enunciativas, enumeradas de 193 a 204, foram, consecutivamente: topografia, frete, freteiro, lotação/caravana, comboio, baulado/bauladinho, arriba/riba, costela-de-vaca, pau-de-arara, kômbi/pirua, balsa/barsa/barco/barquinho/bote e baldeação. Ressalta-se que grande parte destes itens lexicais temáticos apresentada remete ao contexto histórico inicial da colonização norte mato-grossense e, portanto, remontam a um cenário rudimentar e de grandes dificuldades enfrentadas pelos migrantes. Dentre elas destacam-se, inclusive, as peripécias vivenciadas para se chegar à região, nas quais grupos de viajantes/compradores eram espremidos em *kômbis* ou *paus-de-arara* para longas viagens por estradas de chão e tendo por passagem obrigatória rios em que não havia ponte.

Os dados reunidos na área Transportes e Orientações Geográficas e os subsequentes procedimentos analíticos por mim realizados encontram-se disponibilizados nos subitens a seguir.

4.13.1 Topografia

193) ...o processo de fornecer dados, obtidos através de cálculos, métodos e instrumentos que permitem o conhecimento do terreno, dando base para execução de projetos e obras realizadas por engenheiros ou arquitetos?

Tabela lexical 193

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total					
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios	
Lexia / Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios	
levantamento									1						1						1				1	02
levantamento topográfico			2														2									02
mapeamento do terreno											1										1					01
medição	1							1								1	1			1				1		08
planejamento				1														1								01
planta								1												1						01
tirar medidas											1										1					01
topografia	3	3	1	1			1	1				1	1			1	4	4	1	1		1	1	1	1	13
não soube responder	1	1	1	2	2	2	1	1	2	2	1	1	1	1	2		2	3	3	3	3	3	3	3	1	21
TOTAL	4	4	4	4	2	2	2	4	3	2	3	2	2	2	2	2	9	8	4	6	6	4	4	4	4	43

Fonte Direta

TEMA: topografia

CARTOGRAMA 193

PERGUNTA: ... o processo de fornecer dados, obtidos através de cálculos, métodos e instrumentos que permitem o conhecimento do terreno, dando base para execução de projetos e obras realizadas por engenheiros ou arquitetos, ?

De acordo com a primeira Tabela, 193, da área semântica Transportes e Orientações Geográficas, transposta para o Cartograma 193, a maior ocorrência para responder a pergunta 193 ...o processo de fornecer dados, obtidos através de cálculos, métodos e instrumentos que permitem o conhecimento do terreno, dando base para execução de projetos e obras realizadas por engenheiros ou arquitetos?, é de não-respostas, ou seja, vinte e um sujeitos dos quatro pontos de inquérito não souberam atribuir nenhuma resposta para esta pergunta. Dentre estes sujeitos, há um número

maior de homens, onze, *versus* dez não menções responsivas femininas, bem como encontra-se uma maior quantificação de não-respostas de sujeitos com mais de 50 anos, doze, contra nove entrevistados jovens, de 18 a 40 anos, que não responderam ao conceito de 193.

Quanto ao item lexical/tema *topografia*, aparece como segunda maior ocorrência, com treze respostas faladas, do mesmo modo, em todos os quatro municípios pesquisados. Com relação à frequência, destacam-se seis respostas masculinas e sete femininas, mesma quantificação numérica esta que distingue as atribuições responsivas dadas por respondentes com mais de 50 anos e por jovens, de 18 a 40 anos, sete daqueles e seis destes. Localiza-se, ainda, nos dados elencados acima, uma expressão variante de *topografia*, em que se mostra alteração morfológica neste item, *levantamento topográfico*, propalado somente por dois rapazes, de 18 a 40 anos, da cidade de Sinop.

4.13.2 Frete

194) ...o transporte de material ou mercadoria, geralmente feito com caminhão, mediante pagamento?

Tabela lexical 194

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal								Total
Palavra Estádio	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
carga						1								1						1				1	02
carramento											1									1					01
despacho		1														1									01
envio/menda		1														1									01
frete	3	2	4	3			2	2	2	2	1	2	1		2	1	7	9	2	2	3	4	3	1	27
freto														1										1	01
mudança																1								1	01
transporte	1	2	1	1		1	1	1	1	1		1	1		1	2	2	3	1	2	1	2	2	2	17
transporte de carga											1										1				01
não souber responder					2	1								1					2	1				1	04
TOTAL	4	6	9	4	2	3	3	3	3	3	3	3	2	3	3	4	9	10	9	6	6	6	9	7	54

Fonte Direta

TEMA: frete

CARTOGRAMA 194

PERGUNTA: ... o transporte de material ou mercadoria, geralmente feito com caminhão, mediante pagamento?

Na Tabela 194, como também se verifica no Cartograma 194, o item lexical que se apresenta com maior ocorrência é *frete*, com vinte e sete respostas distribuídas em todos os quatro municípios pesquisados. Este item/norma, que confere com o tema da questão *...o transporte de material ou mercadoria, geralmente feito com caminhão, mediante pagamento?*, traz, como frequência, quinze respostas masculinas, *versus* doze femininas.

Destas manifestações responsivas, dez foram expressas por respondentes com mais de 50 anos, contra um número bem maior de proferições de sujeitos jovens, de 18 a 40 anos, dezessete. Localiza-se, ainda, nos dados elencados acima, uma variante fonética de *frete*, a que exhibe alteração da vogal final média-alta /e/ pela também média-alta /o/, *freto*, falada unicamente por uma mulher, acima de 50 anos, da cidade de Santa Carmem.

4.13.3 Freteiro

195) ...aquele que contrata ou transporta o _____ (cf. item 194)?
Tabela lexical 195

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal								Total
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop	Vera	Cláudia	Santa Carmem					Município
Lexia SEXO	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Município
caminhoneiro	1	1		3	1	1	1	1		2				1	1	1	1	4	2	2		2	1	2	14
entregador		1			1												1	1							02
fretante														1										1	01
freteiro	4	2	3	3	2	1	2	2	1	1	2	2	2	1	2	2	7	5	4	3	3	3	4	3	32
frentista		2	1	1					1				1		1		1	3			1		2		07
motorista		1		1	1	1	2	1	1		1	1		1	1		2	3	2	2	1	2	1		13
motorista do frete											1										1				01
puxador				1													1								01
transportador	2				1								1	1		1	1		1		1	2	1		08
TOTAL	7	7	4	10	5	4	5	4	3	3	3	5	5	3	6	5	11	17	10	8	6	8	11	8	79

Fonte Direta

TEMA: freteiro

CARTOGRAMA 195

PERGUNTA: ... aquele que transporta o (cfe. item 194)?

Conforme a Tabela 195, transposta para o Cartograma 195, o item lexical *freteiro*, o qual coincide com o tema da pergunta 195 *...aquele que contrata ou transporta o _____(cf. item 194)?*, aparece como o mais usado dentre as respostas dadas pelos entrevistados, com trinta e duas ocorrências em todos os quatro municípios pesquisados, faladas por dezoito sujeitos masculinos e quatorze femininos, mesma quantificação numérica esta que distingue as atribuições responsivas dadas por respondentes com mais de 50 anos e por jovens, de 18 a 40 anos, quatorze daqueles e dezoito destes.

Localizam-se, ainda, nos dados elencados acima, variantes morfológicas deste item/norma: a que altera o sufixo, *fretante*, proferida somente por uma mulher, acima de 50 anos, de Santa Carmem; e a expressão que apresenta o substantivo primitivo de *freteiro*, *motorista de frete*, mencionada unicamente por uma jovem, de 18 a 40 anos, da cidade de Cláudia.

4.13.4 Lotação/Caravana

196) ...quando um grupo de pessoas, que lota um veículo de passageiros, se reúne para viajar com algum propósito, como, por exemplo, conhecer novos lugares ou comprar terras?

Tabela lexical 196

Localidade		Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Total
Faixa Etária		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Município
Sexo		M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Município		
caravana		2				2	1					1		1				2	2	2	1			2						2		08		
comissão			1																	1												01		
comitiva			1		1															2												02		
excursão		1	2	3	3						1	1	2			1	1	4	3			1	3	1	1							13		
expedição					1													1														01		
lotação		1	1	1		1	2	2	2	2	1	2	2	2	3	2	1	2	1	3	4	4	3	4	4							23		
romaria								1												1												01		
não soube responder		2		1		2			1				1	1	1			3		2	1		1	1	1							08		
TOTAL		6	3	3	7	4	2	3	3	2	3	3	6	3	4	3	4	11	12	7	3	3	9	6	8							63		

Fonte Direta

TEMA: lotação/caravana

PERGUNTA: ... quando um grupo de pessoas lota um veículo de passageiros e se reúne para viajar com algum propósito, como, por exemplo, conhecer novos lugares ou comprar terras?

CARTOGRAMA 196

Como podemos observar, tanto na Tabela 196, quanto no Cartograma 196, o item lexical *lotação*, o qual coincide com um dos temas de propositura da questão 196 *...quando um grupo de pessoas, que lota um veículo de passageiros, se reúne para viajar com algum propósito, como, por exemplo, conhecer novos lugares ou comprar terras?*, destaca-se como norma de uso entre os sujeitos, com vinte e cinco respostas distribuídas em todos os pontos de inquérito. Destas respostas, evidenciam-se treze proferições de sujeitos masculinos e doze de mulheres, as quais se encontram divididas, também, entre treze menções de respondentes com mais de 50 anos, *versus* doze de jovens, de 18 a 40 anos.

Quanto ao item lexical/tema *caravana*, aparece no corpo responsivo de nove entrevistados, localizados, da mesma forma, em todos os quatro municípios pesquisados. Como frequência, realçam-se seis respostas femininas e três masculinas, sendo que cinco destas atribuições responsivas foram dadas por jovens, de 18 a 40 anos, contra quatro por entrevistados acima de 50 anos.

Salienta-se, ainda, a grande quantidade de não-respostas manifestadas pelos sujeitos à pergunta supracitada, ou seja, nove sujeitos dos quatro pontos estudados não souberam dar nenhuma resposta ao enunciado de 196, dos quais seis são homens e três são mulheres. Com relação às faixas etárias, ressalta-se nos dados esta mesma diferenciação numérica, visto que seis respondentes, acima de 50 anos, não deram resposta ao conceito *quando um grupo de pessoas, que lota um veículo de passageiros, se reúne para viajar com algum propósito*, *versus* três não-respostas de jovens, de 18 a 40 anos.

Este fato, todavia, me fez refletir sobre a possibilidade de não compreensão deste conceito pelos sujeitos com mais de 50 anos que não concederam resposta à questão 196, pois este contexto de “lotar um veículo de passageiros” e vir “conhecer e comprar terras” no norte mato-grossense foi vivenciado pelos pioneiros, os quais eram contatados por corretores que estavam a serviço da Colonizadora Sinop S/A, como se pode constatar no seguinte fragmento da entrevista dada pelo administrador e migrante de Sinop, Osvaldo Paula:

[...] eles puseram os corretores pra vendê e um dos corretores convidou meu sogro pra vir pra conhecer aqui. Aí meu sogro disse assim: *você vai comigo no Mato Grosso conhecer uma região assim e assim?* Falei: *vou*. Aí naquela época os corretores tinham uma kômbi, cada corretor tinha uma kômbi. **Fazia uma caravana de kômbi**, lotava uma caravana e vinha. Aí meu sogro marcou a viagem com o

corretor da Colonizadora, né, e viemos numa caravana, acho que oito pessoas numa kômbi, né. Chegamos aqui a primeira vez em maio de 1972, na cidade de Vera, aonde tinha, estava iniciando, ainda não tinha sido inaugurada a cidade ainda¹²⁰.

Esta constatação se faz também presente nos relatos de experiência pessoal dos sujeitos entrevistados de Santa Carmem, SC7 F, e de Sinop, S10 M, como é possível verificar nos excertos abaixo:

Aí veio uma lotação numa kômbi e eu tava com a menininha mamando, ela era nenenzinha, era um bebezinho. Aí vim junto com eles, mas, gente do céu! Mas sorte que a menina mamava, né, porque senão a coitadinha ia passá fome porque não tinha leite, não tinha nada. (SC7 F).

Isso em 78, 79. A Colonizadora tinha uns corretores de imóveis que pegavam gente lá do Paraná, do Rio Grande do Sul, dessas regiões, e traziam pra cá pra vendê terra, né. **E muitos faziam a caravana e vinham conhecê e tal.** (S10 M).

4.13.5 Comboio

197) ...quando uma porção de veículos juntos se dirige a um mesmo destino, para, por exemplo, transportar alimentos, combustíveis etc.?

Tabela lexical 197

Localidade		Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Total	
Faixa Etária		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios	
Sexo		M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios			
camboio							1													1												01			
carreata			2	1	2							1	1	1	1		2	1	4				1	1	1	1	3						11		
comboio		1	1	2	4					1	2	1	2				1		3	3			1	4	1	1							13		
encarreados																	1														1	01			
fila							1								1							1								1		02			
fileira							2	1								1					1	2									1	03			
frota		1	1								2				1			1	1				2								1	03			
não soube responder		2			1		2				1				1	1	1			3		2	1		1	1	1						08		
TOTAL		4	4	4	6	2	3	2	2	2	3	3	2	2	3	2	4	3	10	4	3	3	3	4	7								47		

Fonte Direta

TEMA: comboio

PERGUNTA: ... quando uma porção de veículos juntos se dirigem a um mesmo destino, para, por exemplo, transportar alimento, combustíveis etc.?

LEXIAS

camboio	fila
carreata	fileira
comboio	frota
encarreados	não soube responder

FAIXAS ETÁRIAS

Homem - Acima de 50 anos	Mulher - Acima de 50 anos
Homem - 18 a 40 anos	Mulher - 18 a 40 anos

CARTOGRAMA 197

¹²⁰Entrevista cedida pelo pioneiro Osvaldo Paula, residente em Sinop desde julho de 1973 e primeiro administrador da cidade, em 01 de nov. de 2010.

O Cartograma 197, assim como a sua respectiva Tabela, mostram que a maior ocorrência de atribuições responsivas para a pergunta 197 *...quando uma porção de veículos juntos se dirige a um mesmo destino, para, por exemplo, transportar alimentos, combustíveis etc.?* é do item lexical *comboio*, faladas por quinze sujeitos em todos os quatro pontos de inquérito. Como frequência, constata-se que este item/norma aparece em sete respostas femininas, *versus* oito masculinas. Destas respostas, há um número bem maior de citações de jovens, de 18 a 40 anos, dez, contra cinco de sujeitos com mais de 50 anos. Destaca-se, também, que *comboio* coincide com o tema de propositura desta pergunta. Localiza-se, ainda, nos dados catalogados acima, uma variante fonética deste item lexical, a que apresenta a variável da vogal média-alta inicial em posição pretônica /o/ pela baixa /a/, *camboio*, dita unicamente por um rapaz, de 18 a 40 anos, da cidade de Vera.

Salienta-se, também, a grande quantidade de não-respostas manifestadas pelos respondentes à questão supracitada, ou seja, nove entrevistados dos quatro pontos estudados não souberam dar nenhuma resposta ao enunciado de 197, dos quais seis são homens e três são mulheres. Com relação às faixas etárias, ressalta-se nos dados esta mesma diferenciação numérica, visto que seis sujeitos, acima de 50 anos, não deram resposta ao conceito *quando uma porção de veículos juntos se dirige a um mesmo destino*, *versus* três não-respostas de jovens, de 18 a 40 anos.

4.13.6 Baulado/Bauladinho

198) *...quando o centro de uma estrada apresenta-se mais levantado ao meio, com o formato de um pequeno arco semelhante à tampa de um baú, com o propósito de não empoçar água da chuva?*

Tabela lexical 198

Localidade	Sinop				Vera				Citéria				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Citéria		Santa Carmem		Municípios
Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
estabelecido					1														1						01
estabelecido	1			1													1	1							02
estabelecido			1		1									1			1		1				1		08
estabelecido													1											1	01
estabelecido	1	2					1				1	1	1				1	2		1	1	1	1		07
estabelecido							1									1			1					1	02
curva de nível	1																1								01
embaulado		1	1						2	2	1	1			1		1	1			3	3	1		08
embaulado															1									1	01
lombado	3		1	2			1			1		1	1	1			4	2	1			2	1	1	11
lombado						1														1					01
ondulado										1												1			01
não soube responder		1	1	1		1		1							1	1	2		2					1	06
TOTAL	6	4	4	4	2	2	2	2	2	4	2	3	2	2	2	3	10	8	4	4	4	7	4	5	46

Fonte Direta

TEMA: baulado/bauladinho

CARTOGRAMA 198

PERGUNTA: ... quando o centro de uma estrada apresenta-se mais levantado ao meio, com o formato de um pequeno arco semelhante à tampa de um baú, com o propósito de não empoçar água da chuva?

Na Tabela 198, como também se pode verificar no Cartograma 198, o item lexical *lombada* se apresenta com maior ocorrência, com onze respostas expressas pelos sujeitos em todos os quatro pontos de inquérito. Este item/norma não coincide com os temas de propositura da questão 198 ...quando o centro de uma estrada apresenta-se mais levantado ao meio, com o formato de um pequeno arco semelhante à tampa de um baú, com o propósito de não empoçar água da chuva?. Como frequência, observa-se que *lombada* aparece dividido entre as respostas dadas por seis homens e por cinco mulheres; quanto às proferições efetuadas por sujeitos com mais de 50 anos e por jovens, de 18 a 40 anos, constata-se que aqueles o utilizaram seis vezes enquanto estes o mencionaram cinco vezes. Este item lexical expõe, ainda, nos dados elencados acima, uma variante morfológica, a que exhibe alteração de gênero, *lombado*, falada unicamente por uma mulher, acima de 50 anos, da cidade de Vera.

Quanto ao item/tema *baulado*, também se evidencia em todas as quatro cidades pesquisadas e foi trazido ao corpo responsivo de sete entrevistados, mais especificamente de três homens e de quatro mulheres, dos quais quatro têm acima de 50 anos e três são jovens, de 18 a 40 anos. Destacam-se, nos dados, outros itens lexicais variantes, fonéticos e morfológicos, de *baulado*, que são, respectivamente: o que realça prótese e metátese, *abaluado*, manifestado somente por um respondente com mais de 50 anos de Vera; o que apenas mostra prótese, *abaulado*, pronunciado por um homem

acima de 50 anos e por uma jovem, de 18 a 40 anos, ambos de Sinop; o que ressalta só metátese, *baluado*, propalado por uma mulher com mais de 50 anos de Santa Carmem; o que deixa afluir epêntese, *bauleado*, dito tão somente por jovens, de 18 a 40 anos, um rapaz de Vera e uma moça de Santa Carmem; o que agrega prefixo, *embaulado*, que se revela quantificado nos dados como segunda maior ocorrência, com nove menções distribuídas em três dos quatro municípios em estudo, Sinop, Cláudia e Santa Carmem, tendo sido citado por cinco sujeitos masculinos e quatro femininos; e o que exprime prefixo e epêntese, *embauleado*, proferido apenas por uma moça, de 18 a 40 anos, de Santa Carmem.

Já o item lexical/tema, o diminutivo *bauladinho*, não foi atribuído como resposta por nenhum dos respondentes entrevistados.

Como fato interessante, salienta-se, conforme o pioneiro de Sinop, S9 M, à época motorista de caminhão, que, no início da colonização, logo após os trabalhos de abertura da via que liga Cuiabá ao norte de Mato Grosso (Cuiabá-Santarém) realizados pelo 9º BEC, as estradas não eram ruins, fundamentalmente por causa do pouco trânsito. Dessa forma, segundo este pioneiro:

Chovia, mas a estrada era bem **bauladinha**. **Baulada**. O centro da estrada era que nem o asfalto agora, só que era mais levantado o meio, justamente pra não empoçar água em cima, né. Chovia muito, mas corria tudo para a lateral. **Durou pouco, porque depois veio caminhão pesado**.

4.13.7 Arriba/Riba

199) ...quando se quer indicar a parte superior, a parte de cima?

Tabela lexical 199

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal								Total
Palavra Estária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
arriba											1											1			01
lá em cima							1						1	2	2	1			1				3	3	07
lá emriba	2	1					1		1		1		2			1	2	1	1		2		2	1	08
lá pra cima	1	1	2	3		2		1	1			1		1			3	4		3	1	1		1	13
lá pra cimaô														1										1	01
lá pra riba	4	1	2	4	1		1	2	1	2	1	1			2	1	6	5	2	2	2	3	2	1	23
no alto			1														1								01
não soube responder		2				1												2	1						03
TOTAL	7	5	5	7	2	2	3	3	3	2	2	3	3	4	4	3	12	12	5	5	5	5	7	7	36

Fonte Direta

PERGUNTA: ... quando se quer indicar a parte superior, a parte de cima?

De acordo com a Tabela 199, transposta para o Cartograma 199, a maior ocorrência para responder a pergunta 199 *...quando se quer indicar a parte superior, a parte de cima?* é da expressão *lá pra riba*, variante de um dos itens lexicais/tema de propositura desta pergunta, a qual foi falada vinte e três vezes em todos os quatro pontos de inquérito. Como frequência, observa-se que esta expressão/norma aparece dividida entre as respostas dadas por doze homens e por onze mulheres; quanto às proferições feitas por sujeitos com mais de 50 anos e por jovens, de 18 a 40 anos, constata-se que aqueles a utilizaram nove vezes enquanto estes a mencionaram quatorze vezes.

Lá pra riba expõe, ainda, nos dados elencados acima, uma variante morfológica, a que exhibe alteração da preposição contraída *pra* pela preposição *em*, *lá em riba*, e que se mostra quantificada nos dados como segunda maior ocorrência, com nove menções distribuídas, do mesmo modo, em todos os quatro municípios em análise, tendo sido citada por um número bem maior de sujeitos masculinos, sete, *versus* apenas duas manifestações femininas, das quais se evidenciam, também, um maior número de respostas dadas por respondentes com mais de 50 anos, seis, contra três realçadas por jovens, de 18 a 40 anos.

Ressalto, como fato interessante, o estranhamento sobre o jeito de falar, já em voga no norte de Mato Grosso quando aqui chegaram as pioneiras S14 F, de Sinop, advinda de Indaial/SC, e C19 F, de Cláudia, proveniente de São Luiz/PR, relatado por ambas nos seguintes excertos de suas narrativas de experiência pessoal:

Quando eu cheguei aqui, aí tinha um pessoal que veio com o, com o Toni Banana, daí começô a vim um pessoal, não sei de, da... aí eles chegaram aqui e falaram assim [...] **vamo lá pra riba?** [...] E aí eu falei *o que que é lá pra riba?*; *é subi lá pra cima*. Risos... Acho que vieram junto com o Toni Banana, eles vieram do Paraná, é, era do Paraná. É, eles falavam *vamo lá pra riba*. (C19 F).

4.13.8 Costela-de-vaca

Tabela lexical 200

Localidade		Sinop								Vere				Céleste				Santo Carmem				Suíza I				Vere				Céleste				Santo Carmem				Torta I
Pais	Etnia	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vere		Céleste		Santo Carmem		Municípios								
Sexo		M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios								
turco												1		1											1		1			02								
turcos				1			1											1		1					1					02								
os baço-de-figueiro										1															1					01								
os baço-de-garrel												1														1				01								
costeinde-uca	1	3		1	1					1		1		1		2	1	1	4	1		2		3	1	1	1	1	12									
costeinde-uca	2			1			1			2	1	1	1	1		2	1	1		3	1	1	1	1	1	1	1	1	10									
costeinde-uca																	1											1	01									
costeinde-uca	1			1								1					2					1			1				08									
costeinde-uca				1		1						1				2		1		1				1	2				09									
costeinde-uca							1												1										01									
costeinde-uca		1		1			1		1			1	1				2	1	1		2	1	1		1		2		06									
costeinde-uca											1														1				01									
costeinde-uca												1	2				1							1	2			1	04									
embunada				1	1													1	1										02									
embunada				1						1								1		1					1				02									
embunada				1	1			1	1					1												1			09									
quatre-estrelas															1													1	01									
sobredesce															1													1	01									
tripidigão	1				2		1		1			1	2	1		1			1	2		2	1	2	2				10									
tripidigão						1														1									01									
não soube responder			1	1															1	1									02									
TOTAL		9	9	8	6	8	8	8	8	9	2	7	7	9	8	9	9	13	11	6	6	12	9	10	8				79									

Florinda

719

TEMA: costela-de-vaca

CARTOGRAMA 200

PERGUNTA: ...quando a estrada de terra ou asfalto apresenta irregularidades, ondulações, uma sequência de desníveis, que provoca solavancos nos veículos?

A questão 200, como podemos observar na Tabela e também no Cartograma 200, traz, de acordo com as respostas registradas, como norma de uso na comunidade linguística pesquisada, o item lexical *costela*, com doze respostas manifestadas entre os sujeitos nos quatro pontos de inquérito. Destas atribuições responsivas, há sete dadas por sujeitos masculinos e cinco por femininos, sendo exatamente esta a quantificação numérica que distingue as respostas dadas pelos respondentes acima de 50 anos e pelos entrevistados jovens, de 18 a 40 anos, sete daqueles e cinco destes. Este item/norma é variante primitiva do tema da pergunta *...quando a estrada de terra ou asfalto apresenta irregularidades, ondulações, uma sequência de desníveis, que provoca solavancos nos veículos?*.

Destacam-se, nos dados assinalados acima, outros itens lexicais variantes, morfológicos e fonéticos, de *costela*, que são, respectivamente: o que se evidencia acrescido de sufixo, *costelamento*, expresso somente por uma jovem, de 18 a 40 anos, de Santa Carmem; o que agrega igualmente sufixo, *costeleta*, pronunciado por um homem, acima de 50 anos, e por um jovem, de 18 a 40 anos, ambos de Sinop, bem como por um rapaz, de 18 a 40 anos, de Cláudia; o diminutivo *costelinha*, propalado por um jovem, de 18 a 40 anos, de Sinop, por um homem com mais de 50 anos de Vera, por

uma moça, de 18 a 40 anos, de Cláudia, e por dois rapazes, de 18 a 40 anos, de Santa Carmem; o que se diferencia pela variável da vogal média-alta em posição pretônica /o/ pela alta /u/, *custela*, dito por oito sujeitos de todas as quatro cidades pesquisadas, dos quais seis são do gênero feminino e apenas dois do masculino, assim como há, também, grande distinção numérica entre as respostas dadas por sujeitos acima de 50 anos e por jovens, de 18 a 40 anos, duas daqueles e seis destes; e o que, do mesmo modo, apresenta diferenciação pela variável da vogal média-alta em posição pretônica /o/ pela alta /u/, contudo estando na forma diminutiva, *custelinha*, citado só por três jovens, de 18 a 40 anos, sendo um rapaz e duas moças de Cláudia, e, ainda, uma jovem de Santa Carmem.

O item lexical/tema, o composto *costela-de-vaca*, aparece nos dados com dez respostas localizáveis em todos os municípios em análise. Quanto à sua distribuição, encontra-se dividida em um número maior de respostas masculinas, sete, *versus* somente três femininas. Destas respostas, se realça, igualmente, um maior número de menções feitas por entrevistados com mais de 50 anos, sete, contra três dadas por jovens, de 18 a 40 anos. Este item/tema exhibe, também, compostos variantes: *costelinha-de-vaca*, falado unicamente por um jovem, de 18 a 40 anos, de Vera; *custela-de-vaca*, manifestado apenas por uma mulher, acima de 50 anos, de Cláudia; e *quebra-custela*, deixado afluir só por uma mulher com mais de 50 anos de Santa Carmem.

4.13.9 Pau-de-arara

201) ...caminhão adaptado para o transporte de passageiros, coberto com lona e com varas na carroceria às quais os passageiros se agarram?

Tabela lexical 201

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal								Total
Idade	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
tema																									
arara												2										2			02
carro de mão			1								1						1				1				02
caminhão de boia-fria											1										1				01
galão			1						1	1							1				1	1			08
pendureira							1												1						01
pau-de-arara	4	4	3	2	1	1	2	1	1	1	1	1	2	2	2	2	7	6	3	2	2	2	4	4	30
transportador					1														1						01
não soube responder			1	1				1									1	1		1					08
TOTAL	4	4	4	4	2	2	2	2	2	2	2	3	2	2	2	2	8	8	4	4	4	7	4	4	43

Fonte Direta

TEMA: pau-de-arara

CARTOGRAMA 201

PERGUNTA: ...caminhão adaptado para transporte de passageiros, coberto com lona e com varas na carroceria às quais os passageiros se agarram?

Conforme a Tabela 201, transposta para o Cartograma 201, o item lexical composto de maior uso em todos os pontos de inquérito, que se evidencia como resposta à pergunta 201 *...caminhão adaptado para o transporte de passageiros, coberto com lona e com varas na carroceria às quais os passageiros se agarram?*, com trinta proferições, é *pau-de-arara*. Quanto à distribuição deste item/norma, destacam-se dezesseis manifestações responsivas masculinas e quatorze femininas, sendo esta a mesma quantificação numérica que distingue as respostas dadas pelos entrevistados jovens, de 18 a 40 anos, e pelos sujeitos com mais de 50 anos, quatorze daqueles e dezesseis destes. Ressalta-se, também, que *pau-de-arara* coincide com o tema que serviu de mote para a elaboração do conceito de 201. Localiza-se, ainda, nos dados supracitados, a variante que apresenta apenas o segundo item lexical deste composto/tema, *arara*, falada somente por duas moças, de 18 a 40 anos, da cidade de Cláudia.

Salienta-se que, de acordo com o contexto já exposto em 4.13.4, se inicialmente se faziam caravanas ou lotações em automóveis do estilo *kômbi*, das quais participaram tanto o pioneiro Osvaldo Paula quanto a migrante de Santa Carmem, SC7 F, segundo os relatos expressos por ambos, todavia outros colonos foram trazidos ao norte de Mato

Grosso em caminhões adaptados, popularmente conhecidos como *pau-de-arara*. Esta constatação se faz presente na narrativa de experiência pessoal do pioneiro de Vera, V3 M, como se pode verificar abaixo:

Tinha uns corretores da Sinop que traziam o pessoal. Arrumavam um caminhãozinho lá, **naquele tempo chamavam de pau-de-arara**, os nortista falava, e aí arrumavam um caminhãozinho novo até e fizemos um pau-de-arara, fizemos bancos, uma coberta em cima e daí vinha, vinha quatorze pessoas em cima e mais três na cabine. E nós já vinha trazendo algum material pra fazê uma casinha pro irmão meu que vinha morá em Sinop.

Outros migrantes ainda trouxeram a mudança nestes caminhões, prontos para já aqui se estabelecerem, como foi o caso da pioneira de Vera, V4 F, que, juntamente com seus familiares, veio

lá do Paraná. Veio meu pai, eu, eu já era casada, eu já trouxe a Maria e o meu filho que faleceu já, veio de lá pequeno, e dois compadre do meu pai. **Veio bastante gente num caminhão só, num pau-de-arara. Num pau-de-arara.** O João veio com nove meis, não sei como não morreu na estrada. Naquele tempo não tinha asfalto, não tinha nada, né. [...] Chegemo aqui que nem uns bicho. Porque fecharam mal fechado o caminhão, eu acho que os motorista eles ponhê um preço, que eu nem me recordo o preço, eu acho que eles se arrependeram depois, viu que era muito longe. [...] Levemo tudo no caminhão, né, farofa, e não parava em lugar nenhum. Do jeito que saiu lá do Paraná, muita gente no caminhão, cada um trouxe um pouquinho de coisa. Do jeito que saiu de lá acho que foi saí aqui, a pará aqui.

4.13.10 Kômbi/Pirua

202) ...o automóvel usado para transporte de passageiros ou carga, atualmente ainda bastante utilizado para levar crianças à escola?

Tabela lexical 202

Localidade	Sinop				Vera				Céu da				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Pela Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Céu da		Santa Carmem		Municípios
Lexia / Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
kômbi	4	3	4	4	2	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	8	7	4	3	4	4	4	4	38
kombosa							1												1						01
lotação ônibus escolar	1															1									01
						2													2						02
perua	2	1	1							1	1				2		3	1			1	1	2		08
pirua	1	1	1											1	2		1	2	1				1	3	07
pininha														1						1					01
vã	1	2		2		2					1	1	1				1	4		2	1	1	1		10
TOTAL	9	7	6	6	2	3	3	2	2	3	4	3	4	3	4	3	13	13	3	8	6	6	8	7	68

Fonte Direta

TEMA: kombi/pirua

CARTOGRAMA 202

PERGUNTA: ... o automóvel usado para transporte de passageiros ou carga,
atualmente ainda bastante utilizado para levar crianças à escola?

Como podemos observar tanto na Tabela 202, quanto no Cartograma 202, o item lexical *kômbi* destaca-se como norma de uso entre os sujeitos em todos os pontos de inquérito pesquisados, com trinta e oito respostas à questão 202 *...o automóvel usado para transporte de passageiros ou carga, atualmente ainda bastante utilizado para levar crianças à escola?*, o que significa que apenas dois dos quarenta entrevistados não trouxeram este item/norma como resposta a esta questão, mais especificamente duas mulheres com mais de 50 anos, uma de Sinop e uma de Vera. Salienta-se, também, que *kômbi* coincide com um dos temas que serviu de mote para a elaboração do conceito de 202. Localiza-se, ainda, nos dados supracitados, a variante que apresenta acréscimo de sufixo, *kombosa*, falada somente por um rapaz, de 18 a 40 anos, da cidade de Vera.

O item lexical/tema *pirua*, por sua vez, aparece com sete proferições localizáveis em só dois dos quatro municípios em estudo, Sinop e Santa Carmem. Este item foi expresso por três sujeitos masculinos e por quatro femininos, dos quais cinco têm mais de 50 anos, enquanto dois têm de 18 a 40 anos. Há, também nos dados, duas variantes de *pirua*: uma fonética, que evidencia alternância da vogal pretônica alta /i/ pela vogal média-alta /e/, *perua*, pronunciada por oito respondentes de três das quatro cidades em análise, Sinop, Cláudia e Santa Carmem, sendo que seis destes respondentes são do

sexo masculino e apenas dois do feminino; e outra morfológica, o diminutivo *piruinha*, assinalado unicamente por uma mulher, acima de 50 anos, de Santa Carmem.

Acentua-se, ainda, que, no início da colonização norte mato-grossense, na década de setenta do século XX, havia concomitância de uso de ambos os itens lexicais/tema apontados acima, como nos informa a pioneira de Santa Carmem, SC8 F, no seguinte fragmento de sua narrativa de experiência pessoal: “Aí, quando foi com um ano, aí nós ficamo mió, **aí apareceu uma kômbi**, sabe, aí vinha e levava, **eles falava pirua**, sabe, levava nós e trazia”.

4.13.11 Balsa/Barsa/Barco/Barquinho/Bote

203) ...transporte flutuante, preso a um cabo, que faz a travessia de veículos ou pessoas em rios onde não há ponte? (Houaiss, 2004, p.388).

Tabela lexical 203

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop	Vera	Cláudia	Santa Carmem	Municípios
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
balsa	4	4	4	4	2	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	8	8	4	3	39
barco		1				1											1	1			02
barsa						1												1			01
bote		1															1				01
canoas	1																1				01
TOTAL	5	6	4	4	2	3	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	9	10	4	3	44

Fonte Direta

Na Tabela 203, como também se verifica no Cartograma 203, o item lexical que se apresenta com maior ocorrência é *balsa*, com trinta e nove respostas distribuídas em todos os quatro municípios pesquisados, o que significa que apenas um sujeito, dos quarenta entrevistados, não aludiu a este item/norma, mais especificamente uma mulher com mais de 50 anos da cidade de Vera. Ressalta-se que *balsa* confere com um dos temas da questão *...transporte flutuante, preso a um cabo, que faz a travessia de veículos ou pessoas em rios onde não há ponte?*. Quanto ao item lexical/tema *barsa*, variante fonética (rotacismo) de *balsa*, foi mencionado tão somente por uma mulher, acima de 50 anos, de Vera.

Já o item/tema *barco*, aparece nos dados só com duas respostas manifestadas por mulheres com mais de 50 anos, uma de Sinop e uma de Vera; enquanto a sua variante/tema, o diminutivo *barquinho*, não foi trazido ao corpo responsivo de nenhum dos respondentes.

O item lexical/tema *bote*, por sua vez, se evidencia unicamente na resposta expressa por um sujeito feminino, acima de 50 anos, de Sinop.

4.13.12 Baldeação

204) *...quando se faz a transferência de passageiros, cargas ou mercadorias de um veículo para outro, por exemplo, de um ônibus para a/o _____(cf. item 203)?*

Tabela lexical 204

Localidade	Sinop				Vera				Cáudia				Santa Carmem				Suíto				Total					
País Etnia	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cáudia		Santa Carmem		Municípios	
Idade Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios	
baldeação	2	2	1		1				1	1	1	1	2	1	1	1	3	2	1		2	2	3	2	13	
baldear											1	1	1								1	1	1		08	
baldeação	1		1	2							1				1	2	2				1		1		06	
baldear	1												1				1							1	02	
baldeamento						1					1							1			1				02	
baldeação									1												1				01	
baldeamento			1														1								01	
baldeação						1												1							01	
desportar													1										1		01	
mudança		1												1			1					1			02	
rodar			1														1								01	
rotação			1														1								01	
transportar		1		1													2								02	
transportar		1				1							1				1	1					1		08	
transportar													1									1			01	
transporte			1	1		1		1		1						1	1	2		1					09	
troca			1					1								1				1					02	
não soube responder						1	1											1	1						02	
TOTAL	4	9	7	4	2	2	2	2	2	3	2	4	3	4	3	2	11	9	4	4	4	7	6	6	51	

Forte Direta

PERGUNTA: ... quando se faz a transferência de passageiros, cargas ou mercadorias

de um veículo para outro, por exemplo, de um ônibus para a/o (cfe. item 203)?

De acordo com a última Tabela, 204, da área semântica Transportes e Orientações Geográficas, transposta para o Cartograma 204, a maior ocorrência de respostas à pergunta *...quando se faz a transferência de passageiros, cargas ou mercadorias de um veículo para outro, por exemplo, de um ônibus para a/o _____(cf. item 203)?* é do item lexical *baldeação*, o qual confere com o tema desta pergunta, com quinze respostas atribuídas pelos entrevistados nos quatro pontos de inquérito. Destas respostas, há seis proferições femininas, *versus* nove de sujeitos masculinos, divididas entre dez manifestações responsivas dadas por sujeitos com mais de 50 anos, contra cinco de jovens, de 18 a 40 anos.

Há, ainda, no quadro supracitado, variantes fonéticas e morfológicas deste item/norma, que estão assim disponibilizadas: a forma verbal infinitiva, *baldear*, falada por um casal de jovens, de 18 a 40 anos, de Cláudia, e por um homem, acima de 50 anos, de Santa Carmem; a que evidencia alternância da vogal média-alta /e/ pela alta /i/, *baldiação*, pronunciada por um homem com mais 50 anos de Sinop, um rapaz, de 18 a 40 anos, também de Sinop, assim como por quatro moças, de 18 a 40 anos, duas de Sinop, uma de Cláudia e uma de Santa Carmem; a forma verbal infinitiva que igualmente substitui a vogal média-alta /e/ pela pretônica alta /i/, *baldiar*, citada somente por dois respondentes acima de 50 anos, um homem de Sinop e uma mulher de

Santa Carmem; a que ressalta troca da vogal média-alta /e/ pela alta /i/ e modificação de sufixo, *baldimento*, propalada apenas por dois jovens, de 18 a 40 anos, um rapaz de Vera e uma moça de Cláudia; a que exhibe síncope, *baleação*, assinalada unicamente por uma mulher com mais de 50 anos de Cláudia; e a que mostra rotacismo, *bardeação*, mencionada só por um homem, acima de 50 anos, da cidade de Vera.

4.13.13 Histograma 47: itens mais frequentes da área semântica Transportes e Orientações Geográficas

De acordo com o Histograma quarenta e sete, é possível verificar a disposição dos itens lexicais e expressão de maior ocorrência dados como respostas pelos sujeitos na área semântica Transportes e Orientações Geográficas deste estudo sócio-semântico-lexical.

Exponho, abaixo, a sequência enumerativa das perguntas e de seus respectivos itens e expressão/norma, ou, quando for o caso, da identificação de maior quantificação de não atribuições responsivas, que formam o corpo enunciativo desta área semântica:

- 193) Não soube responder= ...o processo de fornecer dados, obtidos através de cálculos, métodos e instrumentos que permitem o conhecimento do terreno, dando base para execução de projetos e obras realizadas por engenheiros ou arquitetos?
- 194) Frete= ...o transporte de material ou mercadoria, geralmente feito com caminhão, mediante pagamento?
- 195) Freteiro = ...aquele que contrata ou transporta o _____(cf. item 194)?

- 196) Lotação= *...quando um grupo de pessoas, que lota um veículo de passageiros, se reúne para viajar com algum propósito, como, por exemplo, conhecer novos lugares ou comprar terras?*
- 197) Comboio= *...quando uma porção de veículos juntos se dirige a um mesmo destino, para, por exemplo, transportar alimentos, combustíveis etc.?*
- 198) Lombada = *...quando o centro de uma estrada apresenta-se mais levantado ao meio, com o formato de um pequeno arco semelhante à tampa de um baú, com o propósito de não empoçar água da chuva?*
- 199) Lá pra riba = *...quando se quer indicar a parte superior, a parte de cima?*
- 200) Costela= *...quando a estrada de terra ou asfalto apresenta irregularidades, ondulações, uma sequência de desníveis, que provoca solavancos nos veículos?*
- 201) Pau-de-arara= *...caminhão adaptado para o transporte de passageiros, coberto com lona e com varas na carroceria às quais os passageiros se agarram?*
- 202) Kômbi= *...o automóvel usado para transporte de passageiros ou carga, atualmente ainda bastante utilizado para levar crianças à escola?*
- 203) Balsa= *...transporte flutuante, preso a um cabo, que faz a travessia de veículos ou pessoas em rios onde não há ponte?* (Houaiss, 2004, p.388).
- 204) Baldeação= *...quando se faz a transferência de passageiros, cargas ou mercadorias de um veículo para outro, por exemplo, de um ônibus para a/o _____(cf. item 203)?*

Para a realização da escolha do item lexical desta área semântica utilizei somente o critério metodológico de seleção do item de maior uso, a norma linguística, falado nos quatro pontos de inquérito da pesquisa. Assim, para a área semântica Transportes e Orientações Geográficas, o item lexical selecionado para análise é *balsa*, pois se evidencia com trinta e nove ocorrências, ou seja, apenas um dos quarenta respondentes entrevistados não atribuiu este item como resposta à pergunta 203 de meu questionário semântico-lexical. Portanto, *balsa* foi o item lexical abstraído desta décima terceira área semântica, o qual será analisado e (re)significado no contexto de utilização norte mato-grossense.

4.13.14 O item lexical *balsa*: apontamentos sócio-semântico-lexicais

Segundo Sandri e Henriques, a origem do item lexical *balsa*, provavelmente,

vem do latim ibérico, no português e espanhol *balsa*, e do catalão *bassa*, para nomear a vasilha de madeira usada para pisar uvas, o mesmo que *dorna*. O termo *balsa* possui o primeiro registro escrito de 1314 (Dic. Houaiss, 2009) e pode estar associado ao topônimo lusitano Balsa, uma antiga e importante cidade romana do século I a. C. e que era o centro urbano de Tavira até o século VI de nossa era, na região costeira de Algarve, Portugal. Essa antiga cidade, cujos moradores eram balsenses, era um importante centro urbano e cultural da época e vivia de plantações e um intenso comércio fluvial ou marítimo (SANDRI, HENRIQUES, 2012, p.1351).

Em consonância com esta hipótese de origem histórica do item lexical *balsa* esboçada pelos autores acima citados encontram-se os apontamentos de outros dois estudiosos da língua, Câmara Jr. (1982, p.198), que afirma que “No português, o substrato é das línguas ibéricas pré-românicas; o conjunto de palavras dessa origem é pequeno e muito fragmentário (*sarna, balsa, manteiga, veiga, arroio*, etc.)”, e Ismael Coutinho (2005, p.189), o qual, além de reiterar a procedência ibérica de *balsa*, especifica ainda mais esta proveniência: “Os vocábulos de origem ibérica, que se acham incorporados ao português, decorrem, em sua maior parte, do basco, e são: *abarca, arroio, baía, balsa, barro, bezerro, bizarro, cama* [...]”.

No Brasil, de acordo com dados históricos expostos no *site* oficial do Museu Nacional do Mar, as pequenas embarcações, à semelhança de *balsas*, já existiam e eram usadas desde antes da chegada de Cabral nas enseadas e rios brasileiros. Conforme estes dados disponibilizados:

As balsas, antecessoras das jangadas, são embarcações conhecidas e relatadas desde a Antigüidade. Estão presentes na Bíblia, na Odisséia e em muitas das crônicas e tradições dos períodos mais remotos da história da humanidade. Já existiam também no Brasil pré-cabralino. Seu primeiro registro foi fornecido pelo próprio Pero Vaz de Caminha na sua famosa carta, escrita em Porto Seguro, a bordo da nau de Pedro Álvares Cabral [...] Era a Piperi ou Igapeba dos tupis, utilizada em toda a costa. Embarcações semelhantes existiam em vários locais da América muito antes da chegada dos europeus¹²¹.

No tocante aos dicionários gerais selecionados para a averiguação semântico-lexical das inscrições dos itens lexicais em análise, constata-se que o verbete *balsa* aparece em todos os quatro: em Bluteau (1712), em Pinto (1832), no Aurélio (1986) e no Aulete Digital. Exponho, abaixo, os sentidos impressos nestes dicionários para este verbete:

¹²¹MUSEU NACIONAL DO MAR. Acervo. **Sala das Jangadas**. Disponível em <http://www.museunacionaldomar.com.br/estrutura/jangadas.htm>. Acessado em 14 de jan. às 15h e 39min.

Dicionário Entrada	Vocabulário Portuguez & Latino - D. R. Bluteau (1712)	Diccionario da Lingua Brasileira – Luiz M. da S. O. P. Pinto (1832)	Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986)	Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa – (Aulete Digital)	Dicionário Gaúcho Brasileiro – João A. Bossle (2003)	Dicionário do Nordeste – Fred Navarro (2004)
BALSA	Paos, & pedaços de madeira, engenhados a modo de barco. (p.25)	Barco espécie de jangada de madeira, ou couro para atravessar rios. (p.137)	4-Espécie de jangada grande, usada para transportar cargas pesadas, geralmente em pequenas distâncias. (p.225)	1- Embarcação us. para transportar cargas pesadas, veículos, e/ ou pessoas, e/ ou animais, ger. a pequenas distâncias. 3- Plataforma flutuante, bastante rudimentar, que faz a travessia de veículos e pessoas em rios onde não há ponte.	_____	_____

Quadro 39: Reflexões analíticas sobre o item lexical *balsa*.

Fonte: Pesquisa direta.

Ao se observar os significados que afluem do item lexical *balsa* nas inscrições destes dicionários gerais supracitados, é possível verificar que as definições se assemelham ao conceito expresso na pergunta 203 de meu questionário semântico-lexical *...transporte flutuante, preso a um cabo, que faz a travessia de veículos ou pessoas em rios onde não há ponte?*, ainda que a especificidade de tamanho, “grande”, e a delimitação de peso, “cargas pesadas”, características intrínsecas estas que permitem, por exemplo, a *travessia de veículos*, só tenha se particularizado no século XX.

Dessa forma, pode-se afirmar, sem se desconsiderar, todavia, as especificações evidenciadas no parágrafo anterior, que há continuísmo semântico deste item no norte mato-grossense, pois, desde a chegada dos primeiros migrantes neste espaço geográfico, testifica-se o uso e difusão deste item lexical dicionarizado e mantido como norma nesta região.

4.13.14.1 A distribuição do item lexical *balsa* pelos pontos de inquérito

Histograma 48: Balsa (trinta e nove ocorrências).

Segundo o Histograma 48, o item lexical *balsa* é encontrado nos quatro pontos de inquérito pesquisados e foi falado trinta e nove vezes pelos respondentes. Ressalta-se, assim, que, como já acentuado em 4.13.11, apenas um sujeito não aludiu a este item como resposta à pergunta 203, mais especificamente uma mulher com mais de 50 anos da cidade de Vera, fato este que remete à continuidade de uso de *balsa* no norte de Mato Grosso.

Além do item lexical *balsa*, manifestaram-se, nos dados coletados e transcritos, outros itens sinonímicos dados como respostas ao conceito desta questão em estudo, que assim foram distribuídos: *barco*, *bote* e *canoa*, em Sinop. E no município de Vera há *barco* e a variante *barsa*.

Enfatiza-se, ainda, que a escolha lexical normativa de utilização preferencial do item lexical *balsa* pode estar relacionada ao contexto da colonização norte mato-grossense na década de 70 do século XX, visto que os pioneiros que se deslocavam para este espaço geográfico se deparavam, em sua longa trajetória de vinda, com extensos trechos rodoviários sem asfalto e com rios em que não havia pontes, com destaque para o Teles Pires, pois representava e ainda representa a principal passagem para se chegar à região. Dessa forma, o mais eficiente meio de travessia existente à época era a *balsa*, como se pode constatar nos seguintes fragmentos de narrativas de experiência pessoal:

[...] não tinha estrada por aqui, essa BR não tinha. Isso não tinha nada, nós entrava por aqui, pelo fogo seco, dois caminhão da firma, nós entrô com os caminhão, os caminhão de mercadoria entrava por aqui. A BR, essa 163, tava parada acho que em Lucas do Rio Verde ou em

Nova Mutum. Lá tinha um campo de avião e a estrada tava parada lá, essa BR. Acho que em Lucas do Rio Verde. Vinha uma estrada por Ubiratã, por aqui oh (gesto)! Tinha uma estrada, **tinha uma barsa**, passava os caminhão com a gente, mudança, mercadoria, tudo por dois Mercedes, de caminhão da firma. (V2 F).

Eu não gostei muito, fiquei meio apavorada, porque de Cuiabá pra cá era só cerrado. Não tinha nada, nada, nada... Teles Pires não tinha ponte como tem hoje, ali era o 9º BEC, **tinha balsa**. Daí, se tu chegava depois das seis horas da tarde, aí tu não passava. Tu tinha que ficá lá até o outro dia pra passá; depois das seis não passava mais. (S13 F).

No começo era tudo estrada de chão, tudo estrada de chão. Pobreza quando era chuva, os rio passava tudo por cima das ponte ali que tinha, é; e era um negócio perigoso. Muitas vezes então o ônibus fazia baldeação, porque até certo ponto não podia passá. Então passava tudo de barquinho, de barquinho, baldeava tudo os carro ali, tinha um barco só pra levá os passageiro pra lá e as mala. E a gente passava perigo ali, porque eles enchia muito, oia, a água faltava um tantinho pra enchê o bote, porque enchia muito o barquinho. [...] Teve diversos rio ali, porque tem o rio Nandico, o Caiabi e o Celeste, tem o rio Verde, que tinha uma ponte veia. **É que ali no Teles Pires não tinha ponte. Ali passava com uma balsa**, ali era uma balsa que botava em cima treis, quatro caminhão e ônibus, é. Só que era cruzado com, com uma roldana ali, com uma corda lá pro outro lado, é. Não tinha motor, não tinha ... era manivela que tocava lá, pra puxá pra lá, depois puxava de volta. (S15 M).

Esta constatação também se faz presente no trabalho de pesquisa desenvolvido por Teixeira (2006, p.95) sobre a colonização da Gleba Celeste, quando salienta que “As condições eram precárias, e para se chegar à área muitas vezes era necessário se fazer a travessia de balsa pelo rio Teles Pires”. A foto a seguir, integrante dos arquivos históricos da Colonizadora Sinop, retrata, com efeito, o cenário narrado acima:

Fotografia 18: Travessia de balsa no rio Teles Pires no período inicial de colonização.
Fonte: Colonizadora Sinop S.A., Acervo Particular

O uso de *balsas* no norte de Mato Grosso, por sua vez, se estende até os dias de hoje, ainda que já se tenham edificado pontes sobre o rio Teles Pires e sobre outros afluentes deste rio. Este uso, geralmente rudimentar, ressalta-se fundamentalmente nas atividades econômicas da região, como, por exemplo, às ligadas ao ramo madeireiro, à mineração e à agricultura, sendo que esta última manifesta, inclusive, interesses futuros de projeção de rota de *balsas* para fortalecer o setor. Nos fragmentos abaixo, retirados de duas notícias postadas em 2012 e uma veiculada em 2003, é possível confirmar que se mantém a utilização e mesmo que se volta atenção a este meio de transporte fluvial em voga nas águas dos rios norte-amazônicos em Mato Grosso:

[...] a decisão também diz respeito às balsas que, segundo constatou o MPF, usam o leito do rio Teles Pires como atalho para o transporte de madeira irregular. Os proprietários das balsas serão advertidos a não transportar caminhões madeireiros em hipótese alguma, sob pena de multa de R\$ 3 mil por embarcação, apreensão de todo o equipamento e o indiciamento em todos os crimes ambientais que tenham ajudado a concretizar (DIÁRIO DE CUIABÁ, 2003).

[...] estamos sofrendo uma grande invasão de balsas e dragas do Amazonas, Rondônia e Mato Grosso, o que pode causar grandes impactos ambientais ao Rio Tapajós¹²².

Produtores de soja em Mato Grosso estão pensando na construção de uma rota de balsas ligando as regiões do norte do estado com o Rio Amazonas. O caminho lógico para a operação de balsas seria sobre os Rios Teles Pires e Tapajós que se iniciam em **Mato Grosso** e terminam no rio Amazonas na cidade de Santarém no Pará. Já existem unidades de grãos no **Porto de Santarém**, que serão ampliadas para coincidir com a conclusão de uma estrada asfaltada do norte de Mato Grosso ainda este ano. Há alguns poucos barcos que atualmente transportam soja até o porto, mas eles percorrem toda a Amazônia no estado de Rondônia. Se as **barcaças** forem colocadas em operação, isso representaria um fator importante para os mercados mundiais de soja produzida no estado. (grifos do autor)¹²³.

Assim sendo, de acordo com os apontamentos analíticos feitos e conforme os resultados concebíveis de apreensão à tessitura normativa de *balsa*, pode-se afirmar que o continuísmo semântico de uso deste item lexical relaciona-se ao contexto sócio-histórico vivenciado pelos migrantes no período da colonização norte mato-grossense e encontra respaldo ainda nas atuais, geralmente rudes, plataformas utilizadas para a

¹²²TRIBUNA TAPAJÔNICA. **Balsas e dragas estão poluindo o rio Tapajós acima das cachoeiras de São Luiz**. Postado por Nazareno Santos em 12 de ago. de 2012, às 09h e 18min. Disponível em <http://tribunaitb.blogspot.com.br/2012/08/balsas-e-dragas-estao-poluindo-o-rio.html>. Acessado em 15 de jan. de 2013, às 17h e 45min.

¹²³RURAL CENTRO. Agricultura. **Sojicultores querem transportar soja por balsa**. Postado em 02 de mai. de 2012, às 00h. Disponível em <http://ruralcentro.uol.com.br/noticias/sojicultores-querem-transportar-soja-por-balsa-56342>. Acessado em 15 de jan. de 2013, às 17h e 37 min.

navegação em muitos rios da região. Há que se levar em consideração, também, que o emprego do item *balsa* é vulgar em todo o Brasil, pois esta espécie de embarcação, como visto acima, já era conhecida no território brasileiro desde antes da chegada de Cabral.

4.14 Doenças e Tratamentos

A décima quarta e última área semântica desta pesquisa sócio-semântico-lexical abrange seis conceitos/perguntas que retratam sobre enfermidades com distintos sintomas e possibilidades terapêuticas de trato a males encontrados na região em estudo.

Os temas assinalados nas perguntas enunciativas, enumeradas de 205 a 210, foram, consecutivamente: malária, malaiero, hérnia estrangulada, congestão, cidreira e salmoura. Vale ressaltar que essa área foi acrescida ao trabalho por se compreender a necessidade de abordagem de doenças que acometiam e ainda acometem os moradores norte mato-grossenses, em especial a *malária*, visto que é uma moléstia que se concentra essencialmente na Amazônia Legal, sendo que, na década de 70 do século XX, marco da colonização dos quatro pontos de inquérito, a situação epidemiológica dessa moléstia agravou-se neste espaço geográfico e, portanto, ceifou muitas vidas de recém-chegados colonos. Destaca-se, ainda, que os recursos de tratamentos eram escassos nesse contexto, consequentemente recorria-se a opções medicinais disponíveis, como as ervas e os emplastros, que eram utilizados para amenizar a dor.

Os dados reunidos na área Doenças e Tratamentos e os subsequentes procedimentos analíticos por mim realizados encontram-se disponibilizados nos subitens a seguir.

4.14.1 Malária

205) ...a doença infecciosa transmitida pela picada de mosquito, encontrado em maior proporção em regiões rurais e próximo a rios e matas, e apresenta como principais sintomas calafrios e febre?

Tabela lexical 205

Localidade		Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal								Total	
País	Etnia	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios	
		M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F		
Lexia	SEXO	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios	
rural	masculino	4	4	4	4	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	8	8	4	4	4	4	4	4	40	
rural	feminino	3			1	2					1			1				3	1	2		1	1	1		08	
rural	total						1			1											1	1				02	
TOTAL		7	4	4	5	4	3	2	2	3	3	2	2	3	2	2	2	11	9	6	5	5	5	5	4	50	

Fonte Direta

TEMA: malária

CARTOGRAMA 205

PERGUNTA: ... a doença infecciosa transmitida pela picada de mosquito, encontrado em maior proporção em regiões rurais e próximos a rios e matas, e apresenta como principais sintomas calafrios e febre?

Conforme a primeira Tabela da área semântica Doenças e Tratamentos, 205, transposta para o Cartograma 205, o item lexical *malária*, o qual coincide com o tema da pergunta 205 ...a doença infecciosa transmitida pela picada de mosquito, encontrado em maior proporção em regiões rurais e próximo a rios e matas, e apresenta como principais sintomas calafrios e febre?, aparece como o mais utilizado dentre as respostas trazidas pelos sujeitos, com quarenta ocorrências em todos os quatro municípios em estudo, o que significa que todos os quarenta entrevistados disponibilizaram este item/norma em seu corpo responsivo.

Ressalta-se, ainda, que *malária* apresenta, nos dados elencados acima, duas variantes morfológicas derivadas do radical *-mal*, que são, respectivamente: *maleita*, dada como resposta por oito respondentes também localizáveis em todos os pontos de inquérito, dos quais se realça grande distinção numérica entre os gêneros, visto que seis homens trouxeram este item lexical/variante como resposta à questão acima, *versus* tão somente duas citações manifestas por mulheres, da mesma forma ocorre elevada diferenciação quantitativa entre as faixas etárias, pois sete sujeitos acima de 50 anos mencionaram *maleita*, contra a proferição única de uma jovem, de 18 a 40 anos, de Sinop; e a que evidencia síncope da variante anterior, *maleta*, falada apenas por dois sujeitos com mais de 50 anos, uma mulher de Vera e um homem da cidade de Cláudia.

4.14.2 Malaiero

206) ...a pessoa que adquire _____(cf. item 205)?

Tabela lexical 206

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
doente			1				1				1						1		1		1				08
malateinto													1										1		01
malareinto													1										1		01
malariento		1					1	1									1	1	1						08
malata				1													1								01
maleito											1											1			01
maleitoso	3	1			2				2	1			1		1	1	3	1	2		2	1	2	1	12
não soube responder	1	2	3	3		2		1		1		2		1	1	1	4	3		3		3	1	2	18
TOTAL	4	4	4	4	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	8	8	4	4	4	4	4	4	40

Fonte Direta

De acordo com a Tabela 206, transposta para o Cartograma 206, a maior ocorrência de manifestações responsivas para a pergunta 206 ...a pessoa que adquire _____(cf. item 205)? é de não-respostas, ou seja, dezoito sujeitos dos quatro pontos de inquérito não souberam mencionar nenhuma resposta para esta pergunta. Destes respondentes, há um número maior de mulheres, treze, *versus* apenas cinco não-

respostas masculinas, bem como há distinção numérica entre as não atribuições dadas por sujeitos com mais de 50 anos, sete, contra onze de jovens, de 18 a 40 anos.

Quanto ao item lexical/tema *malaiero*, tema que engendrou a questão supracitada, não aparece dentre as respostas expressas pelos respondentes, no entanto, se evidenciam, nos dados elencados acima, variantes morfológicas deste item, todas elas com alterações sufixais agregadas ao radical *-mal*, as quais relaciono a seguir: *malaiento*, falada unicamente por uma mulher, acima de 50 anos, de Santa Carmem; *malarento*, dita tão somente por um homem com mais de 50 anos também de Santa Carmem; *malariento*, proferida por uma mulher, acima de 50 anos, de Sinop, e por um casal de jovens, de 18 a 40 anos, de Vera; *malata*, propalada só por uma moça, de 18 a 40 anos, de Sinop; *maleito*, aludida apenas por um rapaz, de 18 a 40 anos, de Cláudia; e, ainda, *maleitoso*, que se destaca como segunda maior ocorrência, com doze respostas localizáveis em todos os quatro municípios em estudo, das quais nove foram citadas por homens e somente três por mulheres, sendo que, destas citações, salientam-se dez dadas por entrevistados com mais de 50 anos, *versus* só duas enfatizadas por jovens, de 18 a 40 anos.

4.14.3 Hérnia estrangulada

207) ...tipo de hérnia intestinal em que ocorre bloqueio da circulação sanguínea e do trânsito fecal, o que pode ocasionar a perfuração do intestino e levar o paciente à morte se não for operado rapidamente?

Tabela lexical 207

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total					
Pela Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios	
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios	
apendicite	1		1	1			1		1				2		1		1	2	1	1		1	2		2	08
barriga-d'água															1								1		01	
diverticulite				1														1							01	
hérnia			1				1	1	1	1	1	1	1	1		1	1			1	2	2	1	2	08	
hérnia estrangulada		1																1							01	
incurabilidade														1										1	01	
intestino preso							1													1					01	
não-res- triplas	1		2	1													1	3	1					1	05	
não soube responder	2	3		2	2	2	1			1	1		1	1	1		2	5	3	2	1	1	2	1	17	
TOTAL	4	4	4	5	2	2	2	2	2	2	2	3	2	4	2	3	8	9	4	4	4	5	4	7	45	

Fonte Direta

TEMA: hérnia estrangulada

CARTOGRAMA 207

PERGUNTA: ...tipo de hérnia intestinal em que ocorre bloqueio da circulação sanguínea e do trânsito fecal, o que pode ocasionar a perfuração do intestino e levar o paciente à morte se não for operado rapidamente ?

Conforme a Tabela 207, transposta para o Cartograma 207, a maior ocorrência de manifestações responsivas para a pergunta 207 ...*tipo de hérnia intestinal em que ocorre bloqueio da circulação sanguínea e do trânsito fecal, o que pode ocasionar a perfuração do intestino e levar o paciente à morte se não for operado rapidamente?* é de não-respostas, ou seja, dezessete sujeitos dos quatro pontos de inquérito não souberam mencionar nenhuma resposta para esta pergunta. Destes sujeitos, há um número maior de mulheres, nove, *versus* oito não-respostas masculinas, bem como há grande distinção numérica entre as não atribuições dadas por sujeitos com mais de 50 anos, doze, contra apenas cinco de jovens, de 18 a 40 anos.

Quanto à expressão/tema *hérnia estrangulada*, tema que engendrou a questão supracitada, aparece unicamente na resposta aludida por uma mulher, acima de 50 anos, de Sinop. Há, ainda, nos dados elencados acima, uma variante desta expressão, a que exhibe somente o primeiro item lexical de ambos, o substantivo *hérnia*, com nove respostas localizáveis em todos os quatro municípios em estudo, das quais quatro foram citadas por homens e cinco por mulheres, sendo que, destas citações, salientam-se quatro dadas por entrevistados com mais de 50 anos, *versus* cinco proferidas por jovens, de 18 a 40 anos.

4.14.4 Congestão

208) ...quando há uma interrupção da digestão no estômago e que ocorre geralmente por causa de um excesso ou exagero na alimentação?

Tabela lexical 208

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal								Total	
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios	
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios	
azia	1				1	1							1	1			1	1	1			1	1		09	
cogestão	1	1			1												1	2							08	
congestão	3	2	1	1	1	2	1	2	2	2	1	1	2	2	2	1	4	3	2	4	3	3	4	3	26	
congestão cerebral														1										1	01	
dor de barriga	1						1					1					1		1		1				08	
embugado								1												1					01	
empurinado			1										1	1		1	1						1	2	04	
empaninado														1										1	01	
empaxado														1	1								1	1	02	
estufado			1											1			1								1	02
fastiado																1									1	01
indigestão			1									1					1				1				02	
intoxicação alimentar												1										1			01	
má digestão		1	1	2								1				1	1	3				1		1	06	
não soube responder							1					1							1			1			02	
TOTAL	6	4	3	3	2	2	3	3	2	2	3	3	4	7	3	4	11	9	3	3	3	7	7	11	60	

Fonte Direta

Na Tabela 208, como também se verifica no Cartograma 208, é o item lexical *congestão* que se evidencia com maior ocorrência, tendo sido expresso por vinte e seis sujeitos, o qual confere com o item/tema de propositura da questão 208 *...quando há uma interrupção da digestão no estômago e que ocorre geralmente por causa de um excesso ou exagero na alimentação?*. Como frequência, constata-se que este item

lexical/norma aparece dividido exatamente entre o mesmo número de respostas dadas por homens e por mulheres, treze proferições de ambos, sendo localizado nos quatro pontos de inquérito. Destas respostas, ressalta-se que houve maior preferência pelos entrevistados acima de 50 anos, que o pronunciaram dezesseis vezes, *versus* dez menções feitas pelos jovens, de 18 a 40 anos.

Localizam-se, ainda, nos dados assinalados acima: a variante fonética que exhibe síncope, *cogestão*, falada por um casal com mais de 50 anos e por uma moça, de 18 a 40 anos, todos da cidade de Sinop; e a expressão/variante, que agrega um segundo item lexical à *congestão*, *congestão cerebral*, dita tão só por uma mulher, acima de 50 anos, do município de Santa Carmem.

4.14.5 Cidreira

209) ...o arbusto ou árvore pequena com folhas esverdeadas, pequenas flores brancas com aroma de limão, e que são muito consumidas em chás com o propósito medicinal, mais especificamente como calmante e para dores em geral?

Tabela lexical 209																																																																								
Localidade	Sinop								Vera								Cláudia								Santa Carmem								Sinop								Vera								Cláudia								Santa Carmem								Total							
Faixa Etária	Acima de 50 anos				15/40 anos				Acima de 50 anos				15/40 anos				Acima de 50 anos				15/40 anos				Acima de 50 anos				15/40 anos				Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Municípios																							
Idade Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios																																			
casal	1																																					01																																		
casal			1					1		2				2													1				1		2	2				06																																		
casal								1		1																					1							02																																		
casal								1																										1				02																																		
casal	1							1																												1		08																																		
casal		2	1	2				1	2		2			2	1	1	1	1	1	1	4	2	1	1	2	2	2	2	2								16																																			
casal								1																														01																																		
casal	1	1	1	1										1	1					1	2	2						1	1	1							07																																			
casal																																				1		01																																		
casal	1	1	2	1	1							2																									06																																			
Total	4	4	5	4	2	3	2	2	2	2	3	2	3	5	2	2	2	2	3	3	4	5	4	6	7	4											47																																			
Fonte Direta																																																																								

Conforme podemos verificar na Tabela 209, ratificada pelo Cartograma 209, é o item lexical *cidreira* que se mostra com maior ocorrência, tendo sido manifestado dezesseis vezes pelos sujeitos. Este item/norma coincide com o tema de propositura da questão 209 *...o arbusto ou árvore pequena com folhas esverdeadas, pequenas flores brancas com aroma de limão, e que são muito consumidas em chás com o propósito medicinal, mais especificamente como calmante e para dores em geral?*. Como frequência, constata-se que *cidreira* se destaca em sete respostas dadas pelos entrevistados masculinos, enquanto nove mulheres o proferiram, mesma quantificação numérica esta que distingue as atribuições responsivas dadas por sujeitos com mais de 50 anos e por jovens, de 18 a 40 anos, sete daqueles e nove destes, localizáveis nos quatro municípios em análise.

Há, ainda, nos dados elencados acima, uma variante fonética de *cidreira*, a que exhibe síncope, *cidera*, falada somente por três respondentes acima de 50 anos, um homem de Sinop, uma mulher de Vera e uma mulher de Santa Carmem.

Encontram-se, também, variantes morfológicas deste item lexical nos dados, as quais agregam um item que antecede este substantivo/norma formando com ele uma palavra composta, são elas, respectivamente: *cana-cidreira*, dita unicamente por um homem com mais de 50 anos de Sinop; *capim-cidreira*, citada por dois jovens, de 18 a 40 anos, um rapaz de Sinop e uma moça de Vera, bem como por quatro sujeitos acima de 50 anos, duas mulheres de Cláudia e dois homens de Santa Carmem; *erva-cedreira*, propalada apenas por um homem com mais de 50 anos de Vera; e, ainda, a variável *erva-cidreira*, que se evidencia com sete respostas distribuídas em três das quatro cidades pesquisadas, Sinop, Cláudia e Santa Carmem, sendo quatro destas respostas expressas por mulheres, enquanto três homens a trouxeram em seu corpo responsivo, assim como houve maior preferência de uso desta variante pelos entrevistados jovens, de 18 a 40 anos, que a pronunciaram quatro vezes, contra três menções feitas por sujeitos acima de 50 anos.

Acentua-se, também, a grande quantidade de não-respostas apresentadas pelos respondentes à questão supracitada, ou seja, oito sujeitos dos pontos de Sinop, de Vera e de Cláudia, quatro homens e quatro mulheres, não souberam atribuir nenhuma resposta ao conceito de 209. Destes sujeitos, cinco são jovens, de 18 a 40 anos, e três têm mais de 50 anos.

4.14.6 Salmoura

210) ...um tipo de emplastro em que se usa sal, água quente e um pano, que serve para amarrar essa mistura em machucados ou lesões, supostamente para diminuir a dor e desinchar?

Tabela lexical 210

Localidade	Sinop				Vera				Cláudia				Santa Carmem				Subtotal				Total				
Faixa Etária	Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Acima de 50 anos		18/40 anos		Sinop		Vera		Cláudia		Santa Carmem		Municípios
Lexia Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	Municípios
atadura			1														1								01
compensa	1																1								01
compressa	1	1			1			1	1		1	1		1		1	1	1	2	1	1	1	1	1	08
emplastro		1				1											1		1						02
emprasto	1		1							2							1	1			2				04
emprasto	1												1	1			1						1	1	08
emulsão	1																1								01
pirão													1										1		01
salmoura	1	1	3	3		1	2	2	2	1	2	2	1	1	2	1	4	4	2	3	4	3	3	2	23
não soube responder		1		1	1													2	1						08
TOTAL	6	4	3	4	2	2	2	3	3	3	3	3	3	3	2	2	10	9	4	3	6	6	6	4	30

Fonte Direta

TEMA: salmoura

CARTOGRAMA 210

PERGUNTA: ...um tipo de emplastro em que usa sal, água quente e um pano, que serve para amarrar essa mistura em machucados ou lesões, supostamente para diminuir a dor e desinchar?

De acordo com as inscrições da última Tabela, 210, da área semântica Doenças e Tratamentos, e de seu respectivo Cartograma, verifica-se que o item lexical *salmoura*, de maior ocorrência entre as respostas dadas pelos sujeitos, coincide com o item/tema de propositura da questão 210 *...um tipo de emplastro em que se usa sal, água quente e um pano, que serve para amarrar essa mistura em machucados ou lesões, supostamente*

para diminuir a dor e desinchar?. Ressaltam-se, nos dados, vinte e cinco respostas, localizáveis em todos os pontos de inquérito.

Como frequência, constata-se que *salmoura* se evidencia em treze respostas dadas pelos homens entrevistados, enquanto doze mulheres o proferiram. Salienta-se que, destas proferições, há um número bem maior de respostas mencionadas por sujeitos jovens, de 18 a 40 anos, dezessete, *versus* somente oito manifestadas por respondentes com mais de 50 anos.

4.14.7 Histograma 49: itens mais frequentes da área semântica Doenças e Tratamentos

Conforme o Histograma quarenta e nove, é possível verificar a disposição dos itens lexicais de maior ocorrência dados como respostas pelos sujeitos na área semântica Doenças e Tratamentos deste estudo sócio-semântico-lexical.

Exponho, abaixo, a sequência enumerativa das perguntas e de seus respectivos itens/norma, ou, quando for o caso, da identificação de maior quantificação de não atribuições responsivas, que formam o corpo enunciativo desta área semântica:

205) Malária= *...a doença infecciosa transmitida pela picada de mosquito, encontrado em maior proporção em regiões rurais e próximo a rios e matas, e apresenta como principais sintomas calafrios e febre?*

206) Não soube responder = *...a pessoa que adquire _____(cf. item 205)?*

207) Não soube responder = *...tipo de hérnia intestinal em que ocorre bloqueio da circulação sanguínea e do trânsito fecal, o que pode*

ocasionar a perfuração do intestino e levar o paciente à morte se não for operado rapidamente?

208) Congestão= *...quando há uma interrupção da digestão no estômago e que ocorre geralmente por causa de um excesso ou exagero na alimentação?*

209) Cidreira= *...o arbusto ou árvore pequena com folhas esverdeadas, pequenas flores brancas com aroma de limão, e que são muito consumidas em chás com o propósito medicinal, mais especificamente como calmante e para dores em geral?*

210) Salmoura= *...um tipo de emplastro em que se usa sal, água quente e um pano, que serve para amarrar essa mistura em machucados ou lesões, supostamente para diminuir a dor e desinchar?*

Para a realização da escolha do item lexical desta área semântica utilizei somente o critério metodológico de seleção do item de maior uso, a norma linguística, falado nos quatro pontos de inquérito da pesquisa. Assim, para a área semântica Doenças e Tratamentos, o item lexical selecionado para análise é *malária*, pois se evidencia com quarenta ocorrências, ou seja, todos os quarenta respondentes entrevistados atribuíram este item como resposta à pergunta 205 de meu questionário semântico-lexical. Portanto, *malária* foi o item lexical abstraído desta décima quarta área semântica, o qual será analisado e (re)significado no contexto de utilização norte-mato-grossense.

4.14.8 O item lexical *malária*: apontamentos sócio-semântico-lexicais

Segundo França, Santos e Figueroa-Villar, os aspectos históricos referentes ao estudo da doença e, conseqüentemente, da origem do item lexical *malária*, assim como do interesse que se voltou ao combate desta patologia, se relacionam diretamente ao impacto

sobre a saúde e seus efeitos indiretos em fatores como desenvolvimento econômico, migração e conflitos militares, pois a *malária* tem sido um sério problema na história da humanidade desde a Antiguidade. Acredita-se que a *malária* tenha sido a principal causa de morte entre os primatas precursores do *Homo sapiens*, como os *Australopithecus*. Há várias referências na literatura antiga e das civilizações modernas que relatam febres malignas intermitentes e calafrios consistentes com os sintomas da *malária*. Em 2.700 a.C. o Cânon Chinês de medicina, o Nei Ching, já discutia sintomas da *malária* e as relações entre febres e melancolias prolongadas. Da mesma forma, manuscritos do século VI a.C. escavados da biblioteca real de Assurbanopoli em Nineve (hoje Iraque) mencionam febres

mortais semelhantes à malária que afligiam a população da antiga Mesopotâmia. Os escritos de vários filósofos da Antiguidade como Homero, Aristóteles, Platão, Sócrates, Horácio, Tacitus, Carus, Varro, Chaucer e Pepys, mencionam febres relacionadas à malária. Os escritos de Shakespeare também mencionam febres que eram, sem dúvida, relacionadas à malária. O fisiologista grego Hipócrates foi o primeiro a fazer uma conexão entre a proximidade de corpos d'água estagnados e a ocorrência de febres na população local. Os romanos também faziam esta associação e foram os pioneiros na drenagem de pântanos. **O termo malária surgiu justamente desta relação entre a doença e os pântanos. A doença passou a ser descrita como *ária cattiva* ou *mal'aria* (ar ruim) pelos italianos no século XIV e este termo entrou para a língua inglesa em torno de 200 anos depois. De forma semelhante, os franceses criaram o termo "paludismo", cuja raiz significa pântano, para se referir à malária.** (FRANÇA; SANTOS; FIGUEROA-VILLAR, 2008¹²⁴, grifos meus).

Ainda de acordo com esses autores, acentua-se que a *malária* é causada por protozoários do gênero *Plasmodium* transmitidos ao homem por fêmeas de mosquitos do gênero *Anopheles* infectadas. Somente quatro de aproximadamente cem espécies destes protozoários são responsáveis por infectar seres humanos: *P. falciparum*; *P. vivax*; *P. ovale* e *P. malariae*, sendo o *P. falciparum* o mais perigoso por causar a forma mais grave de *malária*, a cerebral, que na maioria dos casos leva à morte. Esta doença se caracteriza por causar febres intermitentes que, dependendo da espécie de plasmódio, ocorrem a cada dois ou três dias, dores de cabeça, dores no corpo, anemia, icterícia e inchaço do fígado e baço.

No caso da *malária cerebral*, o parasita pode também comprometer progressivamente o sistema nervoso central. O tratamento da *malária* é complexo, longo e muitas vezes ineficaz devido à reinfecção do paciente, fenômeno muito comum em regiões endêmicas. Isto acontece porque muitas das estratégias sabidamente eficazes para o combate a esta doença são pouco acessíveis nos países endêmicos, como a educação da população de risco (principalmente pessoas pobres), a quimioterapia eficiente, o controle do vetor por meio de inseticidas e o uso de mosquiteiros impregnados com inseticidas para evitar a infecção.

No Brasil, conforme Silva, a *malária* está concentrada

na Amazônia Legal (99% das notificações) (SVS/MS, 2003). Por compreenderem regiões tropicais com baixa densidade populacional, há dificuldades de acesso a algumas localidades, comprometendo a

¹²⁴Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-40422008000500060&script=sci_arttext. Acessado em 21 de jan. de 2013, às 17h e 08min.

detecção e acompanhamento clínico de todos os casos da doença nestas regiões (Marques & Gutierrez, 1994; Passos & Fialho, 1998). Durante a década de 40 a 50, a malária encontrava-se sob controle no território brasileiro, tendo até sido erradicada em algumas regiões anteriormente consideradas endêmicas, mas no final da década de 60 e início da década de 70 a situação epidemiológica da malária voltou a se agravar, devido principalmente às alterações sócio-econômicas e aquelas ocorridas no ecossistema (FUNASA, 2003). Esse aumento no número de casos foi determinado principalmente pela implantação de projetos de integração da Amazônia com o resto do país, como a construção de novas rodovias, abertura de projetos de colonização e expansão de áreas de garimpos, o que levou ao estabelecimento de um fluxo migratório imenso e intenso de pessoas na grande maioria vindas das regiões Nordeste, Centro-Oeste e Sul do país. (SILVA, 2006, p.19).

No tocante aos dicionários gerais selecionados para a averiguação semântico-lexical das inscrições dos itens lexicais em análise, constata-se que o verbete *malária* aparece em apenas dois dos quatro: no Aurélio (1986) e no Aulete Digital. Exponho, abaixo, os sentidos impressos nestes dicionários para este verbete:

Dicionário Entrada	Vocabulario Portuguez & Latino - D. R. Bluteau (1712)	Diccionario da Lingua Brasileira – Luiz M. da S. O. P. Pinto (1832)	Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986)	Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa – (Aulete Digital)	Dicionário Gaúcho Brasileiro – João A. Bossle (2003)	Dicionário do Nordeste – Fred Navarro (2004)
MALÁRIA	_____	_____	Patol. Infecção que pode incidir no homem e noutros mamíferos, assim como em aves e anfíbios, causada por protozoários do gênero <i>Plasmodium</i> , do qual há cerca de 50 espécies. (p.1068)	1- Med. Infecção causada por protozoários do gênero <i>Plasmodium</i> transmitida pela picada de mosquitos do gênero <i>Anopheles</i> , e que se caracteriza por calafrios e febre.	_____	_____

Quadro 40: Reflexões analíticas sobre o item lexical *malária*.
Fonte: Pesquisa direta.

Ao se observar os significados que afluem do item lexical *malária* nos registros destes dicionários gerais supracitados, é possível verificar que as definições evidenciadas se assemelham ao conceito expresso na pergunta 205 de meu questionário semântico-lexical *...a doença infecciosa transmitida pela picada de mosquito, encontrado em maior proporção em regiões rurais e próximo a rios e matas, e apresenta como principais sintomas calafrios e febre?*.

Dessa forma, pode-se afirmar que há continuidade semântica deste item no norte mato-grossense, pois, desde a chegada dos primeiros migrantes neste espaço geográfico,

testifica-se o uso e a difusão deste item lexical dicionarizado e mantido como norma nesta região.

4.14.8.1 A distribuição do item lexical *malária* pelos pontos de inquérito

Histograma 50: Malária (quarenta ocorrências).

Segundo o Histograma 50, o item lexical *malária* é encontrado nos quatro pontos de inquérito pesquisados e foi falado quarenta vezes pelos respondentes, o que significa que todos os quarenta entrevistados disponibilizaram este item em seu corpo responsivo, fato este que remete ao continuísmo de uso de *malária* no norte de Mato Grosso.

Além do item lexical *malária*, manifestam-se, nos dados coletados e transcritos em 4.14.1, outro item sinonímico e uma variante do mesmo, ambos também dados como respostas ao conceito da questão 205, que assim foram distribuídos: *maleita*, em Sinop. No município de Vera há *maleita* e *maleta*. Em Cláudia, da mesma forma, aparecem *maleita* e *maleta*. E em Santa Carmem há, como concorrente, apenas *maleita*.

Assim, afora *malária*, há o item lexical *maleita*, com oito ocorrências, propagado, também, em todos os pontos em análise, evento este que exprime concomitância de uso deste item na comunidade linguística pesquisada. Todavia,

ressalta-se que somente um jovem, de 18 a 40 anos, trouxe *maleita* como manifestação responsiva à pergunta mencionada acima.

Enfatiza-se, ainda, que a escolha lexical normativa de utilização preferencial do item lexical *malária* está estritamente relacionada ao contexto da colonização norte mato-grossense na década de setenta do século XX, visto que os pioneiros que se deslocaram para este espaço geográfico se depararam com uma crise endêmica desta doença.

De acordo com Santos:

Nos primeiros tempos a inexistência de água tratada, a escassez de alguns alimentos básicos, a mudança de clima, o pó e a fumaça das queimadas, na época da seca, o transbordamento de fossas, na época das chuvas, ocasionaram vários problemas de saúde aos primeiros moradores. Foi significativa a incidência de doenças respiratórias, infecções intestinais, além da malária, doença endêmica da região, que obrigou o Governo Federal a instalar em 1974, na cidade, um posto da Superintendência de Combate à Malária – SUCAM – que funcionou até o final da década de 1980. (SANTOS, 2011, p.119).

Vale lembrar, também, conforme já assinalado em 4.7.5 referente à análise do item lexical *freira*, que o hospital Maria Auxiliadora, de Vera, foi, nessa primeira década de migração, referência regional para o tratamento de pessoas infectadas com *malária*, tendo à frente os trabalhos assistenciais e de enfermagem da irmã Maria Adelis da Congregação das Irmãs Missionárias do Santo Nome de Maria, que se tornou ícone no combate à doença, como se pode constatar nos seguintes fragmentos de narrativas de experiência pessoal:

É, aí começaram a construí casa, comércio, aí veio farmácia, aí começô, veio o hospital, pro hospital veio essa irmã Adelis, de Maringá, que era muito entendida de parte de malária, essas coisas, aí veio o Dr. Jeimes, que até hoje tá aqui ainda. (V2 F).

Nos sítios naquela época não tinha nada aberto ainda. Eles moravam na cidade, daí alguns começaram abri o sítio, mas daí teve o problema da malária também. Muitos não puderam ir nos sítios porque beira de água não podia nem fazê morada por causa dos mosquito. Muita gente morreu. Não daqui, porque aqui tinha uma irmã que era especialista em tratamento de malária, mais gente que vinha de fora, dos garimpo, já vinha aqui quase morto, então desses têm muita gente enterrada aqui. É, que vinham da região. Lá de Peixoto, de Alta Floresta, de todo esse Nortão. Sim, o tratamento de malária era aqui. Já tinha hospital. Essa irmã que cuidava da malária. [...] E aquele tempo era demorado o tratamento e tinha que fazê a lâmina. Mandava pra Cuiabá pra depois fazê o tratamento. (V3 M).

Nessa época faleceu uma filha minha com meningite e o esposo ficô com malária, só que ele não faleceu, ainda ele viveu 12 ano. É. Porque

não tinha recurso naquele tempo, não tinha, ele foi pra Cuiabá, primeiro pra Vera, da Vera a irmã mandô vir um avião, o avião levou ele e ela. A menina 11 hora da noite faleceu e ele ficô 5 dia, aí ele veio embora. [...] Muita malária, morreu muita gente de malária. (SC6 F).

Quando nós chegemo aqui e daí a malária. Nossa, que tanto de malária! Meus filho sofreram. Agora, eu e o meu marido e tinha alguns da família que não deu malária. Tinha uma flera lá na Vera, a dona Délis, era o nome dela. Aquela cuidava dos malaiero. [...] É, era o único recurso, né. E o meu marido, se essa camionete pudesse contá, ela podia contá histórias, nossa! Nossa, levava cheio, cheio essa camioneta que não cabia mais nada, tudo de malária! Levava pra Vera, deixava lá e quando vinha o outro dia ele ia e levava os que tava pra trazê junto. Ele que transportava o povo e eu era enfermeira lá nos sítios. Eu que aplicava as injeção. (SC7 F).

Aí ia pra Vera porque era mais perto, nós ia na Vera. Lá tinha postinho na Vera, nós ia pra lá. Peguemo malária, quase morreu todo mundo. Dava malária e eu peguei uma malária brava, menina! Nem andá a gente não andava; igual criança. (SC8 F).

Aqui dava muito malária, malária sabia onde que era tratada nos primeiros tempo? Em Vera. É, aqui não tinha tratamento. Quando o negócio era meio ruim demais ia pra lá, porque lá tinha tratamento melhor, ou Cuiabá, porque essa doença você trabalhando com o doente você tem que conhecê qual é o melhor remédio. Você vai numa cidade grande e às vez o médico não sabe qual é que é. O meu irmão, ele facilitô aqui com a doença e ela, ela foi apurando mais, ele foi pra Santa Catarina, foi num hospital grande lá e quase morreu, porque eles não entendiam do... qual é o tratamento que precisava. As irmã sabia qual era a melhor dose, né. Lá na cidade não existia esses paciente quase, daí eles não sabia como tratá. É por isso que eu te digo, talvez Vera curava melhor do que em Cuiabá, nesse tipo de doença. (S12 M).

Salienta-se que a crise epidemiológica relatada acima vivenciada no norte de Mato Grosso é enfatizada em onze das vinte narrativas de experiência pessoal (V1 M, V2 F, V3 M, SC5 F, SC6 F, SC7 F, SC8 F, S11 M, S12 M, S15 M, S16 M) e em todas elas se destacam as dificuldades encontradas no início da colonização em vista dos escassos recursos e infraestruturas quase inexistentes na região. Destas narrativas, ressalto, ainda, dois excertos, um expresso pela pioneira de Vera, V2 F, e outro pela migrante de Santa Carmem, SC5 F, pelas particularidades que evidenciam:

Aí nós chegamo aqui, que eu digo pra você, não deu certo sobre isso, porque nós não tinha condições pra entrá nem pra cabeceira, fazê um buraco, furá um poço, nem pra descê na beira do rio. Aí deu... já tava com malária meu marido, aí nós ficamo ali na beira do rio acampado. Aí, foi assim, ele deu a malária, ele ficô uns quase trinta dia em Cuiabá, quase morto assim, Deus abençoou que não morreu. (V2 F). Olha, um dia meu marido foi pra Sinop de mula porque não tinha como ninguém i, né, porque ele pegô malária, aí foi pra Sinop de mula. Ele tava mal e foi de mula, né, com o animal. Aí chegô lá dentro

de Sinop e se atolou com a mula dentro lá. É, atolou de mula. Atolou, atolou, verdade! [...] só sei que desceu da mula e foi lá na farmácia comprá um remédio pra ele lá, que ele tava com malária, né, aí sei lá o que é que eles fizeram. Decerto foram lá tirá aquela mula de dentro, puxaram ela lá de dentro. (SC5 F).

É interessante observar, também, que nenhum sujeito da cidade de Cláudia abordou qualquer relato elucidativo ou relacionado à doença, fato este que pode estar associado ao projeto de colonização implantado e conduzido pela Colonizadora Sinop, isto é, por ter sido Cláudia a última extensão territorial traçada e comercializada por esta empresa, em meados de 1978, é possível inferir que neste período a crise endêmica ocorrida nos primeiros anos da década de 70 já pudesse estar sob controle ou com uma incidência menor do que a identificada naquele contexto.

Dessa forma, de acordo com os apontamentos analíticos feitos e conforme os resultados concebíveis de apreensão à tessitura normativa de *malária*, pode-se afirmar que a continuidade semântica de uso deste item lexical relaciona-se ao contexto sócio-histórico vivido pelos migrantes no início da colonização norte mato-grossense e acha respaldo ainda hoje, tendo em vista que, segundo Silva (2006), a maior concentração da doença, atualmente, encontra-se registrada no espaço territorial em que se situa a Amazônia Legal.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA
PORTUGUESA

NEUSA INÊS PHILIPPSEN

A CONSTITUIÇÃO DO LÉXICO NORTE MATO-GROSSENSE NA PERSPECTIVA
GEOLINGUÍSTICA: ABORDAGENS SÓCIO-SEMÂNTICO-LEXICAIS

(Versão corrigida)

Tomo III

SÃO PAULO

2013

NEUSA INÊS PHILIPPSEN

A CONSTITUIÇÃO DO LÉXICO NORTE MATO-GROSSENSE NA PERSPECTIVA
GEOLINGUÍSTICA: ABORDAGENS SÓCIO-SEMÂNTICO-LEXICAIS

Tese apresentada ao Departamento de Letras
Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo, para obtenção do título de Doutora em
Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Filologia e Língua
Portuguesa

Orientador: Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago
Almeida

(Versão corrigida)

Tomo III

SÃO PAULO

2013

SUMÁRIO

TOMO I

INTRODUÇÃO	44
 1 MATO GROSSO: MATIZES DOS PERCALÇOS E PERCURSOS DE POVOAMENTO.....	53
1.1 Processos migratórios: interiorização.....	56
1.2 A região norte mato-grossense: políticas de ocupação.....	58
1.2.1 A iniciativa privada: empresas colonizadoras particulares.....	59
1.2.2 Colonizadora Sinop: fundação das cidades	61
1.2.2.1 A cidade de Vera	63
1.2.2.2 A cidade de Santa Carmem	68
1.2.2.3 A cidade de Sinop - cidade polo da região norte mato-grossense	73
1.2.2.4 A cidade de Cláudia.....	81
 2 VERSO E REVERSO: OS PROTAGONISTAS DA HISTÓRIA	88
2.1 A Expedição Roncador-Xingu: o propósito de abrir caminhos e “limpar” os espaços.....	90
2.1.1 O grupo indígena Kayabi.....	94
2.2 A ocupação do interior brasileiro: motivações políticas e econômicas.....	99
2.2.1 O espírito empreendedor tropeiro e a colonização do interior sul e centro-oeste brasileiros	102
2.2.1.1 Os novos tropeiros: a continuidade	107
2.3 Narrativas orais: o (re)contar da história	110
 3 ABORDAGENS SÓCIO-GEO-LINGUÍSTICAS: PILARES TEÓRICO-METODOLÓGICOS	116
3.1 Estudos dialetais no Brasil: caminhos percorridos	117
3.1.1 Projeto Atlas Linguístico do Brasil: estudos contemporâneos	131
3.1.2 A Norma Linguística: pontos de alinhavo	136
3.2 A Sociolinguística Variacionista: uma costura necessária	142
3.3 Procedimentos metodológicos.....	147
3.3.1 O questionário linguístico: instrumento da coleta de dados	149

3.3.2 Os pontos linguísticos selecionados	156
3.3.3 Sujeitos: falantes que constituem a realidade linguística local.....	158
3.3.4 Entrevistas e coleta de dados	165
3.3.5 Cartogramas: o retrato da pesquisa.....	168
3.3.6 Procedimentos de análise.....	171

TOMO II

4 ABORDAGENS SÓCIO-SEMÂNTICO-LEXICAIS: CONSIDERAÇÕES ANALÍTICAS	175
4.1 Acidentes Geográficos.....	176
4.1.1 Tope/Morro.....	177
4.1.2 Córrego/Sanga/Riozinho	178
4.1.3 Mina/Nascente/Vertente	179
4.1.4 Estiva	181
4.1.5 Barroca.....	182
4.1.6 Histograma 1: itens mais frequentes da área semântica Acidentes Geográficos..	183
4.1.7 O item lexical <i>nascente</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	184
4.1.7.1 A distribuição do item lexical <i>nascente</i> pelos pontos de inquérito	185
4.2 Fenômenos Atmosféricos	188
4.2.1 Agueiro/Aguaço/Pancada	188
4.2.2 Chuvada/Chubarada/Enxurrada.....	190
4.2.3 Brejo/Banhado	191
4.2.4 Atoladores/Atoleiro	193
4.2.5 Relâmpago	194
4.2.6 Raio/Corisco	196
4.2.7 Trovão.....	197
4.2.8 Geadas.....	198
4.2.9 Histograma 3: itens mais frequentes da área semântica Fenômenos Atmosféricos.....	199
4.2.10 O item lexical <i>chubarada</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	200
4.2.10.1 A distribuição do item lexical <i>chubarada</i> pelos pontos de inquérito	203
4.2.11 O item lexical <i>geada</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	205
4.2.11.1 A distribuição do item lexical <i>geada</i> pelos pontos de inquérito.....	206

4.3 Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais.....	209
4.3.1 Colonização	210
4.3.2 Picada/Picadão/Trilho.....	212
4.3.3 Carreador	213
4.3.4 Terra/Sítio/Roça/Fazenda/Chácara/Colônia/Gleba	214
4.3.5 Plaina	217
4.3.6 Cerrado	218
4.3.7 Peões/Peãozada/Pinhonzada/Piãozada	220
4.3.8 Gato	221
4.3.9 Empreitada.....	222
4.3.10 Derrubada/Derrubar/Desmatação/Abrir/Desmate/Desmatar/Limpar	224
4.3.11 Queimado/Seco.....	227
4.3.12 Fumaça	228
4.3.13 Destoca	230
4.3.14 Ramado/Cheio de estopa	231
4.3.15 Leras	233
4.3.16 Gradear	234
4.3.17 Carpir	236
4.3.18 Areia/Acidero/Acidez/Ácido	237
4.3.19 Aclimatar	239
4.3.20 Estercada/Adubada/Tratada.....	240
4.3.21 Mecanizar	241
4.3.22 Lavoura.....	243
4.3.23 Pilão	244
4.3.24 Descascador	245
4.3.25 Serraria/Serrariazinha/Madeiraira/Pica-pau	247
4.3.26 Serra de fita.....	249
4.3.27 Marcenaria	251
4.3.28 Carpinteiro/Marceneiro	252
4.3.29 Beneficiamento	254
4.3.30 Manejo	255
4.3.31 Manivela	258
4.3.32 Corretor.....	259
4.3.33 Sitiente	260

4.3.34 Colono	261
4.3.35 Divisa.....	263
4.3.36 Arrendamento	264
4.3.37 Bugre/Índio	265
4.3.38 Mato/Mata/Matão/Arvoredo/Bosque/Selva/Floresta	267
4.3.39 Reserva/Reserva ambiental.....	270
4.3.40 Macaco	272
4.3.41 Cipó	275
4.3.42 Reflorestamento	276
4.3.43 Sisal	278
4.3.44 Tucum.....	280
4.3.45 Cooperado.....	282
4.3.46 Agrovila.....	283
4.3.47 Barragem	285
4.3.48 Mandioca	286
4.3.49 Cará.....	288
4.3.50 Abobrinha/Abobra	290
4.3.51 Moinho/Moinho colonial/Farinheira	292
4.3.52 Boneca	294
4.3.53 Gado/Criação	296
4.3.54 Cocho.....	297
4.3.55 Novilha/Bezerro.....	299
4.3.56 Invernada/Pastagem/Pasto/Pastinho/Potreiro	300
4.3.57 Pasto/Capim/Trato	302
4.3.58 Mangueira/Curral.....	303
4.3.59 Portão/Cochete	305
4.3.60 Forquilha.....	307
4.3.61 Carroça/Carreta de boi.....	308
4.3.62 Laçar	310
4.3.63 Rodeio.....	312
4.3.64 Galpão.....	313
4.3.65 Balaio/Cesto	314
4.3.66 Carriola	316
4.3.67 Lavagem	317

4.3.68 Silagem	318
4.3.69 Sacaria	319
4.3.70 Coronel	321
4.3.71 Histograma 6: itens mais frequentes da área semântica Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	323
4.3.72 O item lexical <i>gato</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	329
4.3.72.1 A distribuição do item lexical <i>gato</i> pelos pontos de inquérito	331
4.3.73 O item lexical <i>destoca</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais	334
4.3.73.1 A distribuição do item lexical <i>destoca</i> pelos pontos de inquérito	335
4.3.74 O item lexical <i>lera</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais	338
4.3.74.1 A distribuição do item lexical <i>lera</i> pelos pontos de inquérito.....	340
4.3.75 O item lexical <i>serraria</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais	343
4.3.75.1 A distribuição do item lexical <i>serraria</i> pelos pontos de inquérito	344
4.3.76 O item lexical <i>manejo</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	349
4.3.76.1 A distribuição do item lexical <i>manejo</i> pelos pontos de inquérito.....	351
4.3.77 O item lexical <i>índio</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais	354
4.3.77.1 A distribuição do item lexical <i>índio</i> pelos pontos de inquérito	357
4.3.78 O item lexical <i>mangueira</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais	360
4.3.78.1 A distribuição do item lexical <i>mangueira</i> pelos pontos de inquérito.....	362
4.3.79 O item lexical <i>carroça</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	364
4.3.79.1 A distribuição do item lexical <i>carroça</i> pelos pontos de inquérito.....	366
4.3.80 O item lexical <i>rodeio</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais	371
4.3.80.1 A distribuição do item lexical <i>rodeio</i> pelos pontos de inquérito.....	374
4.3.81 O item lexical <i>barracão</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	378
4.3.81.1 A distribuição do item lexical <i>barracão</i> pelos pontos de inquérito	380
4.4 Fauna	382
4.4.1 Bichos/Bichinhos/Bichões/Feras/Animais	383
4.4.2 Onça.....	385
4.4.3 Urro/Estorro/Esturro/Miado/Miadão	386
4.4.4 Jacaré	388
4.4.5 Bico-de-jaca/Bico-de-jácaro	390
4.4.6 Sucuri/Securi/Sicuri.....	392
4.4.7 Mandruvá.....	394
4.4.8 Caruncho/Traça	397

4.4.9 Biscateiro	399
4.4.10 Jacutinga/Jacu	400
4.4.11 Mutum	403
4.4.12 Arara	404
4.4.13 Papagaio	406
4.4.14 Marreco.....	408
4.4.15 Cotia	411
4.4.16 Paca.....	413
4.4.17 Anta	414
4.4.18 Cabrito	415
4.4.19 Cupim/Copim	417
4.4.20 Vespa	418
4.4.21 Polvinha/Pium	420
4.4.22 Mutuca	423
4.4.23 Traíra	424
4.4.24 Histograma 17: itens mais frequentes da área semântica Fauna	427
4.4.25 O item lexical <i>onça</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	429
4.4.25.1 A distribuição do item lexical <i>onça</i> pelos pontos de inquérito.....	431
4.4.26 O item lexical <i>biscateiro</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	433
4.4.26.1 A distribuição do item lexical <i>biscateiro</i> pelos pontos de inquérito	435
4.4.27 O item lexical <i>paca</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	437
4.4.27.1 A distribuição do item lexical <i>paca</i> pelos pontos de inquérito.....	439
4.4.28 O item lexical <i>cupim</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	441
4.4.28.1 A distribuição do item lexical <i>cupim</i> pelos pontos de inquérito.....	443
4.4.29 O item lexical <i>porvinha</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais	445
4.4.29.1 A distribuição do item lexical <i>porvinha</i> pelos pontos de inquérito	448
4.5 Ciclos da Vida	449
4.5.1 Moleque/Molecão/Menino/Menininho/Guri	450
4.5.2 Menina	452
4.5.3 Piaçada/Molecada	453
4.5.4 Barriguda/Muié grávida.....	455
4.5.5 Parir/Ter nenê	456
4.5.6 Histograma 23: itens mais frequentes da área semântica Ciclos da Vida	458
4.5.7 O item lexical <i>guria</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais	459

4.5.7.1 A distribuição do item lexical <i>guria</i> pelos pontos de inquérito.....	461
4.6 Convívio e Comportamento Social	463
4.6.1 Pioneiro/Fundador/Colonizador	464
4.6.2 Desbravar/Colonizar	466
4.6.3 Mutirão	468
4.6.4 Quebradeira	470
4.6.5 Mestiçada.....	473
4.6.6 Nortista/Nordestina.....	476
4.6.7 Baianada	477
4.6.8 Nego/Negão/Preto	479
4.6.9 Negra	481
4.6.10 Mundiça/Tranqueira	483
4.6.11 Encrenqueira.....	485
4.6.12 Fominha/Gananciosa	486
4.6.13 Sonega	487
4.6.14 Engravatadinha	489
4.6.15 Bamburrado	491
4.6.16 Brefado/Vazado	493
4.6.17 Aproveitadora	496
4.6.18 Pistoleiro/Jagunço.....	497
4.6.19 Emboscada/Tocaia.....	500
4.6.20 Revólver/Arma/Espingarda	501
4.6.21 Cartucheira.....	503
4.6.22 Gandaia.....	505
4.6.23 Aluga/Trovia.....	506
4.6.24 Juntam-se/Casam-se	509
4.6.25 Histograma 25: itens mais frequentes da área semântica Convívio e Comportamento Social	511
4.6.26 O item lexical <i>nordestina</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	513
4.6.26.1 A distribuição do item lexical <i>nordestina</i> pelos pontos de inquérito	517
4.6.27 O item lexical <i>bamburrou</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	518
4.6.27.1 A distribuição do item lexical <i>bamburrou</i> pelos pontos de inquérito	521
4.7 Religião e Crenças	525
4.7.1 Padre	525

4.7.2 Pároco	527
4.7.3 Irmã/Freira/Fleira.....	529
4.7.4 Histograma 28: itens mais frequentes da área semântica Religião e Crenças	531
4.7.5 O item lexical <i>freira</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	532
4.7.5.1 A distribuição do item lexical <i>freira</i> pelos pontos de inquérito	533
4.8 Jogos e Diversões	540
4.8.1 Balanço/Balango.....	540
4.8.2 Esnuca/Sinuca.....	541
4.8.3 Salão/Salãozinho/Clube/Discoteca	543
4.8.4 Baile/Bailinho	546
4.8.5 Histograma 30: itens mais frequentes da área semântica Jogos e Diversões	547
4.8.6 O item lexical <i>balanço</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	548
4.8.6.1 A distribuição do item lexical <i>balanço</i> pelos pontos de inquérito	550
4.9 Habitação	553
4.9.1 Barraca/Barraca de lona/Lona/Loninha/Encerado.....	553
4.9.2 Acampamento.....	556
4.9.3 Cama de campanha.....	557
4.9.4 Barraco/Barraquinho/Rancho/Ranchinho/Ranchão.....	559
4.9.5 Barreadinho	561
4.9.6 Soalho	563
4.9.7 Lampião/Lampião a gás/Lamparina/Lamparinona.....	565
4.9.8 Gerador/Grupo gerador/Motor	566
4.9.9 Mata-junta.....	568
4.9.10 Arinha	569
4.9.11 Prateleira.....	570
4.9.12 Fogão à lenha.....	571
4.9.13 Patente	573
4.9.14 Histograma 32: itens e expressões mais frequentes da área semântica Habitação.....	575
4.9.15 O item lexical <i>tarimba</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais	577
4.9.15.1 A distribuição do item lexical <i>tarimba</i> pelos pontos de inquérito.....	580
4.9.16 O item lexical <i>lapião</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais	582
4.9.16.1 A distribuição do item lexical <i>lapião</i> pelos pontos de inquérito	585
4.9.17 O item lexical composto <i>mata-junta</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais	588

4.9.17.1 A distribuição do item composto mata-junta pelos pontos de inquérito	589
4.10 Alimentação e Cozinha.....	593
4.10.1 Mantimentos/Mercadorias/Compra	594
4.10.2 Refeições/Rango	596
4.10.3 Mistura.....	597
4.10.4 Afogado	598
4.10.5 Cuca	600
4.10.6 Cozinheira.....	602
4.10.7 Churrascaria.....	603
4.10.8 Cutelo	606
4.10.9 Jabá/Charque/Carne-seca/Carne-de-sol/Carne prensada/Carne salgado	608
4.10.10 Toicinho.....	610
4.10.11 Banha.....	612
4.10.12 Castanha	613
4.10.13 Curado	615
4.10.14 Fubá	616
4.10.15 Polenta	617
4.10.16 Maxixe	619
4.10.17 Feijão-carioquinha/Feijão-de-corda.....	620
4.10.18 Cachaça/Pinga/Pinguinha	622
4.10.19 Garrafa/Tubo	624
4.10.20 Martelinho	625
4.10.21 Chimarrão	627
4.10.22 Histograma 36: itens mais frequentes da área semântica Alimentação e Cozinha ...	628
4.10.23 O item lexical <i>rancho</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais	630
4.10.23.1 A distribuição do item lexical <i>rancho</i> pelos pontos de inquérito	632
4.10.24 O item lexical <i>mistura</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais	634
4.10.24.1 A distribuição do item lexical <i>mistura</i> pelos pontos de inquérito	637
4.10.25 O item lexical <i>carne-seca</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais	640
4.10.25.1 A distribuição do item lexical <i>carne-seca</i> pelos pontos de inquérito.....	643
4.10.26 O item lexical <i>banha</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	647
4.10.26.1 A distribuição do item lexical <i>banha</i> pelos pontos de inquérito	648
4.10.27 O item lexical <i>chimarrão</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	650
4.10.27.1 A distribuição do item lexical <i>chimarrão</i> pelos pontos de inquérito	654

4.11 Vestuário e Acessórios	656
4.11.1 Sapatão/Botina/Bota	656
4.11.2 Chinelo/Chinelo de dedo/Sandália bambulê/Alpargata/Paragata.....	658
4.11.3 Pilcha	661
4.11.4 Histograma 42: itens mais frequentes da área semântica Vestuário e Acessórios.....	663
4.11.5 O item lexical <i>bota</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	664
4.11.5.1 A distribuição do item lexical <i>bota</i> pelos pontos de inquérito	666
4.12 Vida Urbana.....	670
4.12.1 Terreno/Lote/Data	671
4.12.2 Terraplenagem	672
4.12.3 Boteco/Botequinho/Bar/Barzinho	674
4.12.4 Armazém/Armazenzinho/Mercado/Mercadinho/Venda/Vendinha/Mercearia/Em pório/Bolicho	676
4.12.5 Posto/Posto de gasolina/Posto de abastecimento/Postinho/Bomba.....	679
4.12.6 Hotel/Hotelzinho/Dormitório	681
4.12.7 Zona/Boate	683
4.12.8 Telefone/Radioamador/Rádio.....	684
4.12.9 Radiola.....	687
4.12.10 Balconista/Vendedor	689
4.12.11 Mascate.....	690
4.12.12 Valeta/Valetão/Vala	692
4.12.13 Fossa	693
4.12.14 Histograma 44: itens mais frequentes da área semântica Vida Urbana.....	695
4.12.15 O item lexical <i>mercado</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	696
4.12.15.1 A distribuição do item lexical <i>mercado</i> pelos pontos de inquérito	699
4.12.16 O item lexical <i>hotel</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais.....	702
4.12.16.1 A distribuição do item lexical <i>hotel</i> pelos pontos de inquérito	704
4.13 Transportes e Orientações Geográficas	707
4.13.1 Topografia	707
4.13.2 Frete	709
4.13.3 Freteiro	710
4.13.4 Lotação/Caravana	712
4.13.5 Comboio	714

4.13.6 Baulado/Bauladinho	715
4.13.7 Arriba/Riba	717
4.13.8 Costela-de-vaca	719
4.13.9 Pau-de-arara.....	721
4.13.10 Kômbi/Pirua	723
4.13.11 Balsa/Barsa/Barco/Barquinho/Bote.....	725
4.13.12 Baldeação.....	726
4.13.13 Histograma 47: itens mais frequentes da área semântica Transportes e Orientações Geográfica	728
4.13.14 O item lexical <i>balsa</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais	729
4.13.14.1 A distribuição do item lexical <i>balsa</i> pelos pontos de inquérito.....	731
4.14 Doenças e Tratamentos.....	735
4.14.1 Malária.....	735
4.14.2 Malaiero.....	737
4.14.3 Hérnia estrangulada	738
4.14.4 Congestão	740
4.14.5 Cidreira	741
4.14.6 Salmoura.....	743
4.14.7 Histograma 49: itens mais frequentes da área semântica Doenças e Tratamentos.... ..	744
4.14.8 O item lexical <i>malária</i> : apontamentos sócio-semântico-lexicais	745
4.14.8.1 A distribuição do item lexical <i>malária</i> pelos pontos de inquérito.....	748

TOMO III

CONSIDERAÇÕES FINAIS	752
-----------------------------------	-----

REFERÊNCIAS	799
--------------------------	-----

APÊNDICES	828
------------------------	-----

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo de bases geo-sócio-linguísticas, que envolve as áreas de concentração da Geolinguística contemporânea e da Sociolinguística Variacionista, o qual se propôs a refletir sobre a língua portuguesa falada no local, que congrega quatro cidades do norte mato-grossense (Vera, Santa Carmem, Sinop e Cláudia), apresenta como resultados a transcrição, catalogação, registros e análises de variantes lexicais em uso pelos sujeitos moradores dessas cidades. Portanto, representa a documentação da diversidade linguística lexical desses espaços geográficos no presente e, por conseguinte, descreve um recorte da linguagem utilizada pela comunidade para representar o mundo que a cerca.

Nesse sentido, Cristianini acentua que

[...] a análise de aspectos semântico-lexicais da fala de um grupo humano, especialmente num recorte regional, proporciona a recolha de formas linguísticas que denotam as influências socioculturais sofridas por esse grupo. Assim, podemos falar da força criadora da linguagem que, por vezes, atravessa fronteiras políticas e naturais, infiltrando-se, de forma sutil, em culturas e sociedades diversas¹.

Vale lembrar que o recolhimento dos *corpora* dessa pesquisa se fez, inicialmente, por meio de vinte relatos de experiência pessoal, recolhidos em entrevistas induzidas, gravadas em áudio, feitas com pioneiros dos quatro pontos de inquérito. Após a formulação de 210 questões, amparadas, fundamentalmente, na materialidade linguística das narrativas apreendidas e na versão final do questionário linguístico direcionado ao aspecto semântico-lexical (QSL), aprovada pelo Comitê Nacional do Projeto ALiB, fui a campo novamente reunir o restante do *corpus*, agora direcionado a quarenta sujeitos, divididos em igual número entre homens e mulheres, vinte, mesma distribuição numérica essa que se fez entre as duas faixas etárias selecionadas, de 18 a 40, para os nascidos na região, e acima de 50 anos, para os migrantes vindos de outras regiões do Brasil e moradores locais há pelo menos um terço - 1/3 - de suas vidas.

Com a conclusão das entrevistas e a reunião dos *corpora*, o passo seguinte foi catalogar os dados responsivos em tabelas, quadros, histogramas e cartogramas, no

¹CRISTIANINI, Adriana C. **Atlas semântico-lexical da região do grande ABC – um estudo geolingüístico**. Disponível em <http://www.fflch.usp.br/dlciv/lport/pdf/slp22/02.pdf>. Acessado em 16 de mar. de 2013, às 16h e 13min.

intuito de mostrar as variantes diatópicas e socioculturais efetivamente em uso nos pontos em análise. A importância desses registros se deve à visão dinâmica de cada forma descrita, ou seja, compreendo, em consonância com Busse, que

[...] o caminho percorrido pelas formas no espaço refaz o trajeto do homem, e muito mais: revela a organização do grupo, o papel de cada cultura e etnia naquela comunidade. [...] Os fenômenos revelados pelas cartas linguísticas resultam na identificação de áreas conservadoras, áreas inovadoras, áreas de difusão e áreas de transição. Essas áreas nem sempre se encontram nos limites políticos das localidades. Surge, assim, a compreensão de que a língua não tem fronteiras, não respeita os limites instituídos pelos homens; está condicionada, porém, por aspectos de ordem geográfica e social. (BUSSE, 2010, p.2).

Portanto, parto dos falantes e da fala, na sua face viva e móvel, atravessada pelas dimensões geográficas e pelos parâmetros sociais, para descrever os fenômenos linguísticos que circulam no norte mato-grossense, visto que, ainda conforme Busse (2010), o estudo da fala e as análises sobre a variação têm como índice condutor a história e a cultura do povo, pois tomadas enquanto representação do comportamento dos falantes, as quais mostram, por sua vez, como os fenômenos são moldados à luz das complexas relações sociais. Pode-se perceber, então, que a língua em seus traços mais particulares reflete as condições pelas quais os grupos vêm se constituindo.

Nesse contexto, segundo Dauzat (1922, p. 31), “a geografia linguística é essencial para reconstruir a história das palavras, das flexões, dos agrupamentos sintáticos, de acordo com a distribuição de formas e tipos no presente”, ou então, como ressalta Jordan (1962, p. 273), “a geografia linguística significa a representação cartográfica do material linguístico com o objectivo de determinar a repetição topográfica dos fenômenos”.

Todavia, não se pode deixar de se levar em consideração, também, o lugar da variação social, que remete ao “comportamento expressivo representacional” em cada ato de fala, pois,

[...] por ‘social’ entendo aqueles traços da língua que caracterizam vários subgrupos numa sociedade heterogênea; e por ‘estilística’, as alternâncias pelas quais um falante adapta sua linguagem ao contexto imediato do ato de fala. Ambas estão incluídas no comportamento ‘expressivo’ – o modo como o falante diz ao ouvinte algo sobre si mesmo e seu estado mental, além de dar informação representacional sobre o mundo. A variação social e estilística pressupõe a opção de dizer ‘a mesma coisa’ de várias maneiras diferentes, isto é, as variantes são idênticas em valor de verdade ou referencial, mas se

opõe em sua significação social e/ou estilística. (LABOV, 2008, p.313).

Amparada, fundamentalmente, por tais pressupostos teóricos, dei então sequência à organização dos dados observando inicialmente a quantificação numérica relacionada à frequência e à distribuição dos itens lexicais que foram dados como respostas para as 210 perguntas que emergem de 14 áreas semânticas desta pesquisa: acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, atividades agropastoris e extrativo-florestais; fauna; ciclos da vida, convívio e comportamento social, religião e crenças, jogos e diversões, habitação, alimentação e cozinha, vestuário e acessórios, vida urbana, transportes e orientações geográficas e doenças e tratamentos.

Essas observações me levaram à necessidade de uma fundamentação teórica que abarcasse as noções de frequência e de distribuição semântico-lexicais nos pontos de investigação. Para tanto, vali-me de teóricos como Muller (1968), Coseriu (1979, 1980, 1982), Barbosa (1979, 1989, 1990), Santos (1991, 2006), Cristianini (2007), Augusto (2012), entre outros linguistas que retratam concepções de norma intrínsecas à fala. Cabe salientar que os conceitos fundamentais que envolvem esses fenômenos da linguagem são os relacionados à distinção tripartida apresentada por Coseriu (1979) entre sistema, norma e fala, sendo a norma, vista por esse autor, como a realização “coletiva” do sistema no falar de uma comunidade.

A essa relação conceitual concebida por Coseriu, Barbosa (1989, p. 573-4) acresce, pautada na Linguística Estatística de Muller (1968), à definição de norma, ou aos modelos de realizações concretas feitas por grupos de indivíduos, a observância do “conjunto dos fatos de alta frequência e distribuição regular”. Assim, em conformidade com essa autora, Cristianini (2007, p.104) nos aponta os caminhos para a “descrição de uma normalidade”. Esses caminhos deslizam para a compreensão de que a distribuição regular de um item lexical ocorre quando ele é utilizado por sujeitos em todos os pontos da comunidade em questão, enquanto a frequência se identifica pelo maior uso quantitativo de uma dada palavra, ou seja, destaca-se como a mais empregada dentre as possibilidades semântico-lexicais disponíveis pelos falantes na região em estudo.

A partir desses fundamentos teórico-metodológicos, adaptados à especificidade de meu trabalho, parti então para a concatenação dos dados impressos nas Tabelas Lexicais e Cartogramas, ressaltando que estes exibem o registro dos itens lexicais correspondentes às respostas dadas pelos quarenta sujeitos entrevistados para as

perguntas em ordem alfabética. Estes itens lexicais/respostas de cada Tabela/Cartograma equivalem ao todo responsivo, isto é, ao total de itens apresentados como respostas para cada conceito/pergunta, considerando-se a quase total recorrência de mais de uma resposta dada por um mesmo sujeito. A tessitura destes dados permitiu-me apreender a “normalidade” existente nos quatro municípios em que se realizou a pesquisa, ou seja, reconhecer os itens lexicais/norma e verificar se houve ou não regularidade em todos os municípios. Posteriormente, ao final de cada área semântica, fiz a apresentação destes itens em um Histograma, com o propósito de elucidá-los ainda mais.

Tendo em mãos todo o elucidário de itens lexicais de maior frequência que se manifestaram nas 14 áreas recobertas por este estudo, iniciei a seletiva dos que seriam analisados, levando em consideração, fundamentalmente, três critérios metodológicos: a seleção da palavra de maior uso, a norma linguística, falada nos quatro pontos de inquérito da pesquisa; a constatação de itens com particularidades sócio-históricas e geográficas regionais e a observação de interferências étnicas em algumas escolhas lexicais atribuídas ao corpo responsivo.

Desses critérios, ressalto que o primeiro foi aplicado em todas as áreas, tendo sido, contudo, substituído o item lexical/norma pela segunda maior ocorrência quando este manifestou coincidência temática com o Questionário Semântico-Lexical do ALiB, como aconteceu com os itens *raio* e *mandioca*, sendo esta também a razão para a não-escolha de *menina*. O segundo item lexical mais utilizado como resposta foi ainda a opção realizada na área Religião e Crenças, essa escolha se fez por se compreender a importância de se enfatizar, além da norma e das características sócio-históricas e geográficas regionais, a particularidade fonética, o lambdacismo, que se vislumbra neste espaço geográfico para o item *freira*, ponderando-se, também, que este pertence ao mesmo campo associativo ou conceptual do item lexical que exhibe maior frequência, *padre*.

O segundo critério, por sua vez, foi empregado apenas nas áreas semânticas que se evidenciaram com oito ou mais conceitos/perguntas, tendo como propósito maior realçar particularidades sócio-históricas e geográficas da região bem delimitadas, ou seja, fatos, eventos, ações, edificações, ofícios, alimentos ou seres vivos peculiares do norte de Mato Grosso e às quais, conforme nos sugeriu Dauzat (1922, p. 31), se procurou “reconstruir a história das palavras” neste contexto.

Já o terceiro critério foi adotado apenas uma vez, por se ter optado pelo parâmetro de observação entre duas ou mais interferências étnicas que se pudessem abstrair do corpo responsivo de uma mesma questão, sendo compatível a este critério, portanto, a questão 74 da área Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais, em que aparecem os itens lexicais/respostas *jlita* e *sôri*, tendo sido *jlita* manifestado pela migrante de Sinop, S14 F, descendente de italianos, e advinda de Indaial, no Estado de Santa Catarina, enquanto *sôri* foi expresso pelo pioneiro, também de Sinop, S9 M, descendente de japoneses, e proveniente, antes da migração, de Amaporã, no Estado do Paraná.

No quadro a seguir se poderá melhor contemplar os 36 itens lexicais selecionados para análise, no qual indico, para cada um deles, o número da questão em que foi abordado, a área semântica, a frequência absoluta, a regularidade, a distribuição quantitativa entre os gêneros e entre as faixas etárias, bem como o critério metodológico resultante na escolha:

Itens lexicais selecionados/ nº da questão	Área semântica	Frequência / nº de respostas	Regularidade	Distribuição entre os gêneros	Distribuição entre as faixas etárias	Critério metodológico
Nascente Questão: 03	Acidentes Geográficos	36	Sinop, Vera, Cláudia e Santa Carmem	Homens: 18 Mulheres: 18	Acima de 50 anos: 17 18/40 anos: 19	Norma linguística
Chuarada Questão: 07	Fenômenos Atmosféricos	16	Sinop, Vera, Cláudia e Santa Carmem	Homens: 08 Mulheres: 08	Acima de 50 anos: 06 18/40 anos: 10	Particularidades sócio-históricas e geográficas
Geada Questão: 13	Fenômenos Atmosféricos	35	Sinop, Vera, Cláudia e Santa Carmem	Homens: 18 Mulheres: 17	Acima de 50 anos: 19 18/40 anos: 16	Norma linguística
Gato Questão: 21	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	23	Sinop, Vera, Cláudia e Santa Carmem	Homens: 13 Mulheres: 10	Acima de 50 anos: 15 18/40 anos: 08	Particularidades sócio-históricas e geográficas
Destoca Questão: 26	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	20	Sinop, Vera, Cláudia e Santa Carmem	Homens: 13 Mulheres: 07	Acima de 50 anos: 14 18/40 anos: 06	Particularidades sócio-históricas e geográficas
Leras	Atividades	29	Sinop, Vera,	Homens: 16	Acima de 50	Particularidades

Questão: 28	Agropastoris e Extrativo-florestais		Cláudia e Santa Carmem	Mulheres: 13	anos: 18 18/40 anos: 11	sócio-históricas e geográficas
Serraria Questão: 38	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	32	Sinop, Vera, Cláudia e Santa Carmem	Homens: 17 Mulheres: 15	Acima de 50 anos: 17 18/40 anos: 15	Particularidades sócio-históricas e geográficas
Manejo Questão: 43	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	16	Sinop, Vera, Cláudia e Santa Carmem	Homens: 05 Mulheres: 11	Acima de 50 anos: 08 18/40 anos: 08	Particularidades sócio-históricas e geográficas
Índio Questão: 50	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	38	Sinop, Vera, Cláudia e Santa Carmem	Homens: 19 Mulheres: 19	Acima de 50 anos: 19 18/40 anos: 19	Norma linguística
Mangueira Questão: 71	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	27	Sinop, Vera, Cláudia e Santa Carmem	Homens: 17 Mulheres: 10	Acima de 50 anos: 15 18/40 anos: 12	Particularidades sócio-históricas e geográficas
Carroça Questão: 74	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	31	Sinop, Vera, Cláudia e Santa Carmem	Homens: 17 Mulheres: 14	Acima de 50 anos: 13 18/40 anos: 18	Interferências étnicas
Rodeio Questão: 76	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	31	Sinop, Vera, Cláudia e Santa Carmem	Homens: 16 Mulheres: 15	Acima de 50 anos: 12 18/40 anos: 19	Particularidades sócio-históricas e geográficas
Barracão Questão: 77	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	30	Sinop, Vera, Cláudia e Santa Carmem	Homens: 18 Mulheres: 12	Acima de 50 anos: 13 18/40 anos: 17	Particularidades sócio-históricas e geográficas
Onça Questão: 85	Fauna	35	Sinop, Vera, Cláudia e Santa Carmem	Homens: 18 Mulheres: 17	Acima de 50 anos: 20 18/40 anos: 15	Particularidades sócio-históricas e geográficas
Biscateiro Questão: 92	Fauna	26	Sinop, Vera, Cláudia e Santa Carmem	Homens: 16 Mulheres: 10	Acima de 50 anos: 15 18/40 anos: 11	Particularidades sócio-históricas e geográficas
Paca Questão: 99	Fauna	39	Sinop, Vera, Cláudia e Santa Carmem	Homens: 20 Mulheres: 19	Acima de 50 anos: 20 18/40 anos: 19	Particularidades sócio-históricas e geográficas
Cupim	Fauna	40	Sinop, Vera,	Homens: 20	Acima de 50	Norma

Questão: 102			Cláudia e Santa Carmem	Mulheres: 20	anos: 20 18/40 anos: 20	linguística
Porvinha Questão: 104	Fauna	14	Sinop, Vera, Cláudia e Santa Carmem	Homens: 09 Mulheres: 05	Acima de 50 anos: 07 18/40 anos: 07	Particularidades sócio-históricas e geográficas
Guria Questão: 108	Ciclos da Vida	34	Sinop, Vera, Cláudia e Santa Carmem	Homens: 16 Mulheres: 18	Acima de 50 anos: 15 18/40 anos: 19	Norma linguística
Nordestina Questão: 117	Convívio e Comportamento Social	39	Sinop, Vera, Cláudia e Santa Carmem	Homens: 20 Mulheres: 19	Acima de 50 anos: 19 18/40 anos: 20	Norma linguística
Bamburrou Questão: 126	Convívio e Comportamento Social	08	Sinop, Vera e Santa Carmem	Homens: 06 Mulheres: 02	Acima de 50 anos: 07 18/40 anos: 01	Particularidades sócio-históricas e geográficas
Freira Questão: 138	Religião e Crenças	27	Sinop, Vera, Cláudia e Santa Carmem	Homens: 12 Mulheres: 15	Acima de 50 anos: 12 18/40 anos: 15	Particularidades sócio-históricas e geográficas
Balanço Questão: 139	Jogos e Diversões	36	Sinop, Vera, Cláudia e Santa Carmem	Homens: 17 Mulheres: 19	Acima de 50 anos: 16 18/40 anos: 20	Norma linguística
Tarimba Questão: 145	Habitação	10	Vera, Cláudia e Santa Carmem	Homens: 06 Mulheres: 04	Acima de 50 anos: 06 18/40 anos: 04	Particularidades sócio-históricas e geográficas
Lampião Questão: 149	Habitação	37	Sinop, Vera, Cláudia e Santa Carmem	Homens: 18 Mulheres: 19	Acima de 50 anos: 17 18/40 anos: 20	Norma linguística
Mata-junta Questão: 151	Habitação	32	Sinop, Vera, Cláudia e Santa Carmem	Homens: 17 Mulheres: 15	Acima de 50 anos: 19 18/40 anos: 13	Particularidades sócio-históricas e geográficas
Rancho Questão: 156	Alimentação e Cozinha	30	Sinop, Vera, Cláudia e Santa Carmem	Homens: 16 Mulheres: 14	Acima de 50 anos: 14 18/40 anos: 16	Particularidades sócio-históricas e geográficas
Mistura	Alimentação	29	Sinop, Vera,	Homens: 15	Acima de 50	Particularidades sócio-históricas e

Questão: 158	e Cozinha		Cláudia e Santa Carmem	Mulheres: 14	anos: 13 18/40 anos: 16	geográficas
Carne-seca Questão: 164	Alimentação e Cozinha	30	Sinop, Vera, Cláudia e Santa Carmem	Homens: 12 Mulheres: 18	Acima de 50 anos: 17 18/40 anos: 13	Particularidades sócio-históricas e geográficas
Banha Questão: 166	Alimentação e Cozinha	40	Sinop, Vera, Cláudia e Santa Carmem	Homens: 20 Mulheres: 20	Acima de 50 anos: 20 18/40 anos: 20	Norma linguística
Chimarrão Questão: 176	Alimentação e Cozinha	38	Sinop, Vera, Cláudia e Santa Carmem	Homens: 19 Mulheres: 19	Acima de 50 anos: 18 18/40 anos: 20	Particularidades sócio-históricas e geográficas
Bota Questão: 177	Vestuário e Acessórios	32	Sinop, Vera, Cláudia e Santa Carmem	Homens: 13 Mulheres: 19	Acima de 50 anos: 12 18/40 anos: 20	Norma linguística
Mercado Questão: 183	Vida Urbana	33	Sinop, Vera, Cláudia e Santa Carmem	Homens: 15 Mulheres: 18	Acima de 50 anos: 14 18/40 anos: 19	Particularidades sócio-históricas e geográficas
Hotel Questão: 185	Vida Urbana	39	Sinop, Vera, Cláudia e Santa Carmem	Homens: 19 Mulheres: 20	Acima de 50 anos: 19 18/40 anos: 20	Norma linguística
Balsa Questão: 203	Transportes e Orientações Geográficas	39	Sinop, Vera, Cláudia e Santa Carmem	Homens: 20 Mulheres: 19	Acima de 50 anos: 19 18/40 anos: 20	Norma linguística
Malária Questão: 205	Doenças e Tratamentos	40	Sinop, Vera, Cláudia e Santa Carmem	Homens: 20 Mulheres: 20	Acima de 50 anos: 20 18/40 anos: 20	Norma linguística

Quadro 41: Itens lexicais selecionados para análise.

Ressalta-se, dentre estes itens lexicais, os que se destacam com frequência máxima, ou seja, os que foram abordados por todos os 40 sujeitos entrevistados, são eles: *cupim*, da área semântica Fauna, *banha*, da área semântica Alimentação e Cozinha, e *malária*, da área semântica Doenças e Tratamentos. Há que se acrescentar também os itens *mandioca*, da área Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais, e *padre*, da área

Religião e Crenças, ambos substituídos por opções metodológicas já explicitadas acima. Destaca-se que, destes cinco itens lexicais de alta frequência, quatro deles podem ser remetidos ao contexto de colonização norte mato-grossense, *banha*, *mandioca*, *padre* e *malária*, tendo sido muito utilizados pelos pioneiros neste contexto. Assim, é possível se afirmar que o ainda amplo uso normativo destes itens, tanto pelos migrantes quanto por suas gerações descendentes, se justifica, principalmente, por causa de sua abundante utilização no início da colonização deste espaço geográfico.

Vale lembrar que a *banha*, afora ter sido importante na alimentação diária dos migrantes, tinha a função de conservar as carnes, visto que a primeira rede elétrica nesta região pesquisada foi instalada apenas no ano de 1979, oito anos após a vinda dos primeiros pioneiros. Muitos desses migrantes trouxeram, inclusive, dentre o mobiliário e os utensílios de mudança, latas de *banha*, muitas guarneçadas já com carne, para serem consumidas na ‘nova terra’/espaço de ocupação.

Já a *mandioca*, além de ser, conforme afirma Serra (2010, p.5), “um produto genuinamente brasileiro”, foi uma opção de cultivo nos solos do norte de Mato Grosso desde a chegada dos primeiros colonos, ainda que a terra se mostrasse ácida e arenosa, inviabilizando a colheita das primeiras plantações. Mesmo com insucessos registrados, um grupo econômico, presidido pelo empresário Enio Pipino, resolveu construir uma usina de álcool (Sinop Agroquímica S.A. - SAQ), iniciada em 1975, a qual incentivou os pioneiros a produzirem *mandioca* como matéria prima para a fabricação de álcool, com o propósito maior de dar continuidade ao processo de ocupação da região e garantir a permanência dos recém-chegados migrantes. Contudo, já na década de 1980 o projeto demonstra sinais de fracasso e de paralisação, fato esse que, segundo Vidigal (1992, p.49), “deixou os colonos remanescentes em grandes dificuldades, além de evidenciar a nova reconcentração da terra que se realizou no local, através da ‘compra de titularidade’”.

Quanto ao item lexical *padre*, sua ampla utilização está ligada, fundamentalmente, às características socioculturais de colonização, visto que a Igreja teve importante papel junto aos colonos. Neste contexto, de acordo com Souza (2004), os migrantes que vinham a esse ‘novo’ espaço precisavam de acolhida, bem como de apoio social, psicológico e espiritual, assim, a Igreja atendia a essas necessidades dos colonos e, ao mesmo tempo, servia aos propósitos dos colonizadores e do próprio Estado. Destaca-se que a Igreja viabilizada pelos colonizadores no início dos anos 1970

foi a que expressava os dogmas católicos e os primeiros pregadores trazidos foram *padres* e *freiras*. Ainda conforme esse autor, “Católicos praticantes, os primeiros moradores contribuíam para a construção das primeiras capelas e assim viabilizar a vinda de um padre para rezar a missa” (SOUZA, 2004, p.168).

O item lexical *malária*, segundo os registros históricos e os relatos de experiência pessoais colhidos junto aos pioneiros, mostra da mesma forma extenso uso já no início da colonização, visto ter a região neste período vivenciado uma crise endêmica desta doença, acentuada pelos escassos recursos e infraestruturas quase inexistentes neste espaço geográfico. Esse fato, inclusive, de acordo com Santos (2011), obrigou o Governo Federal a instalar em 1974, em Sinop, um posto da Superintendência de Combate à Malária – SUCAM – que funcionou até o final da década de 1980.

Com relação ao item lexical *cupim*, salienta-se que, ao conceito/pergunta 102 *...pequenos insetos que constroem ninhos geralmente bem visíveis e que podem se tornar pragas por destruírem construções e móveis de madeira?*, além de todos os 40 sujeitos terem trazido este item como resposta, não há nenhuma outra variante atribuída por estes sujeitos como relação sinonímica a *cupim*, diferentemente de todas as demais questões em que se exibem outras possibilidades lexicais. O extenso uso normativo deste item, por sua vez, se deve, fundamentalmente, porque a espécie *cornitermes cumulans*, ou popularmente conhecida como *cupim de montículo*, é, dentre as espécies existentes, a mais comum no espaço geográfico da pesquisa, e é necessariamente percebida por todos os sujeitos moradores deste espaço porque “são montes de forma aproximadamente cilíndrica que podem atingir até nove metros de altura. São feitos de uma pasta de terra, fragmentos de madeira, excrementos e saliva produzida pelas próprias térmitas²”.

No próximo quadro mostro, também, os conceitos/perguntas que apresentaram como maior frequência não-respostas, ou seja, as questões em que a quantificação maior se evidencia às não atribuições responsivas, visto que grande parte dos sujeitos entrevistados não soube dar nenhuma resposta ao conceito enunciado:

Nº da questão	Área semântica	Tema da questão	Frequência/nº de não-		Distribuição entre os	Distribuição entre as faixas etárias

²CUPIM-CUPINS. **O que é cupim?** Postado em 08 de fev. de 2010, às 1h e 41min. Disponível em <http://www.cupim-cupins.com/tag/termatas/page/2/>. Acessado em 08 de set. de 2012, às 17h e 26min.

			respostas	Regularidade	gêneros	
27*	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Ramado/cheio de estopa	21	Sinop, Vera, Cláudia e Santa Carmem	Homens: 07 Mulheres: 14	Acima de 50 anos: 09 18/40 anos: 12
34*	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Mecanizar	18	Sinop, Vera, Cláudia e Santa Carmem	Homens: 04 Mulheres: 14	Acima de 50 anos: 10 18/40 anos: 08
56*	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Sisal	26	Sinop, Vera, Cláudia e Santa Carmem	Homens: 13 Mulheres: 13	Acima de 50 anos: 10 18/40 anos: 16
83*	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Coronel	25	Sinop, Vera, Cláudia e Santa Carmem	Homens: 10 Mulheres: 15	Acima de 50 anos: 10 18/40 anos: 15
137*	Religião e Crenças	Pároco	13	Sinop, Vera, Cláudia e Santa Carmem	Homens: 09 Mulheres: 04	Acima de 50 anos: 07 18/40 anos: 06
179*	Vestuário e Acessórios	Pilcha	19	Sinop, Vera, Cláudia e Santa Carmem	Homens: 09 Mulheres: 10	Acima de 50 anos: 12 18/40 anos: 07
193*	Transportes e Orientações Geográficas	Topografia	21	Sinop, Vera, Cláudia e Santa Carmem	Homens: 11 Mulheres: 10	Acima de 50 anos: 12 18/40 anos: 09
206*	Doenças e Tratamentos	Malaiero	18	Sinop, Vera, Cláudia e Santa Carmem	Homens: 05 Mulheres: 13	Acima de 50 anos: 07 18/40 anos: 11
207*	Doenças e Tratamentos	Hérnia estrangulada	17	Sinop, Vera, Cláudia e Santa Carmem	Homens: 08 Mulheres: 09	Acima de 50 anos: 12 18/40 anos: 05

Quadro 42: Indicativo de não-respostas.

* 27- Como se apresenta o solo logo no início após a _____ (cf. item 26) em função das raízes das árvores?

- * 34- *...no manejo da terra na agricultura a ação de utilizar maquinários como substitutos do trabalho humano?*
- * 56- *...tipo de fibra bastante encontrada na Bahia com a qual se fazem cordas, barbantes, tapetes, chinelos etc. e também pode ser utilizada para fabricar papel?*
- *83- *..._____ (cf. item 82) de cem litros, que comporta aproximadamente 80Kg?*
- * 137- *...o _____ (cf. item 136) que responde por uma paróquia?*
- * 179- *...a vestimenta gaúcha tradicional, utilizada por homens e mulheres de todas as idades, como a bombacha ou o vestido de prenda?*
- * 193- *...o processo de fornecer dados, obtidos através de cálculos, métodos e instrumentos que permitem o conhecimento do terreno, dando base para execução de projetos e obras realizadas por engenheiros ou arquitetos?*
- * 206- *...a pessoa que adquire _____ (cf. item 205)?*
- * 207- *...tipo de hérnia intestinal em que ocorre bloqueio da circulação sanguínea e do trânsito fecal, o que pode ocasionar a perfuração do intestino e levar o paciente à morte se não for operado rapidamente?*

Ressalta-se que, destes nove conceitos/perguntas em que se sobressaem às não atribuições responsivas, seis aparecem com maior quantificação numérica entre as mulheres, mais especificamente nas questões 27, 34, 83, 179, 206 e 207, duas entre os homens, a 137 e a 193, e, ainda, há uma com a mesma distribuição de não-respostas entre homens e mulheres, a 56. Observa-se também nestes dados que as áreas em que as mulheres menos souberam responder foram Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais, Vestuário e Acessórios e Doenças e Tratamentos, enquanto que o maior total de homens que não soube dar respostas se evidencia em Religião e Crenças e em Transportes e Orientações Geográficas.

Já a distribuição de não-respostas entre as faixas etárias se mostra díspar nas questões 34, 137, 179, 193 e 207 com maior quantidade numérica entre os sujeitos acima de 50 anos, e nas perguntas 27, 56, 83 e 206 com maior número não-responsivo entre os jovens, de 18 a 40 anos. O retrato destes dados deixa entrever que os jovens responderam menos na área semântica Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais, visto que na área Doenças e Tratamentos alterna-se o alto número de não atribuições entre ambos; manifesta-se, também, maior quantificação entre os sujeitos acima de 50

anos nas áreas Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais, Religião e Crenças, Vestuário e Acessórios e Transportes e Orientações Geográficas; retrato este que pode indicar a não compreensão de alguns destes conceitos/perguntas por parte dos sujeitos acima de 50 anos e o desconhecimento de outros, ligados à colonização, pelas gerações mais novas.

Por outro lado, os resultados obtidos com a catalogação dos dados e a observação dos usos normativos dos itens lexicais e de suas distribuições pelos quatro pontos de inquérito levaram à confirmação, nessas comunidades de fala, das realizações concretas de utilização dos itens/tema que selecionei das narrativas livres. Exponho, no quadro a seguir, a relação de itens lexicais que, sendo tema de dada questão, se apresentou no quadro responsivo com maior frequência, ou seja, é o modelo fixado, efetivamente usado e consagrado neste espaço geográfico em que se realiza a pesquisa:

Nº da questão	Área semântica	Item lexical/tema que aflue como norma = Frequência absoluta	Regularidade
01	Acidentes Geográficos	Morro = 32	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
02	Acidentes Geográficos	Córrego = 15	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
03	Acidentes Geográficos	Nascente = 36	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
07	Fenômenos Atmosféricos	Chuvarada = 16	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
09	Fenômenos Atmosféricos	Atoleiro = 31	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
10	Fenômenos Atmosféricos	Relâmpago = 32	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
11	Fenômenos Atmosféricos	Raio = 39	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
12	Fenômenos Atmosféricos	Trovão = 33	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
13	Fenômenos	Geada = 35	Sinop, Santa Carmem,

	Atmosféricos		Vera e Cláudia
14	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Colonização = 12	Sinop, Vera e Cláudia
15	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Picada = 36	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
16	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Carreador = 15	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
17	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Fazenda = 36	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
18	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Plana ³ = 22	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
19	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Cerrado = 32	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
20	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Peões = 36	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
21	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Gato = 13	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
22	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Empreita ⁴ = 12	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
23	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Derrubada = 20	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
24	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Queimado = 35	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
25	Atividades Agropastoris e	Fumaça = 29	Sinop, Santa Carmem,

³ É variante fonética do item/tema *plaina*.

⁴ É variante morfológica do item/tema *empreitada*.

	Extrativo-florestais		Vera e Cláudia
26	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Destoca = 20	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
28	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Leras = 29	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
29	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Gradear = 20	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
30	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Carpir = 32	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
31	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Areia = 24	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
33	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Adubada = 38	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
35	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Lavoura = 17	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
36	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Pilão = 35	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
37	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Descascador = 16	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
38	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Serraria = 32	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
39	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Serra-fita ⁵ = 12	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
40	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Marcenaria = 32	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia

⁵ É variante morfológica da expressão/tema *serra de fita*.

41	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Marceneiro = 38	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
43	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Manejo = 16	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
44	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Manivela = 28	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
45	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Corretor = 29	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
46	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Sitiente = 32	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
48	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Divisa = 34	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
49	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Arrendamento = 21	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
50	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Índio = 38	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
51	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Floresta = 26	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
52	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Reserva = 33	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
54	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Cipó = 36	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
55	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Reflorestamento = 29	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
57	Atividades Agropastoris e	Tucum = 17	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia

	Extrativo-florestais		
58	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Cooperado = 20	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
60	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Barragem = 26	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
61	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Mandioca = 40	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
62	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Cará = 19	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
63	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Abóbora ⁶ = 22	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
64	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Moinho = 32	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
66	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Gado = 25	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
67	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Cocho = 37	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
68	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Bezerro= 37	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
69	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Pasto = 26	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
70	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Capim = 25	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
71	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Mangueira = 27	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia

⁶É variante fonética e morfológica dos itens/tema *abobrinha* e *abobra*.

74	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Carroça = 31	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
75	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Laçar = 37	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
76	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Rodeio = 31	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
78	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Balaio = 25	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
79	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Carriola = 37	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
80	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Lavagem = 35	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
81	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Silagem = 27	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
82	Atividades Agropastoris e Extrativo-florestais	Sacaria = 26	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
84	Fauna	Bichos = 33	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
85	Fauna	Onça = 35	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
86	Fauna	Esturro = 15	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
87	Fauna	Jacaré = 39	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
88	Fauna	Bico-de-jaca = 22	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
91	Fauna	Traça = 23	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
92	Fauna	Biscateiro = 26	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia

93	Fauna	Jacutinga = 17	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
94	Fauna	Mutum = 30	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
95	Fauna	Arara = 36	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
96	Fauna	Papagaio = 38	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
98	Fauna	Cutia ⁷ = 19	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
99	Fauna	Paca = 39	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
100	Fauna	Anta = 37	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
101	Fauna	Cabrito = 22	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
102	Fauna	Cupim = 102	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
104	Fauna	Porvinha ⁸ = 14	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
105	Fauna	Mutuca = 15	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
106	Fauna	Traíra = 25	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
108	Ciclos da Vida	Menina = 34	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
109	Ciclos da Vida	Molecada = 17	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
110	Ciclos da Vida	Grávida ⁹ = 32	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
111	Ciclos da Vida	Parir = 27	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
112	Convívio e Comportamento Social	Pioneiro = 28	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
113	Convívio e Comportamento Social	Colonizar = 14	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia

⁷É variante fonética do item/tema *cotia*.

⁸É variante fonética do item/tema *polvinha*.

⁹É variante morfológica da expressão/tema *muié grávida*.

114	Convívio e Comportamento Social	Mutirão = 17	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
116	Convívio e Comportamento Social	Mestiça ¹⁰ = 17	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
117	Convívio e Comportamento Social	Nordestina = 39	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
118	Convívio e Comportamento Social	Baianos ¹¹ = 38	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
119	Convívio e Comportamento Social	Negro ¹² /preto = 34	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
122	Convívio e Comportamento Social	Encrenqueira = 36	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
123	Convívio e Comportamento Social	Gananciosa = 22	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
124	Convívio e Comportamento Social	Sonega = 24	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
126	Convívio e Comportamento Social	Bamburrou ¹³ = 08	Sinop, Santa Carmem, Vera
128	Convívio e Comportamento Social	Aproveitadora = 24	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
129	Convívio e Comportamento Social	Pistoleiro = 19	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
130	Convívio e Comportamento Social	Tocaia = 24	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
131	Convívio e Comportamento Social	Revólver = 32	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
132	Convívio e Comportamento Social	Cartucheira = 29	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
133	Convívio e Comportamento Social	Gandaia = 15	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
135	Convívio e	Casam ¹⁴ = 21	Sinop, Santa Carmem,

¹⁰É variante morfológica do item/tema *mestiçada*.

¹¹É variante morfológica do item/tema *baianada*.

¹²É variante fonética do item/tema *nego*.

¹³É variante morfológica do item/tema *bamburrado*.

¹⁴É variante morfológica do tema *casam-se*.

	Comportamento Social		Vera e Cláudia
136	Religião e Crenças	Padre = 40	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
138	Religião e Crenças	Freira= 27	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
139	Jogos e Diversões	Balanço= 36	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
140	Jogos e Diversões	Sinuca= 34	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
142	Jogos e Diversões	Baile = 30	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
143	Habitação	Barraca= 20	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
144	Habitação	Acampamento = 30	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
146	Habitação	Barraco= 30	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
148	Habitação	Assoalho ¹⁵ = 18	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
149	Habitação	Lampião= 37	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
150	Habitação	Gerador = 27	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
151	Habitação	Mata-junta = 32	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
152	Habitação	Área ¹⁶ = 36	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
153	Habitação	Prateleira= 13	Sinop, Vera e Cláudia
154	Habitação	Fogão à lenha= 29	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
156	Alimentação e Cozinha	Compra= 30	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
157	Alimentação e Cozinha	Refeições= 32	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
158	Alimentação e Cozinha	Mistura= 29	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia

¹⁵É variante morfológica do item/tema *soalho*.

¹⁶É variante morfológica do item/tema *arinha*.

159	Alimentação e Cozinha	Refogado ¹⁷ = 23	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
161	Alimentação e Cozinha	Cozinheira = 38	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
162	Alimentação e Cozinha	Churrascaria = 39	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
164	Alimentação e Cozinha	Carne-seca = 30	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
165	Alimentação e Cozinha	Toicinho = 24	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
166	Alimentação e Cozinha	Banha = 40	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
167	Alimentação e Cozinha	Castanha = 38	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
169	Alimentação e Cozinha	Fubá = 34	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
170	Alimentação e Cozinha	Polenta = 38	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
171	Alimentação e Cozinha	Maxixe = 33	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
172	Alimentação e Cozinha	Feijão-de-corda = 23	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
173	Alimentação e Cozinha	Pinga = 38	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
174	Alimentação e Cozinha	Garrafa = 23	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
176	Alimentação e Cozinha	Chimarrão = 38	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
177	Vestuário e Acessórios	Bota = 32	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
178	Vestuário e Acessórios	Chinelo = 31	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
180	Vida Urbana	Terreno = 34	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia

¹⁷É variante morfológica do item/tema *afogado*.

181	Vida Urbana	Terraplanagem ¹⁸ = 14	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
182	Vida Urbana	Bar = 35	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
183	Vida Urbana	Mercado = 33	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
184	Vida Urbana	Posto = 29	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
185	Vida Urbana	Hotel = 39	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
186	Vida Urbana	Zona = 37	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
187	Vida Urbana	Telefone = 36	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
189	Vida Urbana	Balconista = 36	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
190	Vida Urbana	Mascate = 22	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
191	Vida Urbana	Valetão = 21	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
192	Vida Urbana	Fossa = 38	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
194	Transportes e Orientações Geográficas	Frete = 27	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
195	Transportes e Orientações Geográficas	Freteiro = 32	Sinop Santa Carmem Vera e Cláudia
196	Transportes e Orientações Geográficas	Lotação = 25	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
197	Transportes e Orientações Geográficas	Comboio = 15	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
199	Transportes e Orientações Geográficas	Lá pra riba ¹⁹ = 23	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia

¹⁸É variante fonética do item/tema *terraplanagem*.

¹⁹É variante do item/tema *riba*.

200	Transportes e Orientações Geográficas	Costela ²⁰ = 12	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
201	Transportes e Orientações Geográficas	Pau-de-arara = 30	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
202	Transportes e Orientações Geográficas	Kômbi = 38	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
203	Transportes e Orientações Geográficas	Balsa = 39	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
204	Transportes e Orientações Geográficas	Baldeação = 15	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
205	Doenças e Tratamentos	Malária = 40	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
208	Doenças e Tratamentos	Congestão = 26	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
209	Doenças e Tratamentos	Cidreira = 16	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia
210	Doenças e Tratamentos	Salmoura = 25	Sinop, Santa Carmem, Vera e Cláudia

Quadro 43: Itens lexicais/tema que afluem como norma.

Além destes itens lexicais, que se confirmaram como modelo normativo em uso no norte de Mato Grosso, há outros que, embora distintos dos registros temáticos que fiz no *corpus*, se mostraram com maior frequência em suas respectivas questões, sendo, consequentemente, disseminados como norma nas cidades pesquisadas. São eles, respectivamente:

- *pinguela* (Questão 4 = 26 ocorrências, distribuídas em todos os pontos de inquérito);
- *erosão* (Questão 5 = 30 ocorrências, distribuídas em todos os pontos de inquérito);

²⁰É variante morfológica do item/tema *costela-de-vaca*.

- *temporal* (Questão 6 = 11 ocorrências, distribuídas em todos os pontos de inquérito);
- *alagado* (Questão 8 = 19 ocorrências, distribuídas em todos os pontos de inquérito);
- *terceirizado* (Questão 22 = 12 ocorrências, distribuídas em todos os pontos de inquérito);
- *adaptação* (Questão 32 = 10 ocorrências, distribuídas em todos os pontos de inquérito);
- *serrar* (Questão 42 = 13 ocorrências, distribuídas em todos os pontos de inquérito);
- *agricultor* (Questão 47 = 32 ocorrências, distribuídas em todos os pontos de inquérito);
- *galho seco* (Questão 53 = 20 ocorrências, distribuídas em todos os pontos de inquérito);
- *comunidade/vila* (Questão 59 = 19 ocorrências, distribuídas em todos os pontos de inquérito);
- *cabelo/cabelo do milho* (Questão 65 = 18 ocorrências, distribuídas em todos os pontos de inquérito);
- *porteira* (Questão 72 = 36 ocorrências, distribuídas em todos os pontos de inquérito);
- *canga* (Questão 73 = 20 ocorrências, distribuídas em todos os pontos de inquérito);
- *barracão* (Questão 77 = 30 ocorrências, distribuídas em todos os pontos de inquérito);
- *lagarta* (Questão 90 = 17 ocorrências, distribuídas em todos os pontos de inquérito);
- *pato* (Questão 97 = 25 ocorrências, distribuídas em todos os pontos de inquérito);
- *marimondo* (Questão 103 = 17 ocorrências, distribuídas em todos os pontos de inquérito);
- *micuim* (Questão 104 = 14 ocorrências, distribuídas em todos os pontos de inquérito);

- *piá* (Questão 107 = 31 ocorrências, distribuídas em todos os pontos de inquérito);
- *menina* (Questão 108 = 34 ocorrências, distribuídas em todos os pontos de inquérito);
- *gurizada* (Questão 109 = 17 ocorrências, distribuídas em todos os pontos de inquérito);
- *crise* (Questão 115 = 19 ocorrências, distribuídas em todos os pontos de inquérito);
- *preta* (Questão 120 = 24 ocorrências, distribuídas em todos os pontos de inquérito);
- *ruim* (Questão 121 = 19 ocorrências, distribuídas em todos os pontos de inquérito);
- *elegante* (Questão 125 = 16 ocorrências, distribuídas em todos os pontos de inquérito);
- *faliu* (Questão 127 = 13 ocorrências, distribuídas em todos os pontos de inquérito);
- *xaveca* (Questão 134 = 12 ocorrências, distribuídas em todos os pontos de inquérito);
- *danceteria* (Questão 141 = 22 ocorrências, distribuídas em todos os pontos de inquérito);
- *tarimba* (Questão 145 = 10 ocorrências, distribuídas entre as cidades de Vera, de Cláudia e de Santa Carmem);
- *chão batido* (Questão 147 = 18 ocorrências, distribuídas entre as cidades de Sinop, de Cláudia e de Santa Carmem);
- *vaso* (Questão 155 = 34 ocorrências, distribuídas em todos os pontos de inquérito);
- *cozinheiro* (Questão 160 = 37 ocorrências, distribuídas em todos os pontos de inquérito);
- *faca* (Questão 163 = 35 ocorrências, distribuídas em todos os pontos de inquérito);
- *defumado* (Questão 168 = 10 ocorrências, distribuídas em todos os pontos de inquérito);

- *dose* (Questão 175 = 26 ocorrências, distribuídas em todos os pontos de inquérito);
- *toca-disco* (Questão 188 = 16 ocorrências, distribuídas em todos os pontos de inquérito);
- *lombada* (Questão 198 = 11 ocorrências, distribuídas em todos os pontos de inquérito).

Esses resultados nos mostram, por sua vez, conforme acentua Faraco (1991, p.9), que a realidade linguística empírica se constitui pelo “fato de que as línguas humanas mudam com o passar do tempo. Em outras palavras, as línguas humanas não constituem realidades estáticas; ao contrário, sua configuração estrutural se altera continuamente no tempo”. Dessa forma, novos itens lexicais são incorporados ou ressignificados pelas comunidades linguísticas, sendo utilizados concomitantemente com os já consagrados em uma relação sinonímica. Este fato pode ser também constatado em nosso *corpus* em vários conceitos/perguntas que apresentaram mais de vinte respostas distintas, possíveis ao enunciado.

Como exemplificação, remeto o leitor às questões 134 *O que faz aquele que toma o tempo de alguém com a intenção de seduzir, conquistar?* (**23 respostas:** *aluga, assédio, atrai, bate barro, blábláblá, bulina, buzina nas orelhas, canta, conquista, enrola, fica, flerta, galanteia, gasta a saliva, lábia, migué, paquera, papeação, seduz, trova, xaveca, xavequinho* e 171); e 186 *...área de uma cidade onde se localiza o meretrício, o local de prostituição?* (**24 respostas:** *bar das mulheres, boate, bordel, cabaré, cambulhão, casa da luz vermelha, casa da mãe Joana, casa das comadres, casa das primas, casa das putas, casa das quengas, casa das tias, casa de pizeiro, casa de prostituição, casa noturna, currutela, forquia, mandioca, meretrício, muquifo, prostíbulo, puteiro, zona e zoninha*).

Chamo a atenção, também, para os muitos conceitos/perguntas que apresentaram como respostas normativas itens lexicais com ‘baixa’ frequência absoluta, visto que outros itens foram trazidos como possibilidades responsivas com semelhante quantificação numérica, em sua maioria conceitos que remetem a atividades, objetos ou ofícios rudimentares do início da colonização, os quais já não ou pouco se fazem presentes no atual contexto sociocultural e econômico das comunidades pesquisadas, sendo, portanto, muitos destes fenômenos remanescentes apenas na memória linguística de tempos passados, tanto de pioneiros quanto de filhos ou netos que viveram com os

pais/avós as ‘aventuras’ da migração a este espaço geográfico. Assim, dentre os vários exemplos de itens lexicais com ‘baixa’ frequência, destaco: *bamburrou* (8 ocorrências), *tarimba* (10 ocorrências), *gato* (13 ocorrências), *descascador* (16 ocorrências) e *destoca* (20 ocorrências).

Ainda com relação ao “fato de que as línguas humanas mudam com o passar do tempo” pode-se observar, também, nos dados que obtive aquilo que Faraco (1991) chama de “configuração estrutural” se alterando continuamente no tempo. E, vale ressaltar, que essas alterações acontecem por razões distintas, tais como por atribuições pejorativas feitas a determinados itens lexicais, por inovações tecnológicas, que naturalmente substituem atividades rudes, ou mesmo pela extinção de ofícios ou de seres e de plantas da fauna e da flora.

Saliento, dessa forma, do *corpus* recolhido, os itens lexicais *barroca versus erosão* (Questão 05), *roça versus sítio* (Questão 17), *serraria versus madeira* (Questão 38), *colono versus agricultor* (Questão 47), *bugre versus índio* (Questão 50), *selva versus floresta* (Questão 51), *macaco versus galho seco* (Questão 53), *cochete versus porteira* (Questão 72), *galpão versus barracão* (Questão 77), *vespa versus marimbondo* (Questão 103), *barriguda versus grávida* (Questão 110), *trovia versus xaveca* (Questão 134), *balango versus balanço* (Questão 139), *esnuque versus sinuca* (Questão 140), *barreadinho versus chão batido* (Questão 147), *patente versus vaso* (Questão 155), *afogado versus refogado* (Questão 159), *cuca versus cozinheiro* (Questão 160), *cutelo versus faca* (Questão 163), *alpargata/sandália bambulê versus chinelo* (Questão 178), *armazém versus super/mercado*, (Questão 183), *bomba versus posto* (Questão 184), *dormitório versus hotel* (Questão 185), *radioamador versus telefone* (Questão 187), dentre muitos outros itens não citados, mas que podem ser conferidos pelo leitor no *corpus* disponibilizado no Capítulo 4.

Com relação à ressignificação, destaco o item lexical *rancho* que, nas cidades pesquisadas, além de ter os sentidos consagrados relacionados aos conceitos de ...*casa com instalações precárias, feita com restos de madeira ou tabuinha rachada, coberta de lona, palha, zinco ou telha, sem revestimento no chão?* (Questão 146) e de ...*produtos necessários para a alimentação e necessidades domésticas, que se podem comprar ou vender em estabelecimentos comerciais?* (Questão 156; contribuição de sentido esta recebida dos migrantes do sul do Brasil, conforme se pode verificar na análise de *rancho* em 4.10.23), se apresenta com uma nova alteração de significância em curso, como enaltecida pelo jovem de Sinop S16/2 M, de 21 anos: “**rancho** [...] é

uma casa na beira do rio, uma casa grande, uma casa bonita, aí já é considerada como rancho. [...] Eles denominam como rancho uma casa com dois andar, com ar condicionado e tudo”.

Constatações como estas, portanto, refletem o que Clemente (2010, p.1185) denomina como “constante movimento” da língua, o qual “confere ao falante, cotidianamente, a capacidade de formar novos termos, constatar que outros vocábulos deixam de ser usados com o passar do tempo, sendo possível a incorporação de novos significados ao léxico”.

Quanto à observação de interferências étnicas em algumas escolhas lexicais atribuídas ao corpo responsivo, observação essa que procura responder parte da pergunta 2 apresentada ainda na Introdução deste trabalho “Que interesses econômicos e ideológicos contribuíram para a vinda de migrantes ao norte de Mato Grosso **e que relações há entre a miscigenação de etnias, oriundas de diversas regiões do Brasil, e a constituição do modo de falar local?**”, se pode testificar, de forma mais pontual, a confluência de três etnias, a italiana, a alemã e a japonesa. No quadro a seguir, identifico a lista de itens lexicais que aparecem no *corpus*, relacionados diretamente às línguas dessas três etnias:

Nº da Questão	Interferência da língua italiana	Interferência da língua alemã	Interferência da língua japonesa
13	Brina	_____	_____
63	Suque	_____	_____
64	Molim	_____	_____
74	Jlita	_____	Sôri
91	_____	Milhe pook	_____
138	Monêga	_____	_____
149	Chareto Lumim	_____	_____
163	Cortel Cortelo	_____	_____
175	_____	Schluck	_____

177	Scarpon	_____	_____
-----	---------	-------	-------

Quadro 44: Interferências étnicas das línguas italiana, alemã e japonesa.

Ressalta-se, contudo, que essas interferências étnicas se fizeram sentir no corpo responsivo essencialmente de respondentes com mais de 50 anos, descendentes das etnias citadas, com exceção do item lexical de procedência da língua alemã *Schluck*, que foi proferido pela pioneira de Sinop, S14 F, advinda antes da migração de Indaial/SC e de descendência italiana, e do item *Milhe pook*, trazido como resposta pela jovem de 32 anos de Vera, V2/2 F, descendente de portugueses e de indígenas, mas cujo marido é de descendência alemã.

Salienta-se, também, que localizei três itens lexicais que se encontram diretamente relacionados às tradições do tropeirismo, herdadas e repassadas às posteriores gerações, que são: *tropa* (Questão 66), *bruaca* (Questão 78) e *tropeiro* (Questão 172). A linguagem do garimpo, por sua vez, se fez observar nas questões 126 e 127, a partir de variantes dos verbos *bamburrar* e *brefar*.

Outro fato interessante, ainda que este trabalho não tivesse dado ênfase específica aos aspectos fonético/fonológicos da língua aqui em uso, todavia, como adotei por metodologia preservar a variação fônica ou da pronúncia características de cada ponto linguístico nas transcrições que fiz, alguns fenômenos marcantes se fizeram sentir, os quais descrevi brevemente nas apresentações que fiz das variantes fonéticas relativas aos itens lexicais/norma e aos itens lexicais/tema após as exposições das Tabelas Lexicais e dos Cartogramas. Dentre estes fenômenos percebidos, destaco o rotacismo e o lambdacismo. A seguir, apresento alguns itens que evidenciam tais fenômenos no *corpus*:

ROTACISMO:

- *praina/prana* (Questão 18; trazidos ao corpo responsivo de: S9 M, S15 F e S16 M)
- *prainar* (Questão 29; 42; 181; trazido ao corpo responsivo de: V2 F, SC7 M, S9 M, S16 M e C17 M)
- *prantio* (Questão 35; trazido ao corpo responsivo de: V1 M, V2 F e S16 M)
- *froresta* (Questão 51; trazido ao corpo responsivo de: S9 M e S16 M)

- *refrorestamento/ refrorestar/replantar* (Questão 55; trazidos ao corpo responsivo de: V1 M, V2 F, S9 M e S16 M)
- *garpão* (Questão 77; trazido ao corpo responsivo de: V2 F e SC8 F)
- *porvinha*²¹ (Questão 104; trazido ao corpo responsivo de: V3/2 F, SC5 M, SC5/2 M, SC6 F, SC6/2 F, SC7 M, SC7/2 F, S9 M, S10 M, S16 M, C18 M, C17/2 F, C19/2 M e C20/2 M)
- *revórver* (Questão 131; trazido ao corpo responsivo de: V4 F, SC5/2 M e C19/2 M)
- *terraprenagem* (Questão 181; trazido ao corpo responsivo de: S9 M)
- *barsa* (Questão 203; trazido ao corpo responsivo de: V2 F)
- *bardeação* (Questão 204; trazido ao corpo responsivo de: V1 M)
- *emprasto* (Questão 210; trazido ao corpo responsivo de: S16 M, SC5 M e SC6 F)

LAMBdacismo:

- *empleita/empleitada* (Questão 22; trazidos ao corpo responsivo de: SC5 M, SC5/2 M, SC8/2 M, C19 F, C19/2 M e C20 F)
- *selelepe* (Questão 98; trazido ao corpo responsivo de: SC6 F)
- *blefado* (Questão 127; trazido ao corpo responsivo de: S11 F e C20/2 M)
- *fleira* (Questão 138; trazido ao corpo responsivo de: V4 F, V4/2 M, SC5 M, SC6 F, SC6/2 F, C17 M, C18 M, C19 F e C19/2 M)
- *congestão cerebral* (Questão 208; trazido ao corpo responsivo de: SC8 F)

Além disso, é importante identificar, com vistas à verificação dos objetivos propostos para esta pesquisa, “as influências linguístico-culturais trazidas pelos migrantes provenientes de diferentes espaços geográficos nacionais, ainda que não normativas, mas que resultaram no falar local, e suas contribuições na formação e expansão do português na região”. Assim, faço um pequeno recorte, e exponho abaixo, das relações hipotéticas de proveniência de alguns itens lexicais, fundamentadas em

²¹ Acentua-se que este item lexical constitui-se, inclusive, como norma no norte de Mato Grosso, ou seja, foi, ao lado do item *micuim*, o mais falado (com 14 ocorrências) para responder ao conceito *...aquele insetozinho bem pequenininho, que parece um pontinho preto e faz um risco quando se passa a mão e que geralmente, durante o dia, ataca da altura do joelho pra baixo e dá muita ardência?*.

lexicógrafos, autores consagrados ou então apenas em justificativas trazidas pelos próprios respondentes migrantes:

Itens lexicais provenientes do sul do Brasil

- (Questão 02) *sanga* = “E tinha muita coisa assim que, coisas assim diferentes. **Sanga**, é sanga pro riozinho, aqui se fala córrego. O que é o certo, córrego é o certo, e lá era sanga”. (Excerto do relato de experiência pessoal da pioneira S13 F, proveniente de Guarani das Missões/RS).
- (Questão 21) *gato* = “Bras., PR²² e MT. Intermediário entre os peões e o empreiteiro, que contrata com os fazendeiros trabalhos de queima, desmatamento, plantio, etc.”. (*Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, 1986, p.840).
- (Questão 63) *mogango* = “[...] **mogango**, que é as (abóboras) de pescoço, são as verdadeira de pescoço, no sul se falava assim”. (Descrição que acompanha a resposta dessa questão do QSL feita pelo pioneiro de Cláudia, C17 M, advindo de Chopinzinho/PR).
- (Questão 68) *mamão* = “Diz-se de, ou o terneiro de sobreano que ainda mama; mamote”. (*Dicionário Gaúcho Brasileiro*, 2003, p.315).
- (Questão 69) *invernada* = “Grande extensão de campo cercado, onde se guardam animais cavalares, muares ou bovinos. Nas estâncias do Rio Grande do Sul, geralmente, há diversas invernadas que servem, entre outras atividades, para engordar, para criar, e para cruzamento de raças”. (*Dicionário Gaúcho Brasileiro*, 2003, p.286).
- (Questão 71) *mangueira* = “Bras., RS²³. Grande curral de gado, de pedra ou de madeira, junto ao edifício da estância. (*Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, 1986, p.1080).
- (Questão 76) *gineteada* = “Em São Paulo eles fazem montaria, né, que eles fazem com o animal amarrado, encilhado; **no sul é gineteada** porque pega o animal totalmente limpo, ele não tem nada, e o cara monta na clina dele, ele não tem nada pra se agarrá e aqui (em Sinop) eles montam com animal

²²Subentende-se, dessa forma, que os pioneiros paranaenses trouxeram este item lexical ao norte de Mato Grosso.

²³Pressupõe-se, desse modo, que tenham sido os pioneiros gaúchos que trouxeram este item lexical ao norte mato-grossense.

encilhado, né”. (Excerto do relato de experiência pessoal do pioneiro S10 M, proveniente de Guabiju/RS).

- (Questão 108) *guria* = “seu uso é corrente no Rio Grande do Sul, sendo empregada na linguagem informal para se referir a crianças e jovens, ou na conversa de pessoas que desfrutem intimidade”. (WIDHOLZER, 2008, p.7).
- (Questão 114) *ajutório/puxirão* = “[...] no Rio Grande do Sul se diz também *pixurum*, *puxirão*, *ajutório*”. (SILVEIRA, Valdomiro. **Mucufos: edição anotada de uma coletânea inédita**. 72 p. Disponível em <http://www.novomilenio.inf.br/cultura/culturaf/cult049z.pdf>. Acessado em 17 de set. de 2012, às 20h e 09min.).
- (Questão 116) *castiçá* = “[...] um branco com negro ou um branco com índio, assim, nós falava **castiçá** em Santa Catarina, *castiçá* é uma coisa misturada”. (Descrição feita pelo migrante de Cláudia, C17 M, natural de Videira/SC).
- (Questão 134) *trova* = “**Trová** é uma maneira de alugá, tá me trovando. Trová vem de uma palavra que existe no sul, que é a trova, né, a trova é um canto repentista, né. Os nordestinos também têm muito disso, né, os repentistas, né, que cantam inventando na hora, né. No sul chama trova, né, vai inventando na hora as coisas. É também as trovas das meninas, vai trová uma menina, uma namorada, você fica inventando na hora, que, conforme vem o assunto, vai inventando as coisas, já vira fazendeiro, tá trovando (risos...)”. (Excerto do relato de experiência pessoal do pioneiro S10 M, proveniente de Guabiju/RS).
- (Questão 139) *balango/balangar*²⁴ = “Quando eu cheguei aqui, aí tinha um pessoal que veio com o ... com o Toni Banana, daí começô a vim um pessoal, não sei de, da... aí eles chegaram aqui e falaram assim *Ô, meninas, vamos balangá*; [...] eu falei assim *O que que é balangá?* Ela falô *é se balanciá*. Risos... Acho que vieram junto com o Toni Banana, **eles vieram do Paraná, é, era do Paraná**”. (Excerto do relato de experiência pessoal da pioneira de Cláudia, C19 F, proveniente de São Luiz/PR).
- (Questão 141) *CTG* = “Sigla de *Centro de Tradições Gaúchas*”. (BOSSLE, 2003, p.175); “[...] o Centro de Tradições Gaúchas, além de participar de movimentos tradicionalistas na região, também passou a ter participação

²⁴Ressalta-se que no *Dicionário Gaúcho Brasileiro* também há registro do verbo *balangar*, apresentado como sinônimo de “balançar”. (BOSSLE, 2003, p.65).

marcante no movimento tradicionalista do Estado de Mato Grosso”. (ERARDI, 2007, p.175).

- (Questão 156) *rancho* = “**Nóis falava compra**, mas eles (referindo-se aos migrantes sulistas) não fala compra, **eles falam rancho gente**, eu tô sem nada em casa, eu preciso i lá no Machado fazê o rancho, todos falam e eu fico só escutando porque eu vô fazê compra e eles vão fazê o rancho”. (Justificativa que acompanha a resposta dessa questão do QSL feita pela pioneira de Sinop, S11 F, procedente de Santo André/SP).
- (Questão 162) *churrascaria* = “O churrasco é ícone de um estado específico: o Rio Grande do Sul. Mas cultura não tem fronteiras, como explica Dr. José Fachel. Apesar do Rio Grande do Sul ser o berço brasileiro do gaúcho, sua cultura se espalha pelo Uruguai e Argentina. Este conjunto sim é a verdadeira origem do churrasco, ou assado, como é chamado em espanhol. As churrascarias estilo espeto corrido começaram em 1968”. (MAESTRINI, Bruno. **Churrascarias**. Disponível em <http://www.churrasconocouro.com/churras.php>. Acessado em 26 de nov. de 2012, às 15h e 12min).
- (Questão 164) *charque* = “[...] indica-se uma tendência de utilizar a lexia charque no sul, constatada pelo número elevado (94%) de respostas em Pelotas, em contraposição às cidades de São Paulo (8%) e Sorocaba (3%) onde prevalece a lexia carne-seca²⁵”. (SCHREINER, 2012, p.448).
- (Questão 176) *chimarrão* = “O chimarrão, símbolo de hospitalidade, é a bebida indispensável do gaúcho, em qualquer ocasião”. (BOSSLE, 2003, p.176).
- (Questão 178) *alpargata/paragata* = “Por isso que eu digo, lá eu usava, **lá eu usava alpargatas**. Sim, é. **O gaúcho, como é que ele falava? Paragata, né**”. (Excerto do relato de experiência pessoal do pioneiro S11 M, natural de Paim Filho/RS).
- (Questão 179) *pilcha* = “A pilcha, indumentária típica masculina, que também é elemento específico dos gaúchos. [...] ela corresponde quase exatamente à roupa usada pelos peões de estância nas lidas campeiras e,

²⁵Vale lembrar que o item *carne-seca* é o que se apresenta como norma neste espaço geográfico, com 30 ocorrências, seguido, contudo, do item lexical *charque*, com 29 ocorrências.

atualmente, tem sido usada para qualquer atividade também nos núcleos urbanos”. (BARCELOS, 2009, p.28).

- (Questão 183) *bolicho* = “Um **bolicho**. Se você vem lá do Rio Grande do Sul você vai começá com bolicho, a venda, depois virou empório, depois virou mercadinho, depois virou supermercado e assim vai”. (Excerto do relato de experiência pessoal do pioneiro S11 M, natural de Paim Filho/RS).

Itens lexicais provenientes do nordeste do Brasil

- (Questão 05) *sucuvão* = “aqui tem um **sucuvão** que a água feiz, é aonde a água passa e fica aquele buracão, aí o povo fala que ficô um sucuvão, **no nordeste o povo fala assim**, né”. (Descrição que acompanha a resposta dessa questão do QSL feita pela pioneira de Santa Carmem, SC8 F, natural de Misericórdia de Piancó/ PB).
- (Questão 19) *caatinga* = “Mata do *sertão* semi-árido do Nordeste brasileiro, com vegetação arbustiva dotada de pouca folhagem e caules espinhentos e com grande ocorrência de cactáceas e gravatás.” (*Dicionário do Nordeste*, 2004, p.78).
- (Questão 76) *vaquejada* = “A vaquejada tem origem no nordeste, e consiste de uma competição onde dois vaqueiros devem conduzir um bovino até a área delimitada, para assim derrubá-lo. A origem é antiga, dos tempos dos coronéis. Os animais que escapavam deviam ser recuperados pelos vaqueiros, que desafiavam espinhos e matas cerradas em busca dos bois. Alguns destes bois se reproduziam no mato, e seus filhotes se tornavam ‘selvagens’ por nunca terem tido contato com os humanos. Como havia sempre alguns peões que se destacavam no sucesso da busca, a ideia de transformá-la em competição surgiu”. (PROJETO DE LEI pretende legalizar Vaquejada como prática esportiva. **Sustentabilidade**. Postado em 16 de abr. de 2012. Disponível em <http://esetalmeioambiente.com/projeto-de-lei-pretende-legalizar-vaquejada-como-pratica-esportiva/>. Acessado em 29 de abr. de 2013, às 21h e 48min.).
- (Questão 104) *polvinha/porvinha* = “(MARUIM/MARUINS) Do tupi ‘mberu’i’ (mosca pequena). Insetos de 1mm a 2mm, cujas fêmeas são hematófagas. Atacam em massa ao amanhecer e ao entardecer, de

preferência nos mangues e margens dos rios. Transmitem filariose e têm vários nomes no país: meruí, meruim, maringuim, mosquito-do-mangue, mosquito-palha, catuquim, bembé, **mosquito-pólvora**. O *Dicionário Aurélio* não registra as palavras como originárias do Nordeste, mas quase ninguém as conhece fora da região”. (*Dicionário do Nordeste*, 2004, p. 228-229, grifo meu).

- (Questão 111) *descansar* = “os nortistas (referindo-se aos nordestinos) falam *aí quando nasceu* (o bebê) *a minha muié descansô*, os nortista fala isso”. (Descrição que acompanha a resposta dessa questão do QSL feita pelo pioneiro de Vera, V3 M, procedente de Planaltina/PR).
- (Questão 112) *aretirante* (variante protética de *retirante*) “Entende-se o retirante como uma condição excepcional do homem geralmente pobre do campo, das cidades do interior, que, sozinho, em família ou em grupos maiores, vê-se na contingência do abandono de suas terras para emigrar para outras regiões do país fugindo das secas (na verdade, das condições precárias da estrutura sócio-econômica do mundo rural que são exacerbadas nos períodos de seca) do ‘sertão’, o interior semi-árido do Nordeste e parte de Minas Gerais”. (FERREIRA, Ângela L. A; DANTAS, George A. F. Os “indesejáveis” na cidade: as representações do retirante da seca (Natal, 1890-1930). **Scripta Nova**. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Universidad de Barcelona Nº 94 (96), 1 de ago. de 2001. Disponível em <http://www.ub.edu/geocrit/sn-94-96.htm>. Acessado em 17 de set. de 2012, às 16h e 26min).
- (Questão 116) *fogoió/cabo-verde* = “sendo branco do cabelo ruim pra mim ele é **fogoió**, que é mistura de branco com preto e tem cabelo ruim, né, e o preto do cabelo bom é **cabo-verde**, os nortista (referindo-se aos nordestinos) falava assim”. (Descrição que acompanha a resposta dessa questão do QSL feita pela pioneira de Santa Carmem, SC6 F, natural de Aracaju/SE).
- (Questão 126) *bamburrou*²⁶ = “1- Bras., BA. Nas Lavras Diamantinas, fazer fortuna inesperadamente, ou encontrar diamante muito valioso. 2- Bras.,

²⁶O uso deste item lexical, contudo, além do nordeste e norte, conforme contextualizados no Aurélio (1986), aparece difundido atualmente em outras regiões do Brasil, como se pode verificar nos apontamentos analíticos feitos em 4.6.26.

Amaz. Encontrar ouro ou pedras preciosas em grande quantidade, ficando milionário”. (*Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, 1986, p.226).

- (Questão 129) *cangaceira* = “Cangaceiro: Bandido típico do sertão do Nordeste, surgido no início do século XX, armado até os dentes, especializado em fazer ‘serviços’ para coronéis, fazendeiros, políticos e latifundiários”. (*Dicionário do Nordeste*, 2004, p.93).
- (Questão 130) *furna* = “no norte (referindo-se aos nordestinos) eles falavam **furna os bandido tá tudo na furna hoje lá**”. (Descrição que acompanha a resposta dessa questão do QSL feita pela pioneira de Santa Carmem, SC8 F, natural de Misericórdia de Piancó/PB).
- (Questão 132) *cartucheira/alforje/goiaca* = “Têm muitos nomes, tem **cartucheira**, aquela que põe assim na cintura e põe de lado, outros chama **alforje**, né, de couro pra guardá bala, já ouviu falá? No tempo de Lampião e Maria Bonita eles usavam alforje na cintura, aqueles sacão de bala assim, cartuchera assim, ou então assim (gesto), né, atravessado. Tu já viu retrato de Lampião? Ele era parente da minha mãe, acredita? Primo segundo. Era dos Pereira de Pernambuco. Minha mãe se assinava Maria Emília Pereira da Silva e ele era Virgulino Pereira da Silva, brabo, né? Eu sou uma cangacera veia, tenho até a **goiaca** aqui cheio de bala (risos...)”. (Descrição que acompanha a resposta dessa questão do QSL feita pela pioneira de Santa Carmem, SC8 F, natural de Misericórdia de Piancó/PB).
- (Questão 199) *arriba/lá pra riba* = “**É que a gente falava bem diferente do pessoal que tava aqui, muita coisa diferente** [...] tem muita coisa que a gente falava diferente, né. Ah, **arriba**, arriba. Que significa pra cima. Aí eu pensava *meu Deus, o que é essa palavra? O que será arriba? Deve ser do nordestino, né!*”; “Quando eu cheguei aqui, aí tinha um pessoal que veio com o, com o Toni Banana, daí começô a vim um pessoal, não sei de, da... aí eles chegaram aqui e falaram assim [...] **vamo lá pra riba?** [...] E aí eu falei *o que que é lá pra riba?; é subi lá pra cima*. Risos...”. (Excerto dos relatos de experiência pessoal das pioneiras S14 F e C19 F, a primeira procedente de Indaial/SC e a segunda de São Luiz/PR).
- (Questão 201) *pau-de-arara* = “Tinha uns corretores da Sinop que traziam o pessoal. Arrumavam um caminhãozinho lá, **naquele tempo chamavam de**

pau-de-arara, os nortista falava (referindo-se aos nordestinos)”. (Fragmento do relato de experiência pessoal do pioneiro de Vera, V3 M, advindo de Planaltina/PR).

Itens lexicais provenientes do sudeste do Brasil

- (Questão 71) *brete* = “O brete eu acho que ele é aquele espaço menorzinho onde o boi fica, né. **O brete, olha, eu ouço o pessoal muito, que nem o pessoal do sul, São Paulo, sudeste**, onde tem essas festas de peão você ouviu falar muito o brete, vem de lá assim, e ainda até tem aquele ditado das ‘Maria breteira’, que eles falam”. (Descrição que acompanha a resposta dessa questão do QSL feita pela jovem de Sinop, S10/2 F, que cursou Odontologia em Londrina/PR).
- (Questão 77) *tulha/tuia* = “**aqui fala galpão, lá (em São Paulo) nós falava tulha, vamos fazer uma tulha pra guardar o milho**”. (Justificativa que acompanha a resposta dessa questão do QSL feita pela pioneira de Sinop, S11 F, procedente de Santo André/SP).
- (Questão 145) *tarimba*²⁷ = “estrado de varas, usado como cama ou prateleira; cantareira”. (TEIXEIRA, Edgar Jaci. **Pequeno Dicionário de Vocábulo e Expressões Cananéias**. Disponível em <http://www.scelisul.com.br/cursos/graduacao/le/DicionarioDeVocabulos.pdf>. Acessado em 09 de nov., às 15h e 22min).
- (Questão 158) *mistura* = “O prato ‘feijão com arroz’ (ou ‘arroz-e-feijão’) é um dos mais típicos dos lares brasileiros, acompanhado com alguma ‘mistura’ (nome comum no estado de São Paulo para qualquer coisa que se coma com arroz-e-feijão, como, por exemplo, bife ou batata-frita)”. (CEREALISTA NARDO LTDA. **Curiosidades sobre o feijão**. Disponível em http://www.aene.com.br/cur_feijao.php. Acessado em 10 de dez. de 2012, às 13h e 19min).
- (Questão 164) *carne-seca* = “[...] Na cidade de São Paulo, em um total de 154 entrevistas, que representaram 46% do total de questionários aplicados, apenas 12 (8%) dos informantes responderam charque. Em contrapartida, a

²⁷Segundo Galando e Batista (2005, p.6), contudo, este item lexical seria nativo dos corumbaenses, no Estado do Mato Grosso Sul, conforme se pode verificar no seguinte excerto: “Os moradores do assentamento vindos das regiões sul e sudeste do país entendem que os corumbaenses moradores do assentamento chamam de ‘tarimbas’ o que eles entendem por ‘jirau’”.

lexia carne-seca foi mencionada por 111 informantes, o que corresponde a 72% das entrevistas.”. (SCHREINER, 2012, p.459).

Itens lexicais provenientes do centro-oeste do Brasil (Goiás)

- (Questão 46) *pé-de-ferro* = “**Lá em Goiás pra fazenderinho pequeno eles falam pé-de-ferro**, que é teimoso, que fica ali teimando”. (Descrição que acompanha a resposta dessa questão do QSL feita pelo pioneiro de Sinop, S16 M, procedente de Palmeiras/GO).
- (Questão 114) *adigitório* = “**O goiano bem da roça falava adigitório**”. (Justificativa que acompanha a resposta dessa questão do QSL feita pelo pioneiro de Sinop, S16 M, procedente de Palmeiras/GO).
- (Questão 154) *buraio* = “E tem buraio, acho que é regionalismo, **em Goiás se fala buraio pra fogão à lenha**”. (Justificativa que acompanha a resposta dessa questão do QSL feita pelo pioneiro de Sinop, S16 M, procedente de Palmeiras/GO).

Itens lexicais sem indicação de procedência

- (Questão 05) *barroca* = “O terreno era assim, começava, descia da cabeceira pro meio assim, daí fazia uma **barroca**. A barroca é um, tipo assim, que nem o valetão ali (gesto), um esgoto; era que nem um esgoto. Às vez era seco, aí nós cavocava pra dá água. Falava barroca, **era modo de eles falá**.” (Fragmento do relato de experiência pessoal da pioneira de Santa Carmem, SC6 F, natural de Aracaju/SE).
- (Questão 28) *leras* = resposta normativa, com 29 ocorrências, sem nenhuma indicação de procedência do sentido referente ao conceito *...os montes alinhados que se fazem após a/o _____(cf. item 23) de raízes, troncos e restos vegetais, que posteriormente serão destruídos pelo fogo ou tirados da área a ser cultivada?*.
- (Questão 72) *cochete* = “Olha, eu com o meu marido, nós tinha gado, fazia um portão ali, falava fazê um portão ali. **Aqui eles falavam os cochete. Cochete pra portão**. Era coisas assim bem diferente, a gente nem sabia o que é que era”. (Fragmento do relato de experiência pessoal da pioneira de Sinop, S13 F, proveniente de Guarani das Missões/RS).

- (Questão 92) *biscateiro* = para o sentido atribuído a essa resposta normativa, com 26 ocorrências, há apenas a indicação da lenda *Tapirapé*. (CAVALCANTE, A. Biscateiro. **Fórum Wikiaves**. Disponível em <http://www.wikiaves.com.br/forum/archive/index.php/thread-1248.html>. Acessado em 07 de set. de 2012, às 18h).
- (Questão 129) *guacheba* = item lexical esse que aparece como resposta a dois conceitos em meu *corpus*: 20) *...homens que são contratados para trabalhar em fazendas, não mantêm moradia fixa, são geralmente isolados de parentes ou família, e, às vezes, recrutados em outros Estados?;* e 129) *...a pessoa que é paga para matar alguém?*. Ressalto, contudo, que não há registro deste item lexical em nenhum dos seis dicionários por mim consultados. A única referência a este item foi localizada em uma reportagem de assassinato efetuado em Novo Progresso, no Estado do Pará, Estado esse vizinho de Mato Grosso: “O assassino está foragido, a Polícia está à procura do elemento criminoso que atende por apelido de CHEBA, que é a abreviatura de (**guacheba**), o que na linguagem popular significa **matador de aluguel, segurança clandestino que fica à disposição de um segundo comando para realizar serviços sujos**”. (grifos meus). (POVOS DA AMAZÔNIA. **Mulher é assassinada com 5 tiros em Novo Progresso**. Disponível em <http://povosdaamazonia.com.br/selva/modules/artigos/item.php?itemid=1474> . Acessado em 11 de out. de 2012, às 10h e 58min).
- (Questão 160) *cuca* = “**Cuca**, eu já fui bastante veiz, eu trabaiei no mato como cuca e **acho que é uma palavra inventada aqui**, chamavam eu de cuca, mas não é por ser um grande cozinheiro não. Aqui a maioria no mato dizia *eu preciso de um cozinheiro, você podia vim trabaia de cuca?* Eu trabalhei bastante tempo”. (Fragmento do relato de experiência pessoal do pioneiro de Sinop, S12 M, proveniente de Salete/SC).
- (Questão 178) *sandália bambulê* = “Agora, chegou pra cá, qual que era o chinelo daqui? Era a tal da sandália bambulê que chamava, bambulê. Você não usa chinelo havaianas hoje? Pois é, o nome vulgar não é chinelo de dedo? Antes, quando eu cheguei aqui, era bambulê. O que era bambulê? Não

sei! Eu não conhecia bambulê; **eu vim conhecê bambulê aqui**”. (Excerto do relato de experiência pessoal do pioneiro S11 M, natural de Paim Filho/RS).

Salienta-se, ainda, mais especificamente quanto aos 36 itens lexicais normativos selecionados para análise, relacionados acima, o desenho que se mostra quanto à distribuição destes itens entre os distintos gêneros e as diferentes faixas etárias. Esse desenho se revela importante para que se possa, agregando-se aos resultados já expostos, melhor responder as questões 1 e 3 apresentadas ainda na Introdução desta pesquisa:

- 1- Como o falar no nível semântico-lexical da região norte mato-grossense foi constituído e que implicações de natureza sociocultural influenciaram na formação e expansão do português na região?
- 3- Como se apresentam as características linguísticas, relacionadas a aspectos semântico-lexicais, entre os migrantes e os nascidos na região?

Além disso, tal desenho conduz à reflexão dos possíveis rumos que a língua portuguesa falada poderá delinear neste espaço geográfico integrante da Amazônia. Indico, a seguir, portanto, esses resultados distributivos apreendidos em minhas análises:

Itens lexicais de maior frequência entre os homens

- *geada* (dezoito ocorrências *versus* dezessete respostas femininas)
- *gato* (treze ocorrências *versus* dez respostas femininas)
- *destoca* (treze ocorrências *versus* sete respostas femininas)
- *leras* (dezesseis ocorrências *versus* treze respostas femininas)
- *serraria* (dezessete ocorrências *versus* quinze respostas femininas)
- *mangueira* (dezessete ocorrências *versus* dez respostas femininas)
- *carroça* (dezessete ocorrências *versus* quatorze respostas femininas)
- *rodeio* (dezesseis ocorrências *versus* quinze respostas femininas)
- *barracão* (dezoito ocorrências *versus* doze respostas femininas)
- *onça* (dezoito ocorrências *versus* dezessete respostas femininas)
- *biscateiro* (dezesseis ocorrências *versus* dez respostas femininas)
- *paca* (vinte ocorrências *versus* dezenove respostas femininas)
- *porvinha* (nove ocorrências *versus* cinco respostas femininas)

- *nordestina* (vinte ocorrências *versus* dezenove respostas femininas)
- *bamburrou* (seis ocorrências *versus* duas respostas femininas)
- *tarimba* (seis ocorrências *versus* quatro respostas femininas)
- *mata-junta* (dezessete ocorrências *versus* quinze respostas femininas)
- *rancho* (dezesseis ocorrências *versus* quatorze respostas femininas)
- *mistura* (quinze ocorrências *versus* quatorze respostas femininas)
- *balsa* (vinte ocorrências *versus* dezenove respostas femininas)

Itens lexicais de maior frequência entre as mulheres

- *manejo* (onze ocorrências *versus* cinco respostas masculinas)
- *guria* (dezoito ocorrências *versus* dezesseis respostas masculinas)
- *freira* (quinze ocorrências *versus* doze respostas masculinas)
- *balanço* (dezenove ocorrências *versus* dezessete respostas masculinas)
- *lampião* (dezenove ocorrências *versus* dezoito respostas masculinas)
- *carne-seca* (dezoito ocorrências *versus* doze respostas masculinas)
- *bota* (dezenove ocorrências *versus* treze respostas masculinas)
- *mercado* (dezoito ocorrências *versus* quinze respostas masculinas)
- *hotel* (vinte ocorrências *versus* dezenove respostas masculinas)

Itens lexicais com equidade de frequência entre homens e mulheres

- *nascente* (dezoito ocorrências distribuídas entre ambos)
- *chuvarada* (oito ocorrências distribuídas entre ambos)
- *índio* (dezenove ocorrências distribuídas entre ambos)
- *cupim* (vinte ocorrências distribuídas entre ambos)
- *banha* (vinte ocorrências distribuídas entre ambos)
- *chimarrão* (dezenove ocorrências distribuídas entre ambos)
- *malária* (vinte ocorrências distribuídas entre ambos)

Itens lexicais de maior frequência entre os sujeitos com mais de 50 anos

- *geada* (dezenove ocorrências *versus* dezesseis respostas de sujeitos jovens, de 18 a 40 anos)
- *gato* (quinze ocorrências *versus* oito respostas de sujeitos jovens, de 18 a 40 anos)

- *destoca* (quatorze ocorrências *versus* seis respostas de sujeitos jovens, de 18 a 40 anos)
- *leras* (dezoito ocorrências *versus* onze respostas de sujeitos jovens, de 18 a 40 anos)
- *serraria* (dezessete ocorrências *versus* quinze respostas de sujeitos jovens, de 18 a 40 anos)
- *mangueira* (quinze ocorrências *versus* doze respostas de sujeitos jovens, de 18 a 40 anos)
- *onça* (vinte ocorrências *versus* quinze respostas de sujeitos jovens, de 18 a 40 anos)
- *biscateiro* (quinze ocorrências *versus* onze respostas de sujeitos jovens, de 18 a 40 anos)
- *paca* (vinte ocorrências *versus* dezenove respostas de sujeitos jovens, de 18 a 40 anos)
- *bamburrou* (sete ocorrências *versus* uma resposta de um sujeito jovem, de 18 a 40 anos)
- *tarimba* (seis ocorrências *versus* quatro respostas de sujeitos jovens, de 18 a 40 anos)
- *mata-junta* (dezenove ocorrências *versus* treze respostas de sujeitos jovens, de 18 a 40 anos)
- *carne-seca* (dezessete ocorrências *versus* treze respostas de sujeitos jovens, de 18 a 40 anos)

Itens lexicais de maior frequência entre os sujeitos jovens – de 18 a 40 anos

- *nascente* (dezenove ocorrências *versus* dezessete respostas de sujeitos acima de 50 anos)
- *chuvarada* (dez ocorrências *versus* seis de sujeitos acima de 50 anos)
- *carroça* (dezoito ocorrências *versus* treze de sujeitos acima de 50 anos)
- *rodeio* (dezenove ocorrências *versus* doze de sujeitos acima de 50 anos)
- *barracão* (dezessete ocorrências *versus* treze de sujeitos acima de 50 anos)
- *guria* (dezenove ocorrências *versus* quinze de sujeitos acima de 50 anos)
- *nordestina* (vinte ocorrências *versus* dezenove de sujeitos acima de 50 anos)
- *freira* (quinze ocorrências *versus* doze de sujeitos acima de 50 anos)

- *balanço* (vinte ocorrências *versus* dezesseis de sujeitos acima de 50 anos)
- *lampião* (vinte ocorrências *versus* dezessete de sujeitos acima de 50 anos)
- *rancho* (dezesseis ocorrências *versus* quatorze de sujeitos acima de 50 anos)
- *mistura* (dezesseis ocorrências *versus* treze de sujeitos acima de 50 anos)
- *chimarrão* (vinte ocorrências *versus* dezoito de sujeitos acima de 50 anos)
- *bota* (vinte ocorrências *versus* doze de sujeitos acima de 50 anos)
- *mercado* (dezenove ocorrências *versus* quatorze de sujeitos acima de 50 anos)
- *hotel* (vinte ocorrências *versus* dezenove de sujeitos acima de 50 anos)
- *balsa* (vinte ocorrências *versus* dezenove de sujeitos acima de 50 anos)

Itens lexicais com equidade de frequência entre sujeitos com mais de 50 anos e sujeitos jovens – de 18 a 40 anos

- *manejo* (oito ocorrências distribuídas entre ambos)
- *índio* (dezenove ocorrências distribuídas entre ambos)
- *cupim* (vinte ocorrências distribuídas entre ambos)
- *porvinha* (sete ocorrências distribuídas entre ambos)
- *banha* (vinte ocorrências distribuídas entre ambos)
- *malária* (vinte ocorrências distribuídas entre ambos)

Conforme estes resultados, que mostram relativa equivalência numérica responsiva tanto genérica quanto entre as faixas etárias em vários itens lexicais selecionados, se pode apreender, por outro lado, quantificações responsivas díspares em alguns itens, as quais, ainda que de forma hipotética, nos apontam algumas causas que levaram a estes resultados. Dentre elas, a desaceleração de atividades rurais e ofícios, visto que muitos dos quais vêm se tornando obsoletos no norte de Mato Grosso, pois o trabalho mecanizado e o uso de tecnologias no campo têm substituído em larga escala a mão de obra humana. Assim, se explicaria o fato da menor utilização pelos sujeitos jovens de itens lexicais como: *gato*, *destoca*, *leras*, *mangueira* e *bamburrou*.

O uso de tecnologias e inovações científicas também é responsável pela substituição de objetos, veículos e construções rudimentares, o que faz com que, por exemplo, as *tarimbas* rudes sejam trocadas por camas mais modernas e as casas feitas com *mata-juntas* aos poucos sejam demolidas e edificações feitas de alvenaria surjam

cada vez mais no cenário arquitetônico das quatro cidades em estudo. Todavia, se *tarimba* e *mata-junta* já são pouco conhecidas e, consequentemente, pouco faladas pelos jovens entrevistados, por outro lado, a utilização de itens como *carroça* e *lampião* no corpo responsivo desses entrevistados se fez vigorosa, ainda que esses objetos não se façam mais presentes no cotidiano dos respondentes. Vale lembrar, inclusive, que o veículo *carroça* foi pouquíssimo usado no contexto de colonização norte mato-grossense, no entanto, muitos colonos entrevistados fizeram menção de uso deste veículo nas localidades em que se encontravam antes da migração.

Essa causa de desaceleração mencionada acima está, ainda, diretamente ligada ao processo de ajustamento à vida urbana, visto que o espaço geográfico encontrado pelos migrantes à época de sua chegada ao norte de Mato Grosso nos anos 1970 era inicialmente de mata fechada, o qual, aos poucos, foi se transformando em um espaço agropecuário e, finalmente, os pequenos povoados e vilas se transformaram em cidades que, atualmente, vêm deixando de ter características rurais, com maior destaque para a cidade polo, Sinop.

Dessa forma, os migrantes, e, ainda em maior proporção, os seus descendentes, perdem, gradualmente, a identidade rural originária, pois tendem a contrair novas relações sociais e culturais, consequentemente linguísticas, distintas do antes limitado círculo de falantes que se restringia tão somente ao lar, aos amigos e aos vizinhos. Nesse novo contexto, os indivíduos que conseguem engajar-se no processo de mobilidade social contraem redes mais esparsas e, estão desse modo mais abertos à influência das pressões padronizadas da cultura dominante, inclusive da língua padrão (BORTONI-RICARDO, 2005).

Esse processo de ajustamento urbano pode explicar o porquê de os sujeitos jovens estarem utilizando cada vez menos itens lexicais ligados ao ambiente extrativo-florestal, dentre eles os ligados à flora e à fauna. Por outro lado, há que se mencionar que esse novo ambiente urbano propiciou maior escolaridade aos descendentes se comparada à de seus pais/avôs. Escolaridade esta que se fez sentir em muitas circunstâncias responsivas de minhas entrevistas e responsável, por exemplo, pela preferência dada pelos jovens escolarizados ao item lexical *balanço*, visto que todos os vinte entrevistados o aludiram. Nesse sentido, é interessante iterar a justificativa para o não uso da variante *balango* feita pela jovem de Santa Carmem, SC7/2 F, de 29 anos, “Balango, mais tá errado, né? É balanço, na verdade não existe balango, né? Quando eu

era mais nova eu falava balango, mas depois que eu comecei a estudá aí eu me corrigia e falava balanço”.

Ressalto, também, que se podem verificar nesses dados algumas tendências de possíveis continuísmos de utilização de itens lexicais nas comunidades pesquisadas a partir de preferências dadas pelos sujeitos jovens, tais como *madeira* em substituição à *serraria*, *barracão* em substituição a *galpão/paiol/tulha*, *mercado* em substituição a *armazém/venda/bolicho*, dentre outras que um olhar cuidadoso poderá observar. Além disso, destaca-se como possibilidade de continuidade o fato cultural do uso do *chimarrão*, largamente propagado na região.

Finalmente, destaca-se o maior número de frequência que se evidenciou para vários itens lexicais entre as respostas masculinas. Este fato é explicável, fundamentalmente, por causa do próprio desenho da pesquisa, que se pautou em questões elaboradas a partir dos relatos de experiência pessoal. Para tanto, vale recordar que muitas ações de colonização, como as desenvolvidas em atividades extrativo-florestais e em edificações, foram feitas e vivenciadas essencialmente por homens, que, muitas vezes, se embrenhavam sozinhos na mata e ficavam muitos dias longe do lar, enquanto às mulheres era de incumbência o serviço doméstico e a educação dos filhos.

Após todos esses apontamentos feitos, e sem deixar de realçar as possibilidades outras de leituras ainda possíveis, compreendo que atingi os objetivos de mostrar um pequeno recorte de como o falar no nível semântico-lexical da região norte mato-grossense foi constituído, e ainda se constitui; que implicações de natureza sociocultural influenciaram na formação e na expansão do português na região; bem como de expor analiticamente as características linguísticas, relacionadas a aspectos semântico-lexicais, entre os migrantes e os nascidos neste espaço geográfico, características essas que podem ser resumidas a partir da junção de todos os idioletos trazidos pelos migrantes de seus Estados de origem e, conforme Coseriu (1979), do próprio ‘sistema de possibilidades’, ou seja, das tendências próprias do sistema linguístico e normativo que o fazem ser vivo, complexo, flexível e contínuo.

Todas essas reflexões tecidas, por sua vez, vêm ao encontro das ponderações de Isquendo, quando diz que:

Na verdade, essa norma foi se desenhando de forma distinta nas diferentes regiões brasileiras, motivada por condicionantes extralingüísticos, como os fatores físico-geográficos que as individualizam, os contatos étnicos que ali se processaram, as

atividades econômicas predominantes, enfim, pela história social das várias áreas culturais que foram se formando, nos mais diferentes rincões do Brasil, ao longo da sua história. (ISQUERDO, 2006, p.18).

Com esses resultados alcançados e apresentados por meu estudo, pretendo cooperar qualitativamente com a incipiente pesquisa realizada na região norte mato-grossense, em especial com os projetos de pesquisa desenvolvidos pela Universidade Estadual de Mato Grosso – UNEMAT.

Como possível contribuição ao acervo científico já existente, portanto, ofereço aos estudiosos da língua portuguesa, aos professores, aos lexicógrafos, aos gramáticos e aos interessados em pesquisas linguísticas/dialetológicas um estudo descritivo, interpretativo e reflexivo do caráter multidialetal existente nesta região para que possa ser cotejado com outros falares de outras regiões do país, ou, ainda, comparado com dados apreendidos futuramente neste mesmo espaço geográfico.

REFERÊNCIAS

ABREU, C. de. **Diálogos das grandezas do Brasil**. Salvador: Progresso, 1956.

AGÊNCIA BRASIL. Bamburrou! O grito que ecoa as distorções da Amazônia brasileira. Brasília: **Correio Braziliense**. Publicado em 15 de ago de 2012, às 18h e 45min. Disponível em http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2012/08/15/interna_brasil,317438/bamburrou-o-grito-que-ecoa-as-distorcoes-da-amazonia-brasileira.shtml. Acessado em 24 de out. de 2012, às 12h e 09min.

AGUILERA, V. de A. Sobre os inquéritos experimentais do Atlas Lingüístico do Brasil: ainda discutindo os questionários. **Signum**: estudos da linguagem. Londrina, nº 3, p.175 – 189, set. 2000.

_____. Arcaização, mudança e resistência lexicais em Atlas Lingüísticos brasileiros: o rural e o urbano. In: COX, Maria Inês P. **Que português é esse? Vozes em conflito**. São Carlos: Pedro & João Editores/Cuiabá: EdUFMT, 2008a.

_____. **Crenças e atitudes linguísticas**: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. Estudos Lingüísticos, n. 37, v. 2, p. 105-102. São Paulo, 2008b.

ALENCAR, J. de. **O nosso cancioneiro. Obra completa**. Rio de janeiro: Aguilar, 1960, v. iv. [1ª ed. 1874].

ALKMIM, T. M. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. v.1. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

ALMEIDA, E. de. Língua da Fronteira: uma cartografia discursiva. In: BARONAS, R. L. **Estudos discursivos em Mato Grosso**: limiares. São Carlos: Pedro & João Editores/Cuiabá: Ed. UFMT, 2008.

ALPHA SERVICE CONTROL. **Borrachudo**. Disponível em <http://www.alphaservicecontrol.com.br/borrachudo.html>. Acessado em 10 de set. de 2012, às 11h e 05min.

ALTMAN, C. Retrospectivas e perspectivas da historiografia da linguística no Brasil. **Revista argentina de historiografia linguística**, I, 2, 115-136, 2009.

AMARAL, A. **O dialeto caipira**. São Paulo: O Livro, 2ª ed., 1955 [1ª Ed. 1920].

ANTAS, P. de T. Z. Pantanal Guia de Aves: Espécies da Reserva Particular do Patrimônio Natural do SESC – Pantanal. **Guia das Aves do Pantanal**. Disponível em <http://www.avespantanal.com.br/paginas/index.htm>. Acessado em 29 de ago. de 2012, às 17h e 19min.

ARAÚJO-LIMA, C. A. R. M; BITTENCOURT, M. M. A reprodução e o início da vida de *Hoplias malabaricus* (Erythrinidae; Characiformes) na Amazônia Central. **Revista Acta Amazônica**, Editora INPA, Manaus/AM, vol.31, fasc. 4, p. 693-697, out-dez. 2001.

ARNT, R.; PINTO, L. F.; PINTO, R. **Panará: a volta dos índios gigantes**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 1998.

ASSAD, C. F.; COX, M. I. P. **O ele e o erre só trazem “compricação”**: um estudo das representações de /l/ e /r/ na escrita de crianças em processo de alfabetização. Disponível em http://www.ufmt.br/revista/arquivo/rev13/o_ele_e_o_erre_trazem_comp.html. Acessado em 27 de out. de 2012, às 20h e 59min.

ASSIS, A. R. **Apagamento de vogais pretônicas no POBH – norma culta**. Dissertação de Mestrado. Minas Gerais: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

ASSOCIAÇÃO DOS CRIADORES DO NORTE DE MATO GROSSO. **História da Exponop**: criada para impulsionar o agronegócio. Disponível em <http://www.acrinorte.com.br/Exponop/Historia-da-Exponop/>. Acessado em 25 de ago. de 2012, às 10h e 56min.

AUBERTIN, C.; BERTONE, L.; OLIVEIRA, M. P. **Relatório de viagem em Sinop – maio de 1984**. Departamento de Geografia – UNB. Brasília/DF.

_____. Industrializar as fronteiras? In: AUBERTIN C. (Org.). **Fronteiras**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília; Paris: ORSTOM, 1988.

AUGUSTO, V. L. D. dos S. **Atlas semântico-lexical do estado de Goiás**. Tese (Doutorado em Linguística). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.

AULETE DIGITAL. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Disponível em <http://www.auletedigital.com.br/>. Acessado nos meses de set. e out. de 2011 e nos meses de abr. e mai. de 2012.

AVÉ-LALLEMANT, R. **Viagem pela Província do Rio Grande do Sul (1858)**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.

AZEVEDO, A. M. M.; DELGADO, C. C. Mineração, Meio Ambiente e Mobilidade Populacional: um levantamento nos estados do Centro-Oeste expandido. In: **XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais**. Ouro Preto/MG, 4 a 8 de nov. de 2002.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAHIA NOTÍCIAS. Notícias. **Municípios vítimas da seca lideram ranking de piores IDH e PIB per capita**. Domingo, 27 de mai. de 2012 – 09h e 50min. Disponível em <http://www.bahianoticias.com.br/principal/noticia/116694-municipios-vitimas-da-seca-lideram-ranking-de-piores-idh-e-pib-per-capita.html>. Acessado em 10 de dez. de 2012, às 14h e 05min.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Editora Hucitec, 1995 [1ª Ed. 1929].

_____. **Estética da criação verbal**. Trad. do francês de Maria Ermantina G. Gomes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BARANOW, U. G. Indexação das dissertações e teses em Letras e Linguística: situação atual e perspectivas para 1991-92. **Boletim Informativo da ANPOLL**, v. 16, p. 36-42, 1991.

BARBOSA, M. A. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia, identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação. In: **Anais do II Simpósio Latino-Americano de Terminologia. I Encontro Brasileiro de Terminologia Técnico-Científica**. Brasília, 1990. p. 152-158.

_____. Da microestrutura dos vocabulários técnico-científicos In: **Anais do IV encontro nacional da ANPOLL**. Recife: ANPOLL, 1989.

_____. Aspectos da produtividade léxica. **Língua e Literatura**, nº 8, p. 165-183, 1979.

BARCELOS, C. **O Mercado de Bombacha**: Uma análise cultural para traçar o perfil do consumidor gaúcho. Monografia apresentada à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 2009.

BATEL GRILL CHURRASCARIA. **A origem do churrasco**. Disponível em <http://www.batelgrill.com.br/inicio/batel-grill/a-historia-do-churrasco>. Acessado em 26 de nov. de 2012, às 14h e 29min.

BATISTA, D. C. **Avaliação do desempenho operacional de uma serraria através de estudo do tempo, rendimento e eficiência:** estudo de caso em Piraí - R.J. Monografia de Graduação. Seropédica – R.J.: Instituto de Florestas da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2006.

BENJAMIN, A. M. da S. **Agroextrativismo:** sustentabilidade e estratégias produtivas na reserva extrativista do Rio Cajari, Sul do Amapá. 2004. 96f. Dissertação (Mestrado em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável). Núcleo de Estudo em Agricultura Familiar, Universidade Federal do Amapá, Belém. 2004.

BERTOLDO, S. R. F. **Estudo semântico-lexical no Distrito Nossa Senhora da Guia.** Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.

_____. **Investigação dialetológica no distrito de Nossa Senhora da Guia:** análise semântico-lexical de bamburro, tacuru e bateia. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.

BEZERRA, D. A. P. No Ceará tem negros e negras, sim!. **Revista da ABPN** • v. 2, n. 5 • jul.-out. 2011 • p. 75-98.

BIDERMAN, M. T. C. **Teoria linguística:** teoria lexical e linguística computacional. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BLOG DO MARTINS. **Um pouco de Minerês Roceiro do Alto Paranaíba e Triângulo Mineiro.** Publicado em 17 de jan. de 2010, às 05h e 30min. Disponível em <http://blogdomartinscoelho.blogspot.com.br/2010/05/um-pouco-de-mineres-do-alto-paranaiba-e.html>. Acessado em 01 de nov. de 2012, às 10h e 07min.

BLUTEAU, R. **Vocabulário Portuguez e Latino.** Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712.

BONISSONI, O. P. **História dos primórdios de Cláudia.** 2011 (no prelo).

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemu na escola, e agora?:** sociolinguística & educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz/Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

BOSSLE, J. B. A. **Dicionário gaúcho brasileiro.** [1947]. Porto Alegre, RS: Artes e Ofícios, 2003.

BOTELHO, A. Geografia dos sabores: Ensaio sobre a dinâmica da cozinha brasileira. **Revista Textos do Brasil**, ed. nº13 – Sabores do Brasil. Ministério das Relações Exteriores: Departamento Cultural, 2008. p. 60-69.

BOTELHO, M. MT ganha seu Atlas Geográfico. Cuiabá: **Diário de Cuiabá**, Edição nº 9874, de 22 de fev. de 2001.

BRANDÃO, S. F. **A Geografia Lingüística no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 2005.

BRUNETTI, A. Paranaenses aceitam o desafio para a ocupação da Amazônia. **O Estado do Paraná**. Curitiba, domingo, 25 de maio de 1975, p.8.

BUENO, F. da S. Influência das línguas africanas no português do Brasil. **Jornal de Filologia** 2(3), 1954. p. 217-231.

BUSSE, S. Uma análise geossociolinguística da fala do Oeste do Paraná. Palhoça, SC: **Anais do IX Encontro do CELSUL**, Universidade do Sul de Santa Catarina, out. 2010.

CAMACHO, R. G. Sociolingüística. Parte II. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 8ª Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

CÂMARA Jr. J.M. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

CAMÕES, M. N. da S. Levantamento amostral (20%) da ocorrência e dimensionamento espacial de cupins de montículo em propriedades rurais no município de Mirassol D'Oeste – MT. Anais Vol. 6 (2010): **Congresso de Iniciação Científica**, Cáceres/MT, Brasil, 20-24 setembro 2010, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PRPPG.

CAMPELO, K. A contribuição da metáfora antropofórica para a compreensão da formação dos nomes próprios (antropônimos) e das formas de tratamento lexicais (axiônimos) e gramaticais (proformas nominais pessoais). **Revista Veredas: metáfora na linguagem e no pensamento** – 2/2011, p. 133-152 – PPG Linguística/UFJF – Juiz de Fora - ISSN 1982-2243.

CAMPOS, F. V. **Retrato de Mato Grosso**. 2ª ed. São Paulo: 1960.

CANÇADO, M. Semântica Lexical: uma entrevista com Márcia Cançado. **ReVEL**, vol. 11, n. 20, 2013 [www.revel.inf.br].

CARDOSO, S. A. M. A Dialectologia no Brasil: Perspectivas. **D.E.L.T.A**, Vol. 15, Nº Especial, 1999 (233-255)

_____. Projeto Atlas Lingüístico do Brasil – Projeto ALiB: descrição e estágio atual. **Revista da ABRALIN**, v.8, n.1, p. 185-198, jan./jun. 2009.

_____. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

_____. **O atlas lingüístico do Brasil: uma questão política**. Disponível em: http://www.ufpa.br/alipa/atlas_brasil.htm. Acessado em 22 de jul. de 2013, às 17h e 13min.

CARUSO, P. Metodologia da pesquisa dialetológica. In: AGUILERA, V. de A. **A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: Eduel, 2005.

CARVALHO, D.; AZEVEDO, P. **Da lavoura à cuia**: a cultura da erva-mate no Rio Grande do Sul. Reportagem realizada em set. de 2007. Disponível em <http://www.ufrgs.br/ensinodareportagem/economia/ervamate.html>. Acessado em 17 de dez. de 2012, às 14h e 07min.

CASTILHO, A. T. de. (Org.). **História do Português Paulista**. Campinas: UNICAMP/Publicações IEL, 2009.

CAVALCANTE, A. Biscateiro. **Fórum Wikiaves**. Disponível em <http://www.wikiaves.com.br/forum/archive/index.php/thread-1248.html>. Acessado em 07 de set. de 2012, às 18h.

CAVALCANTI-SCHIEL, R. A política indigenista, para além dos mitos da Segurança Nacional. **Estudos Avançados** 23 (65), 2009. P. 149-164.

CEREALISTA NARDO LTDA. **Curiosidades sobre o feijão**. Disponível em http://www.aene.com.br/cur_feijao.php. Acessado em 10 de dez. de 2012, às 13h e 19min.

CESTARI, E. Dicionário inFormal. **Mata-junta**. Postado em 22 de jul. de 2010. Disponível em <http://www.dicionarioinformal.com.br/significado/mata-junta/4378/>. Acessado em 16 de nov. de 2012, às 10h e 34min.

CITYBRAZIL. **História da cidade**. Disponível em <http://citybrazil.uol.com.br/mt/claudia/historia-da-cidade>. Acessado em 27 de jan., às 14h.

CLEMENTE, E. Neologia e Neologismo: da marginalidade às ruas. **Cadernos do CNLF**, Vol. XIV, Nº 2, t. 2, 2010. p. 1184-1202.

COLONIZADORA SINOP. **Cidade de Cláudia**. Disponível em <http://www.gruposinop.com.br/claudia.asp>. Acessado em 26 de jan., às 16h e 14min.

_____. **Histórico da Gleba Celeste – 5ª parte:** cidade de Cláudia. s/d. 5fls. (Datilografado).

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas lingüístico do Brasil:** questionário 2001. Londrina: Ed. UEL, 2001.

CONHECER, Volume III: Os Cantadores de Rodas. São Paulo: Editora Abril Cultural Ltda: p. 721- 723, 1967.

COSERIU, E. **Sincronia, diacronia e história:** o problema da mudança lingüística. Trad. Carlos Alberto da Fonseca e Mário ferreira. São Paulo: Presença, 1979.

_____. **Lições de Lingüística Geral.** Trad. do Professor Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

_____. A geografia lingüística. In:_____. **O homem e sua linguagem.** Trad. de Carlos Alberto de Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença/São Paulo, Universidade de São Paulo, 1982.

COSTA, E. M. da. **Trabalho e educação:** a internalização de significados no processo de socialização secundária de trabalhadores rurais na indústria madeireira. Dissertação de Mestrado. Cuiabá-MT: UFMT, 2004.

COSTA, G. B. da. Norma lingüística e realidade sócio-histórica do português popular do Brasil. **Revista Letra Magna** de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura. Ano 06, n.12 - 1º Semestre de 2010.

COSTA PEDRO, F.; COULON, O. M. A. F. A Aldeia Neolítica. **História Licenciatura.** 10/07/2012. Disponível em <http://hid0141.blogspot.com.br/2012/07/aldeia-neolitica.html>. Acessado em 03 de set. de 2012, às 15h e 20min.

COUTINHO, I. de L. **Pontos de gramática histórica.** 19ª Impressão. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2005.

COVEZZI, M.; PRETI, O. Diagnóstico Educacional da Bacia do Alto Rio Paraguai. In: ROSA, D. B. (Org.). **Um estudo geoambiental comparativo das características morfoestruturais e morfoesculturais nas áreas das Bacias do Alto Rio Paraguai e do Rio Teles Pires no Estado de Mato Grosso.** Relatório Bibliográfico – Projeto de Pesquisa. FAPEMAT, CNPq – UFMT, Cuiabá/MT, 2000.

COX, M. I. P. O rotacismo no falar cuiabano: a potência da voz mameluca em uma variedade do português brasileiro. In: SANTIAGO ALMEIDA, M. M.; COX, M. I. P. **Vozes cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso**. 1. ed. Cuiabá: Cathedral Publicações, 2005.

CRISTIANINI, A. C. **Atlas Semântico-Lexical da Região do Grande ABC**. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.

_____. **Atlas Semântico-Lexical da Região do Grande ABC – um estudo geolingüístico**. Disponível em <http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/slp22/02.pdf>. Acessado em 16 de mar. de 2013, às 16h e 13min.

CRVERDECOM. **Carne na Lata – um costume antigo**. Postado em 18 de mai. de 2012. Disponível em <http://www.crverde.com/2012/05/18/carne-na-lata-um-costume-antigo/>. Acessado em 15 de dez. de 2012, às 14h e 29min.

CUPIM-CUPINS. **O que é cupim?** Postado em 08 de fev. de 2010, às 1h e 41min. Disponível em <http://www.cupim-cupins.com/tag/termitas/page/2/>. Acessado em 08 de set. de 2012, às 17h e 26min.

DAMÁSIO, M. V. F. R. **Desenvolvimento da Civilização e Colonização do Brasil: A Importância Antropológica e Cultural da Salga como Método Natural de Desidratação da Carne**. Monografia. Brasília: Curso de Especialização em Gastronomia e Segurança Alimentar - UnB, 2009.

DAVIS, S. **Vítimas do milagre: o desenvolvimento e os índios do Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

DAUZAT, A. **La géographie linguistique**. Paris: Flammarion, 1922.

DEFINIÇÕES DE PRODUTOS CARTOGRÁFICOS. Disponível em: http://www.geografia.fflch.usp.br/graduacao/apoio/textos/texto_1.htm. Acessado em 21 de jul. de 2013, às 20h e 23min.

DESSBESELL, A. Mato Grosso volta a liderar lista de Estados que mais desmatam. **MT 24horas**. Meio Ambiente. Sinop: 23 de dez. de 2010. Disponível em: <http://www.mt24horas.com.br/?open=eJyzL0i3zcsvyUzOTFRLzk%2FJTM%2B3NbSwNDEBAG1BCB0%3D&&.html>. Acessado em 25 de jan. de 2011, às 15h e 28min.

DIAS, C. M. de M. **Home Away from home: evolução, caracterização e perspectivas da hotelaria: Um estudo compreensivo**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1990.

DIÁRIO DE CUIABÁ. Cidades. Destruição de pontes evita transporte ilegal de madeira. Ed. nº10704. Cuiabá, 28 de ago. de 2003.

DICIONÁRIO DE TERMOS RONDONIENSES. Publicado em 29 de abr. de 2011. Disponível em <http://omundoemquevivo.wordpress.com/2011/04/29/dicionario-de-termos-rondonienses/>. Acessado em 10 de out. de 2012, às 14h e 33min.

DIETRICH, W.; NOLL, V. O papel do tupi na formação do português brasileiro. In: DIETRICH, W.; NOLL, V. (Orgs.). **O português e o tupi no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010, p.81-103.

DOW AGROSCIENCES. Sentricon Brasil. **Centro de Informações sobre Cupins**. Disponível em <http://www.dowagro.com/br/sentricon/cupins/index.htm>. Acessado em 08 de set. de 2012, às 15h e 28min.

ENCARNAÇÃO, M. R. T. da. **A importância do método de pesquisa geolinguístico no resgate de valores sócio-culturais**. Disponível em <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/17/04.htm>. Acessado em 27 de dez. de 2011, às 9h e 28min.

ERARDI, L. **Raízes da História de Sinop**. Sinop: Grafitec, 2007.

FAJARDO, S. O território paranaense: aspectos da ocupação e formação da estrutura produtiva e as transformações da paisagem rural. **Revista Guairacá**, nº 22, p.95-117. Guarapuava/PR: Editora da UNICENTRO, 2006.

FARACO, C. A. **Linguística Histórica**. São Paulo: Ática, 1991.

FAUSTO, B; DEVOTO, F. J. **Brasil e Argentina: Um ensaio de história comparada (1850-2002)**. 2. ed. São Paulo: Editoria 34, 2005.

FERNANDES, C. A. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. 2.ed. São Carlos: Claraluz, 2007.

FERNANDES, S. R. A. Pesquisa sobre vida religiosa feminina: novas interpretações frente à modernidade contemporânea. **Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais**. Disponível em <http://www.ceris.org.br/pesquisa-sobre-vida-religiosa-feminina.html>. Acessado em 27 de out. de 2012, às 21h e 24min.

FERREIRA, A. L. A.; DANTAS, G. A. F. Os "indesejáveis" na cidade: as representações do retirante da seca (Natal, 1890-1930). **Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**. Universidad de Barcelona [ISSN 1138-9788] Nº 94 (96), 1 de ago. de 2001. Disponível em <http://www.ub.edu/geocrit/sn-94-96.htm>. Acessado em 17 de set. de 2012, às 16h e 26min.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio**. Versão 5.0. 3ª Ed., 1ª. Impressão revista e atualizada do Aurélio Século XXI. Curitiba: Editora Positivo, 2004.

_____. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2ª ed. revista e ampliada. 4ª imp. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S.A., 1986.

FERREIRA, C.; CARDOSO, S. A. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FERREIRA, J. C. V. **Mato Grosso e seus Municípios**. Cuiabá: Secretaria de Estado de Educação, 2001.

FETTER Jr. **Pioneiros, aventureiros, guerreiros e seus herdeiros**. 3 vol. Pelotas/RS: UFPel, 1999.

FIORENTIN, M. I. **A experiência da imigração de agricultores brasileiros no Paraguai (1970-2010)**. Dissertação de Mestrado. Curitiba/PR: Universidade Federal do Paraná, 2010.

FRADE, P. **As diferenças entre carne-de-sol, charque e carne-seca**. Disponível em <http://www.petitgastro.com.br/2012/05/as-diferencas-entre-carne-de-sol-charque-e-carne-seca/>. Acessado em 13 de dez. de 2012, às 13h e 26min.

FRANÇA, T. C. C.; SANTOS, M. G. dos; FIGUEROA-VILLAR, J. de. Malária: aspectos históricos e quimioterapia. **Química Nova**, vol.31, no.5. São Paulo: 2008. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-40422008000500060&script=sci_arttext. Acessado em 21 de jan. de 2013, às 17h e 08min.

FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL – FBB; FUNDAÇÃO PRÓ- NATUREZA – FUNATURA. **Diagnóstico Socioeconômico e Ambiental da Bacia do Rio São Bartolomeu**. Relatório Final. Dez. de 2008. 100p.

FURTADO, L. G. Origens pluriétnicas no cotidiano da pesca na Amazônia: contribuições para projeto de estudo pluridisciplinar. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, Belém, v. 1, n. 2, p. 159-172, maio-ago. 2006

GALANDO, L. A.; BATISTA, L. C. Estudos que demonstram a utilização de novos itens léxicos na organização do espaço geográfico do Assentamento Taquaral – Corumbá – MS. In: **III Simpósio Nacional de Geografia Agrária – II Simpósio Internacional de Geografia Agrária Jornada Ariovaldo Umbelino de Oliveira** – Presidente Prudente, 11 a 15 de novembro de 2005.

GARCIA, A. C. A. de A. **Tropeiros e Coletores:** a passagem das tropas pelas coletorias de Goiás – Século XIX. Disponível em http://www.ufg.br/this2/uploads/files/112/05_AnaClaudiaGarcia_TropeirosEColetores.pdf. Acessado em 18 de fev. de 2011, às 16h e 50min.

GASPAR, N. R. Das trilhas da história aos trilhos da central. In: GREGOLIN, M. do R. V.; BARONAS, R. L. (Org.). **Análise do Discurso:** as materialidades do sentido. São Carlos: ed. Clara Luz, 2003, v., p. 71-78.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

GIRAFAMANIA. **Anta:** Maior mamífero terrestre brasileiro! Disponível em http://www.girafamania.com.br/americano/brasil_fauna_anta.html. Acessado em 31 de ago. de 2012, às 13h e 55min.

GLOBO RURAL. O sonho da pedra. Ed. 264. Out./2007. Disponível em http://revistagloborural.globo.com/EditoraGlobo/componentes/article/edg_article_print/1,3916,1649506-1484-1,00.html. Acessado em 22 de out. de 2012, às 17h e 31min.

GOFFMAN, E. A situação negligenciada. In: Ribeiro, B.; Garcez, P.M. (Orgs.). **Sociolinguística interacional**. Porto Alegre: AGE, 1998.

GOMES, M. R. **Curiosidade:** a origem dos calçados. Postado em 23 de mar. de 2011. Disponível em <http://oresumodamoda.blogspot.com.br/2011/03/curiosidade-origem-dos-calcados.html>. Acessado em 21 de dez. de 2012, às 11h e 58min.

GOMES, N. L. Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade. In: Cavalleiro, E. (Org.). **Racismo e anti-racismo na educação:** Repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001.

GONÇALVES, X. **A história do sapato**. Portais da Moda. Disponível em <http://www.portaisdamoda.com.br/noticiaInt~id~18416~n~a+historia+do+sapato.htm>. Acessado em 21 de dez. de 2012, às 11h e 46min.

GONZÁLEZ, J. A. Harvesting, local trade, and conservation of parrots in the Northeastern Peruvian Amazon. In: **Biological Conservation**, Volume 114, Issue 3, Dec. 2003, Pages 437-446.

GRÜNBERG, G. G. **Contribuição para a etnografia dos Kayabi do Brasil Central**. Tese de Doutorado. Viena: Univ. de Viena, 1969.

GRUPO AUTÊNTICA. Cinquenta sapatos que mudaram o mundo. **Design Museum**. Disponível em <http://grupoautentica.com.br/download/capitulo/20100913110709.pdf>. Acessado em 21 de dez. de 2012, às 10h e 48min.

GRUPO ESCOLAR. **História da conservação dos alimentos**. Disponível em <http://www.grupoescolar.com/pesquisa/historia-da-conservacao-dos-alimentos.html>. Acessado em 14 de dez. de 2012, às 18h e 27min.

GUIA DE DISTÂNCIA ENTRE AS CIDADES DE MATO GROSSO. Disponível em <http://www.aondefica.com/afgguiaaf.asp?s=3&udf=mt>. Acessado dia 27 de dez, às 12h e 02min.

GUIMARÃES, D. A. de A. *et al.* Características reprodutivas da paca fêmea (Agouti paca) criada em cativeiro. **Acta Amaz.**, vol.38, no.3, Manaus, 2008.

GUIMARÃES NETO, R. B. **A lenda do ouro verde**. Campinas/SP: Dissertação de Mestrado. UNICAMP, 1986.

HASSELSTROM, A. L. P. de S. **A influência de aspectos da cultura gaúcha na constituição da identidade dos mato-grossenses filhos de migrantes sulistas: no C.T.G. “Estância da Amizade”**. São Leopoldo/RS: Dissertação de Mestrado. UNISINOS, 2011.

HISTÓRIA E CUIDADO. **Cultura masculina**. Disponível em <http://www.historiaecuidado.xpg.com.br/4.html>. Acessado em 29 de ago. de 2012, às 19h e 44min.

HOFFMANN, A. C.; PELEGRINI, S. de C. A. A técnica de se construir em madeira: um legado do patrimônio cultural para a cidade de Maringá. Maringá/PR: **IV Congresso Internacional de História**, 09 a 11 de set. de 2009.

HOWES NETO, G. **De Bota e Bombacha: um estudo antropológico sobre as identidades gaúchas e o tradicionalismo**. Dissertação de Mestrado. Santa Maria/RS: Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, 2009.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S.; FRANCO, F. M. de M. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1ª reimpressão com alterações. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

HUBERMAN, L. **História da Riqueza do Homem**. Rio de Janeiro: ZAHAR Editores, 1976.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos e a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estados. Mato Grosso**. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=mt#>. Acessado em 27 de dez. de 2011, às 11h e 33min.

_____. Resultados do Censo. **Dados do censo 2010 publicados no Diário Oficial da União**. Rio de Janeiro: nov. de 2010. Disponível em: http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados_divulgados/index.php?uf=51. Acesso em 19 de jan. de 2011, às 15h e 36min.

_____. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2008-2009. **Síntese de Indicadores 2009**. Rio de Janeiro. Disponível em http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2009/tabelas_pdf/sintese_ind_3_4.pdf. Acessado em 17 de ago. de 2012, às 14h e 46min.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Histórico da ocupação do entorno do Xingu. Especial. **O Xingu na mira da soja**. São Paulo: out. de 2003. Disponível em: <http://www.socioambiental.org/esp/soja/8.shtm>. Acesso em 13 de jan. de 2011, às 18h e 11min.

_____. Povos Indígenas no Brasil. **Xingu**. Disponível em <http://piib.socioambiental.org/pt/povo/xingu/1539>. Acessado em 09 de abr. de 2013, às 09h e 49min.

IORDAN, I. **Introdução à lingüística românica**. Trad. de Júlia Dias Ferreira. 2 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1962.

ÍSQUERDO, A. N. De Nascentes ao ALiB: a propósito da definição da rede de pontos em pesquisas geolingüísticas no Brasil. In: Anais do **II Encontro Nacional do GELCO: integração lingüística, ética e social**. Goiânia/GO, 2004, p.390-398.

_____. Achegas para a discussão do conceito de regionalismos no português do Brasil. **Alfa**, São Paulo, 50 (2): 9-24, 2006.

_____; ROMANO, V. P. Discutindo a dimensão sociolinguística do Projeto ALiB: uma reflexão a partir do perfil dos informantes. **Alfa**, São Paulo, 56 (3): 891-916, 2012.

JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO. Desiludidos, Villas Boas voltam para casa. 06 de fev. de 1973.

JUCÁ, P. R. **Da linguagem cuiabana**. Cuiabá: Editora Memórias Cuiabanas, 2007. Livro virtual com 629 KB. 153 p.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria M. P. Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. **Sociolinguistics Patterns**. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. **The stratification of English in New York city**. Washington, D. C., Center for Applied Linguistics, 1966.

LAROCA, C. A Madeira como Alternativa na Construção de Habitações. **Revista da Madeira** – Edição nº 61 – nov de 2001.

LE GOFF, J. (Org.). **A nova história**. Lisboa: Edições 70, 1977.

LIMA-HERNANDES, M. C. A dimensão social das palavras. In: SILVA, L. A. da. (Org.). **A língua que falamos – português: história, variação e discurso**. 1. ed. São Paulo: Globo, 2005, 121 – 157.

LINGUÍSTICA CATARINENSE. **Dicionário Catarinense**. Postado em 02 de jun. de 2009, às 07h e 33min. Disponível em <http://linguisticacatarinense.blogspot.com.br/2009/06/palavras-com-b.html>. Acessado em 01 de nov. de 2012, às 10h e 35min.

LÓPEZ, L. Á. A alternância /d/, /l/ e /r/ em variedades linguísticas afrolatinas. **Revista de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola** 2, 2010. p.1-27

LOPES, N. **Novo Dicionário Banto do Brasil**: contendo mais de 250 propostas etimológicas acolhidas pelo Dicionário Houaiss. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

LUCENA, E.; LUZ, F. A cidade nasce com pressa, para o presidente inaugurar. **O Estado de São Paulo**. Quarta-feira, 30 de janeiro de 1974, p.9.

LUCIANO, G. dos S. **O Índio Brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

LYONS, J. **Introdução à linguística teórica**. Lisboa: Presença, 1979.

MAESTRINI, B. **Churrascarias**. Disponível em <http://www.churrasconocouro.com/churras.php>. Acessado em 26 de nov. de 2012, às 15h e 12min.

MAIA, C. J. Trabalho, família e gênero: estratégias de reprodução social camponesa no Médio Jequitinhonha. **Revista Mulher e Trabalho**, vol.4. Porto Alegre/RS, 2004. p 89-103.

MARGOTTI, F. W. Sotacon: a fala do colono. In: **VI Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul – CELSUL**. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Florianópolis - SC, 2006.

MARTA, J. M. Relações de produção no garimpo de Poconé - MT. **Revista de Estudos Sociais**, Ano 3, n. 5, 2001. p. 17-32.

MARTINS, R. **História do Paraná**. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995.

MATTOS e SILVA, R. V. **Como se estruturou a língua portuguesa? Perspectiva histórica da fonologia e da morfologia da língua portuguesa**. Museu da Língua Portuguesa. São Paulo/Estação da Luz. Disponível em http://www.museulinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_10.pdf. Acessado em 17 de ago. de 2012, às 22h e 18min.

MENEZES, C. A. de. **Educação Matemática**: A História da Educação Matemática na década de 70 contada por professores do município de Santa Carmem - MT. Trabalho de Conclusão de Curso de Matemática, Faculdade de Matemática. Universidade do Estado de Mato Grosso/ Campus Universitário de Sinop. Sinop-MT, 2009.

MENNUCCI, T. A. **Avaliação das condições higiênico-sanitárias da carne-de-sol comercializada em “casas do norte” no município de Diadema – SP**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP – Faculdade de Saúde Pública, 2009.

MIGUEL, I. C. **Uma análise do diferencial competitivo de hotéis associados a cadeias hoteleiras internacionais**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas – Escola Brasileira de Administração Pública, 2001.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. Procuradoria Regional da República. 1ª Região. **Obras em Usina Hidrelétrica de Teles Pires ficam suspensas, decide justiça.** Última modificação 02 de ago. de 2012, às 15h e 58min. Brasília/DF. Disponível em <http://www.prr1.mpf.gov.br/noticias/obras-em-usina-hidreletrica-de-teles-pires-continuam-suspensas-decide-justica/>. Acessado em 21 de ago. de 2012, às 11h e 04min.

MIRANDA, E. E. de. **O descobrimento da biodiversidade:** a ecologia de índios, jesuítas e leigos no século XVI. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MORENO, G. Terra, poder e corrupção: a política fundiária em Mato Grosso – 1970/1990. In: **Revista Mato-Grossense de Geografia.** Departamento de Geografia [do] Instituto de Ciências Humanas e Sociais [da] Universidade Federal de Mato Grosso. Ano 2, n. 1 e 2, dez. 1996/1997. Cuiabá: Editora Universitária, 1998.

MOSQUITOS. Disponível em <http://www.pestsolution.com.br/FRAMES%20INSETOS/mOSQUITOS.htm>. Acessado em 03 de set. de 2012, às 11h e 55min.

MOTA, J. A. A transcrição do *corpus* do Projeto NurC. **Anais do IX Encontro Nacional da Anpoll. Linguística.** Vol.2. João Pessoa, 1995:1413-1422.

_____. O projeto Atlas Linguístico do Brasil: uma visão crítica da metodologia utilizada. **Revista da ABRALIN**, v.8, n.1, p. 149-162, jan./jun. 2009.

MOUTINHO, J. F. **Notícia sobre a Província de Matto Grosso seguida d'um roteiro da viagem da sua capital a São Paulo.** São Paulo: Typ. De Henrique Schroeder, 1869.

MOVIMENTO DE ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA. Notícias. **Sisal:** fonte de renda para o semi-árido. Disponível em http://www.moc.org.br/noticias_exibir.php?mostrar=50. Acessado em 20 de jul. de 2012, às 18h e 04min.

MULLER, C. **Initiation à la statistique linguistique.** Paris: Librairie Larousse, 1968.

MUNANGA, K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. **Cadernos PENESB** (Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira), Universidade Federal Fluminense, Centro de Estudos Sociais Aplicada da Faculdade de Educação, n. 5, 2004.

MUSEU NACIONAL DO MAR. Acervo. **Sala das Jangadas**. Disponível em <http://www.museunacionaldomar.com.br/estrutura/jangadas.htm>. Acessado em 14 de jan., às 15h e 39min.

NASCENTES, A. **Bases para a elaboração do atlas lingüístico do Brasil**. I e II. Rio de Janeiro: MEC, Casa de Rui Barbosa, 1958-1961

_____. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

NAVARRO, F. **Dicionário do Nordeste**: 5000 palavras e expressões. [1956]. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

NIMER, M. **Influências Orientais na Língua Portuguesa**: Os Vocábulo Árabs, Arabizados, Persas e Turcos: Etimologias/Aplicações Analíticas. 2. ed. ver./Coordenador Editorial Carlos Augusto Calil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

NOERNBERG, P. **Chimarrão e(m) Canoinhas/SC**: tomar, saber, fazer e comunicar. Dissertação de Mestrado. Florianópolis/SC: Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2012.

NUNES, M. J. R. Freiras no Brasil. In: DEL PRIORE, M. (Org.); BASSANEZI, C. (Coord. de textos). **História das mulheres no Brasil**. 8 ed. – São Paulo: Contexto, 2006.

O JORNAL. Sinop: o marco do futuro gigante. Maringá, 22 de setembro de 1974.

OLIVEIRA, C. (org.). **A saga dos Guardiões da Floresta**: uma viagem emocionante à História do setor de base florestal de Mato Grosso. Sinop: Sindusmad/Print, 2011.

OLIVEIRA, D. P. de. O Estudo Dialetológico no Brasil: a volta ou a sedimentação de uma metodologia de trabalho? In: AGUILERA, V. de A. (org) **A geolingüística no Brasil**: trilhas seguras, caminhos a percorrer. Londrina: Eduel, 2005.

OLIVEIRA, E. R. **Mapeamento de leques e comportamento de canto do lipaugus vociferans (capitão-da-mata) no Parque Ecológico de Gunma, Santa Bárbara-PA**. Trabalho de Conclusão de Curso de Biologia. Universidade Federal do Pará. Belém-PA, 2007.

OLIVEIRA, J. M. de. **A esperança vem na frente**: contribuição ao estudo da pequena produção em Mato Grosso, o caso Sinop. Dissertação de Mestrado. USP/FFLCH, 1982.

OLIVEIRA, P. C. M. **Estudo 43: Diversidade cultural: valorização e difusão.** Disponível em <http://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/pis/Estudo%2043.pdf>. Acessado em 22 de ago. de 2012, às 9h e 02min.

OLIVEIRA, R. P. de. Semântica. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A.C. (Orgs.). **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras.** v.2. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

OLIVEIRA, V. W. N. de. **Movimento Operário no Sul de Mato Grosso: avanços e recuos dos trabalhadores no Rio Paraguai – 1917-1926.** Dissertação de Mestrado. Porto Alegre/RS: Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2000.

ORLANDI, E. P. **Língua e conhecimento lingüístico: para uma História das Idéias no Brasil.** São Paulo: Cortez, 2002.

ORMOND, J. G. P. **Glossário de termos usados em atividades agropecuárias, florestais e ciências ambientais.** Rio de Janeiro: BNDES, 2006.

OTHERO, G. de Á. **Introdução ao Estudo da História da Língua Portuguesa.** Pará de Minas/MG: Virtual Books Online M&M Editores Ltda, 2003.

PAGLIARO, H. **A Revolução Demográfica dos Povos Indígenas no Brasil: a experiência dos Kaiabi do Parque Indígena do Xingu – Mato Grosso – 1970-1999.** Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002.

PAIM, M. M. T. A variação lexical nos campos semânticos corpo humano e ciclos da vida: o que revelam os dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. **Diadorim** (Rio de Janeiro), v. 1, p. 143-159, 2011.

PAINEIRA. Notícias. **Paineira Alimentos é história da carne-seca no Brasil.** Disponível em http://www.paineira.net/mais_noticias.php?id=30#. Acessado em 12 de dez. de 2012, às 16h e 54min.

PANOSSO NETTO, A. **Vera: a princesinha do nortão: uma contribuição ao estudo da ocupação da Amazônia mato-grossense.** Campo Grande/MS: A. Panosso Netto, 2000.

_____. **Geopolítica, agricultores e madeireiros na frente oeste de colonização.** Campo Grande/MS: UCDB, 2002.

PAPO DE HOMEM. **Uma geração de homens criados pelas mães.** Postado por Brett McKay em 14 de jul. de 2011 às 8h e 03min. Disponível em <http://papodehomem.com.br/uma-geracao-de-homens-criados-pelas-maes/>. Acessado em 25 de out. de 2012, às 15h e 19min.

PERISSÉ, G. **O que há de comum entre o hotel, o hospital e o hospício?** Postado em 27 de set. de 2010, às 22h e 42min. Disponível em <http://palavraseorigens.blogspot.com.br/search/label/hotel>. Acessado em 4 de jan. de 2013, às 11h e 14min.

PASSOS, M. M. dos. **Mundo do Garimpo.** Disponível em <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal8/Procesosambientales/Geomorfologia/02.pdf>. Acessado em 09 de out. de 2012, às 13h e 14min.

PASSOS, V. **Linguagem politicamente correta não elimina preconceito**. Luis Nassif On-line. Disponível em <http://www.advivo.com.br/blog/luisnassif/o-preconceito-e-o-politicamente-correto>. Acessado em 19 de set. de 2012, às 15h e 15min.

PEREIRA, G. Acidentes com lagarta deixam população do Paraná em alerta. **Conexão Ciência**. 29 de mar. de 2008. Disponível em <http://www.conexaociencia.jex.com.br/reportagem/acidentes+com+lagarta+deixam+populacao+do+parana+em+alerta>. Acessado em 28 de ago. de 2012, às 19h e 51min.

PHILIPPSEN, N. I. **Mídia Impressa e Heterogeneidade:** polêmicas da esfera da atividade madeireira no espaço discursivo da Amazônia Legal. Dissertação de Mestrado. Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, 2007.

PIAZZA, W. F. **O Brigadeiro José da Silva Paes, estruturador do Brasil Meridional.** Florianópolis: Editora da UFSC, 1988.

PICOLI, F. **Amazônia:** a ilusão da terra prometida. Sinop: Editora Fiorelo, 2004a.

_____. **Amazônia:** pegadas na floresta – uma abordagem da superexploração no trabalho. Sinop: Edição do autor, 2004b.

PILOTO, M. O balanço. Postado em 29 de out. de 2012, às 14h e 19min. **Espaço Marise Piloto: Atelier de Expressão.** Disponível em <http://arteterapiamarisepiloto.blogspot.com.br/2012/10/o-balanco.html>. Acessado em 31 de out. de 2012, às 15h e 17min.

PINTO e SILVA, P. A cozinha da colônia. **Revista Textos do Brasil**, ed. nº13 – Sabores do Brasil. Ministério das Relações Exteriores: Departamento Cultural, 2008. p. 14-19.

PINTO, L. M. da S. **Dicionário da Língua Brasileira.** Ouro Preto: Typographia de Silva, 1832.

PIRES, F. S. Gaúcho, o Dialeto Crioulo Rio-Grandense. **Orbis Latinus**. Disponível em http://www.orbilat.com/Languages/Portuguese-Brazilian/Dialects/Brazilian_Dialects-Gaúcho.html. Acessado em 12 de set. às 13h e 15min.

PITOMBO-OLIVEIRA, T. **Fronteira Discursiva: o paralelo 13º e os sentidos da exclusão**. Cáceres/MT: Editora Unemat, 2007.

POLITO, A. G. **Michaelis**: Dicionário de Italiano On-line. Disponível em <http://michaelis.uol.com.br/escolar/italiano/index.php?lingua=portugues-italiano&palavra=lampi%E3o>. Acessado em 15 de nov. de 2012, às 12h e 04min.

PONTES, I. Atlas Lingüístico do Brasil (Alib): perspectivas teórico-metodológicas. **Acta Scientiarum** 22(1):1-6, 2000.

PORTAL MATO GROSSO. **Geografia do município de Sinop**. Disponível em <HTTP://mteseusmunicipios.com.br/NG/conteudo.php?sid=233&cid=1035>. Acessado em 24 de jan. de 2011, às 13h e 31min.

PORTAL SÃO FRANCISCO. **Árvores Brasileiras: a castanheira**. Limeira/SP. Disponível em <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/arvores/arvores-castanheira.php>. Acessado em 11 de fev. de 2011, às 14h e 25min.

_____. **Entradas e Bandeiras**. Disponível em <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/bandeirantes/entradas-e-bandeiras-1.php>. Acessado em 21 de dez de 2012, às 12h e 19min.

PORTELA, F; OLIVEIRA, A. U. de. **Amazônia**. 5 ed. São Paulo: Ática, 1991.

POSSETI, F. Porvinha? Que mosquito é esse? **VIGIAR = Vigilância em Saúde**. Domingo, 06 de mai. de 2012, às 19h e 02min. Disponível em <http://vigiar.blogspot.com.br/2012/05/porvinha-que-mosquito-e-esse.html>. Acessado em 03 de set. de 2012, às 9h e 15min.

POTTIER, B. **Linguistique générale. Théorie et description**. Paris: Klincksieck, 1974.

PÓVOA, J. L. da C. **Dicionário Tocantinense de Termos e Expressões Afins**. 2 ed. Goiânia: Kelps, 2002.

POVOS DA AMAZÔNIA. **Mulher é assassinada com 5 tiros em Novo Progresso.** Disponível em <http://povosdaamazonia.com.br/selva/modules/artigos/item.php?itemid=1474>. Acessado em 11 de out. de 2012, às 10h e 58min.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CLÁUDIA. **Geografia:** dados demográficos. Disponível em <http://www.claudia.mt.gov.br/>. Acessado em 26 de jan. de 2011, às 16h e 9min.

_____. **Economia.** Disponível em <http://www.claudia.mt.gov.br/>. Acessado em 27 de jan. de 2011, às 16h e 10min.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA CARMEM. **Geografia:** aspectos físicos. Disponível em: <http://www.santacarmem.mt.gov.br/Geografia/>. Acesso em 20 de jan. de 2011, às 15h e 22min.

_____. **História de Santa Carmem.** Disponível em: <http://www.santacarmem.mt.gov.br/Historia-do-Municipio/>. Acessado em 24 de jan. de 2011, às 11h.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SINOP. **Economia.** Disponível em: <http://www.sinop.mt.gov.br/?open=eJwzsCjCx0DE0MTTQMTQ2si9It01Nzs%2FLz81MVCvJLMi3NVYzMjIw0jE0tDDWMTIyBwAhYAwn2236,1917,2.html>. Acessado em 25 de jan. de 2011, às 16h e 19min.

PRETI, D. Variação lexical e prestígio social das palavras. In: _____ (Org.) **Léxico na língua oral e na escrita.** São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003.

PRETO, A. do N. **Dislalia.** São Paulo: PUC-SP, 2006.

PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL. **Questionário Semântico-Lexical.** Disponível em <http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/MetodologiaQuestionarios>. Acessado em 05 de jul. de 2011, às 13h e 05min.

_____. **Aspectos Gerais.** Disponível em <http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/MetodologiaGeral>. Acesso em 28 de dez. de 2011, às 10h e 31min.

_____. **Critérios de seleção de localidades.** Disponível em <http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/RedePontos>. Acessado em 04 de abr. de 2012, às 14h e 23min.

_____. **Atlas Nacionais.** Disponível em <http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/AtlasNacionais>. Acessado em 13 de abr. de 2013, às 15h e 16min.

_____. **Destaques.** Disponível em <http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/WebHome>. Acessado em 16 de abr. de 2013, às 17h e 54min.

_____. **Objetivos.** Disponível em <http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/AlibObjetivos>. Acesso em 16 de abr. de 2013, às 21h e 37min.

_____. **Comitê Nacional.** Disponível em <http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/ComiteNacional>. Acesso em 16 de abr. de 2013, às 19h e 17min.

PROJETO DE LEI pretende legalizar vaquejada como prática esportiva. **Sustentabilidade.** Postado em 16 de abr. de 2012. Disponível em <http://esetalm MeioAmbiente.com/projeto-de-lei-pretende-legalizar-vaquejada-como-pratica-esportiva/>. Acessado em 29 de abr. de 2013, às 21h e 48min.

QUEIROZ, A. C. Politicamente Correto & Direitos Humanos. **Secretaria Especial dos Direitos Humanos.** Disponível em <http://dicionariosvários.blogspot.com.br/2009/06/politicamente-correto-direitos-humanos.html>. Acessado em 19 de set. de 2012, às 14h e 25min.

REINECKEN, G. **Chula.** Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:jFzZvEUac5QJ:www.frenteiradapaz.com.br/coluna.php%3Fid%3D45+origem+da+chula&cd=7&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&source=www.google.com.br> Acessado em 16 de fev. de 2011, às 18h e 15min.

REVISTA CAPITAL. Sinop: Gráfica Grafpel, ano II, ed. 4, p.17-24, out.2004.

REVISTA COLONIZADORA SINOP. Um turismo de negócios. Londrina/PR: Midiograf, ed. 03, p.32, 2011.

REVISTA NOVA ESCOLA. Marcha para os sertões: o processo de ocupação do interior do interior do Brasil. Editora Abril. Disponível em <http://revistaescola.abril.com.br/ensino-medio/plano-de-aula-historia-marcha-sertoes-processo-ocupacao-interior-brasil-717866.shtml>, Acessado em 28 de mar. de 2013, às 12h e 28min.

REVISTA VIII EXPOCLÁUDIA: XIX Festa do Peão/2008. Pioneiros. Sinop/MT: Gráfica Grafitec, ed. nº 02, p.10, jul. de 2008.

RIBEIRO, A. R.; SILVA, F. C. da. A colonização promovida por empresas e famílias do centro-sul do Brasil no Estado do Mato Grosso 1958 – 2008. **Paper do NAEA** 274, nov. de 2010.

RIBEIRO, J. H. **Os tropeiros:** diário da marcha. São Paulo: Globo, 2006.

ROCHA, B. N. Quem anda atrás é caranguejo - O migrante gaúcho e a sua condição provisório-permanente. In: **VII Congresso Latino Americano de Sociologia Rural**, 2006, Quito-Ecuador. VII Congresso Latino Americano de Sociologia Rural, 2006.

RODRIGUES, G. de S. **A alfabetização de jovens e adultos do MST, na perspectiva das variedades linguísticas.** Dissertação de Mestrado. Minas Gerais: Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.

ROIZENBLATT, I. **Critérios da Iluminação Elétrica Urbana.** Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2009.

ROSA, R. D. A escola-igreja: um ambiente sagrado e/ou profano na formação dos colonos da Amazônia Mato-Grossense. In: **Anais do Seminário Educação 2000. Educação, Poder e Cidadania.** Cuiabá, UFMT: Instituto de Educação, 2000.

ROSS, A. **Transtornos e dificuldades de aprendizagem.** Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

ROSSI, N.; FERREIRA, C.; ISENSEE, D. M. **Atlas Prévio dos Falares Baianos.** Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura – Instituto Nacional do Livro, 1963.

RURAL CENTRO. Agricultura. **Sojicultores querem transportar soja por balsa.** Postado em 02 de mai. de 2012, às 0h. Disponível em <http://ruralcentro.uol.com.br/noticias/sojicultores-querem-transportar-soja-por-balsa-56342>. Acessado em 15 de jan. de 2013, às 17h e 37 min.

RURAL, J. Os caminhos dos sabores. **Revista Textos do Brasil**, ed. nº13 – Sabores do Brasil. Ministério das Relações Exteriores: Departamento Cultural, 2008. p. 70-77.

SÁ, E. J. de. O léxico na região Nordeste: questões diatópicas. **ReVEL**, v. 9, n. 17, 2011.

SALOMÃO, A. C. B. Variação e Mudança Linguística: panorama e perspectivas da sociolinguística variacionista no Brasil. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 187-207, jul./dez. 2011.

SANDRI, M. M.; HENRIQUES, C. C. A estilística em ação no cancioneiro balsense. **Cadernos do CNLF**, Vol. XVI, Nº 04, t. 2. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2012. p. 1350-1363.

SANTANA, M. A.; MÜLLER, M. L. R. Relações raciais no cotidiano escolar: dizeres de alunos de duas escolas públicas municipais de Cuiabá. **RevistAleph – Experiências Institucionais**. ISSN 1807-6211. Julho 2012 - ANO VI - Número 17, p. 84-96.

SANTIAGO-ALMEIDA, M. M. (Org.); COX, M. I. P. (Org.). **Vozes cuiabanas: estudos lingüísticos em Mato Grosso**. 1. ed.. Cuiabá: Cathedral Publicações, 2005

SANTOS, I. P. dos. A variação lingüística e a política de ensino/domínio da língua materna. In: SÃO PAULO. Secretaria do Estado da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. **Língua Portuguesa: o currículo e a compreensão da realidade**. São Paulo: CENP, 1991.

_____. **Elementos para o estudo do gênero em Geolingüística**. (mimeo), 2003.

_____. Proposta de análise do aspecto semântico-lexical em atlas lingüísticos regionais brasileiros. In: CUNHA, C. de S. (org.). **Estudos geo-sociolingüísticos**. Rio de Janeiro: UFRJ, Pós-Graduação em Letras Vernáculas. 2006. p. 83-97.

_____. A variação lexical em atlas lingüísticos paulistas: considerações em torno “de chuva”. In: **Anais do SILEL**. v.2, n.2. Uberlândia, MG: EDUFU, 2011.

_____. Sociogeolingüística e interação face a face: diálogo possível. In: SANTOS, I. P. (Org.); CRISTIANINI, A. C. (Org.). **Sociogeolingüística em questão: reflexões e análises**. São Paulo: Paulistana, 2012.

_____. **Práticas discursivas e atlas lingüístico: uma análise do aspecto lexical**. 2009. Disponível em <<http://www.simelp2009.uevora.pt/pdf/sl44/04.pdf>>. Acessado em 26 de abr. de 2013, às 16h e 23min.

SANTOS, L. E. F. **Raízes da História de Sinop**. Sinop/MT: Midiograf, 2011.

SÃO PAULO VESTIBULAR: o Portal de Vestibular de São Paulo. **Definindo as patricinhas**. 13 de out. de 2009. Disponível em <http://www.saopaulovestibular.com.br/artigos/definindo-as-patricinhas.html>. Acessado em 29 de set. de 2012, às 16h e 31min.

SCHLEE, A. R. Colônia do Santíssimo Sacramento e seus mapas: 1680-1777. **I Simpósio Luso-Brasileiro de Cartografia Histórica**. Rio de Janeiro: de 12 a 15 de set. de 2005.

Disponível em <http://revistas.ceurban.com/numero6/artigos/andreyrosenthalschlee.htm>. Acessado em 16 de fev. de 2011, às 14h e 35min.

SCHREINER, C. **Edição de Documentos e Estudo do Vocabulário do Charque na Região Sul do Brasil**: contribuição à história do português brasileiro. Tese de Doutorado. São Paulo: USP – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2012.

SCHREINER, D. F. **Entre a exclusão e a utopia** – um estudo sobre o processo de organização da vida cotidiana nos assentamentos rurais. Região sudoeste/oeste do Paraná. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2002.

SENRA, K. **Kaiabi**. Instituto Socioambiental (ISA). São Paulo: mar. de 1999. Disponível em <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kaiabi/print>. Acessado em 11 de fev. de 2011, às 16h e 40min.

SERRA, L. H. A variação terminológica na língua de especialidade dos agricultores de mandioca no Maranhão e no Rio Grande do Sul. **Ciências Humanas em Revista**, v.8, n.1, São Luís/MA, 2010.

SEYFERTH, G. **Imigração e cultura no Brasil**. Brasília: Editora da UNB, 1990.

SHAEFER, J. R. **As migrações rurais e implicações pastorais. Um estudo das migrações campo-campo do Sul do país em direção ao norte do Mato Grosso**. São Paulo: Loyola, 1985.

SILVA, A. L. S. da. **Avaliação do Teste Elisa Lactato Desidrogenase Plasmodial (pLDH) como método de triagem de malária em doadores de sangue**. Dissertação de Mestrado. Belém/PA: Universidade Federal do Pará, 2006.

SILVA, D. da. Etimologia. **Revista Caras**, 21 de out. de 2010, ed. 885. Disponível em <http://caras.uol.com.br/noticia/etimologia-por-deonizio-da-silva>. Acessado em 12 de set. de 2011, às 10h e 34min.

SILVA, I. B. da *et.al.* **Principais serpentes brasileiras**. Rondonópolis/MT: Universidade Federal de Mato Grosso/UFMT, 2009a. Disponível em <http://www.ebah.com.br/content/ABAAAAsR0AF/serpentes>. Acessado em 26 de ago. de 2012, às 15h e 14min.

SILVA, J. C. A. **Ser livre e ser escravo: Memórias e Identidades de trabalhadores maranhenses na região dos Cocais (1990-2008).** Tese de Doutorado. Brasília: Universidade de Brasília, 2009b.

SILVA, M. A. da. Formação de educadores/as e o combate ao racismo: mais uma tarefa essencial. In: Cavalleiro, Eliane. **Racismo e anti-racismo na escola: repensando nossa escola.** São Paulo: Summus, 2001.

SILVA NETO, S. da. **Guia para os estudos dialectológicos.** Belém, 1957.

SILVA, N. V. da. As Tradições do Garimpo no Vale do Araguaia: Representações, Mitos e Imaginário. **II Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em História UFG/UCG.** 14/15/16 set./2009c. Goiânia/Go.

SILVA, S. S. **O legado da madeira na arquitetura paranaense.** Trabalho de Conclusão de Curso de Arquitetura e Urbanismo. Cascavel/PR: Faculdade Assis Gurgacz, 2011.

SILVEIRA, V. **Mucufos:** Edição anotada de uma coletânea inédita. p. 72. Disponível em <http://www.novomilenio.inf.br/cultura/culturaf/cult049z.pdf>. Acessado em 17 de set. de 2012, às 20h e 09min.

SIQUEIRA, E. M. **História de Mato Grosso:** da ancestralidade aos dias atuais. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.

_____; COSTA, L. A. da; CARVALHO, C. M. C. **O processo histórico de Mato Grosso.** Cuiabá: Guaicurus, 1990.

SMYTHE, N.; BROWN G. O. **La domesticación de la paca (Agouti paca).** Guía de Conservación # 26. Roma, Itália: FAO, 1995.

SOARES, M. **Linguagem e Escola:** uma perspectiva social. 17ª ed., São Paulo: Ática, 2000.

SOCHODOLAK, H.; MANEIRA, R. Os faxinais na região de Irati na década de 1940: a força de uma cultura tradicional. **XI CONLAB – Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais. Diversidades e (Des)Igualdades.** UFBA – PAF I e II. Campus de Ondina. Salvador, 07 a 10 de ago. de 2011.

SOS FLORESTAS. **Código Florestal:** entenda o que está em jogo com a reforma da nossa legislação ambiental. Disponível em http://www.agricultura.gov.br/arq_editor/file/camaras_setoriais/Hortalicas/26RO/cartilhaCF.pdf. Acessado em 20 de jun. de 2012, às 16h e 23min.

SOUSA, L. G. de. **Memórias de Economia** (Ensaio: a realidade brasileira). Editado por eumed.net., 2004. Texto completo em www.eumed.net/cursecon/libreria/.

SOUSA, R. **Brasil Escola**. História do Brasil. Brasil Colônia. Guerra dos Emboabas. Disponível em <http://www.brasilecola.com/historiab/guerra-dos-emboabas.htm>. Acessado em 17 de fev. de 2011, às 17h e 20min.

SOUTO, A. de. Campo lexical e neologia: criatividade linguística em favor da argumentação. In: **SOLETRAS**, ano XI, Nº 21, jan/jun. 2011. São Gonçalo: UERJ, 2011.

SOUZA, A. B. de. **Análise semântica da linguagem específica do seringueiro do Vale do Rio Acre**. Disponível em [http://www.filologia.org.br/revista/artigo/4\(10\)54-60.html](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/4(10)54-60.html). Acessado em 06 de dez. de 2012, às 15h e 47min.

SOUZA, E. A. de. **Sinop: História, Imagens e Relatos**. Um estudo sobre a sua Colonização. Cuiabá: Instituto de Ciências Humanas e Sociais, 2004.

SOUZA, J. L. de. **Os hábitos de consumo de erva-mate para chimarrão no município de Erechim**. Dissertação de Mestrado. Erechim/RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

STUCHI, F. F. **A ocupação da terra indígena Kaiabi (MT/PA): história indígena e etnoarqueologia**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010.

SUYANE, M. Campos do sul (pampas). **Jornal Livre**, postado em 26 de jun. de 2008. Disponível em <http://www.jornallivre.com.br/60511/campos-do-sul-pampas.html>. Acessado em 29 de ago. de 2012, às 15h e 29min.

TABILE, J. Silagem deve garantir comida aos bovinos no período seco. **MT Agronews – Revista Eletrônica do Agronegócio em MT**. Segunda-feira, 30 de abril de 2012, às 13h e 52min. Disponível em <http://mtagronews.blogspot.com.br/2012/04/silagem-deve-garantir-comida-aos.html>. Acessado em 05 de ago. de 2012, às 10h23min.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2007.

TEIXEIRA, E. J. **Pequeno Dicionário de Vocábulos e Expressões Cananéias**. Disponível em <http://www.scelisul.com.br/cursos/graduacao/le/DicionarioDeVocabulos.pdf>. Acessado em 09 de nov. às 15h e 22min.

TEIXEIRA, L. **A colonização no norte de Mato Grosso: o exemplo da Gleba Celeste**. Dissertação de Mestrado. Presidente Prudente: Universidade Estadual Paulista – UNESP, 2006.

TOLEDO NETO, S. de A.; SANTIAGO-ALMEIDA, M. M. Variedade do português brasileiro na trilha das bandeiras paulistas. O que há de indígena em *corpora* do projeto Filologia Bandeirante. In: NOLL, V.; DIETRICH, W. (Organizadores). **O português e o tupi no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010.

TOLEDO, V. L. V. de; MORAES, M. V. de. Povoamento da região do Mato Grosso: atuais estruturas econômicas. In: VIALOU, Á. V. (Org.). **Pré-história do Mato Grosso**: Santa Elina. Vol. 1. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

TOMÉ, C. L. **Eu não sou professor, não**: a presença do professor na cidade de Cláudia entre 1978 e 1988. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

TRIBUNA TAPAJÔNICA. **Balsas e dragas estão poluindo o rio Tapajós acima das cachoeiras de São Luiz**. Postado por Nazareno Santos em 12 de ago. de 2012, às 09h e 18min. Disponível em <http://tribunaitb.blogspot.com.br/2012/08/balsas-e-dragas-estao-poluindo-o-rio.html>. Acessado em 15 de jan. de 2013, às 17h e 45min.

VAN ERVEN, D. **O “Paraná Espanhol”**. 23 de fev. de 2010. Disponível em <http://dvetextos.blogspot.com/2010/02/o-parana-espanhol.html>. Acessado em 16 de fev. de 2011, às 9h e 40min.

VESPAS. Disponível em <http://www.ninha.bio.br/biologia/vespas.html>. Acessado em 31 de ago. de 2012, às 18h e 25min.

VIDA AMBIENTE SERVICE. **Os carrapatos**. Disponível em <http://www.vidaambiente.com.br/conteudo.asp?id=2&conteudo=19>. Acessado em 03 de set. de 2012, às 9h e 02min.

VIDIGAL, C. da F. **Sinop**: a terra prometida. Geopolítica da ocupação da Amazônia. Dissertação de Mestrado. USP/FFLCH, 1992.

VIEIRA, J. F. **Uma abordagem sobre a origem do pato e do marreco**: a importância econômica das espécies para a agropecuária. Disponível em <http://www.slideshare.net/joao1959/uma-abordagem-sobre-a-origem-do-pato-e-do-marreco>. Acessado em 29 de ago. de 2012, às 14h e 12min.

VILELA, M. **Estudos de Lexicologia do português**. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.

VIOLA TROPEIRA. **A origem caipira.** Disponível em <http://www.violatropeira.com.br/origem.htm>. Acessado em 16 de fev. de 2011, às 18h e 20min.

VIOLA, W. S. C. de. **O léxico guiratinguense na perspectiva dialetológica:** aspectos semântico-lexicais. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010.

WEB CIÊNCIA. **Onça pintada.** Disponível em http://www.webciencia.com/14_oncapinta.htm. Acessado em 05 de set. de 2011, às 11h e 40min.

WERNER, E. de M. **As unidades de conservação e a proteção da relação entre populações tradicionais e bens ambientais.** Trabalho de Conclusão de Curso de Tecnologia em Gestão Ambiental. Cuiabá: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso – IFMT, 2010.

WIDHOLZER, N. Comodificações de gênero na mídia: análise de uma marca registrada. In: **Anais do VIII Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul – CELSUL**, 29 a 31 de out. de 2008, Porto Alegre/RS.

XAVIER, P. Estrada de tropeiros. In: PEREIRA, Cláudio Nunes. **Genealogia Tropeira:** Fronteira Sudoeste XIX e XX. vol. VI. Coletânea de Material Histórico e Genealógico, 2008.

60 anos: Museu do Tropeiro – Itabira. **Tropeirismo.** Disponível em <http://www.vivaitabira.com.br/host/MuseuTropeiro/tropeirismo.php>. Acessado em 16 de fev. de 2011, às 15h e 42min.

APÊNDICES

APÊNDICE I: Relatos de experiências pessoais (inquéritos experimentais)²⁸

Transcrições da cidade de VERA

1- IDENTIFICAÇÃO:

Sigla: V1 M

Idade: 79 anos

Sexo: masculino

Estado civil: casado

Número de filhos: duas filhas e um filho (nascidos no Paraná)

Profissão: agricultor e comerciante

Escolaridade: quarta série do Ensino Fundamental

Naturalidade: nasceu no Estado de São Paulo

Descendência: japonesa

Local em que residia antes da migração: Ivaté – PR

Em que ano e com que idade chegou a esta cidade: out. de 1971, com 40 anos

Data e duração da entrevista: 26 de nov. de 2010; 37min.

Então como é que foi? Foi difícil a vinda pra cá?

Ele: Foi difícil, difícil.

O que é que aconteceu? Quantos dias o senhor levou pra chegar?

Ele: Treze dias. Na primeira mudança a metade veio, né. A metade eu tive que largá no pé do morro.

No pé do morro foi aonde?

Ele: Esse estrada é Ubiratã Vieira.

Estrada Ubiratã?

Ele: É.

Já estava tudo aberto pra chegar aqui?

Ele: Já tava tudo aberto, mas teve esse detalhe aí, que tinha uns topezinho meio brabo e o caminhão não subiu carregado, aí eu tive que desmanchá a mudança e largá a mudança em dois lugar. E bicho comendo essa minha mudança.

Deixou no chão mesmo?

²⁸Todos os nomes próprios atribuídos aos pioneiros entrevistados, bem como aos seus familiares são fictícios.

Ele: É, no chão mesmo.

Desembarcou e deixou?

Ele: É

Isso foi na época da chuva? O senhor lembra quando foi?

Ele: Antes da chuva; entrada da chuva.

O mês o senhor não lembra?

Ele: Hã!

O mês em que vocês vieram?

Ele: Outubro, né! Começo de chuva.

Outubro de 71?

Ele: É, de 71.

E não tinha nenhuma casa aqui ainda? Ou já tinha?

Ele: Casa, casa nenhuma, não tinha nenhuma casa aqui. Tudo acampado na beira do rio, aqui no Caiabi.

Olha! Tinham famílias acampadas!

Ele: Exato, família acampada tinha próximo à serraria e nós encostemo por aí na serraria.

Serraria já tinha?

Ele: É, é. Já tinha serraria pra serrá madeira pra fazê casa, né.

Ah! Pra construí as casas aqui na cidade! E quantas famílias mais ou menos tinham acampadas já?

Ele: Ah, tinha umas meia dúzia.

Ah, bem pouquinhos!

Ele: Bem pouquinho.

E que estavam esperando pra construí as casas?

Ele: É, é.

E aí o senhor ficou também numa barraca?

Ele: É, o homem consentiu a minha, a barraca na casa dele, encostá na beira da casa dele, aí nós encostemo, favorecido ainda. Risos...

E quanto tempo vocês ficaram nessa barraca?

Ele: Aí nós ficuemo mais de sete mês, né! É, sete mês.

Sete meses morando na barraca?

Ele: É

Minha nossa!

Ele: Pra consegui passá a chuva que Deus mandava.

Que aventura, seu Isidoro!

Ele: É verdade!

Quem veio com o senhor ao Mato Grosso?

Ele: Eu, ela (gesto para a esposa), o Robson que mora aí embaixo, é!

Vocês ficaram na mesma barraca?

Ele: É, é. Ele era solteiro, ajudou bastante tempo a gente.

O senhor já veio casado?

Ele: É, casado, tinha três filhos, né.

Ah, já tinha três!

Ele: É, duas filhas e um filho, que tá na oficina.

E por que demorou tanto tempo pra construí a casa de vocês?

Ele: Ah, porque não foi tão fácil também. Não tinha água, aqui não tinha água. A Prefeitura, a Prefeitura não, a Colonizadora tava fazendo ali o hotel deles, da Colonizadora.

Ah, estavam construindo um hotel!

Ele: É.

E o que mais tinha na cidade?

Ele: Serraria, hotel e a gente chegando pra fazê as casas, né, pra morá aqui.

Vocês tomavam água do rio?

Ele: É, do rio Caiabi; esse riozinho aí que a turma toma banho aqui em cima. Risos...

Mas a água era limpinha naquela época?

Ele: É, era limpinha. Represada ainda.

Ah!

Ele: Pegava água ali em cima e era encanada pra caixa de água.

Depois encanaram pra trazer pra cidade?

Ele: É, é, pra cidade.

De onde vocês vieram?

Ele: De Ivaté.

Ivaté. Ivaté é no Paraná?

Ele: É.

O senhor tem quantos anos seu Isidoro?

Ele: Eu tenho 79 completo, tô perto de 80 já.

O senhor é de descendência japonesa, é claro! Os seus pais vieram do Japão?

Ele: É, meu pai veio do Japão.

Para o Paraná?

Ele: Não, pro Estado de São Paulo.

Ah! Paulista!

Ele: Paulista.

Aí depois é que vocês mudaram para o Paraná?

Ele: É, aí meu pai tinha ficado pro Estado de São Paulo e eu já tava perdido no Paraná, né.

Ah, o senhor é aventureiro mesmo!

Ele: É. Risos...

O senhor foi solteiro para o Paraná?

Ele: É, tava trabalhando só, né.

Ah!

Ele: Na mecânica.

Aí foi lá que o senhor conheceu aquela moça ali (gesto)?

Ele: É. Risos...

E como é que o senhor ficou sabendo dessa região aqui?

Ele: Da região?

É, dessa região aqui do Mato Grosso?

Ele: É que apareceu uns vendedor de terra que nós conhecemo no sítio e viemo pra cá. Aí chegou aqui gostou, comprou um pedaço de terra, achô que tinha comdo uma fazenda. Risos, muitos risos...

Achou que estava rico!

Ele: Por causa de ser barato compremo oitenta e um alqueire, né, aí achou que era uma fazenda já, né. Risos...

Lá no Paraná o senhor não tinha terra?

Ele: Não. Não podia compra, era caro, né.

O senhor era mecânico lá?

Ele: É, e chegô aqui comprô. E tá até hoje o terreno aqui.

Lá se juntaram pessoas vir pra cá comr terra?

Ele: É.

Por causa da Colonizadora?

Ele: É, era da Colonizadora aqui. É corretor que conseguiu pegar gente, aproveitou e veio. Era corretor do Paraná, Umuarama, né.

Eles trabalhavam pra Colonizadora?

Ele: É, era pra vendê. Aí nós compremo. Achemo que compremo uma fazenda! Risos...

O senhor veio antes pra cá pra ver as terras?

Ele: É, é. Já comprô a terra e ficou aí.

E aí foi buscar a sua esposa e filhos no Paraná?

Ele: E daí nós fiquemo pra lá, né. Daí o companheiro falou *vamo, vamo, vamo mudá pra lá*. Convidou e falou *vamo!*

Em que ano o senhor veio ver a terra?

Ele: No mesmo ano.

Em 71 mesmo! E não tinha nada aqui.

Ele: Não tinha nada.

E vocês vieram com que ideia pra cá? Era pra trabalhar na lavoura?

Ele: Pra formá a terra da gente, né. É pra plantá! Se a coisa produzisse certo como tinha que ser, então plantaria, mas como não produziu, deixemo ela descansá e não plantou, deixou quieto.

Vocês tentaram plantar café?

Ele: É, nós também plantemo café, fizemo divisa, fizemo agueiro; paremo.

Nada deu certo!

Ele: Nada deu certo. Aí plantemo pimenta, a pimenta veio, cresceu bem, produziu.

E tinha pra quem vender?

Ele: Vendeu aqui mesmo. O preço era bom e tudo.

Pimenta deu certo então. E por que o senhor parou depois?

Ele: É, depois nós paremo.

Não gostou de plantar pimenta?

Ele: Não, não. É que acabou, apareceu doença e comeu. Risos...

Ah tá!

Ele: A gente não acudiu, a gente era fraco.

Ah, dava muita doença então!

Ele: É, dava muita doença, como é que chama? É, deu doença.

No café também?

Ele: No café, no café não deu muita doença, é que dava seca de seis meses. Aqui não era como é agora, né. Antigamente chovia seis mês, seis mês limpava e não via nuvem nenhuma. Aí chegava o tempo da chuva, aí chovia novamente, aqui era feio mesmo de chuva. Não tinha estrada, não tinha nada! Virava em buraco e lama.

Como era a estrada quando o senhor veio pra cá?

Ele: A estrada que nós viemo tava bom, deu pra passá bem, só que na subida o caminhão não conseguia subi.

Era muito pesado!

Ele: É, pesado, e outra que era tope, né! O caminhão não subia, aí tinha que largá a mudança lá embaixo.

Trazer um pouco pra cá e depois buscar o restante?

Ele: Não, depois largô até o dia que desse certo pra i buscá.

Ficou largada no meio do caminho a mudança?

Ele: É, no meio da estrada.

Eita!

Ele: Isso mesmo.

Mas o senhor conseguiu buscar?

Ele: Sim, fui buscá.

Ainda deu pra aproveitar alguma coisa?

Ela: Aproveita, né. Risos... Deixa a coisa que não estraga tanto e o que estraga trouxe.

Não tinha supermercado ainda quando vocês chegaram?

Ele: Não, a Colonizadora daqui vendia as coisa no barraco deles.

Era um barraco?

Ele: É

E a Cobal quando veio?

Ele: A Cobal foi colocada depois.

Em que ano, o senhor lembra?

Ele: Acho que em 72, 72; ficou bastante tempo ajudando a turma. Eles traziam comida pra gente compra.

Tinha um barraco onde eles vendiam?

Ele: É.

E hospital quando chegou?

Ele: Ele demorou uns tempinho. A Colonizadora trouxe a irmã Délis pra cuidá.

Ela já é falecida?

Ele: É falecida, é. Trabalhou muito, ajudou bastante. Não tinha outras pessoas que ajudassem buscá gente.

Havia muita malária?

Ele: É, mas daqui não tinha, vinha de fora.

Em Vera não chegou a ter malária?

Ele: Não. Tinha, mais era muito pouco.

E até abrir o hospital não aconteceu nenhuma doença na família de vocês?

Ele: Não, doença disso não; pessoa sadia não tem. Umas pessoas que iam pro rio e trazia a sua mudança na beira do rio pegava, né, dois dia ou mais dia, acontecia pouco.

E aí se tratavam em casa mesmo?

Ele: É, é em casa mesmo. Não tinha o que fazê, tinha que tratá em casa mesmo, tratá em casa, tomá remédio em casa. Tinha farmácia da Colonizadora.

Ah, farmácia já tinha desde o início?

Ele: É, é, aí ia lá.

Então a Colonizadora vendia medicamento, vendia comida, alimentação...

Ele: É.

Fome vocês não chegaram a passar?

Ele: Não, fome a gente não chegou a passar; era difícil, mas tinha o que comê, né. Tinha tempo que não tinha, a estrada arruinava, aí o aviãozinho trazia até Rio Verde, Lucas do Rio Verde, até ali. Condução trazia lá e aviãozinho baldeava.

A estrada ficava ruim por causa da chuva?

Ele: É, é, por causa da chuva.

E vocês chegaram a caçar, caçavam?

Ele: Não, não, esse negócio de carne de bicho, mais nós ganhava, sim. Risos... Eu não gostava dessas carne muito não. Carne de viado, matavam muito, né.

O senhor mesmo não gostava de caçar?

Ele: Não, não.

E carne de gado, havia aqui no começo?

Ele: Não. Alguma vez trazia carne de lá, de Cuiabá aqui, né. Trazia de lá inteiro e vendia os pedaços.

E o trabalho na agricultura não deu então?

Ele: Não deu porque o terreno era fraco, né.

Até hoje?

Ele: Hoje não, hoje é adubado, trabalha com maquinário, é tratada, o bicho vem que vem.

O senhor ainda tem essa terra, a lavoura do senhor?

Ele: É, tem.

As terras que o senhor comprou?

Ele: É, tem lá, mas tá plantando; todo ano planta.

Mas no início, como a agricultura não deu, aí o senhor fez o quê pra sobreviver?

Ele: Ah! Nós vendia as coisa aí no boteco, na oficina, nós trabalhava na oficina e ia tocando.

Ah, então o senhor também abriu um comércio?

Ele: É, desde o começo já vendia cachaça. Risos...

Cachaça vendia bem?

Ele: Ela vendia bem, é.

Isso já em 71, 72?

Ele: É, em 71, 72, já tava vendendo. A Colonizadora não deixou entrá mais pinga aqui, mas, como a pinga tava entrado, porque já tinha comdo pinga do caminhão.

Aí deixaram vocês vender?

Ele: É, aí nós botô a pinga tudo em casa.

Então vocês se fizeram mesmo vendendo pinga?

Ele: É, nós ganhamo dinheiro com pinga.

Aí o pessoal de construção da estrada vinha comr pinga aqui?

Ele: Não veio porque não podia vendê pra eles.

Ah, pra eles não podia!

Ele: Não. Pra eles, eles mesmo traiz e.. às veiz vendia, assim, um litro, uma garrafa, assim. O pessoal comva e levava pra eles.

Mas, já tinham outras pessoas que trabalhavam nos matos aqui também?

Ele: Tinha, isso tinha, né, porque tinha corretor, tinha os cara com aquele negócio que mede terra; tinha tudo, né. Então, essa gente vinha, né.

E chegavam a ficar bêbados?

Ele: Ah, ficava! Risos... Bebê e não ficá bêbado, tá!

E eles ‘enchiam o saco’ no boteco de vocês?

Ele: Daqueles que a gente conhecia não tinha problema, mas quando vinha gente de fora que era o perigoso, né. Os peão que era perigoso, né, porque tinha muito peão naquela época, né.

E aí eles ficavam nervosos, queriam comr sem pagar, coisa assim?

Ele: É, eles queria pinga e às vez a gente não vendia porque era malandro, né, e não podia porque era perigoso. E àquela época não tinha ninguém que se socorresse com isso aí, né. A gente tivemos que socorrê tudo, né.

E o senhor ia buscar em Cuiabá a pinga?

Ele: Não, o caminhão já trouxe e tava aqui dentro da casa.

Ah, ele trazia para o senhor!

Ele: Não, é que veio uma carga que ele veio encaixando uma geladeira que nós compremo, né.

Ah, mas já havia energia elétrica naquela época?

Ele: Motor, pra quem tinha motor!

Ah, o senhor trouxe um motor.

Ele: É.

Trouxe do Paraná?

Ele: É. Comprei um motor e tava funcionando dentro do boteco.

E o senhor era um dos únicos da cidade que tinha motor?

Ele: Sim. Tinha sorveteria, tinha sorvete, né.

Nossa! Então o senhor trouxe o que ninguém tinha ainda!

Ele: Nossa sorte foi mesmo a pinga, né.

Mais do que o sorvete?

Ele: É, mas sorvete também fez sucesso, né. Sorvete e gelo fez muito sucesso, sabe, o hospital ocupava muito gelo.

Eles comvam de vocês então?

Ele: Não, nós nunca cobremo do hospital, a gente sempre deu porque eles nunca cobrou de nós nada, né. Então nós também não cobremo dele, dava. Tinha noite que eu não dormia por causa da entrega de gelo. Às vez a gente fabricava gelo, não dormia, não.

E a energia, quando veio?

Ele: Energia, energia mesmo veio pouco tempo pra cá, né. Tem o quê, uns 12 ano no máximo, por aí.

Mas com o motor vocês tinham energia elétrica também?

Ele: Sim, tinha, tinha. Aqui em casa nós tinha tudo, nós não ficava no escuro.

Só os sete meses que vocês ficaram na barraca.

Ela: É

O senhor ainda tem o boteco?

Ele: É, ali embaixo, mais tem uma loja ali agora e o sobrado fizemos depois, muito tempo depois.

E o Robson também tem boteco?

Ele: É, o Robson não parou, né; nós paremo.

Ele também abriu em 71? Ele continua com o mesmo estabelecimento?

Ele: É, é mesma coisa. Eu, o Robson, ficamos com medo de ir embora. Risos...

Com medo?

Ele: É.

Por que era perigoso?

Ele: Não! É que não dava. Plantá, quem plantava não produzia direito; terra fraca.

As pessoas vieram achando que iam ficar ricas e não ficaram.

Ele: É, e não ficaram, é.

E onde o senhor conseguia as coisas pra vender no boteco?

Ele: Vinha de Cuiabá.

O senhor ia pra lá buscar?

Ele: É, trazia verdura, várias coisas.

Já havia ônibus nessa época?

Ele: É, que ia num dia e voltava no outro dia, né.

Aí o senhor ia, buscava os produtos e trazia?

Ele: É, comva e trazia.

E aí com o passar do tempo foram vindo mais e mais pessoas.

Ele: É, mais gente.

Quando o senhor veio ainda não tinham aberto Santa Carmem e Sinop?

Ele: Nem Carmem, nem Sinop não tinha abrido. Aqui foi a primeira cidade da Colonizadora.

Por que o senhor decidiu vir pra Vera, visto que já existiam os projetos de fundação de Santa Carmem e Sinop?

Ele: É, é, porque o terreno tava encostado na cidade nós fiquemo.

Desde o começo o senhor quis vir pra Vera então?

Ele: É. Eu queria me mudá, mas não podia me mudá porque eu tinha as coisa aqui dentro, né, aí não mudemo, fiquemo toda vida.

Mudar pra onde?

Ele: Sinop.

Ah, o senhor tinha vontade de mudar!

Ele: Tinha vontade, porque ela (Sinop) ia ficar grande; sabia disso.

Mas, logo no início o senhor não percebeu que Sinop cresceria mais do que aqui?

Ele: Sabia sim.

Mesmo assim o senhor optou em ficar aqui?

Ele: É, eles deixaram eu aqui. Risos...

A própria Colonizadora quis que o senhor ficasse aqui?

Ele: É, é.

Então o maior sustento do senhor, inicialmente, foi do próprio boteco, mais do que da terra?

Ele: É, é.

Esse início foi difícil pra vocês?

Ele: É, difícil era um pouco.

E quando vocês estavam lá nas barracas, perto do rio, era tudo mato aqui ainda?

Ele: Era tudo mato, atravessava esse pedaço de mato até lá na descida pra baixo. Lá embaixo, na ponta dessa estradinha, tem uma que desce pra baixo e essa segue até dentro do mato.

Continua assim até hoje?

Ele: É, é. Risos... Nós andava isso, esses trecho a pé todo dia; vinha e voltava, vinha e voltava.

Ah, vinha pra trabalhar, pra construir a casa?

Ele: É, até o acampamento.

E quem construiu a casa foi o senhor mesmo?

Ele: É, a gente mesmo que construiu, né.

Era uma casa de madeira no início?

Ele: É, aí depois fizemo a casa de material.

O senhor trabalhava no pesado então?

Ele: É.

E essa mocinha (apontando para a esposa) ajudou?

Ele: Não, não. A pequena, que tamanho que tinha? A Clari, que era a mais pequena, né, acho que devia ter uns quatro, cinco anos.

Naquela época já tinha doces, leite?

Ele: É essas coisas, falá de doce, não tinha não, tinha leite Ninho, né.

Ah, leite Ninho já tinha. E com bicho, cobra, essas coisas assim, vocês não tiveram problema lá perto do rio?

Ele: Não.

Nunca apareceu cobra?

Ele: Não. Risos...

Que sorte então! E mosquito tinha muito?

Ele: Mosquito tinha. Isso aí tinha; um pouco de mosquito.

E onça, chegaram a ver?

Ele: Onça matada nós vimo bastante.

O pessoal matava aqui?

Ele: É, matava cada monstro, de cabeça assim (gesto).

Elas chegavam a rodear o acampamento?

Ele: O acampamento não, mas em volta da cidade rodeava e urava.

Ah, isso vocês escutavam?

Ele: Escutava, aí tava em casa, todo mundo dormindo.

É que a onça só ataca quando ela está com muita fome, né!

Ele: É. Ela não é de atacá tanto a gente.

E hoje, se for pensar nessa aventura toda, se fosse voltar atrás, o senhor viria novamente cá?

Ele: Bom, agora não tem condições de fazê o mesmo serviço que fez, né; não tem condições.

Não, mas se fosse voltar no tempo, se o senhor fosse voltar no tempo e tivesse a escolha de vir pra cá ou não vir, o senhor viria novamente e enfrentaria tudo isso?

Ele: Viria, porque a gente já tinha comdo um pedaço de terra pra crescê, né. A gente queria ficá, não queria ficá naquele tempo no Paraná sem terra. Aí comprô terreno e veio pra cá.

Nesse sentido, o senhor não se arrepende de ter vindo então?

Ele: Não, não.

Achou que valeu a pena?

Ele: É.

E a sua esposa nunca quis voltar?

Ele: Não! Voltá por quê? Eu tô aqui com ela, vai querê ir embora? Risos...

Mas hoje está bom aqui para vocês?

Ele: É. Vai lutando, né.

E o senhor se lembra de alguma história interessante que aconteceu naquele início pra contar, além dessas histórias interessantes que o senhor já contou do caminhão, de ter que descer a mudança?

Ele: Nós peguemo a Kombi, é, comdor nosso vieram tudo de kombi.

Vieram muitos japoneses naquela época pra cá também?

Ele: Não, dos japonês o mais besta era eu, pra tá aqui. Risos...

Seu Isidoro, qual é a escolaridade do senhor? O senhor fez até que série na escola?

Ele: Quarto ano, antigamente era bravo.

Era difícil?

Ele: É, é.

O senhor já tinha caderno, na época, ou não?

Ele: Nós, naquele tempo, quando estudava tinha caderno, geografia, ciência, tudo com caderno, né.

O senhor estudou em São Paulo?

Ele: É, em São Paulo.

Os filhos do senhor moram por aqui ainda também?

Ele: Moram.

Bem! Essa é a história da sua vida, seu Isidoro, das dificuldades e das superações, obrigada por contá-la!

Ele: É, a gente tem que ter firmeza, né, se não...

2- IDENTIFICAÇÃO:

Sigla: V2 F

Idade: 68 anos

Sexo: feminino

Estado civil: viúva

Número de filhos: duas filhas e dois filhos (nascidos no Paraná)

Profissão: do lar

Escolaridade: primeira série do Ensino Fundamental

Naturalidade: nasceu no Estado de São Paulo

Descendência: (não soube responder, mas crê que a avó ou a bisavó fosse indígena)

Local em que residia antes da migração: Mariluz - PR

Em que ano e com que idade chegou a esta cidade: 07 de setembro de 1971, com 29 anos

Data e duração da entrevista: 26 de nov. de 2010; 53min.

O que trouxe a senhora pra cá, por que a senhora veio?

Ela: O que trouxe nós pra cá foi assim: meu marido, nós tinha uma terra lá no Paraná, aí pra cá com a Colonizadora Sinop seu Enio Pipino, aí foi aberto essa Colonizadora, meu marido entusiasmou porque era mais barato e mais terra. Nós tinha pouco, então nós viemo pra cá, né.

Em que lugar no Paraná vocês moravam?

Ela: Nós morava lá em Mariluz. Aí então nós viemo pra cá, mas foi em 07 de setembro de 71 nós entrô aqui.

07 de setembro de 71!

Ela: Tudo deu sete.

A senhora lembra certinho de quando veio?

Ela: Aha! É. Só que nós ficô acampado ali no Rio Caiabi, porque aqui tava, assim, tinha derrubado, tinha queimado, tava tirando a... fazendo as rua, cortando rua. Não tinha nada mais do que isso, não tinha uma casa, não tinha nada aqui na cidade. Nós ficamo acampado lá na beira do Rio Caiabi.

Casa não tinha nenhuma?

Ela: Não, nem lá, nós ficamo debaixo de barraca de lona. As família, só tinha um hotel da firma, né, recebia o pessoal que vinha de avião.

O pessoal que vinha pra visita?

Ela: Pra vim aqui compra terra, né. Eles tinha os, como que fala, os... esqueci o nome agora, mas o pessoal assim que sai, né, pra mostrá terra pro pessoal pra compra e tudo.

Corretores!

Ela: Corretor de terra, isso! Então, aí ele quis vim pra cá e nós veio. Ele comprô uma terra aqui, daí nós ficamo, com trinta dia deu malária na beira do rio. Não tinha uma casa pra ficá na beirinha do rio. Eu lavava roupa dentro do rio. Veio eu, minha mãe, meus quatro filho e dois irmão. Meus dois irmão mora aqui, minha mãe morou aqui também. Minha mãe faleceu, já tem vinte e quatro ano que ela faleceu aqui. Nós continuô aqui trabalhando, lutando.

Deu malária e não tinha hospital?

Ela: Não, não tinha nada. Tinha uma farmacinha quando nós chegô, tinha a Colonizadora, lá o hotel que eu falo da Colonizadora. Lá na terra do Caiabi pro lado de cá assim, nós pro lado de lá do rio e eles do lado de cá. Pra recebê o pessoal tinha um hotel de madeira, eu não sei como foi, porque quando nós chegamo já tinha. Tinha, tinha um lado, tinha um armazenzinho assim da firma, tinha uma farmacinha do tamanho disso daqui (gesto), de madeira. A farmácia, um armazenzinho...

Que vendia comida?

Ela: Que trazia comida de lá nos caminhão da firma, de Cuiabá, pra servi o pessoal, os morador que tava aqui, o povo que tinha.

Havia quantas famílias mais ou menos quando a senhora chegou?

Ela: Ah, eu não sei muito de explicá, tinha quase nada não, tinha bem pouca.

Mas elas estavam todas lá perto do rio, acampadas?

Ela: Sim, nós chegamos, até que nós fomos os primeiro a acampá, aí foi chegando mais, o finado Quitério Quilomeu, depois o seu Zé Poceiro, ele existe ali ainda, também é uma pessoa que, acho que com uns trinta dia, o seu Miúdo, um senhor moreno que morreu faz pouco tempo também, ele é pai de duas mulher que trabalha de gari aqui na rua. Uma foi pra Sinop e outra ficou aí. Então, foi assim, então foi acampando gente do lado.

Vocês foram os primeiros a acamparem?

Ela: Mais ou menos sim, agora eu não lembro muito bem, a gente não prestô atenção, mas tinha mais algumas famílias, mas muito poucas. Na beira do rio, sem condições, tinha uma casinha e fomo nós que fomo lá, que começô lá.

Vocês acamparam por que vocês tinham que construir primeiro a casa de vocês?

Ela: É, porque nós tava lá e não tinha onde ficá. Tava construindo a serraria, tava construindo, tava montando uma serraria do Lucindo, hoje ele mora na Barra do Bugre, mas foi a primeira serraria que saiu pra cá, pra cima do córrego, lá do rio; hoje tá um rio até grande, era um riozinho bem pequeninho.

E quem é que estava abrindo o mato? A própria Colonizadora estava abrindo?

Ela: A própria Colonizadora abria, fazia as estrada, né, e daí tinha um jipe, um carro, assim, que até onde tava aberto, eles iam vendendo, vendida de certo por mapa, pra cá, agora a Fazenda Uirapuru, a Aliança, a Rio Ferro, a, essas coisa... A Rio Ferro é a mais antiga, desde que eu entrei aqui, assim, que já tinha.

Foi assim que vocês comram terra aqui?

Ela: Nós commo terra daqui quinze quilômetro, na Água Mariana. Mas como deu malária no meu esposo, ele ficou muito ruim e naquele tempo eles tinham que tirá de avião e trazê, então não tinha estrada por aqui, essa BR não tinha. Isso não tinha nada, nós entrava por aqui, pelo fogo seco, dois caminhão da firma, nós entrô com os caminhão, os caminhão de mercadoria entrava por aqui. A BR, essa 163, tava parada acho que em Lucas do Rio Verde ou em Nova Mutum. Lá tinha um campo de avião e a estrada tava parada lá, essa BR. Acho que em Lucas do Rio Verde.

Aqui havia só uma estradinha então?

Ela: Vinha uma estrada por Ubiratã, por aqui oh (gesto)! Tinha uma estrada, tinha uma barsa, passava os caminhão com a gente, mudança, mercadoria, tudo por dois Mercedes, de caminhão da firma.

Por essa balsa?

Ela: Por essa balsa, lá em Ubiratã, não sei aonde por aí, que a gente faiz tantos anos que não se alembra mais, aonde baseava, onde que era. Então nesse meio aí ele ficou doente, e nós veio com tão, ficamo com pouco recurso, não tinha, ficamo quase sem nada, né. Aí comprô a terra, mas nós não tinha condições de entrá lá pra abri. Pra nós abri estrada, né, pra i pra beira do rio, nós não podia pagá, lá do lote, que era 25 alqueire, mas tinha que ficá lá na cabeceira, Água Mariana, o nome que tinha as terra lá. Aí, daqui quinze quilômetro, a gente ia assim por lá, aí tinha que descê, nós não podia abri poço em cima, não tinha condições pra morá em cima, na cabeceira do lote, nem fazê estrada pra vim aqui na beira do rio pra morá.

Aí vocês ficaram?

Ela: Aí ficamo sem jeito, aí ele ficô doente também, aí nesse meio de tempo meu marido falô pra eles, falo *oh! A terra não era, a gente era do Paraná e a terra era muito boa*, daí hoje não, tá tudo mecanizado, tudo adubado, né, mas naquele tempo a terra era muito, assim, com acidez, não dava nada. Não é que a gente fala que a terra é ruim, né, um ácido que ela tinha muito forte.

E aí tinha que tratá-la primeiro?

Ela: Tinha que tratá primeiro. Não dava nada, espiga de milho nem soja, não se falava em ntá milho, essas coisa, que a gente era da roça, queria ntá tudo como ntava lá e não dava nada. Risos...

Lá, no Paraná, vocês tinham terra já?

Ela: Lá tinha dois alqueire, aí vendeu e com esse dinheiro deu pra nós compra vinte e cinco alqueire aqui.

E vocês vieram por causa das propagandas da Colonizadora?

Ela: É, propaganda, aí tinha um compadre meu, veio até um compadre meu junto, depois ele foi pra Rondônia, hoje ele é falecido, ele comprou a terra aqui também, meu marido, eles era muito junto, compadre e nós viemo junto num caminhão de mudança só, com esse compadre.

O marido da senhora veio antes pra ver as terras?

Ela: Sim, veio. Eles vieram os dois antes pra vê, né, aí gostaram e tinha mais terra, vinte e cinco alqueire, que ele conseguiu compra aqui, daí vendeu lá e nós viemo pra cá. Aí nós chegamo aqui, que eu digo pra você, não deu certo sobre isso, porque nós não tinha condições pra entrá, nem pra cabeceira fazê um buraco, furá um poço, nem pra descê na beira do rio. Aí deu... já tava com malária meu marido, aí nós ficamo ali na beira do rio acampado. Aí, foi assim, ele deu a malária, ele ficô uns quase trinta dia em Cuiabá, quase morto assim, Deus abençoou que não morreu; aqui não tinha nada. Só tinha uma farmacinha lá, na beira do rio, lá junto da Colonizadora, tinha um mercadinho, um mercado não, assim, como é que fala?

Uma venda?

Ela: Uma vendinha, um armazenzinho pequeno a gente fala, né! Hoje se fala mercado, então o armazenzinho e a farmacinha, mais pra dor de cabeça, remédio de malária, mas quando o causo era sério eles levavam pra Cuiabá porque... eles levaram o meu marido, Graças a Deus.

E a senhora ficou aqui com os filhos sozinha?

Ela: Nós ficamo aqui, eu, minha mãe, meus dois irmão, meus filho tudo pequeno, meu menino mais velho, que tá com cinquenta e poucos anos, ele tava com quatorze ano e pouquinho, né, porque já vai fazê quarenta ano que nós tá aqui.

E quanto tempo a senhora chegou a ficar na barraca?

Ela: Ah, fia, nós ficô acho que uns dois mês lá na beira do rio. Aí, porque daí deu a malária lá, eles falaram que ele não podia vim pra ficá na beira do rio. Aí vai nós carregá pau nas costa, das derrubada, da serraria que tava fazendo pro lado de cá, ele chamava Lucindo, o dono da serraria. Aí nós carregando aqueles pau roliço, roliço assim (gesto) e pra cobri com a tabuinha, e nós carregava, eu e meus dois menino, eu e meu filho, que era pequeno, e meus dois irmão adulto, mas tudo solteiro também. E minha mãe ficava cuidando em casa e nós catava, pegando tabuinha; eles tirava do mato e nós carregava. Tem um facão que tira, não sei se você conhece.

Não.

Ela: Não, você não conhece; é um facão que você bate assim com marreta, a tábua sai assim (gesto).

Como é o nome desse facão?

Ela: É facão pra tirá tabuinha. Ele tem um cabo, era um facão assim (gesto), com cabo enfiado assim (gesto), bate assim (gesto), bate a marreta, aí puxa assim (gesto), aí sai aquelas lasca de tábua. Aí nós tirô um pouco e um pouco nós cobriu de lona, aí viemo cá pra cima, mais pra cá, pra cima, era pro lado de lá do rio, na beradinha do rio, a parede era o mato, aí, cada pau dessa

grossura (gesto)! Aí, no dia, na hora que nós descarregô a mudança, foi sete de setembro, bateu uma chuvada e correu tampá, lona furada molhava; na beira da estrada pro lado de cá. Nós nem tinha arrumado pra mudá pra lá, arrumá o barraco, oh, meu Deus do Céu!

Então nesse dia choveu?

Ela: Nesse dia deu uma pancada de chuva, assim, que descarregô. Aí nós conseguiu arrumá lá com pau, com lona, ia na beira do barranco, então a mata era assim e nós, assim, embaixo e assim era o barranco que descia. A enxurrada passava debaixo da cama, eu descia de, com sapatão que eu trabalhava na roça, né, botina que se fala, aí eu tinha que descê pra cuidá das criança pra não moiá, tinha que descê com sapatão, que a água passava dessa altura debaixo da cama.

Debaixo da cama da senhora?

Ela: Debaixo da cama de todos, da minha mãe, dos meus irmão, meu marido e as criança.

Então a sua casa ficava alagada no início?

Ela: É, naquele tempo que começô logo a chuva até que nós conseguimos saí de lá da beira do rio. Tava acampado, foi um acampamento na beira do rio. Aí, como deu a malária nele, ele ficou mal e lá falaram que ele não podia ficá lá, nós viemo mais pra cima, mas nós tinha que pegá água na beira do rio, naquela descida. Hoje não, porque tem asfalto, não tem descida brava. Aí nós subia, assim, ao invés de vim pra cá, nós subia, assim, pra lá, onde tava montando a serraria, aí fizemo um barraquinho com lona, com essa tabuinha que eu falo, nós carregô pau, fizemo, arrumemo.

Essa foi a primeira casinha da senhora?

Ela: É. Nós ficamo lá até que foi arrumado, levantaram o cruzeiro que arrumaram, cortaram as rua, aí foi construindo o primeiro hotel, que foi do finado seu Roberto. Aquele hotelzinho que tem aqui no redondo da ça. O antigo, bem velho mesmo, quase do jeito que construiu ficô e o da finada dona Quitéria, que é aqui, descendo aqui, em frente à dona Elza.

As pessoas começaram a construir comércios também?

Ela: É, aí começaram a construí casa, comércio, aí veio farmácia, aí começô, veio o hospital, pro hospital veio essa irmã Délis, de Maringá, que era muito entendida de parte de malária, essas coisas, aí veio o Dr. Jeimes, que até hoje tá aqui ainda.

O seu Enio trouxe essa irmã Délis pra cuidar das pessoas daqui por que estava dando muita malária?

Ela: É, seu Enio trouxeram ela porque era a pessoa, assim, indicada, muito sabida decerto, entendia um pouco, né. Ela morreu faz, não sei quantos ano que ela morreu, em Maringá. Ela já tinha ido embora daqui. Então construiu esse hospital aqui, que hoje é fechado; dá dó, uma pena um hospital desses fechado. A gente não tê um hospital nessa cidade, sendo a mais antiga, a gente fica até meio...

Chateado?

Ela: Chateado, contrariado, muita gente tê vendido... Quando você vê uma criança nascê, crescê, daqui a quinze, vinte ano, isso foi o que a gente viu. E hoje, tinha tudo pra tá e não sei o porquê, porquê, não posso explicá porque, né, tá fechado o nosso hospital.

A senhora lembra quem foi a primeira criança que nasceu aqui?

Ela: Não lembro, fia, não. Essa eu não alembro, não.

E a escola começou a funcionar quando aqui?

Ela: Pelo ano, eu também não lembro, a gente não marcava nada, né. Aí foi, era depois que passou a Município, como é que fala, esqueço tudo, era...

Distrito?

Ela: Distrito, era Distrito, aí nesse meio já foi mudando pra lá, aí foi abrindo, aí Sinop foi pro último, a Carmem também, Alta Floresta, Colíder, Pará, pra lá isso construído tudo despois; nós já tava aqui. Essa BR que foi abrindo pra lá...

Não tinha nada quando vocês vieram?

Ela: Não tinha, ela era do lado lá e nós entrava por aqui.

E quantos dias vocês demoraram pra chegar até aqui quando vocês vieram de mudança?

Ela: Ah, fia, de mudança a gente deve tê gastado, eu acho mais uns seis, sete dia, né, do Paraná aqui.

Vocês vieram de caminhão?

Ela: De caminhão, né. Porque pra cá foi mais difícil. Até Cuiabá não era, não foi difícil tanto, né. Na base de uns seis, sete dia, baseio eu, porque pra cá a gente teve que ficá lá na barsa, descarregá as mudança, porque era pesado e a barsa não aguentava. A barsa tinha a altura como dessa parede e ia até na outra lá assim (gesto); não era muito grande.

Já tinha bastante mudança vindo pra cá?

Ela: Tava vindo muita gente. Aí formô logo aqui, foi rápido construindo casa de madeira, né, aí foi esses mercadinho.

Quando a senhora chegou a madeireira estava se instalando?

Ela: Isso, a madeireira, a primeira madeireira que tava se instalando era essa. Hoje não tem mais, né, do Lucindo, que mora em Barra do Bugre, nós montô, fomo lá pra cima, montemo barraca pra meu marido vim, né, nós ficamo lá.

Aí as pessoas começaram a construir as primeiras casas?

Ela: Isso, aqui em cima. Aí ninguém construía casa lá não, lá foi só pra se encostá, lá, no caso, né, pra ficá até podê abri aqui, construí aqui.

Cada pessoa que comva terra aqui ganhava um lote na cidade?

Ela: Eu acho que sim, no começo sim.

Vocês ganharam um lote aqui na cidade também?

Ela: É, nós ganhô, mas esse que nós temo não é ganhado, né. Eu não sei se meu marido vendeu, acho que ele vendeu, não sei. Isso eu nem sei te explicá se é desses daqui ou se ele

vendeu, mas a maior parte ganhô. Aí, como abrindo pra lá, fazenda, a Uirapuru, a Cônsul, a Nova Aliança, aí o povo vinha tudo passando aqui, né, aí dava movimento, aí foi melhorando a cidade com o povo que vinha de fora, né. Porque aqui trabalho quase não tinha, né, aí o pessoal começaram i pro sítio, abri pra eles ntá alguma coisinha, mas dava muito pouco também, aí nós vendemo. Nós vendemo pra própria Colonizadora os nossos vinte e cinco alqueires.

Venderam de volta?

Ela: Vendemo.

Mas vocês não vieram pra trabalhar com lavoura?

Ela: Isso nós viemo, pra trabalhá que ele comprô os vinte e cinco alqueire, mas como meu marido ficou doente e não te... nós não tinha condição de abri, como eu te falei, de entrá, nem furá poço, nem abri estrada pra entrá na cabeceira do rio pra morá, aí então ele vendeu.

Já vendeu logo?

Ela: Logo, foi logo, assim, não foi muito tempo não.

Mas continuaram aqui, vocês não voltaram pra trás.

Ela: Não, nós nunca saímos daqui. Aí ele vendeu, daí o dinheiro nosso não dava pra nós voltá, nós não tinha quase nada, tava devendo na firma com mercadoria, essas coisas, que ficô doente. Aí não sei, falá a verdade, e é verdade, não adianta, até porque o povo sabe, aí esses canteiro, assim, ele vendeu, aí tinha o seu Ully, que era o chefe da Colonizadora, ele mora até hoje em Sinop. Então ele era o chefe da Colonizadora, né, aí tinha mais gente. Aí eles pegava no mato, catava pau podre, coisa de pau podre, folha, meu marido, meu filho, meu irmão, assim, pra, como é que fala? Pra estercá essas árvore, as planta dos jardim.

Aqui na cidade?

Ela: Aqui na cidade, porque não tinha nada, fia. Não tinha um adubo, não tinha nada, acho que não tinha nem como trazê.

Vocês não chegaram nem a plantar nada então?

Ela: Não, nós não chegamo a i lá não, mas quem plantava também milho desanimava. Foi muita gente embora porque não tinha condições que nem hoje, né. Hoje planta muito, dá soja, a maioria é soja, também milho, feijão, arroz até que é pouco aqui nessa região pra cá ou lá, não sei, quase não saio, né. Então foi assim, aí foi construindo, meu marido pegô, colocô... nós ficô lá no barraco pro lado de cá. Ah, ele começô a fazê uma... o ônibus entrô, ah, entrava, né, a Maringá. Aí ele ia lá embaixo no meio da estrada, aí já começou a abri Sinop, por aqui não tinha essa estrada, não, vinha por aqui, pela Carmem. Aí ia por aquela buraqueira sem cascalho, sem nada, aquela coisa, aí ele vinha por aqui, o ônibus da Maringá, acho que logo com mais um ano mais ou menos, porque o povo já abriram lá, foram formando Sinop, né, daí soltaram, vinha esse ônibus pra cá, aí meu marido ia pra Cuiabá, trazia umas coisinha pra vendê, bebida, mas eles proibiam, porque o povo da firma, né, perigoso pra complicá, né.

Era proibido vender bebida alcoólica?

Ela: Proibia, mas vendia um tomate, vendia uma coisinha que não tinha, até que pelo, assim, no tempo da chuva, nas árvore começô, que nem eu te falei, em 07 de setembro, começô, mudô tudo, até o clima da chuva daqui era diferente, né. Então na chuva, no tempo das água pesada mesmo, aí vinha dois caminhão, transportava direto mercadoria aqui pra nós. O pessoal foi chegando, foi vindo. No tempo da chuva o caminhão atolava, aí tinha um aviãozinho que trazia, aí vinha de lá onde tava parado, acho que Lucas do Rio Verde, aí o avião trazia as com, mercadoria.

Pra vocês venderem?

Ela: Não, pra comê. Pra gente comê tinha que... a nossa mistura era sardinha, arroz, feijão, macarrão, batatinha e jabá.

Jabá?

Ela: Charque, esse charque que vem empacotado.

Ah, sim!

Ela: Não sei se você sabe, conhece?

Sim, sim.

Ela: Então.

Carne não tinha?

Ela: Não. Ih, carne não tinha, não tinha criação, não tinha nada; como que ia tê, aqui não tinha nada. Tinha que comê era aquele charque, né, vinha, a gente comva, a gente comva no armazenzinho deles lá, né. Era batatinha, macarrão, feijão, arroz e esse jabá.

Era o básico!

Ela: É, era só isso mesmo. Aí uma vez, no Natal, seu Enio mandou uma banda de boi, né, que ele mandou uma banda de boi pra reparti, as família era pouquinha ainda. Era pra dá um pedacinho pra cada um dessa carne de boi. Veio de avião de lá pra cá até aqui.

Ele deu de presente ou ele vendeu?

Ela: Sim, não, eles deram de presente a carne pro... era no Natal.

Um presente pra vocês!

Ela: Nós chegô em setembro, outubro, novembro, dezembro, né. Aí ficou todo mundo acampado lá e por ali chegando mais gente, aí no hotel. Pra eles não faltava, eles traziam de avião carne, mas pro hotel, pro povo não, né. Mas aí pro final de ano, já em dezembro, eles trouxe, assim, carne de boi, uma banda pra dá pra todo mundo. Eu também peguei um pouquinho, era dois quilo; dividiram pra cada um, depende da família dava um pedaço pra cada um, né.

Virou uma felicidade!

Ela: É, pro povo foi uma felicidade, né. No outro ano ainda também, porque não tinha essa BR aqui pra passá. Tinha que vim por Sinop pra vim pra cá. Um atoleiro, menina! Trator atolava aqui no meio da rua, no meio da rua; tinha que vir outro, puxá o outro.

Pra tirar o trator?

Ela: É, caminhão das coisa que vinha, assim, logo depois, né, não tinha nem pedra, aí eles começô a jogá as pedrona, assim, na rua, aí passava máquina quebrando, quebrando, quebrando pra podê cascalhá um pouco, pra depois melhorá. Mas, graças a Deus, eu não perdi nenhum da minha família com, por doença de malária, que perigo!

Mesmo não tendo recurso.

Ela: Mesmo não tendo recurso nenhum, né, não tendo recurso nenhum, só por Deus mesmo. Eu e, graças a Deus, minha família, depois nós inventamo um botequinho, tinha um aqui, era de madeira.

Tinha o quê?

Ela: Aqui essa parte tudo aqui era... a lanchonete ali, o comércio ali, nós não tinha, aí meu marido inventô de ponhá esse barzinho pra cá, tinha o finado Guerra que colocô ali o hotel, aí, na frente, ele tocava um tipo de uma mercearia, assim, um armazenzinho.

Isso foi logo depois que vocês venderam a terra de volta para a Colonizadora?

Ela: Isso, depois que nós saímos, depois que nós saímos da barraca começô já de construí casa aqui, construiu o hotel ali, mais casa, né.

Assim que ele (o marido) voltou do hospital após tratar a malária?

Ela: Isso, ele vendeu porque nós não tinha condições não, tanto porque a terra era fraca e nós não tinha condições de entrá.

E aí resolveram ficar por aqui mesmo.

Ela: Aí ficamo aqui mesmo. Nós começô a vendê alguma coisinha, o botequinho tinha uma bebidinha ali e no ônibus trazia um tomate, uma coisinha, batatinhas, né, aí começô a vendê.

Havia caminhão que vinha fazer entrega ou ele ia buscar as mercadorias?

Ela: Ele ia no ônibus buscá. O ônibus vinha lá uma vez por mês, ele ia buscá, vendia.

Em Cuiabá?

Ela: Em Cuiabá. De Cuiabá pra cá não tinha nada.

O ônibus só passava uma vez por mês?

Ela: Mais ou menos, acho que sim.

Não tinha todo dia então?

Ela: Não, pra vim aqui no começo, na entrada, logo que começô a entrá.

Ah!

Ela: Que foi pra Sinop, aí ele vinha a cada trinta dia. Depois começô a vim cada quinze dia, aí ele vinha uma vez por semana. Meu marido ia pegá os trocinho lá e vendia pro pessoal. E aí ele ponhô um armazenzinho ali na frente do hotel, pagô, acho que pagava pra finada Quitéria um pouquinho, né, aí tinha aqui onde é a lanchonete hoje. No começo eles parava o ônibus aqui. Aí nós pegamo, que nem eu tô falando, aí ele pegô e alugô aqui, era tudo de madeira, tudo não dava do tamanho dessa cozinha. Era uma pecinha, assim, um quarto e uma cozinha pra nós

morá. Aí saímo de lá e viemo morá pra cá. Aí tirô dali e colocô tipo de um armazenzinho, bebida, uma geladeira, nem gás não era, era a querosene, uma geladeira daquela assim lá (gesto), mas a querosene.

Geladeira a querosene?

Ela: É, pra servi o pessoal. Pra servi bebida pro pessoal que passava, que tava indo abrindo as fazenda, a Uirapuru, a Cônsul, a Aliança, né, as fazenda maior.

Tinha bastante peão então?

Ela: Bastante gente que vinha, paraguaio, todo mundo, aquela caminhonetada parava tudo aí pra bebê, aí tinha que servi, né. Aí depois ele vendeu fiado prum pessoal dali do lado da Carmem, que ele quase faliu, daí depois nós botô de novo, aí começamo a vendê só bebida, coisa, assim, mais tipo de um barzinho mesmo, né, um botequinho. Aí ponhamo uma mesa de esnuca, aí foi melhorando, colocamo a mesa de esnuca junto, assim, porque a sala era pequinininha, igual a minha aqui, tudo pra tocá e com mesa de esnuca, imagina, né! Foi um senhor que arrumô pra nós, lá da primeira água, ele ponhava, guardava capim, sabe, semente de capim, esse capim na casa. Aí ele falô pro José, *eu arrumo pro senhor, pro senhor tocá seu comércio, eu não vou nem cobrar*.

Olha!

Ela: É, arrumô por uns tempo, porque era um pessoal de São Paulo que vinha pra cá, ali na primeira água. Ele falô *eu arrumo pro senhor e aí o senhor não precisa nem me pagá*, porque não era de cimento, era de madeira, tudo simplesinho.

Então logo no início vieram pessoas de São Paulo também?

Ela: Veio de São Paulo também, pessoal que vinham pra cá pra compra fazenda. Tem seu Élio Canal, que é antigo também. É, acho que veio de São Paulo. Aí ele arrumô pra nós, né, aí nós coloquemo ali e ficamo, tocamo. Aí Deus abençoou o nosso trabalho, enfrentamo muito perigo, menina, o que eu enfrentei de perigo ali! Briga, o povo matava o outro no meio da rua, brigava ali, começava com bebida, começava com jogo de esnuque. Aí meu menino era novo, tinha medo, tirava tudo, minhas menina era pequeno, tirava pra cá; só eu e meu marido que enfrentava o perigo.

Brigavam no bar mesmo?

Ela: Ah, brigava! Era tacada, era faca, era revólver, menina! Andavam armado, era igual garimpo. Chegavam com faca, revólver, tudo enfiado pra fora da cintura. Não tinha autoridade, não tinha nada.

Polícia não tinha?

Ela: Não, nada! Nem Sinop. Sinop que começô, aí ponharam lá em Sinop, aí quando precisava, tinha o seu Alfredo, seu Ully não mexia com essa parte, tinha seu Alfredo, que era gerente aqui da Colonizadora, quando um cara matava outro, quando conseguia amarrava ele, amarrava em cima de uma Toyota e levava pra Sinop. Risos...

Chegou a ter morte dentro do bar de vocês?

Ela: Não, na rua bebendo, bebendo. É uma história comprida, se eu for contá tudo!

Tinha que levar pra Sinop, aí?

Ela: É, aí que conseguiu quem não escapava, porque o mato era aqui oh (gesto), aqui no Ciretran era mato, aquela relojoaria ali fechada, daqui pra lá era tudo mato.

Com o dinheiro da venda da terra vocês comram um terreno aqui na cidade?

Ela: Nós não comprô nada, não deu quase nada, não deu nem pra i embora.

Ah, vocês ficaram endividados por causa da doença de seu marido?

Ela: Nós tinha dívida na Colonizadora, eu acho que meu marido devia e nós não tinha dinheiro pra compra mercadoria, tinha que pegá pra depois pagá, né. Aí o dinheiro não deu, a família era grande, porque eu tinha quatro filhos, meus dois irmão, minha mãe, né. Minha mãe já veio viúva pra cá, meu pai morreu no Paraná. Menina, mas foi muito sofrido! Eu enfrentei, o que eu enfrentei de faca, revólver, espingarda aqui, né, nessa porta, na rua.

Eles vinham e queriam que vocês vendessem bebida sem ter dinheiro?

Ela: Não, não forçava, graças a Deus, foi muito bom por isso. Mas era bebedeira. Começava a bebê, vinha dos mato, das fazenda, dos matão enchê a cara, a maior parte mato-grossense tudo.

E com os mortos eles faziam o quê? Levavam todos pra Sinop?

Ela: Não, o que morreu enterrava ali, cavava ali.

Tinha muito indigente?

Ela: Enterrava ali, de família, de qualquer um, não tinha pra onde i, começô no cemitério ali. Antes era lá no campo de aviação, quando nós morava lá na beira do rio, morria criança de malária, morria adulto. Antes era ali na beira do campo.

Tinha um campo de aviação aqui?

Ela: Tem, acho que ainda tem, não sei, subido ali reto, campo de aviação, não sei se ainda tem porque eu quase não vou pra lá. Mas tinha um campo de avião, porque eles traziam mercadoria e coisa necessária. Levava madeira de avião.

Olha!

Ela: Levava. Uma vez meu filho ficou ruim, com dor de ouvido que inchou assim que não aguentava, aí veio um avião que ia levá oito cúbico de madeira pra lá, de madeira já tirada, né. Aí ele parou meu marido e meu filho em Cuiabá pra ele fazê uma consulta, que ele tava com o ouvido muito, assim, alto, inchado. Aí o farmacêutico que tinha, seu Jair, era o farmacêutico da Colonizadora, enquanto não tinha hospital, mandou ele pra Cuiabá.

Seu Jair veio antes da irmã Délis?

Ela: É, aqui nós não tinha hospital ainda, era lá tudo. Como eu tô te falando, cada coisa era uma coisinha ali tudo pegado, lá na beira do rio, pro lado de cá. Aí, então, aí ele foi naquela época buscá madeira, aí aproveitô e levô ele lá, aí depois eles vieram, porque avião era pra cá e pra lá direto, todo dia, né.

Então havia mais avião antes do que hoje.

Ela: É. Era o que tinha que fazia a linha, né, porque o caminhão era pra trazê mercadoria.

E demorava muito para chegar?

Ela: Demorava bem mais e nas água o avião trazia. Dois ano foi assim, aí depois começô arrumá mais as estrada, já veio a BR por lá, por Sinop, foi melhorando, aí foi melhorando tudo, graças a Deus. O povo hoje ainda chega aqui e ainda fala *ai, que cidade ruim*, que não tem nada, né, e não sei o quê, eu fico olhando e falo *oh, gente, se vocês enfrentasse o que a gente enfrentô, né*.

E bicho, cobra, essas coisas!

Ela: Tinha, tinha cada cobra! Tinha cada cobrona grande! Aí meu marido ficô tocando ali e nós ficô morando lá, né; ele tocando o armazenzinho na frente do hotel, nesse hotel ali. Aí eu vinha trazê comida pra ele, aí eu ia de a pé de lá na beira, de lá do Caiabi, nós ia, e mato de um lado e do outro, passava onça, passava tudo.

Passava perto de vocês?

Ela: Passava, claro.

Sério!?

Ela: Esses viado, tatu, essas coisas, porque era mato de um lado e outro. Só tinha um pedaço limpo aqui, o resto era tudo mato. Tô te falando que o mato tava aqui no Ciretran! O pessoal tava derrubando, coisas assim, fazendo lote, pra fazê lote, outros comndo um pedaço de terra, tinha muitas pessoas sitiante, povo pequeno aí, né. Agora foi que modificô tudo, né.

E davam quantos quilômetros daqui até lá no rio?

Ela: Ah, fia, eu acho que dá uns quatro, cinco quilômetros ali, né, daqui no Caiabi, né, eu baseio isso, e nós vinha de a pé. Trazia comida pra ele, eu e meus menino, nós vinha.

E a senhora nunca ficou com medo de um bicho pegar a senhora ou os meninos?

Ela: Eu tinha medo, mas eu tinha mais medo era de algumas pessoas naquele matão, gente que tava trabalhando, abrindo, peãozada que entrava aqui pra construí, abri aqui, né. Mas a gente vinha e voltava e, graças a Deus, nunca aconteceu nada, não. Passava cada bichão pulando, escutava aqueles miadão assim *uéééééaaaaaaaauuuuuuuu*, deveria ser a onça lá pra beira do mato, passava na estrada. Nossa, foi feio, minha fia!

E os meninos caçavam? Caçavam, comiam carne de bicho?

Ela: Às vezes sim, era tudo na beira, pertinho, meu marido sempre caçava, sim. Mas eu não era de comê carne de caça não, eu nunca gostei, a carne que eu comia era só carne de paca. Essas coisa eu nunca gostava, mas as vez fazia pra eles comê.

Vocês chegaram a passar fome?

Ela: Não, graças a Deus nunca, não. A gente passou, sim, apurado, né, porque, como se diz, não tinha como trazê, não tinha nada. Não tinha, não podia tê uma criação, não podia tê uma verdura, não podia tê nada. Não tinha, né, no começo, mas daí já foi melhorando, foi tudo dando

certo e hoje eu tô por aqui ainda. Meu esposo faleceu fez quatro ano e, dia dezenove agora, faz quatro ano e seis meses.

E, depois dessa luta toda, a senhora se arrepende de ter saído do Paraná?

Ela: Não, não.

Faria tudo de novo?

Ela: Faria tudo de novo. Eu, no começo, eu vim muito triste porque enfrentava... criança pequena. Lá era mais recurso, terra boa e cidade perto, o ônibus passava como daqui, assim, na ça, pra Goioerê, Mariluz a Goioerê, né, tinha que ia pra Cruzeiro do Oeste, não sei se você já ouviu falá, lá já era mais fácil. A gente sempre enfrentou dureza também, sempre lugar novo pra abri, sempre enfrentô, né, meu marido. Aí depois a gente acostumô com a dificuldade, aí acostumemo, aí fiquemo por aqui memo. Graças a Deus, tamô aqui, eu não se arrependo, passemos uma vida, hoje tenho barraco, não é bom, mas é meu.

Vocês achavam que Vera ia crescer?

Ela: É, aqui o que eu falo assim, Vera não cresceu muito e eu ainda até acho, assim, na minha opinião, acho que ficou muito fora da BR. Sinop, Sorriso, essas cidades tudo que foi pra lá, que cresceu bastante, né. Eu conheço, assim, Peixoto, tudo pra lá cresceu porque ficou tudo pertinho, na beira da BR, o movimento é outro, né.

Vocês sabiam que a BR ia passar por lá ou não sabiam?

Ela: Não, ninguém sabia nada, mas mais ou menos a gente sabia, porque ela ia indo reto; sabia que ela não ia passá aqui, né, mas não tinha aquela certeza também, não. Ficou trinta quilômetro pra cá, mas depois, então, com a estrada de chão sem cascalhá, sem nada, era muito sacrificado no tempo da chuva. Na seca não, você pulava dessa altura, *pam, pam, pam*, mas você passava; o duro era nas água, né. Aí atolava, nós ia pra Sinop, pra lá da Carmem ficava aquele aguaceiro assim, tinha que apear tudo o ônibus pra beira dos barranco, i beirando o ônibus sozinho, aí lá pra frente nós entrava no ônibus de novo pra i pra Sinop.

Uma aventura então!

Ela: Nossa, foi muitas, era muito sacrificado, mas foi bom! O que eu digo, num ponto, assim, porque a gente conseguiu vencê. Meu esposo, como se diz, ficou doente, Deus tirou, minha mãe também, mas nem por isso eu desanimei. Tenho meus filho aqui.

Quantos anos a senhora têm?

Ela: Eu tenho sessenta e oito anos.

Ah, a senhora veio nova pra cá então!

Ela: Aha, vim nova pra cá, meus menino era tudo mais pequeno. Hoje eu já tenho neto com trinta e três ano, tenho bisneto com treze, quatorze ano, dez ano, um ano, dois ano, três ano, um monte de neto, bisneto.

E a senhora estudou até que séria, dona Celina?

Ela: Eu fiz um ano de escola, minha fia.

Um ano.

Ela: Porque eu sempre fui criado, como se diz, assim, de família pobre, humilde, né, fui sempre criado na roça, no sítio. Lá em São Paulo eu se criei, casei no sítio, naquelas bimboca quando dava oito, oito e meia, o sol não tinha chegado ainda, era um paredão de serra. Então fui criado assim, lá em São Paulo.

A senhora foi de São Paulo para o Paraná então?

Ela: Isso, nós foi de São Paulo pro Paraná, moremo onze ano.

Depois de casada é que a senhora foi para o Paraná?

Ela: Já tinha um casal de filho e fui grávida da, da terceira, né, que ela tá morando em Feliz Natal com minha neta, essa que com catorze dia eu ganhei. Lá era quase a mesma coisa que quando a gente entrou aqui. Tinha uma farmácia, um mercadinho, foi tudo no começo também.

Então vocês são pioneiros de mais de um lugar?

Ela: É, nossa, lá foi quase igual por aqui!

Difícil também?

Ela: Difícil também. Mas vencemo lá, aí trabalhamos, lutemo e abrimo um comércio, depois não deu, aí fomo pra roça. Ele era, assim, bem persistente, ele gostava do comércio, mas ele não tinha condições, daí ele quebrava, vendia, acreditava nos outro, aí pegava a foice, o machado e ia pra roça trabalhá. Ele, às vez, dez hora da noite tava passando veneno na roça, é.

Muito trabalhador!

Ela: Muito trabalhador. Aí nós viemo pra cá compra um tanto de terra, né, fia! Ele ficou, assim, entusiasmado, *ah, eu tenho só dois alqueire aqui no Paraná, eu vou compra vinte e cinco, né.* Aí veio ele e o compadre dele, aí gostaram. Ah, não tinha quem fizesse eles não vim; aí nós veio.

Só mais uma coisa, dona Celina, a descendência da senhora, é italiana, alemã...

Ela: Eu sou paulista, fia.

Sim, sim, mas sua família veio da Europa, da Itália, por exemplo?

Ela: Não, minha família são todos paulista, meu pai, minha mãe, é tudo paulista.

De índio talvez?

Ela: Que eu saiba, meu pai falava que eu tinha, não sei se a avó ou bisavó dele que era meio índia. Mas eu tenho a aparência um pouco japonesa, né, assim, meio enjaponesado, meio, assim, com olho raso. Mas como meu pai era branco e minha mãe era morena, não sei se é da parte da minha mãe ou do meu pai. Eu conheci meu avô da parte da minha mãe, por parte do meu pai não conheci. Acho que era mineiro; mineiro e paulista. Parece que a minha bisavó, não sei se era da minha mãe ou do meu pai, que era meio bugre, mestiçada, bugre já. Então, mas mais era tudo paulista mesmo, minha família, meus avós por parte da minha mãe.

Então tá, dona Celina, acho que tem muita história ainda...

Ela: Tem muita história, se eu for contá vamos até a noite. A gente tinha um barzinho, um boteco, naquele tempo falava boteco de madeira, tinha só... arrumamo uma geladeira a gás e aí já veio um motor de luz, já colocaram, a firma, né; passava o dia, até dez hora da noite, aí dez hora “puf”, apagava.

Em que ano eles trouxeram esse motor?

Ela: Eu não lembro bem o ano, fia. Mas, bem bastante tempo que nós já tava aqui. Aí à noite a gente acendia um lampião, aí a gente fechava mais cedo. Aí, quando chegô até dez hora, aí depois começô a mudá pra uma hora, aí já melhorô tudo mais bem, aí já foi até mais tarde da noite, aí ficava até uma hora da manhã. Aí tinha aquele salão aqui de dança, aí tocava lanchonete, aí tocava baile, não sei se o povo falô.

Nossa! Não, não!

Ela: Eu que tocava, era o DJ de tocadiscoteca. Risos...

E como a senhora fazia para “tocar a discoteca”?

Ela: Era uma... só fita, eu ia em Sinop gravá, porque Sinop já tava bem grande, tava até quase do tamanho daqui, que ela cresceu rápido, né. Então as coisa mais, assim... aí nem vinha pra cá, ficô tudo em Sinop, nós tinha que ir lá ... Tinha um aparelho, assim, umas caixa de som, umas caixa muito boa, também tinha um som bem bom. Eu tinha luz negra, daí ia pra Cuiabá buscá, tinha globo nos quatro canto.

Nossa! Chique, chique!

Ela: Eu vou lá mostrá pra você mais ou menos como é que era lá. Aí a gente não tinha como forrá, sabe o que nós fazia? Comva uns... tinha um papel laminado, papel de cor laminado, só que tinha azul, vermelho, branco, amarelo, de toda cor. Aí nós, nas mesa, nessas mesa de madeira, puxando e colando, fazendo sabe o quê? Cola de farinha de trigo.

Olha! Não tinha outra cola então ia essa mesmo!

Ela: É, ficava mais caro. Daí nós descobriu que o trigo ficava mais barato, nós mexia e fazia aquela cola mole, aí nós ponhava, assim, o quadro que nem tá esse papel, aqui assim (gesto), vamos supor que tava assim. Aí juntava eu e as minhas menina, aí tinha mais gente pra ajudá, aí a gente colocava, assim, lado avesso, passava a cola, aí passava o trigo, aí a gente levava em duas e aí colá, segurava em duas aquele papel que era desse laminado. Ficava lindo de vê, sabe. O pessoal fala *oh, dona Celina!* Que tempo bom era aquele!

E dava um bailão?

Ela: Nossa!

Muita gente?

Ela: Muita gente. Nem autoridade no começo não tinha. Aí depois veio a delegacia, a cadeia, polícia civil, militar.

E no bailão dava briga?

Ela: Não, mas tinha uns policial meio arrojado, aí, minha filha, ali eles não facilitava muito, não. Meu marido também, meu menino cuidava muito, tinha a portaria de cobrá ingresso, né, meu filho ficava lá e meu marido pra cá, tinha meu genro, aí ficava pra atendê os cara lá na frente, aí já tinha um funcionário pra ajudá à noite, alguém pra ajudá nós, também as menina, né. E eu que cuidava do som, que cuidava de gravá a discoteca; até hoje eu tenho, discoteca, lenta, música gaúcha. Assim, eu selecionava um pouco de cada um. Eles pulava e dançava lá, quando cansava aí eu soltava uma lenta, aí depois eles ia dançá. Aí depois que eles dançava, aí eu trocava.

DJ de mão cheia!

Ela: Oh, tudo eles, pode perguntá aí, começava com tão pouca gente, dali a pouco, menina, enchia! O pessoal saía tudo, gostava tanto de vim aqui, eu não sei o porquê, mas gostava, graças a Deus, nossa! E nós gostava muito também. Então, e hoje tamo com a empresa Maringá, nós temo quase mais de trinta e poucos anos que a gente trabalha junto. Que nem eu digo, não é uma rodoviária, mas é um ponto.

Esse foi o primeiro ponto da cidade?

Ela: Seu João tinha o ônibus primeiro, mas ele... tinha a filha dele que trabalhava, mas lá o ônibus não parava, ele não servia nada. Ele saía de lá, pagava e os motorista parava aqui no meu boteco, de manhã. Cinco hora da manhã eu abria pra ele i pra Sinop, bastante tempo, mas parava tudo aqui na minha porta. Ele tinha um motorista, ele comprô a linha, né, do ônibus, acho que naquele tempo nem precisava compra, ele comprô um ônibus, aí fazia a linha daqui pra Sinop, mas aí ele pagava motorista, né, que tem uma oficina mecânica lá hoje, então o ônibus vinha e parava aqui. De tudo os lugar, dos boteco, assim, simples, o nosso acho que era melhor, que eles gostavam mais. Risos... Então eles parava aqui e aqui ficô até hoje. De vez em quando, logo que entrô esses ano, o Prefeito, a maioria deles, os vereador, eles fala de fazê uma rodoviária, mas só que aqui ficô muito fraco ultimamente.

Muita gente começou a ir embora da cidade?

Ela: Foi embora, o que judiou um pouco também de nós.

Dona Celina, muito obrigada por compartilhar comigo essa história tão interessante!

Ela: De nada, fia.

3- IDENTIFICAÇÃO:

Sigla: V3 M

Idade: 78 anos

Sexo: masculino

Estado civil: casado

Número de filhos: dois filhos e três filhas (nascidos no Paraná)

Profissão: agricultor

Escolaridade: 3ª série do Ensino Fundamental

Naturalidade: nasceu no Estado de Santa Catarina

Descendência: alemã

Local em que residia antes da migração: Planaltina – PR

Em que ano e com que idade chegou a esta cidade: em 15 de out. de 1973, com 41 anos

Data e duração da entrevista: 26 de nov. de 2010; 35min.

Quantos anos o senhor tem, seu Arlindo?

Ele: Setenta e oito.

Em que ano o senhor veio para Vera?

Ele: Eu cheguei em Vera dia 15 de outubro de 1973.

Quando o senhor chegou aqui já tinham muitas pessoas em Vera?

Ele: Não. Tinha poucas pessoas e o que tinha muitas tavam querendo saí, mas ficaram preso porque empatarem dinheiro aqui e não puderam sair; as que puderam sair saíram.

Ah, algumas vieram e, em seguida, voltaram?

Ele: É, viram que aqui não era o que esperavam. Então, muitas saíram, inclusive daqui saiu gente pra Rondônia.

Ah! Alguns não voltavam mais para o sul, foram adiante?

Ele: Não. Não tiveram condições de voltá pra trás, então foram pra frente.

O senhor lembra mais ou menos quantas famílias já tinham aqui quando o senhor veio?

Ele: Não, isso eu não lembro. Várias já.

E o que trouxe o senhor, seu Arlindo, pra Vera?

Ele: Olha, no Paraná tinha pouca terra e a gente tava prensado entre duas fazendas, não tinha como espichá.

Em que lugar do Paraná?

Ele: Planaltina do Paraná. Então nós ariscamo, viemos olhá aqui e vimos essa beleza, essas mata bonita, essas terra bonita! Então a gente achô impossível não produzi alguma coisa. Então ariscamo, né.

Vocês vieram por causa das propagandas da Colonizadora?

Ele: É, tinha propagandas, e daí, pro azar, uma das primeiras coisa que a gente tentô aqui não funcionô.

Vocês vieram pra trabalhar com lavoura?

Ele: É, a intenção foi essa, mas daí, como a lavoura já no começo não deu saída, aí, por minha sorte, nós tinha um padre aqui, o falecido padre Antônio, que foi o primeiro pároco, né, ele conseguiu arrumá uma vaga pra mim numa serraria; tinha só uma serraria na época. Daí ele

conseguiu uma vaga pra eu buscá madeira, que eu já tinha pratica com madeira desde o Paraná, né. E ali eu consegui me manter aqui, até surgiu alguma coisa melhor, né.

O senhor já veio casado pra cá?

Ele: Sim, eu vim casado com os cinco filhos tudo meio pequenos, né.

Mas o senhor veio pra plantar o que aqui a princípio?

Ele: Olha, a intenção mais foi pasto e lavoura, daí eu tentei logo as duas coisas, pasto e lavoura. Eu trouxe um caminhão de vacas de Planaltina, as vacas que eu tinha reservado, né, e dentro de um ano elas começaram a descaí, foi indo e no fim acabei perdendo.

Ah é? Quantas vacas o senhor trouxe?

Ele: Acho que umas dez.

E vieram bem na viagem?

Ele: Sim, vieram bem, eu mesmo fui buscá.

Ah, o senhor foi buscar depois de já estar aqui?

Ele: É, eu fui buscá depois, primeiro arrumei um pastinho, daí eu arrumei um caminhão, eu já tinha um caminhão, mas daí eu fui trocá o motor do caminhão no Paraná e aproveitei e trouxe as vacas.

E quantos dias o senhor levava pra ir e vir naquela época?

Ele: Naquela época levei quatro dias, mas, fiquei em Rondonópolis, daí eu dei um descanso pras vaca.

Deixou elas descer um pouco do caminhão?

Ele: É, tinha um lugar pra pousada de gado, daí eu encostei lá e fiquei um dia parado.

Muita gente trazia gado para cá então?

Ele: Bom, aquela época na região de Rondonópolis já tinha mais gado; já tinha movimento de gado, né. Pra cá quase não tinha gado. Aqui, quando o primeiro açougueiro que começou aqui, ele buscava o gado em Nobres.

Não tinha gado nenhum aqui então?

Ele: Não, não tinha gado na região.

O senhor foi um dos primeiros a trazer gado então?

Ele: Foi. E junto comigo a Cooperativa, porque aqui, na época, quem comva uma área da Colonizadora, ele automaticamente já era cooperado, né. Aí a Cooperativa, pra incentivar, ela forneceu o gado; ela trazia o gado lá de Goiás, do sul do Mato Grosso. Ela fornecia e acabou tomando prejuízo porque, na época, o gado foi adoecendo e ninguém conhecia as causas e aí virou em nada.

Todo mundo perdeu?

Ele: É, todo mundo perdeu, inclusive a Cooperativa, não conseguiu nem recebê o gado que ela financiou.

Qual era o nome dessa Cooperativa?

Ele: Cooperativa, acho que era Mista Celeste, se não me engano, era Mista Celeste.

Quando seu Enio veio, ele já formou essa Cooperativa?

Ele: Sim, os que comviam já eram sócios na Cooperativa. O começo foi aqui. Santa Carmem tinha um começo, mas aquilo lá ficou parado, aí quando começô abri Sinop, aí parô as outras tudo.

Santa Carmem e Sinop foram colonizadas quase que ao mesmo tempo.

Ele: Foi. Mas aí quando abriu Sinop, daí essas daqui pararam. Inclusive muita gente daqui foi pra Sinop. Até um açougueiro só que nós tinha na época foi pra Sinop, às vezes ele trazia uma carne no fim de semana, mas era difícil. Nós tinha que se virá com carne que a gente caçava.

O senhor acabou perdendo todo o gado?

Ele: Sim, fiquei sem. Daí eu fiquei aguardando, trabalhando com madeira, né, e deu pra gente se mantê. Daí, de repente, surgiu um sal, até hoje esse sal é usado aqui; é o melhor sal que apareceu, um tal de Fosbov. A propaganda era que seria o sal preparado pra região, de muitos minerais, que a terra não tinha nada. Então diziam que tava tudo nesse sal, então eu arrisquei.

Isso em que ano?

Ele: Isso foi uns treis anos mais tarde, daí eu arrisquei e comprei duas vaca; elas tavam perto pra criá. Aí eu comprei daquele sal e fui dando. O único problema era que o sal naquele tempo tinha umas misturazinhas, mas não era o que tava precisando a região aqui, então esse foi outro fracasso.

O senhor chegou a plantar café?

Ele: Nós também plantamo um pouco de café, mas a gente logo viu que todo ano que passava ele fracassava mais. Cada carga que ele dava, ele fracassava.

Não funcionou?

Ele: Também não funcionou.

O senhor mudou para cá em 73, mas chegou a vir antes pra ver as terras?

Ele: É, vim uns meses antes.

Aí gostou.

Ele: Sim, eu e meus irmãos.

Ah, veio mais gente pra cá com o senhor.

Ele: É, não sei se você não encontrou em Carmem, tem outro irmão. Não é dentro de Carmem, é um pouco fora, na estrada Roberta, mas tem filhos dentro da Carmem que tem comércio.

O senhor se arrepende hoje de ter vindo naquela época?

Ele: Não, hoje não, porque a região que eu morei também ficou naquilo. Vamos dizer, aquela cidadezinha bonitinha, mas fora ficou naquilo; virou só fazendas em volta, né. Então eu acho que no fim eu acabei ainda acertando sim.

Mas passaram dificuldades?

Ele: Muitas dificuldades, todas. Ah, depois do café surgiu uma usina de álcool de mandioca.

Aqui em Vera?

Ele: Não, lá em Sinop. Ali o seu Enio fez um esforço. Ele foi na Alemanha conhecê os maquinários pra produzi esse álcool e no fim ele investiu alto naquela usina e também não funcionou.

Ele sempre acompanhou então?

Ele: Sim, ele sempre acompanhou e ele fazia de tudo pra isso crescê, né.

E no início ele se instalou aonde?

Ele: A parada dele maior foi em Sinop. Sinop foi onde ele parava. Lá em Maringá ele parava muito também.

E no início, as pessoas se reuniam, se juntavam mais? Saíam muitas festas? Como que foi aquele início?

Ele: Naquele tempo, naquele tempo era muito unido o povo aqui. Era pouca gente, mas todos se conheciam, né. Inclusive quando chegava uma mudança todo mundo ficava sabendo, todo mundo ia visitá ele.

Todo mundo ajudava?

Ele: É, então era uma época muito gostosa no começo. Até o próprio padre era muito incentivador, né. O primeiro a saber quando vinha gente era ele.

Ele ia visitar as famílias?

Ele: Ia, ia, e já ia vê onde é que podia funcioná, o que é que ele podia ajudá.

Os migrantes inicialmente se mudavam para os sítios ou já vinham pra cidade?

Ele: Não, nos sítios não. Nos sítios naquela época não tinha nada aberto ainda. Eles moravam na cidade, daí alguns começaram abri o sítio, mas daí teve o problema da malária também. Muitos não puderam ir nos sítios porque beira de água não podia nem fazê morada por causa dos mosquito.

Muita gente morreu aqui por causa da malária?

Ele: Muita gente. Não daqui, porque aqui tinha uma irmã que era especialista em tratamento de malária, mais gente que vinha de fora, dos garimpo, já vinha aqui quase morto, então desses têm muita gente enterrada aqui.

Ah, que vinham da região!

Ele: É, que vinham da região. Lá de Peixoto, de Alta Floresta, de todo esse Nortão.

Isso por que no começo aqui era referência.

Ele: Sim, o tratamento de malária era aqui.

Quando o senhor veio já tinha hospital aqui?

Ele: Já tinha hospital.

E era essa irmã que cuidava?

Ele: Essa irmã que cuidava da malária.

Como era o nome dela?

Ele: Irmã Délis. Depois, mais adiante, ela foi transferida pra Matupá, lá ela faleceu.

Ah, ela já é falecida!

Ele: Ela é falecida. As irmãs eram da Alemanha, que estavam aqui. Todas elas eram alemãs.

Há alguma irmã ainda desse tempo por aqui?

Ele: Não, aqui não tem mais. Ah, em Sinop ainda tem. Tem uma, Fábria, que foi daqui, essa ainda tá em Sinop. Ela é, muitas vez faz visitas aqui ainda.

Ela estava aqui no início da colonização?

Ele: Não, essa não estava no início, essa veio mais tarde. As do início, a maioria já faleceram. Faleceu essa que era a curadeira de malária, a Délis, tinha uma outra irmã, Sturbe, que faleceu. Tem outras em Maringá, onde elas têm uma casa de idosas, quando elas ficam mais velhas elas vão pra lá. Então já têm umas quantas conhecidas que estão lá. Irmã Marta, que trabalhou muito aqui na região, também está em Maringá agora.

Quando o senhor veio já tinha casa aqui ou o senhor construiu a casa?

Ele: Não, eu logo comprei. Eu comprei um terreno de segunda mão e esse homem tinha uma casa na cidade ao lado da rodoviária. Aí comprei a casa e o lote.

Ah! E esse homem foi embora?

Ele: É, ele já foi embora. Eu comprei uma chácara onde eu morei até poucos meses e um lote que eu troquei a troco do caminhão pra eu podê mexê com madeira e a casa. Mas a casa também logo eu, eu fiz morada na chácara e vendi a casa.

Fome vocês nunca chegaram a passar?

Ele: Não, fome não chegamos a passá não, porque a gente tinha muitas maneiras. Carne nós buscava no mato.

Caçavam?

Ele: É, era o jeito. E outras coisas a gente sempre vendia. Aqui tinha que preveni sempre no começo de chuva, porque teve épocas que não vinha mais nada na época da chuva.

Ah! E não chegava por causa das estradas?

Ele: Não chegava; às vezes vinha um avião, mas isso era muito difícil de acontecê.

Pra trazer comida?

Ele: É, quando tinha falta mesmo, então, às vez ,vinha o avião e trazia comida. Mas nós não chegamos a esse ponto. Sempre prevenia antes.

E já tinha mercado quando o senhor veio?

Ele: Tinha uma tal de Cobal, que era um armazém do Governo. Mas tinha outros armazéns também, esse seu... tem um que já estava aqui com armazém, é um japonês, o seu João Kobayashi.

Ele ainda está aqui?

Ele: Ele ainda está. E daí tem um cunhado dele que tem um armazém ao lado do Banco do Brasil; também estava na época.

Esse João Kobayashi é bem pioneiro?

Ele: Sim, este é mais do que eu. E esse outro, o Chico, Chico japonês ele é chamado, esse também é mais pioneiro do que nós.

Ainda tinha muito mato quando o senhor veio?

Ele: Tudo mato. Só tinha as estradas aberta. Era a coisa mais bonita andá nesses mato, aquelas estrada bonita e o mato cobrindo tudo! Só andava em sombra e não tinha quem estragasse as estradas.

Carros tinham poucos?

Ele: Quase não tinha carro pra estragá.

O senhor veio com caminhão pra cá?

Ele: Não, eu, o caminhão eu negocieei depois que eu estava aqui; eu vim numa Rural pra cá. Então eu era contratado pela Colonizadora todo ano pra vim limpá as estradas. Então, todo ano, depois da chuvarada, eles me pagavam pra vim com a motosserra e a Rural e vim limpando as estradas.

Ah, o senhor era funcionário da Colonizadora.

Ele: É, eu fazia alguns bicos, né.

E também ajudou a desmatar bastante?

Ele: Também, mas o nosso ramo mais forte foi madeira. Primeiro fornecendo aqui, depois surgiu o comércio de madeira, de lâmina, que na época aqui não tinha laminadora, então essa madeira de lâmina saía pra, pra lá de Curitiba, Porto União, Porto União. Então a gente tirava essas toras e essa era a madeira mais grossa que tinha, no começo não tinha comércio.

Qual era “essa”?

Ele: Uma tal de amescla. É próprio pra lâmina essa madeira. Então, no começo, aqui não tinha laminadora e não tinha comércio. Depois surgiu esse comércio pra fora, daí os mato que a gente já tinha passado pra tirá outras madeira, nós repassamo de novo e tiramo essa madeira. Essa nós carregava nos caminhões com tratorzinho. Não tinha maquinário pra carregá tora em cima.

Tudo manual!

Ele: Tudo manual.

Então tinham vários homens bem fortes pra fazer isso?

Ele: Tinha.

O senhor não teve problemas com funcionário? No início já havia bastante gente pra trabalhar?

Ele: Não. Quase sempre entre a família, veio uns sobrinhos meu junto comigo, um ficou sete anos comigo, outro cinco, então sempre tinha gente da família pra trabalhá.

E cobras, bichos?

Ele: Cobra sim, chegamo a matá muita cobra. Cobras, a gente ficou até meio assustado porque as cobra era quase tudo de dois metro acima, uma tal de bico de jaca que eles chamam. Eu acho

que ela tem um outro nome, mas os nortista chamavam ela de bico de jaca. É o que mais tinha na época.

Ah! Havia muito aqui na cidade?

Ele: Sim. Inclusive quando eu morei na cidade, primeiros tempo que eu morei ali, eu voltei pro Paraná, acho que pra recebê mais um resto de dinheiro, e enquanto eu tava pra lá uma noite entrou uma cobra dentro da cozinha, e eu tinha uma geladeira assim (gesto) e um fogão assim (gesto), mas a geladeira não tava funcionando, que não tinha energia, e tinha um espaço assim (gesto) e ela foi lá e se enrolou lá no meio. Daí chamaram o vizinho, aí veio e matou num tiro; tinha dois metros e treze. Daí, quando eu cheguei, daí eu tava limpando o meu lote porque só tinha... arrancava o mais grosso e o resto tava... daí eu fui limpando e fui queimando aqueles resto sempre à noite, né. Uma noite as crianças, os meus e os do vizinho, tavam brincando lá em volta desse fogo, de repente surgiu um griteiro lá, olha a cobra! E, olha a cobra! Fomo vê, era outra bicha daquela passeando na ponta do fogo. Diz que ela procura fogo; brilhava contra o fogo. Daí eu, meu sobrinho tava comigo, pegou ligeiro a espingarda e deu um tiro bem atrás da cabeça e ela saiu rolando assim de comprido até encostá numa cerca, aí ela parou.

E nunca chegou a machucar pessoas?

Ele: Não, da nossa turma nunca, mas cachorros, nós perdemos uns quantos cachorro mordido dessa cobra. É, ela é fera, ela é venenosa.

E onça?

Ele: Onça nós nunca fomo atacado. Nós chegamo a vê onça, sim, mas ela nunca enfrentô a gente. Nós trabalhando no mato, às vez a gente acabava de limpá um carreador e uma vez, enquanto nós voltamo pra buscá o caminhão, já tinha rasto dela em cima do nosso rasto.

Olha!

Ele: É, diz que ela é muito curiosa, ela não se afasta assim quando tem barulho; ela é curiosa.

Mas elas só atacam quando elas sentem muita fome.

Ele: Sim. Ela nunca atacô, não. Aconteceu de nós chegá na estrada e tinha uma onça assim parada na estrada e até um dia, em dois, nós falamo *vamo vê se ela corre* e nós corremo atrás e ela correu.

Olha! Mas vocês estavam armados então?

Ele: Não, aquela hora não. Ela não dá medo não.

E a família do senhor, como foi no início?

Ele: Sofreram malária. Com treis semana que nós chegamo aqui já começô com malária e repetiu, sei lá, doze, treze vezes; cada mês ela repetia.

Ah, pegaram várias vezes então?

Ele: É, teve dois, os outros não, não... teve uma, a mais velha, até hoje não pegou malária aqui. Eu cheguei pegá duas, mais adiante, né, mas teve dois filhos que foram bem perseguidos. E

aquele tempo era demorado o tratamento e tinha que fazê a lâmina. Mandava pra Cuiabá pra depois fazê o tratamento.

Enquanto isso ficavam esperando aqui, sofrendo!?

Ele: É. Era base de dois, três dias, já vinha o resultado.

E havia médico?

Ele: Na época não tinha médico. Mais tarde veio esse doutor Jeimes, que até hoje tá aqui.

E a esposa do senhor, no começo não tinha vontade de voltar ao Paraná?

Ele: É, pensava, mais pra voltá também não era fácil e pra i pra frente também não. Nós se obrigamo a ficá aqui.

Mas venceram as dificuldades!

Ele: Vencemos.

O senhor se lembra de alguma história que queira contar, dos primeiros tempos!? Pode ser uma história engraçada ou interessante.

Ele: O que quase assustou nós foi a primeira vez que nós viemo pra conhecê aqui. Tinha uns corretores da Sinop que traziam o pessoal. Arrumavam um caminhãozinho lá, naquele tempo chamava de pau de arara, os nortista, e aí arrumava um caminhãozinho novo até e fizemos um pau de arara, fizemos bancos, uma cobertura em cima e daí vinha, vinha quatorze pessoas em cima e mais três na cabine. E nós já vinha trazendo algum material pra fazê uma casinha pro irmão meu que vinha morá em Sinop. E tinha um motorista, quando chegamo em Mutum, lá não tinha nada, só tinha uma bomba e às vezes forneciam um café pra quem bebia, né. Chegamo lá de madrugada, daí pedimo um café e o motorista não quis esperá nem o café. Nós tava em quatro e mais uns em cima. Aí ele, no fim ele acabou esperando o café, quando acabamo de tomá o café ele pegô, subiu em cima e se mandou. Logo pra cá de Mutum tem um rio, rio do Patos chama, ali tem uma curva pra chegá na ponte e ele se perdeu naquela curva e despejô nós tudo lá dentro do brejo. Um caminhão velho, ele perdeu o controle e lá de cima eu percebi que o cascalho solto tava caindo longe, né, aí eu peguei o meu banco e afirmei assim (gesto). E, de repente, esse caminhão foi, e daí a pouco foi de novo, aí eu pensei assim *se pará aqui eu tô bem*. Só que nós tava de cara pra cima, caminhão tombado, de peneu pra cima.

E machucou alguém?

Ele: Uns arranhão saiu e um irmão meu quebrou uma costela, mas isso ele descobriu dias depois. Ele veio pra ajudá fazê baraco lá e ele não conseguiu trabalhá. Depois, na volta, ele não conseguia mais erguê os braço pra subi no caminhão, aí ele foi posto na cabine. E, quando chegou em casa, daí começou a dar febre, daí foi no médico, duas costela quebrada, daquele tombo. Sorte nossa que nós caímo do outro lado do rio e pro lado de cá tinha um acampamento do exército, que fizeram essa BR.

Ah! Do Nono BEC.

Ele: Isso, é, do Nono BEC, eles tavam acampados e era cedo, eles tavam tudo ainda nos baraco ainda. E já vieram corendo e só pedia quantos moreu. Tinha uns quantos pessoal virado, eu também não conseguia saí, eu virava com os pé pra cá e pra lá e não achava saída, daí, de repente, me puxaram pra fora e me pegaram pra levantá *não, eu tô bem, eu só não achei saída, eu tô bem*. Aí foram caçando todo mundo e arrastando pra fora e só uns aranhão e esse meu irmão que tinha quebrado as costela, mas isso na hora ninguém soube. Daí esse Nono BEC vieram a turma e eles tinham os caminhão e já destombaram esse caminhãozinho e levaram lá pro acampamento deles e fizeram funcioná, porque tinha que fazê uma limpeza porque entrô olho até nos bico. Aí meio- dia funcionaram o caminhãozinho, fizeram almoço pra nós.

Lá no Nono BEC?

Ele: É, lá eles fizeram almoço.

Então essa foi uma aventura!

Ele: É, ali foi de assustá, de nem vim mais aqui, mas não assustô, não, nós viemo assim mesmo.

Risos. Ah, esse acidente aconteceu quando vocês vieram ver as terras?

Ele: Sim, quando viemo vê.

Então pra fazer essas visitas às terras, o pessoal, a maioria, vinha de pau de arara?

Ele: Vinha no pau de arara.

E vocês foram até aonde com esse pau de arara?

Ele: Pois é, fizemos Sinop, Vera, Carmem.

Visitaram todas as localidades da Gleba Celeste?

Ele: É, essas três localidades nós visitamo.

E já havia abertura de estradas nessa época para essas três localidades?

Ele: Já. Logo no começo achamo um que era, que foi vizinho meu no Paraná, e ele tava aqui e eu nem sabia, nós encontramos ele aqui.

E por que é que o senhor, se a maioria das pessoas já estava escolhendo Sinop, o que é que fez o senhor escolher Vera e não Sinop?

Ele: Olha, Sinop não tinha nada ainda. Só uma bomba e um hotelzinho, assim, pra, pra acomodá algumas pessoas, mas não tinha nada ainda. Aqui então já tinha um começo, né, já tinha, já tinha esse hospitalzinho funcionando, tinha um padre que até fez força pra gente vim aqui, aí logo achei um que era vizinho do Paraná, achei ele aqui também. Mas aí, já um pouco depois, um irmão meu já se colocou em Sinop.

Qual é a descendência do Senhor?

Ele: De origem alemão.

A sua família sempre morou no Paraná?

Ele: Não, veio de Santa Catarina pro Paraná; meu pai se criou em Santa Catarina, eu também, eu até os vinte e um anos eu vivi em Santa Catarina, daí meu pai mudou pro Paraná. Aí, quando

meu pai mudou pro Paraná, daí eu tive que servi o exército; aí fiquei um ano no exército em Lages, Santa Catarina. Passei um frio danado lá. Aí, depois que eu dei baixa, daí eu vim pro Paraná também. Aí moramo vinte ano no Paraná e depois viemos pará aqui e aqui eu acredito que vou abotoá o paletó. Risos...

Nem pensa em ir embora mais daqui?

Ele: Não, não. Não tem mais agora, a idade chegou, né. E os filhos estão aqui.

Qual a escolaridade do senhor, o senhor frequentou até que série?

Ele: Só até o terceiro primário. Lá onde a gente morava só tinha o primário.

O senhor quer ainda falar mais alguma coisa? Se o senhor lembrar de mais alguma coisa.

Ele: Ah, tem muita coisa, mas na hora não lembra, né. Mas, se a gente se juntasse em mais uma ou duas pessoas que conviveram com a gente, isso ia ter muita história. Olha, esse meu irmão, ele fez um poço quando ele chegou lá em Sinop, com onze metros de profundidade. Depois chegou uma época que a água chegou, chegou a vazá nas fossa. E ele pegava água do poço assim com a mão, de balde.

Será que isso aconteceu por que lá tinham muitas nascentes?

Ele: Não sei, mas no tempo da chuva lá virou uma... assustou. Mas depois com esse, essas máquinas abriram esses valos, né, e controlaram. Hoje já tão até construindo prédios em Sinop.

Ok, seu Arlindo, agradeço muito a sua disponibilidade para a entrevista.

Ele: eu que agradeço.

4-IDENTIFICAÇÃO:

Sigla: V4 F

Idade: 58 anos

Sexo: feminino

Estado civil: casada

Número de filhos: três filhos e uma filha (dois nascidos no Paraná e dois nascidos em Vera)

Profissão: do lar

Escolaridade: primeira série do Ensino Fundamental

Naturalidade: nasceu no Estado da Bahia

Descendência: não soube responder

Local em que residia antes da migração: Vatuba, município de Maringá – PR

Em que ano e com que idade chegou a esta cidade: em 1973, com 20 anos

Data e duração da entrevista: 21 de out. de 2010; 31min.

A senhora veio ao Mato Grosso em que ano?

Ela: Em 73

Qual foi o primeiro lugar, primeiro local que vocês vieram?

Ela: Meu pai tinha comdo um sítio entremeio Carmem e Vera, né. Então nós veio pro sítio.

Isso em 73?

Ela: É. No sítio, perto do sítio que o meu pai tinha comdo, já tinha treis família cearense.

Cearenses?

Ela: Nossa, uma gente tão boa, nossa! Eles foram, iam embora pro Ceará de volta, aí deu as casinha pra nós; as casinha deles.

Olha, que sorte que vocês tiveram?

Ela: Aí já tinha abobrinha, já tinha mandioca, sabe, pertinho da casa, sabe; porque era tudo mato. Aí cada um, nós viemo em treis família.

Lá do Paraná?

Ela: Lá do Paraná. Veio meu pai, eu, eu já era casada, eu já trouxe a Maria e o meu filho que faleceu já veio de lá, pequeno, e dois compadre do meu pai. Veio bastante gente num caminhão só, num pau de arara.

Num pau de arara?

Ela: Num pau de arara. O João veio com nove meis, não sei como não morreu na estrada. Naquele tempo não tinha asfalto, não tinha nada, né.

De que lugar do Paraná vocês vieram?

Ela: Nós veio de Vatuba, do município de Maringá.

E o que trouxe vocês cá?

Ela: Foi a propaganda da Colonizadora. Aí meu pai veio aqui, olhou tudo com dois compadre, gostaram e decidiram vir.

Vocês vieram pra plantar café?

Ela: É, pra plantá café, plantá arrois, tudo essas coisa, tudo ntô. Só que o café depois não deu certo por causa da Cooperativa, começou a dá muita doença, aí teve que cortá tudo os pé de café, aí plantá arrois, plantá outras coisa, plantá soja, plantá outras coisas.

E isso no sítio?

Ela: Na estrada Roberta. Fica no meio da Carmem e da Vera.

E esses cearenses, como é que eles vieram pra cá, por que não deve ter sido pela Colonizadora.

Ela: Não sei. Nossa, era uma gente tão boa, nossa, uma gente tão boa. Aí eles falaram *nóis dá a casa pra vocês, dá certinho pros treis*, nós treis que veio. Eu e meu pai, nós tava junto com eles e mais dois compadre do meu pai, tudo veio junto.

Eles tinham vindo há pouco tempo e não gostaram?

Ela: Não, eles fazia tempinho já que eles tinham vindo, fizeram a casinha de taubinha, sabe, não casa boa, né. Aí eles, não sei, decidiram i embora, mas já fazia, fazia já anos que eles tava ali.

Já tinham moradores por aqui nessa época?

Ela: Tinha bem pouquinho, porque nós chegô aqui ainda demorô uns dia pra inaugurar Vera.

Nossa!

Ela: Aí nós ficô lá debaixo de lona. Ai que medo de onça, até porque tá aberto, sabe, só cobre em cima. As criança e aquele monte de coisera, tudo amontoadado. Chegemo aqui que nem uns bicho. Porque fecharam mal fechado o caminhão, eu acho que os motorista eles ponhê um preço, que eu nem me recordo o preço, eu acho que eles se arrependeram depois, viu que era muito longe. Porque nós combinô com ele que hora que precisasse eles pará a gente bate, eles deu uma taubinha pra nós pra batê na gabina pra pará. A Maria mesmo nunca pegou mamadeira, ela bebia leite no copo. Eu já deixei tudo pertinho, água fervida, leite ninho, tudo, né, fazia o leite pra ela, hora que ia dá, batia pra eles pará, hora que ela começava bebê eles saía correndo, derramei com copo, fazia assim, oh (gesto), derramava tudo. Não sei como que ela, que ela sobreviveu.

Nossa!

Ela: Nós não parava, eles tocava direto.

Não queriam parar?

Ela: Não parava. Nós chegô aqui igual a turma de macaco debaixo do caminhão.

Quantos dias vocês levaram pra chegar aqui?

Ela: Eu acho que nós levô mais, uns três dia.

Vocês comiam no caminhão mesmo?

Ela: Tudo. Levemo tudo no caminhão, né, farofa, e não parava em lugar nenhum. Do jeito que saiu lá do Paraná, muita gente no caminhão, cada um trouxe um pouquinho de coisa. Do jeito que saiu de lá acho que foi saí aqui, a pará aqui.

Nossa! Sem tomar banho...

Ela: Sem tomá banho, sem nada. Ficô acho que mais de oito dias que não entrava água no cabelo. A poeira era tanta, meu Deus do Céu, não entrava água.

Risos... Sério?

Ela: Sério. Era igual uns bicho. Naquele tempo não tirava foto, né. Não tinha, ninguém sabe.

A senhora não tem foto do caminhão?

Ela: Não tem. Ninguém se interessava naquele tempo de tirá foto, as coisa, não tinha, que nem hoje de tudo tirá foto.

Acho que também não tinha máquina.

Ela: É, não tinha. Levô mais de oito dia pra entrá água no cabelo, podia passá sabão, podia passá; a poeira era tanta!

Mas não choveu? Era aberto o caminhão?

Ela: Não, era aberto, né, a poeira era demais e entrava dentro do caminhão.

Que aventura!

Ela: Nossa, era bonito tê umas foto, né. Eu falo pros menino e eles não acredita.

Risos... Que pena, tinha que ter foto pra provar.

Ela: Tinha que tê foto. Aí cheguelmo aqui, outro sofrimento, porque veio tudo sem dinheiro, né, pouquinho dinheiro aperta, até começá a plantá as coisa, começá a dá, ia na Vera, tinha dia que era sol, tinha só mandioca sem sal pra comê.

E chegaram a passar fome?

Ela: Cheguelmo, não cheguelmo a passá fome, mas, tinha que comê essas coisa, né, abobrinha, mandioca sem sal, sem café...

E já tinha mercado?

Ela: Tinha acho que era 19 km onde nós morava, na Vera. Na Carmem não adiantava nem ir, na Vera, ia a pé, e os homem que veio em treis sócios, então meu pai, pra não saí algum dos homem pra não descontrolá, nós que ia pra fazê com, pegá carona na BR. As mulher, as mulher pega carona. Aqueles tempo era muita pinhonzada que vinha de fora.

Nossa! Não era perigoso?

Ela: Mas graças a Deus nunca aconteceu nada com nós, então nós ia. Tinha uma picada grande, no meio do mato, até saí na BR, tudo mato, puro mato, aí nós ia a pé e lá pegava carona.

Arrumava carona fácil?

Ela: Arrumava. Tinha vez que não achava carona, aí tinha uns conhecido nosso que a gente ia pegá amizade, que a gente vai direto naquele lugar, na Vera, ficava lá. Tinha vez que nós não achava carona, pouso, vinha embora outro dia.

Nossa! E não tinha como avisar?

Ela: Não tinha como avisar nada.

Não tinha telefone, nada?

Ela: Nada, não tinha energia, não tinha nada, não tinha televisão, não tinha nada. Aí eles vinha até tarde na noite com o pouquinho de coisa que comva, né, trazia nas costa.

E a Maria ia junto?

Ela: A Maria ficava em casa. Ah, minha nossa, foi... olha...

Que aventura!

Ela: Uma vez ela ficô doente, era pequena, nós fomo na Vera levá ela, não achemo carona, viemo, viemo. Aí tinha uma casinha no meio da estrada e chovendo, chovendo, aí nós entrô naquela casinha, pra passá a noite, né. Passô até um conhecido nosso que ia passá perto da nossa casa, não quis trazê nós porque tava cheio. Nós pousô lá naquele, naquele ranchinho no meio da estrada com ela.

Não tinha ninguém que morava lá?

Ela: Não tinha.

E ela, doente?

Ela: Ela tava, não muito ruim, mas tava doentinha, gripada, e a gente não esperava, né, era longe as coisa, não tinha nada perto, não tinha um carro, não tinha nada. E as estrada tudo ruim, tudo, naquele tempo chovia bastante, né, chovia bastante, tinha semana que chovia a semana inteira.

Nossa!

Ela: Não sei se saiu, o sol sem saí um dia; naquele tempo chovia bastante. E a gente andava nessa rua por aí, tomava tanto banho de chuva!

Ah! Eu esqueci de perguntar uma coisa importante: qual é a escolaridade da senhora? Até que série a senhora fez?

Ela: Fiz só a primeira série, primeiro ano.

Só o primeiro ano? Lá no Paraná?

Ela: Só o primeiro ano, lá no Paraná, porque a gente tinha que ajudá meu pai na roça, né, sempre foi a gente, ele sempre com bastante filho pequeno. Morava longe da escola, a Maria mesmo estudava, ela e o José, acho que 3 km, a pé, no meio do mato.

Isso já aqui no Mato Grosso?

Ela: É.

E aí com o tempo as coisas foram melhorando. Então, como vocês conseguiram, no início, por exemplo, o plantio de café, a Colonizadora que ajudava?

Ela: A Cooperativa, né, a Colonizadora pegava as coisa na Cooperativa, eles ntava e depois pagava com o mesmo, né, na Cooperativa, colhia e pagava.

O que se tinha pêgo sem dinheiro anteriormente?

Ela: É, colhia e pagava com as coisa que tinha dado.

Ah! Mas não deu certo. Nada disso não deu certo, não é mesmo?

Ela: Não deu certo, não deu certo, não.

Era uma área muito grande de terra?

Ela: Cinquenta alqueires. Aí os compadre dele desistiu, aí comprô a parte dos compadre dele sabe, o pai, mas nós morava com ele, nós já veio com ele. Eu e o Carlinhos já era casado.

Ah! Aquele pessoal que veio acabou indo embora?

Ela: Acabô indo embora, desistiu do sítio, daí vendeu as parte, a parte deles pro meu pai. Eles vieram pra cidade.

Ah tá, eles não voltaram para o Paraná.

Ela: Não, eles ficô no Mato Grosso.

Como era Vera quando vocês chegaram?

Ela: Nós foi na inauguração da Vera, chegemo aqui na inauguração, os menino que foi, jogava, fazia apresentação de coisera lá na Vera. Eles foram na inauguração da Vera, só sei que os menino tudo eles foram. Os menino já era tudo rapaiz, os treis irmão, né. Aí que eles foram tudo na inauguração da Vera.

E vocês também foram?

Ela: Nós não foi, porque já fiquemo com minha mãe, minha avó, tinha as criança já pequena, então nós não foi, foi só eles. Jogava, ia jogá bola, tinha os time, eles foram.

Já tinham alguns moradores na Vera?

Ela: Já, já tinha, mais, mais, nós chegô, meu Deus, com a cara e a coragem.

Como foi chegar e ver que não tinha nada aqui? Era isso que a senhora estava esperando?

Ela: Ai, meu Deus. A gente pensa uma coisa e nunca é aquilo, né, que a gente pensa. Só que do jeito que nós chegô e nós tudo foi um animando o outro e só que a gente nunca se desanimô, né; nunca desanimô e a turma que veio já gostava, um compadre já gostava de tocá sanfona, já feiz uma Igrejinha na estrada Roberta, já foi juntando bastante gente naquela Igrejinha, sabe, e a gente se animô. Era divertido porque só tinha nós e aquela turminha ali então.

E o pessoal se visitava bastante?

Ela: Visitava, se visitava. A gente, que nem naquele tempo, a gente tinha uma coisa e partia com os vizinhos, né. Os vizinho gostava muito de caça, de pesca, até hoje eles gosta. Então a gente ia parti com os vizinho, os vizinho fazia alguma coisa, matava um porco, uma coisa, partia com a gente, porque de primeiro era assim, agora que não é mais assim. Naqueles tempo a gente passava perto das pessoa, né.

Se reuniam nas casas?

Ela: Reunia e naquele tempo todo mundo passava perto, nem que não conhecia, se cumprimentava, né, hoje não, que as pessoa, né, passa perto da gente não, mais naquele tempo, era bem gostoso naquele tempo.

Todo mundo é muito ocupado hoje em dia. Risos.

Ela: E a desconfiança hoje. Às vezes você tá com uma pessoa ali, você pensa que tá com uma boa intenção e a pessoa não tá. Então, hoje é diferente. Não é mais como antigamente que a amizade era aquela coisa, né. Aí nós fazia só carne de bicho.

Ah, é por que outro tipo de carne não tinha?

Ela: Carne não tinha, não tinha mercado. Quando ia compra, comva, acabou aquela aí só tinha carne de bicho, né, até começá criá galinha, porco, as coisa, só carne de bicho. Mas até hoje em dia não posso nem vê mais carne de bicho, não como nada, nada posso fazê.

Ficou com nojo?

Ela: Sei lá, não vai mais. Naquele tempo a gente adorava. Risos... Não conhecia outra e era raro quando tinha. Aí nos final de ano, dia de ano, aí ia tudo, meus irmão que mora aqui, minhas irmã, vieram a maioria, tudo veio pra cá, né. E eles no sítio, era muita gente pra ficá ali, na terra, muita gente, então foram casando, meus irmão tudo casaram, tudo veio pra cá e nós ficô, continuemo, meu pai não queria saí porque não tinha muita coisa pra ele e nós querendo saí e ele sem querê. Eu querendo direto saí, porque a gente, né, não, não tinha mercado, nada, e ele sempre enrolando e nós querendo saí. Naquele tempo, a gente desanimô, porque não tinha televisão, não tinha uma energia, não tinha nada. Você só trabalhava, trabalhava e daí? Hoje em

dia não, todo sítio já tem energia, tem água encanada, tem televisão, tem geladeira, né. Pra que melhor?

Naquela época água vocês tinham?

Ela: De poço. Tirava água naquela, naquela, não sei como é que chama aquele negócio de tirá água, no poço. Aí tinha um chuveiro que era um balde grande no banheiro, você descia, aquele baldão com o chuveiro embaixo, pnhava num prego, pnhava água dentro e depois subia ele numa carretilha, dentro do banheiro pra tomá banho. Risos...

Nossa! Que lida! Risos...

Ela: É, era uma lida mesmo.

Então, se forem lembrar todas as dificuldades que vocês passaram...

Ela: Você fica como um bobo, você tinha as coisa tudo natural, que nós mesmo que socava café, socava arroz, porque não tinha como levá pra limpá. Socava café, torrava café, o café tudo feito assim, né, manual.

É verdade que o café não deu certo por que o sabor não era bom?

Ela: Não sei. Meu pai tinha, mas deu muita doença, uma tal de uma broca, nos caroçinho do café, sabe. Então eu vi meu pai falá que não compensava, porque todo aqueles pessoal tudo cortô os café naquela época, porque tinha muita doença, sabe, dava uma broca no caroçinho do café, estragava todo o café. Eu acho por isso também que dava, né, o sabor e daí teve que cortá toda a lavoura do café.

E depois do café plantaram o quê?

Ela: Plantava mandioca, plantava arroz, o arroz também veio bem, né, soja, tinha bastante fruta, começaram a plantá fruta, bastante coisa, aí melhorô.

E seu pai chegou a se arrepender, em algum momento, de ter vindo?

Ela: Não, não. Nunca se arrependeu, nunca ouvi eles falando sobre isso, ninguém deles.

Lá vocês já tinham terra e produziam, plantavam café, lá no Paraná?

Ela: Não, lá nós trabalhava pros outro. Lá nós não tinha, só tinha uma casa lá. Trabalhava pros outros assim, sabe.

Ah, então foi melhor mesmo, porque aqui vocês conseguiram terras.

Ela: Foi, nossa! Todo mundo quis vim, todo mundo, todo mundo queria vim, de vê aquelas propaganda no Rádio, dos locutor falando, nossa, eu não via a hora de nós vim cá.

A senhora casou lá?

Ela: Casei lá. Eu truxe a Maria e o João pra cá, quase nós morreu na estrada. Risos... A Maria nem tomava mamadeira, por isso é esmilinguida hoje, porque passou fome. Risos...

E cobras tinham muitas por aqui?

Ela: Nossa! Nós trabalhava na roça, porque sempre eu trabalhei na roça, sempre, desde pequeno, cada um tinha um trecho pra limpá, aí a gente limpava o tronco do café, aí tirava cobra.

Tronco do café?

Ela: É, tinha que limpá embaixo, porque tinha uma saia, né, então a gente tem que limpá embaixo, pra vim outros atraís com rastelo pra ir ajeitando pros que vêm banando, pra ficá mais fácil, né.

Para os que vêm o quê?

Ela: Abaná o café. Abaná café. Aí nós, era eu, mais o outro meu irmão, nós dois limpava os tronco do café, pra limpá pra ficá mais fácil. Ih, nós tirava cobra, aranha, escorpião, tudo das cova do café.

Nossa! Nunca foi picada?

Ela: Não, graças a Deus. Quantas cobra eu já matei na minha vida! Tinha vez que as criança ficava brincando assim com elas tudo enrolada.

E cobra perigosa?

Ela: Cobra perigosa. E as aranha! E aqueles mandruvazona saía do café!

Mandruvazona?

Ela: É, aqueles bichão verde. Você nunca viu falá o que é mandruvá? Uma lagartona assim (gesto), aquelas que anda, aí que medo! Quantas vez, porque você tem que... meu pai nunca gostô de ficá dormindo em serviço, sabe, então a gente era, tinha que sê rápido. Precisava quebrá milho, tirá os broto do café, tudo o que era de roça, tudo o que passa em televisão de roça eu já fiz. Risos....

As crianças nunca chegaram a se machucar?

Ela: Não, graças a Deus.

E onça, chegaram a ver?

Ela: Eu não cheguei a vê nenhuma, mas o Carlinhos já viu, chegô vê, mas eu nunca vi, não. Mas tinha bastante, era só mato! E eles todos sempre gostô de caça.

Quando vocês chegaram ainda era tudo mato?

Ela: Mato, tudo mato, mato, mato. Ah! O Sérgio viu uma vez onça, meu irmão, tinha uma picadinha na casinha que o cearense deu pra nós ficá, aí meu irmão foi uma vez de atalho numa picadinha que tinha caído uns galho, uns cano, diz que ela tava sentada no meio da estrada.

A onça?

Ela: A onça.

E ele?

Ela: Diz que se apavorô, gritô, aí que ela se espantô e correu pra dentro do mato.

Então ela não tava com fome.

Ela: Não. Eu mesmo nunca vi. Mas tinha. Pegou tanto cachorro nosso, né. De noite nós dormindo, elas vinha pegá, nossa, o Carlinhos tinha bastante cachorro de caça e ela vinham lá

no quintal porque era tudo aberto. No sítio não tem esse negócio de tá pondo cerca, essas coisa. Pegava galinha, pegava cachorro, então só se ouvia os grito, mas era perigoso de abri a porta.

Olha só!

Ela: Nossa, nós passô cada coisa, mas Graças a Deus não...

E aí vocês foram desmatando então?

Ela: Foram desmatando, desmatando, era tudo no machado. Não tinha motosserra. O Carlinhos, meu pai, meus irmão desmataram tudo.

Tudo no machado!?

Ela: Tudo no machado.

Nossa!

Ela: Tudo no machado. Eles e os companheiro deles, né, os sócio do meu pai, era tudo no machado.

Então foi bem sofrido.

Ela: Sem tê uma alimentação boa, porque a gente veio com pouco dinheiro, né, não tinha alimentação boa, assim, pra comê bem, pra se alimentá bem.

E na época da chuva, como vocês faziam pra sair, ou não saíam?

Ela: Não saía. Não saía não. A gente tinha que se virá com o que tinha e ficá daquele jeito mesmo. Só que, Graças a Deus, nunca chegô o dia de não tê nada, né. Tinha uma mandioca sem sal...

Às vezes era só mandioca de almoço?

Ela: Só mandioca e as outras coisa, quando tinha uma bolachinha, tinha que deixá pras criança, né, porque tinha que deixá pra eles. Não tinha um café e a gente se virava assim...

E os outros meninos nasceram na Roberta?

Ela: É, só trouxe a Maria e o João, que eu trouxe do Paraná, os outros nasceram na Vera, nasceram em na Vera, porque daí eu fui pra Vera porque ia ficá em casa. Eu já ia bem antes, ficava lá uns 8 dia, porque a estrada lá era tudo buraco, nossa, cada buraco, porque sempre muita chuva. Então, tinha que já ficá lá, né, porque se ficasse ruim de noite e não achava carro... Tem que i lá e fica lá.

A senhora ia bem antes pra se prevenir...

Ela: Já ficava lá.

A senhora tinha parente lá?

Ela: Não. Ficava lá no hospital mesmo; das irmã.

Ah! Interessante! E o que mais, assim, alguma história que a senhora passou e que a senhora se lembre, na estrada Roberta, no início.

Ela: Vixi, tem tanta história. Risos.

Se a senhora quiser contar uma...

Ela: Eu sei que nós passô cada coisa, meu Deus! Agora não me lembro.

Com relação à saúde, teve algum caso mais sério que vocês passaram?

Ela: Teve. O Carlinhos cortô uma perna no machado, bem assim (gesto), abriu um corte com o machado, daí o meu irmão trouxe ele nas costas do mato.

Nossa! Ele não conseguia caminhar?

Ela: Não conseguia caminhá porque saía muito sangue, com o machado.

Podia ter morrido de tanto perder sangue?

Ela: Podia tê morrido, é. Aí chegô em casa, achô lá um vizinho que ia pra Vera, foi. Eles já sabia lá quando a gente chegava, porque direto tava lá, era muito boa, a, o posto lá da Vera. Aí feiz curativo, deu pomada, já dava bastante coisa pra gente trazê pra casa, comprimido, pomada, tudo isso ela dava, porque sabia que era longe, né. Aí explicava direitinho tudo como era pra tomá. Eu sei que nós passô as nossas.

Não sei se a senhora quer contar mais alguma coisa, daquela época, fatos iniciais, dificuldades que vocês passaram, em função da vinda de vocês pra cá...

Ela: Graças a Deus foi melhorando.

Uma coisa importante, qual é a descendência da senhora, assim, é de alemães, de italianos...

Ela: Eu nasci na Bahia, só que eu não conheço nada da Bahia, nós se criemo no Paraná. Não sei nada da Bahia.

A senhora foi ainda pequena para o Paraná?

Ela: É, nós veio pequenininho, tudo pequeno pro Paraná. Se criemo tudo no Paraná. Eu não conheço a minha cidade que eu nasci.

Mas a senhora tem, assim, uma descendência de portugueses, de índios, a senhora não sabe?

Ela: Não, acho que de índio não. Só acho que baiano mesmo porque meu pai nunca comentô nada assim de ...só baiana mesmo.

E com relação às escolas, como é que as crianças faziam pra ir?

Ela: Eles iam. Ficava treis quilômetro na estrada pra Vera que eles ia de a pé no meio do mato pra escola.

E na época de chuva?

Ela: É, quando tava chovendo mesmo não tinha como i, né, porque era muito barro, muito buraco, as estrada era muito cheio porque passava muito carro de tora, né, caminhão de tora e fazia muito buraco nas estrada. Deus o livre, era uma lama que não tinha fim. Mas era só quando chovia muito, né...

Quando chovia muito acabava não tendo aula então?

Ela: Não tendo aula. Mas eles iam treis quilômetro no meio do mato. Quantas veiz a Maria ia, vinha gritando que tinha visto bicho, macaco.

E eles ficavam com medo?

Ela: Ficava com medo, né. Aí tinha que voltá e esperá eles saí pra podê passá. As estradinha estreitinha, só mato dos dois lado, mato, mato.

Nossa, era perigoso deixar as crianças irem...

Ela: Era, não tinha nem bicicleta, não tinha nada. E a gente não tinha como pará, o pai levá eles e i buscá também, i junto, não tinha como. Era serviço e mais serviço. Risos...

É uma história interessante!

Ela: É história interessante mesmo. Risos

Obrigada por contar esse início difícil de vocês.

Transcrições da cidade de Santa Carmem

5-IDENTIFICAÇÃO:

Sigla: SC5 F

Idade: 58 anos

Sexo: feminino

Estado civil: casada

Número de filhos: três filhos (nascidos em Santa Carmem)

Profissão: pecuarista

Escolaridade: terceira série do Ensino Fundamental

Naturalidade: nasceu em Brusque, no Estado de Santa Catarina

Descendência: alemã

Local em que residia antes da migração: Querência do Norte - Paraná

Em que ano e com que idade chegou a esta cidade: ago. de 1972, com 19 anos.

Data e duração da entrevista: 15 de nov. de 2010; 40min.

Dona Ana, quantos anos a senhora tem?

Ela: Hoje eu tenho 58, agora dia 30 de outubro.

Qual a escolaridade da senhora? A senhora estudou até que série?

Ela: Terceira série do primário. Sou burrinha.

Risos... Em que local a senhora residia antes de vir pra Santa Carmem?

Ela: Eu vim de Querência do Norte, Paraná. Eu tinha 19 anos quando eu vim de Querência do Norte.

Em que ano foi isso? A senhora lembra?

Ela: Em 72.

Mês?

Ela: Mês de agosto. Mês de agosto de 72 nós chegemo. Aí nós chegemo aqui numa caminhonete. Nós trouxemos a nossa mudança numa caminhonete. Eu e o meu marido, nós não tinha filho. Nossa lua de mel nós fizemo aqui.

Casaram e vieram direto pra cá?

Ela: Casamo no mês de abril e mês de agosto viemo pra cá.

E por que vocês decidiram vir pra cá?

Ela: Nós viemo pra cá porque meu sogro, ele queria compra terra pra cá e lá tinha bem pouca e a família ia aumentando, os filho ia casando, daí então ficou pouca lá pra eles. E daí ele falou assim *oh, vamos pro Mato Grosso compra umas terra lá*. Aí então a minha irmã, que tinha filho, ela não podia vim que ela tinha filho muito pequeno e nós, que era recém casado, nós tava em lua de mel, meu sogro falô *vamos pro Mato Grosso*. Aí nós entremo na caminhonete, na C 10, nós peguemo colchão, peguemos umas panela, peguemo um fogãozinho pequeno e viemo. Chegemo aqui em Santa Carmem, nós entremo por Vera.

Não conheciam aqui ainda?

Ela: Não. Meu sogro tinha vindo aqui só compra, né. E daí nós entremo por Vera e ali onde é hoje o Gaúcho do Mercado, nessa serraria ali, ali tinha uma fila de, de aquelas, assentamento de, o povo ia tudo em barraca de lona. Então era aquela fila de fora a fora, e nós lavava roupa, nós ia na Marilda lavá roupa.

Então quando vocês vieram já tinham outras pessoas por aqui.

Ela: Sim, as pessoas tavam tudo ali acampado, acampado pra i nas terra.

Quantas famílias mais ou menos?

Ela: Ah, tinha umas 40. Acampado ali, eles tava tudo acampado ali. Aí nós fiquemo treis mês ali embaixo daquelas barraca, aí depois então eles derrubaram um pedaço de mata ali embaixo, aí nós viemo pra nosso barraco. Aí fizemo casa de tabuinha rachada, coberto de lona, chão batido.

Essa foi a primeira casa da senhora?

Ela: A primeira casa, aha; a primeira casa. Aí, com um ano depois, meu sogro veio pra cá de mudança. Aí veio minha sogra, veio minha irmã, veio minhas cunhada.

E por que é que vocês ficaram tanto tempo lá na barraca?

Ela: Pra abri as terra ali, pra nós fazê a nossa casa, pra fazê o nosso barraco. Quando meu sogro veio, quando meu sogro veio não tinha estrada. Eles deixaram a mudança aqui em cima, onde que é a BUNG, você sabe onde que é a BUNG? Ali, ali no asfalto e desceram de a pé, desceram de a pé. Depois é que eles resolveram como é que eles iam levá a mudança, porque o caminhão não descia. Era só picadão. E daí eles chegaram e fizeram barraca também, entraram na barraca e ficaram um ano.

Um ano?

Ela: Na barraca. Aí meu sogro trouxe uma pica pau, uma serraria. Ela ficou lá em cima, no Baiano. Ela ficou lá porque pra podê descê pra cá o caminhão não trazia. E lá, com o tempo, eles arrumaram um jeito de trazê a pica pau pra podê serrá madeira pra podê fazê nossas casas.

Foi difícil no início então.

Ela: Sim. Santa Carmem não tinha um pau derrubado quando nós entramos aqui.

Só o clarão da cidade então?

Ela: Tinha só aquelas casinha, aquelas barraca armada pro povo ficá debaixo, pro povo começá derrubá suas terra ali.

E qual foi a sensação da senhora quando a senhora chegou aqui?

Ela: Oh, eu não pensava em doença, eu não pensava em doença, eu não pensava em onça comê, que eles falavam que no mato tem onça, né, eu não pensava em onça, que o meu marido e o compadre Cido, eles iam trabalhá longe, eles iam derrubá mato um pro outro, que nós viemo aqui, nós viemo aqui pra abri, né, mas daí, quando eles abriram um pedaço ali, eles ficavam sem serviço, aí eles iam derrubá mato pros outros e aí eles pegavam, iam na segunda-feira e voltavam só no outro fim de semana, e nós ficava aqui, eu e a mulher do seu Cido.

Sozinhas?

Ela: Sozinhas, eu e ela. Ela tinha 4 filho, eu não tinha ninguém.

E comida?

Ela: Comida? Nós ia buscá. Eu fui na Vera umas quantas vez de a pé. Daqui até lá dá 28, dá 30 km.

Sozinha?

Ela: Não, ia eu e mais alguém ali de baixo; nós ia pra Vera.

No meio do mato?

Ela: Ah, nós ia no meio do mato. Quando o calçado fazia bolha, tirava, colocava no cesto e ia embora.

Iam descalços?

Ela: Nós ia. Várias vez nós fizemo isso pra buscá comida. Muitas vez a gente ficava doente, né, daí a gente pegava e ia, porque não tinha condições. Quando tinha a turma da companhia que tinha a... seu Enio Pipino sempre tinha os caminhão que ia, a Kombi que ia, aí a gente ia, senão ia de a pé. A gente não tinha condução pra i, nenhuma bicicleta a gente não tinha.

Iam doentes mesmo?

Ela: Ia, se morresse na estrada ficava lá. Era assim. Aí, depois de um ano que meu sogro veio pra cá, aí não... daí já trouxeram caminhoneta, comram caminhão pra trabalhá na pica pau, aí já melhorô a situação. Mais era difícil.

Além de barracas e casinhas o que mais já havia em Santa Carmem nessa época?

Ela: Na Vera já tinha mercadinho, já tinha posto de saúde, já tinha farmácia, mas em Santa Carmem não tinha nada.

E quando Santa Carmem começou a se desenvolver?

Ela: Em 74, 75, aí começaram a derrubá os pau pra podê fazê a cidade. Pois é. E quando eu engravidei, a gente não pensa nas coisas, se fosse hoje eu pensava diferente, eu não ia arrumá filho assim tão fácil. Em 72 eu entrei aqui e em 73 o menino nasceu. Aquela época não tinha, não tinha luz elétrica, não tinha televisão, não tinha um rádio pra gente escutá, pensá em escutá alguma coisa diferente, né. Sabe aonde meu filho foi nascê? Dentro de uma farmácia em Sinop, não tinha um hospital.

E a senhora foi como até lá?

Ela: Não, pra ir pra lá meu sogro já tinha chegado, aí me levou de caminhoneta, mas só que não tinha hospital em Sinop, tinha mal apenas uma farmácia e meu filho nasceu dentro de uma farmácia.

Com um farmacêutico?

Ela: Uma parteira, foi com uma parteira.

Nossa! E se tivesse dado complicação?

Ela: Se tivesse dado complicação tinha morrido. Mas diz que vazo ruim não quebra. Risos... E tô viva até hoje. Na época mesmo da chuva, a BR, que vinha de Cuiabá, ela estragô muito, então não tinha asfalto que nem hoje, aí era só estrada, né. Quando a estrada estragava não tinha como caminhão vir pra trazê mercadoria em Sinop ou na Vera, aí eles traziam de avião; de Búfalo eles traziam. Muita gente que passou fome talvez não, mas passou bem apurado. Era bastante e a gente, né, lutou. Luta até hoje, que a gente queria i pra frente. Aí meu sogro também veio pra cá e assim nós tomo até hoje aqui.

E como é que vocês se comunicavam com eles antes de eles virem?

Ela: Não, ninguém se comunicava não. Se tá bem aqui, se tá bem lá, aqui ninguém se comunicava não.

Mas e como é que vocês souberam que eles vinham pra cá?

Ela: Não, porque eles tinham falado que eles iam vim. Quando eles foram embora eles falaram *daqui um ano nós volta*.

E vocês não conversaram mais com eles nesse período?

Ela: Não. Só um dia o meu marido foi pra lá, daí eu fiquei sozinha e ele foi, viajou pra lá. Daí ele foi pra lá pra vê se eles iam vim ou não. Aí ele chegou com uma barbona desse tamanho assim (gesto). Aí, quando ele chegou, falaram *ué, o que é que aconteceu? Lá não tem tesoura, gilete de tirá a barba?* Ele falou *não, é porque isso daqui é bicho do mato mesmo. Pra quem já tá um ano no mato vai ficá assim*. Risos... Verdade, a barba era desse tamanho (gesto). Aí, lá de um tempo, eles vieram pra cá.

As primeiras pessoas que vieram tiveram que ‘abrir’ o terreno primeiro para só então construir as casas?

Ela: É, e nem tinha muita violência por aqui, nunca vi violência. Hoje é bem diferente, hoje em dia tem mais violência, o povo tá roubando aí. Antigamente não tinha isso.

E vocês vieram pra cá pra fazer o quê?

Ela: Nós viemo pra Santa Carmem pra mexê com madeira. Nós tinha intenção de mexê com madeira; eles tinham pica pau. Na época era tudo frio quando nós entramo. Entrava nos mato e tirava madeira. Não tinha o IBAMA, essas coisa como hoje. Aquele tempo tirava mato, ia ali, tiravam as tora, levava pra serraria, serrava, vendia madeira pra quem queria fazê casa, beleza, não tinha nada. É isso, e queimava. Não tinha essas coisa, aí hoje não, você não pode mais mexê com madeira. Hoje, se não legaliza você vai pra cadeia.

Hoje vocês ainda trabalham com madeira?

Ela: Não, hoje nós só trabalhemo com gado. Até meu marido tá querendo ir embora daqui, que ele não gosta de lavoura. Faz 39 ano que nós mora aqui, agora tá com ideia de ir lá pro Pará.

Pra continuar trabalhando com madeira?

Ela: Não, só com gado, ele não gosta de trabalhá com lavoura. Ele qué mexê com gado lá.

E como é que veio a ideia de vir para o Mato Grosso, vocês viram propagandas, o que levou vocês a quererem vir pra cá?

Ela: Eles vieram mais pra cá porque meu sogro queria compra um pedaço de terra pros filho. Porque lá era pouco, era só onze alqueire lá e tinha nove filhos. Daí veio ele, o compadre dele, veio outro primo dele lá do Paraná.

Vieram pela Colonizadora?

Ela: Pela colonizadora, daí eles vieram pra cá, eles olharam as terra pra cá, daí gostô. Aí outros parentes vinham pra cá, até na Vera. Aí um parente falou assim *ah, eu não vou ficar aqui, a terra tá tremendo*. Diz que a terra tremia, assim, voltô pra traiz. Era puro medo, medo do mato. Risos...

Vai ver que era ele que tremia. Risos...

Ela: Era ele, ele dizia que aqui ele não ia ficá que a terra tremia. Aí pegô, voltô pra traiz. Nunca mais veio pra cá. Ficô com medo do mato e nós tamo aqui até hoje. E tinha muita propaganda do Mato Grosso. Tinha muita propaganda daqui.

Vocês viram as propagandas na TV, rádio?

Nóis não tinha televisão. Não tinha televisão. Eu fui ter luz elétrica aqui no Mato Grosso, lá não tinha luz elétrica.

Lá vocês moravam no sítio também?

Ela: É, minha sogra sempre morô no sítio, eles nunca tiveram luz elétrica. Nós tivemo luz elétrica aqui no Mato Grosso, lá nós nunca tivemo.

Então a senhora já era acostumada a viver sem energia elétrica?

Ela: É, nós já era acostumado. Fazia aquelas lamparinona, aqueles pavio, isso alumiaava de noite; ficava preto de sujeira.

E a senhora não sentia medo aqui no meio da mata quando mudou pra cá?

Ela: Não, a gente era acostumado, porque quando nós viemo ali embaixo, no Maroca ali, até meu cunhado mora lá ainda até hoje, aí nós, quando fomo morá lá, o dia que a vizinha minha tinha medo, um dia tinha uma cobra na casa dela lá, aí ela falô assim *oh, Ana, corre aqui, eu tenho medo de dormi de noite*. Aí eu abandonei meu barraco lá e fui dormi lá na casa dela. Nós era assim, que os homem não tava em casa.

Ficavam só as mulheres?

Ela: É, só tinha mulher em casa. Eu e ela e as treis criança dela. Era eu e ela só.

Os outros moradores moravam mais distantes?

Ela: Vizinho perto não moravam ninguém, não morava ninguém, morava lá pra aquele acampamento lá. E nós já fomo ali nas nossas terra já. Fiquemo nós duas ali e os homem foram trabalhá pra fora pra ganhá dinheiro.

Por que não havia outra forma de se manter?

Ela: Pra ganhá dinheiro, pra se mantê. Naquele tempo era tudo mato e ainda era na motoserra.

Vera, Sinop e Santa Carmem iniciaram a colonização quase juntas?

Ela: Santa Carmem é mais velha que Sinop.

Então abriram aqui primeiro, depois foram pra lá?

Ela: Só tinha marcado o lugar onde era pra sê Sinop, era um aguaceiro, um banhado. Olha, um dia meu marido foi pra Sinop de mula porque não tinha como ninguém i, né, porque ele pegô malária, aí foi pra Sinop de mula. Ele tava mal e foi de mula, né, com o animal. Aí chegô lá dentro de Sinop e se atolou com a mula dentro lá.

Atolou com a mula? Risos...

Ela: É, atolou de mula. Atolou, atolou, verdade. As minhas crianças, bem depois, aí minha sogra morava lá em Sinop, aí as crianças brincavam de fazê poçinha, aí cavava um tanto assim já minava água.

E daí como é que ele saiu? Teve que empurrar a mula?

Ela: Não sei, só sei que desceu da mula e foi lá na farmácia compra um remédio pra ele lá, que ele tava com malária, né, aí sei lá o que é que eles fizeram. Decerto foram lá tirá aquela mula de dentro, puxaram ela lá de dentro. Eu tenho uma amiga que também atolou em Sinop um dia, ela também se afundou lá dentro, ela já morreu. Os poço, o poço que meu sogro tinha lá, o poço minava água, pegava com caneca de tanta água que saía assim. Na época da chuva era seis mês de chuva. Meu Deus do Céu, era chuva mesmo. Quando nós morava lá embaixo, né, eu sei que passou 15 dias sem dá sol. Só chuva e daí, quando saiu o sol, até os cachorro latiram pro sol, que não conheciam mais nem direito o sol. Era só chuva na época. No mês de fevereiro, no segundo que nós tava aqui, um mês intero, chuva, chuva, chuva, dia e noite, dia e noite.

Chovia mais do que hoje então?

Ela: Vixi! Não aparecia o sol, tu não via o sol não. Trinta dia, trinta dia era chuva, dia e noite, dia e noite; não dava sol não.

E se fosse pra senhora fazer tudo de novo, toda essa aventura, a senhora faria tudo de novo?

Ela: Sei lá, hoje a gente tem mais idade, sei lá. Sei lá se daria coragem de fazê, hoje a gente tem que pensá mais na saúde da gente, a gente não é mais nova.

Quantos filhos a senhora têm?

Ela: Eu tenho três.

Todos nascidos aqui?

Ela: Todos nascidos aqui.

Onça a senhora chegou a ver?

Ela: Não. Já mataram algumas, já mataram onças. Uma vez nós fomo na Vera, nós fomo numa festa, eles fizeram, a colonizadora tinha feito uma festa, que veio lá do Paraná a turma pra servi o povo, né. Aí então, meu marido e o marido da minha vizinha ali, eles tinha ido. Aí a minha vizinha falô assim *vamo nós i pra Vera também? O que é que nós tamo fazendo aqui, nós com esses moleque aqui e os homens já foram, vamo i também*. Aí eu falei assim *mas tu tem coragem de levá esses moleque?* “Não, tu leva um pra mim, o outro eu levo, e a menina já é grandinha, ela se vira”.

E vocês foram a pé?

Ela: É, a pé nós tava.

Até Vera?

Ela: Não, até na BUNG, ali nós ia esperá o caminhão que vinha. Aí, quando nós chegemo ali, o caminhão não tinha passado ainda. O Marcos e o Rodrigo tinha vindo pra cima, que eles ia pra festa. Aí a dona Vera falou *vamo nós i também, que nós não têm o que fazê aqui em casa*. Aí peguemo e fomo. Aí chegemo lá na Vera, aí tava aquela baita festona que tinha lá, beleza. Aí, na hora de vim embora, depois, de tarde, aí começô chovê. Chuva e chuva e chuva, aí nós chegemo ali, peguemo carona pra vim embora porque eles não trouxeram. Aí nós vinha vindo da BUNG pra lá, aí foi indo um homem com as com nas costa e eu com a menina na mão e ela tava com as outras criança, aí, e chuva menina! Não se via nada e nós tudo no escuro. Aí um homem falava assim dona, segura o saco aí, cuida do saco pra não caí na lama. Aí eu pensei *eu tenho que cuidá a menina, cuidá a menina*. Nós atolava assim até o meio das perna de barro que tinha no meio da estrada. E nós fomo no escuro assim embora pra casa, mas que nós foi na festa, nós fomo. Risos... Outro dia a mulher falou *tu lembra daquela vez da festa lá da Vera?* Eu falei *claro que eu lembro*. “E tu lembra do homem do saco?” *Claro que eu lembro. Pra segurá o saco pra não caí na água e moiá as com*. Risos... Aí ela falou *se fosse hoje tu ainda ia?* “Claro que eu ia na festa, quem não gosta de i numa festa”.

E os maridos não ficaram bravos?

Ela: Não. Eles falaram *ué, não era pra vocês ficarem em casa?* “Pra que ficá em casa, nós pegamo e vazamo embora”. Mas eu não tinha filho nenhum, mas ela tinha.

E no início, as pessoas se ajudavam bastante?

Ela: Sim, a gente se ajudava um ao outro. A gente também plantava coisa sempre. Logo no começo começava criá galinha, galinha já era uma coisa boa, né.

Vocês trouxeram do Paraná?

Ela: Não, nós já compremo aqui. É que sempre alguém trazia, né, nós não trouxemo. Meu marido trouxe pomba, olha a ideia.

Pomba?

Ela: Trazê pomba, aquelas pra trazê pra cá e soltá no mato, não as pomba de casa. Mas daí soltou no mato. Soltô e elas foram embora.

E trouxe por quê?

Ela: Trouxe pra trazê. Ele achava bom aquilo lá pra comê, aí trouxe de lá. Aí soltô e foram pro mato.

Nem comeram então?

Ela: Comê o que se foram embora. Risos... Tinha muito bicho do mato pra comê.

E carne tinha?

Ela: Carne, carne não. Nós ia caçá no mato. Porque esse meu vizinho mesmo, esse Marcos que eu falo, ele passava à noite no mato. Eu sei que a família deles caçava veado e cozinhava veado no feijão.

Porque não tinha outra carne.

Ela: É, não tinha outra carne. Então eles chegaram a comê coruja, a comê coruja. Sabe o que é coruja do mato? Aquelas coruja? Mataram aquele ali pra i comê porque não tinha outra coisa. Nós quando comva carne nós comva lá na Vera, porque tinha um açougueiro que matava lá na Vera; aí pegamo carne lá.

A com de carne era racionada nessa época?

Ela: Era racionado. Nós pegava carne assim ou senão caça no mato ou senão nós ia caçá viado, aí fazia carne.

E a colonizadora dava assistência pra vocês nesse início?

Ela: Ela dava, porque até de avião pra Cuiabá eu fui, sem pagá nada.

Ah, com problema de saúde?

Ela: Com problema de saúde. Aí eu fiquei lá na Santa Casa, não paguei nada; era tudo por conta deles. A gente não pode reclamá disso. Eles sempre ajudavam a gente nessas parte, né. É, o seu Enio e o Uly eles sempre iam atraiz quando alguém precisava disso.

E quantos dias vocês demoraram pra chegar do Paraná até aqui?

Ela: Quando nós viemo de camionete nós levamo 4 dia com a mudança, mudança assim nós trouxemos só colchão, umas panela, o fogão e as pomba... Risos... Nós viemo em 5, não é

camionete dupla, é essas camionete simples. Veio 3 na camionete dentro e eu e meu marido viemo em cima, junto com a mudança. Nós tinha capotinha, tinha capotinha em cima e ali dentro foi fogão, foi colchão, foi traia, foi coisarada ali dentro. E eu e meu marido atraiz, um com as perna pra lá e outro com as perna pra cá. Ah, mas de noite nós chega lá, né...oh! Risos....

Não sabia que ia demorar tanto?

Ela: Você acha, acha, dormi como? Não tinha como! Ah! Dormi como? Mas pra quem tava em lua de mel não precisava dormi. Risos...

Passaram os 4 dias acordados?

Ela: Não, nós dormimo assim, nós viajava, né, quando era de noite nós parava pra dormi nos hotel.

Ah, ta!

Ela: Pra dormi não tem como. E quando nós viajava era um sentado com as perna pra lá e outro assim virado com as perna pra cá, atraiz na camionete. Não tinha como sentá na frente, isso aí que nós fizemo.

Então foi uma aventura a viagem!

Ela: Começou a aventura lá.

E a senhora nunca ficou com vontade de voltar ao Paraná?

Ela: Não, daí nós fomo passia pra lá.

Mas voltar para morar?

Ela: Pra morá não. Até agora, fim do ano, meu marido quer i passeá pra lá e eu não quero i.

Mas a sua família ainda mora lá?

Ela: A família mora lá, a família mora lá, meus tio mora tudo lá. O padrinho dele, a irmã dele, mora tudo lá. Sei lá, a gente gosta mais daqui. E meus filho moram tudo aqui, minha irmã mora aqui, tenho uma que mora no Paraguai também. Meu filho foi o primeiro que nasceu dentro de Sinop.

Seria o primeiro nascimento de Santa Carmem só que ele nasceu em Sinop?

Ela: Aha.

Ele foi registrado lá?

Ela: Só que o registro dele foi feito, naquele tempo foi feito o registro dele lá em Cuiabá.

Mas ele foi registrado como nascido em que local?

Ela: Sabe que eu não lembro agora como é que ficou o registro dele. O registro dele foi feito de caneta, de caneta foi feito o registro dele, preenchia de caneta. Agora não lembro mais como é que foi feito o registro dele! Meu marido foi fazê em Cuiabá porque ele ia fazê uma viagem pra lá, ele ia compra remédio pra gado, essas coisa, daí já fez o registro lá.

E os outros que nasceram depois?

Ela: Um nasceu na farmácia, outro nasceu em casa, não fez hora saí.

Não fez hora saí?

Ela: É, ele não esperô levá pra fora, nasceu em casa daí. Minha sogra era a parteira. Meu marido cortou o umbigo. O Lucas não, o Lucas foi no hospital daí, em Sinop.

Aqui nunca chegou a ter médico, hospital?

Ela: Não, aqui em Santa Carmem não.

E Igreja já tinha quando vocês chegaram?

Ela: Os padre, logo quando nós morava aqui, tinha bastante gente que tinha moradia aqui, os padre vinha rezá as missa nas casa. O padre Antônio que vinha, vinha o padre Antônio, ele vinha. Até aqui onde era o Zé Canuto, aquele Zé Canuto ali que tem uma área pequena ali. Eu vim na missa ali. Ali em cima onde era o Canone também tinha bastante gente que morava ali, veio tudo pra plantá café, depois faliram tudo e não teve boca não. Aí eles foram tudo embora. Aí eles vinham rezá missa nas casa.

E quando é que construíram Igreja, a senhora lembra?

Ela: Em setenta e... eu acho que foi no início de 75 que foi feito aquela Igreja aqui na Carmem, aquela lá. É no início de 75. Até eu tenho uma foto do meu menino que foi em frente a Igreja lá.

Qual a descendência da senhora?

Ela: Catarinense, Catarinense.

Veio de Santa Catarina, mas seus pais, eles eram descendentes de alemães, italianos...

Ela: De alemães.

Então a senhora morava em Santa Catarina e depois mudou para o Paraná?

Ela: Morava em Brusque, aí depois viemos morá pra Querência do Norte.

Você conheceu o seu marido lá em Querência do Norte?

Ela: Em Querência do Norte.

Seus pais continuam morando lá ainda?

Ela: Meu pai tá morando lá no Paraguai, lá no cemitério, minha mãe também. São falecidos já. Só que meu pai veio pra cá. Ficou morando aqui com nós sete anos.

E depois ele retornou para lá?

Ela: Ele foi embora pra lá que uma vez um raio, ele tava sentado embaixo do pé de manga ali (gesto), um corisco pegou ele e queimou ele todinho.

Um o quê?

Ela: Uma faísca de raio. Queimou ele todinho, pegou nele assim (gesto), queimou a roupa dele, relógio, queimou tudo. Ele tava fumando cachimbo e até hoje o cachimbo dele tá sumido. Risos... Ficou uns par de dia internado por causa disso. Queimou toda a boca dele, a roupa dele pegou fogo. Ele ficou muito mal depois disso, aí ele quis ir embora e foi embora pro Paraguai. Meu pai já não se encontra, é falecido.

Enfrentaram muitas dificuldades então?

Ela: Dificuldades enfrentemos bastante. Tem dia que eu me orgulho por ter vencido o que eu enfrentei. Tem gente que vem hoje aqui e fala *nossa, mas é difícil. Eu não vou morar aqui não porque aqui é muito difícil*. E nós quando entremo aqui? E nós quando entremo aqui? Quando nós viemo morá no sítio nós torrava e moía o arroz pra fazê café.

Café de arroz?

Ela: Com o arroz queimado fazia o café. Não tinha café, ia fazer o quê? Nós pilava o arroz no pilão. Pra ter arroz pra comê de meio-dia nós pilava no pilão. É aquele que vai batendo, vai batendo e vai batendo, aquele arroz não limpa e vai quebrando, vai batendo e batendo...É, minha filha! Minha mãe fazia café de milho. Ela torrava o milho na panela, torrava bem devagar e depois é que ela fazia, até minha irmã se queimou um dia. Minha mãe mandou ela mexê o açúcar, pra queimá o açúcar pra joga em cima daquele café lá pra ficá, pra ficá cor de café, né, daí minha irmã foi lá e mexeu, queria brincá, né, ela foi lá e mexeu aquele açúcar derretido, imagina, mexeu aquele açúcar assim e veio em cima do braço e ela correu na água e meteu o braço dentro dessa água. Ficou um manchão no braço dela; até hoje ela não tem cabelo no braço.

Farinha de trigo não tinha?

Ela: Farinha de trigo não existia não. Nós fazia aquelas polentona, de manhã cedo sentava todo mundo em volta e comia polenta. O milho era fácil de quebrá. Era só polenta. Daí pra fazê o pão, eu me lembro disso ainda, que ralava o cará e batata doce e amassava com fubá.

Cará é o quê?

Ela: É uma fruta que dá embaixo do chão.

Quase como a mandioca?

Ela: É, quase como mandioca. Aquele pão em dois dia ficava azedo.

Havia geladeira já? Como se conservavam os alimentos naquela época?

Ela: Não tinha. Quando estragava jogava fora; não tinha como conservá.

E leite tinha? Como é que a senhora fazia com o leite das crianças?

Ela: Graças a Deus de leite eu nunca passei necessidade; tinha vaquinha. Quando minhas criança nasceu, já meu sogro tava aqui, a primeira coisa que fizeram foi compra vaca de leite, porque daí meu marido gosta de mexê com gado, né, e agora ele quer ir lá pra cima mexê com gado! Ele não qué mexê com outra coisa, ele quer ir lá pra cima mexê com gado. Ele diz que lá é lugar pra mexê com gado, né. Então daí eles pegaram e comram umas vaca de leite. Eu nunca passei necessidade com criança não por causa de leite. Nós sempre moremo no sítio, quem mora no sítio sempre tem sua galinha, tem seu porco, tem sua vaca de leite.

E vocês plantavam alimentos também.

Ela: Plantava alguma coisa, é. Eu tenho minha mandioca, eu plantei ali (gesto), só tem que carpi agora. Risos... Eu que cuido!

Dona Ana, muito, muito obrigada por sua atenção! Foi um zer conhecer parte de sua história!

Ela: O zer foi meu.

6-IDENTIFICAÇÃO:

Sigla: SC6 F

Idade: 68 anos

Sexo: feminino

Estado civil: viúva

Número de filhos: 6 homens e 6 mulheres (8 nascidos no Paraná e 4 nascidos em Santa Carmem)

Profissão: do lar

Escolaridade: 2ª série do Ensino Fundamental (EJA)

Naturalidade: nasceu em Aracaju no Estado de Sergipe

Descendência: não soube responder

Local em que residia antes da migração: Pérola - Paraná

Em que ano e com que idade chegou a esta cidade: 10 de jul. de 1972, com 29 anos.

Data e duração da entrevista: 10 de jan. de 2011; 42 min.

Em que ano a senhora veio pra Santa Carmem?

Ela: Em 72.

A senhora lembra o mês?

Ela: Foi em julho, 10 de julho de 72.

E por que a senhora revolveu vir pra Santa Carmem?

Ela: Por causa que nós queria pegá e ter mais, como dizem, mais lugar pros filho trabalhá, porque era bastante filho, pra que quando eles crescê eles ter onde trabalhá. Porque lá no Paraná nós só tinha 2 alqueire de terra e aqui nós compremo 30.

Em que lugar do Paraná?

Ela: Pérola. Nós viveu uns 15 anos lá.

Quantos filhos a senhora têm?

Ela: Eu tenho 12 filhos, mas a Cacá faleceu, eu tenho só 11, né.

Doze filhos, Dona Edilene!?

Ela: Doze filhos, seis homem e seis mulher.

Todos nasceram lá ou alguns nasceram aqui?

Ela: Uma parte nasceu lá e treis nasceu aqui; treis não, quatro que nasceu aqui.

E como é que vocês ficaram sabendo de Santa Carmem?

Ela: É por causa que tinha o, os corretor, e o falecido aí se interessou, né.

Ele veio ver as terras primeiro?

Ela: Sim, veio vê a terra e voltou e eu fiquei trabalhando a roça de amendoim mais as criança, aí, depois que colhemos o amendoim, nós viemos, veio mais duas famílias. Veio três famílias dentro de um caminhão; um 1113 veio cheinho. Trouxemos uma fábrica de farinha de mandioca.

Fábrica?

Ela: É, uma farinheira.

Vocês já a tinham no Paraná?

Ela: Nós já tinha lá e nós trouxe, daí nós peguemo e veio as duas família com nós, quase não trouxemo mudança, veio os filho e coisa pra comê. Deixamo as coisa porque mudança quase nós não tinha.

E a senhora queria vir; estava empolgada?

Ela: Queria! A menina tinha quatro mês de nascido, quase morreu no caminho, deu desentiria, por causa que não se alimentava direito. Aí ela começou a passar fome, daí nós comprô leite e pra ela deu desentiria; quase que morre. Teve que compra soro em Cuiabá pra dá pra ela.

Quantos dias vocês demoraram pra chegar?

Ela: Nove dia.

Nove dias! A estrada estava ruim?

Ela: Estrada de chão, tudo chão, não tinha asfalto de Cuiabá aqui. Pra descê aquela serra lá do São Vicente foi um sacrifício, pra subi essa serrinha aqui, que é o Gil, aquilo ali, Deus o livre, tinha que vir atrais calçando o caminhão de tão alto que é.

E a fábrica de farinha deu certo?

Ela: Não. Ficou parada porque tinha que derrubá o mato, fazê o rancho pra gente plantá, a terra era muito, como é que fala, muito acidez, não saía nada, paguei duas vez dois quilo de mandioca pra podê as criança comê, eles queria comê, de um gaúcho que morava lá na Santa Carmem. Comprei, paguei, meu esposo veio atrás e a mulher tornô a cobrá ele. Falou que não tinha pago, diz que não tinha pago, você viu?

E quando a senhora chegou em Santa Carmem, quantos moradores já tinham, a senhora lembra?

Ela: Tinha pouca, parece que só tinha dez; tinha dez, tudo debaixo das lona, debaixo do encerado.

E casas ainda não tinham?

Ela: Não. Ali se acampavam as família e os homens iam pro mato, derrubá o mato.

A senhora também ficou inicialmente debaixo de lona?

Ela: Eu fiquei debaixo da lona, do encerado, ficava debaixo da lona, cercava de vara e ficava com a mudança, com as crianças.

E quanto tempo a senhora ficou ali?

Ela: Nós fiquemo ali seis meis. Quando esquentava mesmo a gente saía, porque não aguentava o calor; era quente demais, baixinho, né.

E demorou pra construir a casa?

Ela: Tinha que derrubá o mato, daí teve que tirá a taubinha pra fazê os rancho pra gente mudá e daí que fomo cuidá em ntá.

Quando a senhora veio não tinha nenhuma casa ainda em Santa Carmem?

Ela: Não. Nada, nada. O mato lá do patrimônio de Santa Carmem, que ajudô a roçá foi o falecido meu esposo.

Então ele foi um desbravador de Santa Carmem?

Ela: Foi, foi.

Trabalhava para o seu Enio Pipino?

Ela: É, não sei, a pessoa que tinha pegado que tomava conta lá da cidade pra abri, então ele buscava gente e ele foi que ajudô, mais os dois menino mais véio meu.

Ajudaram a desmatar?

Ela: Sim. Nessa época faleceu uma filha minha com meningite e o esposo ficô com malária, só que ele não faleceu, ainda ele viveu 12 ano.

Depois da malária?

Ela: É. Porque não tinha recurso naquele tempo, não tinha, ele foi pra Cuiabá, primeiro pra Vera, da Vera a irmã mandô vir um avião, o avião levou ele e ela. A menina 11 hora da noite faleceu e ele ficô, 5 dia ele veio embora.

Qual foi o problema de saúde de sua filha?

Ela: Meningite e malária junto. Foi menos de 5 dias, daí pegô e matô já.

Seu marido e sua filha contraíram malária juntos então?

Ela: É. Ele pegou a malária, mas ainda recuperou ainda, ele sarou. Ele viveu ainda uns 12 ano. Depois que deu derrame, daí morreu, mas não foi da malária, foi do derrame, né. A malária foi no sítio, no sítio.

Nessa época a senhora chegou a passar dificuldades?

Ela: Passei, vixi nossa. Não dá nem pra contá. Pra i na Vera pra fazê com, que tinha um armazém lá, tinha que saí de Santa Carmem, ficá na Carmem, esperá uma caçamba ou jipe que passasse aqui de Sinop pra lá, pra i lá no mercado, no armazém, naquele tempo não mercado, i no armazém fazê a com e voltá, esperá outra carona e chegá em Carmem em treis dia.

Nossa!

Ela: Treis dia. O que é que ficava comendo mais as criança? Parmito, às vez quando tinha fubá ou farinha de mandioca.

A senhora ficava em casa com as crianças?

Ela: Sim, ficava em casa esperando ele trazê a com.

Em Santa Carmem ainda não tinha armazém em 72?

Ela: Não, não tinha não. Aí, depois mudou um senhor lá chamado Angelim, ele ponhou assim um refeitório, dormitório, sabe, acho que ele era melhorzinho de situação.

Em que ano isso?

Ela: Isso acho que foi em 74. Aí é que ele dava pouso, pousá lá, dava refeição, dava um cafezinho, sempre ajudava, era muito bom ele. Depois ele foi embora, tinha dois filho. Mas ficava ali dois, treis dia esperando um carro. E pra levá aqueles saco de mercadoria pra casa? Ia eu, as criança e ele, cada um levava um pouco, andava 10 km.

E vocês tinham que andar a pé no meio do mato?

Ela: É, no meio do mato. Você olhava assim, via só o trilho, não vê claro, tudo escuro.

Ainda nem tinha estrada?

Ela: Tinha uma estradinha, aberta mesmo, rapada de máquina, sabe, mas o mato de um lado e de outro.

E a senhora não tinha medo?

Ela: Tinha medo nada, escutava só aqueles biscatero *fio, fio, fio, fio*. Risos... e os macaco e a onça, de vez em quando a onça estorrava.

A senhora chegou a ver onça?

Ela: Eu vi; de longe eu vi. Só que eu escutava muito era o esturro dela. Teve uma vez que, foi mais de uns cinco ano, eu enchia assim a bacia de verdura pra ir vendê na Santa Carmem, nas serraria, quando era 5 horas escutava o esturro dela, *eu em, vou nada*, esperava o dia clareá. Risos... Eu ficava em casa e esperava o dia clareá; 6 hora, 6 e meia que eu ia com as criança. Mas foi divertido, foi bom. Foi sofrido, mas foi bom. Risos... Não tem luta que não tem vitória, né?

Com certeza!

Ela: Foi muito sofrido, derramado muita lágrima foi. Pedi bastante, pedi muito a Deus. Mas tô aqui com vida, graças a Deus.

A senhora se arrependeu no início de ter vindo pra Santa Carmem?

Ela: Não, eu não me arrependi não.

Faria tudo novamente?

Ela: Eu queria ter um futuro, sabe. E os filho que Deus me deu é esse o futuro que eu tenho, foi os filho que Deus me deu. Depois que o pai morreu fiquei com sete, porque já tinha casado treis e a menina morreu, daí ficou os mais novo e Deus me deu força e eu criei eles.

Mesmo enfrentando dificuldades a senhora conseguiu criá-los.

Ela: Quando a menina morreu quem me socorreu foi uma vizinha. Ela que veio lá levá sopinha, levá bolachinha, levava leite. Tem dois aqui que quem me deu leite pra criá foi ela, nunca me cobrou. Por isso que eu digo, ela é uma pessoa muito maravilhosa; ela me ajudou muito, muito mesmo.

Foi ela também que ajudou a socorrer a filha e o esposo doentes?

Ela: É, ela e o esposo dela, eles tinham uma caminhoneta, então ele deu muito socorro pra gente. Levô eles na Vera, internô ela, primeiro chegô com o ônibus do governo, aquele ônibus do hospital, daí tinha uma irmã que falou pra mim *irmã, não vai dá na Carmem, leva o Jô e a menina, porque tem o médico do governo aí*. Ele tinha um Toyota, veio aí e foi lá buscá nós, levô ela lá e daí os médico fico brabo comigo porque que não tinha cuidado daquela menina. Eu fiquei brabo com ele. Falei *olha, se por meu gosto minha filha não tava desse jeito, porque se eu tivesse recurso tava cuidando, né*. Ai falou *nós vai levá pra Vera agora*. Aí tinha o Zagalo, que tomava conta, que era o tal do presidente, não sei se você ouviu falá, era o presidente de Santa Carmem, que cuidava lá.

Presidente?

Ela: Acho que era presidente, porque tomava conta de tudo, tudo ele que ... aí foi que ele pegô e foi levá nós na Vera; chegô na Vera e já internô ela.

Os primeiros médicos que os atenderam eram de Santa Carmem então?

Ela: Esses médico era... não sei daonde, era mandado do governo.

Para Santa Carmem?

Ela: Passô lá, passô também por Sinop. Todo lugar eles paravam um pouco. Muita malária, morreu muita gente de malária. Então não teve jeito, aí internô lá e a fleira chamô o avião e levô o pai e a filha pra Cuiabá.

Isso em que ano?

Ela: Foi em 76, 77, por aí. Aí a menina ficô, aí eles levaram a menina, enterraram. Era pra trazê, como que trazia a menina? Pra ir teve que i de avião, pra vim tinha que i de ônibus, passá oito dias na estrada. Não tinha condições.

E enterraram lá mesmo?

Ela: Enterrô lá mesmo, só deu atestado de óbito.

E a senhora nem foi?

Ela: Eu nem fui, nem vi, nem fui. Eu tinha ganhado o meu menino, o Ricardo, fazia quarenta dia de nascido. Nem sei quem foi que enterrô, só sei do hospital, o cemitério, cemitério Cristo Reis. Tá até selado, não enterra mais ninguém.

Mas a senhora nunca conseguiu encontrar o local onde ela foi enterrada?

Ela: Não, não.

Nossa, que história triste!

Ela: Foi sofrido, e ali a minha vida era chorá, chorá só, chorá, chorá... aí a dona Maria não saía de dentro de casa. A dona Maria pousava lá em casa. Ela cuidava do menino pra mim. Nossa, e foi muito, foi uns dois meis assim.

E logo após a construção da casa, como foi o início de vocês na lavoura?

Ela: Não tinha água no começo, conforme a gente plantemo bananeira, foi cavocando aí a água foi subindo. Era um lugar seco. Aquilo lá foi um mistério de Deus mesmo, outra água pra i atraís só se fosse no Rio Azul, e o Rio Azul era longe. Ia plantando a bananeira, a bananeira puxava.

Então a primeira produção de vocês foi bananeira?

Ela: Foi a bananeira. Plantemo depois arroz, arroz plantemo bastante, conlhemos mais ou menos uns 20 saco de arroz no ano. Comemo tudinho socado no pilão. Tudo, tudo socado, não tinha máquina. Como é que ia beneficiá, já pensô? E dava graças a Deus tê o pilão pra podê socá o arroz. E plantemo, é, plantemo muita coisa, fizemo pomar.

E vocês cultivavam e colhiam bem a plantação?

Ela: Colhemos bem, foi colhido bem, só o banco finançô, feiz casa, aí depois finançô terra pra mecanizá, ntá, aí quando nós ntemo foi aquele adubo, foi calcário, depois colheu arroz, ficô muito lindo, muito grande ,sabe. Tinha 7 alqueire de arroz, tudo financado, aí quando foi pra colhê o banco, acho que tinha uma ceifa ou era duas, chamava pra colhê *quando sai de fulano vai pra vocês, quando sai de não sei aonde vai pra vocês*, quando foi o arroiz caiu todo no chão e chovendo o mato tomou conta e perdeu todo o arroiz. Aí o falecido veio aqui no banco e pediu pro gerente *e agora, vocês não foram colhê o arroiz, e agora?* Aí ele falou *não sei de nada, se dane, eu quero é recebê*.

Olha só!

Ela: Daí deu enfarte, deu enfarte e daí acabou a vida dele. Tinha costume de não devê pra ninguém, né. Aí acabou a saúde dele, dali o tempo em diante ele viveu foi cinco ou seis ano, aí ele faleceu.

E aí vocês ficaram com dívida então?

Ela: Ficamos endividado. E aí antes dele falecê ele não tava muito certo, aí como os filho queria que ele vendesse apareceu, era dono dessa casa aqui, o Isídio, ele era dono dessa casa aqui. Ele era solteiro ainda, ia casá. Faiz vinte ano, ele, acho, já tem até filha casada. Então ele, o negócio com ele, mas como o bicho dava nó até na goteira...

Como é que é?

Ela: Dá nó até na goteira, o danado. O bicho era muito sabido demais, então dá nó até na goteira. Então, e daí, o falecido feiz o negócio achando que ele era um homem sincero e é muito covarde. Safado, safado. Se ele chegá pedi pra mim qualquer coisa eu passo na cara dele tudo certinho, porque ele, ele roubou, sabe, ele roubou.

Nossa, então vocês tiveram muito azar com alguns negócios.

Ela: Espia só, espia só, aí ele pegô, ele responsabilizou pela dívida do banco, a dívida do banco, quanto que é, acho que era 5 mil cruzeiro, entendeu? O sítio foi vendido por... essa casa custou 4 mil cruzeiros e 500, quatro mil e quinhentos, entendeu? A dívida do sítio era oito, não era cinco, era oito e não sei o quê, uns quebrado. Então ele pagou a dívida do banco, nós ficô com a

casa em valor de quatro e meio, tinha o telefone aqui, o residencial entrô no meio, que eu tenho um contrato.

Naquela época tinha que comr os telefones residenciais, né.

Ela: É, aí ele foi, diz que acertô no banco, aí nós mudemo do sítio pra cá, pra tratá do, do, sabe, do meu marido, pra tratá dele. Quando ele tá internado, a pessoa que morô aqui, que pagava aluguel, falô pra mim *a senhora já foi vê que jeito tá aquele lote lá que o Isídio vendeu pra senhora?* Eu falei *não*. Isso aí tudo ele chegava com o contrato feito e nós assinava, sabe. Você espia, a pessoa que é sincera com quem é nó cego. Aí pegô e fez o negócio com ele, o finado acreditô nele, aí que quando eu fui vê, que eu tomei o conselho desse pessoa e fui vê, nunca tinha pago nenhuma prestação do lote. Quem comprô esse lote tinha dado 25 cruzeiro, tava na mão de dois homem com ele, nenhum tinha pago um centavo, nem ele, nem o outro.

E a dívida do banco ele pagou?

Ela: Essa dívida ele pagô, porque não precuraram, não vieram atraz, decerto ele pagô. E daí ficô 500 conto, 500 cruzeiro, que naquele tempo era muito dinheiro, dava pra mim compra quase uma casa ou uma casa pequena, um lote, sabe. E, oh, batuquei pra recebê, batuquei, batuquei e nunca recebi 500 cruzeiro. E pra ele acertá na colonizadora, eu deixei o marido que morreu umas par de vez com as criança pra eu i atraz dele, até em Colíder, pra ele i pagá a colonizadora e ele não pagô. Você sabe como é que eu fiquei em paz dentro desse telhado, dessa casa que eu criei meus filhos? Porque o Enio Pipino liberô pra mim, passô pro meu nome. Perdi o sítio, o sítio foi de embrulho.

Então seu Enio soube da safadeza de seu Isídio.

Ela: Ele fez safadeza mesmo, ele foi safado, ele foi muito sem vergonha. Bicho sem vergonha. Ele tampa o sol com a peneira pra podê vivê, mas não que ele é uma pessoa limpa. Pessoa suja pra mim cabô, cabô, e eu falo na cara dele, não tenho um pingô de medo, porque o que eu passei, porque eu sofri; eu derramei muita lágrima, menina. Já pensô deixá o marido morrê em cima da cama na mão de criança, uma pessoa que pra comê tinha que dá na mão dele tudinho, levá no banheiro pra dá um banho, tinha que ponhá pra deitá, tudo. Outra vez ele caiu aqui fora, pra baixo aqui, desmaiou pra fora. As criança tinha que chamá gente na rua pra podê ponhá ele pra dentro. Você acha que ele não fez injustiça? Claro que ele fez.

Qual a escolaridade da senhora?

Ela: Não, nunca estudei. Agora estudei dois ano, alfabetização.

Quando criança a senhora nunca estudou?

Ela: Nunca, nunca. Fui em escola não, mas não porque eu ... mas como se diz, o meu passado não é fácil.

Sobre aquele início de moradia em Santa Carmem, há ainda outras histórias que a senhora lembra?

Ela: O que eu lembro é que a gente trabalhava muito e as coisa da roça vendia tudo na cabeça.

Na cabeça?

Ela: Na cabeça. Plantei verdura. A gente tinha uma represa, tinha uma represa, a gente plantava verdura.

Vocês vendiam peixes também?

Ela: Peixe não, os peixinho era pequenininho, pegava só pra come só. Colhia e vendia pra fora. Abóbora, vendia maxixe, vendia pimentão. O que eu aguentava carregá eu levava; até mandioca levei pra vendê, ovo, frango. De domingo ia pra Igreja e voltava de tardezinha de volta pra casa. Ia na Cobal, comva as coisa, ponhava dentro da bacia, ponhava na cabeça e vinha embora.

Vocês chegaram a passar fome?

Ela: Não. Necessidade eu passei por não ter as coisa assim com fartura, mas uma coisinha ou outra pra comê tinha. Se eu tive um milho, se eu tive uma mandioca não passo fome.

E a senhora também plantava as verduras.

Ela: É, plantava verdura, pegava peixe. É muita luta, minha filha, muita fadiga eu passei. O terreno era assim, começava, descia da cabeceira pro meio assim, daí fazia uma barroca. A barroca é um, tipo assim, que nem o valetão ali (gesto), um esgoto; era que nem um esgoto. Às vez era seco, aí nós cavocava pra dá água. Falava barroca, era modo de eles falá. Cada um tem um jeito, barroca.

Essa é uma palavra usada no nordeste?

Ela: É. E nas árvore caída, nas peroba, aí os meus menino abriu coxo pra fazê uma bacia pra lavá roupa. Abriu um coxo, ponhava água do lado, eles carregava água com baldinho pra por no coxo e eu lavá roupa. Fui no rio Azul lavá roupa um dia de sábado, aí a securi pulou dentro e saí na hora, eu falei *não vou ficá aqui nada*.

E não foi mais lá?

Ela: Que nada!

Tinha muita cobra naquela época?

Ela: Tinha muita cobra sim. Risos...

Mas nunca chegaram a picar os meninos?

Ela: Não, graças a Deus, Deus guardô eles. Acordei de noite com cobra passando em cima da cama, cruzando de um lado pro outro. Risos...

E aí?

Ela: O falecido, ele acordô e falô *acende a lamparina*. Aí quando ele falô *acende a lamparina* eu já senti uma coisa ruim, porque quando ela passô por cima dele, ele passô a mão e sentiu, né. Aí quando eu acendi a lamparina eu já tava lá no chão, eu já tava de pé, né. A bicha tava fazendo assim oh (gesto) do outro lado querendo descê da cama. Era uma cobra de fogo, aquela cobra vermelho com preto, sabe, bicha braba, acho que era urutu. Ichi, meu Deus do Céu, mas Deus guardô a gente, nada aconteceu. Aconteceu sim, foi a tal da doença, né.

A que levou a menina da senhora.

Ela: A menina perdeu.

Mas talvez a senhora consiga ainda encontrá-la, talvez trazê-la pra cá.

Ela: O importante é que ela tá guardada. Eu chorei muito, foi muito difícil deixá a moça lá, porque eu achava que se morresse um filho meu, o marido meu, fosse o fim meu, e também é. Você vê como é que é?

Mas os outros filhos da senhora hoje estão todos bem?

Ela: Tão.

Eles frequentaram a escola?

Ela: A escola que eles estudô era cercada de ncha, que tinha uma madeireira na Carmem, do Gaúcho, e ele deu a ncha. Aí foi cercada de ncha, os banco era de ncha e a mesa, tudo era de ncha.

Essa foi a primeira escola de Santa Carmem?

Ela: A primeira escola, é.

Era no sítio?

Ela: Lá no sítio, no sítio. Era na esquina Nazareth com estrada Rubens.

E o/a professor/a?

Ela: A professora que primeiro deu aula lá foi a Aninha do Chicão, filha da Maria, depois a outra deu aula também, a outra parece que é a Inês, filha do Chicão.

As filhas do Chicão então já tinham mais escolaridade, já tinham estudado mais?

Ela: Sim, elas já tinham mais estudo. Então elas era mais estudada, elas dava aula, né. Teve uma japonesa depois, mas no começo mesmo foi a Ana do Chicão.

Está ok, agradeço muitíssimo a atenção da senhora e o tempo disponibilizado para contar parte de sua história.

Ela: Menina, eu que agradeço!

7- IDENTIFICAÇÃO:

Sigla: SC7 F

Idade: 79 anos

Sexo: feminino

Estado civil: viúva

Número de filhos: quatro filhos e sete filhas (todos nascidos no Paraná)

Profissão: pecuarista

Escolaridade: 3ª série do Ensino Fundamental

Naturalidade: nasceu no Estado de Santa Catarina

Descendência: alemã

Local em que residia antes da migração: Paranavaí- Paraná

Em que ano e com que idade chegou a esta cidade: em 1974, com 43 anos.

Data e duração da entrevista: 16 de nov. de 2010; 45min.

Em que ano a senhora veio para Santa Carmem?

Ela: Nós viemo no ano de 74.

Direto pra Santa Carmem?

Ela: Pra Santa Carmem. Nós viemo lá de Paranavaí do Paraná, nós viemo. Gastemos sete dias na viagem. Nós trouxemos ganso, marreco, pato, galinha, porco, só boi não. Boi nós ia compra, mas era lá, pra lá de Cuiabá.

E vocês vieram como para cá?

Ela: Nós viemo de caminhão.

Só a família de vocês?

Ela: É, só a minha família.

Em quantas pessoas?

Ela: Eu tinha onze filhos, onze filhos. Nós saímos de lá porque lá nós não conseguia mais compra terra, porque a terra tava numa altura que não dava pra nós compra. Daí nós tinha esses rapaiz, treis rapaiz grande já. E daí o meu marido disse assim *nóis temos que vê pra i para um lugar pra nós compra mais terra*, porque os filho queriam trabalhá também em lavoura. E daí ele veio primeiro.

E como é que vocês ficaram sabendo daqui, dessa região?

Ela: Por causa do Enio. O Enio Pipino morava em Maringá. E daí então ia lotações assim pra vê essa terra; chamava Gleba Celeste, né. Para Gleba Celeste pertencia Sinop, Vera, Camem e Cláudia. Daí o povo comprô essas terra. Quando meu marido veio a primeira vez aqui, então era a Vera que tava aberto e eles tavam abrindo Carmem e Sinop. O resto ainda era tudo mato, tudo mato, mato, mato. Mas nós viemo Carmem.

Seu marido veio por causa das propagandas da colonizadora?

Ela: É, o pessoal começô a vim vê as terras e tinha gente que não gostô, tinha gente que gostô. Eu sei que os meus cunhado falavam que nós ia fazê loucura; fizemo mesmo. Foi loucura. Gente do céu, o que nós sofremo aqui!

A senhora tinha filhos bem pequenos ainda quando chegou?

Ela: É, a mais pequena tinha um ano. Ela completô um ano quando nós chegemo aqui. Nós moremo, espera lá, vinte e dois ano na Graciosa, perto de Paranavaí. Até hoje é a mesma cidadinha, só que tá tudo asfaltado agora; agora tá bonito lá.

A senhora morava em outro estado antes do Paraná?

Ela: Em Santa Catarina.

A senhora casou em Santa Catarina ou no Paraná?

Ela: Em Santa Catarina, depois viemo pro Paraná. Nós tinha uma menina quando nós viemo pro Paraná. E daí então chegemo ali na, o meu velho veio pra Vera, né, aí chegô na Vera, aí levaram ele pra conhecê terra aqui na Carmem. E nós pensava que onde que o mato era mais alto a terra era mais forte, né; no sul era, né. Mas nós se enganemo com aquilo. A terra melhor pra plantio era onde que era mais fácil de fazê, né. Porque daí não precisava nem derrubá. Quem tinha maquinário estava bem naquele tempo, né, mas nós não tinha maquinário. Quando nós chegemo aqui e daí a malária. Nossa, que tanto de malária! Meus filho sofreram. Agora, eu e o meu marido e tinha alguns da família que não deu malária.

E vocês faziam o quê quando quando alguém contraía malária?

Ela: Tinha uma flera lá na Vera, a dona Délis, era o nome dela. Aquela cuidava dos malaiero. Porque aqui, ali de Sinop já existia, aqui pra cima, estavam abrindo, era Colíder e Nova Canaã também já tava aberto, tavam abrindo; eram tudo cidades novas. Daí despois abriu aqui pra cima também Guarantã.

Hospital ainda não tinha quando a senhora chegou?

Ela: Não tinha nenhum hospital, não tinha nada, era uma coisa difícil então, aquela irmã tinha um aviãozinho *tec, tec*, daqueles pequenininho, cabia três pessoa acho que ia dentro. Então levava daqui da Vera pra Cuiabá.

Essa irmã trabalhava pra colonizadora então?

Ela: É, essa irmã trabalhava pra colonizadora e tinha outra irmã, que também era da colonizadora, mas ela era professora. Mas daí nós já tava tempo, só que aquela irmã que eu digo que trabalhava pra malária era aquela lá. Daí ninguém tinha carro. Só nós tinha trazido uma camioneta e o Zagalo, que era, que era o administrador naquele tempo da Carmem, ele que administrava lá a Carmem.

Trabalhava pra colonizadora também?

Ela: É, trabalhava pra colonizadora. Ela era professora, daí já entrô aula lá também. Daí os meus filhos já estudaram lá.

Isso no mesmo ano que vocês vieram?

Ela: Não, eu acho que era dois ano despois que daí tinha a escola lá. Agora a Carmem, a Vera já era um pouco mais, já tinha desmatado mais, já tinha mais gente lá na Vera quando nós chegemo com a mudança. Mas aquilo foi dois ano antes de nós vim com a mudança, quando meu velho veio. Tô falando, né, já tinha aquela irmã na Vera. Ela já veio quando seu Enio foi abri tudo, né, a Gleba, né, daí então, aquela irmã já veio junto, ela ficô lá na Vera.

Quando vocês chegaram em Carmem já tinham muitos moradores?

Ela: Tinha poucos morador. Acho que podia ter uns dez moradores. O Silvino Previ, eles já tavam, aqueles já tavam, e nós, e tinha os Fortuna também, os Fortuna também tavam. Daí aqueles Leite Sampaio. Aí despois veio o Antoninho Machado, veio o Nori Mussonali, daí

depois veio entrando mais gente, né. Daí nós fundemo uma Igreja; não tinha nada. Eles rezavam dentro dum... quando veio a escolinha, né, daí rezava lá na escolinha.

E rezavam nas casas também?

Ela: É, em casa, sim. Nas casinhas que entravam lá faziam as orações. O povo rezava muito naquele tempo, Deus o livre. Só Deus mesmo pra protegê. Nossa, e daí depois foi a estrada pra Cuiabá, não dava mais pra passá, por causa dos atoladores, da chuva, e não passava mais nada. Daí traziam comida de avião em Sinop. Mas aí a Sinop já tava aberta, né. Porque quando nós chegemo aqui com a mudança tinha três casa na Sinop. Três casa de moradia só tinha lá. É, eu vim, né. Eu vim antes, meu véio não sossegou, eu tinha que vim pra conhecê. Aí veio uma lotação numa Kombi e eu tava com a menininha mamando, ela era nenenzinha, era um bebezinho. Aí vim junto com eles, mas, gente do céu! Mas sorte que a menina mamava, né, porque senão a coitadinha ia passá fome porque não tinha leite, não tinha nada.

E gado já havia?

Ela: Sim, aí depois que nós chegemo com a mudança, o meu marido foi e comprô uma vaca, mas daí já tinha vindo o gado pra Nobres, Nobres tinha gado. Carne se tu, se nós queria comê carne nós tinha que pegá lá em Nobres. Primeiro não, tinha a Cobal, vinha na Cobal, único recurso de comida era a Cobal na Vera. Depois entrô a Cobal na Sinop.

Ah, na Cobal tinha carne pra vender então?

Ela: Tinha carne seca, né, jabá, essas coisa tinha. Eu sei que depois vinha umas linguiça dura, mais nós gostava daquilo. Risos....

Mas vocês comiam carne de bicho também, peixe?

Ela: É, era só carne de bicho, peixe, bicho, mas tinha cada tatu que nossa!

Vocês caçavam?

Ela: Não, eu não, o Olmiro caçava, toda à noite ele saía e caçava. Caçava tatu, cotia, viado... É, era o único recurso, né. E o meu marido, se essa camionete pudesse contá, ela podia contá histórias, nossa! Nossa, levava cheio, cheio essa camioneta que não cabia mais nada, tudo de malária. Levava pra Vera, deixava lá e quando vinha o outro dia ele ia e levava os que tava pra trazê junto. Ele que transportava o povo e eu era enfermeira lá no sítios. Eu que aplicava as injeção.

Ah, a senhora ajudava a cuidar dos doentes!

Ela: Sim, e minha irmã era estudada mesma; a minha irmã era enfermeira mesmo. E daí ela me ensinô, ela era parteira também. Muitas vezes, naquele tempo, também eles faziam os parto em casa, então ela ia fazê os parto em casa, às vez aplicava umas injeção. Aí, se ela sai e não tinha quem aplicava, aí ela me ensinou. Daí eles vinham lá em casa, daí eu aplicava injeção. Aplicava subcutânea, aplicava muscular, também na veia, né. Eu era uma enfermeira pra eles e nunca aconteceu nada. Eu aplicava essas injeção e o povo reagia.

E chegou a morrer muita gente naquele tempo?

Ela: Morreu, morreu muita gente, nosso vizinho também morreu, quase ele se ia, se não fosse aplicá essas injeção ele mesmo tinha se ido. Ele já tava igual um defunto e eu aplicava na veia, aquelas injeção na veia. Ele foi levado pra Cuiabá, daí veio com um monte de injeção e eu ia lá, aplicava. Então era uma coisa. E os meus filho derrubaram mato e um pego malária. Já assim que nós percebia já levava pra Vera, aí vinha os remédio, né. Daí eles renovavam outra vez, né. Daí, depois um dia, um dia, o mais velho dos rapaiz, aquele agora tá falecido também, ele pegô, eles falavam um macaco, era uns galho seco que dava no meio das árvore e caiu um pra baixo e caiu na cabeça.

O quê?

Ela: Um galho de mato, quando ele tava derrubando mato, eles tinha uma motosserra.

Um galho era também chamado de macaco?

Ela: Macaco eles falavam pra aqueles galho seco que ficavam solto, né. Às vezes quebrava um galho e ficava solto, pendurado nos galho verde, né. E se eles não via e tava derrubando, daí vinha pra baixo, daí caiu um em cima da cabeça dele. Daí ele saiu de lá, chegô em casa e eu não sabia o quê fazê.

Ele passou mal?

Ela: É, ele tava sem sabê onde é que ele tava. E daí eu fiquei com medo que podia dá sangue no cérebro, né. Aí eu sei que antigamente, meus pais e tios que nós tinha, quando um se machucava nós amarrava salmora, se amarra salmora aí o sangue não coalha. Aí eu pensei assim *oh, vamo levá ele pra Vera*, mas eu falei *vamo primeiro fazê uma salmora e embrulhá um pano de salmora na cabeça*. Daí, quando nós tinha saído, uma hora mais ou menos de casa, aí ele acordô, ele ficô sabendo onde que... ele disse assim *não sei aonde que eu tô*. Eu disse *tomo te levando pra Vera, tu não alembra que tu ganhô um pau na cabeça?* Daí ele se acordô, né. Aí levemo ele lá na Vera, ele ficô acho que treis dia lá, né, e tava bom. E outro, ele quebrou o braço em sete pedaços.

Também derrubando árvore?

Ela: Foi com árvore, quando eles foram pegá, eles pegaram a terra do INCRA. O INCRA deu uns lotes pra eles. Aí depois veio o pessoal, né, daí o INCRA trocô com eles na Vila Guarita. Vila Guarita fica pra lá do Zé Reis. Se a gente passá por lá, pra lá do Zé Reis fica Vila Guarita.

E era uma terra que tinha só mato também?

Ela: Era puro mato. Eles lá entraram de sacolas nas costas pra abri isso lá e motosserra e foram abrindo. Quando eles já tinham aberto, eles já tinham plantado bananeira e coisa lá, né, e pé de fruta, e tinha um feijão plantado, arroz. Daí eles podiam colhê, mas eles não colheram, deixaram pra aquela gente.

Trocaram então?

Ela: É. Daí eles foram morá na décima agrovila; aquelas agrovila pertencia pra Terra Nova. Sabe onde fica Terra Nova, né? Daí tem a primeira agrovila, era Terra Nova, né, tem a segunda,

a terceira, a quarta, a quinta, a sexta, a sétima, a oitava, a nona e a décima. Eles foram morá na décima; bem no fundo da décima. Mas daí lá eles se animaram, né. A terra era boa lá, tudo que plantava saía. Daí eles fizeram pasto, criaram gado lá também, né. Já nós perdemos um sítio, um sítio, e vendemos não sei quantas cabeça de gado. Daí paguemos tudo que nós devia na Cooperativa.

E essa dívida vocês contraíram por quê?

Ela: Nós fizemos financiamentos, né, pra trabalhá com os tratores, pra mecanizá as terra e botá o que precisava nas terra, né.

Nessa época vocês plantavam o quê?

Ela: Arroiz, nós plantemos soja. Primeiro ano deu bom, deu pra pagá bem as dívida, tudo que nós tinha que devolvê o dinheiro que nós tinha tirado do banco. Mas daí o segundo ano já não deu, daí já ficou uma dívida pra traiz e já sabe, né, vai aumentando. No outro ano não deu nada, a lavoura não deu e assim indo, né. Aí depois aborecemos de fazê lavoura, fomos mexê com açougue. Daí os filho, algum já eram casado. Daí aqueles também já se mandaram embora, né, foram embora, né. Eles vieram morá pra Guarantã.

Os filhos da senhora abriram/desmataram muitas áreas por aqui então?

Ela: É, os filhos iam pro mato, derrubando mato.

E o seu marido também os acompanhava?

Ela: Sim, como o cuca, de cuca.

Cuca? O que era cuca?

Ela: Significa o cozinheiro.

Era assim que era chamado na época?

Ela: Assim que era chamado.

Então ele ficava nos acampamentos pra fazer comida?

Ela: É, ele ficava lá, fazia a comida, arrumava as cama deles, porque eles dormiam na rede. Era quase um dono de casa. E eu ficava com as meninas, as crianças que iam pra escola, eu ficava aqui.

Sozinha?

Ela: Sim, cuidando das criança e do menino.

Passava dias e dias sozinha?

Ela: É, ficava 14 dia, por aí ficava.

E a filha mais velha?

Ela: Ela era, ela se tornou professora. Quando nós chegemos não tinha, não tinha escola. Nós que botemos uma escola em cima do nosso sítio lá e a minha filha ficou professora lá. Naquela época ela já tava casada. Nós montô a escola. Esse filhos da Eudanei estudaram tudo na escola com a minha filha. Ai depois, dentro da Carmem, depois até virou escola estadual ali e foi crescendo a Carmem também, né.

Como é que vocês conseguiram abrir a escola? Vocês pediram autorização?

Ela: Pelo seu Enio, pelo seu Enio. O Enio que deu a ordem de nós colocá essa escola lá.

E festas de comunidade saíam muitas naquela época?

Ela: Acho que já era no segundo ano ou no terceiro ano, o Enio Pipino fez uma festa em Sinop, debaixo do arvoredo. Abriu assim um bosque e botô cadeiras e ele trouxe tudo, tudo, tudo lá do Paraná, de Maringá.

Pra festa?

Ela: É, pra festa. Os garçom tudo bem vestido de gravatinha, mas era lindo naquele dia! Todo mundo adorô.

E daí veio gente de Santa Carmem, Vera.

Ela: É, vieram tudo ali. Ah! A Cláudia foi os meus filhos que abriram o, o Aeroporto. Eles foram pra lá, foi tratado pelo Ully.

Ah, eles trabalhavam para o Ully também?

Ela: É, o Ully, o Ully tratô com eles pra eles abri aquele aeroporto lá. Primeira noite que chegaram lá as onça uravam em roda do barraco deles, né. Daí no outro dia que soltaram as motoserra ali dentro, as três motoserra, diz que desapareceu as onça, não escutava mais uma onça. Mas a onça não avança tão fácil numa pessoa não.

A senhora chegou a ver onça?

Ela: Vichi, umas quantas onça eu vi. Daí as onça um tempo elas mataram gado lá em casa, elas mataram acho que três novilha gorda. Aí eles conseguiram, eles mataram aquela onça, era proibido, mas no fim o Ully disse *não, se tão fazendo tanto estrago assim, dão um jeito nela*.

E quem matou a onça?

Ela: O meu filho; o meu filho matô ela. É, eu até hoje tenho fotos daquilo ali. Eu tenho um álbum cheio de fotos daquela caçada, daquela onça.

A senhora tem fotos então do início, de quando vocês vieram?

Ela: Sim, do início. Eu até tenho uma foto de uma cobra que foi matado da, da, como é que eles chamavam ainda? Deixa eu pensá se eu alembro, eles moram dentro de Sinop, ele é genro dessa mulher que morreu ontem, o Ernesto Favaretto, o Ernesto Favaretto e a Derli, parece que era o nome da mulher.

Cobras a senhora também viu muitas?

Ela: Sim, viche Maria. Tinha cada cobrona! Eles mataram aquela cobra, não sei quantos metro de tamanho aquela cobra tinha. Eu tenho a foto dela.

Mas nunca chegou a picar os filhos da senhora?

Ela: Não. Eu já fiquei picado duas vez de cobra, mas não aqui no Mato Grosso. Eu fiquei picado de cobra uma vez em Santa Catarina quando eu era solteira e a outra vez foi no Paraná; já tinha cinco filhos, aquela vez eu não morri porque não era hora. Ah! Depois quando nós tinha as

bodas de ta, nós festejemo também aqui naquele salão que nós construímo também. Meu velho era cabeça também, meu velho e o Previs.

Como assim?

Ela: Que construíram aquele salão, o velho Previs e o meu marido.

Daquela primeira Igreja construída vocês tiraram fotos?

Ela: Sim, eu não sei se eu ainda tenho foto, acho que tenho foto quando as criança fizeram primeira comunhão. Quando nós tivemos bodas de ta aquela vez, nós casemo naquela Igreja e fizemos uma festa. Eu tenho fotos onde que nós tomo dançando dentro daquele salão.

Isso em que ano?

Ela: É... Nós chegemo lá em 74, era mais ou menos em 78 quando nós tinha aquelas bodas de ta. Eu sei que as minhas irmã vieram do sul também pela primeira vez, aí eu sei que elas falaram *vocês são loco, gente, vocês fica aqui neste mato, vocês são loco*. Risos... Eu digo *não, não é loucura, é enfrentá*. O nosso pai que dizia sempre *nóis temos que enfrentá, a gente sempre tem que i pra frente e não pra traiz*.

E o açougue deu certo?

Ela: Nós tinha o açougue, aí nós já tava, nós tinha liquidado a dívida. Nós tava só com 50 alqueire de terra daí mais, primeiro nós tinha 75 alqueire. Os 25 alqueire entrô pra acertá as dívida. Daí o açougue, às vezes nós comva umas cabeça, às vezes eles vinham ofertá umas cabeça e pegava também, né. Não tinha outro açougue, era só nós que tinha carne. Aí despois entrô o outro açougue, o Antoninho Winter. Ele comprou aquele... primeiro tinha um outro, João, não sei como era o sobrenome dele, eles eram uns alemão. Os irmão dele, o João morreu, eles ainda têm um irmão que tem um posto de gasolina na Santa Carmem, bem na entrada quando a gente vem da Sinop, na entrada. Aquele tinha um açougue também, despois que nós botemo ele também botou um açougue.

Então as primeira cabeças de gado de Santa Carmem foram vocês que tinham?

la: Todos nossos.

As outras pessoas ainda estavam tentando a agricultura.

Ela: Os outros sim. Os que tinham trator mesmo, tinha ceifa e essas coisa mesmo, que não precisavam pagá na colheta, eles foram pra frente porque era deles, eles mesmo que colhiam, né. Agora, se eles precisasse pagá tudo como nós, daí não sobra, né.

E café, vocês tentaram plantar café?

Ela: Plantemo, nós tinha uns pé de café plantado. Eles davam bem, mas no fim adoeceu e não deu mais nada. Perto do nosso sítio tinha uns mineiro, de Minas Gerais, eles vieram, eles plantaram só café, mas eles colheram um ano bem café, outro ano também já deu, como chama, copim, compim que acabô. Eles iam nas covas do café, nas raízes, e botavam veneno, aquela gente lutaram, lutaram, mas não saiu. É porque as terras tinha ácido. Até hoje se não bota calcário e adubo do jeito como precisa, não sai nada. Nós plantemo uns pé de café só, não era

um cafezal, era só uns pé, mas nós colhemo. Botava adubo de vaca e tudo essas coisa, botava veneno, mas era poucos pé. Dava pra consumi, né, mas os que faziam lavoura grande, como que eles iam consumi? Quanto dinheiro eles empatarem no veneno, né.

E mandioca vocês também plantaram?

Ela: É, mandioca plantemo. Até dois ano a mandioca dava bem. Mas depois de dois ano o cupim também entra. Ainda até agora.

Continua tendo.

Ela: Tem pastos que têm cada bolo de cupim “assim”, né, e se não matá onde que é o ninho deles mesmo, eles vão longe por debaixo da terra, vão seguindo e comendo o que eles achar na frente.

E a senhora, dona Regina, nunca se arrependeu de ter vindo pra cá?

Ela: Não, eu não. Eu nunca me arrependi.

Nem a sua família?

Ela: Não. E de doutrina, assim, de Igreja, essas coisa, nós toda vida, toda vida, todo lugar onde que nós tava, meu marido era fabriquero da Igreja. Sempre, sempre nós trabalhava.

Fabriquero como?

Ela: Fabriquero, pra cuidá, presidente, né, de uma Igreja, né, porque tem que tê o presidente, o secretário, tesoureiro, né.

Ah, ele sempre ajudou e trabalhou para a Igreja.

Ela: Sempre, sempre trabalhemo e eu gostava mesmo.

Ele ajudou a fundar a Igreja de Carmem?

Ela: Santa Carmem foi um dos primeiro que alevantemo, erguemo lá a Igreja. Primeiro o Enio Pipino ajudou. Fez uma Igreja, mas era assim igual um salãozinho assim. Então na frente tinha os banco e daí fechado onde que tava o altar, nos lado assim tinha um quartinho aqui e outro ali. Daí o altar ficava no meio, mas o resto tava tudo aberto.

É nesse mesmo lugar onde está a Igreja até hoje?

Ela: É, mas era bem nos fundo. Bem ali, mas bem nos fundo lá.

E o padre, quem foi o primeiro padre?

Ela: Foi o padre Antônio.

Ele é falecido já?

Ela: Já, já faiz anos, faz anos, anos, anos, muitos anos. Ele faleceu e nós não podia i no enterro. Naquele dia choveu, choveu, não tinha mais ponte, as estradas tavam desligadas da Vera. Não tinha lugar pra entrá, pra podê chegá na Vera.

Ah, o velório foi em Vera!?

Ela: Sim. Só se viesse um avião lá dentro, daí voava por cima.

Então ninguém da Santa Carmem conseguiu ir?

Ela: Ninguém da Santa Carmem pode i, mas tinha gente chorando, né. E ele foi enterrado na frente da Igreja que ele mesmo construiu. Era construído de madeira do mato assim. Mas era a coisa mais linda.

Além do açougue vocês continuavam a trabalhar na lavoura?

Ela: Depois do açougue nós, eles foram à procura de terra onde que tinha pastagem pra nós levá o gado; meu velho não queria vendê o nosso gado.

O açougue não deu certo então?

Ela: Não, porque não tinha, ninguém tinha dinheiro pra compra carne, então era assim, como é que eu vou dizê, era a serraria e essa piãozada comva carne por quinzena. E depois também esfraqueceram, não dava pra eles. Aí foram diminuindo por mês e daí dentro do mês quantos iam embora que não pagava mais. Foi esfraquecendo, foi esfraquecendo, e no fim único recurso é fechá o açougue e procurá outro rumo. Não entrava dinheiro, né. Tivemo prejuízo, né, nós matava o nosso gado e botava lá e não arecebia.

Aí vocês desanimaram.

Ela: Desanimemo, desanimemo por completo daquilo lá. E depois, aí ele ficô doente, sofria do coração, começô a sofrê do coração e daí os filho *não pai, o pai não vai ficá aqui não*, aí ele disse *não, mas eu não vou vendê aqui*. Daí ele (o filho) disse *mas eu vou lá na décima*. Aí minha filha, que já morava na décima, naquele ano tinha que construí uma casa.

Décima o quê?

Ela: Décima agrovila. Eram aquelas agrovila. Daí ele (o marido) disse assim *eles podem deixá a terra, eles podem i trabalhá naquela terra lá mesmo*, era uma terra boa que eles tinham lá, daí ele pode trabalhá pra lá, ela fica com os filho lá, tem escola, tem tudo ali perto, né, bem encostado tinha uma escola lá. Então daí ele (o marido) disse assim *olha, vocês vão morá lá e depois vamo fazê um negócio com voceis* e não sei o quê. Aí depois então, quando ele ficô ruim, eles ficaram com aquela terra pra tomá conta de nós, do nosso gado, pra eles criá o nosso gado pra frente, porque meu marido era gado, era gado, era gado. Ele gostava de gado e lavoura. Daí eles ficaram com o sítio nosso. Daí nós fiquemo junto com eles. A última filha tinha casado e ela ainda ficou sete meses com nós dentro de casa ainda.

Era a filha mais nova?

Ela: Era a filha mais nova.

Ela mora onde hoje?

Ela: Ela mora lá em Nova Canaã. Daí eles foram pra terra deles, eles tinha terra lá. Daí eles foram morá na terra deles.

Essa que veio com um aninho pra cá?

Ela: É, é essa. Daí então a outra família veio, a Irene é o nome dela. Eles vieram morá aqui, daí o Vander disse *pai, vamo fazê um negócio?* “Vamo fazê assim então, o Remídio fica”, que era o marido dela, “ele fica com o gado pra criá pra frente pro pai, e daí se for demais no pasto dele

eu pego uns boizinho pra mim lá cima”; ele morava já em Pará. Ele tem uma fazenda lá no Pará hoje. Até agora os boi vão pra lá e as vaca ficam na casa da filha ainda. E daí foi tirado tudo do nome dele, foi tudo passado pro nome dos filho. Compramo mais, mais duas casa. Compramo uma em que eles tão morando ainda e outra tá alugada. E daí, agora que ele morreu, daí não tinha inventário, não tinha mais nada, nada, nada no nosso nome. Agora eu tô com aquele gado ali, os filho cuidam e vou vivendo assim pra frente.

Dona Marta, esta ótimo! Agradeço muito pela sua atenção e contribuição à minha pesquisa.

Ela: Nem tem de quê, se precisá pode procurá a gente.

8- IDENTIFICAÇÃO:

Sigla: SC8 F

Idade: 66 anos

Sexo: feminino

Estado civil: casada

Número de filhos: quatro filhos e quatro filhas (três nascidos no Paraná e cinco nascidos em Santa Carmem)

Profissão: agricultora

Escolaridade: 3ª série do Ensino Fundamental (EJA)

Naturalidade: Misericórdia de Piancó – PB

Descendência: indígena

Local em que residia antes da migração: Querência do Norte- Paraná

Em que ano e com que idade chegou a esta cidade: em 1972, com 27 anos.

Data e duração da entrevista: 15 de nov. de 2010; 43min.

Boa tarde, Dona Marilda, eu gostaria que a senhora contasse um pouco sobre as aventuras que a senhora viveu no início da colonização.

Ela: De cobra, essas coisa?

Sim. Pode ser também sobre as dificuldades que vocês enfrentaram.

Ela: Fica queta, minha filha. Nós matô uma onça bem ali na mangueira (gesto), outra bem ali, bem atraiz da torre, ali oh (gesto)! Aí eu sei que eu ficava trancada no barraco e as onça raspando as parede, tu acredita? Eu morria de medo. Nós fizemo o barraco de tábuas, mas tirada de motosserra, sabe, pra elas não entrá. Primeiro foi no acampamento, no meio do tempo, né, debaixo da loninha, né, e com criança pequena. Eu com 25 dia de dieta, desse Dênis, né, que tá casado agora, eu de dieta, mas Deus o livre, eu passava cada medo! Um dia, menina, eu quase matei o Dênis, eu escutei o miado da onça bem pertinho, taquei o moleque e saí correndo,

gritando. Eles disse *muié, tá ficando doida?* Mas eu acho que era por causa da dieta, né, aí fica meio doido da cabeça. A gente passô cada uma, Deus o livre.

Dona Marilda, quantos anos a senhora tem?

Ela: Sessenta e seis (66).

Sessenta e seis anos e bonitona desse tanto?

Ela: Linda menina, cem por cento. É que sou filha de índio. Essa aí (apontando) trabalhava pra mim quando era moleque, essa tentação, quando nós tinha um talhão de café aqui.

Tinha o quê?

Ela: Um talhão de café, elas colhia café pra mim. Essa era danada, menina! Risos... Isso era danada!

A senhora é mesmo descendente de índios?

Ela: De índio, a minha bisavó era índio. Foi pegado com dois anos mais ou menos, mal e mal corria no mato. É índio mesmo. Não tem jeito, esses dias eu tava em Sinop, passei uma vergonha! Tinha uma índia com uma menina amarrada assim na barriga, outro amarrado nas costa e fazendo as com, né, quando eu me virei assim, o homem chamando *vamo*. O índio, menina, ele se enganô de muié, aí ele virô e pediu desculpa, ele dava risada, meu Deus! Aí conversamo, ele procurô pra vê se eu tinha algum sangue de índio, tenho, meu avô e minha bisavó era índio purinho.

E onde eles moravam?

Ela: Pernambuco.

Ah, a senhora vem de lá então?

Ela: Eu venho de Pernambuco.

Até que série/ano a senhora estudou?

Ela: Eu estudei aqui em Carmem depois de velho, terceiro só. Casei nova, só criei filho, dez.

Quantos?

Ela: Dez. Graças a Deus, me orgulho ainda. É quatro professor, quatro trabalhador na roça e dois faleceu; criei oito. Cinco nasceram aqui, se criaram aqui. Eu conto com os que morreu, os mais novo nasceram aqui.

A senhora veio pra Santa Carmem em que ano?

Ela: Tu sabe que eu me apertei agora. Eu sei que tá com 38 ano que nós tamo aqui. Eu vim no mesmo ano que a Ana, nós viemo junto. Ela era uma tentação, como nós brigava no início.

E vocês moravam aonde antes de vir para Santa Carmem?

Ela: Em Querência do Norte. Eu casei em Querência do Norte e de lá nós viemo pra cá. Lá na Querência do Norte a Ana era vizinha nossa, aquela tentação, era pertinho assim, menina.

Quem teve a ideia de vir pra cá primeiro?

Ela: Nós, toda vida nós é corrido no mundo, igual cigano, aí ele vinha, aí o compadre José falou, que é o sogro da Ana, *eu vou junto pra olhá*. Eles vieram de avião olhá por cima, sabe. Aí

comram os terreno certinho, esse daqui é o nosso e os dele. Comram pelo avião é, por cima, só olhando, olhando o mato, porque não tinha nada. Aí quando nós viemo embora, veio o compadre, já veio, mais nós, a Ana, mais 15 dias já veio os outro atraiz. Aí morô tudo pertinho assim, junto com nós. Vixi Maria! Era igual irmã, mesma coisa.

E foi pela colonizadora que vocês ficaram sabendo das terras?

Ela: Foi, foi pela colonizadora. Aí ficamo sabendo e viemo aqui.

E vocês vieram todos na mesma mudança?

Ela: Foi assim, nós viemo, aí com 15 dia a Ana chegô. Nós viemo na frente, nós viemo num caminhão na frente, aí depois eles vieram com outro caminhão deles mesmo, sabe; carro próprio. Aí nós já tava com barraco feito, aí eles pegaram, eles pegaram parede do mesmo barraco e fez junto. Aí fiquemo tudo junto, eu, a Ana, o Marcos e Rodrigo. Aí depois o sogro dela veio mais pra frente. Na mesma barraca nós ficô. Os homem saía e dexava nós sozinha, minha filha. Ela era sozinha mesma, eu ainda tinha os menino pequeno. Ela teve filho aqui mesmo naquela casa, ali ela ganhou o Lucas, o mais veio. Eu que cuidava dela, vixi, eu fazia comida pra ela, fazia sopa, lavava roupa, vixi, e quando eu ganhei os meu ela fazia pra mim; era bem legal.

Ajudava uma a outra.

Ela: É, era quase demais. Nós brigava bastante, né, aí eu pensei assim *pra nós pará de brigá, quando eu tivê uma menina eu vou dá pra ela batizá*, porque ela sempre queria uma menina e só nascia homem. Aí, quando a Alda nasceu, dei minha filha, aí ela tomô de todo jeito, agora é afilhada, é nora, é tudo.

Ah, ela casou com o filho dela?

Ela: Ela tem um ciúme! Quando é domingo a Ana já liga pra falá *aqui em casa também tem comida*, começa a briga.

Vocês ainda brigam até hoje?

Ela: Briga. *Não, mais é pra você deixá ela vim aqui que eu quero dá coisa pra ela. Tem coisa pra ela aqui também*; “vai não.” É a mesma coisa. Mas ela gosta muito da madrinha e da sogra.

E logo que vocês chegaram saíam muitas festas por aqui?

Ela: Foi um dia, nós tava em casa, eu tinha cinco criança pequena, sabe, aí eu falei assim *Ana, será que nós somo mais feio que os homem?* É porque os homem já tinha saído pra i numa festa lá na Vera, aí eu falei *vamo i também?* Aí ela falou *será que eles não vai brigá?* “Briga não, garanto que o meu não briga comigo; é mais fácil eu brigá com ele.” Aí nós ajeitemo essa molecada, tinha cinco menino e ela não tinha nenhum. Aí nós peguemo essa estrada, menina, picadinha, a água batia aqui oh (gesto). Nós tirava calçado, puxava saia pra cima, naquela época nós só usava saia, ela com o Zaqueu aí no pescoço e eu com um no braço e outro na barriga e vamo indo. Risos... Aí, quando nós cheguemo na estrada, eles tava esperando o carro. Menina, eu tava barrelando, e agora? Vamo ou não vamo? Aí eles falou assim *escuta, pra onde*

vocês tão indo? “Pro mesmo lugar que vocês vai.” Mas era pra vocês ficá em casa. “Não, mas nós resolvemo i.” Então vamo! Aí veio o caminhão, veio o caminhão, nós pulemo dentro e fomo sem eles querê. Sei que aí nós festemo até de noite tudo. Aí na vinda, quando nós viemo, sabe, aí o caminhão quebrô na estrada, menina, sabe, aí você só viu muié descendo de cima.

Ah, foram mais mulheres além de vocês?

Ela: Foram um monte. Já vinha de Sinop um bocado, sabe, aí as muié descia na curva do Baiano, sabe, aí teve uma, mas eu dei tanta risada, esse caso eu não posso contá, sabe, ela só com o vestido, sabe, aí quando ela desceu, os homem, meu pai do Céu, eles só nos olho. Ficou morrendo de vergonha a coitada da muié. Luz acesa, farol, do caminhão, né. Eu sei que os homem enxerga mais, né. Nós passemos dois mês contando essa história, eu mais a Ana, sabe, mas chorava, mas chorava de dá risada, sabe. Aí nós entremo pra cá, aí o homem do saco, com as com nas costa, ele tinha bebido uns gole na festa, aí ele caía pra cá e pra lá, aí o filho dele dizia *pai, se garanta que eu garanto seu saco* e agarrava no saco do veio, mas no saco de coms, sabe. Risos... A Luíza escorregô, menina, e caiu dentro dum buraco, aí as menina arrastaram pelos cabelo, aí o Marcos falou assim *ah, deixa pra lá, você não tem nada vê com os filhos dos outros*. Mas tinha que ajudá a coitada, né, cinco menino pequeno e eu agradeço por ajudá ela, sabe. Nós foi pra outra festa em Sinop, aquela festa lá foi legal. Aí nessa nós foi todos junto. Aí nós comia aquelas mesada, aí eles falô assim *come, que quando todo mundo acabá de comê esses to assim pode levá embora*. Aí teve uma vizinha nossa, rapaz, por isso a pessoa tem que andá sempre na linha, né, catô tudo aqueles to bonito, sabe, tigela de inox, sabe, tudo e ensacô tudinho. Aí vai todo mundo passando, passando, eu levei um copinho de plástico e um tinho, mas eu tremia todinha, acredita! Eu falava *eu não vou levá, eu vou jogá no chão*.

Mas eles haviam dito que podia levar?

Ela: Ele falou que podia levá aquele de plástico, não aqueles outro comdo, né, aí eu peguei e joguei o meu e passei sem nada, na boa. Quando a muié foi passando, eles *para aí, dona, põe no chão o que tá levando aí dentro*. “Não, é um restinho de comida pros cachorro, pão velho”, não sei o quê. No que abriu tinha tigela de inox, tigela de louça. Que vergonha! Não foi comigo, mas, olha, eu abaixei a cabeça, por isso a pessoa tem que ser certo, menina. Sempre falava pra Ana *tá vendo, Ana, por isso eu gosto da pessoa direita, andá com gente direita e não de muniça, ainda bem que tava mais nós, Deus o livre*.

E que outras aventuras dessa época a senhora lembra?

Ela: Não tem muitas aventuras não, só, só das caçada mesmo, que eles caçava e ficava de noite. Vinha com aquelas paca pra gente limpá, era gostoso. Viado tava correndo e os cachorro vinha, às vez eles tava dentro de casa, eles atirava, matava. O bichinho ficava tudo doido quando enxergava a gente.

Chegavam a entrar em casa?

Ela: Entrava. Os viado entrava dentro de casa. Um dia um bem pequenininho entrô, menina, e a Ana queria pegá. Menina, mas nós fizemo uma briga nós duas. Ela queria pegá e eu queria pegá pra mim, era pintadinho. Aí nós corria atraiz, ela corria atraiz, eu corria atraiz, aí ela catô o viadinho *é meu* aí eu falei *mas eu ajudei a pegá, é meu*. Aí ela falou *quê sabê, não é de ninguém*, aí ela soltou, mandô embora. Pra não brigá foi mió, né. Aí nós não briguemo.

Então vocês comiam bastante bicho do mato?

Ela: A nossa comida era só feijão, farinha, arroz e carne de bicho do mato, sabe, não tinha outra coisa. Uma lata de leite era pra 15 dia, se acabasse os moleque chorava com fome. Tinha que dá só aquela aguinha bem fraquinha. No começo não tinha nada, eles buscava pra nós em Cuiabá. Os homem trazia pra nós; tinha o Gaúcho, o Tales, eles trazia de Cuiabá. E os fogão que nós fazia, tão bonitinho, menina! Fazia as parte de telha assim, enchia de varinha do mato, pegava aqueles cupim e fazia as parede assim pra ponhá as panela em cima. Era tão bonitinho, parecia índio, mesma coisa! Eu parecia uma índia veia, sabe, os cabelo só tinha cinza, vocês não me via, eu era preta, com aquelas coisa na cabeça, bacia na cabeça, era bonito de vê, queria que vocês visse.

A senhora tem fotos dessa época?

Ela: Tem nada. E a pinga que nós bebeu, eu e mais a Ana, Deus me livre! Um dia, eu mais a Ana, bebemo um litro de pinga, nós duas.

Olha!

Ela: Era pra fazê uma polenta pra comê com carne de tatu, quando vimo, a polenta queimada e a Ana lá mexendo a polenta. Ana, eu dizia, *ponha mais água*, eu bêbada também e tacava fubá na polenta. Marcos chegô, *o que é que vocês tão fazendo?* Ela *polenta com carne de tatu*. “Isso aí tá mais pra outras coisa do que pra polenta, vocês tão é bêbada as duas”. Ave Maria, mas naquele dia nós demo risada, viu. Nós bêbada fazendo polenta, uma botava água, outra mexia, outra botava água, outra mexia, Deus o livre!

E os meninos?

Ela: Os pequeno ficava por conta lá. Risos... E nós bêbada, nós. A Ana bebe igual um gambá, aquilo bebe, minha filha. Eu não bebo muito não, bebo só um pouquinho. Risos... É, só um pouquinho só. Mas foi legal mesmo.

E vocês vieram para Santa Carmem com a intenção de fazer o quê?

Ela: A Ana mais o Marcos pra trabalhá com serraria, pica-pau. Serraria, mas e gado também. E nós foi mais pro café, né. É, plantá café, mexê com mandioca, né, mas não deu nada não. É, o café depois acabou. Fiz aquela casinha (apontando) pra por, você tá vendo?

Essa foi a primeira casa que vocês fizeram?

Ela: É, pra por café, plantava um monte de café, não dava nada, uns grãozinho só. Aí desacorsoou, chegou a cortá.

E não dava por quê?

Ela: Eu sei lá porque é que era. Decerto a terra não se deu bem não. Aí veio outro negócio, pra criá gado, aí ele disse *agora eu vou criá gado, eu gosto muito* ele falava. Eu disse *mas nós não pode mexê com isso não*, “mas é pelo banco”. Aí ele comprô um bocado de gado, sabe. Então até hoje ainda tem um pouquinho.

A colonizadora chegou a dar lote pra vocês na cidade?

Ela: Eles davam lote de presente, mas era assim pra pessoa cultivá, fazê uma casa e coisa, mas nós nunca fizemo, aí também não ganhemo, né. Cada um que comva um sítio ganhava um lote na cidade. E se tivesse filho primeiro no lugar ganhava também, né. Tive depois, mais cinco nasceu nessa casa aqui oh (gesto)! Todos os cinco em casa. Eu nunca quis tê filho no hospital, tudo em casa; igual índio mesmo. Negócio de filho em hospital era luxo.

Teve com parteira então?

Ela: Sim. Às vez vinha, às vez não vinha também, eu mesmo pegava, cortava o umbigo. Eu até cortei de uma muié que veio lá debaixo, que eu mesmo cortei, amarrei.

E quando os meninos ficavam doentes, o que é que a senhora fazia?

Ela: Aí ia pra Vera porque era mais perto, nós ia na Vera. Lá tinha postinho na Vera, nós ia pra lá. Peguemo malária, quase morreu todo mundo. Dava malária e eu peguei uma malária brava menina. Nem andá a gente não andava; igual criança. E a fraqueza? As pessoa só comia carne de bicho do mato. Tinha dia que deitava e o estômago não ia, né. A gente sofreu aqui, eu vou te falá, só não passou fome, mas o resto!

E pra ir pra Vera, vocês já tinham carro, como iam até lá?

Ela: Tinha nada! Saía daqui assim umas quatro hora, chegava outro dia à noite. Ia pra lá de a pé com criança no braço. Aí, quando foi com um ano, aí nós ficamo mió, aí apareceu uma Kombi, sabe, aí vinha e levava, eles falava pirua, sabe, levava nós e trazia.

E às vezes pegavam carona?

Ela: De quem, minha filha, se não passava! Não passava ninguém não. Era, tinha que i com a espingarda de um lado, facão do outro lado, porque, qualquer coisa, onça, né. Nós chegava lá tava mancando.

A senhora chegou a ir sozinha às vezes?

Ela: Sozinha, sozinha não ia não. Nós ia mais um ou outro que ia, mais as criança pequena. Eu morria de medo. No meio do mato, minha filha, Deus o livre, via de monte cobra, onça, via elas atravessá e olhando pra gente. Os homem era mais corajoso, eles gritavam e faziam assim (gesto), né, aí elas caía no mato. Mas as muié morria de medo. Naqueles tempo tinha bastante bicho, aí a onça não atacava. É, elas não atacava gente não. Elas não atacava a gente de jeito nenhum. Elas tinham com que se alimentá.

Só que, às vezes, o gado, cahorro, elas vinham atacar?

Ela: É. O gado elas mexia. Uma vez veio pegá um bezerro na mangueira aí! Pegou na mangueira, aí oh (apontando)!

E, naquela época, havia caçador de onça?

Ela: Tinha. Caçador de onça, de cobra, de tudo. Eu morria de medo. Uma vez eu levantei cedo, tinha uma no terreiro dessa (gesto) grossura. Ave Maria. Aí a muié disse que era pra comê as criança, uma jibóia, e eu morria de medo, Deus o livre.

Quem disse?

Ela: Ela disse *se cuida, essa jibóia ela come as criança e ainda mama na mãe da criança*.

Risos...

Ela: Eu pensava que era verdade; pensa que eu dormi em casa! Eu corria pra casa da Ana. A Ana *onde é que tu tá indo*, “eu vou dormi lá com você porque a cobra vai matá meu povo”. Ela disse *vai sê besta, você já viu, eu nunca vi cobra mamá em ninguém. Isso é mentira dela, boba!*

Mesmo assim a senhora pegava todas as crianças e dormia na casa dela?

Ela: É verdade, dormia lá no chão. A casa ainda era de chão, tudo barreadinho, botava lençol e dormia tudo no chão. Aí o marido dela falava assim, *ih, meu Deus do Céu, o que é que parece isso no chão? Parece uma porca com um bocado de leitão. Daqui uns dias é você com um bocado de leitãozinho*. Outro dia, outro dia nós fomo tomá banho naquele córrego ali, do Amarildo. Nós lavemo um monte de roupa e lavemo roupa, tava com uma bacia desse (gesto) tamanho pra ponhá as roupa dentro. Aí eu ponhava uma coberta dentro e ficava de olho, medo de a cobra pegá. Deixava lá e vai nós tomá banho, eu e a Ana. A Ana já foi daquele jeito, sabe, mais assanhada, né, tomava banho de qualquer jeito. Eu não, tomava, que eu tava... me enfiava dentro da água. Eu falava *oh, Ana, oh, Ana, bonito, né, nós dentro desse rio aqui e se aparece um homem aqui, Ana, porque quem vê a gente assim é só o marido da gente*. Ela disse *pois é, muié*, e se tacô na água, *pois é, né, muié* e ela daquele jeito, né. Quando eu olho no córrego pra cima vi aquele toco preto subindo rio acima, né. No que eu olho, menina, um nego ia subindo no córrego dentro da água. Ela *ih, meu Deus do Céu, quem é que tá vindo aí?* “Um negão.” Mas essa Ana sai pra fora foi é com tudo. Risos... Aí nós saímo correndo, eu corri, catei o lençol e fiz assim nela (gesto), enrolei, nós juntemo essa roupa e corremo. Mas naquele dia nós dentro da água e aparece um negão, era aqueles que abria picada, né. Eu quase morri de medo, aí eu falei pra eles *nunca mais nós vai lá lavá roupa não*. Mas fazê o quê? Nós corremo. Deus, pra catá a metade da roupa e o moleque tava assim... eu com meu moleque na bacia, eu corria que aquilo pulava pra cima. E o medo de o moleque caí no chão, menina. Eu com essa bacia e o moleque dentro. O moleque era novinho, tinha trinta dia, né. Não caía não. Deus o livre se caísse, matava. Mas eu sei que o nego tava interessado, que ele vinha com a mão na cintura bem assim (gesto), vagabundo!

Mas se ele quisesse pegá-las poderia ter pego, não poderia?

Ela: Ele tava como daqui onde tá o cavalo ainda. Aí, quando eu dei fé, eu não assustei ela, sabe, eu falei *Ana do Céu, põe uma mão na frente e outra atraiz, tu tá pelada*. “Mas o que é que é, cobra?” Eu disse *acho que é uma sicuri, olha pra tu vê!* “Um negão!” *Oh a grossura dos braço*

do negão! Eu tava vestida, me enrolei, peguei uma toalha e dei pra ela. Nunca mais nós foi, Deus o livre. É, e quando eu via ela falava *oh, o negão, oh o negão*. Pois é, minha filha, foi assim os causo. Agora, se tu pegá o Rodrigo pra contá, o Rodrigo sabe contá tudo dentro da hora, ele sabe contá tudo os detalhe, moça, ele tem cabeça boa, Deus o livre. Tem coisa que eu lembro, sabe, mas os que é mais interessante eu esqueço. Se tu vim outro dia, pegasse ele, ele ia contá muito causo, Deus o livre. Ele tá viajando por aí, eu não sei não. Ele sai sem dá notícia, só quando chega. Ali na serraria vinha o padre pra rezá missa de domingo.

Ah, então não tinha Igreja naquela época?

Ela: Não, rezava na estrada ali. Aqui mesmo na sala, no início foi consultório de dentista, foi tudo.

Consultório de dentista?

Ela: É, era o Genivaldo de Sinop. Ele arrancava dente aqui em casa.

Ele foi o primeiro dentista que veio pra cá?

Ela: Foi o primeiro dentista que veio aqui trabaiá. Não tinha onde ficá, ficava aqui em casa que conhecia nós.

Em que ano foi isso?

Ela: Foi no mesmo ano que nós cheguemo.

E nas barracas vocês ficaram quanto tempo?

Ela: Só uns 40 dias embaixo do barraco. Aí fez o ranchinho aqui de pau, com motoserra, naquele tempo não tinha tábua, ainda não tinha pica-pau aqui, aí quando o veio chegô já foi mió; já tinha tábua pra compra. E tem a história da rama da mandioca com a Ana. Risos... Da rama da mandioca é pra acabá. Risos...

Foi logo no início também?

Ela: É, já tava com um ano e pouco já. Nós tinha até porquinho no chiqueiro, minha filha, pra criá. Eu falei assim *Ana, ajunta lavagem pra mim*, resto de comida, sabe, *pra mim tratá o porquinho*. Aí ela disse *ajunto*. Aí ela pegô a latinha e levô, né. Todo dia ela trazia um pouquinho pra tratá, todo dia ela trazia. Aí, quando os parente dela chegô, acabô. Não quis mais sabê de mim, sabe, porque os parente chegô, né. Tinha de tudo, tinha a sogra, tinha a cunhada, tinha tudo do bom, aí só ficô eu sozinho e Deus. Aí eu não servia mais, né. Aí um dia eu fui na mina lá, no poço, digo *Ana, tem lavagem pra mim pegá?* “Tem não, até a lata joguei no mato”, falou bem assim, desaforada, né. Eu disse *mas, como é que é a história?* “Tem não, até a lata joguei no mato.” Aí nós tinha feito uma barraca pra lavá roupa assim, pnhado umas forquilha com uma varona em cima e soquemo ela. E nós lavava roupa junto e conversava; era igual duas irmãs. Eu disse *mas que rumo você jogô*. “Eu joguei pra lá.” Eu disse *você vai me mostrá onde você jogô*. “Ah, não!” *Não o quê!* Aí nós tinha plantado mandioca dessa (gesto) grossura ali perto do poço, né, eu cortei uma rama de mandioca desse tamanho assim (gesto), catei na mão assim (gesto), disse *agora você vai mostrá* e parti pro rumo dessa Ana, mas essa Ana, menina,

jogô o balde que ela levava na mão no chão e saiu doida correndo. Nunca mais apareceu, acredita, pra me mostrá. Risos... Aí eu peguei e derrubei a barraca. Fiz igual os sem terra. Derrubei a barraca onde nós lavava roupa, joguei o batedor dela no mato e mudei tudo pra cá, pra cima. Disse *agora vô lavá roupa em casa, não quero mais sabê da Ana. E no dia que cruzá mais eu, eu bato nela*. O Rodrigo falou *calma, calma com isso muié, larga de brigá*. O primeiro vizinho nosso foi ela, mas ela sujô comigo, por causa que chegô os parente, precisava fazê esse desaforo pra mim. Disse *essa não, essa não vai dá certo não*. Eu sei que a coitada ficou uns três mês escondida, ela só passava por lá.

Risos... Com medo da senhora?

Ela: Com medo. Aí eu fiquei com dó, né, porque eu sou tão fraca, tão besta, sabe; é bom a gente sê desse jeito. Aí um dia eu fui na estrada, ela *não, você qué brigá comigo?* Eu disse *não, eu quero pedi perdão. Não brigá mais não*. “Ah, deixa pra lá.” Ela tem medo de eu até hoje. Risos... Esses dia ela ligô pra mim, esses dias ela ligô pra mim que tinha vontade de vim aqui em casa, mas que tem medo de eu. Eu disse *eu não sou onça não, minha filha, eu sou uma água de poço*.

E agora vocês já se visitam?

Ela: Ih, agora nós... agora é com sogra, é sogra pra cá, é sogra pra lá; é parente, né, agora. Com o neto é uma brigação. Quando ela vem aqui em casa, quando eu chego aqui na estrada, o Vítor qué i pra casa da mãe dele, aí a Estela já fala assim *eu quero i pra casa da minha mãe com o preto*. O preto é agarrado comigo, ele liga pra mim todo instante. Aí fico tão feliz da vida! Acho que a Ana tem ciúme, porque a Ana só tem quatro neto, eu tenho mais que vinte, Deus me livre, eu nem ligo. Se você vim de domingo aqui, isso aqui enche de molecada. E eles gostam de eu, Virgem Maria. É um zer na vida, não tem um domingo que as filha não tão aqui. E é mesmo todo domingo tão aqui em casa, todo domingo. E é legal, né. É neto de todo tamanho andando. É um caindo, é um nascendo, é outro com bucho desse tamanho; a Clara tá com bucho desse tamanho, tu viu!? Tá bonita, né! O Vítor qué mudá lá pro Pará, a Estela diz que não qué i não. Eu falei pra Estela, *Estela, quando você casa se o seu marido entrá no fogo você tem que entrá também?* “Ah, eu não sou doida igual a mãe não,” ela falou. Porque quando era pra vim pra qui, o meu marido falou *tu qué i pro Mato Grosso ou não?* Eu disse *queria i não porque vô deixá meus pai aqui*. “Você que sabe, ou você vai ou você fica com seus filho aqui.” Aí eu pensei *o que eu vou dá de comê pros meus filho*, aí eu disse *então vamos se embora!* Aí viemo num caminhão carregado de tijolo, outro caminhão em cima e nós dentro daquele caminhão em cima, menina!

Como é que é? Risos...

Ela: O caminhão de baixo carregado de tijolo, né, e ponharam outro caminhão em cima dos tijolo e nós viemo em cima daquele outro caminhão lá. Aquilo vinha assim, ali em cima vinha cabrito, vinha galinha, vinha cachorro, vinha café, arroz, feijão, tudo nós ponhemo em cima.

Quantos dias vocês demoraram pra chegar?

Ela: Treis dia e treis noite. Aí quando nós chegemo em Lucas do Rio Verde o caminhão quebrou tudo, aí encostô no barranco e ficô lá. Ah, naquele dia eu tava com medo.

Vocês nem paravam pra dormir?

Ela: Parava nada, minha fia, de jeito nenhum, só pra comê um pouquinho. Aí, quando nós chegemo em Lucas lá, quebrô esse caminhão, aí o Rodrigo falô assim *eu vô voltá pra traiz mais o homem pra nós arrumá outro caminhão, pra nós descarregá pra pegá outro*. Eu disse *e eu vô ficá sozinha?* Fiquei no meio da estrada mais aquele caminhão! Ai que medo, menina!

Então a aventura já começou aí! Risos...

Ela: Aí o veio, tinha um veinho que veio mais nós, veio com tanta pressa que pegô o sapato, botô errado no pé dele, botô um pé pra lá e outro pé pra acolá. Eu disse *o senhor tá indo pra Querência ou pra Sinop?* Já meio no escuro ele se mandô. Aí já era de madrugada e cadê o Rodrigo aparecê? O menino chorando com fome, ele levô a mamadeira pra trazê um leite. Mas só que nós tinha passado num lugar e eles tinha visto umas muié bonita, né, tudo de mini-saia, tudo, não voltô por causa daquelas muié, minha filha. Aí mandô o coitado do veinho trazê o leite do menino. Aí o veinho chegô *seu Rodrigo ficô lá porque viu umas muié bonita*. Pra que é que falô isso, menina, eu destampeí a mamadeira, joguei o leite no mato, joguei a mamadeira no mato, o moleque chorando, deixei chorá. Aí quando o dia chegô *mãe, seu marido chegô* e o moleque chorando, tava nem aí. Aí eu gritando no meio, na frente do motorista, *desgraçado, tu não foi buská leite, foi atraz de rabo de saia de muié, desgraçado*. Ele *cala a boca, muié*. Eu de dieta, minha filha, eu não sei como não fiquei doida. Acho que o motorista fez de querê.

Mas, e como é que acabou a história do menino com fome?

Ela: Não, mas ele mamava no peito; eu dava o peito pra ele. Eu dei mais a mamadeira pra iludi, pra vê se vinha, sabe, ele nem gostava de leite. Aí viajamo até Vera, eu disse *já tô cansada, tu pega esse moleque que eu vô dormi também*. Ele pegô o moleque no colo e se deitô. Eu passei a mão e falei *cadê o moleque, seu Rodrigo?* “Sei não, tá por aí.” Foi caçá o moleque lá no meio, embaixo dos freio do caminhão, lá debaixo tava o moleque; vinte dia de nascido. Mas eu sofri, minha filha! Se eu for contá o meu sofrimento; acho que eu vou morrê desse jeito, sofrendo. Pelo amor de Deus!

E hoje, a situação já melhorou pra vocês?

Ela: Já, vixi, melhor que isso estraga. Nós planta soja, tem um pouco de gado e só. Da pra vive.

E como é que os seus pais pararam em Querência, no Paraná?

Ela: Não sei não. Eles eram de Pernambuco, aí eu vim foi pra cima. Nós nasceu pra lá, aí o pai veio com a família pro Paraná. E lá eu fiquei, casei e tô aqui nesse fim de mundo. Pernambuco eu nunca mais eu vi, nem em sonho. Meus pais também de lá foi pro Pará também.

A senhora se arrepende de ter vindo para o Mato Grosso?

Ela: Eu não.

Viveria as aventuras todas de novo?

Ela: Lógico, vixi. Só não queria que volte tudo o que aconteceu já, porque pra frente tá bom, mas pra traiz não tá, Deus o livre. Agora tá bom, minha filha, nós tomo no céu, né. Olha aí o asfalto na porta, né, mas naquele tempo era feroiz, Deus o livre.

Muitas dificuldades!

Ela: É. As criança era tudo pequena e hoje é tudo casado, tudo né, formada as menina. Eu não estudei, mas tenho orgulho de ter as fia, né, estudo pra elas. Eu sofri, minha filha, Deus o livre.

Demorou quanto tempo até ser construída a primeira escola em Santa Carmem?

Ela: Demorô um pouco, demorô uns seis, sete ano, mas chegô, né. Tinha na Bela Vista lá, né.

E os meninos ficaram sem estudar nesse tempo?

Ela: Sem estudá. A Luísa foi estudá era grandona já, tinha uns doze ano, por aí. Eu ensinava em casa, que eu sabia um pouquinho, sabe. Ah, eu ensinava que eu gosto de ensiná as criança. Ainda hoje elas fala *ah, eu agradeço a mãe, que a mãe quase não sabia, coitada, ensinava, desenhava, fazia carro*, elas fala, pra pintá e tudo. Aí despois que eu criei tudo aí eu fui; estudei treis ano. Esses tempo, né.

Educação pra jovens e adultos?

Ela: É. Aí eu não aguentei mais não, trabalha de dia, estuda de noite, eu disse *não vou mais não. Tá bom já, assinando o nome já tá bom*. E a gente parece que tem uma inteligência dado por Deus, que eu nunca fui na escola no Norte, nunca, e sabia fazê meu nome. Aprendi em casa também assim com as irmã. Quando foi pra mim casá eu mesma assinei o nome, assinei tudo torto, mas foi. Risos... Ainda menti, o homem que casô nós lá, como é que chama, como fala o do cartório lá, o juiz, olhô bem na minha cara assim *quantos anos você tem?* Aí eu falei assim *vinte*. “Conta essa história direito, me dá os documento, dona.” *Como é que eu vou te dá documento se eu não tenho?* Porque lá no Norte é assim, eu falei pra ele, quando uma muié tá esperando uma criança não sabe nem quando é que vai ganhá, aí o dia que nasce mata um cabrito, mata um porco. Que dia o menino nasceu? O dia que matô o porco. Mas esse homem dava risada! Mas é o ditado, que dia que nasceu o menino? O dia que matô o cabrito, aquela cabrita. Por isso não tenho documento. *Como é que vamo fazê? Mas seu pai fala mais ou menos?* Meu pai falô que eu tenho vinte ano. *Mentira, menina!* Aí minha irmã mais velha falô *quantos ano, sabe quantos?* Quatorze ano. Eu falei que tinha vinte, passô.

Deixaram casar então.

Ela: Deixô. Aí naquele ano, que eu casei de graça, eu gostei do prefeito, foi tudo de graça, minha filha.

A senhora não tinha documento mesmo?

Ela: Não tinha nada, nada. Nem do batizado, nada, porque naquele tempo não tinha isso não, minha filha. Nem caneta pra escrevê não tinha, escrevia com uma pena de tinta, molhava assim na tinta e escrevia no papel.

Hoje a senhora já tem documentos?

Ela: Hoje eu tenho tudo, graças a Deus. Só que quando eu fui aposentá o Valdemar quase não aposentô eu. Eu cheguei, né, *o que é que voçeis qué, Rodrigo?* “Aposentá ela.” *Mas quantos anos ela tem mesmo?* Aí eu falei *tenho cinquenta e cinco*. “Essa muié não tem 55 ano não, Rodrigo, você qué é dinheiro. Se ela tem quarenta ano ela tem muito.” Aí abri a bolsa e mostrei. Ele disse *meu Deus, quem diz que essa muié tem 55 ano*.

E hoje, a senhora tem certeza que tem sessenta e seis?

Ela: Não, é aumentado, mas a gente tem que falá, a gente tem que falá o que tá no documento, é sessenta e seis mesmo. Risos... Documento não deixa a gente menti, né. Documento é documento. Tá tudo errado, mas meu pai não sabia a idade nem nada, né. A minha irmã mais velha sabia. Se tu visse meu tamanho, eu era desse (gesto) tamanho assim, menina. Ainda hoje sô pequena, mas o homem disse *dá dó dessa menina casá, como é que pode uma coisa dessa!* Ah, lembrei de otra história, da Luísa, ela subiu no poste, a minha neta subiu no poste lá em Sinop. Ele vinha assim fazendo uma corrida com o carro, ela foi dá numa rua assim, ela bateu no poste; treis metro de altura ela bateu. Parece uma mentira, não parece? Não machucô nada, queria que tu visse! A frente quebrô, a frente quebrô assim, uma roda caiu pra lá, outra cá. Um lado quebrô tudo pra dentro e do lado da menina quebrô todos os vidro, mas não machucô nada. A cabeça ficô caída na brita assim. O carro era novinho, não sobrô nada. A Luíza vendeu por oito mil.

Dona Marilda, a senhora ainda quer falar alguma coisa que a senhora lembre.

Ela: Caiu uma casa “desse” tamanho um dia no Paraná.

Caiu o quê?

Ela: Uma casa assim, o teto. Eu tenho um machucado bem aqui. Saiu a ponta do osso aqui. Tinha um ranchão bem assim e eu... o tio da Ana vinha com o trator e encostava bem assim.

E o quê?

Ela: O trator, sabe, encostava assim em cima, com os porco pra jogá assim no chiqueiro e eu tava amarrando um cabrito assim no cocho. Do jeito que ele veio, aquela ponta pegô a viga assim, essa casa levô. A menina veio *papai, tá quebrando, papai, tá quebrando*, e ele nem, por causa do trator, coitado, nem viu. Quando eu pensei, aí tinha um carrinho, assim, também de cavalo, pra andá com o cavalo, o Dênis brincando, a sorte do Dênis é que caiu bem assim na cabeça dele, a viga. Entrô bem assim (gesto), pegô nos ombro que sangrô toda roupa. E eu, pegô bem aqui (gesto) na minha cabeça, eu caí e não vi nada.

A senhora desmaiou na hora?

Ela: Desmaiei, fui levado pra cama. Eu tava de dieta, tava com, acho, uns quinze dia. E só me lembro quando o doutor tava lá em casa me examinando, dando injeção na minha veia, que eu tava de dieta. Diz a muié que caiu uma teia, uma teia igual essas aí oh (gesto) perto da cama do menino, perto do Carlos, faltô um tanto pra pegá na cabeça dele. Aí, quando eu me acordei,

minha filha, o povo lá em casa *o que é que tá acontecendo?* Nem vi, mas sei que a despesa foi tudo pago pelo homem, pagô tudo. O Rodrigo tava viajando, sempre ele viaja. Esse é do mundo já, só viajando. Aí, quando o Rodrigo chegô, contei tudo essa história, ele falô assim, mas se tivesse machucado meu filho, se tivesse machucado demais tudo nóis, esse homem não ia vivê mais. Acho que contaram pra ele. O homem ficô com medo, o homem ficô uns treis mês sumido, coitado. Ele passava assim, ele passava lá dentro do mato escondido. Aí um dia eu fui na casa dele *não, seu Renor, não carece o senhor ficá assim não, o senhor não fez por querê. Aconteceu, não vai atraz de conversa não, ele é bravo mesmo, você sabe, esses nortista, vô te falá. Pra cobrá basta tê o ferrão atraiz.* “Então tá bom, tá bom.” Ele pagô todas as despesa e tudo e mandava a muié lavá roupa pra mim, fazê comida, que eu tava de dieta, sabe. O Rodrigo falava *acho que se eu vê o homem eu voo no pescoço dele.* “Deixa pra lá, né. Temos que perdoá uns aos outros. Não foi por querê.” Eu fui lá na casa dele. Eu fui passeá no Paraná e fui lá. Fui bem arrecebido, queria que tu visse, oh! Ele falou *e o Rodrigo?* “Aquela onça tá lá, aquela onça.” *Ah, mas eu tenho medo dele.* Risos...

Dona Marilda, agradeço muitíssimo por todas as histórias que a senhora me contou. Foi um zer conversar com a senhora!

Ela: Que é isso, fia, foi bem legal lembrá do passado.

Transcrições da cidade de Sinop

9- IDENTIFICAÇÃO:

Sigla: S9 M

Idade: 70 anos

Sexo: masculino

Estado civil: casado

Número de filhos: dois homens e duas mulheres (todos nascidos no Paraná)

Profissão: eletricista e comerciante

Escolaridade: 4^a série do Ensino Fundamental

Naturalidade: nasceu em Sabino no Estado de São Paulo

Descendência: japonesa

Local em que residia antes da migração: Amaporã– PR

Em que ano e com que idade chegou a esta cidade: dez. de 1974, com 34 anos

Data e duração da entrevista: 6 de nov. de 2010; 46min.

Bom dia, seu Kadu! Conte-me como era Sinop quando o senhor chegou em 1974.

Ele: Só tava aberto entre a Jacarandás, a Sibipirunas, a Figueiras e a Embaúbas, naquele quadrado. Aquele quadro lá é o que tinha derrubado só.

Mas vocês tinham vindo ver antes de comprar as terras?

Ele: Tinha, tinha vindo ver antes.

E aí gostaram?

Ele: Gostamo sim porque, como se diz, existia uma lavoura de café ali embaixo perto do cemitério, tava muito bonita! E nosso ramo sempre foi café, sabe, então a gente achou que o café tava bom, né. Acontece que café no começo saía bem, depois ele caía. Um ano, dois ano, três ano.

No início a terra produzia bem então?

Ele: Sim, no começo, mas não tinha resistência como no Paraná, em São Paulo.

Quando vocês chegaram essa área era linda então.

Ele: Tava linda, aí entramos de cabeça criá gado e café. Aí o negócio deu pra trás porque o gado a gente não preparô uma silagem, essas coisa tudo, né. Achava que era como no Paraná, que o ano todo tinha pastagem do campo, né. Chegou a seca, o gado não aguentou porque não tinha mais pasto. O café também falhou. Daí veio a usina de álcool pra plantá mandioca.

Isso em que ano?

Ele: Entre 80, 82, por aí.

E por que é que o senhor veio pra cá? O que trouxe o senhor pra cá?

Ele: Porque eu era de uma família que tinha vários irmãos, meu pai tinha vários irmãos e filhos.

No Paraná?

Ele: No Paraná.

Em que lugar do Paraná?

Ele: Perto de Paranavaí, Amaporã. Antigamente chamava Jurema. Aí, quer dizer, até hoje as família vai crescendo e vão pra outro lugar, ou senão fica tudo num bolo, crescendo que nem o Machado faz. Mas cada um tem sua ideia, daí meu pai veio comprar terra pra cá, meu sogro já tinha vindo, aí eu vim também. Veio junto dois tio meu também. Então foi assim, aí quando trabalhamos uns seis anos e viu que o negócio não tava indo, a colonizadora mesmo encaminhô a usina de álcool, aí resolvemos plantar mandioca e não deu certo.

Foram experiências que não deram certo no início então.

Ele: É. Daí começamos a plantar arroz, mecanizá. Produzia, mas o rendimento não cobria a despesa. Daí eu mesmo vendi a propriedade meio barato naquela época, eu tinha um filho que tava ticando autoelétrica, né e, tinha dois filhos, um acidentou e faleceu naquela época. Aí eu vendi a propriedade perto da usina lá e comprei um terreno aqui na cidade pra montar a autoelétrica também.

O senhor não chegou a ganhar terreno pela colonizadora?

Ele: Sim ganhei, inclusive o que eu ganhei foi ali na Embaúba, na avenida, em frente à Embaúba. Um colega meu ganhô, o Toschima, falando nisso o Toschima chegou logo depois de mim. Daí eu tinha um caminhãozinho, eu me virava porque tinha um caminhãozinho e fazia um frete pra cá, pra lá. Pra quem não tinha outra renda era duro.

Da terra foi difícil de conseguir renda.

Ele: É, foi difícil. Que nem o meu cunhado, começou a plantá verdura, outro também, o Jorge, aquele da esquina, como é o sobrenome dele? Tinha o Zeca, que plantava também, o Ishigame, é. Eles também, cada um foi se virando no que dava. Que nem o meu genro, quando chegô, no começo, no começo ele trabalhô pra colonizadora, né. Aquele bosque que tem, ele ajudô a carregá o cipó tudo nas costas, sabe.

Cipó?

Ele: Sim, pra limpá o bosque, aqueles ramo fino, cortava e carregava nas costas. As árvore ficô, mas aqueles ramo fino, tudo foi tirado nas costa, cortava e tirava. Eles eram em quantos, o pai dele, era o Paulo, o Miguel, era os três que trabalhava. Olha, acho que vieram um ano ou dois ano depois de nós.

Em que mês o senhor veio pra cá?

Ele: Eu vim em dezembro. Esperei terminá a obra lá, das criança, e vim pra cá, sabe, em dezembro de 74.

E qual é a descendência do senhor?

Ele: Nissei.

E o restante da sua família ficou no Paraná?

Ele: É, só eu da minha família que vim, foi só eu, dos irmãos só eu.

Veio em busca de uma vida melhor no Mato Grosso?

Ele: É, a gente sempre pensa uma coisa mais grande, né. Porque lá o meu pai tinha, quanto? Acho que uns cem alqueire de terra no Paraná, aí meu pai me deu dinheiro pra compra cento e cinquenta, achei *tô rico*. Risos... Meu pai deu dinheiro pra compra 150 alqueire, eu pensei *agora tô rico*, ainda ganhei terreno pra fazê casa ali na avenida.

E já tinham muitas casas em Sinop nessa época?

Ele: Tinha três quadra aberta, mas eu não faço ideia quanto tinha de casa. Só sei que era bem raleadão as casas.

Poucas casas!

Ele: É. Cada casa... acho que tinha umas seis, sete casa, eu imagino.

E foi bem difícil nessa época?

Ele: Pra mim não foi, sabe. Não foi porque meu pai me custeava na hora dos aperto. Trombei caminhão, pintei, bordei, ele me socorria sempre. Eu virei o caminhão. Eu ia pra Cuiabá, uma coisa e outra, tinha o Winter, né, ele tinha uma revenda de material de construção, eu levava madeira e trazia material de construção pra ele.

E o seu pai chegou a vir pra cá?

Ele: Ele veio, aquela vez que eu acidentei com o caminhão ele veio, minha mãe veio quando meu filho faleceu, também. Meu filho faleceu arrumando um caminhão, naquele acidente ele tava testando, como é que fala? O motor de arranque de um Wolks. Era até do delegado aqui da cidade. Naquele tempo não tinha macaco hidráulico pra erguê o carro assim pra cima, né, então afastava o carro, ponhava uma tora de pau assim, então afastava o carro em cima, sabe, pra dá altura pra pessoa entrá debaixo. Meu moleque, acho que tinha doze ano naquele tempo, aí ele perguntô pro delegado, *tá desengatado?* “Tá.” Daí ele entrô debaixo, daí ele virô com a chave de fenda o motor de arranque, o Wolks tava bem fora do rolete, pegou e caiu bem encima dele, matô ele.

Matou na hora?

Ele: Não, ficou uns 3 dia, até foi o doutor Adenir que operou. Quando ele acidentô tava com 12 ano. O irmão mais velho começô na autoelétrica apreendê, né, gostô, aí ele começô a querê i, aí o homem gostô dele, seu Francisco, que é o sogro do Kashikaua agora. Aí não teve jeito, morreu.

Quantos filhos o senhor têm?

Ele: Quatro. Tenho um que tá no Japão, tenho a filha que é casada com o Miguel, e tem uma que tava no Japão e chegou agora esses dia.

Aí o senhor começou a trabalhar com caminhão e como eram as estradas no início?

Ele: As estradas no começo eram boas, vixi.

Eram boas?

Ele: Nossa, era uma beleza! Era mesma coisa que asfalto. Tinha pouco trânsito, né, e elas era nova, tinham acabado de fazê. Era só terraplenagem. Eles tavam trabalhando mais ou menos no Castanhal. Só que daqui a Cuiabá não tinha problema, era que nem asfalto.

E na época da chuva?

Ele: Era só cuidá na hora do encontro, mas não era difícil. Daqui no, vamos supor, no Posto Gil encontrava quatro ou cinco condução só. Era pouco trânsito. Chovia, mas a estrada era bem bauladinha.

Era bem o quê?

Ele: Baulada. O centro da estrada era que nem o asfalto agora, só que era mais levantado o meio, justamente pra não empoçá água em cima, né. Chovia muito, mas corria tudo para a lateral. Durou pouco, porque depois veio caminhão pesado.

Então vocês não demoraram muito tempo pra chegar, pra vir com a mudança?

Ele: Não, não demorava muito não, as estrada parecia asfalto. Agora, depois que começô a entrá serraria, caminhão levá madeira pra fora, aumentou o trânsito, aí começou a estragá.

E isso a partir de que ano?

Ele: De 80 pra cá. Nessa época, na Júlio Campos, a gente ia de chinelinho havaiana, enfiava dentro daqueles buraco de atoleiro e não achava mais.

Aqui na cidade?

Ele: Aqui na Júlio Campos, na avenida, é.

E de carro dava para passar?

Ele: Não dava. Nas ruas de cá, que era de menos movimento, até que passava, mas na Júlio Campos não passava.

E por que isso acontecia?

Ele: Porque não escoava a água. Inclusive vinha até aqueles lambarizinho pequeno, vinha na avenida.

Quando chovia?

Ele: É. Ali embaixo, na Unemat, tem aquela nascentezinha, né, quando chovia então ela vinha levantando. Pode vê que aquele valetão que tem ali na Itaúba, né, pode vê que ali ainda corre água, reparou? Ali até hoje ainda corre água, é.

Por causa da nascente?

Ele: Por causa da nascente, porque aqui em volta da cidade tem várias nascente. Viu no mapa, né! Acho que quatro nascente, né; quatro ou cinco. Então tá em cima dum lugar que sai bastante vertente, pra tudo lado assim. Não é que nem lá no Alto da Glória, por exemplo, que não tem nascente lá perto. O lugar é alto.

E quando começaram a asfaltar a cidade, o senhor lembra?

Ele: Eu não me lembro, sou ruim das ideia. Nas Avenidas aqui na cidade, onde que tem os valetão, aí tem uns tubos bem grandes pra escoá a água, sabe. O que eu lembro bem é ali no Jacarandás com a Embaúbas, que eu tinha ali primeiro, a fossa, né, o poço encontrô água da fossa. Muita gente não toma água, usa só pra cozinhá, mas na época tomava água da chuva, tomava água da chuva. Nesses terreno aí empoçava água até no fundo.

E por isso havia até peixe.

Ele: Tinha peixe. Vinha a molecada com peneira e pegava, é.

E ainda com relação a 74, como se fazia para conseguir comida?

Ele: Comida, naquele tempo, quem pode trazê trouxe.

Do Paraná?

Ele: É, do Paraná. Outros fazia com, porque assim, quando eu cheguei já tinha armazém do Osvaldo de Paula, da dona Darcília. O primeiro que abriu foi o cunhado da dona Darcília, como é que chama ele? Aquele que tem até um hotel ali embaixo, Bernardino, é. Bernardino foi o primeiro armazém que montô aqui na cidade, foi ele. A esposa dele é a Sueli. O cunhado dele é o Osvaldo de Paula, foi prefeito aqui da Sinop. Eles tinham um armazém de secos e molhados quando nós chegamo. Depois veio o Schenatto, Schenatto, que é o pai do Barbicha, nós conhecia por Barbicha. É aquele do posto Cacique, do Caiçara Gril. Como chama ele?

Valdemar; Valdemar ou Ademar? Ademar, né. Ele é o que tá encabeçando o Gigante do Norte aqui também, ele e o Massami, que tinha o escritório. Ele foi primeiro, não sei se foi primeiro de chegá que eu ou no mesmo tempo. A dona Dalva, ela deve ter muita coisa pra contá, ela trabalhava no escritório de contabilidade. Ela sabe mais coisa que eu. Exatamente, ela tava no comércio, então ela via o sofrimento do povo mais do que eu.

Mas, e nessas andanças do senhor por aí, por exemplo, de caminhão, o senhor se deparou com muitas coisas engraçadas, difíceis, complicadas?

Ele: Não, só mais complicado porque o caminhão que meu pai me deu, eles me carregaram tanto o caminhão que chegô na Caixa Furada e não subiu. Lembra que lá tinha a serra do Caixa Furada.

Aonde?

Ele: Na serra, pra cá de Nobres.

Como é que era o nome da serra?

Ele: Chamava Caixa Furada. Porque eu não sei, era Caixa Furada. Eu vinha trazendo minha mudança e tudo o que meu pai me deu, cheguei e o caminhão ficô, não subiu.

Ah, estava muito carregado?

Ele: Muito carregado. É que o caminhão era fraco, sabe! Era acostumado trabalhá lá no Paraná, né. E eles, com dó de mim, puseram muita coisa pra mim no caminhão; o caminhão não subiu.

O senhor veio com a esposa?

Ele: Com a esposa e os quatro moleque eu trouxe e dois empregado que meu pai mandou junto. Meu pai foi caprichoso comigo, né. Até dois peão ele mandou junto pra mim.

E ele não ficou triste por que o senhor saiu de lá pra vir pra cá?

Ele: Não, porque quando a gente vai criando família a gente já sabe que cada um tem que pegá um rumo.

E a sua esposa quis vir pra cá?

Ele: Aí eu não sei, ela é bem encrenqueira, sabe, tão encrenqueira que tá alejada hoje.

Risos...

Ele: É, anda mancando de tanto trabaiá.

Ah, bem trabalhadeira então?

Ele: É até a filha mais velha, lá do Paraná, do meu sogro, né.

É descendente de japoneses também?

Ele: É. Ele trabalhava com cafezal, até trabalhava direto carregando peso, sacaria de dentro. Ia arrancando café lá dentro e enchia aquele sacão de cem litro, pegava nas costa e levava no carreador, né. Minha muié fez muito isso aí, sacaria de 80 kg por aí carregava.

Nossa! Que forte! Mas ela conseguia carregar sozinha?

Ele: Carregava. Aquela sacaria chamava coronel, sabe.

A sacaria?

Ele: Era coronel um saco de cem litro. E ela também carregou tudo lá, né.

Lá no Paraná!

Ele: Lá no Paraná, agora aqui não. Agora aqui ela ficava aqui na cidade, né, porque tinha as criança, né. Eu ia lá pro sítio fazê algum serviço e quando tinha frete eu ia puxá frete.

Então o senhor ganhou terreno aqui e já construiu a casa logo?

Ele: Sim. No sítio não tinha. Aí a Cooperativa, que eu acho que foi fundada pela própria colonizadora, né, financiava tudo pra gente.

A casa já estava pronta quando o senhor chegou?

Ele: Quando eu vim, meu cunhado tinha vindo dez mês primeiro que eu, ele arrumou gente aqui e fez aqui pra mim; quando eu vim ele já tinha feito. E meu cunhado comprou uma casa pronta de uma pessoa que já tinha vindo antes dele. Então, só que minha mulher, ela ficava aqui quando as criança ia pra escola. Nas férias eles iam tudo lá pro sítio, trabalhava lá no sítio. Até hoje eu ganho bronca dela porque eu não trabalho muito. Risos... E briga até hoje ainda. Risos... Eu cheguei agora pouco em casa, nós tava brincando ali embaixo no Getbool, num terreno dele ali embaixo. Tava jogando com os outros e cheguei em casa e ela veio correndo atrais dessa manga. Diz que ela que trouxe lá do Estado de São Paulo. No tempo que ela morava no Paraná ela foi lá no Estado de São Paulo e trouxe. Plantou no Paraná, do Paraná ela trouxe aqui e agora tá esparramando pros conhecido.

Como é que se chama essa manga?

Ele: Manteiga. É gostoso. Essa aí não tem fiapo. Como eu tava falando da minha mulher, reclamá ela não reclamava, mas ela já fez de tudo. Ela plantava verdura, fornecia verdura. Ela pegava um jipinho velho que nós tinha e vendia aqui na rua. Tocou comércio. Ela pegava verdura pra vendê, fazia salgadinho pra vendê.

E assim vocês foram se ajeitando nesse ‘novo’ lugar.

Ele: De certa forma foi mais ela do que eu que puxou pra vir, porque ela é fominha, né, gananciosa.

Mas hoje vocês estão bem?

Ele: Consegui muita coisa. Ficá rico não deu, a cabeça não ajudô.

A cabeça não ajudou por quê?

Ele: É porque não soube negociá, né, não soube, não se acertou. Eu, pra falá honestamente, é a cabeça. Porque teve gente que chegou bem depois de nós e cresceu! Cresceu, assim, sem tê um capital, né.

Acertaram nos investimentos.

Ele: É, investindo certo. Tem gente que hoje é meu vizinho lá na Júlio Campos, ele é... há pouco tempo com uma malinha de roupa ele mascateava pra lá, pra cá. Agora ele tem a Confecção Nordeste. Então ele comprou aquele de trás também; ele tem outras coisas, que tô sabendo que ele tem. Vizinho meu, tem a confecção lá.

O senhor acha que errou vendendo as terras?

Ele: É, uma foi isso aí também que eu errei. Eu não soube negociá.

Vendeu muito barato.

Ele: Não foi só nessa parte, porque fora disso daí eu tinha capital de giro, por fora, mas eu não acertei a negociação. Porque quem acertô cresceu. Que nem aquele o, o cunhado do, do, eu esqueço o nome, aquele que tinha bar, aquele que tinha o primeiro bar onde é o ônibus, em frente ao Plínio pra cá.

Um pioneiro também?

Ele: É isso. Eu esqueci o nome dele. Então eles cresceram até razoavelmente porque eles vieram quase sem capital, né. E eu vim com capital e não consegui crescê. É problema de cabeça mesmo.

E o senhor se arrependeu de ter vindo, se for pensar no passado?

Ele: Não, não, de ter vindo pra cá não me arrependi não. Eu me arrependi de não ter sabido negociá.

Hoje o senhor faria diferente?

Ele: Ah sim, hoje faria, mas agora já não adianta mais. Risos...

Nunca pensou em voltar para o Paraná?

Ele: Não. Inclusive eu tenho um cunhado meu que voltô. Esse que chegô primeiro do que eu, no mês de janeiro, inclusive eu que trouxe a mudança dele, dele e do pai dele. Ele, o primeiro sítio depois da usina de álcool era deles. Tinha 150 de alqueires de terra também. Só que o caso dele é diferente, é ele e o pai dele junto. Aí o pai dele foi chegando a idade, ele foi e vendeu e já partiu pros outros irmãos dele; do meu sogro, né, que a minha mulher ganhou uma parte e os outros irmão ganhou também. Aí ele pegô e foi embora pra Maringá. Voltou e tá se dando bem agora lá, sendo que ele tinha vindo bem mais rico de lá pra cá. Então é engraçado as coisa, né. É. A gente tem uns alugueis, tens uns cinco, seis apartamento que a gente fala.

E com relação a alimentos, vocês chegaram a enfrentar dificuldades?

Ele: Aconteceu o seguinte, teve uma época que a Cobal montou um armazém, nos anos 80, por aí, daí a Cobal ajudou muito. Fora isso aí tinha o armazém da dona Terezinha, lembra? A dona Terezinha era uma das pioneiras também. Ela mora ali, sabe aonde? Na Júlio Campos, onde tem o, quem vem de lá pra cá, vamos dizer o seguinte assim, quem vai subindo na Júlio Campos, antes da Jacarandás, lado direito, quer dizer, quem vai subindo do lado direito também, antes da Jacarandás, não tem um salão de beleza que esses dia tava escrito vende-se? Então, ela mora ali. Ela foi uma das pioneira também.

Ela trabalhava com o quê?

Ele: Secos e molhado.

Vocês chegaram a passar fome?

Ele: Ah não, eu nunca.

E com relação às plantações, como foi o início de vocês?

Ele: Plantava, mas no começo, no começo o pessoal não sabia plantá, era difícil plantá.

A terra não dava.

Ele: É, era uma terra estranha pra quem veio de fora. Até você estudá como é que tem que fazê uma coisa ou outra.

Tinha que adubar antes.

Ele: É isso. Meu sogro mesmo sempre plantava verdura. Até ele vendia um pouco pra mim. Mas isso depois já passado uns treis ano que ele tava aí. No começo não dava, é.

Antes do Paraná o senhor chegou a morar em algum outro estado?

Ele: É, eu fui criado na colônia, como é que fala? De nordestino.

Nordestino?

Ele: É. No Estado de São Paulo. Isso aí era no Estado de São Paulo.

E seus pais vieram do Japão?

Ele: É. Meu pai e minha mãe. É, só que não vieram casado de lá não.

Se conheceram em São Paulo?

Ele: É isso.

E lá em São Paulo vocês moravam numa colônia nordestina?

Ele: É, a maioria era nordestino. Eu pertencia a um bairro que chamava Bairro Riqueza, de japonês, né, mas eu mesmo morava no meio da baianada. Até hoje eu não sei falá direito japonês. É sério.

O senhor não aprendeu a falar japonês quando criança?

Ele: Eu aprendei alguma coisa, mas não tinha interesse, né.

E seu pai não insistia pra que você aprendesse?

Ele: Ele insistia; insistia sim. Inclusive tinha escola japonesa à noite, como é que fala? Yagaku. É escola noturna. Era só pra pessoa de quinze ano pra cima, quando ia na escola primário não podia i nessa escola, não podia misturá.

Então o senhor aprendia só português na escola?

Ele: Português mesmo. Só que nossos colega, a maioria era descendente de japonês. Naquele tempo existia o tal do inspetor, né. Cada bairro tinha uma pessoa, o delegado ali da região marcava um pra ser inspetor; era tipo polícia. Só que não usava farda nem nada. Qualquer coisa errada que ele via ele corria lá na delegacia e contava.

Mas essa escola que o senhor frequentou era uma escola também para brasileiros?

Ele: Normal.

Em que cidade em São Paulo?

Ele: Em Sabino, perto de Lins.

Então o senhor aprendeu logo o português por causa da convivência com os nordestinos.

Ele: É, a colônia lá onde eu, inclusive quando eu comecei a ir na escola, eu já tava com oito ano, eu não fui cedo, eu fui com oito. Fora isso aí, meu pai tinha, vamos supor, tinha quatro, cinco família de empregado, mais pra frente tinha outras fazenda, tudo de nordestino. Então até oito ano não tinha convivência com japoneses.

E como é que seu pai foi parar ali?

Ele: Ah! Isso eu não sei. Risos... Até hoje eu pergunto como é que ele fez pra i lá. Risos...

O senhor estudou até que série/ano?

Ele: Aquele tempo falava quarto ano, porque normalmente a pessoa estudava até o terceiro ano.

Só até o terceiro, por quê?

Ele: Não sei, a maioria era assim, porque no interior tinha escola só até o terceiro ano, daí tinha que i pra cidade. A escola que eu estudei chamava Mista Riqueza, Mista Riqueza. E as varada que eu tomava da professora! Risos... Eu era cabeça dura.

Aí depois o senhor estudou em outra escola?

Ele: Depois eu estudei o quarto ano perto de Lins. Todo dia ia de ônibus e voltava; dava trinta quilômetro. Meu pai queria que eu estudasse mais pra frente, sabe, depois daí; aí eu não quis. Nós foi só dois aluno que estudô fora naquele tempo. De quarenta aluno que estudô, só sobrô dois aluno pro quarto ano.

Então o senhor ainda foi um privilegiado?

Ele: É. Meu pai queria que eu fizesse, naquele tempo era ginásio que falava, e fizesse faculdade, sabe. Meu pai tinha dinheiro, depois trabalhava e não tinha dinheiro, mas eu não quis. Eu queria dirigi trator, dirigi caminhão, risos...

Em que ano vocês foram para o Paraná?

Ele: Em 54, acho que foi em 54 ou 55. Meu pai já tinha terra no Paraná. Ele comprou terra nos anos 50, quando ele tava no Estado de São Paulo, ele não vendeu lá. Com o dinheiro que ele ganhou, ele comprou lá.

O Senhor, seu Kadu, tem quantos anos?

Ele: É setenta. É, arredondô. Nasci em 06 de outubro de 1940.

Seu Kadu, agradeço muito a atenção e o tempo disponibilizado para contar um pouco da sua história.

Ele: Como sô ruim das ideia nem contei tudo. Risos...

Já está ótimo, obrigada!

10- IDENTIFICAÇÃO:

Sigla: S10 M

Idade: 54 anos

Sexo: masculino

Estado civil: casado

Número de filhos: um filho e uma filha (nascidos em Sinop)

Profissão: comerciante

Escolaridade: 8^a série do Ensino Fundamental

Naturalidade: nasceu em Guabiju no Estado do Rio Grande do Sul

Descendência: italiana

Local em que residia antes da migração: Guabiju – Rio Grande do Sul

Em que ano e com que idade chegou a esta cidade: 11 de fev. de 1977, com 20 anos

Data e duração da entrevista: 3 de fev. de 2011; 1h38min.

Em que ano o senhor veio pra cá, seu Jair?

Ele: Então eu vim, na época, eu vim em 77, né.

Mês, dia?

Ele: Eu cheguei dia 11 de fevereiro de 77.

Época da chuarada.

Ele: Na época da chuarada.

Por que o senhor veio pra cá?

Ele: Como é que eu vou falar pra você. Até é uma história um pouquinho... até pra começá o motivo porque eu vim, o que me trouxe ... Eu sempre fui muito fascinado assim. Eu era seminarista, na época nós fomos criados numa, numa cidade bem pequenininha, que até hoje são mil e poucos eleitores, né, e já se passaram 40 anos.

Onde?

Ele: Em Guabiju. Em Guabiju lá no Rio Grande do Sul. Na época era distrito de Nova ta, hoje é município, faz um tempinho que já é município, né. E, na época, pra gente estudá, pra podê sair estudá, meu pai foi uma pessoa que nunca estudô, mas ele sempre prezou pro lado do estudo. Um pouquinho que ele pode dá, ele sempre procurou dar pra gente. Aí eu fui pro seminário, que era uma maneira que tinha. Os padre passavam na escolinha onde nós morava, nós tinha uma escolinha no interior e eles iam catando gente, né, pra levá pro seminário. A chance que a gente tinha de estudá era o seminário, porque era uma maneira barata e que a gente tinha, né.

E ficavam lá?

Ele: Ficava, a gente ia pra lá e saía uma vez por mês, no domingo à tarde.

Isso em que cidade?

Ele: Em Caxias, em Caxias do Sul, que dá 150 km, né. Aí eu fui pra lá, fiquei 4 anos lá.

Com quantos anos o senhor foi pra lá?

Ele: Ah, eu não me lembro agora, mas eu tinha uns 13 ou 14 anos, uma coisa assim. É, 13, 14 anos, por aí. Aí eu concluí o ginásio lá, né, até a oitava série na época. Daí eu concluí na época, daí eu saí do seminário e vim embora, até porque o pai precisava, né, a gente era em 7 irmãos e

na roça a coisa não era fácil, né. Aí eu vim pra casa; aí eu vim pra casa, comecei a trabalhar em casa, mas eu falei *eu queria mais coisa*, né. E no seminário, naquela época, os padres tinham um projeto chamado, chamava, se não me falha a memória, “Cura”. Era um projeto que eles tinham, que pegava o seminarista, pessoas pra vim pra Amazônia, pro Mato Grosso, pra vim pra catequizar índio, pra ajudá as pessoas pobres e eu nunca pode vim.

Então o senhor já tinha vontade de vir pra cá nessa época?

Ele: Na época quando eles falavam que eles vinham pra ajudá as pessoas e aquela coisa toda, passavam na época os slides, né; era os slides assim que eles tinha, eles passavam dentro, interno no seminário, mostrava aquelas árvores imensas, aquelas cobras grandes e aquelas paisagens bonita, aquelas coisas tudo, eu não sei daonde tiravam, mas tudo bem. Risos...

Mostravam paisagens de Mato Grosso também?

Ele: Sim. Segundo eles, os livros era do Mato Grosso, né, porque eram da região. Então eles mostravam aquelas coisas bonitas assim e eu ficava doido e falava *um dia eu tenho que conhecê um lugar desses!* Mas pra gente era o fim do mundo, né.

Sua família não o incentivou pra vir?

Ele: Não, como é que vai incentivar se eles não sabiam; eles também nunca saíram de lá. Eu não culpo nunca, eu acho que fizeram até demais pra gente, né, porque aonde eles moravam, meus avós vieram da Itália e se instalaram na Colônia 19, da minha mãe, né, e na Colônia 21 é do meu pai. Foram duas famílias italianas que vieram.

Lá era tudo dividido por colônias?

Ele: É, eles chamavam de colônias. Eu não sei bem a história, eu só sei que a Colônia 19 era do meu vô, da minha mãe, né, e a Colônia 21 é do meu pai, né.. Uma lá embaixo do morro e nós moramos lá em cima do morro. E ali eles formaram a famílias deles, né.

Eles se conheceram entre as colônias então?

Ele: Eu acho que sim, né. Risos... Mas como eu não sei, eu não tava lá, mais Risos.... E daí eles fizeram essa colônias pertinho deles e viviam ali, então era restrito o conhecimento na época pra eles.

Sem escolaridade?

Ele: Meu pai teve 3 dias de aula. Sim, 3 dias meu pai. A escolinha que meu pai ia tá de pé até hoje, preservada. Preservada assim, ela foi feita de, de, de tábuas, até agora quando nós fomos pra lá nos 80 anos deles, nós fomos pra lá e eles, nós fomos lá vê. Levei lá meus menino verem a escolinha, né. Tem uma árvore no meio da escolinha, ela deve ter uns 60 cm de grossura. Imagina quantos anos a escolinha deve ter! Mas tá lá. Essa nossa região, é uma região assim muito, ela preserva muito a tradição.

Aliás, os gaúchos como um todo, né?

Ele: Mas eu acho que a nossa, ela é mais, ela é o que era a 40, 50 anos atrás. O que eu conheci preserva-se no mesmo sistema.

O pessoal faz questão de preservar.

Ele: Sim, faz, faz questão de preservar; a tradição da nossa região é muito forte. Ela é muito forte, assim, não é que ela é muito poderosa assim, ela é a tradição que se preserva, os costumes, os sistemas, essas coisas assim. É, a gente tem no sangue esse tipo de coisa, mas não é todos, né.

E como foi a história do senhor vir pra cá, vir pra Sinop?

Ele: Quando eu vim pra cá foi quando, a gente resolveu vim, né, mas aí quando eu vim, eu vi aquelas coisas, aquelas histórias, eu falei *mas um dia ainda eu vou pro Mato Grosso, um dia eu vou conhecê*, né. Aí eu saí do seminário, fui pra casa, fiquei um tempinho e falei *mas eu não posso ficá aqui, né. O que é que eu vou ficá fazendo aqui, né, daqui há 20 anos, 30 anos, eu tô aqui*.

Um lugar tão pequeninho!

Ele: Tão pequeninho, sem espaço, né, e eu sempre fui assim, eu acho que a gente tem que ter independência, né, é sério! Eu, cheio de saúde, com vontade e, modéstia parte, acho que a gente não era tão bobo assim, eu falei *eu vou ficar aqui na saia do pai e da mãe por quanto tempo?* Com um mundo que existe por aí que a gente não conhece e espaço, né. Aí falei *não, eu vou, eu vou ir*. E aquela imagem do seminário nunca saiu da minha cabeça, né, da gente vim. Parece que aquilo cativava! Daí surgiu uma oportunidade, na época, de estudá em São Leopoldo, no colégio agrícola, internado também, mas eu não concordava com aquilo, não, não concordava porque era muito pouquinho.

Como assim?

Ele: Pra gente ficá tanto tempo dentro de um colégio pra apreendê tão pouquinho. Tanto tempo perdido, é tanto tempo perdido pra quem quer andar, pra você ficar sentado, não é fácil. Eu falei *gente, eu vou ficar 4, 5 anos aqui dentro, nesse colégio, pra ir pra aula de manhã, ficar lá uma hora, duas. Não, vou ir fazê Zootecnia*. Na época Zootecnia não era um curso, hoje já tá voltando o curso técnico, que você faz em pouco tempo, né. Então eu fiz o cursinho técnico de Zootecnia e aí eu tinha um professor de Zootecnia que gostava muito da gente. Então, todo fim de semana, todo dia ele arrumava um jardim pra nós fazê, arrumá um dinheirinho pra nós comê uma paçoquinha, pra tomá uma Laranjinha.

Laranjinha?

Ele: Laranjinha era um refrigerante, era um refrigerante como se fosse hoje uma, uma fanta laranja, só que era uma garrafinha desse tamanho assim, oh (gesto)! Não tem esse guaraná pequeninho? Só que ela era de laranja e se chamara Laranjinha e era bom! Laranjinha, né. Até hoje eu falo *ah, quero tomar uma Laranjinha*. Risos... E daí eu falei assim *não, eu tenho que ir atrás de alguma outra coisa*. Então eu fazia aquilo, na época ainda, nós ia pra ia pertinho de Tramandaí, perto de Canoas. Então, no final de semana, a gente ia na ia pra trabalha de garçom, servi nas churrascarias, né. Aí você ganhava o almoço, porque no colégio você comê bem não era fácil, né. Risos... Por isso você ia pra lá no final de semana, almoçava bem.

Ah, no final de semana vocês eram liberados então?

Ele: É, quando tava no colégio agrícola, né, no colégio agrícola era liberado, é. Durante a semana não, durante a semana tinha os horário pra ficá. No final de semana você saía no sábado pra voltá no domingo, né. Então a gente ia fazê essas coisa pra ganhá um dinheirinho, né. Mas aí você conversava com aquelas pessoas e as pessoas falavam, as pessoas chegavam de carro, vinham com a família, outros sentavam lá e comiam um monte de coisa. Então eu falei *gente, ele não é mais saudável que eu, ele não é mais*. Eu disse assim *onde é que tá o segredo disso, né, eu tenho que entrá em alguma coisa*. Daí eu resolvi, como eu fiz esse cursinho, eu fiz um ano e pouquinho, daí esse professor falava pra mim, ele falava assim *o futuro, a gente vai em busca dele, ele não vem ao encontro da gente, a gente tem que ir atrás dele*. Aí eu tava com aquilo na cabeça, aí chegou um dia eu falei assim *ah, eu vou!* Fui pra casa depois que terminei o cursinho, tentei fazê na casa dos meus pais aquilo que eu tinha apreendido, mas aí você depara com ... não bate com as ideias.

Há o encontro de gerações?

Ele: Exatamente, e a gente só vai entender depois; no momento você não entende isso. Pelo menos eu não entendi. Aí eu fui lá e queria implantar aquele sistema de vazante, aquele sistema de manejo de pastagem, de coisa e tal, e comecei a mexê com umas vaquinha de leite com minha parceira, eu nunca, nunca ia no galpão se ela não fosse junto, foi minha mãe. Sempre, desde que eu comecei a tirar meus primeiros 5 kg de leite, até chegá os 200 e poucos kg, que na época era uma coisa, Nossa Senhora, na mão. Aí entrou em confronto com as ideia, por exemplo, eu tenho um irmão mais velho e nós batemo de frente, né. Sempre fomo assim, eu sempre, minha mãe sempre fala assim *você sempre foi muito rebelde*, né. Mas se você quer as coisas você tem que ir atrás delas.

Tem que brigar pelas ideias.

Ele: Não adianta, você não consegue nada, pra consegui as coisas, né, sem lutá e eu ia atrás. E daí foi indo e nós entramos em conflito ainda com coisas, aí ele viu que eu tava com 2 anos e pouquinho, eu já tinha conseguido muito mais do que eles todos, tinha conseguido nesse período.

O seu sucesso começou a despertar inveja?

Ele: É, aí não funciona, não vira, porque daí tudo o que você falava *ah, o Jair faz, por que é que eu não posso fazer?* Já era umas coisa assim, que não deu mais certo. Aí eu falei *espera aí, podem ficar com tudo aí e eu vou embora*. Mas foi assim, decidi naquele momento *eu vou embora*.

E decidiu para onde ir?

Ele: Mas, menina do céu, eu conhecia Abelardo Luz, que eu tinha ido lá em Abelardo Luz, que dava 400 km.

Ah, o senhor participava de torneio de laço?

Ele: Esse é meu orgulho. Essa é minha cachaça.

E por aqui o senhor continua participando?

Ele: Mas é isso o que a gente faz! Inclusive começa agora, em março agora começa.

Onde?

Ele: Em toda região, em toda região.

E é bem divulgado?

Ele: Mas é, nós temos a nossa federação, depois eu mostro pra você, eu tenho fotos. Mas da época, eu aproveitei e vim embora *eu vou embora*. Aí eu fui, na época eu tinha até uma condição financeira pra época, pra região e pra situação, boa, né, pra época. Aí eu falei *não, eu vou embora* e ajuntei uma malinha de roupa, com umas quatro mudinha de roupa e falei *tô indo*. E daí minha mãe não queria e não aceitou porque lá é uma família muito tradicional, e eu falei *vou embora* e *vou embora*. Aí já ajuntou um monte de gente lá em casa, veio minha madrinha atrás de mim e já veio a minha tia e minha mãe e aquele rolo todo, mas falei *eu vou embora*, quando a gente fala as coisas elas têm uma peso, né, quando você decide o quê fazê tem um custo, né? Tem um custo, é uma decisão, eu não acho dificuldade nenhuma de fazê as coisas, nunca achei dificuldade de fazê nada. A dificuldade minha foi sempre decidir o quê fazê; depois que decidi o quê fazê você faiz.

E aí não volta mais atrás?

Ele: É, daí a gente tem que se adequar, você tem que ser... vou fazê isso aqui, então você decidiu que vai fazê, você tem que fazê. Como? Você vai se ajeitando e vai organizando. Aí eu ajeitei minhas coisinhas e falei *vou embora e eu vou*. Aí minha tia falou que eu era muito moleque.

Quantos anos o senhor tinha?

Ele: Eu tinha 20 anos. Aí eu falei pra ela que eu vinha embora, aí ela falou pra mim que eu era muito criança pra saí. Aquilo machucou, né, porque você tinha que decidi o que fazê, *mas eu não sou criança!* Eu falei *eu tenho saúde, tenho vontade, pois eu vou. Se eu não consigo sobreviver eu tenho é mais é que morrer, ué? Os outros têm que tratá de mim? Não, tá errado*. E catei e falei pra ela *tia, eu só volto o dia que eu tivê bem de vida*. Risos...

Bem determinado!

Ele: Disse *eu só volto o dia que eu tivê bem de vida*. E catei a minha malinha e fui até a cidadezinha e peguei uma carona com caminhão e fui, fui pará lá em, perto de Porto Alegre, em Canoas. Fui com um conhecido da gente, que era da cidadezinha, né, que foi com caminhão carregado, que era freteiro, né. De lá eu vim com ele até Cascavel. Quando eu cheguei em Cascavel, no Paraná, eu achei que eu tinha chegado quase no fim do mundo, né, porque lá falavam tanto de Cascavel, porque tinha gente que tinha vindo do Rio Grande do Sul pra Cascavel, voltavam cada, não sei quantos anos, vê as pessoas.

O senhor veio com o mesmo caminhoneiro até Cascavel?

Ele: Isso, fomos até Canoas, daí ele carregô, né, o caminhão e veio descarregá em Cascavel. Aí eu me deparei com uma cidade daquele tamanho! Pra gente, a imagem que a gente tem do Mato Grosso lá, Cascavel seria uma cobra, seria uma coisa, uma imagem da gente, assim, bem distorcida. É, a gente constrói uma fantasia na cabeça da gente. Quando deparei com uma cidade daquele tamanho falei *gente do céu, onde é que eu tô morando, onde é que eu nasci*. Falei *nossa, não é verdade o que eles falam*. Eu falei gente do Céu, aquelas lavoura, aquelas terra pra mim era uma planície aquilo, porque da terra onde a gente veio eu nunca tinha visto terra plaina. Era só morro, sempre em cima da serra. Eu fiquei admirado com aquilo, falei *meu Deus do céu, que coisa bonita!* Eu falei. Aí aparecia, nós ficamos lá uns dias, e aparecia na televisão uma propaganda de Sinop, a “terra do futuro” e não sei o quê e aquela propaganda, porque eles eram do Paraná, né, então aparecia na televisão preto e branco e mostrava as coisas eu olhei pra aquilo *mas é isso que eu tô procurando*, né.

Eram as propagandas da colonizadora do seu Enio?

Ele: Da colonizadora Sinop, na época, né. Aí eu falei *mas é!* Aí conversei com outro, conversei com outro pra sabê como é que ia, como é que era, eu falei *é lá mesmo que eu vou*. Ah, catei os últimos troquinhos que eu tinha, comprei uma passagem e fomo embora.

Em Cascavel, então, o senhor ficou só uns dias?

Ele: Fiquei só uns dias sim. Fiquei lá acho que uns 8 dias, eu acho; uns 8, 10 dias. É que tinha, esse caminhoneiro que me trouxe, me levou na casa de um amigo, conhecido do pai, na época, que tinha vindo embora do Rio Grande do Sul pra Cascavel, eles eram os Cabana. Mas eu nem conhecia eles, não conhecia nada, mas esse caminhoneiro conhecia. Daí ele me levou lá, até ele trabalhava num frigorífico, ele era comdor de um frigorífico, ele me levou lá, né. Aí conversando com ele e tal, né, falando aquela coisa toda, era em 77 na época e tinha dado uma crise bem forte, uma seca muito grande no Paraná, era uma época de crise lá. Na época não arrumava emprego, não arrumava nada. Foi uma quebradeira danada. Aí tava-se construindo a Itaipu, então tinha aquelas duas coisas, né, ir pra Itaipu, porque as pessoas falavam assim *na Itaipu, em Foz do Iguaçu, tem serviço que não acaba mais*. Eu pensava *o que é que eu vou fazer lá, eu não sei mexê com construção e com coisas*, né. A gente tinha uma ideia, parecia que eu tinha que mexê com vaca de leite, com o que eu sabia fazer, eu ficava naquilo ali. E fiquei entre Itaipu e Sinop. Eu falei *Itaipu é só uma construção e eu só vejo falá, né, e Sinop tô vendo na televisão*, né. Eu falei *eu vou embora pra lá* e catei o ônibus e vim embora.

O senhor veio de ônibus?

Ele: Sim, vim de ônibus naquela época e pensa nuns ônibus! Na época era bom, né, na época era, sem dúvida.

Quantos dias o senhor levou para chegar, seu Jair?

Ele: Menina, eu acho que foram três dias. Eu sei que quando nós chegamos em Dourados, em Mato Grosso do Sul, era tudo chão, né, não tinha nada de asfalto, não tinha nada, o asfalto vinha

só até Terra Roxa, de Cascavel até Terra Roxa. De Terra Roxa até Guaíra era tudo chão e pensa num chão, pensa nuns areião. Mato Grosso do Sul era tudo queimado, foi tudo queimado, eu falo, assim, queimado vivo, né.

Nessa época já?

Ele: Sim, Mato Grosso foi o maior crime do mundo, né, era o que era certo na época, né, hoje iam todos pra cadeia, hoje iam tudo pra cadeia. Na época usava-se um veneno que eles tinham e eles passavam de avião em cima da mata, né, mas mata, madeira. Eles já faziam isso antes de 77. Tinha muita fazenda formada, e aí caía as folha, secava e aí botava fogo e aí jogava capim.

Passava-se veneno de avião em toda a mata?

Ele: Sim.

Então matavam os animais e bichos todos?

Ele: Ah, isso o que não morria no veneno morria no fogo. Esse foi o maior crime do mundo que pode acontecê na época, mas é o custo do progresso, foi assim na época. Eu falo assim, se o que nós tomo fazendo hoje, daqui dez anos, eu não vou mais falar daqui há 30, 40 anos, daqui há 10 anos estiver certo é porque não evoluiu. Tudo o que a gente faz tá errado, senão nós temo atrasado, senão nós paramo. Então, os venenos que a gente usava 10 anos atrás hoje não se usa mais.

E o que nós estamos fazendo agora é errado por que vai surgir coisa melhor?

Ele: É errado. Daqui 10 anos, daqui 5 anos devem surgir coisas melhores. Então, se o que nós estamos fazendo hoje estiver certo o mundo não evoluiu.

E, na opinião do senhor, o que é melhor para o mundo evoluir: nós resgatarmos as florestas ou nós continuarmos o progresso com esse desmatamento?

Ele: Eis a pergunta, eis a questão. São coisas que são muito polêmica. Uma vez eu tinha uma maneira de pensa e de criticar. Hoje eu penso diferente. Eu pergunto pra você *se nós tivéssemos preservado o Mato Grosso, deixado ele perfeitamente como ele era, nós tínhamos comida hoje para o nosso povo?*

Essa resposta é muito complexa, não é mesmo?

Ele: É complexo, é muito complicado, eu falo assim o custo do progresso é caro, conforto custa caro. Não só de dinheiro, o custo é caro. Esse ar condicionado que nós temos aqui e essa lâmpada que tá aqui vêm de algum lugar, possivelmente alguém represou um rio, fez uma usina pra nós ter esse conforto.

E com a destruição da natureza.

Ele: Você concorda comigo? Dá pra nós desligá o ar, desligá a luz e continuarmos conversando? Risos... Então, é muito complicado, essas coisa acho que é muito bom, né, mas é muito polêmico, não pode entrar nesse mérito.

Mas, então, foram três dias no ônibus até chegar!

Ele: Aí nós chegamos, quando eu cheguei em Cuiabá, na época, eu não sei te dizê se eu perdi ou se me roubaram, acredito mais que me roubaram do que perdi, o pouquinho do dinheiro que ainda eu tinha.

Isso na vinda?

Ele: Na vinda. Só sobraram 13 reais, 13 cruzeiros, né, 13 cruzeiros que tava num outro bolso; bem fácil de fazer a conta. Aí eu vim de Cuiabá até aqui sem gastá nada, bom, até mesmo porque não tinha nem onde gastá. Só tinha o Posto Gil, onde tinha uma coisa onde fazia vacina contra febre amarela na época.

Ah, tinha que fazer vacina antes de vir pra cá?

Ele: É, ali no Posto Gil, ali tinha uma, uma, nós chamava o pau do Nono BEC. Risos... É uma madeira, uma haste assim, como hoje você chega nos, nos, nos pedágio não tem uma, um que barra sua passagem? Aí você paga e ela levanta? Só que naquele tempo era um pau bem grande.

E era o Nono BEC responsável por esse ‘pedágio’?

Ele: Sim, essa BR era controlada pelo Nono BEC. Quando você chegava ali no Posto Gil, em cima da serra, pra cá de Cuiabá, então, quando você chegava ali, na época, fazia a vacina da febre amarela, da tifo, aí você se vacinava; eles vacinavam a gente ali pra passá. Acho que não era obrigatório aquilo, mas quem é que tem coragem de vir num lugar desse e não tomar uma vacinazinha, né? Bom, a gente tinha que fazer mesmo. Daí nós viemos pra Sinop. Pra dizer que eu não tinha, dos 13 cruzeiros, quando parou na rodoviária em Sinop era umas 4 horas da manhã que o ônibus chegô, aonde hoje é a Mariás, na Primavera com a Itaúbas, né, com a Júlio Campos é, era a rodoviária, onde é a Mariás, lá em cima, era aqui em cima. Então era uma rodoviária bem pequenininha. A porta abria pra fora, de madeira, bem simplesinha, rodoviária do Ditinho, né. Do Ditinho, do Ditinho. Tá até hoje andando aqui na rua, ele era nordestino.

Ele é um dos pioneiros também?

Ele: Ele é pioneiro também, ele e a família dele são uns quantos aqui. Talvez seja uma pessoa interessante até de você fazê entrevista.

Será que ele veio do Paraná?

Ele: Não, não sei daonde ele veio, mas parece que era do Paraná, se não me engano. Era uma família grande, eram uns quantos irmão. E aí eu cheguei, aí, no valor do dinheiro que eu tinha, eu comi um pastel e um café com leite; sobrô 2 cruzeiros.

E o resto do dinheiro havia mesmo desaparecido?

Ele: Sumiu, não sei se me roubaram ou eu perdi ou o que foi, só sei que sumiu. Daí eu falei *e agora?* Risos...

E qual foi a sensação do senhor ao chegar aqui?

Ele: Não, quando chegô o ônibus foi um desespero, né. Não tinha nada, era 4 hora da manhã. Não tinha energia, não tinha asfalto, não tinha nada. Tinha aquela casinha com um motor nos fundo funcionando, tu,tu, tu, 3, 4 hora da manhã, entendeu, esperando o ônibus chegá. Menino

do Céu, quando nós descemos dentro daquele ônibus poeira tinha dentro e fora do ônibus, você só olhava pros cara só via o buraco do olho, né. Imagina 500 km de estrada de chão! Aqueles ônibus que vinham, vinha fazendo aquelas nuvem de poeira dentro do ônibus. Aí um abre a janela porque era muito quente, aí o outro também, ah, vira aquele rolo.

Aí o senhor se arrependeu de ter vindo?

Ele: Não, nunca me arrependi de nada do que eu fiz, nunca. Me arrependi muitas vezes de não ter feito, mas do que eu fiz não. Faça, seja o que for, mas vai dar certo. Aí eu parei e falei *e agora?* Aí eu perguntei pra, eu não conheço a pessoa, perguntei pro cidadão como é que fazia, como é que era pra i nessa colonizadora, né, e tal, porque uns falavam que era pra procurá a colonizadora e tal.

Procurar o seu Enio?

Ele: É, que era, as pessoas comentavam que seu Enio era uma pessoa muito boa. A colonizadora era ali subindo o mato, uma casinha que tinha ali em cima.

Mas o senhor esperou clarear o dia?

Ele: Aí eu comi o pastelzinho e o cafezinho daqueles e esperei. Aí eu fui lá conversar, cheguei lá aí tinha um banco do lado de fora, sentei e esperei. Começou chegar um, chegar outro e tal.

A colonizadora ficava no mesmo lugar em que ela se localiza ainda hoje?

Ele: No mesmo lugar onde ela é hoje, só que outra construção, né. E aí depois que chegou o seu Duílio, ele era um funcionário da colonizadora, aí eu perguntei pra ele e tal, contei pra ele, ele falou *espera um pouquinho, quando o seu Ulli chegá você fala com seu Ulli*. “Tá bom”. Aí eu fiquei lá esperando. Esperei, esperei e dali há pouco chegô o seu Ullly. Aí, quando ele chegô, eles ainda brincaram, se ele tivê com o charuto dele você tá tranquilo; se ele tivê nicotina... Aí eu falei *fazê o quê, tá bom!*

E ele chegou como?

Ele: Mas eu nem lembro mais! Aí, quando ele chegou, eu falei que eu queria falá com ele, ele falou *espera só um pouquinho, já te atendo*. Então ele entrou lá pra dentro, dali um pouquinho ele me chamô numa salinha assim de madeira, aí pediu o que eu queria, aí eu falei, aconteceu isso, eu não tenho nada pra escondê, eu não menti, não roubei nada de ninguém. Aí eu falei pra ele, aconteceu assim, assim, assim.... Ele olhou pra minha cara assim *espera aí um pouco*. Sentei num banquinho de fora, acho que fiquei esperando mais uma hora, mais ou menos. Aí veio um monte de coisa na cabeça, eu falei *mas, meu Deus do Céu, o que é que eu vou fazer aqui? E agora, né?* Dali há pouquinha ele saiu pra fora.

E sem dinheiro nem pra comer!

Ele: Sem pra comê. Aí ele saiu pra fora e ele falô *monta aqui na caminhonete*. Ele tinha uma F1000, aquela cabinona quadradona, aquelas antiga. Entrei dentro da caminhonete com ele, ele desceu nessa avenida “aqui” e me trouxe aqui embaixo, ele se chamava Armando Zar, ela, dona Amélia. Aí ele chegô, encostô a caminhonete em frente.

Em frente à casa desse casal?

Ele: É. Armando Zar, ele é falecido, ela também já faleceu. Era um casal, eles já tinham uns 40 anos, uma coisa assim. Aí ele chegou lá e pediu pra dona Amélia, *olha, dona Amélia, a senhora dá pensão pra esse rapaiz e se ele não pagá eu pago.*

Nossa!

Ele: E saiu, pegou a caminhonete e foi embora. Não me disse nem tchau, nada. Ele só pediu pra dona Amélia, *a senhora dá pensão pra esse rapaiz, se ele não paga eu pago*, e foi. Ela só respondeu que dava e eu fiquei ali, meu Deus do Céu. Falei *bom, pelo menos eu tenho onde ficá, né*. Risos... Ele acreditou em mim, tudo bem! Saí dali, tomei um banho, no fundo, no fundo tinha um banheiro feito de tábua assim, né, com um baldinho, a gente pegava água do poço, enchia e aí fui lá, tomei um banho e saí pra rua; botei uma roupa e saí pra fora. Eu falei *pelo menos pra vê a cidade*, porque eu não tinha visto a cidade ainda. A cidade tinha umas 100 casinha, né. Eu fiquei olhando assim, meu Deus do Céu, olhava ao redor assim, tudo mato, né, porque a mata era alta, né, hoje a gente não vê mais. Então era uma cidade dentro de um buraco de mato, foi tirado o mato e posto uma cidadezinha dentro. Poeira, Nossa Senhora! Porque tudo era queimado, né, então as ruas era um pó de terra com cinza, né, porque tudo era queimado, não tinha nada o que não fosse queimado. Não tinha o que fazê, tinha que ser fogo, o fogo foi o maior aliado da formação disso aqui, né. Então, aí eu peguei e saí, quando eu cheguei na Primavera tava construindo a primeira casa de alvenaria, que era do Valdir Luciano, que tinha uma autopeça na frente, uma lojinha de peça de carro, né.

Até então não havia nenhuma casa de alvenaria?

Ele: Tinha da colonizadora que a colonizadora tinha feito pros funcionário dela, né. Mas casas assim não tinha, foi a primeira casa que foi feita. Aí eu fui lá. Cheguei lá tava seu Hermes trabalhando ali.

O senhor chegou a bater foto dessa época?

Ele: Não, que foto! Não tinha nem dinheiro pra almoçá ia ter dinheiro pra tirá fotografia, não tinha nem máquina fotográfica; máquina fotográfica naquela época era coisa chique, menina! Máquina fotográfica naquela época era pra quem era fotógrafo, era pra quem tinha empresa! Hoje, né, Nossa Senhora! E aí eu cheguei lá e pedi pra eles se tinha serviço pra mim nessa construção. Ele falô *tem serviço sim, o que é que você sabe fazê?* Eu falei *nada de construção*. Eu falei *mas eu preciso trabalhá, eu preciso fazê alguma coisa*; ele falou *pode vim depois do almoço, uma hora você pode vim aqui pra começá*. Ah! Mas já voltei nos dois pé, voltei, cheguei aqui, esperei, daqui há pouco a dona Amélia serviu o almoço, almocei um feijãozinho e coisa, vazei pra lá e fui trabalhá com ele. Ajudei a fazê massa, fazê cimento, essas coisa. Eu trabalhei com ele, fiquei acho uns 4, 5 dias só. Mas daí naquele tempo era tudo na enxada, na mão, batê massa, carregá por balde, fazê essas coisinhas e tal, menina do Céu!

E faltavam trabalhadores na época?

Ele: Não tinha mão de obra. Sinop sempre foi um problema com mão de obra.

Quem chegasse ia ter trabalho então?

Ele: Tudo o que você pensasse fosse fazê e tudo o que você fosse fazê, a grande verdade é que não tinha profissionais, não tinha ninguém que sabia fazê quase nada. Todo mundo fazia assim. Não tinha profissão nenhuma. A profissãonzinha que eu tinha nem existia aqui, não existia gado, não existia pastagem.

Ah, ainda não tinha gado?

Ele: Não, não existia; existia algum que tinha, mas quem trazia, trazia pra criá; não trazia pra matá e comê, porque aqui no começo comê da carne de gado era um problema, né, verdura, fruta não tinha, só vinha de Cuiabá pra cá, mas era uma coisa cara, né, não era pra qualquer um comê na época. Então era uma coisa assim. Aí eu sei que eu trabalhei com ele uma semana mais ou menos, 4 ou 5 dias. Mas aí não tinha mais como, as mãos virô tudo bolha, não tinha mais jeito. Aí eu saí dali e fui lá no seu... na época tinha o Xangai, era uma panificadora que tinha aqui, né, aí eu fui lá. Cheguei lá, conversei com o seu Xangai *pode começá aqui, pode vim*. Eu falei *eu ainda tô trabalhando lá no Elísio*. Xangai é um dos pioneiro, era paulista, foi a primeira panificadora de Sinop. Ele era paulista, Xangai, ele é falecido já. Xangai era acho que Nivaldo, a família toda dele é daqui.

Ele tem filhos aqui ainda?

Ele: Sim e a esposa tá aqui ainda, ele é falecido. Tem a esposa dele, a professora, Nilce acho que é o nome dela, meu Deus do Céu, meu Deus do Céu, como é o nome dela? Hoje ela é aposentada, né, acho que ela não trabalha mais, mas ela mora aqui no fundo, na Rua das Pitangueiras aqui. É aonde hoje é, como é que é o nome? Acho que hoje é a Trecos e Tarecos, é na esquina da, tem a esquina da Primaveras com a Júlio Campos, tem uma loja na esquina que tem uma papelaria, que é a Monaliza, acho que é. E aquele prédio do lado é dela, tem dois ali, um de dois pisos e o outro tem lojas e ela mora no fundo. É, eles foram pioneiros aqui, aí eu fui trabalhá com eles. Aí eu trabalhei um tempo com eles.

E qual foi a sua profissão lá?

Ele: Que profissão que eu tinha? Mas eu trabalhava na padaria, servindo e tal. Aprendi uma coisa muito interessante com ele na época. Ali eu fui começá a mexê com comércio, ter uma noção de como fazê o troco, troco eu sabia fazê, recebia o troco. Aí eles começaram, eles tinham padaria, né, ali vendia uns salgadinho, vendia umas coisinha, a novidade era quando ele trouxe uma, aquela televisão de cachorro, aquela de assá frango, né, seis frango.

Televisão de cachorro? Risos...

Ele: Era novidade quando ele trouxe, né, pra cá.

Então já se trazia frango pra cá?

Ele: Sim, sim, daí já trazia de Cuiabá, vinha pra cá. Então tinha um pessoal com caminhão que trazia pra cá toda semana. Daí eu comecei a trabalhá com eles, né, aí eu comecei a atendê, a

servi água, aquela história toda. Daí, como na época só tinha peão, sem desmerecê ninguém, mas era o povo, qual era a mão de obra que tinha aqui? Derrubá mato, fazê mangueira, fazê cerca, era tudo serviço braçal e bruto. Construir casa.

Mangueira era o quê?

Ele: Pra cercá gado, é o curral, né, vocês chama de curral, pra nós é mangueira.

Esses eram os principais serviços que tinham na época?

Ele: O serviço era derrubá mato, derrubada de mato pra formá pasto, né, construção, serraria, na época era duas, três que tinha, tinha a Maderato, que era do Tomelim, acho que era duas ou três que tinha, pequena, depois foram aparecendo, chegou a 1500, né. Mas isso depois com o passar do tempo, né, mas no começo eram três, quatro madeiras pequena. E o que tinha era serviço braçal, era coisa bruta, né, não tinha nada pra mão de obra um pouco mais, né, então tinha que fazê o que tinha, né. Aí vinha toda aquela peãozada pra mim, às vez o pessoal vinha do mato, os gato levava pro mato 20, 30 peão derrubá mato e ficavam com eles.

Gatos? Quem eram os gatos?

Ele: Gato era o empreiteiro. É a pessoa que pega, por exemplo, eu quero formá uma fazenda, eu quero derrubá 100 alqueire de mato, então eu contrato uma pessoa que é o gato, que eles falam, né, e essa pessoa contrata todos os outros funcionários. Tem até hoje, tem. Então são essas pessoas que contratam todos os outros, então o fazendeiro contrata um e esse contrata todos os outros, ele paga pra essa pessoa e o gato paga pro restante, né. Então esse peão ia pros mato, derrubava, ficava 15, 20, 30 dia no mato, 60 dias, sabe lá quanto tempo, só comendo caça, pesca e comida que levavam, essas coisas assim. E quando vem pra cidade...

Pode-se dizer que trabalhavam como escravo mesmo?

Ele: É, hoje é tudo escravo, na época não era. Se na época que eu trabalhava, então, eu teria sido escravo por muito tempo. Claro que tem coisas que saem do limite, né, mas é assim mesmo, não adianta. Daí eles, eles contratavam pra fazê derrubada. Quando essas pessoas vinham pra cidade ficavam doido, porque chegam ali, eles vê um salgadinho pra comê, uma pinga, uma cerveja, tomá uma coisa e aquilo. Imagina como a gente fica, tem que matá a vontade deles, né, então ele (o patrão) sempre falava assim, se um peão chega aqui no balcão, pede uma pinguinha, era um martelinho, martelinho era um liso de pinga, né. O cara chega assim *me dá um martelinho*, martelinho é um copo liso assim de pinga, né. Então se ele tomasse aquele copo, virasse aquele copo e fosse embora não era pra cobrá.

Ah, então o martelinho ele dava de graça?

Ele: Não é que ele dava de graça, porque, ele falava pra gente assim, se é um peão que tá no mato 30, 60 dia, se ele tem dinheiro ou não tem, ele vem e tem vontade de tomá. Ele vem aqui, toma uma pinguinha, vira as costas e vai embora é porque ele não tem dinheiro. Se ele não tem dinheiro depois que ele tomou a pinga, mais fácil ele te matá ou brigá com você do que ele te pagá. Como é que ele vai te pagá? Isso era a sabedoria do falecido Xangai e é verdade. E se o

cara tem dinheiro e é malandro, ele vai brigá com você e não vai te pagá do mesmo jeito, então deixa ele i embora. Se ele voltá de novo, serve ele e lembra ele que ele esqueceu de pagá aquele primeiro. Então ele era assim, ele também aprendeu quando ele começô a trabalhá com ignorantes, com a peãozada. Nunca diz não pra eles, não diz nada que você arruma briga, ele não tem nada pra perdê.

E tinha muita morte aqui?

Ele: Era só o que tinha, era o que tinha na época , muito, muito mesmo. Por pouquíssimas coisas, por esse motivo acontecia muita tragédia; por muito pouquinho, nada por bastante, porque ninguém tinha bastante. Brigava por pouquinho, até hoje é assim, até hoje não mudou, é assim, por bem pouquinho você morre. Se você quer salvá tua bolsa de um assaltante na rua hoje ele te mata nem que não tem nada dentro da bolsa. Não é assim? Então não mudou, mudou a, como é que vamos falá assim, as coisas, mas os valores não mudou ainda, a ignorância continua a mesma. Então, e ele fazia isso e ele me ensinou a trabalhá com isso e eu comecei a trabalhá com ele mesmo.

Aprendeu a lidar com as pessoas.

Ele: A lidar com as pessoas e comecei a gostá, comecei a gostá e pensei *não, esse mundo é diferente; esse mundo é diferente do outro*. Fiquei com ele uns 6 meses, eu acho.

Então foi difícil no começo para o senhor?

Ele: Não, foi gratificante, não, não tem nada de difícil, é gratificante.

Foi uma aprendizagem?

Ele: É, difícil é quando você não aprende, quando você não tá bem, por mais difícil que seja, que você vê que todo dia você tá progredindo não existe dificuldade.

O senhor sempre acreditava em Sinop? Acreditava que ia crescer?

Ele: Sempre, sempre acreditei na Sinop, desde o primeiro dia que eu vi a propaganda na televisão, eu falei *lá é meu lugar*. Por isso que eu falo pra vocês *não é difícil fazer as coisas, o difícil é decidir fazer as coisas*. A partir do momento que você decide *vou fazer tal coisa*, acabou o problema, a dificuldade; é verdade, acabou o problema. O chicote da vida ensina a gente, né. Não é difícil de fazer as coisas.

E depois do trabalho na padaria, ao que é que o senhor se dedicou?

Ele: Daí eu fui trabalhar, surgiu, começou a aparecer as primeiras instalações elétricas. A Cemat trouxe um grupo gerador; não tinha energia, né, só tinha um grupo gerador, que era da colonizadora Sinop. Então a colonizadora atendia a colonizadora e os funcionários dela e os mais chegado que ela tinha. Ela tinha lá os critérios dela, né. Os primeiros, por um motivo ou outro e tal, tinha uma lâmpada ou duas, uma tomadinha, coisinha e tal. Daí a Cemat veio e instalou o primeiro grupo gerador.

Isso em 78?

Ele: Isso já em 78, em 78 pra 79, acho. Não sei se precisar certinho, mas acho que foi em 78; final de 78, 79 a Cemat trouxe o primeiro grupo gerador. Daí ela se instalou, daí já começou a ligar mais e já surgiu os padrãozinho de energia, né, os padrão de energia, que vieram pra cá. Aí tinha o Ernesto, que era da Macon, que tinha uma lojinha de materiais de construção e ele começou a fazer essa parte. Aí o que eles ganhavam num dia, pra instalá um padrãozinho, eu trabalhava um mês.

Lá na padaria?

Ele: É, lá no Xangai. Eu ganhava 1500 cruzeiros, né. Aí eu falei pro seu Xangai, eu falei *assim eu vou saí, eu vou trabalhá com o Ernesto*. Aí ele me dobrou o salário, eu falei *não, eu quero trabalhá com ele porque eu quero aprendê uma profissão*. Podia ser balconista e ser o resto da vida balconista, né. Já tava mais confortável? Claro, já tava mais confortável, eu tinha um quartinho pra mim dormi; um quartinho pequenininho, mas eu já tinha lá, eu já tinha, eu almoçava, jantava e tomava café com eles, né, eu fiz uma amizade assim e eles começaram a acreditá na gente e tal. Então a gente ficou meio de casa assim, né. Então eu tinha o conforto, mas não era isso que eu tava atrás. Conforto eu ficava onde tava, eu preciso crescê, né, aí eu fui trabalhá com o Ernesto. Aí ele começô montá os padrão de energia, né. Aí ele tinha os eletricista, os 2 eletricista que montava o padrão, né, e eu pintava o padrão pra eles. Aí eu fui pra pintá o padrão, não sei nem onde tá, não faiz muito tempo que ele trouxe a foto e me deu *olha como você começô, né*. Acho que tá lá em casa. Risos... E aí eu passei a começá pintá o padrão, mas eu sabia que eu não ia ficá pra pintá o padrão e eu ia pintando o padrão e via como ele montava, né. Aí eu pinteí 2,3 e daí no terceiro tava montando pra eles de graça. Aí eu fui lá e monteí os padrãozinho, aí eu já começava a ganhá pela montagem do padrão e pintava o padrão. Ajudava a fincá eles no lugar, ah, mas fiquei uns 3 mês aí com ele, quando peguei os macete todinho como instalá numa casa, como instalava uma lâmpada, como instalava uma tomada, como instalava esse, eu falei *bom, muito mais do que isso aqui não tem, né*. Aí abriu uma loja, chamava Eletroval, abriu uma loja, era do senhor Valdinei e dona Emmi, uma japonesa. Ele alemão e ela japonesa. Aí eu fui pra lá, fui lá, conversei com eles, *não, você vem aqui*, tal, tal, tal. *Então tá bom*. Eu fui lá pra montá padrãozinho. Aí eu comecei a montá padrãozinho lá com eles. Aí eu ganhava tudo, né. Só que eu ganhava 50% do que eles cobravam, porque eu achava que era muito, era muito dinheiro pra ganhá. Era muito dinheiro e é uma coisa assim, eu acho que é muito da gente, né, você precisa ganhá o suficiente pra você vivê bem, até um pouquinho mais, mas a partir do momento que você sente que você tá ganhando muito, você tá lesando alguém, não é? E eu achava que era muito.

E muitas pessoas que vieram pra cá, naquela época, vieram com pouco dinheiro.

Ele: Ninguém, ninguém vinha pra rasgá dinheiro, todo mundo vinha pra começá a vida. São pessoas que vinham para um lugar desses e não vinham pra buscá conforto, porque não tinha. Vinham em busca do futuro, vinham em busca de conforto pro futuro, mas não pra aqueles dias;

não se tinha nada. Aí eu comecei a montá os padrãozinho pela metade do preço. Nossa, arrumei um problema com 2,3, *olha, tá fazendo por tanto lá embaixo*. “Ah, ele que faça por quanto ele quisé, meu preço é tanto.” E, ohhh! A loja, aí eu comecei a arrumá um funcionário, arrumava dois, arrumava quatro e eu não vencia, não vencia, não vencia, e eles (os outros montadores) tavam tudo lá no boteco, jogando sinuca, porque na época era época da sinuca e eu continuava trabalhando e a loja vendia e eu vendia. Aí passaram-se dois anos e eu falei pro seu Valdinei *eu vou saí. Não*, ele falou. *Eu vou porque eu vou montá minha loja*. Porque todo o dinheiro que eu ganhava, eu deixava com ele, não tinha onde gastá. Eu não tinha experiência de administrá dinheiro, de investi, de fazê, eu não tinha.

Ainda não tinha muito o quê fazer aqui na cidade?

Ele: Não tinha, não tinha nada pra fazê. O que é que você fazia? Não tinha o que fazê. Não tinha, mas olha! Quem tinha casa ficava em casa ou ia trabalhá, trabalhava o dia todo.

Festas não saíam?

Ele: Sim, algum almoço, alguma festinha, ajuntava meia dúzia aqui. Onde é a Santo Antônio tinha o Ginásio Olímpico, de vez em quando fazia um almoço, uma coisinha, mas era coisa pequena, simples assim.

Jogava futebol?

Ele: Nunca eu joguei, nunca joguei futebol, nunca joguei baralho, nunca joguei nada. A única coisa que eu brincava, com o falecido Plínio, eu fazia refeição lá com ele, o seu Plínio Calegare, meu compadre, eu fazia refeição lá com ele, nós jogava todo dia, depois da janta, duas, três, quatro partidinha de sinuca. Quando não tinha ninguém, nós sentava, eu e ele, e jogava uma partidinha, duas, três, de sinuca e depois ia dormi. Não tinha o que fazê, não existia televisão, não existia rádio, não existia nada, pegava nada, então, não tinha o que fazê. Depois, mais tarde, eu conheci a dona Cláudia, daí eu comecei a namorá, daí eu tinha o que fazê, aí eu tinha lugar onde ganhá um almocinho melhor, uma jantinha melhor. Risos... Daí já mudou um pouco, né. Daí a gente começô a se familiarizá mais, né. Aí quando chegô que eu quis saí da firma, né, eu falei que eu queria saí e ele não me deixou. Eu falei *não, Valdinei, eu não posso ficá parado assim, eu tenho uma oportunidade de crescê, eu preciso crescê*. Eu falei *o senhor está estabilizado, o senhor tem sua casa, tem suas coisa, tem sua loja*; a loja já tava bonita, já tava grande.

Nessa época o senhor era o ‘braço direito’ dele?

Ele: Todos os braços. Risos... Não, ele era muito inteligente, ele era muito comerciante. Eu sempre falo, do que eu aprendi uns 80% eu aprendi com ele, eu aprendi com ele. Ele era muito comerciante, muito inteligente. Ele só tinha dó de gastá o dinheiro, só, mas ele enricô. Ele saiu daqui em 83, 84, milionário.

Ah, ele foi embora de Sinop depois?

Ele: É, ele foi embora, foi pra Camboriú. Eu era funcionário, eu trabalhava na loja dele. Ele vendia a mercadoria, vendia a lâmpada, vendia os fio, vendia mercadoria e eu fazia a mão de obra de instalá. Por exemplo, assim, você quê instalá uma casa, você ia lá, comva o material dele, eu fazia o orçamento *vai tantos metros de fio, tantas lâmpadas, tantas tomada*, isso, isso, isso e minha mão de obra, é tanto pra mim instalá sua casa. Esse material você comva e pagava pra ele. Então ele não tinha só eu como eletricista, né, ele tinha um monte. Então ele vendia para um monte de eletricista e eu só ganhava o que eu fazia, né. Aí eu via que aquela fatia daquele mercado também cabia pra mim, tinha espaço, tinha espaço, aí ele não deixou. Ele não deixou eu saí e eu queria saí. Eu falei *não, seu Valdinei, eu vou casá e eu quero começá*. Eu já namorava a Cláudia quase uns 2 anos, aí eu falei *não, eu vou casá e eu quero começá*.

E a Cláudia veio de onde?

Ele: Veio do Paraná, veio de Rolândia no Paraná. Daí ele não me deixô saí, ele falou *não, vomo montá uma loja lá em Alta Floresta junto*. Eu falei *mas, Valdinei, eu não queria saí de Sinop*, porque eu tinha minha clientela, tinha meus amigos, tinha minhas pessoas, a gente se identificava, aí foi, foi, foi, até que fui pra lá. Não aguentei dois anos. Não aguentei dois anos como filial, né. Aqui chamava Eletroval, lá chamava Rigoval. Aí eu fiquei lá quase dois anos.

Casado já?

Ele: Casado. Aí a Cláudia engravidou lá, aí eu falei *não, eu vou embora pra Sinop* e ele ficava *não, não*. Em Sinop já tinha 700 madeireira nesse período.

Isso em que ano?

Ele: Em 82, né, nós casamo em 80. Nessa época todo dia, todo dia, todo dia chegava gente. O que tinha de gente chegando com caminhão! Muita gente até chegava com caminhão e botava uma lona por cima e fazia daquilo ali a casa deles até eles construí pra eles podê morá; era uma loucura. Você via filas de caminhão chegando de mudança, todo dia, todo dia, todo dia. Era uma coisa assim, você falava assim, *meu Deus do Céu, onde é que vai parar isso?* E todo dia eles falavam *aqui não produz nada, não dá nada*, porque não sei o quê, porque isso, porque aquilo. Eu falei *gente, vamo trabalhá que dá certo*.

Então, na verdade, o senhor nunca trabalhou com agricultura?

Ele: Não. Eu sempre mexi com gado, mas nunca me envolvi com essa área não, até mesmo porque eu não tive poder aquisitivo pra isso. Eu não tinha como compra uma área de terra, formá pasto, esperá pra depois produzi. Ainda bem, porque os que vieram, com raras exceções, quebraram. Quando começaram aqui só se financiava pra plantá arroz, mandioca, pimenta do reino e o cacau. Não se financiava pra mais nada e o café, né.

Soja nessa época ainda não?

Ele: Não, nem falava de nada. Não falava em soja, nem, Deus o livre! Soja foi surgi em... depois de muitos anos.

E gado?

Ele: Gado começô a vim... o pessoal trazia e plantava, mas na época a melhor grama que tinha era Medico.

Grama o quê?

Ele: Grama Medico era uma grama nova que tinha surgido na época, que até hoje não, não se adapta à região; não produz, não tem massa. Então, na época, muita gente trouxe gado pra cá e foi enfrentado grandes problemas com os, vamos assim dizer, com o que comê. Então, às vezes, o cara tinha 100 vacas pra botá na internada, não tinha isso, não tinha o que comê. Porque você faz uma internada, faz um pasto, faz isso, faz aquilo e daí há pouquinho nasce o bezerro e não tem o que comê. Então teve muita gente que quebrô, literalmente quebrô.

Internada é uma palavra lá do Sul, né?

Ele: É, internada é pastagem, né, um potreiro, uma fazenda. Vamos assim dizer, uma fazenda é dividida em piquetes, então isso aqui é uma internada, isso aqui é outra e tal. Aqui se chama de piquete, lá essas áreas pequenas, no Rio Grande do Sul, se chama potreiro, né. Aqui é pastagem, piquete, internada, essas coisinhas assim do dia a dia da gente. Então, na época, existia muito esse tipo de problema; até hoje tem, né. Vamos dizer assim, quem tinha uma propriedade, né, que dependesse de financiamento de banco, você ia no banco e financiava X% na propriedade, vamos dizer assim um valor simbólico, 100 mil reais, pra fazer tal tipo de derrubada, por exemplo, formá essa área. O banco vinha com os fiscais dele e vê se você tinha derrubado mesmo e se você tinha queimado aquela área.

Senão não liberava o financiamento?

Ele: Senão não liberava o dinheiro. Quer dizer, você era obrigado a fazer aquilo. Outra coisa que hoje é um crime, na época você dizia *derruba na beira da água*, por que, por que aonde você ia dá pastagem pro gado? Aonde você ia dá água pro gado? Então, você tinha que derrubá na beira do rio; hoje é crime. Por isso é que eu falo *o que foi feito lá trás que era certo, hoje tá errado. Se o que nós tiver fazendo hoje daqui há 10 ano tiver certo nós não progredimo, nós não progredimo*. As nascente de água, o seu Enio Pipino formou a área de Sinop, você vai perceber que aqui existe uma série de nascentes. Tem uma nascente no PA, tem uma nascente aqui na creche União. Mas qual foi a mentalidade, na época, segundo ele conversava com nós um dia? Se existe uma nascente de água, uma corre pra lá, outra corre pra lá, aqui ela sai pra lá, do outro lado da BR, todas cheia de água, qual é a dedução que você tem desse meio aqui? Que ele é alto.

Essas deduções, contudo, não tiveram acompanhamento de estudos científicos?

Ele: Não existia. O homem deve ter voado por cima da cidade, projetô a cidade, depois abriu estrada. Eu acho que ele foi um herói, porque deve ter errado 50%, mas e os 50% que ele acertou? E aqueles que não fizeram nada, acertaram ou erraram?

E aí o senhor voltou de Alta Floresta e começou o seu próprio negócio, é isso?

Ele: É. Daí eu fiquei em Alta Floresta até 82. Em 82 eu falei *não, eu vou voltar pra Sinop*. Voltei pra cá. Eu só falei pro seu Valdinei *a minha parte da loja, se você quiser continuá com a loja do senhor o senhor arruma outra pessoa e manda cuidá a parte do senhor, mas a minha, eu tô voltando pra Sinop*. Peguei minha mudança e fui embora. Daí nasceu a Marlene, né, nesse período, daí eu montei a loja. Com aquela, com a meia loja que eu tinha eu montei a loja. Aí que eu fui, daí eu comecei. Uma vez eu falei pra ele, *seu Valdinei, eu vou mexê com aluguel*.

E essa loja daqui era no mesmo estilo da de lá?

Ele: Mesma loja, materiais elétricos, né, materiais elétricos, mesmo ramo, mesma atividade, mesma coisa. Só que aí eu deixei de ser um parceiro dele e passei a ser concorrente dele, comecei a ser concorrente dele e depois de um ano que eu tava aqui eu comprei a loja dele, né.

Olha!

Ele: Um ano depois eu comprei a loja dele, porque aí ele tava, que nem eu tava falando, ele foi embora milionário, na época, né. Na época ele saiu daqui com, hoje posso falá, ele saiu daqui com 4 milhões em dinheiro, em espécie, e ele foi morar em Camboriú. Ele falou pra mim assim, ele falou *vou viver o resto da vida e dos meus filhos de juro*. Não durou 2 anos.

Não? O que aconteceu?

Ele: O Color veio e tomou o dinheiro dele, quando foi devolvê o dinheiro pra ele virô em nada, sobrô 2 apartamento em Camboriú, infelizmente. Então, por isso que eu falo assim *dinheiro não serve pra nada*.

E o senhor ficou milionário também?

Ele: Não, não. Eu falo assim *eu não tenho o que eu quero, mas eu tenho muito mais do que eu mereço. Eu quero muito mais, mas eu tenho mais do que eu mereço*.

Além da loja o senhor começou a fazer outros investimentos em Sinop?

Ele: É, eu toquei loja 22 anos, aí eu fiquei com a loja 22 anos, daí eu fui comndo imóveis. E aí eu comecei a construí e acreditei na, na coisa. Quando todo mundo ia embora, que em 86 nós passamo uma fase muito difícil em Sinop, tudo tava à venda, tudo tava pra alugá. Em 86 foi quando surgiu o Plano Funaro, na época foi aquele congelamento que veio, né, quando trocô o governo militar, entrô o governo civil, né, e o Tancredo morreu e o Sarney assumiu na época, né, aí eles fizeram aquele Plano Funaro, não sei se você lembra?

Não.

Ele: Foi o Plano Funaro. Acabou-se a moeda, congelou-se tudo, “pum”! Congelou tudo, não se vendia nem por menos e nem por mais. Então, na época, ficou naquilo ali, então foi a quebradeira na época.

Muita gente foi embora de Sinop nessa época?

Ele: É. Daí veio os cruzados, saiu uma moeda, o cruzado, depois mudou pra cruzados novos e depois veio, daí que veio surgi depois a URV, que foi uma, aquela lá do Fernando Henrique, também do Itamar, quando cassaram o Color e tal; essa questão política que todo mundo sabe.

Então 86 foi uma época muito difícil e acabou o asfalto. Como tinha muita madeireira, muito trânsito, muita coisa, essa BR 163 acabou, triturô, acabou, não tinha mais nada. Você levava, na época, em 88, 89, levava-se 15 dias pra ir a Cuiabá, interrompeu toda estrada, isso interrompeu tudo. Isso aí foi um abandono, porque aqui não tinha mais nada. Tava tudo abandonado, isso aqui virou uma coisa, né. Então foi passado uma fase muito difícil; até voltá a acreditá não foi fácil.

Mas o senhor não desistiu?

Ele: Não, nunca cogitei a hipótese de ir embora ou fazer qualquer coisa assim. Eu vim aqui pra constituí a minha família e aqui eu quero ficá. Eu só mudo daqui pra Cruz Alta; Cruz Alta é a esquina ali embaixo no Cemitério. Risos...

E o senhor já voltou ao Rio Grande do Sul?

Ele: Sete anos depois. Quando eu voltei, eu casei em 80, aí eu fui embora pra Alta Floresta, em 82 quando... daí nasceu a Marlene, a minha menina, daí em 83 quando ela fez 8 meses, quando ela ia fazer um aninho, aí eu falei *bom, agora eu acho que eu preciso voltá*. Mas daí eu já tinha minha casinha, eu tinha feito uma casinha pra mim morá, eu já tinha meus móveis, minhas coisinhas e meu Fusca. É, o meu Fusca, né. Risos... Daí eu falei *não, agora tá na hora de eu ir visitá meu pai e minha mãe, né*, daí eu peguei o ônibus e fui, porque daí era uma maneira de economizá, aí a nenê já tinha oito mês de idade quando eu fui. Quando nós chegamo lá, falando honestamente pra você, na hora que eu vi eu não reconheci minha mãe, porque quando eu saí ela não tinha nenhum cabelo branco que eu lembrava. No dia que eu voltei tinha bem poucos de preto.

Aí foi comovente!

Ele: É, na época foi (emocionado).

E eles sabiam que vocês iam?

Ele: Eu fiquei 3 anos sem dar notícia de onde eu tava, né; eu nunca dei notícia nem da onde eu tava. Nunca dei notícia. Só fui dá notícia depois de três anos, depois que eu tava aqui.

Então sua mãe deve ter ficado muito preocupada?

Ele: É, são coisas da vida que, claro, certeza, né. Mas eu falo assim *são decisões na vida*, que eu falo pra você, *difícil é você decidi, fazê não é difícil, decidi que é difícil*. Então, eu decidi que eu vinha embora e ia fazê minha vida. Eu não sei se você é católica ou não, não tem a história do filho pródigo? A história do filho pródigo foi insinuada na minha cidade, o filho pródigo teve lá na minha cidade, teve nome, né. Na minha cidade chama-se Jair José Reis. Risos... Verdade!

Até hoje eles lembram do episódio?

Ele: Sim. É que o pai foi na Igreja, porque naquela época o que o padre falava nem pai desfalava. Pra nossa região, na nossa terra, pra aquela região ali o que o padre, hoje já mudou o conceito, o que o padre dizia ninguém desdizia. Então ele falava, ele falou que eu ia voltá pra trás, que eu ia pedi comida, que eu ia fazê não sei o quê. Falei *eu não vou*. Quando a minha irmã

escreveu uma carta pra mim, que eu escrevia pra minha ermã. Eu tenho uma irmã minha que eu queria trazê ela embora. Eu só não trouxe ela embora comigo porque eu não vou fazê isso com meu pai e minha mãe; tirá ela de lá.

Eles são muito apegados a ela?

Ele: É, é. É o dodói do pai e da mãe, né. E não é pra menos também, é por mérito. Então eu falei *não, eu volto o dia que eu tivê bem, o dia que eu tivê eu vou trazê ela junto comigo, vou trazê pra trabalhá junto comigo*. Mas depois disso, sem nenhuma exceção, todos os anos eu vou pra lá. Quando eu não vou uma vez eu vou duas. Sem, sem, como é que eu vou falá pra você, meus pais não têm assim um poder aquisitivo muito... têm, têm a propriedade deles, já foram muito bem de vida, mas como eram sete, meu pai dividiu pra todos. Cada um o pedaço dele. Eles não têm dinheiro, dinheiro eles têm pra vivê bem. Mas eles têm uma propriedade muito bonita, muito boa.

Sempre no mesmo lugar?

Ele: Sempre moraram no mesmo lugar, sempre, meu pai, desde os seis anos de idade dele; ele fez oitenta anos agora. Nesse fim de semana nós fomos lá.

Os dois estão vivos ainda?

Ele: Sim, o pai e a mãe. Oitenta anos dos dois e cinquenta anos de casado. Aí nós fomos pra lá; meu pai é uma pessoa muito querida.

E eles já vieram pra cá?

Ele: Já. Já vieram aqui umas três, quatro vezes. Meu pai, claro meu pai e minha mãe, mas meu pai, como eu falo, é uma pessoa muito querida, tanto que ele recebeu o título de João de Barro do Rio Grande do Sul. Você conhece a história do João de Barro do Estado do Rio Grande do Sul?

Do passarinho?

Ele: É, do passarinho. Meu pai foi um dos pioneiros dentro do tradicionalismo gaúcho; da fundação do CTG. Tanto que nós fomos pra lá em setembro, eu vou mostrá pra você, pode?

Pode, claro!

Ele: Esta é a homenagem que nós recebemos; 40 anos de fundação do CTG.

Ah, foi dada uma placa para os filhos também?

Ele: Não, para os fundadores. Como nós éramos em quatro dos filhos, quatro dos fundadores. Quarenta anos fez agora, dia 28 de janeiro, né.

E em Sinop o senhor também foi o fundador do CTG?

Ele: Quando eu cheguei aqui, quando eu fui trabalhá com o Xangai em 77, finalzinho de 77, era uma maneira de eu ganhá um dinheirinho a mais, dá aula de dança. Então, do lado do Xangai tinha um salãozinho que a gente fazia o baile. O Xangai fazia baile, né.

Ah, ele já fazia?

Ele: É, ele fazia baile; baile assim do lado onde ele tinha, eu tenho um monte de fotos, uma hora eu te mostro. Aí ele fazia os bailinho, daí o que é que a gente fez, a gente junto formamos o CTG, o grupo de dança, né. E daí nós começamos, tinha paulista, baiano, mineiro, tudo. Eu fiz um grupo de dança que nunca na história de Sinop teve. Juntei senhor de idade, jovem, criança, todos eles. Eu levei pra casa agora esses dias, mas eu vou arrumá as fotos pra você e vou te mostrá. Em 77,78. A fundação do CTG chamava-se “Porteira da Amazônia”. Aí o que é que aconteceu? Aí eu fui embora em 80, quando eu casei fui embora pra Alta Floresta, infelizmente abandonaram e o CTG perdeu o nome. Aí virou Estância da Amizade, virou CTB. Aí tem uma história muito bonita. Quando nós ganhamos o... por isso eu falo, quando as pessoas acreditam, tem umas coisa que a gente se espelha, né? Onde é o Amazon, hoje aquilo é um crime o que fizeram com aquilo, não sou contra o Renato, que comprou, sou contra a sociedade que fez o que fez. Aquilo ali quando nós fomos em 5 pessoas pedindo pro seu Enio Pipino um lugar para o CTG e nós queria um lugar pra fazê um salão, pra construí, pra fazê uns baile, porque não tinha nada na época. Até pra tê um lugar assim pra fazê um evento, qualquer coisa assim, né. Quando nós fomo pedi pro seu Enio Pipino uma área seu Enio Pipino escutô nós e seu Enio Pipino pegou um mapa e falou assim *olha, eu vou dá pra vocês isso aqui*. Aonde hoje é o Amazon Clube. Nós olhamos um pra cara do outro, *o que é que nós vamos fazê lá no meio do mato?*

A área era de mata fechada?

Ele: Mato fechado. *O que é que nós vamos fazê lá seu Enio? Quem que vai lá?* Ele olhou pra nós e, não sei se você conheceu o seu Enio Pipino, um homem desse (gesto) tamanho!

Não, só vi fotos dele.

Ele: Ele olhô pra nós assim, nunca esqueço, porque eu era um menino, tinha vinte e poucos anos de idade, ele falou assim *vocês acreditam na cidade?* Você tá pedindo alguma coisa de graça e vai dizê que não acredita na cidade dele?

Tinha que falar que sim.

Ele: É. *Então eu tô dando pra voceis no centro da cidade*. Aí foi fundado o estatuto do CTG, né, criado um estatuto, criado um CGC e tal. Aí nós começamos a construí o salão.

Lá no meio do mato?

Ele: Lá, foi feito uma picada, foi aberto, seu Ulli foi com a esteira, foi aberto, foi cortado pau e tal, queimado, feito lera e coisa, começamos fazê um salãozinho lá, lá dentro. Primeiro baile que nós fizemo lá dentro fizemo uma estiva, acho que de uns 200 metro, tabuinha cortada no mato assim

Estiva é o quê?

Ele: Pra você passá em cima. Nós botamos todos os tocos, onde foi feito a picada, cortamo os toquinho, ponhava embaixo e daí ponhava as tábua em cima.

Como se fosse uma ponte?

Ele: É, uma ponte. É, uma pontezinha assim. Nós fizemo aquilo pro pessoal podê ir ao baile.

Quer dizer que de carro não dava pra ir ao baile?

Ele: Não dava pra ir no baile. Nem a pé não ia. Aí nós fizemos o primeiro baile, aí começô surgi os primeiro baile. Só que arrecadava muito pouquinho, a gente vendia pouco.

As pessoas tinham medo de ir até lá?

Ele: É, até porque era perigoso. Sim, não tinha gente, não tinha mulher na Sinop. Só tinha homem! Quem que ia trazê a família? Era contada no dedo as menina! Mulher, quem saía na rua? Você entra na rua tinha 500 peão de fazenda, de mato, sem desmerecê ninguém, né, às vez são mais respeitoso do que até os próprios engravatadinhos que têm na rua, mas quem é que tem coragem? Quem tinha coragem? Então virô nada, os baile era aquelas coisinha, virava naquelas coisinha; então não conseguimos pagá o clube. Aí nós fomo no banco, na época, pra fazê um financiamentozinho pra nós juntá um dinheirinho pra podê pagá, né. Aí o Paulo Coro, que era o gerente do banco Bradesco que tinha, exigiu que fosse mudado o nome do CTG, porque não justificava, porque aquilo não era só dos gaúcho. Então exigiu que fosse mudado o estatuto do CTG, senão o banco não financiava. Aí se submeteram à coisa, eu fui contra na época.

Quantos associados tinham logo no início?

Ele: Não, nós tava lá, tinha acho que uns 10,12,15. Era uma meia dúzia de pessoas que pegaram pra fazê, não tinha assim, era meio tudo improvisado. Aí ele exigiu que fosse mudado CTB – Centro de Tradições Brasileiras. Aí eu fui contra, mas eu era pequenininho, aquela história tal e toda, foi, foi, fizeram. Daí foi, mas como eu fui embora pra Alta Floresta e as coisas ficaram, eu disse *não vou me envolver mais com isso*, nunca mais me envolvi. E aí mudaram, depois foi mudado pra clube e virô no que virô e depois deu uma coisa que não era deles. Não sou contra quem comprou, porque um comprou porque alguém vendeu.

E as pessoas que tinham títulos perderam todo o investimento?

Ele: Ninguém recebeu. Eu sou sócio fundador daquilo lá e nunca vi nada. Não fui nem consultado pra dizê doa a sua parte. Foi muito dinheiro, foi muito complicado. Eu fiz parte na época, eu fui lá pra fazê parte do leilão. Eu era uma parte interessada na com. Foi monopolizado, foi feito pra se vendê pro fulano de tal e morreu o assunto, por um terço do valor do que foi feito, vendido, e não por um terço do valor que valia ou do que vale, por um terço do valor que foi vendido, porque existia uma ação trabalhista de 210 mil reais, uma menina que caiu do Tobogan. Antes de ir pro leilão, uns dias antes peguei, fui lá, acertava a mesma ação trabalhista por 30 mil; a primeira pedida do advogado, essa foi a primeira pedida e por 30 mil acertava. Mas lá foi feito como 210 mil reais.

O que aconteceu com a menina?

Ele: Não, foi um acidente. Eu não sei direito como é que foi, porque eu não fazia mais parte. Não sei te precisá, eu sei que ela se acidentô, se machucô e não sei como é que ficô. Essas ação trabalhista você sabe como é que é.

Então o novo CTG surgiu bem mais tarde?

Ele: Então, quando esse acabô, acabô, assim, o nome CTB, não sei o quê e coisarada, então surgiu essa Estância da Amizade. Aí foi um outro grupo que começou a botá Estância da Amizade.

Dessa vez o senhor não quis participar da fundação?

Ele: Não. Eu sou, eu acho assim, se eu experimentei a primeira vez e não deu, não é a segunda que vai dá. Tem que ser a primeira e tem que funcioná.

E as tradições gauchescas o senhor mantém ainda?

Ele: Tenho minhas pilcha, tenho minhas coisa, tenho minhas coisa. Faço as minhas provas do jeito que é.

De laço?

Ele: De laço e tenho, e participo da, tanto participo da região daqui dos CTG's, né, eu laço pelo CTG, pelo MTG e laço pela Federação. Esses (apontando) são troféus, só que duns 5, 6 anos pra trás, porque, infelizmente, eu sou contra, mas é o que tá acontecendo, de uns 5, 6 anos pra cá virou só dinheiro. Eu dou um valor danado por um trofeuzinho, mas não dão mais. Eu gosto disso.

O senhor lembra de algum caso bem interessante ainda do início, quando o senhor chegou aqui?

Ele: É, tem um fato que aconteceu uma vez lá na churrascaria, na época que tava todo mundo desacreditado. Na época traziam pra cá, eles vinham de Kombi, hoje é Van, de avião e tal. Na época a Kombi era a Van moderna de hoje, né.

Isso em que ano?

Ele: Isso em 78, 79. A colonizadora tinha uns corretores de imóveis que pegavam gente lá do Paraná, do Rio Grande do Sul, dessas regiões, e traziam pra cá pra vendê terra, né. E muitos faziam a caravana e vinham conhecê e tal. Cada um tinha uma maneira de vim. Mas teve um fato interessante, foi uma vez na Churrascaria do seu Plínio. Eu trabalhava de garçom com ele; eu servia o almoço de meio-dia até porque eu ganhava o almoço muitas vez, né. Então era uma maneira de eu ajudá ele, ele também me ajudô, eu ganhava rango, né. Aí tinha um pessoal que estavam ali, uns 5 sentado numa mesa almoçando. E eles tavam comentando assim *ah, eu vou pra Rondônia*. Na época tava abrindo Rondônia também, tavam abrindo Alta Floresta, tavam abrindo essa região, tavam fazendo. E eles tavam ali comentando onde um tinha gostado mais, onde não tinha tal, tal, tal. Aí um cidadão falou uma coisa assim, ele falou *olha, aonde a mata não cheira*, aonde a mata não cheira de mato, né, *e o passarinho não canta, cuidado com a terra*. Aquilo me deixô assim, né, e é verdade, aqui não existia passarinho, passarinho pequeno não existia aqui. Existia meia dúzia de passarinhos grandes, que era a pomba, que era a jacutinga, que era o mutum, que era o jacu, mas passarinho pequeno não, pardal, tico-tico, essas coisas.

Mas hoje há?

Ele: Hoje existe uma imensidão, né. Canarinho, passarinho não existia, existia biscateiro, né, é o que você anda e te acompanha na beira do mato o tempo inteiro assoviando, é o tal do biscateiro, tinha bastante, até hoje tem. Risos... Não tem aqui pra nós, mas tem. Isso me chamou a atenção e foi uma coisa que me encabulô por muito tempo. Eu fiquei preocupado, preocupado, assim, *será?* Porque as nossas terras só vieram produzi depois de muito tempo.

Depois que houve muito investimento.

Ele: Depois que foi investido, foi descoberto técnicas, foi feito essas coisas, assim, que foram fazê. Mas até então era uma coisa assim. Eles falavam que a terra nossa não produzia nada porque não cheirava polpa, porque não tinha fruta.

Mas eles estavam errados.

Ele: Simplesmente tavam errados.

Por causa do progresso?

Ele: Mais uma vez prova que o trabalho supera isso. Eu falo assim, a grande maioria dos que vieram com dinheiro quebrô; não são os primeiros proprietários. Porque, porque quando vieram aqui, por exemplo, você via uma mata daquele tamanho! Acostumado que nem a gente era no sul, derrubava mata e plantava milho, dava do tamanho que a gente tinha que se levantá pra pegá na espiga. Aqui foi exatamente o contrário, então muita gente foi traída pela, pela, pelo clima, pela terra, pelas coisa assim. E hoje, Graças a Deus, tá aí, né, as terra. Sorriso foi uma área que começô com a lavoura, com o soja, né. Então teve uma época que as terra de Sorriso valiam muito mais do que aqui. Porque aqui o custo da destoca era muito cara, porque existia muita mata pesada, os tocos eram muito grande. Aqui se gastava 25 a 30 horas de esteira pra se destocá um alqueire de terra. Se gastava muito e se mexia muito com a terra pra podê arrancá. Então são coisas assim, né, de, de... mas com o passar do tempo tudo isso foi mudando. As técnicas vêm aí, acho que nós temo que mudá muita coisa ainda.

O senhor quer falar mais alguma coisa ainda que o senhor acha importante?

Ele: No momento eu acho que nem lembro. De repente até tem alguma coisa, mas no momento não tenho lembrança. Ah, bamburado, já ouviu falar?

Bamburado? O que é?

Ele: Bamburado é quando o peão, por exemplo, vem da fazenda, ele trabalho lá um mês, dois, três, e daí ele recebe todo o montante do dinheiro numa vez só e daí ele vem pra cidade. Aí quando ele vem pra cidade ele vem com aquele montante de dinheiro.

Vem bamburado?

Ele: Vem bamburado, vem bamburado, vem com dinheiro. Risos...

Essa palavra veio lá do sul?

Ele: Nunca tinha visto falá. Usa muito essa bamburado no garimpo, né, na região de dinheiro, na região do garimpo, do ouro, eles falam muito isso.

Muito bem, seu Jair! Tomei muito já do seu tempo. Agradeço muitíssimo pela sua atenção e contribuição ao meu trabalho.

Ele: Não, eu tenho o dia inteiro, fica sossegado, o que é que é isso? É um zer pra gente.

11- IDENTIFICAÇÃO:

Sigla: S11 M

Idade: 58 anos

Sexo: masculino

Estado civil: casado

Número de filhos: três filhas (nascidas em Sinop)

Profissão: empresário

Escolaridade: superior incompleto

Naturalidade: Paim Filho - RS

Descendência: italiana

Local em que residia antes da migração: Palmas - Paraná

Em que ano e com que idade chegou a esta cidade: 02 de out. de 1973; com 21 anos

Data e duração da entrevista: 11 de nov. de 2010; 1h e 02min.

Então, quando foi que o senhor chegou aqui em Sinop?

Ele: Eu cheguei juntamente com meu pai, né, era 02 de outubro de 1973.

E já havia moradores aqui em Sinop?

Ele: Já, já tinha. Tinha umas dez, quinze famílias já, por aí.

E o que trouxe o senhor pra Sinop?

Ele: O fato de você vir pra Sinop é o seguinte: primeiro você com a crise, com a crise financeira ou a crise de falta de espaço, de crescimento na região daonde a gente veio, que era Sudoeste do Paraná, né. Então isso e a propaganda que o governo fazia no rádio e televisão, que era pouco na época, que era um programa que o governo federal tinha, entendeu? As forças armadas, era o exército que tomava conta, “integrar para não entregar”, e mostrava que o exército tava construindo a Transamazônica, a Cuiabá – Santarém. Isso fez com que, acho que já vem do sangue, vem do gaúcho ser aventureiro, né, você vim fazê essa visita pro Mato Grosso, vim ao Mato Grosso.

Primeiro vocês vieram visitar?

Ele: É, primeiro a gente veio fazê uma visita, né, veio fazê uma visita e chegamos a região de Cuiabá, aquela região tal, pra depois a gente retorná e já conhecendo daí, conhecendo em Cuiabá a colonizadora Sinop.

Então aqui vocês não vieram conhecer antes de mudar?

Ele: Primeiro não, primeiro momento Cuiabá, Chapada, Cáceres, aquela região; baixada cuiabana. Aí na segunda viagem, daí a gente já veio, daí sim a gente já veio com o intuito de vim morá pra Sinop.

Vocês procuraram a colonizadora no Paraná ou só quando vocês chegaram em Cuiabá?

Ele: Não, a gente foi conhecê a colonizadora em Cuiabá, nós na região Sudoeste do Paraná não se falava em colonizadora Sinop, não se conhecia.

Então vocês ficaram sabendo dessa região por causa das propagandas do governo?

Ele: Do governo. O governo que nos atraiu pra cá, o pai também tinha muita afinidade, amigos do exército, de Santa Catarina e de Palmas. Inclusive, o que mais fez, que o trouxe, foi um amigo dele, um sargento, que era do batalhão de Porto União, que foi transferido pra Cuiabá e convidou meu pai pra vim fazê uma visita.

E disse que aqui era bom!

Ele: Disse que era bom. E ele veio pra trabalhá no Nono BEC, que o Nono BEC que estava fazendo a estrada.

Ele trabalhava com o quê?

Ele: Esse sargento, que era amigo do pai, era da parte da topografia do Nono BEC. Então era o que desbravava a região. Ele era, ele morava, a família dele morava em Palmas, nós morávamos em Palmas, ele servia o batalhão, não lembro, quinto BC, se eu não me engano, de Porto União. E nessa vinda pra cá, porque o Nono BEC é uma extensão dum batalhão de Vacaria com o de Porto União, se criou, se tirô uma parte de cada batalhão e formou-se o Nono BEC. Ele foi o que mais, além da propaganda, ele que incentivou, *vamos lá!* Ele que nos trouxe pra cá, porque ele trabalhava na região aqui.

E o seu pai, vocês vieram pra cá com que intuito? Pra fazer o quê aqui nessa região, em Sinop?

Ele: O intuito primeiro, assim, é você mudá de ares. Quer dizê, nós tínhamos problemas lá, meu pai mexia com madeira, né, meu pai sempre mexeu com madeira e desmembrava madeira. Bom, madeira no Paraná tava ficando difícil, então, *vamos pro Mato Grosso trabalhá com madeira.* Então, o intuito primeiro era a madeira e o comércio em geral, né, e o comércio em geral, porque é uma região que tá crescendo, pra você crescê junto. O que é que você vai trabalhá, você vai trabalhá com aquilo que a região necessita, que era, na época, era o armazém, material de construção, material de derrubada.

Derrubada de mato?

Ele: É, de mato, de abertura de mato, de áreas, abertura de áreas, né. Então isso foi o início que trouxe e também pra... nós éramos em cinco irmãos, né, foi bom; algo mais pra família.

Então vocês abriram uma madeireira aqui?

Ele: Não. O intuito era mexê com isso, só que deu o seguinte: de cara, o primeiro comércio que nós tivemos foi um armazém, né, que, na época, hoje é um supermercado, mas na época era um armazém, que vendia de tudo, vamos dizer.

Armazém não tinha ainda aqui?

Ele: Já tinha, já tinha dois, mas a gente abriu mais um. Já existia pessoas em Vera, já existia pessoas em Carmem, já existia as fazendas aqui, que tavam abrindo há muito, muito tempo. Tem fazendas aí de 50, 60, 70 anos, pra cá, né. Então existia o povo e a estrada, foi movimentando, né, e o crescimento foi vindo rápido. Teve época de chegá dez, quinze família por dia. Às vez, às vezes você chegava num caminhão, tinha quatro, cinco família em cima do caminhão, você viu que tinha lá e trazia panela, cobertor, colchão e vinha, vinha embora. Então a gente começou nesse ramo. Hoje, hoje uma palavra assim que encaixa bem, que é uma palavra até bonita, se chama empório, você vai trabalhá com empório, no empório você trabalhava de tudo que é coisa.

Vocês, então, abriram um empório?

Ele: É, só que tinha bem mais coisas, onde você trabalhava com material de construção, telha, cimento, pedra, né. Trabalhava com roupas feitas, camisas, calça, tanto pra passeio como pra trabalho. Um bolicho. Se você vem lá do Rio Grande do Sul você vai começá com bolicho, a venda, depois virou empório, depois virou mercadinho, depois virou supermercado e assim vai. Mas era você trabalhá um comércio e você supri ele com as necessidades da região. Do que a região precisa? Precisa de prego, compra prego, precisa de roupa, compra roupa, então era assim. Era tudo mesclado, não tinha, assim, nada específico. Na época você trabalhava assim, dessa maneira. Mas aí já montou farmácia, foi indo, bar, restaurante, dentro das condição. Na época, quando nós chegamos, já existia um, já existia um, era um posto de abastecimento, tinha gasolina, diesel e lubrificante.

E aí vocês também abriram um posto?

Ele: Sim. Nós acho que devemos ser o terceiro, nós devemos ser o terceiro. Dos três hoje nós somos o pioneiro, porque os outros fecharam. Hoje nós já estamos, nós abrimos já em 1974, então vai pra trinta e sete anos.

Então vocês não vieram com o propósito de plantar café, mandioca, igual a outros pioneiros?

Ele: Sim, nós, a gente entrou na onda do café, mas se deu mal; não deu certo não. Depois a gente foi diversificando, trabalhando nos outros ramos, a família foi dividindo, depois tivemos... já perdi meu pai, perdi dois irmãos.

Então vocês também adquiriram terras na época?

Ele: Sim, inicialmente. Da colonizadora você comva, naquela época, e ganhava o lote na cidade, né. Pra quem abria comércio havia uma doação. A própria colonizadora trabalhava nesse sentido, você comva, você tinha direito a um lote. No início, quem queria construí algum

comércio, você construía um comércio, cediam um lote comercial pra você. Então era uma maneira de trazê pessoas pra esse ramo.

Pra estimular também o comércio.

Ele: Você imagina trinta, quarenta anos atrás Mato Grosso o que é que era? Não era nada. Eu lembro, porque quando eu vim, que a gente veio de carro, né, carro do ano, que era um fusca 1300, que era o carro do ano, meu pai comprô, adquiriu ele novo e tal, pra gente podê vim, né. De Campo Grande, pra cá de Campo Grande, tinha vinte e cinco quilômetro de asfalto, o resto era só chão.

De Campo Grande até aqui?

Ele: De Campo Grande até aqui. E aqui a estrada ainda, ela tava pronta até do Gil até o Celeste. Do Celeste pra cá era aquele desmatamento aberto.

Mas tinha passagem?

Ele: Sim, ela já tava limpa, tavam fazendo aterro, mas não tava uma estrada pronta, né.

E não foi na época de chuva que vocês vieram?

Ele: Não, era o início de chuva, início de chuva. Mas já chovia, já chovia.

E a mudança veio depois?

Ele: A mudança, a mudança foi assim, eu, meu pai, meu irmão, o que coube dentro de um fusca foi o começo, essa foi a mudança. Aí aqui a gente foi comndo os móveis, que era rede, cama de campanha, panelas a gente trouxe alguma coisa, assim a gente começô. Aí, depois com o tempo, veio o restante da família, trouxe alguma coisa, mas a maior parte foi tudo adquirido por aqui.

A sua mãe não veio logo então?

Ele: Não, minha mãe veio bem depois, bem depois.

E pra chegar aqui vocês levaram quantos dias?

Ele: Olha, de Cuiabá aqui um dia. Agora, de Campo Grande, de Campo Grande até Cuiabá, que ali tava chovendo e a estrada era ruim, nós demoramos dois dias, dois dias. Rodava, rodava bem dizer o dia todo e à noite toda. Saímos de madrugada de Campo Grande e chegamos no outro dia seis, sete horas da tarde em Cuiabá. Foi uma aventura.

E esse início em Sinop como foi? Que dificuldades que vocês encontraram aqui!

Ele: Olha, eu acho, como qualquer um, as dificuldades você tinha sim, as dificuldades, você não tinha é sistema de comunicação, rádio era complicado, comunicação era complicado, né, tinha um rádio amador que você usava da colonizadora, fornecia, né, e as pessoas que aqui chegavam existia uma união muito grande, naquele tempo um ajudava o outro, então você ajudava e vice-versa, e quando alguém saía daqui pra Cuiabá é, tipo assim, você passava na sua família inteira *oh, tô indo pra Cuiabá, você precisa de alguma coisa?* Então era assim, era oh, faz isso pra mim, traz isso pra mim, então era essa a convivência que tinha aqui em Sinop. Até uns anos se vivia muito bem, se vivia assim bem, existia a ajuda mútua de todo mundo, não existia roubo, não existia assalto, não existia preocupação, não existia nada. Você passava o dia todo, à noite

dormia tranquilo. Não existia energia, era vela, era lampião, lamparina, ou era um grupinho gerador, né, Então isso aí foi o começo e depois foi, a própria cidade, a colonizadora em 74 colocou um grupo gerador pra colocá um ponto de energia nas ruas até nove, dez horas, não me lembro direito. E aí começou. O comércio, cada um foi colocando um grupo gerador, era excelente, bom de se vivê, muito bom. Um local que nunca deu uma epidemia, nunca teve doenças de dizê, assim, problemáticas, né, uma epidemia que pudesse levá as pessoas a ter que saí daqui e ir embora.

Mas a malária não matava muita gente logo no início?

Ele: Não, matava, mas era muito pouco. Malária eram fases, né, malária é o seguinte, início de chuvarada e final de chuvarada. Início de chuvarada no amanhecer, no clarear o dia ou mais na beira de mato, na beira de água, na beira de rio, mas dentro de cidade; eu nunca peguei malária.

Sr. Otto, quantos anos o senhor têm?

Ele: Cinquenta e oito.

Com quantos anos o senhor veio pra cá?

Ele: Você tira trinta e sete, são vinte e um anos.

O senhor é natural de onde?

Ele: Eu sou natural do Rio Grande do Sul.

Aí depois do Rio Grande do Sul é que o senhor foi para o Paraná?

Ele: Eu saí do Rio Grande do Sul criança, né, e a gente veio pro Paraná, Palmas. Bom, meu pai continuando mexendo com madeira e de Palmas que a gente veio pra cá.

E a escolaridade do senhor?

Ele: Eu tenho nível superior incompleto. Não consegui completá. Fiz lá no Paraná.

E não concluiu por que veio pra cá?

Ele: Correto. No Mato Grosso não tinha o curso que eu fazia.

Que curso o senhor fazia?

Ele: Eu fiz assim, eu fiz um ano de história e meio ano de engenharia mecânica. Eu fiz na minha época o seguinte: você fazia o primário, fazia o exame de admissão pra você entrá pro ginásio, aí era o ginásio, era o normal. Científico era o segundo grau. Daí você fazia o ginásio, normal, científico e comércio, né.

O que era comércio?

Ele: Comércio era contabilidade hoje.

Que era segundo grau também?

Ele: É, você terminava de fazer o ginásio aí você ia pra esse curso superior, que era na época, né. Era o seguinte, você terminava o normal para ser professora e o científico era pra você dá uma sequência e o comércio você já saía como, você passava, você já podia ser um contador.

Já ganhava o registro?

Ele: Tinha registro, já ganhava o CRC, recebia tudo. Então, eu fiz científico de manhã e comércio à noite.

Seu Otto, o senhor lembra de algum fato, alguma história interessante do início da colonização, com os moradores, com o senhor, que o senhor queira contar?

Ele: Tem um fato histórico, que eu nunca vi uma pessoa fazê uma festa pra três cidade e trazê convidado de fora do Estado. Foi no dia da inauguração da Sinop, ato de fundação, que é 14 de setembro de 74. A colonizadora, o seu Enio Pipino, fez uma festa pra cidade de Carmem, pra cidade de Vera, pra cidade de Sinop e veio pessoal de Cuiabá, de São Paulo, de tudo que é lugar aqui em Sinop.

A festa foi para as três cidades?

Ele: Pras três cidades e convidados de fora do Estado ainda.

E já veio algum presidente do Brasil nessa época?

Ele: Já veio, já veio, veio o Figueiredo, o João Figueiredo, acho que veio duas vezes, já veio candidatos, já veio. Sinop pra época foi um exemplo de colonização, então, em termos de colonização feitos no Brasil, Sinop foi um exemplo. Há dificuldades, há, houve dificuldades, houve sim. Mas o pioneirismo paga por isso, como os pioneiros que aqui vieram perderam muito, porque tudo o que você aplicava você aplicava em algo que você não sabia se ia dar certo. E muitas coisas deu errado. O café deu errado, a mandioca deu errado, o milho deu errado, o feijão deu errado, o arroz deu errado. Tudo aquilo que você plantava dava errado; não dava aquela produção.

A terra não ajudava?

Ele: Não, não, é que, porque você imagina o seguinte, quarenta anos atrás Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, plantava numa determinada época e colhia numa determinada época. A semente de lá era uma semente que ela vingava na região fria, que tinha lá, que tinha frio, que tinha umidade. Agora você vem numa terra onde ela é mais arenosa, aonde o calor aqui é bem elevado, o solo é diferente, então essas foi as primeiras dificuldades que todo mundo começou a enfrentar.

Trouxeram a mesma tecnologia de lá para cá sem testar.

Ele: A mesma tecnologia de lá pra cá, não houve, quer dizer, os pioneiros foram quem testaram. Tudo o que tem hoje tem que dar graças àqueles caras que vieram, né, lá de trás.

E o senhor é um deles.

Ele: Não só eu, mas muitas pessoas que veio e outras pessoas que já foram embora, né, outros que já faleceram, né. Eu acho que essas pessoas que tem mérito na região. E Sinop hoje é um exemplo pro norte do Mato Grosso. E todas as cidades que se desenvolveram, cresceram, foi graças ao trabalho, graças à dedicação e à perseverança dessas pessoas que tavam aqui em Sinop.

**O senhor acha que foi investido mais em Sinop do que nas outras cidades, em princípio?
Foi dado mais atenção a Sinop?**

Ele: Não, é, não digo assim dado mais atenção, vê bem, foi a primeira colonizadora que veio pra cá, então ela veio aonde? Nesse local.

Mas Vera foi a primeira cidade aberta e Sinop cresceu mais do que Vera?

Ele: Sim. Eu acho que o traçado da própria BR facilitou, porque quando começou Vera veio ao mapa a estrada Seringal, entra lá do Gil, Rio Novo.

Vocês chegaram, logo no início, antes da aquisição das terras, a conhecer, a visitar Vera?

Ele: Sim, sim, porque quando a gente veio aqui, quando a gente chegou, o eixo... E a cidade cresceu porque desde, daquela época, a estrada era pra saí em Santarém; como saiu pra Santarém. Então o que é que fez com que ela (Sinop) crescesse é o eixo da estrada BR 163 com saída pra Santarém, com saída pra Paranaguá e pra Santarém. Então isso foi o que fez com que a cidade crescesse, né, mais gente viesse morá aqui. E, logicamente, a cidade vai crescendo, a própria colonizadora, o próprio Estado dá mais atenção pras cidades que mais tão se desenvolvendo.

E, mesmo com todas as dificuldades, os fracassos, os pioneiros não desanimaram?

Ele: Eu vou te dizer que tem, que tem pessoas assim sem, que tem pessoas aqui, vamos dizer a família do meu pai, a família do seu Osvaldo, a família do meu sogro, que foi um dos primeiros a chegar aqui, meu sogro, o senhor Orlando Guerra, né, que é pioneiro, né, então se ficava na tentativa assim, não vai dar certo, vai dar certo. Meu pai foi um que sempre acreditou que isso aqui ia se tornar grande e sempre incentivava a gente. E, como outros, existiu dificuldade, né, mas a gente sempre acreditava, *vai dar certo, acreditem, tenha fé, sendo otimista, vai ficar bom. Só que precisa trabalhá. Existe dificuldade, existe, e é assim, sabe.*

Essas famílias ainda estão aqui?

Ele: Sim, tem pessoas aqui ainda; então essas famílias acreditou, esses seriam o alicerce disso, né. E outra, nós também tivemos, assim, a parte do seu Enio, ele foi um cara que sempre deu todo o apoio.

Ele era bem acessível?

Ele: Ele era, vamos dizer, o pai de todos, né. Era um cara que incentivava, era um cara que conversava, ele era um psicólogo, ele era um, ele era um, fazia a parte religiosa, assistência social, então ele era tudo. E ele também desde o início gostou de Sinop.

Ele ficava aqui?

Ele: Ele ficava, ele visitava, então tudo isso fez com que as pessoas perseverassem. Meu pai não falava nunca, nunca falou, nunca falou de volta pra trás momento nenhum.

Nunca se arrependeu?

Ele: Nunca. Existiu uma época muito triste, quando houve o problema do café, não deu certo, houve o problema da mandioca, que até foi uma insistência do padre que já faleceu há algum

tempo, o padre Antônio, né, que ficava em Vera, sempre colocava na cabeça do seu Enio *olha, nós precisamos trabalhar, mandioca dá bem, vamos trabalhá, vamo fazê álcool, vamo fazê; agregá o pessoal na terra*, que também não deu certo.

A Agroquímica surgiu nesse período então?

Ele: Sim, surgiu com isso, com a ideia do padre Antônio.

Por sugestão dele.

Ele: Pela sugestão dele. Ele queria colocá essa gente pra trabalhá, pra ter uma renda, né. Infelizmente, como eu falo, o pioneirismo paga por isso. Tudo o que você fazia era da experiência que você tinha do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, deu errado. Nisso de dar errado, aí vem os aproveitador, aí houve má administração, houve uma Cooperativa que judiou do pessoal, banco também depois que veio instituição bancária. A primeira Cooperativa que montou junto com a colonizadora, montou uma Cooperativa, era COMICEL, Cooperativa Mista Celeste, não ficou muitos anos, foi até que faliu. Aonde depois se trabalhou ela, montou uma fábrica de calcário nova, trazia calcário pro agricultor, uma série de fatores com que deu pra trás. E a própria crise do mercado, né, dos anos oitenta, oitenta e cinco, né, então houve uma debandada de gente de volta.

Dos pioneiros?

Ele: É, pessoas que vieram, na época muita gente foi embora. Tem pessoas que foram e voltaram. Até Sinop dá uma estruturada e achar a vocação dela.

O senhor acha que hoje Sinop achou a vocação dela?

Ele: Eu acho que sim, mas tem muita coisa a ser feito.

E o que o senhor acha da economia madeireira hoje para a cidade?

Ele: Se tivesse trabalhado mais atrás talvez hoje ela tinha uma vida mais longa. Hoje é só com manejo, reflorestamento quer dizer. A Embrapa, que chegou hoje, ela deveria ter vindo vinte anos atrás e não hoje, vinte anos atrás, que o trabalho que ela vai fazê em termos de reflorestamento vai demorá pra você ter um resultado, só daqui dez anos.

O senhor veio de lá pra cá solteiro?

Ele: Solteiro.

Então arrumou namorada aqui?

Ele: Com a corda toda. Arrumei namorada aqui, casei.

Tinham muitas festas, comemorações, logo no início?

Ele: A festa era todo mundo, era jovem, era a menina, era o rapaz, era o pai, era a mãe. O que eu falei pra você, a convivência era muito boa.

Todo mundo se conhecia, se ajudava?

Ele: Todo mundo se conhecia. Não existia bebedeira, não existia droga, não existia nada; existia, sim, um companheirismo entre as pessoas. Saía festas nas casas, nas comunidade, na

Igreja daqui, na Igreja de Carmem, na Igreja de Vera, então era tudo. Tinha torneio de futebol onde ia criança, ia mulher, ia o homem.

Então vocês iam pras cidades vizinhas também?

Ele: Ia pra essas cidades, pra você vê, né, porque se fizesse na Sinop não dava movimento, se fizesse só Carmem, então tinha que chamá todo mundo. Mas muito gostoso, muito gostoso! Eu cresci aqui, a minha namorada é daqui, o pai dela veio antes que eu, né, veio antes que eu pra cá e, sei lá, às vez amor à primeira vista. Risos...

O senhor nunca ficou com vontade de voltar?

Ele: Não, nunca. Tenho três filhas. Três mulheres. Das três, duas casadas, hoje tenho três neto, né, todo mundo mora aqui, todo mundo trabalha aqui. Ninguém pensa em voltá, gostam de Sinop, vivem em Sinop.

O senhor se considera um pioneiro que deu certo?

Ele: Um pioneiro que deu certo e um cara que gosta e briga por Sinop. Não gosto que falem mal de Sinop, por mais que tenha todas as dificuldades eu brigo por Sinop. Divulgo Sinop, todo lugar que eu vou divulgo Sinop, eu sou sempre de luta, dando opinião, *olha, vamos fazer isso, vamos fazer aquilo*, sempre trabalhando. Participei de todas as, quase todas as instituições que têm em Sinop.

Prefeito o senhor nunca quis ser?

Ele: Não, nunca gostei de ser político. Ajudei construir Igreja, escola.

Quando vocês chegaram já havia alguma Igreja?

Ele: Não. Foi construída uma casa, que ela servia de Igreja e de escola.

E aí o senhor ajudou a construir?

Ele: Ah, sim, depois foi feito a Igreja Santo Antônio no mesmo local, mas é outra Igreja. A colonizadora que fez a primeira Igreja tipo um estilo, uma estrela, e depois ela foi espichando, foi crescendo.

O senhor tem foto dessa primeira Igreja?

Ele: Tem. O primeiro casamento que foi feito na Igreja Santo Antônio foi o meu, com o padre João, com o padre João na Santo Antônio, a primeira Igreja. Que no aniversário da cidade, 14 de setembro, houve, houve essa missa, né.

Então o senhor está registrado na história de Sinop com o primeiro casamento?

Ele: É, tem lá. Então parecia assim, moleção, barbudo. Agora diminuiu, antes era barbudo, era cabeludo.

Mas arrumou namorada assim mesmo? Risos...

Ele: Arrumei, não sei o que foi que aconteceu. Mas não é a barba, não é o cabelo, né. Ah, se você vê, eu vim de lá só conhecendo feijão preto. Eu cheguei aqui e não existia feijão preto, não existia. Então era feijão o quê? Feijão carioquinha, feijão de corda, não sabia o que era isso, não

gostava. Na região que eu vim não tinha, só preto. Hoje tem, mas você imagina 40 anos atrás. No Rio Grande do Sul só feijão preto, ninguém sabia daquele outro feijão de corda.

E esse feijão vinha de onde?

Ele: Não, ele já era plantado por aqui, vinha aqui, vinha de São Paulo, era dessa região daqui. Na minha região, nós lá usava bota e chinelo, chinelo do quê, chinelo de couro. O chinelo que a gente usava era chinelo de couro feito por quem? Pelo sapateiro. Agora chegou pra cá, qual que é o chinelo daqui? Era o tal da sandália bambulê que chamava, bambulê. Você não usa chinelo havaianas hoje? Pois é, o nome vulgar não é chinelo de dedo? Antes, quando eu cheguei aqui, era bambulê. O que era bambulê? Não sei! Eu não conhecia bambulê; eu vim conhecê bambulê aqui. Por isso que eu digo, lá eu usava, lá eu usava alpargatas.

Alpargatas é como se chama no sul?

Ele: Sim, é. O gaúcho, como é que ele falava? Paragata, né. Os cara dizia *pega minha paragata aí*, que era alpargatas, né, que era aquela de corda tipo sisal, que era o solado dele, daí era um pano, você até amarrava ele. Então existia aquilo lá, né, aí viemo pra cá e aqui era bambulê. Ah, lá dizia *vamo tomá uma pinga*, cheguei aqui não, *vamo tomá um tubo*. O que é tubo? Tubo é uma garrafa, é uma garrafa de pinga.

As pessoas vinham no seu comércio e pediam um tubo?

Ele: Um tubo. E ainda, lá a gente conhecia um charque, você charqueava, aqui era uma carne seca, era uma carne prensada. Eu lembro até hoje que toicinho era o tal de Quitute de boi, lembro até hoje.

Quitute de boi?

Ele: É, era uma carne prensada, uma carne industrializada, né, o nome era Quitute de boi, tinha da Swift, tinha outras marcas, então Quitute de boi. Acho que pegavam de tudo que é carne, moíam, colocavam ali dentro.

Quase como mortadela?

Ele: É, quase assim. Era dentro de uma lata.

A carne vinha dentro da lata?

Ele: É, esse quitute. É uma carne prensada, feita numa indústria, enlatava, era o que você comia na época. Carne fresca, carne fresca, assim, era só de seis, sete mês. Outro exemplo, um cara na Vera, determinada época, montou um açougue, montou um açougue na Vera. Então, quando ele ia matá um boi, pra matá um boi tinha que i buscá lá por Nobres, do Gil pra baixo. Então ele, três, quatro dia antes, ele ia lá na Vera *oh, sábado vamo matá um boi, você quer carne?* Então, quando o cara matava um boi, tinha que vendê muito, isso nas três cidades, pra dá conta de ele podê vendê pra não dá prejuízo. Na época tinha muito peixe, né, pegava no meio das valetas.

Ah, era fácil pescá-los?

Ele: É, em qualquer lugar tinha peixe. O ser humano foi acabando com o peixe.

Quando vocês chegaram, logo no início, vocês construíram casa? Como é que vocês se ajeitaram no começo?

Ele: Quando eu cheguei, quando eu cheguei foi o seguinte, onde que é o Banco do Brasil hoje, a colonizadora tinha montado ali um hotelzinho pra dar uma assistência. Mas era um hotelzinho, assim, tinha um, era uma casa de madeira bem acanhadinha. Tinha três, quatro quartos, aquelas camas feitas de tábua e um colchão por cima. Quando nós chegamos tinha uma cama, mas nós tava em três e daí fazer o quê. Então colocaram duas rede, aí ficou a cama pro meu pai e as duas rede pra eu e meu irmão. Foi a primeira vez que eu dormi, que eu passei uma noite numa rede.

Era o único hotel da cidade?

Ele: Único hotel, o único local pra você pará era ali, senão tu dormia dentro da barraca. Aí sim, depois armamos uma barraca e fomos construí a casa.

Então até construir a casa vocês ficaram nessa barraca?

Ele: Até construí. Aí você tinha que encomendá a madeira. Aí o cara montou uma serraria, era aquelas pica- pau, então, até o cara serrá, era assim, o que o cara serrava num dia você ia lá buscá. Um dia pregava uma tábua, tinha uma viga, tinha outra coisa.

Demorou quanto tempo pra construir a casa?

Ele: Ah, demorou bastante.

E sua filha mais velha foi uma das primeiras crianças a nascer em Sinop?

Ele: Não, acho que uma das primeiras foi uma sobrinha minha. Ah, eu participei da construção da Santo Antônio, São Camilo, Seminário lá, que hoje é o Regina Pacis, Comunidade Celeme, Comunidade da Brígida, Comunidade São Roque, Orfanato Menino Jesus, Shalom, Nossa Senhora de Lourdes, Todos os Santos, São José, Onze de Julho, Nossa Senhora Aparecida. Uma das últimas coisas que eu participei foi da Catedral. Participei do grupo de jovens, fui um dos fundador do grupo de jovens daqui.

Da Santo Antônio?

Ele: É, da Santo Antônio. Eu fui um dos fundador desse time de futebol do Sinop. Eu fui o primeiro cara a levá um time, do interior, a ser campeão do Estado, fui eu. Eu fui o cara que levei o Rogério Ceni pro futebol. Eu que levei ele pro futebol aqui em Sinop pra depois i embora.

O senhor chegou a ser o presidente do clube do Sinop?

Ele: Era o presidente do clube. Eu fui atrás dele pra ajeitá ele e depois daqui ele foi embora, do Sinop ele foi embora.

Então, quando ele vem pra cá ele visita o senhor ainda?

Ele: Nunca mais. Eu ainda ajudei a formá uma instituição que faliu, que era uma fábrica de refrigerante, um canal de televisão, que era a Bandeirantes, e o CDL, a Associação Comercial. Então, sempre ajudei de uma maneira ou outra a Prefeitura, a Mitra Diocesana, tenho um bom relacionamento com esse pessoal; o Hospital Santo Antônio.

O senhor já recebeu homenagens por esses trabalhos todos?

Ele: Nunca, nunca. E o que mais me revolta é que você vai nessa Secretaria de Cultura do Município e tá lá João, Pedro, Paulo e não tá meu pai lá. E, de todos, o que mais batalhou pela cidade foi meu pai, não desmerecendo ninguém, ninguém. Porque tudo que o que a gente fez, nós nunca fizemos nada preocupado no retorno. Eu nunca falei nada, eu nunca te ajudei pensando no retorno que você ia me proporcioná, nunca. A nossa religião nunca falava isso, *oh, dá ao outro esperando retorno*, não. Fiz na Carmem, fiz na Vera, se você i na Carmem você vê a ajuda que nós fizemos. Sorriso, Lucas, Tabaporã, Cláudia. Ajudamo a fazê estrada, arrumá, desatolá, ajudá gente, levá de lá pra cá, muita gente, muita gente que nós dava de comê, que nós ajudava, sempre trabalhamos nisso, mas nunca em pensá no retorno, nunca. E, politicamente, nunca gostei de política, nunca gostei, e talvez foi um fato que nada que eu fizesse eu puxasse atenção pra mim, nada.

Então Sinop e a região devem muito ao senhor?

Ele: Á minha família e não tem reconhecimento. Agora hoje, se você vê na rádio, os cara vêm pra lá e pra cá e o pessoal *oh, vamos mexê, a gente tem livre acesso*. Eu fui um cara que batalhei pra trazê a Scania, a concessionária Scania pra cá. Se você for ali no cara que tá montando a Citroen, o cara é meu amigo, ele vai dizê *um dos que fez com que nós viesse pra cá foi o Otto*. Quem trouxe a Volvo pra cá? Quem trouxe a Volvo fui eu. A Volvo tava indo embora e quem segurou fui eu, fui atrás, então é tudo isso. Mas, meu último trabalho foi a Catedral. Saí revoltado, sai revoltado, mas tentei, ajeitei, briguemo de lá pra cá; nunca medi esforço pra ajudá a Catedral. Eu tinha caminhão, pá carregadeira, tudo trabalhando em benefício da comunidade. Se você i ali nas irmã, que tão construindo aquele Lar dos Idosos, ela vai dizer *foi o Otto, sempre ajudou, nunca pediu nada. O Otto ia buscar pedra, o Otto fazia isso e aquilo, o Otto comprou martelo, o Otto no final de ano dá presente pra elas, o Otto final de ano vem com não sei o quê*, tudo isso, elas vão falá isso. Mas assim, em termos de município, que vem de lá pra cá, eu fico assim muito chateado.

Pela falta de reconhecimento?

Ele: Aí é que eu falo, se hoje Sinop tá assim deve aos cara que começaram. Agora os cara que começaram não são reconhecido. Tinha dificuldades, tinha. Você não tinha banco, você tinha que se adaptá no que tinha na cidade; você comia aquilo que a cidade te proporcionava. Então, eu falei pra você, às vezes não tinha carne, então você tinha que comê o quê? Carne seca pra lá e pra cá, enlatado, as coisas que vinham. Mas tinha sempre? Não, não tinha. Como a gente montou armazém, então ia direto, toda semana pra Cuiabá fazendo com. Fazia por vezes de ficá lá pra trazê uma maçã, pra trazê ovos, pra trazê batata, pra trazê cebola, daí você arrumava um fornecedor, esperava chegá tal dia, sexta-feira, daí você carregava na quinta e sexta você vinha embora pra sábado tá aqui. Então tudo isso a gente fazia. Como eu fazia, como o Osvaldo fazia, como o Gauchinho fazia. Eu saía daqui, eu saía daqui pra i lá, eu fui daqui lá onde que é a mata

verde, que é pra lá da Piúva, levá comida pra funcionário meu. É pra lá do, você pega Lucas do Rio Verde, não tem aquele posto São Genaro lá, quase chegando em Mutum, que a estrada interditô, não passava, aí um fazia aquilo, todo mundo ajudava, um dava pão, outro arroz, outro não sei o quê. Nós fomo levá e ia distribuindo pros cara na estrada, porque tinha gente que ficô vinte dias parados na estrada e não tinha o que comê. Não tinham comida, então tudo isso a gente fez! E, logo no começo, a gente tava aí montando um postinho e tal e a cidade entrou num caos, porque a BR interditou.

Isso em que ano?

Ele: Isto foi em 79.

E foi interditada por quê?

Ele: A estrada, chuva demais, alagou, o trem parecia que ia acabá o mundo em água. A BR era tudo atoleiro, que era tudo estrada de chão, virou uma anarquia. E através da colonizadora, porque ela nunca abandonou, veio do governo federal um Búfalo pra trazê comida, pra o Búfalo trazê comida aqui, né, trazia comida. Aí pra levá daqui pra lá tinha pessoal levando embora, né, não tinha condições. Aí foi até que o Búfalo começô a afundá, que o aeroporto começô a cedê, que era aqui atrás. É porque era água demais. Aí houve um acerto, eu tive em Cuiabá com o Nono BEC, pra formá comboio pra trazê alimento, combustível, essas coisas. Então eu lembro que era nós e um posto ali na frente, então a gente fez que autorizasse três caminhão da Cobal, quem tinha armazém. Tipo assim, nós três caminhão de combustível, outro três, então você tinha que mesclá, mas era tudo caminhão pequeno, né, ou toco ou truque. Aí fazia comboio. Aí saía do Gil com uma motoniveladora na frente e outra atrás. Aí, chegando ali, que eles falam aquela Primavera lá, na entrada da baiana pra lá, ali tinha formado um, foi apelidado de metro. Era o seguinte: aqui era a rua, né, ela afundô tanto aqui que aqui no meio formou tipo um barranco do lado, então o caminhão descia e você, daqui de cima mesmo, você subia no caminhão sem esforço nenhum, porque descia quase dois metro pra baixo. Aí o Nono BEC tinha os trator de esteira, aí quando chegava na frente a patrôla vinha puxando, engatava o trator de esteira, levava arrancando tudo pra frente, pra podê vim embora.

Nossa!

Ele: Aí era assim que chegava combustível. Aí quando chegava combustível tinha que ter segurança. Então, o que eu fico impressionado, um dia chegou pra nós aqui pra cima três caminhão, então chegô vinte mil litros de gasolina e dez de diesel. Aí você olhava assim uma fila de mais ou menos uns três quilômetros.

De carros esperando combustível?

Ele: Carro, pessoal. Algum vinha e queria diesel, outro queria gasolina, outro pra lamparina. Aí você tinha que olhá e falava *puta merda, não vai dá*. Aí você tinha que dizê assim *oh, é dez litro pra cada um*; não tinha mais. Aí você tinha que ficá lá no pé da bomba, aí não tinha motor, tinha que tocá na manivela, era duro. Na manivela, *tac, tac, tac*, pra tocá, porque não tinha

motor. A gente tinha um motor estacionário, mas não aguentava, então você tinha que tocá tudo na manivela. Aí você imagina! Aí vem um, encostava com caminhão, outro com caminhonete, aí um e outro queria batê em você, meu Deus do céu. Foi a primeira vez que o cara chegô e puxô a arma na minha frente, aí todo mundo *não vai, vai, não vai*, aí o cara briga daqui, briga dali.

Isso por que ele queria mais do que dez litros?

Ele: É. Aí é o seguinte *você põe dez e entra lá na fila de novo. Se coincidi de você chegá você põe mais dez, porque é dez*, tinha que ser norma. Olha, naquela época tudo o que tinha era assim: hospital com grupo gerador para uma emergência. Aí, esses dias atrás, eu tava com minha mãe na UTI, pifô os grupo gerador do Hospital Santo Antônio, aí na hora me veio aquele pensamento *vou tê que i atrás, tô com minha mãe na UTI*. Aí fui pra lá, pra cá, arrumei o motor, levei eletricitista nosso, arrumei um amigo meu com guincho, fomo lá, era onze hora da noite e tava montado o motor do hospital. Então, ao menos pra atendê emergência tem. Já pensou você no hospital aí acaba a energia? O motor deles pifou, foi agora há poucos dias. Aí você vê, naquele época era nesse fato do diesel pra combustível.

Mas isso aconteceu só naquele ano?

Ele: Naquele ano, foi um ano assim... nem comida. Comida você racionava e dividia. Aí você ia no mercado, pegava um pouquinho de arroz, um pouco de feijão.

Seu Otto, agradeço muitíssimo pelas valiosas contribuições do senhor ao meu trabalho de pesquisa.

Ele: A satisfação foi nossa.

12- IDENTIFICAÇÃO:

Sigla: S12 M

Idade: 63 anos

Sexo: masculino

Estado civil: casado

Número de filhos: uma filha e dois filhos (a filha nascida no Paraná e os dois filhos nascidos em Sinop)

Profissão: empresário e corretor de imóveis

Escolaridade: primário completo

Naturalidade: nasceu no Estado de Santa Catarina

Descendência: italiana

Local em que residia antes da migração: Salete – Santa Catarina

Em que ano e com que idade chegou a esta cidade: mai. de 1976; com 29 anos

Data e duração da entrevista: 04 de fev. de 2011; 1h e 3min.

Seu Renato, em que ano o senhor veio Sinop?

Ele: Eu cheguei em Sinop em maio de 76. Já era época de seca.

E por que é que o senhor resolveu vir pra Sinop? O que trouxe o senhor pra cá?

Ele: Isso ali é um, quase não dá pra entendê o motivo. É um motivo tão simples, tão sem graça. Eu vim por intermédio dum cunhado meu. Ele me convidô pra vim aqui e eu falei *puxa, mas i pro Mato Grosso no meio daquele matão! Vou fazê o quê lá?* Ele falô *o que eu tô fazendo*. Ele já tava aqui. Eu falei *mas é só mato*; ele *é, mas pelo que eu vejo você não tem muito a perdê você indo pra lá. E, por outro lado, eu tô indo de carro, se você quisé eu te levo junto e não vai custá nada a despesa de viagem*. Eu disse *poxa vida, mas se for assim vamo embora*. Aí eu vim pra cá, cheguei aqui e eu não sei se gostei ou porque eu fiquei devendo alguma obrigação pra ele, de uma obrigação por causa de ele ter me trazido pra cá. Por outro lado a minha mulher era concunhada dele, esse cara que eu vim. É que a minha mulher e a mulher dele são irmãs. Aí ela também gostô porque tinha uma irmã dela aqui e eu acabei gostando, bem dizê então, um pouco de agradá o meu cunhado por ele ter me trazido aqui, porque eu não tinha outra coisa pra fazê lá no sul. E cheguei aqui eu sentia que parecia que alguma coisa ia dá certo pra mim. Que eu sentia que eu devia de ficá aqui. Que alguma coisa ia me trazê um retorno bom com a diferença de eu ficar lá ou aqui.

E o que é que o senhor fazia lá no Sul?

Ele: Lá eu trabalhava de empregado. Eu vim pra cá trabalhando de empregado também. Aí trabalhei uns 3,4 ano, aí eu pensei *eu vou trabalhá por conta porque trabalhando de empregado se você ganha 10 você não pode fazer um negócio de 15, porque só vai ganhar 10. E por conta você fazendo uma sobrehora a mais você pode ganhar mais e avançar mais*. E comecei a trabalhar por conta. Primeiro comecei a trabalhá de carpinteiro, fazendo casa, furando poço nos primeiros tempo porque não tinha que nem hoje esses poço feito com máquina, o pessoal fura com um cano e já sai água. Era feito aquele buraco aberto porque não tinha energia. Aí como é que você vai puxá água? Tinha que fazê aquele poço aberto. A gente tinha que encará tudo esse tipo de coisa pra chegá lá, porque é de grão em grão que a galinha enche o papo. Então eu pensei *vamo trabalhando pra chegá lá um dia onde que a gente espera*.

E terras o senhor chegou a adquirir por aqui?

Ele: Cada um deve fazê o que ele acha melhor. Meus irmão acharam melhor, o primeiro meu irmão trabalha com terra. Ele foi comndo com as economia dele e foi mexendo com terra. E eu achei melhor trabalhá com imobiliária, construí casa e coisa assim. Eu comecei, eu pulei um pouco, eu comecei com madeireira e daí, vamos supor, algumas sobras, economia que foi sobrando da madeireira eu fui colocando em imóveis.

Isso aqui na cidade?

Ele: Na cidade. Porque a terra, a pessoa tem que gostá dela pra você trabalhá, porque não adianta você fazê uma coisa que você não gosta. Você pode lembrá por você mesmo como que é. Eu na terra não sou muito chegado por, porque o clima aqui ele é muito desequilibrado. Eu não gosto de ficá na dúvida, uma hora pode dá alguma coisa outra não. E em imóvel já é uma coisa mais segura. Ele pode rendê menos, mas é uma coisa já mais segura.

Quando o senhor chegou o senhor já tinha casa pra ficar, pra morar? Como foi isso?

Ele: Não, não. Eu cheguei aqui e fui morá em casa de firma, do meu cunhado. Daí, com o tempo, com a ajuda dele também, com o que eu ganhei na madeireira, com um impulsozinho dele construí uma casa daí. Consegui morá no que é meu para daí ter liberdade pra trabalhá onde que eu queria. Se você mora numa firma, numa coisa assim, você tem uma obrigação de trabalhá com ele, porque você tá morando naquela casa. Foi o que eu fiz quando tava morando na casa que era minha, aí eu pode trabalhá por conta. Aí eu comecei a trabalhá de construtor, um pouco porque pra quebrá um galho, vê se vinha alguma coisa a mais. E daí consegui compra uma serrariazinha pra encaminhá, porque lá no sul eu trabalhava de empregado, mas eu trabalhava em madeireira. Então a gente já sentia o cheirinho da madeira, um pouco a facilidade dela. Eu comprei um terreno, comprei a serraria, montei ela, que ela era alugado.

Em Sinop, nessa época, ainda havia muito mato?

Ele: Era tudo mato. Aqui eu construí em 84, que foi o ano que saiu o asfalto de Cuiabá pra Sinop. E até ali nós não ganhava quase nada porque o frete daqui a Cuiabá custava mais caro do que de São Paulo a Santa Catarina ou outro lugar, só pra você tê uma ideia.

Por causa da distância? Da estrada?

Ele: Por causa da estrada. A estrada era muito ruim e o frete subia o preço lá em cima. Aí o custo, ali quem acabava pagando a conta era nós madeireiro, porque a madeira, se você tá comndo lá em Santa Catarina, no Paraná, não importa onde, você quer compra ela do lado onde ela chegue mais barato. E aí o frete ficava caro, a madeira ficava um precinho bem baixo pra nós. Você não conseguia fazê sobrá alguma coisa, porque levava até ali fazendo zero mata zero, porque o frete era muito caro e virava em nada. A madeira era barato, a tora, porque tinha tudo, mas se você não tem a venda não adianta.

Havia lugar pra vender só que o transporte era difícil?

Ele: As duas coisa e a comunicação não tinha.

Ainda não tinha telefone nessa época?

Ele: Não tinha telefone na época e aí você ia ligá como? O telefone, eu não lembro o ano que ele veio, eu fui um dos primeiro a pegá telefone, mas quando ele veio já era tarde e a gente sofreu muito porque não tinha comunicação com nada. Algum radiozinho amador que alguém tinha, mas só falava rádio com rádio, né, e mais nada. Então era difícil. Em 80 pra cá que abriu as porta em Sinop pro povo começá a ganhá dinheiro. Até ali ninguém ganhava dinheiro. Se alguém diz eu diria que ele tá mentindo. Eu convivi junto, eu enxergava. Quantos madeireiro

que quebrô até ali, até chegá, que não conseguiu chegá no 84. Depois que chegou até ali, aí sim é que nem entrá num jato.

Quando o senhor veio, em 76, já tinha bastantes madeiras em Sinop?

Ele: Não. Quando eu cheguei, em 76, tinha duas madeira. Uma delas era do meu cunhado e tinha uma tal de Pauli, que hoje é madeira Hass.

E habitantes também ainda tinham poucos?

Ele: Ah, eu acredito que quando eu cheguei, em 76, se tinha 500 habitantes era muito, ao todo. Só tinha 2 comércinho que vendia bebida e ao mesmo tempo comida, pequenininho, então não podia ter mais do que isso daí, na época. E aí a coisa ficava tão cara que você chegava nesses comércio, você pedia um quilo de feijão, custa tanto. Puxa, você pensava, eu levo ou deixo, mas se eu não levá vai precisá em casa. Mas levá não pode porque é tão caro, eu deixei de compra lá por tanto e agora aqui custava 3,4 vez mais. A carne, só tinha aquele tal de jabá, não sei se você conhece o que é jabá ou charque, carne seca, carne de sol. Só esse tipo de carne, não existia outra.

E mesmo essa vinha de longe?

Ele: Vinha de muito longe; vinha de Cuiabá, outro lugar não tinha.

Então, nessa época, caçava-se bastante aqui?

Ele: Ah! Caçava! Caçava bastante porque era o único jeito. Era divertimento, aí era caça ou pesca. E aproveitava na caça comê uma carne fresca, que era o único jeito de comê uma carne fresca, né. Aí não tinha muié dizê *eu não gosto de carne*. Hoje, *ah, eu não como carne de paca*, mas na época eu tenho certeza que você ia comê e ia gostá, porque a falta era tanta! Risos...

Faltava tudo?

Ele: Faltava tudo.

Mas vocês chegaram a passar necessidade?

Ele: Um ano, o primeiro ano, que a antiga Madeforte o meu cunhado abriu, ele fez uma festa fim de ano pros empregado. Aí ele sugeriu de fazê a festinha e foi viajá e a gente ficô aqui. Então ele, foi num sábado, aí ponharam carne, bebida, no sábado. Aí no domingo nós falemo pro gerente assim *se nós mata anta você põe a bebida de novo pra nós?* Porque a festa foi no sábado.

Mas a carne era carne de bicho?

Ele: Não. Eu não sei certo se já encomendaram adiantado ou não. Essa aí eles devem ter encomendado adiantado de fora pro Natal, fim de ano.

Em 76?

Ele: Em 76. Aí no domingo o gerente falou *eu ponho a cerveja, a bebida, e vocês matam um bicho, uma anta, uma coisa assim, por conta da firma de novo*. Nós fomo no mato, matamo uma anta, trouxemo ali, tiramo o coró e ele colocô a bebida de novo. Todo mundo achô melhor a carne do bicho no outro dia do que a do sábado.

Talvez porque fosse fresquinha.

Ele: Mais fresca ou porque era uma novidade. Tinha arecém chegado do Sul, então a gente, tudo era novidade esse tipo de coisa. Foi feito uma festa melhor aquela de bicho do que com a carne de boi. Risos... As mulher comia de ficá barriguda!

Ah, e os homens não?

Ele: Os homem não? Quero vê não! Isso é pra vê a necessidade que era na época. E eu não sei porquê que nesse meio tempo eu gostava daqui igual. Tão difícil que era! Eu deixei um lugar, uma cidadezinha pequena com todas economia em volta e todas coisa.

E qual era a cidade que o senhor morava antes de vir pra cá?

Ele: Salete, Santa Catarina, perto de Blumenau.

Tinham quantos habitantes na época?

Ele: Pra você vê, hoje tem 7 mil habitantes. Do penúltimo censo pra esse diminuiu, só pra você vê se compensa i pro sul outra vez. Eu diria que é uma bananeira que já deu fruto. Risos... Acho que na época tinha uns 3 mil habitante; há 34 anos.

Mas já era bem mais desenvolvida do que aqui?

Ele: Sim, se aqui tinha em média umas 500 pessoas lá tinha 3 mil. E outra, memo que lá tivesse pouca gente, a próxima cidade dava 18 km e aqui dava quanto? 500 km.

E qual foi o sentimento do senhor quando chegou aqui e viu essa imensidão de mato?

Ele: O que é que eu vou te dizê, você chega no meio de uma selva dessa ali, mosquito tinha tanto, um mosquito que ele chupa o suor e existia uma, ainda existe se você saí pro sítio, pro mato por aí, uma vespa, aquela pretinha assim, que ela vem chupá o suor, ela não pica. Você apertô ela um pouquinho, ela tá um ... e aquilo tinha demais e você trabalhando e volta e meia dava uma apertadinha.... mas tinha muito. Tinha vez que você até pensava *puxa vida, será que eu vou tê que vonvivê com isso sempre!* Porque parecia que isso não ia acabá. Mas foi acabando, assim, lentamente. No Teles Pires, você já teve no Teles Pires?

Já.

Ele: Você não parava assim como você tá, cinco minutos, mas nem querendo, né, forçado, de tanto polvrinha que tinha.

Polvrinha?

Ele: É, polvrinha.

O que é polvrinha?

Ele: Polvrinha é um mosquitinho, bichinho. Como é que chama, outro nome...

Esse mosquitinho se chamava polvrinho?

Ele: Chama hoje também. Lá em Juruena chama o pium.

Pium?

Ele: Pium. É um mosquitinho, você não vê de pequenininho que é, mas ele era doido. É miudinho, mas você passa a mão assim quase não sente.

Não é o que chamam de mutuca também?

Ele: Não, mutuca é um outro grande. Ainda tem pium, só que agora é 10 % do que tinha, mas tem. Deixa manchinha vermelha. Aquilo virava um vermelhão só de tanto que tinha; demais, demais. Eu achei que isso nunca ia acabá e hoje tem pouquinho, tem dia que tem, tem dia que não tem. Mas era desse jeito que tinha na época.

Então pra ir pescar e caçar era complicado?

Ele: Era complicado. Você tinha que vesti uma camisa de manga comprida, se protegê por tudo, porque senão você não aguentava, mesmo que tomava uns goró meio forçado pra aguentá o tranco. Risos...

Além dos dois comércios que havia quando o senhor chegou a Sinop, o que mais já havia?

Ele: Hospital já tinha, tinha médico, tinha o doutor Valdecir, doutor Ademir. Já tinha. Esses aí são pioneiros. Daí eu diria, tem que tirá o chapéu pra esses aí, porque médico, naquelas alturas aguentá o tranco como eles aguentaram... Hoje não tá tudo belo, tudo fácil? Eles deve ter chegado em 75.

Foram trazidos pela colonizadora será?

Ele: Provavelmente sim.

E, além de médicos, tinham irmãs também que atendiam, faziam atendimento na área da saúde?

Ele: Tinha. Aqui dava muito malária, malária sabia onde que era tratada nos primeiro tempo? Em Vera. É, Aqui não tinha tratamento. Quando o negócio era meio ruim demais ia pra lá, porque lá tinha tratamento melhor, ou Cuiabá, porque essa doença você trabalhando com o doente você tem que conhecê qual é o melhor remédio. Você vai numa cidade grande e às vez o médico não sabe qual é que é. O meu irmão, ele facilitô aqui com a doença e ela, ela foi apurando mais, ele foi pra Santa Catarina, foi num hospital grande lá e quase morreu, porque eles não entendiam do, qual é o tratamento que precisava.

É que aqui a malária era comum. As irmãs estavam acostumadas já a tratar os muitos casos.

Ele: Sim, elas acostumô, elas sabia qual era a melhor dose, né. Lá na cidade não existia esses paciente quase, daí eles não sabia como tratá. É por isso que eu te digo, talvez Vera curava melhor do que em Cuiabá, nesse tipo de doença.

E vocês chegaram a passar alguma dificuldade com relação à saúde?

Ele: Não, porque, porque nós já tinha médico aqui e Graças a Deus a gente não teve doenças, assim, que os médico daqui não conseguia cuidá disso ali. Então a gente não teve esse tipo de necessidade não.

O senhor têm filhos nascidos aqui em Sinop?

Ele: Eu tive uma filha lá e dois aqui. Esse rapaz que tá ali (apontando), ele nasceu aqui. Ele deve tá com 30 ano, não sei que idade ele tem, mas ele já nasceu aqui, só pra você vê o quanto tempo a gente mora aqui. Um tamanho bastante grande. Risos...

E bicho tinha muito por aqui? O senhor passou muito medo?

Ele: Você acredita que medo não. Eu passei medo, assim, em se perdê no mato, porque na época não tinha quase lugar aberto e nós não sabia como se defendê no mato, como fazê pra entrá e depois sabê como saí do mato. Você sabe como sai do mato se você entra? Assim no mato entrá, entrá e como que faz pra voltá, você sabe?

É por isso que eu já nem entro. Risos....

Ele: Então, eu também não sabia, depois, então, eu aprendi.

Ah é, e como é que faz?

Ele: Com o sol. O sol orienta. Você faz o seguinte, porque memo agora que não tem sol, onde que tá o sol? Ele não tá pra cá, ele não tá pra lá. Então, mesmo que não tivê, você sabe notá mais ou menos onde que ele tá. Então você faz assim, suponhamos que essa ali (apontando) é a estrada, né, o mato você vai entrá da estrada pra lá, que é matão. Você entra pra dentro, aí você, na hora que entra, claro, você sabe que o sol tá lá, você entra no mato. Você começa a rodeá atrás de uma, de achá alguma árvore, de achá alguma coisa, puxa vida, onde é agora que eu volto? Meu, como é que eu faço agora? Não sei se é aqui, aqui ou aqui. Pera lá, quando eu entrei no mato o sol tava assim, eu entrei assim, como é que eu devo sai? Se eu entrei ali, agora eu vou virá assim, o sol tá desse lado, eu vou voltá e vou pegá a estrada.

E dá sempre certo?

Ele: Claro que dá certo. Você entrô, o sol tá aqui, quando eu entrei o sol tava assim, bom, volto aqui e agora pra eu voltá eu tenho que fazê assim, pronto, e vice-versa. Vamos supor que a estrada tá de assim, o sol tá de assim, bom, eu vou sair, eu tenho que ir sentido sol ou o contrário, né. Então, é assim, mas eu não sabia, ninguém sabia quase.

Isso o senhor aprendeu observando?

Ele: Alguém me falou, alguém me falou. E existia, o meu sobrinho fazia assim, ele entrava no mato e também não sabia dessa marca do sol. Ele entrava no mato, suponhamos fazia assim, ele quebrava um pauzinho e virava ele assim (gesto), de vez em quando você pega assim (gesto), porque tem tudo mato, você pega um fiapinho de coisa e quebra ele assim (gesto). Daí vai indo pra lá, quebra ele assim do lado (gesto). Puxa vida, onde é que eu tô, onde eu tô? *Como é que eu faço pra voltá.* Eu vou voltá pelo mesmo lugar que eu entrei. Bom, aí você vai olhando, *eu quebrei ele pra cá eu tenho que voltá assim.*

Você vai seguindo, achando a mesma estrada.

Ele: Você vai seguindo, senão você começa a rodeá, rodeá, rodeá. O primeiro tempo que eu tava aqui, onde que é hoje a Maderato, você sabe onde que é a Maderato?

Não.

Ele: Como é que eu vou te dizê, um lugar ali por perto, bom, pra cá da, da, onde que faz a Exponop, um pouquinho pra cá.

Sim

Ele: Aí, no domingo, eu fui fazê uma picada no mato, porque era tudo mato em volta da serraria, matão que não acabava nunca. Eu fui fazê uma picada pra depois i caçá, né, nos domingos, sábado à tarde, porque senão é ruim de você entrá no mato tudo. Bom, eu entrei fazendo uma picada, fui, fui, aí volta e meia tem um, vamos supor um, uma árvore de espinho, aqueles tucum que eles falam, uma arvorezinha de espinho, nas folha também, então você desvia, aí você desvia. Aí eu pensei *nossa, eu devo tá longe*, eu olho, *devo tá no mesmo lugar de novo, eu que fiz a picada*. A gente no mato, a gente se perde tanto que eu fiz uma volta. Uma outra vez com esteira, quando eu tinha esteira pra abri um carreador pra tirá tora. Aí eu disse pro operador, eu disse *você vem vindo, onde que eu vou você vem, fazendo, abrindo estrada. Quero abri ela retinho pra baixo, pra pegá tora*. E fui indo, fui onde que tinha pau muito pesado pra ele não derrubá, então eu desviava. Quando tinha feito acho que já uns 2 km de estrada, eu olho do lado, *ué, aqui do lado uma estrada, quero vê!* Era a estrada que eu tinha feito. Risos... Fiz uma volta assim, pagando caro no esteira. Mas, olha, eu não chorei porque não resolvia. Ali tinha um pau, você não vai querer passá por cima, vamo desviá aqui. Só que sem querê fui desviando, desviando, desviando sempre para um lado. Você tem que desviá primeiro pra cá, tem que lembrá, depois pra cá, eu não. Aqui tem um pau, vamo desviá, mas desviava eu acho sempre no mesmo sentido, acabei chegando no mesmo lugar com o esteira.

Naquela época vocês não tinham bússola, algum instrumento de orientação?

Ele: Não tinha. Pagava caro por uma coisa por não sabê, por não tê o instrumento. Hoje até eu tenho uma lanterna que ela tem bússola junto. Coisa tão simples, ela é tão simples, uma bússola, se tivesse naquela época tinha me orientado.

Na época era difícil de se conseguir então?

Ele: Era difícil, não conseguia não; muito difícil.

Vocês abriram então bastantes estradas por causa da madeira?

Ele: Quando eu cheguei aqui, eu serei a madeira pra estrada que vai pra Porto dos Gaúchos, em Juara. Eu serei a madeira pra fazê as ponte. Só pra você vê que é uma estrada velha já que vai pra Juara, essa estrada aí, na época, eu serei as madeira pra fazê as ponte.

Assim como o senhor deve ter serrado muita madeira para o pessoal que chegava construir suas casas.

Ele: É. Os primeiro tempo você parava na estrada, você não ficava meia hora sem passá uma mudança, o dia inteiro. Era gente em cima de caminhão, de qualquer jeito, chegava aqui que você não conhecia se era gente ou se era um bicho, por causa do pó. E que bom! Como eu vim com a mudança desse jeito, né, em cima do caminhão.

O senhor levou quantos dias pra chegar?

Ele: Não foi muito, porque na época a estrada não tava tão ruim. Os primeiro tempo o movimento era pequeno, as estradas se mantinha boa. Mas, mesmo assim, foi quatro dia de viagem em cima de um caminhão.

Lá de Salete até aqui?

Ele: Santa Catarina até aqui. Asfalto tinha até Cuiabá, já tinha até Cuiabá. Cuiabá até aqui tinha quase 500 km. O que tinha de gente se enfiando no meio do matão pra chegá no que nós tá hoje!

E passando, no início, bastantes dificuldades.

Ele: Bastante dificuldade, mas sempre acreditando que tinha uma luz no fim do túnel que esperava pela gente.

E a sua esposa não reclamava, no início, das dificuldades?

Ele: Ela não reclamava porque ela tinha uma irmã que tinha madeireira, ela era empresária. Então, entre elas, elas se passava o tempo e porque a minha cunhada gostava daqui fazia questão que a outra também gostasse, né, de ter uma irmã perto. Eu não sei porquê ela sempre gostou de ficá aqui e me ajudô bastante também. Os primeiro tempo eu trabalhava na firma aqui e ela trabalhava de zeladora na Escola Nilza. Pois é, de grão em grão que a galinha vai enchendo o papo. Arrumou trabalho e ela ajudava na economia e aí foi que a gente começô a sobrá um troquinho pra podê chegá onde que a gente chegô.

E qual era a diversão de vocês aqui logo que chegaram?

Ele: Nós pegava as mulher, os homem pegava o caminhão e ia no mato e ficava o dia inteiro caçando. Levava cachorro, coisa assim junto, aí matava um bicho, fazia um fogo, levava um pouco de sal junto e comia. Pão, carne de bicho e cachaça. Outra coisa podia ter, mas é que não tinha pra compra. Cachaça era mais barato, a cerveja era tão cara que o casco eles não queriam a devolução. Você tomava uma cerveja, você podia ficá com o vasilhame; não queriam de volta, porque pra mandá pra Cuiabá de volta não compensava. Compensava mandá madeira e abandoná o vasilhame. Isso tava embutido no preço, claro, e aí ficava caro. Não compensava. Eu vou te contar uma história, um caso de polícia, um acontecimento que dava aqui na Sinop. Numa certa ocasião, um cara, ele pegô e pagou um outro pra matá. *Eu te dou tanto pra você matá esse cara aí. Ma pra eu tê certeza que você vai matá ele tu me traz a orelha dele.* Você pode gravá aí, pra você contá depois porque é bem certinho desse jeito.

É história verídica?

Ele: É, ela é verídica. Aí o cara o que é que ele fez. Mas era pra matá o fulano, né. Ele pensou *eu não vou matá aquele fulano, ele é muito brabo. Eu, matando qualquer um, levando a orelha é o que interessa pra eu ganhá a grana. Ele vai me dá a grana, mas eu tenho que levá a orelha.* Ele pegou e falou pra um velhinho, escuta, você não quer abrir uma divisa de terra pra mim? Sabe o que é divisa, né? Extremo de uma terra pra outra. O cara falô *vamo embora*. Pegou um táxi e levou lá pro matão. Pensou *aqui é que vou matá ele*.

Um velhinho aqui da cidade?

Ele: É, um velhinho aqui da cidade. Aí foram, ele falou pro taxista *você espera aqui que eu vou mostrar o serviço pra esse cara e logo volto pra nós i embora*. O taxista achou um pouco curioso, mas tava ganhando pra isso, pegou a foice e o velhinho e foram pra dentro do mato, bem longe. Chegou numa altura lá, deu uma foiçada no velhinho, matô o velhinho, cortô a orelha do velhinho e veio embora com a orelha pra ganhá a grana.

Mas era um jagunço então?

Ele: É, pistoleiro, né, que não tem nada pra perdê; como hoje ainda também.

Tinha bastante pistoleiro nessa época por aqui?

Ele: Tinha mais, tinha bastantinho. Aí ele, no vim pra casa o taxista pensou *puxa vida, mas tem coisa errada, tem coisa errada, tem coisa errada. Esse cara não tá trabalhando, esse cara andô fazendo senvergonhice com ele*. Chegô aqui avisou a polícia, avisou a polícia, falou *oh, tem uma coisa estranha. Eu levei um cara lá*, assim e assim. Mas ele não viu a orelha. E nesse meio tempo ele pegô e entregô a orelha pro cara.

Era alguém conhecido na cidade?

Ele: Puxa vida, eu não lembro, porque eu era peão na época, não sei dizê. Quando ele entregô a orelha pro cara, aquele que era pra tê morrido, ele ficô sabendo, ficô sabendo, *olha, era pra se matado eu e mataram um outro inocente*. Ele pensô *eu vou matá agora o cara que mandô me matá*. Pegô e *onde que tá ele, onde que tá ele*, na primeira noite. *Ele tá na zona*, tinha uma zona ali, uma boate aqui embaixo. Ele chegô e perguntô na boate *onde que tá o fulano assim, assim*. “Oh, no quarto ali com uma mulher”. Chegô, bateu na porta, *abre a porta que eu quero te matá*. “Vou abri pra quê.” Ele deu um pontapé, quebrou a porta. O cara pegô a muié que ele tava com ela e ponhô na frente. *Não me mata, se tu me matá tu mata ela*.

Que cafajeste!

Ele: E o cara falô assim *solta a muié que eu quero matá tu. Eu quero matá só tu, porque tu tinha mandado me matá e, por sorte, deu errado*. Aí ele rodava a muié, então ele disse, *então vou matá os dois*. Matô a muié, matô ele e pegô e foi embora.

Matou a mulher inocente?

Ele: Matô os dois, matô a coitada da muié que não tinha nada a vê. Ele pegô e matô os dois e falô *agora minha empreitada tá feita*. É uma história interessante mesmo! Primeiro o cara matou um inocente porque não tinha coragem de matá aquele que era pra sê. Ele pensou *eu entregando a orelha, o importante é pra eu recebê o dinheiro. Ele vai sabê a orelha de quem que era? Depois que eu peguei o dinheiro eu caio fora e pronto*. O cara que era pra se morto ficô sabendo.

E ele ganhou o dinheiro?

Ele: Ganhou o dinheiro, ele ganhou o dinheiro.

E o homem que matou o casal na boate chegou a ser preso?

Ele: Olha ali, ali, não, ele foi preso. Mas foi pouquinho coisa, porque na época eles viram que foi pra pagá conta e era uma coisa que o outro não prestava, né, que o cara que manda mata assim desse jeito, ele vai prestá alguma coisa?

Esse tipo de crime era comum na época?

Ele: Sim, era meio normal. Outra história. Um dia, na Igreja Santo Antônio, você conheceu o Padre João?

Sim, sim, conheci.

Ele: Esse Padre João era gente boa que nossa! Bom, aquela Catedral saiu por causa dele, não por causa do Bispo.

Ah, sim, sim. Ele que mais tomou a frente.

Ele: Ele que lutou o que ele pode pra fazê isso ali. Mas, o que eu quero dizê, os primeiro tempo o Padre João, ele andava com revólver na cinta. Nas festa andava com um Trinta e oito aqui (gesto) na cinta.

Ele sofria ameaça?

Ele: Sofria ameaça. Tinha jagunço, gente que não gostava dele dizia *oh, tu cai fora senão tu vai morrê*. Assim por mixaria. *Ah, eu não vou sair daqui por causa que tu vai me mandá embora, eu não vou*.

Mas não gostavam dele por quê?

Ele: Ah, você sabe que garimpeiro, essas tranquerada de gente por mixaria, eles acha que são bom porque às vez tem uma arma na cinta. Na época, aqui, a polícia não, o cara andava com revólver na cinta que ninguém ligava, porque polícia quase não tinha e a polícia era o cara dá uma cachaça pra eles, o cara podia fazê o que queria, né.

Mas tinha garimpo aqui?

Ele: Não, é que os garimpeiro passavam pra i pra cima, que é no ponto de garimpo, né. Mas aí tá, ou voltava do garimpo, qualquer coisa assim. Sinop sempre foi uma cidade maior, que tinha mais recurso e aí vinha esses cara meio invocado pra qualquer coisa. Por isso que o Padre precisava disso. E, numa festa dessas, eu tava sentado tomando cerveja assim e que nem ali (apontando) encostado do balcão que vendia cerveja, o cara deu um tiro e o cara capotou no chão, do nosso lado. No meio, na força maior da festa.

E havia muita gente na festa?

Ele: Cheio de gente que tu não tinha como caminhá, porque a aglomeração tava tudo junto, porque a cerveja tava ali, né. O cara que morreu, né, tava no balcão tomando cerveja com outro amigo. E tu escuta o tiro, mas não sabe em quem, quem que atirou e em quem. Aí só que o cara caiu.

E as pessoas não saíram correndo?

Ele: Aí sai o povo, mas não sabe nem pra onde i porque você não sabe de onde veio o tiro. Porque *pá!* Onde que foi, foi ali ou foi lá. Por isso que o Padre tinha que i protegido. O Padre

caçava que nem nós. Ele rezava a missa, fazia a obrigação dele, depois ele pegava a espingarda e ia caçá também. Espera à noite, tatu, paca. Ele era uma pessoa igual a qualquer peão, esses que tem ali; ele era assim. Por isso tomava a frente em tudo, tomava cachaça junto com o povo, assim o Padre João era. Ele era muito esforçado no trabalho, fazendo frente em tudo que era pra vim. Ele, nos domingo, eu vi ele depois da missa pegá motosserra nas costa e trabalhá, o padre.

Cortando árvore?

Ele: É. Ali onde é que tem um negócio dos padre, ali que ele fez, agora não lembro o nome, aquele lugar que, o Shalon!

Sim, sim.

Ele: Quem fez o Shalon? Foi ele há quantos ano. É, ele que fez, ele que ia lá, derrubou o mato pra fazê tudo. Ele pegava, domingo ele dizia assim, *oh, primeiro obrigação o padre rezá missa e o povo i pra missa, depois se tivê alguma coisa pra fazê pode fazê*. E ele encarava as coisa.

Ele dizia que se podia trabalhar aos domingos sem problema.

Ele: É, que não tem problema. Na época, se você andava na cidade os primeiros tempo só ouvia aquele batuque de martelo. Gente trabalhando o domingo inteiro, aquele batuque de martelo. Porque não tinha música, não tinha quase carro nenhum, então era aquele silêncio.

Televisão nada ainda?

Ele: Televisão nada, rádio não tinha, porque algum rádio que tinha, que pegava de fora, porque não tinha rádio aqui. Então ouvia de Brasília ou de Cuiabá, não sei se tinha lá. Então era um silêncio, você só escutava aquele batuque de martelo e coisa assim nos domingo.

Era só construção.

Ele: Só construção de madeira, né. Aqui o tijolo demorô mais de 10, 15 anos pra eles começá pra fabricá tijolo. Os primeiros tijolo era feito de cimento aqui, era de cimento, ponhava pouco cimento, aquilo desmoronava. Uma casa de alvenaria custava caríssimo aqui.

E não havia o problema da terra ser ácida?

Ele: Muito ácida, não dava liga, não funcionava.

Bom para os madeireiros então?

Ele: Bom pros madeireiros, é, mas dava só 1% do que fabricava. O primeiro tempo o Tomelim sim foi ticamente tudo. Só tinha duas madeiras, mas a outra madeira não serrava. Na cidade era só o Tomelin que serrava, então ele serrava, mais ou menos a metade da madeira que ele serrava era pra construção aqui. Era muita madeira, ele tinha um caminhãozinho e eu só puxava madeira pra cidade. Uma casa pra um, uma casa pro outro, outra casa pro outro. Mas depois eu trabalhei, a primeira pica-pau montada em Sinop foi eu que montei. Sabe o que é pica-pau? É com fita, serra fita. A pica-pau é aquela que serra assim, oh (gesto), então essa ali fui eu que toquei aqui, a primeira que foi montada aqui.

E o senhor conseguiu compra-la como?

Ele: Não, não, eu toquei a que era do Tomelin. O Tomelin, quando chegou aqui, ele montô aquele trezinho ali (apontando), aí tocô até montá a fita. Aí, quando ele montô a fita, ele não tinha jeito pra tocá isso ali também, ele deixou parado. Quando eu cheguei aqui ainda eu toquei ela pra ele, mas como empregado. Daí, com o tempo, eu consegui compra ela e daí sim trabalhá por conta própria. Ah, eu lembro que a gente morando aqui, a gente sabia o que acontecia nas cidades vizinha. Porque o cara tá indo lá, volta aqui. Eu sei que quando começô Terra Nova tinha um veio, vizinho meu, que ele falava assim oh, porque deu uma febre de tanta gente indo pra lá, porque Terra Nova é lugar bom, é terra boa, vamo pra lá. Muita gente saiu de Sinop pra lá, sem contá os do sul que vinha e ia direto pra lá, porque lá sim tinha terra boa, aqui é terra ruim e esse veio falava assim aqui *vocês vão vê daqui uns 10, 15 anos, esses cara de lá vão voltá pra cá, porque a terra de lá ela é muito montanhosa, muito quebrada, e a hora que eles quisé mecanizá não dá aquela terra. Pregaram cascata na história, porque essa aí se você ponhá adubo vai funcioná e é plaina e aquela lá nem que você queira passá adubo você não consegue trabalhá com máquina, é muito dobrada*. E dito e feito. Agora lá tá uma cidadezinha que parô no tempo.

Não deu certo?

Ele: Não funciona onde que é terra de muito morro. O que você pode fazê é pastagem, pro gado funcioná, mas pra lavoura não.

Mas no início a lavoura também não deu certo por aqui.

Ele: No início todos quebraram. Tudo deu errado. O que teve de gente que quebrô de pegá dinheiro de empréstimo do banco! Porque quando que a gente chegô aqui deu aquela febre de café, porque café sim, café sim, entrava no banco com tudo pra derrubá mato e compra muda e plantá, mão de obra, tudo custava caro e segurá limpo aquele trem e todo mundo com isso daí. Aí não demorô, quando o café era pra começá produzi, aquilo não funcionava, o clima daqui não é pra isso daí. Aí pararam, aí começaram a entrá tanto pimenta-do-reino, mas só que pimenta-do-reino foi pouco, mais foi o guaraná, *então vamo plantá guaraná, guaraná sim, esse sim é bom*. Aí quando o guaraná tava, os primeiro que plantaram, porque o guaraná demora quatro, cinco ano pra ele começá a produzi memo, começô produzi, o preço foi lá embaixo, que não compensava colhê ele. Um dia eu cheguei na casa de um sitiante, aquilo lá tu só via aquele vermelho assim, que ele dá um negócio vermelho assim dentro da casca de fora, era bem vermelhinho. Então via aquilo e disse, *mas esse guaraná não tá maduro pra colhê?* Ele disse *tá passando de maduro*. Eu disse *e não vai colhê?* Mas ele falô *não compensa; a mão de obra é mais cara do que vale o guaraná. O que você colhe num dia não paga o teu dia*. Eu disse *e daí?* Ele disse *eu vou abandoná no mato*.

Que tristeza!

Ele: É, isso ali também aconteceu e muito, muito. E aqui foi muito judiado o povo nos primeiro tempo porque não sabia de mecanizá. Não existia as máquina, também não existia as colhedeira e não se sabia como prepará a terra. Olha, hoje aqui é terra boa pra você plantá.

Esse é um resultado, principalmente, do calcário que colocaram na terra.

Ele: Calcário na terra.

Seu Renato, o senhor quer falar mais alguma coisa antes de encerrarmos a entrevista?

Bom, eu acredito que valeu a pena a gente ter vindo pra cá, porque se compará como eu tava e os meus parente que eu deixei, parente de mesma idade, eles tão do jeito que eu deixei eles lá, com a mesma economia que a gente tinha lá, e aqui a gente conseguiu.

Ficou rico?

Ele: Rico tô de saúde, né. Mas, Graças a Deus, dá pra se virá. O meu aluguel dá mais de uma casa por dia. Se for pra recebê, tem dia que tem que recebê de duas. Então, a gente conseguiu fazê uma aposentadoria, porque a madeireira é uma coisa passageira. Então tu tem que fazê uma economia, porque vai que você pendura a chuteira, aí tem com quê, porque a aposentadoria do governo não dá nada. E madeira é uma coisa que pode dá uma Curupira dessa de ter que pará tudo de uma vez e daí, se você não tivê calçado numa outra coisa, você vai fazer o quê.

Ah! O senhor foi um homem de visão desde o começo?

Ele: De visão. Tem que fazê alguma coisa, é. Então a gente já começô trabalhá com isso e com o memo aluguel que a gente recebe vai ajuntando e vai construindo mais. Então quase sempre tô construindo, porque com o dinheiro tu faiz daí a coisa.

E os seus filhos trabalham com o senhor hoje?

Ele: Não. Eu tenho um filho que ele não gosta de madeira, não quê sabê de madeireira. Esse tá trabalhando, porque barco furado, barco parado não ganha frete, eu disse *oh, se tu não quê trabalhá na madeireira tu tem que dá os pulo e trabalhá num outro lugar*. Aí ele trabalha de vendedor na Rothenbach.

Ganhando salário?

Ele: É. Um salarinho.

Prefere trabalhar lá do que com o senhor.

Ele: Do que trabalhá aqui e tem que se virá, né. Aí tem esse ali (apontando) que trabalha comigo.

O senhor tem quantos filhos?

Ele: São três ao todo. Uma filha casada e dois filho solteiro. E só um que trabalha comigo e outro trabalha de empregado fora, porque ele tem que aprendê a trabalhá. Ele me pediu *pai, me dá algum comércio pra mim encaminhá*. Eu falei *tu não tem juízo ainda pra tocá*. Não adianta te dá uma coisa que você não vai sabê tocá.

Quantos anos ele tem?

Ele: Não, ele tem idade; ele deve tê 23 ano por aí, mas ele só gosta de festa, festa, ele tem um violãozinho, ele pega o carro de noite e sai na gandaia por aí e gasta tudo o que tem, mesmo se ele ganha mil ou dois mil. Então ele ainda não tem juízo pra isso. Eu deixo porque é dinheiro que ele tá ganhando, dele, e se vire lá, mas pra ele trabalhá por conta ele tem que ponhá a cabeça no lugar e a gente enxerga que ele tem cabeça pra isso. Tem que tê juízo pra isso daí. Tem que sê responsável por alguma coisa, mas você enxerga, se você cuidá bem você enxerga a pessoa se ela é responsável pra isso ou não. Eu enxergo nele, nas conversa no chimarrão, uma coisa assim, e a gente enxerga.

Seu Renato, muito bem, agradeço muitíssimo pelas contribuições dadas ao meu trabalho de pesquisa.

Ele: Nada, nada. Foi um zer pra nós.

13- IDENTIFICAÇÃO:

Sigla: S13 F

Idade: 80 anos

Sexo: feminino

Estado civil: viúva

Número de filhos: um filho e duas filhas (nascidos no Rio Grande do Sul)

Profissão: dona de casa

E escolaridade: 5ª série do Ensino Fundamental

Naturalidade: nasceu em Giruá no Estado do Rio Grande do Sul

Descendência: sueca e inglesa

Local em que residia antes da migração: Guarani das Missões – Rio Grande do Sul

Em que ano e com que idade chegou a esta cidade: 1977; com 47 anos

Data e duração da entrevista: 06 de fev. de 2011; 43min.

Inicialmente, dona Zilda, como é que é a história da imigração de seus pais?

Ela: Eles vieram pra Porto Alegre.

Tanto seu pai quanto sua mãe?

Ela: Sim. Vieram com os meus descendentes, né, os meus avós. Aí eles tinha lá a comissão de terra e foi distribuído os lote para os imigrantes nesse lugar, Guarani das Missões. Então ali era mato. Eles chegaram naqueles lugares e tinha que abri picada e fazer rancho e lugar pra eles morá.

Isso quando?

Ela: Em mil oitocentos e noventa e um.

Então eles foram aventureiros, desbravadores, como os que vieram para o Mato Grosso na década de setenta do século passado.

Ela: Foram, foram, foram. Era difícil na época porque não tinha condução, era só carroça, sabe, e carreta de boi, aquelas coisa, né, e tudo. Era difícil, muito difícil, mais eles viviam de pesca e caça porque era mato.

E aí eles se conheceram lá, em Guarani das Missões?

Ela: Sim, meu pai e minha mãe, eles se conheceram lá e casaram, em Guarani das Missões.

E a senhora também nasceu lá?

Ela: Eu nasci num lugar chamado Giruá. Lá que eu nasci, que meu pai ele era marcinero, carpinteiro. Trabalhava fazendo casa e móveis também. E nesse lugar, em Giruá, ele foi pra lá e colocou uma oficina; uma marcenaria. E lá ele morô seis anos lá, nesse lugar onde eu nasci. Aí voltaram pra Guarani das Missões. Lá eu fiquei até que eu vim pra Mato Grosso.

Então a senhora casou lá? Constituiu família lá?

Ela: Casei sim. Tive 3 filhos. Essa ali (apontando) é a mais nova, a Elizete é a mais nova, né.

Todos os três moram em Sinop?

Ela: Não, não. Só duas moram em Sinop. O rapaz tá lá no Rio Grande. Ele voltô. Ele tá lá no mesmo lugar onde nós saímos, Guarani das Missões.

E os seus descendentes chegaram a conviver com os jesuítas? Em Guarani das Missões é que havia as missões dos jesuítas?

Ela: Sim, claro, claro. É, das missões, missões, isso mesmo.

E os índios ficaram por lá? A senhora sabe alguma coisa dessa história?

Ela: Sim, mas depois foi, como, tu já foi lá nas ruínas?

Não, eu não fui. Nas ruínas de São Miguel?

Ela: Isso, as ruínas de São Miguel, isso.

Guarani das Missões fica próxima das ruínas?

Ela: É perto das ruínas de São Miguel, perto de São Luiz Gonzaga, perto de Santa Rosa, Santo Ângelo, fica no meio lá, Guarani das Missões. Os meus descendente conviveram com índios, as coisas lá. E o meu bisavô, que veio da Inglaterra, lá na Inglaterra ele era estudante de padre, mas como ele tinha voz fraca, ele não pode ficar padre naquela época, né. Daí ele casou-se e veio embora e a mulher dele morreu na viagem, no navio, eles passaram o mês inteiro no mar, ela ficou doente e morreu. Ele ficou com 5 filho e ele nunca mais juntô, nem casou-se de novo, nada, porque ele falou que Deus não queria que ele tinha os filho. Como ele tinha estudo, naquela época, ele era professor, ele era, assim, uma pessoa que orientava esses imigrantes que vinham. Ele foi professor, ele fazia casamento de pessoas, assim, que não tinha igreja, não tinha nada. Aí ele fazia casamento, fazia batizado, ele fazia as coisa, né.

E os conflitos que aconteceram por lá, a senhora ouviu falar?

Ela: Sim, eles contavam, contavam. Os jesuítas foram expulsos, tiveram que sair fugido, as coisas tudo, né, foi matado muitos, né. Teve guerra lá, teve também. Mas eu sei que aquele meu bisavô, ele foi uma pessoa assim que, como tu falô em conflito, ele sempre ajudava a resolvê os casos, sabe. Ele andava no meio assim pra apaziguá.

E como foi essa história de vir pra Sinop, dona Zilda?

Ela: Isto aqui foi, nós, assim, tinha uma fábrica de erva mate. Uma fábrica grande lá. Tinha muito empregado e tudo; aí queimô, pegô fogo e queimô tudo. Aí nós perdemos tudo o que nós tinha lá. A indústria que nós tinha queimô.

Isso em que ano?

Ela: Aquilo foi antes de 75, foi em 74, por aí. Aí meu marido aborreceu assim porque perdeu tudo e ele quis saí de lá. E daí que viemos pra cá.

E como é que vocês ficaram sabendo de Sinop?

Ela: É que tinha propaganda lá. Tinha gente que ia lá fazê propaganda, passaram filme num colégio lá. Lá em Guarani tem um colégio grande, um colégio agrícola lá. Eles passaram filmes lá sobre essa colonização aqui do norte de Mato Grosso, é. Aí meu marido quis vim vê, né.

Foi a própria Colonizadora Sinop que levou as propagandas para lá?

Ela: Foi a própria colonizadora, sim, das terras daqui. Daí ele veio. Ele veio junto com aqueles corretor; ele veio junto com os corretor olhá.

Em que ano?

Ela: Acho que em 74, por ali, porque foi em 75 que eu vim. Ele veio vê antes, depois, em setembro de 1975, eu vim. Aí eu vim ali vê. Tinha poquinhos casa ali. Ali na Avenida Júlio Campos, ali, eu sei que tava o, aquela farmácia do Reinaldo tinha ali, tinha o Plínio Calegari, tinha um restaurante, tinha o Ditinho, onde tinha a parada de ônibus. É, o Ditinho tinha a parada de ônibus e o Calegari tinha aquele restaurante bem na frente. Aí tinha um dormitório do lado onde nós ficamos ali. Aí meu marido comprou a terra, em 75.

Nesse momento a senhora só veio conhecer?

Ela: Sim, Sim. Nós só viemos vê, mais ele já comprou e aí ele ficou aqui pra abri o mato, fazê alguma casa, fazê alguma coisa aqui e eu voltei porque lá tinha as coisas pra cuidá, né.

E nessa vinda a senhora já gostou daqui?

Ela: Eu não gostei muito, fiquei meio apavorada, porque de Cuiabá pra cá era só cerrado. Não tinha nada, nada, nada... Teles Pires não tinha ponte como tem hoje, ali era a Nono BEC, tinha balsa. Daí, se tu chegava depois das seis horas da tarde, aí tu não passava. Tu tinha que ficá lá até o outro dia pra passá; depois das seis não passava mais.

E a estrada como era?

Ela: Tudo estrada de chão; tudo estrada de chão. Tempo da seca, que eu vim era mês de setembro, tinha dado umas chuvinha, mas não muito. Assim não era ruim a estrada; muita poeira, mas não era ruim. Atoleiro dava quando chovia, né, aí era difícil. Aí, quando eu vim vê,

daí eu voltei, o marido ficô, aí eu fui cuidá das coisa lá que ainda tinha, as criança tava na escola e tudo, tinha que cuidá lá. Aí eu vim de muda em 77; eu ainda fiquei dois ano lá com as criança. Tinha a mãe, tinha os parente tudo lá. Daí ele derrubô mato, mais uma chácara, já plantou, que quando eu vim já tinha abacaxi. Risos... Já tinha fruta, já tinha plantado abacaxi, já tinha um aberto.

E quando a senhora veio já tinha mercadinho?

Ela: Tinha, tinha o Gauchinho, o tal de gauchinho tinha um mercadinho. Depois veio a Cobal, daí veio a Cobal, a Cobal sempre tinha. O pior era quando chovia, não passava nessa estrada, aí vinha mantimento com o Búfalo, né, que vinha aquele Búfalo. Seu Osvaldo Paula também era perto da Cobal. Tinha a Cobal e ele era quase na frente. Eu acho que é agora lá, eu acho que é aquela loja Novo Mundo, parece que bem na esquina onde que era o Osvaldo ali.

Aí vocês comram terras e um lote para construir a casa?

Ela: Não, a colonizadora dava. Quem comva terra ganhava um terreno. Mas quando nós viemo aqui era mato também e depois, quando eu vim de muda em 77, eles tinham feito a derrubada, mas não tinham queimado ainda. Depois que queimaram, aí nós alugamo uma casa lá onde era a Júlio Campos, pra lá, a gente alugô uma casinha lá.

Ah, então quando a senhora chegou ainda não tinham construído a casa?

Ela: Não, porque aqui era mato, tava derrubado. Daí, até que queimô, eles mediram e daí construíram.

No começo se fazia muita queimada aqui?

Ela: Muita queimada. Era queimado tudo. Derrubava e daí tinha que queimá.

Então havia muita fumaça?

Ela: Tinha fumaça! Gente, o que tinha de fumaça! Deus o livre o que tinha de fumaça! Pior era de noite, né, parecia que abafava. Não tinha luz, rádio tu pegava só da Bolívia, da Bolívia, era só da Bolívia. Risos... A luz, eles tinham uma energia que ligavam de noite, até onze hora, daí desligavam os geradores, eram geradores, até onze horas tinha luz, depois já desligavam.

Ah, então quando a senhora veio já tinha luz?

Ela: Tinha dos geradores, era da colonizadora. Ah, vinha verdura e fruta uma vez por semana com um caminhão, que era os Machado mesmo.

Já eram os Machados?

Ela: Eu acho que era os Machado. Uma vez por semana vinha aquele caminhão com fruta e verdura. O povo já tava esperando aquilo, né. Carne tinha de peixe, de caça. Naquele restaurante do Plínio Calegaro, né, era peixe e caça, porque não tinha carne de boi assim; não tinha; tinha que vim de Cuiabá, mas como não tinha luz, geladeira, não tinha as coisa. Só quem tinha gerador, quem tinha gerador próprio daí já tinha. Depois, como esse caminhão então que vinha, acho que eles já viram que aqui tinha campo de trabalhá, né. Daí começô vim o mercado do Machado, um mercadinho e aquilo foi crescendo, né. Aí os Machado cresceram aqui.

Então, no início, a senhora passou dificuldades?

Ela: Passamos, mas nós se dava muito, sabe; todo mundo era unido. Todo mundo unido, um ajudava o outro e eram todos unidos. E daí já tinha a Igreja Santo Antônio, a Igreja ali, já tinha uma Igrejinha e a Escola Nilza, umas salinhas lá de aula. Tinha aquele padre, o João Salarine, lá. Ele era uma pessoa, assim, que foi que ajudô muito o povo aqui, muito, muito, os primeiros anos. Ele era muito legal, assim, com as pessoas, tudo. Animava o pessoal, né. Risos...

A senhora fica emocionada em lembrar?

Ela: É. (Seca as lágrimas)

Imagino o quanto foi difícil!

Ela: Pra saí quando chovia era só de havaiana, porque atolava, atolava, e dava aqueles, chuva, chuva e atolava. Então a gente tinha que andá de chinelo havaiana.

Com outro calçado não se passava?

Ela: Não, perdia, perdia. Até havainas perdia. Afundava na lama, é. Esse colégio Enio Pipino aqui, ali não chegava, tudo alagado, tudo, tudo, tudo alagado.

Isso foi durante muitos anos?

Ela: Muito tempo. Depois, quando nós começemo a fazê essa casinha aqui, que nós viemo, que nós pagava aluguel, aí quando nós começemo vim aqui não tinha nem telhado, nós botemo uma lona em cima, pra entrá aqui tinha uma lona em cima, pra não tá gastando com aluguel. E as condução, nós tinha caminhão, nós tinha carro pequeno, mas não chegava aqui. Nós deixava os carro lá, acho que era mais ou menos onde é aquele Edifício Mato Grosso ali. Lá ficava, ali era, tinha ali uns mato também, deixava os carro e vinha a pé aqui.

Então a casa da senhora foi uma das primeiras construções dessa região da cidade?

Ela: Foi, daí já, mas naquele tempo tu tinha 60 dias pra construí; se tu não construí tu perdia o terreno. Eles deram assim; a colonizadora, ela dava o terreno, mas em 60 dias tinha que construí. Se tu não construí tu perdia o terreno.

A senhora então não quis ir morar na chácara? Vocês já quiseram vir logo para a cidade?

Ela: Não, era muito ruim lá. Era só mato. Vamos dizê, ele fez um rancho lá, que nós coloquemo um empregado lá pra começá a abri, depois nós plantemo café. Aí quando abriu, que abriu tudo, plantemo café lá e não deu certo; a plantação de café aqui não deu.

Então vocês vieram para cá para investir em café?

Ela: Sim, no café. Plantemo aquele café e não deu certo. Depois tinha que tirá tudo aqueles café e daí abriu aquela usina de álcool de mandioca, aí meu marido plantô mandioca, plantemo toda chácara com mandioca e também não deu certo. Aquilo não deu certo também. Então nós perdemo com a planta de café, nós perdemo com a planta de mandioca. Aí meu marido, ele nunca desanimava e nem eu.

Mesmo com as perdas nenhum dos dois queria voltar?

Ela: Não, não. Nós não desanimava e pensava *alguma coisa tem que dá certo*. Aí ele foi pra Londrina e comprô dez vaca de leite e trouxe e nós começemo vendê leite.

Isso em que ano?

Ela: Aquilo já era, já era uns 5 anos depois, eu acho, acho que 80 já. Aí sim começô a dá certo. Risos...

Não tinha leite na região?

Ela: Não tinha, e o que tu trazia o pessoal tava ali esperando com as vasilha. Quando nós chegava com o leite, mulher com mamadeira pedindo, por favor, pra dá uma mamadeira pro nenê, que eles não tinham, porque só tinha leite em pó na Cobal e aquele leite era racionado. Cada família ganhava uma lata. É. Sério. Aí nós vendia muito bem o leite.

Então tinha criança que não se alimentava de leite?

Ela: Só com erva doce. Chegava as mulher e falava *meu filho tá três dia só com erva doce*. Daí eu comecei a reparti, sabe, nós começemo, porque trazia o leite e não chegava assim. Todo mundo queria, todo mundo queria.

E, em função das dificuldades, não acontecia da senhora não receber o dinheiro do leite?

Ela: Sim, mas era assim que eu, eu sempre servi as pessoa. Eles falavam assim *nós temo trabalhando, nós não temo dinheiro, quando é fim do mês nós recebemos e pagamo*; “pode levá o leite, pode levá”. Levava o leite, assim fui dando, repartindo pra as pessoas. Ah, se fosse de ajuntá dinheiro assim de pessoal que ficou devendo... Impressionante até que as pessoa bem pobre era honesta. Muitas, de gerente de banco, que pegô leite aqui e nunca pagô.

Os mais pobres e humildes pagavam melhor?

Ela: Os mais humildes pagavam e os outros iam embora, depois nem lembravam mais que me deviam. Mas, teve um tempo, que aquela época não tinha creche, não tinha nada, e as mulher que precisavam trabalhá, tinha duas irmã que cuidavam criança. E elas também tinham uma turma de criança. Elas cuidavam as criança pras mãe trabalhá. E elas pegavam leite aqui pra levá pra essas criança. Elas tinha uma turma de criança, parece que era doze que elas tinham lá. E elas também, vamos dizê, elas não, meu marido sempre falava assim *vocês tão cuidando das criança, vocês não precisam vir buská o leite aqui, eu vou levá pra vocês*; ele levava, daí ele levava o leite pras criança.

Vocês foram os primeiros a fornecer leite em Sinop?

Ela: Já tinha, tinha o tal de, qual era o nome dele? Esqueci o nome daquele homem, eles já vendiam também, mas lá na BR, na BR. Mas assim eu vendi leite vinte e cinco ano.

Então a venda de leite foi a principal fonte de renda da senhora?

Ela: Vivendo de leite. Depois nós fomo aumentando e tudo, né, o gado, as vaca de leite e tudo e a gente vendeu vinte e cinco ano.

Vocês investiram em gado?

Ela: Em gado, em gado, sim.

Vocês tinham uma área grande de terra então?

Ela: Nós tinha, deixa eu vê, como é que é, depois ele me comprô mais terra, foi comndo, no fim ele se acidentô com trator. O trator passou em cima dele e ele faleceu. Ele tava plantando pasto, plantando pasto.

E isso aconteceu em que ano?

Ela: Isso faiz 14 anos que ele é morto, que o trator passou em cima dele.

Ele caiu do trator?

Ela: Um acidente. Nós não soubemo, ele tava sozinho, não sei o que é que aconteceu. Ele não veio pra casa. Ele sempre vinha 11 horas, ele vinha pra casa e ele não veio. Era uma hora da tarde e ele não veio, fomo atraiz. Daí encontremo ele caído, mas ele tava vivo ainda, ele tava vivo, tava caído e o trator se mandô. Ele ainda durou um mês. Foi levado pra Cuiabá; ele foi levado pra Cuiabá, na UTI em Cuiabá, e ele durou um mês, mas ele tava todo esmagado.

E não conseguiu falar em nenhum momento mais?

Ela: Não, não se sabe o que é que foi, se deu alguma tontura, o que é que foi, ou ele caiu, né. Ele tinha desligado a grade, porque ele tava gradeando pra plantá pasto. Ele tinha tirado a grade do trator e eu acho que pra vim embora quando aconteceu aquilo. A gente não sabe como é que foi.

E ainda foi a própria colonizadora que o levou pra Cuiabá?

Ela: Não, nós já tinha o hospital Dois Pinheiro ali, já tinha ali, aí veio uma UTI pra levá ele. Porque aí foi médico, foi enfermeira, foi tudo junto, né. E com aquilo a gente, vamos dizê, nosso trabalho, que era de vendê leite, cuidá do gado tudo, ele que era o chefe, né, ele que cuidava tudo, né, eu vendia, eu tava em casa sempre vendendo e vendia e ele que cuidava das coisa. Daí ele faleceu, depois eu fiquei sozinha; ainda lidei dois ano. Ainda lutei dois ano depois pra continuá ainda, mas daí já era muito empregado, muito gasto, né, tinha que pagá pra tudo, daí não sobrava. Aí era muita despesa, daí não, né, aí acabô.

E aí a senhora investiu em quê?

Ela: Aí eu arrendei as terra, tá tudo arrendado. Ainda bem, ainda bem, mas tá arrendado.

E com as crianças, quando a senhora veio lá em 77, como é que foi? Já tinha escola?

Ela: Uma menina ficou lá, uma menina ficou lá porque ela já fazia, estudava lá e essa Elizandra tava estudando, tava fazendo primário ainda, tinha doze ano, daí ela estudô na Nilza aonde depois ela foi professora lá.

Até hoje ela trabalha lá?

Ela: Não, ela tá, ela é doente agora. Ela deu aula quatorze ano e agora ela tá, toma remédio controlado.

Ah, tá afastada?

Ela: É, e agora ela, olha, meio que lutemo com esse negócio de afastá ela e coisa e não conseguimos; não conseguimos nada até agora. Ela saiu fora por causa da doença.

Ela pediu exoneração?

Ela: É, saiu fora, saiu fora. Foi um erro aquilo, acho que devia ter ficado, mas...

E, assim, fome vocês chegaram a passar aqui?

Ela: Não, não, nunca, nunca, nunca, nada, nada. A gente sempre trabalhou, plantou, criava galinha, ovos e depois já tinha leite e já foi plantando as coisa e tudo. Plantei verdura, plantei verdura pra vendê, tinha verdura, plantava assim abobrinha, alface, de tudo, plantava, sempre plantei nessa época. Nunca passemos fome, tinha pra dá pros outros e vendê. Risos.

E a terra produzia bem?

Ela: Dava, dava. Meu marido era, assim, um agricultor, trazia adubo de Cuiabá e nós adubava, plantava, dava sim.

Dava igual no Sul?

Ela: Não, não era igual, não era igual lá no Sul, porque demorô, demorô até que aprendeu lidá com a terra aqui, porque ele plantô milho, aquele milho cresceu a coisa mais linda, mas não deu nada, porque a semente ele trouxe lá do Sul, ela não aclimatô aqui. Então depois já começô, já veio pessoas já mais experiente, né, um foi ensinando o outro como que tinha que fazê, né. E plantô nas terra, a primeira planta era arroz; plantava arroz, né. Quando derrubava plantava arroz e dava bem. Muito bem, o arroz dava muito bem aqui. E daí sempre foi plantando, nós nunca não passemos, assim, dificuldade. Olha, um tempo teve, assim, que chovia e nós tinha trator, tinha caminhão, tinha terra e não tinha dinheiro pra compra. Aí era difícil, eu sei que eu falei pra ele assim *como é que vamo fazê agora, né! Você quis vim pra cá, eu acho que eu vou pegá o Búfalo e vou embora*. Risos... Mas ele era uma pessoa muito legal.

Sempre acreditou que ia dar certo?

Ela: Sempre. Aí eu fui num mercadinho que tinha ali, um tal de mercadinho São João, um mercadinho. contei a minha situação, eu falei *olha, nós temo trator, temo caminhão, temos a terra e não temo dinheiro pra compra comida*. Aí ele falou *o que tu precisá e eu tivê aqui*, porque eles também não era muito sortido, né, *mas pode levá*. Chamava mercadinho São João, nem sei quem é aquela pessoa. Eu sei que ele me cedeu pra mim compra o que eu precisava, como óleo, né, arroz tu tinha, já tinha descascador, levava e descascava, alguns até pra vendê, mas precisava óleo, precisava sal, precisava açúcar e as coisa; ele cedeu pra mim as coisa que eu mais necessitava, né.

Acreditou, confiou na senhora.

Ela: Sim, sim. E eu, Graças a Deus, eu nunca fiquei devendo nenhum centavo pra ninguém, né. A gente sempre foi honesto, né.

E chegavam muitas famílias naquela época em que a senhora chegou?

Muito, muito, chegava por semana, era uma imensidade de família, né. Eu sei que vinha aqui gente que a gente nem conhecia, *você me cede leite pra um mês, pra mim pagá daqui um mês, “pode levá”*. E era gente honesta, né, quando chegava um mês pagava. Naquela época um ajudava o outro.

Então, nesse sentido, foi muito bom aqui no começo.

Ela: Foi, foi, as pessoas eram bem boas assim, sabe. Depois a Elizandra, ela estudava lá na Nilza, lá as irmã gostavam muito dela, porque a diretora lá era irmã, irmã Xavier, ela gostava muito da Elizandra. Elas vinham aqui também e sempre, vamos dizê, incentivando, faltava uma professora, faltava alguma coisa, a Elizandra ajudava elas, sabe. Sempre, sempre foi um ajudando o outro. Risos... O povo todo era trabalhador, todo mundo trabalhador, né, todo mundo trabalhava, ninguém parava.

Se fosse pra fazer tudo de novo hoje, voltar no tempo, a senhora faria tudo novamente?

Ela: Fazia. Vinha, vinha, fazia de novo.

Então a senhora não se arrependeu de ter vindo?

Ela: Não, não, de nada.

A cidade lá onde a senhora morava era uma cidade pequena?

Ela: É pequena, bem pequena, é pequena ainda. Daí o meu filho voltô lá, tá lá, porque ele foi mal aqui. Ele tinha uma serraria e a serraria queimô. Pois é, lá queimô e nós viemo pra cá e ele tinha serraria e a serraria queimô. A serraria queimô, aí ele tinha uma terra, daí ele teve que vendê pra pagá os empregado e acertá as coisa aqui; ele voltô.

E ele está bem lá hoje?

Ela: Ele, eu penso assim que ele vai voltá pra cá. Risos... Eu acho que ele vai voltá. Risos... Ele vai voltá, eu acho assim. Ele tem que ficá lá até esfriá a cabeça, que depois volta.

Quanto tempo já faz que ele voltou pra lá?

Ela: Faiz dois ano já. Ele tava no ano passado aqui; ele veio. Eu acho que agora ele vai vim de novo. E vamo vê o que é que, vai tê que inventá alguma coisa.

Dona Zilda, a senhora se lembra de alguma história, algum caso que a senhora possa contar daquela época?

Ela: Eu tinha uma vizinha aqui, assim, que nós se dava muito e ela ficô doente. Aí ela ficô, ficô com pressão muito alta. Eu acho que ela trabalhou muito, que ela tava carpindo e trabalhava no sol muito quente e ela ficô ruim assim e não entrava uma condução pra podê levá ela pro hospital. Tinha um hospitalzinho aí. Aí teve que carregá ela. Aí carreguemo ela até lá, até a Júlio Campos, carregada. Peguemo, peguemo um cobertor, deitemo ela no cobertor e as vizinha, todo mundo ajudô e carregô até a Júlio Campos lá. As mulheres e homens, os vizinho tudo carreguemo ela.

Em quantas pessoas mais ou menos?

Ela: Olha, acho que nós era, nós ia se trocando, porque ela era pesada. Risos...

Carro, condução, não tinha naquela época?

Ela: Não, não entrava por causa dos atoleiro da chuva, chovia muito, né. Isso foi uma coisa meio estranha também.

E bicho tinha muito naquela época?

Ela: Pois é, um dia eles falaram assim que tinha uma onça ali no meio da, da, da cidade ali passando. Eu não vi. O que aconteceu uma tarde, bem de tardezinho, eu não acreditei que existia cobra voadora.

Ah!?

Ela: Cobra voadora.

E existe?

Ela: Sim. Eu tava aqui e aqui tinha, não tinha muro, não tinha nada, tinha um pé de cidreira, eu tinha ali. Quando eu vi, aquela cobra entrando naquele pé de cidreira, ia passando um homem lá na rua, eu chamei ele *vem cá, me ajuda matá uma cobra que entrô naquele pé de cidreira*. Ele pegô um pau que tinha ali, veio ali, aquela cobra voou naquela casa lá, na área.

Ah, ela saltou?

Ela: Ela saltou lá naquela área. Aí, quando as pessoas lá gritaram, ela já saltô e voou lá pra outro lugar; não vi mais.

Será que espécie de cobra que é?

Ela: Sim, é uma cobra. E ela parô naquela área lá, parece que ela parô reta assim (gesto).

E era grande essa cobra?

Ela: Não, ela não era. Ela tinha uns 50 cm, 60 cm. Ela se foi assim, voou e voou. Aquilo foi uma coisa estranha, né, bem estranha.

E onça a senhora chegou a ver?

Ela: Não, eu não vi, eu nunca vi. Depois, quando meu filho tinha trator esteira, aquelas grande, derrubadora de mato, muitas vezes eu fui com ele assim pros mato pra fazê picadas, fazê estradas, eu ia junto pra vê os pássaros, assim, pra vê os pássaros, até hoje eu gosto muito de pássaro. Eu fico, às vezes, essa árvore eu não quero derrubá, porque vem passarinho. Eu gosto muito.

A senhora tem aquele ‘chamariz’ em que se coloca água para os passarinhos?

Ela: Tenho sim, sim, e de manhã cedo, porque aqui é perto do Parque florestal ali, vem arara, vem os bicho de manhã, cantá assim, os pássaro, eu adoro. Daí eu ia com meu filho pro mato só pra vê.

E enxergava?

Ela: Enxergava. Naquele tempo tinha, né. Agora já, acho que acabaram matando, quase não tem, né. Aqui no Parque tem as araras, tem uns papagaio, tem esses bicho assim; eu sempre gostei.

E quando a senhora chegou, a senhora achou que o jeito de falar era muito diferente aqui do que lá no Sul?

Ela: Era, era diferente. Naquele tempo, quando nós commo as terra, tinha que fazê as escritura lá em Cuiabá, no Sexto Ofício lá em Cuiabá. Aí aqueles cuiabano falava que eu quase não entendia nada. Risos... Era outro sistema, outro jeito, outro sistema.

E eles também não estranhavam o jeito de vocês falararem?

Ela: Eu acho, deve ser, né.

A senhora lembra de algumas palavras, assim, bem diferentes que se falavam aqui e que não se falavam no Sul?

Ela: Pois é, tem, como, como é que nós falava? O guri, né, falava os moleque. Moleque era um menino mau lá no Sul, moleque. Era um menininho mal e aqui tudo era moleque, né. E tinha muita coisa assim que, coisas assim diferentes. Sanga, é sanga pro riozinho, aqui se fala córrego. O que é o certo, córrego é o certo e lá era sanga.

Olha, eu com o meu marido, nós tinha gado, fazia um portão ali, falava *fazê um portão ali*. Aqui eles falavam os colchete. Colchete pra portão. Era coisas assim bem diferente, a gente nem sabia o que é que era.

Aí tinha que perguntar.

Ela: É, perguntá. Era muita coisa assim. Tem muita coisa, tem muita coisa assim que era diferente.

Então tá, dona Zilda, a senhora quer falar mais alguma coisa?

Ela: Às vezes na hora a gente não lembra, depois a gente vai lembrá que podia tê falado. Risos...

Muito, muito obrigada pela grande contribuição que a senhora trouxe ao meu trabalho de pesquisa.

Ela: eu que fiquei até emocionada em lembrá das dificuldade que passemos.

14- IDENTIFICAÇÃO:

Sigla: S14 F

Idade: 65 anos

Sexo: feminino

Estado civil: casada

Número de filhos: três homens e duas mulheres (vieram todos de Santa Catarina ainda pequenos)

Profissão: dona de casa

Escolaridade: 3ª série do Ensino Fundamental

Naturalidade: nasceu no Estado de Santa Catarina

Descendência: italiana

Local em que residia antes da migração: Indaial – Santa Catarina

Em que ano e com que idade chegou a esta cidade: 15 de abril de 1975; com 30 anos

Data e duração da entrevista: 01 de fev. de 2011; 29min.

Dona Fábria, eu gostaria que a senhora contasse como foi a vinda da senhora pra cá, o que trouxe a senhora, as dificuldades encontradas...

Ela: A primeira coisa triste da gente ter deixado foi a família, amigos, e vim num lugar que não tinha nada. Aí chegamos, quando fazia 8 dias que nós tava aqui um dos menino, que é gêmeo, né, deu um problema sério nele. Tivemos que ir pra Cuiabá e fomos de caminhão Perkins, aqueles caminhão toureiro, de carroceria. E quando chegamos em Cuiabá, daí o médico operou. Daí eu fiquei 13 dias em Cuiabá com ele. Quando cheguei.

E o que deu nele?

Ela: Era hérnia estrangulada, que eu não sei; naquela época falava isso.

Pode ter sido ocasionado na viagem?

Ela: Pode ser, meu marido não falou por quê foi. Ele não tinha nada.

Quantos dias vocês levaram pra chegar?

Ela: Ah sim, quatro dias e meio.

E vocês saíram de que lugar?

Ela: De Indaial, Santa Catarina.

Isso em que ano?

Ela: Foi em abril de 1975, dia 15 nós chegamos, mas nós levamos quatro dias e meio pra chegar aqui.

Ainda na época de chuvarada?

Ela: Sim, vixi. Chegamos aqui, era muita chuva e tirava água do poço de barro, que a gente não tava acostumado, né. E chuva, foi muito triste!

Lá vocês trabalhavam com o quê?

Ela: Madeira.

E vocês vieram pra cá pra dar continuidade a essa atividade?

Ela: Sim.

E como é que o seu marido ficou sabendo de Sinop?

Ela: Porque ele falou que ele ia tirar férias. Daí eles vinham pro Paraguai, conhecer o Paraguai, e neste meio chegaram no Paraná e pararam num lugar e um homem da Colonizadora disse que muito bom era Mato Grosso, se eles não queriam conhecer Mato Grosso; era ele e mais uns amigos, né. Aí eles, ao invés de ir pro Paraguai, vieram pra cá.

Mudaram a rota.

Ela: Mudaram. Daí, em novembro, vim conhecer, né, e daí em abril nós viemos.

Ah, a senhora veio conhecer em 1974?

Ela: Foi, em 74, conhecer mato. Risos... Só tinha umas 15, 20 casas. Aqui onde nós moramos era mato, aqui era tudo mato, tavam abrindo; só tinha a Avenida ali aberta, tinha umas casas, né.

E mesmo assim a senhora ficou com coragem de vir?

Ela: Fiquei com coragem de vim, mas, assim, foi muito sofrimento porque lá nós tinha tudo. É que nem pegá hoje aqui e ir pro Pará, naqueles lado onde não tem nada, né. Aí as criança sofreram muito. Nunca tinham tomado leite ninho e aí pedia iogurte, não tinha, pedia fruta, não tinha, quando tinha tava tudo estragado!

A senhora tem quantos filhos?

Ela: Cinco, trouxe todos de lá.

Vieram pequenos ainda?

Ela: O mais velho tinha 10 anos; é que tem gêmeos, né.

E, nesse início, vocês passaram dificuldades?

Ela: Muitas dificuldade, nossa! Só que dificuldade, mas muita força pra vencê, né, e sempre um ânimo assim, uma alegria que achava que isso ia dá certo, sempre achava que isso ia dá certo. Eu chorei muito pra voltá, porque eu queria voltá, mas daí depois eu fui ficá uns dia lá, tirá umas férias, e aí eu disse *mas aqui não é o nosso lugar; acho que nosso lugar é lá*. Porque aqui tinha dinheiro, naquela época tinha muito dinheiro, mas não tinha mercadoria, daí, com os nosso caminhão pra transportá madeira, aí o que era não perecível eles trazia. A gente fazia o pedido, eles levavam o pedido e traziam as coisas.

Vocês já tinham caminhão próprio?

Ela: Sim, sim, já tinha caminhão.

E vocês conseguiram comercializar a madeira desde o início?

Ela: Sim, sim, logo. E deu certo, Graças a Deus. Eram muitas dificuldades, não é que foi sempre mil maravilhas, mas sempre com fé em Deus a gente conseguiu.

E já tinham outras madeireiras aqui?

Ela: Tinha, tinha mais madeireira. Tinha umas instalando, outras chegaram depois, já tinha umas que já tava.

Quando vocês chegaram tinham poucas casas, mas, logo em seguida, começou a vir muita gente?

Ela: Sim e a gente ajudava muito as pessoas que, assim, chegavam pra se instalá e não tinham como. Assim, na medida do possível, o que a gente podia ajudá a gente ajudava.

Naquela época todo mundo se conhecia?

Ela: Era tudo irmão. Risos... Todo mundo se conhecia, hoje se conhece quase mais ninguém, né.

E mercado já tinha quando vocês chegaram?

Ela: Tinha umas casa comercial, aqueles treco, tinha 3: Comercial Santa Catarina, Comercial Santa Paula e o Schenatto, não lembro o nome agora. Aí depois veio a Cobal, né, em 80 ou 81 veio a Cobal, não lembro direito, mas foi nessa época, em 79. Daí, em 81, deu um problema sério de estrada, que demorava. Se facilitasse levava uma semana pra chegá em Cuiabá, de caminhão demorava mesmo, né. Aí a alimentação vinha de Búfalo, mas só que na Cobal você podia levá a mercadoria só de 2 litro de óleo cada pessoa, 2 kg de trigo, tudo assim.

Racionado.

Ela: Racionado. Aí eu fazia comida pros funcionário, que era muita gente, que eles deixavam as famílias e só vinha o homem pra trabalhá, né. Eles que vinham procurando, aí a gente dava serviço. Aí eu fazia comida, aí eu mandava os funcionário conforme precisava, aí eles iam lá e pegavam mercadoria, aí dava pra turma toda. Tipo assim, faltava pra uma daí emprestava, quem tinha mais emprestava e depois devolvia, né. Nossa, era tão, assim uma amizade tão gostosa, tão diferente!

Tão diferente de hoje que a gente quase não conhece mais ninguém!

Ela: Diferente, é. E outra, você podia confiá em todo mundo assim, porque todo mundo vinha pra cá pra trabalhá, pra consegui. Hoje você não pode mais, você não sabe quem é. Hoje é muito mais difícil, né.

E a senhora levou o menino pra Cuiabá porque hospital não tinha aqui?

Ela: Não tinha, não tinha. Tinha um médico que consultava, só consultava, aí ele falou assim *tem que levá o menino pra Cuiabá, senão você vai perdê o menino*. A Colonizadora foi, quando ele teve alta foram no hospital me buscá pra outro dia vim embora, aí eu fiquei no hotel. Aí, como eu nunca tinha andado de avião, quando foi 5 hora eu peguei o ônibus e vim de ônibus. Risos... Era pra i já de avião, mas eu não queria de jeito nenhum. Mas como era de tarde, já era umas 4 horas quando o médico falou que eu não podia esperá, não tinha avião naquela hora. A gente só pensô em levá e tava chovendo muito naquela época, então era perigoso também.

Mas nessa época ainda não tinha asfalto?

Ela: Não, não, não tinha asfalto ainda, veio bem depois.

O Nono BEC estava construindo ainda?

Ela: Tava, era estrada de chão mesmo, só que era uma estrada muito boa. Aí em 80, 81, aonde veio aqueles atoleiro, estrada ruim e demorava, demorava; muito difícil.

Isso por que eles fizeram a estrada e depois não fizeram manutenção?

Ela: É, foi isso.

E carne, no início, havia?

Ela: Não, carne, era um toco de uma árvore, uma vez por semana, no sábado, então o cara colocava, matava um boi, picava aquela carne de facão, vinha os cachorro em redor assim (gesto), Nossa Senhora!

E vinha de onde essa carne?

Ela: Eu não lembro daonde que vinha, devia ter os gado de Nobres decerto, né, aqui não tinha, aqui não tinha nada ainda. Vinha de fora, né.

Mas matavam aqui mesmo?

Ela: É, é aqui mesmo que fazia. Você ia lá compra, tipo assim, e tinha os fregueses assim ao redor. Fazer o quê, não tinha outra, né; aí pegava lá. Até que entrô um açougue aqui e começô, depois chegou o supermercado Machado daí com açougue, daí começô a melhorá.

E escola para os meninos tinha desde o início?

Ela: A escola era boa, tinha, era muito boa, era bem aqui pertinho. Era de freiras a escola, muito boa.

Já em 75?

Ela: Já.

E quando vocês vieram pra cá vocês já tinham casa construída onde ficar?

Ela: É, nós alugamo a casa que era do padre. Eles tinham feito uma casinha pro padre.

Qual padre?

Ela: Era o padre Vicente, acho que era o nome dele, que veio um pouco antes do padre João. Vicente era o nome dele, acho que era, mas ele ficô pouco tempo. Tinha o padre Antônio e o padre Vicente, porque daí depois o padre Antônio foi da Vera, né. Daí tinha o padre João, aí ficô o padre João. Só que esse padre, Vicente, ficô pouco tempo, porque ele era doente, aí logo veio o padre João. Daí nós alugamo até construir uma de madeira pra nós, lá na firma onde era a madeireira.

E, hoje, vocês ainda trabalham com madeira?

Ela: Não, com madeira não.

E como foi a aventura da mudança na vinda para cá?

Ela: Nós viemo com uma Picape Willis, com 5 criança em cima, com sete, porque tinha os 4 nosso, porque o menino mais velho já tava aqui, e mais 3 de uma família que veio junto com nós. Só que eles não ficaram aqui, eles foram embora.

Ah! Não se adaptaram?

Ela: Não, eles foram embora. Não trouxemo muita coisa porque o caminhão era pequeno e era duas mudança. Só o necessário mesmo, porque aqui não tinha energia, então não trouxemo nem geladeira, o fogão sim, trouxemo o fogão, mesa, acho que trouxemo só uma, só mesmo o necessário.

E como vocês se viravam sem energia?

Ela: Depois nós fomo morá na firma, porque lá tinha o motor que trabalhava o dia inteiro, às vez até de noite. Então, até que trabalhava tinha energia, daí commo geladeira e a máquina de lavá roupa também ligava na, tinha luz lá na... parava de trabalhá, desligava tudo.

E a senhora lembra o ano em que veio a energia elétrica pra cá?

Ela: Não lembro. A primeira, pro pessoal instalá a energia aqui, que nós já morava aqui, né, na outra casa ali, nós que cedemo motor pra Cemat trabalhá, pra ligá, pra eles morá, pra eles podê instalá aqui. É aqui nos fundo. Fomo nós que cedemos luz pra eles, eles davam o óleo e o motor ficava ligado o dia inteiro, isso era uma beleza, né. Risos...

Já tinham outros motores na cidade além do de vocês?

Ela: Não, tinha bastante gente que já tinha, mas é que eles alugaram aqui atraiz uma casinha de madeira, daí puxaram os fio ali.

E esse lote aqui vocês ganharam da colonizadora?

Ela: Sim, esse sim, nós ganhamo, porque nós commo terra e quem comva uma quantidade de terra tinha direito a tantos lote. Era quem comva, né.

A senhora se lembra de algum causo ou história interessante que tenham acontecido logo no início quando a senhora chegou aqui?

Ela; Ih! Aconteceu muita coisa, vixi Maria! Uma coisa que me marcô muito, que eu não esqueço de uma pessoa que já morreu, mais tá na minha memória, porque no dia que eu fui levá o menino pra Cuiabá eu tava chorando do lado de fora assim na casa, ali na Primavera. Aí passou uma senhora e pediu por que é que eu tava chorando, *é de saudade?* Eu falei *de saudade também, mas eu tenho que levá o menino pra Cuiabá e não tenho dinheiro*. Ela falou *chama teu marido, te arruma, que o dinheiro eu arrumo pra você*. Aí eu pensei, *mas como ela vai arrumá o dinheiro se nem me conhece?* Aí um pouquinho ali bateu palma, trouxe o dinheiro. Ela falou *olha, vai*. Aí eu falei, *quando nós voltar e consegui trabalhá te pago*. Fazia poucos dias que a gente tava aqui, ela falou *não se preocupe, o dia que você pudê pagá você paga pra mim, vai salvá teu filho*. Sim, ela fez isso. Nunca, nunca esqueci. Aí depois, anos depois, o esposo dela teve câncer e tinha que levá ele pra Mineiros, aí a gente tinha um carro bom, né, era Belina, na época o carro do ano, daí meu filho sempre levava ele quando precisava levá. A gente nunca cobrou nada pelo que ela fez pra gente. E foi um, ela deu um dinheiro, assim, que nós abastecemos o caminhão, o menino foi operado e tudo e ainda voltei com uns trocado. Nunca guardei, assim, quanto que era aquele dinheiro, mas foi bastante dinheiro. Ah, o primeiro dinheiro que entrô nós acertamo, porque isso ali não há dinheiro que paga.

E bichos tinham muitos na época?

Ela: Nossa Senhora! Bicho sim, quando nós tinha casa na firma o bicho vinha de noite assim e só ficava de vela, tinha aqueles lampião, lampião a gás, eles vinha em redor da casa, a gente moria de medo.

Onça também?

Ela: Nossa! Só que eu vou falar uma coisa pra você. Tudo esses anos que eu tô aqui nunca vi uma onça de perto. Já vi sim, uma presa, já vi presa. Mais de eu chegá perto, de ela atravessá na minha frente não.

E que tipo de bicho a senhora viu?

Ela: Cobra, quando eu cheguei do hospital, uma cobra, sabe essa casas sem forro, sem nada, a cobra anda em cima assim (gesto).

E era grande?

Ela: Enorme, era aquela bico-de-jaca. Eu só olhei pra cima e quando eu me levantei, que tava pra saí da cama, ela veio bem onde eu tinha que passá, na porta. Aí eu gritei, daí tinha um funcionário que tava passando, daí ele veio vê o que tava acontecendo, ele sabia que eu tinha sido operada, as criança tava tudo na aula, aí ele matou a cobra, ela foi atrás do guarda-roupa.

Mas ela não tentou atacar a senhora?

Ela: Não, não atacou. Ah, mas nós passamos assim, é que agora a gente, no momento, não lembra, mas tem muita coisa, Virgem Maria! Mas foi bom, porque a gente aprendeu muita coisa, né.

E a senhora faria tudo novamente se tivesse que vir?

Ela: Ah, sim, se tivesse idade faria.

Foi a madeireira de vocês que providenciou as madeiras para a construção da sua primeira casinha?

Ela: É. A nossa foi serrada com nossa madeira, com nossa madeireira, pica-pau era, era serraria, né.

Vocês já trouxeram os equipamentos da serraria de lá?

Ela: Não, nós como de um cara que tinha instalado aqui.

Então vocês não se arrependeram de ter vindo?

Ela: Não. E voltá também não pretendo voltá, só se for por uma... É que a gente nunca pode dizê jamais, né? De repente dá algum problema que tem que voltá, aí voltamos, mas senão não. Não volto mais pra lá. Já tem neto de 22 ano. Todo mundo aqui.

A senhora ainda quer contar mais alguma coisa, mais algum caso?

Ela: No momento não lembro, mas tem muita coisa, nossa! Era assim, tinha, domingo não tinha nada, né, então carregava as criança no carro, minhas irmã, os amigos que eram mais chegado, carregava uma caminhonete de gente e ia pros mato, por aí, pros rio, pros mato, mais era pros mato, né, pelas estrada dos mato.

Pra fazer o quê?

Ela: Pra andá.

Isso pra sair de casa?

Ela: Não tinha o que fazê, não tinha! Nós fomos, ia pra Itaúba, pro Nandico, pra esses lugar assim. Só pra sair fora de casa, fazia um tipo piquenique. Levava a comida junto e passava o dia. Não tinha, assim, como onde ir, né, pra Vera.

E as festas de comunidade?

Ela: Depois sim começô as festas, aí era diferente, aí começô as festa, tinha bastante coisa pra fazê, aí esquecemos.

Pra Vera vocês também iam por que já era maior que Sinop?

Ela: É, e que não aumentou mais até hoje. Risos... Vera nunca cresceu porque já foi aberto antes e vai ficar até quando? Então o pessoal ia lá, mas não ficava, vinha pra cá, não sei o motivo.

E vocês, quando vieram visitar a Gleba Celeste, por que escolheram Sinop e não Vera, que já era maior?

Ela: É que ele veio aqui e não foi pra Vera, direto aqui. Trouxeram ele direto pra cá, a Colonizadora. Nossa, naquela época a colonizadora ajudava muito, muito, assim, em termos se precisasse alguma coisa.

Eles estavam sempre à disposição.

Ela: Sempre à disposição.

O seu Enio ficava muito por aqui?

Ela: Nossa, ele adorava ficá aqui em casa.

Ah é?

Ela: Ele falava assim pra mim *Italiana, quero polenta!* “Tá bom”. Ele e seu Ulli; ele falava *italiana, eu quero polenta*. Aí fazia, simplesinho, é porque era tudo... e ele adorava, nossa!

E, falando nisso, a senhora mantém as tradições italianas na culinária? Massas, polenta?

Ela: Sim, sim. Os netos estudam fora, os daqui também, eles falam assim *vó, quando a senhora vai fazê polenta?* Outra coisa que não faltava, eu faço macarrão caseiro mesmo, mas eu sempre tenho, assim, uma reserva, se aparece alguém na hora, né, mas, senão lasanha, tudo que é... Ganhei um troféu da ACRINORTE de 25 ano de polenta, todo ano, não falhei um ano, porque faço na ACRINORTE, né, quando tem festa, a festa da cidade, a Exposição, aí uma vez durante a semana eu fazia polenta, né, pro pessoal que expõe gado, o pessoal. E daí começamo aqui onde era o SESI a primeira exposição, daí eu peguei o que eu podia levá, não tinha nada, o que é que eu podia levá? Eu falei *vou levá uma polenta pronta*. Comecei e até hoje, 26 ano o ano passado, vamo vê, com a Graça de Deus, esse ano vô fazê de novo. É, mas o fubá ainda vem de Santa Catarina.

A senhora manda vir de lá?

Ela: Sim, eu tenho. Sempre vem 50 a 100 kg, daí eu guardo. Lá todo mundo usa dele, né.

E a senhora prefere esse fubá de lá e não troca por nenhum outro daqui?

Ela: Na verdade, eu não consigo fazer com outro.

A senhora disse que saía com as irmãs, então quer dizer que da sua família veio mais gente para cá?

Ela: Depois, depois veio duas irmãs. Não, acho que uma veio antes e uma veio uns 6 meses ou 9 meses depois.

Dona Fábria, a senhora se lembra de algumas palavras ou jeito de falar que aqui, quando a senhora chegou, eram diferentes do que lá em Santa Catarina?

Ela: Muitas, muitas palavras que a gente não sabia e ficava sem dar resposta, porque falava uma, tipo assim, falava uma palavra e a gente não entendia e perguntava *como? O que é que você falou?* Na hora eu não me recordo, mas tinha muita coisa. É que a gente falava bem diferente do pessoal que tava aqui, muita coisa diferente. A palavra nós vomo e lá se falava nós vomos e tem mais coisas, assim, agora não lembro, mas tem muita coisa que a gente falava diferente, né. Ah, arriba, arriba.

Que significava?

Ela: Pra cima. Aí eu pensava *meu Deus, o que é essa palavra? O que será arriba?* Deve ser do nordestino. E tem a palavra boteco, que foi aqui que nós aprendemo, e pra mim a palavra boteco é onde tem bêbado. Risos... Nós falava vendinha. Na verdade era venda mesmo, né. Armazém também falava.

Dona Fábia, muito, muito obrigada pelas suas valiosas contribuições ao meu trabalho de pesquisa.

Ela: Por nada.

15- IDENTIFICAÇÃO:

Sigla: S15 M

Idade: 76 anos

Sexo: masculino

Estado civil: casado

Número de filhos: cinco mulheres e três homens (todos nascidos no Paraná)

Profissão: comerciante

Escolaridade: 2ª série do Ensino Fundamental

Naturalidade: nasceu no Estado do Paraná

Descendência: italiana

Local em que residia antes da migração: Ampere, no Sudoeste do Paraná

Em que ano e com que idade chegou a esta cidade: 1974; com 40 anos

Data e duração da entrevista: 05 de out. de 2010; 50min.

Seu Dorival, eu gostaria que o senhor contasse como foi a sua vinda para cá.

Ele: No começo eu vim com um primo meu, pra vim em Sorriso, né. Só que Mutum, Lucas do Rio Verde, Sorriso, não tinha nenhuma casa, nenhuma casa, nada, nada, nada. Mas o meu primo era pra, pra, eles tinha comdo umas terra ali, eles era pra começá morá ali, começá a vida ali em Sorriso, mas depois como não tinha nada de dormi lá, então tinha um hotelzinho aqui em Sinop, nois viemo até aqui.

Isso em que ano?

Ele: Em 1974.

Nessa época Sinop já tinha moradores então?

Ele: Tinha. Tinha um grupinho ali onde é o Banco do Brasil, ali tinha. Tinha umas casa, tudo de madeira, tudo casinhas pequena, é, poucas casa tinha ali, e tinha a Colonizadora ali. Só que depois apareceu um negócio pra nois, que veio um outro junto e eles foram colocá, compra uma

terra aqui a 60 km pra frente. Então nós fomos junto assim e tinha um cara ali, na fazenda Primavera ali, que ele queria alugar um mato pra nós ser.

Qual era o propósito do senhor ao querer vir para cá?

Ele: Nós viemos pra comprar uma terra. Só que apareceu esse negócio e fomos depois mexer com madeira.

O senhor já trabalhava com madeira lá no Sul?

Ele: Não mexia, não, nada. Daí viemos ali, alugamos mato, dois mil alqueires de mato, fizemos um contrato, num determinado prazo pra vencer esse contrato. E nós tirávamos madeira, só nós pagávamos 20% pra ele (o dono). Nós tirávamos madeira e dávamos 20% pra ele.

A dona dessa área era a Colonizadora?

Ele: Não. Era, era mais pra frente já.

E vocês vieram pra cá, pra essa região de Mato Grosso por causa das propagandas da Colonizadora?

Ele: É, um pouco era, mais é que o meu primo, como ele tinha comprado essa área, do americano ali, que tinha aquela área, e tinha um tal de Benê, que era o representante do americano. Ali em Sorriso, ele tinha 190 mil alqueires.

E como esse americano conseguiu adquirir essa área, o senhor sabe?

Ele: Ele requereu, quem sabe lá como, do Governo, quem sabe lá, essa área. Tinha documento. Que até essa bronca ali de Sorriso até hoje tem documento em cima dessa área. E depois esse tal de Benê, ele, deu um acidente de avião, ele caiu e morreu. Então meus primos começaram vender terra também do americano. Entraram não sei como lá, só que nós depois não fomos lá pra Sorriso, nós viemos pra cá. Nós saímos da rota, nós era pra vim pra Sorriso e viemos pra Sinop. Apareceu esse negócio e nós fomos pra lá botar uma serraria, é. Lá até que deu certo, mas era meio desconfortável naquele tempo, meu Deus do Céu, porque era longe o comércio aqui, ruim de gente aqui, que não tinha gente pra trabalhar, é. E era longe. Então tivemos que trazer muita gente do Paraná pra trabalhar aqui, é. E meu irmão ali deu a malária e ele se desanimou, porque depois eu montei a serraria e deixei os meus irmãos e ele pegou a malária e daí, naquele tempo, o telefone era só em Cuiabá. Então ele pegou o ônibus e foi lá em Cuiabá. E daí ele foi em Cuiabá, ligou pra mim lá no Paraná, que tinha um cara ali que queria comprar a fazenda do velho, aquele que nós alugamos a fazenda. E daí ele falou *olha, tem um fulano lá que vai comprar a fazenda e ele quer comprar a serraria*. E ainda disse *eu acho que vou vender, quero ir embora daqui, peguei malária, já tô com tudo os dentes flocos aqui na boca de tanta febre que passei*. Risos...

E isso depois de quanto tempo que ele tava aqui?

Ele: É, acho que não demorou nem um ano. Já foi de imediato, sabe; pegou a malária e ele desanimou e foi embora. Aí disse *olha, antes que você mora por ali, venda logo isso ali*. Aí depois nós viemos e compramos outra chácara aqui em São Cristovão e aquela firma que nós

tinha abrido lá, que nós tinha abrido a firma na Junta Comercial, aí transferimo lá da Primavera, que é 60 km daqui de Sinop, transferimo pra São Cristovão.

Primavera era o nome de uma Vila?

Ele: De uma fazenda, uma fazenda; fazenda Primavera.

No início havia, na região, problemas com documentação, registro das terras?

Ele: Ele, o fazendeiro, tinha ali, tinha documento, nós fizemo em cima dele. Um contrato em cima daquele, eu tenho até hoje aquele contrato. Só que aquelas tera, depois apareceu, até agora há pouco tempo, que tem essa questão ali, que tem um outro documento em cima dessa terra, que era antes, tem um documento grande aqui, de uma área grande, que tem escritura, é.

De um outro dono?

Ele: É, que tinha, e os outros fizeram tudo escritura em cima daquela área, diversas já, tinha uma área muito grande. E aí nós montemo a seraria aqui em São Cristovão, de novo montemo outra seraria,é. Daí eu que vim, eu que vim de morada. Primeiro eu vinha, cada pouco tempo eu vinha. Só que depois vendi a morada lá no Paraná, daí eu vim também pra cá. Aí nós requeremo um lote da Colonizadora, só que tinha que fazê a casa em 90 dia. Só que nós ganhemo um lote na outra rua, naquela Avenida Embaúbas, e nós não construímo, aí perdemo o lote.

Não construíram em 90 dias?

Ele: Não conseguimos construí. É, e dali, depois, arequeremo outro, que era esse, esse aqui dessa casinha ali atrais, que era um lote tudo vago; aqui não tinha mato. Então arequeri esse lote e construímo. A casa de madeira que tá ali feita é daquela época.

De 1974?

Ele: De 1976, que foi feito essa casa, porque nós já tinha a serraria, que nós fizemo, é. Daí depois apareceu, quando eu morava ali, eu tinha os filho, família grande, e daí tinha esse morador dessa casa, que ele queria vendê, e daí, naquela época, eu comprei a casa aqui, é. Essa aqui eu comprei por mil reais, é, por mil reais a casa. Essa casa tava construída, só que era um casarão assim, mas eles vieram conforme tá as área ali (apontando), comprei por mil reais. E daí, então, uma parte dos filho ficô ali, porque nós não cabia tudo e a mudança e eu comecei morá aqui.

Quantos filhos o senhor tem?

Ele: É oito, oito, oito filho. Cinco filha e treis rapaiz.

E eles queriam vir pra cá?

Ele: Vieram na frente quase.

E dificuldades vocês enfrentaram muitas?

Ele: No começo era chão, poeira, porque aqui as casa, quanto pó, meu Deus, era. Nos primeiros ano sofremo aqui, mas depois começaram fazer asfalto ali, daí disse *dali vou ficá também*. Aí começaram a fazer o asfalto da frente.

O asfalto aqui no Centro começou a ser construído em que ano?

Ele: O asfalto, não faz muitos ano que começô a ser construído, acho que fazem 18 ano que o asfalto passô aqui na frente. No começo era tudo estrada de chão, tudo estrada de chão. Pobrema quando era chuva, os rio passava tudo por cima das ponte ali que tinha, é; e era um negócio perigoso. Muitas vezes então o ônibus fazia baldeação, porque até certo ponto não podia passá. Então passava tudo de barquinho, de barquinho, baldeava tudo os carro ali, tinha um barco só pra levá os passageiro pra lá e as mala. E a gente passava perigo ali, porque eles enchia muito, oia, a água faltava um tantinho pra enchê o bote, porque enchia muito o barquinho.

Chegaram a acontecer acidentes?

Ele: Não, não, até que na nossa época não aconteceu, mais se fosse hoje não ia embarcá não.

E às vezes o ônibus chegava a atravessar em cima de pontes que estavam cobertas de água?

Ele: Coberta de água, coberta de água. Teve diversos rio ali, porque tem o rio Nandico, o Caiabi e o Celeste, tem o rio Verde, que tinha uma ponte veia. É que ali no Teles Pires não tinha ponte. Ali passava com uma balsa, ali era uma balsa que botava em cima treis, quatro caminhão e ônibus, é. Só que era cruzado com, com uma roldana ali, com uma corda lá pro outro lado, é. Não tinha motor, não tinha ... era manivela que tocava lá, pra puxá pra lá, depois puxava de volta. Naquela vez que falava que tinha que tê asfalto, que ia tê asfalto, foi no tempo do Júlio Campos, governo de Júlio Campos, é, que o governo federal veio aqui, veio o Geisel aqui e veio o João Figueiredo. Veio dois presidente.

Eles vieram ver a clareira?

Ele: É, vieram. Eles eram muito favorável aqui pra fazê essa Cuiabá Santarém, é.

Eles pensavam no desenvolvimento.

Ele: No desenvolvimento, é. Naquela época eles tavam muito de acordo de fazê aqui; pra colonizá, pra colonizar aqui o matão aí.

O senhor falou que ia buscar seus funcionários lá no Paraná? Era fácil trazê-los pra cá?

Ele: Não, não. Nós pegava os empregado lá que já tinha trabalhado em seraria, então nós ia na própria maderera lá e falava *ó, se você qué i trabalhá com nós lá no Mato Grosso, te levemo pra lá*. E veio muita gente, conseguimos trazê muita gente, é.

Então, não foi só o Enio Pipino que trouxe muita gente, o senhor também?

Ele: É, nós trouxemo. Tem uns aí ainda morando aqui, é, é, até que eles tão bem de vida, é, tem uns quantos aqui que trouxemo de lá, é.

E o senhor ainda trabalha com serraria?

Ele: Não, trabalhei até, acho que 88, depois eles venderam a seraria, é. Eu não tava de acordo de vendê, mas eles queria vendê. Daí eles foram mexê com fazenda, puxá tora, porque eles tinha os caminhão pra puxá tora e os trator de esteira. Um filho e um irmão meu, é. Ele foram vendê a seraria, quando não era bom vendê aquela seraria, porque naquele tempo era tão fácil pra tirá

madera e não tinha essa burocracia. Nossa! Era tão gostoso! Os próprio fiscal vinha na casa da gente, almoçavam, diziam *ó, você faz isso, faiz aquilo, vai em Cuiabá, requer a guia lá pra reflorestamento*, tudo pra fazê as guia pra madera, eles ensinava tudo lá naquele tempo. É, aí ia abrindo. Queria abri, é. Ali em cima, onde nós fomo, que alugemo aquele mato ali, o Neri tinha derrubado muitos alqueire ali de mato pra fazê, formá pasto, pra fazê lavora também, granja de animais.

O senhor lembra quem já morava aqui quando o senhor chegou? O nome dos moradores?

Ele: Tem uns quantos, que nem o Osvaldo de Paula, tinha o falecido Plínio Calegaro, ele tava ali, não sei aonde, ele tava no centro, ali na Avenida Júlio Campos, é que nós ia ali. Tinha um tal de Dirceu, não sei o sobrenome dele, mas eu sei o nome dele, tinha o hotelzinho que nós parava. E tinha o pai daquele do posto Caiçara, lá que nós comva ali, ele tinha um armazém. É, tinha aquele armazém, que é o pai daquele do posto lá, Caiçara lá, mas não me lembro o nome dele.

Pai do atual dono do Posto Caiçara?

Ele: Do Caiçara. Então, aquele nós comva ali, é, nós comva ali, ele tinha um armazém, um armazém até forte, porque naquele tempo não tinha energia, não tinha nada. Aqui era arois, farinha, carne, era tudo empacotado, ensacada, jabá, que vinha de Campo Grande. Jabá é carne salgada, carne seca em fardo. Tinha uns pacote assim quadrado (gesto), assim de 5 kg, de 10 kg.

Isso por que não havia geladeira pra conservar?

Ele: Então, oia, se faltasse aquela carne pra nós, nós tava perdido, porque nós tinha o pessoal lá na seraria, e nós tinha que compra o jabá pra comê, arroz, farinha. Se não tivesse jabá ... feijão. É, jabá era a carne que tinha. É, aquela carne pra nós, tá loco, foi a salvação.

E caça, vocês caçavam muito?

Ele: Caçava alguma coisa, mas não era tanta caça que tinha, a gente não se dedicava muito também, é. Não tinha tanto assim, é, caça.

E onça tinha?

Ele: Tinha, mas não era tanto, é. Até parece de mato, é, é que proibiram a matação dela, da onça também. Mas naquele tempo nunca tinha visto uma onça.

E índios, ainda tinha quando o senhor chegou aqui?

Ele: Não, a Colonizadora eu acho que já tinha tirado, os índio. Tinha, tinha os índio aqui, diz que tinha, aí eles levaram lá pro Xingu, porque acho que a Colonizadora entrô aqui no ano 72, 70. É, eu entrei dois ano depois, já não tinha mais índio. Também se tivesse nós nem sabia onde que era, é.

E sobre as dificuldades que vocês enfrentaram?

Ele: Quando era enchente, que não tinha comunicação com Cuiabá, sabe, porque teve época aqui que a estrada cortô ali, as enchente não podia dá trânsito pra trazê a mercadoria. Aí o avião, o Búfalo, veio trazê mercadoria.

Nessa época não havia telefone ainda?

Ele: Não tinha, não tinha. Só rádio amador, naquele tempo, rádio amador tinha bastante gente que tinha. É, sabe que a BR em si, ela até que dava trânsito, fora o rio ali que trancava. Na BR não deixava entrá careta grande depois na chuva. Então eles ia conservando a estrada, sabe! Porque eles não deixava afundá essa estrada aqui, se entrasse careta acabava com a estrada, então o exército trancava as careta pra entrá. É, só entrava caminhão toco, nem truque não deixava; só caminhão toco.

E por rio, por rio não vinha nada?

Ele: Não vinha nada, não vinha nada, nada. Não tinha ligação por rio. Má (risos), a gente até nem se lembra tanta coisa que a gente passô neste tempo. Não era fácil. Meu Deus, quando estragava um carro, na estrada, ou ficava sem combustível, não tinha posto, aí ficava no meio da estrada. Não era fácil! De noite aqui viajava pra Cuiabá era o ônibus. Ele saía todas noite daqui pra chegá de manhã em Cuiabá, é.

Ah! Já tinha linha de ônibus desde o começo então?

Ele: Desde o começo, é. O ônibus saía daqui de Sinop e saía ali na boca da noite, ali pras 8 horas, às 7, 8 hora, quando era de manhã cedo chegava em Cuiabá. Às veiz não chegava cedo lá, chegava lá pras 7, 8 hora, conforme a viagem dele. E o que aparecia de gente ele ia enfiando dentro. Risos...

Às vezes ia muita gente?

Ele: O que cabia dentro, sabe. Não era 40, 50 pessoas, se tivesse 80 na viagem, carregava tudo. Nossa! Porque era parada pra juntá passageiro toda hora, porque parava memo pra junta os passageiro, porque tinha os ponto, sabe; de juntá passageiro, porque vinha das fazenda tudo, e ali pegá o ônibus. E o ônibus carregava tudo, não deixava. A gente ia reclamando, mas não adiantava. O que cabia ali dentro e tinha gente que deitava no chão dentro, que ia dormindo ali no chão dentro do ônibus ali. Então não dava nem pra caminhá no corredor ali, tudo gente deitado dentro. Era coisa de loco!

Tinham poucos carros aqui nessa época?

Ele: Quase não tinha carro, os que tinha quase não ia pra Cuiabá, não era muito que ia de carro não, porque a estrada era ruim e estragava bastante o carro. Algum ia com o carro.

Quando o senhor chegou era tudo mata ainda aqui em volta?

Ele: Era tudo mato. Só que ali no centro tinha, que nem a avenida, a rua, tinha umas quantas ruas ali aberta.

A primeira avenida aberta foi a Júlio Campos?

Ele: A Júlio Campos. Só que ali era o seguinte, onde que é o HSBC, ali o banco, ali tinha uma casa de madeira. Mas depois foram fazendo, depois quando nós chegemo, tinha uma casa de madeira, o resto era só mato. Lá eles falava que tava aberta a rua, a avenida lá, a desmatção tava aberta, que até eu falava, onde que vinha fazer a Catedral, lá embaixo. É que era puro mato,

mato, mato, mato. Ali na avenida era puro mato, até uma pena não tê foto daquilo, meu Deus, mas, na época, não teve interesse de tirá foto e guardá, não tinha nem máquina de tirá foto. É, ali tinha, ali na Santo Antônio, aquela Ingrejinha que eles tinha ali, que fizeram no começo.

A primeira Igreja construída foi a Santo Antônio?

Ele: A Santo Antônio.

E padre, quais foram os primeiros?

Ele: O primeiro que tinha, eu sei que tinha o padre João Salarini. Não sei se teve outro que veio antes, mas o padre João Salarini é velho de Sinop. Faleceu.

Era pioneiro.

Ele: Só que naquele tempo, até que quase que não tinha padre, eles vinha de fora, lá uma vez, de vez em quando.

Ah, nem o padre João morava aqui?

Ele: Não, não. Não sei se ele vinha de Vera, porque no começo não sei daonde eles vinha, é. Porque nós vinha de lá de cima, nós vinha no domingo pra i na, ali, mas só que vinha, rezava o terço, porque a função, pra dizê que tinha missa, não tinha missa. Só se reunia pra rezá um terço numa casinha assim de ripa. Eles têm ali uma foto dela. Esses tempo eles botaram ali na ça, eles fizeram, eles têm uma, eles têm ali as foto, que você poderia ter aquilo ali. Eles tinha uma foto de como que era a Igrejinha.

A primeira construída?

Ele: A primeira. Era uma gaiolinha, é, é. Não era de parede assim (apontando), era de ripa trançado tudo assim; tudo de ripa. Tudo em xadrez.

E o senhor nunca veio pra cá com a intenção de plantar café igual aos primeiros moradores que vieram?

Ele: Não, nós não viemo com essa intenção. Nós, lá onde morava, em Ampere, no Sudoeste do Paraná, lá não era região de café. Então, nós não entendia nada em café. Nós viemo meio aventurando, porque nós tinha lá um moinho, no Paraná, e o governo trancô os moinho colonial; nós tinha um moinho colonial. E nós fiquemo com aquele capital parado lá.

O que é um moinho colonial?

Ele: Era um moinho de moê trigo, né. Fazê farinha. Só que o governo trancô aqueles moinho colonial, porque diz que sonegava muito, porque os grande moinho deram em cima do governo pra trancá aqueles moinho, porque atrapalhava eles, sabe. É, e nós moía pros colono, moía pra todo mundo. Nois moía bastante, nois moía 280 saco de trigo por dia; nois moía bastante. Nós tava bem. Só que depois o governo trancô os moinho e proibiram de mexê com os moinho. E nós fiquemo com aquele capital parado só; não podia trabalhá. E aí viemo atrais de outro futuro, porque lá o moinho nós não podia mexê.

E vocês não pensaram em colocar moinho aqui?

Ele: Naquele tempo não tinha nada aqui. Não tinha nem milho, só mato, e aqui, no começo, a planta que ia plantá não saía. A única coisa que plantava era arroz, mais veio muita gente iludido pra plantá café. O café também, ali, então, tinha uns cara ali em baixo, pra baixo do cemitério, pra baixo lá da Catedral, tinha uns morador, pra baixo ali, uns dois, três quilômetro, então, naquela estrada ali, tinha ali um tal de Briochke, que tinha café e era da Colonizadora. Quem vinha aqui, eles levava lá no Briochke, pra mostrá o café. Um pedacinho eles plantava de café, até que era bonito, é. Então eles levava lá vê esse café que tinha lá, esse era bonito e ele sabia cuidá um pouco, porque acho que ele vinha lá da tera do café, é. Mas só que não deu ponto o café aqui também. Muitos se envolveram ali, quebraram também. Não é tera própria do café aqui não.

Quando o senhor chegou, em 74, começaram a vir muitas pessoas pra cá?

Ele: Muita, muita, muita gente, em toda região, daí começô a crescê; de tudo que era lugar, era de São Paulo, era do norte do Paraná, era de Santa Catarina, era do Rio Grande que vinha, de tudo que era lado. E como que também tava abrindo Colíder, Alta Floresta, então aqui era mudança que se via, caminhão trazendo mudança, é.

A maioria veio por causa das propagandas da Colonizadora?

Ele: Da Colonizadora. Depois, lá em Alta Floresta tinha a, tinha lá a, a, como é que era Alta Floresta? Eu não me lembro como é que era a gleba lá, mas lá tinha uma colonizadora também, outra, em Colíder também tinha outra. Então foram abrindo e gente subindo e levando maquinário, maquinário que subia era coisa de louco. Quanta máquina que subia, é! Pra abri fazenda.

E pra derrubar mato?

Ele: Derrubá mato e montá seraria e foi sempre aumentando mais, sempre mais, mas tudo bem pequenininho. Tinha no começo tudo. Tinha, nós tinha, eu acho que nós fumo a terceira ou quarta seraria que montemo aqui em Sinop. É, tinha só duas, três, antes de nós.

O senhor lembra o nome dos donos da primeira serraria que abriu em Sinop?

Ele: Gumercindo Tomelim, que foi um dos primeiro. Quando nós chegemo aqui até nós compremo maderá deles pra montá nossa seraria. Depois ali da Mafasa também, tem a veia que ainda tá viva, é, acho que o veio também tá vivo ainda. O rapaiz do Gumercindo Tomelim, o rapaiz tem uma fabriqueta de porta e coisa, ali em frente ao posto Sinopão, do lado de lá, quase em frente o Pianoski. O Gumercindo é um dos pioneiros. Gumercindo Tomelim. Ah, minha esposa, no começo ela não veio, só veio bem mais tarde. Ela veio umas duas vez, mas pegô medo, não aprovô de vim não. Ela vinha ficá aqui uns quinze, vinte dias, vinha de ônibus.

E de lazer, o que é que as pessoas faziam aqui logo no início?

Ele: Não tinha nada. Era só trabaiá e trabaiá. De domingo eles faziam as casa, aí não tinha nada de pará.

Mas, naquela época, as pessoas se visitavam mais?

Ele: Pouca coisa, era trabaíá, naquele tempo não tinha, não tinha nada de domingo pará. Parava, assim, só pra i pra lá e pra cá ali, mas era pouca coisa. É, aquele que queria fazê casa aproveitava no domingo.

Mas, no início, as pessoas se ajudavam bastante?

Ele: Se ajudava, sim. Todo mundo no domingo varava o dia inteiro trabaiano.

Então Sinop era a cidade do trabalho?

Ele: Do trabalho. A gente não saía muito passíá no domingo. Não tinha nada; não tinha nada, mais também não tinha violência. Até que era gostoso! Agora que é perigoso! Nós aqui, nós tinha aquela casa tudo aberta, área, estendia a roupa fora aqui, no varal aqui fora. Não tinha cerca, não tinha nada, estendia a roupa, ninguém roubava uma muda de roupa. Deixava o calçado ali na área, ninguém robava nada. É, tudo gostoso! Essa casa aqui, eu não tinha muro ali na frente e aqui deixava tudo na área, aqui a roupa, tudo. Não tinha ladrão nenhum.

E, de repente, Sinop ‘explodiu’ de tanta gente que veio!

Ele: É, veio muita gente aquela veiz, depois que começô entrá aquela indústria de fazê farinha, de álcool, ali da Agroquímica, ali deu uma explosão.

Aí muita gente veio pra plantar mandioca.

Ele: Mandioca e destoca e trator que vinha. Destocá tera e gradeá tera e plantá; foi um movimento extraordinário. Mais aqui não tinha rama de mandioca, eles tinham que trazê lá de fora. Eles iam buscá lá no... até Tangará da Serra acho que eles ia buscá mandioca, de tudo que era lado; vinha com carreta as muda de mandioca e vai. É, eles iam trazendo aqui e ali tinha, jogava ali na bera da BR e ali, tinha gente pago ali pra cortá muda, sabe. A muda depois então colocava nas máquina, porque tinha máquina, que plantava com máquina então.

Ah! Já se plantava com máquina nessa época?

Ele: É

E isso foi em que ano?

Ele: Oia, nem sei que ano que era. Não me envolvi naquele negócio lá, não plantava mandioca. Só que a gente tava aqui, nós tinha, tinha seraria. Nós mexia com seraria. Mas dava um movimento ali nos posto, não tinha combustível que chega pra destoca de tera e trator trabaiano, aquele movimento todo. Ficô tudo pra vim combustível, muitas vezes faltô combustível aqui em Sinop, sabe, é.

E a plantação de mandioca também não deu certo?

Ele: Eu acho que o álcool é que não deu certo, porque não se entendia muita coisa de álcool. É, a mandioca acho que produzia pouco álcool.

E isso por causa das terras pouco produtivas da região?

Ele: Até que a mandioca até que dava mais ou menos; era bonito até que a mandioca! Mas parece que, assim, a mandioca não produzia muito álcool que nem fosse cana hoje. Tivesse feito

uma usina de cana aqui talvez tivesse dado certo, é. Que nem hoje que tem muitas indústria. Aí eu acho que tinha acertado. Acho que não acertaram foi na usina.

Se fosse voltar no tempo, o senhor se arrepende de ter vindo? O senhor acha que valeu a pena?

Ele: Acho que não, acho que eu não tinha me arrependido. Só que a gente não se influiu, sabe, compra lote aqui na cidade, construí. Nós peguemo só um lote, dois, e fiquemo nisso, pra i atraís de negócio de madeira, de seraria, é. E hoje aquele que tem ali na avenida um, um lote ali na Júlio Campos... se tivesse construído ali, era muito mais futuro. Aluguéis hoje que é caríssimo, das loja. E nós perdemo os lote, é que nós não construímo. Treis lote. Um meu e de irmãos meu, treis. Um de cada um. Naquele tempo não dava tempo. Naquele tempo a gente não tinha tempo, porque tinha que trabaiá. E a seraria, a gente, naquele tempo não era tão fácil também pra tirá madeira do mato.

E esses lotes já estavam desmatados?

Ele: Alguns tinha mato, mas pouco mato. A maioria era lote meio já tirado. Algum tinha que pegá e limpá um tanto e daí construí, mas era tudo meio aberto. A gente não construiu e daí em 90 dias perdia. Nós não construímo. Aqueles que comvam chácara aqui em volta da cidade ganhavam lote, porque tinha chácara de 5 alqueire ali, quem queria compra chácara pra botá uma industriazinha naquele tempo, eles davam lote na cidade, eles dava, ganhava o lote, é, porque a maioria vinha morá aqui, fazia uma casinha, era bom vive aqui. Porque a chácara que os colono, que foi trazido lá do Paraná, que nem o Enio Pipino trouxe do norte do Paraná, ali de Maringá, não produzia. A promessa era de produção aqui. Eles vieram vê aquele mato tão bonito, a tera muito favorável!

Acharam que ia produzir.

Ele: Mais não produzia. Só que acho que produzia mandioca e arois, só, o resto não dava nada.

E não tinha adubação?

Ele: Não tinha nada, nada, nada, nem calcário, nem nada não tinha, nada, nada, nem se falava de adubo e calcário, ninguém falava.

É que também ficava longe pra trazer.

Ele: Meu Deus! A única coisa que tinha era aquela indústria de calcário lá na, lá... mas era um calcariozinho, uma fabriqueta muito pequeninha.

Ah! Tinha uma indústria de calcário?

Ele: Tinha. A Colonizadora tinha aquele negócio. Muito devagarzinho, ali onde que tirava aquelas pedra lá.

Seu Dorival, já foi possível ter uma ideia das dificuldades que vocês passaram aqui no início da colonização. Muito obrigada por suas contribuições ao meu trabalho de pesquisa.

Ele: Isto. Tá bom.

16- IDENTIFICAÇÃO:

Sigla: S16 M

Idade: 52 anos

Sexo: masculino

Estado civil: casado

Número de filhos: três homens (nascidos em Sinop)

Profissão: vendedor autônomo

Escolaridade: concluindo o Ensino Médio - EJA

Naturalidade: nasceu em Itumbiara, no Estado de Goiás

Descendência: portugueses e africanos

Local em que residia antes da migração: Palmeiras - Goiás

Em que ano e com que idade chegou a esta cidade: 1976; com 18 anos

Data e duração da entrevista: 24 de set. de 2010; 37min.

Seu Pedro, qual é a sua descendência?

Ele: Goiás. Nasci em Itumbiara, dia 16 de maio de 1958 e fui criado em Palmeiras, Goiás.

E seus pais eram descendentes de?

Ele: Mineiros de Ituiutaba, né, e veio pra Goiás.

Os descendentes anteriores deles vieram de fora do país?

Ele: A origem da minha mãe era portuguesa e a origem de meu pai era africano, né.

E quando o senhor veio pra Sinop?

Ele: Eu vim pra Sinop em 76 pra 77.

Já tinham muitas pessoas, muitas casas aqui em Sinop nessa época?

Ele: É, já tinha, já tinha na Avenida Júlio Campos ali, né, até ali aonde é ali a Sergipam, ali pra trais assim, onde é hoje a farmácia Karine ali. Antigamente era a Rodoviária, passava por ali, ia até a BR; já tinha um pouco de gente já, né.

E o senhor veio pra cá por que razão? O que foi que trouxe o senhor pra Sinop?

Ele: Meu pai toda vida mexeu com fazenda, né, nós viemos, na realidade nós mudamos pra BR 80 em 75, em 74 pra 75.

A BR 80 é próxima daqui?

Ele: A BR 80 saía de Barra do Graças e ligava na Matupá. Aí dali que nós viemo pra cá. Então meu pai veio pra mexê com terra, né, fazenda, tava abrindo na época; começando.

Mas como é que ele ficou sabendo daqui?

Ele: Na época, a minha mãe pegou uma malária lá na BR 80 e aí veio, veio tratá, foi em Alta Floresta, falava na época Indeco. Daí, quando saímos pra i pra Goiânia já saímos por aqui, que nós só saía por lá, por Barra do Garça, né.

Até então vocês nem conheciam Sinop?

Ele: Nem conhecia. Nós já morava lá e não conhecia, porque vinha por Barra do Garça. Aí em 75, 76, daí nós passamos aqui. Daí fomos pra Goiânia e já viemos já pra ficar aqui em 77, de 76 pra 77. Aí ficamos e aí, quando foi em 79, faleceu minha mãe, daí três meses e 15 dias faleceu meu pai. Faleceram em Cuiabá.

E isso em função da malária?

Ele: A minha mãe deu malária no cérebro e meu pai foi congestão, deu, deu derrame cerebral, né.

A morte de seu pai não foi motivada pela malária então.

Ele: Não, não. Só minha mãe que deu malária no cérebro.

Com quantos anos o senhor veio pra cá, para o Mato Grosso?

Ele: Eu sou de 58, em, em 75 eu tava com 17 anos, né. Então, em 74, quando eu fiz 16 anos tava na BR 80, eu lembro. Daí nós fomos dali pra Barra, aí em 76 pra 77 que nós viemos pra cá.

E o senhor sabe por que seu pai veio pra BR 80, se foram propagandas feitas?

Ele: Foram. Na época tinha muita propaganda, que tava abrindo Mato Grosso e, e tava abrindo Mato Grosso, então ele veio pra adquirir terra, né, e tinha incentivo dos colonizadores e a propaganda e os corretores; e falando, então, tinha muita propaganda em Goiás. Que na época meu pai veio pra abrir a fazenda, tinha uma das primeiras da BR 80, que é a Santa Emília, que é de um senhor de Londrina, era, né, um senhor de Londrina, Athos Janine, era de Londrina, aí veio o grupo Cometa, que é Caximbo, e hoje é Matupá, a cidade de Matupá, ali era o Grupo Cometa, né, Agropecuária Caximbo. Aí essa Santa Emília, que meu pai veio na época, então já tinha os incentivos pra vim pra abrir, pra trabalhar. Na época era barato, né, era barato, então, naquela época, assim, não tinha o INCRA dando, quando nós viemos, né. Então tinha as pessoas que vendia, mas vendia bem barato, né, que nem aqui na Colonizadora, na época, quando nós viemos já como uma parte, não como aqui da Colonizadora, mas meu pai comprou lá, no Ronuro, na Gleba, vizinho da Agropecuária Iberê, porque na época, antes de ter Sinop, tinha as cidades, que era Vera e Santa Carmem, né. Então, quando nós mudamos pra cá meu pai já, já, já, em seguida, já comprou essa área lá, lá na Iberê.

E vocês chegaram a ganhar terreno aqui, por que teve uma época que a Colonizadora deu alguns terrenos?

Ele: Sim, sim, deu, dava, dava, dava terreno ali na Avenida e uns terrenos dava na época, né. Nós ganhamos um terreno onde é ali a, a, na época tinha acabado de derrubar, tava derrubando, eles deram um terreno pra nós na época, a Colonizadora. E, como deu pra muitos assim, né.

Vocês vieram de Goiás, mas a maioria das pessoas que estavam vindo para cá nessa época eram do Sul do País?

Ele: Eram do Sul, veio do Paraná, porque a Colonizadora era do Paraná, né. O Enio Pipino era do Paraná. Ele trouxe muita gente do Paraná, então já era muitos do Sul. Veio mais do Sul, né,

mas veio bastante goiano também, mas já não veio assim tanto como veio do Paraná, do Rio Grande, de Santa Catarina, né, mais veio também de Goiás, mas não veio tanto assim. A equipe dele, da Imobiliária, trabalhava mais nessa região ali, né; do Sul, do Paraná, Santa Catarina.

E, nesse começo, quando vocês vieram pra Sinop, vocês enfrentaram dificuldades por aqui?

Ele: Sim, tinha muita dificuldade. A BR 163 era tudo atoleiro. Na época chovia, nossa! Quando nós viemo de Goiânia pra cá, nós viemo tava chovendo, nós viemo em duas camioneta C10. Não trouxemo mudança assim, só trouxemo mais, assim, só roupa, alguma coisa em duas camioneta.

Levaram quantos dias para chegar?

Ele: De, nós gastô quatro dias de Cuiabá aqui.

E de Goiás até Cuiabá?

Ele: De Goiás foi rápido, né, mas de Cuiabá até aqui nós gastamo quatro dia. E as camioneta sem paralama, sem pára-choque, muito atoleiro tinha. Mais, a cidade aqui quando chovia era um sarro. Tinha o CTG naquela época, quando começô o CTG, quando chovia, pra chegá lá tinha que largá os carro mais de 500 metro, não ia carro lá. A cidade era muito plaina, e a água não, não, era muito, não escorria, não escorria, era quase como um brejo, quase como um brejo. Depois de muitos anos, seu Geraldino começô construí um prédio, foi o primeiro prédio, ia pondo as coisas e ia sumindo, ia pondo concreto, então eu nunca esperava ter prédio aqui, não tinha nem jeito. Na época da chuva, quando chovia, até pra você enterrá pessoa mesmo, então o caixão não queria afundá, né, ficava boiando.

Ah é!?

Ele: É, acontecia. Risos... Então era muito plaino. Era um atoleiro.

E isso foi melhorando depois.

Ele: Foi melhorando, foi, foi melhorando, ticamente sem a gente notando assim, foi indo, foi melhorando, foi cavando essas valeta no meio das rua, foi melhorando e hoje tá aí, né. Acabô o negócio do atoleiro, acabô tudo. Risos...

E o senhor falou de CGT, vocês participavam? O que havia de divertimento por aqui na época?

Ele: Na época, na época, assim, quando a gente chegô não tinha ainda o CTG, depois que construiu, daí uns ano. Mais era, tinha, tinha ali, onde era o Hotel Belina, do outro lado onde era o Galpão Gaúcho ali, tinha ali um, um salão ali de festa, né. Aí depois foi construído o CTG. Primeiro era o CTG, esse salão de festa ali na BR. Aniversário, assim, não tinha, não tinha, na época não tinha muito, não tinha diversão assim, né. Algumas lanchonete, no começo, né.

E quando seus pais faleceram aí vocês deram continuidade ao trabalho iniciado por eles?

Ele: Já, já uns treis ano. É, as minhas irmã, eu tinha duas irmã aqui, foram embora, né, e, foram embora, e eu fiquei. Uma irmã minha, a mais velha, foi embora, e a mais nova, porque o marido

dela tinha fazenda na BR 80, ficou mais pra lá, e eu dei continuidade de mexê nos mato e toda vida eu trabalhei em fazenda, né. Na época trabalhava abrindo fazenda pros outro. E dei continuidade, fui trabalhando, depois a minha irmã mais nova faleceu e a mais velha tá em Goiânia. E meu pai, na época, tinha comdo uma área de terra, mas foi criada a reserva no Ronuro, que nessa época virou reserva, virou uma reserva ambiental.

Mas aí vocês foram indenizados?

Ele: Não, porque, porque não, o governo deu o direito de vendê também pra reposição. Agora pode ser vendido pra reposição. Mas eu já tinha vendido a minha na época que, antes de virá reserva, eu vendi. A minha irmã que ficô, né, mais deu o direito de vendê, o Governo Estadual deu o direito de vendê pra reposição. E daí eu casei.

Constituiu família aqui em Sinop?

Ele: Constituí família aqui em Sinop, tenho filhos e tudo, né.

E a sua esposa veio de que região?

Ele: Veio do Paraná, veio do Paraná também. Então casei, tenho filhos e tudo. Os filhos já, já, já sou avô, o filho já fazendo Direito, o outro fazendo Agronomia, tem o mais novinho, né, tá com 10 anos, vai fazer 10 anos.

Daquele início em Sinop, quando vocês vieram pra cá, o senhor se lembra de algum fato ou acontecimento interessante que o senhor possa relatar?

Ele: É, lembro sim, de avião atolá. Na época tinha um Búfalo, que veio trazê com, né. Tinha a Cobal, na época tinha a Cobal, a Cobal era um, era um armazém, uma, um do Governo, acho, né, um supermercado, é, é. Então vinha aí, vinha esse Búfalo trazê, trazia com de avião, porque as estrada não, no comecinho era muito boa, mas comecô a chovê e foi muita gente e choveu, não passava. Faltava, faltava, faltava com, faltava leite, leite ninho, faltava essas coisas assim pra criança, né, faltava, faltava mercadoria.

E esse era o único mercado que existia na época?

Ele: Não, não. Tinha o Gauchinho, que tinha o mercadinho dele, perto da Cobal, que era um dos primeiro o Gauchinho também, Gauchinho, que é o Amauri, tinha um mercado. Tinha também o seu Lindolfo. Aí tinha o, o que tinha mercado ali, é, tinha mercado, antes do Machado, é que depois virô Machado, mas antes do Machado tinha um pessoal, que eu não me lembro o nome deles agora, mas aí depois já veio o Machado, né. Mas um dos pioneiro em coms foi o Gauchinho, tinha ali a Cobal, né, e depois veio o Machado e veio outros. Na Cobal era preço bom; não era distribuído, era um negócio do Governo, era a Cobal, negócio do Governo, mas que eles tinham assistência diferente, já vinha, tinha esse avião que trazia, essas coisas assim, mas era tudo vendido.

De quanto em quanto tempo vinha esse avião?

Ele: Ah não, só na época da chuva, porque não tinha estrada. Toda vida as estradas foram boas, né, mais só que ficava ruim na época da chuva. Quando chovia e dava atoleiro é que daí que

tinha que vim o avião, mais isso foi assim no começo, que teve um, ali o mais difícil, né, mais é, é, não, não era direto que precisava. Um ano ali que mais, mais difícil.

Até que ano a Cobal existiu em Sinop?

Ele: A Cobal, ela existiu até, até 78, até 78, é, ela veio, no início ali já veio. Ela veio porque houve a necessidade de, de tê um apoio assim, né. Então já veio junto ali pra dá mais uma assistência melhor, né. Ah, e tinha um alto-falante na cidade que avisava quando as pessoas chegavam, quando faltava gás ele avisava também.

Como se fosse uma rádio?

Ele: É, porque na época não tinha telefone, não tinha nada, né, aí avisava, tinha, era tipo uma rádio; era um, um tipo de uma rádio com microfone e aí falava. Quando já tava mais, mais que já tinha o rádio também já aqui ou quando tinha notícia de fora avisava, na Colonizadora também, né, falava no rádio, rádio amador. Quando minha mãe faleceu avisaram pelo rádio amador. Aí, aí, né, foram avisá, porque na época não tinha telefone também. Mas era muito bom esse negócio do microfone ali, ali falava, avisava. Tinha o cinema na época.

E Igreja, já tinha Igreja quando o senhor chegou?

Ele: Sim, já tinha. Não tinha a, assim, a Igreja tava, na época a Santo Antônio ali, né. No começo quando veio, já veio com os padre e foi. Não participei do começo, já tava mais adiantado um pouquinho, mais, Graças a Deus, Sinop foi bem, bem, e as Igreja participando muito, né. Na época a Santo Antônio já tava, mas depois foi mudando tudo, né. Na época era mais pequena, de madeira, e foi mudando, foi mudando. Aí já começou, mais pra frente, em 80, já começô a São Camilo, lá embaixo, foi na época. A primeira foi a Santo Antônio.

E o padre da época, o senhor lembra?

Ele: Na época, era o padre João, esse que faleceu. Tinha outros padre, mais lembro mais do padre João. O primeiro político na época, o primeiro prefeito foi o Sr. Osvaldo de Paula, né, que assumiu, né, aí depois o Geraldino Dal'Maso. O Sr. Osvaldo de Paula foi prefeito, como se fala? Criado, né, não foi eleito, aí veio o Geraldino. Na época veio o presidente Figueiredo.

Em que ano? O senhor lembra?

Ele: O Figueiredo foi em, acho que foi, foi, eu acho que foi em 79, em 78.

Aqui ainda era só uma clareira?

Ele: Era, era. Meu pai não tinha falecido ainda quando ele veio, meu pai faleceu em 79, em 78 ele veio aqui em Sinop. Ajudou a trazer a Usina de Álcool, ele ajudô, trazê a usina de Álcool pra cá. Na época houve muito incentivo da parte dele, né. Do governo do Estado, do presidente da República que, que teve ia ajudando e tal.

Então o senhor, no início, trabalhava só com derrubada?

Ele: É, formando pasto também, plantava também, mas não, não, naquela época não tinha lavoura, né, assim grande que nem hoje, né. Naquela época a lavoura era tudo pequena. Aqui em Sinop, na época, além do café, plantô, quando começô a Usina, começô a plantá mandioca.

Tinha lavora de café na época, aqui do lado do cemitério tinha bastante café. Depois do café aí veio a mandioca. O café não, não deu certo, a mandioca também não deu certo; muita gente perdeu muito dinheiro, ficou muito endividado, com problema da mandioca, né. Aí muita gente chegou até a ir embora, né, muitos. Uns porque não deu certo então, né, o sofrimento foi muito grande, mais também foi, uns ganhô, outros perdeu, mais foi, foi, valeu a pena, né.

O senhor trabalhou com gado também?

Ele: É, mexia com gado, com gado. Plantava mesmo só pras criação, o milho, né, arroz se plantasse você colhia no cutelo, com ferro, ia cortando.

Cutelo é o que?

Ele: Cutelo é um, pra cortar o arroz, né. Plantava pouco e aí batia na banca, batia ele numa banca, tipo uma mesa, só com vara assim, você bate o arroz e cai os grãos embaixo num pano.

Ah, é um jeito bem artesanal de fazer.

Ele: É, é, então fazia mais só pra comê, né. Então lavoura era pequena, nesse sentido. Aí, as lavoura veio vindo mais quando veio o pessoal do Sul. Veio vindo pra, pra, pra Mutum, Lucas, Sorriso, mais uns anos aí começô; lá começô primeiro do que pra cá. Aqui era só mato e serraria, né; foi mais devagar começando a lavoura aqui e hoje aqui lavoura já tá bastante também.

E o senhor nunca pensou em voltar?

Ele: Eu pensei, assim, pensei, até uma vez eu e minha esposa fomos pra lá, mas não, não, não tem mais assim, não.

Agora não mais?

Ele: Não, não, não. A gente já se sente diferente. A própria cidade, assim, que, quando fala, assim, Goiânia, nós falava em Goiânia e tal, é uma boa cidade, né, mais a gente falava Goiânia! Aí hoje eu chego, chegá em Goiânia, chego no centro da cidade, é, tá aquela mesma coisa, aquelas casinha exprimida, aquelas coisa. Quando você chega em Cuiabá, no centro, é muito diferente, aqui crescendo, né, lá você sente, assim, parece que tá tudo exprimido, né, e aquela vida diferente, aqui você tem uma outra vida.

Hoje o senhor já se apaixonou então por Sinop?

Ele: Ah, já sim, sim. Não tem nem como ir embora mais. Risos...

E o clima aqui, no início, era diferente do de hoje?

Ele: É, é, é, chovia mais, chovia mais, é, o clima era bem diferente, seis meis de chuva, seis meis de sol. Na chuva era chuva mesmo, chovia muito mesmo. Tinha vez que aconteceu de a gente tá num lugar e chovê, tava numa fazenda onde eu trabalhava na região, as pessoas vinham, tinha que descê o avião lá e não podia descê, porque ficava treis, quatro dia só chovendo e não podia descê o avião. Chovia bastante. Que nem no caso que eu tô falando, naquela época tinha, que vinha o avião trazê com, né, aqui pra cidade, o avião do exército, o

Búfalo, então não podia o avião voá ir embora. Tinha que esperá ali dá uma limpada, se ajeitá, porque era lama, chovia mesmo; era seis meis de chuva e seis meis de sol.

E desde o começo já se enfrentava problemas com fumaça, queimadas por aqui?

Ele: Não era tanta. No começo a gente não notava tanto porque não, foi indo devagar. Mais chegou uma época que tava demais.

Pior do que hoje?

Ele: Era pior do que hoje. Hoje já mudou muito, né. Mais, ixi, não, teve uma época aqui que, nossa Senhora! Esse ano foi um ano muito, muito, com muita fumaça, mais não era tanto. Teve umas época que tava demais, muita queimada. Foi diminuindo e agora, esse ano, já atacou um pouco, eu vi bastante queimada ainda, nessas cidade vizinhas ali, muita queimada, mais diminuiu muito.

E o senhor se lembra de algumas expressões, algumas palavras que eram faladas em Goiás e que não se falavam por aqui?

Ele: Ah, sim. Eu mesmo mudei muito o tipo de falá, né, porque minha esposa é do Sul, né. Então lá a gente falava mais manso, mais... e mudô muito o jeito de, de ...Que nem agora eu tava lá em Goiás, visitá uns parente, totalmente diferente de falá, né. Então eu ticamente mudei o jeito de falá total, assim. É, mudô totalmente assim, é,é, um jeito totalmente diferente.

E a escolaridade do senhor?

Ele: É, eu tô fazendo esse, o EJA, tô terminando o segundo grau, no último ano, só tá faltando uma matéria pra, pra, é química, né. Antes eu tinha feito lá, tinha mais ou menos até a sexta, a sétima, até a sexta.

Aí o senhor veio e parou de estudar?

Ele: Vim e parei, é. Não tinha escola, é. Então, quando eu casei, minha esposa também parô, aí depois ela continuou e já se formô, né, fez faculdade e tudo, pós-graduação, e eu tô fazendo segundo grau, vou vê se eu termino.

E o que foi que motivou o senhor a querer voltar a estudar?

Ele: A gente vê a faculdade, as coisa, né, aqui tudo pertinho, todo mundo estudando, é bonito, né. A facilidade hoje de nós, de, de formá aqui tá muito boa, né. Então, quando a gente vê tudo isso, então não vou terminá? Nem que não, faculdade não, pelo menos terminá o segundo grau, né.

O senhor pensa em mudar de profissão ainda?

Ele: Olha, talvez sim. Se, se, se eu der conta de fazê faculdade eu posso até pará de segui mato. Talvez pensá em, em alguma outra profissão na cidade, né.

Seu Pedro, o senhor quer contar mais alguma história da época, do início?

Ele: Olha, é, é, o que eu sinto, assim, na época a gente sofreu muito, né, quando veio, né, mais todo mundo, assim, foi lucrativo, lucrativo, assim, Graças a Deus, a cidade cresceu, assim, com

o pessoal, todo mundo, uma comunidade feliz, um pessoal muito trabalhador, tudo em família assim, né.

As pessoas se ajudavam muito no início?

Ele: Se ajudava muito. É, é, então, é, se ajudava, um pessoal que só pensou em trabalhá. Têm muitos que talvez não vê assim, mas de uma forma ou de outra, é, tudo, tudo um povo trabalhador que veio buscá um futuro, né. Muitos voltô, mais, mais a maioria aí, assim, conseguiu e tá tudo bem. Enfrentô dificuldade, não foi fácil. Na época, pra estudá os filho, naquela época, só estudô quem tinha um poder melhor, estud, assim, um curso superior, né, porque, na época, tinha que mandá pra fora e tudo, mais... é, é, aí já foi indo, né, e, e, mais foi rápido, porque Sinop tá nova, tá com, com... então foi rápido, assim, pras coisa i, i, né, hoje tá aí, essas coisa que a gente vê, faculdade e tudo, quase nem deu pra perceber. A gente tava aqui dentro e a gente comenta que tá aqui convivendo e junto assim. Tem hora que a gente fala, *puxa vida, mas o que é isso?*

O senhor mora nessa casa desde que mudou para cá?

Não, não. Isso tem, tem, aqui nesse lugar, aqui, acho que tem uns 12 ano. Mas morei em duas casa, ticamente em duas casa só, assim, com a minha esposa, né. Morei em três casas, uma com meu pai e minha mãe, uma quando eu casei, que vendi, e essa aqui agora; três casa.

Seu Pedro, agradeço muito a atenção do senhor e a contribuição para a minha pesquisa.

Ele: Eu que agradeço!

Transcrições da cidade de Cláudia

17- IDENTIFICAÇÃO:

Sigla: C17 M

Idade: 62 anos

Sexo: masculino

Estado civil: casado

Número de filhos: 1 filho e 2 filhas (2 filhos nascidos no Paraná e uma filha nascida em Cláudia/MT)

Profissão: agricultor

Escolaridade: quarta série do Ensino Fundamental

Naturalidade: nasceu em Videira, no Estado de Santa Catarina

Descendência: italiana

Local em que residia antes da migração: Chopinzinho – PR

Em que ano e com que idade chegou a esta cidade: 1979, com 31 anos

Data e duração da entrevista: 12 de set. de 2010; 29min.

Seu Gerson, o senhor tem quantos anos?

Ele: 62

Vocês estão aqui em Cláudia desde quando e o que fez vocês virem pra cá?

Ela: A ilusão. Risos, muitos risos... A ilusão, as maderá grossa. Risos... Primeiro eu vim visitá treis vezes, duas vezes em Cláudia e uma vez em Sinop.

Isso em que ano?

Ele: Em setenta e ... em que ano que a Maninha nasceu? Foi no ano em que a maninha nasceu, em 76, em 76, em 76, é, primeira vez que eu vim até Sinop, né. Depois vim a, duas vezes em Cláudia. Eu vim até Sinop, eu não gostei de Sinop, vim em fevereiro, no tempo da chubarada, e tinha até trator de esteira atolado em cima, na água, no baro. Eles tinha, tavam abrindo rua e tempo da chubarada e o trator não saiu do lugar, porque tinha que deixar ali pra enxugar um pouco pra tirá o trator de esteira. Não é história, não é, vamos supor, como se diz, lenda não!? É coisa verdadeira. Eu tenho até fotografia ali, não, pra onde foi aquelas fotografia? Em Sinop tinha trinta casas, trinta casa construída. E daí em 79 vim aqui em Cláudia, daí viemo aqui, o terreno era diferente, mais, menos areia, parecia menos brejo, né, daí compremo a área.

Quantas famílias já tinham aqui quando vocês chegaram?

Ele: Treze, treze casa, né. Tinha mais família, mais tava acampado em volta da ça, que era puro mato ainda. Nós tinha uma casa já arrumada, né, já construída, a família não tava morando aqui ainda. Então, uma casa alugada.

E vocês vieram de que lugar antes de mudar para Cláudia?

Ele: Chupinzinho, no Paraná.

Qual é a descendência do senhor?

Ele: Italiano

O senhor nasceu no Paraná?

Ele: Não, eu so natural de Santa Catarina, Videira.

Foram as propagandas daqui que estimularam vocês a virem pra cá?

Ele: Tinha o corretor, né, que existia naquela época e trazia o povo de lá pra cá. Ouvimo na rádio assim. É aquela ânsia de conhecê um lugar novo, né, e *vamo pro Mato Grosso, vamo pro Mato Grosso* e a gente paremo aqui, né.

E o senhor veio pra fazer o que aqui em Cláudia?

Ele: Ah, eu vim pra tocá indústria, né, até truxe fábrica de móveis, de beneficiamento de madeira, negócio assim. Naqueles tempo não tinha serviço, não tinha móveis pra fazê, fazê pra quem móveis? Daí, quando voltei pro Sul, em 85, vendi, vendi a fábrica de móveis.

O senhor trabalhava com móveis lá no Sul?

Ele: Na roça, na roça. E uma, não tinha muita experiência, nada de experiência, daí de lá pra cá sempre na roça. Era muito difícil, né. Plantá milho não dava nada, é que a gente não tinha experiência. Muita gente plantô o café, mais nós não, era do Sul e plantemo aquela mandioca pra Agroquímica, mas foi plantando, né, e tava meio ruim, só trabalhá e não sobrava nada. É, arancá mandioca na roça de mato não é fácil não, porque a raiz da mandioca vai por baixo da raiz da árvore, né, aí arebentava, tinha que pegá o enxadão pra arancá. E daí a gente tinha que enchê aqueles cesto, aquele balaio!

E pra vender o produto só havia a Agroquímica?

Ele: Era só pra ela, só pra Agroquímica, né, e quando tem um comdor só não tem a concorrência, aí eles ponhava aquele preço e tinha que entregá. Você vai fazer o quê com 7, 8, 9, 10, 12 alqueire de mandioca ali pra arancá? Você vai fazê o quê? Não tinha... pra tratá. Então tinha que vendê pra eles, ih, quantas gente deixô apodrecê mandioca por causa, não compensava arrancá.

Era muito esforço pra pouco lucro.

Ele: Sim, sim, pra pouca renda, né.

Então vocês passaram por muitas dificuldades no início?

Ele: Nossa, isso ali oh, quanto choro! Quantas pedidas! As criança pedia as coisa, não tinha. Você não tinha lata de óleo, você não tinha... tinha os trazidos do Sul, né, mas acabou. O açúcar, no tempo da chubarada, você tinha que colocá na teleira por atrais daquele fogão à lenha (apontando), pra enxugá bem, a farinha também embolava tudo, a umidade, né. Aí, quando que a gente plantô os pé de abobrinha, que deu umas abobrinha, a turma invadia, comeu, porque não tinha outra mistura, mistura era só na Sinop que tinha. Na Sinop pra ir lá demorava treis dia, no tempo da chuva, pra i e treis dia pra voltá.

Então vocês dividiam entre os moradores o que vocês colhiam?

Ele: A gente repartia, né. E quando vinha as pessoas em casa, assim, pedi, a gente pegava e dava abobrinha. Nossa, a mulher fazia um afogado! Ih, isso ali puxava de cariola, de balde. Água, longe a gente ia pegá pra bebê. Não tinha poço, tinha um poço ali perto donde que é o Hotel da Brigitte ali, fazia aqueles bando, aquelas roda, fila pra pegá água, né. Aí depois teve um cara que ia tomá banho lá dentro da caixa de água e nós tomava aquela água. Risos... Aconteceu isso ali, é verdade. Só que aquele negão, negão, (risos...), aquele a turma descobriu, ele sumiu, a gente ia tomá água e tinha aquele gosto de sabonete, sim, ele ia de noite tomá banho. Aí a turma queria descacá ele, porque o único meio de a gente pegá água era ali e ele ia tomá banho dentro das caixa de água. Ah, depois ele foi até embora de Cláudia. Fizeram uma armação de itaúba, de itaúba grande, né, uma armação com as caixa de água, né, acho que tinha seis caixa de água dentro. Aí ligavam o motor uma vez por dia, né.

Ah, energia elétrica não havia logo no início?

Ele: Não tinha energia, demorô quantos ano pra nós tê energia, acho que seis ano. Daí era racionada, racionamento, seis hora por dia, seis hora por dia! Ah, e tinha tal hora, você podia se

preveni com água, com coisa assim. Geladeira não adiantava, porque desligava a luz e desligava tudo, descongelava, né. Aí, mais ou menos em 86, é, foi o ano que a Naná nasceu, isso, em 86, veio a energia pra nós. Ah, se você quisé, pode entrevistá a Elci Kurt. Tem a Alice Schima, que eles também são os pionero daqui, né.

Já estavam aqui quando vocês chegaram?

Ele: Sim, quando nós chegamo.

Então vocês tiveram filhos nascidos em Cláudia?

Ele: Sim, a minha caçula sim. Ela fez 24 ano agora em março. Depois de seis ano que nós tava aqui. Ela ainda mora em Cláudia. Ela morô em Sinop também, fez faculdade e agora é professora aqui da Estadual, dá aula ali.

E, logo no início, vocês enfrentaram problemas com animais, como cobras, onças?

Ele: Eu tenho trauma de ir no mato por causo disso ali. Paca vinha em roda de casa, durante o dia mesmo, quantas vez nós vimo durante o dia. Numa tarde, anoitecia, ninguém saía fora da casa não. Os cachorro mesmo, a casa era de soalho, né, e muitas vez os cachorro não saía debaixo da ... a onça tentô umas par de vez vim pegá o cachorro debaixo da casa, porque a onça perseguia, persegue o cachorro, e um dia, ao anoitecê, a onça saiu atrás de um cachorro e o cachorro veio e se botô debaixo da casa e nós tava numa arinha na frente assim, na boca da noite, aí a onça, quando se deu com nós, ela voltô e o cachorro escapô debaixo da casa.

E cobra tinha?

Ele: Cobra tinha e tem, mais é sucuri no rio, mas a gente não dava tanta importância, né, porque sabia que não fazia nada. Mais é, no mato, é a bico-de-jácaro, matava muita cobra. É a cobra mais venenosa que tem aqui nesta região, é o bico-de-jácaro.

E com relação à saúde, vocês chegaram a passar algum momento difícil?

Ele: Naquela época tinha dois médico ali, mas era assim precário, né. Como é que diz o outro, quebra um galho, né.

Já no início tinham dois médicos?

Ele: Em 81 eles vieram. Em 80 só tinha a farmácia do seu Aurélio, só ali da dona Jaci, só, só.

A própria Colonizadora dava assistência pra vocês aqui no começo?

Ele: Não. A única coisa que eles incentivaram foi plantá a mandioca. Negócio de muda, assim, nós tinha uns conhecido que tinha carro e ia pra Colíder buscá muda de banana, de abacaxi, de mandioca e era pago, não era assim... uma muda de abacaxi naquela época era mais ou menos um valor hoje de 20 reais, mais ou menos. E vaca de leite, precisava um pouco de leite pra remédio, porque não tinha, até no terceiro ano, ali pra frente começô aparecê alguma vaca. Não tinha trato, não tinha capim plantado, não tinha nada.

Então, no início, leite não tinha?

Ele: Não tinha. Aqui onde que é o posto aqui, Veneza, né, esse aqui embaixo aqui, ali da dona Jaci, ali pra baixo aqui, era tudo mato, tudo mato. Só tinha o desmate do cemitério, só, só, o resto era só mato, só mato.

Então, logo que vocês chegaram, iniciou-se o desmatamento?

Ele: É, mas o fogo não queimava naquela época porque era muito fechado de mato, ponhava fogo não queimava, queimava só no meio e na bera do mato não queimava. Agora que começô, oito, dez ano pra cá que começô o fogo andá no mato. A gente torcia tudo, dava graças a Deus que queimasse um pouco pra... o fogo não andava pro mato, acho que por causa da umidade, né.

E pra chegar até aqui quando vocês vieram, levaram muitos dias? A viagem foi difícil?

Ele: Cinco dia, do Paraná até aqui, cinco dia. Só que de Cuiabá pra cá era estrada de chão, né, só que não tava ruim a estrada não, eles tinham arecém patrolado, né, e tava boa até a estrada. Nós viemo em 4, 5, 6, 7, com o nenezinho dentro da Brasília, né, nós tinha Brasília, viemo em sete. Minha irmã, nossa! Esperemo ela saí de dieta. Ela tinha nenezinho novo, esperemo ela saí de dieta, daí ela veio com nós dentro do carro fechado.

A mudança veio separada então?

Ele: A mudança veio separada. Nós viemo em treis família, em treis irmão junto, né. A mudança, a mudança demorô sete dia pra chegá. Nós chegamo antes da mudança.

E vocês todos já vieram tendo casa pra morar?

Ele: Sim, nós, que nem nós treis irmão já tinha, porque daí, nós e outro irmão moramo na mesma casa. Repartimo guarda-roupa e guarda-louça veio, moremo duas família numa casa, com dois quarto e a cozinha, só cozinha. Daí repartimo, fizemo ... não tinha patente, pra você fazê necessidade tinha que ir pro mato, pra tomá banho era no mato, tudinho assim. Isso que nós infretemo aqui.

Tem foto dessa época?

Ele: Tem. Só que não tem de tudo as coisa, a gente tinha máquina pra tirá, só que nós não ficava ali tirando tudo que é ‘peido’ que viesse, né. Risos...

E carne tinha logo no início?

Ele: Não tinha, né, açogue de carne, né. Às vez passava noventa dias sem tê carne. O gado, de fora, o açoguero ia pegá e ele tinha um toco de castanha, no meio assim tinha o açogue assim, bem em cima dum toco de... o toco ficô dentro da posição, era quadradinho assim e aquele toco era a mesa de cortá carne. Não tinha serra pra cortá o osso assim e era no machado. Ponhava a carne em cima, às vez ponhava o pernil do boi em cima pra cortá, aí um segurava aqui e outro lá, e outro no machado pra quebrá, cortá o osso. Teve uma vez que seguraram mal e caiu fora, daí só pegava aquela carne, só passava a mão, tirava aquela terra assim e *quem qué esse?* “Eu quero esse, eu quero esse”, e, no final, no fim não sobrava carne, e ainda aqueles mais último não ganhava carne.

Mas então vocês caçavam muito na época?

Ele: É. Mas também só carne de caça não... e peixe, peixe, naquela época tinha bastante peixe, jacaré. Nossa, o que a gente comia de jacaré, era bem...agora peixe, a gente injoava de... fritava e ponhava no vinagre, né.

Ah, isso por que ainda não havia geladeira?

Ele: É, não tinha geladeira, você tinha que comê que nem uns cachorro. Risos... a gente tinha que comê... dois, três dia, tu matava um bichinho no mato, então aquilo tinha que comê logo. Ah, nós truxemo 101 peça de queijo do Paraná. Tudo queijo grande assim, bem curado. Pois daí não é que deu aquele caruncho, sabe, as traça, e estragô tudo, estragô, a maioria estragô. Caruncho tudo, né. Não tinha onde guardá.

E não deu vontade de ir embora, voltar, muitas vezes?

Ele: Quantas vez que nós falava à noite assim, nós tinha só um casal de filho primeiro, né, mais daí nós não tinha, não tinha, não tinha condição de voltá pra trais. Não tinha, não tinha “esse” (gesto) pra nós podê pegá o ônibus pra ir embora. Mais quantas vezes! Não sei pra onde, mais nós tinha ido. Risos...

Vocês venderam tudo o que vocês tinham no Paraná e investiram aqui?

Ele: Tudo, tudo, tudo, tudo. Desde o que nós tinha dentro de casa, a maioria nós vendemo, deixemo lá dentro da casa e tudo, né, e investimo aqui. Aí nós chega aqui, ali 1 ano, 2 ano nós fiquemo sem nada, nem aonde morá, comemo tudo fora.

Então foi bem difícil?

Ele: É. É verdade. Aí nós tivemo que começá tudo da estaca zero. Eu não sei que mistério tem aqui. Quem veio às vez só de mala e cuia, como se diz, levantaram, foram embora, veio aqui zero e subiram na vida e quem veio, vem estabelecido bem, aqueles que... eu conheço família aqui, que nem os Pitom, o que que os Pitom fizeram até hoje! Ah, muitas gente que vieram bem de situação aqui e não deu ... acho que não vinga, né. As coisa meio... trabalha meio, assim, com aquela intenção de i embora, acho que não, não... só pensava em i embora. E otra, tinha dia, tinha dias que você escutava a galinha cantá e o almoço tava pra chegá e corria lá no galinheiro vê se não tinha botado ovo, né.

Ah, vocês chegaram a passar necessidade então, fome?

Ele: Fome não, né, mais necessidade nós passamo. Esperá a galinha botá ovo pra misturá com o feijãozinho... no início foi difícil, meu Deus! Pro cê arumá um pé de verdura! A gente achava que plantá ali dasse, né, a tera era muita areia, a gente não tinha pratica, não tinha esterco, não tinha nada. Hoje não, a gente aprendeu a vivê, aprendeu a plantá as coisa. É, a tera era muito acidero no começo, muito mato, né, porque nem o milho não saía, não, não saía porque você ia em volta, assim, onde dava aquele vão, nem a boneca não saía.

Tinha que ter adubo, mas não havia na região.

Ele: É, é, tinha que queimá mais a terra, porque muita acidez, muito ramado de raiz embaixo. Não dava pra plantá, era pura raiz.

E hoje, a terra já está melhor?

Ele: Hoje já... a gente pode derubá um mato e plantá...acho que é o clima, né, e a acidez... a Colonizadora, ela troxe a gente e vire-se aqui, se vire se quisé vivê, nem as muda ela não deu. E aqui foi muito difícil, era difícil também a água, porque não é cada chácara, cada sítio que tem água, né. Que nem nós, aqui mesmo, é tudo de poço. Na cidade também tem, vai que nem balde de 24, 25 metros de fundura um poço. Tira tudo manual. Daí um dia chegô o padre Kium, japoneis, que era o pároco, primero pároco fora o João Salarini, né, padre João Salarini, né. O padre Kium, japonês, agora ele mora no Japão, daí, quando passô Paróquia aqui, ele foi o primero pároco nosso, né. Daí um dia ele chegô em casa, que nós morava na cidade e a gente tava furando poço, eu lá embaixo no poço e minha mulher puxava latão de tera lá em cima, só nós dois, só imagima! Aí ele chegô e falô assim pra mulher, *mas deve gostá muito desse marido ali, porque senão era 'tchum', um latão de tera em cima dele*. Risos... É porque a necessidade de tomá água era mais. Sabe o que que nós fazia de lá embaixo? Pnhava dentro de um tonel, que nem esse dali (apontando), e aí dali eu trepava na escada em cima da caixa de água e alcançava os balde por lá, pra i nos banheiro daí. Nós fazia isso. Não tinha bomba. Tudo manual. Pra depois você ir lá e 'tchum', de escada embora água, né.

E quando as coisas começaram a melhorar para vocês?

Ele: Foi até em 87, 88, que veio energia daí, daí regulô, né. Daí depois que veio energia, apesar que ainda tinha um pouco de racionamento, mas você controlava tudo, né.

Seu Gerson, o senhor se lembra de mais algum caso ou história interessante que aconteceu com vocês logo que chegaram aqui?

Ele: Acontecia sim, bastante. No começo tinha uma vaca que tava pra criá, a onça tava de olho ali, a vaca criô e já pegô o bezero. E teve uma vez que a onça coreu atrais de mim. Foi um fato que eu tava sozinho, né, no mato, eu e meu irmão, aquele de bigode. E a onça piava tipo na rua atrais de você, quando que eu virei pra traís ela tava pra... aí eu cori.

Muito bem, seu Gerson, fico muito agradecida pela sua entrevista e pela contribuição com a minha pesquisa.

Ele: a satisfação foi minha.

18- IDENTIFICAÇÃO:

Sigla: C18 M

Idade: 51 anos

Sexo: masculino

Estado civil: casado

Número de filhos: duas filhas (nascidas em Cláudia)

Profissão: operador de máquina pá-carregadeira

Escolaridade: quinta série do Ensino Fundamental

Naturalidade: nasceu em Francisco Beltrão, no Estado do Paraná

Descendência: alemã e italiana

Local em que residia antes da migração: Chopinzinho– PR

Em que ano e com que idade chegou a esta cidade: set. de 1978, com 20 anos

Data e duração da entrevista: 12 de set. de 2010; 25min.

Seu Renato, eu gostaria que o senhor contasse como foi a vinda de vocês para Cláudia.

Ele: É que nem, no caso, nós viemo, a primeira casa nós fizemo ali onde que é do Nelson hoje, né. Daí pegamo madeira na Iracema, lá, que hoje é Iracema, antes era Sinsal; era Careli. Aí nós busquemo madeira, daí derubemo e fizemo a casa ali.

E por que vocês vieram pra cá? O que trouxe vocês pra cá?

Ele: O falecido pai veio de Kombi com o falecido cabo, né, que veio até em Sinop, depois veio de lá pra cá com a Kombi. Daí ele se interessô. Daí o falecido pai voltô, daí ele falô *oh, vamo lá pro Mato Grosso, que lá é madeira boa, vamo pra lá*. Daí viemo, né.

Isso em que ano?

Ele: Faiz...eu vim com 20 ano. Vô fazê agora, dia 27 agora, vô fazê 51.

E de que lugar do Paraná vocês vieram?

Ele: Nós viemo, nós viemo lá de Chupinzinho.

E qual é a descendência do senhor?

Ele: Nós era alemão com italiano.

E a naturalidade do senhor?

Ele: Eu nasci ali memo no Paraná. Nasci lá. Nasci em Francisco Beltrão. Naquele tempo Francisco Beltrão era Marecos. Risos... Daí virô Francisco Beltão.

E vocês vieram pra cá com que propósito?

Ele: Primeiro pra plantá café. Plantô, plantô ali na esquina ali, onde que vai pra Lucas, ali na esquina. Daí nós viemo ali, daí meu pai destocô, aí eu fui viajá, eu viajei 8 ano. Daí meu irmão veio, que trabalha na Prefeitura, oVeião, meu irmão. É, daí ele veio com a mudança, daí ele trouxe a mudança com minha irmã, daí voltaram. Daí ele veio sozinho com mala e a piazzada dele.

E quando vocês chegaram aqui já tinha o quê?

Ele: Nada, nada, nada, nada. Não, não, só tinha aquela estrada lá, aquela estrada que desce lá e aquela avenida ali atrais. Não tinha mais nada.

E qual foi a sensação de vocês ao chegarem aqui e ter só uma pequena clareira aberta no meio do mato?

Ele: Quando meu irmão chegô eu fiquei treis dia em Sinop sem comê, sem dinheiro. Eu dormi no pé da bomba, eu choro até hoje (fica emocionado)... no pé da bomba (posto de combustível).

Não tinha, né, como vim pra cá. Eu tinha ido em Sinop compra café que tinha acabado aqui, daí não tinha pra vim pra cá.

Quantos dias vocês levaram pra chegar até aqui do Paraná?

Ele: Nós levamos seis dia. Nós viemos com a Rural reformadinha e tudo, né. Daí viemos embora. Daí logo meu pai faleceu. Eu tava viajando, né, daí o meu irmão tava lá e falou, *pai*, ele tava dormindo na hora de meio dia, daí ele falou *pai, oh, acabou a derubada de árvore, tem mais uma chácara pra derubá, daí, se o senhor quer ver a derubada, tá pronto lá*. Daí ele acordô, pegô e foi, daí caiu um galho e matô ele. Eu tava em Cuiabá, daí peguei o avião e vim.

O Senhor disse que foi a Sinop comr café. Ainda não tinha mercado aqui?

Ele: Naquela época só tinha a Cobal. Não tinha mercado, era só Cobal, era do Governo, entendeu? Era do Governo, era a Cobal e só lá em Sinop. Comva lá e acabô.

Então todas as cidades menores iam buscar mantimento lá?

Ele: É, é, em Sinop, na Cobal.

Vocês chegaram a passar fome?

Ele: Passá fome não, nós dava um jeito. Quebrava a camionete na estrada quando ia na falecida mãe, quando nós vinha. À meia noite às vezes nós vinha e quebrava e dava um jeito daí. Eu dormia dentro da camioneta, em cima de feijão, arrois, trazia essas coisa.

No início vocês comram uma área de terra da Colonizadora?

Ele: É, o pai comprô. Naquela época quem comva 5 alquere, você comva 5 alquere e ganhava um lote. Ali embaixo, ali, vocês sabem onde é do Nelson lá? Onde que é hoje, eles têm o açougue lá, aqui na esquina. Daí, então, o pai comprô 10 alquere da Colonizadora, então ganhava 2 lote; era 5 por 1, 1 lote por 5 alquere.

E tantos os alqueires quanto os lotes cheios de mato?

Ele: Cheio de mato, era cheio de mato. É, daí nós peguemos 2 lá, né, aí o pai falô assim *oh, tu pega 5 alqueire de terra pra ti e pega 1 lote pra ti, que eles vai dá, ali no compadre, uma área pequena; eles sabe onde que é, ali na esquina*. E daí, então, tava derrubando o mato ali e já tinha plantado um pouco de café.

E vocês construíram casa logo que chegaram?

Ele: O falecido pai ia buscá madeira 40 quilômetro, na Iracema, sabe, onde seu Paulo lá? Lá, lá, nós fomos buscá madeira lá pra fazê a casa aqui. Lá, naquela serraria lá, e fomos lá buscá madeira, lá. Aí meu irmão chegô, encostô o caminhão e falô *o que vocês tão fazendo aí?* Com a mudança e tudo, né. E nós mostremo o que já tinha construído, até tinha fundido a motoserra, fizemos muita coisa no machado daí. Aí fomos pra Sinop e comemos Eternit e tal, daí o cara troxe num caminhãozinho, num mercedinho, e falô *oh, tu vai trabalhá comigo!* “Nada, eu não vou largá meu pai aqui não”; *Ah, vai, vai trabalhá comigo!* “Então tá bom”, aceitei, porque meu irmão já tinha chegado, né. Ele troxe até lata de banha com carne, ainda bem, porque nós tava meio brejado já. Ah, quando chegamos, eu e o pai, e não tinha onde ficá, aí eu rebentei lá a

porta do escritório da Colonizadora, pra nós dormi lá dentro. O pai tinha perguntado *nóis vai dormi aonde, no bar da Castanhera?* Digo não! Batemo nas porta, aí arebentei. Daí o falecido cabo chegô e falô *tão dormindo aí?* Falei, *nóis tá aí oh. Peguemo uns gaio, vari e temo dormindo aqui dentro e não tem boca, não tem boca!*

Além do escritório da Colonizadora, o que mais já tinha aqui em Cláudia quando vocês chegaram?

Ele: O Cruzeiro, ali perto do escritório da Colonizadora era o Cruzeiro.

O senhor tem fotos dessa época, desse início de fundação de Cláudia?

Ele: Não tem. A falecida mãe tinha e foi entregando. Daí ponhavam lá no rodeio. Ah, logo no início que nós tava aqui não tinha polícia, não tinha nada. E ali na avenida, ali, que é avenida hoje, era mato. E se a senhora visse como eu era! Barbudo, cabeludo, com a, com a, com a cartuchera assim, um revólver no lado, uma espingarda nas costa, um facão. É, naquela época nós andava assim, era puro mato.

Ah, era perigoso aqui então?

Ele: Perigo de nada! Só que fazia por. a minha irmã tirô até foto. Era só por... é que não tinha polícia, nada. Só que era bom de vivê, bom de vivê, só que era difícil, né. Tinha uma serraria que eles montaram ali em cima, daí eles tinham que bombear água lá de baixo até lá em cima, né. E pra você vê, o primeiro homem que morreu aqui na Cláudia foi meu pai. Foi enterrado em Sinop. Pusemo os osso lá, pode i lá no cemitério que tá lá, tá lá junto com a falecida mãe lá. Ah, se você quisé pode intrevistá o Toni Banana, eles vieram primeiro que nós. O Toni Banana, o Hugo Banana, o falecido Zé Castanhera, eles, quando nós cheguelmo aqui, eles já tavam aí.

Ah, então já tinham moradores quando vocês chegaram.

Ele: Isso. O falecido Joaquim, o falecido Joaquim ele, eles foram pioneiros que vieram, foi eles. Depois nós cheguelmo. Cheguelmo, eu e o falecido pai. Aí chegou o falecido Zé Castanha, o primeiro homem das castanha ali. Ele subia em cima dos toco lá pra comê. Risos...

Ah, é por isso que se chamava Zé Castanha?

Ele: Ele era o homem das castanha. É que todo mundo saía pros baile, tudo, e em vez dele i ia pro meio do mato cortá castanha, por isso que o apelido é Zé Castanha. Aí eu abandonei eles, fui trabalhando pra fora.

No início havia incentivo para que se desmatasse?

Ele: O negócio foi o seguinte, vô falá uma coisa que é certo, quando nós viemo pra cá, ninguém chegô... eles venderam as tera pra nois, tu entendeu? Mais ninguém chegô e falô o seguinte *você tem que deixá 50 ou 100 metro sem derubá perto do córego*. Ninguém explicou pra ninguém que tinha que deixá e a turma foi desmatando e foi até dentro da água, tu entendeu? Ninguém avisô *oh, fulano, aqui é 100 metro, até aqui você não pode, derruba daqui pra lá*. Ninguém avisô ninguém. Por isso que tá acontecendo isso aí; faltando água, essas queimada, ninguém avisô, ninguém chegô e orientô a gente, nego chegava e tirava até dentro da água, entendeu?

Agora, hoje tá o problema, hoje tá o problema porque não tem água, tá secando a água, porque que tem que tem floresta, tudo. Olha, essa, essa floresta aí que a Brigitte tá reflorestando, ali a água, agora a nascente já é aqui oh (apontando), tu viu quanto cortô a nascente de lá, veio até aqui embaixo, tu entendeu? E ninguém sabia de nada e foi derrubando, foi limpando. Por isso que tem essa nascente ainda que tá protegida, é o não é?

É a interferência na natureza, né.

Ele: É. Ah, já falou com o Grigoletto, o Grigoletto? Pergunta pro Gentil Grigoletto quem que trouxe eles aqui. O falecido pai veio e voltô e falô com eles, aí vieram pra cá, o Gentil e o Livino Grigoletto, Oscar Grigoletto. O Cassime também, o Osvaldo Cassime, eles vieram por causa do falecido pai. Chegô e falô que a coisa lá era boa, *então vamo embora*. Risos...

Então ajudou a fazer propaganda pra Colonizadora. Risos...

Ele: Pergunta pra eles do Schimdt, pergunta pelo Schimdt, se não foi o falecido pai. O pai tava aqui já, que depois eles vieram vê e comram as terra tudo.

E como era a comunicação naquela época?

Ele: Era só por rádio amador.

O senhor se lembra de alguma história, algum fato interessante que o senhor queira contar.

Ele: Foi sofrido, mas foi divertido. Risos... Eu consegui casa aqui e fazê duas filha. Risos... Quando eu voltei, terminei de viajá, eu vim com caminhão, né, aí eu troviei a minha mulher, era jovem. Risos...

Trovou? O que é troviar?

Ele: É, aluguei ela. Muitos risos... E ela não queria antes.

Ah, no começo foi difícil conquistá-la?

Ele: Foi devagarzinho, fomo na barragem, lá no meio do mato, vendo jogo de bola lá. Risos... Daí eu falei pra minha mãe *essa aí, vou pegá ela pra mim*. Risos... Ah, no início, depois de nós mexê com pau, derrubá pau e serrá pau (risos...) aí montemo açogue, tinha um mercadinho, daí montemo açogue, daí não deu certo. Aí separou a sociedade. Aí fomo lá pra montá seraria, aí fomo trabalhá no bar, aí fomo indo. Então daí o falecido cabo, eles mataram o cabo, né, ele era policial primeiro, ele ajudô a abri Sinop, Carmem, Vera, Cláudia, era o Manoel, Manoel, Manoel Agostinho, agora o sobrenome não lembro, Manoel Agostinho.

Ele trabalhava pra Colonizadora?

Ele: Sim. Atiraram na chácara dele, lá embaixo. Fizeram uma emboscada pra ele.

Ah é? Mas por alguma razão em específico?

Ele: É por causa de rolo de tera aí. Pegaram ele na tocaia, pegaram ele na tocaia quando ele saiu da chácara dele, ele abriu o portão e saiu, quando fechô o portão ele montô no caro, os cara pegaram ele por trais. Ele morava ali em cima. A cidade foi fundada por Enio Pipino. Então ele (o cabo) vinha pra vendê as tera. O nome das cidade foi ele (Enio) memo que ponhô, das filha,

da muié e tudo, né, o Enio Pipino que botô, de Cláudia, Vera, Sinop. As estrada aqui, Darlene, Elizabete...

Ah, as estradas têm nome de mulher também?

Ele: É, Elizabete, Darlene. Do sítio memo as estrada é tudo assim. O nome é tudo de muié. Tem uma que é prima dele, sobrinha dele, ele pegô assim o nome da família dele, nome das filha. Aí o falecido cabo, primeiro ele morava em Sinop, mas aí ele separô, brigô com a muié dele, daí ele comprô a chácara aqui e fez uma casinha de dois andar, daí pegaram ele na tocaia. Não sei que rolo foi, mas era por causa de terá, né.

E o senhor trabalha com o quê hoje?

Ele: Só minha irmã que deu certo com serraria. Eu e meu irmão tomo pior, que nem diz o Nadir, nós tomo pior, porco Dio! Ela tem serraria e nós somo pião da Prefeitura. Eu sou agora do, além de eu tê o serviço da Prefeitura, tô vazado.

Vazado! O que é vazado?

Ele: Tô sem nada! Risos...

Bem, seu Renato, muito obrigada por suas valiosas contribuições ao meu trabalho.

Ele: Se precisá, tomo sempre aqui na luta.

19- IDENTIFICAÇÃO:

Sigla: C19 F

Idade: 53 anos

Sexo: feminino

Estado civil: viúva

Número de filhos: um filho e duas filhas (uma filha nascida no Paraná e dois filhos nascidos em Cláudia)

Profissão: empresária

Escolaridade: quinta série do Ensino Fundamental

Naturalidade: nasceu em Francisco Beltrão, no Estado do Paraná

Descendência: alemã e italiana

Local em que residia antes da migração: São Luiz– PR

Em que ano e com que idade chegou a esta cidade: out. de 1978, com 21 anos

Data e duração da entrevista: 12 de set. de 2010; 32min.

Dona Marina, de onde a senhora veio antes de mudar para Cláudia?

Ela: Nós morava em São Luiz, no Paraná.

Qual é a descendência da senhora?

Ela: Alemão com italiano, mas nós morava sempre lá no Norte do Paraná.

Em que ano a senhora veio para Cláudia?

Ela: Nós chegemo em outubro de 1978. Nós viemo pra cá mesmo por causa que falavam que dava café, nosso intuito veio mesmo pra plantá café. Teve bastante plantio de café aqui, mais não deu por causa do clima, né, muito quente.

Quando a senhora chegou em Cláudia já tinha o quê aqui?

Ela: Só estrada e mato.

Vocês venderam tudo o que tinham no Paraná pra investir aqui?

Ela: Tudo, tudo. Aí, quando fez oito meis que nós tava aqui, daí meu pai tava fazendo uma derrubada, né, e caiu um galho na cabeça dele e matô ele, com oito meis que nós tava aqui.

E vocês passaram muitas dificuldades aqui no início?

Ela: Muitas. No tempo da chuva vinha mercadoria em Sinop com avião de carga, aí o leite, que nem se eu comva uma lata de leite eu tinha que levá meu documento, e um pacote de farinha. Era tudo pra tê um pouquinho pra cada um, era tudo racionado. Se eu pegasse demais daí faltava pra você. Cada família tinha direito pra pegá só um pouquinho, porque se eu pegasse a mais daí faltava pra outro. Sabe que era até bonito! Era controlado mesmo pra pegá até mercadoria. Leite era limitado... a coisa era, era bem sofrido.

Vocês chegaram a passar fome?

Ela: Não, não, isso graças a Deus não! Aí, quando nós viemo de mudança, né, daí o Artur, meu irmão, ele foi trabalhá em Sinop, ficô em Sinop pra podê trazê... trabalhá pra tê um ganha pão, porque daí nós ficemo aqui. Aqui não tinha como trabalhá, não tinha dinheiro, né, aí você pra compra as coisa você precisava, né. Aí ele ficô em Sinop trabalhando, arrumô um caminhão pra viajá pra fora, né, pra compra comida pra nós aqui. E a Manoela, minha irmã, também ela ficô trabalhando na casa daquele que o Artur ficô puxando, trabalhava de doméstica pra podê trazê alguma coisa, né. Porque daí a gente chegô aqui, o que a gente trouxe de banha, o que trouxe do Paraná acabô, né. E aí aqui não tinha onde trabalhá, não tinha nada, você tinha que tê, né, pra mantê. Na roça não dava nada, tinha que fazê derrubada e não tinha nada.

Vocês conseguiram arrumar casa logo que chegaram?

Ela: Sim, sim, quando nós chegemo o Artur e o pai, que vieram primero, já tava construindo a casa. Mais ali nesse redondo, ali era cheio de barraca. Era todo mundo quase que chegava e ficava ali. É que quando você chegava aqui, você comva um pedaço de terra, você tinha direito a um lote, eles dava o lote.

E logo começaram a vir muitas pessoas pra cá?

Ela: Vieram, vieram, vieram; começô vim daí, começô a vim, porque tinha um cabo aqui que trazia o pessoal, daí começô vim. Aí começô a ficá muita gente ali no acampamento. Aí o Artur, ele foi pra Sinop trabalhá, ele e minha irmã, e eu fiquei, eu fiquei aqui junto com o pai e a mãe, ficamo aqui trabalhando. Teve... era dificuldade, né, era bastante, mais... o lampião mesmo, a gente comva óleo diesel, nem querosene, era óleo diesel pra poupá, pra podê mantê. Não tinha

energia, não tinha nada, né, não tinha, né, não pegava, nem rádio não pegava, não sei se era por causa da mata fechada. Você saí assim dum conforto pra vim aqui, foi bem...foi muito difícil.

Então deu vontade de voltar no início?

Ela: Nossa Senhora, se não. Porque, olha, teve, pra falá a verdade, assim, não disfazendo assim, mas eu, eu pricintia, assim, depois de, ah, tanto tempo você ficô sem você tê conhecimento de nada, de nada. Você acredita que eu fiquei quinze ano sem saí daqui de dentro pra i pro Paraná? Quando eu fui pro Paraná, fui passia, aí eu me perdi, eu, porque o tempo que eu vim pra cá o ônibus, eu pegava o ônibus na rodoviária, depois aqueles... quando eu cheguei lá tinha aqueles ônibus que era nos ponto, né, aí você pegava e ia em tal lugar passia com meu marido. Aí meu marido entrô no ônibus e eu fiquei pra trais, porque eu achei que todo mundo ia entrá, daí ele falô *não, você tem que me segui*. E o tempo que você viveu aqui, sabe, é um, tipo assim, não expondo alguma coisa, mas acho que a pessoa... nós vegetô, sabe, aqui, porque você se desligô totalmente de tudo, de tudo, você não assistia nada, não escutava um rádio, você não tinha, não sabia nada, informação nenhuma, nenhuma, previsão de nada, nada. Eu me sentia, assim, eu sempre comentei, comentei muitas vezes, né, eu comentei muitas vezes, olha, a gente, pra falá a verdade assim, teve um tempo que a gente vegetô aqui, porque você nem, não sabia, só sabia que era sábado, sabia que era domingo e assim, mas o conhecimento de vê o que que tava acontecendo lá fora, o desenvolvimento de lá de fora, era nada, nada, nada.

Mas, ao menos, os moradores daqui eram bem unidos?

Ela: Era, era bem unidos. Nossa Senhora! Quem ia pra Sinop, todo mundo, quem ia pra Sinop, daí ia pra Sinop já chegava nas casa e pedia pra todo mundo o que precisava, porque daí quem ia já trazia as coisa que precisava.

E o que já havia em Cláudia quando vocês chegaram?

Ela: Veio, já veio, né, em 78 mesmo veio farmácia, veio seu Aurélio, seu Aurélio. Igreja, eu, quando eu casei, casei ali no redondo, debaixo das árvore. Não tinha Igreja não.

O casamento da senhora foi o primeiro a acontecer em Cláudia?

Ela: É.

E quem celebrou? Já tinha padre?

Ela: Já, já tinha. O padre vinha de Sinop. Foi, foi antes do Kiu. Você acredita que eu casei e ficou pra eles me dá certidão de casamento e até hoje eu não tenho? Não tenho porque eu não ganhei, porque eles tinha que mandá pra Cuiabá pra fazê, falaram que ia mandá e até hoje. Risos...

E mesmo sem Igreja eram rezadas missas?

Ela: Sim, sim, debaixo da árvore, era só embaixo da árvore mesmo.

A senhora tem foto dessa época?

Ela: Olha, eu tinha muita foto, muita mesmo foto, e, ah, que mais pegou? A, a, aquela do seu Aurélio ali, a Licélia do seu Aurélio, ela pegou tantas foto aqui e depois falô que ia me devolvê elas e nunca mais me devolveu. E tinha umas foto muito importante pra mim!

Mas ela fez algum trabalho de pesquisa?

Ela: Eu não sei. Ela pegô, eu tinha muitas foto, Nossa Senhora! Ela mora com, ela mora aqui agora. Ela foi secretária de Educação. Ela, ela, ela pegô, eu tinha muitas foto, nossa!

E vocês enfrentaram muitas situações perigosas no início?

Ela: O perigoso mesmo, no começo, mais era perigoso mesmo no começo, era a onça assim, fora disso não, não. Depois que foi crescendo, né, daí ficô bem, bem complicado. Eu mesmo quando o, o, ele foi pra, pra, pra morá em Sinop, daí fiquei morando junto com o pai e a mãe, daí fiquei com a, com a minha menina aqui e nós fazia comida pro pessoal. Meu marido era de lá do Paraná também, mais nós se conhecemo aqui.

Então ele também foi pioneiro?

Ela: Aha! Ele veio junto com o Toni Banana. Daí a gente veio e se conheceu, então casô. E o primero menino que nasceu aqui foi o Nélio.

Ele foi registrado aqui em Cláudia?

Ela: É, é.

Em que ano ele nasceu?

Ela: Em 80. Já tinha nascido uma menina, Cláudia.

Filha de quem era a Cláudia?

Ela: Eu agora não lembro. O Toni Banana tem tudo, ele sabe, é o marido da Rose Maldonado, que são os pioneiros. Eles vieram primeiro que nós.

E diversão, o que vocês faziam naquela época?

Ela: Tinha baile ali embaixo, naqueles, naqueles acampamento onde era a Madefátima, ali eles tinha, eles tinha aqueles baile de radiola, né, eles tinha aquelas radiola, né, aí eles ponhava as radiola, aquelas radiola a pilha, né, pra fazê bailinho.

E perigos a senhora enfrentou muitos por aqui no início?

Ela: Aqui teve esses cara que fazia essas picada de mato, né, e tudo, né. Deu muita morte aqui também, né, muitas mortes aconteceu, vixe. Eu, se eu falá pra você que eu tenho trauma, eu fui uma vez na União do Sul, nesses 30 anos, porque eu tenho, eu peguei trauma de mato; você acredita? Trauma de mato.

Mas, por que aconteciam essas mortes?

Ela: Era entre eles mesmo, os cara de... os cuiabano que fazia aqueles, abria essas picada nos terreno, né, eles bebia, brigava entre eles. Teve uma vez que a minha mãe foi mexê com uma carne e enfiô um osso na palma da mão, né, tava infeccionando, daí meu pai foi levá ela pra Sinop. Seu Aurélio falô, seu Aurélio tava aí àquela época, falô assim *leva pra lá ela pra trata, né*. Daí ela foi tratá. Daí eles não voltaram no dia, aí chegô à noite, daí à noite, porque daí ainda

não tinha nem porta, nem janela na casa, na porta eu encostava um guarda-roupa e coisa. Daí chegô de noite, daí eu fiquei só eu e a minha menina, na casa. Eu falei *meu Deus do Céu!* E o pai não tava nem a mãe. Aí chegô, nós fazia comida, aí chegô acho que era umas 8, 9 hora, eu, pra falá a verdade, o horário eu não sei direito, mas eu calculo que era isso. Aí chegô os cara que tavam abrindo picada, né, não esqueço disso nunca, eles chegaram, assim, e falaram assim *vem aqui na camioneta vê, nois matemo duas anta. Você conhece anta?* Eu falei *não, não, não conheço*, eu falei assim *não vô olhá*, eu falei assim, falei *agora vô esquentá a comida, voceis vão comê aí*, esquentei a comida. Aí eles falaram *não, não, você tem que vim aqui na camioneta vê as duas anta que nós matemo*.

Eles passavam nas casas e pediam comida pra vocês?

Ela: Aha, e tinha que dá. Daí eu fiz, só tinha os resto da janta, aí eu arrumei pra eles, eles comeram e aí eles fizeram eu i lá olhá as anta. Cheguei lá, era dois corpo de homem, Nossa Senhora, dois corpo de homem! Daí ele falô *essas são as anta que nós matemo*, ele falô assim. E aí ele falô *dá um litro de cachaça*, aí eles pegaram o litro de cachaça, aí não demorô e foram embora.

E por que eles carregavam os corpos com eles?

Ela: Eles trazia até no Azul, abriam os corpo, jogavam dentro da água, pra não boiá. Eles mesmo contavam, eu conto porque eles contavam.

Eles eram contratados por quem?

Ela: Eles eram contratados de Cuiabá, da Colonizadora mesmo. Eles eram contratados da Colonizadora. Mas era só entre eles. Acho que era bebida, né. Eles chegavam, daí vinham, chegavam um pouco, daí eles vortavam. E falavam *nóis vai, mas dá 3 litro de cachaça, nósis vomo indo pra lá; falô já demo fim no corpo, já levemo pra Sinop, já tá tudo resolvido*.

E falavam tranquilamente, assim, sem medo nenhum?

Ela: Normal, aha! Daí eles falavam *você não sabe se nósis levamo pra Sinop; falei não sei se voceis levaram ou não levaram*. Aí ele falô *não, levemo no Azul mesmo. Nósis abre a buchada*, ele falô, *pra não boiá mesmo*.

Polícia não tinha naquela época?

Ela: Não, não tinha. Demorô, depois começô vim polícia. Daí começô normalizá, daí começô a vim bastante gente, depois daí. Daí foi indo. Só o começo foi, o começo foi bem, bem difícil. Que nem eu falo assim, quando a gente chegou aqui era até bonito. Dava seis mês de chuva certinho e seis mês de sol. Você não escutava trovão, não escutava vento, aquilo, aquela chuva! Mas dava seis mês certinho, depois foi mudando, mudando. Hoje você nem pode falar mais se vai chovê hoje ou amanhã. Quando começô vim bastante família, ficá embaixo naquele, naqueles, nos barraco embaixo ali, né, aí começô desmatá, né, construí casa.

Telefone já tinha?

Ela: Não, não, ixi, demorou muitos ano pra vim. Risos... Era só carta.

A energia elétrica chegou aqui em que ano, a senhora lembra?

Ela: Ah, não lembro! Mais antes era com motor, eles ponhavam motor. Daí eles ligavam um pouco daí. Com a energia a vida já melhorô bem, vixi.

E a alimentação sem geladeira, como era?

Ela: Era tudo natural. A gente plantava abóbora, tinha à vontade. Risos... Era abóbora mesmo, minino! Era abobrinha mesmo, Nossa Senhora! Era tudo natural. Mais ninguém passô fome aqui, assim, necessidade sim. Mas, assim, alguém falava *ah, hoje tô sem arroz*; então a gente já falava *não, eu tenho um pouquinho a mais, eu arrumo pra você*; era assim. Ih, era todo mundo, um se ajudava o outro. Mas dizê, assim, que alguém passô fome, não. Foi difícil, que foi difícil foi, porque você sai duma vida que você tinha água encanada, né. Depois você chega aqui sem água, sem luz, sem comunicação nenhuma, você não sabe, né. Mexia no rádio pra vê se pegava alguma coisa, que pegava nada! Risos... Era no meio do mato, né!

Mas hoje já está quase tudo desmatado aqui em volta?

Ela: É, tá bastante aqui, nossa região tá, por perto assim já tá bem desmatado. É que veio muita gente. Vinha bastante japoneis. Eles queriam sabê sobre a mata. Todo japoneis que vinha pedia se tinha bastante cobra, se tinha bastante cobra.

Mas eles ficaram, se instalaram aqui?

Ela: Tem uns poucos que se instalaram. A maioria vinha, assim... Teve uma vez um japonês, ele falô, tava almoçando e ele falô *tem bastante cobra aqui*? Eu falei *olha, meu senhor, tem*. Olha, se contá pro senhor, *um dia eu saí daqui, aí eu saía daqui, ia tudo essa reta, descia lá embaixo lavá roupa. Aí eu passei aqui e cheguei ali na metade da estrada, que tinha, nossa, uma cobra tão grossa! Ponhei uma escada, subi, desci do outro lado, aí fui lá, lavei roupa, eu cheguei e ela tava apontando o rabo dela*. Aí o japoneis disse *mas não tinha outra coisa pra contá não*? Eu falei *não, você queria uma cobra grande*! Risos... Eu acho que ele veio de São Paulo. Eu nunca... teve de São Paulo, de Maringá. De Maringá veio bastante, mais, assim, eles vinham e olhavam e, e, e não ficaram. Eles acharam, assim, puro cobra, e eles achava... aquela época lá eles olhava a tera e eles falava que a tera tinha muita estopa, muita raiz.

Aí vocês vieram pra plantar café e não deu certo. Então vocês fizeram o quê?

Ela: É. Fomo trabalhá em serraria, nós fomo mexê com serraria, né. Aí o, o, nós tinha, nós montemo, não deu pra plantá café, aí nós tinha um lugar, aí nós era um ponto de ônibus, daí vinha um ônibus de Sinop trazê o pessoal pra cá.

E carne já tinha naquela época?

Ela: Não, não, mas o pai caçava bastante e dava muita carne de caça assim.

E vocês trabalham com serraria até hoje?

Ela: Aha, até hoje. Quando eu cheguei aqui, aí tinha um pessoal que veio com o ... com o Toni Banana, daí começô a vim um pessoal, não sei de, da... aí eles chegaram aqui e falaram assim ô,

meninas, vamos balangá, vamo lá pra riba; eu falei assim o que que é balangá? Ela falô é se balanciá. Risos... E aí eu falei o que que é lá pra riba?; é subi lá pra cima. Risos...

E essas pessoas eram de que região do país?

Ela: Acho que veio junto com o Toni Banana, eles vieram do Paraná, é, era do Paraná. É, eles falavam *vamo lá pra riba, vamo balangá, né*. Daí ela falô assim nossa, *you tá vendo aquela muié lá, vai pari*. Falei *ô meu santo, o que que é pari?* “Vai tê nenê”. Risos... Que nem muié grávida, a gente fala muié grávida, aí eles falavam assim, *nossa, aquela lá tá bariguda!* Risos... Ah, não tem aquele Tchê Gaúcho que faz aquelas reportagem dos pionero, eu fiz, eu tenho a entrevista com eles, daí um tempo eles mandaram o CD pra mim. Eles passaram, passa de Carmem, de tudo, né, eles fizeram de todos os pioneros das cidades. Eu tenho o CD.

Dona Marina, muito, muito obrigada por sua atenção e pelas valiosas contribuições ao meu trabalho de pesquisa.

Ele: Não tem de que.

20- IDENTIFICAÇÃO:

Sigla: C20 F

Idade: 52 anos

Sexo: feminino

Estado civil: casada

Número de filhos: três filhas e um filho (uma filha nascida no Paraná e três filhos nascidos em Cláudia)

Profissão: professora

Escolaridade: superior completo: Pedagogia; Pós-Graduação: Educação Especial

Naturalidade: nasceu em Apucarana, no Estado do Paraná

Descendência: ucraniana

Local em que residia antes da migração: Apucarana– PR

Em que ano e com que idade chegou a esta cidade: mai. de 1979, com 21 anos

Data e duração da entrevista: 12 de set. de 2010; 29min.

Em que ano a senhora veio pra cá?

Ela: Em 1979.

Já existiam moradores em Cláudia?

Ela: Já.

Os primeiros moradores vieram quando?

Ela: Vieram já em 78.

E eles vieram impulsionados pela Colonizadora? A senhora sabe de onde eles vieram?

Ela: A maioria lá do Sudoeste do Paraná.

E a senhora também é de lá?

Ela: Não, nós somos do Norte do Paraná, de Apucarana.

E por que vocês resolveram vir pra Cláudia?

Ela: O que impulsionou mais era a seguinte situação: uma mudança de vida, vamos dizer assim, entendeu? Algo diferente, algo que nós pudéssemos... na verdade, a busca de um novo lugar pra plantar café. Nós éramos de Apucarana, onde era o cultivo, era muito grande de café e lá já com aquelas geadas e tudo o pessoal começou a se desanimar. Como ele (o marido) trabalhava na serra do Cadeado, ele conheceu um corretor, que ele vinha frequentemente pra cá, né. Aí ele recebeu o convite pra vir conhecer Mato Grosso. Aí conheceu, aí incentivou os parentes a virem conhecer e acabaram, assim, comendo as terras e vindo pra cá pra plantar café mesmo. Primeira coisa foi o café.

E o plantio de café deu certo?

Ele: Não deu certo, porque começou a chuva na época da colheita, aí não tinha caminhão pra transportar o produto, aí o produto quando chegava lá, já tava estragado ou nem saía da roça, porque já tinha estragado, né. Então daí houve esse problema sério, daí o pessoal começou então a plantar arroz pra poder ter uma coisa pra sobreviver.

A senhora veio pra Cláudia com que propósito?

Ela: Eu, já em 79, dia 10 de agosto de 79, comecei trabalhar pro Estado na escola.

A senhora já tinha formação?

Ela: Eu não tinha formação, eu tinha apenas o segundo grau, porém, assim, é... a gente se reunia no posto pra lavar roupa, né, e aí numa conversa dessas a gente, as mulheres falando *nossa, mas olha, tão vindo tanta mudança!* Todo dia chegava mudança. Aí falaram assim, *olha, a Dona Rose, ela tá reclamando, ela não tem mais espaço, vai ter que ter mais um período e não tem professor.*

Quem era a Dona Rose?

Ela: Roseli de Moura Maldonado era a primeira professora, que iniciou. Ela começou em fevereiro de 79 e aí isso já era agosto, né. Quando nós chegamos era maio; daí a gente conversando ali com o pessoal, daí falei pra minha cunhada, minha cunhada já havia lecionado, falei pra ela, *olha, seria uma oportunidade pra você.* Ela falou assim *imagina que meu marido vai deixá eu trabalhá, né!* Porque o marido dela sempre foi assim: quem sustenta a casa é o homem, né. Aí eu falei *mas não custa você falar com ele.* Aí ela foi falar com ele...aí eu falei pro Cláudio *olha, eu poderia tentá, eu não tô fazendo nada!* Você já pensa uma pessoa que trabalhava o dia todo, das seis as seis, ficava dentro duma barraca sem fazer nada, né? Aí já tava me intediando aquilo.

Barraca?

Ela: Barraca. Ali onde é a Orcontas era a nossa barraca. As primeiras famílias ficavam em barracas. Quando nós chegamos aqui, ali no redondo, ali do lado do redondo, era só barracas de lona. Acontecia, assim, eles iam na serraria e pegavam umas tábuas pra por ao redor, né. E só tinha uma serraria. Aí essa serraria não vencia, ela precisava mandá madeira pra fora, transportá pra fora pra ter recurso pra paga os empregado, se fosse só mantê aqui também, né, sobrava de repente até madeira ou faltava, dependia, porque era muita gente chegando.

E todas essas pessoas, no início, ficavam em barracas?

Ela: Em barracas, a maioria. Eram, assim, barracas umas próximas às outras, né, à medida que o pessoal ia chegando, porque a colonizadora ainda nem tinha cortado em datas as, as, a cidade, entendeu? Então você precisava aguardá aonde? Numa barraca, porque não tinha outro local. Mas quem comva terra ganhava um lote, né

Vocês ganharam um lote também?

Ela: Aha, cada um. Aí era necessário queimar ainda a área, sabe, pra poder dividir em lotes. Isso foi acontecendo, assim, logo depois.

Vocês têm fotos registrando isso, essa época das barracas?

Ela: Não sei se tenho, tenho. Tem a Lorena, acho que não tá comigo, tá com o, o, aquela que a Lorena tá batendo numa traíra, aparece certinho a barraca, têm varias, algumas, mas eu preciso ver onde elas estão, acho que estão com o professor Odanir. Ele pegô algumas fotos. Não sei se ele entregou lá pra mãe ou... aqui em casa elas não estão.

E quanto tempo vocês ficaram morando nessas barracas?

Ela: Essa barraca a gente ficô, foi uns dois meses, porque logo eles precisavam queimá a área e aí eles dividiram as datas e já foram, né, entregando as, as datas, e aí a gente ia se colocando, porque eles começaram a forçar as pessoas saírem dali, porque eles precisavam da área. Aí a gente, cada um, mas havia mutirão de trabalhos, sabe.

E essa primeira serraria se instalou aqui bem no início?

Ela: É, era o, a Dona Rose, Roseli Maldonado, ela e o marido dela que mesmo começaram Cláudia. E outra, ela tem todas as anotações. Ela foi a primeira professora e ela, assim, veio com uma experiência, uma bagagem muito grande, né, uma experiência. Semana passada eu fui na casa dela, daí eu falei pra ela, *aí, Rose, eu gostaria de ter, quando eu vim pra Cláudia, tivesse a bagagem que eu tenho hoje, eu faria da minha vida totalmente diferente, né.* Mas daí ela falou, *mas sem experiência como é que você vai poder dizer eu vou fazer assim ou assado? Você vai conforme a situação vai tê indicando os caminhos, né.* E aí, a, a gente fazia mutirão pra fazê as casas, sabe, as família então construía primeiro a casa. A gente se ajudava. Daí a gente ficava, eu mesmo morei um tempo com minha sogra, até construísse. Construiu-se da minha sogra, daí meu cunhado construiu a dele, e daí que foi a minha. E outra, as casas quando eram construídas não eram matajuntadas, não eram forradas, entendeu? A madeira era bruta, não era beneficiada. Daí era verde e com o tempo tinha cada fresta que dava pra passá a mão, né. Tinha que começá

a rejuntá, pregá, porque se você põe uma matajunta verde e prega, daqui um tempo ela racha toda. Então daí foi, aí aos poucos a gente ia fazendo, modificando, né, mais pra se adaptá não foi fácil pra quem mora numa cidade maior. Quando eu cheguei, quando eu vim pra cá eu, assim, não imaginei uma mata, entendeu?

Quando vocês chegaram ainda era mata pura?

Ela: Pura, mata pura, desde Sinop até aqui. Quando nós... nós chegamos à noite aqui. Quando nós entramos aqui, já eu avistei as casinhas aqui, porque aquela quadra ali (apontando) eram as casas construídas da madeireira. E quando eu vi as casinhas eu falei *ai que bom, nós estamos chegando*. Ele (o marido) falou assim *não, nós já chegamos. Meu Deus do céu, aonde? No meio do mato?* Eu não via mais nada. Quando ele chegou naquele redondo, ao redor então já havia sido desmatado, né, e tinha umas casinhas, ali quando se entra na avenida, ali onde é o Basmar, também tinha duas casas construídas ali. Aí o restante... não, minto, não tinha nada. Só tinha na esquina ali aonde é, bem na esquina mesmo, ali antes do redondo, ali tinha o seu, como que era o nome dele? Que eu não me recordo o nome dele agora, ele, logo ele faleceu também. Caiu uma madeira na cabeça, ele tava sentado assim enrolando um cigarro e um galho quebrô lá e veio nele. Daí eles tinha uma vendinha ali, sabe. Pra ir pra Sinop era, assim, distante, mas a estrada era boa até que a chuva começou. Quando o pessoal vinha vê terra, era ali que eles faziam refeição. Não tinha carne, você chegava ali era só carne de animal, de bicho.

E nessa venda a mercadoria vinha de que forma?

Ela: Ele tinha uma Rural, né, na época ele tinha uma Rural, daí ele ia pra Sinop e pegava ali na Cobal, trazia dali. Não era grande coisa, mas pouca coisa, mas, assim, dava pra passá a semana. E como nós viemos com uma Kombi, então, à medida da necessidade, ia-se pra Sinop buscá, né. Mas só que era assim: quem fosse pra Sinop se comunicava com os demais, sabe, havia uma união tão grande! Tão gostoso! E falava *ó, eu vou a Sinop amanhã, precisa de alguma coisa? Ou, você tá indo? Dá uma carona?*

A gente só ia a Sinop, porque de Sinop a Cuiabá era a maior dificuldade. Teve em 80, não se transitava, não conseguia- se quase transitá porque o excesso do movimento de carga pesada começô, causava buracos e era desvios por fazenda. Então, aí o transporte era aéreo, porque não dava, sabe. Quem se arriscava sabia que ia passá à noite na estrada, já tinha que se prepará com a alimentação, sabe, pra chegá aqui tinha que empurrá mais do que andar dentro do carro.

Quando vocês vieram, quantos dias vocês demoraram pra chegar aqui?

Ela: Quando nós viemos não foi demorado, não. Foi o quê... dois dias, né, porque nós viemos em maio e maio não chovia. Tinha uma estrada muito ruim, aquela costela de vaca, quando você vem de Cuiabá pra cá, mas veio bem, mas de Sinop até aqui a estrada era uma beleza! Porque não tinha movimento, sabe, então os carros que transitava eram carros leves e um ou outro que vinha com madeira e tal da serraria, que saía, então não tinha problema. O problema começô em 80, depois que começou a chuva, o aumento da população... aí a coisa começou a ficar feia; daí

sim. Aí teve até gente da cidade que passô... faltô até comida. E pra i pra Sinop também era difícil, né, quem não tinha carro, ele tinha que dependê do outro, né. Tinha uma Kombi de um cara aqui. Esse, coitado, acabô com três Kombi da colonizadora pra podê servi o povo.

Ah, então a colonizadora deu assistência pra vocês aqui no início?

Ela: É. Trazia até muda de café. As primeiras mudas chegavam até o Azul, sabe, porque pra cá não conseguia passar, sabe. Ali, a primeira ponte maior, aquela de estrutura... aí chegava ali e quem tinha carro ia lá buscá, né, e quem não tinha, aí dependia do outro, então... só que era muito bacana a união das pessoas, sabe, aqui; *ah, eu não posso, mais eu te ajudo*, né. Eu mesmo fui, passei na, no, a Páscoa, sexta-feira, sábado, no meio da roça plantando café, pra depois não colhê nada. Plantava até rápido, só que depois o café produziu e não tinha pra quem vendê.

Ah, essa foi uma das razões por que o plantio do café deu errado?

Ela: Mas foi por causa do café também. A qualidade do café era muito ruim, era um café que não dava bebida. O problema é esse, né, não deu bebida se vai vendê pra quem? Quem que vai compra o que não presta, né. Tinha a cooperativa em Sinop mesmo, a Cooperativa Agrícola Celeste, eram os únicos que comviam. Mas se não desse o peso, tudo certinho, eles davam pra você levá de volta, porque não prestava mesmo.

Então, na verdade, no início todo mundo teve muito prejuízo?

Ela: Isso, perdemos muito dinheiro. Por isso muitas pessoas voltaram, sabe. Nossa, quanta gente que voltou embora pros seus Estados, né, mas depois começô a ficar bom aqui novamente e muitos voltaram pra cá novamente, sabe. É porque daí passado esse período ruim começou um período bom. Até porque muitos, aqueles que estavam na, na... cultivando a terra e tentaram alguma coisa porque, assim, não dava milho, não dava arroz, sabe. Quem vem do Sul com a terra fértil que é lá, planta e dá, aqui você plantava, fazia uma horta, sabe, precisava muito adubo, né, você precisa trabalhá bastante a terra; e quem vem da região que nós viemos, que a terra é super fértil, você precisava pouco, pouco adubo, que você coloca e produz o que você quisé, né, aí desanimava, né, porque você faiz, faiz, luta, e quando passô aquele ciclo do café, ciclo da mandioca, o pessoal começô a plantá o arroz, mas não conseguia se mantê na terra; aí foi que as serrarias começaram a, a compra as madeiras, e outra, a também oferecer o trabalho pra essas pessoas, então, era muito melhor elas saírem das suas terras e vir trabalhar na serraria, porque aí eles tinham ganho mensal e não anual, né. Por que pra quem trabalhava na terra ia sobreviver como? Porque o que tinha foi tentando, tentando, né, ficá na terra, quando não conseguiu, quando não conseguiu, veio pra cidade, aí houve, né, aquele enxugamento na zona rural. No primeiro e segundo ano foi muito, assim, foi, assim, devagar, mas aos poucos, aí depois é que quando... porque é assim, quem veio, veio, assim, com a perspectiva de trabalhar na terra e não a maderá, na verdade. Aí depois que as pessoas que tinham, é, já um trabalho com serraria, essas aí descobriram e vieram, daí vieram e começaram a se instalá, firmas como a Canosso, a Rodenorte, e daí, assim, puxaram o pessoal pra cá, pra trabalhá nas madeiras

mesmo; aí sim a exploração começô. Quem veio pra fazê lavoura então eles vendiam, tinha que vendê a madeira pra podê derrubá a mata, porque não se derrubava tudo assim de uma vez, né, aí eles tiravam as toras que era boas pra serraria, a serraria se comprometia a fazê a documentação com o IBAMA, pra você derrubá uma área permitida.

O desmate era completamente liberado naquela época ou já tinha um percentual legal?

Ela: Não. Era 50 % e agora é 20, né.

E as situações mais difíceis, assim, inusitadas, como, por exemplo, com animais, vocês tiveram algum problema?

Ela: Olha, eu não passei, assim, tanto medo de cobra, essas coisa. Maaaaas, porque a gente ficava mais aqui, né, eles que iam pro mato, né, eles, acho que nem tanto com onça, mas, mas se deparavam muito com as onças quando iam caçar, né, mas as cobras eram mais frequentes debaixo de pés de castanheiras, né. Quem ia à busca de castanhas, daí era mais perigoso, tinha que tê bastante cuidado mesmo. Mas, assim, eu que quase não frequentava a mata, então, não posso nem dizê, assim, mas não tinha muita gente picado de cobra, era muito pouco, muito pouco mesmo. Mas no gado, né, as onças deram prejuízo, sabe.

E vocês vieram pra cá por causa de propagandas da Colonizadora?

Ela: Pois é, pra você vê como é que a Colonizadora usô... um esquema até meio... eles plantaram uma chácara em Sinop de café, você olhava aqueles pés de café, você falava *meu Deus do céu, que loucura!* Porque nós sabíamos mexê com café. Então você vê que não gia; aqueles pés de café que eles plantaram lá, pra mim que tavam grosso, assim, no meio dos pé de café de esterco de galinha, fizeram de propósito, pra enganá.

Naquela época todos os dias chegavam pessoas aqui então?

Ela: Pra plantá café veio muita gente, nossa! Depois daí todo dia chegava mudança; todo dia chegava um caminhão com mudança. Duas, três família todo dia, todo dia.

Dona Alexandra, muito obrigada pela sua atenção e contribuições ao meu trabalho de pesquisa.

Ela: Não tem de que. É sempre bom lembrar das aventuras de nosso início aqui.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DOS PIONEIROS SELECIONADOS EM SUBSTITUIÇÃO AOS SC5, SC7, S11 E S15.

15- IDENTIFICAÇÃO:

Sigla: S15 F

Idade: 67 anos

Sexo: feminino

Estado civil: casada

Número de filhos: um filho e uma filha (nascidos em São Paulo)

Profissão: do lar

Escolaridade: quarta série do Ensino Fundamental

Naturalidade: nasceu em Jaboticabal, no Estado de São Paulo

Descendência: avô alemão e avó portuguesa

Local em que residia antes da migração: São Paulo– SP

Em que ano e com que idade chegou a esta cidade: set. de 1975, com 31 anos

Data e duração da entrevista: 19 de out. de 2011; 2h e 23min.

11- IDENTIFICAÇÃO:

Sigla: S11 F

Idade: 66 anos

Sexo: feminino

Estado civil: casada

Número de filhos: dois filhos homens (nascidos em São Paulo)

Profissão: comerciante

Escolaridade: quarta série do Ensino Fundamental

Naturalidade: nasceu em Promissão, no Estado de São Paulo

Descendência: pai português, mãe de descendência italiana

Local em que residia antes da migração: Santo André– SP

Em que ano e com que idade chegou a esta cidade: 17 de out. de 1976, com 31 anos

Data e duração da entrevista: 25 de out. de 2011; 3h e 48min.

5- IDENTIFICAÇÃO:

Sigla: SC5 M

Idade: 60 anos

Sexo: masculino

Estado civil: casado

Número de filhos: um filho e uma filha (nascidos em Santa Carmem)

Profissão: motorista

Escolaridade: quarta série do Ensino Fundamental

Naturalidade: nasceu em Maracajá, no Estado de Santa Catarina

Descendência: espanhola

Local em que residia antes da migração: Planaltina– PR

Em que ano e com que idade chegou a esta cidade: 11 de abr. de 1975, com 24 anos

Data e duração da entrevista: 28 de nov. de 2011; 2h e 11min.

7- IDENTIFICAÇÃO:

Sigla: SC7 M

Idade: 64 anos

Sexo: masculino

Estado civil: casado

Número de filhos: dois filhos e uma filha (Um filho nascido no Paraná e dois nascidos em Santa Carmem)

Profissão: empresário de indústria madeireira

Escolaridade: quarta série do Ensino Fundamental

Naturalidade: nasceu em Cachoeira do Itapemirim, no Estado do Espírito Santo

Descendência: italiana e indígena

Local em que residia antes da migração: Altônia– PR

Em que ano e com que idade chegou a esta cidade: 15 de set. de 1974, com 27 anos

Data e duração da entrevista: 01 de dez. de 2011; 1h e 42min.

APÊNDICE II: identificação dos jovens

Ponto Linguístico: Vera

Sigla: V1/2+ M (filho)

Local e data de Nascimento: Vera, 25/04/1985

Estado civil: amasiado há dez anos – tem quatro filhos

Idade: 26 anos

Foi criado pelos próprios pais: (x) sim () não

Em caso negativo, por quem foi criado? -----

Naturalidade dos pais adotivos: -----

Naturalidade da mãe: Mariluz – PR

Naturalidade do pai: Goioerê - PR

Escolaridade: 8ª série Curso: -----

Descendência: indígena

Domicílios e tempo de permanência fora da localidade: Feliz Natal – MT: um ano e dois meses (1998 e 1999); Seringueiras - RO: dois anos (2000 a 2002)

Motivo do(s) afastamento(s): acompanhar os pais que se mudaram para essas cidades

Profissão: administrador de granja

Data e tempo de duração da entrevista: 09/12/2011, 1h e 30min.

Sigla: V2/2 F* (neta)

Local e data de Nascimento: Vera, 28/12/1979

Estado civil: casada – tem três filhos (dois filhos e uma filha)

Idade: 32 anos

Foi criado pelos próprios pais: (x) sim () não – Somente pela mãe. Os pais divorciaram-se quando ela tinha seis anos.

Em caso negativo, por quem foi criado? -----

Naturalidade dos pais adotivos: -----

Naturalidade da mãe: Ferraz Barbosa – PR

Naturalidade do pai: Mariluz - PR

Escolaridade: ensino médio completo Curso: -----

Descendência: portuguesa e indígena

Domicílios e tempo de permanência fora da localidade: Cuiabá – MT: três anos (2003 a 2005)

Motivo do(s) afastamento(s): acompanhar a mãe que se mudou para essa cidade

Profissão: operadora de caixa

Data e tempo de duração da entrevista: 11/12/2011, 2h e 41min.

Sigla: V3/2 F* (neta)

Local e data de Nascimento: Vera, 12/12/1980

Estado civil: solteira

Idade: 31 anos

Foi criado pelos próprios pais: (x) sim () não

Em caso negativo, por quem foi criado? -----

Naturalidade dos pais adotivos: -----

Naturalidade da mãe: Paranavaí – PR

Naturalidade do pai: Rio dos Cedros- SC

Escolaridade: superior completo; pós-graduação Cursos: Ciências Biológicas – UFMT;
Educação Física – UFMT; Especialização em Educação e Ambiente; Personal Trainer

Descendência: italiana e alemã

Domicílios e tempo de permanência fora da localidade: Londrina – PR: um ano (1996); Cuiabá – MT: um ano (1997); Sinop – MT (1998)

Motivo do(s) afastamento(s): estudou no Colégio Mãe de Deus (interno); deu continuidade ao ensino médio; fez o último ano do ensino médio

Profissão: professora e personal trainer

Data e tempo de duração da entrevista: 16/12/2011, 2h e 34min.

Sigla: V4/2 M (filho)

Local e data de Nascimento: Vera, 30/11/1975

Estado civil: solteiro

Idade: 36 anos

Foi criado pelos próprios pais: (x) sim () não

Em caso negativo, por quem foi criado? -----

Naturalidade dos pais adotivos: -----

Naturalidade da mãe: Esplanada - BA

Naturalidade do pai: nasceu no Estado da Bahia

Escolaridade: 8ª série Curso: -----

Descendência: não soube responder

Domicílios e tempo de permanência fora da localidade: Viajou só a passeio

Motivo do(s) afastamento(s): -----

Profissão: vendedor autônomo

Data e tempo de duração da entrevista: 20/12/2011, 2h e 03min.

Ponto Linguístico: Santa Carmem

Sigla: SC5/2 M (filho)

Local e data de Nascimento: Santa Carmem, 19/07/1983

Estado civil: casado - tem um filho

Idade: 28 anos

Foi criado pelos próprios pais: (x) sim () não

Em caso negativo, por quem foi criado? -----

Naturalidade dos pais adotivos: -----

Naturalidade da mãe: Terra Rica - PR

Naturalidade do pai: Maracajá - SC

Escolaridade: 8ª série Curso: -----

Descendência: espanhola, indígena

Domicílios e tempo de permanência fora da localidade: Viajou só a passeio

Motivo do(s) afastamento(s): -----

Profissão: motorista

Data e tempo de duração da entrevista: 26/11/2011, 2h e 7min.

Sigla: SC6/2 F (filha)

Local e data de Nascimento: Santa Carmem, 29/08/1976

Estado civil: divorciada - um filho

Idade: 35 anos

Foi criado pelos próprios pais: (x) sim () não

Em caso negativo, por quem foi criado? -----

Naturalidade dos pais adotivos: -----

Naturalidade da mãe: Aracaju – SE

Naturalidade do pai: Aracaju - SE

Escolaridade: 8ª série Curso: -----

Descendência: indígena

Domicílios e tempo de permanência fora da localidade: Viajou só a passeio

Motivo do(s) afastamento(s): -----

Profissão: administradora-financeira

Data e tempo de duração da entrevista: 02/12/2011, 2h e 37min.

Sigla: SC7/2 F (filha)

Local e data de Nascimento: Santa Carmem, 25/10/1982

Estado civil: casada

Idade: 29 anos

Foi criado pelos próprios pais: (x) sim () não

Em caso negativo, por quem foi criado? -----

Naturalidade dos pais adotivos: -----

Naturalidade da mãe: Turvo - SC

Naturalidade do pai: Cachoeira do Itapemirim - ES

Escolaridade: ensino superior completo Curso: Turismo

Descendência: italiana

Domicílios e tempo de permanência fora da localidade: Tupã - SP: quatro anos (2004-2008);
Sinop – MT: três meses (2009)

Motivo do(s) afastamento(s): formação acadêmica; cuidar da avó doente

Profissão: turismóloga

Data e tempo de duração da entrevista: 01/12/2011, 2h e 26min.

Sigla: SC8/2 (filho)

Local e data de Nascimento: Querência do Norte/PR, 01/07/1972 (veio para Santa Carmem com 29 dias de nascimento)

Estado civil: amasiado (Tem um casal de filhos)

Idade: 39 anos

Foi criado pelos próprios pais: (x) sim () não

Em caso negativo, por quem foi criado? -----

Naturalidade dos pais adotivos: -----

Naturalidade da mãe: Misericórdia de Piancó – PB

Naturalidade do pai: Tauá - CE

Escolaridade: 8ª série Curso: -----

Descendência: indígenas e holandeses

Domicílios e tempo de permanência fora da localidade: Viajou só a passeio

Motivo do(s) afastamento(s): -----

Profissão: agricultor

Data e tempo de duração da entrevista: 26/11/2011, 1h e 36min.

Ponto Linguístico: Sinop

Sigla: S9/2 F* (neta)

Local e data de Nascimento: Sinop, 05/06/1987

Estado civil: solteira

Idade: 24 anos

Foi criado pelos próprios pais: (x) sim () não Obs: apenas pela mãe e mora com os avós há aproximadamente dez anos (em Sinop)

Em caso negativo, por quem foi criado? -----

Naturalidade dos pais adotivos: -----

Naturalidade da mãe: nasceu no Estado do Paraná

Naturalidade do pai: nasceu no Estado do Paraná

Naturalidade do avô: Sabino – SP

Naturalidade da avó: nasceu no Estado de São Paulo

Escolaridade: ensino superior incompleto Curso: Administração

Descendência: japonesa

Domicílios e tempo de permanência fora da localidade: Viajou só a passeio

Motivo do(s) afastamento(s): -----

Profissão: servidora pública

Data e tempo de duração da entrevista: 01/11/2011, 2h e 43min.

Sigla: S10/2 F (filha)

Local e data de Nascimento: Sinop, 10/08/1982

Estado civil: casada

Idade: 29 anos

Foi criado pelos próprios pais: (x) sim () não

Em caso negativo, por quem foi criado? -----

Naturalidade dos pais adotivos: -----

Naturalidade da mãe: Rolândia - PR

Naturalidade do pai: Guabiju - RS

Escolaridade: ensino superior completo; pós-graduação
especialista em endodontia

Cursos: Odontologia;

Descendência: italiana

Domicílios e tempo de permanência fora da localidade: Londrina - PR: quatro anos (2000 a 2004)

Motivo do(s) afastamento(s): formação acadêmica

Profissão: cirurgiã dentista

Data e tempo de duração da entrevista: 09/11/2011, 2h e 42min.

Sigla: S11/2 F (filha)

Local e data de Nascimento: Sinop, 06/07/1982

Estado civil: solteira

Idade: 29 anos

Foi criado pelos próprios pais: (x) sim () não

Em caso negativo, por quem foi criado? -----

Naturalidade dos pais adotivos: -----

Naturalidade da mãe: Paraná do Oeste - PR

Naturalidade do pai: Paim Filho - RS

Escolaridade: ensino superior completo

Curso: Arquitetura e Urbanismo

Descendência: italiana

Domicílios e tempo de permanência fora da localidade: Cuiabá - MT: seis anos; Itália: um ano e meio

Motivo do(s) afastamento(s): término do ensino médio e formação acadêmica; qualificação profissional

Profissão: arquiteta

Data e tempo de duração da entrevista: 01/11/2011, 2h e 16min.

Sigla: S12/2 M (filho)

Local e data de Nascimento: Sinop, 26/06/1989

Estado civil: solteiro

Idade: 22 anos

Foi criado pelos próprios pais: (x) sim () não

Em caso negativo, por quem foi criado? -----

Naturalidade dos pais adotivos: -----

Naturalidade da mãe: Santa Maria – SC

Naturalidade do pai: Salete - SC

Escolaridade: ensino médio completo

Descendência: italiana

Domicílios e tempo de permanência fora da localidade: Viajou só a passeio

Motivo do(s) afastamento(s): -----

Profissão: auxiliar administrativo

Data e tempo de duração da entrevista: 04/11/2011, 1h e 52min.

Sigla: S13/2 M* (neto)

Local e data de Nascimento: Sinop, 21/11/1988

Estado civil: solteiro

Idade: 22 anos

Foi criado pelos próprios pais: (x) sim () não

Em caso negativo, por quem foi criado? -----

Naturalidade dos pais adotivos: -----

Naturalidade da mãe: Guarani das Missões – RS

Naturalidade do pai: Três Passos - RS

Escolaridade: ensino superior incompleto Curso: Engenharia Civil

Descendência: avós suecos, bisavós portugueses

Domicílios e tempo de permanência fora da localidade: Viajou só a passeio

Motivo do(s) afastamento(s): -----

Profissão: estudante

Data e tempo de duração da entrevista: 22/10/2011, 2h e 9min.

Sigla: S14/2 F* (neta)

Local e data de Nascimento: Sinop, 10/10/1988

Estado civil: solteira

Idade: 23 anos

Foi criado pelos próprios pais: (x) sim () não Obs: morou um ano com os avós paterno (em Sinop)

Em caso negativo, por quem foi criado? -----

Naturalidade dos pais adotivos: -----

Naturalidade da mãe: Lagoa Vermelha - RS

Naturalidade do pai: Indaial - SC

Naturalidade do avô: nasceu no Estado de Santa Catarina

Naturalidade da avó: nasceu no Estado de Santa Catarina

Escolaridade: ensino superior incompleto Curso: Direito

Descendência: italiana e portuguesa

Domicílios e tempo de permanência fora da localidade: morou quatro anos em Araraquara - SP

Motivo do(s) afastamento(s): mudança dos pais

Profissão: estudante

Data e tempo de duração da entrevista: 06/11/2011, 3h e 16min.

Sigla: S15 M* (neto)

Local e data de Nascimento: Sinop, 01/11/1993

Estado civil: solteiro

Idade: 18 anos

Foi criado pelos próprios pais: (x) sim () não

Em caso negativo, por quem foi criado? -----

Naturalidade dos pais adotivos: -----

Naturalidade da mãe: Ampere - PR

Naturalidade do pai: Jesuítas - PR

Escolaridade: ensino médio incompleto Curso: -----

Descendência: italiana

Domicílios e tempo de permanência fora da localidade: Viajou só a passeio

Motivo do(s) afastamento(s): -----

Profissão: estudante

Data e tempo de duração da entrevista: 26/10/2011, 1h e 55min.

Sigla: S16/2 M (filho)

Local e data de Nascimento: Sinop, 13/04/1990

Estado civil: solteiro

Idade: 21 anos

Foi criado pelos próprios pais: (x) sim () não

Em caso negativo, por quem foi criado? -----

Naturalidade dos pais adotivos: -----

Naturalidade da mãe: Verê – PR

Naturalidade do pai: Itumbiara - GO

Escolaridade: ensino superior incompleto Curso: Agronomia

Descendência: italiana, portuguesa e africana

Domicílios e tempo de permanência fora da localidade: Viajou só a passeio

Motivo do(s) afastamento(s): -----

Profissão: estudante

Data e tempo de duração da entrevista: 13/11/2011, 2h e 8min.

Ponto Linguístico: Cláudia

Sigla: C17/2 F (filha)

Local e data de nascimento: Cláudia, 28/03/1986

Estado civil: solteira

Idade: 25 anos

Foi criado pelos próprios pais: (x) sim () não

Em caso negativo, por quem foi criado? -----

Naturalidade dos pais adotivos: -----

Naturalidade da mãe: Constantina - RS

Naturalidade do pai: Caçador - SC

Escolaridade: ensino superior completo; pós-graduação Cursos: Biologia; especialista em análises clínicas

Descendência: italiana

Domicílios e tempo de permanência fora da localidade: Sinop - MT: sete anos

Motivo do(s) afastamento(s): ensino médio e formação acadêmica

Profissão: professora

Data e tempo de duração da entrevista: 15/11/2011, 2h e 09min.

Sigla: C18/2 F (filha)

Local e data de nascimento: Cláudia, 01/08/1986

Estado civil: casada Data de casamento: 03/12/2010

Idade: 25 anos

Foi criado pelos próprios pais: (x) sim () não

Em caso negativo, por quem foi criado? -----

Naturalidade dos pais adotivos: -----

Naturalidade da mãe: Nova Esperança – PR

Naturalidade do pai: Francisco Beltrão - PR

Escolaridade: ensino superior incompleto Curso: Administração

Descendência: alemã e italiana

Domicílios e tempo de permanência fora da localidade: Viajou só a passeio

Motivo do(s) afastamento(s): -----

Profissão: funcionária pública/Chefe de Departamento Pessoal

Data e tempo de duração da entrevista: 16/11/2011, 2h e 14min.

Sigla: C19/2 M+ (filho)

Local e data de nascimento: Cláudia, 28/12/1981

Estado civil: solteiro

Idade: 29 anos

Foi criado pelos próprios pais: (x) sim () não

Em caso negativo, por quem foi criado? -----

Naturalidade dos pais adotivos: -----

Naturalidade da mãe: Apucarana - PR

Naturalidade do pai: Ivaí - PR

Escolaridade: Ensino Médio completo Curso: fez dois meses de Agronomia

Descendência: italiana e polonesa

Domicílios e tempo de permanência fora da localidade: Campo Verde – MT: dois meses

Motivo do(s) afastamento(s): formação acadêmica

Profissão: comerciante

Data e tempo de duração da entrevista: 25/11/2011, 2h e 02min.

Sigla: C20/2 M (filho)

Local e data de nascimento: Cláudia, 30/11/1988

Estado civil: solteiro

Idade: 22 anos

Foi criado pelos próprios pais: (x) sim () não

Em caso negativo, por quem foi criado? -----

Naturalidade dos pais adotivos: -----

Naturalidade da mãe: Apucarana - PR

Naturalidade do pai: Apucarana - PR

Escolaridade: Ensino Médio completo Curso: fez dois anos de Administração

Descendência: italiana e ucraniana

Domicílios e tempo de permanência fora da localidade: Gravataí – RS: quatro meses (em 2006);
Porto Alegre - RS: um mês e meio (em 2006)

Motivo do(s) afastamento(s): treinar futebol na Escolinha do Flamengo; treinar futebol na
Escolinha do Internacional

Profissão: operador de máquina pá-carregadeira

Data e tempo de duração da entrevista: 24/11/2011, 1h e 52min.